ORBIS OCULUS
LUCERNA CHRISTI
Secundus Præcursor.

S. Fr. Payo.

S. Fr. Lourenço Mendes.

PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS de Portugal.

POR FR. LUIS CACEGAS

Da mesma Ordem, e Provincia, e Chronista della.

Reformada em estilo, e ordem, e amplificada em successos, e particularidades

POR FR. LUIS DE SOUSA

Filho do Convento de Bemfica.

LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

A ELREY
NOSSO SENHOR.

SENHOR.

NOVO genero de Cronica offerece a Vossa Magestade minha Religiaõ por my neste volume, que a seus Reays pés tenho: daquelles santos, e valerosos Reys Portugueses, dos quays V. M. tem o sangue, e possue a Coroa, que largos annos

felicissimamente possuirà. Cronica verdadeira, e certa, naõ dos climas novos, e mares nunca navegados que descobriraõ, nem das batalhas que venceraõ, nem dos Reynos que conquistaraõ: mas só da pureza de fé, com que por todas as idades buscaraõ a Deos, do zelo, e fervor com que se empregaraõ em o servir, da liberalidade, e magnificencia com que agazalharaõ, enriqueceraõ, e honraraõ todas as Religioens, em que seu nome he venerado. E isto naõ ha duvida que val mais que conquistar, que vencer, que triunfar. Porque na verdade as correntes das vitorias, e as enchentes das riquezas que dellas procederaõ, naõ teveraõ origem noutras fontes. Juntou Deos na Coroa de Espanha, e em maõ de V. M. a mayor, e mais dilatada, e mais opulenta Monarquia, que nenhum Principe do mundo desde seu principio até nossos tempos possuhyo: e esta, pera mostrar que só era dadiva sua, naõ quiz que fosse ganhada com os milhoens de homens dos exercitos de Xerses, cuja multidaõ secava os rios, as setas no ar faziaõ nuvens que tolhiaõ o Sol, as Armadas lançavaõ pontes de Asia a Europa: mas com poucas nàos que sayraõ de Sevilha deu ao Catolico Rey dom Fernando de gloriosa memoria hum mundo novo, terras taõ largas que correm de Polo a Polo por infinito numero de legoas, taõ ricas que os rios correm por ouro, as entranhas dos montes saõ prata, as serras esmeraldas, as prayas do mar perolas. Da mesma maneira fez que poucas nàos, que sayraõ de Lisboa ganhassem pera el Rey dom Manoel,

e por

e por seu meyo pera V. M. o Senhorio do Oriente, vencidos os medos, e tempestades do Cabo Tormentorio com navegaçaõ taõ espantosa, que de louca, e desasizada lhe deraõ nome os estrangeiros desaffeiçoados de Espanha, perdendo o tino da verdadeira estimaçaõ das cousas, ou com o pasmo della, ou com a enveja (naõ quero dizer rayva) que lhes fazia, verem que os grilhoens que o vaõ Xerses mandava em huma occasiaõ lançar ao estreyto mar mediterraneo, recebia, e sofria de maõ de poucos Portugueses o vastissimo Oceano. Prezase Deos de honrar, e galardoar nos filhos, e successores a virtude, e merecimentos de pays, e avòs. Foraõ estes dous Principes decendentes de Reys santos, e religiosissimos: de hum Ranymiro que em graças de huma vitoria de Mouros, fez tributaria com voto Espanha toda ao Apostolo Santiago, e a sua Igreja: de hum dom Afonso Enriquez, que prometeo, e deu a S. Bernardo, e à sua Ordem posto sobre huma alta serra tudo quanto alcançou com os olhos atè os Orizontes: taõ pio, e generoso, que naõ edificando nunca pera si casa, as que deixou feitas pera Deos assombraõ as grandezas do tempo presente com a capacidade, com a architectura, com a grossura de rendas. E sendo tays estes dous Reys, foraõ igualados, por naõ dizer vencidos, de muitos que delles procederaõ atè V. M. He estreito o campo pera falar de todos: digamos de hum Filippe primeiro em Portugal, segundo no resto de Espanha, que na mesma conjunçaõ que os hereges de França faziaõ guer-

ra

ra às sepulturas dos Santos queimando seus veneraveys ossos, e dandolhes na terra fria delles o martyrio que vivendo desejaraõ por Christo: entra polas portas de Toledo com as Reliquias do Santo Prelado Eugenio sobre seus hombros trazidas de muito longe, e com grande despesa: e em tempo que Alemanha, e Inglaterra profanavaõ as Aras, roubavaõ, e assolavaõ os templos, levanta hum taõ famoso, que do mundo he oytava maravilha, oytava em numero, primeira em calidade. Digamos de hum dom Joaõ Terceiro de Portugal taõ inflamado em amor do culto Divino, que a elle deve a Igreja Catolica a dilataçaõ da Fé por todo o Oriente muyto alèm da Aurea Chersonesso, e atè à ultima China, e Japaõ, provincias que os antigos nem por fama conheceraõ: a elle deve o Oriente os triunfos de grande numero de martyres laureados nellas de seu sangue, e muytas Catredays fundadas por toda a India, que a Sè Apostolica provè, as rendas Reays sustentaõ: a elle deve Portugal as letras, e doutrina das universidades, a observancia, e reformaçaõ de todas as Religioens. Naõ he logo maravilha que a Omnipotencia Divina por hum Offir, que nos tempos muyto antigos deu em comercio a hum filho de hum Rey Santo, guardasse dous pera os dar a V. M. em posse, hum na India Oriental, outro na Occidental, sendo filho, e successor de tantos Principes santos: e sobre essa grandeza lhe desse no restante da terra tamanha parte, que na Europa possue o melhor de Italia, e muitas provincias de Alemanha: sendo

em

em humas, e outras o arbitro da paz, e da guerra, e escudo por huma parte contra a potencia Otthomana, por outra contra os hereges: na Africa he senhor de todas as costas, e Ilhas adjacentes, atè dentro à Ethiopia. Por maneira que, assistindo V. M. no meyo de Espanha, como em centro, e cabeça do mundo, està despachando Visoreys, Governadores, Capitaens, exercitos, e Armadas pera todas as partes de sua redondeza ao mesmo modo que o Sol as visita, e aquenta com seus rayos.

Este he pois o intento, esta a confiança destes escritos, manifestar ao mundo huma Historia de novo achada (como thezouro escondido) dos Reys antigos de Portugal. Mandounos a obediencia averiguar, e pôr em memoria os principios, e meyos com que a Ordem de Nosso Patriarcha S. Domingos se fundou neste Reyno. Feyta a Historia, achamos que na sustancia he taõ propria dos Reys, e Principes Portuguéses, que, se lhe tirarmos o titulo de S. Domingos, ficarà mais delles, que delle: e se lhe chamarmos Cronica Ecclesiastica dos Reys, ficarà sendo toda sua em titulo, e sustancia. Porque se V. M. for servido passar os olhos por ella, acharà que tudo, o que contem, saõ obras que elles fizeraõ de piedade, e devaçaõ, altares, e templos que levantaraõ, Mosteyros, e Santuarios que fundaraõ em honra da Fé, e veneraçaõ do nome de Christo, com tanto animo, e largueza, que quasi naõ temos casa antiga, nem moderna, seja de Religiosos, seja de Religiosas, que naõ deva aos Principes

ou

ou a origem, ou o augmento, ou a ſuſtentaçaõ, ou tudo junto. O primeiro gaſalhado, que eſta Ordem teve, do qual procedeo o Moſteyro dos Frades de Santarem, lhe foy dado pola Infante dona Sancha. O ſegundo, que foy em Coymbra, por ſuas irmans dona Tareja, e dona Branca, todas tres filhas do grande batalhador, e Rey dom Sancho Primeiro. Do Convento de Lisboa foy fundador em ſua origem dom Sancho Segundo. A Igreja, que hoje eſtà em pè, edificou ſeu irmaõ dom Afonſo Terceiro. O meſmo fundou o Moſteyro de Elvas. El Rey dom Joaõ Primeyro deu à Ordem tres caſas: duas em Portugal que foraõ a Batalha, e Bemfica, outra em Africa. O Infante dom Pedro edificou a de Aveyro. El Rey dom Manoel nos deu a da Serra de Almeyrim, e dotou em Lisboa o Collegio de Santo Thomas, que hoje eſtà em Coymbra: ſeu filho dom Joaõ Terceyro nos deu Amarante: ſeu biſneto dom Sebaſtiaõ Setuvel: e os dous Filippes ſantos que eſtaõ no Ceo, pay, e avô de V. M. nos adiantaraõ em renda cada hum particularmente o Moſteyro da Batalha. E ſendo aſſi que as boninas do jardim mais devem ſua freſcura, e belleza a quem dà o ſitio pera ſe plantarem, e as fontes pera ſe regarem, que às maons que as deſpoem, e cultivaõ, naõ ha duvida que aos Reys eſtamos devendo todos os grandes fruytos que eſta Religiaõ tem dado de doutrina, de letras, de prègaçaõ, de reformaçaõ de coſtumes, e augmento de virtudes, e atè os Santos que tem produzido, e ſua ſantidade. E como

ſó

ſó eſta moeda he a que tem valia diante do ſoberano Rey da Gloria, aſſi ſó a ella he rezaõ que refiramos as grandezas com que eſte pequeno Reyno ſe fez inſigne no mundo. E ficará ſendo eſta eſcritura huma Cronica de empreſas do Ceo, e do valor eſpiritual dos Reys: como as que V. M. lhes manda fazer ſaõ dos feitos em armas, e conquiſtas da terra. O que me faz ter por certo que ſerà de V. M. naõ ſó com benignidade olhada, mas recebida em ſerviço, e amoroſo reconhecimento, inda que fraco, e pobre, da gratidaõ que todas as Religioens, e Religioſos deſte Reyno eſtamos devendo à ſanta memoria dos Reys, e a V. M. e de que a minha começa hoje, e he primeira a deſempenharſe. E naõ carece de miſterio (como todas as couſas da terra vem traçadas do Ceo) ſer V. M. o primeiro Principe deſpois de tantos, e taõ glorioſos anteceſſores, a quem eſte juſtiſſimo tributo ſe offerece: poys vemos anciparſe tanto nos actos de Fé, e Chriſtandade, que o que elles fizeraõ deſpois de muytos annos de vida, e mundo, começou V. M. a executar na hora que entrou polos Orizontes della, e delle: ordenando a Divina Providencia daremſelhe as ſagradas agoas do Bautiſmo no meſmo vaſo, em que as tinha recebido 434 annos antes meu glorioſo Patriarcha S. Domingos: e juntarſe no meſmo dia ao feliciſſimo nome de Filippe o apelido ſanto de Dominico. Foy iſto venerar V. M. todos os Santos neſte Santo: foi honrar todas as Religioens neſta Religiaõ: foy alegrar a Igreja Catholica, e confundir a heregia, e infideli-

** dade

dade em hum ponto da Santa Igreja muito eſ-timado, e dos hereges, e infieis com eſtremos aborrecido. Saõ os bons principios grande pro-noſtico do futuro. Eſtes nos eſtaõ prometendo (naõ ſó pronoſticando) de V. M. que ha de vencer em boas venturas todos ſeus mais glorio-ſos anteceſſores, que ha de atropellar, e ſogei-tar com famoſas vitorias, como vay fazendo, todos os hereges da alta, e baixa Alemanha, por mais que conjurem com elles os enemigos publicos, e amigos diſſimulados, e levem con-ſigo até o ſangue: e em fim que ha de ſenho-rear, e dominar (como o acena o nome Do-minico) toda a infidelidade atè arvorar os eſtan-dartes da Cruz de Chriſto, e Lioens de Eſpa-nha ſobre as torres de Conſtantinopla. Que pois os primeiros paſſos da vida feliciſſima de V.M. ma-drugaraõ tanto em beneficio, e favor da verdadei-ra Religiaõ, como ja temos viſto: e os de ſeu go-verno conformaõ tanto com os da vida, que por remedear Catholicos afligidos, inda que eſtranhos, e naõ de ſua preciſa obrigaçaõ, offerece liberal-mente nobiliſſima parte de ſeu ſangue, naõ póde faltar a maõ omnipotente, e liberaliſſima do Se-nhor em recompenſar taõ ſantos, e altos eſpiritos com alegres, e venturoſos fins de todas as empre-ſas, e penſamentos de V. M. e com lhe dar largos, e proſperiſſimos annos de vida pera grande bem, e augmento da Chriſtandade, e gloria de ſeus Reynos, como todas as Religioens, e Religioſos com oraçoens continuas lhe pedimos. Deſte Convento de Benfica ultimo dia do anno de 1623.

Fr. Luis de Souſa.

PRO-

PROLOGO

AOS RELIGIOSOS DA ORDEM de S. Domingos.

TENÇAÕ tinha de efcufar efte prologo, e naõ defpender tempo nem papel em dar contas ao Leitor, por mais candido, e benevolo que chegaffe a lernos. Sey que fe naõ grangea perdaõ, fe ha de que o pedir, como fempre ha. Sey que ninguem levanta a lança, fe acha que calumniar. E fe o Prologo naõ he muy apontado, quem quer fe faz juiz pera condenar por elle toda a obra. Affi determinava fatisfazer ao coftume com as poucas regras que no primeiro capitulo abrem a porta à Hiftoria, como jà fizemos em outra occafiaõ: mas tiraõme de meu fentido pareceres alheyos: e fazem-me força, porque naõ ha defender defpois de confultar. Querem que demos rezaõ de algumas coufas, fe naõ a todos, ao menos aos meus. He primeira a contradiçaõ que reprefenta o titulo do livro propondo a hum sò trabalho, e naõ o mayor do mundo, dous Autores: hum morto, e outro vivo: hum à Hiftoria, outro ao eftilo: hum feito Cronifta, outro reformador: e parecia baftante verfe qual dos feitios pefava mais, e darfe o nome ao de mais fuftancia. Sabemos de Tito Livio entre os Latinos, que fe aproveitou taõ particularmente dos efcritos de Polybio Grego, que ao pè da letra treslada delle livros inteyros! Valeofe Damiaõ de Goes entre os noffos, pera a Cronica del Rey dom Manoel, dos trabalhos de Ruy de Pina, e Fernaõ de Pina feu filho, que a tinhaõ quafi toda feyta (confeffa-o elle là em hum canto della, puderao fazer no rofto.) Affi fe fizeraõ ambos donos do fuor alheyo, mas com juftiffima caufa: porque fervindofe do que acharaõ nos anteceffores sò pera informaçaõ, era demafiada liberalidade communicar ao informador o nome de Autor. Naõ faltou quem com tais exemplos nos obrigava a cortar duvidas, e fazer o livro em todo noffo. E avia mais rezões

por

por minha parte. Porque tudo, o que o Padre Frey Luis Cacegas deixou escrito, he hum monte de cousas indigestas, e informes: o modo de dizer ao antigo, pouco polido, e falto de arte, e qual se conta que foy o do Romano Ennio, com lhe sobejar engenho: *Ennius ingenio maximus, arte rudis.* Falo assim sem mais salvas nem rodeos; porque escrevendo, como escrevo, entre os que o conheceraõ, e trataraõ, e à vista de seus papeis que temos vivos, sey que lhe naõ faço offensa. Foy este Padre bom Letrado Theologo, grande amigo dos livros, e de ter muytos, e muyto bons: e, o que val mais que tudo, essencial religioso. Viveo largos annos, e passava dos setenta quando faleceo. Destes gastou mais de vinte em andar polos Conventos da Provincia desentranhando Cartorios, revolvendo pergaminhos, investigando antiguidades: e tudo, o que em fim nos deixou, saõ, como dissemos em outra parte, materiays pera edificar mais, que edificios feitos. E esta foy a causa porque os Prelados me mandaraõ fazer obra delles; que foy o mesmo que constituirme por Autor, e architecto do que fizesse. Mas que conta dariamos da humildade, e modestia da Religiaõ, a que a Misericordia Divina nos trouxe ao pôr do sol da vida, se naõ ouveramos de fazer contas mais desinteressadas? Voz foy do Ceo a que fez a Arsenio constante morador do deserto: *Fuge, quiesce, & tace*: Foge, assossega, e naõ fales. E pera o repouso corporal soube aconselhar o mesmo hum Gentio dizendo: *Ama nesciri*: Procura que ninguem te saiba o nome. Se fogimos huma vez, pera que he tornar a povoado, nem por letra? Se ha d'aver quietaçaõ, se silencio, de que serve ser lido, e ouvido por todas as praças, e falar nellas naõ menos que com livros inteiros? Isto he o que me obrigou estando vivo, e saõ a dar o meu trabalho, vida, e nome ao Padre Cacegas defunto de sete annos. Se me perguntaõ porque o fiz de meas, e naõ inteiramente (que fora perfeita liberalidade) respondo com huma só palavra. He proprio da Religiaõ o que está escrito: *Nemo nostrum viuit sibi*: fuy mandado, obedeci. O titulo de Reformador, que representa mais ambiçaõ, naõ desculpo, porque alem de se fundar em verdade, assaz humilhado

Surius. t.4.f.250.

Ad Roman. 14.

fi-

fica, naõ ſó temperado, com o ſegundo lugar, que o outro nem em Roma queria.

Segue a poz a controverſia do titulo, outra naõ pequena no diſcurſo da Hiſtoria. E he que começando a geral da Ordem o famoſo prègador, e meſtre o Padre Frey Fernando de Caſtilho, e proſeguindoa o Reverendiſſimo Senhor Biſpo de Monopoli, e eſcrevendo ambos com grande cuydado, e diligencia de ſua parte, e com grande credito, e honra deſta Provincia no particular que tocaõ della, toda via ſe offerecem encontros, e variedade entre a ſua eſcritura, e eſta noſſa, em nomes de peſſoas, de lugares, e Conventos: huns trocados, outros taõ disfarçados, que ſe fazem eſcuros, e mal entendidos até pera os que ſomos naturais. Seja exemplo no Padre Frey Fernando o nome do primeiro Provincial de Eſpanha conſtituido nella da maõ de noſſo Santo fundador, que huma vez lhe chama Frey Gomes, e outra Frey Sueyro, e naõ lhe dà nacimento, ſendo couſa bem achada ſer Portuguez, como o confeſſa na ſua Quinta parte o ſenhor Biſpo. Seja exemplo no Senhor Biſpo chamar Petragoria ao Convento do Pedrogaõ, chamar del Salto ao da Serra, de Almeyta ao de Almada, com mais alguma variedade em ſucceſſos, e na computaçaõ de annos, e tempos: venialidades cauſadas humas das informaçoens ſerem ou Latinas, ou mal declaradas: outras de deſcuidos da impreſſaõ, que temos neſta parte muyta falta em toda Eſpanha. E por eſta rezaõ paſſamos por ellas no diſcurſo da Hiſtoria ſem apontar nem contradizer: e ſó fazemos aqui eſta advertencia pera que quem com algumas ſe embaraçar recorra a eſte noſſo trabalho, como a commento de ambos. Porque na verdade nos aconteceo a todos tres o que he ordinario a quem toma agoa na fonte em que eſtà pura, e limpa, como eu a tomey: ou nos regatos, onde em cor, e ſabor vay jà inficionada da terra por que paſſa, como elles a tomaraõ. E com tudo naõ aja ninguem que por eſtas couſas leves, e vizinhas faza juyzo temerario contra as graves, e afaſtadas, que eſcrevem. Porque ſe a vizinhança cauſa às vezes algum deſcuydo, a diſtancia mayor dos lugares, e o peſo das que importaõ eſperta, e aviva o cuidado de ſorte, que

P. 1. l. 1. cap. 25. Idem p. 1. l. 2. c. 1.

P. 5. l. 2. c. 32. Idem p. 5. l. 2. c. 34.

por ſem duvida podemos ter, que ha em todas grande certeza. Por onde eſtamos em muyta obrigaçaõ a ambos: mas em mayor ao Senhor Biſpo, que mais tempo, e mais aturadamente tem trabalhado em honra da Ordem.

Reſta animarmonos todos huns a os outros, e lembrarmonos que, ſendo qualquer hiſtoria meſtra da vida, eſta, que he de Santos, que foraõ noſſos hirmaons, e companheiros, naõ ſó nos deve ſervir de meſtra, mas de hum eſpelho criſtalino, e puro, a cuja viſta enfeitemos, e componhamos a vida, e coſtumes, eſtimando ſua ſantidade, naõ pera nos vangloriarmos nella, ſenaõ pera a imitarmos, conforme à ſentença do Romano, que tratando da obrigaçaõ que fazem os retratos dos homens valeroſos a ſeus deſcendentes: *Idcirco*, diz, *in prima ædium parte poni ſolere effigies maiorum, ut eorum virtutes poſteri non ſolum legerent, ſed etiam imitarentur.*

Valer. Max. l. 5. c. 8.

Valete felices.

Frey Luis de Souſa.

AP-

LICENÇAS.

DA ORDEM.

COMECEI a ver eſte livro do Padre Frey Luis de Souſa, que he a primeira parte do que toca a eſta noſſa Provincia de Portugal; e ſendo principio de o ler curioſidade, e goſto mais que obrigaçaõ, juntouſe mandarme o noſſo Padre Provincial, que foſſe eu hum dos revedores pela Ordem: o que me obrigou a novo cuidado. E fazendo juizo em rigor, acho que temos nelle naõ sò para noſſa Ordem, mas para todo eſte Reyno de Portugal dous ricos theſouros, hum de ſantidade, e verdadeira Religiaõ de infinitos varoens que eſta terra, em que naſcemos, produzio pera o Ceo, e là eſtaõ rogando a Deos por nós: outro de excellencias de eſtilo, e lingoagem: eſtilo grave, elegante, e ſentencioſo, com brevidade, e clareza juntamente, que em poucos ſe acha: lingoagem natural, corrente, e cortezam, com termos taõ proprios, taõ ſignificativos, e efficazes, e longe de affeites, e artificios vicioſos, que ſem encarecimento podemos affirmar, que dos livros, que atè o preſente ſaõ eſcritos em Portuguez nenhum ſe acharà de mais policia, e perfeiçaõ. E atrevome a dizer, que aſſi como a lingoagem Caſtelhana eſtà em toda ſua pureza nos eſcritos do noſſo Padre Frey Luis de Granada, e quando acertaſſe de ſe perder podiamos por elles reſtauralla, ſegundo foi opiniaõ de hum bom eſpirito de ſeu tempo: nem mais nem menos temos neſte volume entheſourada a Portugueza, e em grào taõ ſubido, que naõ ha deſejarlhe mais fineza, nem mais graça, e gravidade. E o que mais admira he, que em tanto papel eſcrito, e tanta variedade de couſas, nem hum sò vocabulo lhe acho tomado de lingoa eſtranha, nem ao perto nem ao longe, como muitos indignamente vaõ fazendo: com o que faz evidente que naõ he paradoxo, mas demonſtraçaõ ſer a lingoagem Portugueza taõ abundante de palavras, taõ rica de bons termos, e pela meſma rezaõ taõ perfeita, como a melhor de Europa. Por onde me parece que com to-

toda a brevidade se deve imprimir esta Historia, como espelho de santidade, e virtude pera os devotos, e como fórma, e modello de bem escrever, e falar para estudiosos. Em S. Domingos de Lisboa, 16 de Setembro de 1622.

Fr. Agostinho de Sousa.

POr mandado do nosso muito Reverendo Padre Provincial o Padre Mestre Frey Diogo Ferreira vi attenta, e curiosamente este livro intitulado a Primeira parte da historia de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquistas de Portugal, ordenada, e reformada pelo Padre Frey Luis de Sousa Portuguez, Religioso professo da Ordem dos Frades Prègadores, e filho do Convento de Benfica nesta Provincia de Portugal: nella achei muita verdade nas materias, muita gravidade no tratallas, muita pureza nas palavras, muito suave, e agradavel estilo no dispollas, e ordenallas, de que o Autor singularmente he dotado. Pelo que toda a Historia assi deleita os ouvidos, que por elles introduz na alma huns fervorosos desejos de imitar varoens taõ santos, como o leitor acharà a cada passo. E està o livro taõ cheyo desta celestial gente, que mais parece cathalogo de Santos, que narraçaõ de cousas jà passadas, as quais a historia tem por fim fazer presentes com sua representaçaõ, e liçaõ. Esta he muy curiosa, muy santa, muy aprazivel, e cheya de muito spirito do Ceo. Por onde me parece muy digna de se mandar à estampa, e sayr a luz, para honra da nossa sagrada Religiaõ, e grande utilidade spiritual, naõ sò dos que professaõ a vida religiosa, mas Christam. Antes nos podemos gloriar de que a nossa idade nos desse na nossa Provincia hum taõ illustre individuo, que com seu illustre estylo illustrasse varoens taõ illustres em santidade, fazendo que se conheçaõ no mundo os que a antiguidade do tempo, e a incuria dos homens tinha posto em esquecimento. E assi merece o nome (sejame licito assi falar) de hum novo, e santo Tito Livio das heroicas proezas

A dos

dos antigos, e modernos heroes de virtude, como na Historia verà o devoto, e curioso leitor. Em S. Domingos de Lisboa aos 18 de Setembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

Do Padre Provincial.

NOs Frey Diogo Ferreira Mestre em santa Theologia, Consultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prègadores nos Reynos de Portugal, &c. Vista a approvaçaõ dos Padres Revedores, damos licença ao Padre Frey Luis de Sousa pera imprimir esta Primeira parte da Historia desta Provincia. E lhe mandamos in meritum sanctæ obedientiæ, *que o imprima o mais em breve que for possivel. Dada em o nosso Convento de S. Domingos de Lisboa em 19 de Setembro de 1622.*

Frey Diogo Ferreira Prior Provincial.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do Revedor.

VI este livro da Historia do Patriarcha S. Domingos, na parte que toca a esta Provincia de Portugal, composta pelo Padre Frey Luis de Sousa. Na qual se vè por hum estilo muy alevantado, grave, e muy religioso, tratado com toda a eloquencia os grandes fructos, que fazem na Igreja Catholica, e na defensaõ, e prègaçaõ da Fè sagrada os filhos desta Provincia sancta: os muitos Sanctos que esta sagrada Provincia tem dado a Deos, a muita religiaõ, santidade, e letras que nella florecem. Vèse mais a muita devaçaõ, fervor, e charidade dos

Reys, e Principes de Portugal, e nobres delle, com que fundaraõ esta santa Provincia, e amaraõ os filhos della, encommendandolhes os negocios mais importantes a suas almas, e bem do Reyno, por saberem da sua grande religiaõ, e letras. Pelo que me parece livro digníssimo de que seja impresso huma, e muitas vezes, porque se edifiquem os Catholicos, e affervorem no amor de taõ sancta religiaõ, e se confundaõ os herejes inimigos da Fé. Em S. Francisco de Lisboa, hoje 8 de Novembro de 1622.

Frey Andre da Resurreiçaõ.

EU Frey Thomas de S. Domingos, Revedor, e Callificador do Santo Officio, vi diligentemente este livro por mandado do nosso Padre Provincial; e a minha approvaçaõ està no principio do livro a que me remetto. Em S. Domingos de Lisboa, 12 de Novembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

VIstas as informaçoens, podese imprimir o livro da Historia de S. Domingos, e depois de impresso torne conferido com o original para se dar licença para correr, e sem ella naõ correrà. Lisboa, aos 16 de Novembro de 1622.

Antonio Diaz Cardoso. Gaspar Pereira. Dom Joaõ da
Francisco de Gouvea. Manoel Pereira. Sylva.

Do Ordinario.

POdese imprimir esta Historia de S. Domingos. Lisboa, 17 de Novembro de 1622.

Viegas.

Do

Do Desembargo do Paço.

Que se possa imprimir este livro, vista a licença do Santo Officio, e do Ordinario. Lisboa, a 21 de Novembro de 1622.

Dinis de Mello. Vicente Caldeira.

LICENÇA.
Da Real Meza Censoria

Podem correr todos os quatro Tomos desta Historia. Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebispo Regedor P.

Gama.
Coelho. Vasconcellos. Pereira.

TABOADA

DOS CONVENTOS, DE QUE SE TRATA nesta primeira Parte.

CONVENTOS DE FRADES.

MOSTEIROS DE FREIRAS.

LI-

LIVRO PRIMEIRO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Do nascimento do Patriarcha S. Domingos, sua criaçaõ, estudo, e virtudes, até tomar o habito dos Conegos regulares de Santo Agostinho.

TEMOS a cargo escrever, e pôr em memoria os feitos illustres dos filhos, e successores de nosso glorioso Patriarcha S. Domingos na parte que toca ao Reyno, e conquistas de Portugal. E parece que naõ procederá a narraçaõ delles com a ordem, e termo devido, se avendo de tratar dos filhos nos descuidarmos em dar alguma noticia da vida, e santidade do Pay. E naõ nos desobriga o ser sabida de todos, ouvida cada dia dos pulpitos, lida em muitos livros, escrita em todas as lingoas. Porque sendo qualquer Religiaõ hum corpo mystico, em que o fundador he a cabeça, e os membros saõ seus filhos, e successores: assi como perderia o tempo, e o feitio quem nos quizesse representar em pintura, ou relaçaõ hum corpo humano perfeito, se tratando de pés, e braços naõ fizesse caso da cabeça, e rosto, que naturalmente he basi, e principio, e como alma delle: Nem mais, nem menos pede a razaõ que se naõ louvem fruitos, sem dar novas da arvore, nem se pintem torres sem mostras da firmeza, e fundamento em que estribaõ, nem se trate de filhos sem falar de seu pay. Mas porque temos hum grande mar dian-

diante, de annos, e antiguidades, que pedem muita leitura, e volumes crecidos, navegaçaõ que obriga a hum prolongado, e intoleravel trabalho, (e como somos velhos, e naõ podemos prometter para longe) contentarnos hemos com fazer huma succinta relaçaõ da vida, e obras de nosso Santo fundador: a qual ainda que fique com menos luz da que lhe he devida, vista a difficuldade que tem pintar Gigantes em pequena taboa, será a que baste, para fogirmos, quanto a mim, dos defeitos de corpo monstruozo: e quanto aos curiosos que nos lerem, pera terem diante dos olhos hum espelho, em que sem cançar a memoria enxerguem, quão bem souberaõ os Portuguezes filhos desta Ordem, e Provincia retratar em si por todas as idades a vida, e costumes de seu Mestre, naõ sò imitallo. Seguirseà de huma, e outra cousa hum grande beneficio pera os que oje nos prezamos da gloria de taõ honrado tronco, e do valor de taõ bons irmãos: o qual serà espertarmonos a seguir com viveza, e fervor os caminhos de virtudes heroicas, como o outro Grego, que confessava de si lhe faziaõ perder o sono as proezas que ha do venturoso Milciades. E seguirseà tambem acudirmos com antidoto apropriado ao mal da profanidade, e infinidade de livros, que cada hora saem por todas as provincias, cheyos de fabulas, e ociosidades, estragadoras daquella pureza dos bons costumes antigos, que tanta saudade nos fazem. Assi faremos remedio de livros contra livros: como nos insina a natureza a compor triagas das bivoras, e serpentes mais venenosas pera defensivo dellas mesmas. Que na verdade se em algum tempo foy conveniente fazer a gente espiritual grandes empregos de estudo, e trabalho em escrever; a idade em que vivemos naõ sò o està pedindo, mas obrigando, e forçando a todos os que pera si tem qualquer talento, e do bem commum algum zelo. Mas toca este cuidado mais de perto aos que seguimos a disciplina monastica. Porque as Religiões saõ em geral os exercitos, e campos formados que Deos mandou ao mundo, e sustenta nelle, pera reformaçaõ de costumes, desterro de vicios, e conservaçaõ da santa doutrina. Rayvem quanto quizerem os hereges, perseguindoas com lingoas serpentinas, roubandolhes as rendas, assolandolhes as casas, e aparelhando assi os caminhos ao Antichristo. Rayvem, e arrebentem de furia, que ao seu pesar, dos cantinhos das cellas se povoa o Ceo de milhares de Santos. E assi como as Religiões saõ os exercitos, assi seus Mosteiros saõ os castellos que guardaõ as Cidades com vigia de estudo, e letras, com exercicio de jejuns, lagrimas, e disciplinas, e com armas de sacrificios, e orações, armas que bastaõ a suspender a ira do Altissimo sempre de peccados provocada. E nelles como em praças militares se criaõ, e adestraõ na disciplina santa valerosos espiritos pera a conquista do Ceo, senaõ com tantos hombros, como os primeiros Atlantes, nem com tantos braços como os antigos Briareus, quero dizer, com que os San-

Plutar. in vita Themistocl. Valer. Max. liv. 8. c. 25.

Santos Capitaens, a quem seguem: ao menos com a mesma confiança na graça Divina que os fez tais. E estes saõ os fruitos com que as sagradas Religioens vaõ acudindo em tempo ao soberano Pay de Familias, como largamente se deixa ver em todas: e Nos o mostraremos, se o Senhor for servido, em hum pequeno garfo da nossa, por esta Historia: a qual escrevo de melhor vontade, tanto pela força que me faz a necessidade que apontamos, como por honra deste Reyno em que nacemos, e pola obrigaçaõ immortal, em que todas as Religiões, e Religiosos lhe estamos. Porque assi como elle foy huma das primeiras terras de Espanha, que recebeo a fé de Christo, e foy a primeira de toda Europa, que fundou Prelacia em seu nome, com a presença, e pregaçaõ do grande Apostolo Santiago, naquella Cidade, que como em profecia desta excellencia gozava jà glorioso apellido, chamandose Brachara Augusta: e tambem foy a primeira de Espanha, e Europa, que se matizou com sangue santo, derramado por honra do mesmo Senhor, (como adiante mostraremos:) da mesma maneira abraçou com tanta devaçaõ, e amor todas as Ordens que oje ha na Igreja de Deos, que nenhuma naçaõ do mundo em taõ estreitos limites as enriqueceo tanto, nem honrou mais. Mas he tempo de começar.

O Brevi. Brach. S. Isid. nas vidas dos Santos c. 73. O Papa Calixto na vida de Santiago.

Vè adiante lib. 6. cap. 1.

Vè adiante lib. 2. cap. 4.

Caleruega, que as nossas lendas chamaõ Calaroga, he Villa do Bispado de Osma, em Castella, na parte que oje chamaõ Castella a velha, e nas demarcações dos Romanos chamavaõ Espanha citerior. Em tempos antigos foy rico, e insigne lugar, morada, e assento de gente illustre, e de muitos varões que naquella idade, rica de valor mais que de titulos, e rendas, eraõ conhecidos polo nome de ricos homens. Estes tinhaõ tanto lugar diante dos Reys, que achandose na corte assinavaõ com elles as cartas de privilegios, e mercés: e assinavaõ naõ como testimunhas ou ministros, senaõ como consintidores, e quasi como companheiros. Porque assinando, se declarava que confirmavaõ elles o que el Rey concedia. E bem se deixa entender, que o confirmar he hum certo auto, como de poder igual. E por isso era ordinario confirmarem juntamente o Principe herdeiro do Reyno, e os Infantes que avia. Neste lugar vivia dom Felix de Guzmaõ filho de Rodrigo Nunes de Guzmaõ apellido, e gente jà naquelle tempo taõ illustre, que nos consta confirmarem com os Reys, por escrituras autenticas. Irmaõ de dom Felix mais velho foy Alvaro Ruyz ou Rodriguez de Guzmaõ, do qual per linha masculina procedeo dom Alvaro Pires de Guzmaõ, que em Castella chamaraõ el Bueno. E foy aquelle que defendendo Tarifa aos Mouros, e sendo ameaçado, que se naõ entregava a Villa, lhe degolariaõ diante dos olhos hum filho que em seu poder tinhaõ, esteve taõ longe de se dobrar ao partido, que do muro, donde estava com elles à fala, lhes lançou embaixo o punhal que cingia, significando, que onde se tratava de fidelidade, naõ duvidava pola guardar, offerecer armas contra suas proprias entranhas: feito glorioso em

Pero de Medina na sua Espanha l. 2. c. 110. Ptolom. l. 2. c. 6. Plin. lib. 3. c. 3.

M. Fr. Fernando de Castilho l. 1. c. 2. Hist. geral de S. Domin.

em Espanha, e digno brasaõ da grande casa de Medina Sidonia. Foy casado dom Felix com dona Joanna d' Aça sua igual em nobreza, mas em virtudes nobilissima.

De tal matrimonio, e em tal Villa, e de taõ illustre sangue naceo nosso glorioso Patriarca S. Domingos. E como a virtude acompanhada de nobreza realça tanto, que passa a estremos de fermosura, quiz o Senhor que fosse tal a deste Santo, pera lhe naõ faltar parte nenhuma das que estaõ bem nella. Tinhaõ estes senhores jà dous filhos, Antonio, e Mamede (ou Manes, como lhe chamaõ outros) quando dona Joanna sintindose de novo pejada, se poz à caminho pera o Convento de S. Domingos de Silos a encommendar a Deos por meyo daquelle Santo o fruito que esperava, e a hora de o dar ao mundo a todas as mãys temerosa. He este Convento de Religiosos de S. Bento: mas a devaçaõ do santo Abbade Domingos, que nelle vivendo florecera em santidade; e agora morto resplandecia com milagres, lhe tinha trocado o nome. Cumprio a devota Matrona sua novena com fervorosas orações à vista das santas Reliquias: e o Santo alcançou de Deos, que levasse logo a paga com hum successo de grande consolaçaõ. Apareceolhe, e dissellhe que da parte de Deos a avisava, que daquelle parto daria ao mundo hum filho que nelle seria huma grande cousa. Mas dura pouco qualquer alegria da vida. A poucos dias despois de tornada a sua casa, bastou hum sonho pera a desconsolar, e encher de medo. Representouselhe dormindo, que o filho, de quem taõ boas novas ouvira, naõ era homem, nem de humana criatura tinha forma, mas de hum cão. E pera mais se embaraçar, e temer, vialhe atravessada na boca huma tocha ardendo com tanto fogo, que o pegava a toda a terra. Agoado assi o gosto da primeira visaõ com o pavor do sonho, que na verdade era confirmaçaõ della, passou entre medo, e esperanças, atè a hora que se vio rica de mais hum filho (que riqueza he em gente nobre huma meza rodeada de muitos filhos, principalmente se a criaçaõ fosse qual sohia ser a daquelles tempos.)

1170.

Corria o anno de Nosso Senhor JESU Christo de 1170. era Summo Pontifice Alexandre Terceiro, e Emperador de Alemanha Federico primeiro chamado Barbarroxa: Rey de Castella dom Afonso filho de dom Sancho que chamaraõ o desejado: e reynava em Portugal dom Afonso Enriquez primeiro dos Reys, e do nome deste Reyno. Converteo dona Joanna os medos em alegria, e dobrouselhe com novos, e bem assombrados pronosticos, que logo se foraõ vendo no minino: pronosticos todavia prodigiosos, e fóra do natural. Ao tempo que o levantou o Sacerdote das agoas sagradas do bautismo, vioselhe na testa huma resplandecente estrella: ou em sinal que avia ser guia, e norte de salvaçaõ pera muitos, como despois mostrou o successo: ou que era aquella a estrella, cujo nacimento estava profetizado dous mil quatrocentos e noventa e sete annos antes pola Sybilla Eritræa, dizendo

Caribay lib. 12. cap. 16. Hist. de Espanha.

assi em hum de seus versos: *Sydus, cuius nitore vniuersus terrarum orbis illustris reddetur & clarus, in Hispania creabitur.* Quer dizer: Em Espanha nacerà huma estrella, cuja luz darà fermosura, e resplandor a toda a redondeza da terra. Leandro Alberto Mestre grave, e douto traz esta profecia na vida deste Santo escrita muitos annos ha. Mas bem podemos dizer desta estrella, que foy lingoa de fogo, com que o Espirito Santo quiz visivelmente santificar aquella bendita alma, que polo nome de Domingos, que lhe foy posto, jà escolhia por sua. Deixouse isto entender logo dos effeitos de sua criaçaõ. Porque sendo ainda de peito lhe acontecia deixarse cayr da cama de sua Ama, e ficar dormindo em terra: cousa que se naõ pode conceder sem movimento do Ceo. Porque parecendo primeiro caso accidental, tantas vezes lhe succedeo, que veyo a ser avido por mysterio, e huma certa inclinaçaõ, e principio daquella rigurosa penitencia que despois por toda a vida abraçou, como se conta de alguns Santos, que des dos peitos das Amas, e naquelle primeiro leite começaraõ executar abstinencia. Notava dona Joanna tudo, e vendo como hia conformando com a revelaçaõ da Igreja de Silos, tanto que teve sete annos naõ quiz tardar em o entregar a Deos na maneira que entaõ podia. Mandou-o a hum irmaõ seu Arcediago da Igreja de Gumiel de Yçan, varaõ de provada virtude. Aqui foy estudando as primeiras letras, occupandose juntamente no serviço dos altares, e coro: e como crecia nos annos, hia descobrindo nas letras habilidade, e nas cousas da Igreja affeiçaõ, e perfeiçaõ, e em tudo o que fazia naquella puericia hum peso, e madureza que parecia velhice. Era jà de quatorze annos, e naõ se lhe via cousa que descubrisse culpa, ou leviandade, nem ainda pequena nota naquella primeira graça que no bautismo recebera. Nesta idade foy mandado à Cidade de Palencia pera entender nos estudos maiores (era entaõ Palencia assento das letras de Espanha, que despois se passaraõ à Salamanca.) Começou o moço seu estudo livre da sojeiçaõ de pay, e parentes, com hum modo de vida estranho, e novo pera entre seculares. Como quem espera enemigos poderosos em tempo de guerra, que naõ se dando por seguro no campo, procura encastellarse em lugar forte provido de presidio, e muniçoens, assi se armou de todas as virtudes contra todo genero de vicios. Em casa recolhimento, silencio, continuaçaõ sobre os livros: fòra modestia, humildade, frequencia de sacramentos. Com tal companhia dentro de pouco tempo se acreditou de maneira, que em toda a Universidade era avido por hum Anjo em carne.

Assi foy estudando Logica, Filosofia, e Metafisica, e passou à santa Theologia, e crecendo nas letras, e na idade aquiria novas forças, e novo vigor na virtude. Sintia profundamente peccados alheios: choravaos com vivas lagrimas, fazia por elles penitencia, como se foraõ proprios: despendiase todo em esmollas, compassivo por estremo dos trabalhos que via nos proximos.

M. Leandr. Alb. in vita S. Dominici.

De S. Nicolao ex Metaphraste, & Romano Breviar.

mos. Veyo hum anno esteril, creceo o preço das cousas, parou em fome geral. Despois de repartir entre pobres o que tinha, e quanto avia de bom em casa, olhou pera as estantes que estavaõ povoadas de livros, alegrouse como se achara thesouro ocioso. Valiaõ naquelle tempo os livros muito, como naõ avia impressaõ: logo os poz em venda, e entezourou o preço no seyo dos necessitados. E matando a fome a estes com a obra, abrio os olhos aos ricos com o exemplo, pera alargarem mãos, e animos. Naõ lhe ficava que dar, e a caridade insinou o que ainda tinha que vender, ou ao menos empenhar. Veyose a elle huma affligida molher, como a rico, e nobre, e liberal, choroulhe hum irmaõ cativo em terra de Mouros: chorou elle tambem a pena do cativo, e a de quem lha representava, e disselhe que todavia lhe lembrava que ainda tinha com que a remedear, acrecentando logo com deliberada vontade, que tratasse com o Mouro se aceitaria a pessoa de Domingos de Guzmaõ pola de seu irmaõ, que logo a entregaria por elle. Mas naõ permittio Deos que ouvesse por entaõ outro Paulino. A estas virtudes ajuntava perpetuo cuidado de sua pureza, e castidade: effeito particular da Divina graça, que começando naquella alma des do berço lha conservou limpa, e sem magoa por toda a vida. Esta pedia a Deos em oraçaõ continua arrebatado jà entaõ em altas contemplaçoens, e amores do Ceo. Quem assi estudava, claro fica com quanta facilidade se faria senhor das sciencias, e principalmente da que tem o nome de Deos. Naõ chegava a vintecinco annos, jà era consultado por muitas pessoas, e de muitas partes em materias altas de Theologia.

S. Paulino Bispo de Nola.

Era Bispo de Osma dom Diogo de Azebes, que alguns chamaõ de Azevedo, pessoa de grandes partes em religiaõ, e prudencia. Tinha introduzido em sua Igreja huma estranha reformaçaõ, ou transformaçaõ de vida. Acabara com os seus Conegos que de seculares se fizessem regrantes, vivessem em communidade, e clausura, e em fim guardassem a regra de Santo Agostinho. Ouvindo as novas, que corriaõ no Bispado, das letras, e virtude do nosso Estudante, pareceolhe que seria muito a proposito sua companhia pera conservaçaõ, e amplificaçaõ de tal vida: Convidou-o pera ella: foy facil de entrar em escola onde se professava perfeiçaõ. Entrado procurou adiantarse em todos os exercicios espirituaes, e de discipulo se fez mestre, e era espelho pera todos. Quiz o Bispo que tevesse o cargo de Supprior, que nos estilos da Sè respondia a Arcediago. Aceitou-o à força, e exercitou-o com humildade, e inteireza. Passado algum tempo tornou a Palencia com certa occasiaõ a assistir na Universidade: e chegando aos trinta annos começou a descobrir com a pregaçaõ Evangelica os doens do Ceo que Deos communicava a sua alma, e entendimento. Era admiravel o fruito que fazia nas almas, juntandose excellencia de engenho com virtude consummada, palavras bem assentadas com vida santa. Levava

tras ſi toda a Univerſidade, e todo o genero de gente. Aqui lhe aconteceo ſegunda vez pôr em almoeda os livros que de novo juntara: achou pobreza em muita gente, naõ lhe ſofreo o coraçaõ vella em outrem, ſem ſer participante della: ficou pobre como todos.

CAPITULO II.

Parte Frey Domingos pera França, paſſa a Paris, e a Roma: torna de aſſento a Toloſa prégar aos Hereges: funda hum recolhimento de Donzellas: vence muitos Hereges em diſputas: converte outros. Aparecelhe a Virgem Noſſa Senhora: inſinalhe a devaçaõ do Santo Roſario, e mandalhe que a pregue.

MAS chegavaſe o tempo em que Deos queria deſcobrir ao mundo as grandezas pera que criara ſeu ſervo Domingos, e tomou por inſtrumento o meſmo Biſpo de Oſma dom Diogo, o qual eſtando de caminho pera França encarregado de huma embaixada de importancia por elRey dom Afonſo de Caſtella, naõ quiz fazer a jornada ſem elle. Partiraõ por Abril do anno de 1203. entraraõ pela parte de Toloſa cidade principal da Provincia Narbonenſe. Souberaõ logo que andava levantada naquella comarca huma diabolica heregia, que naſcida no lugar de Albi, hia lavrando como fogo por todos os lugares vizinhos, e inficionando como peſte naõ ſó a gente popular, mas tambem nobres, e ſenhores. Frey Domingos que jà em Eſpanha coſtumava derramar lagrimas por peccados alheyos, e ordinarios, que faria nos de falta de Fè? Foy dòr que o ferio na alma. E muito mais, quando vio por ſeus olhos, e ouvio com ſeus ouvidos na primeira pouſada, em que entraraõ, hum pobre eſtalajadeiro atrevidamente pòr em pratica, e diſputa myſterios ſoberanos da Fè (manha he ordinaria de hereges, como naõ tem a Fè no coraçaõ, trazeremna ſempre na boca, e qualquer idiota preſumir de falar, e argumentar nella.) Tremiaõ as carnes aos Catholicos de ouvir as blasfemias. Tomou Fr. Domingos entre mãos o miſeravel, e por cego, e obſtinado que eſtava, em poucas razoens o deixou atado, e convencido, e como primicia da jornada, allumiado, e reduzido. Paſſaraõ à Corte de França, era a Rainha Eſpanhola; e tal peſſoa, que por ella confeſſaõ os Eſcritores Franceſes, que entraraõ todos os bens em França. Chamavaſe dona Branca, filha do meſmo Rey dom Afonſo de Caſtella, em cujo ſerviço era a embaixada. Como devota, e religioſa folgou de communicar com Frey Domingos. E como tardava em alegrar o Reyno com ſucceſſaõ, pediolhe que com ſuas oraçoens lhe alcançaſſe de Deos fruito de bençaõ; e naõ ſe enganou na petiçaõ: dentro de pouco tempo teve hum filho taõ de bençaõ, como foy o Santo Rey Luis.

1203.

Concluido o negocio da embaixada, quiz o Biſpo, pois eſtava em caminho, viſitar as reliquias dos Sagrados Apoſtolos em Roma, e dar conta ao Pontifice como teſtimunha de viſta do eſtrago que fazia a heregia nas terras de Toloſa, e da ne-

ceſ-

cessidade que avia de remedio apressado. Fez a jornada, e naõ foy perdido o trabalho. Despachou o Papa pessoas de letras, e virtude que se fossem empregar na pregaçaõ, e reducçaõ dos hereges. Eraõ doze Abbades da Ordem de Cister. Sahio pouco despois o Bispo em seguimento delles, mas achou tudo mais danado do que o deixara; e muitos lugares inteiros declarados na heregia com seus senhores. Começaraõ todos a pregar rogando, instando, amoestando, insinando. Naõ se pode crer o desaforamento que avia. Naõ sò desprezavaõ a doutrina, e doutrinantes, mas faziaõse reformadores, e reprensores dos Mestres da verdade, que comiaõ, que vestiaõ, que andavaõ a cavallo. Tratou Frey Domingos com o Bispo que tirassem toda occasiaõ de murmurar aos inimigos, a vèr se tinha a verdade mais lugar, ajudada de hum raro exemplo. Determinase o Bispo, larga o fausto, e despede pera Espanha o acompanhamento de Prelado, e Embaixador, ficase sò com Fr. Domingos. Entraõ ambos a pè por Monpelher. Fizeraõ o mesmo os Abbades. He a terra grande, e populosa, e estava chea dos que jà se chamavaõ Albigenses, tomando o nome do lugar em que tevera nacimento o desatino. Juntase o povo, contentavase Nosso Padre com ser ouvido, abrialhe os olhos, descobrialhe a cegueira, concluyaos. Mas crecia a ignorancia, e o atrevimento nos mais cegos: pera apartarem o povo da pregaçaõ, cometem ao Bispo que per disputa publica querem calificar suas opinioens. Porem foy facil de vencer a mentira.

Convencidos, e corridos pedem segundo partido: dizem que Fr. Domingos vence com agudezas argumentando, e com eloquencia falando, que se dispute por escrito. Escrevem elles, escreve elle. Mas desconfiando os hereges de suas sofistarias, passaõ a maior temeridade, querem sinais do Ceo: e fazem instancia que se remeta ao fogo a verdade do que cada parte defende. Refusava Frey Domingos tentar a Deos quando estava vitorioso em todos os outros meyos. Passaraõ muitos dias, crecia a contumacia, e a soberba. Pareceo forçado aceitar o desafio. Naõ podiaõ os hereges esperar milagre, nem eraõ taõ ignorantes que o esperassem: que nunca ouve milagre onde faltou a verdadeira fé: mas foy lanço de artificio, e malicia. Faziaõ conta, que tinhaõ por infallivel, que o fogo consumiria os escritos Catholicos: e ainda que os seus tambem ardessem, já ficavaõ iguaes na causa, que era assaz pera elles. E naõ falta quem affirme que tinhaõ quem com esconjuros, e arte Diabolica se offerecia sustentarlhe os seus sem dano no meyo das brasas. Em fim aprazouse dia. O nosso Pregador entre tanto naõ tinha hora de descanço. De dia oraçaõ, e jejuns: de noite oraçaõ, lagrimas, e disciplinas. Este era o maior estudo pera a contenda que esperava. Chegado o prazo, toma seus cadernos, juntase com o Bispo, e Abbades. Acodem os contrarios, poemse em meyo hum braseiro ardendo: lançaõse os papeis de cada parte. Caso estranho. Saltaõ fora do fogo os que continhaõ a verdade, abrazaõse

zaõse os hereticos em hum momento. Louvaraõ a Deos os Catholicos : ficou Frey Domingos com nome de Santo. E peraque num sò milagre ouvesse tres, segunda, e terceira vez foy convidado o fogo cos mesmos papeis: e outras tantas os deitou de si sem lesaõ, nem sinal della.

Mas naõ bastaõ pera os incredulos milagres do Ceo. Porque permitte Deos pera castigo dos maos, quando a cegueira nace de vontade danada, que vendo naõ vejaõ, entendendo naõ entendaõ. Naõ só ficaraõ em sua dureza, mas passaraõ ao ultimo desatino, e proprio de herejes, que he suprir, e confundir com forças as faltas da razaõ: tomaõ as armas, fazemse temer, e obedecer por ellas. Estava prevertido, e em seu favor o Conde de Tolosa senhor poderoso. Juntaraõselhe na opiniaõ, e na força os Condes de Foyx, e Comminge. Cahio de todo a causa dos bons, atropellada do poder, e das armas. Andavaõ os Catholicos encolhidos, e encantoados, outros fogidos, ou envergonhados, e abatidos: suas casas eraõ saqueadas, as fazendas destruidas, tudo confusaõ, e injustiças. Assi deraõ em tanta pobreza, que muitos nobres por sustentar a fé chegavaõ a desemparar as casas, e as filhas donzellas: e tais avia que polas naõ ver padecer escolhiaõ por menos mal entregallas como vendidas, e cativas aos hereges que reynavaõ. A este desemparo acudio o Santo Frey Domingos com hum desenho do Ceo, que sempre dos maiores males costuma Deos tirar grandes bens. Tinhalhe dado o Bispo de Tholosa Fulcon varaõ religioso, e santo huma Igreja entre Carcassona, e Tholosa pera seu recolhimento (era a invocaçaõ Nossa Senhora, e o nome do sitio Prulliano.) Ordena Frey Domingos nella hum recolhimento pobre por entaõ, e mal reparado, conforme ao tempo que corria. Começa logo a povoallo de donzellas nobres, e pobres, pondo à conta de Deos o governo, e sustentaçaõ: e chegaraõ em pouco tempo a numero de cento. De taõ fracos principios veyo a ser, e he oje casa sumptuosissima, e o primeiro Mosteiro de Freiras que ouve nas Ordens mendicantes, e o primeiro de França que admittio clausura.

Avia jà dous annos que o Bispo dom Diogo assistia nesta conquista de almas. Vendo que o trabalho era intoleravel, e sem fim, porque ainda que aproveitavaõ muito por huma parte, hia por outra tomando novas forças a heregia, e de novo se corrompiaõ mais lugares, determinou acudir a suas ovelhas. Foise: e o mesmo fizeraõ os Abbades. Ficou S. Domingos sò, que naõ pode acabar consigo largar o campo: antes ardendo em zelo da honra de Deos, e do remedio de tantas almas, tomou o negocio tanto a peito, que aos dous annos, que jà tinha assistido, ajuntou despois com invencivel constancia oito: e foraõ dez por todos os que perseverou nelle. Grandes cousas lhe succederaõ no discurso de taõ largo tempo, que naõ poderemos fazer mais que yr tocando algumas de passo, e deixando outras por abreviar. Pregava sem

cessar em publico, e polas casas particulares, correndo os lugares, e villas da comarca. Sentemse os hereges, porque lhes tirava reputaçaõ, e grande numero de discipulos: tornaõ a pedir conferencia, e disputas publicas das opinioens. Assentouse junta em hum lugar pouco distante de Tholosa. Quiz o Bispo Fulcon acharse presente, e apercebiase de acompanhamento conforme à seu estado, parecendolhe conveniente, pois era auto publico, mostrar autoridade, e pompa, contra gente armada de poder, e força. Persuadelhe S. Domingos que vença a soberba heretica com humildade, e imitaçaõ de Christo. Poemse ambos ao caminho a pè, e descalços. Vioos partir hum herege: saelhes ao encontro fora das hortas, e fingindo doerse delles com palavras, e cortesia de amigo offereceo levallos por hum passo que sabia com que atalhariaõ terra, e trabalho. Que facil he de enganar a virtude! Seguemno; dà com elles em hum monte serrado de matos, e aspereza: triunfa em seu coraçaõ vendoos cançados, e moidos, e dos peis descalços correndo sangue. Mas naõ se dava de todo por satisfeito, porque todavia hiaõ alegres, e sofridos. Cançouse o infelice rodeando montes, e valles: e em fim notando que durava mais nelles a paciencia, que nelle o gosto, e teima de os quebrantar, foy tal a confusaõ, e compunçaõ que recebeo daquella santa constancia, reconhecendo nella a verdade da fè, e do espirito, e graça Divina, que no meio do mato se lançou aos peis de S. Domingos, confessou seu erro, e pedio perdaõ, e reducçaõ à Igreja. Pagou Deos a seus servos o trabalho do caminho com gloriosa vitoria nas disputas.

Mas venciaõ em poder, e numero os que em razoens, e argumentos eraõ vencidos. E como da parte de S. Domingos faltava corpo de gente, e o viaõ sò, e pobre, determinaraõ descompolo com afrontas, e desprezos, humas vezes dizendolhe injurias no rosto, outras tirandolhe pedras, e lançandolhe lodo das ruas ao vestido, e aos olhos. Triunfava o Santo conhecendo a causa, porque padecia: pagava com silencio, e olhos a Deos em graças do que lhe dava a merecer por defensaõ, e honra da verdade. E sendo assi que em muitos lugares recebia estas ignominias, e na Cidade de Tholosa era ainda respeitado, e amado, notavase nelle, que pera yr àquelles tinha azas nos peis; e pera Tholosa sempre hia forçado. Ardiaõ os hereges em raiva com a humildade do sofrimento, e muito mais com a continuaçaõ da prègaçaõ de que nunca desistia: ameaçaõno com a morte, se naõ calla: e trataõ de lha dar; porque naõ temendo Rey nem Prelados, delle sò tremem descalço, e pobre. E hum dia lhe disseraõ sem rebuço, que se passara por certo lugar, onde lhe tinhaõ armado, estiveraõ jà descançados. Perguntou que determinavaõ fazer, responderaõ, que fartarse de seu sangue: e elle replicou, que porque vissem que naõ tinha menos sede de o derramar polla causa que defendia, que elles de o beber, lhes ouvera de pedir em tal passo, que lhe naõ encurtassem a glo-

ria de padecer matandoo depressa, mas que lhe fossem cortando cada membro por si, e tantas mortes recebesse, quantos eraõ os membros.

Soubese em Roma o que passava. Despachou o Pontifice hum Legado por nome Pedro de Castronovo, ou Castel novo, que he o mesmo, da Ordem de Cister. Entrou polla terra, falou com os Condes, fez juntas, tentou remedios: achando tudo cerrado, e todos contumazes, escommungou o Conde de Tholosa, e fez volta. Sintiose o Conde, mandou gente tras elle, mataõno as lançadas. Era entrado o anno de 1208. governava a Igreja de Deos Innocencio Terceiro varaõ santissimo: determina castigar a impiedade a fogo, e sangue como merecia. Manda logo à França por seu Legado o Cardeal Gallon do titulo de Santa Maria in Porticu. Escreve a el Rey, e a todos os Princípes da Christandade, que acudaõ ao castigo dos rebeldes, e passa Bulas pera se prègar Cruzada contra elles, e seus valedores, como era costume quando se juntavaõ exercitos pera à conquista da terra Santa. Foy grande o poder de gente que começou a correr pera a empreza de toda sorte, estado, e calidade, e de todas as provincias da Christandade.

1208.

Naõ estava entre tanto o Santo ocioso, procurava por todos os meyos reduzir os cegos ao caminho da verdade, antes que caisse sobre elles o rigor que antevia da espada Divina. Corria, como costumava, todos os lugares, fazia grandes instancias com os homens: mas muito maiores com Deos, pera quem cada dia ganhava muitas almas. He cousa certa, que em hum lugar destes, aposentandose em casa de humas Senhoras illustres, que viviaõ na cegueira da heregia, passou huma Quaresma inteira a paõ, e agoa, e sem outra cama mais que huma taboa, ajuntando a tal cama, e tal mantença muita oraçaõ, e asperas disciplinas. O que sendo dellas notado, e vendoo na Pascoa com mais forças, e melhor còr de rosto, do que entrara na Quaresma, pode mais que a prègaçaõ, esta vista, e discurso: espantadas da virtude, e poder Divino deixaraõse vencer da verdade, e abjuraraõ a heregia. Era o fim destas penitencias naõ huma sò casa, nem poucas almas. Estendiase aquella inflamada caridade a todo o Reyno de França, e a toda a Christandade, temendo muito aquelle fogo, e lembrandose do antigo de Arrio, e outros semelhantes, que com seus erros corromperaõ, e levaraõ ao inferno grande parte do mundo: prostravase por terra diante do Senhor, regavaa com rios de lagrimas, e com profundissima humildade gritava por remedio. Descançava hum pouco, e logo discorria que poderia fazer de sua parte em serviço daquelles proximos, que fosse de momento para os allumiar, e reduzir àquelle Senhor que nenhuma cousa mais ama que a salvaçaõ dos que criou. Estendia o pensamento a juntar gente contra o inferno, como elle juntava contra Deos: gente armada de fé, de penitencia, de humildade, de doutrina, contra a que professava infidelidade, soberba, dissoluçaõ, ignorancia. Dei-

leitavase na traça, que na verdade jà era do alto, donde todo bem procede; mas julgandose por indigno, e fraco pera tamanha empresa, tornava às lagrimas. Após as lagrimas, requeria com sangue arrancado à força de huma cadea de ferro, que de noite lhe servia de disciplina, e de dia fazia officio de cilicio cingida, e apertada a raiz das carnes. Assi alternando oraçoens, disciplinas, gemidos despendia muitas horas: e no cabo parecendolhe que naõ era ouvido por seus peccados, acudia à Virgem Mãy, fonte de toda misericordia, e lembrandolhe que seu Unigenito Filho no tempo que lidava na Cruz com as angustias da morte, que lhe davaõ os peccadores, aly mesmo lhe dera o titulo de mãy delles, e lho deixara como por herança, e em testamento, tomavaa por medianeira em tantos males, instava, e pedialhe favor. Despois de perseverar muitos dias neste requerimento, acudiolhe a Virgem piadosissima com huma visaõ, que assi como foy pera o Santo de grande consolaçaõ, justo he que o seja tambem pera os que somos seus filhos, e pera todo Christaõ em quanto o mundo durar, pois tanto durarà o fruito della, se o soubermos estimar. Apareceolhe visivelmente, e insinoulhe a sagrada devaçaõ do Rosario, mandoulhe que a prègasse com certeza que seria remedio efficaz pera vencer, e acabar a heregia, e preservar do veneno della os que a abraçassem, e exercitassem. Animouo juntamente a levar a diante a empresa de prègar contra os erros, e pravidade heretica, e defender, e publicar as verdades Catholicas, dandolhe novas que brevemente veria dado cumprimento à traça que trazia imaginada de ajuntar homens pera o mesmo officio, por ser traça que a Deos muito agradava.

CAPITULO III.

Começa a guerra contra os hereges Albigenses. Dà S. Domingos principio ao Santo Officio da Inquisiçaõ: Confirmao o Summo Pontifice, e dàlhe titulo de Pregadores a elle, e a seus Companheiros.

ERa entrado o anno de duzentos e nove, abria o tempo, e dava jà lugar pera os Cruzados poderem sayr em campanha, e começarem a manear as armas. Nomeou el Rey de França por General do exercito a Simaõ Conde de Monforte, e encomendoulhe com particularidade a pessoa do Mestre da prègaçaõ Frey Domingos, que jà de muitos dias era conhecido de todos por este titulo, e a mesma recomendaçaõ teve por letras do Papa. Estavaõ os hereges encerrados nos lugares fortes, apercebidos de armas, e muniçoens, e animados a esperar nelles pertinazmente todo trance, antes que mudar de opiniaõ. Foy o primeiro acometimento contra a Villa de Besses, ou Brissiers: defendeose com valor de gente desesperada: mas em fim foy entrado o lugar, e passados a fio de espada sete mil homens. Passaraõ a Carcassona: fez pavor o successo de Besses, deuse a partido. Acompanhava o Santo prègador os Cruzados na primeira fileira do esquadraõ,

1209.

sei-

feito Alferes de hum devoto Crucifixo, que levava arvorado em huma aste. Mas hia metido em hum mar de cuidados, como ardia em zelo das almas, e da honra de Deos, qual outro Elias. Considerava que o fim das armas Christans naõ devia ser destruir sòmente, se naõ tambem edificar, que convinha tomarse algum termo com aquelles, que ou o medo do castigo, ou algum bom espirito trouxesse à obediencia da Igreja: e darse ordem pera serem recebidos à penitencia, por tal modo, que se ficasse entendendo se procedia de coraçaõ, ou de fingimento: parecialhe que se perdia o tempo na guerra, e nos remedios violentos, se a passo igual se naõ negoceava algum meyo com que ficasse a terra limpa de contagiaõ, e sem medo de tornar a brotar a perversa zizania, ou por occulta, ou por mal mondada. Deu conta de tudo ao Legado Apostolico, que acompanhava o exercito; elle como prudente entendia a necessidade: mandalhe como a outro Josef do Egypto, que pois Deos lhe communicara pensamentos taõ acertados, elle mesmo trace o remedio, elle o execute sem meter tempo em meyo: que entre tanto avisarà ao Pontifice. Deste ponto teve origem o veneravel tribunal do Santo Officio contra a heretica pravidade, de que tantos, e taõ grandes bens tem resultado a Christandade. Tomou logo a maõ o Santo em inquirir nos de Carcassona, quaes eraõ obstinados, quaes pediaõ misericordia. E como era jà seguido de alguns virtuosos sojeitos, obrigados das maravilhas, e grande espirito que nelle viaõ, fez tomar a rol, e em livro nomes, idades, estados, sexo, e calidades dos culpados, com todas as mais diligencias, e circunstancias necessarias. Assi foraõ os obstinados ao fogo: foraõ com misericordia recebidos os que de arrependimento deraõ sinaes. Mas amoestados, que sendo achados segunda vez em culpa, seriaõ castigados em todo o rigor. Era grande a vigilancia, e cuydado com que o Santo procedia no novo officio, que como consistia em inquirir, e censurar vidas, fé, e costumes, foy tomando nome dos effeitos, nome, e officio, nunca dantes ouvido, nem usado na Igreja. Naõ era menos o louvor que tinha dos grandes do exercito, e principalmente da boca do Legado, a cuja autoridade referia tudo o que fazia, tomando sò pera si o trabalho, e dandolhe a elle o nome, como era rezaõ, pois era aly Ministro supremo da Sè Apostolica, e immediato ao Pontifice. Foy o campo conquistando todos os lugares de força, e o Santo Inquisidor seguia com as armas de seu officio, e com zelo de bom Pastor separando o gado enfermo do saõ. Em Cazzéras relaxou sesenta juntos, que foraõ queimados. No castello de Minerva cento, e quarenta, em outro lugar quatrocentos. E por outras partes cento e oitenta. Em Vauro Villa forte do Bispado de Tolosa foraõ queimados hum grande numero: e a senhora do lugar chamada Giralda, por pertinaz na heregia, foy empoçada. Do resto do povo huns eraõ reconciliados, outros penitenciados com suas cerimonias, e sentenças pera exemplo, e castigo.

So-

Soou em Roma o exercicio, e fruito deste cargo acreditado dantes com as cartas do Legado: e sendo estimado de toda a corte, despachou o Santo Pontifice Innocencio III. suas letras de approvaçaõ delle, e de muita honra, e favor pera o Santo. Nellas lhe mandou que o exercitasse, e como Inquisidor Apostolico procedesse contra os contumazes. Assi o affirmaõ dom Luis de Paramo Inquisidor de Sicilia, e Blondo, e Joaõ Buccheto, e outros. E acrecentaõ huma cousa que succedeo ao cerrar do Breve, em que ao parecer naõ faltou mysterio: e foy que reparando o Pontifice na forma do sobrescrito, e mandandoo emendar por tres vezes, na ultima assentou que fosse assi: *Ao Mestre Frey Domingos, e aos irmãos prègadores que com elle estaõ.*

DomLuis de Par. de orig. Off. S. Inquis. l.2. t.1. c. 2. n. 9. Blondus l.6. dec.2. Joann. Bucch. in annal. A. quit.

Mas naõ me atrevo a passar a diante sem pedir com caridade a dous Religiosos Cistercienses Escritores em lingoa Castelhana, que pelo que devem a si mesmos, e ao credito que desejaõ a seus livros, folguem de se retractar (que os bons, e sabios se retractaõ) de huma opiniaõ, em que mostraõ paixaõ demasiada, e pouco conhecimento das Historias antigas, e modernas, affirmando, que na sua Ordem, e naõ na nossa teve principio o Santo Officio da Inquisiçaõ. E antes doutra cousa lhes lembro, que escrevendo elles despois do anno de 1587. em todos os que correraõ atras des do tempo que N. Padre S. Domingos começou a prègar em França, que saõ poucos menos de quatrocentos, a nenhum dos Escritores da sua Ordem, nem dos chegados a ella passou nunca pola imaginaçaõ porem tal cousa em papel. E pois estes a naõ escreveraõ, sendo assi que floreciaõ entaõ em letras, em poder de Conventos, em numero de Bispos, e Arcebispos, e Cardeais, claro fica que o naõ deixaraõ de fazer, se naõ porque na verdade naõ queriaõ pera si, e pera sua Religiaõ mais do que direitamente lhe pertencia. E como em tal opiniaõ naõ tem por si Autor antigo nenhum, nem seu, nem alheyo: e nòs temos em favor nosso toda a veneravel antiguidade, quero dizer todos os que escreveraõ em tempos vizinhos à guerra Albigense, em que o Santo tribunal teve principio, e em que podia aver muitos, e poderosos contraditores: e assi estaõ por nòs os que despois falaraõ na materia por todo o discurso destes 400. annos tanto seculares, como Ecclesiasticos: tanto Religiosos nossos, como doutras Ordens: bem se segue ser assumpto temerario quererem dous ou tres, sò na confiança de bom engenho, escrevendo nesta idade, saber mais que todos os seus, e contradizer todos os nossos, e os que de nòs falaõ. Bem estou na conta, que me haõ de culpar os meus de dar vida a suas rezoens, com lhes fazer reposta: mas façoa por dous respeitos. Primeyro, porque escrevem em vulgar, e o vulgo he facil de levar de novidades, quando naõ saõ impugnadas. Segundo, porque he justo acudirmos à obrigaçaõ, e fraternidade que nos devemos as Religioens, humas às outras, naõ consintindo fazerse à do Santo illustrissimo Bernardo tamanha offensa, como seria procurarlhe

rarlhe honra de ſuor, e trabalhos alheyos, quando elle com os proprios lhe ſoube aquirir tanta.

E porque a verdade he que N. Padre S. Domingos foy o inventor do Santo Officio da Inquiſiçaõ, como atraz dizemos, e o primeiro Inquiſidor, e Inquiſidor geral confirmado por dous Papas, iremos apontando os Autores que o eſcrevem. Seja o primeiro Camillo Campegio Inquiſidor geral, e Biſpo de Nepi na Toſcana, que largamente o prova nas ſuas addiçoens. O meſmo affirma Franciſco Pegnia, e Zanchino Ugolino de Hæreticis. E Pedro Mathæus Doutor em ambos os direitos diz eſtas palavras: *Fauit B. Dominici votis & operi Summus Pontifex iniuncto ei cenſuræ ſeu quam vocant Inquiſitionis hæreſeos munere, quo quidem ipſe Beatus Pater primus omnium ornatus eſt.* Aſſi o dizem Fr. Leandro Alberto, Fr. Sebaſtiaõ de Olmedo, Fr. Antonio de Sena, Fr. Joaõ Marieta, Fr. Eſtevaõ de Senhalac, Fr. Joaõ Sagaſtizaval, Aymerico Inquiſidor geral de Aragaõ, e Bernardo Quijon Inquiſidor de Toloſa. Saõ de ver as palavras de Lucio Marineo Siculo na ſua Hiſtoria de Eſpanha: *Procurante Innocentio III. Pont. Max. hæreſim apud Toloſam nuper obortam mira celeritate atque virtute compeſcuit S. Dominicus, &c.* E ſaõ iſto catorze Autores, ſem os tres que alegamos atràs, e ſem outros ſete que iraõ na margem, por encurtarmos aqui leitura. Mas bem puderamos eſcuſar todos, sò com referir o teſtimunho do famoſo Pontifice Sixto V. cujas couſas inda oje eſtaõ eſpirando inteireza, e valor. Diz elle em hum Breve que paſſou no anno de 1586. ſobre a feſta do noſſo Inquiſidor, e primeyro Martyr por aquelle officio ſagrado, S. Pedro de Verona: *Imò verò imitatione accenſus B. P. Dominici, ut ille perpetuis & concionibus, & diſputationum congreſſibus, officioque Inquiſitionis, quod ei primùm prædeceſſores noſtri Innocentius III. & Honorius III. commiſerant contra Hæreticos mirabiliter ſe geſſit.* E mais abaixo confirma o meſmo acrecentando: *Quam ob rem poſt B. Dominicum non immeritò Princeps appellari debet ſacroſancti Officij Inquiſitionis, cum ipſe primus illud ſuo ſanguine conſecrarit.* Iſto ſaõ letras Apoſtolicas que irrefragavelmente provaõ que dous Papas ſantiſſimos deraõ primeiro a N. P. o Officio de Inquiſidor, que a toda outra peſſoa. E com tudo eſtejamos à conta com eſtes dous Padres, e examinemos ſeus fundamentos; que por elles moſtraremos que naõ dizem por ſi, nem contra nòs couſa de ſuſtancia. Fazendolhes primeiro a ſaber que o breve allegado começa, ſe o quizerem ver: *Inuictorum Chriſti militum numerus ingens, &c.* E foy paſſado em 15. de Abril do anno de 1586. primeiro de ſeu Pontificado.

O primeiro, que he o P. Frey Bernabe de Montalvo na Hiſtoria de ſua Ordem diz aſſi: *Eſte miſmo officio de Inquiſidor conſervò Santo Domingo todo el tiempo que bivio nueſtro Arnaldo Generaliſſimo de Ciſter Arçobiſpo de Narbona Inquiſidor General. Por cuya muerte, que fue el anno de 1224. y la de ſu ſucceſſor Pedro Diacono Cardenal, embiando el Pontifice por ſu Legado a Latere a don Bernardo nueſtro Monge Ciſterclenſe*

Camill. Camp. in ſuis addit. Franciſ. Pegn. 3. p. direct. com. 32. tit. quod Inquiſi. Zanch. Ugol. de Hæret. c. 20. Petrus Math. in annot. ad ſummam conſtitutio. Pont. tit. Pij V. §. 26. Fr. Leand. Alb. in vita S. Dom. l. 1. F. Sebaſ. de Olm. in vita ejuſdem. F. Ant. de Sena Dec. 1. f. 13. Marieta p. 2. l. 7. c. 11. Senhal. c. 2. de gl. nom. prædic. Sagaſtizaval in ſuo Roſ. f. 53. Aymer. ſerm. 2. de S. Pet. Mart. Nicol. Bert.

in hiſt. Toloſæ. Luc. Marin. Sic. li 5. Bernar. Quijon Inquiſ. Toloſ. Salzed. in prat. crimin. Canon. c. 114. Uſus Maris f. 2. ſui Cat. Antiſt. l. de Inquiſ. Suſatus c. 2. ſuæ Cronic. Caſtel blanc. f. 44. ſuæ Hiſtor. Soncin. in epiſt. dedic. ad Petrum de Palu de ſuper lib. Sententiar. Flamin. lib. 2. de S. Dom. P. 5. L. 5. f. 144. & 145. da Hiſt. da ſua Ord.

ciense Presbitero Cardenal, y Capitan del exercito de los Catholicos contra los hereges de Aquitania: y confirmò el officco de Inquisidor a Santo Domingo, como consta de la dispensacion que dio a un Cavallero de Tolosa. Por los quales instrumentos, sentencias, y cartas de Santo Domingo claramente se collige, que nunca el fue Inquisidor por autoridad Apostolica. Ni en los Archivos de Roma hasta oy se ha hallado instrumento, ni letras Apostolicas en contrario desta verdad que aqui pruevo, que no aya sido el primer Inquisidor Santo Domingo: no obstante que lo diga Francisco Pegnia Commento 32. *pagina* 461. *Suppuesto lo que tenemos dicho facil será de provar, reprovando primero con el respeto devido a tan gran Varon: la opinion de Fray Hernando de Castillo, que dize aver tenido principio este Santo Officio de Inquisicion por su Padre Santo Domingo. Lo qual provarè ser falso, no solo con las autoridades y letras Apostolicas que dan esto a monges de nuestra Orden, sinò tambien con las que el mismo trae para provar, que Santo Domingo fue Inquisidor (como es verdad lo fue) mas no Inquisidor General, ni el primero que invento el Santo Officio de la Inquisicion.* Com esta comprida, e envolta arenga quer este Religioso dar por provado seu intento: na qual lhe mostraremos ao olho tres erros, com que claramente se condena. Primeiro erro he dizer, que despois do anno de 1224. fez o Monge dom Bernardo autos de confirmaçaõ com Nosso Padre S. Domingos, sendo assi que naõ ha quem ignore, que era falecido S. Domingos tres annos antes no de 1221. Segundo erro, e intoleravel erro, affirmar, como affirma, que atè o dia em que escreveo se naõ achavaõ nos Archivos de Roma instrumentos, nem letras Apostolicas que dessem a S. Domingos nome de primeiro Inquisidor. Claro final que naõ revolveo bem aquelles Santos archivos. Que se o fizera achara o Breve atras referido despachado no anno de 1586. antes de sayr a luz a Historia do Mestre Frey Fernando de Castilho, contra quem elle escreve. Terceiro, e mayor erro comete, dizendo que mostrarà ser falso averse dado principio ao Santo Officio da Inquisiçaõ por S. Domingos: e que o provarà com autoridade e letras Apostolicas, que affirma, daremno a Monges da sua Ordem de Cister. As quaes letras naõ mostra: nem as pode mostrar, porque seria dar dous Breves Apostolicos em huma mesma causa repugnantes entre si, sem expressa rezaõ de tal repugnancia. Hum sò defeito bastava pera invalidar, e annullar toda esta sua prova: que serà avendo tres, e taõ palpaveis, e taõ enormes? Assi naõ ha que fazer caso della: nem doutra, em que o mesmo Autor mostra fazer confiança, persuadindonos, que no nome do habito que polo S. Officio se veste aos penitenciados ficou a memoria de S. Bento chamandolhe Sambenito. Ridicula derivaçaõ. Arrimouse à semelhança do vocabulo sem lèr os Autores antigos allegados neste ponto polo Inquisidor de Sicilia dom Luys de Paramo. Que se os lèra, achara que na primitiva Igreja, a quem tinha cometido delito merecedor de penitenca publica, se mandava usar veste de sacco: e por-

Dom. Luys de Paramo l. 1. t. 2. c. 5. & lib. 2. t. 3. c. 11.

e porque a benziaõ com particular oraçaõ os Sacerdotes, era seu nome *Saccus benedictus*. A força da antiguidade foy comendo, e encurtando o nome. Mas vejamos se tem mais nervo o o segundo.

CAPITULO IIII.

Censurase hum lugar de outro Religioso da mesma Ordem, e opiniaõ.

Na Laurea Evangel. L. 3. Disc. 8. §. 1. 2. 3.

CHamase o segundo Religioso Frey Angel Manrique, e começa assi hum periodo, falando das grandezas da Ordem de Cister: *Entre todas las que hasta aqui hemos dicho, y si otras algunas dixeremos al fin deste discurso, la que a my parecer puede tener por principal blason de su nobleza, es el Santo Officio de la Inquisicion, que sin duda ninguna tuvo su origen y principio de nuestra Orden.* Com esta taõ resoluta proposta quer tirar a capa dos hombros alheyos, e na verdade grande honra lhes fora, como diz, se ella naõ tevera dono com prescripçaõ de posse na Ordem de S. Domingos de 400. annos, e prescripçaõ de silencio na sua de Cister de outros tantos. Que fora se naõ teveramos armas no Breve referido de Sixto V. valeroso filho do Serafico Francisco? Mas a verdade he, que vivemos jà oje na idade miseravel de ferro, taõ de ferro, e pouca justiça, que pouco adiante no mesmo livro, e discurso se atreve tambem a defraudarnos da funçaõ da Ordem da Mercè dandoa aos seus, sem fazer mençaõ nenhuma de S. Raymundo de Penha fort Frade nosso, e Confessor del Rey dom Jayme de Aragaõ, que os mesmos Padres Mercenarios a boca cheya confessaõ, e reconhecem por seu fundador, e legislador que lhe deu, e vestio o habito: e atè a sua reza, que foy sempre Dominica, exceito de poucos annos pera cà, que tomaraõ a Romana. Assi naõ ha que espantar querernos despojar do que tem por gloria, quem nisto que menos importa, faz presa. Mas tornando ao ponto; em dous principios funda este Religioso sua opiniaõ tomados ambos de Autores da Historia de Saõ Domingos, e ambos torsidos a seu proposito. Despois de nos querer persuadir que o Santo Monge Pedro de Castro novo foy o primeyro Inquisidor que ouve no mundo acrecenta em bom Castelhano: *Assi lo confiessa Ludovico de Paramo lib. 2. de orig. Inquisit. tit. 1. c. 1. aun que en el cap. 2. adelante dize, que Santo Domingo fue el primer Inquisidor; olvidado de lo que acabava de dizir en este: sus palabras son las siguientes. Sanctissimæ ergo Inquisitionis officium eo tempore sumpsit exordium, quo impij erroribus, & blasphemijs execrabilibus Albigensium, Comitatus Tolosanus infectus, & penè extinctus erat. Tunc enim gloriosus Deus in Innocentio Tertio Summo Pontifice eam mentem iniecit, ut Petrum de Castro novo Monachum virtutis, & sanctitatis gloria florentem crearet Legatum, & ad illam provinciam ad Christum Servatorem nostrum reducendam mitteret.* Por maneira, que sò com Paramo dizer nestas palavras que Pedro Monge foy mandado por Legado a Tolosa, quer dar por certo, e provado, que foy tambem por Inquisidor. Tenho por necessario dal-

Ovid. l. 1. Metamorph.

L. 3. Disc. 8. §. 5.

Fr. Natalis Xavet Mercenarius lib. de eodem Ord. Anal. Eccl. 1223.

dallas traduzidas em nossa lingoagem, pera que todos julguem o testemunho que lhes levanta, dizem assi: *Teve pois sua origem o officio da santissima Inquisiçaõ no tempo, que o Condado de Tolosa estava inficionado, e quasi perdido com os erros, e blasfemias dos Albigenses. Porque entaõ foy Deos servido pôr no coraçaõ do Summo Pontifice Innocencio Terceiro, que nomeasse por Legado a Pedro de Castro novo, monge de grande nome, de virtude, e santidade, e o mandasse àquella Provincia pera effeito de a tornar a Christo nosso Salvador.* Tal he o primeiro principio em que este Autor se funda: e he o mesmo (alem de torser o sentido de Paramo) que naõ alcançar a differença que ha entre os officios de Legado, e Inquisidor: e outrosi estar muy alheyo doutro principio muy notorio, qual he, naõ se mandarem Inquisidores aonde os Principes, e cabeças das terras saõ declarados inimigos da Igreja Romana. Pois ninguem ignora que seria cousa ridicula mandarense Inquisidores a Olanda, e Gelanda, ou a Genevra, ou à Rochella no estado em que estas terras oje estaõ. A verdade he, que o Santo Monge fez o officio que Paramo lhe dà de Legado, e Embaixador do Pontifice, pera tratar com os Condes senhores da Provincia, que jà estavaõ pervertidos da heregia. E isto fez polo direito das gentes, com que os Embaixadores sem medo de offensa entraõ por casa dos inimigos. Se os achara em disposiçaõ de obedecerem aos santos conselhos, e amoestaçoens do Papa, entaõ usara do poder de Legado, absolvendoos, e reduzindoos ao gremio da Igreja. E bem claro està, que naõ entrou aqui parte nenhuma de officio de Inquisidor. O que fez de Legado escommungando o Conde de Tolosa (que pudera escusar se quizera, pois ipso jure estava escomungado) lhe custou a vida, como atras contamos. E dahi naceo mandar o Papa publicar Cruzada contra elle: e conseguintemente, como ouve exercito, e força, tratar S. Domingos de se dar ordem pera se alimparem as terras que se hiaõ conquistando, da mà semente, com a traça Divina que inventou do Santo Officio. E porque Paramo o escreve, e entende assi, deduzindo humas cousas de outras, seguramente sem se encontrar, nem esquecer (que naõ ha esquecimento de Capitulo primeiro pera segundo) declara logo que o Padre S Domingos foy o primeiro Inquisidor que ouve na Igreja de Deos, como este Padre o refere.

Tal como este he outro lugar que tambem traz do mesmo Paramo, para mostrar, que doze Abbades da sua Ordem foraõ tambem Inquisidores: e he o seguinte: *Eo tempore Summus Pontifex misit duodecim Abbates ex Divi Bernardi familia eximia virtute, & præclara doctrina ornatissimos, ut hæreticorum pagos excurrentes, &c.* E he de notar, que parando aqui sem nos dar o remate do periodo Latino, acabao em Castelhano dizendo: *Que fuessen a exercitar el mismo officio.* Grande falta, ou miseravel artificio pera quem emprende contrastar cousas difficultosas. Alem de tais falencias, como todo edificio mal fundado por si mesmo cae, elle mesmo dà com

este em terra, com outras palavras que traz de Vincencio Belvacense, que dizem assi, falando destes Abbades: *Cæperuntque singuli Euangelicam paupertatem complecti, peditesque discurrere, ac strenuè fidem Christi verbo & opere prædicare.* Querem dizer, e começaraõ todos, e cada hum por si abraçarse com a pobreza Evangelica, e andar a pè, e a prègar valentemente a fé de Christo. O que he clara confirmaçaõ do que atras temos dito, que fizeraõ por conselho de nosso Padre S. Domingos, e do Bispo de Osma. Assi fica claro, que nem o Legado era mais que Legado, nem os Abbades foraõ mais que prègadores.

Menos força tem, ainda que traz mais alguma aparencia, outra rezaõ, com que este Padre cuyda que de todo deixa encabeçada a Inquisiçaõ na sua Ordem, dizendo, que nosso Padre S. Domingos confessa que recebeo do Legado que era Abbade Cisterciense o Officio de Inquisidor, porque em huma sentença que deu, diz: *Quod nobis officium iniunxit dominus Abbas Cisterciensis Apostolicæ Sedis Legatus, &c.* E daqui infere, que pois Saõ Domingos foy Inquisidor por ordem, e commissaõ do Legado, ficava o Legado sendo Inquisidor supremo, e primeiro Inquisidor que S. Domingos. A esta desatada, e fraca consequencia se responde com facilidade. Primeiramente ninguem pode duvidar que os Legados no soberano poder, que exercitaõ, provèm muitos cargos necessarios pera a execuçaõ delle, que ou saõ incompativeis com sua dignidade, ou inferiores a ella, e de força se haõ de administrar por terceiro. E ainda que elles os possaõ prover, e conferir, naõ se segue por isso, que tambem os podem exercitar, ou que os fiquem eminentemente exercitando alguma hora. E tal avemos de confessar, que era entaõ este genero de officio: officio, como saõ de ordinario todos os que se criaõ de novo, sem proveito, nem honra, de muyto cuydado, de grande trabalho, e risco entre hereges perversissimos, e sò accommodado à grande humildade de S. Domingos, e ao zelo em que ardia das almas. E por ser tal, estimou o sabio Legado querer o Santo occuparse nelle, e lhe mandou que o fizesse, pois achara a traça como atras dissemos, em quanto avisava ao Pontifice. Assi naõ negamos, nem queremos negar que o servio por commissaõ de quem tinha o supremo poder da Igreja em França, atè que o Pontifice mandou a sua de Roma. Com a qual começou a fazer o officio com plenaria autoridade, sem mais sojeiçaõ ao Legado que aquella que todo ministro Ecclesiastico deve aos que saõ immediatos da suprema cadeira quando se achaõ presentes. E esta distinçaõ de tempo, e servintia, e commissoens se collige da mesma Historia de Castilho em que o Padre Frey Angel se funda. Porque naõ pode negar, que onde achou escrita a sentença, diz Castilho como em prologo della as palavras seguintes: *De antes que fuesse Inquisidor* (*entende S. Domingos*) *de officio, sino por sola commission del Legado, que andava en las revoluciones de Tolosa, se halla una sentencia dada contra un herege.* E lo-

logo segue a sentença. Nem pode negar que no mesmo capitulo, em que achou esta, se lè outra sentença, ou dispensaçaõ, que confirma a distinçaõ de tempo, dizendo assi: *Universis Christi fidelibus, ad quos literæ præsentes peruenerint, Frater Dominicus Oxomensis Canonicus, prædicationis humilis minister salutem & sinceram in Domino charitatem. Discretio vestræ uniuersitatis præsentium autoritate cognoscat, quòd nos Raymundo Gulielmo de Altaripa Pelaganirio licentiam concessimus, ut Gulielmum Vgutionem hæreticali quondam habitu, ut idem coram nobis asseruit inuestitum, secum in domum suam apud Tolosam teneat more aliorum hominum conuersantem, &c.* Responde traduzida em Portuguez assi. A todos os fieis Christãos que estas letras virem, Frey Domingos Conego de Osma, humilde ministro da prègaçaõ, saude, e amor no Senhor. A todos vos seja notorio por autoridade das presentes, que nòs demos licença a Raymundo Guilherme de Altaripa Pelaganirio, pera ter em sua casa em Tolosa a Guilherme Ugociano, sem differença no trato commum, e ordinario de todos os mais homens, sem embargo que em tempos atras foy condenado ao habito de penitencia que se dà aos hereges, segundo diante de nòs o affirmou, &c.

Bem se diz, que convem fazer distinçaõ de tempos, quem quer achar conveniencia nos direitos. Se este Padre notara a differença que ha nas duas sentenças quanto à commissaõ, e exercicio, e servintia do officio, fundandose a primeira na autoridade do Legado em quanto tardava a do Pontifice: e fundandose a segunda em autoridade propria, porque a tinha jà de Roma, como se mostra no termo, *concessimus*, e naõ se referir como na primeira ao Legado. Se notara a differença dos tempos, que claramente parece no *quondam*, da segunda: de crèr he, que se naõ enganara, nem tomara sobre si huma opiniaõ taõ encontrada com todos os historiadores, e estudiosos: pois com estas distinçoens se mostra clara, e corrente, e sem contradiçaõ a verdade que seguem, que he a mesma em que concordaõ Paramo, e o Padre Frey Fernando de Castilho, abraçada tambem (porque nos naõ fique nada por dizer) por Joannes Azzor da Companhia de JESUS, varaõ de grande doutrina, e muy versado na liçaõ das Historias Ecclesiasticas, que tratando esta materia diz assi: *Ex Historijs Ecclesiasticis didicimus hoc muneris quadam ex parte primùm Beato Dominico fuisse mandatum circa annum Domini* 1208. E mais abaixo: *Et ideo ut salutaribus pœnitentijs impositis eos redeuntes* (*entende os hereges*) *posset absolvere plenam ad id facultatem à Romano Pontifice impetrauit.*

Joannes Azzor t. 1. l. 8. c. 18. instit. moral.

Noticia tenho que ha terceiro mantenedor do assumpto destes dous Religiosos, e que he da mesma Ordem. Naõ fiz muita diligencia polo ver, porque naõ deve dizer mais que os dous, e bastalhe a mesma reposta.

Fr. Lourenço de Zamora na Monarch, Mist.P.7. na vida de S. Dom. f. 356.

Mas temos nova contenda com outro Religioso da Ordem do glorioso Padre S. Francisco, que pera tirar a S. Domingos o lugar de primeiro In-

Fr. Ant. Daça na 4. part da Hist de S. Francis. l. 1. c. 14.

Inquiſidor, conforma com a opiniaõ reprovada dos Ciſtercienſes, dizendo que o foy ſomente por commiſſaõ do Abbade Legado. E deſconcerta com os meſmos pera fazer ſua Serafica Ordem participante por partes iguais nos principios daquelle Santo Officio com a de S. Domingos; pera o que affirma de ſeu parecer abſoluto, que ſe naõ conta a origem da Inquiſiçaõ de mais atras, que de quando o Papa Gregorio Nono mandou Inquiſidores da ſua, e noſſa Ordem contra os hereges do Condado de Toloſa. Por maneira que por huma via nos quer tomar tudo, e por outra quer entrar com noſco ao meyo.

Pera prova do primeiro faz grande força na ſentença que atras apontamos, em que Noſſo Padre confeſſa que exercitava inda entaõ o cargo por commiſſaõ do Legado. E he caſo gracioſo, que andando junta a ſegunda ſentença que o meſmo Santo deu deſpois ſem falar no Legado, e com autoridade propria, porque a tinha jà do Santo Pontifice Innocencio Terceiro, como fica moſtrado: e ſendo força, que onde vio huma, avia de ver ambas, valſe daquella que ſerve pera ſeu intento, e calla eſtoutra que o encontra, e poem por terra.

S. Ant. p. 3. tit. 23. c. 9. §. 1.

Naõ traz melhores armas pera confirmaçaõ do ſegundo. Allega humas palavras eſpedaçadas da Hiſtoria de S. Antonio, onde conta que foraõ por Inquiſidores pera as partes de Toloſa alguns Padres das Ordens dos Prègadores, e Menores, que deſpois padeceraõ martyrios ás mãos dos hereges. E digo eſpedaçadas, porque uſando dellas pera moſtrar que foraõ eſtes os primeiros Inquiſidores, naõ lhes dà o Santo Hiſtoriador tal nome de primeiros: e ſervindoſe tambem dellas pera provar que foraõ mandados por Gregorio Nono, calla a circumſtancia mais importante do anno apontado pelo meſmo Eſcritor: porque era o de 1242. que em claro desbarata ſeu intento, por quanto Gregorio Nono era falecido de primeiro de Setembro do anno atràs. E de muitos antes avia jà Inquiſidores Dominicos em França, em Lombardia, em Sicilia, e Alemanha.

Annaes Eccleſ. no anno de 1241. Ilheſcas na Pont. na vida de Gregor. Nono.

Deſcuberta a fraqueza deſtes fundamentos, que naõ tem por ſi mais que a imaginaçaõ de ſeu dono, deſacompanhada de Autores de importancia: porque os Ciſtercienſes jà ficaõ refutados: e eſtando por nòs todos os que nomeamos no capitulo antes deſte, bem nos puderamos queixar de cair taõ injuſta pretençaõ em peſſoa, que por Croniſta da ſua Ordem, eſtava obrigado a ter noticia do que tantos eſcrevem, e affirmaõ: e por Religioſo della naõ pode deixar de venerar com ſojeiçaõ de animo, e entendimento a Extravagante do Santo Pontifice Sixto V. ſeu Frade, que atras tocamos, na qual pera confuſaõ do primeiro erro, declara que foy S. Domingos o primeiro Inquiſidor da Igreja de Deos: e pera deſengano do ſegundo, que o foy por commiſſaõ de dous Pontifices Innocencio, e Honorio ambos Terceiros, e ambos falecidos antes de Gregorio Nono ſubir àquella ſanta Cadeira. E iſto baſte.

Don Luis de Par. l. 2. tit. 1. c. 2. n. 4. & c. 3. n. 6. Annais Eccleſ. an. 1215. n. 11. & an. 1225. n. 7. Paramo l. 2. c. 25.

Sixtus V. in Extravag. quæ incipit: Invictorum Chriſti militum.

CA-

CAPITULO V.

Passa o campo Catholico contra outros lugares. Contaõse algumas maravilhas que Deos obrou polo Santo. Cercaõ os Catolicos a Cidade de Tolosa, retiraõse com perda, e desfazse o campo.

TOrnando ao fio de nossa Historia, custou dous annos de tempo, e muito sangue aos Catolicos a conquista dos lugares, que atràs apontamos, e doutros a que logo foraõ passando: e naõ menos trabalho ao Santo Prègador, que nunca tinha hora ociosa. Porque quando o inverno fazia cessar as armas da guerra, manejava elle as da prègaçaõ, e disputas, com que sempre grangeava muito pera Deos, ou allumiando almas, ou confundindo as que naõ queriaõ luz. Aconteceo na Villa de Murel, ou Monreal, (e advirto que estes nomes dos lugares como saõ tomados de historias Latinas, andaõ muy disfarçados, e differentes dos proprios modernos, e antigos) que despois de huma longa contenda que teve com hereges de paz, em que ouve grande numero de ouvintes, que mostravaõ querer entender a verdade, como vio que os tinha tomado as mãos, quiz ver se os podia acabar de render. Trazia a materia escrita em termos. Era do Sacramento da penitencia, e confissaõ vocal: tirou do papel, e meteolho nas mãos. Foraõse com elle, juntaõse à noite os que presumiaõ de mais agudos: debateraõ, cansaraõ sem achar que replicar, atè que hum de pura rayva arrebata o papel, e arremessao a huma fogueira que todos cercavaõ em huma grande chaminè. Prodigioso successo! Perdeo o elemento à força natural à vista da verdade, e tomou outra contranatural, que foy, rebater, e rechaçar o papel com tanta força, que voando parou sobre huma viga que atravessava a sala. Este caso teveraõ por entaõ em segredo, atè que muitos dias despois foy publicado por hum da companhia que se converteo, e a viga se guarda hoje por memoria.

Mas naõ acreditava o Senhor sò por huma via a doutrina de seu servo, sarava enfermos, lançava demonios, e fazia outras grandes maravilhas. A humas desaventuradas molheres, a quem o demonio trazia atolladas em torpezas, porque naõ podia acabar de as persuadir que se emendassem, offereceo darlhes vista, e conhecimento de quem as guiava, e a quem serviaõ. Mandou ao enimigo que descubrisse a figura com que as acompanhava. Taõ fea, e temerosa era que acabou o medo della quando a viraõ, o que o de Deos naõ fazia.

Foy hum dia para entrar em huma Igreja cercado de ouvintes, a quem queria doutrinar. Achoua cerrada. Tardavaõ as chaves à caso, ou àsinte. Chegou às portas, pozlhe as mãos, abriraõse de par em par com admiraçaõ de todos.

Outro dia caminhava com pressa pera certo lugar. Ao passar de hum rio (chamaõlhe Aregia) cahiolhe na agoa o Breviario envolto com papeis de importancia. Era peso junto, foyse

ao

ao fundo : e naõ ouve remedio pera se tirar, nem elle consintio que se fizesse muita diligencia, assi por naõ perder a jornada, como por dar tudo por perdido despois de passado da agoa. A cabo de tres dias trazemlhe o Breviario, e papeis, tudo taõ enxuto, como se nunca tocaraõ agoa. Foy o caso, que arrastando hum pescador suas redes no mesmo lugar, colheo o envoltorio, e fez restituiçaõ ao Santo. E como os papeis deviaõ ser das materias de fè que andavaõ em questaõ, naõ quiz ser menos cortez com elles o elemento da agoa, do que fora o do fogo com os outros. Neste mesmo caminho aconteceo, que passando huma barca, ao saltar em terra, lhe pedio o barqueiro o preço da passagem, e de seu trabalho. Como o Santo naõ trazia dinheiro, porque vivia de esmolas, e o barqueiro naõ determinava ficar sem paga: antes a requeria com soberba, e descompostura, poz elle os olhos no Ceo com huma breve oraçaõ, e logo tornandoos a terra, vio junto de si com que satisfez a divida.

A estas maravilhas ajuntou o Senhor darlhe espirito de profecia, com que antevia cousas grandes por vir, e a tempos declarava algumas, como veremos ao diante. Effeito foy deste espirito o remedio de hum pobre moço, que sendo por elle relaxado ao braço secular por herege emperrado, quando o vio levar ao fogo, naõ sey que nelle lhe revelou o Ceo, que pedío lho largassem. Era o moço de gentil presença em disposiçaõ, e rosto. Sem falar ninguem avogaraõ por elle estas partes: trouxeo consigo assi obstinado. E em fim veyo a ter lume da verdade, e mereceo receber o habito na Ordem, e acabou nella com sinaes de predestinado.

Mas era entrado o anno de 1211. e o Conde de Monfort juntando seu campo determinou acometer o lugar de Albi, ninho da heregia, e que lhe dera nacimento, e nome. Tomouo a viva força, e sem deixar esfriar a corrente da victoria foy entrando, e conquistando outras praças, acompanhado sempre do nosso Inquisidor, e prègador. E ultimamente foyse lançar sobre Tolosa, onde estava junta toda a força dos hereges, fazendo conta que aqui arrematava a guerra. He a terra grande, estava bem provida, fazia brava resistencia. Assi foy o cerco prolongado com varios successos, e perigos, cuja relaçaõ naõ pertence a esta Historia, senaõ em quanto tocaõ ao Padre S. Domingos. Assistia elle no campo prègando, e animando, e servindo a todos, e fazendo oraçaõ por todos, que era pelejar por todos. Eisque hum dia acodem a elle muitos soldados huns tras outros, lastimandose todos, que acabavaõ de ver perder no rio huma barca carregada de gente, e polo que se podia conjeiturar, julgavaõ serem Catolicos. Affligido com a nova sae da tenda, seguemno todos a hum teso sobre o rio, dali começa a dar vozes inflammado em compaixaõ, e caridade chamando da parte de Deos pelos que jà naõ apareciaõ, e logo à vista de todo o campo Catholico (podemos bem dizer; *Obediente Domino voci hominis*) começaõ a levantar

1211.

Jos. 10.

vantar as cabeças sobre a agoa, e vir saindo hum, e hum do fundo do rio pera a praya, e sem faltar homem de toda a companhia, reconhecidos todos do milagroso beneficio se vieraõ lançar aos pès do Santo, que os abraçava cheyo de alegria, como o estavaõ os circunstantes de maravilha, vendo saons, e salvos os que viraõ perder, e affogar, e desaparecer no meyo da agoa. Entaõ se soube o numero, e calidade. Eraõ quarenta peregrinos que passavaõ em devaçaõ a Santiago, de naçaõ Ingrezes. O tempo forte, e o peso da gente fez soçobrar o vaso, pequeno pera tamanha carga.

Avia muitos meses que o cerco durava, sem nenhum bom effeito, pola pertinacia, e valentia com que os cercados se defendiaõ. Começaraõ a faltar mantimentos aos cercadores, derramavaõse os soldados, e mingoava o exercito: foraõ recrecendo outros inconvenientes. Em fim foy forçado levantar o campo com perda de reputaçaõ, e grande desconsolaçaõ do Santo.

CAPITULO VI.

Anima o Santo aos Catholicos com huma alegre profecia do fim da guerra. Contaõse algumas maravilhas obradas por meyo do Santo Rosario: e a grande vitoria que se alcançou dos hereges.

ERa julgada por tamanha desgraça esta retirada de Tolosa, que naõ avia Catholico que levantasse o rosto, assi andavaõ caydos, e desmayados. Sò o Padre S. Domingos cheyo de confiança no Ceo, consolava, e animava a todos, e alegremente affirmava que a guerra teria fim muito cedo. Mas o mal presente naõ consintia darse credito a nenhuma boa esperança, com quanto tinhaõ experiencia das verdades do Santo. Declaravase mais, apontava particularidades, que averia huma famosa batalha, seriaõ vencedores os Catholicos, ficaria hum Rey morto no campo. Naõ bastava nada, porque lançando contas humanas, achavaõ tantos inconvenientes no estado das cousas, que vinhaõ a julgar mal do Santo, naõ sò a negarlhe fè. Acrecentava a desconfiança verem entrado o anno de 1213. e sem aver poder de parte dos Catholicos, andarem os hereges poderosos de gente, e alianças. Com tudo o Santo porfiava, e prègava, rogando publicamente que naõ quizessem com a desesperaçaõ encurtar, ou antepárar a misericordia Divina: que sem falta, lhes affirmava, os viria consolar a tempo aquella Senhora, Virgem, e Mãy, cujos Rosarios rezavaõ, e traziaõ nas mãos, e sobre os peitos. A isto ajuntava lembranças das muitas, e grandes maravilhas, com que a mesma Senhora aly mesmo, e entre elles lhes tinha feito conhecer o muito que valia sua devaçaõ. Assi os hia entretendo, e aliviando em quanto tardava o prazo que no Ceo estava determinado ao cumprimento da profecia. Mas porque naõ he rezaõ ficarem em silencio os casos que o Santo lhes lembrava, diremos brevemente por honra da Virgem, e do seu Rosario alguns dos muitos que naquelle tempo succederaõ.

P. Frey Fernand. de Castilho l. 1. c. 34.

An-

Andava no campo Catholico hum fidalgo de Bretanha por nome Alano de Valcoloara, do qual se affirma, que todos os dias rezava o Rosario, despois que o Santo prègara, e insinara a devaçaõ. Achouse hum dia em huma escaramuça: era valente soldado: empenhouse demasiado cos enemigos, e quando menos cuidou, achouse cercado de muitos, e quasi desemparado dos seus. Naõ avia se naõ morrer. Aparecelhe nesta pressa a Senhora, poemse de sua parte. Quem seria contra ella? Começaõ subitamente a cayr pedras sobre os hereges com tanta furia que voltaraõ as costas com muitos mortos, e todos feridos, e mal tratados. E porque digamos tudo o que se escreve deste devoto: Aconteceolhe alguns annos despois da guerra acharse no mar em huma tormenta, e a paragem tal, que sem remedio hia o navio à costa sobre huma rocha talhada. Acudio elle ao seu Rosario, e acudiolhe a Senhora. Saltou subitamente o vento à terra, lançou o navio pera o mar, e salvouse. Conheceraõ os marinheiros o milagre, e reconheceoo elle tomando o habito de S. Domingos, tanto que poz os pès em terra.

Castilho ubi sup.

Saõ os perigos da alma tanto mais de temer que os do corpo, quanto ella val mais, e he mais nobre que elle. Mas tambem nelles acha a esta Senhora quem a busca: e como he Mãy, às vezes tambem quem a naõ busca. Quando succedeo o milagre dos papeis lançados no fogo que contamos, achouse entre os hereges que foraõ presentes hum muito principal em poder, e sangue. Este vendo o caso ficou enleado, e atonito, porque avia quinze annos que se naõ confessava. E caindo em huma profunda imaginaçaõ do que vira, e do estado em que estava, viose subitamente arrebatado por huma legiaõ inteira de Demonios, que o levaraõ ao inferno, e o poseraõ à vista do que padeciaõ os que este Sacramento Santo aborreceraõ na vida. E vio que cada hum dos tais tinha hum feyo dragaõ ferrado nas ilhargas, que enroscado polas costas lhe roya o coraçaõ em pago da dureza com que fogiraõ da confissaõ: e as dores que padeciaõ os faziaõ dar bramidos como bestas feras: dos olhos em lugar das lagrimas que ouveraõ de chorar de penitencia, lançavaõ labaredas de fogo, das bocas vomitavaõ podridaõ, veneno, e fedor: e parando o vomito pera naõ terem hora livre de tormento, lhes entravaõ por ellas lagartos, e bivoras. Era tudo tal, e taõ medonho, que sò da vista se sintio atormentado, e lhe parecia ser jà companheiro nas penas. Mas a misericordia Divina lhe deparava aly a Virgem do Rosario, cujas grandezas tinha algumas vezes ouvido ao P. S. Domingos, a qual via que em meyo desta affliçaõ lhe dava a maõ, e o livrava. Assi na primeira hora que pode, sem meter tempo em meyo, se foy ao Santo que o confessou, e pera cura perfeita lhe insinou a devaçaõ de quem lhe valera no trabalho: a qual tomou tanto a peito que de herege, e estragado se fez Capitaõ de Catholicos, e nas bandeiras trazia por devisa o Santo Rosario, que lhe deu dos hereges muitas vitorias, como lhe dera do inferno.

Castilho ubi sup.

Por differente via teve cura igual outro nobre Catholico. Era vicioso, e devasso em sensualidades, e tratava mal huma virtuosa femea sua mulher. Ella ardendo em ira, e rayva de ver que a desprezava por outras, andava em pensamentos de se perder, por se vingar do marido em materia que igualmente lhe doesse. Passando assi alguns dias aborrecida da vida, e do marido, e de sua propria honra, e alma: e naõ acabando de pòr em obra o que jà na vontade trazia executado: foy servido o Pay de misericordia representarlhe em sonhos as penas que no inferno padeciaõ os sensuais. Vio que jaziaõ em fornos ardendo, abraçados de serpentes, e liados dellas por toda parte: de sorte, que nem as podiaõ lançar de si, nem eraõ senhores de mover pè nem maõ. Sahiaõlhe polos olhos, boca, e narizes chamas de fogo horrendo de azulado, e negro, com huma respiraçaõ, e cheiro incomportavel como de Vulcanos que ardem nos minerais de enxofre: e a voltas do fogo vinhaõ huns borbulhoens de materias como de postemas podres, negras, e nogentas que lhes corriaõ, e cobriaõ os corpos de pès a cabeça, e passavaõ às entranhas, criando aly fragoa, donde tornavaõ a sobir em corrente perpetua. Nacia de tudo hum tormento desesperado nos tristes padecentes, e do tormento hum grito continuado que atroava o inferno. E sendo tal o martyrio, nem matava, (que fora genero de consolaçaõ) nem podia matar: e esta certeza de perpetuidade era causa de nova, e mayor pena. Entre estes fornos via hum vazio de condenado, mas naõ dos instrumentos dos outros, e foylhe dito que aquelle esperava por seu marido. A pobre senhora, que pudera alegrarse com a vingança, estava taõ assombrada do que via, que cheya de compaixaõ começou a fazer hum sentido pranto, que lhe tirou o sono, e a visaõ. Acordou banhada em lagrimas, mas consolada, e contente de naõ ter executado os danados propositos de que estivera persuadida. E como naõ podia perder da memoria o que vira, buscou logo a S. Domingos, deulhe conta de duas almas, e levou remedio pera ambas. E foy assi. Deulhe o Santo hum Rosario seu, mandoulhe que rezasse por elle, e de noite o posesse debaixo do travesseiro ao descomposto marido. Divino, e poderoso feitiço. Na primeira noite lhe cahio n'alma hum grande medo acompanhado de tamanha dòr de seus peccados, que a passou toda em lagrimas: na segunda se lhe representou que era chamado a juizo diante do tribunal Divino, com que espertou cheyo de novo terror, e sem poder tomar sono tudo foraõ sospiros, e pedir perdoens à molher atè pola manham. Finalmente foy Deos servido mostrarlhe outra visaõ do inferno semelhante à que contamos de sua molher, com que se resolveo em fazer nova vida. E em quanto lhe durou, foy grande pregoeiro do poder, e virtudes do santo Rosario.

Mas tornando a nossa Historia, e aos desconfiados Catholicos, era chegado o tempo em que o Senhor os queria consolar, e dar comprimento à pro-

fecia de seu servo; e pera que a victoria fosse toda sua, ordenou que succedesse no tempo que o partido Catholico estava mais desesperado, e passou desta maneira. Era por Setembro de 1213. Andavaõ os hereges senhores do campo: e o Conde de Monfort, repartidas as poucas gentes que tinha polas terras ganhadas, estava encerrado com poucos no Castello de Murel, praça forte sobre o rio Garona. Foraõ sobre elle os Condes hereges com tamanho poder que ameaçavaõ a toda França, naõ sò aos cercados. Levavaõ em seu favor a el Rey dom Pedro de Aragaõ acompanhado de hum exercito vitorioso, com que no anno atràs de 1212. se achara com el Rey de Castella na famosa batalha das Navas, em que ambos desbarataraõ, e mataraõ hum numero infinito de Mouros. Naõ avia no Castello mais de mil e oitocentos homens de armas, e os enemigos cobriaõ montes, e valles, affirmase que naõ eraõ menos de cem mil combatentes. Acompanhava S. Domingos aos cercados, e como outro Moyses negoceava com Deos por meyo de fervorosas oraçoens, e do santo Rosario, e muitas lagrimas, naõ sò o remedio do lugar, mas do Reyno de França inteiro, que entaõ pendia delle. Era gente escolhida, e valerosa a que o Conde de Monfort recolhera consigo: mas à vista de tanto enemigo naõ avia peito livre de temor. Sò o Santo alegre, e confiado propoem que assaltem os hereges confiados em sua multidaõ, e descuidados do perigo, e affirma que tanto dilataõ a vitoria, quanto tardaõ em os acometer. Foy conselho que se armassem todos das armas santas dos Sacramentos da confissaõ, e sagrada communhaõ. Assi animados, abrem as portas, poemse o Santo na dianteira com o sagrado guiaõ de Christo crucificado nas mãos. Arremeteo aquelle pequeno esquadraõ aos enemigos com hum torvaõ de alarida. Naõ se pode escrever qual foy o encontro, nem qual a resistencia, como venceraõ taõ poucos, como foraõ vencidos tantos: veyo a vitoria do Ceo, donde estava prometida às lagrimas do servo de Deos: assi ficou desfeito aquelle grande exercito em hum momento, como o outro de Senacherib, ao parecer mais por obra de Anjos, que por mãos de homens, e alagando com sangue os campos que dantes cubria com corpos, e armas, e he cousa certa, que foraõ mortos vinte mil homens, naõ faltando dos vencedores mais que sete ou oito. E porque se comprisse em todo a profecia do Santo, e a vitoria mais gloriosa fosse, ficou morto no campo el Rey dom Pedro, desgraça digna da companhia que tomou, naõ de seu valor. Rendeo a vitoria a S. Domingos celebrarse seu nome com novos titulos, alem de Santo, de Profeta, de milagroso, e amado de Deos. Bem sey que se escreve differentemente por alguns este successo, dizendo que ficou o Santo posto em oraçaõ com huns Prelados, que avia no Castello. Mas naõ he de crer que acompanhando elle os exercitos grandes em escaramuças, e recontros de menos conta, desemparasse este pequeno esquadraõ em perigo taõ manifesto, e taõ ne-

1213.

4. Reg. 19.

neceſſitado de ſua preſença. E notouſe nelle mais ao claro, o que jà em outros recontros tinhaõ os homens viſto, que ſendo o Santo nos acometimentos o dianteiro, nem em ſua peſſoa, nem na figura do ſanto Crucifixo, tòcou nunca lança, nem ſeta, nem outro tiro, ficando pera inteira confirmaçaõ do milagre a haſte em que hia arvorado, creſpa de muytas ſetas que a pregaraõ. Eſte Crucifixo por memoria do ſucceſſo ſe guarda, e moſtra oje no noſſo Convento de Toloſa. E pola meſma conta devia dar o conſentimento comum a noſſo Padre hum Crucifixo por deviſa que todos os pintores lhe poem nas mãos: e della uſaõ os Meſtres geraes da noſſa Ordem no ſello grande de ſeu cargo. E he o coſtume taõ antigo, que no Capitulo que ſe fez em Bolonha no anno de 1240. ſe decretou particular ordenaçaõ, que nenhum outro religioſo a trouxeſſe em ſinete.

Suſato na vida de Fr. Bereng. 13. M. Geral.

Rendeo a meſma vitoria aos Catholicos correrem logo, e ſenhorearem toda a terra, ſem aver quem lhes fizeſſe roſto, caſtigaraõſe muitos herejes, ganharaõſe todas as forças que eſtavaõ por elles, e o que mais importou, reduziraõſe infinitas almas ao gremio da Igreja. E he couſa averiguada que foraõ poucas menos de cem mil as que converteo no tempo que duraraõ eſtas alteraçoens a diligencia, e prègaçaõ, e vida de S. Domingos, ſegundo conſtou polos autos que pera ſua canonizaçaõ ſe proceſſaraõ. Apaziguada a terra, começaraõ a crecer os bens, e fruitos da paz, com augmentos de religiaõ, e quietaçaõ de corpos, e almas. Gozavaos o Santo recolhido em Toloſa com ſeus companheiros. Viviaõ juntos, e em communidade em humas caſas que lhe dera hum delles chamado Pedro Cellan. Aqui os exercitava em ſilencio, e recolhimento, jejuns, vigilias, oraçaõ, e contemplaçaõ: enſayandoos com ſeu exemplo nos trabalhos da Religiaõ, e vida nova que em ſeu animo traçava, vida nunca ocioſa, nunca deſcançada, activa na neceſſidade, contemplativa no ocio.

Fr. Fernando de Caſtilho Hiſt. de S. Dom. p. 1. l. 1. c. 15.

CAPITULO VII.

Dà S. Domingos principio à ſagrada Ordem dos Prègadores. Pede confirmaçaõ ao Pontifice: alcançaa verbal, e condicional. Funda em Toloſa o primeiro Convento. Faz renunciaçaõ de rendas, e fazenda. Torna a Roma em demanda da Confirmaçaõ: Contaõſe humas viſoens que ay teve.

AQuelle Senhor que tudo diſpoem ſuavemente, e em ſuas promeſſas nunca fez falta, querendo acudir à que em beneficio do mundo tinha feito a ſeu Servo Domingos por meyo da glorioſa Virgem Mãy, e Eſpoſa ſua, como a tràs fica contado, foy ſervido darlhe comprimento pelos termos, e modos que agora diremos. Tinha o Padre S. Domingos dezaſeis companheiros bem provados todos nos trabalhos deſtes annos, e no exercicio da prègaçaõ, e ſerviço da Inquiſiçaõ em que o tinhaõ ajudado muito. Porque alguns eraõ bons letrados, e todos de grande virtude, e eſpirito.

rito. Avia outros muitos sojeitos que desejavaõ seguillo. Pareceolhe tempo de manifestar ao mundo, e pòr em effeito o que de longe trazia imaginado, que era fundar huma Ordem, que fosse seminario permanecente de gente apostada a encontrar hereges, e heregias, e ser escudo, e defensa da verdadeira doutrina: officio em que jà avia muitos dias elle, e os seus andavaõ exercitados. Deu conta do desenho a seus grandes amigos o Bispo Fulcon de Tolosa, e o Conde de Monfort. Ambos louvaraõ a empreza, e às palavras ajuntaraõ obras; entendendo que pera se empregar com todo cuidado no espiritual, de que taõ bons effeitos tinhaõ visto, convinha ser fomentado com ajudas temporaes, cada hum lhe fez sua doaçaõ. Deulhe o Conde o senhorio temporal de huma boa Villa chamada Fanjous. O Bispo, todas as rendas da Igreja de Santa Maria da mesma Villa de Fanjous, a que ajuntou outras Igrejas, e a sexta parte dos dizimos de todo seu Bispado, com consentimento da Clerisia, que era tudo cousa muy grossa.

M. Fr. Jurdaõ c. 20. M. Fr. Bernar. Guido tit. Das Freiras de Prulliano. Castilho p. 1. l. 1. c. 15.

Publicou neste tempo por toda a Christandade de parte do Summo Pontifice Innocencio III. convocaçaõ geral de Prelados pera Concilio universal, que veyo a celebrar por Novembro do anno de 1215. em Roma na Igreja de S. Joaõ de Lateraõ. Foyse S. Domingos a elle em companhia do Bispo de Tolosa, naõ duvidando com tal testemunha de seus trabalhos pedir, e alcançar approvaçaõ, e confirmaçaõ de sua Ordem. Mas sendo bem visto do Papa, e de toda a Corte Romana, por nenhum caso foy admittido o requerimento: antes sahio particular decreto do Concilio, que se naõ consintissem Religioens novas. Parece que foy ordem da Divina providencia pera mayor honra desta Religiaõ, e pera que ficasse publico, e notorio no mundo, que naõ tevera seu principio nelle, senaõ no Ceo, e como tal era necessaria na Igreja Catholica. Acodia S. Domingos a Palacio de dia requerendo aos homens, gastava despois as noites inteiras clamando a Deos com oraçaõ, e lagrimas. Corria o tempo, perseverava o Santo constantemente em sua pretençaõ, e requerimento, e durava igualmente a contradiçaõ: quando amanhecendo hum dia em Palacio, lhe foy dito que era buscado de mandado do Papa; o qual vendoo lhe mandou, que logo se tornasse a seus companheiros, e com elles deliberasse na escolha de huma das regras approvadas pola Igreja, e com isso lhe faria a graça da confirmaçaõ de sua Ordem. Fez geral espanto em toda a Corte mudança taõ subita no Santo Pontifice. Mas muito mais admirou a rezaõ della. E foy que na mesma noite começando a repousar afadigado do peso, e cuidados de seu governo, representouselhe que via o templo famoso de S. Joaõ de Latraõ taõ inclinado, e pendente sobre hum lado, que ao parecer se vinha sem remedio ao chaõ: logo notava que hum homem vestido de mursa, e roxete se chegava ao edificio, e pondolhe as mãos o sustentava, e livrava de ruina. Vigiava o espirito, se bem os sentidos estavaõ adormecidos:

1215.

Cap. 13. Ne nimia Religionum diversitas, &c.

S. Ant. 3. p. t. 19. c. 3. & t. 23. c. 4. §. 3.

mecidos: conheceo o homem, e lembrouse do requerimento, e ficou entendendo despois de acordado, que naõ era sonho, senaõ advertencia do Ceo o que vira, do que devia fazer. Assi defirio logo com gosto, ao que dantes resistia com aspereza. Encomendoulhe de novo o officio da prègaçaõ, e Inquisiçaõ, mandando escrever em huma instrucçaõ das cousas que lhe encarregava o titulo jà outra vez dado, como affirmaõ muytos, ao Mestre Frey Domingos, e aos irmãos Prègadores.

Petrus Matth. Vilheg. Fr. Sebast. Olmedo. Fr. Step. de Seña-lac. tract. 2.

Naõ tardou o Santo em tornar pera os seus. Juntouos na Igreja de Prulliano: deulhes conta do despacho que trazia, e do que convinha resolver. Assentaraõ em tomar a regra do Padre S. Agostinho com as constituiçoens, e cerimonias pela mor parte da Ordem de Premonstrel (he esta Ordem filha da de S. Agostinho, dos Conegos regulares, foy fundador S. Nortberto Bispo Magdeburgense.) Naõ ignoro que Dionysio Carthusiano varaõ gravissimo quer que da Cartuxa tomasse S. Domingos estatutos, e habito: e o mesmo affirma dom Theodoro Petreyo nas notas que fez à Cronica Cartuziense. Mas no que tenho dito conformaõ todos os nossos, seguindo ao Mestre Frey Humberto de Romanis, que assi o escreve, e alcançou ao Padre S. Domingos, e foy Geral da Ordem aos trinta e tres annos despois de sua morte. Como quem jà tinha consentimento, e confirmaçaõ da boca do Summo Pontifice, começou tambem a pòr mãos no edificio do primeiro Convento. Deralhe o Bispo Fulcon a Igreja de S. Romaõ em Tolosa, por occasiaõ de humas casas nobres a ella vizinhas, de que lhe tinha feito doaçaõ Ramon Vidal, e sua molher Brunequildes. Aqui armou o Convento com pouca despeza, juntando casas, e Igreja. E passouse logo a elle, deixando as casas de Pedro Cellan. Eraõ as cellas de tal feitio que quasi arremedavaõ sepulturas em comprimento, e largura. Entenderseà a medida, do que ao diante veremos, que succedeo ao Santo em Bolonha: dentro hum feixe de vides, ou hum tessido de verga pera cama: e huma pequena banca pera meza de livros, e estudo, e naõ avia lugar para mais. Dividiaõse com a grossura de huma taboa. O corredor do dormitorio muito estreito, as cellas sem fecho, nem porta pera se fechar. A tal fabrica quiz que respondesse a sustentaçaõ. Pareceolhe que, pois tomavaõ à sua conta exercitar o officio dos Santos Apostolos, a quem Christo mandou que o fizessem sem alforge, deviaõ viver sobre a terra ao uso dos mesmos Apostolos, sem possuirem cousa nenhuma nella. E logo fez renunciaçaõ, e trespasso no Mosteiro, e Freiras de Prulliano de todas as rendas que tinhaõ.

In opusc. Dionys. Cart. ar. 8. de præcon. lau. Ord. Carthusiens. D. Theodor. Petreio super l. 9. c. 14.

Compostas assi estas cousas, era passado muito adiante o anno de 1216. pozse de novo em caminho pera Roma a tirar as letras de confirmaçaõ. Achou defunto o Papa Innocencio, e a seu successor Honorio Terceiro occupado em negocios gravissimos, parte com aprestar hum grosso exercito que mandava pera a Terra Santa: parte com o recebimento do Emperador de Con-

1216.

Conſtantinopla Pedro Altiſidiorenſe, que com a Emperatriz ſua molher ſe vinha coroar de ſua maõ em Roma. Naõ fazia o Papa Honorio duvida na materia, mas os muitos negocios interpunhaõ cauſas de dilaçaõ. Affligiaſe o Santo: e o Senhor benigniſſimo eſtimando a affliçaõ, de que era cauſa, tinha cuydado entre tanto de o conſolar com viſoens Celeſtiaes. E foy huma, moſtrarſelhe Chriſto com tres lanças na maõ, em acto, e poſtura, ao que parecia, de vingar com ellas os peccados do mundo, com os tres açoutes mais temidos nelle. Logo via a Virgem Mãy ajoelharſe com entranhas de piedade diante do Filho irado, e pedirlhe miſericordia, offerecendoſe por fiadora de huma nova, e grande reformaçaõ em toda a terra, por meyo de dous devotos ſervos ſeus que nella tinha: os quaes lhe moſtrava ſinalandoo a elle, e a outro homem que naõ conheceo, envolto num capote de ſaco, pès deſcalços, roſto infiado, e desfeito. E notava que o Senhor ſe deixava vencer dos rogos, e promeſſas, e ficava aplacado. Foy grande a conſolaçaõ, e confiança com que ficou de ſeus negocios: mas grande tambem o deſejo de conhecer, e venerar hum tal companheyro. E naõ paſſaraõ muitos dias que encontrou S. Franciſco na Igreja de S. Pedro, e ſegundo lhe ficara impreſſa na memoria a viſaõ paſſada, naõ duvidou na peſſoa, nem em ſe lançar a ſeus pès. Abraçaraõſe, trataraõſe como amigos, e prometeraõſe fiel companhia para toda a vida, e que, ainda que fundavaõ Ordens differentes em leys, cerimonias, e trajo, foſſem ambas huma sò nos animos dos ſucceſſores que nellas profeſſaſſem (e creyo eu que naõ ſerà verdadeiro filho deſtes Santos, quem de taõ antigo trato, e contrato ſe eſquecer.) Deſta viſaõ teveraõ noticia os noſſos Frades por relaçaõ do Padre S. Franciſco, a quem sò a contou o Padre S. Domingos. Aſſi o deixou eſcrito o famoſo Croniſta Franciſcano, e Portugues Frey Marcos de Lixboa Biſpo do Porto.

Na Cronic. dos Men. p. 1. l. 1. c. 46.

Chegavaſe o fim do anno, e naõ chegava o effeito dos deſejos do Santo. Era grande a mortificaçaõ que ſintia, e o que acrecentava com ella de merecimento pera com Deos, feito como outro Daniel, hum varaõ de deſejos. Alegrouo o Senhor de novo com outra viſaõ. Ficouſe huma noite em oraçaõ na Igreja de S. Pedro em Vaticano diante das ſagradas reliquias dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, regava aquellas lageas com vivas lagrimas. Eis que lhe aparecem ambos, e falando com elle mandaõlhe de parte de Deos, que pregue ſua fé polo mundo por ſi, e por ſeus companheiros, e em penhor de tal mandato offerecelhe cada hum delles ſua dadiva (dadiva honroſa, e em que podemos fundar os Religioſos deſta Ordem grande certeza de miſericordias do Ceo, mas tambem huma perpetua lembrança de grandes obrigaçoens noſſas) S. Pedro lhe deu hum bordaõ, S. Paulo hum livro.

Dan. 9.

CA-

CAPITULO VIII.

Alcança S. Domingos em Roma letras Apostolicas de confirmaçaõ de sua Ordem, com titulo de Ordem dos Prègadores. Torna a França, faz eleiçaõ de Prelado entre os seus, e mandaos a prègar por varias partes.

EM fim foy despachada a confirmaçaõ da Ordem de S. Domingos polo Summo Pontifice Honorio III. com assistencia de dezoito Cardeaes em 22. dias do mez de Dezembro, anno da Redençaõ do genero humano 1216. Começa o Breve que della se passou: *Honorio Bispo servo dos servos de Deos ao amado Frey Domingos Prior de S. Romaõ de Tolosa, &c.* E o titulo foy: *Letras de confirmaçaõ da Ordem dos Frades Prègadores.* E daqui naceo, que dando o tempo, e occasioens delle varios titulos a esta Ordem, e todos bem honrosos, como era chamaremnos em humas partes Frades de Nossa Senhora, porque della recebemos o habito, e outros particulares favores, como adiante o contarà a Historia. Em outras partes Frades da Ordem da verdade, pola constancia, com que ella se oppoz sempre à falsidade das heregias em serviço, e defensaõ da verdadeira fé. Com tudo no Capitulo Geral celebrado em Paris anno 1256. se fez particular decreto, em que se mandou que doutro nome naõ usassemos, salvo deste, em que Honorio nos confirmou aqui, e que Innocencio seu antecessor nos tinha dado dantes. Diz o decreto: *Fratres nostri vocentur Fratres Prædicatores, & non alijs nominibus.*

22. de Dezemb. 1216.

S. Ant. 3. p. t. 23. c. 3. §. 1. M. Fr. Ant. de Scena na sua Cron. fol. 27. O mesmo Fr. Ant. de Sena f. 25. & 179.

Naõ se deteve o Santo mais em Roma. Chegado a Tolosa ao seu Convento abrio os braços a receber noviços, e os pensamentos, e determinaçaõ a espalhar polo mundo esses poucos companheiros antigos de que jà tinha experiencia. Do numero delles falaõ variamente os Autores. Os mais concordaõ que foraõ dezaseis. A saber, sete Francesses, Matheus, Estevaõ de Metz de Lorena, Beltraõ de Garriga, Guilherme Clarete, Pedro, e Thomas Cellan irmãos, Natal. Destes aviaõ sido Priores de Igrejas Collegiadas, homens maduros, e bons letrados os dous primeiros Matheus, e Estevaõ. Outros sete Espanhoes, Manes, ou Mamerto irmaõ inteyro de nosso Padre S. Domingos, Miguel de Vzzero, Domingos Espanhol o pequeno, ou polo ser de corpo, ou por differença de seu Mestre, Joaõ de Navarra que alguns querem que fosse Lombardo, e se chamasse de Vanaria, naõ de Navarra, Pedro de Madin, Miguel de Espanha, por outro nome de Fabra: e Sueyro Gomez, que sendo sabidamente Portuguez nenhum Autor antigo nem moderno lhe sinalla patria. Eraõ mais hum Lourenço Ingres, e hum Leigo que huns chamaõ Othorio, outros Odorico Normando. Como eraõ taõ poucos foy forte a contradiçaõ que o Santo achou nos mayores amigos, a quem por rezaõ, e cortesia deu conta do desenho. Sempre foy ordinario encontrar o mundo os movimentos Divinos. Naõ sofria o Bispo Fulcon averse de dividir por outras terras aquella pequena esquadra de prègadores, quando a seu parecer

cer sò a sua os avia mister todos. Desta opiniaõ era o Conde Simaõ, e todas as pessoas de autoridade com quem communicava. Porem elle se armou sò contra todos, e obrigado do titulo recebido do Papa, do instincto do Ceo, e do mandato dos Apostolos affirmava constantemente, que esses grãos de mostarda taõ poucos, e taõ pequenos que queria semear, e derramar polo mundo, aviaõ de dar arvores que o cobrissem todo. E sem mudar hum ponto de seu proposito foy acabando de compor a casa de S. Romaõ em perfeiçaõ de Mosteyro, vestio os companheyros de mursas, e sobrepellizes como elle usava: e logo mandoulhes que elegessem entre si Prelado que o fosse de todos, e do Convento em que estavaõ. Porque na peregrinaçaõ, que imaginava, naõ queria que sua pessoa ficasse de fòra, antes pretendia tomar pera si a parte mais difficultosa (exemplo digno de ser imitado de todos os que mandaõ.) Affirmaõ alguns Escritores, que foy sua tençaõ neste passo entrar por terra de Mouros a prègar a fè inflammado em esperanças de ser Martyr por Christo, e com tal presupposto tinha deixado crescer a barba. Sahio canonicamente eleito (e foy a primeira eleiçaõ desta Ordem) Frey Matheus, homem de boas letras, e idade crecida, como atràs apontamos, e fora Prior, antes de seguir a S. Domingos, da Igreja collegiada de S. Vicente de Castras. Chamouse por entaõ Abbade, e foy o primeiro, e ultimo Prelado deste titulo na Ordem. Porque logo tras elle se foraõ chamando Priores. Esta eleiçaõ por ser a primeira quiz S. Domingos que se fizesse no Mosteyro de Prulliano em dia fermoso, que foy o da gloriosa Assumpçaõ de nossa Senhora em 15. de Agosto de 1217.

1217.

Logo passado dia de N. P. Santo Agostinho, deu principio a determinada sementeira divina na forma seguinte. Despachou sete companheiros à grande cidade de Paris cabeça de França, huns pera prègarem, outros pera estudarem. Mandou hum pera as terras vizinhas de Limoges, e quatro pera Espanha, finalandolhes os Reynos em que cada hum avia de assistir. Mas porque esta Historia he sò do que toca ao Reyno de Portugal, visto como todas as outras provincias tem seus Escritores, deixaremos o muyto que fizeraõ, e trabalharaõ, e fructificaraõ os que foraõ a França, pera que o digaõ com melhor estilo seus naturais; e trataremos sòmente dos quatro a quem coube Espanha. Aos quais seguiremos em quanto forem companheiros, e em quanto delles se naõ dividir o que desta Religiaõ foy Apostolo de Portugal. Tanto que se apartarem, seguiremos este somente, desobrigandonos dos mais, porque o resto de Espanha tem tambem seus Cronistas particulares, que nos escusaõ o trabalho de dar noticia delles. Eraõ todos os quatro Espanhoes. E os nomes pela ordem, e formalidade que os mais dos Autores guardaõ em os contar, eraõ Frey Gomes, Fr. Miguel de Vzero, Frey Pedro de Madin, que alguns chamaõ Frey Pedro de Madrid pola semelhança do nome, e Frey Domingos o pequeno. Naõ os tomou de subi-

to, nem desapercebidos esta obediencia: muitas vezes os tinha o Santo prevenido, e avisado de sua determinaçaõ, e do que pretendia, e esperava delles: e taõ mestres os tinha feito nas regras da verdadeira resignaçaõ, que nem os que ficaraõ se alegraraõ por ficarem em repouso, nem os inviados se sintiraõ vendose obrigados a novo genero de vida, e a averem de aparecer entre parentes, e amigos em trajo pobre, e grosseiro, caminhando a pè, e sustentando a vida com hum pedaço de paõ comprado com a vergonha de o pedir de porta em porta. Assi se dividiraõ sem alteraçaõ de parte a parte, exceito aquella que era rezaõ causasse em gente unida em Christo o apartamento de tal pay, e tais irmãos; que de força avia de arrancar lagrimas significadoras do amor que os liava: e naõ deviaõ ser poucas as do pay, que a todos tinha na alma. Porem sendo as lagrimas ordinario testemunho de tristeza, aqui naõ avia senaõ jubilos de alegria. Porque os filhos, como bons soldados, que confiados no valor, e bom juizo do Capitaõ, basta poremlhe os olhos no rosto pera correrem ao perigo, como a vitoria certa, hiaõ cheyos de alvoroço pera se verem a braços com os trabalhos. E tal ficava o pay, a quem o espirito fazia crer que naõ devia esperar menos daquelles filhos, que em Christo gerara, e em serviço do mesmo Christo, e com sua bençaõ largava de seu bafo, do que espera o lavrador sisudo, quando atrevidamente despeja o cileyro, e lança à terra a melhor parte do trigo mais grado, e mais limpo, que lhe tem custado gotas de sangue. Dos colloquios desta despedida, que deviaõ ser cheyos de fogo do Ceo, e parece està pedindo a curiosidade de quem lè, saber quaes foraõ, nem os escritores antigos nos deixaraõ lembrança, nem a humildade de filho, e frieza de espirito, e brevidade prometida nos consente fazer juizo, pera se quer pola obrigaçaõ de historiador darmos alguma noticia delles. Partidos, que foraõ começou tambem o Santo sua peregrinaçaõ co rosto por entaõ em Italia, e Roma, onde o deixaremos hum espaço, por seguirmos os quatro companheyros, que faziaõ seu caminho Apostolicamente, e com boa diligencia pera as terras de seu nacimento. Naõ especificaõ os escritores que lugares demandaràõ primeiro, nem onde se apartaraõ, nem onde fizeraõ assento. Mas colligindo a obra polo successo, entraraõ por Catalunha, prègaraõ em Barcelona, e successivamente em C,aragoça, e passaraõ a Madrid, e em todos estes lugares fizeraõ fruito favorecidos de Deos, e ajudados dos homens, como a diante se tocarà. Sò Frey Gomes estendeo mais sua jornada, e passou ao Reyno de Portugal.

CAPITULO IX.

Entra Frey Gomes em Portugal. Dàse conta de quem era em nome, patria, e calidades.

ERa entrado o inverno deste anno, em que vamos correndo de 1217. quando Frey Gomes entrou por terras de Portugal. E podemos bem dizer que com sua

1217.

ſua chegada anticipou o veraõ neſte Reyno polos effeitos que della ſeguiraõ. Mas antes de paſſarmos a diante, parece rezaõ darmos noticia de quem era por naçaõ, e geraçaõ. He de ſaber, que os autores antigos, de cujos eſcritos pola mor parte colhemos, e vamos tecendo eſta Hiſtoria, todos ſem exceituar nenhum, ſaõ eſtrangeiros de Eſpanha, huns Franceſes, outros Italianos, e doutras naçoens, os quais eſcrevendo a vida, e feitos de Noſſo P. S. Domingos ſaõ deminutos, e faltos ſobre maneyra nas couſas que tocaõ a Eſpanha. E naõ faltaõ malicioſos, que o daõ por vicio de animo em alguns, porque fazem juizo das hiſtorias antigas pelo que achaõ nas modernas, eſcritas na idade de noſſos pays, e noſſa: mas he agravo, que ſe faz a ſingeleza, e bondade dos antigos, em quem ſe naõ pode dar mais culpa, que pouco cuydado, e falta de informaçoens. A eſta falta atribuimos a pouca noticia que nos daõ dos principios deſta Ordem nas terras de Eſpanha, e de quem a veyo prantar nellas. E como as mais das naçoens, a uſo dos antigos Gregos, tem por barbara toda a gente que vive fora das rayas de ſuas provincias, cometem outro erro intoleravel no que eſcrevem dos Eſpanhoes, que por latinizarem os nomes dos homens, rios, e lugares, humas vezes os eſtendem, outras os encurtaõ, e abreviaõ, e em fim os corrompem de ſorte que ficaõ quaſi inintelligiveis atè pera os naturaes. Quem lè as Hiſtorias me eſcuſarà de apontar mais exemplos que o que temos preſente no noſſo Frey Gomes, que ſendo do ſeu nome verdadeiro Frey Sueyro Gomes, huns lhe chamaõ Gomecio, outros Gnomenicio, e os que menos erraõ Frey Gomes, deixando o nome proprio polo patronimico. Mas o de que mais me queixo he, que ſendo Portuguez taõ maniſeſtamente, que pera todo bom juizo he materia ſem duvida, naõ ha nenhum dos antigos que o diga: e os eſcritores modernos, e vizinhos noſſos, que ſaõ os de Caſtella, e Aragaõ, conhecendo, como de força devem conhecer, e reconhecer que eſte nome, Sueyro Gomez, aſſi junto naõ no ouve nunca dos montes Pireneos pera fora, com tudo naõ lhe daõ terra nem nacimento, dandoo a todos os mais companheiros de noſſo Padre, (tiramos deſte numero sò o ſenhor Biſpo de Monopoli, que na ſua quinta Centuria, que agora ultimamente compoz, o faz Portuguez.) E o pior he, que naõ sò lhe negaõ o nome de Portuguez, mas nem Eſpanhol o fazem. Donde nace avermonos por obrigados a deſcubrir com hum breve diſcurſo a verdade de quem era: que ſendo, como he, pera Portugal de grande gloria, naõ renderà menos luſtre a todo o reſto de Eſpanha; que aſſi como o inſtituidor da Ordem Saõ Domingos naceo em Caſtella, ſeja nado, e criado dentro de Eſpanha, e em Portugal quem a prègou, e fundou, e mais dilatou por toda ella, que foy o noſſo Frey Sueyro Gomez.

Cent. 5. l. 2. c. 32.

He pois couſa certa, que entre os eſtrangeiros, a ſaber Franceſes, Italianos, e Alemaens, e quaſi todas as outras naçoens, paſſa em coſtume ordinario

nario nomearemse os homens polos nomes patronimicos, quero dizer sobrenomes, ou apellidos de pays ou familias, deixando os proprios que dizemos nomes da pia, como por exemplo, a S. Joaõ Chrysostomo chamaõ S. Chrysostomo, a S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Telmo, a S. Joaõ Boaventura, S. Boaventura. E isto às vezes he causa de grandes perplexidades nas Historias, como mostraremos em algumas de Espanha. Porque sendo assi que o Arcebispo dom Rodrigo escritor Espanhol antiquissimo, e de muito credito, chama Inhigo ao Capitaõ geral que el Rey dom Rodrigo ultimo dos Godos nomeou pera resistir aos Mouros, quando conquistaraõ Espanha, Razzis Mouro, e Cronista dos mesmos lhe dà nome de Sancho. Por onde ficava em duvida, e risco a verdade, se nos naõ acudira Luis del marmol que os concerta, referido por hum bom autor moderno, e diz que se chamava Inhigo Sanches, servindose o Christaõ do nome proprio, e o Mouro sò do patronimico. Isto mesmo se nos offerece em Frey Sueyro Gomez. Porque dos estranhos huns lhe chamaõ Gomecio, outros Suerio, e dos Espanhoes o P. Frey Fernando de Castilho huma vez o nomea por Frey Gomes, outra por Frey Sueyro. E o Santo Frey Raymundo, que foy seu subdito, como veremos adiante, lhe chama Gomecio, chamandolhe dom Lucas Bispo de Tuy, que foy seu contemporaneo, Suerio. E na verdade tinha ambos os nomes, como se collige destes Autores, e da rezaõ dos tempos, e mais claramente de huma letra do livro antiquissimo dos Obitos, e Noas do real Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, onde era costume lançaremse os nomes das pessoas de conta que faleciaõ, e diz assi: *Sexto Calendas Maij obijt Suerius Gometij quondam Prior Prædicatorum.* E he o primeiro Frade desta Ordem que no livro anda, avendo ao diante outros, e outras conjeituras na calidade, e antiguidade do livro, e da casa, que provaõ bastantemente ser este o que dizemos.

Dom Rodrigo Arcebispo l. 3. c. 18.

Razzis Mouro na Hist. de Espanha.

Luys del marmol. p. 1. l. 2. c. 10. Fr. Bern. de Brito Monar. Lus. p. 2. l. 7. c. 2.

Casti. p. 3. l. 1. c. 25. Idem. p. 1. l. 2. c. 1.

Lib. dos Obitos de S. Vicente de Lisb.

Que este nome assi junto seja Portuguez, naõ de outra Provincia, nem fora de Espanha, nem de dentro della, senaõ de Portugal, mostralloemos logo. Primeiramente o naõ ser Francez, nem Italiano, nem doutra terra mais alongada, o mesmo nome o declara sem mais prova. Porque, ainda que as Historias nos offerecem na Noruegia, ou Noruega hum Rey do nome Suero, que faleceo em Bergas anno de 1203. e homens particulares chamados Suenos, que trazem pouca differença (nomes que podiaõ passar a Espanha com os Godos, e outros moradores do Norte que a ella vieraõ) com tudo a junta de Gomes nos tira a duvida. Sò fica pera discutir se seria de outra Provincia dos Pireneos pera dentro, que naõ fosse Portugal. E pera naõ ser Aragonez, Catalaõ, Valenciano, ou Navarro, basta que pera a Coroa de Aragaõ, e Reyno de Navarra he o nome totalmente estranho. Porque ainda que me possaõ dar nella algum Gomes (e muitos Gemes que todavia fazem differença grande) naõ ha nenhum Sueyro. Que naõ seja Castelhano mostrase com grande evidencia.

cia. Porque ſendo, como foy, primeiro Provincial de Eſpanha, e nomeado por S. Domingos, como peſſoa de excellentes virtudes, e por tal eſtimado del Rey dom Fernando o Santo de Caſtella, e dos Reys de Aragaõ, e Portugal, como veremos ao diante; naõ ſe pode duvidar que, ſe fora Caſtelhano, ou Aragonèz, Catalaõ, Valenciano, ou Navarro, ſe faltara (como faltou) quem o diſſera entre os antigos, que aos mais companheiros de N. Padre deraõ patria, e nacimento, naõ faltara entre os eſcritores modernos Caſtelhanos, e Aragonezes: dos quais he bem de crèr que naõ quereria tirar eſta honra a ſuas Provincias mormente tendo pera iſſo, e achando como de caſa hum taõ efficaz, e forçoſo fundamento, como he a formalidade do nome, pera o poderem polo menos naturalizar em Caſtella, onde naõ faltaõ inda oje alguns Gomes, e Sueyros, ſe ao nome ſe ajuntara qualquer outra leve congruencia. Donde ſe infere com certeza, naõ sò probabilidade, que ſendo, como he, o nome de Frey Sueyro Gomez meramente Eſpanhol, e naõ o podendo fazer ſeu Aragaõ, Catalunha, Valença nem Navarra, nem ſe atrevendo a tomarnolo Caſtella, com quem contamos o reyno de Leaõ, e Galiza, naõ lhe podemos dar outra terra, donde ſeja natural, ſe naõ he Portugal.

E naõ obſta poderſe dizer, que pois nenhum dos Autores antigos nem modernos o faz Eſpanhol, conſeguintemente fica provado naõ ſer Portuguez, viſta principalmente a particularidade com que nomeaõ todos os que tinhaõ por Eſpanhoes na companhia de S. Domingos. Porque antes eſta rezaõ tacitamente faz em noſſo favor, ſe bem nas aparencias nos encontra. E digo que faz em noſſo favor, porque deſpois que paſſaraõ aquelles antigos pays da Hiſtoria Gregos, e Romanos, gente conſumada nas artes neceſſarias pera bem eſcrever: em quaſi todos, os que apos elles ſeguiraõ, faltou aquella puntualidade, e rigor de falar com propriedade em muitas couſas, e com verdadeiro conhecimento da Geografia, e Topografia. Aſſi acharemos nos mais que eſcrevem em vulgar, quando trataõ de Portugal, e do reſto de Eſpanha: que aſſi falaõ em Portugueſes como ſe foraõ gente, e provincia de França, ou Alemanha, e naõ comprendida nos limites de Eſpanha dizendo; *Juntòſe el armada de Portugal con la de Eſpanha.* Ou dizendo: *Quatro ſoldados Portugueſes y ſeis Eſpañoles.* A eſte modo fala Santo Antonino na vida de noſſo Padre. He Italiano, e eſcreve em lingoa Latina. Quando trata dos Moſteiros de Eſpanha diz; *In Hiſpania vnum Monaſterium Monialium, in Caſtella alterum, quod eſt Calarogæ, in Portugallia vnum.* E como aſſi ſeja qnando os Autores eſtranhos naõ fazem Eſpanhol a Frey Sueiro, nem por iſſo lhe tiraõ poder ſer Portuguez. E haſe de entender, que naõ chegando a ſua noticia ſer Portuguez, todavia alcançaraõ naõ ſer das meſmas terras donde eraõ naturais os mais companheiros que por Eſpanhoes apontaõ. De ſorte que no ſeu modo de falar podia ſer Portuguez pera nos, e naõ ſer Eſpanhol pera elles.

P. 3. t. 23. c. 13.

Mas

Mas se alguem me perguntar, porque me afadigo em provar o que ninguem me nega, nem pode negar, respondo com duas razões. Primeira, por me parecer que se naõ podem salvar de culpa os que escrevem desta ordem dentro dos limites de Espanha, pois sendo sabida, e irrefragavelmente da mesma terra o nome de Sueyro: e sendo grande gloria pera Espanha saberse que foy natural della o primeiro homem que lhe trouxe a pranta de huma Ordem que tanto a tem honrado, e que foy primeiro Provincial, e Pay seu; antes quizeraõ privarse dessa honra, dissimulando seu nacimento, que declarandoo confessallo por Portuguez. A segunda rezaõ he, que como nos fazemos autores de opiniaõ que por si naõ tem outro, e a alma da historia he a verdade, e certeza do que se escreve, convem por honra do officio, que indignamente nos poseraõ às costas, corroboralla de sorte, que fique livre de todo escrupulo, naõ sò de duvida, ainda que ninguem nos encontre nem contradiga. E por tanto diremos mais alguma cousa em confirmaçaõ della no Capitulo seguinte.

CAPITULO X.

Confirmase a verdade de Frey Sueyro Gomes ser Portuguez: com algumas rezoens, com as quaes se descobre que tambem era nobre, e letrado.

A Calidade do nome prova com grande evidencia em Frey Sueyro a natureza de Portugal. Porque era taõ corrente, e costumado neste Reyno o nome de Sueyro, polos annos em que levamos esta Historia, como oje he o de Antonio em Lisboa, e o de Gonçalo em entre Douro, e minho. E naõ duvidarà disto quem lèr o livro das linhagens antigas, composto polo Conde dom Pedro filho del Rey dom Dinis: no qual encontramos a cada passo com o nome Sueyro nas familias mais nobres, hora em lugar de proprio, hora hum pouco disfarçado, e transformado de Sueyro em Soares, em lugar de patronimico, segundo o costume antigo de todas as naçoens, que era tomar o filho pera sobrenome o nome do pay, e por elle se dar a conhecer. He cousa taõ notoria que tenho por escusado trazer os lugares estendidamente. Apontados vaõ na margem; quem os buscar acharà outros muitos. O que naõ encontramos em muitas geraçoens dos Reynos de Castella, que com cuidado buscamos, antes he cousa taõ rara nelles, que alguns Sueyros, que achamos, parecem ser por descendencia, ou communicaçaõ deste Reyno: como he hum Sueyro de Aguilar nos primeiros fundadores da casa de S. Romaõ, o qual era filho de dom Gonçaleanes d' Aguiar, que de Portugal passou a servir a el Rey dom Fernando o Santo de Castella. E em toda a casa de Aguilar naõ ha outro Sueyro. Na casa de Quinhones se acha hum Suer Peres, que vivia polos annos do Senhor de 1351. e 1353. e hum Suero de Quinhones bisneto deste. Esta multiplicaçaõ de Sueyros, que temos mostrado nas familias nobres de Portugal, achamos tambem nas plebeyas (co-

T. 16. 21. 22. 25. 30. 41. 42. 44. 65. 66. 67. 68. 71. 74.

(como sempre o povo se affeiçoa ao que vè estimado nos nobres) e parecerà por algumas escrituras daquelles tempos, que a outro proposito avemos de trazer ao diante, julgandoas no presente por superfluas. Mas deixando a rezaõ do nome, passaremos a outras mais sustanciais, que sò por si nos fazem o homem Portuguez, ainda que o nome fora manifestamente estranho. E seja a primeira, que tanto que Frey Sueyro entrou em Portugal, e teve companheiros, e seguidores de sua doutrina, o que foy logo despois de sua chegada, e antes de ser nomeado por Provincial de Espanha, logo alcançou licença dos Prelados do Reyno pera prègar em suas Diocesis, como se verà de huma do Bispo de Coimbra dom Pedro, que originalmente veyo a nossas mãos, e ao diante irà tresladada em outro proposito, a qual he de crer se lhe naõ concedera taõ facilmente, se naõ fora conhecido por natural em lingoa, e nome. Confirmase isto com o que conta Frey Marcos na Cronica dos Menores, que entrando no mesmo tempo neste Reyno dous companheiros do glorioso Patriarcha S. Francisco, que foraõ os Santos Frey Zacharias, e Frey Gualter, se acharaõ muy estranhos, mal recebidos, e pior ouvidos, sò por estrangeiros, e pola lingoa estranha que falavaõ. E por essa rezaõ padeceraõ, pera mais merecimento com Deos, muitos trabalhos em sua entrada. E claro està que sem intervir milagre mal poderia prègar, e ser entendido entre gente rude, e plebea, quem se naõ declarasse com a lingoagem da terra, como fazia Frey Sueyro, que por isso sua doutrina fructificou tanto, que em breves dias teve Frades pera povoar Conventos. E creceo tanto em reputaçaõ no Reyno (que he o segundo ponto de sustancia dos acima offerecidos) que achamos seu nome em autos publicos dos Reys, e entre os grandes delle: cousa que naõ somente o califica por natural, senaõ tambem por nobre. E mostrado isto, superfluas ficaõ todas as mais provas.

C. 16.

Fr. Marcos de Lisboa p. 1. l. 1. c. 48.

Mostrallo emos por duas escrituras, cujos originaes temos na torre do tombo (que he o Archivo real das memorias antigas) das quaes daremos ao diante tresladados alguns pedaços a outro proposito: contèm huma dellas certa composiçaõ que el Rey dom Sancho segundo chamado o Capello fez com suas tias dona Tareja, e dona Sancha, e dona Branca, sobre huma contenda que avia muitos annos durava, e fora causa de grandes desgostos entre el Rey dom Affonso segundo seu pay, e estas Infantes, da qual ao diante serà forçado darmos mais larga noticia. Nesta escritura achamos assinado o Arcebispo de Braga, que entaõ, e sempre foy o primeyro prelado do Reyno, e com elle Frey Sueyro com estas palavras: *Suerius Prior Fratrum Prædicatorum in Hispania.* A outra he hum compromisso que passou entre o mesmo Rey, e o Arcebispo de Braga dom Estevaõ Soares da Sylva em materia de perdas, e danos, de que aquella Igreja pretendia satisfaçaõ contra el Rey dom Affonso seu pay, e de conformidade fizeraõ juiz louvado de toda

C. 21. & 22.

da a causa a Frey Sueyro em primeyro lugar, e elle os compoz. E bem se deixa entender que a rezaõ de natural obrigou a el Rey, e ao Arcebispo. Porque naõ pudera hum homem estrangeiro ignorante nos estilos do Reyno, nas valias, e estimaçoens das cousas, nas moedas, nas compras, e vendas ser busçado pera tal negocio, nem elle aceitallo, requerendose homem muy versado em tudo. Donde fica claro que naõ somente era Portuguez, do que jà ninguem pode duvidar, mas que tambem era muito nobre em sangue, e homem de letras. Porque todas estas partes era rezaõ concorressem em juiz de tais pessoas, mormente sendo entrado de poucos annos no Reyno. E naõ he possivel que sò sua virtude, por grande que era, o levantasse a tanto, se naõ fora acompanhada, e favorecida de dous taõ poderosos adjuntos, como saõ sciencia, e nobreza.

Ajuda esta opiniaõ acharmolo nomeado em todas as escrituras antigas com o titulo de Dom, contra o costume dos nossos Frades, ainda que Provinciaes, e Geraes fossem. Assi o nomea el Rey dom Fernando o Santo de Castella em huma sua provisaõ que adiante tresladaremos, e o Bispo de Coimbra na licença que lhe dà pera prègar, e o que he mais nas escrituras do compromisso que passou diante del Rey dom Sancho està com o mesmo titulo nomeado: o qual ou pertencendolhe por rezaõ de pay, e avòs, ou de alguma honra, ou Prelacia que antes de religioso possuisse, naõ se communicava naquelle tempo se naõ a pessoas muy aventajadas em merecimentos das ordinarias. Que lhe pertencesse por rezaõ de sangue, e parentes se infere bem do livro do Conde dom Pedro em muytos titulos de familias illustres, a que daõ principio homens desse nome hora em proprio, hora em patronimico. Como he no titulo 21. onde diz assi: *Dona Marinha Gomez filha de dom Gomes Mendes Gedeaõ, e de dona Mor Paes filha de dom Payo Soares, neta de dom Sueyro Paes.* E no mesmo titulo, quando nomea os que acompanharaõ a Gonçalo Mendes de Amaya o lidador, aponta os seguintes: *Dom Soeyro Ayres de Valadares, dom Nuno Soares, dom Sueyro Paes, dom Sueyro Viegas filho do bom Egas Monis de riba de Douro.* E no titulo sesenta, e dous temos hum periodo que diz: *E dona Marinha Martins irmam da dita dona Sancha, foy casada com Sueyreanes de Pauha, e fez em ella Joaõ Soares de Pauha, e Gomes Soares, e dona Constança Soares que foy Abbadessa de Lorvaõ, e outro que ouve nome Pay Soares de Pauha, e Frey Vasco Soares que foy frade Prègador.* E que lhe pudesse pertencer o Dom por rezaõ de Prelacia, ou outra grandeza semelhante, Serafino Razzi autor Italiano no lo persuade, dizendo que deixou prenda grande no mundo, por seguir a humildade da Religiaõ. E bem podiamos presumir sem temeridade que seria o nosso Frey Sueyro filho ou neto deste Sueyreanes, collegindoo polo filho sabido Frey Vasco (como he ordinario obrigar o parentesco a muitos a seguirem a Religiaõ.) A S. Bernardo naõ ficou irmaõ no mundo tendo muitos. S. Domingos de

Nobiliario do Conde dom Pedro.

Seraph. Razzi na vida de S. Doming.

de dous que teve, levou hum apos si. Naõ ignoramos que o, Dom, podia ser honra anexa a Conego regrante usada inda oje. Mas se por esta rezaõ lhe tocara, tanto que mudou o habito, devia mudar as honras delle: e as escrituras que apontamos saõ todas feitas alguns annos despois de deixado o habito de Conego, e trocado no que oje usamos.

Ficaõnos por mostrar suas letras. E como em cousas taõ antigas, e faltas de luz de historia, he forçado governar por conjeituras, basta pera darmos por certo que foy letrado, sabermos alem do que Serafino Razzi conta delle, que o escolheo N. Padre pera fundar a Ordem em sua patria Espanha, e por Prelado dos que a isso mandava, sendo Espanhoes, e pessoas de muita conta. E como nos consta que alguns dos companheiros eraõ letrados, e que a Paris inviou a Frey Matheus que o era, bem se segue que naõ mandaria a sua Patria homem idiota. Assi lhe devemos por todas as vias, e daremos daqui em diante o nome de dom Frey Sueyro Gomes.

CAPITULO XI.

Dase conta do estado, e governo do Reyno do Reyno de Portugal na chegada de dom Frey Sueyro Gomes: e do que fez entrando, e como deu principio ao primeiro Convento que ouve em toda Espanha da Ordem dos Pregadores.

INverno era escuro, tempestuoso, e triste, como atras começamos a dizer, quando dom Frey Sueyro entrava polas portas de sua patria, naõ sò na sazaõ, e tempo do anno, mas muito mais nas vidas, e consciencias de quasi todos os moradores della. Reynava em Portugal dom Affonso segundo, que chamaraõ o gordo. Deicharalhe seu pay el Rey dom Sancho primeiro o Reyno acrecentado de terras, florecente de paz, e a casa real cheya de prata, e ouro, à custa de seu braço, e sangue, e de muitas vitorias alcançadas dos Mouros, e parecendolhe rezaõ deixar bem herdadas nelle tres filhas suas, Tareja, Sancha, e Branca, ou fiando no muito que tinha trabalhado pera poder partir largo, ou desconfiando da condiçaõ do filho que jà devia ter conhecida: repartira entre todas tres muito dinheiro, muito ouro, e prata lavrada, e em particular deixara a dona Tareja a Villa de Montemor o velho, e a dona Sancha a de Alanquer (tanto ha que esta Villa de Alanquer começou a andar bem aforada, e pertencer a gente real) e deralhes a posse dos lugares em vida. Tanto que o filho lhe vio os olhos cerrados, pretendeo fazerse senhor das terras. Poemse em armas, revolve o Reyno. Tinhaõ as Infantes brio, e valor de quem eraõ: naõ lhe faltavaõ valedores na terra, e nos Reynos vizinhos, defendiaõ seu partido animosamente. Este foy o principio do reynado del Rey dom Affonso, e cessando as armas entraraõ em lugar dellas litigios, odios, divisoens, e longos debates de escomunhoens, e interditos, com que o Papa acudio em favor das Infantes, que pediaõ termos judiciais contra a força que por muitas vias se

Duarte Nunez de Liaõ na vida del Rey dom Sancho primeiro.

se lhes fazia. E quando pareceo que se quietava a tempestade com esperanças de concertos que se tratavaõ, começaraõ novas contendas occasionadas da liberdade da guerra, e divisoens passadas (que taes saõ os fruitos da discordia) queixandose o Arcebispo de Braga dom Estevaõ Soares da Sylva em seu nome, e do Clero do Reyno, de grandes perdas dadas às Igrejas em geral, e particular, forças feitas nas rendas, e patrimonio ecclesiastico, roubos de gados, e dinheiros, quebrantamentos de foros, e privilegios, e izençoens concedidas pola suprema Cadeira. E dilatando el Rey a satisfaçaõ, ou por conselho de gente interessada, ou por entender que a naõ devia, fulminou o Arcebispo novas escommunhoens contra os ministros Reais, e despois agravando as censuras veyo a pòr interdito em todas as terras do Reyno, salvo as que eraõ da obediencia das Infantes.

Neste estado estava Portugal quasi semelhante ao dos Mouros seus vizinhos em naõ ter Missa, nem officio Divino, nem som de sinos, ou outra solenidade ecclesiastica (infelice, e calamitoso estado) quando a misericordia Divina, como tem por objeito a maior miseria, e acode sempre aos maiores desemparos, ordenou que entrasse pera remedio universal, e instrumento de paz, e nova primavera em vidas, e almas o embaixador da nova Religiaõ dom Frey Sueyro Gomes. Reyna no commum da gente Portuguesa huma affeiçaõ a seu natural mayor com grande aventagem, que em todas as outras naçoens, ou porque a bondade da terra o merece: ou pola condiçaõ branda dos homens. Vinha dom Frey Sueyro alvoroçado pera ver sua terra, naõ por matar saudades de muitos annos de ausencia de parentes, e amigos; que estas tinha a Deos sacrificadas, quando deixou o mundo, mas pera enriquecer as almas com a doutrina de seu grande Mestre. Considerava o muito fruito que com ella deixava feito por Catalunha, e Aragaõ, nas Cidades de Barcelona, e Çaragoça, e nas que ouviraõ sua prègaçaõ por Castella, sendo recebida em todas com proveito das almas, e espertando Deos por seu meyo amor do Ceo, e da salvaçaõ: fazia conta, (e parecialhe que a naõ lançava errada) que naõ fructificaria menos, semeada nos coraçoens Portuguezes, devotos por natureza, e dispostos sempre pera emprezas de fim honrado. Mas quando chegou, e entendeo nos primeiros lugares o que passava em todos os mais, quais estavaõ as cabeças, quais os membros, facil he de crer a dòr que sua alma receberia. Porem, como em natural, se bem era grande a magoa do que ouvia, naõ seria menos a compaixaõ, e o desejo que a força da caridade acenderia de remedear tamanhos males. E por muito que o embaraçava o enemigo commum offerecendolhe montes de difficuldades pera o acovardar; a necessidade da terra a quem devia o sangue, e a criaçaõ, a lembrança de quem o mandara, e do a que vinha lhe davaõ animo pera vencer tudo, e passar adiante. E determinado em naõ largar o arado que huma vez tomara na maõ, nem

nem somente olhar pera tràs, sò tratava comsigo que lugar demandaria primeiro, porque o estado das cousas fazia vacillar os conselhos. A tençaõ que de longe trazia, era naõ buscar Rey, nem corte, onde poderia encontrar amigos, e conhecidos, e por ventura parentes (que mal, e com grande risco torna ao mar, e ondas das cortes quem huma vez lhe pode, ou soube fogir, fosse acaso, ou por conselho.) Determinava entrar em lugares grandes, onde reyna a soberba, anda sem freyo a cobiça, a abundancia, e ociosidade trazem todos os vicios espertos senhores das almas. A tais lugares, e contra tais monstros fazia conta que era mandado. Agora vè, que estando todo o mal na cabeça, parecia tempo perdido aplicar medicamentos a outros membros, e que bem poderia aparecer diante do Rey, e dos validos quem fosse armado de huma firme determinaçaõ de naõ querer, nem dizer outra cousa, senaõ hum, *non licet tibi*: como outro Bautista. Levavase deste pensamento, e quasi ficava vencido delle: mas logo tornando sobre si, e temendose delle como de fina tentaçaõ, em fim assentou em yr direito à villa de Alanquer que sò estava desassombrada de interditos, e daly proceder segundo aconselhasse o tempo. E assi o fez.

Como hia magoado de tanta Igreja fechada, e tanto silencio, e tristeza como atè aly achara em todas, alegrou seu animo com a vista de hum lugar, que sò lhe parecia gozar de Sol, e luz. Começou logo a dar alegres novas ao povo da nova Ordem que era vinda ao mundo a prègar verdades, e publicar desenganos, e por isso tinha titulo de Ordem de Prègadores, da qual elle vinha por messageiro a Portugal pera grande bem das almas, e consciencias de todos. A novidade desta lingoagem, o geito, e composiçaõ estranha do homem, e a lingoa Portugueza grangearaõ graça, ajuntaraõlhe ouvintes. Prègava cada dia nas Igrejas, e praças. Dezialhes entre outras cousas, que se bem tinhaõ o Reyno livre, à custa de muito sangue, do injusto senhorio dos Mouros, que tantos annos o pisaraõ, e possuiraõ, inda faltava libertallos de outros Mouros, enemigos mais perniciosos, e tyrannos injustissimos das almas, que eraõ infinitos vicios, abusos, e desordens que levavaõ ao cativeiro do inferno, contra os quais eraõ necessarias forças, e poder do Ceo, naõ bastavaõ as humanas. Que em vaõ se jactaria de forro, e livre quem da casa em que vivia naõ fosse inteiro senhor: sem proveito mondaria o lavrador seu trigo, se cortando as ervas que o affogavaõ, lhe deixasse na terra as raizes, donde ao outro dia brotavaõ de novo: que como a raiz das calamidades que ainda opprimiaõ grande parte de Espanha aviaõ sido peccados, e devassidoens na vida dos Reys, e dos vassallos, se desenganassem, que durando esta, inda estavaõ sopeados, inda cativos. Assi os persuadia, e juntamente fazia temer, discorrendo polas miserias, e infamias do peccado, e polas penas, e castigos que acarrea em vida, e morte. Logo os assegurava, e alegrava com a facilidade do remedio junto a esperanças de grandes bens

por meyo do Santo Rosario da Virgem purissima, recontando os maravilhosos effeitos que por elle vira na guerra dos Albigenses. Dava o Senhor dos Ceos viveza nas palavras efficacia nas rezoens. Era ouvido com silencio, e attençaõ, e mostravase no sembrante de todos, que sò lhes faltava Mestre pera correrem os caminhos da virtude. Seguiraõ obras, começaraõ confissoens. Era buscado, e tratado pera materias de consciencia. Bem se deixa entender como se alegraria seu espirito com taõ bons principios, e tal disposiçaõ.

Foy a nova à Infante dona Sancha (Raynha lhe chamaõ as Historias antigas, que era o titulo, com que entaõ se trataváõ as filhas dos Reys) desejou de o ver, e ouvir: mandao vir diante de si. Era Alanquer villa pequena em praça, e povo, mas honrada por antiguidade de sua fundaçaõ, e calidade dos moradores ricos, e bem erdados na largueza, e fertilidade dos campos vizinhos, que lava o Tejo. Foy seu primeiro nome Alanoquerca, e polo que delle parece, devia ser edificio de Alanos, huma das naçoens Septentrionaes que passaraõ a Espanha, e assentaraõ nesta parte de Portugal, muitos annos antes dos Mouros, comeo-o, e encurtouo o tempo, como faz a tudo. Era a Infante senhora do lugar, como atràs tocamos, e vivia nelle respeitada por quem era, e igualmente polas grandes virtudes de que era dotada. A renda era curta pera sua calidade, e casa, mas valiase de muita riqueza, que seu pay el Rey dom Sancho lhe dera em vida, e governavase com tal prudencia, que tinha pera si, e pera alargar a maõ em esmollas: de sorte que era sua casa hospital de pobres, e refugio de peregrinos. E develhe Alanquer poderse gabar de ser o primeiro lugar, que ouvio, e agasalhou em Portugal os embaixadores Euangelicos dos grandes Patriarchas Francisco, e Domingos, e o primeiro que lhes deu de seu sangue filhos, e discipulos. Porque tambem aqui vieraõ primeyro os Santos Frey Zacharias, e Frey Gualter da Ordem Franciscana primeyros messageiros, pera este Reyno. Achamos posto em memoria desta Princesa, que era dada à liçaõ de livros devotos, e vidas de Santos, e que lendo as colaçoens dos Padres do ermo nos escritos de Joaõ Cassiano, eraõ grandes os desejos que acendiaõ em sua alma aquelles exemplos de ver em seu tempo semelhantes espiritos, e semelhantes exercicios. Quando vio, e ouvio a dom Frey Sueyro, entendido fica qual seria a pratica. Podemos crer que foy toda celestial. Assi ficou entendendo que tinha presente, e vivo o que là na letra morta lhe retratavaõ os seus livros. Vieraõ por fim de pratica a tratar da causa de sua vinda, declarou elle com breves, e humildes rezoens, que naõ era outra senaõ espertar na gente Portugueza memoria da salvaçaõ, e desejos do Ceo, e de vida perfeita: e pera este fim fazer de sua parte tudo aquillo com que entendesse a poderia obrigar, e levar a elle: e se achasse (como esperava em Deos, e na grande virtude de hum Pay, e Mestre, e grande Santo que o insinara, e o in-

Idacio Claro na sua Cronol. Monarc. Lusit. p. 2. lib. 6. c. 3.

F. Marcos de Lisboa na Cron. dos Men.

Rezende in vita B. Ægidij l. 2. tract. 2. & 85.

o inviava) quem o quiſeſſe ſeguir, e ajudar, trazia animo de ajuntar companhias, e edificar caſas que foſſem humas praças fortes, guarnecidas de valente preſidio contra o Inferno, e humas eſcolas donde ſe ouviſſem vozes continuas que eſtiveſſem retinindo nas orelhas do povo, hora com louvores de Deos, hora com brados, e clamores em abominaçaõ de vicios, e peccados. Naõ ſe podia dizer à Infante couſa de que mais ſatisfaçaõ teveſſe. E como era paſto ſuaviſſimo pera ſua alma, aſſi he de crer, que logo daly, inda que muitas outras vezes o ouvio em publico, e em particular, ficou traçado que o Santo varaõ lançaſſe olhos por lugar acomodado a ſeu intento. E ou foſſe que a eſtreiteza da villa lhe naõ deſſe azo a edificar nella, ou que quiz, como parece mais provavel, ſatisfazer à tençaõ, e deſejo pio da Infante (digo provavel, porque naõ temos luz de eſcritura que nos guie no certo, e vamos em muitas couſas, arrimandonos a tradiçoens, e conveniencias) eſcolheo pera morada ſua, e ſitio do primeiro Convento a ſerra de Monte junto, e nella huma ermida da invocaçaõ de Noſſa Senhora das Neves. E tal foy o principio, e ſolar que teve a Familia dos Prègadores, e Ordem Dominicana neſtes Reynos de Portugal, como veremos mais em particular no capitulo ſeguinte.

CAPITULO XII.

Deſcreveſe o ſitio do primeiro Convento que a Ordem de S. Domingos teve em Portugal, e a fabrica delle.

A Duas legoas e meya de Alanquer contra o Norte ſe levanta a ſerra que oje chamaõ de Monte junto. A mayor antiguidade lhe chamou Monte ſacro, e tambem Monte tagro, nome que com pouca differença ſe conſerva inda oje no lugar de Tagarro ahi viſinho. Nos a puderamos nomear por hum sò monte de pedra, ou huma sò pedra, antes que ſerra. Porque o nome de ſerra comprende montes de penedias, e rochedos encadeados, e continuados com valles, e ſobidas: e eſta conſta de huma sò pedra, ou monte que igual, e juntamente crece, e ſobe, em meyo de terras lavradias, e por toda parte cultivadas, e ainda que ſaõ dobradas, e de varzeas, e outeyros entreſachadas, ficaõ em comparaçaõ della hum campo razo. E tal viſta offerecem aos olhos de quem do alto as conſidera. Repreſenta eſta pedra que terà de ſobida huma boa meya legoa, tendo no pè, e fundamento mais de quatro de circuito, e he taõ agra, e alcantilada em roda, que com grande difficuldade ſe pode ſubir a cavallo. Porque em muitas partes naõ ha paſſar ſem apear, e valer das maons, como dos pès. Sò da parte occidental contra Villa verde offerece huma coſta alguma couſa menos ingreme, a qual ſe fora cortada, como era facil, tinhamos aqui hum retrato de huma daquellas for-

Reſende l. 1. das Antiguid. f. 40. M. Varro Columella. Plinio.

Fr. Joaõ dos Santos na sua Etiopia l. 4.c.4.&5. Anton. Pin. nos cercos de Goa, e Chaul. l. 1.c.7.&9. Q. Curt. in hist. Alexan. Lopo de Sousa Coutinho no cerco de Diu l. 1.

forças que nos pintaõ as Historias da India, e Etiopia por inexpugnaveis. Porque sendo da natureza criadas a este modo muy altas, e talhadas em roda como ao picaõ atè as rayzes, bastaõ pera defender huma sò entrada, ou duas que ha feitas à maõ, muyto poucos homens contra grandes exercitos: e contase que tem no alto largueza pera sustentar muyta gente. Esta farà no cume duas legoas de praça, e ainda que quasi tudo he pedra continua, abre no meyo huma grande varzea de terra lavradia, que terà em circuito meya legoa, a que fazem coroa grossas penedias vestidas a partes de matos espessos, e crecidos, guarida de lobos, e outros animais silvestres: na varzea ha duas lagoas de agua clara, e boa: e em pouca distancia, e sobre huma pequena costa, que ainda se sobe aspera sempre, e pedregosa, se acha huma ermida, a que a devaçaõ dos vizinhos deu nome de Nossa Senhora das Neves. A casa he pequena, e baixa, mas pera deserto de boa fabrica. Tem de fòra seu recebimento, ou alpendre cuberto: e dentro divisaõ de Capella, e corpo de Igreja, com seu arco em meyo, tudo cerrado de abobada. Fòra do arco, e das grades que o cerraõ, tem seus altarinhos, como he costume de huma, e outra parte. No altar da Capella se vè hum retabolo com huma imagem de Nossa Senhora, e outras de Santos, tudo pintura moderna. Nas paredes pendem algumas memorias de enfermos, e cativos. Nos altares travessos naõ ha pinturas, mas algumas figuras de vulto de antiga escultura, e grosseira: entre ellas duas com habito Dominico, das quais huma tem nome de S. Domingos, e està autorizada com mitra na cabeça (devia julgar a simplicidade de montanheza, que naõ lhe estava bem aos pès) todas prometem huma grande antiguidade, naõ sò no feitio, mas no trato, e representaçaõ da madeira comida, e consumida da velhice, e do tempo. Na entrada da porta se acha huma pia aberta ao picaõ na lagea, e chaõ natural da ermida, que juntamente he pia, e fonte, porque corre agoa, e dura a fama de ser milagrosa pera infirmidades. A hum lado vaõ continuadas, e contiguas duas pequenas casas, como de Sacrista, huma dellas com chaminè, e destas correm algumas paredes arruinadas, que mostraõ divisoens, e sinais de casas algum tanto mayores, e cerca espaçosa, em partes pedra em sosso, noutras pedra, e barro, em nenhuma rasto de cal, nem pedra lavrada, nem sinal de edificio curioso. E tal he o estado presente da serra, e da ermida: do que entaõ era naõ nos consta. Mas aquellas figuras velhas, e mal obradas, a ossada pobre de casas, e paredes delidas da força dos annos acreditaõ com bastante testimunho a tradiçaõ recebida, e continuada por quatrocentos annos nos povos vizinhos de pays, e avòs: de que ouve aly casa, e Convento de nossa Ordem. Porque de nenhuma outra cousa podiaõ servir aquelles pobres edificios: nem a estranheza do sitio podia consentir outros moradores, se naõ fosse gente aborrecida da vida, e desejosa de abreviar os caminhos pera o Ceo. E bem podemos

demos ter por certo que seria tudo entaõ muito mais fero, e mais inculto, pois naquella idade muitas terras chans eraõ cubertas de brenhas, e criavaõ animais bravos, à falta de quem as abrisse. E tal devia ser a informaçaõ que se deu a dom Frey Sueyro. Mas elle naõ se espantando nem descontentando de nada sobio à serra, visitou a ermida, lançouse por terra diante daquella Senhora, dandolhe graças, como he de crèr, com lagrimas de alegria, por ver que assi como a seu Mestre dera em França primeyro gasalhado em casa sua, qual era a de Prulliano, assi o queria tambem dar ao discipulo em parte taõ distante. Aqui lhe pederia, que assi como com as neves de que aly tinha a invocaçaõ, dera antigamente sinal na força das calmas do estio, que lhe agradava a devaçaõ daquelles dous servos seus que em Roma lhe tinhaõ offerecido almas, e fazenda, quisesse mostrar agora seu soberano poder, derretendo neves de alguns coraçoens enregelados, com chamas de celestial caridade que alumiassem entendimentos, abrazassem vontades, pera que cessando escandalos, e contendas ficassem dispostos pera receberem a doutrina do Ceo, que de taõ longe lhes vinha communicar, como jà se hia recebendo, e estimando naquella pequena villa. Naõ achamos apontado mez nem dia em que o edificio começasse a crecer, nem a ser povoado. Mas bem se segue, que como a efficacia de sua pregaçaõ, e a devaçaõ Portugueza lhe foy logo ajuntando companheiros (que isto he cousa sabida) naõ tardaria em os levar ao Monte, e como seu pensamento sò em architectura celestial tinha a mira, postos na serra apareceria a casa acabada taõ depressa, como traçada. Deu o monte pedra, madeira, e barro, poseraõ elles as mãos, e o serviço. Começouse a exercitar o rigor monastico, ao que podemos alcançar com a primavera do anno seguinte de 1218. Exercitavaõse em todo genero de mortificaçoens que a religiaõ insina das portas a dentro, jejuns, cilicios, disciplinas, vigilias, silencio, e oraçaõ continua. Ao trabalho de casa seguia o de fora tanto mais intoleravel, quanto era tomado por gente exausta de forças com os rigores caseyros. Deciaõ da serra, entravaõ polos lugares a mendigar a pobre mantença. Se a traziaõ, e se a naõ traziaõ tudo era tormento. Porque a costa aspera pera os que tornavaõ leves, e sem esmola, era trabalhosa por si, e por averem por culpa, e demerito proprio naõ alcançar com que alimentar os companheiros, e a si: e aos carregados o peso lhes tirava as forças, e os quebrantava de novo. Valia em tudo o exemplo do Mestre, que como sabia ser o primeiro, e mais diligente no que era mais penoso, naõ avia nenhum covarde nem froxo. Lembravase o Santo Varaõ dos estranhos generos de padecer que notara em seu bom Mestre: as disciplinas nocturnas sempre com ferro, e nunca sem sangue: as quaresmas inteiras de paõ, e agoa: a terra fria por cama, o Ceo por manta: o pendurar os çapatos no cinto polos caminhos do monte por se magoar: o calçallos no povoado por fogir vamgloria: correrem os pès sangue, e a

1218.

e a boca entoar alegres hymnos, convidando os passarinhos a louvores do Criador. Via que criava noviços, naõ sò pera religiosos ordinarios, mas pera mestres, e pays da provincia que vinha fundar, naõ lhe ficava nada por fazer pera boa instituiçaõ: e ajudavao a graça Divina a levar hum trabalho que excedia as forças humanas. Amanhecia em Alanquer, e polos outros lugares vizinhos a doutrinar, insinar, e prègar: e despois de cansado, e moydo deste serviço, hia tambem de porta em porta pedindo hum pedaço de paõ pera si, e pera os seus. E quando avia de aliviar, tornava a sobir a serra, sobida que sò por si, quando muito ocioso, e folgado andara, era tormento excessivo. Edificavaõse, e espantavaõse todos, e elle cuidava que fazia pouco, e que era obrigado a mais. E eu tambem cuydo que esta demasia em trabalhar nos obriga a inquirir, e discursar polo officio que fazemos de Historiador, que rezaõ podia mover a hum varaõ sisudo a huma empresa taõ ardua como foy seguir juntamente vida do deserto, e do povoado: contemplativa entre feras, e penedos: e activa entre homens: feito Ancoreta solitario, e no mesmo tempo prègador, e mestre cercado de povo, e ouvintes. A contradiçaõ he grande polo estremo de se alongar tanto da gente, que parecia impossivel poder acudir ao insino della (que he o fim principal desta Ordem) e vira em seu Mestre exemplo differente, pois naõ edificara fòra de povoado. Donde infiro que neste novo modo de vida teve algum fim mais alto, e sò encaminhado ao remedio dos males que via no Reyno, sem ser sua tençaõ ficarem elle, nem os seus pelo tempo adiante moradores do ermo. E pera concluir digo, e sinto, que considerando este prudente varaõ o calamitoso estado do Reyno na parte mais importante que era a espiritual, e vendo a quietaçaõ com que os grandes se deixavaõ estar escomungados, e interditos, ouvese por obrigado em razaõ de letrado, e nobre, e por ministro Apostolico da prègaçaõ Evangelica significar dessde logo, que naõ aprovava, nem aprovaria em nenhum tempo tal modo de proceder, por mais rezoens que por si alegassem. Clara significaçaõ foy, inda que muda, desviarse da Corte logo no principio, alem das mais causas que apontamos. E com o mesmo intento foy a retirada que agora fez da villa de Alanquer, escolhendo antes viver entre feras, que na companhia dos homens, pera que quando fosse conhecido, e buscado (como estava certo o avia de ser) do Rey, e dos grandes, calando respondesse, e mostrando que dentro em sua patria vivia como peregrino della, servisse tal obra de lingoagem, e rezoens vivas, que lhes estivessem lançando em rosto, e estranhando a temeridade com que se mantinhaõ tanto tempo avia, contra escomunhoes, sem sinal de humildade, nem cuydado de paz. Persuadiase dom Frey Sueyro que era obrigaçaõ dos que Deos poz em lugar alto por qualquer via que a elle subissem, naõ sò naõ ajudarem, nem autorizarem, nem favorecerem as obras exorbitantes, e desarezoadas, e aos autores

tores della : mas torcendolhe o rosto, e fogindolhe com a presença testimunharem ao mundo, que naõ eraõ nellas, nem com elles consintidores. Foy o conselho aprovado do successo. Porque em fim era conselho de quem se tinha todo entregue a Deos, e por elle vinha guiado, como adiante o veremos: despois que dissermos alguma cousa do Padre Saõ Domingos, com quem he força que vamos continuando, e tecendo esta escritura que delle depende em quanto o temos vivo.

CAPITULO XIII.

Das grandes maravilhas que Deos nosso Senhor obrou em Roma por S. Domingos. Contase a nova forma de habito que o Santo deu aos seus Frades, e a rezaõ della: e como poz em clausura as Freyras de Roma. Ordena liçaõ de Theologia no sacro Palacio, e he o primeiro Leitor della. Prèga a devaçaõ do Rosario.

EM quanto nas ultimas partes do Occidente passavaõ as cousas que temos contado, corriaõ as da Ordem em Roma com grande prosperidade, acreditando Deos a seu servo Saõ Domingos com huma extraordinaria corrente de mercès, e favores do Ceo: de sorte que em poucos meses se vio o Santo naõ sò pay de muitos filhos, mas de muitos Conventos, e grandes familias Patriarcha. Diremos algumas brevemente, e quanto bastem pera se entender o processo de sua vida que começamos. Entrou o Santo em Roma por fim de Outubro do mesmo anno de 1217. despois de ter dado à sua Ordem os principios que temos visto em França, e Espanha. E como entrava jà fundador de Religiaõ pola Santa Sè Apostolica aceitada, e confirmada, foy recebido naquella Corte com hum taõ grande amor, e aplauso de todo genero, e estado de gente, que se enxergava claramente serem effeitos da maõ Divina, naõ nascidos nem grangeados por nenhuns meyos humanos. Tinhalhe Deos mandado polos Apostolos que prègasse, prometeralhe que seus hombros sustentariaõ a Igreja: e como elle he o que dà os cargos, e juntamente a sufficiencia pera elles, começou a desempenharse da promessa. Foy o principio pòr taes palavras na boca do seu prègador, e darlhe tal graça nellas, que trazia toda a terra apos si, e como cousa celestial era ouvido, buscado, e seguido: dos peccadores pera remedio, dos bons pera guia, parecendo a todos que naõ podia faltar meyo de salvaçaõ, e abundancia de bens do Ceo em tal companhia, e doutrina. Eraõ tantos os que lhe pediaõ o habito, que toda casa era estreita pera os recolher. Acudio o Santo Pontifice Honorio a esta falta: deulhe a Igreja de S. Sixto pera Convento. Começa logo a edificar por huma parte, e receber noviços por outra. Creciaõ as paredes, e os habitadores como a competencia: e o Ceo tinha a cargo ajudar a obra com novos meyos.

1217.

Correndo a fabrica, cahio de improviso hum lanço de parede velha: à vista de muito povo junto colheo hum dos officiaes, foy grande a grita, acodem com pressa a desenterrallo, achaõno sem

ſem figura de homem, feito hum bollo. Naõ edificava o Santo pera matar, ſenaõ pera dar vida, e ſaude. Vem correndo, chegaſe ao defunto, poem os olhos no Ceo com huma breve oraçaõ, e logo levantando a voz manda ao ſeu official que ſe levante, e torne a vencer ſeu jornal. Obedeceo a morte, levantouſe o defunto, e tornou a trabalhar. Paſmaraõ os circunſtantes, e perguntavaõſe huns aos outros polo caſo, porque aos olhos proprios naõ davaõ credito.

Mas fez ceſſar o eſpanto outro caſo que logo ſe vio tras eſte. Huma dona nobre, mãy de hum sò filho (chamaõlhe os eſcritores Guttadona) tinhao enfermo. Deixouo huma manham, por acudir ao ſermaõ do Santo: tornando a caſa, achao paſſado da vida. Dà volta pera a Igreja com o minino nos braços, e vozes laſtimoſas ao Ceo: chama polo Santo, miſtura queixas com rogos: que de deixar o filho por devota, lhe nacia chorallo agora por mofina: que bem podia elle fazer por ſeu filho, o que fizera polo official da ſua obra. Laſtimaſe o Santo, conſolaa: ella pede obras, naõ palavras, vida pera o filho, e nella ſeu unico remedio. Venceſe o Santo, faz o ſinal ſantiſſimo da Cruz ſobre o morto, e entregao vivo a ſua mãy. Naõ ha palavras que poſſaõ encarecer o movimento que cauſou no povo tal ſucceſſo. Chegavaõſe ao Santo, cortavaõlhe a ſobrepelliz, e a loba, ſem ſe poder defender: faziaõ conta que levavaõ pera caſa antidoto contra todos os males.

Entre tanto enchiaſe o Convento de Frades, que he couſa certa paſſaraõ de cento em poucos meſes. Mas naõ parava aqui o eſpirito do Santo: a mayores empreſas ſe eſtendia. Deſejava o Papa reduzir a clauſura as Freiras de Roma, e particularmente as do Moſteyro de Santa Maria, que chamavaõ de trans Tyberim. Devaçara a malicia dos tempos, que ſempre correm pera pior, aquella ſimplicidade antiga, com que as donzellas que ſe recolhiaõ a ſervir a Deos nos moſteiros, fiavaõ tanto de ſi, e dos homens, que ſe atreviaõ a andar, e tratar fora de clauſura, e converſar entre elles naõ sò ſem dano, mas tambem ſem temor. Eſtava trocada eſta bondade de animos: eraõ tantos os ſucceſſos aveſſos, que ſe perdia a Religiaõ, e o credito della, e cumpria acudirſe ao mal com cura apreſſada. Pedioſe remedio pera gente viva, a quem o ſabia achar pera mortos. Chamou o Papa a S. Domingos, entregoulhe o negocio nas mãos. Molheres nobres, e ricas, e muitas em numero (eraõ quarenta e quatro) avezadas a liberdade: naõ podia com ellas o Principe ſupremo da Igreja, que faria hum pobre Frade? Viſitouas, prègoulhes, falou Deos por elle. Naõ sò ficaraõ perſuadidas a clauſura, mas o que ninguem cuidou, e que teve fortes contraſtes, aceitaraõ paſſarſe do lugar em que eſtavaõ, que era pouco decente, pera o ſeu Convento de S. Sixto. E começou logo de o accommodar pera ellas, e a caſa de Santa Sabina, que o Papa lhe nomeara de novo, pera os ſeus Frades.

Era jà neſte tempo o numero dos Frades taõ crecido, polos muitos que cada dia entravaõ,

vaõ, que ouve o Santo, podia partir com alguns lugares de Italia, dos muitos que com inſtancia, lhe pediaõ prègadores, e avia ſojeitos taes que ſe podia fiar muito delles. Pareceolhe tempo de empregar as novas prantas, e fazer miſſaõ nova. Mandou a Bolonha huns pera prègarem, outros pera eſtudarem, e a Milaõ, Como, e Bergamo pera entenderem na prègaçaõ, e doutrina do povo. E com tudo ficavaõ ainda em Roma, como diz a Hiſtoria, ao juſto cem Conventuais: eſtes viviaõ de eſmolas colhidas com alforge, e brado polas ruas, e portas, como fazem inda oje com ſanto exemplo os Frades Menores. Aconteceo hum dia fazeremſe horas de jantar, e naõ aver que pòr na meſa. Quem a tinha a cargo deu conta da falta ao Santo. Nunca mais bem aſſombrado, nem mais alegre roſto lhe viraõ: reſponde que fiem de Deos, e ſe faça logo o ſinal coſtumado: faz elle o de Prelado: entra a Communidade, toma cada hum ſeu lugar. Naõ avia que benzer, mais que meſa ſeca: benze todavia dando graças ao Senhor pola mingoa, como outras vezes fazia pola abundancia (que em todo eſtado lhas devemos, ſe ſomos Chriſtaons.) Tudo foy hum, aſſentaremſe os Frades, e entrarem dous moços com caniſteis de paõ nos hombros, de que foraõ provendo todas as meſas: paõ alvo, e mimoſo, qual nunca olhos viraõ. A preſença, a diſpoſiçaõ, o geito dos ſervidores, arrebatou os olhos de toda a Communidade: e ſem ſaber como, deleitavaſe mais em ſua viſta, que no remedio da neceſſidade. Notouſe, que começaraõ à ſervir primeiro aos mais humildes leigos, e noviços moços, e dahi foraõ ſubindo atè o Prelado. Eſte modo de proceder, e a confiança dos autores delle, deu certo indicio de ſerem cortezãos do Ceo. Aſſi o declarou o Santo aos ſubditos, ajuntando por ley perpetua no ſerviço das meſas, a liçaõ que deraõ, que ſe guarda atè oje inviolavelmente por toda a Ordem. Segunda vez achamos que ſuccedeo a meſma neceſſidade, e ſoccorro nella polo meſmo modo, e na meſma caſa; sò foy a differença no numero dos que foraõ preſentes que eraõ sò 40. Frades.

Mas parece que o Ceo todo ſe queria occupar como à porfia em fazer honras a eſta Ordem. Appareceo por eſtes dias em Roma hum famoſo letrado em ambos os direitos, Dayaõ da Sè de Orliens, e Leytor da Univerſidade de Paris chamado Reynaldo, ou Reginaldo: o qual cuydadoſo de ſua ſalvaçaõ buſcou a S. Domingos, e aſſentou com elle deixar todas as honras do mundo, e veſtir o habito da Ordem, como cumpriſſe certa jornada de voto. Apercebiaſe pera ella, quando ſe vio ſalteado de huma febre ardente, ao parecer dos Medicos, mortal, e ſem remedio. Aſſiſtialhe o Santo, ſentido da perda de tal ſojeito, porque fundava nelle grande augmento da Ordem por letras, e virtude. Pediaõ ambos a Deos a vida, chamando por valedora com grande efficacia a Virgem Mãy, particular Mãy, e avogada deſta Ordem em todo trabalho. Naõ tardou a piadoſa Senhora em ſoccorrer a ambos. Viſitou peſſoal, e viſivelmente o en-

Cronica da Ordẽ. De Joaõ Garzon. Leandro Alb. l. 5. Apold. l. 2. c. 11. S. Ant. p. 3. t. 29. c. 4.

o enfermo, deulhe saude, e como em penhor della mostroulhe hum habito, e escapulario branco, dizendo que tal como aquelle vestiria, e tal queria que fosse daly em diante o desta Ordem em forma, e còr. Visitou tambem, e alegrou a S. Domingos com a mesma visaõ, e aviso: e elle se vestio logo pola traça das maons Divinas mostrada, trocando a autoridade da loba, mursa, e roxete, trajo Episcopal; na humildade de hum habito, e escapulario branco, e capa preta tudo de pano grosseiro, e no feitio estreito, e curto, e o mesmo fizeraõ todos seus subditos presentes, e ausentes. E tal foy o principio do habito dos Prègadores, dadiva do Ceo, e vinda por meyo, e maõ da Mãy de Deos.

Continuava o Santo sermoens de grande fruito por todas as Igrejas, e praças de Roma. Entrando hum dia no sacro Palacio, notou que era infinita a gente que andava por aquelles claustros, e salas perdendo tempo em corrilhos, e murmuraçoens, em jogos, e outras leviandades, foy imaginando se poderia aver algum meyo de advirtir, e occupar em entretimento honesto, e proveitoso: offereceoselhe hum trabalho intoleravel pera quem como elle se repartia em tantos outros, que foy lèr huma liçaõ quotidiana da Escritura sagrada nas horas que mais povo acudia ao Paço. E foy cousa taõ bem recebida do Papa, e Cardeais, que no dia que isto vamos escrevendo passa de quatrocentos, e dous annos que persevera, e sempre em Leytores da mesma Ordem em que começou, sem nunca aver mudança.

Susato c. 2.

Ajuntou logo outra liçaõ pera os bem occupados de grandes proveitos, e pera todos. Foy a devaçaõ do santo Rosario: na qual se empregou com tanta efficacia com occasiaõ da primeira, que pola novidade era frequentada do melhor de Roma, que a fez aceitar por todos os Cardeais, e senhores da Corte: recebendo de sua maõ os instrumentos della, digo muitos ramais de Contas, que com grande gosto repartia: e vio logo dellas formosos effeitos. Foy entre outros a conversaõ de huma molher de vida perdida, e que era causa de muitos a perderem. Porque sendo dotada de excellentes partes naturais, serviaõlhe todas de fazer gente pera o Inferno, e abrazar a cidade em fogo de sensualidade, brigas, e odios: e procedeo seu remedio de hum Rosario que alcançou da maõ do Santo. Rezava por elle, traziaõ nas maons, e ao pescoço. Em fim valeolhe pera merecer taõ boa ventura, que ainda antes de mudar de todo os erros da vida visse a Christo Redentor em sua casa, e à sua mesa trocando figuras, pera lhe trocar a alma, hora tomandoa de minino, hora de homem de idade perfeita, huma vez com Cruz às costas, e coroa de espinhos na cabeça, outra pès, e maons correndo sangue, e em fim feito seu Prègador: Obras que de peccadora por estremo devassa (louvemvos os Anjos JESU bendito) a trocaraõ em santa de estremos.

Flamin. l. 2. Castilho p. 1. l. 1. c. 35.

Mas porque tràs este caso seguiraõ outros em numero, e calidade espantosos, que em Roma, e toda Italia fizeraõ a devaçaõ grandemente celebre: e pro-

procedendo o tempo a estenderaõ por todos os membros da Christandade, favorecendoa Deos com tantas misericordias do Ceo, e graças, e privilegios na terra por seus santos Vigarios, que jà naõ ha Cidade, nem Villa, nem aldea, nem ainda casa particular, que deixe de a abraçar, e venerar dando por toda parte testimunho Christaõ os ramais de Contas, hora nas mãos, hora sobre os peitos: parece rezaõ, que pois esta historia he do Patriarcha Saõ Domingos, e por seu meyo foy o Senhor servido mandar tanto bem ao mundo, digamos antes de passar adiante, alguma cousa do processo, e augmento, e grandezas delle: e serà com a mesma brevidade que vamos seguindo, visto como jà andaõ livros inteiros no mesmo argumento. Sohia a ser no bom tempo, quando no mundo tinha lugar justiça, e rezaõ, que era patrimonio honrado atè dos filhos ricos, os bons serviços do pay, pera requererem, e alcançarem mercès do Rey da terra: nòs que somos filhos pobres, e temos requerimento com o Principe do Ceo justissimo, e riquissimo, he bem que tenhamos vivas, e postas em bons papeis as auçoens de que Nosso Padre Saõ Domingos nos fez herdeiros, pera nos valermos nas necessidades da vida: principalmente quando a caridade dos proximos vay estando taõ resfriada, que quem naõ pode fazer seu o alheyo: contentase com fazer que fique mescabado, e de pior condiçaõ pera seu dono.

CAPITULO XIIII.

Mostrase como Saõ Domingos foy o primeiro que insinou a rezar por Contas os mysterios de nossa Redençaõ, que he a devaçaõ do Santo Rosario, contra os que a querem fazer mais antiga. Contase como resuscitou ao sobrinho do Cardeal Estefano em Roma.

ALguns autores modernos que trataõ desta santa devaçaõ, querem que seja taõ antiga que se lhe naõ saiba principio, e achamos que o diz hum, a quem outros seguem, por estas palavras: *Nam quoad antiquitatem, tanta est, vt eius initium ignoretur*, e pera a lançarem nos tempos muy atrazados, jà a referem aos do Concilio Claramontense, e de hum Pedro Eremita que nelle se achou polos annos do Senhor de 1095: jà a atrazaõ aos do Papa Leaõ Quarto, que foy no de 854. jà a lançaõ na primitiva Igreja, e idade dos Apostolos. E he bem de espantar, que sendo obrigaçaõ dos homens de letras falar nas materias com distinçaõ, e clareza: e avendo nesta a forma da devaçaõ, que he o que propriamente se chama Rosario, e a santa Igreja na sua Missa propria lhe chama sacratissimo Rosario: e avendo tambem o material das Contas, polas quais se reza: elles juntaõ tudo, no nome do Rosario, e assi em confuso fazem sua origem escura, immemorial, e ignorada. E naõ ha duvida que se fizeraõ reflexaõ na differença que ha de huma cousa à outra, ella mesma os guiara pera acharem principio, e origem certa, no que he sustancial di-

Francisc. Soar. t. 2. de virtute Relig. l. 3. c. 9. Rebello no livro do Ros.

digo na devaçaõ, e psalteyro de Nossa Senhora, cujo nome he Rosario, ou Rosal.

E começando a buscalla por ordem, como quem deseja descobrir verdades, querolhes conceder toda a mais alta antiguidade que pertendem no uso das Contas, pera effeito de se contarem por ellas os Psalmos, e Hymnos, e Oraçoens da santa Igreja rezando: e confirmolha assi. No tempo que os desertos do Egypto se começaraõ a povoar daquelles santos Ermitaens, dos quais as historias Ecclesiasticas nos daõ por pay ao Evangelista S. Marcos, taõ pobres que espantavaõ o mundo com suas penitencias, e com as faltas que padeciaõ: taõ Santos que Philo Judeu quiz honrar o Judaismo com suas virtudes, em hum livro que delles escreveo, dandolhe grandes louvores como a gente sua, chamandolhe Essenos: he cousa certa que pera terem conta, e ordem no que aviaõ de rezar entre dia, e noite, se aproveitariaõ como gente necessitada de tudo, dos fruitos silvestres, e secos do mato, infiados em seus ramais. E jà daqui fica colhida a etimologia das Contas polo effeito em que serviaõ. Que isto fosse costume entre os Ermitaens bom argumento he, naõ vermos nenhum nas pinturas antigas sem estas infiaduras de esteriles fruitos nas maons. E de que os mesmos usassem em seus ajuntamentos rezar numero certo de Psalmos, temos autor antiquissimo que o affirma, qual he S. Theodoreto. E pois avia conta, e numero de reza determinado, bem se segue que convinha aver algum meyo de fazer memoria: e os desertos naõ o podiaõ dar melhor. Mas toda a duvida nos tira o costume que oje em dia dura entre os Mouros de Africa, de se servirem pera suas superstiçoens de grande ramais de Contas: costume taõ antigo nelles como sua Seita, que tem jà de ansianidade mais de mil annos. Por nossos olhos os vimos em Argel dar voltas a longas, e grossas infiaduras, passando cada bugalho com duas palavras, que eraõ: *Stafar Alla.* Cuja significaçaõ he: *Perdoame Deos.* Foy Mafamede colhendo da ley da Graça, e da escritura as cousas que lhe pareceo podiaõ autorizar seus desatinos: estava bem reputado o exercicio das Contas, misturouo com elles.

S. Jeronym. dos Escritores Ecclesiast.

Theod. de vir illust. in vit. Julian. Monach.

Polyd. Virg. l. 7. c. 8. Luys del marmol. l. 2. c. 1. El Rey dom Afonso em suas taboas. Fortalitiũ fidei de bello Saracem. l. 40. art. 10.

Ex aqui o uso de Contas com muitos mais de mil annos de idade: mas que se siga disso, ser taõ antiga como ellas a devaçaõ que lhe accomodamos hoje, e chamamos do Rosario, he cousa indigna de homens que falaõ ingenuamente. Assi temos justa queixa contra Gregorio de Vilhegas de affirmar que o Papa Liaõ Quarto na guerra que teve com os Sarracenos em Hostia, armou seus soldados de Rosarios (ouvera de dizer, se tal ouve, ramais de Contas.) Mas culpa mayor he de quem fundou nesta palavra atrazar a devaçaõ a estes annos, que fica sendo o mesmo que defraudar da honra della, a quem muitos despois foy seu primeiro, e verdadeiro inventor. Quanto mais que o que Vilhegas escreve he taõ mal fundado, que nenhum autor antigo tem por si, e pera cousa taõ atrazada naõ he bastante seu dito pera com nosco, nem o devera ser pera os que o seguiraõ.

Vilheg. no Flos Sant. na Exaltaçaõ da Cruz a 14. de Setembro.

Ve-

Platina de vita & mor. Pontif. f. 106. Illescas na Pontif. 1. p. l. 4. f. 204. Onuph. Panuin. in epist. Pontif. Roman. f. 42. Baron. t. 10. Annal. Eccles. no anno 849. ex Anast. Bibliot. Bonifac. Simoneta Ord. Cisterc. lib. 5. de Pontif. persecut. c. 9.

Vejaõse os que apontamos na margem, que saõ todos Autores graves, e escrevem a mesma guerra, e a vida do mesmo Pontifice sem falar em Contas, nem Rosarios. E contra os que lhe daõ por Autor o Ermitaõ Pedro, temos a autoridade do Cardeal Baronio, que tratando delle em seus annais, e de como o Papa Urbano Segundo propoz no Concilio de Claramonte a reza do officio pequeno de Nossa Senhora recebido desdentaõ por toda a Christandade, nenhuma mençaõ faz de Contas, nem Rosario.

O S. Fr. Jordaõ. O Geral Humberto & Theodorico todos tres escritores da vida de S. Domin. Os Annais Ecclesiast. nos an de 1213. n. 9. & 11. & 12. Jo. Ant. Flamin. Fr. Alano de Rupe. F. Fern. de Cast. F. Jeron. Taix. Fr. Diego de Hogeda Sagastizaval. O Bispo de Monopoli.

Sendo logo desconhecida por velha, e atrazada, a origem do material das Contas: e naõ avendo autor nenhum que diga, nem possa dizer outro tanto da formalidade da devaçaõ, daremos muitos que escrevem clara, e patentemente o mesmo que atràs deixamos contado, que foy primeiro Prègador, e promotor della Nosso Padre S. Domingos recebendoa da Virgem sagrada. E por que lhe foy dada por tais maons, e nella temos cifrada, como todos sabem, sua santa vida, seus trabalhos, e glorias de mistura com a vida, morte, e paixaõ, e gloriosa Resurreiçaõ de Nosso Redentor, mereceo o nome do Rosario na lingua Latina que na Portugueza responde, Rosal. He a rosa a mais nobre flor de todas as flores por fineza da còr, por excellencia do cheyro, por utilidade da virtude: alegra a vista, deleita o olfacto, conforta o coraçaõ: e he conservadora da vida humana, com a agoa sendo estilada, com o oleo em infusaõ, com a sustancia em conserva. Por estas calidades, e porque nasce armada de espinhas, e abrolhos, que offendem, e magòaõ, he simbolo da honestidade, e vergonha virginal: como parece das sagradas letras, onde o Espirito Santo pera declarar as excellencias da Esposa Santa por termos do campo humildes, e pastoris naõ buscou melhor comparaçaõ, dizendo em nome della: *Ego flos campi, & lilium conuallium.* E noutra parte: *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias.* E falando tambem do Esposo Divino, naõ lhe quiz dar mayores gabos, que dizer delle: *Qui pascitur inter lilia.* E muito tempo antes tinha dito: *Pulchritudo agri mecum est.* E naõ obsta apontar o texto sò em lirios. Porque no Hebraico lyrios, e rosas tem hum mesmo nome, como advirtio o M. Sotto Maior por estas palavras: *Vox enim Hebræa vtrumque significat tam rosas, quam lilium.* E onde o Latino diz: *Ego flos campi.* Traduzem os Hebreus: *Ego rosa Saron.* E a versaõ que anda de Hebraico Espanhola, que naõ tem pouca autoridade, onde a Latina lè: *Qui pascitur inter lilia*, diz, *entre rosas.* E Santo Ambrosio nos ensina que estes lirios, e rosas saõ as Virgens santas, e que a Igreja sagrada affirma o mesmo de si. Saõ as palavras: *Christi lilia sunt specialiter Virgines, quarum est splendida & immaculata virginitas. Vnde plerique accipiunt, quòd Ecclesia videatur dicere, Ego flos campi, & lilium conuallium.*

Cant. 2. Ibid. Ibi. c. 6. Psal. 49. Sotto Maior. in Cant. c. 6. fol. 1065. Idem c. 2. f. 422. Versaõ do Hebraico Espanhola. Ambr. l. de instit. Virgin. c. 15.

Naõ se podia logo achar nome mais proprio pera huma devaçaõ toda alternada em mysterios de gozos, e magoas da Virgem, e Mãy benditissima, de dores, e glorias da Mãy, e do Filho Deos, e homem verdadeiro.

deiro. Assi despois que foy aprovada pola Igreja, logo se lhe foy aplicando tudo o que se acha escrito de rosas nas letras Sagradas. Jà lhe chamamos: *Rosa puritatis*, e *rosa sine spina*, jà *rosa sapientiæ*. Jà lhe cantamos: *Sicut plantatio rosæ in Jerico*. E pera que tudo quadre com a forma da devaçaõ, temos autor que affirma, eraõ taõ dobradas estas rosas de Jerico em Palestina, que se contavaõ em cada huma cento, e cincoenta folhas. Do que naõ discrepa muito Plinio, que nos avisa de outras que chama centifolias, em huma provincia de Italia, e noutra de Grecia. E foy taõ aceito à mesma Senhora este serviço, e nome, que por muitas vezes se deixou ver de seus devotos hora coroada, hora cercada de rosas: e estas, pera nos confirmar na ordem, que seu servo tinha dado da reza, entersachadas a cada dez brancas, de huma mayor encarnada. Do que ouve tantos testimunhos, que delles naceo darse o nome de Rosal à devaçaõ, e passar da devaçaõ ao instrumento, de maneira que jà oje està recebido por nome proprio das Contas: e naõ ha pintura desta invocaçaõ da Senhora, que deixe de vir semeada de Rosas.

Plin. lib. 21. c. 4.

Mas tudo isto teve sua origem na forma, e repartiçaõ dos mysterios aplicados às Contas, e prègados por S. Domingos. E como elle a começou a prègar, segundo affirmaõ todos os escritores de sua vida, em Tolosa: e despois no anno de 1220 em Roma, naõ he mais alta, nem mais moderna a antiguidade do nome, e devaçaõ do Santo Rosario, ou Rosal, por muy antigo que seja o uso das Contas. E se ouver algum incredulo no ponto mais sustancial, de que a recebeo por revelaçaõ Divina, e pedir sinaes, darlhosemos do Ceo, e da terra. E seja o primeiro que a primeira pessoa de quem o soubemos, e por quem passou aos successores, foy o mesmo Patriarcha, taõ digno de ser crido, que à sua voz resuscitaraõ quarenta mortos juntos, jà sumidos, e affogados na madre de hum profundo rio, à vista de hum grande exercito: A seu brado tornou à vida nos olhos de toda a Cidade, e corte de Roma hum Napoleon, naõ sò morto, mas feito pedaços. A sua doutrina renderaõ almas, e entendimentos de bronze cem mil hereges. Testimunho he este de quem se deve deixar vencer todo bom juizo. Mas temos outros muitos, quais saõ, que todas as vezes que o mundo se descuydou, ou adormeceo na santa devaçaõ, a Senhora teve cuydado de a espertar, naõ buscando outro meyo, se naõ o dos filhos do seu primeiro prègador (grande, e soberana honra desta Ordem) primeiramente no anno de 1461. por Frey Alano Ingrez: e despois no de 1475. polo Mestre Frey Jacobo Prior do Convento de Colonia em Alemanha, aos quais ambos se mostrou visivelmente, e lhes mandou que a prègassem: e destes annos em diante foy em grande crecimento, e começaraõ a levantarse confrarias por toda parte, e escreveremse nellas Reys, e Principes, e todo genero, e estado de gentes, seguiraõ infinitos milagres. Confirmaraõna com letras Apostolicas successivamente os Vigarios de Chri-

Andres Copest. l. 2. da Cõf. do Rof. Bonifa. in virginali l. 2. c. 25. Cartag. Francisc. cano l. ult. §. 125. F. Alanus de Rupe c. 4. 5. & 7.

O Bisp. de Monopoli na 3. p. da histor. da Ord. L. 2. c. 2.

Christo honrandoa com grandes graças, privilegios, e indulgencias. E ultimamente como em gratificaçaõ do serviço que a Igreja neste particular recebeo de S. Domingos, e pera se naõ perder a memoria delle, tres Pontifices santissimos hum tras outro declararaõ por suas Bullas deverse ao Santo. Saõ os Pontifices Pio Quinto, Gregorio Decimoterceiro, Sixto Quinto. As Bullas traz estendidamente Frey Alonso Fernandes no livro dos milagres do Rosario. A de Pio falando de S. Domingos diz em hum periodo: *Modum facilem & omnibus peruium ac admodum pium orandi & precandi Deum Rosarium, seu Psalterium ejusdem Beatæ Mariæ Virginis nuncupatum*: e cerra abaixo: *Excogitavit, excogitatum per Sanctæ Romanæ Ecclesiæ partes propagauit, &c.* As palavras de Gregorio saõ: *Memores Beatum Dominicum Ordinis Prædicatorum institutorem, cum & Gallia & Italia à perniciosis premeretur hæresibus, ad iram Dei placandam, & Beatissimæ Virginis intercessionem implorandam pijssimum illum orandi modum instituisse, quod Rosarium, siue Psalterium Beatissimæ Virginis nuncupatur, &c.* O mesmo affirma o valerosissimo Sixto, digno filho do Serafico Francisco dizendo: *Attendentes itaque quàm religioni nostræ fructuosum fuerit sanctissimi Psalterij Rosarij nuncupati, gloriosæ semperque Virginis Mariæ, almæ Dei genitricis institutum, per Beatum Dominicum Ordinis Fratrum Prædicatorum autorem, Spiritu Sancto, ut creditur, afflatum, excogitatum, &c.*

Jodoco Beyselio opusc. do Rosar. F. Jacintho Choquecio hist. dos Santos da Ordem em Fland. c. 23. p. 207.

Alexand. Legad. in bull. Non defuit Papa Liaõ x. in Bulla Pastoris æterni. Pius v. in Bull. quæ incipit. Consueverunt Romani Pont. &c. Gregor. XIII. in Bull. quæ incipit Monet Apostol.

Sixtus V. in Bulla quæ incipit. Dum in effabilia meritorum insignia. S. Greg. Papa homil. 29. in Evang.

Naõ nos fica que dizer, senaõ o que hum grande Santo aponta em semelhante caso: que a dureza de crer dos duvidosos, naõ he tanto fraqueza sua, como meyo de firmeza nossa, pois à vista de provas taõ claras, naõ averà jà mais nevoa que offusque a verdade. Antes podemos cuydar dos mesmos, que nos ajudaraõ a engrandecer as misericordias do Senhor, que pera mayor corroboraçaõ della, tem conservado este grande beneficio na Ordem de seu servo Saõ Domingos por mais de 400. annos, hora com revelaçoens do Ceo, hora com favores da terra prohibindo ultimamente os Santos Pontifices, que em nenhuma, senaõ nella se possaõ levantar Confrarias, da Senhora do Rosario. Concluamos logo, que este he hum dos hombros de Nosso Patriarcha, e desta Religiaõ, com que Innocencio Terceiro vio sustentada a Igreja Lateranense: porque o outro he o Santo Officio da Inquisiçaõ, de que tambem foy primeiro inventor, e ministro. Mas temonos divertido muyto, e he tempo de tornar ao fio da historia.

Pius V. in Bull. quæ incip. Inter desiderabilia cord. &c.

Apoz tamanha maravilha como a que fica contada no Capitulo precedente, obrou outras o Senhor por seu servo, que excedendo o curso natural das cousas, lhe renderaõ grande gloria diante dos homens. Lidava jà com paroxismos da morte o Procurador do Convento Frey Domingos de Mele, ardendo em huma febre pestilencial. Era pessoa de importancia pera o governo, e bem da Communidade, e muito amado della. Choravaõno todos. Chegouse o Santo à cama, e fez huma breve oraçaõ: fogio a doença, e ficou com inteira saude o que era chorado por morto. Mas na saude

Procurador avisou o Santo aos mais religiosos, que a perderiaõ em breve dous, e acabariaõ o curso da vida mortal: a outros dous succederia pior caso, que fogiriaõ de casa feitos traydores a sua profissaõ. Cubrio a nova de medo, e tristeza a todos, receosos de qualquer das sortes. Servio a profecia de olhar cada hum por si, e andarem apercebidos, e com recato. Mas dentro de poucos dias viraõ com mayor espanto o cumprimento.

Era acabado o anno de 1218, e naõ acabavaõ as obras que se faziaõ em Saõ Sixto pera as Freyras: nem as de Santa Sabina pera os Frades. Com a entrada do anno novo mandou o Pontifice apertar, e dar pressa: e vieraõ a passarse as Freyras no primeyro Domingo da Quaresma que cahio em 24 de Fevereyro deste anno de 1219. Logo à quarta feyra seguinte foraõ ao Mosteyro tres Cardeais, pera assistirem em certa solennidade de renunciaçoens que as Freyras aviaõ de fazer de fazenda, e proprios em maõ de Saõ Domingos. Estavaõ juntos com elle entendendo no negocio: eis que sentem na porta hum tropel de gente, e logo muitas maons que batem nella com grita, lagrimas, e confusaõ. Eraõ os criados do Cardeal Estefano de Fossa nova, hum dos tres que estavaõ dentro: contaõ que Napoleon seu sobrinho ficava morto no meyo da rua, e naõ sò morto, mas feito pedaços. Cae o bom velho nos braços de S. Domingos todo desmayado, lastimaõse todos, e choraõ duas mortes, huma certa do moço, e outra do velho de que naõ duvidaõ. Era Napoleon a luz dos olhos do Cardeal: quiz passar a carreira em huma rua, lançouo o cavallo de si, de tal modo, que ficou no miseravel estado que diziaõ. Ouvindo os que estavaõ na casa tamanho desastre, e que tinhaõ consigo a pessoa de Saõ Domingos, de quem tantas maravilhas ouviaõ, e sabiaõ, acodem a elle todos juntamente, apertaõ, instaõ, importunaõ, que se compadeça de caso taõ lastimoso, que rogue por duas almas merecedoras ambas de melhor fortuna, e que levaõ consigo todo o bem, e alegria da corte: que mostre aqui sua fè, e sua valia com Deos. Encolhiase o Santo com grande humildade, e mostrandose igualmente triste, e desconsolado com os mais, mandou a seu companheyro que aparelhasse pera dizer Missa. Foy tal a devaçaõ, e fervor do espirito com que a celebrou, que ao levantar da sagrada Hostia se levantou com ella no ar à vista de todos hum grande espaço. Acabado o santo sacrificio foyse ao corpo morto, seguindoo os Cardeais, e grande numero de povo, concertou com suas maons os membros torsidos, e espedaçados, chegando cada hum a seu lugar, e feito sobre elle o sinal da Cruz, mandalhe em virtude de JESU Christo que logo se alevante. Levantouse o morto, respondeo, e falou, e pera que fosse o pasmo mayor, pedio de comer, e comeo diante de todos.

1219.

CA-

CAPITULO XV.

Contaõse outros grandes milagres. Parte o Santo pera Espanha. Escreveſe o que lhe ſuccedeo no caminho. Funda em Segovia Convento de Frades, em Madrid de Freyras. Torna para Italia.

FIzeraõ illuſtriſſimo o milagre que acabamos de contar as circunſtancias que o acompanharaõ, como foraõ a preſença de tres Cardeais, a nobreza do reſucitado, a grande multidaõ do povo que ſe ajuntou, e os effeitos de alta devaçaõ que ſe viraõ no Santo. Seguio logo na gente Romana hum novo, e grande deſejo de continuar a eſcola, e doutrina de tal homem. Corriaõ bandos de noviços de todas idades a Santa Sabina, e bandos de donzellas à recluſao de S. Sixto com tanta vontade de trocar por ella a liberdade do mundo, que achamos eſcrito foraõ recebidas ao habito antes do Santo ſayr deſta vez de Roma ſeſſenta Noviças. E pera que ellas, e elles ſe confirmaſſem na ſanta vocaçaõ contra as ſiladas, e tentaçoens do enemigo commum uſava o Senhor de grandes miſericordias, e novas maravilhas em credito, e favor de ſeu ſervo. Achouſe o Santo hum dia em S. Sixto com trinta companheiros: ſintio ſede, pedio de beber, trouxeraõlhe hum pequeno vaſo com vinho (que em Italia, ou por coſtume, ou por ſerem as agoas menos ſadias que em Eſpanha, uſaſe pouco dellas na bebida ſingellamente) bebeo, e deu o vaſo ao que eſtava mais perto, mandandolhe que bebeſſe, e paſſaſſe aos mais, pera que bebeſſem todos. Eraõ muitos, e o vaſo naõ podia ſer tamanho, que tiraſſe poder cuydar algum, que era o cumprimento ocioſo pera com tantas bocas. Mas o fino obediente naõ faz diſcurſos: bebeo, e foy paſſando o vaſo de maõ em maõ aos mais. E pois foraõ mandados tomar a pobre refeiçaõ, perſuadome que devia ſer o jantar daquelle dia, ou ſem proviſaõ de vinho, ou muito fraco de vianda, como entaõ eraõ todos. E como os pobres, e mal jantados bebem às vezes com fome de taõ boa vontade, como o fazem os ricos, e fartos com ſede, deviaõ ſatisfazer bem à neceſſidade, e eſcuſar termos de cortezia. Em fim beberaõ todos com eſpanto de todos, e a vaſilha inda moſtrava no peſo que naõ eſtava vazia. E o Santo pera que entendeſſem donde procedia ſua confiança, e aquelle vinho, mandou que paſſaſſe às Freyras, e que bebeſſem todas ſem ficar nenhuma: e aſſi ſe fez. E eraõ jà a eſte tempo entre todas cento e quatro. Deraõſe graças ao Senhor por taõ raro prodigio, com que moſtrou ſerlhe taõ facil fazer crecer o licor no vaſo, como nacer na parra: e como tambem crecer ſubitamente a agoa no rio ſem chuva, nem invernadas, o que ſe vio por eſtes dias, e tambem em favor da Ordem.

Levavaõ dous Frades de Roma pera outra cidade hum noviço Romano, moço nobre, polo deſviarem dos parentes, que tomavaõ mal ſua ſanta determinaçaõ, e pretendiaõ tirallo à força do Convento. Tinhaõ deixado atràs hum pequeno ribeiro que ſe offerece a quem vay

vay pela estrada Numentana, por onde era seu caminho, e passado a pè enxuto. Hiaõ em seu seguimento os parentes a cavallo, e chegando poucas horas despois ao rio, em dia claro, e sereno, subitamente o acharaõ taõ crecido de agoas, e taõ temeroso de corrente, que lhes tolheo a passagem, e trocou a tençaõ de fazerem força ao noviço, reconhecendo naquella novidade o poder Divino: que de maneira acompanhava o Santo, e suas cousas, que atè dos Demonios era temido, e obedecido, quanto mais dos homens.

Manifestouse este respeito em dous casos. Foy o primeyro em huma molher a quem juntamente atormentavaõ, e juntamente se ouviaõ falar nella sete espiritos differentes, e sete vozes distintas, e de todos a livrou mandandolhes o Santo imperiosamente que logo a deixassem. E chamavaa elle despois Sor Amada, em Saõ Sixto, onde a recolheo pera Freyra. Outro dia fazendo huma pratica espiritual às Freyras na horta do Mosteyro, começou o enemigo a espantallas. Era a figura de hum feyo, e medonho lagarto de duas cabeças. Davaõse por mortas. Mandoulhe o Santo que logo se fosse lançar em hum lago que na horta avia. Naõ pode resistir: foise de hum salto mergulhar nelle, e desapareceo.

Folgavaõ os Anjos de servir (cousa bem de crer) a quem o Inferno temia. Achouse huma tarde em S. Sixto: foy forçado deterse, entrou a noyte escura, e o tempo carregado. Pediaõlhe as religiosas, e os companheiros que ficasse no Mosteiro, porque era longe a Santa Sabina. Naõ se deixou persuadir. E quando o importunavaõ muito, dizia, vamos, vamos, que naõ faltarà hum Anjo que nos guie. E assi aconteceo. Porque aos primeiros passos viraõ diante de si hum vulto, ao que se podia divisar de homem mancebo, que com bordaõ na maõ caminhava despachadamente ao passo delles, e como se fora guia foy insiando as ruas atè Santa Sabina, onde desapareceo. E chegando o Santo à Igreja (porque no Convento dormiaõ jà desesperados de sua vinda) as portas se abriraõ por si.

Era isto ao que se pode alcançar entrada de Março deste anno em que vamos correndo de 1219. Andava o Santo com cuydado de saber dos seus que mandara a Espanha. Parece que lhe revelava o Espirito o pouco tempo que jà tinha de vida mortal. Determinou vellos. A hora da partida de Roma foyse a S. Sixto lançar a bençaõ àquella companhia santa. Acudiraõ as Religiosas a seu Prelado, e Pay. Perguntou se faltava alguma, porque queria falar a todas. Foylhe respondido, que tres estavaõ em cama ardendo em febres, e muy atribuladas, que sò isso as pudera ter. Chamou o Santo a Rodeyra, dizlhe que và, e diga às enfermas, que elle lhes manda que naõ tenhaõ mais febre. Soberana confiança, glorioso imperio. Vieraõ logo sem mal nenhum, e como se nunca o teveraõ. Nesta vinda do Santo a Espanha ha differença entre os autores sobre que anno foy. O Padre Frey Fernando de Castilho nos tira de duvida, e mostra com boas razoens que naõ podia ser

1219.

Castilho p. 1. lib. 1. c. 40.

ſer ſenaõ na conjunçaõ, e anno que vamos ſeguindo de 1219.

Algumas couſas grandes fez por elle o Senhor em Eſpanha, mas ou foſſe por falta de eſcritores (que em Eſpanha naõ avia entaõ quem eſcreveſſe, e os de fora em chegando a feitos della logo emmudecem, como jà nos queixamos) ou foſſe que quiz o Senhor ſer imitado de ſeu Servo em naõ fazer milagres em ſua patria, ſaõ muito menos em numero, e em calidade, das que em breve tempo deixava feitas em Roma: e peraque ſe note iſto melhor, naõ deixaremos nenhuma das que andaõ eſcritas.

Caminhava o Santo com muitos companheiros diſcipulos ſeus, ajuntouſelhe hum do P. S. Franciſco, que levava o meſmo caminho. Em certo lugar inviouſe hum caõ ao Franciſcano, que acaſo ficara atràs, pera o morder, e fazendo preſa no pobre habito abriolhe huma grande farpa. Era no monte, e pera quem o levava ſingelo ſobre as carnes, faziaõlhe guerra vergonha, e impoſſibilidade. Uſou S. Domingos hum remedio, qual dava o lugar, e o tempo, mas ao parecer, gracioſo: juntou as raſgaduras, tomou lodo da eſtrada, apertouas com elle. Chegados à pouſada quiz o Frade coſerſe, achou que o barro fizera officio de grude, naõ sò de linha, e agulha.

Mas acharaõ pior encontro em huma venda. Entraraõ, e como eraõ muitos, e gente a pè, deſcalça, e enlameada, naõ ſe prometeo a vendeira proveito de tal companhia. Começou a enfadarſe, e murmurar primeiro entre dentes. Mas quando vio que em lugar de pedirem de comer, entravaõ muito de aſſento em conferencia de materias eſpirituais, ſolta a lingoa em huma corrente de pragas contra todos, e principalmente contra o que vio mais reſpeitado, que era o Santo (devia querer obrigalo a deſpejar a caſa.) Rogoulhe elle com a ſua brandura que os deixaſſe hum pouco, e temperaſſe a lingoagem. Foy o bom termo hyſope de agoa em forja aceſa. Jà naõ eraõ palavras, ſe naõ brados, e furia. Affligioſe o Santo, porque naõ avia outra pouſada: e levantando o roſto ſem nenhum genero de paixaõ nem ira diſſe: Tàpete Deos poderoſo eſſa boca, jà que rogos humildes naõ baſtaõ. Acudio o Senhor por ſeu ſervo: naõ ſahio mais palavra da boca furioſa, ficou muda. E peraque naõ tornemos a falar nella, tornando o Santo pola meſma caſa de volta pera Italia, ſahio a muda, lançouſe a ſeus pès, e alcançou por humilde a fala, que perdera por ſoberba.

O primeiro lugar de Caſtella que achamos nomeado neſta entrada do Santo, he Guadalajara. Padeceo nelle hum grande deſgoſto pera prova de paciencia, e daquella inteira verdade, que naõ ha Profeta em ſua patria. Trazia muitos diſcipulos, fogiraõlhe quaſi todos. Foy tentaçaõ do Inferno que lhe fez guerra, da qual o Santo teve revelaçaõ, e os aviſou: mas permittio Deos que prevaleceſſe o tentador. Sintio-ſe o Santo como ſanto, chorando no ſucceſſo o peccado dos Apoſtatas, mais que o deſcredito, ou deſemparo proprio: e com invencivel

civel paciencia imitando ao Salvador, falou a tres que sò ficaraõ, perguntandolhes se queriaõ tambem yrse. Mas nem estes quizeraõ deixallo, nem os outros se perderaõ todos, que poucos dias despois tornaraõ os mais à obediencia de seu Mestre. Com os tres passou por entaõ à Cidade de Segovia, onde sendo bem ouvido, aceitou sitio pera fundar casa, e foy por elle escolhido entre huns penedos, em que lhe deu gasalhado huma lapa, que por ser acomodada pera seus exercicios de oraçaõ, e disciplinas lhe servia de cella, e oratorio. E porque as pedras toscas della sendo borrifadas com o sangue do Santo conservaraõ longos annos aquelles sinais, veyo polo tempo adiante a ficar mettida no Convento em huma capella de sua vocaçaõ. Creceo a devaçaõ no povo, porque em hum dia de Sol claro, e Ceo sereno, que nenhuma esperança dava de humidade, sospirando todos por agoa, porque se perdiaõ as novidades por seca, prometeo no sermaõ que fazia a grande multidaõ de gente, que Deos lhes acudiria no mesmo dia com sua misericordia. E viraõ comprida a promessa, e regada a terra de grande abundancia d'agoas ainda antes de acabado o sermaõ. Naõ edificou menos outra promessa, que melhor diremos profecia, que naõ tardou anno inteiro em se cumprir. E foy o caso, que hum homem dos principais da terra, começando o Santo a prègar se levantou, e deixou a prègaçaõ, juntando à descortezia da obra, outra mayor de palavras contra o Santo. E o Santo disse logo aos que ficavaõ que rogassem a Deos por elle, porque antes do anno acabado seria morto por seus inimigos. E assi aconteceo. Que justo he que o pague quem trata com desprezo a doutrina do Ceo. Melhor se ouve na mesma Cidade huma boa molher: soube guardar como joya preciosa huma tunica do Santo, que fora dita verse oje, pera confusaõ do mimo com que nos tratamos (era de aspero burel) e deulhe por ella outra de verdadeiro silicio. Guardoua, e queimando-selhe por desastre a casa, com quanto nella avia, sò perdeo a força o fogo contra huma grande arca, em que tinha junto, e fechado o que possuya de preço em companhia da santa reliquia.

Deixada boa ordem na nova estancia de Segovia, foyse o Santo à villa de Madrid, onde tinhaõ tomado assento os discipulos que inviara com dom Frey Sueyro Gomes. Naõ declaraõ as historias se eraõ todos tres, ou parte, ou se era gente chamada jà por elles à Religiaõ. Quaesquer que fossem: achou que estava delles a terra bem satisfeita, e lhes tinha sinalado pera morada sitio competente; e por boas conveniencias, e polo que se collige de escrituras autenticas, os tres companheiros naõ estavaõ, nem podiaõ estar juntos, nem parados. Porque neste mesmo tempo tinhaõ ordenado principio de casas, ou residencias em Palencia, e em C,amora, e Salamanca, e tambem em Toledo. Eraõ estes principios residirem nos Hospitais, continuando exercicio de caridade com os enfermos, e acudindo a corpos, e almas. Daly sahiaõ a prègar às Igrejas, e se o povo era muito

Castilho p. 1. lib. 1. c. 43.

prè-

grègavaõ nas praças, e despois faziaõ doutrina polas ruas. E assi procediaõ atè terem casa, se a terra lha dava, ou passavaõ a outras. E naõ ha duvida que em Barcelona, e C,aragoça tinhaõ deixado ordem, e gente pera fundarem crecendo o numero, e fervor dos Religiosos por toda parte. E pola mesma rezaõ podemos cuydar que os tinha o Santo chamado, e mandado juntar em Madrid como a Capitulo, e pera dar assento nas cousas de Espanha: e he de crer, que lhe acudiria tambem de Portugal, e do seu novo Convento de Monte junto o Prelado, com quem primeiramente os mandara peregrinar. Mas disto naõ achamos memoria nem certeza: a conveniencia he grande com o que diremos no fim do Capitulo. Porque a vinda de S. Domingos a Espanha com tanta pressa, que quasi naõ teve hora pera parar em nenhum lugar, naõ devemos conceder que foy inconsiderada, nem sò a fim de fundar em Segovia, e Madrid. Mas com alto pensamento, e como dando forma, e regra ao que oje fazem os Prelados mayores seus successores. Determinava fazer huma junta geral de seus filhos, quiz ver primeiro a todos por seus olhos, como viviaõ, e procediaõ. E por isso foy logo passando aos mais lugares da Christandade, onde sua Familia começava a ter gasalhado, que todos correo, e visitou dentro deste anno. As ordens que deu, foraõ animar, e consolar: naõ reprender, nem emendar. Porque na verdade estavaõ taõ bem fundadas aquellas novas prantas com o que de seu espirito, e com a fama, e exemplo de suas virtudes lhes communicava ausente, que achava em todas muito que louvar, nada que reprovar. Avisou em geral que pera dia de Pentecoste do anno seguinte de 1220. celebraria Capitulo em Bolonha, e logo deixou apontados os Religiosos que de cada terra, e provincia aviaõ de yr a elle. Em particular ordenou que no sitio que os Frades tinhaõ em Madrid, com o pouco que jà possuyaõ de proprios se fundasse Mosteyro pera Freyras, e tudo renunciassem nellas. E de dous sojeitos a que nesta jornada lançara de suas benditas maons o habito, ambos de idade madura, e ambos chamados Domingos (ao que parece em davaçaõ do Mestre, e detestaçaõ do mundo deixado) a hum, que era natural de Segovia, e se chamava de sobrenome Munhòs, mandou ficar em companhia das Freyras, e delle ha oje memorias no Mosteiro: ao outro, que era Portuguez, e o sobrenome de Cubo, mandou acompanhar, e ajudar a dom Frey Sueiro, bom argumento de que estava presente. E isto assentado tratou logo de sua partida.

Annais de Aragaõ l. 2. c. 70. Castilho ubi sup.

CAPITULO XVI.

Parte o Santo de Madrid pera Italia: e dom Frey Sueyro pera Portugal. Pedem os Prelados de Portugal a dom Frey Sueyro Prègadores pera seus Bispados. A Infante dona Branca offerece fundar casa em Coimbra.

DEspediose Saõ Domingos de seus filhos, e tomou o caminho de França pola via de C,aragoça. Ficaraõ os filhos com

com magoa do pouco tempo que lograraõ a vista do Pay: e foraõse cada hum pera onde os chamava sua obrigaçaõ. Tornouse dom Frey Sueyro sem perder jornada ao seu Monte. E como era jà muy divulgada polo Reyno sua virtude, e a dos seus moradores do deserto, achou que o esperavaõ recados da Infante dona Branca, e de alguns Prelados: delles, pera lhes yr prègar em suas Diocesis, ou mandar quem o fizesse. Della, pera o ouvir, e ter perto de si casa da Ordem. De huma cousa, e outra achamos letras autenticas. Saõ as primeiras de hum Bispo de Coimbra com licença muy ampla pera elle, e seus Frades prègarem naquelle Bispado: e naõ sò licença, mas tambem indulgencias pera quem os ouvisse, e commissaõ pera emendarem, e castigarem as desordens que achassem. E saõ as que se seguem, tiradas do original de verbo ad verbum.

Petrus Collimbriensis Ecclesiæ Minister humilis, licet indignus: vniversis Christi fidelibus per Collimbriensem Episcopatum commorantibus ad quoscunque istæ literæ peruenerint, & illis qui eas legere audierint salutem & benedictionem. Vniuersitati vestræ notificetur, quòd nos concessimus, & concedimus Domno Suerio de Ordine Prædicatorum Priori, & omnibus suis Fratribus licentiam prædicandi per totum Collimbriensem Episcopatum. Et adhuc concedimus ei licentiam & potestatem compellendi & corrigendi omnes excessus, quatenus Dei gratia vos omnes per eorum prædicationem melius & facilius ad fidem Catholicam vos valeant perducere. Et etiam addimus, quòd ipsi vobis concedant absolutionem peccatorum vestrorum quadraginta dierum: de illis dicimus, qui ad prædicationem eorum venerint, & eos benignè audierint, & eorum prædicationem exaudierint.

Em nossa lingoagem respondem assi. Pedro humilde ministro da Igreja de Coimbra, inda que indino, a todos os fieis Christaons neste Bispado moradores, a que estas letras chegarem, e as lerem, e ouvirem, saude, e bençaõ. Sejavos a todos notorio, que nòs temos dado, e damos licença a dom Sueyro Prior da Ordem dos Prègadores, e a todos seus Frades, pera prègarem por todo o Bispado de Coimbra. E assi lhe damos mais licença, e poder pera emendarem todas as desordens que acharem, obrigando, e constrangendo as partes: a fim que mediante a graça de Deos, e sua prègaçaõ, vos possaõ melhor doutrinar, e com mais facilidade instruir nas cousas da fé Catolica. E queremos outro si, que em nosso nome vos dem, e concedaõ indulgencia de quarenta dias de perdaõ: àquelles entendo, que acudirem às prègaçoens, e as ouvirem de boa vontade, e a suas amoestaçoens obedecerem.

Ainda que estas letras naõ tem data, pola narraçaõ dellas se deixa entender o tempo. Porque como falaõ com dom Frey Sueyro Prior, dizendo, *Priori*, denotaõ que jà tinha Convento, e subditos. O que naõ foy, nem podia ser, senaõ dentro nos annos de 1218, e 1219, e poucos meses do seguinte, no qual foy eleito Provincial. E assi ficamos alcançando a data com mais verdade, que se a teveramos por numeros de arismetica

que

que muitas vezes o tempo borra, e o descuido troca. E tiramos daqui outra certeza muito importante, de que alguns escritores daõ noticia, que he do modo que naquelles tempos faziaõ os nossos Frades o officio da prègaçaõ: o qual era correrem toda a terra, sem deixar aldea por vil, e desprezada que fosse, desterrando ignorancias daquella rudeza bronca, e grosseira, e com paciencia dando a sintir nos entendimentos, e guardar nas memorias as verdades da Fè. E naõ se contentavaõ com este exercicio sò nas terras em que tinhaõ Conventos. Porque como as taes eraõ de ordinario povoaçoens grandes, onde sempre ha muitos doutrinantes, e melhor noticia das cousas, achavaõ que se tirava mais fruto do trabalho, empregandose nas aldeas, e insinando nellas aos mininos, e aos velhos igualmente necessitados de doutrina, da qual despois composeraõ cartilhas, que ainda chegaraõ algumas a nossos tempos. E em fim era o mesmo officio que com muito louvor fazem oje nos lugares em que assistem os Padres da Companhia de JESU. Que na verdade os filhos das ordens regulares viemos ao mundo pera ajudantes do ministerio Ecclesiastico, e Episcopal. E se o emprego a Deos mais aceito, he onde vay mayor necessidade, ninguem me negarà que nos lugarinhos pobres, esquecidos, e miseraveis se faz muito mais serviço, e naõ basta dizer, que esses tem seus Curas particulares. Porque se somente se ha de acudir, onde ha falta de Curas, mais letrados, e mais diligentes os tem as Cidades. E por esta rezaõ corriaõ os nossos Frades tudo (como se collige da lingoagem do Bispo) e chamavaõ a isto naquelle tempo apostolar, segundo ao diante o veremos melhor.

Mas tornando à historia, a Infante dona Branca, que despois foy Senhora de Guadalajara em Castella (segundo affirma Duarte Nunes de Liaõ) era irmã das Infantes dona Tareja senhora de Montemor o velho, e dona Sancha senhora de Alanquer, e todas tres filhas del Rey dom Sancho primeiro, e irmans del Rey dom Afonso Segundo que por este tempo reynava. Esta dona Branca vivia junto a Coimbra em companhia de dona Tareja, e estando jà neste tempo quietas todas da força que el Rey seu irmaõ pretendeo fazerlhes nas villas que possuyaõ (como atràs tocamos) porque se tratava de composiçaõ: desejava à imitaçaõ de sua irmã dona Sancha ter junto de si casa da Ordem de Saõ Domingos, e gozar de sua doutrina. Pera este effeito quiz ver, e ouvir a dom Frey Sueyro, e offerecia comprarlhe sitio em Coimbra, e fazer a despeza do edificio. E parece que foy traça pera o mais obrigar, ajuntar ao seu recado as letras do Bispo. Naõ ha duvida que acudio dom Frey Sueyro a huma cousa, e outra com aquelle zelo das almas que de seu Mestre aprendera, ainda que vinha necessitado de descançar do caminho de Madrid, que tomara a pè, como naquelle tempo se faziaõ todos nesta religiaõ por largos que fossem. Succedeolhe a jornada bem, como todas as que tem por fim a Deos. Porque entre muitos, e bons sojeitos que Co-

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Sancho primeiro.

imbra lhe deu pera o habito, lançou-a hum natural da mesma Cidade, que despois deu grande Santo, como ao diante veremos: Era o povo grande, de gente bem inclinada, e branda, achou bom sitio nas almas pera o edificio espiritual, porque era ouvido com muita vontade, e respondia a ella o fruito E naõ se agradou menos do posto que alcançou na terra pera a fabrica material do Convento, que foy pegado com a Cidade, e sobre o rio, onde chamavaõ a Figueira velha. Naõ nos consta do tempo que aqui se deteve dom Frey Sueyro, nem do dia, e anno em que começou a obra do Convento; mas por escrituras antigas, de que ao diante daremos noticia, e treslados, se collige, que por este tempo teve principio, e que sete annos despois deste em que vamos correndo, que vem a ser no de 1227. avia já Convento formado com Prior, e Supprior. E tomou esta Princeza tanto a peito a obra, e com tal gosto, que a nenhuma pessoa quiz dar parte nella, se naõ foy à Infante dona Tareja sua irmam De tudo damos adiante larga relaçaõ em Capitulo particular. Porque me pareceo mais clareza das materias dizer juntamente tudo o que toca a cada Convento com sua fundaçaõ, e cousas notaveis no lugar que lhe couber por sua antiguidade, e successaõ: que naõ yr misturando, e tecendo os successos de huns Conventos com outros, sò por guardar com pontualidade a rezaõ dos tempos de cada hum, quando caem juntos em hum mesmo anno. Visto como he mais acertado levar desembaraçado, e corrente o sustancial da Historia que consiste nos successos, que naõ o particular do tempo, e conjunçaõ de cada successo, que fica remediado com o repetirmos, e especificarmos de novo em seus lugares, e onde parecer necessario. A este trabalho nos obriga a calidade de historia que nos coube em sorte, que sendo como he de muitos Conventos, e muitas fundaçoens, e sendo força escrever os successos que ha de todos por discurso de largos annos: cada Convento por si faz huma historia propria. E fica esta escritura hum volume de Cronicas, ou mais propriamente hum aranzel de relaçoens de Conventos: pois a cada passo ha de ser cortada, e estroncada em tantas Cronicas, ou relaçoens particulares, quantos Conventos tever. Desgosto, e fadiga grande pera quem escreve, que naõ tem outro alivio, senaõ cuidarmos que por novidade, e variedade ficarà a quem ler deleitosa. Dado este aviso, que era necessario, tornemos à nossa Historia.

L. 3. c. 1.

Deixada bastante ordem em Coimbra, passou dom Frey Sueyro a Braga, e a Guimaraens. Era Guimaraens naquelle tempo huma das terras de mais importancia, e de mais estima do Reyno. Tinhaõ nella suas casas, e assento muitos fidalgos, e muita outra gente nobre, e rica, que se prezava por Christandade, e por termo de honra, e cortesia abraçar a religiaõ, e professores della. Assi quasi no mesmo tempo deraõ gasalhado aos filhos dos dous grandes Patriarchas Francisco, e Domingos. Os Franciscanos com Frey Gualter ouveraõ hum pequeno oratorio apartado da villa: donde

F. Marcos de Lisboa p. 1. l. 6. c. 40.

de despois de alguns annos se passaraõ ao Convento mayor que edificaraõ junto della. Dom Frey Sueyro com os seus foy agasalhado no hospital da villa, e nelle residiraõ muito tempo seus successores (taõ bons de contentar eraõ entaõ os Religiosos) saindo a prègar polas terras vizinhas, e tornandose a recolher a elle. Donde veyo ficarlhe o nome de Hospital de S. Domingos: e estarem oje as paredes, e retabolos da Igreja cheyos de memorias suas, e dos Santos da Ordem. E quando cinquenta annos adiante viemos a ter primeyro Convento, e Igreja na villa, inda que os Frades deixaraõ a morada do Hospital, que atè entaõ fòra seu Convento, ficou em costume que oje dura, (sem se saber o fundamento) yr hum Religioso todos os Sabados do anno dizer Missa nelle. Mas ao diante no titulo deste Convento (como em seu proprio lugar) faremos mais larga relaçaõ desta antiguidade.

Naõ podia dom Frey Sueyro andar estes caminhos devagar, pois tinha por diante a obrigaçaõ de aparecer em Bolonha por Pentecoste do anno que entrava, como deixamos dito, lhe era ordenado por Saõ Domingos. Tornouse ao seu Convento com proposito de começar a jornada com cedo. Visitou em Alanquer a Infante dona Sancha, e dandolhe conta do que deixava assentado com sua irmam, dos Frades que deixava em Coimbra, e Guimaraens, do fruito que fizera em ambos os lugares, e Noviços que recebeo, consolavase muito a Princesa, como Santa que era, e dava graças ao Senhor, que a fizera de taes obras medianeira, e acendendose em verdadeira caridade cahia na conta do injusto, e insoportavel trabalho que padeciaõ os seus Frades na vivenda da serra, de que nacia naõ poderem communicar a santa doutrina com tanta continuaçaõ como as necessidades, e devaçaõ dos povos pediaõ. Mas elles naõ desistiaõ da sobida, e decida do monte: e o prelado com mais animo que todos, dando cada hora mais vivos exemplos de caridade, e mortificaçaõ, com que se fazia venerar dos subditos, e respeitar de toda a comarca; e polo Reyno corria sua fama como de homem Santo.

CAPITULO XVII.

Parte dom Frey Sueyro pera o primeyro Capitulo geral de sua Ordem a Italia. Contase o que succedeo a Saõ Momingos despois que sahio de Dadrid atè a celebraçaõ delle: e o que ficou ordenado naquella santa junta.

NO primeyro tempo que o anno novo de 1220 prometeo serenidade, tomou dom Frey Sueyro seu bordaõ, e Breviario, que foraõ os Companheyros com que primeyro entrou por terras de Espanha, e em Portugal. E sem outro alforge, nem viatico, e sem dar molestia, nem ser pesado a ninguem (ditosa confiança, dina de nos fazer grandes envejas) se poz a quatrocentas legoas de caminho. Anticipouse pera chegar a tempo, porque caminhava a pè, e naõ queria perder a consolaçaõ de ver, e tratar de passagem os Religiosos de Castella, e Aragaõ, que todos o reconhe-

1220

ciaõ, e veneravaõ por pay.

Neste tempo tinha S. Domingos passado Aragaõ, atravessado França, decido polos Alpes a Lombardia, visto Bergamo, e Bolonha, e em fim entrado em Roma, donde sayra por Março do anno proximo passado de 1219. Muytos casos ouve na jornada dignos de memoria. Iremos apontando alguns. Em Çaragoça visitou os seus Frades em hum pobre recolhimento que jà tinhaõ sobre o rio Ebro. Prègou na Cidade, e fez huma admiravel conversaõ. Entrava pola Igreja ao principio do sermaõ hum homem dos principais da terra (devia ser curiosidade, se pior fim naõ era.) Descubrio Deos aos olhos do Santo huma legiaõ de Demonios que o cercavaõ, por aviso de qual era a vida que fazia. Encheose de compaixaõ, e pedindo a Deos misericordia por elle dentro de sua alma, afiou a lingoagem, encareceo os perigos do peccado, a pena de fogo, e tormento eterno dos condenados. Bem se diz que he mais afiada, e cortadora que huma espada de dous gumes a palavra de Deos. Ficou o fidalgo penetrado de medo polo que em si sintia: e foy primeiro effeito trazello a outro sermaõ. Nelle permittio o Senhor pera salvaçaõ sua, e aviso de todos, e por merecimentos do Santo, que visse toda a Igreja o infernal esquadraõ que o seguia. Foy tal o espanto, e terror que naõ parou homem dentro. O mesmo peccador de confuso, e corrido queria, se pudera, fogir de si. Mandoulhe o Santo hum Rosario, insinoulhe a devaçaõ: ajudado della emendou a vida, e veyo a ganhar a alma.

Castilho p. 1. l. 1. c. 43. Annais de Aragaõ l. 2. c. 70.

Hebr. 4.

Em Tolosa visitou os seus Conventos de Saõ Romaõ, e Prulliano. Tomou de S. Romaõ oito Frades, e foise na volta de Paris. Faltou na primeira jornada a esmola: eraõ muitos, e todos cançados, a comida pouca, e pera bebida hum vaso muy pequeno de vinho. Mandouo vazar em outro grande, e que fora bastante pera a companhia, se ficara cheyo; e disse que o acabassem de encher de agoa. Poseraõlho diante, lançoulhe a bençaõ (santa, e poderosa bençaõ) beberaõ todos vinho saboroso, e fino. Naõ he pera ficar em silencio que essa mesma noite despois de deixar os companheiros na pousada bem accommodados se foy a Igreja pera dar graças a Deos da mercè recebida, e tomou por recreaçaõ do trabalho do dia passar em oraçaõ atè pola manham.

No dia seguinte deu com huns fidalgos Alemaens, que em habito de Romeyros levavaõ a mesma estrada. Foraõse todos juntos, deleitandose os Alemaens na novidade do traje dos Frades, e muito mais na ordem com que caminhavaõ, que era cantando Hymnos, e parando a espaços a fazer oraçaõ. Mantiveraõlhe companhia os Romeyros quatro dias, tendoo sempre por convidado com todos os seus, e naõ consintindo que tomassem o trabalho costumado de yr mendigar polas portas. Ao quinto pareceo ao Santo pouco primor deixar passar tanto tempo sem dar algum genero de agradecimento àquella caridade. Ficouse hum pouco atraz, fez oraçaõ, e tornando a alcançar os companheyros, começou a travar pratica com os Alemaens, em

em ſua lingoa, falandoa taõ cerceada, e pronta, como ſe nacera em Alemanha: e eſpantandoos com o milagre, porque atè aquella hora fòra mudo, alegrouos com lingoagem do Ceo, e materias da alma, que lhes foy tratando por eſpaço de outros quatro dias, que ainda foraõ juntos. O meſmo ſe eſcreve (ſe naõ he mayor caſo) que lhe aconteceo outra vez topandoſe com hum varaõ ſanto de terra, e lingoa muy eſtranha, que ſe entenderaõ, e communicaraõ ambos, falando cada hum a ſua natural.

Mas neſta jornada notou Frey Beltraõ de Garriga diſcipulo dos antigos, e ſeu companheyro nella, outra maravilha que deſpois contava, julgandoa por muyto mais prodigioſa. Caminhavaõ longe de povoado, armouſe huma trovoada, começou a lançar de ſi apoz relampagos, e bombardadas de trovoens, pedra groſſa, e grande agoa, e vinhaſe pera elles a toda furia com força de vento. Naõ avia tempo pera lhe fogir, nem roupa pera a eſperar. Poz os olhos no Ceo, fez o ſinal da Cruz contra ella. Deſcarregou a tempeſtade ſem torcer nem parar: mas elles foraõ caminhando como metidos em hum toldo ſem lhes tocar gota de agoa. Outras vezes ſuccedia chegar à pouſada paſſado da chuva, e cuberto de lodo: e o alivio que tinha era agaſalhar os Frades com boa fogueira pera ſe enxugarem, e elle yrſe buſcar a Igreja, e nella paſſar em oraçaõ a noite inteira. Porèm pagavalhe o Senhor em conſolaçoens do Ceo, e porque foſſem entendidas dos ſeus, notavaõ elles que quando os vinha demandar pola manham, naõ avia habito mais enxuto na companhia que o ſeu. Abrangia ao veſtido o fogo que ardia na alma.

Chegou a Paris à noſſa Igreja de Santiago, que foy a primeyra que aly tivemos, donde teve origem o nome que os Franceſes nos daõ de Jacobinos. Alegrouſe de ver os Frades jà quietos nella. Porque quaſi hum anno inteyro tinhaõ feito ſua eſtancia em hum hoſpital. Paſſou depreſſa por atraveſſar os Alpes antes da força do Inverno. No lugar de Caſtelhar foy agaſalhado por hum bom Sacerdote com todos os que levava, com feſta, e boa ſombra. Mas perturbou tudo, e a todos hum grande deſaſtre. Acabavaõ de entrar, quando vem polos ares caindo do alto de hum eirado hum ſobrinho do hoſpede, com tal impeto que ficou em terra eſtirado, ſem ſentido, e com as pernas quebradas, e parecia ter acabado ſeus dias. Deſconſolados todos, e juntos ſobre elle em pranto, acudio o Santo à oraçaõ, refugio ſeu em todo trabalho. Eſtando nella levantouſe o que davaõ por morto, ſaõ, e ſalvo, como ſe eſpertara de algum ſono. Dobrouſe a feſta com a maravilha, e ficaraõ por convidados os parentes, e amigos que vinhaõ ajudar a chorar. Poſtos à meza vio o Santo que naõ lançava maõ de nada a mãy do que paſſara o deſaſtre. Sabida a cauſa, que era andar cativa de huma importuna quartam, e eſtar na meſma hora com a força da ſezaõ: fezlhe hum prato de humas inguias que vieraõ à meza, lançoulhes a bençaõ, e mandoulhe que comeſſe ſem medo.

do. Refusando ella, inda que confessava apetite ao peixe, certificoua que lhe naõ faria dano. E assi foy, que no primeiro bocado se sintio livre de todo mal, e naõ lhe tornou mais a quartam.

Ao passar dos Alpes foy dessfalecendo hum irmão Leigo, de pura fraqueza, e falta de mantença, de sorte que perdia o alento, e naõ podia dar passo. Fez o Santo diligencia polo animar, a ver se poderia chegar ao primeyro lugar. Naõ valendo nada pera o esforçar, apontoulhe pera huma arvore, mandoulhe que fosse a ella, e acharia que comer. E assi aconteceo. Achou hum paõ de tal sabor, que ficou com novo espirito, e forças, como de comida milagrosa, qual na verdade era.

Em Bergamo visitou os seus Frades que de novo achou entrados na Cidade. Prègou ao povo, e consolou a todos. Em Bolonha deu o habito a muitos moços estudantes da Universidade, que deraõ despois homens de grande conta. E em fim veyo a entrar em Roma no mesmo anno em que sahio della: onde sendo geralmente estimada sua vinda, nos seus dous Mosteiros foy festejada com estremo. A primeyra cousa em que entendeo foy instituir huma nova ordem pera serviço da Igreja. Era huma irmandade ou milicia que chamou de JESU Christo, composta de gente secular, com leys, e fim principal de defenderem com armas materiais o patrimonio da Igreja, e seu direyto, e jurdiçaõ contra os hereges: e foy abraçada com grande vontade por todos os nobres da Christandade, e honrada com favores dos Pontifices. Mas cessou como foraõ cessando as heregias, e veyo a converterse de Ordem de homens em Ordem de molheres, com nome da terceyra regra de Saõ Domingos, ou da penitencia. E por ella tem vindo ao mundo grandes lumes de Santidade por toda Europa, como ao diante veremos em seus lugares, e bastante he huma Caterina de Sena pera honrar muitas Ordens, e sendo como foy Freyra terceyra, ser primeyra em todas. Desta milicia primeyra de homens teve origem, e dependencia a companhia dos que o tribunal do Santo Officio admite oje ao serviço daquelle sagrado ministerio da Fè com nome de Familiares, e honra de privilegios, e de huma Cruz branca, e negra, que trazem a tempos, insignia sua, e da Ordem de S. Domingos, procurada jà oje nas mais das provincias de Espanha, e estimada de todos os nobres della.

1219.

Neste tempo lançou o habito ao bendito Jacintho sobrinho do Bispo de Cracovia, que a caso se acharaõ em Roma juntos, e foy com taõ boa sorte, que juntamente com o habito lhe deu todo seu espirito. Assi fez em Polonia, e por aquellas partes do Norte grande dilataçaõ da Ordem, confirmada com vida innocentissima, e famosos milagres, que oje o tem canonizado.

No meyo de tantas occupaçoens acudia o Santo quotidianamente ao pulpito em Santa Sabina, e S. Sixto, naõ dando hora de alivio aos cançados membros, que sua invencivel caridade fortalecia de maneyra que excediaõ as forças humanas. E ca-

cada hora lhe ſuccediaõ couſas que moſtravaõ bem, quaõ gratos eraõ ſeus trabalhos àquelle poderoſo Senhor por quem os levava. Viſitava na Cidade, e confeſſava huma molher de grande, e provada virtude, e igualmente affligida de fortes infirmidades, porque ſe naõ eſpantem os bons de terem trabalhos (chamavaſe Bona.) Acudiraõlhe de novo hum cancro, que vindo a apoſtemar, lhe comia os peitos em vida, naõ sò com a força do mào humor interior, mas com huma podridaõ deſcuberta, que fervia em bichos, e cauſava dores, e outros accidentes incomportaveis. Naõ podia o Santo crèr tanto mal em quem taõ poucos merecia: deſejava ver a chaga, porque avia por couſa monſtruoſa o mal contado, e a alegria, naõ sò paciencia com que Bona o levava. Ouve Bona de obedecer a ſeu Padre eſpiritual. Vio o Santo a chaga, conſideroua, maravilhouſe. Tomou em ſuas maons hum dos bichos, ou pera ſe mortificar, ou pera que viſſem os companheyros, onde eſtavaõ os theſouros do Ceo. Aponta a hiſtoria que era nojento, e feyo, e grande, e a cabeça negra. Caſo peregrino, e nunca ouvido! No meſmo ponto que tocou aquellas ſantas maons, tornouſe em huma perola que deleitava os olhos de oriental, bella, e fina. Requeriaõ os companheiros que a guardaſſe pera memoria do caſo. Requereo Bona que lhe tornaſſe a ſua perola. Porque della, e das irmans tinha jà tanto goſto, que ſe alguma acertava a cayr do lugar cancerado, era couſa ſabida, que logo a tornava a elle. Entregoulha o Santo, e tornou logo a ſua primeyra figura, e a roer como de antes no peito enfermo, mas igualmente valeroſo. Deſpedioſe encomendandoa a Deos, e fazendo ſobre a poſtema o ſinal ſalutifero da Cruz. Naõ tinha acabado de decer a eſcada quando Bona ſintio ſubitamente ſaltar fòra a podridaõ, e os bichos, deſpegandoſe tudo, e ficando aliviada do mal, foy logo enxugando, e encarnando o peito, e cobrou ſaude perfeita.

Em outra beata igualmente virtuoſa, e perſeguida de doenças, ſe vio pouco deſpois ſemelhante milagre. Juntaraſelhe em hum braço hum humor venenoſo, e corroſivo: e começando a apoſtemar tinhalhe lavrado o braço todo, e comida a carne, que naõ avia jà mais que as canas nuas, e ſecas, como de corpo defunto, ſem eſperança de remedio: mas foy cura repentina, e perfeita, hum ſinal da Cruz feyto polo Santo ſobre o mal.

Naõ podia deixar de ſer aborrecido do enemigo comum quem tanto favor tinha da potencia Divina. Aſſi era inquietado delle à toda a hora, e a todo ſeu poder: e naõ podia nada, porque naõ tem mais força, que quanta lhe permitte aquelle Senhor que o he de tudo, e de todos: e polo meſmo caſo nem o Santo o tinha em conta, nem lhe faziaõ pavor ſuas carrancas. Hum dia em Santa Sabina eſtando em oraçaõ na Igreja, fezlhe tiro do alto com huma grande pedra, taõ bem apontado, que lhe deu polo capello, paſſando, e ſem outro dano quebrou diante delle com hum eſtrondo infernal. Mas nem deſta

vez

vez o apartou do Santo exercicio; nem de outras que procurou perturballo com mascaras, e figuras temerosas, alcançou mais que esprimentar a fraqueza propria: e arder em nova rayva de se ver desprezado, e mandado com imperio, e como escravo por huma criatura de terra, e mortal, e sendo sua natureza taõ alta.

Desejava o Santo dar vista aos Conventos de Italia, que eraõ jà principiados muitos. Mas era muito entrado o anno de 1220, e medindo o tempo em que cumpria acharse em Bolonha pera celebraçaõ do Capitulo aprazado, chegou sòmente a Milaõ. Aqui adoeceo de humas febres muy rijas. E he de saber, que querendo curados seus filhos em qualquer enfermidade, naõ sò com caridade, mas com mimo, e sentindo-se assaz trabalhado desta, nem teve melhor cama que huma taboa, nem se pode acabar com elle que comesse carne hum sò dia, nem deixasse de jejuar. Mas naõ era isto cousa nova: com o mesmo rigor nos consta que se governou outras duas vezes que foy doente antes desta, huma em Viterbo, outra em hum dos primeiros caminhos que fez a Roma. E sendo huma das doenças gravissimas, nenhuma cousa quiz nunca aceitar das que he costume daremse aos enfermos pera hum pouco de mais alivio; e o mayor mimo que admittio, foy huns guisados de ervas, e alguns legumes. Como melhorou, tomou por recreaçaõ yrse por Cremona. Dizem que foy a tençaõ visitar seu grande amigo o Padre S. Francisco, que aly se achava em huma casinha que os seus Frades começavaõ a edificar. Viraõse, e consolouse muito com elle. E succedeo que estando juntos chegou o Guardiaõ, e disselhes, que pois Deos aly os ajuntara, alcançassem delle com suas oraçoens o remedio daquella casa, que consistia em hum poço que mandara abrir, e despois de muito trabalho, e despeza, naõ achavaõ mais que hum pouco de humor, que era mais lama que agoa. Ouve comprimentos, e porfias de humildade entre os Santos, sobre qual ficava obrigado a tomar à sua conta aquella necessidade. Foy vencido o Padre S. Domingos por hospede, e pedio que lhe trouxessem hum vaso daquelle lodo que o Guardiaõ dizia. Benzeo o lodo com o poderoso sinal da Cruz, mandou que o tornassem ao poço, e des daquelle ponto teve o poço agoa perpetua, clara, e boa.

1220.

Na entrada de Mayo deste anno de 1220 vieraõ entrando em Bolonha todos aquelles Padres que o Santo tinha avisado, e ordenado que se achassem com elle pera celebrarem Capitulo geral. Chamalhes o Padre Frey Fernando de Castilho Provinciais, deve querer dizer as cabeças, e primeiros Padres das cinco Provincias que entaõ se contavaõ, que eraõ Espanha, Provença, ou Tolosa, França, Roma, Lombardia. Qualquer que fosse o titulo destes Padres (porque o de Provinciais naõ o achamos em outros autores, se naõ no anno seguinte de 1221) entrou, e assistio com elles dom Frey Sueyro Gomez. Como o Santo os teve juntos, propoz com novo genero de humildade a insufficiencia que em si sentia pe-

P. 1. l. 1. c. 51.

pera os governar, pedindolhes com palavras muy efficazes posessem no cargo pessoa que melhor o merecesse. Sobresaltados com a novidade do requerimento, foy a primeyra reposta confusaõ, e lagrimas: a segunda, despois que deu lugar a dòr, que nunca em tal consintiriaõ em quanto elle, e elles vida tevessem. Ordenou entaõ que em todos os Capitulos gerais se fizesse eleiçaõ de certo numero de Padres, cujo officio, e poder fosse reprender o Geral avendo culpas, e castigallo, e absolvello sendo necessario. Este decreto, e o genero de Magistrado persevera atè oje. Chamaõse Diffinidores, e passou a ley tambem aos Capitulos Provinciais. Dura o poder tanto tempo, como a junta do Capitulo. O numero he de quatro, e fazem quinquevirato com o Provincial novamente eleito. E temse visto nas Provincias usarem do poder que nosso Padre aqui deu, penitenciando, e depondo Provinciais. Assentouse mais neste Capitulo Geral com decreto rigurosо o que jà outras vezes tinha o Santo mandado, e sempre fora sua determinada vontade, que naõ possuissem os Conventos dos Frades nenhum genero de fazenda de rayz: sem embargo da concessaõ geral que jà tinha do Summo Pontifice pola Bula da confirmaçaõ da Ordem. E daqui teve principio escreverem alguns antigos que fez nosso Padre esta ley, obrigado do exemplo do Padre S. Francisco, achandose com elle em Assis no Capitulo que chamaõ das Esteyras, e notando as maravilhas que aly resplandeceraõ da providencia Divina. Mas o fundamento tem contradiçaõ: porque he cousa sem duvida, que no mesmo tempo deste Capitulo, que foy polo Pentecoste do anno de 1219 estava S. Domingos em Espanha: e nos dous atràs em Roma, e Tolosa: e nos dous adiante esteve em Bolonha celebrando tambem seus Capitulos pola mesma conjunçaõ de Pentecoste. Ultimamente advirtio o Santo os seus Capitulares, que no anno seguinte de 1221 se juntassem todos outra vez na mesma Cidade, e polo mesmo tempo: ficando por assento, que dahi em diante seriaõ os Capitulos gerais hum anno em Paris, outro em Bolonha. E logo tomada sua bençaõ se tornou cada hum pera sua Provincia temperando a fadiga da longa jornada, com o interesse, e gosto de poderem tornar brevemente aos olhos de taõ bom Pay.

Confor. de Frey Bertol. de Pisa p. 2. fruct. 12. Floret. c. 17.

Castilho p 1. lib. 1. c. 51.

CAPITULO XVIII.

Celebra nosso Padre S. Domingos segundo Capitulo geral em Bolonha. Acode a elle dom Frey Sueyro, e torna pera Espanha com nome de Provincial, e com letras Apostolicas em seu favor, e dos seus.

COmo nosso Santo Patriarcha era dotado de summa prudencia humana, e por outra parte dependia em todas suas acçoens dos conselhos Divinos, como outro Moyses, occasiaõ nos dà de discorrer hum pouco, e buscar qual seria o fim que teve em dar tamanho trabalho aos subditos, como era fazellos correr cada anno centenares de legoas, com as descommodidades de caminhar a pè, e sem bolsa:

e o que mais admira he, que eſtes eraõ os ſeus mais amados, e filhos primogenitos, os velhos, e pays da Religiaõ, os mais dignos de deſcançarem, e mais importantes pera aſſiſtirem com ſuas peſſoas de aſſento nas Provincias. Como avemos logo de conceder, que ſendo elles tais, e ſendo o pay qual temos dito, naõ ouveſſe alguma rezaõ muy poderoſa, e muy do Ceo, pera elle o entender, e mandar aſſi? Seria por ventura querer que aquellas cans veneraveis foſſem prègando ao mundo com os paſſos cançados, e com a ſuſtentaçaõ buſcada de porta em porta, que he largamente mais efficaz prègaçaõ, que todas as bem eſtudadas nas cellas, bem repreſentadas nos pulpitos? Ou ſeria darlhes eſtas jornadas pera contrapeſo da honra do governo, e de terem o primeiro lugar entre ſeus irmaons? Ou ſeria querer que entendeſſem todos, que o mandar neſta Ordem avia de trazer conſigo tais encargos, que os primeiros em mandar foſſem primeiros em mais trabalhar, e melhor ſervir, que era hum genero de confundir, e matar eſte mào apetite humano de ſenhorear, e preceder, apetite taõ pegado a noſſa natureza, deſpois que polo peccado foy inficionada, que naõ falta quem diga que atè no Inferno he ſaboroſo o mandar, como naõ faltou outro que trocava ſer ſegundo em Roma triunfante, por primeyro em huma aldea das mais triſtes, e mais defumadas dos Alpes. Qualquer que foſſe o fim de noſſo bom Padre, ſem nos conſtar qual foy, podemos affirmar que foy Santo, e muito ſuſtancial. E polo meſmo caſo me atreveria a julgar que ſe acertaramos de o ter oje comnoſco, quando bem ſofrera os intervallos mayores que ha nos Capitulos, naõ ouvera de levar em paciencia faltarem nelles muitas vezes os mais velhos, e melhores votos das Provincias: viſto como jà naõ ha trabalho que arrecear, pois eſta idade tem metido em uſo poderem caminhar com toda commodidade. Mas deixado eſte diſcurſo, pera que o peſe, e examine quem sò o pode remedear, tornemos a acompanhar o Santo.

Devia ter jà noticia do pouco tempo que lhe reſtava de vida, e ainda que ſempre trabalhou incanſavelmente, agora excediaſe a ſi meſmo. Paſſado o Capitulo deixou Bolonha dando primeiro ordem na obra do Convento que ſe hia fazendo: e foyſe por Italia viſitando as caſas jà fundadas, e procurando fundar outras de novo: pera o que tinha favores continuos do Papa Honorio, que eſtimando o muito crecimento que avia de Religiaõ, e devaçaõ nas terras em que os Frades aſſentavaõ, acudialhe com letras Apoſtolicas pera todos os Prelados, e ſenhores ſeculares em recomendaçaõ dos novos agricultores da vinha do Senhor. Colhia o Santo grande fruito dellas, e de ſua ida, porque com a viſta atrahia os animos de todos, e trocava coraçoens com a prègaçaõ, de maneira que deixava fermoſo raſto, por onde paſſava, do fogo Divino em que ardia, ficando os Conventos cheyos de novos diſcipulos, e as Cidades deſpejadas de muita gente que à ſua conta buſcava a ſalvaçaõ. Mas tendo gaſtado muitos meſes neſta

pe-

peregrinaçaõ, e sendo entrado
1221. o anno de 1221, veyose recolhendo a Bolonha. Vinha alegre a ver seus filhos: porèm achou cousa na entrada do Convento que lhe aguou todo o gosto que trazia. Poz os olhos no edificio que deixara começado, vio cellas hum pouco mayores, e mais altas do que traçara quando se ausentou. Foy cousa que lhe ferio a alma, queixouse com todos, e de todos, reprendeo o Procurador que tinha a obra a cargo. Chorava, e lastimavase como se vira hum grande principio de perdiçaõ da Ordem. E eraõ as palavras, que daquelle peito mansissimo, e nunca alterado sahiaõ, taõ sentidas, que he bem nos fiquem impressas na alma a todos seus filhos, pera memoria da pobreza a que nos deixou, e desejou obrigados naõ sò em geral, mas no particular de cada hum, e atè no vestido, livros, e roupa, e nas mais miudas alfayas de huma cella. Dizia suspirando: *Adhuc me viuente palatia vobis ædificatis.* He a significaçaõ, como se dissera: Que em minha vida, e à minha vista levanteis casas Reays pera morar? grande magoa, e grande mal. Assi parou o edificio, e naõ ouve quem se atrevesse a proseguillo em quanto viveo. E he rezaõ sabermos pera confusaõ nossa, que as cellas que nosso Padre avia por palacios, tinhaõ ao justo nove peis de cumprido, e sete e meyo de largo. Dura inda hojè pera memoria huma das que o Santo estranhou, que estando quasi acabada mandaraõ os Padres que ficasse assi imperfeita pera sempre, a qual, passando quem isto escrevia, a Roma, no anno de 1571. vio, e medio por curiosidade.

Nesta casa de Bolonha, como avia de ficar por solar, e cabeça da Ordem, quiz o Senhor honrar seu servo com casos maravilhosos. Diremos alguns. E primeyro dous que foraõ quasi em todo semelhantes a outros que deixamos contados em Roma. Disselhe o Procurador hum dia que naõ avia em casa mais que dous paens pera toda a Communidade. Naõ vos agasteis, respondeo o Santo, que esses bastaraõ. Tomou os dous paens: foyos fatiando em partes taõ miudas, que naõ ficou nenhum lugar de Frade sem sua parte. Entrou a Communidade, assentouse. Tanto creceraõ aquelles pequenos bocados, que foy banquete de festa em abundancia, e sabor. Outra vez era refeitoreyro Frey Bomviz (dizemos o nome, porque elle, e Frey Reynaldo, que despois foy Arcebispo de Hybernia testimunharaõ o milagre no processo da Canonizaçaõ) naõ avia totalmente que pòr na meza: e era dia de jejum da Igreja. Soubeo o Santo, levantou mãos, e olhos ao Ceo, dando alegres graças a Deos, por querer que ficassem seus servos aquelle dia sem jantar, quando era certo que naõ faltava nelle com sua raçaõ, e mantença a nenhum animal do campo, nem ave do ar, como poderoso que era pera acudir a todos. Detevese hum pouco nesta consideraçaõ: quando abaixou os olhos, vio que entravaõ polo refeitorio dous mancebos ambos bem carregados, que correndo as mezas, e deixandoas abastadas de paõ, e figos passados, desapareceraõ.

Hum estudante atollado em vi-

vicios, e sensualidades teve atrevimento pera se chegar ao Santo, e beijarlhe as maons. Qualquer que fosse a tençaõ, tal cheyro, e tal virtude sahio dellas, que daquella hora mudou vida, e pensamentos. Outros dous lhe pediraõ hum dia que os encomendasse a Deos que tinhaõ necessidade, e acabavaõ de se confessar em casa. Passado hum espaço chamouos, e a hum encheo de esperanças de perdaõ; e ao outro de medo, advertindoo que fizesse confissaõ plenaria, e descobriolhe hum peccado que escondia.

Naõ he pera esquecer hum caso que Deos aqui permittio pera exemplo nosso. Amanheceo hum dia fortemente atormentado do Diabo hum irmaõ que servia de enfermeyro. Acodiolhe o Santo, mandou ao enemigo que o deixasse. Aporfiava por ficar, dizendo que tinha licença contra elle, porque onde todos os mais Frades padeciaõ por penitentes, e devotos, este andava farto, e cheyo de carne por goloso, à conta dos enfermos, e enfastiados que curava. Mostranos Deos que he vileza, e descortesia digna de ser castigada por algoz do Inferno, querermos pouparnos, quando os outros trabalhaõ: naõ sendo nòs melhores, nem mais necessarios na casa, senaõ por ventura mais inutiles, e ao certo, quais disse o outro polos que se atreveraõ a deixar yr os companheiros aos perigos do mar, e se ficaraõ em terra descançados: *Animos nil magnæ laudis egentes*, quiz dizer, gente que lhe naõ dà nada por adiantar em honra, e credito.

Virgil. Ænei. 5.

Quando veyo dia de Pentecoste deste anno de 1221 em que vamos, estavaõ juntos com o Santo Patriarcha os Padres velhos cabeças das Provincias, ou Provinciais: e com elles o que mais terras, e mais legoas caminhava, e vinha do ultimo Occidente dom Frey Sueyro Gomes. Todos os escritores dizem claramente que neste Capitulo foraõ com formalidade eleitos Provinciais pera todas as Provincias que entaõ avia na Ordem, e que foy eleito pera a de Espanha dom Frey Sueyro. Esta comprendia todos os Reynos dos Pireneos pera dentro, com todos os Conventos que nelles avia. E naõ foy isto mais que encomendarselhe com titulo, o que dantes com realidade jà tinha a cargo. O mais que nesta santa junta passou naõ he de nossa obrigaçaõ. Despedio o Santo a seus filhos com bençoens, e abraços, que sabia aviaõ de ser os ultimos de sua vida, e assi he de crer seriaõ mais affectuosos. A dom Frey Sueyro deu cartas do Pontifice: humas gerais pera os Prelados de Espanha favorecerem a Ordem: outras particulares pera os Reys, em recommendaçaõ da pessoa de dom Frey Sueyro, e dos seus Frades. E porque naõ era em sua maõ tomar hora de descanço em quanto tinha vida, determinou passar à grande cidade de Veneza, julgando que como era terra de grossos tratos, e concurso de varias gentes, poderia fazer bom emprego de sua doutrina, e pescaria certa de almas. Partio dando primeyro de sua maõ o habito com venturosa sorte ao bendito Frey Pedro de Verona em idade pueril: a quem a Igreja santa honrou despois com titulo

1221.

de S. Pedro Martyr, porque o foy por honra della, e da Fè.

Caminhavaõ tambem os Capitulares pera seus districtos, e dom Frey Sueyro pera Espanha. E pera começar logo a visitar os Conventos de sua obediencia, obrigaçaõ primeyra, e principal do officio de Provincial, e os trazer de caminho infiados, entrou por Catalunha em Barcelona. Edificavase entaõ o Convento de Santa Caterina Martyr. Porque he cousa certa, que quasi tres annos assistiraõ os nossos Religiosos naquella cidade por hospitais, e sem domicilio certo. Aqui achou o grande Doutor Frey Raymundo de Penhafort seu filho, pessoa jà entaõ de tantas letras, e taõ provada virtude, que no tempo que pudera residir em casa de noviços, segundo os estilos da Ordem, foy escolhido, e chamado por el Rey dom Jayme de Aragaõ pera seu Confessor, e foy por Divina revelaçaõ fundador, e legislador da illustre, e santa Ordem de nossa Senhora da Mercè. Porque a fundou por Agosto do anno de 1218 e tinha recebido o habito em Barcelona na Quaresma do mesmo anno aos quarenta e cinco de sua idade. Soube o Provincial aproveitarse de suas letras, encomendoulhe que compozesse huma Summa de casos de consciencia, com que sahio brevemente (chamase *Summa Raymundi*) e por ser a primeyra que se escreveo nesta forma, e que deu principio, e methodo a todas as que despois se foraõ escrevendo, rendeo grande honra a seu Autor, e a quem lha mandou fazer. Mas pouco servem honras da terra a quem as goza do Ceo, sendo assi, que foy tal a vida deste filho do nosso dom Frey Sueyro, tantas as maravilhas que Deos por elle obrou, que o temos oje pola Santa Madre Igreja entre os Santos della canonizado.

M. Frey Jordaõ na hist. da Ordem.

Annais de Aragaõ l. 2. c. 70.

Nesta cidade apresentou o Provincial as letras Apostolicas que trazia pera os Prelados de Espanha. Traduzidas em vulgar saõ as seguintes.

HOnorio Bispo servo dos servos de Deos aos veneraveis irmaons Arcebispos, e Bispos: e aos amados filhos Abbades, e Priores, e a todos os mais Prelados das Igrejas de Espanha saude, e Apostolica bençaõ, &c. Se tendes cuydado de amar, e honrar as pessoas religiosas, tende por certo que fazeis agradavel serviço a Deos, a quem servir he o mesmo que reynar: e que diz de si, que qualquer cousa feyta em favor do mais pequenino de sua casa, assi a estima, e aceita, como se a sua propria Magestade se fizera. Polo que a vossa devaçaõ rogamos, e efficazmente a todos vos exortamos, e por estas Apostolicas letras mandamos, que aos amados filhos da Ordem dos Prègadores, das presentes portadores, cujo util ministerio, e religiaõ cremos

ser

ser a Deos agradavel, empareis, e favoreçais em seu louvavel proposito, procurando que sejaõ benignamente recebidos ao officio da prègaçaõ, pera que estaõ deputados. E tendoos por encomendados em reverencia da Sè Apostolica, os ajudeis em suas necessidades, como a homens que entendendo no aproveitamento das almas, e seguindo sò, e buscando a Deos, estimaõ sobre tudo o titulo de pobreza. Finalmente de tal modo ponde em effeito o que assi vos encomendo, e mando, que quando vier o dia temeroso da conta, e juyzo final, vos acheis em companhia dos escolhidos do Senhor, e à sua maõ direita, e alcanceis com elles o Reyno, e gloria eterna: e naõ ouçais nem vos toque a temerosa sentença dos danados, aos quais o mesmo Senhor, por se aver por desprezado, e afrontado no desprezo que destes pequeninos seus servos fizeraõ, ha de condenar a fogo perpetuo. Dada em Uiterbo aos dezasete das Calendas de Dezembro no anno quarto de nosso Pontificado.

De Barcelona veyo dom Frey Sueyro correndo todos os Mosteyros da Provincia: e como sua pessoa, e partes, sua prègaçaõ, pobreza, e modestia acreditavaõ muito as encomendas que trazia, com os Reys, e com todos os Prelados, foraõ os Breves Pontificais de grande effeito: e creceo tanto a devaçaõ da Ordem nas terras por onde primeyro veyo entrando da corôa de Aragaõ, que antes de oitenta annos cumpridos despois de conhecida nellas, teveraõ Conventos bastantes pera fazerem Provincia por si, e ficarem separados com titulo de Provincia de Aragaõ. Deixando visitados estes Conventos, e provido nelles o que por entaõ convinha. O que avemos de entender foy muy de sobre maõ, porque nos consta que naõ veyo a entrar em Castella se naõ no principio do anno seguinte, como logo veremos: tornou a continuar o caminho em proseguimento de sua obrigaçaõ.

CAPITULO XIX.

Prosegue o Provincial dom Frey Sueyro Gomez a visita de sua Provincia nos Reynos de Castella, e Portugal. Contase o felice transito de nosso glorioso Patriarcha Saõ Domingos: e a eleiçaõ que se fez em seu lugar de Mestre Geral da Ordem.

ENtrava o anno de 1222, e no mesmo tempo caminhava por Castella o nosso Provincial em demanda da Corte, avendo por cousa importante pera o bem da Provincia, e por termo de cortezia devida a hum Rey que tinha nome de Santo darlhe conta de si, e do serviço que com a nova obrigaçaõ do cargo vinha fazer a todos os Rey-

1222. Castilho p. 1. l. 2. c. 1.

Reynos de Espanha, e presentarlhe as cartas que trazia do Pontifice. Era Rey em Castella dom Fernando Terceyro, que reynando em Liaõ, veyo a succeder nos mais Reynos de Castella, por morte del Rey dom Anrique, que sem deixar filhos morreo de hum desastre em Palencia, e era tio de dom Fernando, irmaõ de sua mãy a Raynha dona Berenguela A fama que jà corria com louvor de suas partes de virtude, e bom governo lhe veyo a render despois o nome de Santo, por quem oje he conhecido. Deulhe o Provincial conta do estado da Ordem, e do cargo que trazia, e a que vinha. Lembroulhe a obrigaçaõ que tinha, como Rey, e como Catholico, e bom governador de favorecer huma Ordem, cujo fim era com sam doutrina desterrar vicios do povo, e prantar virtudes, que era o mesmo que fazerlhe vassallos fieis, e santos: Ordem fundada por hum vassallo seu nacido em Castella, e do melhor della: vassallo santo, e taõ santo, como a fama, e voz publica testemunhava, e com ella o mesmo Pontifice Principe da Igreja de Deos, cujas letras lhe offerecia. Foy o Provincial bem visto del Rey, e ouvido com benignidade, e promessas de todo favor que pera bom effeito de sua pretençaõ lhe fosse necessario. E desde logo lhe mandou passar huma provisaõ geral pera todos seus Reynos, em particular abonaçaõ, e recomendaçaõ de sua pessoa, e de toda a Ordem, a qual tirada do original que oje està vivo no nosso Convento de S. Pedro Martyr de Toledo he a seguinte.

FErrandus Dei gratia Rex Castellæ & Toleti omnibus hominibus Regni sui hanc chartam videntibus salutem & gratiam. Uniuersitati vestræ notum fieri volumus, quòd Donum Suerium Priorem Ordinis Prædicatorum in Hispania diligimus, & charum habemus, eiusque meritis exigentibus firmam de eo fiduciam gerimus & constantem. Vnde rogamus vos propensius, & mandamus, quòd cum ad loca vestra venerint tam dictus Prior, quàm Prædicatores Ordinis sui (cùm eundem Ordinem, & Fratres ad preces & mandatum Domini Papæ sub protectione, & defensione nostra receperimus, & ad promotionem dicti Ordinis velimus intendere diligenter) eos benignè recipere, deuotè audire, & cum reuerentia debita tractare in omnibus studeatis: circà eos in omnibus taliter vos habendo, quòd maiorem apud nos mereamini gratiam inuenire. Facta charta apud Madrid Reg. exp. die XVIII. Ianuarij Era milesima sexagesima, anno regni sui quinto.

Tra-

Traduzida em vulgar diz assi:

FErnando pola graça de Deos, Rey de Castella, e de Toledo, a todos os que esta carta virem saude, e graça. Queremos que a todos vos seja notorio, que amamos, e nos he muy caro dom Sueyro Prior da Ordem dos Prègadores em Espanha, e delle, porque assi o requerem seus merecimentos, fazemos firme, e segura confiança. Pelo que encarecidamente vos rogamos, e mandamos, que quando elle ou os Prègadores de sua Ordem forem a vossas terras, folgueis de os agasalhar com amor, ouvir com devaçaõ, e tratallos em tudo com a reverencia devida, e procedendo com elles de maneyra que pera comigo vos façais merecedores de mais graça, e mercè: visto como a dita Ordem, e Frades tenho tomado debaixo de nossa protecçaõ, e emparo, a rogo, e por mandato do Senhor Papa, e com diligencia queremos entender em seu acrecentamento. Feita em Madrid a dezoito de Janeyro da Era de mil e duzentos e sesenta, aos cinco annos de nosso reynado (responde ao justo aos annos de Christo mil duzentos e vinte dous.)

Do teor desta provisaõ se deixa bem entender qual seria o encarecimento das cartas do Pontifice, e que naõ seriaõ menos efficazes, as que o Provincial trouxe pera el Rey de Aragaõ, e trazia pera o de Portugal. Tambem fica entendido o grande fervor com que o Provincial procurava dilatar a Ordem, e abranger com o zelo de outro Paulo a todos os lugares de Espanha, pois vindo de caminho taõ comprido, e instando outro pera o Capitulo de Paris naõ tomava dias de descanço, e na força do inverno queria aproveytar o tempo.

Nestes pensamentos, e obras andava occupado dom Frey Sueyro quando foy certificado da morte do Santo Patriarcha. Foy seu ditoso transito em Bolonha huma sesta feyra aos seis de Agosto do anno passado de 1221. Sayra, como atràs dissemos daquella cidade na volta de Veneza logo despois do Capitulo: fora prègando por todas as cidades, e lugares de importancia, em Ferrara, em Mantua, em Fença, com grande trabalho seu, que se augmentava com hum extraordinario concurso, e devaçaõ dos povos. Em Veneza naõ teve momento de repouso, sendo da mesma sorte buscado, e ouvido a todas horas. Mas como sabia que se lhe estreitava o prazo da vida, segundo o declarara

1221.

clarara à ſayda de Bolonha a huns devotos ſeus, dizendolhes que brevemente acabaria ſeu deſterro, e que ſeria no meſmo anno, e antes do dia da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, deuſe preſſa em fazer volta, e com o trabalho do caminho ſempre à pè, e nunca aliviado, juntandoſe a força das calmas que abrazavaõ a terra (era por fim de Julho) chegou a Bolonha taõ cançado, e desfalecido, que jà ſe naõ podia ter nos peis. E com tudo ainda aquella noite ſe naõ quiz entregar a doente. Aſſiſtio no Coro às Matinas, e deſpois na Igreja atè pola manham em ſeus acoſtumados exercicios. Mas amanheceo com febre deſcuberta, e ſobrevieraõ outros accidentes que o debilitaraõ demaſiadamente, e foy neceſſario levaremno a huma cella. E eſta foy a primeyra vez que ſofreo ſemelhante gaſalhado. Como de grande novidade apontaõ as Hiſtorias cuja era, e dizem que de Frey Moneta. Nella foy lançado ſobre hum pobre enxergaõ: he nome de palha recolhida, e apertada entre duas mantas de xerga ou ſaco. Aly andando todos os roſtos cubertos de nuvens de triſteza, reſplandecia no ſeu hum Sol de alegria, como quem eſperava com alvoroço o cumprimento de huma nova, que recolhendoſe hum pouco em oraçaõ teve da boca do meſmo Chriſto. Apareceolhe o Senhor em figura de hum moço belliſſimo ſobre tudo o que ſe pode dizer, ou imaginar, e dizialhe. Vem, amigo, vem, e entraràs na poſſe dos verdadeyros gozos. Confeſſouſe geralmente neſta hora, ſendo aſſi que o tinha feito outras vezes: recebeo todos os Sacramentos da ſanta Igreja com a ſua devaçaõ, que naõ ha mais encarecer: e tratandoſe da ſepultura, foy palavra expreſſa ſua que o enterraſſem aos pès dos ſeus Frades. Hia enfraquecendo, e acabando por momentos: vio que na ſua melhor hora o deſpediaõ ſeus filhos com rios de lagrimas, que corriaõ dos olhos de quantos o cercavaõ, que eraõ todos os que avia no Convento: naõ o pode ſofrer aquella caridade angelica, esforçou a voz, conſolouos com palavras de celeſtial eſpirito, encomendandolhes com particularidade todas as virtudes: e quando chegou à caridade, dezia que eſta com a humildade, e pobreza Evangelica eraõ a herança que por teſtamento lhes deixava. E porque creciaõ effeitos, e vozes de amor chorandoſe os Frades por deſemparados com a falta de tal pay, foraõ ultimas palavras certificallos, e prometterlhes, que no lugar, pera onde hia morrendo, lhes ſeria de mais proveito, que na terra vivo. E levantando as maons, e olhos ao Ceo, deu aquella bendita alma nas maons do Criador: em idade de cinquenta, e hum annos. Certificaraõ logo ſua gloria muitas, e varias revelaçoens de gente ſanta, e ſeguiraõ teſtemunhos de grandes milagres em ſua ſepultura. Era S. Domingos de meam eſtatura, muito alvo, e gentilhomem de roſto: o cabello tirava a ruivo, poucas cans, mas mais na cabeça que na barba. O cabello da cabeça muito eſpeſſo, e ſem ſinal de entradas nem calva. A voz no pulpito muito alta, mas de bom metal, e nada penoſa aos ouvintes. Magro de ſeu natural, mas com as pe-

penitencias mais desfeito, e quebrado do que pedia o numero dos annos. Notavaõ muitos que da teſta, e olhos lhe ſahiaõ algumas vezes huns como rayos, que afuzilavaõ na viſta de quem o olhava, e tratava, de ſorte que o faziaõ grandemente veneravel. De condiçaõ era manſiſſimo: de ſua boca ſe naõ ſabe que ſayſſe nunca palavra de ira, ou deſcompoſiçaõ, nem ocioſa: todo ſeu trato, e praticas ou eraõ de Deos, ou com Deos: riguroſo com eſtremos pera conſigo: e com os meſmos brando, e mavioſo pera ſeus ſubditos. Amigo ſobre tudo, o que ſe pode dizer, de ſer pobre, e deſprezado do mundo, inimiciſſimo das glorias, e grandezas delle, do que deu bom teſtemunho: engeitando tres Biſpados, que em differentes tempos lhe foraõ offerecidos, como o eſcreve Theodorico Apoldia em ſua vida, que compoz por mandado do noſſo ſetimo Geral Munio, paſſa jà de trezentos, e vinte annos, e conta que quando foy buſcado pera hum deſtes, que elle chama Cizeranenſe, reſpondeo, que antes aceitaria morrer logo, que verſe em tal honra, nem em outras ſemelhantes. Affimaraõ os que de ſuas confiſſoens podiaõ teſtemunhar, que nunca peccou mortalmente. Nunca comeo carne, nem por doente deixou de jejũar. Nunca deſpois de fundada a Ordem teve outra caſa ſe naõ a Igreja, nunca outra cama ſe naõ as lageas della. As noites paſſava inteiras em oraçaõ, e diſciplinas: diſciplinas taõ aſperas, e continuas que eraõ tres cada noite, e ſempre de ſangue, e o inſtrumento cadeas de ferro. A oraçaõ taõ afervorada, que humas vezes ſe arrebatava em profundas extaſis, hora ficando ſem movimento, nem ſentido, e como paſſado da vida, hora levantado no ar: outras eraõ tantos os ſoſpiros, e gemidos, que ſem ſe poder valer ſahiaõ do ſanto peito, que ao eſtrondo, e rumor delles acordavaõ os Frades, e perdiaõ o ſono. Aſſi naõ lhe ficava hora de repouſo: e quando os membros cançados pediaõ a ſatisfaçaõ natural, tomava por almofada hum breve eſpaço que dormia os degràos de algum altar. Do ſanto ſacrificio da Miſſa era devotiſſimo: naõ ſe lhe paſſava dia ſem celebrar: e era ſempre com taõ alto ſentimento, que como de duas fontes corriaõ as lagrimas de ſeus olhos, e deciaõ atè o chaõ.

Theod. Apold. in vita B. Dom. l. 1. c. 10. Idem l. 4. c. 10.

Temperou o Provincial o ſentimento, e ſaudades do bom Pay, com a certeza que tinha de ſua gloria, por eſtas virtudes, e outras muitas que por brevidade deixamos, de que elle era boa teſtemunha: e obrigado de todas, e do que a fama trazia de ſeu ſanto tranſito, tomava novo animo pera o trabalho que ſobre ſeus hombros carregava, ſem fazer conta da vida, nem a querer pera outra couſa. Como foy tempo de caminhar pera o Capitulo de Paris, ſegundo a ordem que eſtava dada, começou a jornada com novo cuidado da eleiçaõ que inſtava de ſucceſſor de S. Domingos. E anticipouſe, a meu parecer, alguns dias pera yr de paſſagem colhendo fruito de ſua prègaçaõ, e doutrina nos lugares da Montanha, como ſaõ Burgos, e outros por onde he a eſtrada de Paris, que entaõ eraõ terras gran-

grandes, e bem povoadas. Em todas he de crèr, que se deteria purificando consciencias, e affeiçoando com sua prègaçaõ os animos à virtude, e àquella estreita pobreza com que caminhava, que como de verdadeyro filho de S. Domingos espantava, e confundia os que a viaõ. E daqui teve principio tratarem os vizinhos de Burgos de darem casa à Ordem. E esta he das bem antigas, e que teveraõ seu principio por estes annos. Tambem me persuado por bons fundamentos que teve a origem desta jornada huma Historia que nos deixou de sua maõ dom Lucas, que despois foy Bispo de Tuy em Galiza, e escritor celebre daquelles tempos. Era dom Lucas Conego regular do Mosteiro de Santo Isidro, ou Isidoro de Leaõ: como homem de virtude, e letras devia ver, e tratar o Provincial. E o Provincial como lhe entendeo o talento, desejou logo occupallo em cousa que fosse de proveito das almas. E porque os exemplos dos Santos podem muito pera espertar nos fieis a memoria da salvaçaõ, fezlhe lembrança que seria obra de importancia tirar a luz a vida, e milagres do grande Arcebispo de Sevilha Santo Isidoro, pois em casa sua, e do seu nome residia. Obrigouse dom Lucas ao trabalho, e saindo depois a luz com huma parte delle, dedicoua ao mesmo Provincial com este titulo: *Sanctissimo Patri Suerio Priori, &c.* e entre as clausulas do prologo ha huma cujo principio he: *Cum ad scribenda miracula, bone pastor Sueri, Sanctissimi Ordinis Prædicatorum in Hispanijs Prior Prouincialis, &c.* E por remate do prologo diz assi: *Dignare orare, benignissime Pater, vt quia hoc in sua materia laudabile opus vestra iubente, ac suadente sanctitate in incepto affectionis consistit, auxilium divinum ad optatam perfectionem misericorditer faciat peruenire.* Este livro escrito de maõ se guarda no Archivo do Mosteyro de Santo Isidoro de Leaõ, segundo o affirma o Conego Joaõ de Palacios no Catalogo que fez dos Bispos de Tuy. Chegado a Paris o Provincial dom Frey Sueyro, e juntos os mais Provinciais, e Padres Capitulares no santo dia de Pentecostes do anno que corria de 1222 foy eleyto com summa conformidade por Mestre Geral de toda a Ordem, e successor de S. Domingos o Mestre Frey Jordaõ de naçaõ Alemaõ, das terras de Saxonia, pessoa de grandes partes de letras, e virtude, que por ser tal fora eleyto polo mesmo Santo em Provincial de Lombardia. E sem fazerem outra cousa que toque a nosso proposito se despediraõ os Padres pera suas Provincias.

Joaõ de Palacios no Catalogo dos Bispos de Tuy.

1222.

CAPITULO XX.

Vem a Portugal o Provincial dom Frey Sueyro, treslada o Convento de Montejunto pera Santarem ao sitio de Montijràs.

BEm podemos affirmar que era desejada a vinda do Provincial neste Reyno polos que eraõ seus subditos, e por toda a mais gente que delle tinha conhecimento. Porque quanto aos subditos, alèm do desgosto que geralmente causa a falta do Prelado, a grande bondade deste, e ausencia de hum anno e meyo (visto como naõ parece possivel que

que entre eſtes dous Capitulos teveſſe tempo pera decer a ſua patria) acrecentava o deſejo, e as ſaudades em quem naõ conhecia outro pay. Ajuntavaſe da parte dos conhecidos, e affeiçoados tratarſe com grande calor por peſſoas bem intencionadas, e amigas do bem commum, que ſe buſcaſſe algum meyo pera terem fim as duvidas, e contendas que de tanto tempo, e taõ porfiadamente corriaõ (como atràs tocamos) entre o Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ Soares da Sylva em ſeu nome, e do Clero de ſua Igreja, e el Rey dom Affonſo, em grande prejuyzo das almas de ſeus vaſſallos, e deſcredito da Religiaõ, por rezaõ das eſcomunhoens, e interditos que todavia duravaõ. E o meyo que ſe apontava era hum louvamento em peſſoa deſintereſſada, que ſem eſtrepito de juyzo decidiſſe com brevidade todos os litigios. E da peſſoa naõ avia quem duvidaſſe, quando a tinhaõ tal no Reyno como era a do Provincial, que por partes de ſciencia, e conſciencia ſe naõ podia buſcar outra mais a propoſito. Aſſi foy bem vindo pera todo eſtado, e genero de gente: e logo ſe começou a apertar mais a pratica polos que a traziaõ entre maons, e foy com tanta força, que poucos mezes deſpois foy Deos ſervido chegaſſe a effeito.

Mas elle entre tanto naõ vivia fora de cuydados: e ſobre todos o afadigava terlhe moſtrado o tempo que naõ era poſſivel aturarem os Frades a vivenda da ſerra, e ſerra taõ aſpera, e intratavel, quando a Ordem tinha tantas outras aſperezas, que sò per ſi eraõ baſtantemente conſumidoras de qualquer muy robuſto ſojeito. Quanto mais que pera o proveito eſpiritual da terra, que era o alvo de noſſo inſtituto, eſtavaõ muy deſviados do povoado, naõ sò em rezaõ de diſtancia, mas tambem de ſitio: e naõ sò ficavaõ inutiles por viverem longe, mas por eſtarem em parte, onde dos devotos naõ podiaõ ſer buſcados ſem muito trabalho: e iſto sò em hum tempo do anno que era no veraõ. Aſſi era jà reſoluçaõ dos que melhor ſintiaõ entre os Religioſos, e dos ſeculares que à Ordem tinhaõ mais devaçaõ, que ſe naõ tardaſſe na mudança. Sò no lugar ſe duvidava. Porque ſe lhes fazia de mal aos Padres, e parecia ſer contra a caridade deſempararem as terras de Alanquer, onde acharaõ primeiro gaſalhado: e muito mais deixar a vizinhança da Infante que os amava, e favorecia. Contra iſto avia, que Alanquer como naõ era lugar grande, pera doutrina tinha baſtantes Meſtres nos Padres Menores jà moradores, e vizinhos das portas a dentro: e pera exercicio de caridade em os ſuſtentar naõ eraõ poucos: e ſobre tudo naõ ſentiaõ na villa lugar commodo pera outro Convento. E quanto à Infante eſtava certo, que em alcançando paz que teveſſe por firme com el Rey ſeu irmaõ pola compoſiçaõ que jà tambem andava em pratica, naõ ſofreria a auſencia de ſuas irmans. Conſideravaſe tambem, que como os Moſteyros tem reſpeito à perpetuidade, naõ era ſizudo conſelho ſojeitar eſte a huma sò vida, e de huma Princeſa jà entrada em dias, mormente quando neſta ſojeiçaõ era o ſerviço que ſe

lhe

lhe fazia pouco ; e o dano que os Religiosos padeciaõ muito : e muito o que entre tanto perdia qualquer outra terra , das que jà os chamavaõ pera fundar.

Naõ avendo duvida em deixar Alanquer , e a sua serra, nem faltando recados de bons lugares , que requeriaõ fundaçaõ , e offereciaõ pera ella suas esmollas, o que mais conveniente pareceo ao Provincial por todas as vias, foy Santarem Villa primeira de todas as do Reyno, e por grandeza , e numero de povo , e opulencia de comarca comparavel às melhores cidades delle. No sitio que lhe offereceraõ de Monteiràs , inda que logo lhe notou inconvenientes , naõ reparou , ou por se naõ mostrar mào de contentar , quando era chamado , e rogado : ou porque em comparaçaõ do que deixava , todo outro parecia muy acommodado. Mas o que o successo nos faz julgar por mais certo , he que o aceitou, naõ como casa de morada : se naõ como gasalhado de emprestimo, atè com bom conselho o buscar qual convinha. Deu conta de tudo à Infante : ella com animo real, e pio naõ sò o naõ encontrou, mas como quem era testimunha do muito que os pobres Frades tinhaõ padecido , e padeciaõ queimados do Sol , do frio , e ventos de taõ trabalhosa vivenda , aprovou a determinaçaõ, antepondo, como dizia, o mayor bem dos Religiosos ao gosto que levava de os ter junto de si. Naõ se mostrou taõ facil como a Infante o comum da villa de Alanquer , e o governo della, que sabendo como sabiaõ o grande serviço que a Deos se fazia naquella santa companhia com oraçoens continuas, jejuns, vigilias , disciplinas , parecialhes que perdiaõ com sua yda hum presidio, e guarda de suas vidas, e fazendas, alèm da honra que lhes resultava de terem consigo dous Conventos de gente tanto do Ceo , quando avia poucas terras em toda Espanha que tevessem hum sò. Mas o consintimento da Infante franqueou todas as difficuldades. Mudaraõ casa, e ouve taõ pouco estrondo na mudança (bem aja quem te ama , e quem com obras, e coraçaõ te abraça santa pobreza) que sem nenhum pejo levaraõ tudo o que avia que mudar , debaixo dos braços. E o tudo eraõ alguns livros , e humas leves alfayas da Sacristia, e as pobres mantinhas que lhes faziaõ abrigo nas cellas. O mais movel dellas , e atè a mesma fabrica do Convento era pera o seu trato facil de achar em todo lugar, onde ouvesse mato , e pedra, e barro. Assi em chegando a Santarem naõ ouve tardança em terem casa feita. Porque o mais difficultoso tinha de seu o sitio, que era huma Igreja bem accommodada.

Deu o Provincial o cargo da obra a Frey Domingos de Cubo filho de habito de nosso Padre S. Domingos do tempo que veyo a Segovia, e Madrid, como atràs fica dito , o qual dessde entaõ ficou em Portugal , e deu pessoa de grande marca na Religiaõ , como ao diante veremos. Juntamente o apercebeo que desde logo fosse lançando os olhos por sitio melhorado em vizinhança com a villa. Que pois da serra os trazia hum sò desejo de se empregarem a to-

toda hora em ſerviço do povo, naõ tinha por acertado ficarem longe della, mais que em quanto ſe buſcaſſe melhor poſto. Cumprio Frey Domingos huma, e outra ordem, entendendo com as maons na fabrica preſente, e com os olhos buſcando, e marcando ſitios que armaſſem pera a encomendada. E foy o Senhor ſervido que em breves dias ſe acreditaraõ os Religioſos com a terra de ſorte, que ouve quem deu o dinheyro pera ſe comprar novo ſitio em nome delles, e ſe começou a tratar da mudança. Mas por hora ſe ficaraõ em Montijràs. Pera melhor ſe entender o que antigamente era, e onde cahia Montijràs remeto o Leytor ao Capitulo primeyro do ſegundo livro, onde fazemos deſcripçaõ de toda a villa, como em ſeu proprio lugar. Agora baſta ſaberſe que era hum ſitio, cujo nacimento começava à rayz do monte, que oje chamaõ dos Apoſtolos, e ſe eſtendia polo valle do arrabalde da ribeira contra a villa, afaſtado hum eſpaço do meſmo arrabalde, que entaõ era couſa pouca: e pera a villa ficava huma ſobida de coſta comprida, e agra. O valle jà naquelle tempo era cultivado de hortas. Aqui contaõ as Cronicas do Reyno que parou el Rey dom Afonſo Enriques primeiro Rey de Portugal com ſeus ſoldados pera fazer horas de acometter o venturoſo aſſalto, e eſcalada, com que em huma noite, e com poucos companheyros, e ſendo elle em peſſoa hum dos mais arriſcados acomettedores, ſe fez ſenhor da villa matando infinitos Mouros, ſem perder homem. E polo valle fez a entrada contra a porta que chamaõ da Atamarma. Foy eſte feito no anno de noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1147, e ſendo emprendido com tanto valor, e bom ſucceſſo, foy o ſegredo tal, que nem em Coimbra, donde ſahio, ouve quem imaginaſſe que tal ſe tratava, ſe naõ deſpois que ſe vio acabado. E a Igreja, que os noſſos Frades acharaõ, devia ſer obra do meſmo Rey, como em graças da vitoria, que daquelle poſto teve principio.

Duarte Nunes de Leaõ na vida del Rey dom Afonſo Enriques. Maris fol. 39. dos ſeus Dial.

Deu o Provincial preſſa em que ſe accommodaſſe o recolhimento, pera que os Frades, que juntamente eraõ architectos, e trabalhadores, naõ faltaſſem à prègaçaõ, e doutrina. E tal foy o primeyro ſitio, e o principio do Convento, que eſta Provincia teve em Santarem, ficando com o nome de S. Domingos de Montijràs: o qual colligimos parte de memorias, e papeis antigos, que oje vivem no cartorio daquella caſa, parte da tradiçaõ commum que nella, e na villa dura entre os velhos, deduzida das idades antigas atè a preſente. Queixome porèm do deſcuydo com que viveraõ da poſteridade os Padres que neſte Convento naquelles bons tempos ſe criaraõ, pois ſendo taõ inſignes ſua vida, e obras, que as achamos celebradas por livros, e lingoas eſtranhas, foraõ elles em nolas dar de ſua maõ eſcritas taõ avaros, que he neceſſario andarmos mendigando muitas couſas por conveniencias, e conjeituras pera podermos formar eſta Hiſtoria. Aſſi naõ baſtou nehuma diligencia pera alcançarmos ao certo o anno preciſo deſta tranſmigraçaõ, ſendo couſa certa que foy por eſtes annos em

em que vamos: nem pera sabermos como desfez o tempo esta Igreja de Montijràs, visto naõ aver oje rasto, nem sinal della, e ser tambem certo que esteve muytos tempos em pè, e muitos manteve o nome de S. Domingos, ainda despois de a deixarem os nossos Frades com segunda tresladaçaõ que fizeraõ pera o lugar, onde oje temos o Convento na mesma villa: e sendo dada a outros moradores, como ao diante se verà.

CAPITULO XXI.

Vay o Provincial a Coimbra chamado del Rey dom Sancho Segundo. Concordao com o Arcebispo de Braga, sendo por ambos eleyto Juiz das contendas que traziaõ.

QUando os medianeyros da composiçaõ, que se tratava entre el Rey dom Affonso segundo, e o Arcebispo de Braga dom Estevaõ Soares da Sylva, acabaraõ de assentar com el Rey as condiçoens do compromisso que se avia de fazer (como atras fica tocado) na pessoa do Provincial dom Frey Sueyro, mandousélhe recado a Santarem pera que se achasse presente às escrituras, e aceitasse, e assinasse o louvamento. Acodio o Provincial, e veyo o Arcebispo a Coimbra, onde el Rey estava. Mas como cousas grandes tem sempre suas difficuldades, e el Rey decia aos concertos mais por animo Christaõ, e pio, que por entender que em consciencia tinha obrigaçaõ alguma às queixas do Arcebispo: e folgava de cortar, segundo dizia, por si, por atalhar as desconsolaçoens que avia no povo com as escomunhoens, e interditos, ouve tanta dilaçaõ em meyo, que eraõ passados do anno novo de 1223 dous mezes, e as escrituras naõ se celebravaõ. E quando naõ faltava mais que assinaremse, decretousе outra cousa no tribunal Divino: veyo el Rey a adoecer, e faleceo logo aos vintecinco de Março deste anno em que vamos correndo de 1223. Porèm, naõ estorvou tamanho accidente o que estava capitulado: antes el Rey dom Sancho, inda que moço que naõ chegava a dezasete annos, querendo entrar com bençoens, e boa estrea no Reyno, passados os dias que eraõ devidos a exequias, e nojos Reays, mandou que tevesse effeito o louvamento, e a escritura se fez no mez de Junho logo seguinte. Della poremos aqui alguns pedaços tirados do original que se guarda no cartorio da Sè de Braga, donde nos foraõ dados. E diz assi.

1223.

CUm olim quæstio verteretur inter Domnum Alfonsum Secundum illustrem Regem Portugalliæ ex vna parte, & Donum Stephanum Brac. Arch. ex altera super quibusdam ganatis & pecunia, de quibus dicebatur idem Rex sforciasse Monasteria, & Ecclesias, & super quibusdam domibus, & vineis, & alijs damnis irrogatis eidem Arch. & Ecclesiæ Brach. & Thesaurario. Quare idem

idem Arch. sententias interdictorum in regnum, & diversarum excommunicationum in ipsum Regem Donum Alfonsum, & factores suos, & in eum sequentes, & in personas quorundam clericorum, & quædam alia Concilia partim autoritate sua, partim Summi Pontificis fecerat promulgari. Tandem prædicto Rege viam vniversæ carnis ingresso placuit filio eius Dono Sancio Secundo illustri Regi Portugal. cum præfato Archiep. amicabiliter compositionem facere in hunc modum. In primis iurauit idem Rex & Barones sui ad sancta Dei Euangelia ea quæ sequuntur, scilicet quòd de ganatis, sforciado & pecunia spoliatis emendam faciet per sabedoriam & existimationem Domini Suerij Prioris Fratrum Prædicatorum in Hispania, & Archidiaconi Brac. Domini Garciæ Menendi, & Ferdinandi Petri olim Cantoris Ulixbonensis iuratorum ad sancta Dei Euangelia bona fide veritatem de ganatis, & pecunia inquirere, & quantum Donum Regem ibi dare oporteat, & qualitate amicabiliter definire: quorum existimationi vtraque pars stare tenetur, &c.

Ao diante vaõ condiçoens, e clausulas particulares de obrigaçoens de depositos, e entregas de dinheyro, que deixamos, porque naõ servem, e apos ellas procede a escritura dizendo:

Dominus autem Archiep. iurauit ad sancta Dei Euangelia coràm posita, quòd facta depositione pecuniæ præfatæ apud Aquam leuatam, de qua debeat constare per literas supradictorum existimatorum, & satisfacto ipso Archiep. de prædictis sex millibus aureorum Portugallensis monetæ communis absoluet sine mora totum regnum, & tollet generali absolutione omnes sententias, quas tulit, vel fieri procurauit, tam interdictorum, quàm excommunicationum maiorum, vel minorum, siue in loca, siue in regnum, siue in concilia, siue in personas tam clericorum, quàm religiosorum, quàm laicorum, quàm quorumcunque occasione huiusmodi discordiæ, siue sententiæ fuerunt latæ autoritate Domini Archiepiscopi, siue Dom. Papæ, siue per iudices, siue per executores tam Dom. Papæ, quàm Archiep. &c.

E ultimamente cerra a escritura assi:

Actum

Actum Colimb. mense Iunio sub Era M. CC. LXI. præfatis Rege & Archiep. hæc confirmantibus cum appositione sigillorum suorum: præsentes autem fuerunt, &c.

E logo abaixo vaõ muitos sinais sem mais declaraçaõ que a primeyra letra do nome de cada hum, e sua dignidade pola ordem que vaõ postos.

Donus P. Abbas Alcobaciæ.
Donus R. Prior Hospitalis.
Donus Ambritius Abbas S. Ioan. de Tarauca.
Magister Ioan. Decanus Colimbr.
Magister V. Decanus Vlixb.
Donus P. Magister Templi in Portug.
Donus S. Prior Prædicat.
Mag. P. Cantor Portug.
G. Archid. Brac.
I. Thesaurarius Egitanus.

Estas clausulas traduzidas em nosso vulgar respondem o seguinte:

CORRENDO demanda em tempos atràs entre o senhor Rey dom Afonso Segundo de Portugal de huma parte, e o senhor Arcebispo de Braga dom Estevaõ da outra, sobre, e por rezaõ de certos gados, e dinheyros, dos quais se dizia que el Rey esbulhara Mosteyros, e Igrejas: e sobre algumas casas, e vinhas, e outros danos dados ao mesmo Arcebispo, e à Igreja de Braga, e ao Thesoureyro della: por rezaõ das quais cousas elle Arcebispo fizera publicar sentenças de interditos contra o Reyno, e varias excomunhoens contra o mesmo Rey dom Afonso, e contra seus ministros, e sequazes, e contra as pessoas de certos clerigos, e contra algumas terras, e conselhos: parte em nome, e por autoridade delle Arcebispo, parte por autoridade do Summo Pontifice. E hora sendo o dito Rey falecido da vida presente, ouve por bem el Rey dom Sancho Segundo seu filho fazer com o dito Arcebispo amigavel composiçaõ na forma seguinte. Primeyramente jurou el Rey, e com elle os Senhores de sua Corte aos santos Euangelhos que comprirà as cousas seguintes, a saber: que polos gados, e dinheyros, forças, e esbulhos feytos darà a satisfaçaõ que justo for a juyzo, e alvidramento de dom Sueyro Prior dos Frades Prègadores em Espanha, e do Arcediago de Braga dom Garcia Mendes, e de Fernaõ Peres Chantre que foy de Lixboa, ajuramentados, que com boa fè procurem averiguar a verdade do que toca aos gados, e dinheiro, e logo determinem amigavelmente

quanto ſerà bem que o Senhor Rey dè, e em que forma. E ambas as partes ſejaõ obrigadas eſtar polo que ſentenciarem. *Segue adiante.* E o ſenhor Arcebiſpo jurou aos ſantos Euangelhos que tinha diante, que ſendo primeyro depoſitado o dinheyro acima dito no lugar de Agoa levàda: do qual depoſito conſtaria por aſſinados dos ditos juyzes: e ſendo elle Arcebiſpo ſatisfeito das ſeis mil peças d'ouro de moeda Portugueſa atràs declaradas, logo ſem mais demora abſolverà todo o Reyno, e levantarà com abſolviçaõ geral todas as ſentenças que deu, e fez dar, aſſi de interditos, como de eſcomunhoens mayores, ou menores contra quaiſquer lugares, e contra o Reyno, Conſelhos, e peſſoas aſſi de clerigos, e frades, como de leigos, e quaiſquer outros que a eſta diſcordia deraõ occaſiaõ, quer as ditas ſentenças foſſem dadas por elle ſenhor Arcebiſpo, ou pelo Senhor Papa, quer por juizes, ou miniſtros de ambos, ou de cada hum, &c. *Abaixo.* Feito em Coimbra no mez de Junho Era de M. CC. LXI. (*que correſponde aos annos de Chriſto de* 1223.) confirmando tudo os ditos Rey, e Arcebiſpo com ſeus ſellos, &c.

He de ſaber, que alèm dos que atràs notamos no fim da eſcritura que foraõ preſentes, e aſſinaraõ huns como Prelados de autoridade no reyno, outros como juizes, ou partes: aſſinaraõ outras muitas peſſoas que juraraõ por parte del Rey, como diz a eſcritura, e eraõ os fidalgos mais principais do Reyno, ſegundo parece de huma regra antecedente aos ſinais que diz aſſi: *Barones autem qui iurati fuerunt ex parte domini Regis ſunt iſti.* E he de notar, que eſtaõ nomeados polo taballiaõ duas vezes, quaſi ſem differença, primeyro como teſtemunhas, e deſpois como partes, e poſtos pola ordem que aqui vaõ. E o *Donus* em tantos moſtra ſer cortezia do eſcrivaõ, e naõ titulo de Dom em todos.

Donus P. Ioan. Maiordomus Curiæ.
Donus M. Ioan. ſignifer Domini Regis.
Donus Gar. Menendi.
Donus Io. Fernandi.
Donus Poncius.
Donus G. Menendi Cancellarius.
Donus Gon. Menendi.
Donus Ro. Menendi.
Donus Gil Vaſques.
Donus Henrichius.
Donus F. Ioan.
Donus Aprilis.

Eſta eſcritura ainda que hum pouco dilatada me pareceo ajuntar pera moſtrarmos com taõ verdadeiro teſtimunho o primeyro ſerviço que a Ordem de S. Domingos fez a eſte Reyno, e

aos

aos Reys, com certeza de mez, e anno, que em tamanha antiguidade he bem de estimar. Tambem he de notar nella a grande Christandade, e bondade dos Reys Portuguezes, que ainda que se sintissem contra o que tinhaõ por rezaõ, aggravados dos ministros Ecclesiasticos seus vassallos, ou com respeito, e modestia filial lhes naõ tolhiaõ usar de todo direito, e armas de seu foro: ou com real benignidade, desprezado todo interesse, deciaõ com elles a qualquer composiçaõ. Mas porque atràs prometti mostrar com duas escrituras a grande reputaçaõ em que dom Frey Sueyro estava no Reyno, como indicio de ser nacido nelle, e do melhor delle: ainda que por esta fica bem entendido, ajuntaremos a outra, que segundo parece succedeo em tempo à que fica lançada, a qual lhe naõ dà menos honra. Porque se pera a primeyra foy chamado por Arbitro, como natural, e sabio, e virtuoso, e nobre: pera a segunda parece que foy buscado pera com sua presença, e sinal a authorizar, genero de honra muito aventajado. E irà no capitulo seguinte tambem espedaçada, e tomando della sò o que nos parecer necessario por encurtar leytura.

CAPITULO XXII.

Assiste o Provincial a huma escritura de composiçaõ entre el Rey dom Sancho Segundo, e as Infantes suas tias. Averiguaõse os annos que reynaraõ dom Afonso Segundo, e dom Sancho seu filho.

HE de saber que el Rey dom Afonso II. despois que obrigado por comminaçoens de censuras, e interditos do Summo Pontifice largou as armas, que tinha tomado contra as Infantes dona Tareja, e dona Sancha suas irmans, com pretençaõ de as desapossar das villas de Montemòr o velho, e Alanquer, de que el Rey dom Sancho seu pay as deixara senhoras: decendo com ellas a contenda de juizo civil, e correndo a causa neste Reyno, e despois em Roma, em fim alcançou sentença contra ellas. Porque sendo patrimonio real, naõ podia el Rey dom Sancho seu pay alheallas da Coroa, nem seu filho, e successor della consintir nisso. Foy agente del Rey em Roma o Bispo de Lisboa dom Sueyro, mandado por elle a solicitar a causa. E consta da sentença, e desta agencia por huma provisaõ do mesmo Rey, que nos foy communicada do cartorio da Sè de Lisboa: a qual poremos aqui de verbo ad verbum, como faremos polo discurso da historia a outras antigualhas semelhantes: porque desejo sejaõ exemplo aos que despois de nòs tomarem o trabalho de escrever feitos passados, pera que vejaõ que o melhor meyo de descubrir verdades,

averiguar successos de importancia, e concordar tempos, e annos duvidosos, he revolvendo cartorios antigos das Igrejas grandes, e communidades autorizadas: onde se lançaõ muitas memorias sò a proposito do que lhes cumpre sem medo de desagradar, nem ambiçaõ de comprazer a ninguem: as quais como estaõ puras, singelas, e sem vicio servem de grande lume pera a historia. E naõ tenho duvida que se os nossos Cronistas antigos, digo aquelles que escreveraõ dos Reys, longos annos despois da sua morte, assi como se valeraõ de informaçoens verbais teveraõ ou curiosidade, ou paciencia, pera desenrolar pergaminhos velhos, e yr soletrando ou adivinhando (que quasi assi convem) a letra Gotica humas vezes embaraçada, outras quasi apagada, e cega de velhice, como mais de huma vez nos aconteceo: sempre ouveraõ deixado mayor noticia, e mais acertada de muitas cousas de importancia, em que ainda oje se deseja. E passemos à nossa provisaõ que diz assi:

ALfonsus Dei gratia Portugalliæ Rex vniuersis de Regno suo, ad quos literæ istæ peruenerint, Sal. Sciatis quòd ego sum multum debitor, & omnes qui de me descenderint dono S. Vlixbon. Episcopo, & toti generi suo, & eidem Ecclesiæ, & Canonicis eiusdem pro eo, quòd ipse Episcopus seruiuit in multum tam apud Romam, quam in regno nostro in causa, quæ vertebatur inter me & sorores meas super castris Montis maioris, & Alanquerij, de quibus ipsæ tenebant me exhæredatum, & iuuit ad hæreditationem prædictorum castrorum, in sententia à Dom. Papa Innoc. III. obtenta super eisdem castris. Et iuuit me tam in hoc, quam in alijs multis seruitijs, in quibus ipsum necessarium habui. Quapropter ego recepi illum in meam commendam cum omnibus, quæ Ecclesia Vlixbon. habet, & habuerit in toto regno meo, &c. & propter hoc dedi eis istam meam chartam apertam nostro sigillo plumbeo munitam. Dat. apud Vlixbon. XVII. die Aprilis, per mandatum Domini Regis Æra M.CC.LV. (responde aos annos de Christo de 1217.)

Escusamos a traduçaõ, por seguir brevidade, e porque sem ella fica entendido o que pretendemos mostrar de como el Rey litigou em Portugal, e na Curia Romana com suas irmans, e teve sentença em seu favor, e em que tempo. Esta sentença ou que fosse sò na propriedade, ou em todo, procurou el Rey assentar com ellas por escritura, e contrato pacifico que por sua morte deixassem as villas livremente à Coroa. Dilatouse o negocio por duvidas que se deviaõ mover: e podia ser que ouvesse con-

contratos feitos por terceiros, e os mesmos se recindissem por naõ serem a gosto das partes. Porque a Infante dona Tareja queria que por sua morte ficassem Montemor, e Esgueyra à Infante dona Branca sua irmã: e por falecimento d'ambas entaõ ficasse Montemor à Coroa, e Esgueyra se desse ao Mosteyro de Lorvaõ. Em fim veyo este concerto tambem às maons del Rey dom Sancho, como o do Arcebispo de Braga, e veyo a celebrarse no mesmo mez, e anno, mas naõ no mesmo lugar, e ao que parece foy alguns dias despois, porque naõ tendo data em dias a escritura do Arcebispo, esta se declara que passou em Vespera de S. Joaõ Bautista. Quiz el Rey que se autorizasse este acto com intervençaõ da pessoa do Provincial dom Frey Sueyro, e que se fizesse em Montemòr o velho em presença da Infante dona Tareja, onde elle se foy acompanhado do Arcebispo de Braga, que tambem assinou na escritura. Della lançaremos aqui algumas clausulas, por serem em memoria de dom Frey Sueyro, e honra, e autoridade da Ordem de S. Domingos. Começa assi:

IN Dei nomine. Hæc est forma pacis & compositionis factæ inter Dominum S. secundum illustrem Regem Portugalliæ ex vna parte, & nobilissimas Reginas (jà dissemos atràs que este titulo gozavaõ entaõ todas as filhas dos Reys) *Dominam T. & Dominam S. & Dominam B. ex altera; sua sponte, & in sua sanitate super castris Montis maioris, & Alanquer, & super Isgueira: videlicet quòd Regina dona T. & dona S. debeant tenere in vita sua castrum de Alanquer, & post mortem naturalem Reginæ donæ T. & reginæ donæ S. ipsum castrum de Alanquer debeat redire cum omni iure suo liberè, & sine omni diminutione ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, & ad filium eius, vel ad suum hæredem legitimum. Et Regina dona T. debet habere in vita sua castrum Montis maioris & Isgueiram, & post mortem eius naturalem regina Domina B. debet habere ipsum castrum & Isgueiram: & post mortem naturalem ipsarum ambarum, castrum ipsum in pace cum omni iure suo liberè, & sine omni diminutione redeat cum suis pertinentijs ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, vel ad ejus legitimum hæredem: & post mortem naturalem reginæ donæ Tharasiæ, & reginæ donæ Blancæ Isgueira debet remanere Monasterio de Lorvano pro hæreditate, &c.* Despois seguem outras cousas, e por fim dellas diz: *Actum publicè apud Montem*

tem maiorem veterem in vigilia S. Ioan. Baptistæ mense Iunio. Præsentes fuerunt Domnus Brac. Archiepis. G. Archidiaconus, A. Thesaurarius, G. Capellanus Bracaren. S. Prior Fratrum Prædicatorum in Hispania : Abaixo seguem todos os mais, ou quasi todos os assinados na outra escritura de Coimbra: e arremata dizendo : *Actum sub Æra M. CC. LXI.* (que he o proprio anno em que vamos de 1223.)

Agora he tempo de advirtirmos aos que andaõ vistos nas Cronicas deste Reyno da rezaõ que temos pera nos naõ conformarmos na computaçaõ dos annos, e successo da morte del Rey dom Afonso Segundo com a letra de sua sepultura do Mosteyro real de Alcobaça, que o dà aly sepultado no anno de Christo de 1233, principalmente sendo aprovada polos Doutores Frey Bernardo de Brito, e Duarte Nunes de Leaõ reformador das Cronicas dos primeyros Reys de Portugal, pessoas, a cujas letras, e sciencia se deve grande respeito. Digo pois, que sendo principio posto em toda boa rezaõ naõ se consintir disputa em materias que ou consistem em feito, ou que defeito se podem averiguar, satisfaço bastantemente com duas escrituras atràs, cujos originais estaõ vivos, hum no cartorio real deste reyno, outro no da Sè de Braga, donde me foy dado o que delles temos apontado, polo Licenciado Gaspar Alvares de Lousada Machado, que o Braccarense teve a seu cargo alguns annos, e o Real tem de presente com titulo de Reformador dos Padroados da Coroa, e Escrivaõ da torre do Tombo, e vay digerindo aquellas memorias antigas por taõ boa ordem, que serà facil aos escrupulosos satisfazeremse com vista de olhos de ambas as escrituras referidas, porque tambem me consta, que na mesma torre ha treslado autentico da de Braga. E huma, e outra fazem morto el Rey dom Afonso Segundo antes do mez de Junho do anno de 1223 dizendo a primeyra: *Tandem prædicto Rege viam vniuersæ carnis ingresso* : e fazendo em ambas el Rey seu filho autos que naõ fizera se naõ fora herdado, e Senhor soberano do Reyno. Por onde sendo isto testemunhos vivos, e mayores de toda exceiçaõ, claramente fica convencida a culpa da pedra de Alcobaça se a ouve nella, e culpados de descuydo os que a seguiraõ, naõ penetrando a significaçaõ do letreyro, que com bom juizo esculpio, ou o primeyro que assentou a sepultura, ou o segundo que a mudou, que foy o Abbade dom Jorge de Mello. E mostralloey com hum breve discurso.

Duarte Nunes nas Cronic. reformadas. F. Bern. de Brito nos elogios dos Reys.

Diz a Letra : *Conditur hoc tumulo Donus Alfonsus Secundus nomine, ordineque Tertius Lusitaniæ Rex anno M. CC. XXXIII.* Quer dizer : Neste muimento està metido (ou foy mettido, usando do presente por preterito) dom Afonso Rey de Portugal Segundo no nome, Terceyro em numero no anno de 1233.

1233. Duas cousas ha neste letreyro que estaõ como com o dedo apontando duvida. Seja huma falar por annos de Christo, sendo assi que nem entaõ, nem muito tempo despois se falou se naõ por Era de Cesar: a outra he aquelle, *conditur*: que faz differente significaçaõ, visto principalmente que em todos os mais letreyros ha outros termos, como, *obijt decessit*, e outros, que claramente dizem faleceo, acabou, e nos estaõ amoestando que naõ sem fundamento usou do *conditur*. Ambas estas cousas, e cada huma dellas fora rezaõ que obrigaraõ aos Cronistas a revolver antiguidades, e cartorios, que saõ fonte de luz dellas, como fica dito. Que se o fizeraõ, acharaõ as escrituras atràs lançadas, das quais consta que era falecido antes de Junho de 1223. Acharaõ no livro dos Obitos do Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra huma letra que diz: *Octavo Cal. Aprilis obijt Donus Alfonsus, Tertius Rex Portugal. Æra M. CC. LXI.* E acharaõ a mesma na Sè de Coimbra, que acrecenta despois do nome, e do tempo: *Qui dedit huic Ecclesiæ viginti millia aureorum ad claustrum faciendum, & pro anniversario suo mille morabitinos.* A mesma, e com as mesmas palavras anda no livro dos Obitos do Mosteyro de S. Vicente de fora da cidade de Lixboa, acrecentando: *Cantetur Missa ad maius altare, fiat processio.* E tambem a traz outro livro de Obitos da Sè de Lixboa sem discrepar em nada, e ajuntando sòmente: *Qui dedit Capitulo mille morabitinos in commemoratione sui Anniuersarij.* (E naõ faça duvida o dizer *Alfonsus Tertius Rex*, porque a mesma Era mostra que naõ podia ser outro senaõ Afonso Segundo em nome, Terceiro em numero.) Desta opiniaõ he Garibay na Historia geral de Espanha. E da mesma o Cronista Ruy de Pina, sò com differença de hum anno adiante. E a ella se chegaõ Maris, e o mesmo Duarte Nunes de Leaõ na genealogia dos Reys que imprimio primeiro que as Cronicas. E o Padre Mariana na historia de Espanha. E Vaseu que he mais antigo que todos. Resta descubrirmos a rezaõ porque a sepultura de Alcobaça està differente em dez annos adiante. Esta he, que el Rey naõ foy levado a Alcobaça senaõ dez annos despois de seu falecimento: quem quizer ver a causa da dilaçaõ, lea toda a escritura primeyra de que atràs naõ trazemos mais que pedaços por bons respeitos, e ficarà satisfeito, assi do que dizemos, como da boa consideraçaõ, com que o Autor da letra da sepultura fazendo verdadeira relaçaõ do tempo que aquelle corpo real aly foy recolhido, se livra de dar outras, e a do dia preciso de seu falecimento.

Garib l. 34. f. 802. Pina na vida del Rey dom Afonso Segundo. Maris nos dial. de varia hist. Duarte Nunes na genealog. dos Reys. Mariana l. 12. c. 10. f. 597. Vaseu.

Confirmaõ esta verdade algumas conveniencias. He a primeira dizerem as Cronicas que el Rey dom Afonso por seu filho dom Sancho ficar moço, e sò, o deixou encomendado a sua tia a Raynha de Leaõ. Saibamos a que chamaõ moço, e a que chamaõ sò: se falecendo no anno de 1233 era dom Sancho (como elles mesmos confessaõ) de vinteseis annos, e taõ pouco sò que o acompanhavaõ dous irmaons legitimos, dom Afonso, e dom Luis, cada hum del-

Cronic. de Portugal, e Duarte Nunez na vida del Rey dom Sancho 2.

delles de mais de vinte annos. Bem se segue desta contradiçaõ, que foy verdadeyra a recomendaçaõ, e o anno que nòs lhe damos de sua morte, que he o de 1223, porque nelle era dom Sancho moço de dezaseis annos, idade pueril, e pera se poder encomendar a huma tia: e tambem se podia chamar sò, pois seus irmaons eraõ mininos.

Segunda conveniencia he, que naõ era possivel deixasse hum Rey sizudo cumprir idade de vinte seis annos a hum Principe successor do Reyno sem o casar, principalmente quando os messmos Cronistas confessaõ, que jà conhecia nelle fraqueza natural.

Sobre tudo o que mais faz ao caso he, que sendo os Portuguefes taõ contrarios à deposiçaõ del Rey dom Sancho, como em effeito se mostraraõ, fica dura cousa de crèr, que em taõ breve tempo de reynado, como doze annos que os Cronistas lhe daõ (porque o ultimo jà foy de desterro) succedessem tantas cousas juntas, como foraõ os aggravos intoleraveis que seus validos faziaõ, as queixas do povo multiplicadas à Sè Apostolica, cartas, e reprensoens do Summo Pontifice, vindas de Legados, e em fim deposiçaõ hum Rey. O que tudo conforma com falecer seu pay no anno das nossas escrituras, e tomar elle no mesmo o governo do Reyno, sendo moço de dezaseis annos: e por isso ficar por casar, e encomendado a huma tia, e logo taõ facil de levar dos artificios de gente mal inclinada, que se apoderou delle. Assi he toda a differença de dez annos, os quais tirados à idade do Pay dom Afonso, e dados à vida, e reynado do filho dom Sancho, naõ sò os naõ descompoem: mas antes concertaõ toda a Historia de ambos, e nos daõ em seu verdadeyro, e legitimo tempo os successos, e composiçoens del Rey dom Sancho com o Arcebispo de Braga, e com as Infantes, que foraõ celebradas sendo Provincial de Espanha dom Frey Sueyro Gomez, o qual dez annos adiante era falecido. Faltavanos algum auto real que dom Sancho fizesse desacompanhado de Frades pera minha satisfaçaõ, e d'algum demasiado escrupuloso. Acudionos o Cartorio da santa Sè de Evora com huma carta deste Rey, passada em Lisboa no mez de Abril Era de 1262, que he anno do Redentor 1226 na qual recebe aquelle Cabido debaixo de sua protecçaõ. E pois jà entaõ reynava, bem certo fica, que naõ podia seu pay falecer no de 1233, como querem os que refutamos. Anda esta carta no livro das composiçoens da Sè.

CAPITULO XXIII.

Como foy fundado o primeyro Mosteyro de Freyras que ouve em Portugal da Ordem dos Prègadores.

Junto à cidade de Lisboa, ao Norte della, em distancia de quasi huma legoa, ha hum valle por copia de quintas, e frescura de hortas, e pumares assaz deleitoso, que chamaõ Valle de Chellas. Avia nelle polos annos em que vamos de 1223 huma Igreja taõ antiga na primeyra fundaçaõ, que, sem aver quem disso duvidasse, se referia

1223.

ao tempo em que a primitiva Igreja florecia com favores do Ceo, e persiguiçoens da terra. Porque sendo regada com rios de sangue de infinitos Martyres, que cada hora padeciaõ, tomava forças do mesmo ferro, e fogo, com que era persiguida, e hia crecendo, e pulando, e tomando posse do mundo. Assi he cousa certa, que deraõ occasiaõ a se fundar esta Igreja os gloriosos Martyres S. Felix, e Adriano. Porque padecendo ambos em tempo de Diocleciano Emperador animosa, e santamente pola Fè: Felix em Girona de Catalunha, aonde veyo buscar o martyrio, fogindo da cidade Scilitana, em que nacera, e da de Cesarea em Africa, onde seus pays o criavaõ no estudo: e Adriano sendo martyrizado em Nicomedia de Bithinia: por varios casos, e em differentes tempos vieraõ as santas reliquias de ambos, com muytas de outros companheyros do martyrio aportar neste valle, e no lugar da Igreja, aonde naquelle tempo chegava o mar, que agora lhe fica longe quasi meya legoa. Foraõ os Martyres conhecidos por relaçaõ de quem os acompanhava, mas logo reconhecidos, e reverenciados por meyo de esclarecidos milagres que obraraõ. Edificoulhes Igreja a devaçaõ de Lisboa, e foraõ honrados nella debaixo do nome de S. Felix, ou porque padeceo em terras de Espanha, ou porque foy primeyro em chegar ao Valle: e em testimunho da grande antiguidade ficou com nome quasi trocado no povo, chamandose S. Pero Fins de Achellas. Na entrada dos Mouros, que despois succedeo, de crer he que o medo, e a confusaõ que por castigo do Ceo opprimia os animos, usaria do remedio mais facil pera salvar as santas reliquias, que era enterrallas no mesmo lugar, e encomendallas aos mesmos Santos: e podemos cuydar do grande favor, que ainda hoje exprimentaõ os que a esta casa o vem buscar em suas necessidades, que elles nos guardaraõ este thesouro. O qual se devia descobrir despois no dia em que as lendas do Mosteyro celebraõ sua tresladaçaõ, que he aos 14. de Janeyro. Entaõ se poseraõ em duas grandes caixas de pedra os corpos de S. Felix, e Santo Adriano que traziaõ nome sabido. Os mais que eraõ vinte quatro com o de Santa Natalia ficaraõ em confuso sem se poder averiguar qual era o da Santa. Neste estado fez delles ultima, e solennissima tresladaçaõ o Illustrissimo senhor Arcebispo dom Miguel de Castro, passandoos do sitio em que estavaõ para a Igreja. E nella se vem agora em meyos corpos de obra curiosa, e custosa, S. Felix com doze companheiros no altar collateral da parte do Evangelho; Santo Adriano da Epistola com a Santa consorte; e com mais onze companheyros. E podemos cuydar que elles saõ os que com sua intercessaõ sustentaõ a vida de quem assi os honrou em idade que tem quasi cinquenta annos de Prelado. Dos seus milagres antigos nos daõ muita noticia huns devotos officios que na casa se rezaraõ por mais de trezentos annos, em quanto nella se conservou a reza Dominica, que vieraõ a nossa maõ, e consta por elles que se fazia festa à S. Felix em primeyro dia de Agosto, e a San-

S. Isidor. Prudencio.

Suri. Adon.

a Santo Adriano em nove de Setembro. Dos modernos temos bastante testimunho na grande multidaõ de povo que acode a esta casa todas as sestas feiras do anno, sem nunca aver falta, e chamaõlhe a romagem de S. Perofins.

Lançados os Mouros de Lisboa polo braço, e valor del Rey dom Afonso Enriquez: purificadas as Igrejas, que ainda avia em pè, e reedificadas pouco a pouco as que estavaõ em ruina, foy povoada esta de Frades: o que se vè de provisoens, e outros estormentos autenticos do cartorio della, que particularmente vimos, e notamos, e cotamos: mas com mais clareza nos constou de huma doaçaõ feyta aos Frades por el Rey dom Sancho seu filho, a qual lançaremos aqui assi como jaz no original, e he a que se segue.

IN Dei nomine. Hæc est charta donationis, & perpetuæ firmitudinis, quam ego Sancius Dei gratia Portugalliæ Rex vnà cum vxore mea Regina Domna Dulcia, & filijs, & filiabus meis facio Fratribus Sancti Felicis de Achellis tam præsentibus, quàm futuris, de quadam vinea quam vobis damus, & monasterio vestro, vt ibi semper sit pro hæreditate in perpetuum. Et hoc quidem facimus pro amore Dei, & gloriosæ semper Virginis Mariæ, & vt in orationibus, & beneficijs vestris valeamus semper esse participes. Huius vineæ isti sunt termini. A parte Aquilonis vinea filiorum de Suario Barrina: ab omnibus alijs partibus viæ publicæ. Damus vobis hanc vineam tali pacto, vt semper sit hæreditas Monasterij de Achellis: & nulli sit licitum eam vendere, aut aliquo modo ab eodem Monasterio alienare, sed monasterium ipsam possideat iure hæreditario in perpetuum. Quicunque igitur hoc factum vobis integrum obseruauerit, sit benedictus à Deo, amen. Facta charta donationis & perpetuæ firmitudinis apud Vlisbonam in Æra M. CC. XXX. mense Augusto (que he anno de Christo 1192.) *Nos supra nominati reges qui hanc chartam facere iussimus, eam coram testibus roboramus, & hæc signa facimus. Qui affuerunt.*

Domnus Suerius Vlysbon. Episc. Conf. — *Fernandus Petri test.*
Domnus Ioan. Ferd. Maiordomus Curiæ Conf. — *Gũst. Nunis test.*
Rodericus Ferd. Prætor Vlisbon. Conf. — *Giraldus Pelagij test.*
Iulianus Notarius Curiæ scripsit.

Ao pè desta provisaõ està huma postilla pola qual el Rey dom Afonso seu filho confirma a doaçaõ, e mercè, que nella se contèm, e saõ as palavras:

Hanc

Hanc chartam suprascriptam, quam pater meus Rex Donus Sancius fecit, & concessit Fratribus Sancti Felicis de Achellis de quadam vinea, concedo ego Fratribus eiusdem Monasterij, &c. Apud Vlisbonam mense Madio Æ. M. CC. LVII. (he o anno de Christo de 1219.)

Esta provisaõ, e postilla de confirmaçaõ testemunhaõ ser esta casa em sua primeira restauraçaõ despois dos Mouros, dada a Frades, e por elles ser possuida em vida destes dous Reys atè o anno de 1219. E porque sò pera este effeito a lançamos aqui, naõ curamos de a traduzir advirtindo ao Leytor que esta, e todas as mais escrituras antigas, que no discurso desta Historia se acharem, vaõ tiradas dos originais com tanta pontualidade, que a guardamos atè nas abreviaturas, e nos modos de escrever assi como se hiaõ trocando com os annos, e com os entendimentos dos homens. Os Frades que em Chellas tinhaõ Convento eraõ Cavalleiros da Ordem de S. Joaõ do Hospital de Jerusalem, que viviaõ entaõ em communidade: e consta per outros estormentos de compras, e vendas, que permanecem oje no cartorio do Convento.

Mas qual foy o anno em que os Frades largaraõ esta casa, e começou a ser povoada de Freyras, e quem foy o meyo, e instrumento de as juntar, e trazer a ella, isto ficou taõ cego, e apagado ou com o longo discurso dos annos, que tudo escurecem: ou com a rudeza dos homens, que nada escreviaõ, senaõ o que precisamente era forçado pera o que traziaõ entre maons; que totalmente o naõ pudemos descubrir. Somente alcançamos de pergaminhos velhos do cartorio com bastante clareza, que no espaço de dez annos, que ouve entre o da doaçaõ, e confirmaçaõ dos Reys atràs escrita, e o de mil e duzentos e vinte nove se fez a mudança de Frades pera Freyras: de Frades de S. Joaõ Bautista, pera Freyras de S. Domingos. Entre muitos que o mostraõ he huma doaçaõ em sua narrativa bem notavel, e por isso irà com sua traduçaõ.

IN nomine Domini, Amen. Nouerint vniuersi præsentem chartam inspecturi, quod ego Dominica Roderici quondam vicina Sanctaren. in vita mea, & integro sensu meo considerans statum mundi, & meum, & præcauens in futurum, ad honorem Dei, & Ordinis Sancti Dominici do & concedo, & roboro corpus meum & animam in Monasterio Dominarum de Achellis in earundem Ordine, sumpto eiusdem Ordinis habitu, in vita & in morte in perpetuum permansuram. Do etiam & concedo Priorissæ & Conuentui eiusdem Monasterij de Achellis omnia bona

mea temporalia mobilia & immobilia, & ſe mouentia, quorum loca & termini, in quibus poſſeſſiones ſitæ inferius ſunt ſcripta, &c. Actum apud Vlisbonam menſe Martij Æra M. CC. LXVII. Qui præſentes fuerunt Frater Pelagius Braccaren. Frater Petrus Suerij Vlisbonen. Frater Dominicus Martini Vlisbonen. Ioannes Ioannis de Riparia quondam Procurator Dominarum.

A lingoagem he:

EM nome de Deos Amen. Saibaõ quantos eſta eſcritura virem, como eu Domingas Rodrigues moradora que fuy em Santarem, eſtando viva, e ſam, e em meu perfeito juizo, conſiderando as couſas do mundo, e ſeu eſtado, e meu, e acautelandome pera o diante: à honra de Deos, e da Ordem de S. Domingos, dou, e outorgo, e com firmeza offereço minha alma, e corpo ao Moſteyro das dònas de Chellas, pera ficar com ellas em ſua Ordem, e com ſeu habito em vida, e morte, e pera ſempre. Tambem dou, e outorgo à Prioreſſa, e communidade do meſmo Moſteyro de Chellas, toda minha fazenda, e bens, aſſi moveis, como de rayz, e os que por ſi ſe movem: e os lugares, ſitios, e confrontaçoens das propriedades vaõ abaixo declaradas, &c. Fezſe em Lisboa no mez de Março Era de M. CC. LXVII. *Reſponde ao anno de Chriſto de 1229.* Foraõ preſentes Frey Payo de Braga, Frey Pedro Soares de Lisboa, Frey Domingos Martins de Lisboa, Ioanianes de Ribeyra, Procurador que foy das meſmas Donas em tempo atràs.

Do teor deſta eſcritura fica bem entendido, e ſem lugar de duvida, que jà no anno de 1229, em que paſſou, eſtava o Moſteyro em poder de Freyras aſſentado, e corrente, e que as Freyras eraõ da Ordem, e habito de S. Domingos, e como aquelle *quondam* faz indicaçaõ de tempo paſſado, e naõ pouco, ſe dermos o principio do Moſteyro em cinco annos atràs, achado fica que foy no de 1224, e que o recolhimento das Freyras paſſou por maõ do Provincial dom Frey Sueyro logo no anno ſeguinte deſpois da morte del Rey dom Afonſo, e da concordia do Arcebiſpo com el Rey dom Sancho. Mas naõ duvido, que pera couſa taõ nova em Portugal interviria braço de peſſoa real, e muy

muy poderosa, pois precedeo tirarse a casa aos Frades, que de força avia de ser negocio custoso. Tambem fica claro o muito que custaria de trabalho, e cuydado ao Provincial este ultimo serviço publico que fez a sua Patria: quantos passos daria, quanto se cansaria em prègaçoens publicas, e persuasoens particulares por ajuntar este rebanho Santo ao Pastor, e Esposo celestial. Obra foy na verdade digna de verdadeiro filho de S. Domingos, e de quem ao vivo em pensamentos, e obras o imitava: e oje lhe deve render grandes gràos de gloria no Ceo. Porque naõ ha duvida que todas quantas almas tem subido daquelle recolhimento aos gozos eternos nestes quatrocentos annos, lhe saõ em algum modo devedoras como a primeyro pay seu, e primeyro autor da santa reclusaõ em que merecéraõ o Ceo. E o Reyno de Portugal lhe està devendo ser este o primeyro Mosteyro de Freyras que das Ordens mendicantes se fundou nelle. Porque sendo assi que o primeyro que cà ouve de Freyras de Santa Clara, foy hum que se edificou no anno de 1258 nas ribeyras do rio Douro, em pouca distancia da cidade do Porto, onde chamaõ entrambos os Rios, que he o mesmo que despois no anno de 1354 foy passado pera dentro da Cidade, ficalhe o de Chellas superior em ansianidade por mais de trinta annos

Esmerouse o Provincial em fazer este Mosteyro de S. Felix de Lisboa hum retrato de S. Sixto de Roma, prantando nelle o mesmo rigor, e observancia, com as mesmas leys, e austeridades: e como era jardim de sua maõ, cultivado com sua doutrina, e exemplos frescos, e quasi vivos do Padre S. Domingos, e acompanhado, quando elle faltava de Mestres muito espirituais e Santos, começou a ter cheyro, e fama de hum Paraiso na terra, e corriaõ a elle muitas donzellas do melhor do Reyno. Porèm, como he condiçaõ das cousas humanas yr sempre variando, e descaindo, e as que saõ mais perfeitas terem mayores contrastes, foy faltando com os annos aquelle primeyro fervor. Era gente nobre, e mimosa, faziaselhe de mal tanta continuaçaõ de asperezas. Deviaõ ajudar pays, e parentes indiscretamente piadosos. Começaraõ a levar mal o rigor da regra, avendoa por intoleravel, naõ sò pesada na parte que com mais rezaõ lhes ouvera de ser suave, que he a clausura: pois esta he a chave, e sello de toda Religiaõ, e sem ella he impossivel conservarse. Fazia dano o exemplo que sempre tem grande poder pera mal. Avia no Reyno outros Mosteiros que viviaõ na simplicidade antiga de sayrem as Freyras em communidade hora a suas erdades, hora acompanhar procissoens: e em particular visitavaõ suas mãys, e irmans: tinhase por cousa santa, naõ sò sem dano. Deziaõ, que entrando pera servirem a Deos com alegria, viviaõ em huma perpetua malencolia, e em huma roda viva de trabalhos, sem hora de alivio, como tinhaõ os mais Religiosos do Reyno: que daqui naciaõ doenças novas, e sem remedio, que jà avia entre ellas, ajudando o assombramento da reclusaõ perpetua as destemperanças, e mali-

gni-

gnidade do ar. Que a vida que tinhaõ naõ era sò de encerradas, mas pior que de emparedadas: porque estas como cada huma era prelada de si mesma, tinhaõ em sua maõ o trabalho, e o descanço, dispunhaõ do dia, e da noite à sua vontade: mas ellas com a vontade, e entendimento sojeito ao arbitrio d'outrem, naõ tinhaõ momento que pudessem chamar seu: Freyras no nome, nos effeitos encarceradas. Que tudo se pudera levar, se huma vez no anno puderaõ visitar a mãy velha, e o pay enfermo, ver a casa em que naceraõ, em fim respirar hum dia em outro ar, e estar huma hora sem ouvir sinos, sem viver por regra. Que era forte cousa fiarem menos dellas os Prelados Dominicos, do que fiavaõ das suas os outros Prelados, sendo todas Portuguezas, todas bem criadas, todas bem nacidas. Que pera molheres honradas, e de bom entendimento naõ avia cerca mais alta, nem muro mais forte, que o ponto da honra, e o medo de infamia. Quanto mais, que sendo esta pequena liberdade, alivio pera a vida, e remedio grande pera a saude, corria jà no Reyno por genero de afronta, faltarlhe a ellas quando sobejava a outras, que naõ eraõ melhores em nada.

Assi se queixavaõ, e assi instavaõ. Acudiaõ os Prelados com todos os meyos que a prudencia insina pera as quietar. Quando viraõ que naõ bastavaõ, ouveraõ por menos mal perder o Mosteyro, que descer hum ponto do primeyro instituto. Recorreraõ à Sè Apostolica, pediraõ absolviçaõ do cargo, e da administraçaõ delle: e em fim o vieraõ a largar no anno de 1295 despois de o governarem mais de sesenta annos: e ficou na jurdiçaõ do Ordinario de Lisboa, conservando todavia atè nossa idade o habito, reza, e cerimonias de S. Domingos. Mas porque nesta idade ouve quem quiz escurecer estas verdades, e he rezaõ acudirmos por ellas, serà necessario fazermos inda hum par de Capitulos neste argumento: quem os tever por sobejos, porque a Historia pode bem passar sem elles, livrarseà do trabalho com voltar poucas folhas.

CAPITULO XXIIII.

Censurase huma letra esculpida de fresco em huma pedra do Mosteyro de Chellas: descobrese o artificio, e tençaõ della.

NEsta nossa idade fertil de monstruosas novidades, poucos annos antes do de 1608, que foy o mesmo em que as Religiosas do Mosteyro de Chellas deixaraõ a reza do Breviario Dominicano, apareceo huma pedra posta em lugar alto, e publico da sua Igreja, e entalhado nella o letreyro seguinte:

ESte Convento he de Conegas regrantes de S. Agostinho por escrituras antiquissimas: e foy casa das Vestays antes da vinda de Christo Nosso Senhor, como se vè polos vestigios de pedras que estaõ na Crasta velha, e polo cipo de Iulia Flaminia, e ara das Vestays com o buraco

co di urna do igne perpetuo. Assi que se acha ser reedificada esta Capella quatro vezes, huma em tempo das Vestays, outra na primitiva Igreja de Espanha, e duas despois.

Sem escrupulo podemos affirmar, que a tençaõ desta letra, e colocaçaõ da pedra, naõ foy outra, senaõ que como pedras saõ de mais dura que pergaminhos: e he cousa sabida estarem vivos, e saons muitos que a encontraõ, alcansaria com tal meyo vitoria delles se naõ fosse de presente, ao menos daqui a longos annos, quando em falta de tudo se venha a estar polo que differem pedras (desmesurada providencia! em descredito de todas as memorias antigas das pedras Romanas, que sempre foraõ de estima, e gosto.) Mas graças a este papel, que sendo em si cousa fraquissima, se farà naõ sò forte, mas immortal em virtude da impressaõ: e nelle ficarà pera sempre viva, e notada a sem justiça da pedra, e da letra, e de quem a notou: e permaneceràõ igualmente as rezoens que temos de a condenar na parte que toca à Religiaõ de S. Domingos, que sò isso me move. E deixando à parte a vaidade das Vestais, do buraco, da urna, do igne perpetuo, em que nos naõ toca falar, nem diremos palavra, visto como em nenhuma parte do mundo, fora de Roma, ouve nunca casa de virgens Vestais, por ser contra as leys, e ritos dellas, receberse em tal companhia nenhuma donzella que tevesse seu domicilio fora de Italia: e nas que se recebiaõ precedia exame de suas partes, e calidades, feito polo Pontifice Maximo que em Roma residia: e elle era o que por sua maõ as metia no recolhimento do templo, guardando certas cerimonias de obra, e palavra: elle o que as vigiava, reprendia, e castigava quando avia descuidos: e a casa era na parte mais povoada, e mais segura de insultos que avia na cidade. Polas quaes razoens todas em nenhum dos escritores antigos se acha que ouvesse Vestais por outras provincias, mais que em Roma. E assi naõ perdendo indignamente o tempo, trataremos sò da primeyra parte do letreyro, que pretende tirar aos Frades de Saõ Domingos o titulo de fundadores do Mosteyro, dizendo que por escrituras antiquissimas he de Conegas regrantes.

Aulus Gellius l. 1. c. 1. Feneft. de Sacerdot. Rom. c. 6. Iustus Lypsius de Vesta & Vestalib. l. 1. c. 2. Alex. ab Alexand. l. 5. c. 12. Genial. dierum.

Dura e nova contenda he em huma opiniaõ assi absolutamente affirmada, avermos de litigar sem ver autor, nem respondente. Porque se a queremos accusar (como de feito accusamos) de errada, e injusta, em quanto naõ vemos quem sustente, he hum esgrimir no ar, e dar golpes em vaõ, e em fim falar com hum penedo. Se lhe aparecera dono, forravamos grande trabalho. Porque como quem se dà por autor de qualquer novidade, logo se obriga à prova della: e eu estou certo, que em favor desta naõ ha nem pode aver escrituras antigas, nem modernas: se o teveramos em praça, certos ficavamos da vitoria, e livres de mais

mais contenda. Mas em caso que o avemos com pedra, e pedra demasiado palreira em affirmar cousas sem fundamento, surda pera se vencer da boa rezaõ, muda pera confessar culpa, insensivel pera levar pena, ficamos obrigados ao trabalho de negar como reos, e juntamente provar como autores: quando nenhuma ley, nem direito manda, que se provem negativas. Primeyramente negamos neste Mosteyro o titulo de Conegas regrantes, assi absoluto, que o letreyro lhe dà; e provamolo polo estormento do Capitulo precedente, tirado do seu mesmo cartorio, que as chama expressamente Freyras da Ordem de S. Domingos, e està por Frades della assinado. Segundariamente negamos aver debaixo do Sol as escrituras que chama, e diz tem antiquissimas, pera prova de serem Conegas regrantes, sem sojeiçaõ da Ordem, e constituiçoens de S. Domingos: e mostroo assi. Ou estas escrituras saõ antes da entrada dos Mouros em Espanha: ou despois de lançados de Lisboa. Serem dantes naõ pode ser, porque se o fossem, era necessario estarem celebradas do anno de Christo Nosso Redentor de setecentos, e quatorze pera atràs, tempo em que reynavaõ os Godos, e os Mouros conquistaraõ Espanha, do qual naõ ha estormento, nem memoria particular neste Reyno que faça mençaõ de outras Freyras, mais que da Ordem de S. Bento. Serem despois de lançados de Lisboa os Mouros, tambem naõ pode ser. Porque Lisboa foy ganhada por el Rey dom Afonso Enriques no anno de 1147, e a provisaõ de seu filho el Rey dom Sancho, que lançamos no Capitulo atràs, he feita poucos annos despois no de 1192, e esta com outras escrituras que ha do mesmo tempo fazem o Mosteiro morada de Frades atè o de 1219, e logo no de mil e duzentos e vinte nove sem aver em meyo mais que dez annos, consta que jà estava povoado de Freyras da Ordem de S. Domingos por estormento autentico, cujo treslado fica no mesmo capitulo. Logo; se antes dos Mouros se naõ deu o Mosteyro a Conegas regrantes: nem despois dos Mouros se lhe podia dar, porque nesse tempo se entregou a Frades: e se entre os tais Frades, e as Freyras de Saõ Domingos naõ ouve espaço intermedio, pera nelle poderem entrar estas Conegas regrantes: seguese com evidencia indubitavel que naõ ha nem pode aver aquellas antiquissimas escrituras que o letreyro publica: visto como naõ fica tempo em que se pudessem fazer, nem darse o Mosteyro a Conegas regrantes, e polo conseguinte he o titulo fantastico, ficticio, e imaginario, e fica bem provado naõ poder ninguem dizer, que ouve tempo algum em que esta casa fosse possuida d'outras Freyras se naõ Dominicas.

F. Bern. de Brito Monarc. Lusit.

Duarte Nunes de Leaõ na vida deste Rey dom Afonso Garibay na vida do mesmo.

CAPITULO XXV.

Confirmase a materia do Capitulo antecedente com hum Breve Apostolico, e com outros documentos.

Mas porque acabemos de convencer o artificio de quem fez falar hum marmore, pera furtar o corpo a dar rezaõ dos

dos absurdos que lhe lançou às costas, confirmaremos de novo nosso intento; naõ jà com doaçoens de Reys, nem de vassallos, por muito autenticas que sejaõ, mas com letras Apostolicas, que se bem se podem por cà perder, ou suprimir, tem seus registros na Curia Romana, onde sempre estaõ vivas, como em sua fonte. E ainda que puderamos trazer a Bula primeira de Gregorio IX. pola qual confirma este Mosteyro em Freyras de S. Domingos, tomandoas debaixo de seu emparo, e dandolhes licença pera possuirem bens temporais, receber noviças, e eleger Prioressa, e começa: *Prudentibus Virginibus, quæ sub habitu Religionis, &c.* passada no anno de 1234 alguns anos despois de estarem em posse da casa. E ainda que puderamos ajuntar outras muitas Bulas expedidas em Roma pera negocios particulares do Mosteyro despois que entrou na jurdiçaõ do Ordinario, nas quais todas usaõ os Pontifices dos antigos, e originarios titulos delle, dizendo assi: *Dilectæ filiæ Priorissæ Conuentus Sancti Felicis de Achellis per Priorissam soliti gubernari sub regula, &c. secundum instituta Fratrum Prædicatorum, &c.* e naõ lhes chamando nunca Conegas regrantes. Com tudo deixadas todas juntaremos sòmente huma, que foy despachada trinta e dous annos adiante polo Papa Clemente IIII. à instancia do M. Geral da Ordem, e dos Frades de Portugal, quando começaraõ a tratar de se desobrigar deste Mosteyro: a qual como em tempos jà afastados da fundaçaõ, e mais chegados a nòs, com relaçaõ do passado, e decretos pera o futuro declara largamente o que cumpre pera inteira averiguaçaõ da materia presente, e do que apontamos no fim do Capitulo passado. Por ser tal pera que seja de todos entendida, e naõ occupemos muyto papel, vay logo traduzida em vulgar.

CLemente Bispo servo dos servos de Deos aos amados filhos o Abbade de Alcobaça, e aos Guardiaens dos Conventos de Lisboa, e Santarem da Ordem dos Frades Menores do Bispado de Lisboa saude, e bençaõ Apostolica. De boa vontade tiramos toda materia, e occasiaõ de poderem cayr os Religiosos, pera que se naõ abra algum caminho que os desvie de sua obrigaçaõ: e de muito melhor lhes desejamos graça de salvaçaõ. Cousa certa he, segundo somos informados, que as amadas filhas em Christo as Freyras ou Sorores do Mosteyro de Chellas da Ordem de S. Agostinho, ha mais de trinta annos que vivem segundo os estatutos, debaixo do governo dos amados filhos, os Frades da Ordem dos Prègadores: de tal modo que os Priores Provinciais da mesma Ordem, que polo tempo foraõ naquellas partes,

por ſi, ou polos Frades de ſua obediencia, naõ ſomente fizeraõ Prioreſſas no meſmo Moſteyro, e as tiraraõ: mas tambem exercitaraõ nelle os officios de viſitaçaõ, correiçaõ, e reformaçaõ, ſegundo lhes parecia ſer neceſſario: e aſſi faziaõ todas as mais couſas concernentes ao bem delle, que todos os mais Provinciais, Priores, e Frades da meſma Ordem dos Prègadores, coſtumaõ executar nos Moſteyros de Freyras da dita Ordem de S. Agoſtinho, que eſtaõ ſojeitos a ſeu governo. O que tudo affirmavaõ fazerem em conformidade de muitas licenças que tinhaõ de diverſos Pontifices noſſos predeceſſores. E hora eſtavaõ as couſas da dita caſa em termos, que ainda que o amado filho Prior Provincial a quem pertence, ſolicito da ſalvaçaõ das Freyras, as tenha efficazmente amoeſtado por meyo de ſeus Frades, obrigandoas com mandados, e preceitos, e com rogos, que por honra ſua, e delles guardaſſem clauſura, aſſi como ſe guarda no Moſteyro de S. Sixto na cidade de Roma: ellas com tudo ou a mayor parte dellas metendoſe voluntariamente em perigo o naõ queriaõ fazer, e appellavaõ delle Provincial, e de ſeus Frades pera noſſo veneravel irmaõ o Biſpo de Liſboa. Pola qual rezaõ nos foy humilmente pedido por parte de noſſos amados filhos o Meſtre geral da dita Ordem dos Prègadores, e do Provincial, e dos meſmos Frades, que os quizeſſemos abſolver do cargo, e cuydado dellas, e do ſeu Moſteyro, pera que ſe naõ ſiga a elles, e à dita Ordem dos Prègadores alguma nota de murmuraçaõ, vivendo as Freyras com licença de liberdade nociva. Por onde querendo nòs pola obrigaçaõ de noſſo officio proceder no caſo com a diligencia que convem, e prover nelle acertadamente, a voſſa deſcriçaõ, e bom juizo eſtreitamente cometemos, e encomendamos em virtude de ſanta obediencia, que vades peſſoalmente ao dito Moſteyro, e com cuydado vos informeis das meſmas Freyras, e de outras peſſoas fidedignas ſobre eſtas couſas, dandolhes primeiro juramento, polo qual declarem ſe as ditas Freyras por eſpaço dos ditos annos viveraõ debaixo da obediencia, e cargo: e ſegundo os eſtatutos dos ditos Frades:

des: e se os ditos Frades poserão, e tirarão Prioressas, e exercitarão no dito Mosteyro o officio que acima fica declarado: e tambem se esses Frades, ou outros de seu mandado, e licença lhes administrarão os sacramentos Ecclesiasticos, e juntamente se as Freyras fizerão profissão em mão dos mesmos Frades (ou por ordem delles em maons da Prioressa que polo tempo foy) prometendo a elles perpetua obediencia, e recebendo o habito de sua mão, ou por ordem sua. Por maneira que aja clareza, se todas estas cousas succederão, e teverão effeito sem contradição dos Bispos desse lugar, exceito do que agora he: e se he fama publica que estas Freyras sejão commummente nomeadas por Freyras da dita Ordem dos Prègadores. E constando por esta tal inquirição serem verdadeyras, e certas as cousas acima ditas, em tal caso determinadamente, e com nossa autoridade mandareis às ditas Freyras, que com effeito obedeção ao dito Provincial, e Frades, em tudo o que lhes ordenarem a cerca das cousas acima ditas: e sobre tudo sem dilação nem replica se determinem viver em clausura, como se vive no Mosteyro de S. Sixto, &c. *E mais abaixo.* Mas se por ventura não achardes que as ditas Freyras ou Sorores forão entregues por letras Apostolicas à obediencia dos ditos Mestre, e Provincial: ou não constar destas cousas: com tudo porque muitas cousas são verdadeyras, que se não podem provar, absolvereis à cautela ao dito Mestre, e Provincial, e Frades de terem mais cuydado destas Freyras, e do dito Mosteyro. E a ellas obrigareis pola mesma censura, e sem appellação sendo primeyro amoestadas: que deixem o habito da dita Ordem dos Prègadores. Dada em Perosa aos 21 de Fevereyro anno segundo de nosso Pontificado.

Este anno segundo de Clemente IIII. responde ao justo aos annos do Senhor de 1266. Por que elle foy posto na Cadeyra Pontifical por Novembro de 1264. E como avia mais de trinta annos segundo o Breve relata, que o Mosteyro era da obediencia de S. Domingos, juntos estes trinta e tantos aos da Bula de Confirmação de Gregorio IX. que foy expedida, como atràs apontamos, no de 1234, vem justamente a compòr o numero de 1266, que foy o mesmo em que o Papa Clemente despa-

chou este Breve. E polo conseguinte naõ dà tempo nem lugar em que o pudessem ter estas Religiosas pera deixarem de ser Dominicas, e terem hum sò dia de Conegas regrantes. E naõ he duvida pera entre gente Curial serem nomeadas por Freyras, e ainda Conegas da Ordem de S. Agostinho: porque este titulo com sua distinçaõ, sustentaraõ sempre as nossas, respeito da primeira regra deste Santo, que ellas, e os Frades seguimos, como se verà ao diante de huma petiçaõ das Freyras de Santarem feita ao Papa: e por hum Breve Apostolico passado em favor das de Corpus Christi do Porto.

L.5.c.27. L.6.c.3.

Parece cousa superflua despender mais rezoens nesta materia, onde ouver quem queira sem paixaõ considerar este Breve, e tudo o que delle em nosso favor se collige, como he, o litigarmos por deixar o Mosteyro, o buscarmos pera isso poder do Principe da Igreja (o que tudo escusavamos se naõ fora nosso, ou se tevera qualquer dependencia, ainda que muito escura, de qualquer outra Ordem) o naõ falar o Papa nem huma sò palavra no titulo que a pedra lhe dà de Conegas regrantes, nem noutro algum, antes como quem tinha por certo ser nosso, mandar com efficacia aos Commissarios, busquem por onde nos prendaõ, e obriguem a naõ largarmos a administraçaõ. Do que tudo naceo (porque os Commissarios deixaraõ a causa indecisa) naõ nos podermos acabar de isentar della, senaõ ainda vinte nove annos adiante no de 1295, sendo falecida a Prioressa Tareja Fagundes, e eleita em seu lugar Maria Sebastiaõ.

E pera que nos naõ fique nada por dizer: desta Tareja Fagundes anda hoje vive no cartorio do Mosteyro de S. Domingos das donas de Santarem huma doaçaõ que ao diante irà tresladada, pela qual consta que por Ordem dos Prelados Dominicos mandou duas Freyras de Chellas, fundar naquelle de Santarem a nossa Religiaõ, que humas, e outras seguiaõ: e no mesmo de Chellas anda huma procuraçaõ autentica, que confirma a sojeiçaõ em que vivia da Ordem, da qual o treslado de verbo ad verbum he o que se segue:

L.5.c.25.

NOs Tareja Fagundijs Prioressa do Mosteyro de Achellas, e mais Convento ordenamos, estabelecemos, e confirmamos por nosso lidimo Procurador Frey Fernando Fruituoso portador desta nossa procuraçaõ, pera arrecadar aquelle erdamento, que nos tem forçado dom Roy Fernandes Alcayde da Azambuja: e pera receber o paõ, e tomar posse, e arrecadar, &c. *E abaixo despois de algumas clausulas.* Rogamos dom Frey Gil Prior dos Frades Prègadores de Lisboa, de cuja Ordem nòs somos sojeitas, que nòs isto outorguedes, e dedes li-

licença ao dito Frey Fernando Fruituoſo de receber eſta procuraçaõ. *E logo conſeguintemente.* Eu dito Prior rogado da dita Prioreſſa, e do Convento do Moſteyro de Achellas, outorguei, e outorgo licença ao dito Frey Fernando Fruituoſo de receber eſta procuraçaõ em ſi: e douli poder de fazer livremente todas as couſas de ſuſoditas, e cada huma dellas, e outorgo, e concenſo na dita procuraçaõ: e pera iſſo naõ vir pois em duvida, faço eſta carta ſegelhar do ſegelho de meu officio do davamdito Priorado, e nos de ſuſo ditas Prioreſſa, e Convento poſemos aqui os noſſos ſegelhos. E por eſta procuraçaõ ſer firme, e eſtavel por todo ſempre, os que foraõ preſentes Frey Domingos dito bom, Eſtevaõ Joaõ, Vaſco Vicente. Feita a procuraçaõ em Achellas oito dias andados do mez de Julho; Era M. CCC. XXX. annos (*que reſponde ao anno de Chriſto* 1292.

Mas porque he rezaõ que naõ falte alguma prova moderna entre tantas antigas; cerraremos eſte capitulo com huma bem notavel acompanhada de hum gracioſo caſo ſuccedido de freſco em deſgraça, e reprovaçaõ total deſta pedra. Tinhaõna collocada, e publicada os edificantes, quando cayraõ na conta que lhes ficava das portas a dentro vivo, e em pè hum teſtemunho que desbaratava o artificio, e condemnava o edificio: e era eſtarem no meſmo tempo toda aquella communidade rezando o Breviario Dominicano, e uſando do noſſo Ordinario, e cerimonias delle. Fizeraõ entaõ inſtancia por introduzir o Romano. Mas como ſaõ màos darrancar coſtumes velhos, foy neceſſario violencia. Eſta por ſer de muita força, deſterrou o Dominicano no anno de 1608. E aſſi podemos dizer, que teve mais poder com eſtas Religioſas o eſtimulo, ou reſpeito de conſervarem a opiniaõ do ſeu marmore, do que teve no tempo paſſado o mandato de hum Pontifice Romano que foy Pio V., e o decreto de hum Concilio univerſal, que foy o Tridentino: contra o qual alegaraõ, (e lhes valeo) que o mandato Pontifical exceituava as Communidades que de duzentos annos atràs uſaſſem particular Breviario: e a ſua naõ tinha menos annos de uſo do Dominicano, dos que contava de fundaçaõ, e quaſi tantos como a meſma Ordem Dominicana, que paſſavaõ entaõ de trezentos e cinquenta. Neſte caſo naõ fica que dizer, ſe naõ, que ou aja quem faça a eſta pedra o que Afonſo de Albuquerque fez a outra na India por ſe livrar de contradiçoens, que foy virarlhe pera dentro da parede a face eſcrita, e mandar eſculpir na contraria aquella ſabida letra: *Lapidem quem reprobauerunt ædificantes.* Ou que nos acuda o juizo do piadoſo her-

Commét. de Afonſo de Albuq.

Joaõ de Barros Dec. 1. l. 5. c. 11.

Theod. lib. de viribus illust.

hermitaõ Jacobo, que sendo presente a huma maliciosa sentença de hum juiz Persiano, mandou a hum grande marmore que lhe servia de tribunal, que mostrasse em si a pena que merecia quem nelle se assentava, e assi sentenceava. E no mesmo ponto estallou por toda parte o seixo ferrenho, e mociço, e se desfez em pò.

A fama, ou sonho que anda na boca do povo, fundado na semelhança do nome: de que neste valle, e entre as Vestais foy escondido o moço Achilles por quem lhe queria bem, polo divertirem da guerra de Troya, e que dahi lhe ficou o nome: he mera fabula, e indigna deste lugar. Pouco sabia de computaçaõ de tempos, quem ajuntou Achilles com Vestais: e pouco das mesmas fabulas quem com esta se enganou. Mas nem a vaydade dellas, nem a sem rezaõ da letra me podem tirar fazer memoria de algumas cousas que achey nesta casa, merecedoras de as naõ escurecer o tempo, como faz a tudo. E ajuntallasemos logo.

CAPITULO XXVI.

De algumas particularidades notaveis do Mosteyro de Chellas.

DEspois que temos mostrado com evidencia ser este Mosteyro a primeyra pranta de donzellas recolhidas em clausura neste Reyno, pola diligencia de hum filho, e discipulo immediato de S. Domingos: em boa rezaõ està que tratemos delle, como de casa nossa: e mostremos quanto lhe montou sua doutrina pera o tempo adiante: e o muito que lhe val oje a fama, e certeza della, inda que taõ mal confessada por quem mais a devera conservar, e manter. E começando por esta certeza, ella he a que me obriga a ser seu Cronista naõ rogado nem requerido. E quanto à doutrina, he de saber, que ficou taõ bem assentada nos animos das primeyras Religiosas que a receberaõ: que passando às successoras foy sempre correndo de maõ em maõ com notavel aproveitamento; e lançando por todas as idades hum cheyro de virtudes excellente, como mistura de materiais aromaticos confecionada de boa maõ, que por muito antiga naõ pode perder a viveza da primeyra fragrancia: perseverou, e chegou atè o presente em grande numero de Religiosas. E ainda que nos escondeo, e apagou a memoria de quasi todas, quem tudo acaba, e desbarata, que he o curso dos annos, temos com tudo indicios muy certos de seu grande valor, no de algumas, que em nossa idade, e de nossa idade, e de nossos pays alcançamos. E naõ obsta a queixa que atràs referimos feita polos nossos Frades à Sè Apostolica. Porque esta consistia sò em naõ quererem as Religiosas daquelle tempo consintir na estreiteza da clausura de Saõ Xisto, sendo em todas as mais partes de nossa Constituiçaõ observantissimas, e tendo por si innocencia grande de costumes, ponto, e brio de nobreza, e o uso, e liberdade em que viviaõ todas as mais Freyras de Portugal. E tenho pera confirmaçaõ deste discurso alguns testimunhos do Ceo em seu favor, taõ extraordinarios,

rios, e gerais, que de força avemos de confessar, que eraõ merecimento de virtudes tambem gerais. Que sofra Deos culpas, e peccados por algum tempo, com aquella sua longanimidade, e misericordia de verdadeyro Pay, ordinariamente o vemos: e tambem vemos que do que tarda em castigar se paga, e recompensa no peso, e graveza dos castigos. Mas huma continuaçaõ de mercês suas sem interpolaçaõ de tempos, he grande final de aver a mesma na guarda da Religiaõ. Conforme aquilo: *Oculi Domini super iustos*, e o que a Igreja sagrada canta, quando encomenda aos homens a execuçaõ da vontade Divina: *Quia nulla eis nocebit aduersitas, si nulla dominetur iniquitas*. Seguros, diz, estaraõ de todo mal, se de todo peccado se acharem izentos. Sabemos (e he grande caso, e com certa, e constante tradiçaõ provado) que aconteceo muitas vezes pegarse fogo no Mosteyro, casa de edificio velho, e desemparada de auxilio de homens, atearse em madeira seca, estar longe a agoa, assoprarem ventos: e todavia acudindo a communidade à oraçaõ parar o incendio, e como mandado obedecer aos brados do santo ajuntamento.

Valer. Max.

Psal. 33.

Mayor caso he, que ardendo a cidade de Lisboa em outro fogo muito mais temeroso de furiosa peste, em differentes tempos, e por muitas vezes (como adiante o contarà a Historia,) e naõ podendo escusar o Mosteyro communicarse com ella pera remedio da vida: nunca jà mais naquelles claustros se exprimentou, nem sintio ar contaminado. Antes pera mostrar o Ceo, que como casa de gente santa morava debaixo da protecçaõ do Senhor delle, aconteceo, (e ficou em memoria) o que agora diremos. Entrou dentro hum lavrador que levava certa renda de paõ, e foy medilla ao celeyro. Hia ferido do mal, e em tal estado, que em sayndo fòra da clausura cahio morto: esteve rodeado de muitas Religiosas, e a nenhuma danou a contagiaõ. Antes he de considerar, que a força do bom ar que a Divina bondade mantinha entre ellas, apertou, e refinou o danado, que o morto trazia consigo pera o matar mais depressa: como se vè em boa filosofia na polvora da espingarda, que faz mayor effeito, quanto mais attacada. Assi naõ ha lembrança, que em tempo algum desemparassem a santa clausura: Com o que podemos confessar que nos tem honradamente recompensado a queixa que tevemos de suas antecessoras.

Mas sobre todos os casos descobre as misericordias, com que o Senhor olha esta casa, hum muito estranho, que foy servido mostrarnos em nossa idade: do qual vivem ainda hoje por testemunhas muitos vizinhos della: e algumas Madres que com grande consolaçaõ, e suavidade d'alma o contaõ, como pessoas que foraõ presentes. E quasi todas as que despois entraraõ, o ouviraõ às que saõ mortas. Entrou o Duque de Alva em Lisboa no anno de 1580 acompanhado de hum luzido exercito por terra, e grossa armada por mar, sem mais repugnancia, que hum leve recontro que teve nos muros della com poucos homens faltos de forças, e ar-

armas; e muito mais de conselho: e como se fora semelhante o perigo ao que noutro tempo experimentou no rio Albis em Alemanha, quiz representar famosa vitoria, publicando saco contra a terra que lhe naõ resistio: e naõ duvidou contra toda ley de boa guerra entregar à cubiça, e furia dos Soldados, que quasi naõ tinhaõ arrancado espada, tudo o que avia fora dos muros, e tres legoas à roda da cidade. Avia muitas casas de Religiaõ. Como entre Catholicos mandou todavia acudir com guarda às mais notaveis. Ficou a nossa de Chellas, ou por distante, ou por menos conhecida, sem nenhuma. Encheo a Igreja a gente das Quintas vizinhas: e os claustros, e officinas o que cada hum tinha de mais preço. Entrando a primeyra noyte, e crescendo com ella o temor do que se esperava, tomaraõ as Religiosas a cargo passalla em vigia, por naõ serem colhidas de improviso. Eis que entre as onze, e a meya noite sentem que se picava o muro da cerca. Espertase toda a Communidade, acodem à parte donde soava a obra. Avia jà hum agulheiro feito, que se via por elle a claridade da Lua da outra parte. Daõse por perdidas, correm à portaria, e ao Coro pedir favor a Deos, e aos homens que avia. Sayraõ logo alguns fòra, mais pera atalayas, ou escutas do que se fazia, que pera remedeadores do dano que se tinha por certo em tal tempo. Mas tornaraõ logo cheyos de novo medo, referindo por mayor mal, que vinhaõ cercando o Mosteyro huma grossa esquadra de Cavallos. Naõ faltaraõ outros atrevidos, que quizeraõ dar fè do que estes affirmavaõ, e contaraõ vinte cinco lanças, que todos sem faltar hum, cavalgavaõ cavallos brancos, e vestiaõ sobre as armas marlotas brancas. E o que mais espantou, notaraõ que sem parar foraõ dando voltas ao Mosteyro, e com tanto silencio, que nunca se sintio, nem pode colher palavra de entre elles: e durou o passeo sem outro effeito atè as tres despois da meya noite. O mal que se temeo de tanta gente junta, como mayor, fez esquecer o menor dos que aportilhavaõ a cerca. Mas succedeo, sem se saber como, que cessou o rumor dos instrumentos que a batiaõ. Amanheceo o dia seguinte, foy dando com a luz tregoas ao medo da noite, e lugar a se fazerem discursos do que nella se vira. Assentavaõ todos que a Cavallaria era do exercito, e viera mandada pera guarda do Convento, pois della naõ resultara dano, mas antes fogirem os que rompiaõ o muro. Neste ponto chegou recado em nome do Duque, com desculpas de naõ ter mandado acudir àquella Casa, offerecendo fazello logo, como de feito mandou. Foy a reposta das Madres cheya de agradecimentos da offerta presente, mas mayores da obra da noite passada: a qual sendo contada aos messageiros, e despois no exercito: foy ouvida com maravilha. Porque em todo o campo, segundo affirmavaõ, naõ avia vinte cinco cavallos brancos repartidamente: quanto mais juntos em huma sò companhia. Donde naceo darem por certo, assi as Religiosas, como os vizinhos que foraõ presentes, que os vinte

te cinco Cavaleyros eraõ os ſeus Martyres que teveraõ cuydado de as vir defender, e guardar: e fundavaõ a verdade no numero, nas cores, e no effeito. No numero, porque faltava nelle hum sò pera vinte ſeis, o qual naõ era rezaõ aparecer em tal habito (iſto diziaõ por Santa Natalia.) Nas cores, porque tais ſaõ as com que aſſiſtem os Martyres diante do trono Divino, deſpois que lavaraõ ſuas roupas no ſangue do Cordeyro: e as tiraraõ delle mais alvas que neve: mas sò com eſta differença que la tem nas mãos palmas de triunfadores: cà empunharaõ lanças de combatentes no effeito, porque livraraõ a caſa do perigo que jà tinhaõ nos olhos, e do que mais pudera ſucceder na meſma noite.

Com tais maravilhas coſtuma Deos honrar as Communidades que o buſcaõ, e amaõ: e baſtavaõ eſtas pera prova de quam bem ſervido foy ſempre neſta de Chellas: ſe me naõ parecera que fazia offenſa a todo o Moſteyro, deixando em ſilencio o que ſabemos de algumas Religioſas, que em noſſa idade ſe foraõ delle pera o Ceo. Couſas ſaõ que naõ eſpantaràõ menos que as que acabamos de contar, e acreditaraõ igualmente o valor de ſuas anteceſſoras. Seja a primeyra a Madre dona Maria da Silva, que governou eſta caſa quarenta e dous annos, que foy todo o tempo que viveo deſpois de huma vez eleita. Tal era ſua vida, que dezia por ella el Rey dom Joaõ o Terceiro, que ſe fora poſſivel repartir dona Maria por muitos Moſteyros, sò com iſſo os dera todos por muy reformados. Muito faz ao caſo appro-vaçaõ de Rey taõ ſanto, muito importa o que ſabemos das virtudes deſta Madre: mas temos entre maons hum ſucceſſo viſto, e palpado neſte meſmo anno de 1622, em que iſto vamos eſcrevendo, taõ extraordinario, que podemos crèr o permittio Deos pera que ſem eſcrupulo a veneremos por Santa. Ultimo dia de Janeyro trinta, e tres annos deſpois que a comia a terra, ſe abrio a ſua ſepultura pera lançarem nella huma ſobrinha ſua. Achouſe conſumido, e tornado cinza tudo o que com ella ſe enterrou, e atè os oſſos quaſi delidos: sò apareceo ſaõ, e inteiro o veo preto, com que todas as Freyras ſe enterraõ, e envolta nelle a caveyra deſcarnada, e ſeca. Grande, e myſterioſo prodigio: em que o Senhor, ao que parece, nos eſtà moſtrando que manteve eſta Religioſa inteiramente, e ſem quebra os dous pontos que a todas ſe encomendaõ na profiſſaõ. He o primeyro, que ſaiba a profeſſa que ha de preſentar diante do tribunal de Chriſto ſem nodoa nem magoa aquelle veo que recebe. Segundo, que o aceita, como ferrete no roſto, e em ſinal de que a nenhum outro amor darà lugar em ſua alma: que iſto querem dizer as palavras: *Suſcipe velamen, quod perferas ſine macula ante tribunal Domini noſtri Ieſu Chriſti.* E as outras da Antifona: *Poſuit ſignum in faciem meam, ut nullum præter eum amatorem admittam.*

Fama avia no Moſteyro que fora viſto ſemelhante ſucceſſo nelle treze annos antes no de 609 na ſepultura da Madre Sor Elena do Eſpirito ſanto, que falecera outros treze atràs no de

1596. E contavaõ que naõ se achando nella mais que terra, e ossos, aparecera o veo preto taõ abraçado com a caveyra, e taõ saõ, que procurando o Coveyro tirallo com a enxada, quebrou, e partio a caveyra, e naõ o veo: de sorte que estavaõ ossos mais podres que hum fraco lenço. Mas em geral foy menos o espanto, ou por parecer pouco espaço o de treze annos, ou tambem porque estava fresca nos animos das Religiosas a memoria de suas virtudes: affirmandose della estremos de penitencias, e huma continuaçaõ de oraçaõ admiravel, e tanto cuidado em andar composta, que sendo porteyra quasi toda a vida, nunca secular nenhum lhe vira o rosto descuberto, se naõ fora o Medico.

Sabida cousa he, que se naõ izenta de corrupçaõ debaixo da terra nenhuma cousa criada, se naõ he o ouro, que tem este privilegio atè contra o fogo: e por isso he simbolo de perfeiçaõ. Grande credito da religiaõ desta casa: em que ficamos duvidando se deve mais à terra que tanto respeito guarda aos seus veos, ou os veos a sua virtude, que he a que por boa conta os preserva de corrupçaõ: principalmente mostrandonos Deos de novo nella, e neste mesmo anno de 622, e na mesma materia terceyra maravilha que logo contaremos. Tinha vivido a Madre Sor Brites da Paixaõ muitos annos com grande opiniaõ de santidade, e acabado sua carreyra com fim semelhante no anno de 603. Sabiase que atè a ultima doença, de que acabou, fora sua cama huma cortiça acompanhada de pobres mantas, e por cabeceira hum madeyro seco, que despois de longos dias trocou em huma almofada de lam, mas taõ embutida, e dura, que quasi naõ ficava sendo menos penosa pera a cabeça. Jejũava a paõ, e agoa todas as sestas feiras do anno, e na Quaresma ajuntava as quartas feiras: e todo o mais tempo de Quaresma, e Advento passava com legumes sem outro mantimento. Sendo muito caritativa, e piadosa com todas, seguia hum aperto estranho de pobreza consigo: porque possuindo com licença huma tença grossa, toda despendia em esmollas, nada em commodidade ou alivio seu. Assi quando veyo a falecer naõ se lhe achou na cella mais que huma pobre Cruz de pào. O vestido que tinha era sòmente quanto pedia a necessidade pera se mudar, e lavar, sem peça de guarda, ou de sobejo. Conformandose com seu nome era devotissima da Paixaõ: e foy o Senhor servido pagarlhe a devaçaõ com a levar pera si no dia da Exaltaçaõ da santa Cruz: e com lhe dar a sintir nos ultimos dias da vida, em pès, e maons, e coraçaõ humas gravissimas dores, que sendo recebidas por ella com grande paciencia, affirmava, que sem auxilio Divino era impossivel aturallas. Veyo a abrirse a cova, em que fora sepultada, pera outro enterro, alguns meses despois que se vio o que contamos na da madre dona Maria da Silva. Eraõ passados ao justo dezenove annos, e naõ avendo mais que cinza de todo o despojo mortal, achouse o veo preto salvo de corrupçaõ, e como cosido com a caveira. Pera consolaçaõ da nobreza, e lem-

lembrança do muito que obriga a quem a tem, he de ſaber que eraõ eſtas Religioſas todas tres muito nobres. A madre dona Maria filha de Joaõ Fogaça Deça, que foy irmaõ de dona Joana Deça Camareira mòr da Rainha dona Caterina. Sor Elena ſobrinha do Arcebiſpo de Evora dom Joaõ de Mello, filha de ſeu primo com irmaõ Antonio d'Azevedo de Caſtro. Sor Brites filha de dom Fernando de Lima. Reſtanos pera concluſaõ do que prometemos, dizer sò de outra Religioſa, ſerà no Capitulo ſeguinte: advirtindo primeyro duas couſas nos prodigios referidos. Huma ſerà, que noſſa tençaõ naõ he dar por milagre nenhum delles, nem dos que adiante eſcrevermos, em quanto pola Igreja naõ forem calificados: ſem embargo de ſabermos que neſtes annos proximos ſe ſentenceou por verdadeyro milagre polo Ordinario da cidade de Coimbra, com parecer de grandes letrados, acharſe hum Roſario na caveira de hum defunto enterrado de quatro ou cinco annos, que eſtava ſaõ, e ſem corrupçaõ, aſſi no pào das contas, como no cordaõ que as infiava. A outra ſerà que nos dous veos das Madres dona Maria da Sylva, e Sor Brites da Paixaõ fizemos eſtreitas diligencias com os meſmos padres, que os teveraõ em ſuas maons, aſſiſtindo aos enterros das defuntas, que foraõ cauſa de ſe acharem. Sò no veo da Madre Sor Elena como em couſa mais atrazada naõ achei tanta clareza, ſem embargo, que dura a memoria delle como dos mais entre as Religioſas do Moſteyro.

CAPITULO XXVII.

Da Madre Sor Felipa do Eſpirito Santo.

COm ſetenta annos de habito, e oitenta e cinco de idade deixou a vida mortal pera paſſar à eterna a Madre Sor Felipa do Eſpirito Santo, entrando o de Chriſto de 1617. Temos na vida deſta Religioſa dous eſtremos, que naõ sò eſpantaõ, mas atemorizaõ, conſiderados com attençaõ. Foy o primeyro huma longa continuaçaõ de penalidades, e rigores voluntarios. E o ſegundo outra corrente de afflicçoens mandadas da maõ de Deos: humas, e outras eſpantoſas por grandes, e peſadas, e pola paciencia com que as levou, igual a ellas: que naõ ha mais encarecer. Entrou Sor Felipa muito moça na Religiaõ: mas trazia jà de fòra tanto lume das couſas de Deos, que podemos crer foy prevenida com as bençoens de ſuavidade celeſtial, que o Senhor coſtuma dar a ſeus amados quando he ſervido. Vioſe iſto em huma entranhavel devaçaõ, que naquella tenra idade começou a ter ao Santiſſimo Sacramento, acompanhada de fè taõ viva, que antes de ter annos pera cobrir manto em caſa de ſeus pays, jà tinha entendimento pera notar, e ſaber eſtimar os diſcurſos com que os Prègadores procuravaõ dar a entender as maravilhas daquelle ſoberano memorial de noſſa redençaõ: e entrada na Religiaõ, nenhuma couſa fazia com mais goſto, que empregarſe toda em ſua veneraçaõ, e ſerviço. Aſſi tanto que ſe vio profeſſa, que foy aos de-

dezaseis annos da idade, ou pouco mais, começou hum genero de vida de molher perfeita. Diligentissima em acudir ao Coro, alegre no serviço delle, ultima em o deixar. Na guarda da regra naõ sò pontual comsigo, mas taõ zelosa, que polo tempo em diante naõ duvidava reprender defeytos onde os via. Ao que ajuntava profunda humildade, e huma mortificaçaõ de todos os sentidos maravilhosa. O seu jejum era taõ estreito que pasmavaõ as outras Religiosas de como se podia sustentar. As disciplinas eraõ continuas, e asperas: e pera serem de mais tormento, eraõ taõ gerais que atè nos braços, e pulsos lhe foraõ notadas por muitas vezes nodoas azuis, e pisaduras grossas. O sono quasi nenhum, porque chegou a estado que, passado hum breve espaço que tomava pera repousar, logo corria pera o Coro, e poucas vezes tornava delle senaõ pola manhã. Mas tal era o leito que a agasalhava que naõ fica de espantar se dormia pouco. He cousa sem duvida que em muitos annos se lhe naõ soube mais cama que huma cortiça com duas mantas grossas, e por almofada hum madeiro rolliço envolto, por honra, ou por fogir vangloria, em huma toalha. Tambem he certo, que nunca vestio tunica de linho, senaõ tres dias antes de falecer. No amor da pobreza chegou a termos, que naõ avia em seu poder peça nenhuma de gosto ou curiosidade, senaõ era hum devoto Crucifixo que muito amava. Na devaçaõ do Santissimo Sacramento creceo grandemente: fazialhe a festa todos os annos em quanto naõ ouve confraria assentada entre as Religiosas: o custo della pera ser mais meritoria era grangeado com abstinencia de todo o anno, tirandoo da pobre pitança do refeitorio. E porque isto era pouco, ajuntava tudo o que lhe davaõ tres irmaons que tinha, dous Clerigos ricos, e hum secular, sem reservar pera si nada. E naõ he pera esquecer que tinha por costume acrecentar nesse dia o jantar de toda a Communidade, com duas pitanças à sua custa: estas eraõ sirejas, e leite: banquete humilde, e pobre na sustancia, mas cortezaõ, e rico na tençaõ: representava nelle ao que parece, ou as cores das especies sacramentais de paõ, e vinho: ou aquellas que a Esposa santa gaba no Divino Esposo, quando por alvo, e corado o dà a conhecer às filhas de Jerusalem. E hum caso ouve despois de sua morte, que deu bom indicio que naõ desagradava no Ceo a devaçaõ. Porque na verdade a sua festa mayor era toda de fervor de espirito, como se deixa entender do aparelho que usava todas as vezes que se chegava à santa communhaõ. Este era confessandose à vespera, seguir a confissaõ com huma rigurosa disciplina, e despois guardar silencio atè todo o dia seguinte. Ao commungar se faziaõ seus olhos lingoas do que lhe passava n'alma, tornados duas fontes de lagrimas, que algumas vezes polo impeto, com que sahiaõ, era necessario ao Sacerdote esperar, e darlhe lugar. Despois que as Freyras ordenaraõ entre si confraria, ficou fazendo sempre o gasto de toda a cera, com tanto gosto de sua parte, que naõ sofria se chamasse isto gastar, se naõ entezourar:

Cant. 5.

ao que ajuntava todas as quintas feiras do anno rezarlhe o officio inteiro da festa. No serviço da Communidade naõ avia Religiosa que mais trabalhasse : incansavelmente fazia todos os officios : jà Sacristã, jà escrivã, tangedora, e cantora continua : jà Mestra de Noviças, Vigayra; Porteyra : pera cada cousa destas parecia que sò nacera. Tal era seu talento em tudo. A brandura, e boa sombra com que procedia, faziaa amada de todas : a prudencia, e gravidade igualmente respeitada. Começaraõlhe a render esta vida, e calidades opiniaõ de Santa, em casa, e fòra della. E ella a tinha de si taõ differente, que sempre andava buscando occasiaõ de fazer por sua maõ o que era obrigaçaõ das mais humildes servidoras de casa : e porque naõ ouvesse quem lho tolhesse, valiase das horas em que as Religiosas estavaõ recolhidas. Aconteceo louvalla huma Religiosa em certa occasiaõ, e nomealla por Santa. Assi se offendeo como pudera fazer outrem de huma grande affronta : e cheya de espirito naõ dilatou tomar a vingança em si do juizo alheyo, dandose com sua propria maõ duas bofetadas com tal força, que lhe ficaraõ os dedos assinelados nas faces. E polo contrario succedendo outro dia trataremna mal de palavra (era em hora que rezava por hum livro estando em pè) naõ sòmente manteve silencio ouvindose affrontar : mas poz os joelhos em terra, e foy continuando sua oraçaõ sem fazer movimento, nem mostrar sentimento.

Com tal vida entrou Sor Felipa polos annos da velhice. Parecia tempo de descançar, ou ao menos aliviar hum pouco de tanto trabalho. Mas foy tanto ao revès, que entaõ começou a entrar em novos, e extraordinarios trabalhos, que lhe naõ deixaraõ hora de repouso atè o ultimo fio da vida. Quem se naõ espantarà ? quem naõ pasmarà de medo, vendo ao parecer mal tratada huma virtude taõ sobida? Parece que quiz Deos mostrarnos nesta Religiosa hum retrato do que noutro tempo fez com o Santo Frey Henrique Suso Frade tambem desta Ordem. Tinha Frey Henrique passado grande parte de vida em estranhezas de penitencias, e mortificaçoens : e ouvio hum dia que lhe dizia o Senhor. Ategora andaste por escolas baixas, foste soldado de pè. Convem que saibamos pera quanto prestas, passando adiante, e posto a cavallo. E confirmou estas palavras com huma bataria de tormentos, e affliçoens taõ rigurosa, que algumas vezes lhe chegavaõ a por em risco a paciencia, e a confiança : o mesmo temos em Sor Felipa. Quando naturalmente devera ser izenta de todo peso, e cuydado, e antes começar a lograr os premios de huma vida pura, ordenou a Summa bondade provalla em huma fragoa de dores, de desastres, e martyrios. Vai muito a dizer de mortificaçoens voluntarias, e caseiras, às naõ esperadas, e que vem de fora. Doem menos aquellas polo que tem de eleiçaõ, e maõ propria : ferem estas com mais força, por serem de braço alheyo : e fazemse mais sintir, quanto saõ menos previstas. Começou o primeiro assalto por huma gravissima doença. Desta lhe procederaõ humas do-

Surius in vita Henr. Suson.

dores de estamago taõ intensas, e continuas, que naõ eraõ menos que dores de inferno. Porque naõ avia nellas remedio nem alivio senaõ com mal mayor: e passa assi que todas as vezes que aparecia o Ceo escuro, lhe cobriaõ o coraçaõ outras tantas nuvens com medo de trovoens, e rayos, e naõ avia senaõ morrer de afliçaõ. Entaõ se suspendiaõ as dores do estamago, quanto durava o assombramento do ar. Era nella o temor de Deos igual ao amor: porèm confessava mayor medo nas carrancas do Ceo irado.

Psal. 17.

Continuava este mal, e ella naõ cessava de servir, e trabalhar, como quando mais sam. E assi chegou aos setenta e cinco annos. Pera este ponto lhe estava guardada nova, e mayor Cruz. Era Porteyra: e succedendo aver obras de pedra, e cal no Mosteyro, tinha hum dia a porta meyo aberta pera correr o serviço: e estava a caso detràs em pè, e rezando por hum Breviario: empuxaraõ subitamente a porta dous homens que acarretavaõ pedra com huma padiolla: e foy tal o impeto, ajudado do peso que levavaõ, que encontrando a pobre Porteira, deraõ com ella por terra taõ pisada, e maltratada, que dali a levaraõ atravessada em hum colchaõ, dando gritos que chegavaõ ao Ceo. E porque ninguem duvidasse que do Ceo procediaõ, notouse, que foy o desastre no dia de sua mayor devaçaõ, que era huma quinta feira, e a reza em que entendia o officio do Santissimo Sacramento. E naõ se queixava de balde, porque vindo Cirurgiaens, acharaõ que d'alto abaixo ficara moida, e descon juntada quasi toda a armaçaõ daquelles ossos velhos, e cansados: e tratando de remedio naõ obravaõ as mezinhas, ou pola fraqueza do sojeito, ou porque o Senhor, que dera o mal, naõ permittia que tevessem bom successo. Assi esteve padecendo mortais tormentos dous annos e meyo: e taõ tolhida que em todos elles naõ foy senhora de se virar sobre hum lado. E pera qualquer movimento, que nunca era sem grandes dores, se valia de cordas lançadas a huma trave da cella. Mas he muito de notar o como levava tanto mal. Louva a Escritura sagrada a Job de naõ peccar, nem soltar huma sò palavra descomposta nas sintidas queixas, em que o fizeraõ romper suas calamidades. E nòs temos em Sor Felipa hum Job taõ sofrido, e considerado, que nunca de sua boca sayraõ rezoens mais abrazadas em amor de Deos, nem louvores mais encarecidos de suas misericordias, que quando as dores eraõ mais vivas, e mais crueis. Era novo genero de tormento a cella em que a recolheraõ: porque della a huma sepultura avia pouca differença. Tinha em comprimento pouco mais de doze palmos, e sete de largo: o sitio debaixo de huma escada: a luz taõ alongada, que quasi sempre era noite nella. Neste purgatorio aturou oito annos, e meyo sem nunca se queixar, nem deixar de rezar o officio Divino, ajuntando às quintas feiras o do Sacramento, jejuando as Quaresmas, e adventos inteiros, e dos mais tempos as quartas, e sestas, e sabados, com tanto rigor, como quando era muito sam.

Job 1.

Affinase a virtude na tribulaçaõ.

laçaõ. Porque acode o Senhor a ſeus ſervos com favores aventajados aos trabalhos que lhes dà. Taõ reſignada vivia Sor Felipa na vontade Divina, que ficando toda aleijada, de maneira, que ſem duas muletas naõ podia dar paſſo, todas as vezes que falava neſte deſaſtre, o nome com que o ſignificava, era a ſua mercè de Deos. E dezia bem, porque do meſmo ponto começou a eſprimentar altiſſimas mercès de ſua Divina bondade, humas vezes concedendolhe o Senhor tudo quanto pedia em requerimentos proprios, e alheyos, de muyta gente que em ſuas oraçoens ſe mandava encomendar: outras moſtrandolhe viſoens ſobrenaturais de grande conſolaçaõ: outras revelandolhe couſas futuras. E de tudo temos exemplos, e caſos muy notaveis baſtantemente verificados por muitas Religioſas, e por ſeus Confeſſores: os quais deixamos de referir, eſperando que ſayaõ brevemente a luz polos meyos que a Igreja coſtuma: como ſerà rezaõ pera gloria de Deos, e honra do valor Monaſtico, a peſar das lingoas venenoſas que o perſeguem, e mordem.

Corria por oytenta, e quatro annos de idade, quando a vida jà naõ he vida, ſe naõ trabalho, e dor: e ainda o Senhor achava nella ſitio pera empregos de novo merecimento. Na entrada de Janeiro de 1616 começou a ſintir huns accidentes do coraçaõ taõ vehementes, que do primeyro eſteve vinte quatro horas ſem fala, e ficaraõlhe acudindo em todas as conjunçoens da Lũa. Dezia que ſe ſintia com elles abrazar toda interiormente, e as anguſtias que padecia eraõ de morte. No meyo de tanto martyrio era de ver a alegria de ſeu roſto, e a conformidade que tinha com Deos, e as graças que lhe dava em quanto podia formar voz. Chamava eſtes males, mimos celeſtiais: e affirmava que eraõ tamanhas as conſolaçoens que no ponto mais alto da tribulaçaõ ſintia, que excediaõ a capacidade de ſua alma: e podendo o corpo com a guerra dos trabalhos, a alma naõ podia com as mercès, e favores. Mas continuando os accidentes, a cabo de hum anno vieraõ a derribar de todo a natureza jà por ſi cayda, e paſſaraõna a melhor vida, com hum tranſito taõ bem aſſombrado, e ſanto, que em todo o Moſteyro deixou ſaudade, e enveja. E naõ ſe duvida que foy por ella muito antes conhecido. Porque tinha mandado aviſar a certo Religioſo, de quem ſabia que a encomendava a Deos, que quando lhe diſſeſſem que tinha mal em hum pè, ſoubeſſe que acabava ſua carreira. Deulhe eſte mal dez dias antes da morte. Tres Religioſas de credito affirmaraõ, que na meſma conjunçaõ, que todas andavaõ em pranto pola defunta, ouviraõ excellente muſica de vozes, ſem poderem atinar onde era. O que de certo conſta he, que eſtando por ſoterrar vintequatro horas, eſtavaõ ſuas maons, e braços taõ meneaveis, e brandos, como quando mais ſaude tinha. E a cabo de trinta e oito dias que a ſepultura eſteve ſem campa, ouve hum official que com hum eſcopro ſe atreveo a fazer força nas taboas do caixaõ em que eſtava, e affirmou que ſahia delle ſuave cheiro: o que logo foy confirmado

Pſalm. 89.

por

por outros que chegaraõ a fazer a mesma experiencia. Tambem se averiguou que dentro do Mosteyro, e fora delle alcançaraõ saude repentina, e quasi desesperada algumas pessoas enfermas aplicando reliquias da defunta, e valendose da fè de seus merecimentos. Foraõ irmaons desta Religiosa Nicolao de Frias Architecto del Rey dom Felipe o primeyro de Portugal, e o P. Antonio de Frias Prior de Unhos, Igreja de grossa renda, em cujo serviço foy bom imitador das virtudes de sua irmã, como tambem o foy a Madre Sor Ines de Jesu Freyra de S. Domingos no nosso Mosteyro de Abrantes, e tambem irmã sua.

Concluamos esta memoria com o que della se fica collegindo, que saõ duas cousas. A primeyra que faça o Leitor juizo desta Casa, segundo as regras dos bons descubridores de minas d'ouro, os quais daõ por certo sinal de riqueza nas entranhas da terra, quando as mostras superficiaes saõ de metal fino. A segunda he, que saibaõ as Religiosas della, que todos estes bens devem à doutrina, e santidade daquelle grande espirito que Deos foy servido darlhes por seu primeyro Mestre, e fundador, que foy nosso glorioso Patriarcha Saõ Domingos.

CAPITULO XXVIII.

Do grande augmento, e prosperidade da Provincia de Espanha, no tempo que foy governada por dom Frey Sueyro. Dàse conta de seu grande espirito, e virtudes, e dos annos que viveo.

Doze annos continuos achamos que governou dom Frey Sueyro esta Provincia que avemos de chamar Espanha sem agravo dos reynos particulares della, em quanto andar unida, e sem divisaõ de membros. Tal era sua prudencia, tais suas virtudes, que se muitos mais vivera, todos a governara. Notavase em seu tempo que a olhos vistos creciaõ todos os bens nella, assi espirituais, como temporais. Favor do Ceo em grandes sojeitos que se vinhaõ ao habito, e em grande espirito que Deos dava a todos. Favor dos Reys em honrarem a Ordem: amor do povo em a estimar, pedindo tantas cidades prègadores, e desejando Conventos por toda Espanha, que naõ era possivel poderse acudir a todas com o numero, e calidade de Religiosos que pera fundar convinhaõ. Assi ficaraõ principiados muitos, que todos referem sua origem a dom Frey Sueyro, e todos o tem por seu fundador: e os grandes Religiosos que nelles professaraõ, que foraõ muitos, e muitos delles Santos, o reconhecem por Pay. Que quando naõ teveramos dito, nem por dizer outra cousa deste famoso Portuguez, parecia bastante pera credito, e honra, e testimunho de seu soberano espirito contarmos sòmente as virtudes dos

dos subditos. Ganhaõ os soldados a vitoria, conquistaõ o Reyno: muita honra he de cada hum: mas toda junta, e a de cada soldado se refere ao Capitaõ. Porque ainda que muitas maons fazem muito, huma cabeça que as menea todas he a que acaba tudo. Foy o primeyro a reconhecer esta verdade o admiravel Santo Barcelonès S. Raymundo, Santo que antes de cumprir anno inteiro nesta Religiaõ foy fundador doutra. Na Summa de Casos, que à instancia de dom Frey Sueyro fez, lhe chama Beatissimo, dedicandolha com este titulo no prologo: *Reuerendo & Beatissimo Patri in Christo Fratri Gometio Priori Fratrum Ordinis Prædicatorum in Hispania Frater Raymundus de Pennia fort.* Filhos saõ seus pela mesma conta, hum S. Frey Poncio de Planedis, pois começamos por terras da Coroa de Aragaõ, que sendo Inquisidor morreo à maõ de hereges, e morto fez o milagre de Josuè em Gabaon, e do Mestre de Santiago dom Payo Correa Portuguez no Algarve. Mas com esta ventagem, que elles fizeraõno em vida, e Frey Poncio jà tornado terra fria. Là teve o Sol obediencia a vozes humanas: cà respeito a ossos secos, e mudos, porque parou em seu curso por espaço de seis horas, e tantas foy mayor o dia das exequias deste Santo pera serem dignamente solenizadas. Hum Frey Pedro Cendra milagroso, que em final das muitas almas, que allumiou com sua doutrina, deu luz corporal a quatorze cegos sobre outras grandes maravilhas. Hum Frey Miguel Bennazar Malhorquin, que na infidelidade Mahometica nacido, deu affamado Santo convertido. Em seu nome foraõ recebidos à Ordem S. Frey Gil, e S. Pero Gonçalves Telmo em Palencia: o Santo Frey Lourenço Mendes em Guimaraens: e no mesmo lugar S. Gonçalo de Amarante, cujos milagres saõ hoje taõ ordinarios, como trezentos e cinquenta annos atràs, quando eraõ quotidianos. De sua maõ lançou o habito ao Santo Frey Payo, Santo encuberto, e desconhecido na vida; glorioso despois de morto, em Coimbra, como outro Santo Aleixo em Roma. De sua maõ o deu em Montejunto a hum Chantre da Sè de Lisboa, grande em nobreza de sangue, mayor em santidade, que por tal foy nomeado por seu adjunto em negocio de tanto peso, como a composiçaõ atràs referida del Rey dom Sancho com o Arcebispo de Braga.

Josue 10.

F. Francisco Diago l. 1. c. 4. da Hist. da Ordem em Arag. Zurita l. 3. c. 75. dos Anais de Arag. Paramo l. 2. t. 2. c. 8.

Mas todas estas excellencias de dom Frey Sueyro podemos referir a outra mayor sua, qual foy ser filho, e companheyro de nosso grande Patriarcha, ajudator inseparavel de seus primeyros trabalhos, criado aos peitos de sua doutrina, em a qual procurou imitallo tanto ao vivo, que pera de todo o tresladar em si, naõ lhe faltou mais que o nome: e assi foy outro S. Domingos em tudo o mais. Bem o conhecia o Pay, que naõ sò nas obras, mas dentro nos peitos espiava coraçoens, polo espirito profetico que do Ceo tinha. E vendo o thesouro que aquelle vaso de barro escondia, avendo de mandar Apostolos à Patria que amava, foy elle hum dos escolhidos pera taõ honrada missaõ: e sendo quatro os que mandava,

dava, dos quais os tres lhe tocavaõ mais por lingoa, e vizinhança de nacimento, e mereciaõ muito por valor, e partes: todavia desde logo lhe deu o primeyro lugar, e despois lho confirmou fazendo o pay de toda a Provincia. Foy a causa, que quanto mais adiantava na idade, e no exercicio de superior, mais se aventajava nas partes que lhe tinhaõ dado o cargo: que he grande prova de virtude, conservalla mandando, quanto mais melhoralla.

Consideremos agora quais eraõ os companheyros, pera alcançarmos por verdadeira proporçaõ a medida, e grandeza do que lhe foy dado por Prelado. O que chamavaõ Frey Domingos pequeno, foy em tudo o mais tamanho, que a elle aconteceo aquelle memoravel caso, que atrevendose a tentallo, so capa de virtude, huma miseravel femea, instigada de ministros de Satanas, que naõ podiaõ sofrer a força de suas reprensoens: elle lhe offereceo por cama hum monte de brasas abanadas, nas quais se lançou assi vestido como estava: e como se em cama de rosas se reclinara, assi esteve quieto, sem o fogo se atrever a offendello, nem em hum pelo do habito, pasmando os que vinhaõ de concerto, e segredo pera testemunhas do pretendido insulto, e ficando attonita a tentadora de medo, e de confusaõ: que todavia lhe valeo pera meyo de salvaçaõ, como o foy de honra pera o Santo. E tal era o pequeno: e por elle poderemos fazer juizo das calidades dos outros dous. Bem sabia quem os ajuntou, que avia conveniencia entre todos, e naõ se pode cuydar menos. De tal gente se deu o governo a dom Frey Sueyro, e sendo isto pera elle hum novo genero de obrigaçaõ, pera em alto grào affinar todas as virtudes, como fez: pera nòs he claro indicio da grande reputaçaõ que por toda Espanha devia ter de Santo. Assi o mostra sintir o Mestre Frey Francisco Diago na Cronica da Provincia de Aragaõ dizendo:

Castilh. p. 1. l. 1. c. 29
Humb. p. 4.
Leand. l. 5.
Flam. l. 1.

SAnto Domingo hizo Provinciales de su mano al Santo Fray Iordan de Lombardia, y a Fray Suero de Espanha, que devio sin duda ser vn Santo. Porque pues Santo Domingo quando en Tolosa entendiò en embiar sus hijos por el mundo, embiandolos tales, a cada parte, que algunos dellos fuessen Santos, qual fue Fray Miguel de Fabra entre los que embiò a Paris, Fray Pedro Cellan entre los que embiò a Limoges: no privò deste don tan del cielo a Espanha por ser su patria, &c. *E o mesmo juyzo faz o Mestre Frey Fernando de Castilho na Historia geral da Ordem, cujas palavras formais saõ.* Era entonces Provincial en estos Reynos de Castilla Fray Suero, hombre de mucha prudencia y santidad, y de tantas partes, que para

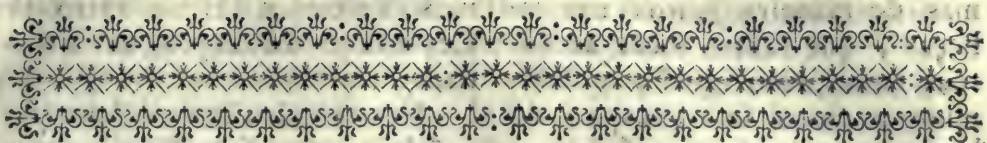
para ſaber quantas y quales eran, baſta ſaber que le auia pueſto en el officio el miſmo Santo Domingo en el Capitulo General proximo paſſado, y aora entendia en el govierno y acrecentamiento de la Orden en toda Eſpaña, &c.

E naõ obſtante nem faz ao caſo faltarnos noticia particular de ſuas penitencias, jejuns, vigilias, oraçaõ, e caridade: e ignorarmos prodigios, e milagres, teſtemunhadores da valia que por eſtas virtudes tinha com Deos. Porque como os Santos, ſendo todos huns em ſerem Santos, naõ o ſaõ ſempre pola meſma via, e modo de ſantidade: aſſi ordena, e permitte aquelle, que os ſobe a eſſe eſtado, que huns vivaõ com grande nome no mundo: e outros que por ſuas obras mereciaõ a meſma honra, ſejaõ como peregrinos nelle ignorados, e deſconhecidos. Huns obrem grandes maravilhas: outros de igual virtude naõ façaõ huma em toda a vida. Huns vivaõ cheyos de mimos, e conſolaçoens do Ceo: outros andem ſempre deſconſolados, famintos, e desfavorecidos delle: e todavia igualmente filhos, e igualmente Santos. Eſta he aquella variedade que o Pſalmiſta gaba nos panos d'ouro, e roupas bordadas, que com grande graça veſtem a Eſpoſa ſagrada. Do que puderamos apontar exemplos, ſenaõ fora forçado yrmonos recolhendo. Quem lè as vidas dos Santos me forrarà o trabalho. E quem ſouber lançar boas contas, e quizer ſaber as eſtreitas mortificaçoens de dom Frey Sueyro, ſua levantada contemplaçaõ, ſeu ardentiſſimo amor pera com Deos, e com os proximos: os cegos a que deu viſta em corpo, e alma, os coxos a que deu peis, os mudos a que deu fala, os enfermos que ſarou, e em fim os mortos que reſucitou: veja, e conſidere tudo o que fizeraõ todos os Santos que atràs nomeamos, e os que ao diante apontaremos, e aja que tem achado o que fez dom Frey Sueyro. Porque quanto elles obraraõ, e todos os que o conheceraõ por pay, tudo lhe rende oje louvor na terra, e grandes gràos de gloria accidental no Ceo: e tanto por ventura mais avantajados là, quanto cà foy menos celebrado ſeu valor. Viveo dom Frey Sueyro no cargo doze annos: faleceo cortado mais de trabalhos, e penitencias, e longos caminhos, que da idade. Eſcondeonos o tempo, e o deſcuido dos homens ſua ſepultura, como as mais particularidades de ſua vida, e morte, que puderaõ fazer eſta Hiſtoria eſtimada, e deleitoſa. Segundo os annos que governou, e o em que foy eleito, veyo a falecer no anno de 1233. O ſucceſſor que teve foy tambem Portuguez. Declararſeà ſeu nome no diſcurſo da Hiſtoria: e naõ ſe diz agora por naõ confundirmos com couſas poſteriores as antecedentes, e primeiras em tempo. Porque como eſta Hiſtoria he particular das fundaçoens dos Conventos, e dos varoens illuſtres que nelles floreceraõ, e de cada hum avemos de fazer relaçaõ continuada, como lhe chegar polo

Pſalm.44.

lo curso, e ordem dos annos sua fundaçaõ, sem ficar nada por dizer do que acharmos notavel atè nossa idade: naõ he possivel para clareza, e distinçaõ dos successos, levallos atados aos Provinciais, mormente daqui em diante, que vaõ multiplicando fundaçoens: e fora grande confusaõ querer yr tocando, e tratando todas juntamente, e seguindo a passo igual os Provinciais. E se o fizemos com dom Frey Sueyro, foy a causa acharmos este principio desabafado de fundaçoens: e ser elle primeyro Provincial nosso, e Portuguez: e devermoslhe tudo, pois esta escritura he de varoens illustres, por illustrissimo Pay, e fundador Nosso.

Fim do primeiro Livro.

LI-

LIVRO SEGUNDO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Do sitio da villa de Santarem: e do que nella se deu de novo ao Convento de S. Domingos de Montijràs.

AVENDO de tratar do sitio, e fabrica do Convento, que a Ordem tem oje no alto da villa de Santarem, primeiro treslado da casa, que teve no baixo della em Montijràs, e segundo da que teve em Montejunto: com os quais treslados he cabeça de todos os Conventos de Espanha, naõ sò de Portugal: parece necessario darmos primeyro noticia da villa, e do assento, e calidades della. E naõ ey por mal empregado, nem ocioso o trabalho: porque imagino que escrevo para as provincias estranhas grandes, e dilatadas, tanto como pera a minha pequena, e estreita. E desejo naõ ser colhido na culpa, que vejo reprender cada hora em outros escritores, que fazendo conta que escrevem sò pera os seus, e temendo parecer sobejos com particularizar muitas cousas, ficaõ curtos atè pera os mesmos: e escuros, e confusos pera os estrangeiros.

A quatorze legoas de Lisboa polo Tejo acima, em cabo de terras dobradas, e montuosas, e principio de grandes mares de campinas levantou a natureza, como marco entre montanha, e campo huma junta de montes dependurados sobre a margem direita do rio, e tanto mais altos que toda a outra terra: que de qualquer parte que sejaõ buscados, se deixa ver muitas legoas ao longe, como se foraõ huma muy empinada serra. Saõ os montes bem considerados, sete, todos divididos com profundos valles polas fraldas, huns mais, outros menos, e cada hum com sua differença,

mas

mas de maneira juntos nas cabeças, que fazem sobre as coroas hum plano igual, e commum a todos sete, capaz de huma grande povoaçaõ, com largueza de praças, e commodidade pera mayor povo, e tal he Santarem. Para dar a entender este sitio a quem o naõ vio, seguiremos o costume dos Geografos, que usaõ de comparaçaõ de alguns membros do corpo humano, pera se declararem na significaçaõ de outros do grande corpo da terra. Representarnosà bem o plano que temos dito com suas aberturas de valles, huma maõ esquerda apartada do braço, com a palma, e dedos estendidos, e divididos hum do outro quanto naturalmente se podem alargar: se assentarmos a maõ de maneira, que o dedo do meyo corra direitamente contra o Sul, e o collo da maõ fique ao Norte. Assi ficaõ sendo primeiros montes os dous cantos do collo da maõ, e primeyra parte do plano sobre elles a palma atè o meyo, que he huma fermosa, e estendida praça diante da porta que chamaõ de Leyria, que fica ao Norte da villa, cercada de Mosteyros, e casas nobres, e por rezaõ do uso em que serve muitos dias do anno tem nome de Chaõ da Feyra. Estes primeyros montes saõ divididos de hum valle que vay subindo por entre elles, e trazendo a estrada que vem de Leyria, atè dar no plano do Chaõ da Feyra, e primeyra parte da palma, e na porta que chamaõ de Leyria. Nos cantos desta grande praça estaõ situados da parte de Ponente o Mosteyro novo de S. Domingos, de que de presente avemos de tratar. E no outro de Levante o Mosteyro da Trindade.

Faz terceiro monte (porque naõ deixemos a semelhança, com que começamos) o dedo pollegar: e na primeira junta, ou rayz delle fica assentado o Convento de S. Francisco. E logo adiante, quasi no meyo do dedo tem seu assento o grande Mosteyro de Santa Clara, casa muito antiga, e nobre, e de grande Religiaõ: e na cabeça delle a Ermida dos Apostolos, que està à conta de Religiosos de S. Bento.

Da porta de Leyria, que assentamos no meyo da palma, dà o muro da villa huma volta larga, em que comprende hum Castello antigo, e casa real juntamente, e deixando ainda livre hum espaço da palma, vay entestar na rayz do dedo mayor, e estendendose por elle atè a ponta, abraça desta parte tudo o que he cercado de muro na villa: deixando na mesma rayz outra porta que chamaõ de Mansos; e tanta praça diante que dà lugar à se communicar com a praça mayor do Chaõ da Feyra.

Corre a povoaçaõ polo resto da palma, e polo plano dos dedos, que fazem quarto, e quinto montes. A do dedo mayor vay direyta ao Sul, e tem por remate hum Mosteyro de Capuchos, e hum moinho de vento. Aqui teve a casa de Bragança antigamente hum bom aposento que agora està por terra, como estaõ outros muitos na villa que foraõ de nome. O bairro que toma o index vay fazer na ponta huma fortaleza guerreira, e fermosa, e com tanta praça den-

dentro, que a faz a huma boa Igreja, e algumas casas nobres, e por isso retem o nome antigo de Alcaçova. Inclina este monte pera o nacente tanto como nos representa o mesmo dedo bem afastado do companheiro, e vay beber no rio com hum grande, e dependurado barrocal, que por tres partes acompanha a fortaleza, e a faz inaccessivel. Naõ he pera esquecer que dentro nella a hum lado da entrada criou a natureza hum outeiro, ou tumulo de terra, redondo, e como feito a maõ, que crecendo em boa altura sustenta no alto huma torre, donde em dias claros se devisa a cidade de Lisboa: e devia servir pera em tempos de guerra se darem avisos com fogo.

Os vazios entre os dedos, e por fora delles, saõ valles profundos, como temos dito, com costas, e quebradas muy agras, exceito o valle que sobe ao collo da maõ dividindo, segundo fica mostrado, os dous primeiros montes. Porque este vem subindo de longe, e faz a entrada menos custosa.

O primeyro valle, que seguindo a nossa comparaçaõ, abre entre o pollegar, e Index: assi como na maõ se faz mayor abertura entre estes dous dedos, que nos outros, assi he muito mais largo, e capaz, e comprende hum grande arrabalde, que com a commodidade do rio que o lava, e lhe deu o nome (chamase a Ribeyra) tem crecido tanto, que faz representaçaõ de huma grande villa ornada de boas Igrejas, e suas praças. Neste valle ao pè do monte dos Apostolos que dece do pollegar, he o sitio que atràs dissemos, do nosso recolhimento de Montijràs.

O segundo valle he entre o Index, e o mayor. E assi como estes dedos naturalmente abrem menos, tambem o valle que entre elles fica he mais apertado, sendo igualmente fundo, e hum arrabalde que por elle se estende atè o rio he de menos conta em grandeza, e gente, e edificio (chamase Alfange.)

Entre o dedo mayor, e o quarto (que os Latinos chamaõ annular do costume, que avia de naõ pejarem outro com os aneis, que eraõ insignia dos nobres) corre outra semelhante quebrada atè a porta de Mansos, e faz o monte sexto: polo lombo do qual corre hum espaço a estrada que sae desta porta pera Lisboa, acompanhada de humas Ermidas, e de hum pequeno arrabalde, e logo faz grande quèda pera o baixo, ficando o setimo monte no dedo minimo, mas muito mais curto, e com menos representaçaõ entre os mais montes, da que elle tem entre os dedos: e nelle pegados com a palma assentaõ juntamente oje dous Mosteyros, hum de Frades da Terceira regra de Saõ Francisco sobre o valle do Annular: e outro de Freyras de S. Domingos, que olha sobre as ladeyras que decem do dedo minimo da parte de fora, e do canto da maõ. Tal he a forma que oje tem a villa de Santarem. E quadralhe bem a comparaçaõ, pola semelhança que tem com a cidade de Volterra na provincia de Toscana em Italia, chamada na lingoa Latina *Vola terræ*, que he o mesmo, que palma da maõ da terra. E he de saber, que no tempo que a ella veyo a nossa Or-

Strab. l. 5. Plin. l. 3. c. 5.

Ordem, naõ tinha Mosteyro nenhum. E sò se via no mesmo lugar, onde oje he o nosso Convento dos Frades huma pequena Ermida da invocaçaõ de nossa Senhora da Oliveyra, que com elle se extinguio: e junto aonde he o das Freiras, outra que ainda dura, com titulo, e nome da Madalena.

A estes montes assi juntos, e villa assi situada vem demandar o Tejo por meyo de largos campos com impetuosa corrente, e cortando polas raizes do alto monte da Alcaçova faz seu curso direito contra Lisboa. He este lugar insigne por antiguidade, e por abundancia de bens do Ceo, e da terra. Os do Ceo saõ duas espantosas memorias que nelle se conservaõ ha muitos centenares de annos dos mysterios de nossa fè. Huma naquelle milagre dos milagres que por excellencia chamamos o Santo Milagre, onde està Christo Senhor nosso sacramentalmente envolto em seu proprio sangue, como nos corporais de Daroca em Aragaõ: da qual faremos relaçaõ mais particular ao diante, na parte onde pertence a esta historia. A outra memoria a figura de hum Christo cruificado, despegado de ambos os braços da Cruz, e todo inclinado, e dobrado de corpo, e cabeça, e sustentado sò no cravo dos pès, que se guarda com grande veneraçaõ a cargo de Religiosos de S. Bento, no oratorio do monte dos Apostolos (caso digno de larga historia, succedido em favor, e testemunho de honra de huma affligida molher.) Tambem he celestial maravilha o sepulcro da gloriosa Portugueza virgem, e martyr S. Irena (que oje chamamos Eyria) fabricado por maons de Anjos nas entranhas do rio, defronte do arrebalde da Ribeira, e da Igreja em que he venerada ao longo da agoa. Foy morta à espada na villa de Thomar no anno de Christo de 653 por honra da pureza virginal, e como victima della. E sendo lançada no rio Nabaõ veyo milagrosamente por elle ao Zezere, e do Zezere ao Tejo, e em fim parar, e sepultarse neste lugar pera honrar com seu nome a villa. Com o de Escalabis foy ella conhecida muito antes que a conhecessem Romanos: e tanto atràs que naõ falta quem queira referir sua origem a hum Abydis Rey vigesimo quarto dos que em Espanha floreceraõ logo despois do diluvio por successaõ continuada. A ambiçaõ Romana, que em nome como em posse queria fazer tudo seu, lhe poz o de *Præsidium Iulium*, e metendo dentro moradores Romanos, como quem conhecia a força do sitio, honroua com titulo, e privilegios de Colonia Romana. E porque o lugar era capaz de tudo, assentou nelle huma das tres Relaçoens ou casas de justiça com que se governava a Lusitania, a que chamavaõ *Conventos juridicos*.

Lenda antiga da Santa.

F. Bern. de Brito na Mon. Lusit. 1. p. l. 1. c. 22.

Faz aqui o rio huma agradavel divisaõ, deixando à parte direita, e occidental, onde fica a villa, tudo o que ha de montuoso, e à esquerda estendidas campinas, que fertiliza com suas enchentes, como faz ao Egypto o seu Nilo. E com tudo tal fertilidade tem os montes, que se atrevem a competir com os campos. Porque se estes saõ ricos de todo genero de graõ: enrique-

ce os montes hum bosque continuo de olivais, que os cobre atè os muros da villa. E da mesma maneira que os campos parecem cheyos de fermosos casais, e instrumentos de lavoura, e povoados de todo genero de criaçaõ de gado: assi polos montes se vem infinitas Quintas de bom edificio cercadas de vinhas, e pumares, e hortas, regadas de fontes, e arroyos de agoas excellentes. E se o campo he agradavel de inverno pola caça, e muita volateria que nelle ha: faz ao monte deleitoso no veraõ a frescura, e alegria dos bosques, e grande abundancia de fruitas de toda sorte. E he bem de espantar, que costumando a terra deliciosa produzir os homens semelhantes a si mesma, quero dizer de corpos, e animos pouco varonis: esta polo contrario tem dado por todas as idades gente de grande valor, como puderamos mostrar com exemplos, se nos deraõ licença as leys da Historia. A villa he morada de mais familias illustres que todos os mais lugares do Reyno despois de Lisboa, e quasi solar delles, pola magnificencia de casas que ahi tem de tempos antigos edificadas. Polo mesmo modo vemos nella muitos, e grandes templos: e sustenta Mosteyros de quasi todas as Ordens, ricos de rendas, e edificios, de dourados, e pinturas nos altares, e muita prata lavrada, e reliquias santas nas sacristias.

Pera tal terra tresladou dom Frey Sueyro o seu Convento de Montejunto: e como naõ estava contente do posto de Montijràs, com quanto a força dos negocios da Provincia o trazia repartido em grandes cuydados, naõ cessava de lembrar a Frey Domingos de Cubo, que tinha a cargo o recolhimento, como atràs dissemos, que procurasse chegarse pera mais vizinhança da villa. Porque alèm dos inconvenientes de ficarem longe em Montijràs, deviaõ descubrirse outros no sitio, de pouco sádio de veraõ com os ares do campo, e com a humidade do monte no inverno. Naõ se descuidou Frey Domingos: e considerando muitos postos, veyo a satisfazerse de hum junto da Ermida da Madalena, no chaõ que posemos na rayz do dedo minimo, ou monte setimo da nossa descripçaõ, que he o mesmo lugar em que oje vemos o Mosteyro de Freyras da nossa Ordem, que vulgarmente chamaõ das Donas. Tratou da compra. Como se soube na villa, sobejoulhe tudo.

CAPITULO II.

Começase a obra da casa nova no primeiro sitio que se comprou. Suspendese por hum estranho caso, e fundase a casa em outro. Dase conta de quem foy o que deu a traça da Igreja, e crasta.

IGualmente desejavaõ os moradores da villa, e os Religiosos a passagem do recolhimento de Montijràs pera o alto: e huns, e outros com fim santo, e cheyo de caridade, mais que por interesse proprio: os Frades sintindo a descommodidade que era para os vizinhos irem ao baixo buscar a prègaçaõ, e officios Divinos: os vizinhos doendose do trabalho que custavaõ

aos Frades as prègaçoens, e qualquer outra obra de caridade, pera que eraõ chamados na villa. Affi deraõ preffa todos, e como de maõ commum a Fr. Domingos, que naõ dilataffe a obra. Começou elle a abrir os aliceffes com geral gofto do povo. Acudiaõ os devotos com todo genero de materiais, e os Religiofos todos ao trabalho fem exceiçaõ de peffoa. Mas a cabo de poucos dias fuccedeo coufa que deu muito que cuidar, e fufpendendo a fabrica em fim fez mudar o intento. Foy cafo muy eftranho, e que eu me naõ atrevera a por neftes efcritos, polo grande cuidado com que vou, de que naõ pareça nelles coufa que faça a verdade fofpeitofa, fendo ella sò a que dà alma, e vida à hiftoria; fe me naõ tirara o efcrupulo a tradiçaõ antiquiffima que o tem acreditado, e recebido por toda a Provincia. Deixavaõ os officiais quando à noite defpegavaõ do trabalho, juntos, e baftantemente arrecadados os inftrumentos de que fe ferviaõ na obra; que devia fer fechandoos em alguma cafa que ouveffe no fitio. Eis que hum dia amanhecendo nelle pera trabalharem, naõ achaõ ferramenta, e a cafa taõ limpa, que nem huma sò peça avia. Naõ pareceo ladroice, por fer, como era, o furto pouco cubiçofo. Menos cuidavaõ em zombaria, ou traveffura de ociofos, como igualmente pefada pera huma grande ociofidade. Fizeraõ diligencia, queixaraõfe os Religiofos, falloufe muito no furto. A cafo fe foube que em huma Ermida naõ pouco diftante (era a de Noffa Senhora da Oliveyra fituada, como atràs differmos, no monte primeyro, e canto direito da palma da noffa comparaçaõ) eftava lançada huma copia de femelhantes inftrumentos: foraõ là, acharaõ toda fua fazenda junta, affi como a tinhaõ deixado a noyte d'antes, fem faltar nada. Tornaraõ a trabalhar fem fazer cafo, ou fazendo graça do fucceffo: e todavia ao recolher ouve cuydado de a deixar em lugar ao parecer mais feguro. Quando foy pola manham, acharaõfe efcarnecidos, e roubados, como no dia atràs: mas ouve menos fadiga na bufca: foy hum correndo à mefma Ermida, e achou tudo. Ifto contaõ que fuccedeo mais vezes, e ou foffe que o roubo myfteriofo fizeffe força aos Religiofos: ou que o fitio da Ermida lhes agradaffe mais, juntamente começaraõ a tratar delle, e levantaraõ maõ da obra, em que fe trabalhava. Era a Ermida annexa da Igreja collegiada de Noffa Senhora da Alcaçava da mefma villa: fizeraõ os Conegos liberal doaçaõ della à Ordem. E como o negocio vinha traçado do Alto, donde vem todo o bem, porque defte canto da terra fe queria o Ceo povoar de muitos Santos, alargoufe logo o fitio com huma grande Quinta, que huma Senhora nobre offereceo aos Religiofos, taõ a propofito delle, que o cingia todo: e ficaraõ com cafas, vinha, pumares, e olivais junto com Igreja. Era ifto Mofteyro quafi feito, e Frey Domingos alegre com o fucceffo naõ duvidou defpejar logo Montijràs, e recolherfe com feus Frades na cafa nova, que defte dia em diante foy perdendo o primeiro nome na memoria do povo, mas naõ da Religiaõ, que por lho con-

conſervar dedicou o altar mòr a Noſſa Senhora da Oliveira, como ſe vè na pintura delle.

Eſtava viva nos animos dos ſubditos a queixa que o Patriarcha Saõ Domingos fizera em Bolonha, e naõ ſem lagrimas, quando vindo de fòra, achou crecidos os limites da traça que encommendara, (e era crecimento aſſaz pequeno.) Eſta memoria obrigou a Fr. Domingos a dar o Convento por acabado com pouco feitio. O mayor que ouve foy levantar huma caſa terrea grande, e comprida, abrirlhe janellas altas nos topos, lançar hum corredor de taboado polo meyo, dividillo deſpois em cellas, e ficar dormitorio. E tal gaſalhado ſervio tantos annos, que dura inda hoje a lembrança do lugar que occupava. Aqui trabalhavaõ todos igualmente ſervindo aos meſtres da obra no que cumpria. Naõ ſe deſdenhavaõ as maons ſagradas de amaſſar o barro, nem as coſtas moidas com diſciplinas refuſavaõ carregar a pedra: e edificando pera ſi criavaõ outro edificio mais alto, e mais importante nos animos do povo, que acudia em bandos a vèr, e conſiderar com devaçaõ, e alegria tais alveneres. E tenho por certo que muitos dos melhores delle fazendo juizo que aquella fabrica era mais propria ſua, e pera ſeu bem eſpiritual encaminhada, que pera os meſmos que nella ſuavaõ cheyos de pò; lançariaõ maõ das enxadas, e padiollas, tendo por dita ſerem companheiros, e participantes em tal obra.

Aqui he lugar de averiguarmos o anno em que eſte edificio teve principio, como ponto que em todos os de conſideraçaõ he o primeiro que ſe buſca. Eſcritura donde o poſſamos achar naõ ha nenhuma. Aſſi he neceſſario buſcarmolo por lanços de conveniencias, e boas conjeituras. Em todos os eſcritores da vida do Padre S. Frey Gil achamos, ſem diſcrepar nenhum, que ao ſetimo anno de ſua converſaõ lhe tornou o enemigo do genero humano hum eſcrito de vaſſalagem, que de ſeu ſangue lhe tinha feito, como adiante o contarà a Hiſtoria. Achamos tambem que o anno de ſua converſaõ foy o meſmo em que os noſſos Frades começavaõ a edificar caſa em Palencia, porque nelle, e nella recebeo o habito. Os meſmos eſcritores conformaõ que o eſcrito lhe foy reſtituido neſta caſa de Santarem, na Capella do Capitulo della, e confirmaõ a tradiçaõ univerſal da villa, e da provincia, moſtrando na Capella, que oje he a meſma, lugar particular, e proprio por onde o papel veyo decendo do alto. Logo achado o anno da fundaçaõ de Palencia, que por ſer dos muy antigos de Caſtella podemos crer ſuccedeo por fim do anno de 1219, reſulta que acabado o de 1226 tinha Frey Gil cumpridos ſete de ſua converſaõ, e polo conſeguinte eſtava jà em pè, e corrente o Convento de Santarem, pois em tal tempo avia recebido nelle o ſeu eſcrito. E quando lhe naõ demos mais que hum anno pera eſtar acabado naquella pobreza, e humildade primeyra que entaõ ſe coſtumava, ficanos caindo ſua fundaçaõ no anno de 1225, em que ao parecer naõ cabe duvida. Aſſi naõ eſtiveraõ os Religioſos dous annos perfeitos em Montijràs.

Formado o Convento, e agasalhados os Frades, ficavase sò sintindo a pouca capacidade da Ermida. Porque a muita devaçaõ, e concurso que avia de gente às pregaçoens, e doutrina obrigava a porem o pulpito fòra. Supriose o defeito por entaõ com hum grande alpendre alto, e capaz; mas sem mais feitio que quanto bastasse pera defender do Sol, e da chuva. E daqui ficaraõ as alpendoradas que ainda oje duraõ nos Conventos mais antigos deste Reyno, como saõ Guimaraens, Porto, e Aveiro. Noutros, como em Lisboa, e neste de Santarem naõ saõ apagados os sinais.

Mas naõ sofreo a devaçaõ del Rey dom Sancho Segundo, que neste tempo jà reynava, a descomodidade que a nossa pobreza dava ao povo. E como a mayor nobreza dos grandes lugares saõ casas de oraçaõ sumptuosas, e magnificas, mandou a Frey Domingos de Cubo, que no que tocava a tudo o mais do Convento, seguisse embora as leys da sua Ordem, mas quanto à Igreja, e crastas deixasse a traça à sua conta: e mandouas dizenhar na grandeza, e capacidade, que inda hoje huma, e outra cousa representa. Porque posto, que a Igreja està redificada de poucos annos, naõ tem differença da praça antiga, e a mesma ordem vay no claustro. Como el Rey era pio, e naturalmente bem inclinado, naõ tenho duvida, que como deu a traça devia ter tençaõ de acudir com a despesa. Mas a cobiça, e perversidade dos ministros naõ deixavaõ ser bom Rey, quem de seu era bonissimo varaõ. Fora ditoso, se ou tevera brio pera naõ fiar o Reyno, e governo d'outro conselho mais que do seu, ou achara junto de si privados de igual bondade, e polo menos, fieis. A falta destes causou no Reyno grandes calamidades (como ao diante diremos, e a elle o mayor de todos os infortunios, que foy verse em vida despojado de Reyno, e honra, e ficarlhe como por escarneo o titulo de Capello, que por Religioso merecia. No desterro, e na morte mostrou quaõ largamente acudira à obra de que se deu por architecto, se de sua vontade tevera livre jurdiçaõ, e do que entendia execuçaõ. Declaralloemos com huma verba tirada originalmente do testamento que fez em Toledo, onde està sepultado: *Mando operi Prædicatorum de Santarem trecentos morabitinos: & mando quòd dent eis de mea madeira de Vlisbona, & de alijs meis locis quanta eis fuerit necessaria.* Estes maravedis se eraõ de ouro, e da valia antiga, do que naõ ficou clareza, tinha cada hum quinhentos reis, porque sesenta faziaõ hum marco de ouro, e em seu lugar succederaõ, segundo parece, as moedas de Cruz do mesmo valor, e peso: e naõ era pequena esmolla pera aquelles tempos, e pera o estado em que se achava.

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho primeir. f. 65.

CA-

CAPITULO III.

Prosegue a relaçaõ do edificio da casa nova de Santarem. Contaõse algumas antiguidades tocantes a ella. Mostrase como lhe pertence a precedencia de todos os Conventos de Espanha.

TArdou a Igreja em se levantar muitos annos. Porque teve na traça Rey, e faltoulhe Rey no lavor. Faleceo dom Sancho, que a traçou: e seu irmaõ, e successor dom Afonso Terceiro, inda que ajudou a obra com boas esmollas, era como em cousa alheya, naõ como propria (taõ antigo he naõ querer ninguem continuar o que outrem começou.) Assi ficando a cargo dos Frades, faziaselhes difficultoso em tempos apertados pedir esmollas pera o paõ, e sustentaçaõ quotidiana, como pediaõ: e juntamente pera pedra, e cal de fabrica realenga: e parando nella, serviaõse da Ermida. Podemos crer deviaõ correrse de a continuar por sua autoridade, achandose postos em cerco por huma parte da traça que jà naõ podia tornar atràs, pelo cabedal que à conta do Rey defunto tinhaõ metido: e por outra da regra, e Constituiçoens da Ordem, que se bem daõ licença pera aver mais largueza nas Igrejas, que nos outros membros dos Conventos: com tudo naõ permittem demasias. Estas perplexidades inferimos do muito tempo que durou a obra, e do remedio que buscaraõ pera naõ ficar imperfeita, que foy impetrar do Summo Pontifice huma indulgencia pera os que dessem suas esmollas pera se acabar. As palavras da Bula declaraõ o estado da Igreja dizendo: *Quam ibidem, sicut accepimus, cæperunt ædificare.* A Bula està oje viva no cartorio deste Convento, passada por Alexandre Quarto, anno terceyro de seu Pontificado, que responde aos do Senhor de 1257. Achamos nella digno de notar que foy a indulgencia, cem dias de perdaõ: e devia ser avida por bom favor.

Sahio a Igreja grande, e alterosa em proporçaõ, e como convinha para tamanho povo: tres naves, presbiterios altos na que fica encostada ao claustro: seu cruzeiro que sò por si pudera fazer huma boa Igreja: nelle a porta travessa, por onde he todo o serviço, por ficar mais vizinha à villa. De todas as nossas Igrejas daquella idade foy esta a mayor exceito a de Lisboa, que se aventajou em corpo, como tambem em padroeiro mais poderoso, e mais prospero, mas naõ na traça, que he a mesma de Santarem. Tambem de todas as grandes he a que sò ficou sem padroeiro Real, e pola mesma rezaõ sem letra nem final que nos declarasse tempo nem autor. Cousa bem estranha em Portugal, porque foraõ seus Reys por todas as idades taõ Catolicos, que nas obras pias, e magnificas tomaraõ sempre a mayor parte: e daqui vem naõ vermos quasi em todo o Reyno Igreja de edificio custoso, sem escudo das armas Reays por frontaria.

Todavia achamos duas memorias del Rey dom Afonso Terceyro que foy Conde de Bolonha, ambas em favor dos Religiosos deste Convento, nenhu-

nhuma do edificio. Rezaõ he ficarem nestes escritos por honra da antiguidade, e polo que entaõ se estimou a mercè, ainda que pouco importante. Residia nesta villa a casa, e corte do Civel, que el Rey dom Joaõ o primeyro muytos annos despois passou pera Lisboa, e em nossos dias transferio el Rey dom Felippe, tambem primeyro pera nòs, à cidade do Porto. Fizeraõ os Reys esta honra a Santarem, como em memoria da que possuyo longos annos em tempo de Romanos, com o Convento juridico, que atràs dissemos. Era o lugar ordinario das execuçoens dos que padeciaõ por justiça, taõ vizinho ao Convento, que ficavaõ nos olhos dos Religiosos os que se enforcavaõ, ou queimavaõ. Nos primeyros annos sintiase pouco este mal porque nos que reynou el Rey dom Sancho era cousa muy rara hum justiçado andando a terra cheya de malfeitores. Mas entrando o governo severo, e inteiro de seu irmaõ que lhe tomou o Reyno, como avia cuydado em punir delitos, e delinquentes, tinhaõ os Religiosos a miude vistas nojosas, com que se desconsolavaõ muito. Destas pediraõ a el Rey que os livrasse, fezlhes a mercè por huma carta de sello pendente que vimos, e tresladamos do cartorio do Convento, e he a que se segue:

ALfonsus Rex Portugalliæ & Comes Boloniensis Prætori, Aluazilibus, & Concilio Sanctarenensi salutem. Sciatis quòd ego mando & defendo firmiter sub pœna corporum & habere, quòd nullus sit ausus comburere, nec iusticiare hominem, nec facere grauamen aliquod Fratribus Prædicatoribus ab illa via publica, quæ vadit rectè à porta Leyrennæ uersus domos Leprosorum vsque ad monasterium Fratrum Prædicatorum Sanctarenensium: quia quicunque inde aliud fecerit, remanebit pro nostro inimico, & ego calumniabor eum in corpore, & in habere, & insuper leuabo incantum de ipso. Datum Sanctarennæ octaua die Decembris Æra M. CC. LXXXIX. (responde ao anno do Salvador de 1251.) Esculamos traduzir esta carta, porque jà fica feita relaçaõ do que contèm.

A outra memoria consta de carta passada com as mesmas solennidades nove annos adiante no de 1260, a qual por menos importante naõ tresladaremos, diremos sò a sustancia. Parece que a devaçaõ indiscreta de alguns seculares, despois que os padres Menores teveraõ tambem recolhimento na villa, levantou controversia entre as duas Ordens, avendo nas mesmas Igrejas, em que ambas prègavaõ, quem pendia a huma mais que a outra. Chegou a causa a el Rey, quiz evitar differenças, mandou vir dous Religiosos estrangeiros a prazimento dos Frades,

des, e de seus mayores, que partiraõ vinte, e duas Igrejas, e Ermidas, que entaõ avia na villa, e arrabaldes, e assentaraõ que ficasse a cada Ordem numero igual. E pera tirar todo o escrupulo, e tambem acudir à inclinaçaõ, e devaçaõ do povo, foy condiçaõ que cada seis meses fizessem troca, e alternativa das Igrejas, de sorte que em cada hum anno se ouvisse nas mesmas Igrejas doutrina d' ambas as Ordens. Està o concerto assinado polos juizes arbitros, e polo mesmo Rey (obra na verdade de animo benigno, e muy Christaõ decer, e assistir a estas miudezas por manter paz entre as Religioens.) He pera notar que entre as vinte duas Igrejas, que todas vaõ especificadas, se conta tambem no arrabalde da ribeira a de S. Domingos de Montijràs. Donde se fica entendendo que naõ quiz largar o nome que com a residencia dos Frades erdou. E o naõ termos oje noticia della, devia ser causa algum incendio ou terremoto que a posesse em ruina: e sobrevindo discurso de annos apagou de todo a memoria. Este he taõ poderoso, que basta sò por si, inda que cesse a violencia dos elementos, pera destruir, e acabar os mais firmes, e fortes edificios da terra. Muito prometia durar o que nos tinha levantado com tanto trabalho, e despesa o Santo Frey Domingos do Cubo: mas quando chegou o anno de 1604, faltando ainda muitos pera cumprir quatrocentos de idade, estava jà taõ danificado, que templo, e claustros se vinha tudo desatando, e caindo por si. Assi temendose com bom juizo huma ruina subita, que podia succeder em hora que prejudicasse a muitos, foy decretado na Provincia que se desfizessem, e de novo se redificassem. Era Provincial o Mestre Frey Manoel Coelho, que despois foy Inquisidor em Lisboa: deu o cuydado ao Presentado Frey Sebastiaõ de Pavia Prior do Convento. Começou elle a obra com grande animo: e dentro em seu tempo, e noutros tres annos que se lhe prorogou o cargo, deixou acabada a Igreja que ameaçava grande dilaçaõ. Ficou feita de abobada na mesma traça da primeyra, e polos mesmos alicesses, ficando em pè o que estava duravel, como eraõ o Coro, e Capella mòr, e todas as mais capellas assi do cruzeiro, como do corpo da Igreja. Poliose despois, e aperfeiçoouse polos successores, e està muito airosa, e bem assombrada. E porque tambem se temeo perigo da torre dos sinos, porque conhecidamente fazia abalo quando se dobravaõ, seguindo o movimento, e balanços do peso (o que nacia de ser estreita, e alta, mais que de fraqueza, sendo como era toda de cantaria, muito liada, e bem feita) foy conselho derribarse, e levantarse outra, como se fez. Acompanhouse despois com casa nova de sacristia alta, e espaçosa, guardandose a reedificaçaõ dos claustros pera ultimo trabalho, e nelles se entende de presente. Deuselhes principio por Agosto de 1620, e começou polo lanço mais necessario, que era o da parte do refeitorio: porque junta por cima as serventias da hospedaria, e casa de noviços com o dormitorio: e por baixo faz sombra à entrada do refeitorio.

He

He a obra de abobada ſobre arcos de pedraria boa, e luſtroſa, e toma a meſma praça do clauſtro antigo: naõ o excedendo mais que em mayor altura, que foy neceſſaria pera correr a olivel por cima com as officinas, que por ella ſe ficaõ ſervindo.

CAPITULO IIII.

Moſtraſe como pertence a eſte Convento a precedencia de todos os de Eſpanha.

TEmos dito tudo o que avia do Convento de Santarem pertencente ao edificio material, e ſua antiguidade: em que ſe vè que de todas as Religioens, que eſta villa oje ſuſtenta, a noſſa foy a primeyra que a veyo ſervir. Vèſe tambem que lho ſouberaõ pagar os moradores no amor com que peſſoalmente ajudaraõ a obra do Convento, e deraõ pera ella naõ hum sò, mas tres ſitios: acontecendonos aqui o meſmo que em Roma, onde tevemos primeyro S. Sixto, logo Santa Sabina, deſpois a Minerva que oje poſſuimos. E ſe he verdade que nos deve obrigar muito eſta memoria, naõ lhes fica a elles menos obrigaçaõ de amar, e eſtimar o que he obra de ſuas maons, viſto como naturalmente todo homem ama a arvore que plantou, e acha mais ſabor na fruita do garfo que enxertou, e aparou, e atou.

Aqui ſe moſtra tambem o muito que todo eſte Reyno deve ao Patriarcha S. Domingos, pois no dia que ſe determinou eſpalhar ſeus diſcipulos polo mundo, logo lhe mandou hum particular Portuguez: e a eſte quiz fazer cabeça dos que inviava a ſua patria, e ſendo ſeus naturais. Donde naceo ficar em Portugal, e neſta villa a cabeça de todos os Conventos de Eſpanha, por meyo da antiguidade da caſa de Montejunto, em cuja erança, e repreſentaçaõ ſuccede o Convento de Santarem. Porque eſtando edificado o de Montejunto na entrada do anno de 1218 como atràs contamos, com todas as circunſtancias que na Ordem ſe praticaõ em materia de funçoens, a ſaber, licença do Summo Pontifice, aceitaçaõ da Ordem, poſſe do ſitio, autoridade do ſenhor da terra, e conſintimento dos moradores: e ficando taõ corrente, e aſſentado, que logo teve por filho o de Coimbra, e pouco deſpois deu principio ao de Chellas, bem ſe ſegue que he primeyro, e mais antigo que todos os de Eſpanha, pois nella naõ ouve Convento formado ſenaõ deſpois que o Padre S. Domingos a veyo viſitar no anno de 1229. Aſſi o ſente o Meſtre Frey Jordaõ, quando diz que antes de noſſo Padre vir a Eſpanha tinha dom Frey Sueyro aproveitado muito com ſuas prègaçoens. E naõ he contradiçaõ dizer elle meſmo deſpois, e confirmallo Santo Antonino, que o Convento de Segovia fundado por noſſo Padre no anno de 1219, foy o primeyro de Eſpanha. Porque jà advirtimos que eſtes eſcritores naõ comprendiaõ Portugal debaixo do nome de Eſpanha: e antes eſta autoridade he em favor de Montejunto, que eſtava edificado hum anno antes, no de 1218 como fica dito. Deſta opiniaõ he o Autor do livro que ſe intitula: *Stemma Ordinis Prædica-*

M. Frey Jordaõ c. 24.

S. Antonin. p. 3. tit. 23. §. 1.

Stemma Ord. Prædic. f. 223

dicatorum, quando contando os Conventos da Ordem daquella primeyra idade, poem em primeiro lugar o de Santarem E o Padre Frey Joaõ de la Cruz falando mais claramente na sua Cronica diz, que atè a vinda do Padre S. Domingos a Espanha naõ avia Convento nenhum da sua Ordem em Castella: mas na Lusitania si. E quanto à Provincia de Aragaõ tambem nos dà o primeiro lugar, dizendo o Cronista della Frey Francisco Diago, que os Conventos de Barcelona, e C,aragoça teveraõ seu principio no anno de 1219.

F. Joaõ de la Cruz p. 1. f. 16. 89. 90.

F. Franc. Diago l. 2. c. 1. 8. 32.

Mas se isto he obrigaçaõ pera a gente Portugueza, bem largamente se tem dante maons desindividado della, na grande piedade, e devaçaõ com que desde tempos antiquissimos agasalhou, e reverenciou quasi todas as Religioens da Igreja de Deos, recebendo humas, e chamando outras, enriquecendo, e sustentando todas, e fundando outras de novo, que saõ como fruito proprio deste torraõ de Portugal. Seja exemplo a Ordem de S. Bento, que logo em seus principios, ainda em tempos dos Reys Suevos semeou de tantos Mosteyros a estreiteza das terras de Entredouro, e Minho, que com muitos que seus Religiosos despois largaraõ, enriqueceraõ outras Ordens, e com os que possuem estaõ muito ricos. Muito de ver he a grandeza, a fermosura, a limpeza das casas dos Conegos regrantes de Santo Agostinho, cuja opulencia, sem parecer que perderaõ nada sustenta oje as grossas despezas da Universidade de Coimbra. A familia de S. Bernardo ainda em vida do Santo foy chamada, e honrada, e dotada com tanta liberalidade polo grande Rey dom Afonso Enriques, que do que oje sobeja à real casa de Alcobaça faz prato a hum Infante de mais de dez mil cruzados de renda. As casas das mais Ordens saõ quasi sem numero, e todas vivem, todas se sustentaõ, suprindo a caridade do povo, onde faltaõ as rendas. A religiaõ da Companhia de JESUS, sendo ultima das que vieraõ, naõ he inferior à de S. Bento em grossura de rendas, nem à dos Conegos regrantes em magnificencia de casas, iguala a de S. Bernardo na honra de ser tambem chamada polos Reys, tanto em sua flor, que quando à petiçaõ del Rey dom Joaõ o Terceiro nos deu o Santo Francisco Xavier, que jà oje vemos beatificado polos altares, pera Apostolo do Japaõ, inda era vivo seu Santo instituidor.

Cron. de Cyster. p. 1. l. 6. c. 9. Monarc. Lusit. p. 2. l. 6. c. 12.

P. I. de Lucena na vida do Santo Francisco Xavier.

Mas naõ he menos de estimar hum genero de Religiaõ (fruito proprio, e natural deste Reyno) que os seculares inventaraõ pera exercicio de virtude: que he o serviço geral das casas de Misericordia, introduzido naõ sò nas cidades, mas em todas as villas do Reyno. Empregaõ nelle os sobejos da fazenda os ricos: e os sobejos do tempo os ociosos: e redunda tudo nas mais piadosas, e mais acertadas obras que em favor dos proximos se podem fazer. Quem quiser saber a grandeza, e custo dellas, se for bom contador, alcançalloà facilmente, proporcionando os membros com a cabeça, quero dizer, todo o resto das terras do Reyno com Lisboa, na qual se despenderaõ no anno, que isto vamos escreven-

do, que he o de 1621, por conta liquida, e publicada no dia da Visitaçaõ de Nossa Senhora, que he o dia mais solemne desta Irmandade, cinquenta, e sete mil trezentos e noventa e sete cruzados.

Em differente genero frutificou esta ceara Portugueza naõ menos pia, nem menos magnificamente, com que podemos fazer inveja a todas as naçoens do mundo. Acabou a famosa Ordem dos Templarios em tempos passados com geral sintimento da Christandade, sendo executores de seu desastrado fim, dous poderosos inimigos, odio, e cubiça. Resistio Portugal. Teve o Rey valeroso por vileza (era dom Dinis) ajuntar à sua coroa preço de sangue de esforçados Cavaleyros, levantou de suas cinzas como huma Fenix, sò trocado o nome, outra Ordem mais bella, e mais fermosa, e mais rica, e tambem no titulo melhor estreada (chamou a de Christo.) E este Senhor como sua a tem acrecentado tanto, que a presidencia della (passa jà de cem annos) por exceder muito à capacidade de vassallos, que nos tempos atràs a governavaõ, anda na pessoa do mesmo Rey. Chega o numero das Commendas por lista, que temos em nossa maõ, a quatrocentas e vintoito correntes, e liquidas, a fòra mais de outras cento litigiosas. E passa o rendimento das correntes, segundo o que tem sobido no tempo presente, de trezentos mil cruzados em cada hum anno.

Mas he tempo de recolhermos este discurso, que crecerà demasiado, se differmos tudo o que ha que considerar, e apontar nelle: e diremos somente que deve Portugal ter particular consolaçaõ na lembrança destas cousas, porque saõ hum sinal clarissimo de fè, e amor de Deos. Por onde com grande confiança podemos esperar que a justiça Divina levantarà algum dia a maõ dos açoutes, e calamidades, com que tantos annos ha somos disciplinados, e affligidos.

CAPITULO V.

Da grande santidade que florecia no Convento de Santarem: com huma notavel memoria da pobreza em que nelle se vivia. Dàse conta de quem eraõ dous Religiosos, que seguiraõ a el Rey dom Sancho fòra do Reyno.

SEgue a poz a obra de pedra, e cal, fabrica terrestre, e corruptivel, outro edificio mais alto, e de mais conta, pera cujo serviço se compoem todos os da terra. Este he o mystico, e espiritual, onde se lavraõ os cedros cheyrosos, e os marmores finos das almas puras pera serem tresladados à Celestial Jerusalem, e despois de desbastados com o ferro das penitencias, e amarguras da vida, polidos na roda do exercicio das obras santas, lustrados com o desprezo da terra, e amores do Ceo, serem collocados por maõ do soberano Architecto naquelles muros, cujo fundamento he ouro fino de todos os quilates de virtudes; as pedras, diamantes de constancia, rubis de caridade, esmeraldas de pureza: e a Angular, que fecha toda a obra, e lhe dà lustre, e perfeiçaõ, he Christo JESU, eterno Sol de

justiça, a cujos rayos estaõ brilhando com luz incomparavel, e sem fim. Desta tal fabrica, e tal officina hei de tratar hum pouco, mas com muito gosto, polo que leva em falar dos bens da Patria quem mais longe se acha della, que fora sem duvida muito aventajado, se nos naõ encubrira o mais do que nella se trabalhou, parte a antiguidade dos annos, parte a santa teyma com que os mesmos trabalhadores procuraraõ esconderseños, pera serem sò conhecidos do Ceo. Começaremos por algumas generalidades que alcançamos, pera yrmos por ellas fazendo juizo de quais seriaõ os particulares de que nos faltar noticia. E porque isto he historia Portugueza, seja principio hum testemunho de fòra, e de Autor que por autoridade de virtude, e letras, e polo que revolveo de livros pera a historia que escreveo, merece grande credito. He o Padre Mestre Frey Fernando de Castilho prègador muitos annos del Rey dom Felipe Segundo em Castella, que na historia geral da Ordem falando deste Convento, diz assi: *Estos y otros semejantes espiritos se criavan en el Convento de Santarem, que quasi no se hallava en toda aquella casa quien no fuesse Santo, y singularmente Santo.* E noutra parte diz o seguinte: *Embiaronle los Prelados a Portugal, y al Convento de Santarem, que era un retrato del Cielo acà en la tierra con vnas colores y sombras de aquella soberana santidad, y devocion, y fervores de espirito.* E na verdade fala ao justo do que avia nelle. Porque a observancia da regra, a austeridade da vida, o rigor dos jejuns, e disciplinas, o fervor da oraçaõ, e contemplaçaõ tudo eraõ estremos. O estudo, e liçaõ continua, o silencio tal, que estando a casa cheya de Religiosos, se fazia julgar por erma dos que entravaõ de fòra; hora nenhuma ociosa, recolhimento perpetuo, se naõ era nas horas forçadas que se davaõ aos proximos, ou confessando, ou prègando, ou aconselhando, ou fazendo doutrina. E a doutrina atè polas ruas, e praças, como entaõ costumavaõ. Na prègaçaõ conceitos chãons, claros, devotos, e espertadores do amor do Ceo, e da devaçaõ do Santo Rosario, ajudandose sempre daquelle pio costume, que os nossos Prègadores primeiro introduziraõ na Igreja, de invocar nos principios o favor da gloriosa Virgem Mãy, com a saudaçaõ Angelica. Fòra destas horas naõ se via Frade, senaõ no Coro, ou no altar. E no altar espantava, e consolava juntamente a devaçaõ, e espirito com que celebravaõ os Divinos mysterios, trasluzindo polo rosto, e olhos de cada hum os varios effeitos, que obrava o Senhor nas almas. Huns afogueados de amor, e confiança: outros pallidos, e sumidos com pavor, e humildade: huns derretidos em lagrimas de alegria polo que tinhaõ entre maons, outros em lagrimas de reverencia, de compunçaõ, e contriçaõ: e todos como absorptos, e enlevados em pasmo daquella soberana memoria, e recopilaçaõ de todas as maravilhas de Deos. A criaçaõ dos noviços era tal, que se naõ escrevem mayores encarecimentos dos que se criavaõ nos desertos da Thebayda, nem de mortificaçaõ, nem de aproveytamento. A dou-

Castilho p. 1. l. 2. c. 67.

O mesmo p. 1. l. 2. c. 72.

trina, os ministros que a davaõ, o fogo de espirito com que a buscavaõ os discipulos, era tudo tanto do Ceo, que poucos meses deste noviciado faziaõ messtres. Da pobreza, com que se vivia, puderamos dizer muito, porque como estes padres naõ possuyaõ proprios, como agora, e pendiaõ da caridade dos proximos, que naõ era sempre igual nem bastante, parecia a vida tambem Angelica nas faltas do pasto, como na abundancia das virtudes, e excellencias referidas. Huma memoria temos oje viva no real Mosteyro de Alcobaça da Ordem de Cister, que nos confirma bem esta verdade. Anda na livraria delle hum livro que no feitio, e no estado, em que està, representa huma grande antiguidade. He todo de pergaminho, quasi tres palmos de comprido, e hum, e meyo de largo. Contem vidas de Santos, de boa letra ordinaria: e na ultima folha estaõ duas regras de outra corrida, e differente, que dizem assi:

DEderunt nobis Fratribus de Alcobacia hunc librum de vitis Sanctorum Fratres Prædicatores de Santarem, pro pignore nostræ crucis æneæ anno Domini M.CC.XXXX. tertio nonas Martij Querem dizer: Este livro de vidas de Santos nos deraõ a nòs Frades de Alcobaça, os Frades Prègadores de Santarem em penhor de nossa Cruz de cobre, aos cinco de Março do anno do Senhor de mil e duzentos e quarenta.

Merecia esta memoria traduzirse em todas as lingoas. Porque naõ pode ser mais vivo testimunho de extrema pobreza em hum Convento, que viver de emprestimo, e usar de penhor pera huma Cruz de cobre.

Mas avendo de entrar nos particulares da casa, que he principal instituto deste nosso trabalho, e escritura, poemnos em cuydado donde tomaremos o principio. Porque como ella foy taõ fertil de Santos, e todos os desta primeira idade, como em ceara de anno benigno, vieraõ a florecer & frutificar quasi juntos, estou arreceando a eleiçaõ. Muito me obriga o grande lume desta villa o extatico padre Saõ Frey Gil. Porque jà quando faleceo dom Frey Sueyro estava em tanta reputaçaõ de Santo, que tanto que se juntaraõ os Padres da Provincia em Capitulo de eleyçaõ, foy acclamado por successor do defunto, e recebido com aplauso de toda Espanha. Mas quanto elle ganha por merecimento de mais santo, e de Prelado: tanto se lhe aventajaõ outros pequeninos ao parecer, e mal conhecidos no mundo, que foraõ primeiros a receber o premio, e a coroa da vida trabalhada, estendendose ao Prelado o desterro, e curso mortal dos annos, que o Senhor por seus ocultos juizos quiz abreviar aos subditos. Por onde parece que cessa toda a duvida, e que nos devemos yr tras os que naceraõ primogenitos na herança, e posse do Ceo, quais saõ aquelles

que se anticiparaõ a sayr das prisoens da carne, e do lodo, e miserias da terra. Assi fazendo seguiremos a ordem que a Igreja sagrada guarda na celebraçaõ das festas dos Santos, que he solemnizar nellas, naõ o dia que vieraõ a fazer numero entre os mortais no mundo, se naõ o em que voaraõ immortais ao Ceo. Mas desta regra haõ de ficar por hora exceituados dous valerosos espiritos, que com naõ deixarem actos memoraveis de sua morte, por hum que fizeraõ em vida, merecem ficar lembrados entre os que contamos por gente santa, irmaons seus de casa, e habito. Estes dous Religiosos na retirada que el Rey dom Sancho Segundo fez pera Castella, despojado do Reyno polo Conde de Bolonha seu irmaõ, voluntariamente se desterraraõ com elle, e o acompanharaõ atè sua morte, e assinaraõ em seu testamento. Chamavaõse Fr. Miguel que o servia de esmoller, e Frey Vicente de Lisboa, que sendo secular fora seu medico. E he muito digno de ser advirtido, que sendo os nossos Frades, os que por mandado do Papa com liberdade lhe intimavaõ os Breves de sua deposiçaõ, quando mais prospero reynava: e os que do pulpito mais prosperamente reprendiaõ as desordens que consintia, e naõ remedeava no reyno, com tudo souberaõ seguir, e servir, e amar a pessoa, em que estranhavaõ, e aborreciaõ vicios. Effeito de verdadeira caridade naõ lisongear o Rey na prosperidade; servillo com amor, e gosto na perseguiçaõ, e desamparo.

CAPITULO VI.

Da santa vida, e morte do Padre Frey Fernando Pires, Chantre que foy da Santa Sè de Lisboa.

COmecemos por hum velho, que a misericordia do Pay Eterno das familias chamou da ociosidade das praças do mundo ao pòr do Sol, e cerrar do dia da vida: e mandandoo cavar na vinha, quando veyo a hora da paga, foy servido por sua grande liberalidade, e bondade igualallo nella com os que tinhaõ trabalhado todo o dia em peso cançando, e suando desde pola manham atè noite. Grande nova, e boa estrea pera aquelles que gastado o aço da idade robusta em servir ao mundo, naõ trazem pera Deos, mais que ferro frio, poucas forças pera o empregar, e poucas horas pera merecer. Boa nova digo: animar, e naõ desmayar: que ainda que acudimos tarde ao serviço, e em estado mais de dar pejo, que de aproveitar aos que trabalhaõ, temos amo liberal, rico, e grandioso, que sabe que dà do seu, e naõ sojeita sua real condiçaõ às escacesas, e contas acanhadas do mundo. E bem o mostrou com este velho cançado, e fraco, de quem tomamos principio pera tratar dos valerosos obreiros do primeiro Convento desta Provincia.

Era dom Fernando Pires muito nobre, e rico, cercado de parentes do melhor do Reyno, posto em dignidade, e renda de Chantre da Sè de Lisboa. Vivia abastado de tudo o que o mundo pode dar, gozando, e triuntando

fando a vida em gosto, e passatempos avia muitos annos, com grande esquecimento de que avia outra de mais dura, e mais pera estimar. Deraõlhe novas da resoluçaõ, com que seu parente (que o era muito) Frey Gil de hum estremo de adiantado no mundo, se passara a outro de abatido, e aniquilado nelle, e naõ sò a ser pobre, mas a servir, e ser escravo de pobres. Foy huma aldrabada que Deos lhe deu nas portas da alma (que tambem isto ganhaõ os que buscaõ a Deos, abrirem os olhos com seu exemplo a muitos cegos, e enganados) começou a entrar em contas consigo, e a perder o gosto de tudo, com ver o que resultava dellas. Muitos annos perdidos, aver de dar rezaõ de todos; e naõ de annos, se naõ de horas, e momentos, e em tribunal de juiz, e juizo temeroso. Olhava pera si, via o rosto quebrado, a cabeça cuberta de neve, com que o tempo vai dando aviso aos velhos, e aos descuidados (aviso de que nunca fizera caso.) Cahia na conta do esquecimento em que vivia: dava mil graças ao parente que o espertara da modorra, e do encantamento, louvavao, e desejava yrse tras elle: mas naõ acabava de se resolver. Parece que devia pòr o negocio em conselho, pera que naõ fosse tachado de leve, e naõ achar quem lhe favorecesse o pensamento, antes muitos que o encontrassem: que estava entrado em dias, e naõ poderia com o trabalho da Religiaõ, e seria mais vergonha o tornar atràs tendo começado (tudo discursos humanos.) Que em sua casa podia ser Santo, e juntamente fazer bem a parentes, e criados: que a renda naõ tolhia virtude, e como era velho, ella pera a velhice se buscava, quando convinha o mimo, e a cama branda, e a casa abrigada, e o serviço dos criados, e os parentes à cabeceira. De crer he, que pesando tudo, e considerando que os mais faziaõ causa propria, poucos a sua delle, e nenhum a de Deos, se desconsolaria, naõ da força dos conselhos que nada o dobravaõ, se naõ polos ter pedido, vendose arriscado, a que despois em qualquer successo avesso aviaõ de triunfar delle os conselheiros. Daqui nacia a falta de execuçaõ. Mas como tinha por si ao Senhor que o bafejava com bons movimentos, e constancia (como delle procede todo o bem) fazia discurso, e resolvia consigo, que nas cousas que sabidamente saõ boas he desacordo culpavel quem tem espirito pera as acometer, sojeitarse a pareceres alheyos. Porque homem que poem em disputa se darà esmola, se farà penitencia, se perdoarà ao enemigo, e cousas semelhantes de si manifestamente boas, e santas, dà sinal que as naõ quer fazer, e sò quer tirar do conselho aquella honrinha publicada sem outro fim. Cortou em fim por tudo animosamente, e esta foy a mayor difficuldade, e a mòr vitoria. Quando menos se cuydou estava com o habito vestido. Louvemvos os Anjos Deos de toda bondade que vòs dais, e de vòs procede fazermos alguma cousa boa quando a fazemos: e vòs sois o mesmo que dais o premio, e a coroa por esse bem, se o executamos. Vossa foy a inspiraçaõ, com que dom Fernando deixou o mun-

o mundo, vòs o trouxeſtes aos clauſtros, e à pobreza de S. Domingos, vòs o armaſtes, e animaſtes de maneira, que em todos os rigores daquella ſanta Caſa, que jà temos declarado quais eraõ, ſe igualava com o mais robuſto executor delles: e com taõ boa ſombra levava, e vencia as auſteridades maiores, como ſe nunca ſoubera que couſa era mimo, nem vida folgada. E o que mais lhe dourava eſte valor nos olhos dos religioſos, era enxergarſe nelle, que quanto perdia das forças corporais enfraquecendo a carne, que todavia ſintia o peſo, tanto ganhava, e adiantava de eſpirito. Aſſi foy ſubindo ao monte alto da perfeiçaõ Evangelica, e em poucos mezes teve nome de Santo entre a gente nobre do Reyno. Donde naceo, que pera o concerto que el Rey dom Sancho aſſentou com o Arcebiſpo de Braga, que atràs fica contado, foy elle hum dos tres louvados, com grande ſatisfaçaõ de ambas as partes nomeado, e aceitado. Aſſiſtio, e fez ſeu officio, porque foy mandado por obediencia: mas logo deu as coſtas ao trato do paço, e negocios ſeculares, fogindo pera o ermo da cella, como quem sò nella ſintia verdadeiro deſcanço. A cabo de poucos annos quiz o Senhor moſtrar quanto ſe paga de huma determinada, e verdadeira converſaõ, e quaõ bem a paga. Chamouo por meyo de huma grave doença, e nella lhe deu tais luzes, e ſintimentos interiores com certeza de ſua ſalvaçaõ, que viſitandoo na ultima hora o Santo Frey Gil, que naquelle tempo andava no fervor de ſuas penitencias, e perguntandolhe como ſe achava, reſpondeo com maravilhoſa confiança: Meu Padre Frey Gil, muy bem me acho, porque o inferno eſtà cerrado pera my, jà ſey que naõ ey de yr là: e ſem dizer mais palavra eſpirou. Começou a Communidade o officio da commendaçaõ com muitas lagrimas, porque era de todos amado. Sò o Santo Frey Gil, nem ajudava o canto, nem a reza: mas em lugar dos Pſalmos de finados rezava, e repetia muitas vezes o Pſalmo *Laudate Dominum de cœlis.* E moſtrandoſe riſonho, e alegre, affirmava que naõ era em ſua maõ fazer outra couſa, nem lhe parecia rezaõ celebrar noutra forma tal genero de morte tanta paz, e ſegurança de conſciencia, e tamanha confiança em Deos, e em ſeus ſantos Sacramentos em hum homem que tantos annos vivera enfraſcado nas ocioſidades, nos goſtos, e deſaſſoſegos da terra. Por onde naõ avia que fazer ſe naõ alegrar, e feſtejar quem aſſi partia, louvar, e engrandecer o Senhor que tais maravilhas obrava. Da morte deſte Padre ſe faz memoria no livro dos Obitos do real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, como de peſſoa de grande calidade: *Obijt Domnus Fernandus Petri Frater Prædicatorum quondam Cantor Vlisbonenſis Kal. Aprilis.* Muito deviamos a eſtes Religioſos por eſta curioſidade, ſe naõ fora defectuoſa no que mais importa, que he a conta dos annos que naõ aponta.

CA-

CAPITULO VII.

Da religiosa vida, e santa morte do Padre Frey Martinho de Lisboa: e do irmaõ Frey Martinho Leigo.

MAs naõ devemos menos louvores ao Rey da gloria pola bemaventurada morte de outro velho, que quasi foy semelhante em tudo ao que acabamos de contar. Era seu nome Frey Martinho de Lisboa. Fora capellaõ de hum Bispo da mesma Cidade, Bispo de quem se escreve que juntamente com o Capellaõ vestio o habito de S. Domingos. Veyo à Religiaõ muito entrado na idade, e assi teve poucos dias de vida nella. Mudança de terra, e ares desbarata muito a velhice: juntouse a esta a do comer, e beber, do sono, e da vigia, fizeraõ todas forte impressaõ no corpo carregado de annos, lançaraõno depressa na sepultura. E com tudo naõ teveraõ poder pera o consumir taõ em breve, se naõ fora a pressa, e determinaçaõ com que o bom velho se entregou a todo genero de penitencia, e trabalho. Apertou o passo pera alcançar por diligencia aos que eraõ entrados primeiro, e hiaõ muito adiante em tudo. Foy caso estranho que passou a muitos, e chegou a porse hombro por hombro com os mais aproveitados em todo genero de virtude, fazendo em si verdadeiro o que se disse por outrem, que gastado em breves dias cumprio carreira de longos annos. Brevemente acabou a vida, mas nessa brevidade chegou a tudo o que os mais ardidos soldados daquella milicia religiosa com muito trabalho, e longo tempo alcançaraõ de perfeiçaõ. Era por Pascoa de Resurreiçaõ. Salteouo huma febre, que naõ descobria alteraçaõ, nem accidentes pera temer, antes na continuaçaõ ameaçava doença mais comprida, que mortal. Passou pera a enfermaria pera se curar, mas sem pena do mal que lhe causava. Quando foy vespera da Ascensaõ acertou de entrar o Padre S. Frey Gil, que como medico das almas, tanto como dos corpos, acudia de ordinario a visitar os doentes com aquelle seu fogo de caridade que pera os affligidos era especial epitima de consolaçaõ. Tanto que Frey Martinho o vio chamou alto por elle, com sembrante, e significaçoens de alegria, dizendo: Boas novas Padre Frey Gil, boas novas meu Padre: chegandose o Santo a elle foy continuando, e dizia. Estou muito alegre, porque o dia dàmanhã ha de ser o ultimo de meu desterro, e principio de meu descanço. E levantando maons, e olhos ao Ceo, acrecentava. Muitas graças vos dou meu Senhor JESU Christo por tamanha mercè, como he averme de yr pera vòs em taõ fermoso dia como o dàmamanham, dia em que vòs subistes em carne a esse Ceo; dia, e festa a que sempre tive particular devaçaõ. Naõ era a voz de doente, e muito menos de quem se fazia taõ vizinho da morte. Tomoulhe o Santo o pulso, e foise saindo, e dizendo. Por muita pressa que se dè essa febre a vos matar, naõ o farà nem pode fazer em oito dias. Falava o Santo como Medico, e o doente como Santo. Enganouse

Sap. 4.

nouse a medicina, acertou a santidade. Amanheceo o dia da Ascensaõ, pede os sacramentos sagrados da Euchariſtia, e unçaõ, divinos, e excellentes ſocorros da Igreja, hum pera viatico da jornada, outro pera esforço da luta que eſperava. Faziaſe de mal ao Prior tal requerimento em homem que ao parecer naõ tinha mais de doente, que eſtar na enfermaria. Mas naõ deſiſtindo delle, adminiſtroulhos ſem dilaçaõ: e Frey Martinho os recebeo com conſolaçaõ de Santo, e devaçaõ de quem morria. E aſſi foy, que acabando de os receber, antes de deſpejarem os Padres que lhe rodeavaõ a cama, deu a alma a Deos à viſta, e com eſpanto de todos.

Succeda a hum Martinho outro Martinho, aquelle Sacerdote, eſte Leigo, ambos Santos, e no ſucceſſo da morte quaſi iguais. Tinhaſe notado neſte Leigo por toda a vida tanta ſingeleza d' alma, tamanha pureza de coſtumes, que na opiniaõ de todos era julgado, e avido por Santo. Adoeceo mortalmente no mez de Dezembro; quando foy dia de S. Thomè, ſobreveolhe hum accidente com tais termos, que pareceo eſtava acabando, naõ sò aos Religioſos que com grande caridade curavaõ delle, mas tambem ao Santo Frey Gil, que como medico foy chamado pera o ver. E porque ſe perſuadio que brevemente eſpiraria: aſſi como niſſo naõ tinha duvida, tambem a naõ tinha (porque conhecia o ſojeito) que deſatada aquella alma do corpo ſe iria voando aos braços do Criador, e fezlhe lembrança (parece que devia eſtar virado pera a parede) que hum grande Santo, e tambem Martinho como elle, achandoſe em ſemelhante artigo, quizera acabar em poſtura que deſcubriſſe o Ceo, e a parte Oriental com os olhos, dizendo, que ficava aſſi melhor, porque deſpedida a alma do corpo ſe iria a elle ſeu caminho direito. E chamou hum enfermeiro, e diſſelhe à orelha que fizeſſe outro tanto ao noſſo Martinho. Parecia, e era impoſſivel ouvillo outrem na caſa, quanto mais quem eſtava penando em paroxiſmos de morte. Eis que eſperta o que davaõ por morto, e levanta a voz, como tornado do outro mundo, dizendo, Padre Frey Gil naõ morro agora, paſſaràõ quatro dias, entaõ me irey pera o Ceo. E aconteceo pontualmente, como o diſſe. Porque no dia Santo do glorioſo nacimento de Chriſto à hora que no Coro ſe começava a entoar o Invitatorio: *Chriſtus natus eſt nobis*: ſe foy elle ajudallo a cantar aos Anjos no Ceo.

CAPITULO VIII.

Do Padre Frey Pedro de Santarem, e do irmaõ Leigo Frey Martinho ſegundo.

ONde faltaõ informaçoens de vida, baſtante prova he de virtude huma boa morte. Eſte capitulo ſerà tambem de mortes com hiſtoria breve de ſucceſſos em vida: mas eſſes acompanhados de claros ſinais de grande valia com Deos. Acharaõſe hum dia na enfermaria juntos o Padre Frey Pedro de Santarem, que fora medico antes de Religioſo, e hum irmaõ Leigo, por nome Frey Martinho, que chamaremos ſegundo pera differen-

ça do primeyro, de quem falamos no capitulo precedente, e o santo Padre Frey Gil. Os dous ainda enfermos, e em cama: o Santo convalecente, e de pè. Na hora de Noa, que a Communidade estava no Coro dando aquelle espaço à oraçaõ, naõ o quizeraõ perder os dous enfermos (que obriga muito o bom exemplo aos olhos, e em casa, se se naõ vive entre gente insensivel) eraõ ambos muito espirituais, e virtuosos: o trabalho da doença affinava o espirito, e aperfeiçoava a virtude. Foy a oraçaõ de Frey Pedro taõ fervorosa, que assi como estava de joelhos sobre as pobres mantas se foy levantando no ar atè pòr a cabeça no telhado. Naõ estava longe Frey Martinho: acertou à virar os olhos, ficou naõ attonito nem pasmado, porque tambem era esprimentado, e douto nos effeitos da oraçaõ; mas louvando a Deos com cordial consolaçaõ: e vio que passado hum bom espaço tornou o extatico companheiro a decer pouco a pouco, e ficar como dantes sobre o leito. Entrou despois o Padre Frey Gil; e Frey Pedro, se confessou com elle, dandolhe conta de si, e de algumas cousas que vira, e particularidades que sintira. Porque o Padre Frey Gil jà neste tempo, como adiante veremos, era buscado pera tais materias como Pay da Provincia, e como letrado, e Santo, e por sua relaçaõ que fazia ao Mestre Frey Humberto Geral da Ordem, chegaraõ quasi todas estas cousas ao tempo presente. E os verdadeiros humildes quanto mais avante vaõ no caminho da luz, tanto menos fiaõ de seu parecer. Respondeolhe o Santo por remate de tudo, que tevesse cuydado de esconder, e enterrar os favores do Ceo, polo risco que ha de se offender aquelle Senhor que os dà: porque quem publica tezouro, he sinal que ou quer ser roubado, ou pertende vam gloria. Acabada a confissaõ foyse ao leyto do Leigo, que com simplicidade de Leigo lhe começou a perguntar, se lhe dera Frey Pedro conta de hum maravilhoso rapto que tevera na hora de Noa; e espantandose o Santo, como que o ignorava, foylhe contando, e encarecendo o que vira, que conformava puntualmente com o que da boca de Frey Pedro ouvira. Mandoulhe o Padre o mesmo que aconselhara a Frey Pedro, obrigandoo a guardar segredo com boas rezoens, e com sua autoridade. Ambos estes enfermos teveraõ fim glorioso, e em breve tempo. Hia Frey Pedro convalecendo da doença, e crecendo em perfeiçaõ, e ao mesmo passo lhe acudia o Senhor com o Manà celestial de suas consolaçoens, e misericordias. Naõ sofria o enemigo das almas que coubesse tanto bem em peito mortal, ardia em fogos de rayva, e enveja. Estava o convalecente hum dia de joelhos diante de hum altar orando: chegase a elle disfarçado com mascara, e habito de Frade, e como besta fera que he, sacodelhe hum couce, com que lhe abrio grande ferida em huma perna: e naõ contente com isto, levao pelos pès arrastado por toda a Igreja com tanta furia que ficou todo pisado, e de novo enfermo pera muitos dias. Porque a ferida como foy de pè Luciferino nunca acabou de soldar, e em fim

Gregor. Hom. 11. in Evangel.

fim ficou em fistula : e della veyo a morrer. E assi a ira de quem cuydou que lhe fazia mal , lhe acarretou o mayor bem dos bens, qual he pera os justos acabar contas com o mundo , e entrar na posse da gloria.

Naõ tardou muito em lhe ser companheiro na morte quem o fora na doença , e na enfermaria, digo Frey Martinho o Leigo: em cujo transito quiz a misericordia Divina descubrir o tezouro de virtudes que andava encerrado , e desconhecido debaixo da cortiça tosca de hum Leigozinho idiota, e rude , rude , e idiota pera o mundo : grande sabio diante de Deos. Acabou de espirar, cobrioselhe o rosto da sombra , e noite da morte, em lugar da luz , e graça da vida que hia fogindo. Começou a Communidade junta o officio da commendaçaõ da alma como he costume : eis milagre espantoso , trocaõse de novo as cores do morto, revestese o sembrante pallido , e mortal de huma luz extraordinaria, como de orizonte , onde o Sol vem nacendo muy vizinho (final certo do que jà lhe allumiava a alma) luz taõ clara , e luminosa , que cerrandose o dia , ficou o Prior rezando a ella polo processionario, que tinha na maõ , todo o Officio , como pudera fazer se tevera junto de si huma tocha.

CAPITULO IX.

Do santo fim de Frey Domingos , e Frey Gonçalo irmaons Leigos.

REzaõ he que à vista de taõ bendito Leigo , naõ ssaya a historia de Leigos. E naõ he menos de estimar o que agora diremos de dous : e taõ venturosos ambos , que teveraõ por seu Cronista o Santo Padre Frey Gil , que ajuntou o que avemos de contar delles à relaçaõ que atràs dissemos. Chamavase hum Frey Domingos , que por muito modesto , manso, e encolhido, era amado , e confessado do Santo Frey Gil. A elle reconhecia o Leigo por Mestre , ainda que avia outro em casa : a elle dava conta de sua alma. Com tal nome , e com tal mestre bem era que fosse Santo. Veyo a adoecer perigosamente , e por tempo deu em hidropico. He o mal muito penoso , e de que poucos escapaõ : e todavia tinha alguns dias de tanto alivio , que se prometia a saude que desejava. Pozlhe hum dia o desejo della na imaginaçaõ, que o sitio da enfermaria era contrario ao seu mal ; que se mudasse estancia , se acharia melhor : e naõ he bom sinal em doentes procurar mudanças de lugar. Com tudo pedio que o tirassem da enfermaria , fez instancias atè tomar por valedor seu amigo , e confessor , e em fim passaraõno a huma cella que apontou. Deitouse , quietou , alegrouse. Era sobre tarde , tangeraõ a Capitulo despois de Completas. Pareceo ao enfermeiro que lhe dava a boa sombra do seu doente lugar , pera naõ perder o Capitulo. Foyse a elle , acertou a ser comprido , tardou hum espaço largo. Quando tornou , acha o doente inquieto , enfadado , e queixoso , que falava comsigo , e dezia : Valhame Deos que cousa taõ mal feita ? como se descuidaraõ os porteyros ? que entrasse huma molher polo Convento , e polas offi-

officinas, e sò? e que naõ ouvesse quem acudisse a tal desordem? Attonito o enfermeyro com o que ouvia, naõ sabia que cuidasse, e parecialhe genero de tresvalio. Chegouse a elle, e o doente se começou a queixar de novo, e contava, que tanto que elle o deixara, entrara pola cella huma molher, que no geito, e trajo, e no ar da pessoa parecia nobre, e senhora. E que naõ fora sonho, nem força de imaginaçaõ, que estava muito em si quando a vira: e ainda que ficara corrido, e pasmado de tal vista, notara que vestia de branco roupas de preço, e na cabeça trazia hum fino volante por toucado que lhe decia atè os hombros: e estivera devagar, e assentada no escabello que tinha à cabeceyra perguntandolhe pola doença, e animandoo a sofrella com palavras graves, e de muita edificaçaõ: com as quais naõ negava que ficara consolado: mas eu, acrecentava o doente, escusara bem visita, e vista de molheres em tal tempo, e a tal hora: e espantome irmaõ, como naõ topastes com ella: que agora se vay daqui: e naõ acabo de cayr em quem possa ser. Lançou o enfermeiro pola porta fora, tirou correndo à portaria, correo o Convento, perguntou a todos. Como naõ achou quem lhe desse novas de tal molher, tornou mais maravilhado do que fora: e de novo cançava o doente por saber particularidades da visita, que jà tinha por cousa grande, e mysteriosa. Chegou a nova a seu Confessor, foyse a elle, e ouvio de sua boca por extenso tudo o que temos referido. Mas eys que amanhecendo o dia seguinte, que era vespara da gloriosa virgem, e martyr santa Agueda entra o doente em artigos de morte. Acode o Santo Frey Gil, e apoz elle muitos outros Religiosos, e ouvem que em voz alta, e alegremente dizia: Logo, logo: sim quero, quero morrer, e muito depressa. E com estas palavras na boca acabou a vida aos quatro dias de Fevereyro do anno de 1262. E acrecenta o Santo na memoria que fez deste Religioso, que fora parecer conforme dos Padres que presentes se acharaõ, e seu, que a Senhora que o visitara, fora a santa virgem Agueda, e que a mesma em suas vesparas o viera chamar pera o Ceo com sinais mais claros de quem era, que os do dia atràs. O que infiriaõ do processo da visita primeira, e das ultimas palavras do defunto, que foraõ indicio de outra; e muito mais ao certo da sua boa vida: e julgavaõ que a santa virgem, como quem tanto padecera em seu martyrio, quisera valer a quem fora martyr na doença, e como virgem, a quem tambem o era: do que elle Frey Gil se dava por fiel testimunha, como quem muitos annos o confessara.

Castilho p. 1. l. 2. c. 76. da Hist. Geral de S. Doming.

Chamavase o outro irmaõ Leigo Frey Gonçalo. Estava em cama de huma febre aguda tentado, mas ao parecer dos medicos sem perigo. Hum dia mandou à pressa que lhe chamassem o Prelado, e pediolhe com efficacia que sem dilaçaõ lhe quizesse administrar os Sacramentos, porque se sintia yr acabando por momentos. Fazia o Prior duvida em tanto apertar quem naõ mostrava mais sinais de morte, que os de seu dito. E o doente acrecentou: Eu Padre Prior

naõ

naõ me engano: e se vossa Reverencia viera hum pouco antes, achara nesse lugar minha mãy, e irmã, as quais saõ mortas dias ha, como vossa Reverencia sabe. Ellas me disseraõ que me aparelhasse, que sem duvida morreria à manham, e com ellas me iria ao Ceo. Eu me sobresaltey muito quando as vi, e conheci, e fiquei suspenso, e perplexo, imaginando se seria alguma illusaõ do Demonio. Ellas vendome duvidar, me asseguraraõ dizendo, que naõ fizesse duvida em serem as mesmas: e soubesse que por intercessaõ da Virgem Mãy alcançaraõ licença pera me vir consolar, e avisar. E vossa Reverencia sabe muito bem que ambas eraõ molheres de boa vida, e devotas de nossa Ordem. Tambem me avisaraõ, que ainda que me apareçaõ muitos demonios, que viràõ pera me perturbar, naõ tema nada, que ellas com muitos Frades do nosso habito se acharàõ aqui comigo. E assi estivesse advirtido que quando aqui chegasse meu Senhor JESU Christo (que sò polas entranhas de sua misericordia me queria fazer esta mercè) me prostrasse a seus pès nelle posesse todos meus pensamentos, e a elle encomendasse minha alma. Ouvidas estas rezoens, naõ fez o Prior mais contradiçaõ, porque a virtude, e bom exemplo de Frey Gonçalo lhe tinhaõ ganhado reputaçaõ pera ser crido em cousas grandes. E posto que os Medicos affirmavaõ que naturalmente falando, naõ era possivel desliaremse os espiritos vitais taõ em breve daquelles membros, polo grande vigor que nelles sintiaõ, fez a vontade ao enfermo, ministroulhe os Sacramentos, e elle os recebeo, como quem tinha por certo que morria, com devaçaõ, e consolaçaõ. E logo no dia seguinte ao romper da manham se foy pera o Ceo, deixando aos Religiosos, que com elle assistiraõ, grandes penhores de sua bemaventurança, no rosto, e meneos antes, e despois de espirar.

He de notar que alguns autores estrangeiros, que este successo colheraõ dos escritos do Padre S. Frey Gil, variaõ no nome do irmaõ, naõ variando na verdade da relaçaõ, e segundo seu costume huns lhe chamaõ Frey Anrique, outros Frey Gonçalo. E he a causa, que devia ter o Frade dous nomes, como apontamos em outros, e ser nomeado com ambos polo Padre S. Frey Gil, seguindo o estilo Portuguez: e os estrangeiros lançarem maõ cada hum do seu, sem quererem advirtir na confusaõ que faz, ou naõ darem ambos, ou naõ concordarem em hum. Devia chamarse Frey Gonçalo Anriques. Esta he a culpa em que outras vezes achamos comprendidos os escritores antigos, e de que nos temos queixado. Mas jà passa aos modernos, como se pòde ver nos que escreveraõ do nosso Santo Frey Luis Beltraõ: cada hum lhe dà seu nome, poucos lhe juntaõ ambos.

M. Frey Vicente Antist. M. Frey Francisco Diago. Cron. da provincia de Aragaõ l. 2. c. 75.

CA-

CAPITULO X.

Do Padre Frey Domingos Gomez Prior do Convento de Santarem.

FOy Frey Domingos Gomez hum dos primeiros sojeitos que da villa de Santarem vieraõ à Ordem: e como dos primeiros em tempo, tambem foy dos que mais se aventajaraõ em virtude, e por tal veyo a ser eleito em Prior da mesma casa. Administrando o cargo com toda prudencia, e religiaõ que se podia desejar, era taõ profunda sua humildade, que se corria, e avia por indigno de governar gente taõ santa como tinha no Convento. E entendendo que lhe seria melhor ser mandado que mandar, e obedecer antes que ser obedecido, polo grande risco que he pera huma consciencia pura aceitar por sua vontade cargo de almas, pedia com grande efficacia absolviçaõ do officio, alegando alèm do impedimento interior de sua consciencia, outro naõ pequeno de infirmidades, que na verdade padecia trabalhosas: as quais lhe tolhiaõ seguir as Communidades, e exercicios da Ordem com a continuaçaõ, que està obrigado todo Prelado, muito mais que os subditos. Mas naõ lhe valendo suas diligencias em particular com o Provincial, fez conta que lhe valeriaõ com os Padres da Provincia no Capitulo que instava. Despachou pera elle o companheiro que por eleiçaõ do Convento lhe foy dado, porque suas indispoſiçoens lhe naõ davaõ lugar pera fazer caminho. E encomendoulhe sobre tudo o que a cargo levava, lhe alcançasse no Diffinitorio sua absolviçaõ: e naõ contente com esta diligencia pedia a outros Padres que hiaõ a Capitulo publicassem sua inhabilidade, e impossibilidades, e ajudassem o requerimento. Mas achando a todos contra si, que chammente lho estranhavaõ, e aviaõ por genero de ingratidaõ querellos deixar, quando de seu governo se davaõ por contentes, e consolados: affligiase, e dezia com grande espirito: Hora meus Padres façaõ embora o que quizerem, que se là me naõ quizerem livrar deste tormento, Prelado mayor temos no Ceo, que conhece minha insufficiencia, e os intentos que me movem; elle com seu poder me absolverà. E assi lhe succedeo como o disse. Adoeceo, idos os Capitulares, e antes de tornarem a casa deixou vida, e cargo juntamente, com dor, e admiraçaõ de todos quando o souberaõ, e arrependidos tarde da contradiçaõ feita, que ainda continuaraõ no Capitulo. Mas bem mostrou sua morte que nem os subditos se enganavaõ no conceito que tinhaõ delle: nem elle do que valiaõ suas oraçoens diante de Deos. He cousa certa, que entrando na batalha da morte assi festejou a nova della, como se ao sabido entrara a vencer, e triunfar, naõ a pelejar. Naceolhe esta confiança, e animo da honra que lhe fez naquella hora temerosa, a Virgem Mãy de Deos com sua gloriosa presença. Foy o espaço breve, e ao parecer do doente hum momento. Ficando muyto esforçado, ficou por estremo saudoso. Que como està escrito, mil annos de bens da gloria, saõ hum dia curto da ter-

Psal. 89.

terra, e dia jà paſſado. E tornandoſe ao Padre Frey Alvaro que junto delle eſtava, queixavaſe piadoſamente, e dizia: Meu Padre Frey Alvaro, pera onde ſe foy aquella Senhora que agora aqui eſtava? Imaginou o Religioſo que ſeriaõ delirios de enfermo, reſpondeolhe que eſtiveſſe bem no que dezia, que como ignorava elle, que naõ podiaõ chegar molheres àquelle lugar. Iſſo ſaõ molheres da terra, tornou o doente: e eu deſſas naõ falo, ſenaõ da que he bendita entre todas as da terra. Por eſta pergunto, que agora eſtava aqui diante de nòs com o precioſo JESUS em ſeus ſantos braços: e muito me eſpanta naõ dar V.R. fé della. Apoz eſtas palavras fez muitas vezes ſobre ſi o ſinal da Cruz; parecendo aos Padres que era combate de enemigos, e que entrava em paſſamento, fizeraõ tanger as taboas pera acudir a Communidade (coſtume ſanto da Religiaõ acharſe em tal paſſo todo o Convento preſente pera ſocorrer com oraçoens multiplicadas ao affligido, e juntamente tomar cada hum doutrina nelle do que eſpera a todos.) Abrio entaõ os olhos, e vendo a caſa cheya de ſeus irmaons, levantou as maons, e olhos ao Ceo, como quem dava graças a Deos por ſe ver acabar em tal companhia, e foyſe a elle em paz.

Poucos dias deſpois appareceo eſte Padre a outro da meſma caſa, peſſoa de credito, que eſtava eſperto, e rezando, e conhecendoo lhe fez pergunta ſem torvaçaõ, ſe era elle como parecia o Prior Frey Domingos pouco antes falecido. Eſſe meſmo ſou, reſpondeo o defunto, morto pera o mundo, mas vivo pera Deos, e em ſua gloria. Peçovos que advirtais os noſſos Frades, que naõ conſintaõ entrar ſeculares onde eſtiver Religioſo em artigo de morte, porque perturba naquelle paſſo a viſta delles: e a my me cuſtou alguma couſa a preſença de huns que me acompanharaõ: eraõ parentes, fizeraõme compaixaõ ſuas lagrimas, ſintias com fraqueza humana, e pagueias com pena de fogo. Parece que fazia inda o bom Prior officio de Prelado vindo da outra vida a dar advertencias a ſeus ſubditos. E na verdade aſſi he, que naõ perdem os juſtos a caridade com a morte: antes ſe aviva, e refina com o lume da gloria que gozaõ. E por iſſo he ſanto, e proveitoſo penſamento fazermos muito polos fieis defuntos, ſendo certos que nos naõ podem faltar com agradecimento, e paga quando mais nos importar. Moſtrou eſte Santo com o ſeu Supprior por termo extraordinario (digo ſeu, porque ſervia ainda o officio que elle lhe dera, e eſte caſo foy poucos mezes deſpois de ſua morte.) Eſtava Fr. Domingos Afonſo, que aſſi ſe chamava o Supprior, doente na enfermaria, mas era o mal taõ leve a parecer de todos, que naõ dava cuydado. Eis que alta noite ſoa huma grande voz no dormitorio, que eſpertou todos os Frades, como ſe cada hum fora chamado à porta da cella: e naõ ouve nenhum que duvidaſſe ſer a fala do Prior defunto. Dezia a voz: Levantayvos irmaons, acudi depreſſa ao voſſo Supprior que morre. Foraõ todos correndo à enfermaria com o Credo na boca, como he coſtume na Ordem em caſos ſemelhantes, eſpantados do

do espertador muyto mais, que do perigo naõ cuidado do enfermo: e acharaõno em estado de grande necessidade. Mas naõ parou aqui a caridade do defunto. Tinha o Santo Padre Frey Gil neste tempo seu recolhimento fora do Dormitorio comum, por ser muito velho: e em parte que naõ podia ouvir a voz que espertou a communidade. Foyse o defunto a elle, tiroulhe do braço, que dormia, e dandose a conhecer, disselhe que acudisse depressa ao Supprior Frey Domingos Afonso, porque estava acabando, e estando jà acompanhado de todo o Convento sò elle faltava: sendo elle quem o trabalhado enfermo mais deseja va ver pera alivio do aperto em que estava. Levantouse o Santo velho, chamou por hum irmaõ leigo que o acompanhava na cella pera irem ambos, dizendolhe do accidente do Supprior, e quem o avisara delle. Naõ se persuadia o Frade, nem acabava consigo deixar o leito, affirmando que na mesma noite ao recolher o deixara quieto, e sem sombra de perigo: por onde naõ avia que crer de fantasmas. Foraõ com tudo ambos: e chegando acharaõ o enfermo no estado em que o defunto dissera, o qual recreado hum pouco com a vista, e bençaõ do bom velho, que todos tinhaõ por pay, e respeitavaõ como Santo, se finou logo. No livro dos Obitos do Convento de S. Vicente de Lisboa, que chamaõ de fòra, por ficar fòra dos muros antigos da cidade, e podemos dizer, que foy o primeiro que nella se povoou de Religiosos depois de tomada aos Mouros (saõ Conegos regrantes de S. Agostinho) achamos memoria deste Padre com esta letra: *XI. Kal. Octob. obijt Frater Dominicus Gometij Prior Præd. Sanctaren.* Mas naõ aponta anno, como jà advirtimos; e he o primeyro Frade desta Ordem, de que faz mençaõ despois de dom Frey Sueyro.

CAPITULO XI.

Do Padre Frey Fernando de JESU, de suas doenças, e paciencia: de sua santa morte, e aparecimento despois della.

AQui cabe lugar a outro Religioso desta casa, que tambem veyo da outra vida darnos avisos, e boas novas. Era seu nome Frey Fernando de JESU: e naõ o teve debalde: porque toda sua vida foy huma perpetua cruz, e huma invencivel paciencia com que a levava. A calidade do trabalho foraõ doenças prolongadas acompanhadas de dores, com que movia a piedade, e lastima os Religiosos, e movera infieis se o viraõ, segundo eraõ apertadas, e terribeis. O termo, com que se avia nellas veyo a passar o mais alto grào de paciencia. Porque fez da pena gosto, e do tormento recreaçaõ, naõ cessando de dar graças ao Criador, quando mais atribulado se via; como outro Job, por lhe tirar as riquezas da saude, que saõ as mayores da vida, e carregarlhe a maõ em lepra de dores por todos os membros, que cada momento o chegavaõ ao martyrio da morte. Mas no fim mostrou o mesmo Senhor que de sua maõ procederaõ doenças, dores, e paciencia, coroando tudo, ao passar da vida, com hum manifesto final da glo-

gloria, que jà lhe começavaõ a render. E foy imprimirlhe no rosto huma luz extraordinaria, e incomparavel, que sendo julgada por reverberaçaõ do Sol Divino da gloria trocou logo as lagrimas dos bons irmaons em alegria, e as lastimas que lhe tinhaõ em santa enveja.

Naõ passaraõ muitos dias que este defunto se representou em sonhos a outro Religioso do mesmo Convento, o qual conhecendoo, mas duvidando da visaõ, lhe fez algumas perguntas. Foy a primeira se era elle Frey Fernando, como o parecia, a quem pouco avia, ajudara a enterrar. E respondendo, que era o mesmo que vira morto, e enterrado: Perguntoulhe se lhe saberia dar novas de hum Frade da mesma casa falecido de poucos dias que chamavaõ Frey Diogo: respondeo, que estava no purgatorio, mas que seria brevemente livre, e entraria no Ceo Sesta feira da semana Santa, que vinha perto. Estendeose a curiosidade do que dormia, a querer saber a causa da pena: e o defunto o satisfez, apontando com o dedo na boca, e na garganta, e dizendo que fora complacencia que tevera de si quando cantava. Perguntandolhe mais por outros Frades, respondeo que estavaõ bem. Porque aveis de saber (dizia o defunto) que os Frades que morrem em sua Religiaõ, e trabalhaõ por cumprir com suas obrigaçoens, nenhum se perde: e particularmente saõ ajudados da Virgem Nossa Senhora na hora da morte. Pediolhe entaõ o que perguntava, algum sinal pera certeza do que tinha ouvido, foy a reposta que no dia da festa de Ramos, que estava proxima, naõ averia no Convento som de sinos, que isto levasse por sinal. Acordou o Frade tanto em si, e com a memoria taõ viva das particularidades referidas, que sò lhe fazia duvidar dellas, e de toda a visaõ, a impossibilidade que achava na ultima do sinal, sendo assi, que o dia he taõ festejado por toda a Igreja, como sabemos. Mas chegado o dia, verificouse o sinal por rezaõ de hum interdito, que ouve em todas as Igrejas da villa: e deuse por certa a visaõ em tudo o mais, assentando os Padres que permittira Deos taõ vagaroso colloquio pera doutrina, e aviso, e consolaçaõ de muitos, pola virtude, e merecimentos do santo defunto. E por ser tal, fez o Santo Frey Gil relaçaõ delle ao Mestre Geral da Ordem. E naõ falta quem affirme, fundado em boas rezoens, que nos casos raros, e semelhantes a este que o Santo escreveo, e affirmou, como apontava Frade sem nome, era elle o mesmo apontado. Porque casos de tanta admiraçaõ, e taõ extraordinarios naõ os conta nenhum sisudo, senaõ vistos, e apalpados com as proprias maons.

Refende na vida de S. Fr. Gi. l. 1. c. 7.

CAPITULO XII.

De quem foy o Padre Frey Domingos do Cubo: e de sua vida, e morte, e sepultura.

SEmpre causou grande controversia, e muitas vezes engano entre os escritores antigos a semelhança, e allusaõ dos nomes em homens, e lugares. E se naõ ha muito cuydado nos que despois escrevemos, he forçado

çado errar polos muitos seguidores que cada opiniaõ leva tràs si. Nas historias Pontificais he quasi impossivel de averiguar entre tres Papas do nome Joaõ 20. 21. 22. a qual delles pertencem os casos que succederaõ por todo o tempo dos tres: e causou esta variedade serviremse do mesmo nome, e naõ aver grande distancia de annos entre o governo de cada hum, como bem o advirtio Genebrardo na sua Chronologia. Da mesma maneira nos dà em que entender hum Thomas Doutor Anglico, mesturando suas obras com as do nosso Thomas Doutor Angelico, pola vizinhança dos nomes, avendo tanta differença na real significaçaõ delles, quanta ha da terra ao Ceo, de Ingres à Angelico. Este trabalho temos no Capitulo presente, avendo de tratar do Santo Frey Domingos do Cubo (como elle se assinava,) e naõ de Cuba, como algumas memorias antigas lhe chamaõ. Porque concorreraõ com elle outros dous Domingos, que sem embargo de se distinguirem bastantemente por seus sobrenomes, ouve taõ pouca diligencia nos que escreveraõ suas cousas em no los dar a conhecer por estas distinçoens, que deixaraõ huma perpetua confusaõ, e enleyo aos que despois quizeraõ escrever, porque sem grande culpa foraõ aplicando os feitos, e virtudes de todos àquelle, a quem a caso, ou por alguma rezaõ se inclinavaõ. Assi convem fazermos aqui huma breve digressaõ, declarando quem foy cada hum dos tres, antes de entrarmos na historia do nosso.

Gen. in Chrono. l.4. f.682.

He pois de saber, que entre os companheyros do Patriarcha S. Domingos naõ ouve mais que hum sò Domingos (como deixamos escrito) e Espanhol, e de sobrenome o Pequeno: e deste foy aquelle feito celebrado, que se lançou no fogo vestido, e calçado, sem receber huma minima lezaõ, nem na roupa, nem na carne. E o mesmo foy hum dos tres companheyros que o Santo Patriarcha deu a dom Frey Sueyro Gomes pera a jornada de Espanha (como atràs contamos.) E delle escreve o Mestre Frey Joaõ Teutonico no registro dos Santos, e varoens illustres da Ordem, que passando a Italia faleceo em Perosa cidade da Toscana, e jaz sepultado na Igreja velha do nosso Convento. Vindo despois nosso Padre de Roma a Espanha no anno de 1219 entre os sojeitos que de sua bendita maõ receberaõ o habito foraõ dous Domingos, hum Castelhano natural de Segovia, que se chamou Frey Domingos Munhòs: outro Portuguez por nome Frey Domingos do Cubo. Ambos trouxe alguns dias consigo, e foraõ poucos, porque naõ puderaõ ser mais que os que se deteve em Espanha. Mas esses bastaraõ pera os deixar taõ aproveitados em todo genero de virtude, que foraõ espelho della entre os Religiosos de seu tempo. E por serem tais andaõ envoltas as memorias que delles ficaraõ atè com o nome de seu Mestre. O Castelhano residio muitos annos por Vigario, e Confessor das Freyras de Madrid no Mosteiro de Santo Domingo el Real. Ao Portuguez mandou nosso Padre que se viesse ajudar a dom Frey Sueyro a Portugal.

L. 1. c. 8.

L. 1. c. 8.

Castilho p. 1. l. 1. c. 42.

Este era Frey Domingos do Cu-

Cubo. Em Portugal servio no ministerio da prègaçaõ, em que era unico, correndo muitas terras do Reyno taõ fructuosamente, que obrigou muita gente nobre a buscar a Religiaõ, levados da excellencia da doutrina, e suavidade da pratica com que se declarava, à qual ajuntava exemplo de vida Angelica, costumes purissimos, e penitencia em todo estremo rigurosa. Os escritores da vida de S. Frey Gil apontaõ entre outros Frey Bertolameu Pires, Frey Matheus, Frey Joaõ Domingues, e Frey Martim Godinho, que juntamente eraõ noviços em Santarem, e todos quatro nobres. Assi ganhou por todo o Reyno nome de Apostolo de Portugal, polos muitos que fazia deixar o mundo, e nome de Santo polas mais virtudes: como o Mestre Frey Jeronymo de Padilha em humas memorias, que sendo Provincial neste Reyno, e hum dos reformadores, que de Castella vieraõ a chamado del Rey dom Joaõ o Terceiro, deixou de sua maõ escritas das cousas notaveis delle. E acrecenta, que este Convento de Santarem por tradiçaõ recebida de tempo immemorial o reconhece por seu fundador no sitio, e lugar em que oje o vemos. Trabalhou muito Frey Domingos em chegar a perfeiçaõ huma tamanha maquina como foy Igreja, e claustro sem braço de Rey, como atràs tocamos. E nisso se deixa bem ver o que valia com os homes a opiniaõ de sua virtude. Faleceo em boa velhice dous annos pouco mais ou menos primeyro que S. Frey Gil. Do lugar de sua sepultura naõ ha noticia certa. Eraõ aquelles tempos faltos de curiosidade, e quanto a meu juizo naõ por defeito de quem soubesse, ou pudesse escrever entre os nossos: mas porque era tal a perfeiçaõ dos Religiosos, que tudo quanto faziaõ lhes parecia pouco: e naõ fazendo cousas taõ grandes que sò a fama as fizesse duras por exorbitantes: aviaõ por vergonha lançar em livro as que tinhaõ em si por ordinarias, que saõ as mesmas que oje nos espantaõ delles. E na verdade quando soube dizer hum Gentio: *Facilis iactura sepulcri*, tendo por leve perda a de ficar sem sepultura, naõ he de espantar que aquelles nossos mayores, que sò dos bens da alma tratavaõ, fizessem pouco caso do sitio em que avia de ficar o corpo mortal, e corruptivel: fariaõ conta que onde faltasse a cerimonia da pedra que o cobrisse, ou ainda terra que o agasalhasse, naõ podia faltar a capa do Ceo que tudo cobre, como disse o outro: *Cœlo tegitur qui non habet vrnam*: e essa bastava pera esperar o dia glorioso da Resurreiçaõ. A tradiçaõ mais aprovada he que o muimento de S. Frey Gil contem em si duas sepulturas, e quem considerar com attençaõ a fabrica delle acharà que logo representa huma sobre outra. E dizem que pera a baixa foy tresladado o corpo do Santo Padre Frey Domingos do Cubo (o que devia ser quando se passou pera a alta o de S. Frey Gil seis annnos despois de seu falecimento, como adiante veremos) porque ambos jaziaõ no commum cemiterio, e assi como eraõ venerados nelle, ficaraõ despois venerados, e visitados juntos em hum sepulcro. E bem concerta estarem juntos

Resende l. 2. t. 1. exép. 82.

Virgil. Æneid. 2.

Lucan. Pharl. 7.

em huma capella, e debaixo de huma lagea aquelles que em vida foraõ muito amigos, e cuja memoria na morte ficou à vista de ambos pintada no retabolo que faz ornamento à capella. E naõ devemos duvidar, que como tudo sahio de hum pensamento, e de huma sò maõ, capella, sepulcro, e pintura, naõ se esqueceria quem tudo fez, de honrar com marmores a quem folgou de dar vida com o artificio de tintas, e cores. Quem foy autor desta fabrica dizemos adiante na vida do Santo Frey Gil. Aqui tocaremos sòmente a parte que pertence della ao Padre Frey Domingos.

Resende l. 2 t. 8. exép. 35.

Vivia em Santarem na freguesia de S. Nicolao huma virtuosa, e nobre matrona por nome Elvira Paes, a qual sendo como era viuva, toda sua consolaçaõ, como outra Anna profetissa, era a continuaçaõ da Igreja, e o santo exercicio da oraçaõ, e meditaçaõ em que tinha por mestres estes santos Religiosos, que por isso faziaõ della muita conta. Polos annos do Senhor de 1265, avendo jà dous, pouco mais ou menos que era falecido o Padre Frey Domingos do Cubo, adoeceo S. Frey Gil da ultima doença. Andava Elvira Paes desconsolada, e sollicita temendolhe o successo, como era muito velho. Amanhecendo o dia glorioso da Ascençaõ trouxe à Igreja a obrigaçaõ da festa, e o cuydado de saber do seu Santo, que tinha novas estava no cabo. Quando chegou soube que o acabavaõ de sepultar. Ficando magoada, e triste, foy o Senhor servido de a consolar no mesmo dia, e na mesma Igreja com huma visaõ celestial, a qual contava por estes termos. Sintida da perda do Santo passava pola memoria suas virtudes: e contemplava o grande peso de gloria, que jà lhe teriaõ rendido: desejava yrse tràs elle. Estando absorta neste pensamento, representavaõselhe à vista dous velhos veneraveis por cans, e paramentos de ouro, e purpura, que conhecia serem os dous amigos Frey Domingos, e S. Frey Gil. E logo via huma grande escada, que tendo o pè no meyo do cemiterio do Convento, chegava com as pontas ao Ceo, e notava que deciaõ por ella dous Anjos cheyos de luz, e fermosura de quem eraõ, e com grande festa chamavaõ polos dous velhos, dizendo: Vinde irmaons, vinde, e subi, que vos chama o Senhor. Assi foraõ logo subindo, e seguindo aos Messageiros atè se recolherem com elles no Ceo. Era Elvira Paes por partes de virtude, e honra taõ acreditada, que naõ ouve quem duvidasse da visaõ: e mereceo alèm da tradiçaõ, que passasse à idade presente em hum novo genero de escritura, de tempo em que nada se escrevia: que foy pintandose em hum painel do retabolo que se fez juntamente com a capella, e sepultura de S. Frey Gil: e permanece oje a pintura, porque se foy renovando a tempos. Contava Elvira Paes muitas vezes despois esta visaõ aos nossos Frades com abundancia de lagrimas, e grande suavidade de espirito, e mais particularmente a hum padre que do mesmo tempo nos deixou escrita a vida de S. Frey Gil, e a Frey Martim Pires, e Frey Bernardo Religiosos muito espirituais, e de autoridade, por

cu-

cuja relaçaõ veyo paſſando em tradiçaõ atè a idade preſente, alèm do teſtimunho da Pintura.

CAPITULO XIII.

Do nacimento, geraçaõ, eſtudos, e peregrinaçaõ do Santo Frey Gil, atè o dia de ſua converſaõ.

QUem vio nunca vaſo de barro feito pedaços, deſpois de repaſſado do fogo nas mais vìs cozinhas do mundo, moydo de novo, amaſſado, e fundido tornar à roda do oleyro: e ſayr de ſuas maons mais luſtroſo, mais polido, e muito mais perfeito do que era primeyro? Iſto he o que sò faz, e pode fazer a omnipotencia Divina quando lhe apraz, como o diz por hum Profeta, e o provou em hum Paulo de perſeguidor da Igreja tornado vaſo de eleiçaõ: e com igual, ou mayor evidencia parecerà no noſſo Santo Frey Gil, de quem ferà eſte Capitulo, e alguns mais. Porque pertencendo elle ao Convento de Santarem, cuja hiſtoria vamos ſeguindo, por muitas rezoens, inda que filho de habito de S. Paulo de Palencia, pertencenos tambem (porquè nenhum titulo nos falte) por rigor de juſtiça fundada em Actas de hum Capitulo Geral celebrado em Bolonha anno de 1240, que diſpoem, e manda que o Frade, que morar de aſſento nos limites da prègaçaõ de qualquer Convento, ſeja reputado, e avido por filho delle, ſem embargo de aver recebido o habito, e profeſſado em outra Provincia.

Jerem. 18. Act. 9.

Naceo Gil Rodrigues no lugar de Bouzella, termo da cidade de Viſeu polos annos do Senhor de 1190, pouco mais ou menos: de pay, e mãy illuſtres por ſangue, e por lugar, e fazenda no Reyno. Seu pay ſe chamou dom Ruy Paes de Valladares: foy do Conſelho del Rey dom Sancho Primeiro, e ſeu Mordomo mòr, e juntamente Alcaide mòr da cidade, e caſtello de Coimbra. Do que dà baſtante teſtemunho a letra de huma ſepultura da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, celebre Convento de Conegos regrantes de Santo Agoſtinho, alegada por Frey Andre de Reſende, a quem ſeguimos neſta hiſtoria, que diz aſſi:

Fr. And. de Reſende in vita Beati Ægid. l. 1. c. 1.

H*Ic ſitus eſt Domnus Rodericus pater Fratris Ægidij Sanctarenenſis maior præfectus arcis, & vrbis Conimbrigenſis.* Aqui jaz dom Rodrigo pay de Frey Gil de Santarem, Alcaide mòr do caſtello, e cidade de Coimbra.

Declaramos o Latim, porque dous Autores mais antigos lhe daõ titulo de Pretor, que era officio de paz, como Juiz, ou Corregedor, e naõ de Alcaide mòr, que he o que reſponde o nome de *Præfectus* na latinidade. Tambem dà que conſiderar o novo modo da inſcripçaõ, querendo quem a fez dar a conhecer o pay polo filho. Donde parece que ſe devia fazer muitos an-

annos despois, naõ sem curiosidade, ou ambiçaõ, mas nada culpavel: porque hum Santo basta pera dar luz a toda huma geraçaõ de passados, e successores. Da mesma maneira argue tempos mais modernos o termo de *maior Præfectus*, porque desdiz muito da singeleza dos antigos pouco cuydadosos destas mayorias. Mas como quer que seja, seguimos o escritor acima nomeado, que he de noventa annos atràs, e foy Religioso de nossa Ordem, pessoa de calidade, e autoridade, digna de se alegar, que esta historia poz em boa lingoa Latina, tirando a de outra muito mais antiga, e meyo barbara, que se guarda no Convento de Santarem tambem composta por Frade: e de hum, e outro podemos estar seguros que fariaõ o officio livres de paixoens que desviaõ da verdade.

A mãy de Gil Rodrigues foy dona Tareja Gil, que o mesmo Autor nomea por tia de dona Joana Dias senhora da villa da Atouguia, que muitos annos andou em casa da Rainha dona Breitiz de Guzmaõ molher del Rey dom Afonso Terceiro, e foy mãy de Nuno Fernandes Cogominho, pessoa de grande nome, e Almirante do mar em tempo del Rey dom Dinis. Esta dona Joana alcançando em annos ao Santo primo lhe edificou capella, e sepultura, como ao diante veremos. Teve Gil Rodrigues mais dous irmaons, Payo Rodrigues, e Joaõ Rodrigues, e outro que naõ nos consta se foy irmaõ inteiro, Dayaõ da Sè de Lisboa. Sendo moço, e mostrando inclinaçaõ às letras com habilidade, foy posto no estudo por seus pays. Era Coimbra assento da corte, e juntamente avia nella Mestres das boas artes, e sciencias. Porque el Rey dom Sancho como recebeo de seu pay o reyno pacifico, e rico, procurou illustrallo, e acrecentallo por muitas vias: e naõ lhe esqueceo a das letras, que he a que mais lustre dà aos homens, e às provincias. Deuse Gil Rodrigues, despois que teve eleiçaõ nos estudos, com particular affeiçaõ à Medicina, e começou a ter nome de grande estudante. Naõ desagradou a el Rey a determinaçaõ quando a soube, como seu Pay cabia tanto com elle folgou de lha favorecer, enriquecendoo a esse fim de beneficios Ecclesiasticos, e tantos que naõ eraõ menos de cinco os que possuya sendo ainda bem moço. Tres Conezias em tres Igrejas differentes, e distantes, Braga, Coimbra, e Guarda. Dous Priorados, hum de Santa Eyria de Santarem, outro de Coruche. Sofria o tempo estas disformidades, ou polo fraco rendimento das prebendas, ou por falta de homens: ou porque sempre aos validos sobejaõ razoens pera ajuntar nos seus. Viose o moço prospero de renda, e engenho: e como tinha jà tomado o sabor ao gosto que dà o nome, e estimaçaõ das letras, parecendolhe que se tocasse qualquer Universidade subiria a grandes gràos de honra nellas; persuadido do pensamento negocea licenças, poemse a caminho com os olhos em Paris. Naõ falta quem diga que a rezaõ de se aplicar ao estudo da Medicina, inda que entaõ naõ era indigno de gente illustre, fora com fim pouco honesto de poder entrar em muitas casas, e penetrar como

Refend. l. 1. c. 1. in vita B. Ægidij.

mo medico, onde como mancebo, e nobre achava tudo cerrado, e timido. E assi o descubrio o successo. Porque naõ tinha andado muitas jornadas, quando se lhe fez encontradisso em figura humana o autor de tais pensamentos, e pay de toda maldade, e fingindo que levava o mesmo caminho, entrou com elle em praticas, como he costume de caminhantes, dando, e pedindo contas. O descuydado mancebo se lhe abrio todo; e o enemigo começou a combatello a duas maons: huma invisivel dentro na alma, e outra de palavras suaves, e venenosas nas orelhas. Que acertava, lhe dizia, porque era muy conforme a sua idade, e calidade pretender valer, e ter nome: e juntamente levar boa vida. Que na verdade se a valia, e honra naõ avia de ser meyo pera poder viver livre, e alegremente, e em todo genero de delicias: e se a primavera da idade se naõ ouvesse de lograr com os gostos, e passatempos, que naturalmente apetece, titulo vaõ, e sem sustancia era a honra, sensabor, e pouco de estimar o melhor tempo que Deos dera ao homem. Que naõ fora mào termo inclinar à profissaõ de Medico, pera com roupas largas yr possuindo rendas Ecclesiasticas: mas pera ser famoso no mundo, e juntamente ver, e alcançar muitas cousas de gosto, e grandes boas venturas, avia sciencia mais poderosa que a Medicina, e menos custosa de aprender. E perguntado qual era, respondia, que a arte Magica era sò a que podia fazer hum homem estimado nas cortes, valido dos Reys, e de todo o resto do mundo quasi absoluto senhor. Porque aos que a sabiaõ naõ se lhe escondia nada do que avia, e se fazia em todas as provincias, quanto mais em todas as casas: e naõ sò alcançavaõ o presente, mas tambem anteviaõ o que estava por vir, com os successos particulares da fazenda, e da honra, da morte, e da vida, da guerra, e da paz: e daqui viera nos tempos muito antigos chamaremse Magos os grandes sabios, por ser esta a mayor sciencia de todas. Logo lhe foy apontando alguns homens que naquelles tempos aviaõ sido famosos em Espanha, e affirmava que o foraõ por beneficio della, obrando maravilhas hora de espanto, hora de riso, humas de importancia, outras de passatempo. Em fim era arte pera honra, e pera gosto: e sendo arrimada à Medicina, que elle jà sabia, teria bella capa pera grandes effeitos, porque atribuindo as cousas grandes à força natural da Fisica ganharia nome do mayor Filosofo da terra, e espantaria o mundo, como outro Apollonio Thianeu. Com estas mintiras foy engolfando o pay dellas hum animo temerario, e cobiçoso, em desejos de se vender, se fosse possivel, por achar hum mestre de tal sciencia: e com grande efficacia lhe perguntava que meyo averia pera descobrirem algum. Entaõ lhe foy dizendo, como sem torserem muito, poderiaõ dar em lugar, onde avia escola, e mestres consumados: mas que era cousa muy secreta, e sabida de poucos, e que tinha suas difficuldades, e algumas condiçoens pesadas: que se quizesse lhe faria serviço de o guiar. Naõ sabia

bia o moço a hora que se avia de achar em Academia tanto da sua arte, e davase mil parabens por aver encontrado com tal homem. Sò nos estilos que lhe referia da escola reparava hum pouco: porque deixar a fé (como propunha) hum homem nobre, era cousa indigna: obrigarse a isso por escrito, e escrito feito, e assinado com sangue proprio, parecia abatimento dallo, e huma desconfiança torpe, e de gente baixa, e roim o pedillo: Facilitavalhe tudo o companheiro: e em fim vencido da asperança das honras, e dos gostos de que jà se representava senhor, foyse com elle onde o esperavaõ os ministros da officina infernal. Era huma gruta na rayz de hum monte, em lugar ermo, e longe de povoado. Aqui entrou, e residio feito discipulo de Lucifer. Muitas particularidades se contaõ de condiscipulos que vio levados em corpo, e alma ao inferno, e outras cousas que lhe puderaõ bem abrir os olhos, se naõ estivera de todo cego. Em fim fez seu escrito à vontade de quem lho pedio, e despedido foise buscar melhor escola. Todos os que escrevem dizem que residio nesta das covas tempo de sete annos, e que eraõ junto a Toledo. A dilaçaõ de tantos annos se me faz dura de crer pera em animo que sò tinha por mira vicio, e gosto. Caminhou direito a Paris, entrou nos estudos, e aulas da Medicina, e mostrou logo tal agudeza nos autos da sciencia, e tal maõ em algumas curas de importancia, que antes do tempo foy avido por digno do grào que pretendia. Entaõ se começou a entregar a todo vicio à redea solta, servindose das màs artes humas vezes pera ser mais mào, e outras pera espanto, e entretimento seu, e de amigos, obrando cousas que pareciaõ exceder as forças da natureza. Assi andava na boca das gentes estimado, e envejado: e por estremo contente, e igualmente esquecido de si. Em tal abismo de enganos, e miserias vivia, quando o Senhor foy servido pòr nelle os olhos de sua Divina misericordia por hum novo, e estranho modo, como veremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO XIV.

Da milagrosa conversaõ do Santo Frey Gil, e como tomou o habito de S. Domingos, e fez profissaõ.

ESTAVA Gil Rodrigues hum dia em seu estudo, e sobre os livros da infernal sciencia, descuydado de toda cousa que lhe podia dar pena. Eys que subitamente se lhe poem diante hum homem armado, e acavallo, e brandindolhe huma lança nos olhos com braveza, dizia: Muda a vida homem, muda a vida. Assombrouse Gil Rodrigues, e sobresaltouse muito, arguindolhe a consciencia (como acontece) naquelle tempo muitas cousas juntas, e todas màs, e tristes, e medonhas: mas tornado sobre si, e tirando pola carne a liberdade, e soltura da vida, parecialhe a visaõ sonho, e o fazer caso della pusillanimidade, lembrandolhe que o cavallo, e cavalleyro lhe pareceraõ de pedra, e despois se resolveraõ em ar. Assi foy continuando em seus desatinos. Mas naõ

Sap. 17.

naõ se esquecia o bom Pastor da ovelha perdida. Passados poucos dias torna o cavaleyro sobre elle na mesma postura, e habito, mas com termo, e sembrante mais temeroso: e arremessandolhe o cavallo como que o queria levar debaixo dos pès; e pondolhe a lança nos peitos: Muda, disse, muda, muda homem a vida, se naõ morto es. Ficou Gil Rodrigues como fòra de si, de attonito, e confuso, e respondeo com pavor, quasi como outro Paulo. Si farey Senhor. E peçovos me perdoeis naõ obedecer da primeyra vez. Isto dezia, e juntamente se sintia ferir da maõ do cavaleiro com tanta força nos peitos que lhe parecia ficava atravessado da lança: e obrigado da dor deu hum grande grito chamando polos criados que lhe acudissem. Achouse com menos mal do que cuydava, porque naõ apareceo no lugar do encontro mais que huma riscadura leve, e superficial, e com tudo determinou logo naõ esperar terceira amoestaçaõ, e mandou fazer prestes pera caminhar, e fogir de Paris. E foy bom principio da promessa feita, mudar terra; ao que ajuntou, dar fogo a quantos livros tinha da maldita magica: e feitos em cinza pozse a caminho. Caminhava desabrido, e malenconico: davalhe occasiaõ o verse sò pera imaginar: entrava em si lançava os olhos polos annos que tinha vivido: naõ achava hora izenta de culpa: quando chegava aos que empregara nas covas de Toledo, e ao que delles lhe resultava, perdia o gosto de tudo de corrido, e confuso, e abafando de pesar. Assi sendo dantes amigo de travar praticas de passatempo com os criados, e com os que encontrava humas vezes com graças, e ironias, outras com derivaçoens, e agudezas, como era de condiçaõ bem assombrado, e jovial: agora hia mudo, carregado, e aborrido de sorte, que os criados pasmavaõ naõ podendo atinar com a causa de tal novidade. Chegava à pousada, naõ tocava em nenhuma cousa de quanto lhe punhaõ na meza: faziaõlhe a cama, ou naõ se deitava, ou naõ tomava sono. E ou que fossem isto jà principios de penitencia que obravaõ tristeza pera verdadeira saude: ou que redundassem no corpo (como he ordinario) as feridas que seus cuydados lhe faziaõ na alma; cahio em huma febre malenconica de quartans, que lhe davaõ muito trabalho: e com tudo nunca se quiz curar, nem perder jornada atè entrar em Espanha. Entrado nella, e por Castella, trouxeo a estrada que seguia à cidade de Palencia. Neste lugar passou a caso polo sitio em que os Frades de S. Domingos andavaõ actualmente rompendo paredes em humas casas velhas, e levantando outras pera comporem seu Conventinho: vio ferver a obra, e nella amassando cal, e carregando pedra cubertos de pò, e caliça homens, que no gesto, e no geito mostravaõ naõ aver nacido pera tais misteres. Edificouse, e compungiose, naõ lhe parecendo feyo aquelle pò, nem pouco honrado o serviço, quando lhe soube o fim. Logo fez conta de naõ passar daly. No dia seguinte tornou ao sitio, buscou o Prior. Achou homem espiritual, e sabio: falaraõ de vagar, deulhe conta de si. Aqui fez a primeira retra-

Act. 9.

2. Cor. 7.

tractaçaõ, ou abjuraçaõ de seus desconcertos, e vida passada por confissaõ vocal.

Ficou Gil Rodrigues algum tanto aliviado com este bom principio. He medicamento Divino huma boa confissaõ, he porta, e entrada pera todo bem, e que mais desabafa, e assossega huma consciencia, que começa a sintirse, e a sintir. Foy cobrando alento, e estendendo o animo a cousas mayores. Tornou ao Prior, e propozlhe com palavras cheyas de humildade, e conhecimento proprio, se averia naquella santa casa misericordia, e lugar pera hum peccador desaforado, e facinoroso, e que o fora toda a vida contra sua alma, e contra Deos: mas sintindo d' alguma maneira, e muito desejoso de desejar tornar sobre si, e salvarse de seus naufragios, por meyo da muyta santidade que alli via. Naõ deviaõ ser ouvidas com olhos enxutos taes palavras, e tal requerimento, onde avia verdadeira caridade. Foy respondido naõ sò com bom despacho, mas abraçado, e admitido com amor, e alegria do Prior, e dos mais Religiosos. E naõ tardou mais em vestir o santo habito, que em quanto escreveo aos seus, e despedio os criados. Neste passo teve o primeyro merecimento da fogida do mundo: porque levantaraõ pranto, como se o deixaraõ enterrado: mas elle apercebendo a paciencia pera mayores contrastes, enganavaa neste, com fazer conta que se via jà livre de huma parte naõ pequena dos cativeyros do mundo, polo muito que obrigaõ os bons criados.

Ps. 118.

Desapegado delles, e encerrado com os seus Frades, e novos companheyros começou Frey Gil hum novo genero de vida, novo pera elle, mas ordinario nelles. Pagava a boa vida passada, de dia com estreita abstinencia, e com trabalhar na obra do Convento como o mais vil jornaleiro: de noite com asperas disciplinas, e oraçaõ, furtando pera ella muitas horas ao sono, e ao descanço corporal. E parecendolhe tudo pouco, a comparaçaõ do muito a que se achava obrigado, vingavase de si, naõ sò como algoz, mas como enemigo: carregandose a maõ com castigos particulares, em pago das particularidades com que servira, e deleitara os sintidos: polas casas grandes, e bem armadas huma cella erma, pouco mayor que huma sepultura: polas sedas do leyto, e olandas da cama hum tecido seco de varas, ou de canas, sem mais abrigo que huma manta de saco. Contra as sobogidoens dos banquetes, pedaço de paõ grosseiro, e negro: e pera os poder passar, humas folhas de couve cozidas em agoa, e sal (que esta era a vida daquelles primeiros Padres de Palencia) quando alcançavaõ huma gota de azeite era caso raro, ou festa grande. As alegrias dos saraos de França, as graças, e galantarias de corte, em que era unico, pagava com hum silencio inviolavel, ainda nas cousas muyto necessarias. Os apetites de grandeza, e reputaçaõ, com andar na cozinha, lavar a louça, curar dos enfermos nos mais abatidos, e humildes serviços da Religiaõ. Finalmente em vingança das sensualidades que taõ sem freyo apetecera, cingiose huma cinta de ferro sobre as carnes fechada

com

com cadeado: e pera se privar pera sempre de toda esperança de alivio, lançada a chave no rio. Assi procedia com grande edificaçaõ dos Religiosos, atè que pareceo tempo (que ainda entaõ naõ era certo, e preciso como agora) de lhe fazerem sua profissaõ. Mas esta, como a fez, naõ criou nelle mais liberdade da vida, nem mais alivio no modo della: começou a ser noviço pera si, como o fora atè entaõ pera a Religiaõ: agora voluntario, como dantes por obrigaçaõ.

CAPITULO XV.

Sae Frey Gil de Palencia, mudado pera Santarem. Continùa suas penitencias. Contaõse as persiguiçoens, e assombramentos que padeceo do Demonio, atè alcançar o escrito que lhe tinha dado.

NEste rigor perseverou atè que foy mandado pera Portugal. Naõ nos consta com que occasiaõ. Parece que devia ser instancia de parentes com dom Frey Sueyro, a cujo cargo estavaõ as cousas da Provincia: porque a vontade em Frey Gil era affeito totalmente morto. Muyto nos importàra achar ao justo o anno em que se passou a Portugal, tirado por conjeitura, como atràs fizemos pera alcançar o principio da casa nova desta villa: se foy logo despois da profissaõ, respondenos ao fim do anno de 1220, ou entrada de 1221. Mas como todos os autores dizem que veyo logo pera Santarem, onde neste tempo naõ avia ainda Convento, he força dizermos que se deteve em Palencia tres, ou quatro annos. Achou Frey Gil a casa de Santarem florida de gente santa, recreaçaõ grande pera sua alma, confusaõ nova por outra parte, quando lhe lembrava o penhor que tinha em poder do enemigo, pacto infelice, e penhor de sangue, escrito, e assinado de sua maõ, feito, e dado com muito gosto. E naõ avia cousa que o consolasse, parecendolhe que tanto lhe durava a triste vassalagem a que se condenara, quanto tardava em o resgatar. Aqui era o desfazerse em lagrimas diante do Santissimo Sacramento, naõ cessando noite, e dia. Aqui o apertar com novas penitencias, e bradar por misericordia. Mas julgando que naõ era, nem merecia ser ouvido, tornavase à Virgem Mãy, emparo, e remedio de peccadores, ancora sagrada, e ultimo refugio de affligidos. Pedialhe que valesse ao filho adoptivo diante do natural: que naõ poderia negar nada a taõ boa Mãy, inda que fosse por taõ mào filho. Avia na casa do Capitulo huma devota imagem da Senhora. A este lugar o trazia a confiança que sò nella tinha, pranteava, carpiase sem descançar, queixavase de si, e confessava que naõ era merecedor de perdaõ, e logo se dava a pena lavando as costas em sangue, que corria em rios atè regar as lageas. Muito tempo continuou neste exercicio sem mais consolaçaõ, nem orvalho piadoso do Ceo, que huma interior confiança que se perseverasse, lhe naõ faltaria despacho, conforme à Divina promessa: *Omnis, qui petit, accipit; & qui quærit, invenit.* Mas esta lhe procurava roubar o enemigo, ate-

L. 2. c. 2.

Luc. 11.

atemorizandoo com figuras medonhas, e fantasmas infernais. Estava huma noite cheyo de fervor orando: eis que subitamente lhe abre a terra atè o centro, e poemlhe diante dos olhos todo o Inferno junto (vista horrenda) sem ficar cousa que pudesse mover asco, e pavor, que lha naõ representasse, as miserias, os tormentos, as disformes posturas dos padecentes, as cruezas, as visagens, a fealdade dos atormentadores; trabalhando persuadillo que por muyto que orasse, aquelle horror sempiterno avia de ser sua eterna morada. Outra vez tomando a figura de hum monstruoso Centauro armado de arco, e frechas, embebia huma no arco com tanta força, que lhe fazia juntar as pontas, e apontava em Frey Gil, (que de medo estava sem sangue) com geito, e ferocidade tal, que lhe parecia naõ podia escapar de atravessado. Valiase nestes passos das armas de fiel Christaõ, do nome poderosissimo de JESU, e sua Cruz santissima. Fogia o enemigo: mas elle naõ deixava de ficar perturbado, e descontente, attribuindo a seus peccados tanto poder, e tamanhas afrontas: e todavia como bom soldado tornava sem desmayar a seu requerimento, e oraçaõ. Sintiase Satanas de o ver perseverante nas penitencias, e animoso na oraçaõ: arremete hum dia a elle feito huma fea, e disforme tartaruga, de cabeça, e boca taõ desmesurada, que prometia podelo engulir: foy grande o medo, dandose por outro Jonas no ventre da Balea. Mas alcançando jà pouco por estes meyos, porque a continuaçaõ tinha criado em Frey Gil animo pera desprezar suas fantasmas, como cocos de minino, determinouse em guerra descuberta. Deixa figuras alheyas, entra em campo com sua propria, mais temerosa, por mais conhecida; e porque com ella refrescava a memoria das promessas, e culpas passadas ao delinquente. Começava a despregar aquella lingoa serpentina em mil afrontas, chamandolhe traydor, e ingrato, fementido, e perjuro: ingrato a quantas boas venturas lhe grangeara de gostos, e delicias: traydor a quanta honra lhe dera entre Principes, e grandes da terra. Dava bramidos como Liaõ, fulminava feros, e blasfemias com gestos, e carrancas, que a si mesmo se excedia de feyo, e abominavel. Mente, dezia, fallea, e perjura comigo quanto quizeres. Que isso mesmo te ha de fazer a guerra, porque ninguem te crea, a ninguem enganes. Chora, trabalha, cança, derrama esse sangue aleyvoso. Meu has de ser chorando, e padecendo: melhor te fora rindo, e folgando. Affirmava Frey Gil quando despois de muyto velho com santa singeleza contava estas cousas, que tanto lhe custava de medo, e tormento cada huma dellas, que muito menos sintira verse levar a justiçar em huma praça publica, naõ huma sò vez, se naõ muitas. E todavia aturou este martyrio, e tentaçoens com valor, e constancia sete annos inteiros, contados do dia que foy recebido ao habito. No cabo delles estando huma noite na sua ordinaria estancia do Capitulo, e no seu costumado, e continuo requerimento com a sagrada Virgem, e pedindolhe remedio com pa-

palavras faydas do intimo da alma, e cheyas de laftima, e defconfolaçaõ, foraõ fobre elle muytos Demonios juntos, e com mayor violencia que nunca pretenderaõ metello em defefperaçaõ; e mifturando ameaças com vituperios deziaõ, que a feu pefar, nem Ceo, nem terra avia jà de lograr. Porque o Ceo tinha fechado, e feito de bronze, polo efcrito de obrigaçaõ que com fua maõ, e com feu fangue fizera ao Inferno; e a terra com os bens, e goftos della perdia, polo querer quebrar como falfario: e affi naõ tinha que fazer, fenaõ defefperar, e arrebentar, pois tinha perdido tudo fem remedio. Eftava o penitente proftrado com o peito, e face em terra, cheyo de medo dos exercitos de Satanas que o affombravaõ: mas muito mais do que fua confciencia o accufava, vendo nella mil teftemunhos do que ouvia aos enemigos: e ifto fintia mais que todas fuas fobrançarias. Levantava o rofto, e olhos à Virgem, e com grande dor, e humildade dezia: Virgem benditiffima, elles dizem verdade, eu o confeffo, no que toca a minhas graviffimas culpas: e naõ nego que tambem mereço por ellas o que dizem. Mas nunca confeffarey que pefaõ mais meus peccados, que os merecimentos daquelle preciofo fangue que meu bom JESU Filho de Deos, e voffo, por my derramou na Cruz. E como iffo feja verdade, nunca defefperarey de fua Divina mifericordia, inda que toda a vida padeça, e viva milhares de annos. E vòs Virgem fonte de piedade naõ confintais que fe alegrem voffos enemigos, levando vitoria defte pobre filho voffo, que em vòs fia, e por vòs chama tantos annos hà. Moftray Senhora que faõ fallos, e mintirofos contra vòs, e contra voffo Filho, e tambem contra my. Moftray com elles que foys Mãy de Deos: moftray comigo que o foys de defemparados, acudindome com alguma confolaçaõ, e mifericordia deffas maons poderofas nefte abifmo de miferias. Affi dezia, do pefo da tribulaçaõ quafi defmayado: e os enemigos como em batalha rota atroavaõ tudo com grita, com braveza, e eftrondo infernal. Nefte ponto fe fintio focorrido de poder invifivel. Porque vio fogir de repente os exercicios de Lucifer, como quem com medo dava as coftas à mayor força: foando dentre elles huma voz horrenda que claramente dezia. Toma com à minha maldiçaõ, e de todo o Inferno. Nunca o ouveras, fe me naõ fizera força quem eftà neffe altar: ella me faz guerra, ella me vence. E logo notou que vinha decendo do alto da capella, da parte onde a vazava huma abertura, pola qual os vira yr fogindo de tropel, hum pedaço de pergaminho, que pera final do que era, e de quem o ganhara, e dera a vitoria, fe veyo como pofto à maõ offerecer, e affentar aos pès da Senhora fobre o altar: era efte o mefmo lugar por onde cahia a corda do fino do Convento, e atè noffa idade fe confervou no mefmo eftado, e ferviço, e jufto fora que fe naõ perdera o final delle, pera memoria de cafo taõ raro, inda que fe efcufou o ufo. Naõ ha em nenhuma lingoagem termos baftantes a fignificar o gozo, e alegria que o atribulado

do Frey Gil sintio em sua alma, quando vio, e reconheceo a carta do infame concerto restituyda a suas maons. Tornase a lançar por terra, e com a boca muda, e pegada nas lageas, e os olhos feitos duas fontes, deixouse estar grande espaço em final das graças que desejava dar: e offerecia por ellas lagrimas, e silencio, porque naõ achava razoens que respondessem ao que sintia. Em sua alma se prometia por cativo à Mãy, e como resgatado por ser meyo: prometiase por escravo ao Filho, pois mostrara em o livrar que naõ engeitava sua contriçaõ, e penitencia: e cheyo de prazer offerecia naõ aver de ter hora nem momento em toda a vida, que empregasse em outra cousa mais, que serviço da Mãy, e amor do Filho. Mas aqui he de considerar a alteza das misericordias, e riquezas de Deos, que quando faz mercès, excede, e sobrepoja naõ sò os merecimentos, mas atè os desejos, e imaginaçaõ do homem. Por sete annos, que Frey Gil chorou, lhe pagou com outros sete de perpetuos mimos, e favores: e particularmente o acompanhou em todos com huma luz da gloria, que como tocha acesa lhe andava, e aparecia sempre diante dos olhos, como em penhor de patrocinio certo contra as siladas do Inferno, que tanto o tinha afadigado, e nunca despois deixou de o perseguir em toda occasiaõ que pode. E este socorro foy parte pera lhe vir a perder o medo de maneyra, que naõ sò o desprezava, mas era espanto, e terror a todos os espiritos Infernais. Assi veyo a cobrar huma grande paz, e quietaçaõ d'alma, mas naõ que fosse parte pera deixar os rigores, e penitencias costumadas: antes as executava agora com mais vontade, quanto via, e tinha por certo, polo que lhe tinhaõ aproveitado, que as podia fazer com mayor confiança.

CAPITULO XVI.

Parte Frey Gil pera França a estudar Theologia. Contase a santa vida que fazia em Paris estudando, e como recebeo o grào de Doutor pola Universidade, e foy declarado pola Ordem por Mestre, e Leitor de Theologia.

AJuntou Frey Gil à austeridade de vida que seguia, pera mais merecimento com Deos, e com a Ordem, darse ao estudo da santa Theologia: no qual se empregou com tanto cuydado, que fòra das horas que dava a Deos, em nenhuma outra cousa se ocupava dias, e noites. Como lhe sobejava habilidade, e estava fundado na Filosofia do tempo que estudara a Medicina, tinha bastante mestre em seu engenho, e Aula na cella. Mas porque nenhuma sciencia se aprende fundadamente se naõ em escolas, onde a conferencia, e emulaçaõ poem esporas, e aviva os engenhos, foylhe mandado polo Provincial que fosse residir, e graduarse em Paris. Pozse ao caminho por obediencia, que noutro tempo tomara por gosto: e tal era a differença em tudo. Entaõ rico, e acompanhado de recamara, e criados, e engolfado em cuydados de agradar ao mundo: agora pobre, e a pè, e todo embebido em fazer alguma cousa por ser-

serviço daquelle Senhor que o livrara delles, e delle.

Ao entrar por França, de crer he, que achandose em partes que noutro tempo lhe foraõ occasiaõ de offensas do Criador, tambem agora o seriaõ de novas lagrimas, imitando o que tinha ouvido dos grandes penitentes. Que se sò o canto de hum gallo fazia arrebentar em pranto o Principe dos Apostolos, que fariaõ em Frey Gil os encontros que a cada passo tinha de muitas cousas juntas, em cada huma das quais reconhecia naõ sò offensas ordinarias, mas aquella mayor de todas da vil capitulaçaõ que fizera com os enemigos de Deos contra o mesmo Deos. Chorava de novo, mas juntamente engrandecia as misericordias do Senhor que o livrara, e assi crecia com elle em graça, e merecimentos (que este interesse rendem peccados bem chorados.) Mas se chorava nas cidades, alegravase nos campos, servindolhe quelquer flor que via, ou passarinho que ouvia, de se arrebatar em louvores Divinos. E como trazia grandes luzes na alma communicadas daquella, que lhe ficou sempre diante dos olhos, como atràs dissemos, andava em perpetua uniaõ com Deos, amandoo, desejandoo, e enlevandose nelle de sorte, que tudo o que naõ era Deos lhe aborrecia, e dava pena. Estado bemaventurado, e qual deve ser o de todo Religioso, que pois buscamos a hum Senhor que se naõ quer servido de meyas, erro serà naõ lhe darmos o coraçaõ inteiro, pera alcançarmos a boa ventura daquelles *qui toto corde exquirunt eum.* (Ps. 118.) Assi adiantou muito em espirito, e perfeiçaõ nesta jornada de França, e quasi ao mesmo passo do que perdeo na primeira.

Achou Frey Gil em Paris ao Santo Frey Jordaõ Mestre Geral da Ordem, que tendo noticia de quem era, e recomendaçaõ de sua pessoa por carta del Rey dom Sancho lhe fez muito gasalhado, e honra, e mayor despois que o tratou, e foy conhecendo o gosto, e continuaçaõ com que se empregava no estudo primeiro da Religiaõ que he a virtude, e no segundo que he o cuydado de aproveitar nas letras. Aqui teve por companheiro das Aulas, e da cella ao grande Humberto, que despois veyo a ser Geral da Ordem. Este varaõ se lhe affeiçoou muito, e notando com attençaõ sua vida no tempo que estiveraõ juntos, nos deixou noticia em seus escritos de algumas cousas della. Affirma que sua occupaçaõ continua era orar, ou estudar, ou servir enfermos: com tal constancia que em todo o dia, e em toda a roda do anno, e em quanto estudou em Paris, nunca o vio huma sò hora ocioso. Com taõ grande testemunho puderamos escusar tudo o mais que ha de sua residencia em França. Mas como esta historia se escreve pera exemplo, e doutrina dos que de presente vivemos, e dos que haõ de vir traz nòs, parece obrigaçaõ dizermos mais alguma cousa. Tinha Frey Gil particular gosto de servir na enfermaria: no qual officio fazia muitos officios. Porque humas vezes visitava os enfermos como Medico que era consumado, e logo lançava fòra Hipocrates, e Galeno pera lhes levantar os animos ao

Ceo.

Eccl. 38. Ceo. Dezia que Deos criara o Medico, e a medicina, bom era ouvir o Medico, e aceitar o medicamento; mas confiar sò em Deos, que podia mais que a natureza. Outras vezes como se fora o mais humilde irmaõzinho de casa de noviços, punha as maons em tudo o que convinha ao doente sem pejo, nem asco, nem cerimonia, se naõ com huma vontade taõ prompta, e alegre, que se lhe trasluzia em tudo hum coraçaõ inflammado em verdadeyra caridade. Tambem quando convinha acudia como Santo. Porque como a doença naõ he outra cousa senaõ descomposiçaõ de humores: e estes descompostos trocaõ, e pervertem a boa complexaõ natural dos doentes; daqui vem serem muitos homens na doença penosos, descontentadiços, e màos de servir. Pera este ponto era Frey Gil dotado de huma certa graça natural, que por mais descomposto que achasse o enfermo, elle o tornava de colerico, macio, e brando: de malencolizado alegre, de impaciente sofrido, de desmayado, animoso, e cheyo de esforço. O que servindo muito pera a saude corporal, naõ aproveitava menos pera a espiritual. E assi como trazia todo o Convento edificado, e obrigado com esta arte, naõ o edificava menos com a que usava consigo, quando era enfermo. Porque de nenhuma maneira podia acabar consigo ser pesado, nem dar pena a nenhuma criatura. Se lhe davaõ de comer, se lho naõ davaõ, se vinha cedo, ou tarde, se mal, ou bem guisado, se frio, ou requentado, ou escaldando, a tudo fazia o mesmo rosto, e sempre bom rosto. E o que mais espanta he, que sendo singular Medico, entrando a vello os de casa, estava por tudo o que delle ordenavaõ sem falar palavra, cativando por humildade o entendimento proprio ao parecer alheyo, e às vezes pouco acertado. Mas naõ era menos proveitoso medico pera as almas dos saons, do que o era pera os corpos, e condiçaõ dos doentes. Como durava a memoria do tempo em que o viraõ naquella Universidade celebrado Medico, e autor de grandes maravilhas, buscavao muita gente persuadida, que devia ter muyto de Deos quem alcançara delle poder trocar a gloria de andar nas bocas da gente, e nas azas da fama, por huma tunica de lam, e hum habito remendado. Vinhaõ huns com as almas chagadas de graveza de peccados, chagas podres, e ao parecer incuraveis: nestes como taõ esprimentado em feridas proprias fazia milagrosas curas. Nenhum se lhe hia sem remedio. Aqui polo muito que amava a Deos, empregava toda sua sufficiencia ajudando alèm da Fisica dos bons conselhos, com a de suas oraçoens. Na mesma forma aliviava, e mandava consolado todo outro affligido, qualquer que fosse o trabalho: ou em perda de fazenda, ou de estado, de honra, ou de fama. Taes cousas sabia dizer, tal virtude punha Deos no que dezia, que ninguem sahia de suas maons sem remedio. E se o chegavaõ a tratar por curiosidade, como acontecia, alguns mancebos, ou começados a enganar das vaydades do mundo, ou enfrascados jà nellas, assi os fazia temer, e entrar em si, que davaõ volta em

em redondo na vida, e nos pensamentos. Assi aquirio muita gente nobre em França pera a Religiaõ: e o mesmo fez despois em Portugal. E podemos bem dizer por elle, que na arte de encantador ficou o mesmo que dantes era, trocados sòmente os fins. Porque, como se naõ perdera a efficacia, e embaimentos della, forçava com suavidade os coraçoens, obrigava, rendia, e encaminhava os homens pera Deos, furtavaos ao Inferno. Esta graça conta delle o Santo Geral Humberto, que tinha tambem com noviços, quando salteados de qualquer desgosto, ou tentaçaõ, vacillavaõ, ou tornavaõ atràs nos santos propositos. Bastava meteremlhos nas maons, pera sayrem dellas cheyos de valor, e constancia. Mas eraõ jà effeitos sobrenaturais, naõ humanos, nem ordinarios. Porque nos poucos annos que se deteve em França passou tanto adiante na virtude, e perfeiçaõ, que todo seu trato era com Deos, e sua conversaçaõ no Ceo, nem fazia cousa que là naõ negoceasse primeyro. E testemunha o mesmo Padre Humberto, que lhe acontecia muitas vezes arrebatarse subitamente, e ficar alienado de todos os sintidos de tal sorte, que entrando algumas pessoas onde estava, de nenhuma dava fé, e a cabo de grande espaço, que tornava em si, entaõ lhes falava, e as saudava, como se naquella hora chegaraõ. Communicavalhe o Rey da gloria aquelle divino cheyro dos ambares, e agoas de Angeles das boticas celestiais, naõ era mais em sua maõ, corria traz elle: e perdia o gosto, e o conhecimento de tudo o da terra. Porèm isto, que entaõ era sò huma faisca de fogo Divino, despois andando o tempo passou a effeitos taõ extraordinarios, e espantosos, que roubandolhe de todo uso os sintidos, e os membros do peso natural, arrebatavaõ aquelle corpo polos ares, como adiante veremos.

Ajudada assi dos divinos favores a destreza natural do bom engenho, naõ foy necessario gastar muytos annos pera merecer a honra do grào: e porque el Rey dom Sancho tinha mandado prover as despesas delle, Frey Gil a recebeo publica na Universidade com festas, e aplauso: e logo outra particular na Ordem, sendo nomeado por Leitor, e Mestre em Theologia pera a Provincia de Espanha. Isto affirmaõ todos os que escrevem delle. O que nòs achamos apontado no livro, que chamaõ *Vitas Fratrum* da nossa Ordem, he o seguinte:

L. 4. tít. de virt. orat.

HÆc Frater Ægidius de Portugallia scripsit vir simplex & rectus, & timens Deum, in sæculo magnus in artibus & Phisica, & in Theologia in Ordine Doctor.

CAPITULO XVII.

Torna Frey Gil pera Espanha. Contase o que lhe succedeo no caminho: e como começou a prègar em Portugal. Refere-se hum estranho artificio com que o demonio o tentou, e como se ouve nelle.

SEndo Frey Gil nomeado por Mestre, e Leitor de Espanha, foylhe mandado que logo se viesse à Provincia exercitar seu talento. Achamos posto em memoria hum caso que lhe succedeo nesta volta que fez pera Espanha, digno de ser sabido, pera vermos qual era neste tempo sua confiança em Deos, e o fruito, e poder de sua oraçaõ. Caminhava por terras da comarca de Poytiers: e tinha andado hum dia desde pola manhaã atè quasi meyo dia: e como suas penitencias o traziaõ descarnado, e fraco, começou a sintir o trabalho, e desejava descançar. Vendo perto huma aldea, disse ao companheyro, que seria bem iremse a ella, e pedindo de caminho alguma esmolla comeriaõ hum bocado, e repousariaõ hum pouco. O companheyro que era robusto, e trazia mais alento, resistia, e dezia que naõ era bom conselho parar em lugar pobre, porque estava certo acharem nelle taõ pouco remedio, que ficariaõ impossibilitados pera seguirem despois o caminho, de fome, e fraqueza. Que o melhor era apertar o passo, e chegar a lugar onde se pudessem refazer bastantemente. Acolhiase Frey Gil aos poderes Divinos, dizialhe que naquella triste aldea podia Deos acudirlhes com muyto mais do que aviaõ mister. Que naõ duvidava, respondia o companheyro, das grandezas de Deos, mas que tais milagres naõ costumava fazer, nem eraõ pera esperar. Cheyo entaõ de confiança o Santo, hora, irmaõ, disse, naõ duvideis, nem temais, que eu vos affirmo, que aqui nos ha de prover oje meu Senhor JESU Christo com grande largueza. Hiaõ nesta consulta, quando apareceo hum tropel de gente de cavallo, e de pè, que trazia o mesmo caminho: e chegando a elles, foraõ saudados de huma dòna, que no geito, e lugar que trazia, parecia Senhora de toda a companhia, e reconhecendo que eraõ Frades Dominicos fez parar os seus, e detevese com Frey Gil praticando hum espaço, quasi julgando de sua presença, e aspeito quem devia ser dentro na alma. Ao despedir chamou por hum filho moço que trazia consigo, e disselhe, que segundo a hora que era, aquelles servos de Deos deviaõ vir necessitados, que por reverencia do mesmo Senhor os acompanhasse atè o lugar que aparecia, e lhes desse muito bem de jantar. O moço se apeou como bom cortezaõ, e se foy com elles alegremente, e naõ se contentou com menos que banqueteallos com tudo o que avia na aldea, e servillos de mestresala, pondo, e tirando pratos, e lançandolhe o vinho nos copos, com taõ boa sombra de gesto, e palavras, que naõ sò os convidava a comer, mas obrigava, e forçava, Aqui lhes disse, como sua mãy era senhora do castello de S. Maxencio, e particularmente devota da Ordem de S. Domingos. Acabado o jantar, dis-

disse o Santo pera seu companheyro: façamos, irmaõ, oraçaõ a nosso Senhor, e à Virgem por quem usou com nosco de tanta caridade, e peçamoslhe que ponha seus olhos neste gentil mancebo, que com tanta graça, e cortezia nos agasalhou, e o faça ainda hum grande servo seu. E postos os joelhos em terra rezaraõ o Hymno: *Veni Creator Spiritus*: e a *Salve* com suas oraçoens. E despedidos tornaraõ ao caminho. Contaõ as historias, que passados tres annos vindo o Santo Frey Gil pera hum Capitulo geral que se fazia em Paris, passou pola cidade de Poytiers, e pousando no Convento, que nella temos, achou este moço feito frade, e jà professo, e muito contente, e consolado de o ser: o qual despois de lhe tomar a bençaõ, se lhe deu a conhecer, lembrandolhe o encontro, e jantar da aldea, e a oraçaõ com que lho pagàra, e confessando que a ella devia a grande misericordia que Deos com elle usara em o tirar do mundo, e trazello à Religiaõ.

Caminhava o Santo a grandes jornadas, quanto sua fraqueza lhe dava lugar, com desejo de se ver na patria, e poder fazer algum serviço àquelle Senhor, a quem taõ obrigado se conhecia, empregandose em aproveitar a seus proximos, e naturaes. Chegado a Portugal naõ tomou dias de repouso pera si, nem pera dar aos amigos, e parentes: mas começou logo a trabalhar em seu ministerio insinando, doutrinando, e prègando, do pulpito, no Confessionario, e polas ruas: nas cidades, e villas grandes, nos lugares menores, e nas aldeas, naõ deixando passar occasiaõ nenhuma de santo interesse, pera poder dizer a seu tempo que tornava o talento, se naõ dobrado, ao menos aproveitado, e com usura. Naõ nos consta de lugar particular em que fizesse officio de Leitor, constando bastantemente do mais por memorias do Reyno, e de fòra delle. A el Rey dom Sancho prègou com valor, e liberdade, porque começava aver queixas de grandes desordens, que naõ remedeava: e crecendo estas polo tempo adiante, creceo tambem nelle o zelo Apostolico pera lhe dizer verdades, e sofrer por ellas injurias, como em seu lugar veremos. Ao povo prègava com bom successo, porque era seguido; e buscado: e buscada por seu meyo a Religiaõ. Mas tambem prègava pera si, e pera todos os professores da obrigaçaõ do pulpito, advirtindoos com energia, e sentenças graves, que mal usavaõ delle, e em vaõ usavaõ, e se matavaõ, se desejando aproveitar a outrem, naõ começassem por si. Porque era condiçaõ Farisaica palavras do Ceo, e obras da terra: e pera quem quizesse fazer Santos, era meyo caminho andado ser primeyro Santo. E esta doutrina procurava dar estampada em si, tendo por paõ quotidiano aquelle antigo rigor de vida do temqo de sua conversaõ.

Do tombo da Sè de Braga.

Mas ardia em fogos de enveja, e odio novo o velho dragaõ do Inferno, naõ levando em paciencia, que quem lhe avia saydo das unhas lhe fizesse agora guerra, tornado de obediente vassallo, enemigo publico. De tiros descubertos naõ fiava jà, porque sò tirava delles ficar des-

prezado, e com vergonha: buscou traça nova, e muito sua. Era Frey Gil morador no Convento de Coimbra em companhia do Prior Frey Domingos Pays que o estimava, e amava, porque sabia o que tinha em tal pessoa. Fazse o enemigo encontradisso com elle emmascarado, e desmintido (pera naõ deixar nunca de se parecer consigo, e sempre mintir) na figura de hum Religioso de casa, chamado Frey Juliaõ Francez; e começa a entender com elle, primeiro com graças, e rizinhos, fazendo zombaria de sua composiçaõ, e modestia. Desviavase Frey Gil naõ esquecido de si: mas achavao logo outra vez diante, e passando a termos mais pesados chamavalhe de hipocrita, refalsado, que andava enganando o mundo feito Beato de homem perdido, que merecia castigado, naõ visto, nem sofrido de ninguem. Tinha Frey Gil feito calos de sofrimento; e como trazia a Deos sempre presente em sua alma, tirava ganho da persiguiçaõ, e alegrandose com a afronta julgava por ministro de Deos aquelle Frade, lembrado do termo com que hum Rey Santo, e tambem perseguido se ouve nos atrevimentos de hum vassalo: desejava imitallo, e fazia conta que Deos movia aquella lingoa pera prova de sua paciencia. Porèm isto que lhe servia a elle de esforço, e armas, levantava incendio de nova ira em Lucifer. Reyna inda oje nelle a mesma soberba com que se quiz pòr hombro por hombro com o Altissimo: como sofrerà desarmar em vaõ com hum bichinho da terra? Buscou de novo ao Santo huma manham, determinado a naõ largar o campo sem o deixar vencido, ou polo menos descomposto: tantos oprobrios lhe disse, disfarçado com a mesma mascara, tantos desatinos fez, que naõ faltou mais que porlhe as maons (naõ teve licença pera tanto.) Foy tentaçaõ em todo estremo apertada, e tanto mais perigosa, quanto menos entendida; via o Santo, e conhecia o rosto, e voz do Frade, naõ podia cayr na silada. Primeiro valeose de silencio, como costumava, e passava, ou retiravase: naõ bastando, porque logo tornava a dar com elle, pediolhe com humildade, e sem soltar palavra de paixaõ nem escandalo, que o deixasse viver, que o naõ quizesse maltratar sem causa, e deulhe as costas. Mas quando desta vez se vio livre, resolveose em mudar na mesma hora terra, e casa: naõ arriscar a paciencia a outro encontro, sintindo como Santo igualmente, ou mais, a descompostura que imaginava do Frade, que a afronta propria. Vaise direito à cella do Prior, pedelhe licença. Alterouse o Prior com a novidade, e com a pressa, fez instancia por saber a causa: descobriolhe o Santo tudo o que era passado de dias atràs entre elle, e Frey Juliaõ, e o que naquella hora lhe acabava de ouvir, acrecentando por remate, que tinha por melhor conselho carecer da consolaçaõ com que vivia em sua companhia, e naquelle Convento, que naõ dar occasiaõ a hum Religioso, que sempre tevera em boa conta de se inquietar a si, e a elle. Naõ sabia o Prelado que conselho tomasse, conhecia a Fr. Juliaõ por virtuoso, e sisudo; e se naõ fora a Frey Gil, a nenhuma

nhuma outra pessoa crera o que delle ouvia. Todavia mandouo vir diante de si, e sendo presente mandoulhe que fizesse a venia ao Santo (he cerimonia santa da Ordem, com que se humilha, quem offendeo, ao offendido, em sinal de arrependimento, e satisfaçaõ) acrecentando que lhe pedisse perdaõ do mào termo com que o tratara, e escandalizara aquella manham. Obedeceo o Frade quanto à venia, e alevantado por Frey Gil, que tambem se lançou no chaõ, pedio licença pera falar, e affirmou, e jurou solemnemente, que desque amanhecera o dia atè a hora presente naõ falara elle Frey Juliaõ pouco nem muito, nem mal nem bem com o Santo: e pedia a Deos naõ permitisse chegallo a tanta falta de juizo, que alguma hora perdesse o respeito a quem em seu conceito era merecedor de toda veneraçaõ, como Frey Gil. Entaõ creceo mais a admiraçaõ em todos tres, e sem serem necessarios muitos discursos assentaraõ que fora lanço do Demonio, que pertendera com hum sò tiro fazer muitas maldades: humas publicas tolhendo o bem que o Santo fazia a muitas almas na cidade com sua doutrina: outras particulares, metendoo em paixaõ, ou desabrindoo com seu irmaõ. Mas em ambos ficou enganado o Pay da maldade: porque com o irmaõ ficou mais unido em amor, e caridade fraternal: e pera continuar com seus sermoens, e insino do povo quietamente se animou muito, fazendo conta que de algum fruito eraõ, pois desagradavaõ ao enemigo de todo bem. Este successo poem o Padre Castilho em annos atràs: nòs seguimos nelle a Frey Andre de Resende que vio as memorias antigas em suas fontes.

Castilho p. 1. l. 2. cap. 72.

Resende l. 1. c. 8. in vita B. Ægidij.

CAPITULO XVIII.

Como foy eleyto em Provincial o Santo Frey Gil, e do cuydado, e inteireza com que procedeo no cargo. Passa à ilha de Malhorca celebrar Capitulo Provincial. Dàse conta da tempestade que teve no mar, e das afrontas que por rezaõ della lhe fizeraõ: e como cessou por sua oraçaõ.

NAõ durou muito esta quietaçaõ ao Santo Frey Gil. Porque faleceo na mesma conjunçaõ o Santo Provincial dom Frey Sueyro, e juntandose os Padres da Provincia pera lhe darem successor (naõ ficou em memoria onde foy a junta) e achandose nella S. Frey Gil, sem precederem votos, nem escrutinios, foy de consintimento universal acclamado Provincial. E daqui se pode fazer juizo qual era jà a opiniaõ que por toda Espanha corria de sua santidade: do que dà bom testimunho o Padre Frey Fernando de Castilho falando desta eleiçaõ por estas palavras: *Y los Frayles de Castilla le hizieron su Provincial en la primera ocasion, por tenerla ellos para ser santos con el exemplo de vn Pastor santo.* Advirtimos de passo ao Leitor que naõ lhe faça duvida, sendo esta eleiçaõ de toda a Provincia, e a primeira della, em que de força se aviaõ de juntar todos os votos que nella se comprendiaõ, dizer este Padre que a fizeraõ os Frades de Castella. Usou como melhor Orador, que historiador, da figura Retorica de

Castilho p. 1. l. 2. cap. 73.

de tomar a parte polo todo, como faz em outros casos: e naõ posso crer que quizesse seguir o costume de alguns escritores de fora, que por darem tudo o que podem a seus naturais, se aproveitaõ della à pesar das leys do officio. O anno preciso em que foy eleyto S. Frey Gil naõ consta por nenhum dos que delle escrevem. Mas pola conta que levamos dos doze annos que dom Frey Sueyro viveo Provincial vem a cayr no de 1233, que era jà o decimo do reynado del Rey dom Sancho Capelo.

Mostrou o Santo Frey Gil aos seus eleitores, e a toda a Provincia que naõ fora engano, nem favor mal considerado a honra que lhe fizeraõ. Porque onde o cargo costuma a manifestar faltas, e fraquezas nos eleitos, que muitas vezes, ou cobre a sagacidade da ambiçaõ ou o estarem longe das occasioens de governo, nelle descobrio mayor sufficiencia, e mais merecimentos. Era diligente, trabalhador, amigo da virtude, e honrador dos virtuosos: mansissimo com todos; austero, e riguroso sò consigo, e em fim mais Pay que Prelado em tudo, e como tal amado dos subditos. E podemos dizer que naõ sintio a Provincia mudança de governo, mais que no nome. Assi foy crecendo por toda a parte em Conventos, e reputaçaõ, e foy grande o numero dos que se fundaraõ por Castella, e Aragaõ, e Catalunha. E teveraõ principio em seu tempo em Portugal o do Porto, e o de Lisboa, como se verà adiante em seus particulares titulos. Mas he de considerar, que avendo no districto de sua obrigaçaõ duzentas legoas de caminho, que tantas se contaõ de Lisboa a Barcelona por estrada direita, he cousa certa que em todo o tempo deste primeiro cargo sempre visitou a pè (raro exemplo, e digno que o viramos cubiçado, e seguido em nossa idade: mostrariaõ os Prelados que sò amor de Deos os move a aceitar as honras, sem nos ficar escrupulo de os crermos.) Ajuntemos a isto (porque naõ cuyde ninguem que pedimos milagres) que acodia cada anno aos Capitulos gerais, e naõ mandava ninguem em seu lugar, nem mudava estilo no caminhar; sendo hum em Paris, outro em Bolonha: e sobre tudo levava sobre as carnes huma cinta de ferro apertada: que naõ se pode imaginar mais tormentosa companhia pera huma hora de andar a pè, quanto mais dias, e annos. Bem avia mister socorro do Ceo, e naõ lhe faltava. Donde nacia offerecerse animosamente a todo trabalho por dilatar, e illustrar a Provincia, como veremos no caso seguinte.

He a ilha de Malhorca huma, e a mayor das que saõ conhecidas entre a costa de Espanha, e Africa, com o nome de Baleares no mar Mediterraneo. Avia nella hum principio de Convento da Ordem, des do tempo que el Rey dom Jayme de Aragaõ a ganhara, poucos annos avia, aos Mouros. Pareceo à Provincia que seria acertado, pera ficar no estado que convinha pera em terra povoada de novo, celebrarse nella hum Capitulo Provincial. Naõ refusou o trabalho o valeroso Prelado: quando foy tempo, achouse em Barcelona pera daly passar. Estava de partida huma nào de mer-

mercadores pera a ilha, embarcouse nella com alguns Capitulares repartindo outros por outras embarcaçoens. Levantadas ancoras ao deferir das velas soou hum espirro entre os passageiros. Foy cousa de espanto a alteraçaõ, e pavor que entrou juntamente em mareantes, e mercadores, por huma cousa taõ natural, e ordinaria, como he hum espirro. No mesmo tempo mandaõ que se tomem as velas, e se larguem de novo as ancoras, dizendo que com tal agouro nenhum sizudo se desabrigava de terra. Acudio o Santo, mais pola honra de Deos, que pola necessidade de navegar, e começou a reprovar a determinaçaõ, com razoens santas fundadas em Fè, e Christandade, e no credito da providencia Divina, que rege, e governa todas as cousas: e dependendo todas della, nenhuma tem força nem poder em si, se naõ quanto ella lhe communica, e concede, como suprema, e ultima causa que he de tudo. Donde nace que he vaydade, e fabula dizer, que ha agouro, ou hora mingoada em tempo, caso, animal, nome ou successo. E se alguma hora se vem effeitos que acreditem as cousas, he permissaõ de Deos pera castigo de peccados, e dos que nellas attentaõ com mais cuydado, do que devem à Fè que professaõ. Sojeitaraõse os homens à boa doutrina, e obrigouos mais o vento que era de viagem, e em jornada breve, que naõ he mais de sesenta legoas de travessa. Sayraõ em popa.

Este vicio de olhar em agouros he ordinario em muyta gente, e foy particular da antiga Gentilidade, e por tal trabalha o enemigo de o introduzir, e sustentar entre os Christaons, pera dahi passar à danos mayores. Mas o successo do espirro, que estes tomaraõ em agouro avesso, foy nos tempos muito antigos recebido em contrario sintido, como o aponta o Principe dos Poetas em Penelope, de quem conta que se alegrou, ouvindo hum espirito quando Ulysses começou a executar a vingança de seus enemigos, e que o ouve por boa estrea, e sinal de vitoria. Donde fica provado o engano, e futilidade do agouro pola differença dos tempos, e opinioens. As historias menos antigas fazem mençaõ de huma doença geral, e taõ perniciosa, que o homem que dava espirito, dava com elle juntamente a vida: e quando foy aplacando, se hum espirrava, e acertava a ficar vivo, acudiaõ os presentes a darlhe as emboras, como oje fazemos sem mais rezaõ, que o costume posto jà em posse, e termos de cortezia. E por ventura foy deduzido este, e o agouro dos mareantes do mesmo principio.

Homer. Odyss. l. 17.

Ilhescas 1.p. l.4.c. 1. na vida de S.Gregor.Papa.

Mas tornando a nossa historia, cerrada a noite creceo o vento, engrossou o mar, escureceo o Ceo cobrindose de nuvens, e quando amanheceo era tormenta desfeita. Eis que começa a gente do mar a queixarse, e dar culpas a quem os fizera navegar. Acodem os mercadores, e vendo embravecer o mar cada vez mais dandose por perdidos, e perdida a fazenda que estimavaõ igualmente com as vidas: e em lugar de fazerem oraçoens a Deos, daõ em desesperaçoens: tornaõse contra o Santo, que sahio debaixo a consolallos, dizemlhe

lhe mil afrontas, e improperios, lançandolhe toda a culpa do trabalho. Ajuntaõſe outros mais danados, ou com o medo, ou com o exemplo, gritavaõ que o lançaſſem ao mar, e foſſe primeyro afogado, quem fora primeiro em os perſuadir a deixar a terra: e faltava pouco pera violarem com maons ſacrilegas as veneraveis cans. Vendo o Santo a força do tempo ajudada da rayva, e deſatino dos homens, levantou os olhos ao Ceo, e pondo toda ſua alma, e confiança em Deos, diſſe em voz alta. Que he poſſivel, Senhor, que aveis de permitir que acabemos aqui, e que triunfe o demonio, e fiquem acreditadas ſuas mintiras? Ah naõ ſeja aſſi, meu bom JESU. Acudi Senhor, e ſocorrey a voſſos ſervos, que ſe vós quiſerdes, taõ obedecido ſoys no mar, como na terra, e em todo lugar podeis caſtigar, e dar remedio. Quiz Deos moſtrar que ouvia a ſeu ſervo, e quiz que o conheceſſem, e entendeſſem aſſi, todos os que ouviraõ ſua oraçaõ. Aplacou o mar, naõ como he coſtume, ceſſando pouco a pouco vento, e ondas: mas ſubitamente, e como de pancada em acabando a ultima palavra do Santo, acabou tambem toda a tempeſtade, a furia dos ventos ficou calma, ſomiraõſe as ſerras de mares que ſubiaõ às nuvens, tornou Sol, e dia claro. Paſmados da maravilha quantos avia no navio, levantaraõ as maons ao Ceo, e voz em grita davaõ graças ao Senhor, e juntamente ao Santo: e chamanlhe Santo, e mil vezes Santo, confeſſavaõ receber de ſua maõ vidas, nào, e fazenda. Os mercadores mais em particular ſe lhe lançaraõ aos pès, e hum que mayor parte tinha na nào, e mais deſacatado andara com elle de obras, e palavras, conhecido de ſua culpa fazia força por lhe beijar os pès, pedindolhe perdaõ com lagrimas, de ſua ira, e ſoberba. Naõ ſe podia o Santo defender como verdadeyro humilde que era, a hum humilhado: e em fim diſſelhe, que o perdoaria com huma condiçaõ igual, que era, ſe elle tambem perdoaſſe a quem o tinha offendido. O mercador, ou por naõ cayr no que o Santo pretendia, ſendo colhido de ſubito: ou porque tinha inda preſentes na alma os medos paſſados, e a morte que vira nelles, naõ ſe atreveo a contradizer o partido. Era o caſo publico, e o mais falado que naqelles dias corria em Barcelona. Tevera brigas com hum parente, e ſayra dellas com tal ferida pola cabeça, que ficou julgado por morto: eſcapou com muitos dias de cura, e com ver ſeus olhos muitos pedaços de caſco, que lhe tiraraõ della. Como ſe vio ſaõ, foraõ extraordinarias as diligencias que fez, e meyos que buſcou pera ſe vingar. A gente de ſeu natural he mal ſofrida, e teymoſa. Ajuntavaſe ao eſcandalo, e afronta, ſer homem rico: fazia conta de ſatisfazer por ſi, ou por outrem, e tinha dado em ſua alma tamanho lugar ao odio, que tratando o Biſpo de o quietar, e metendoſe niſſo parentes, e amigos, e toda a nobreza da cidade, de nenhuma maneyra puderaõ com elle acabar nada. Agora obrigado polo Santo, deixouſe vencer, e deu ſua palavra de perdoar ao contrario, e ſer ſeu amigo. E o Santo ficou cheyo

de

de prazer, porque no perdaõ de hum ficou ganhando as almas, e quietaçaõ de ambos.

CAPITULO XIX.

Do estranho meyo porque Saõ Frey Gil foy sabedor do naufragio de huns Capitulares que hiaõ em outro navio. Despacha Religiosos pera Inquisidores dalgumas cidades de Catalunha. Celebra Capitulo em Burgos. Aceitase nelle o Convento da cidade do Porto. Vem a Portugal. Prèga com liberdade a el Rey dom Sancho. Recolhese a Santarem.

SAõ as merces de Deos em tudo perfeitas. Assi como deu fim à tormenta, acodio tambem com vento prospero, que brevemente os meteo no porto da ilha. Entrou o Provincial no seu Convento, que tem nome de Nossa Senhora, e S. Miguel da Vitoria; e foy recebido com espanto, e alegria de toda a terra, porque entendiaõ que de força o colhera no mar a tempestade, e davaõ graças a Deos de o verem em salvo, sendo assi, que no porto, e em terra fizera muita perda. Pola mesma rezaõ estava o Provincial com grande cuydado dos seus Capitulares, vendo que tardavaõ, e em fim veyo a saber delles brevemente polo modo seguinte. Residia no Convento da ilha Frey Miguel de Benazar natural della, nacido, e criado na ley de Mafamede. Vendo a patria conquistada por el Rey dom Jayme, deixouse tambem conquistar da verdade da Fè: foy recebido ao habito, e obrou nelle a graça de sorte, que foy hum modello de virtude, e religiaõ, e he avido por Santo entre os Padres Aragoneses. Como se esperava Capitulo era elle sobre quem carregava todo o cuydado de buscar, e pedir o necessario. Levantouse huma manhã de madrugada, despois de chegado o Provincial, a entender em sua obrigaçaõ: eys que se lhe offerece de longe huma longa procissaõ de Frades da Ordem: apertou o passo alegremente a encontrallos, tendo por certo serem os Capitulares que esperavaõ; e dandolhes a boa vinda offereciase a acompanhallos, e guiallos ao Convento. Respondeolhe hum por todos, que na verdade eraõ os Capitulares, e que pera aquella casa vinhaõ, porèm que ordenara a Providencia Divina outra cousa, mandandoos yr pera a Celestial, e soberana da gloria, onde jà descansavaõ pera todas as Eternidades: e fora o meyo deste bem a tormenta passada que abrira o navio, e ficaraõ sumidos no abismo das agoas sem escapar nenhum de vintesinco que eraõ. E isto dito desapareceraõ todos. Foy o successo de muita magoa pera o Provincial. Sintia a perda de tantos sojeitos juntos, que eraõ dos mais calificados da Provincia: e sò lhe temperava a dor como a Santo, a boa sorte, com que estava certo tinhaõ trocado as ondas, e tempestades da vida.

Como faltava nos Frades perdidos a mayor parte da Provincia, naõ ouve que esperar mais na ilha. Visitou o Convento, e fez volta pera Espanha. Chegando a ella, foylhe communicado polo Arcebispo de Tarragona hum Breve que tinha de tempos atràs do Summo Pontifice Gregorio Nono dirigido a el-

O M. Fr. Francisco Diago Dom Luis de Paramo.

elle, e aos Bispos seus suffraganeos, e despachado em Espoleto aos seis dias do mez de Mayo de 1232, e começa: *Declinante iam mundi vespere ad occasum, &c.* A sustancia do qual era mandarlhes o Pontifice que por si, e por meyo dos Frades Prègadores, e doutras pessoas idoneas fizessem diligencia contra as heregias, e hereges. E a clausula que faz ao caso traduzida do Breve diz assi:

EXhortamos vossa Fraternidade, mandando estreitamente com preceito por palavras Apostolicas debaixo de citaçaõ do Divino juyzo escritas, que por vòs, polos Frades Prègadores, e outros que entenderdes serem pera isso idoneos, inquirais com diligente cuydado se ha hereges, ou gente infamada de heregia, &c.

Estas saõ as primeiras letras Apostolicas, que achamos deraõ principio a se exercitar em Espanha o Santo Officio da Inquisiçaõ: e logo o Papa nomea os Frades Prègadores pera elle, como a quem pertencia por direito, e herança do inventor, e primeiro executor della, que foy nosso glorioso Patriarcha S. Domingos. Mas naõ nos consta do anno precriso em que se começaraõ a pòr em exercicio, sendo cousa certa que foy nos primeyros deste Provincialato do Santo Frey Gil, polo pouco tempo que viveo dom Frey Sueyro Gomez no cargo despois de expedidas as letras. O certo he, que na hora que S. Frey Gil entendeo o mandato do Pontifice, e foy advirtido polo Arcebispo dos lugares a que convinha acudir com Inquisidores, nomeou pera elles sogeitos de letras, e prudencia: e feita esta diligencia foyse dando volta à Provincia, e convocou novo Capitulo pera o anno seguinte de 1237 no Convento de Burgos na Montanha.

1237.

Este Capitulo celebrou o Santo polo Espirito Santo deste anno: e nelle foy aceitada a fundaçaõ do Convento da cidade do Porto em Portugal, sendo pedida polo Bispo, e Cabido por huma carta que contem relaçaõ lastimosa dos males que se padeciaõ naquella Diocesi sem aver justiça, nem poder que os remediasse. He carta notavel pera se entender o triste estado do Reyno, e a grande reputaçaõ em que estava a Ordem; porque a rezaõ, que daõ pera desejarem Convento, he parecerlhes que por oraçoens, e merecimentos dos Religiosos, teriaõ os males termo. Adiante vay lançada no titulo deste Convento.

Daqui veyo decendo o Provincial pera sua Patria naõ a descançar de taõ largos caminhos, mas a participar dos trabalhos que nella se padeciaõ, de que tinha aviso por cartas de muitos, e ultimamente ficara mais inteirado pola carta do Bispo, e Cabido do Porto que dissemos. Procediaõ os males, de el Rey dom Sancho se ter de todo entregue a homens pouco tementes a Deos, os quais tratando

do sò de conservar sua valia, e adiantar em riqueza, e poder, convertiaõ em interesse proprio todas as desordens, e desaforamentos que se cometiaõ na Republica. E como eraõ senhores da vontade del Rey, e o traziaõ cercado de homens de sua manga, e semelhantes a si na consciencia, e trato, quem se queixava (se alguem se atrevia a isso) ou naõ era ouvido, porque estes o tolhiaõ, ou naõ aproveitava a queixa, porque o remedio pendia delles, e avia de correr por sua maõ. Assi tendo a terra hum Principe em sua pessoa naõ mào, padecia tantos males, e sem justiças, como se fora regida polo mais cruel tyranno do mundo. E fazia o estado mais miseravel ver que nas aparencias naõ lhe faltava parte nenhuma de bom governador. Era benigno, brando, pio, religioso: entendia o bem, e o mal, e mostravao arrezoando, e conversando, e no que por seu juizo mandava, e ordenava. Sò era a desgraça, que quando chegava à execuçaõ, representava hum corpo paralitico, cujos membros naõ acodem com nenhuma operaçaõ aos movimentos da vontade. E atè nas cousas de seu gosto seguia a mesma fraqueza: porque naõ sabia querer, nem apetecer nada senaõ ao modo, e arte dos validos; os quais tendo alcançado com quem o aviaõ, jà naõ eraõ validos nem privados, se naõ amos (desaforamento grande) e senhores absolutos, e como tais procediaõ em tudo. Esperouse que crecendo na idade, creceria juntamente nas paixoens, que em Reys costumaõ a ser vehementes de ira, odio, amor, e vontade. Porque quando tomou o setro, que foy como atràs fica dito no anno de 1223, tinha pouco mais de dezeseis de idade, porèm eraõ passados mais catorze; e a remissaõ estava taõ de assento, que muitos a julgavaõ por ajudada com màs artes, e naõ natural. Donde começaraõ grandes descontentamentos nos Prelados, e nobreza do Reyno, que amando a seu Rey sobre todas as cousas da vida sofriaõ muito polo naõ desagradar; e em fim vendo que se perdia a terra, e naõ avia emenda com os annos, nem com advertencias, e cartas, e Nuncios, que à sua instancia lhe despacharaõ os Pontifices, tomaraõ huma rigurosa determinaçaõ, de que resultou chamarse, e vir Rey de fora, como ao diante veremos: que força nos ha de ser tocar o successo pera entendimento da nossa historia. Entre tanto faziaõ seu dever os nossos Prègadores, trabalhando abrir os olhos ao Rey, e trazer ao caminho da rezaõ, e da virtude os ministros. Mas chegando o Santo Frey Gil, pareceo a todos os bem intencionados, que pola boa vontade que el Rey lhe tinha, e por sua autoridade, e nobreza acabaria alguma cousa com elle, ou com os validos: e por isso era desejada sua vinda de todo estado de gente. Assi começou a fazer em publico, e em particular tudo o que devia a quem era, e ao conceito que delle se tinha, sem grangear nem adular, sem pretender, nem tratar mais que do bem publico. Mas foy Deos servido por seus occultos juizos, que nada aproveitasse. Deixou logo a Corte, por naõ parecer que autorizava as-

assistindo, o que naõ podia remediar aconselhando. Recolheose a descançar no Convento de Santarem, e tomar hum pouco de alento pera novo, e mayor trabalho, que era averse de achar no anno seguinte de 1238 em Bolonha, onde pertencia o Capitulo geral futuro. Amava o Santo Provincial a casa de Santarem, polas mercès que nella recebera do Senhor: e quanto tempo podia furtar aos negocios, tanto empregava com Deos por meyo de alta contemplaçaõ, taõ descuydado de tudo o da terra, que em qualquer momento que o deixavaõ, assi ficava na cella, como se vivera nos desertos da Thebayda. Aly era o remontar sobre todos os choros dos Anjos: unirse por amor, ao abismo da soberana Divindade: aly o pasmar na Magestade, e abrasarse em desejos de romper as prisoens da carne, e ficar muitas vezes em estado que de todo parecia estar livre dellas, e tresladado jà ao Ceo. E era tal a suavidade, que nesta santa occupaçaõ achava, que quando della sahia, ou era chamado pera negocios de sua obrigaçaõ, testemunhavaõ os olhos com lagrimas, e o peito com suspiros o muito que lhe custava tiraremno della. Muitos casos espantosos lhe succederaõ nesta materia, diremos alguns no capitulo seguinte.

1238.

CAPITULO XX.

Dos grandes effeitos, que fazia no Santo a força do amor Divino, com diversidade de enlevamentos, e raptos maravilhosos. Contaõse alguns. Dà principio ao Convento de Lisboa.

COstumava o Santo Provincial por sua grande humildade em meyo das mayores occupaçoens do cargo, visitar com gosto os irmaons de casa de noviços, fazerlhes suas praticas, insinallos, e animallos. Achandose hum dia neste Convento de Santarem com huns que de fresco tinha recebido, foylhes dizendo algumas cousas, e em particular como a melhor arma que avia contra as tentaçoens do Demonio era a oraçaõ: e a melhor, e mais perfeita oraçaõ consistia em trazer sempre a Deos diante dos olhos da alma louvandoo, desejandoo, amandoo: que esta purificava a alma de toda a culpa, e a habilitava pera passar a outro grào mais alto, e tal que quem a elle chegava, começava a sintir nesta vida humas luzes da gloria, huns penhores da eternidade, que exprimentados se faziaõ estimar mais que todos os thesouros, e todos os Reynos da terra. Hia o Santo assi discorrendo, e deleitandose nos bens que prometia, se naõ quando de repente se lhe ata a lingoa, perde a fala, e fica mudo, e taõ profundamente arrebatado, que os moços que naõ tinhaõ visto, nem ouvido cousa semelhante, ficaraõ primeyro pasmados, e suspensos: mas vendo que naõ tornava, julgaraõ que fora effeito de velhice, ou de can-

cansaço: e avendo que ficava bem adormecido, despejaraõ o Oratorio, e recolheraõse. Porèm brevemente foraõ desenganados da calidade daquelle sono com o caso seguinte succedido na mesma casa.

Entrou huma manham pola enfermaria a visitar os doentes: cousa em que recebia consolaçaõ, e a dava grande. Chegouse a hum que padecia dores, e estava impaciente com a força dellas, começoulhe a dizer algumas palavras pera o animar a sofrer, e sofrendo merecer. E na verdade traziaõ todas as suas huma certa virtude envolta que obrava maravilhas. No meyo dellas deu o enfermo hum sospiro acompanhandoo com o nome de JESU. Foy cousa estranha, que em lhe soando nas orelhas aquelle santo nome, perdeo a corrente do que dezia, e derretendoselhe a alma com suavidade, como se ouvira huma musica dos Anjos, dezia cheo de alegria: Irmaõ Frey Martinho (assi se chamava o doente) sabeis como he fermoso, como he amavel, como he doce esse nome Divino? sabeis as riquezas que em si encerra? E repetindoo muitas vezes levantouse com força, como quem se abalança pera dar grande salto, ou pera correr, e alcançar alguem, e ajudandose do bordaõ que trazia na maõ. Mas nesta postura o desemparou a alma adiantandose a fazer, o que o corpo mostrou que queria, e desejava, e voou taõ longe que ficaraõ os membros como huma estatua de marmore privados de todo sintido, e movimento humano, encostados ou pendurados sobre o bordaõ: e taõ fixos, e immoveis, que acudindo muitos Padres a lhe fazer força pera tornar em si com empuxoens, e aballos, naõ faziaõ mais effeito que se o ouveraõ com hum monte. Residia no Convento Frey Vicente de Lisboa que fora Medico de fama, e dos mais estimados da casa del Rey dom Sancho, e o foy acompanhando despois quando deixou o Reyno como fica dito. Este fiado no muito que sabia de Filosofia humana, e querendo medir com ella as grandezas divinas, de nenhuma maneyra se persuadia que podia aver tal genero de enlevamentos. Como o Santo ficou no estado que temos dito, naõ faltou quem folgasse de o avisar. Veyo correndo, vioo, e naõ crendo ainda o que via, arrebatoulhe o bordaõ tendo por certo que viria ao chaõ tirado o arrimo. Mas ficando em pè, e sem mudança, passou o medico de incredulo a cruel. Porque despois de provar forças pera o menear, despois de lhe tirar com aspereza polos narizes, buscou huma agulha com que lhe picou cruamente as maons, e ultimamente como se fizera auto de Inquisiçaõ pera tirar a limpo negocio duvidoso, trouxe huma vela acesa, e naõ se deu por vencido atè que vio que nem com lhe queimar as unhas, e as pontas dos dedos, mostrava sintimento, nem dava acordo de si.

Muyto ordinarios eraõ estes raptos no Santo: e seria grande leitura especificar todos. Mas o que teve em Leyria vindo de caminho merece ser sabido por huma grande circunstancia que nelle ouve de mais, e pola publicidade com que foy celebrado. Caminhava pera Coimbra, e acer-

acertou de fazer noite em Leyria em casa de huma molher virtuosa, e nobre, que chamavaõ de sobrenome Pichena. Chegando entrou pera huma camara que lhe tinham concertada, e assentouse na borda da cama pera descançar hum pouco. Como seu descanço era conversar nos Ceos, segundo a lingoagem, e vida de outro S. Paulo, tudo foy hum assentarse o corpo, e voar a alma arrebatada de huma extasi vehemente, que levou tràs si os membros atè junto do telhado. Acompanhavaõ Frey Andre Pires natural de Santarem que era novo nestas materias, e entrando no aposento ficou pasmado parecendolhe que via fantasma. Quando cahio no que era julgou que seria bem decello: deu aviso à senhora da casa, juntaraõse os criados, fizeraõ força, deraõlhe tormento com balanços, e aballos, e naõ somente o naõ puderaõ decer, mas nem levemente menear. Soubese do caso na vizinhança, acudio toda, e passando a voz veo correndo o lugar inteiro com tanto alvoroço que naõ cabendo nas casas sobiraõ polos telhados, e destelharaõ a camara por verem a maravilha. Era alta noite, o Santo naõ tornava, nem os homens se podiaõ apartar feitos extaticos do que viaõ: em fim obrigados das horas do sono despejaraõ. Passado grande espaço foy espertando, e tornou ao primeiro assento, e sabendo do companheiro o que lhe acontecera, e o concurso que ouvera, sintido, e corrido de ser achado com aquelle santo furto nas maons, pagouo com novo trabalho, que foy madrugar de sorte, que quando amanheceo tinha feito muito caminho.

Ad Philip. 3.

Mas porque ao diante averà lugar de tornarmos a dizer mais alguma cousa dos effeitos que o amor Divino obrava no Santo, he tempo de darmos conta da jornada de Bolonha. E he de saber, que antes de partir de Santarem lhe chegou recado de ser falecido o Mestre Geral da Ordem o Santo Frey Jordaõ, e que se avia de fazer eleiçaõ de Geral. Achouse o Santo a tempo com os mais Provinciais em Bolonha por Pentecoste de 1238, e foy eleito o Santo Frey Raymundo de Penhafort. Desta vez faço conta que trouxe o Provincial a capa de nosso glorioso Patriarca, com que enriqueceo o seu Convento de Santarem, alcançandoa do novo Geral seu grande amigo, e atè entaõ subdito. E porque naõ consta do anno certo em que a ouve, sendo cousa certa que a elle a devemos, tambem ha quem diga que lha deu o Mestre Frey Jordaõ. E pera concluirmos com o que mais fez no tempo que lhe durou o trabalho de Provincial desta primeira vez que servio: achamos apontado que de huma jornada destes Capitulos gerais que se faziaõ cada anno, tornando pera Espanha, nos tirou de França (naõ consta do anno precisamente) o grande, e ditoso espirito Frey Bernardo de Morlans, pera filho de habito, e gloria de Santarem: de cuja vida, e morte ao diante falaremos largo. Pouco tempo despois, que foy no anno de 1241 aceitou o Convento de Lisboa, e a rogo del Rey dom Sancho Segundo, e com licença do Dayaõ, e cabido da Sè que estava vacante, lançou nelle a primeira pedra hum Bispo estrangeyro,

1241.

co-

como veremos adiante no titulo desta casa, onde pertence a relaçaõ inteira de sua fundaçaõ por escusarmos repitiçoens. O que aqui podemos dizer he, que procurar el Rey honrar, e acrecentar a Ordem em tempo que S. Frey Gil, e os seus Frades andavaõ afiados contra sua fraqueza, e contra a força de seus ministros: nelle era obra de sua boa, e pia inclinaçaõ: mas nos que o mandavaõ, e consintiraõ no edificio, ou obrava a ambiçaõ de agradarem ao povo com alguma empresa virtuosa, ou era manha, e pretençaõ de aplacarem por esta via ao Santo, e aos seus. Mas brevemente mostrou o effeito que em ambas as cousas se enganavaõ.

Naõ ha clareza nos escritores antigos dos annos que o Santo governou a Provincia desta primeyra vez, nem que rezaõ ouve pera deixar o cargo; sò nos consta por huma conveniencia que adiante tocaremos, que na entrada do anno de 1246 jà estava livre delle. E sem duvida podemos crer, que ou elle pedio absolviçaõ, ou lha procuraraõ os privados del Rey dom Sancho, por abaterem de autoridade hum contrario, que por nenhuma via podiaõ mollificar.

CAPITULO XXI.

Como foy decretada a deposiçaõ del Rey dom Sancho do Reyno: e como lha intimou em sua pessoa o Santo Frey Gil. Contaõse as afrontas que por isso recebeo: e a revelaçaõ que teve no meyo dellas: e huma antiguidade, em que se mostra quanto era estimado del Rey dom Afonso.

TInhaõ chegado a tamanho estremo a remissaõ del Rey dom Sancho, e os excessos dos que o governavaõ, que os Prelados, e nobreza se determinaraõ em pedir ao Papa mandasse a este Reyno o Infante dom Afonso seu irmaõ segundo, que em França vivia, naõ pera tirar o Reyno a dom Sancho, mas pera o governar com justiça, e melhores conselhos em sua vida, e succeder nelle por sua morte naõ tendo filhos. Foraõ procuradores deste requerimento o Arcebispo de Braga dom Joaõ Egas, e o Bispo de Coimbra dom Tiburcio, que sendo mandados por el Rey dom Sancho a outro effeito aceitaraõ de boa vontade a jornada pera negocearem com mayor affouteza, e mais a seu salvo o bem da Patria. Estavã em Paris o Infante casado com Matildis Condessa de Bolonha em Picardia, cidade que os Franceses chamaõ Bilhon. Viraõse os Prelados com elle. Despachou o Papa seus Breves pera o Reyno da deposiçaõ de dom Sancho com as condiçoens acima referidas, que a lealdade Portuguesa apontou, e pedio pera naõ faltar, como nunca em nenhum tempo faltou no ponto della. He hum famoso Decreto, que

Duarte Nunes de Liaõ na Cron. do Conde dom Anriq. f. 19.

Lib. 6. Decret. Capit. Grandi. Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Sanch. II.

que anda inserto no Direyto Canonico. Com os Breves mandou Commissarios a Paris, que em presença dos dous Prelados, e de Ruy Gomes de Briteyros, e Gomes Viegas fidalgos principais, e Frey Pedro Afonso Frade Dominico, e Frey Domingos de Braga Franciscano, como aceitantes todos deste contrato em nome do Reyno, deraõ juramento ao Infante Conde na conformidade do Decreto. Passou este auto em Paris em primeiros de Setembro do anno de 1245, e logo como pola posta chegaraõ treslados delle a Portugal, e mandatos do Summo Pontifice aos Religiosos de S. Domingos, e S. Francisco que intimassem o que estava decretado pola Sè Apostolica a el Rey dom Sancho, e o publicassem nas cidades, e povo.

Estava S. Frey Gil despejado do cargo, quieto, e descançado na sua cella: tinha obrigaçoens pessoais a el Rey, e outras particulares por seus irmaons, e parentes que o serviaõ: mas tocavalhe por Prègador fazer sua diligencia com o povo, em cumprimento dos mandatos Apostolicos: e por pessoa de autoridade fazella com o proprio Rey. Nestas contrariedades venceo o bem publico ao particular da carne, e sangue: e pesou mais a obrigaçaõ de Ministro da Igreja, que a de sua quietaçaõ. Poemse em campo, e sabendo certo que fazia embaixada de muito desgosto pera el Rey, e de grande perigo pera si, foyse ao Paço, e com a liberdade de hum Bautista, declaroulhe no rosto, e na presença dos poderosos, que o cercavaõ, a vontade, e determinaçaõ do Pontifice. Era dom Sancho taõ froxo de natureza como temos visto, e pera com Religiosos facil, e cheyo de santos respeitos: com tudo neste caso alterouse, e tomou fogo. Porque tirarselhe o Reyno avido por herança, confirmado como posse, nem elle se persuadia que poderia nunca ser, nem que averia quem tivesse boca ou espirito pera lhe falar em tal, (e assi lho faziaõ crer os que o enganavaõ em tudo o mais.) Queria responder, mas adiantouse hum dos que o acompanhavaõ, e mandavaõ, e que mais desaforadamente usava de tal mando, e poder: e como em causa que por igual lhe tocava, desatou furiosamente a lingoa contra o Santo em huma corrente de palavras injuriosas, e tais que naõ foraõ menos descortezes pera hum Rey que as ouvia, que pera as cans veneraveis, e habito Religioso: porque entre gente de primor, e bom entendimento quasi igualmente offendem as descortezias aos amigos, e enemigos. Hia o Santo apercebido pera dar a cabeça ao talho, se cumprisse; humilhoua às palavras, que às vezes he mais. Mas aquelle Senhor que dos seus Santos he taõ cuydadoso, que nem hum cabelo da cabeça consente que percaõ, como consintirà que se lhe tire da honra? Aly mesmo lhe revelou logo o castigo com que determinava vingallo. Hia por seu companheyro Frey Andre Religioso de autoridade, e que em secular professara letras; quando vio, e ouvio o vilipendio com que o Santo foy tratado diante del Rey, e ambos lançados fòra do Paço, vinha pasmado, e queixavase como naõ fulminava o Ceo

Luc. 21.

o Ceo coriscos sobre tanta maldade. Deixayo, Padre Frey Andre, respondeo o Santo, que pouco fez pera o desaventurado fim que o espera, e lhe vereys cedo. Mostrou o successo brevemente comprida esta revelaçaõ, e profecia. Porque entrando o Conde de Bolonha em Portugal, foy este hum dos primeyros que ouve às maons, e sendolhe provados enormes delitos, fezlhos pagar por junto na forca.

Fr. And. de Resende lib. 2. tract. 3. exép. 49.

Retirouse el Rey dom Sancho pera Castella: viveo pouco mais de hum anno, e succedeo o Conde no Reyno. E como as cousas delle naõ saõ de nossa obrigaçaõ mais, que em quanto pertencem a esta Historia, ou pera melhor entendimento della, ou por irem com ella travadas, iremos tocando sòmente algumas, que fizerem a nosso caso, como fizemos no successo passado.

A primeira que se offerece he huma carta de confirmaçaõ que o Conde fez pouco tempo despois de recebido em Lisboa, e ainda antes de tomar o titulo de Rey, pola qual lhe confirma todos seus foros, e privilegios, vista a pronta obediencia que nos moradores della achou aos mandatos Apostolicos, e em seu recebimento. Esta anda tresladada nos livros da Camara em hum que chamaõ dos Prègos. E merece andar tambem neste, pola honra, e lugar que nella tem S. Frey Gil, assinando com o Arcebispo de Braga, e com o Bispo de Coimbra ao que parece, como confirmando, segundo uso daquelles tempos, inda que o naõ declara. A carta tirada do original he a seguinte:

Livro dos Prègos f. 4.

ALfonsus filius illustris Regis Portugalliæ, & procurator regni eiusdem, & Dei gratia Comes Boloniæ, Prætori, Alvazilibus, & universo Concilio Ulisbonensi, in vero salutari Salutem. Cum propter malum statum regni Portugalliæ, in quo fides, & iustitia crudeliter deperibat, ad magnum clamorem Prælatorum, Baronum, & Conciliorum, Dominus Papa ad supradictum regnum nos mitteret, ut ibidem fidem & iustitiam faceremus obseruari: vobis qui mandato Apostolico & nostro prudenter obedistis contra inimicos fidei & iustitiæ, concedimus vobis chartas vestras, & foros vestros scriptos & non scriptos, & omnia iura ad vestram ciuitatem pertinentia, sicut ab antiquo habuistis, & vobis concesserunt progenitores nostri, & promittimus seruare. Promittimus etiam vobis, quòd si qui fori mali inducti sunt de novo contra vos, quòd eos tollemus, & conseruabimus, & custodiemus vos in bono statu, quantùm Deus possibile nobis dederit intelligere. Et vt factum nostrum firmius robur obtineat, hanc præsentem chartam sigilli nostri munimine fecimus roborari. Acta apud Ulix-

Ulixbonam Mense Februarij sub Æra M. CC. LXXXIIII. præsentibus Dominis I. Archiep. Bracharen. & T. Episcopo Collimbriensi, & G. commendatore de Mertola Ordinis Militiæ Sancti Iacobi, & Fratre Ægidio Ordinis Prædicatorum, & per Gillium Giron.

A traduçaõ em vulgar he a seguinte:

DOm Afonso filho do illustre Rey de Portugal, e do mesmo Reyno administrador, e por graça de Deos Conde de Bolonha. Ao Corregedor, Justiças, e Alguazis, e a todo Conselho, e Camara de Lisboa saude, no que he verdadeira salvaçaõ. Como quer que o Senhor Papa avendo respeito ao mào estado em que o dito Reyno estava por falta de verdade, e fidelidade, e justiça, me mandou que viesse a elle à petiçaõ, e requerimento dos Prelados, e fidalgos, e povos, pera ordenarmos que se guarde justiça, e aja bom governo. E vòs outros obedecestes aos mandados Apostolicos, e nossos, sem fazerdes caso dos enemigos da verdade, e justiça. Por tanto vos concedemos, e confirmamos as cartas de vossas liberdades, e vossos privilegios, e foros, assi os que tendes por escrito, como os que sò em costume, e sem escritura alguma gozais, e todos os mais direitos a vossa cidade pertencentes, assi, e da maneira que polos Reys deste Reyno meu pay, e avòs vos foraõ concedidos, e outorgados, e os tendes de tempos antigos, assi volos prometemos manter, e guardar. E outro si prometemos, que avendo de novo introduzidos alguns foros contra rezaõ, e em prejuizo de vossa Republica, tiraremos, e vos guardaremos, e manteremos em todo bom estado, quanto o Senhor Deos for servido deixarnos com o entendimento alcançar. E pera que o que assi fazemos, e ordenamos, mais força, e vigor tenha, vos mandamos dar esta carta com nosso selo firmada, e autorizada. Feita em Lisboa no mez de Fevereyro da Era de mil e duzentos e oitenta e quatro (*responde ao anno do Senhor* 1246) sendo presentes dom Joaõ Arcebispo de Braga, e dom Tiburcio Bispo de Coimbra,

e dom

e dom Gonçalo Commendador de Mertola da Ordem de Santiago: e Frey Gil da Ordem dos Prègadores. Escrita por Gil Giraõ.

Bem se deixa ver que estava o Santo jà izento do cargo de Provincial, quando assinou nesta carta, porque naõ se esquecera o escrivaõ de lhe dar o titulo da dignidade, se a tivera, como deu aos mais. E esta he a conveniencia em que nos fundamos, como atràs fica apontado, pera o darmos por assolto della jà des do anno atràs.

CAPITULO XXII.

De alguns effeitos admiraveis da oraçaõ de S. Frey Gil, em que se vio por casos differentes o muyto que por ella alcançava de Deos.

Fr. And. de Reséd. l. 2. tr. 1. exép. 99. in vita B. Ægidij.

O Mestre Frey Andre de Resende affirma que succedeo ao Santo o que agora queremos contar, quasi vinte annos antes de sua morte. Por onde nos cae bem no fim deste anno de 1246, em que vamos: ou na entrada do seguinte, visto como faleceo no de 1265 segundo adiante veremos.

1246.

Acabou hum dia de dizer Missa no Convento de Santarem, pera onde se acolhia, e recolhia todo o tempo que tinha por seu. Foyse logo ao Coro, segundo seu bom costume, a dar graças ao Senhor de taõ alta mercè, como recebia naquelle Divino pasto. Sintiose abalado do espirito. Quizse retirar a lugar menos publico, pera lograr com mais segredo estes segundos bocados, demandou a Sacristia, Achandoa fechada, e naõ podendo mais resistir a quem o chamava, assentouse junto da porta, e deixouse nas maons da disposiçaõ Divina, como quem naquelle espaço naõ tinha vontade, nem era senhor de si. Começando a dormir aquelle sono bemaventurado, que Deos dà a seus amados em arras da herança mayor que os espera, estava na Igreja huma nobre, e virtuosa femea, moradora na mesma villa, e muito continua na nossa Igreja (chamavase Elvira Duranda.) E ou fosse a caso, ou que tevesse alguma cousa que negocear com o Sacristaõ: ou porque na verdade todos os casos da terra vem traçados, e acertados do Ceo, chegouse à huma rede, ou ralo da porta, por onde sem abrir respondia o Sacristaõ, a qual naquelle tempo em que os Frades se serviaõ ainda da ermida antiga, ficava defronte da outra da Sacristia, e deu com os olhos no Santo, que estava todo enlevado, e como passado deste mundo. Detendose hum pouco, eis que vè decer sobre elle huma coluna de luz mais clara, e mais bella que a do Sol, e logo ficar o Santo todo penetrado della, resplandecendo como hum cristal puro, transparente, e fermoso, e do rosto lançando rayos, que ella comparava, por naõ achar semelhança mais propria, aos que reverbera hum espelho ferido do Sol. Ficou a molher attonita, e como fora de si, naõ crendo bem a seus olhos visaõ taõ nova. E como ninguem lhe tolhia lograrse della, deixou-

Ps. 126.

se estar na Igreja, como despois affirmava, espaço de duas horas, por ver em que parava: em fim vio yr mingoando, e desaparecendo todo aquelle fogo, e o Santo tornando em si, mas com huns sospiros arrancados do centro da alma, como quem perdia estado, que lhe custava muito deixallo. E notou que ao partir se foy arrimando às paredes, e apalpando, como quem levava ainda a vista, e os mais sintidos enleados. Hum dos Padres antigos, que isto escreveraõ, affirma que Elvira Duranda gritou, cuydando que o Santo se abrazava em verdadeiro fogo, e que aos brados acudio toda a Communidade, e foy testemunha do que temos contado. Foy o successo pera esta alma occasiaõ de grande bem seu, e doutras muitas. Porque fazendo reflexaõ no que vira, e discorrendo com bom juizo que naõ podia ser a caso communicarselhe aos olhos mortais huma maravilha taõ celestial, foy logo assentando consigo levantar o espirito a hum genero de vida mais alto, e mais perfeito que o que atè entaõ seguira. Faltavaõ na villa Mosteyros de Freyras, resolveose em fazer sò mosteyro por si (tanto pode huma boa inspiraçaõ.) Recolheose ou sepultouse em huma estreita casinha terrea que mandou edificar no sitio, onde agora vemos o Mosteiro da Trindade, sem mais entrada, nem porta, nem janella, que huma pequena fresta, ou seteyra pera luz, e pera receber a comida que lhe vinha de fora, e a seus tempos os santos Sacramentos da Igreja. A esta animosa molher foraõ imitando outras, e crecendo o numero vieraõ a dar principio ao Mosteyro que chamamos das donas da Ordem de S. Domingos, de que ao diante faremos particular titulo, quando lhe chegar seu anno. E nelle daremos larga relaçaõ da vida, e calidade desta devota, e de suas companheyras, e da rezaõ porque a Ordem se encarregou dellas. Por hora baste saberse que se deve sua origem a S. Frey Gil.

L.5.c.20.

Ajuntaremos a este caso outro, que tambem foy effeito notavel da oraçaõ do Santo, se bem por via, e termos differentes, e a meu parecer devia acontecer polos annos em que vamos, e sendo elle Prior desta casa. Porque naõ o especificando os autores antigos, da mesma narraçaõ se collige. Contaõ pois, que estando huma tarde com o Santo o Padre Frey Giraldo Domingues pessoa de letras, e espirito, que por tal foy nomeado por el Rey dom Afonso Terceiro, por hum de seus testamenteiros: era a conversaçaõ santa, estendeose, e entrou muito pela noite. Quiz o Santo antes de se agasalhar, dar huma volta ao Convento, e ver como estava fechado, e cercado. Em saindo da cella começaõ a ouvir huma revolta espantosa de estrondo, e grita, e vozes confusas, que parecia soverterse a casa. E Frey Giraldo, que allumiava ao Santo, perdido de medo deixou cayr a vela, e cahio meyo amortecido. Animavao o Santo, e dezialhe. Naõ ha que temer, eu sey o que isto he, algum roubo me quer fazer o lobo tragador no Convento: e mandavalhe que fosse a acender a vela. Nesse passo chegou o Supprior Frey Domingos Afonso fazendo estremos

mos de ſintimento, e dizendo que naquella hora era fogido de caſa de noviços hum moço dos que melhor geito moſtravaõ, eſtando em veſpara de Profiſſaõ. E o que mais lhe dohia que ſe fora deſatinadamente, e com perigo por cima de hum telhado. Naõ me enganou o roubador, reſpondeo o Santo, bem lhe conheci os bramidos, mas em vaõ ſe alegra com a preſa, que ſe Deos he ſervido, eu lha arrancarey das unhas. E lançandoſe por terra no meſmo lugar, começou a orar polo fugitivo. E foy tal a efficacia da oraçaõ, que logo moſtrou o ſucceſſo que fora ouvido. Porque o noviço ſem ninguem o buſcar tornou polo meſmo telhado, e vindoſe buſcar a cella do Santo deu com elle, onde ainda jazia proſtrado em oraçaõ: e lançandoſelhe aos pès com eſpanto de toda a Communidade que eſtava junta, contou que o enemigo o tentara taõ apertadamente aquella noite, que como fòra de ſeu juizo o fizera lançar polos telhados ſem ſaber por onde hia: e buſcando deſpois por onde ſaltar fòra, lhe dera na cabeça huma vertigem que o embaraçara, e detivera: e querendo todavia lançarſe do telhado abaixo, lhe acudira Deos por tal modo, que ſem ſaber como, elle meſmo ſe reprendia com palavras tais que parecia lhas davaõ por eſcrito dizendo: Aonde vàs traydor? Para iſto te lançaſte aos pès de hum homem Santo pedindolhe te recebeſſe na Religiaõ? Para iſto o importunaſte que rogaſſe a Deos por ti? Hora ſus, tornate a elle, que pay he, e tu es filho: naõ te negarà perdaõ. Aſſi dizia derramando muitas lagrimas, e fazendo que todos o acompanhaſſem nellas. Levantouo o Santo, e levouo nos braços chevo de alegria, como a outro filho prodigo: e naõ duvidou fazerlhe profiſſaõ no dia ſeguinte: nem o moço faltou polo tempo adiante nas eſperanças que tinha dado nos principios.

Aconteceo neſte tempo yr o Santo a hum Capitulo, e da volta paſſar por Ç,amora, onde avia jà de alguns annos hum muito religioſo Convento da Ordem. Deſejou deſcançar huns dias, e recrear ſeu eſpirito com o trato, e ſantidade dos ſojeitos que nelle reſidiaõ. Achou aqui enfermo hum ſeu conhecido antigo chamado Frey Pedro Fernandes de naçaõ Galego, e à differença doutro chamado Eſpanhol, de grande nome em letras, mas muito mayor em virtude. Lera Theologia em muitos Conventos da Ordem, e em Santarem tevera eſtreita familiaridade com o Santo, e fora ſeu filho de confiſſaõ. Viſitouo, e conſolouo, e perguntando deſpois a hum Padre amigo do enfermo, polo tempo, e eſtado da doença, elle lhe deu toda a informaçaõ, e juntou que fazendo por elle oraçaõ, como por peſſoa importante à Ordem, e amigo, tevera huma viſaõ, e naõ podia attinar com o que ſignificava: e era que vira ſobre hum monte alto ao enfermo cercado de muita luz, e acompanhado de dous mancebos, cuja diſpoſiçaõ, e ar excedia tudo o que a ſeu parecer podia aver na terra, de gentileza. Tornou o Santo deſpois a Frey Pedro, e ou foſſe polo que colligio da viſaõ como Santo, ou polo que entendeo do eſtado da doença

co-

como Medico; e sabendo bem com quem falava: Boas novas, disse, Padre Frey Pedro, boas novas vos trago. Alegrar, que he chegada a hora de vos yrdes pera o Ceo. Peçovos que em pago dellas saudeis em meu nome a Virgem Nossa Senhora, e a nosso Padre S. Domingos. Assi ficou alegre, e alvoroçado o doente com as novas da morte, como as pudera festejar de saude perfeita quem muito a desejara: e cheyo de prazer, dezia: Meu irmaõ Frey Gil torneme a dizer isso, que naõ ha pera minha alma gosto igual. E dando inteiro credito à embaixada (que he facil de crer o que se deseja) pedio as armas santas da Igreja que saõ os Sacramentos, os quais recebidos com tanta devaçaõ que a fez grande a todos, chamou ao Santo, e contoulhe com segredo, e lagrimas que naquella hora o visitara a Virgem Mãy de Deos acompanhada do Dicipulo amado: e lhe posera na cabeça huma fermosa coroa que em suas benditas maons trazia: e o Dicipulo lhe posera outra: mas naõ podia entender por onde lhe vinhaõ tamanhas honras, conhecendose por grande peccador. Respondeolhe o Santo que ambas lhe pertenciaõ. A da Virgem, pola pureza virginal que toda a vida guardara: a do Discipulo pola dignidade de Doutor ganhada com o trabalho de insinar, e prègar. E ambas, acrecentava o Santo, vos alcançou o favor da Senhora, e a intercessaõ do Discipulo. Peçovos que me encomendeis muito a ella. Levantou o enfermo as maons, e com grande segurança prometeo que o faria. E tràs isto pedio que se fizesse sinal com as taboas pera se juntar a Communidade. Sendo juntos os Religiosos despediose de todos com palavras santas, e acabou com estas. Sabey certo, meus irmaons, que tem Deos particular amor a esta nossa Ordem, e que se agrada muito do serviço que se lhe faz nella: estimaya, e amaya com caridade, e observancia. Grande enemigo tendes no Inferno: muito aborrecer este monte Sion. Mas naõ ha que temer, que certo he naõ vos faltar o socorro do Ceo. Apoz estas rezoens passou da vida com tal seneridade, como se passara de huma cella pera outra. Este caso he hum dos muitos que o Santo escreveo ao Mestre Geral Humberto, e succedeo algum tempo antes do anno de 1260. Como se prova de que o poz em memoria entre os exemplos dos Santos da Ordem Frey Gerardo Fraqueto no seguinte de 1261 por mandado do mesmo Geral. O que advirtimos, porque naõ falta quem faça a este Padre filho do Convento de Estelhà da provincia de Aragaõ, sendo assi, que aquella casa se começou a edificar quasi polos mesmos annos de 1260, ou de 1259. E nòs temos conjeituras provaveis, que tomou o habito com os primeyros filhos do Convento de Montejunto, e por isso pertence a este de Santarem com que vamos continuando, porque que quem ler com attençaõ os casos, que o Santo escreveo ao Geral Humberto, e andaõ referidos polos historiadores da Ordem, acharà que saõ pela mor parte succedidos em filhos dos Conventos de Portugal. Falou dos de sue patria com quem tinha communicaçaõ es-

Fr. Gerardo Fraq. l. 5. c. 3. exemp. 16. dos Frades da Ordem Fr. Franc. Diago l. 1. c. 7. da provincia de Arag.

eſtreita, e pola meſma rezaõ mais certeza de ſuas couſas.

CAPITULO XXIII.

Vem a Santarem o novo Provincial. Achaſe preſente a huma extaſi do Santo. Dà el Rey dom Afonſo principio à Igreja de S. Domingos de Lisboa. Refereſe a familiaridade com que tratava a S. Frey Gil em Santarem. E como convaleceo da gota por ſeu meyo. Torna o Santo a ſervir o cargo de Provincial.

Refende na vida de S. Fr. Gil l. 2. exemp. 2.

SUccedeo ao Santo no cargo, e governo da Provincia o Padre Frey Pedro de Hueſca (ſegundo achamos em Frey Andre de Reſende, mas ſem declaraçaõ, ſe foy ao primeyro cargo, ſe ao ſegundo) eſte Provincial decendo a Portugal em proſecuçaõ de ſeu officio veyo viſitar o Convento de Santarem: e como andavaõ na boca de todos, os raptos do Santo Frey Gil, foy huma das primeyras couſas que ouvio aos Frades, mas taõ pouca fé lhes deu como ſe fallaraõ dos maiores impoſſiveis da terra. Succedeo que ſe deteve alguns dias, e nelles (era por huma feſta) acabando o Santo de dizer ſua Miſſa pola manhã cedo, foiſe ao Coro, ſegundo ſeu coſtume: e antes de ſe pòr de joelhos, foy prevenido do Ceo: e aſſi como eſtava em pè, e direito ficou todo abſorpto. Acudiraõ os Frades logo ao Provincial, dizendo que podia deſenganarſe do que naõ cria, ſe quizeſſe dar poucos paſſos. Foy o Provincial, e achouo, como diſſemos, e primeiro por ſe certificar do que lhe affirmavaõ, chegoulhe a orelha à boca, e narizes, e naõ lhe ſintindo reſpiraçaõ nem anhelito, fez bater rijamente nas cadeyras com hum martello de ferro que a caſo ficara nellas a huns Carpinteyros do dia dantes. E naõ eſpertando o Santo de ſeu ſono, nem elle de ſua incredulidade, pozlhe as maons empuxandoo a toda força, com outras diligencias extraordinarias. Em fim quando lhe naõ ficou nada por tentar deuſe por convencido, e acabou de crer com lagrimas de arrependimento, e compunçaõ.

1249.

Por eſte tempo que foy polos annos de 1249, começou el Rey dom Afonſo a grande machina da noſſa Igreja de Lisboa, como a vemos oje. Devia parecerlhe couſa pouca pera taõ grande cidade, e que cada dia hia crecendo, a que el Rey dom Sancho ſeu irmaõ fizera com o Convento: moſtrou ſeus eſpiritos na magnificencia, e ſumptuoſidade da obra, e o poder real na diligencia, acabandoa em dez annos, como ao diante diremos em ſeu proprio lugar. Fazemos aqui mençaõ della por ſer feita em vida de S. Frey Gil, viſto como naõ devia importar pouco pera el Rey ſe reſolver em tamanha fabrica a preſença do Santo, e o goſto que moſtrava de lhe fazer honra, e favor, como o declarou em muitas couſas outras polo tempo em diante. E foy huma vindo a Santarem por Dezembro do anno de 1251 communicar o Santo com grande humanidade, e brandura. Vindo ao Moſteyro muitas vezes, e pera o poder fazer mais familiarmente, e com menos nota da mageſtade, e autoridade real, como o Santo era velho, e enfermo, e por eſſa rezaõ tinha hu-

1251.

huma pobre cella separada do Dormitorio comum, porque quasi nunca sahia della senaõ pera a Igreja, ou pera o Coro, mandoulhe el Rey prantar, e cercar hum jardim junto della, ao qual vinha, e nelle despedidos os fidalgos, e acompanhamento real se ficava sò, e devagar com o Santo: pera o qual tambem era de recreaçaõ a frescura do arvoredo, e variedade das flores nos actos mentais em que sempre andava occupado.

Creceo o amor que el Rey tinha a S. Frey Gil, com o que pouco despois lhe aconteceo com elle. Era el Rey dom Afonso em sua primeyra idade muito inclinado aos exercicios militares de justar, e tornear, e muito fragueiro nelles, e quando estes faltavaõ, nos da caça, e montaria. Esta natureza ajudada do costume dos Franceses, entre quem vivia, que saõ nesta parte incansaveis, traziao enxuto de membros, saõ, e bem desposto. Como esteve no Reyno a occupaçaõ dos negocios, e governo apartou o dos exercicios corporais: foy logo criando carnes, e humores demasiados, que com a carga dos annos pararaõ em gota. Começoulhe polos pès com grandes dores, como traz consigo. Visitavao o Santo algumas vezes. De huma que estava muy afadigado, e assentado em huma cadeira, por naõ poder sofrer a cama: vendo que entrava o Santo a vello, persuadiolhe a affliçaõ do mal, que naõ deixa cousa por tentar, que tinha na maõ o remedio. Estavaõ ambos de bordaõ, o que visitava, e o visitado. El Rey por doente, e o Santo por velho, e fraco. Ao despedir disselhe el Rey dissimuladamente. Troquemos, Padre, os bordoens, que me parece melhor esse vosso. Naõ alcançou o lanço a humildade; pareceo ao Santo que naõ podia el Rey dizer senaõ o que sintia, e que seria juntamente querer honralo com a troca, como fazia em outras cousas. Foy cousa certa, e provada que fez milagre a fé del Rey, e a virtude do Santo, de sorte que da hora que el Rey lhe tomou o bordaõ naõ sintio mais dores, convaleceo, e sarou perfeitamente. E ficou taõ certo que delle lhe procedera o bem, que por devaçaõ o trazia de ordinario na maõ por casa. E acontecendo entrar no Paço muitos annos despois pejado grandemente, e quasi manco do mesmo mal de gota hum Pero Martins Petarino, muito seu aceito, e do seu Conselho, Alcayde mòr de Ourem, deulhe o bordaõ que trazia na maõ, e dissèlhe. Este tomey a Frey Gil, e me deu saude na minha gota, tambem vola darà a vòs. Levouo o valido, e valeolhe, como fizera à el Rey. Mas porque pode aver algum juizo agudo, que neste segundo effeito ache mais poderes de adulaçaõ (por intervir privado) que de virtude, dallo emos autorizado com testimunho irrefragavel, terceira maravilha obrada por meyo do mesmo bordaõ com que desde entaõ previnio os incredulos, e he a que se segue.

Na villa de Ourem aconteceo a hum Domingos Martins jantando pegarselhe na garganta huma lasca de hum osso taõ aguda, e tenaz, que por muito que porfiou pola lançar, ou passar, nenhum remedio bastou. Vendo que

que se affogava, pedio que lhe trouxessem quem o confessasse. Em quanto foraõ buscar o Confessor, creceo a opressaõ de maneyra, que quando chegou, jà naõ pode falar palavra. Ajuntaraõse os vizinhos, ouve grande revolta. Chegou a nova do desastre a dona Estefania molher do Alcaide mor. Tanto que soube o que passava, toma da maõ do marido o bordaõ do Santo, e dadiva del Rey; e mandao. Mandado fez milagre sem sospeita. Naõ fizeraõ mais que chegallo a tocar a garganta do meyo affogado, e logo lançou o osso. Acrecenta a Historia, que vendose livre se confessou: e despejada a garganta, e aliviada a consciencia, tornou à meza a comer alegremente, donde se levantara pouco avia angustiado, e pera morrer. Foraõ testemunhas do milagre dona Estefania, e seu marido, e hum Capellaõ seu, que todos o contavaõ despois, e o Confessor Estevaõ Martins que servia na Igreja de S. Joaõ.

Tornando a nossa Historia, ouve por este tempo na Provincia Capitulo de eleiçaõ, e foy eleito com a mesma vontade, que no antigo, o Santo Frey Gil. Era ausente por velho, e carregado de annos, e infirmidades: o trabalho immenso pera homem muito robusto, e muito advirtido em se poupar; quanto mais pera quem estava consumido de penitencias, e sobre tudo procedia no governo publico, e nó de sua pessoa em todo o rigor da Regra: fezselhe muy agro o aceitallo. Mas em fim obrigouo sua charidade, e a instancia da Provincia. Começou a visitar como quando tinha mais forças, Apostolicamente a pè, e sem mais remedio que o que alcançava de esmolas. E como este trabalho naõ tinha outro fim, senaõ a honra, e gloria de Deos, assi recebia delle a toda hora grandes mimos, e favores em sua alma, e era grande o fruito que nas dos subditos fazia com seu exemplo, doutrina, e sermoens. Se reprendia vicios, tinha tal efficacia no dizer, que fazia tremer, e pasmar de medo quem o ouvia. Se tratava das virtudes, ou dos bens do Ceo, abrazava os coraçoens em amor de Deos: e nelle mesmo se hia saboreando nesta musica de sorte, que muito amiude ficava no estado, que atràs dissemos, de alheado dos sintidos, e na mesma postura em que hia praticando immovel como huma coluna. Crecia o merecimento, faltavaõ consolaçoens da terra: dobravalhe o Senhor as sobrenaturais do Ceo.

CAPITULO XXIIII.

Manda o Santo Provincial Prègadores a terra de Mouros. Contase hum estranho caso que lhe succedeo caminhando por Castella: e outros em Portugal, todos em materia de espirito. Pede absolviçaõ do cargo em Capitulo Geral; alcançaa. Contase huma penitencia que nelle se deu a huns Frades.

NAõ nos deixaraõ declarado os antigos o anno preciso em que o Santo começou este segundo governo. Mas contandonos que estava muito adiante na idade, e a sua chegou quasi aos oitenta annos, como veremos em seu lugar, se der-

mos doze annos ao primeyro cargo, e outros tantos a seu successor, veyolhe a entrar este polo de 1257, ou pouco mais, e jà sobre os setenta da vida, que pera as naturezas daquelle tempo naõ era demasiada velhice, se foraõ de vida mais folgada, ou menos perseguida de rigores, que a sua. Começando animosamente a fazer seu officio, huma das primeyras cousas, em que entendeo, foy em dar cumprimento a humas letras do Papa Alexandre Quarto, polas quais particularmente encomendava, que se mandassem Religiosos prègar aos Mouros; e como dentro de Espanha avia grandes terras senhoreadas delles, naõ era necessario passar o mar: nem o Santo Provincial teve muito trabalho em buscar sojeitos que se arriscassem à empresa. Porque antes foy alvitre pera toda a Religiaõ. Despachou os que lhe pareceo que convinhaõ, e deixou a muitos sintidos, e envejosos. He bem de ver pera credito da Ordem a nota da Bula. Poremos sò algumas palavras della, por naõ estender leitura. E saõ as seguintes:

SAnè quia inter alios propugnatores fidei Christianæ Fratres Ordinis tui, iuxtà professæ religionis officium zelus comedit animarum; ex eis ad gentes, quæ Christum Dominum non cognoscunt, & ad subtractionis filios, qui sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ non obediunt, decreuimus aliquos destinandos, &c.

Do que fizeraõ os inviados, cedonde eraõ filhos, e a que lugares foraõ, tudo deixaraõ nossos mayores em silencio, e atè os nomes, que com letras eternas devem estar escritos no livro da vida (indigno silencio, e erro sem desculpa.) As cousas que sò escreveraõ em lugar destas iremos dizendo.

Continuando o Santo seus caminhos chegou à cidade de Quenca em Castella. Hia de passagem, porque naõ tinhamos inda aly Convento. Juntouse alguma boa gente à novidade do habito que naõ tinhaõ visto, pediraõlhe que quizesse prègar. Como esta he a verdadeira obrigaçaõ da Ordem, ainda que moido o corpo do caminho, e o espirito dos negocios, naõ se soube escusar. Recolheose com cedo pera ver algum livro. Leo hum espaço, passeou outro. Logo, sintindo, ao que se pode entender, o impeto do espirito, arrimouse ao leito, e lançando maõ da vela, meteoa debaixo delle (devia ser com tençaõ de a apagar) mas ou fosse descuido, ou naõ estar jà senhor de si, ficou em parte, que as pontas do cubertor, e lençoes estavaõ ao justo sobre a labareda, como postas assinte. Acompanhavaõ ao Santo nesta jornada Frey Joaõ Romo Galego, e Frey Pedro Belhoc Aragones. Chegaraõ à porta, viraõno enlevado, temeraõ perturballo, naõ quizeraõ entrar. E ou naõ notaraõ o estado, e o perigo do fogo: ou fizeraõ conta, que pois naõ fazia

dano, a vela se iria gastando, e por si se apagaria. Mas o caso foy, que o Santo amanheceo na postura, e sono bemaventurado em que o deixaraõ à noite, e a vela tambem com elle no mesmo estado em que a tinhaõ vista, ardendo, e nada consumida, sendo assi que naõ podia naturalmente durar mais que quando muito duas horas: e as pontas da roupa taõ communicadas com o fogo, que era impossivel deixarem de arder sem intervir milagre claro, e manifesto. Por maneira que consideravaõ quatro milagres juntos. Primeyro, o rapto de huma noite inteira: segundo, arder outro tanto tempo hum pedaço de vela, que naõ tinha alimento pera duas horas; terceyro, arder, e naõ se consumir; quarto, estarem sobre o fogo toda huma noite estopa, e lam sem se queimar, nem crestar, nem somente se defumar.

A este modo vindose recolhendo polo alto de Portugal hum destes annos pera Santarem, lhe aconteceo caso notavel no Mosteyro de Freyras de Arouca da Ordem de Cister. Pediraõlhe as Religiosas, que pois Deos o trouxera por aly, as quisesse consolar com huma pratica espiritual, e sua. Assentouse à grade do Coro, era presente toda a Communidade: prègava a gente devota, e esposas do bom JESU, que avia de ser o sermaõ, senaõ amores, e requebros do mesmo Senhor. Foyos propondo com huns termos taõ brandos, huns encarecimentos taõ vivos, e huma devaçaõ, e fervor tanto do intrinseco da alma, que as Religiosas penduradas da santa eloquencia se hiaõ alheando de si, como com hum encantamento de força invisivel. Mas tudo era pouco pera o que o Santo sintia em si. Viose logo o effeito. Porque como tratava do que exprimentava cada dia, e o repetia com o mesmo gosto, e sabor que o sintia, e entendia, e lho communicava o Sol Eterno, foyse arrebatando nelle atè hum ponto, em que alevantando as maons ao Ceo, em graças do muyto que deviamos a Deos, sò por querer, e consintir que o amassemos, sendo taõ soberano, e nòs terra, pò, e lodo, ficou como transformado em hum penedo, sem voz, sem anhelito, e o que he mais, sem pulso, e privado de toda a outra operaçaõ dos sintidos, os braços, e maons em alto, na forma em que o tomou o rapto, e com o mesmo geito de boca, olhos, e sembrante com que hia falando. E assi perseverou algumas horas.

Mas o que lhe aconteceo despois que chegou a Santarem passa por tudo o que se pode dizer nesta materia. Entror hum dia na sua cela Frey Pedro de S. Joaõ que o acompanhava, e lhe tinha cuidado della, e achouo levantado no ar, mais alto que a meza em que estudava, com as maons, e olhos ao Ceo. Tiroulhe polo habito a ver se o podia decer: como vio que trabalhava debalde, sahio correndo a dar aviso ao Prior Frey Estevaõ: e naõ o achando, tornou com Frey Pedro da Cruz, e Frey Afonso de Toledo, que encontrou: mas acharaõno jà assentado, e quieto. Dezia Frey Pedro de S. Joaõ, que quando entrara da primeira vez lhe vira aberto o livro de S. Dionysio Areopagita em hum lu-

Dionys. de Divinis nomin. c. 4.

lugar, onde aponta algumas excellencias do amor Divino, e como Meſtre, e exprimentado diz delle que enleva, e allumia a quem o poſſue: enleva com ſuavidade, e allumia com luz da gloria. E attribuya o rapto à liçaõ, pelo que ſabia que o Santo ſe pagava della. Eſte Frey Pedro da Cruz tinha ouvido das ordinarias extaſis do Santo, e ficou ſintido de naõ chegar a tempo que o viſſe neſta taõ differente. Mas naõ paſſaraõ muitos dias que tocandolhe por certa occaſiaõ acompanhar o Santo, ſe ſatisfez baſtantemente. Ficouſe hum dia deſpois de Completas rezando no Coro, e tornando jà noite cerrada, naõ achou o Santo na cella. Sahio ao jardim, ſenaõ quando ſe lhe offerece à viſta hum homem, como fantaſma pendurado no ar, roſto, e maons erguidas ao Ceo. Conheceo quem era, e todavia, como em couſa nova, ficou cheyo de medo, cuydando que poderia cayr com perigo: foy correndo em buſca do Supprior Frey Martinho Martins, contoulhe com admiraçaõ que acabava de ver hum corpo glorificado em retrato, e pediolhe que foſſem ambos a decello, e recolhello, viſto ſer noite. Aſſi começaraõ a martyrizar o Santo cada hum de ſua parte com forças, e aballos, atè que em fim ſe foy deixando mover, e o trouxeraõ em braços ao leito, mas naõ livre de todo daquella deleitoſa peregrinaçaõ dos ſintidos.

Eſtava o Santo em ſetenta e ſeis annos, taõ cançado jà, que naõ podia fazer caminho por ſeus pès; e todavia, por naõ deixar de acudir a correr a Provincia, ſerviaſe de hum aſninho, porque lhe naõ valiaõ rogos com o Geral da Ordem pera ſoltar por ley humana quem jà polas da natureza eſtava forro, e izento de todo trabalho, com a mayor força de todas, que era impoſſibilidade. Esforçouſe na entrada deſte anno a caminhar duzentas legoas pera aparecer no Capitulo geral, que eſtava publicado pera Barcelona. Fez conta que alcançaria, ſendo viſto, o que naõ impetrava ouvido. Foy, pedio huma hora deſabafada de negocios pera morrer, pois em quanto tevera forças pera ſervir, nenhuma de trabalho refuſara. Moveo os Padres a piedade a velhice, a peſſoa, e a rezaõ, deraõlhe abſolviçaõ.

E porque o Santo velho devia ſer, como taõ anſiaõ, e autorizado, hum dos principais votos deſte Capitulo, naõ ſerà fóra de rezaõ que por ſua conta fique aqui em memoria huma penitencia que nelle ſe deu a hum Prior que avia ſido do meſmo Convento de Barcelona: e referillaemos polas meſmas palavras que ficaraõ nas Actas que oje eſtavaõ vivas, e ſaõ as ſeguintes:

FRatri, qui erat Prior quando Dormitorium Barchinonenſe fuit inceptum, & Fratribus, qui tunc erant ad dandum conſilium circà opera, ex quorum negligentia ſeu diſſimulatione factum eſt, quòd prædictum Dormitorium altitudinem ab Ordine prætaxatam excedit notabiliter, iniungimus

gimus

gimus tredecim dies in pane & aqua , & totidem disciplinas. Et districtè iniungimus , quòd domus, quæ adhuc sunt faciendæ , non sint altiores , quam in Constitutionibus est taxatum.

Querem dizer.

CONdenamos ao Frade que era Prior desta casa de Barcelona , quando se começou a levantar o Dormitorio , e aos Frades a quem tocava dar conselho na materia do edificio , em treze dias de paõ , e agoa , e outras tantas disciplinas : visto como de seu descuido , ou dissimulaçaõ procedeo ficar o Dormitorio notavelmente mais alto , do que està determinado pola Ordem. E em todo rigor mandamos , que as casas , que estaõ por fazer , naõ passem da medida que nas Constituiçoens està limitada.

Com este rigor se acudia entaõ a culpas taõ leves , claro argumento do que seria nas grandes , se as ouvera : e de quam entranhado andava nas almas o amor da santa pobreza.

CAPITULO XXV.

De algumas visoens sobrenaturais que o Santo teve : e milagres que por seu meyo , e oraçaõ obrou o Senhor.

VEyose o Santo Frey Gil pera a sua cella a esperar a ultima hora , começou a empregarse todo no cuydado della , como se jà a tevera presente , vivia no corpo huma vida que podemos chamar Angelica : taõ puro , taõ penitente , taõ vigiado atè do pò , e da sombra das mais pequenas venialidades , como se entaõ começara os dias de sua conversaõ de Palencia. Pagavalhe o Senhor com grandes misericordias , humas vezes de visoens sobrenaturais mostradas aos olhos , e vista corporal , outras de milagres patentes obrados por sua oraçaõ , e intercessaõ. Das visoens era grande encubridor , porque algumas , que se escreveraõ , foraõ sabidas a caso , ou alcançadas por conjeituras. Como era velho , e naturalmente severo , naõ se atrevia ninguem a fazerlhe perguntas , e quem lhas fazia , ficava sem reposta , e corrido. Contava Frey Pedro seu companheiro , que estando o Santo hum dia sobre o leito pola sesta , e elle tambem deitado naõ longe , acudira às festas , e alvoroço , com que o Santo levantando as maons , e batendo as palmas com os olhos no alto dezia : Ah meu Senhor Jesu. Ah dulcissimo Jesu , no coraçaõ he rezaõ que vos eu traga : no coraçaõ andeis escrito , impresso , esculpido. O' Senhora piadosissima , Mày de meu piadosissimo Senhor. O' santissima Mày de

Deos,

Deos. O' Virgem glorioſa, Raynha da terra, Raynha do Ceo, que graças vos darà hum pobre homenzinho, hum bichinho da terra? E tendo Frey Pedro por certo que falava com viſta dos olhos manifeſta, ſegundo as palavras o teſtemunhavaõ, e vendoo taõ alegre, tudo lhe dera animo pera lhe perguntar, naõ pola viſaõ, de que eſtava ſem duvida, ſe naõ por algumas particularidades que deſejava ſaber. Mas o Santo ſem diferir à pergunta, lhe mandara que o deixaſſe, e repouſaſſe.

A Infante dona Sancha ſenhora de Alanquer, de cujas virtudes fizemos atràs larga relaçaõ, tinha tanta devaçaõ ao Santo, que naõ sò ſe levantava ao receber, quando lhe entrava por caſa: mas poſta de joelhos lhe pedia a bençaõ, e que a encomendaſſe a Deos. Vindo a falecer appareceo ao Santo a horas que elle começava a repouſar. Eſpertou hum pouco tornado, mas caindo logo em quem era quietouſe, e perguntoulhe como lhe hia. Muito bem me vay, reſpondeo a defunta, por mercè de meu Senhor Jeſu Chriſto, e por meyo de voſſas oraçoens. Eſta viſaõ contou o Santo a Frey Bartolameu Frade de grande religiaõ, e acrecentava que a defunta o deixara cheyo de celeſtial conſolaçaõ, ſinal certo da gloria immortal que jà poſſuya.

Celebrava hum dia em Santarem. Eis que no meyo da Miſſa fica ſubitamente arrebatado: e a cabo de grande eſpaço torna rindo, e fazendo feſtas com huma alegria taõ fòra do ordinario, que deu em que cuydar a muitos Padres, que acudiraõ ao rapto chamados do miniſtro: e faziaõ varios diſcurſos, tendo por deſcompoſiçaõ o que viraõ, em tal lugar, e tempo. Acabada a Miſſa, fezlhe pergunta o Prior polo que vira, e ouvira, como quem fora hum dos que o miniſtro chamara: e que cauſa ouvera pera tal, ſendo aſſi que ſempre acabava aquelles ſantos myſterios com lagrimas, e as extaſis com queixas, e ſoſpiros. Naõ pode o Santo negar nada a quem inquiria como Prelado, e foylhe contando que naquella hora ſe lhe repreſentara, e vira com os olhos corporais a alma de hum grande ſeu amigo, e grande Santo, que ſe hia ao Ceo cercada de reſplandores de gloria, e levada por maons de Anjos. Era eſte dom Gonçalo Mendes Geral da Ordem dos Conegos regrantes de Santo Agoſtinho deſte Reyno, que falecera em Lisboa, e vivendo na Ordem com grande exemplo alcançara o cargo ſem pretençaõ, e o ſervira com a meſma innocencia, e bondade com que o merecera, e cheyo de annos, e virtudes ſubia naquella hora a receber o premio verdadeyro. Notou o Prior dia, e hora: e achou deſpois que puntualmente entaõ acabara no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Grandes couſas nos vay deſcobrindo a vida deſte Santo, quanto mais adiante vamos: e pera que nos naõ eſpantem as paſſadas, temos entre maons milagres que vencem as leys da natureza, com que a Omnipotencia Divina quiz honrar, e acreditar ſeu Servo. No tempo que ſe edificava o Convento de Lisboa, em quanto naõ avia baſtante gaſalhado pera os Religioſos que jà aſſiſtiaõ na Cidade

de prègando, e doutrinando, tinhalhes dado huma dòna principal chamada dona Urraca hum quarto das casas em que vivia, porque alèm de ser rica, e devota do habito, era mãy de Fr. Domingos Martins que estava na Ordem. Vivia na cidade huma molher honrada que padecia fluxo de sangue avia dezenove annos: como andavaõ na boca do povo as maravilhas que Deos obrava por S. Frey Gil, pedio a dona Urraca, que vindo elle à cidade quizesse avizalla. Passados poucos dias soube que era chegado: veyo logo a casa, lançouse aos pès do Santo, tomoulhe o escapulario, beijouo com devaçaõ, desculpando o atrevimento com a necessidade que padecia, e esperança do remedio que a obrigava. Acudiraõ os Religiosos que eraõ presentes por intercessores. Disse o Santo aos Frades, seja Christo JESU com ella: e a ella. Ide embora filha: Acudavos Deos segundo vossa Fè. Foyse, e foy sam des daquella hora, e de todo ponto livre do mal.

Dez annos avia que era casada Maria Antioca, e julgada jà por esteril dos Medicos, com quem se tinha cançado, e despendido, desejando ver hum filho, e successor em sua casa. Determinou buscar o remedio em Deos, onde nunca falta a quem o sabe pedir. Tinha particular devaçaõ com o Padre S. Domingos: e a mesma com o Santo Frey Gil polo que delle ouvia; foyse hum dia a elle, e pediolhe com encarecimento, quizesse alcançar do Padre S. Domingos se lembrasse della, prometendo a ambos, que se Deos lhe desse hum filho, ella lho tornaria dandoo à Ordem. Passados poucos dias, sintiose prenhada, teve hum filho, chamoulhe Domingos, e cumprio a promessa fazendo o Frade. Affirma hum escritor muyto antigo, de quem tomamos parte desta Historia, que o alcançou na Ordem, moço de taõ bom natural, que logo parecia filho de oraçoens de Santos.

Correo a voz pola terra: acreditouse logo o milagre com outro em tudo semelhante. Tornavaõ de Sevilha pera Lisboa pola via do Algarve Frey Martim Gonçalves natural de Lisboa, e Frey Estevaõ Verdugo. Chegando a Fàro agasalhouos em sua casa Diogo Affonso Alcaide mòr da terra. Antes de se despedirem tomouos a parte dona Micia sua molher, e teve com elles longa pratica, dizendo que des que se entendera, tevera sempre grande inclinaçaõ, e devaçaõ à Religiaõ de S. Domingos, e folgara de lhe fazer todo bem que em sua maõ fora: e de presente era particular devota do Padre Frey Gil, e ainda que o naõ vira nunca, em ausencia o respeitava, e venerava como a Santo: e desejava saber se era verdade o que lhe tinhaõ dito, que por suas oraçoens era Maria Antioca mãy de hum filho. Porque se tal era, naõ desmerecia ella ao Santo, e à sua Ordem alcançarlhe de Deos semelhante favor, pois estava na mesma necessidade avendo muitos annos que era casada, e temia que a falta de filhos fosse causa de seu marido se vir a desgostar com ella, vivendo ambos em tudo o mais com muita conformidade. Deraõ os hospedes por cousa certa o que se dezia

zia de Maria Antioca. E quanto à ſua neceſſidade, e petiçaõ prometeraõ ſer diligentes procuradores, tanto que chegaſſem a ver o Santo. Quando o viraõ, naõ foraõ deſcuydados: propozeraõlhe a cauſa, e os merecimentos da boa ſenhora, ajuntaraõ rogos. Obrigado o Santo diſſelhes que o ajudaſſem com outros Religioſos, que eraõ preſentes, a rogar por ella offerecendo a Noſſa Senhora a Antifona *Salve Regina.* Rezoua de joelhos, e diſſe a oraçaõ. E dona Micia veyo parida de hum filho daquelle dia a nove mezes: e por ſe deſindividar em alguma couſa com o Santo, chamoulhe no bautiſmo Diogo Gil.

Os caſos prodigioſos naõ perdem a eſtranheza por acontecerem às vezes em ſojeitos, e occaſioens de menos importancia, quando Deos he ſervido de tambem nas tais dar honra a ſeus ſervos. Foy couſa certa, e com muitas teſtimunhas dignas de fé confirmada, que achandoſe o Santo na Azoya, lugar do termo de Santarem (era eſte lugar do Dayaõ de Lisboa ſeu irmaõ, e por iſſo acudia là algumas vezes, quando o Dayaõ era preſente,) e começando a fazer huma pratica eſpiritual aos moradores, aſſentados todos no campo, appareceo junto delles hum gallo, e começou tambem ſua natural muſica, replicandoa com tanta importunaçaõ, e deſentoamento, que o Santo lhe arremeſſou o bordaõ: e foy taõ certeyro que o derribou morto. Recolheoo depreſſa hum dos ouvintes debaixo da capa, porque o Santo naõ teveſſe deſgoſto, como era certo ſe o vira morto. Acabada a pratica, como o Santo naõ ouvio mais o ſeu muſico, julgou o que era. Pedio que lho trouxeſſem, e quando o vio, começouſe a culpar de demaſiado colerico contra hum animal irracional, e pondo ós olhos no Ceo tornou logo, e tocando o gallo com a ponta do bordaõ: Ea, diſſe, levantaivos dahi, tornaime logo a voſſo officio, e louvai o Criador. No meſmo ponto ſe levantou, e batendo as azas foy dando ſaltos, e cantando com eſpanto, e alegria dos circunſtantes. Lembrado eſtou que outro caſo ſemelhante ſe conta no livro que chamaõ Vidas dos Padres da noſſa Ordem, e sò faz differença no lugar, mas como diz juntamente que foy eſcrito polo Padre Frey Gil, ſem dar nome do autor da maravilha, podemos crer, que o quiz o Santo disfarçar eſcrevendo, por naõ confeſſar que ſaira de ſuas maons (como jà o temos advirtido em outros caſos.) Porque naõ ha duvida que eſte ſuccedeo na Azoya, ſendo preſentes Frey Bernardo de Morlans, e Frey Bertolameu Pires, Frey Domingos da Cinceira, Frey Pedro da Cruz, Frey Joaõ de Marvilla, e Frey Jordaõ de Torres. E acrecenta hum eſcritor muito antigo, que alcançou ainda huma Ermiſenda molher de bem, moradora do meſmo lugar, que ſe achara preſente ao milagre, e o contava na meſma forma.

CA-

CAPITULO XXVI.

De algumas cousas milagrosas que o Santo fez por sua maõ.

MIlagres de Medico Divino temos pera este Capitulo, que cura doenças, ou sò com o tacto de sua maõ, ou com cousas contrarias às mesmas doenças, bem como o fazia Christo Senhor nosso, e como o dezia a seus discipulos, que o fariaõ elles se tevessem fé, e outras maravilhas muito mayores. Diremos primeyro algumas semelhantes: adiante pode ser que as achemos aventajadas. Que se a sombra de S. Pedro presente dava saude aos enfermos que alcançava: aqui acharemos remedio dado a muitos sò com a fama, e nome, ou com a invocaçaõ de S. Frey Gil ausente. Acudiaõ de continuo ao Santo muitos enfermos, huns como a Medico grande que era dentro dos limites da Filosofia, e estudo, e que curava de graça: outros que sabiaõ sua virtude, com fim mais alto, e como a Santo Juntaraõse hum dia na nossa portaria dous: hum taõ perdido de mal de olhos, que naõ sò os trazia correndo humor continuo, e cubertos de nevoa, mas pestanas, e sobrancelhas peladas, e comidas, e faltando pouco pera cego de todo. O outro com força de doenças, e falta de cura viera a encurvarse, e alcorcovarse de sorte que naõ era senhor de levantar a cabeça, nem olhar direito. Cada hum por sua via obrigou ao Santo a compaixaõ. E detendose hum pouco, como que cuydava no remedio, mandou ao Porteyro Frey Joaõ que lhe trouxesse hum pouco de azeite, benzeoo com o sinal da Cruz, e huma breve oraçaõ, e untou os olhos ao cego. Acudio hum Padre que chamavaõ o Medico, porque o fora em secular, reprovando tal genero de mezinha, visto ser o azeite totalmente contrario à vista. Toda a arte, respondeo o Santo, cessa onde ha fé. Naõ vos lembra que contra toda a rezaõ de Fisica curou Christo a hum cego com lodo, e nos deixou dito, que quem tevesse fé poderia beber sem dano vasos cheyos de peçonha? Pois, a este azeite, espero, e confio eu nelle, que ha de dar tal virtude, que cure onde costuma a danar. E assi foy, porque untando peito, e costas ao contreito, como fizera aos olhos do cego, ambos se tornaraõ saons, hum direito, e saltando, outro allumiado, e logrando os bens de vista clara.

Act. 5.

O mesmo effeito fez a maõ do Santo estando em Coimbra, em hum moço filho de Joaõ Paes cidadaõ honrado, que estudava pera Clerigo, e tinha jà beneficio em S. Bertolameu. Deraõlhe alporcas, e tinhaõlhe o pescoço taõ afeado de landoas grossas, e escaras, e vermelhidoens, (era uso da mayor antiguidade o que agora vemos renovar de pescoços descubertos: melhores cousas puderamos tomar della) que se naõ atrevia aparecer em publico. He o mal rebelde à Fisica, e nelle estava incuravel: despois de tempo, e muito gasto perdido com medicos. Naõ faltou quem o aconselhasse que se valesse do Santo. Foyse a elle por meyo de Frey Estevaõ Bessa. Deulhe conta de si, mostroulhe

lhe o pescoço. O Santo, que era todo brandura, e piedade, pozlhe as maons, e fezlhe o final da Cruz. Sem outro feitio em poucos dias se lhe veyo a juntar todo o humor venenoso em hum lugar, onde suporando, e saindo em materia podre deixou o pescoço enxuto, e sem grossura nem pejo, ficando sò algumas costuras leves como em memoria do milagre.

E porque naõ sayamos de Coimbra: na mesma cidade huma Maria Godinha filha de Godim Paes o moço, ficou de huma longa doença taõ seca, e mirrada de carnes, que com nenhum remedio tornava em si, e se dava por etica. Tinha assentado sua mãy Mor Sueyra levalla ao Santo; mas hiase dilatando de dia em dia, atè que obrigada de hum forte accidente de convulsaõ de todos os membros, e febre juntamente, se vieraõ mãy, e filha ao Santo: e fazendolhes elle o final da Crúz sobre as cabeças, tornaraõ com o remedio que buscavaõ.

Era primo do Santo Martim Gonçalves Chacim fidalgo principal de nobreza antiga, e conhecida entaõ, apagado oje, como muitas outras que o tempo extinguio. Quiz hum dia festejar o Santo em sua casa, e como sabia que naõ comia carne, apercebeo hum banquete de peixe, quanto podia ser, esplendido. Chamou parentes, e amigos, estendeose a comida. E procurando que ouvesse alegria, rogava aos convidados que comessem: e occupado todo nisto, e em mandar os criados, e governar a meza, descuidouse tanto de si, que levou em hum bocado huma espinha envolta, a qual se lhe ferrou na garganta de sorte, que pór muita força que fazia, naõ podia passalla, nem lançalla fóra. Começou a temer, e affligiose, o rosto feito brasa, e os olhos que lhe saltavaõ de inchados, os convidados com toda a casa torvados, e descompostos. Aqui acudio o Santo, e estendendo o braço pozlhe a maõ na garganta, e feito nella o final da Cruz mandoulhe, que tussisse. Estava jà taõ trabalhado, que o naõ pode fazer sem muita pena. E logo se despegou a espinha, veo fóra, e ficou quieto.

Isto, que a Martim Gonçalves succedeo com espinha, aconteceo puntualmente a hum pobre homem do lugar, que dissemos da Azoia, com hum osso. Bebia huma escudella de caldo de vaca com descuido, ou com apetite, e fome de pobre, levou nelle de volta huma lasca de osso que sendo aguda de huma, e outra parte se lhe atravessou na via da comida: fez força pola despedir, e o impeto de homem robusto, e forçoso, naõ sendo bastante pera a desaferrar, e cuspir, foy parte pera a encravar mais: assi ficou em estado que nem podia falar, nem passar cousa de mantimento. A cabo de poucos dias começoulhe a criar inchaçaõ de huma parte, e doutra: com que se lhe hia apertando a respiraçaõ, e tomando o folego, e começava a desesperar da vida. Aqui acudiraõ os parentes, poemno em huma cavalgadura, daõ com elle em Santarem à porta do nosso Convento: pedem que lhes deixem ver o Santo, e darlhe conta de suas lastimas. Diz a Historia que se acharaõ com elle Frey

Ber-

Bernardo de Morlans, e Frey Pedro da Cruz; e dandolhe conta do caso, perguntava o Santo a Frey Bernardo que seria bem aplicarlhe, como se determinara curallo com a fisica humana, e ordinaria: e Frey Bernardo, que tinha entendido o mal de raiz, respondeo. Naõ he este o caso que se cura assi, Padre Frey Gil: o poder de vossa grande fé he o que lhe ha de valer; que pera remedios humanos jà naõ he tempo. Todavia mandou o Santo que lhe dessem huns bocados de paõ, a ver se engolindo lançavaõ o osso abaixo: mas foy diligencia perdida: antes, como interiormente avia jà tumor crecido, pozse o pobre em perigo de se affogar com a força, e grossura do bocado. Pedio entaõ hum pouco de azeite, e untandolhe a guela pola parte de fóra, donde se queixava, e feito o final da Cruz em cima, mandou que lhe lançassem sobre a cabeça a capa do Padre S. Domingos, pretendendo que a honra do milagre se atribuisse à virtude da capa, e de seu dono, antes que à sua maõ. Começaraõ a entrar na Igreja pera fazerem o que o Santo mandava: eis que subitamente sente o doente resolverselhe toda a inchaçaõ, e aperto da garganta com huma leve tosse que lhe acudio: e subindolhe à boca hum golpe de sangue pisado, e materia imperfeita, que vomitou, sahio de mistura a lasca do osso ensangoentada de ambas as pontas. E com tudo naõ quiz o Santo que deixasse de tocar a capa de nosso Patriarca, pera que a ella referissem o remedio.

CAPITULO XXVII.

De outros casos milagrosos obrados por intercessaõ do Santo ausente: mas ainda vivendo na terra.

AGora diremos os milagres que obrou ausente, estando ainda vivo, e saõ, e em carne mortal. E veremos acudir a Omnipotencia Divina à fé dos que chamavaõ por seu servo: ou se valiaõ de alguma cousa que ouvesse andado em seu uso: como se com elle em tal grào se achara empenhada, que lhe pudessem fazer força merecimentos humanos: merecimentos que quando os ha, saõ dadiva, e mercè sua, nem tem mais valor que aquelle que o mesmo Deos he servido darlhes. Atràs deixamos escrito o bom successo que el Rey dom Afonso teve na troca do bordaõ que trazia por gotoso, com o que o Santo usava por velho. Mas em cousas ainda de menos sustancia mostraremos igual, e espantoso effeito.

Indo o Santo pera Coimbra com Frey Bertolameu Pires por companheyro, entrou de caminho em hum Convento de Conegos regrantes de Santo Agostinho de hum lugar que os Escritores chamaõ Colmeas. Receberaõno os Frades com amor, e alegria: e na meza foy agasalhado com tudo o bom que avia em casa. Sò do vinho lhe pediraõ perdaõ, queixandose que se danara todo sem ficar huma gota que prestasse: com que se passava assas trabalho no Convento. Agradecia o Santo a boa sombra, e vontade que enxergava em todos: e sem fazer ca-

ſo de mais, dezialhes que nenhuma couſa dava melhor tempara à comida, nem mais ſabor ao vinho: e que pera a ſua arte fora agaſalhado muito melhor do que pudera deſejar. Eſta benignidade, e ſingeleza do Santo obrigou ao Adegueiro a fazer conceito, que naõ ſem cauſa ſe contavaõ tantos louvores de ſua virtude, e querer valerſe della. E tomando occaſiaõ de lhe ver na maõ huma agulha, que a caſo tirara da manga (outros eſcrevem que era cabacinha que lhe ſervia no caminho pera agoa, e a trazia pendurada da cinta) pediolhe que lha deixaſſe ver, e foyſe com ella a adega, e lançoua dentro em huma grande cuba, em que eſtava recolhida toda a novidade daquelle anno, e taõ mal parada, que nenhuma parte tinha de que ſe pudeſſe eſperar bem. Ajuntou oraçaõ breve, mas cheya de fé, e devaçaõ, dizendo, que em nome do Senhor, e de ſeu ſervo Frey Gil ſe atrevia a fazer aquella diligencia, confiando que por ſeus merecimentos, e por ſer couſa que trouxera nas maons, e em ſeu uſo, ſeria ſua Divina bondade ſervido que o vinho melhoraſſe: e aſſi teveſſem os pobres Frades com que paſſar o anno, e ſeu ſervo ficaſſe honrado. No dia ſeguinte foy tirar vinho pera a Communidade: lançado nos copos, de turvo apareceo claro, de groſſo delgado, e o que mais he, trocado em cor, e ſabor, e em fim como dado de milagre. Foy grande o eſpanto nos Religioſos, mas naõ durou mais que quanto tardaraõ em ſaber o feitio que o Adegueiro fizera, e o que deviaõ por elle aos merecimentos do Santo, de quem jà ſabiaõ couſas mayores.

Entre os meſmos Frades, mas em lugar differente, e differente occaſiaõ, quiz Deos pouco deſpois acreditar tambem ſeu Servo. Foy a Igreja de Anſede no Biſpado do Porto Moſteyro de Conegos regrantes, antes que vieſſe a Ordem de S. Domingos que agora a poſſue. Paſſavaõ polo lugar Frey Miguel Joaõ natural do Porto, e Frey Roberto Frades noſſos: foraõ convidados dos Padres do Moſteyro com amor, e cortezia, e comeraõ alguns com elles. Veyo à meza ſavel, que acodem muitos ao Douro, que aqui perto corre, e de nenhum rio de Eſpanha ſaõ taõ ſaboroſos nem tamanhos, como os que ſe peſcaõ nelle, e no Minho. Succedeo a hum dos Padres de caſa, com preſſa ou deſatento atraveſſarſelhe huma eſpinha que acertou a ſer mais teza do que coſtumaõ as muitas com que a natureza armou eſte peixe. Procurou deſpedilla toſſindo, fez muita força, naõ baſtava nada: eſtando todos confuſos, diſſelhe Frey Miguel em voz alta, que nomeaſſe o Santo Frey Gil, que Deos lhe acudiria por ſeus merecimentos. Tudo foy hum chamar polo Santo, e vir a eſpinha fóra; e tornarem a comer alegremente, e ficarem todos por mais titulos devotos do Santo.

Coſtuma a Divina bondade honrar muitos Santos com particulares graças, pera ſerem mais eſtimados dos homens por ſua interceſſaõ em ſeus males, e neceſſidades remedeados. Aſſi buſcamos a S. Joaõ Bautiſta pera dores de cabeça, a Santo Inacio pera mal do coraçaõ, a S. Pau-

lo contra as quèdas dos cavallos, S. Bento contra venenos, S. Domingos pera livrar de febres, S. Pedro Gonçalves Telmo das tempestades do mar, e muitos outros Santos de varias infirmidades. Parece que quer Deos que naõ fiemos demasiado nas boticas de medicamentos humanos: offerecenos esta do Ceo. Em males de garganta teve o Santo Frey Gil em vida, e morte grande favor do Senhor. Dos que curou vivendo temos ainda tres casos, que por serem quasi semelhantes, iraõ juntos. No primeiro foy curado Frey Vicente o Medico, aquelle de quem contamos humas muy apertadas, e pouco cortezans experiencias, que quiz fazer das extasis do Santo. E aconteceolhe o que he ordinario aos que dalguma maneira peccaõ de protervos, e teymosos por cabeça, que vendo naõ vem: inda quando ouvia fallar nellas, ou torsia o rosto, ou marchava, por naõ dizer duvidava. Mas veyo a desenganarse com lhe fazer sintir na garganta huma dura espinha o que elle procurou que sintisse o Santo quando lhe picava as maons, e queimava os dedos. Era em Coimbra diante de toda a Communidade do Convento, e d'alguns cidadaons, que foraõ aquelle dia convidados. Ferrousselhe a espinha na guela taõ vivamente como se fora huma agulha. Viose atribulado, e como desesperado, porque a naõ podia passar nem arrancar: e sem comer mais bocado encostouse à parede quasi desmayado. Lembrouse entaõ que ainda que os Santos sejaõ pouco vingativos, tinha justa pena de suas incredulidades. Em fim cumpriose nelle o que està escrito, que os trabalhos daõ entendimento. Encomendouse de coraçaõ ao Santo, e logo com huma leve tosse, e sem nenhuma força veyo a espinha envolta em sangue: guardoua, e mostravaa despois.

Esa. 28.

O segundo foy livre de hum osso de peixe atravessado na garganta, com igual perigo, e com a mesma devaçaõ. Chamavase Payo Rodrigues morador em Torres novas, onde era Almoxarife das rendas da Rainha: e costumava agasalhar em sua casa os nossos Frades quando hiaõ aly prègar, e este dia jantavaõ com elle Frey Miguel Martins, e outro.

O terceyro caso foy em Portalegre, sendo presentes Frey Durando Estevens, e Frey Nuno, e jantando ambos com o Prior da Igreja de Nossa Senhora dom Andre. Jantavaõ juntamente alguns Clerigos, e hum delles por nome Domingos Joaõ levou inadvertidamente huma espinha de Savel (que he peixe grande castigador de golosos) e estando meyo affogado, e em grande estremo de affliçaõ, tanto que chamou polo nome de S. Frey Gil, à instancia de Frey Durando que lho lembrou, lançou huma espinha retorsida como hum anzol toda ensanguentada, que mostrou a todos, naõ se fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, que peregrinando ainda entre os mortais tanto favor alcançava de Deos. Foy mais testimunha deste milagre Frey Joaõ de Portalegre, que entaõ era moço, e secular, e se achou presente no jantar.

CAPITULO XXVIII.

Do grande nome que o Santo tinha em toda a Ordem, e por terras estranhas: e de seu felice transito.

Senec. Filos.

SAõ companheyras inseparaveis da virtude, como a sombra do corpo, honra, e fama gloriosa: e tal he o agradecimento, com que ella paga a quem a segue, tal o interesse que rende a seus amadores. Dos acontecimentos que temos contado, e de outros semelhantes que naõ escrevemos, tinha o Santo Frey Gil ganhado tal nome em toda a Ordem, que a boca cheya era nella celebrado por grande Santo. Porèm naõ se contentou a Divina bondade com o fazer conhecido entre os seus, se naõ estendesse tambem sua gloria aos estranhos. Vivia no mesmo tempo em Roma hum ermitaõ de abalizada virtude, estimado, e conhecido por tal de muitos Cardeais, e outros Prelados. Achandose hum dia em casa de hum Cardeal, que visitava, com alguns Espanhoes, perguntou com efficacia, se lhe saberiaõ dar rezaõ de hum Frade Dominico Portuguez de nome Fr. Gil, e tal geito, e tais feiçoens de rosto, e começou a pintar o Santo com tanta propriedade, que sendo hum dos que o ouviaõ o Mestre Pero Vicente Conego de Braga, que muitas vezes o tinha visto, e tratado, lhe respondeo, que bem ao natural tinha retratado hum grande Santo que em Portugal conhecia do nome, e partes que lhe dava. Contou entaõ o Ermitaõ, que avia alguns dias que estando huma noite em oraçaõ, e sendo jà perto da manhã cayra em hum leve sono, no qual se lhe representara a visaõ seguinte. Vio o Ceo aberto, e Christo Salvador nosso em pè, e a Virgem sua Māy junto delle com as maons juntas, e levantadas, como que o adorava: logo via abaixo dos braços da Senhora hum homem que no trajo representava Frade da Ordem dos Prègadores, e cercado de hum estranho resplandor tinha as maons em postura, que se mostrava sustentar com ellas os braços da Virgem, como se escreve que sostinhaõ os braços de Moyses, quando orava no Monte, Aaron, e Hur. E acrecentava, que ficando maravilhado, e desejoso de entender quem seria o bemaventurado de tamanha honra merecedor, lhe fora dito pola mesma Senhora, que era Frey Gil Espanhol da ultima Lusitania, Frade da Ordem dos Prègadores, seu particular devoto, e tal pessoa, que assi como via sustentarlhe os braços, assi por suas oraçoens, e merecimentos se mantinha, e augmentava a Ordem dos Prègadores. Tentando saber mais, desaparecera a visaõ, e o sono, ficandolhe impresso na memoria o nome que ouvira, e o rosto que vira: e atè aquella hora andara sempre com desejos de encontrar pessoas que o pudessem satisfazer se avia tal homem no mundo: e dava graças ao Senhor por lhe ter mostrado o que buscava, e confirmado com isso a sua visaõ. Este Conego vindo a Coimbra referio ao nosso Convento o que temos dito, confirmandoo com juramento em presença do Prior Frey Martinho Mar-

Exo. 17.

Martins, e dos Padres Frey Lopo Mestre, e Leitor de Theologia, e Frey Bertolameu Pires, e outros muitos.

Mas he muito de ponderar, que sendo estas honras, que acompanhaõ, e servem à virtude, negoceadas polo mesmo Deos em favor de seus servos, elles as aborrecem, e abominaõ, e assi vivem temerosos, a acautelados dellas, como de perigosa tentaçaõ, porque sabem que o enemigo commum, em quanto vivemos no carcere da carne, naõ perde occasiaõ de armar silada, e envolver veneno em tudo. Assi nenhum varaõ sisudo se dà por seguro em quanto vive, inda que se veja nadar em mimos, e favores do Ceo. E esta deve ser a rezaõ, porque lemos de muytos Santos antigos que clamavaõ com Paulo: *Quis me liberabit de corpore mortis huius?* Quando acabaremos de nos ver livres de hum corpo, em que tudo he morte? Porque ainda que a esperança do premio obriga muito, parece que faz mayor força o receyo de poder offender ao Senhor que amaõ, em huma vida toda cheya de laços, e occasioens de cayr. Desejava S. Frey Gil como Santo romper as prisoens. Quiz Deos que o soubessemos por mais honra sua por vias extraordinarias, naõ sò por sua boca. Estefania Brocarda dòna honrada, e rica, que vivia em Lisboa em santa viuvez, e opiniaõ de virtude, dava em sua casa por amor de Deos aposento, e raçaõ a hum pobre cego chamado Estevaõ homem virtuoso, que contente com aquella esmolla tratava sò de se encomendar a Deos em continua oraçaõ, sem andar polas ruas, cego nos olhos, mas muito alumiado na alma. E hum dia despois de ter dado longas horas a este exercicio, tendo os olhos de sua alma bem espertos, vio que subia da terra com estranho impeto, e velocidade hum globo de fogo ardente, e clarissimo, e notava, que chegando a emparelhar com as estrellas se abria o Ceo, e sahia hum Anjo que se lhe punha diante, e abanando com huma toalha o rebatia, e fazia tornar a decer pera a terra. Maravilhado o cego da contenda, e estendendo a oraçaõ com desejo de entender a significaçaõ, e mysterio della, foylhe dito polo mesmo Anjo, que a bola de fogo era a alma de Frey Gil de Santarem, que abrazada de amor Divino estava anelando por se ver livre do peso mortal, e voar aos braços do Criador: e elle era mandado a detello pera bem de muitas almas, que Deos queria ainda ganhar por seu meyo na terra, pera lhe renderem tambem despois mais altos gràos de gloria. Contou o cego com simplicidade o que se lhe representara a Estefania Brocarda como a pessoa espiritual. E ella, porque o tinha em grande conta, e juntamente era muito devota do Santo, publicou a visaõ. E de sua boca affirma que a ouvio, o primeiro, e mais antigo escritor da vida do Santo, em presença de Frey Gonçalo Martins natural de Santarem, e ajunta que viveo o Santo despois quasi cinco annos.

Rom. 7.

Passados estes cinco annos, e sendo entrado o Santo nos oitenta de sua idade, eralhe a vida trabalho, e dor mais que vida, tanto pola velhice, e fraquezas grandes que padecia, co-

mo polas ansias, com que suspirava por Christo, e desejava fogir da terra, que faziaõ por si outra infirmidade. Em fim chegou o messageiro de sua liberdade, que foy huma febre naõ ardente, nem temerosa: mas elle conhecendoa davalhe graças com alvoroço do que por meyo della esperava alcançar. Que se servir a Deos he possuir Reynos, como dezia Santo Antonio, que serà reynar com elle? Tratavaõ os Frades de fisicas, e medicamentos: desenganouos que naõ perdessem tempo, porque a hora de seu descanço era chegada. Pedio, e recebeo os Sacramentos da Igreja com entranhavel devaçaõ: e entrando o dia, que Christo nosso bem subio com gloria ao Padre Eterno, anno de 1265 mandouse tirar do leito, e lançar em terra sobre huma manta de saco, e consolando aos Religiosos com palavras cheyas de amor, e brandura, lembravalhes a guarda da observancia, e os ganhos certos que nella tinhaõ: e alegre entre tristes, risonho entre chorosos levantou as maons ao Ceo, e pronunciou com voz inteira aquellas palavras: *In manus tuas Christe Deus commendo spiritum meum.* E logo deixando cayr os braços em Cruz, rendeo o espirito taõ sem pena, que pareceo entrara em saboroso sono: e tal ficou seu rosto, assi bem assombrado, e composto. Ao amortalhar, e compor do corpo pera a sepultura, lhe foy achada à rayz da carne a cinta de ferro que em Palencia cingio, como atràs contamos, nos principios de sua conversaõ, e nunca mais tirou. E por tal se guarda no Convento como preciosa reliquia: e he pedida de muitas molheres em partos perigosos, mostrando o successo, que dura ainda naquelle ferro frio, e morto a virtude dos membros que tanto tempo acompanhou vivos.

B.Ant. in leg. Ord. Prædic.

1265.

CAPITULO XXIX.

Dos sinais que ouve da gloria do Santo, por diversidade de successos que a confirmaraõ.

O Primeyro sinal publico, e patente, que ouve da gloria deste Santo, foy que na hora que espirou, cessou hum cheiro desagradavel, que de ordinario acompanha os enfermos, e sua roupa, e aposentos, e subitamente se trocou em outro taõ suave, e cordial, que a todos consolava, e naõ avia quem lhe soubesse dar igual, ou semelhante em todos os da terra. O segundo foy o que deixamos contado na vida do Santo Frey Domingos do Cubo, que por isso naõ repetimos aqui. Tambem se teve por cousa muy certa o que contava Frey Andre o Medico, que hum tempo fora seu companheyro. Dezia elle que o Santo lhe aparecera com sembrante sobre maneira fermoso, e cheyo de luz, vestido de humas roupas como de neve na alvura: e porque Frey Andre se espantava de o ver, lhe dissera. Vivo estou Frey Andre, naõ vos enganeis, nem cuydeis que sou morto. Que a esta hora deixo Santarem, e me vou por essas aldeas a prègar. Ficou Frey Andre entendendo que o Santo despois de o certificar de sua gloria, lhe quiz apontar em alguma remissaõ de que era notado no officio da prègaçaõ, e fazerlhe

L.2. c.12.

zerlhe cortezammente na morte a lembrança que por ventura lhe fazia muitas vezes em vida com severidade.

Soou num momento por toda a villa o falecimento do Santo, e podemos dizer, que naõ ouve homem que naquelle dia faltasse na nossa Igreja. Ou fosse o amor, e beneficios com que o Santo sabia obrigar a todos, ou a dor da perda de hum tal vizinho, e pay da patria; que muito he pera sintir ausentarsenos hum Santo da terra. Anticiparaõse os Religiosos no officio, e enterro, respeito da solenidade do dia, e com receyo do que logo viraõ. Porque tanto que acabada a Missa, poseraõ maõ no ataude pera o levarem ao cemiterio, espertouse o amor, e saudade no povo: procuravaõ todos chegar a vello, e tocallo, e ficar com alguma memoria sua: e foraõlhe cortando os habitos com tanta pressa, e alvoroço, que a naõ se estorvar, ficara o corpo com indecencia. Mas sendo soterrado, persuadio a devaçaõ aos que naõ puderaõ alcançar parte no vestido, que taõ grande Santo tambem communicaria virtude às taboas em que aly viera. Foy cousa de ver a competencia com que o ataude foy desfeito, e a miudeza com que se repartio, cuydando cada hum que levava pera casa remedio, e saude. E mostrouo a experiencia. Huma pobre velha muito affeiçoada ao Santo, naõ pode aver mais que humas muy pequenas lascas do ataude, que por miudas ficaraõ polo chaõ, e huma pouca de terra da cova, que ainda do Santo naõ tinha mais que o nome: e com estas peças se foy recolhendo pera casa taõ rica, e contente, como os que melhor quinhaõ ouveraõ. De caminho quiz ver huma vizinha sua atribulada com hum filho minino, que tinha a cabeça aberta de huma perigosa ferida avida por desastre. Chamavase o Pay Miguel Grainho. Entrando, soube que lhe tinhaõ os Cirurgiaens feito novas feridas, e tirado ossos, com o que elles chamaõ alegrar o casco; e despois lhe sobreviera hum fluxo de sangue aos narizes taõ importuno, que naõ avia estancalo: e já o davaõ, e choravaõ por morto. Acudiolhe a boa velha com o remedio que pera si trazia do Convento, e a mãy do ferido recebeo a dadiva com fé: e pondo tudo sobre a cabeça do filho, vio effeito santo, e maravilhoso. Porque de repente cessou a corrente do sangue, com que foy dado por livre de perigo, e pouco despois veyo ao Convento saõ, offerecerse, e dar graças ao Santo.

Mas naõ deu menos occasiaõ de louvar a Deos outro successo claramente milagroso, e tambem do mesmo dia. Juntandose toda a villa no Convento à celebraçaõ das honras, como dissemos, com tal frequencia, que parecia naõ faltar vizinho nenhum: ouve hum taõ amigo do que à sua fazenda, e gosto pertencia, e taõ descuidado do que devia à solemnidade da gloriosa Ascensaõ, que se poz pola manhã a cavallo, e se foy polo termo a negocear o que sem perigo pudera fazer no dia seguinte, ou noutro menos festival. Mas naõ tardou a ira, ou a misericordia Divina (que huma cousa, e outra se descubrio no successo) em acudir por sua honra, e pola de

de seu servo. No meyo do negocio, ou do passatempo, em que entendia Martim Gonçalves Guecha, que assi se chamava o pouco escrupuloso fazendeyro, foy salteado de hum accidente de garganta (he seu nome entre os Medicos esquinencia) com dores agudas, e vehementes, e tal aperto da respiraçaõ, que se naõ podia fartar de folego. E o pior era, que creciaõ por momentos as dores, e a opressaõ interior: e assentou comsigo, que se o mal durava, naõ podia escapar de affogado. Mas logo foy aparecendo novo trabalho de hum tumor grande por toda a garganta pola parte de fòra, que começava a descer pera o peito. Entaõ começou tambem entrar em si, e cayr na conta da irreverencia que usara contra o Santo dia, e contra o Santo defunto. Lançouse em terra arrependendose, e reprendendose: e quanto as dores eraõ mais intensas, que como àsinte naõ cessavaõ de apertar os cordeis do tormento, mais merecedor se julgava dellas. Neste passo acudio a misericordia do Senhor, inspirandolhe que se valesse do Santo, pera remedio da offensa feita à Festa, e ao Santo. Como naõ ignorava as maravilhas que o Santo fizera em vida, nem duvidava que morto tinha estado, e merecimentos de as poder fazer mayores, ajuntou à compunçaõ hum voto de se yr confessar seu erro, se lhe dava remedio, na sua casa, e diante dos seus Frades: e como penitenciado de culpas graves aparecer com huma véla na maõ. Logo colhendo hum junco cingio com elle a garganta, que jà com a inchaçaõ tinha extraordinaria grossura, e prometeo com lagrimas que tal seria a medida da véla. Era o dia de triunfos, e de naõ aver ninguem descontente. Acabando de fazer o voto, vio logo os effeitos de sua contriçaõ, e do poder do Santo. Tornou todo o mal atràs polos mesmos passos que viera: e porque caisse de verdade em que huma, e outra cousa tinha origem do Ceo, cessou a dor, desinchou o peito, e garganta, fartouse de ar, naõ se fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, de se ver taõ milagrosamente restituido à saude. E no dia seguinte cumprio sua promessa em tudo.

Por maravilha, que tambem cahio quasi no felice transito, ajuntaremos a presente. Tinha visitado ao Santo algumas vezes na ultima doença o Alcaide mor da villa Mem Peres, fidalgo honrado, e muito seu affeiçoado: e tornou de huma muito desconsolado pera casa, por entender que hia acabando a vida, naõ polo que a doença ameaçava, mas porque o mesmo doente lho certificara. Desapegase mal nossa natureza do que ama. Naõ sofria o fidalgo averlhe de faltar taõ bom amigo, mas persuadido do que temia, dezialhe com sintimento. Pois meu Padre Frey Gil, e que ha de ser de Mem Peres sem vos? Que vida ha de ser a minha, quando entrar nesta casa, e naõ vos achar? Quem como vos me ha de aconselhar, guiar, e consolar? Vòs ireys para Deos como desejais, eu ficarey morrendo por me yr tràs vos. Consolavao o Santo com hum novo genero de promessa. Dezialhe que fiasse delle, que despois de morto lhe avia de fazer mais serviço, do que fazia vi-

vivendo: e em penhor desta verdade lhe prometia, que se alguma hora chamasse por elle com viva confiança em Deos, o avia de achar à sua ilharga vivo, e naõ morto. Eis que a poucos dias despois de falecido, adoêce Mem Peres, e foy o mal em tanto crecimento, que os Medicos desconfiaraõ, e declararaõ, que era tempo de tratar da alma. Naõ ouve que fazer, senaõ virar pera a parede como outro Ezechias, e buscar socorro do Ceo. Lembrouse das promessas do seu Santo, e fazia conta que eraõ duas: huma, que lhe avia de ser de proveito despois de morto: outra que o avia de achar vivo, se por elle chamasse. Pois, meu Santo, dezia o enfermo, se algum bem me aveis de fazer, pera quando mo guardais? Se esperais necessidade grande, nunca a tive mayor. Se nesta, que me tem em braços com a morte, me naõ acudis, nem vos acho vivo, como me prometestes; pera quando ey de esperar que me aproveitem vossos poderes? No meyo desta affliçaõ se lhe poz o Santo diante alegre, e resplandecente, e vestido de roupas de gloria, dizendo: Eisme aqui Mem Peres. Naõ desconfieis, que Deos he com vosco. Elle vos darà saude, e logo. As palavras dos Santos saõ juntamente obras. Desapareceo o Santo, e a doença juntamente com elle: e ficou taõ saõ, e as forças taõ inteiras, que estando no dia atràs sentenciado à morte polos medicos, no seguinte visitou a sepultura do Santo, e em final de saude perfeita jantou com os Frades do peixe da Communidade: os quais ouvindolhe o caso, notavaõ antes do milagre duas profecias do Santo, e no milagre cumprimento dambas: visto como lhe prometera duas cousas, e ambas cumprira nelle.

4.Reg.20

CAPITULO XXX.

Como resuscitaraõ por oraçoens feitas ao Santo tres mortos: e foraõ livres do Demonio quatro pessoas.

BEm he que, pois temos occasiaõ, comecemos este Capitulo polas terras em que o Santo naceo, jà que o precedente nos levou todo à em que morreo. Morava no lugar de Alafoens vizinho a Bouzella dona Tareja Martins prima do Santo, molher de Rodrigo Afonso de sobrenome Capaõ, e criava em sua casa hum minino por nome Pedro, filho de Lourenço Afonso Capaõ seu cunhado com amor de filho proprio, e como adoptivo, por carecer dos naturais. Ha no lugar humas fontes de agoas quentes medicinais, e tanques junto dellas pera os banhos, com que se curaõ varias doenças. Nestes he fama que foy curado el Rey dom Afonso Anriques sendo minino, da aleijaõ com que naceo. Succedeo que andando o minino Pedro brincando com outro junto do tanque, foraõ ambos em tombos polas escadas à agoa. O tanque tem altura, elles mininos: quando acudiraõ os que se acharaõ perto, naõ deraõ fé mais, que de hum que tiraraõ meyo affogado, e tal que foy necessario penduraremno polos pès pera vomitar a muita agoa que tinha bebido. Faltava o Pedro: como pode falar o companheiro, que o era continuo seu,

feu, perguntaraõlhe por elle: respondeo que quando cayra na agoa, ambos hiaõ juntos, e pegados, e naõ fabia mais. Ficouse entendendo o que era, que eftaria afogado dentro do tanque, e jà cozido, fegundo a calidade, e quentura da agoa, que em breve efpaço coze ovos, e péla galinhas, e patos: e fegundo a hora em que cayra. Fezfe diligencia, a agoa he clara, apareceo morto no fundo. Lançaraõfe a elle, e conta a hiftoria que foy quem o tirou hum Sacerdote nobre filho de dom Juliaõ. Pofto fòra naõ sò vinha morto, mas jà meyo cozido com a tez do rofto denegrida, e todo o corpo inchado, e azulado. Acudio dona Tareja: quando o vio tal, foy o pranto mais que de mãy. Defpois de muitas laftimas, e lagrimas, lembrada do parente Santo tornou fobre fi, e com devaçaõ igual à dor dezia pofta de joelhos. Ah bom Padre Frey Gil, fe vòs fois Santo, e amado de Deos, como todos criamos que o ereis quando entre nòs vivieis, tornaime efta criatura que por filho criava, e como filho amava: que bem creyo, e confio que, fe vòs quiferdes, mo podeis dar vivo, e faõ. Naõ faõ vagarofas as dadivas do Ceo. Acabava de pronunciar as ultimas palavras, fe naõ quando contra toda ordem, e razaõ natural, começa, o minino a abrir a boca, e vazar agoa, e pouco defpois abre os olhos, e com voz clara, e diftinta chamou pola mãy, e por fua ama. Foy o pafmo em todos naõ menor, que o prazer da mãy. E o pay a brados o offereceo logo à Ordem de S. Domingos. E defpois quando teve idade o levou a Santarem a prefentalo diante das reliquias do fanto parente, como coufa fua por novo titulo; e ao Prior da cafa pera lhe lançar o habito (dizem as memorias que era Prior Frey Domingos de Caleruega chegado em fangue a noffo Santo Patriarcha.) Autenticoufe o cafo por autos publicos: foraõ teftimunhas dona Tareja, e dona Maria Serram mãy do moço: e o clerigo que o tirou, e feu pay dom Juliaõ que o teve nos braços, e muitos outros. O moço em quanto viveo, ficou fempre amarelo, e fem cor de rofto: permiffaõ Divina pera perpetuo teftimunho do milagre.

Mas fe nefte fez alguma força ao Santo a carne, e o fangue, diremos logo de outros dous refucitados, em que sò verdadeira devaçaõ teve lugar. Em Lisboa na freguefia de Santa Jufta faleceo hum mancebo nobre de doença prolongada. Panteavaõno os pays, e parentes, e fobre todos huma avò que o tinha por lume dos feus olhos. Naõ era hora de o darem à terra, quando acabou de efpirar, porque anoitecia. Ficaraõno acompanhando, e carpindo toda a noite. Quando foy meya noite, começou a tocar o fino de S. Domingos a Matinas: e aquelle fom fez lembrança a alguns pera irem configo difcorrendo polo cuydado com que os Religiofos fe levantavaõ naquella hora; e faziaõ violencia à natureza pera cantarem louvores a Deos: que polos mefmos paffos correra S. Frey Gil, e fe fizera Santo, e milagrofo, e taõ celebre como entaõ andava na terra: e affentoufe entre

to-

todos, mandarem pedir ao Convento huma reliquia sua. Vieraõ com ella os Frades, poseraõna sobre o defunto, e rezando algumas oraçoens, pareceo que fizera o corpo movimento. Acudiraõ a verlhe o rosto: achaõ sembrante, e pulso de quem tornava à vida; e com espanto de todos tornou logo, naõ sò vivo, mas tambem saõ. Assi empregaraõ em sacrificios de graças o que tinhaõ aparelhado pera mortuorio.

Na villa de Estremoz acabava de dar a alma ao Criador hum mancebo mirrado de huma trabalhosa infirmidade. Era unico em casa. Despois de muito chorado tratouse de mortalha, sepultura, e exequias. Entrou a acompanhar a mãy, e parentas huma dòna principal do lugar chamada dona Anna: e trazendo comsigo huma reliquia do Santo, que em grande estima tinha, e guardava, chegouse ao defunto, e chamando em seu coraçaõ com muita confiança polo Santo, pozlha sobre os peitos. Milagroso effeito: como se com ella lhe trouxera vida, e alma, tornou, viveo, sarou, levantouse, e dentro de poucos dias foy a Santarem visitar o Santo, e contava aos Padres que sua alma desatada do corpo vira o veneravel Padre vestido em seu habito Dominico, e elle lhe mandara que tornasse a animar aquelles membros jà frios, e defuntos: e polo beneficio recebido lhe hia render as graças.

Succedeo a huma pobre molher em Alanquer cayr de hum eyrado taõ alto, que huns homens que acertaraõ a vella, quando vinha polos ares, a davaõ por feita pedaços, naõ sò por morta. Chegando a ella achaõna sam, e salva, e sem nenhuma lesaõ. Pasmados de a ver com vida, dezialhes a molher alegremente, que logo em se sintindo cayr chamara polo seu Santo Frey Gil em sua alma, e elle lhe valera: e dezia seu Santo; porque o mesmo favor lhe fizera em tempos atràs na doença de hum anno, onde cada dia tinha a morte presente: mas entaõ fora sarar, agora resuscitar.

A estes quatro livres das leys da morte ajuntaremos outros quatro livres das afrontas, e insultos do Demonio, que despois que por permissaõ Divina tem licença (sem ella naõ pode nada) pera nos perseguir, he mais temeroso por feyo, que a mesma morte: e mais prejudicial por maligno, e polo grande odio que tem aos homens, que todo o mal do mundo.

Seis annos avia que era atormentada de grandes tremores de coraçaõ Maria Sueyra molher pobre, moradora em Santarem, na fregue sia de Santo Estevaõ. E jà se sabia que naõ procediaõ de causa natural. Apareceralhe o demonio duas vezes: e tal vista fez effeitos conformes. Ficaraõlhe alèm do mal do coraçaõ huns estremecimentos de todo o corpo, que lhe acabavaõ a vida com tormento. E o enemigo naõ cessava de a perseguir com infernais tentaçoens que acabasse de sayr de huma vida cançada, penosa, e triste; e pois tinha maons, naõ esparasse outro meyo, que naõ tinha que esperar de Deos. Outras vezes se persuadia que tinha o Demonio dentro nas entranhas, e que lhas arrancava de seu lugar. A isto

ajuntava darlhe com maõ invisivel crueis bofetadas no rosto, que a faziaõ yr fogindo como desasizada fòra da casa. Assi andava a pobre sem cor, nem figura de criatura humana, taõ avexada destes trabalhos, como do medo delles, que era guerra por si, quando cessavaõ. Confessavaa Frey Andre da Cruz varaõ espiritual: fazia todas as diligencias pola quietar, mas perdia tempo, e trabalho. Era grande a força do enemigo: a molher de seu fraca ajudavase pouco dos bons conselhos. Naõ avia hum mez que o Santo era passado a melhor vida: amiudavaõ milagres em sua sepultura. Mandoulhe o Confessor que continuasse na Igreja, e pedisse remedio ao Santo. Ao terceiro dia que tinha começado a devaçaõ estando levemente adormecida, representouselhe que via o Santo grandemente fermoso em vestido, e sembrante, e parecialhe que se chegava a elle com humildade, e tomandolhe a borda da capa, punhaa sobre a cabeça, e dizialhe: Avey piedade de my, Padre santo, livraime das afrontas deste enemigo. E o Santo lhe respondia. Vaite embora, filha, buscame no lugar de minha sepultura, que là me acharàs. Acordou a affligida, comprou candeas, foy com ellas onde era mandada. He cousa certa, que desdaquella hora nunca mais se lhe atreveo o enemigo.

Domingos Joaõ, que em Coimbra tinha a seu cargo arrecadar as rendas del Rey, fora em vida do Santo particular amigo, e devoto seu, e à sua conta fazia muitas caridades aos nossos Frades, e ao Convento. Como sabia muito delle, quiz ficar com huma peça sua, e usou desta manha: mandoulhe fazer huma capa nova, e pediolhe que a trocasse com a que trazia bem usada, e velha. Pareceo ao Santo que era receber esmolla, acto de pobreza, e humildade, naõ fez difficuldade. Dahi a muitos annos aconteceo entrar o Demonio em hum Domingos Pires seu vizinho, e atormentallo taõ terribelmente que fazia grande lastima a vida que passava. Vindo à noticia de Domingos Joaõ hum dia, que o pobre mais tyranizado estava, lançoulhe a capa do Santo às costas. Foy effeito nunca cuydado. Raivando, e bramindo se sahio do corpo, e nunca mais se atreveo a tornar a elle.

A hum mancebo chamado Abril, de obrigaçaõ de Fernaõ Fernandes homem principal de Thomar, tomou hum mal repentino, e naõ entendido dos medicos: o qual lhe dava com huma dor de coraçaõ, e das entranhas taõ desmedida, que arrebentava em furia, e fernesis: e de maneira forcejava, que muitos homens juntos o naõ podiaõ ter, nem tolherlhe desfazer, e espedaçar quanto podia alcançar com os dentes, tanto em si, como em outrem. E naõ avia remedio pera lhe defenderem comerse aos bocados, se naõ era tendoo atado em aspa de pès, e maons, e amarrandolhe atè a cabeça. Neste martyrio vivia o pobre, e confessava jà que era espirito mào, naõ humor quem lho causava. Acertou de entrar por casa dom Lourenço de Thomar Procurador dos cavaleiros Templarios, que aly tinhaõ seu Convento, homem religioso, e

de

de autoridade. E notando o que passava, lançou maõ ao seyo, e tirou delle hum papel que lhe meteo nos peitos. Foy caso de pasmar. Porque repentinamente de tigre furioso tornou hum cordeiro, e dizia com mansidaõ. O' bom Deos! ò bom Senhor! eu estou saõ. E acrecentava falando com dom Lourenço: De verdade senhor, que ou vossas maons tem alguma grande virtude secreta: ou trazeis convosco cousa que a tenha. Porque em me tocando essa maõ, fiquei livre de huma oppressaõ atrocissima. Dom Lourenço derramando lagrimas de prazer polo effeito que via, declarou entaõ aos circunstantes que nacia a maravilha da terra da sepultura do Santo Frey Gil que consigo trazia. E porque ficasse mais patente o milagre, permittio o Senhor, que despois de solto das prisoens o acometesse de novo o enemigo apertandolhe com maõ invisivel huma perna, e joelho taõ duramente, que o pobre voz em grita pedia que lhe acudissem com a terra santa ao lugar, se naõ que morria. Aplicouselhe, e no mesmo ponto cessou a dor, e fogio quem lha dava. Terceira vez, indo hum dia pera entrar em casa, deu com elle de rosto, que o esperava da banda de dentro cercado de hum numero infinito de Demonios, que lhe tinhaõ a porta tomada. Ficou assombrado, e naõ se atrevia a entrar, valeose do primeyro soccorro: lançaraõlhe ao pescoço a terra do Santo: como a trouxe, nunca mais a enemigo teve maõ contra elle.

Faltanos o quarto dos que prometemos. Este era hum moçozinho filho de Sylvestre Peres Taballiaõ de Santarem, e de sua molher Domingas Peres. Sendo muito amiude acometido, e maltratado do Demonio, lançoulhe a mãy ao pescoço huma nomina com terra do Santo: foy defensivo com que ficou de todo livre. A cabo de hum anno torna o maldito a fazerlhe guerra. Sentidos os pays buscaraõlhe o pescoço: confessou, que dandose por saõ largara a nomina. Armaraõno com outra, e bastou pera ficar toda a vida em paz.

CAPITULO XXXI.

Como se converteo hum Mouro, e foraõ curadas algumas pessoas de grandes males por meyo de reliquias do Santo.

AOs casos milagrosos que temos pera este Capitulo farà principio hum em que grandemente resplandece a misericordia de nosso bom Deos, e se offerece materia de consolaçaõ pera todo animo fiel, e pio. Dona Maria Bernardes viuva, moradora em Santarem, dona nobre por geraçaõ, e virtude, tinha hum escravo Mouro, que desejava ver bautizado por lhe ganhar a alma, e porque via nelle taõ boas partes naturais, que lhe fazia lastima averse de perder. E he de considerar, que nenhuma rezaõ bastava pera o persuadir. Taõ cego, e emperrado vivia com Mafamede, que quando se via convencido, porque naõ podia fazer mudo a quem o convencia, faziase a si surdo polo naõ ouvir, metendo os dedos nos ouvidos. Vindo a adoecer de huma febre de mà calidade, tinha a senhora de seu hum

hum eſcapulario do Santo que muito eſtimava; pozlho à cabeceyra por ſua maõ com a fé que lho fazia eſtimar, e piedade que avia do eſcravo, dizendo, que fiava na ſantidade, de cuja fora aquella peça, que ou avia de ter ſaude no corpo vivendo, ou na alma morrendo Chriſtaõ. Aſſi o deixou huma tarde, e foiſe ao Convento a Veſperas. Entretanto obrou a ſanta reliquia inviſivelmente oraro, e viſto effeito de Prègador. Gritou o Mourro que lhe chamaſſem ſua ſenhora, que logo logo ſe queria bautizar, que naõ ouveſſe tardança. Acudiraõ dom Bernardo, e Giraldo Soares, Lourenço Mendes, e dona Caterina todos irmaons de dona Maria. Juntaraõſe de fòra dona Gontina, e Orraca Gil vizinhas: foy grande o alvoroço, e contentamento. Recebeo a agoa do ſanto Bautiſmo com huma fé taõ viva, como quem merecera ter por prègador o Eſpirito Santo que o prevenio ſobrenaturalmente. Foyſe agravando a doença, e elle crecia na fé. Pareceo bem darſelhe o Santiſſimo Sacramento por viatico: e foy bem a tempo o Divino ſocorro. Porque começou a ſer tentado com vehemencia, moſtrandoſelhe à viſta muitos Demonios, contra os quais uſava das armas da Cruz o novo ſoldado daquella celeſtial bandeira, perſinandoſe muitas vezes, e pedindo a todos que o ajudaſſem. No meyo deſte combate ficou de repente ſuſpenſo, fazendo geitos no roſto, hora de alegria, e humildade, hora de admiraçaõ, e como quem via, e ouvia couſas de que muito ſe agradava. Paſſado hum eſpaço, contou que eſtando a caſa cheya de gente disforme, e medonha, ſubitamente entrara huma luz como de muitas tochas juntas, que a fizera fogir: e logo vira a Chriſto Noſſo Salvador com a Virgem bemdita ſua Mãy, que o animavaõ contra os medos da companhia infernal. E deſpois entrara Gonçalo Mendes ſeu ſenhor, e marido de dona Maria Bernardes acompanhado de huma filha defuntos ambos, e ambos cercados de claridade lhe deziaõ que ſe foſſe com elles. E o meſmo lhe dezia tambem hum Frade Dominico que via muito reſplandecente, e formoſo. Referia iſto o bemaventurado cheyo de conſolaçaõ, e eſpanto, e aſſi voou aos gozos eternos. Ninguem ouve que duvidaſſe que todo eſte bem tevera origem do eſcapulario do Santo, e que elle era o Frade que o defunto vira.

Sobre couſas taõ religioſas como eſta, e muitas que temos contado, parecia ſuperfluo deſpendermos tempo, e papel, em ajuntar outras que naõ ſaõ de tanta maravilha, nem podem dar mais honra ao Santo. Com tudo porque ſeria fazer injuria aos que antes de nòs eſcreveraõ, ſe deixaſſemos de apontar os caſos que elles naõ deſprezaraõ por menos importantes, diremos mais alguns com a mayor brevidade que pudermos.

Huma molher rica de Torres novas teve huma poſtema no roſto de humor taõ venenoſo, que lhe veyo a lavrar, e comer toda huma queixada em forma que jà lhe deſcobria os dentes, e nelles, e na boca hia fazendo tal impreſſaõ, que a meſma enferma naõ podia ſofrer o halito que della procedia. Foyſe a Santarem

tarem pera se valer de medicos, e cirurgiaens de mais nome. Ay visitou huma emparedada de fama em virtude pera lhe pedir suas oraçoens. Esta lhe aconselhou que buscasse sò remedios do Ceo encomendandose a S. Frey Gil. Obedeceo, foyse ao Convento, poz a face fistulada sobre a sepultura do Santo com devaçaõ, e lagrimas, e polvorizou a chaga com terra della. Começou logo a sintir melhoria: e ao quarto dia se achou de todo sam, sem lhe ficar no rosto mais final que humas leves costuras. O Mestre Frey Andre de Resende seguindo a Frey Pedro Paes, hum dos escritores antigos da vida do Santo, diz que esta molher era de Villa nova de Vermoym. Possivel he que fossem dous milagres distintos.

Outra semelhante postema naceo a huma moça de serviço, que em sua casa tinha hum homem nobre de Valença de Alcantara, por nome Joaõ Peres. Tevera principio entre as espadoas, foylhe subindo, e tomando o pescoço, e garganta com dureza, e inflammaçaõ, que dava finaes mortaes, porque lhe tolhia a respiraçaõ, e a fala. Chamaõ os medicos a este genero de postemas carbunculos, e entrazes: saõ de mà calidade, porque se geraõ de humor colerico, e adusto, e por essa causa em tempos de contagiaõ saõ avidas por taõ mortiferas, como as nacidas ordinarias da peste. Avendo jà tres dias que naõ falava, e a postema sempre mais rebelde, e sem final de suporaçaõ, lembrouse o Amo dos milagres de S. Frey Gil, de que no mesmo lugar avia grande fama por relaçaõ de parentes, que a mesma enferma tinha em Santarem: e fez voto, se lhe dava saude, de yr com ella visitar sua sepultura. Foy cousa vista, e certa, que tràs o voto saltou por si a escara, e vasou grande copia de materia, com que logo desafogou a garganta, e pode respirar, e falar livremente, e em breve foy sam.

Do mesmo mal tinha em Santarem hum Mendo Joaõ sua molher taõ chegada ao estremo da vida, que naõ tratava jà mais que de remedios da alma. Quando a vio neste estado foy correndo ao Convento: toma em hum lenço huma pouca da terra do Santo: assi atada lha chegou ao pescoço, onde tinha a nacida. Cessou logo a dor, que era muy vehemente, e abaixou, e resolveose a postema, e ficou a enferma de todo livre.

Na mesma villa era moradora, mas de mayor mal atormentada, huma Mor Paes. Porque tinha dentro na boca hum cancro sem lhe valer mezinha, nem a esperar da terra. Sonhou huma noite que hia à sepultura do Santo, e com terra, que della tomava, alcançava saude. Tanto que luzio a manham fez o sonho verdadeiro em tudo: foy à cova, tomou terra, aplicoua ao mal, e ficou sam.

A Martim Joaõ Clerigo do Bispado do Porto se lhe abrio huma chaga no braço esquerdo de hum humor taõ corrosivo (chamaõlhe os Cirurgiaens fogo de Santo Antaõ) que lhe tinha lavrado atè o cotovelo, comida a carne, descubertas as canas, e em estado que de maõ, e braço naõ tinha jà mais que ossos secos. E porque se entendia que o dano naõ pararia no cotovelo,

era conselho, (e o pobre Clerigo estava jà persuadido) deixar cortar o braço por salvar a vida. Neste ponto lhe lembraraõ amigos que se encomendasse ao Santo Frey Gil, cujas maravilhas andavaõ na boca de todos. Aceitou o conselho, offereceose de coraçaõ ao Santo com voto de visitar sua casa, se lhe dava remedio. He cousa averiguada que logo parou o mal, e acudio a natureza a cubrir de nova carne as canas, e em pouco tempo naõ ouve differença de hum braço a outro.

Quatro mezes avia que hum filho do procurador do nosso Convento de Santarem tinha na cabeça huma grande inchaçaõ, sem aver remedio que lha mollificasse, ou resolvesse. E diziaõ os medicos que procedia de figado abrazado, e corrupto: e assi se hia o moço consumindo. Acudio o pay ao Santo, encomendoulho com lagrimas, e amor de pay, trouxe da sua terra, lançoulha sobre a cabeça. Era isto em estado que o moço estava jà em artigo de morte, olhos fechados, sem fala. No mesmo ponto que lhe tocou a terra espertou gritando, que hum Frade de S. Domingos lhe abrira a cabeça. Viraõ logo correrlhe della hum rio de materia como de postema madura, estando atè aquella hora rebelde, e desesperada; e em poucos dias convaleceo de todo.

CAPITULO XXXII.

De muitas, e varias doenças que teveraõ milagrosa cura encomendandose os enfermos ao Santo, ou usando de suas reliquias.

HE o mal de hydropesia poucas vezes curavel. E em gente pobre quasi todos os males tomaõ esta calidade. Estava enfermo della, avia dous annos, Martim Domingues Barqueiro de Santarem, tinha perdido a fazenda em curas, e naõ alcançado cura. Despois de martyrizado com fontes, e chagas que lhe abriraõ pera lhe vazarem a agoa, e tudo sem proveito, foyse hum dia sobre hum bordaõ visitar o sepulcro do Santo. Tornando cançado do caminho, e da infirmidade adormeceo, e começou a sonhar que hia pera hum lugar do termo afadigado de se naõ poder ter nas pernas, e encontrava com o Santo que bem conhecia. Alegre com taõ bom encontro lançavaselhe aos pès, pedialhe que lhe desse remedio como dava a todos. E o Santo lhe perguntava que doença tinha, e pondolhe as maons onde a força della o trazia mais inchado, dezia: Tornaivos pera casa, que jà ides saõ. Acordou com hum leve accidente de dissenteria, que bastou pera o desinchar de todo, e cobrar saude.

A outro homem da mesma villa deu no rosto, e cabeça huma extraordinaria inchaçaõ, e hialhe crecendo atè decer ao peito, e garganta, com tal disformidade, que quasi se lhe naõ enxergavaõ olhos nem feiçaõ de rosto. Acudio ao Santo, poseraõlhe

raõlhe ſobre a cabeça hum retalho do ſeu eſcapulario. Logo ſem aver dilaçaõ de tempo em meyo, e à viſta de muitas peſſoas, ſe lhe abrio huma fonte debaixo da barba, por onde evacuou tanto humor, que ficou enxuto, e ſaõ, como quando o mais era.

Payo Nunes natural de Santarem ſendo homem que vivia de ſeu trabalho, veyo a ter por deſaſtre huma disforme quebradura de ambas as virilhas. Como deixou de ganhar jornais polo impedimento do mal, cahio em eſtrema pobreza (doença mayor que a primeira) e pera pedir o remedio polas portas determinou mudar terra, onde naõ foſſe conhecido. Mas quiz primeiro viſitar o Santo, e repreſentarlhe ſua neceſſidade, e reſoluçaõ: foy ao Convento, chorou, laſtimouſe, pedio miſericordia, e trouxe conſigo da terra da ſepultura. Logo na noite ſeguinte eſtando eſperto, e ſem dormir, vio chegarſe o Santo a elle, e porlhe as maons com tanta força, que ſintindo graviſſima dor gritou, ay de my, Padre Frey Gil, que me mataſtes. O Santo lhe reſpondeo que naõ temeſſe, que ficava ſaõ. E aſſi foy.

Do meſmo mal alcançaraõ ſaude por differentes vias Domingos Martins de Coimbra, e Raymundo Francez de Mompelher. O Domingos Martins padecia grandes tormentos ſecretos, naõ querendo manifeſtarſe a medicos, ou por honeſto, ou por corrido da enfermidade. Vendoſe em huma conjunçaõ de Lua apertado de hum accidente de extraordinarias dores, nem iſſo baſtou pera ſe ſojeitar a mezinhas humanas: falou com o Santo em ſua alma, dizendo que a elle sò queria por ſeu Medico, a elle remetia ſeu remedio com voto que viſitaria ſua caſa, ſe lho dava. Naõ tardou o Santo em lhe fazer conhecer quanto acertara: repentinamente ſe achou ſem dores, e com as roturas ſoldadas. O Francez cobiçoſo de ſaude, mais que pejado da deformidade ſayra de ſua terra pera C,aragoça de Aragaõ à fama de Meſtres que aly curavaõ ſemelhantes trabalhos. Gaſtou com elles ſua pobreza; abriraõno duas vezes, coſeraõno : deſpois de fortes martyrios foy a cura taõ pouco duravel, que a poucas jornadas deſpois de ſaydo de C,aragoça pera Santiago feito Romeyro, como caminhava a pè, tornou ao primeiro eſtado: e continuando todavia o caminho, abrio ſegunda rotura, e ficou com duas. Aſſi atormentado acabou ſua romaria, e fazendo conta que em Lisboa acharia embarcaçaõ que o poſeſſe junto de ſua terra, entrou por Portugal, chegou a Santarem. Aly ouvindo os milagres do Santo, foyſe ao Convento cheyo de boa eſperança. Continuando ſua devaçaõ, quando veyo o ſexto dia ſintioſe aliviado notavelmente de hum pejo continuo que ſempre o acompanhava, e parecialhe que naquelle momento, e lugar (eſtava diante do altar) crecia em forças, e alento como quando era ſaõ, e moço. Eſpantado da novidade, e tornando ſobre ſi, achou que de todo ponto ſe lhe aviaõ cerrado, e ſoldado por ſi ambas as roturas; e derramando lagrimas por graças diante do Santo entrou no Convento, e contou de praça o milagre.

Hum moço nobre, filho de dona Mayor de Guimaraens, foy em Santarem atropelado de hum cavallo, de que ficou com hum braço quebrado. Curouse, soldaraõ as canas. Mas ficoulhe tal fraqueza que naõ era senhor de o dobrar, nem abrir, e fechar a maõ, nem ainda bolir com os dedos. Levouo sua mãy ao Santo, atoulhe nos braços da sua terra: foy Deos servido que antes de sayr da Igreja meneava livremente o braço, e movia toda a maõ, e pouco despois naõ teve mal nenhum.

O mesmo aconteceo a Payo Nunes que atràs nomeamos. Andava em seu trabalho descalço, meteoselhe hum osso agudo pola planta do pè, foy penetrante, apostemou, logo inchou pè, e perna, seguiraõ intoleraveis dores. Lembrado do beneficio que outra vez recebera da terra do Santo, como fica contado, mandoua buscar, polvorizou a chaga huma sò vez. Naõ foy mais necessario pera ficar logo saõ.

Frey Gil Ermiguez, e Frey Rodrigo Fernandes ambos Frades nossos, se deraõ por affogados com espinhas na garganta atravessadas, ambos foraõ livres com chamarem polo Santo. O primeiro levou a espinha no refeitorio, foyse lançar sobre a cova do Santo orando em seu coraçaõ, porque com a lingoa naõ podia, e lançava logo cuberta de sangue. O segundo teve o perigo em Obedos, era a espinha de Dourada (que ha muitas na alagoa daquella villa) affogavase, valeolhe a invocaçaõ do Santo com hum final da Cruz sobre a garganta.

Em Santarem na freguesia de Marvilla hum minino de peito, filho de Domingos Munhòs, lançou maõ de hum anel da mãy, e como os mininos tudo levaõ à boca, metteoo nella sem ser visto: e cahiolhe na estreiteza da guela. Affogavase, chorava, queixavase, tussia, ninguem entendia o que era, mais que ser mal na garganta. Acudio a vizinhança, entrou juntamente huma molher que dava candeas aos devotos da nossa Igreja. Esta desenrolou depressa hum maço das que trazia consigo, e cingindolhe o pescocinho; prometeo yr acender, e offerecer logo a medida ao Santo. Feito o voto, sae do profundo da garganta o anel envolto em sangue, pasmando todos, e engrandecendo o milagre na consideraçaõ do perigo.

A Pero Sueyro de Tancos naceo na ponta do nariz hum genero de postema, que os medicos chamaõ *Noli me tangere*. Tomavalhe jà todo o rosto com huma fea inchaçaõ, e escara por cima. Veyo a Santarem buscar remedio a hum Cirurgiaõ de fama por nome Mestre Martinho, o qual imaginando que cortado o mal na raiz, e arrancado, deixaria o enfermo saõ: pozlhe o ferro, e lançoulho destramente fòra. Mas enganouse, porque sobreveyo nova inchaçaõ que tomava o pescoço, e garganta, e entrava em ansias de morte. Neste passo lhe acudio Estevaõ Nunes, em cuja casa se agasalhava, com hum pedaço de tunica que tinha do Santo: e a olhos vistos amainou a inchaçaõ, aliviou a garganta, e ficou curado.

Cinco annos avia que padecia fluxo de sangue continuo huma dòna honrada, moça, e muito

to rica, molher de Domingos Eſtevens, e com huma sò doença penava em dous tormentos, hum da infirmidade nojoſa por ſi, e deſconſolada, outro da deſconfiança de poder ter filhos que muito deſejava (eraõ moradores em Santarem na freguefia de Marvilla.) Hum ſabado primeiro deſpois da Aſcençaõ, em hora que ſe achava com notavel fraqueza cauſada do mal, diſſelhe a mãy que ſe esforçaſſe, e foſſem ouvir as veſparas do Santo, porque ao Domingo ſe lhe fazia no Convento a feſta. Fez o caminho encoſtada em duas molheres. Na Igreja proſtrouſe em terra humilde, e devota, e atribulada: e fez voto de lhe jejuar toda a vida a veſpara de ſua feſta, ſe lhe dava ſaude. Affirmava deſpois, que logo na meſma tarde ſintira melhoria, e no dia ſeguinte ſe achara com taõ bom alento, que aſſiſtira ſem pena à Miſſa, e prègaçaõ, e de maneira ficou livre da deſaventura em que vivia, que pera verdadeyro, e claro teſtemunho, aos nove mezes cumpridos alegrou a caſa, e o marido, e a ſi com hum filho macho.

Eſta meſma molher hum anno deſpois teve hum accidente de parlezia que lhe tolheo hum braço. Como tinha experiencia freſca do que valiaõ com o Santo rogos humildes, foyſe ao Convento, chorou, rogou, inſtou, tornou pera caſa naõ sò remediada, mas ſam de todo.

CAPITULO XXXIII.

De algumas molheres que alcançaraõ remedio em partos difficultoſos, encomendandoſe ao Santo: e como foraõ curados ſurdos, e mudos com a terra da ſua cova.

HUma dòna honrada de Coimbra, andando prenhada, deu em huma hidropeſia disforme, e ao parecer ſem remedio, porque os que a Fiſica podia aplicar, tolhia a prenhez. Acolheoſe aos remedios do Ceo, buſcou huma reliquia do Santo, trouxea conſigo, e fez voto de yr em peſſoa, ou mandar viſitar ſua ſepultura. Naõ paſſaraõ tres dias que a inchaçaõ, que a trazia feita hum monſtro, ſe ſumio, e reſolveo por ſi, e teve ſaude, e bom parto.

No lugar de Ceice termo de Ourem eſteve huma molher tres dias inteiros com dores de parto continuas, e reduzida a tamanha fraqueza, que as Comadres a davaõ por morta. Acertaraõ a paſſar pola rua huns Frades de S. Domingos de caminho pera Thomar. Eraõ os gritos da pobre taõ laſtimoſos, que os obrigou a caridade a perguntar a cauſa: quando a ſouberaõ mandaraõlhe dizer, que ſe encomendaſſe a S. Frey Gil, e teveſſe por certo o ſoccorro do Ceo. Começou logo a chamar polo Santo, e elle naõ eſperou ſer importunado, deulhe alivio, e forças, e hora boa que a fez mãy de hum filho.

No meſmo lugar ſuccedeo a outra ſemelhante trabalho em dores, e em tempo. Foy viſitada da que acabamos de contar, e ad-

advirtida que se valesse do Santo como ella fizera. Tomou o conselho, e no mesmo ponto teve remedio. Correo a fama pola terra, creceo a devaçaõ. Em apontando a necessidade, naõ conheciaõ outro Santo: e achamos em lembrança que outras tres molheres, postas em igual perigo, foraõ livres encomendandose a elle.

Dona Maria Bernardes, de quem atràs falamos, padecia grandes dores em hum ouvido com inflammaçaõ, e tumor nelle. Acudiolhe febre intensa, perdeo o sono, e o ouvir. Tinha remedio em casa provado com experiencia, que era hum escapulario do Santo, mandouo vir, e fez que lho posessem sobre a cabeça. Logo na noite seguinte repousou. E caindo em hum sono descançado, de que andava falta, sonhou que via diante de si o Santo, e que lhe dezia, que pozesse o ouvido sobre huma panella nova cheya de agoa quente, e tomando aquelle bafo guareceria logo. E parecialhe que o Santo por suas maons lhe aplicava o mesmo remedio, e com elle aliviava a dor, e despejava o humor. Acordou, e vio com effeito o que o sono lhe representara. Porque cessaraõ as dores, a inchaçaõ abaixou, tornou a ouvir como quando era sam, e os travesseiros da cama apareceraõ tintos de sangue, e materia envolta, que sem ella o sintir, despidio a natureza.

Domingos Munhòs tambem de Santarem, cuja molher tambem foy curada polo Santo duas vezes, como fica contado, vivia triste, porque hum filho minino que tinha, de dores de cabeça veyo a ficar taõ profundamente surdo, que se naõ era por acenos, nenhuma cousa entendia. A mãy que tinha por certo o socorro no Santo pera todo trabalho, polo que em si exprimentara, mandouo com outros da mesma idade à sepultura do Santo, instruidos no que aviaõ de fazer pera que elle fizesse o mesmo, porque doutro modo naõ era possivel doutrinallo. Foraõse de companhia à cova do Santo, tomavaõ da terra, lançavaõna sobre a cabeça, esfregavaõ com ella o rosto, e metiaõna polos ouvidos. Fazia o surdinho outro tanto. E o Santo naõ desprezou a devaçaõ da mãy, nem a obra do filho: e a terra, por ser sua, fez effeito contrario do que toda outra costuma, costuma cerrar, obstruir, e ensurdecer mais, esta abrio, espertou, aguçou, e em fim resuscitou aquelle sentido sepultado, e perdido, sem final de que nunca nelle padecera falta.

Outra molher da mesma villa vivia com grande pena, porque huma doença larga lhe deixara nos ouvidos huns tinnidos, que a traziaõ totalmente surda: e ajudava o mal huma vehemente inclinaçaõ, e apetite de comer barro, a que naõ podia resistir, nem resistia. E de tal nutrimento procediaõ outros males, com que o dos ouvidos vinha a ser o menor. Desesperada de tal vida por meyos humanos, acolheose à Igreja, offereceose ao Santo, visitou sua sepultura. Foy logo amaynando o rugido da cabeça, e espertando o sentido do ouvir: e o que mais espantou, tamanho aborrecimento criou ao barro, que sò a memoria delle lhe fazia vomitos.

Hum mancebo em tanto estremo

tremo surdo, que nenhuma voz nem brado, por grande, e muy vizinho que fosse, ouvia, alcançou inteiro remedio, com se lançar sobre a sepultura do Santo, pòr nella os ouvidos, e nos ouvidos a terra della.

Polos mesmos passos guareceo outro homem de huma postema nacida dentro em hum ouvido, que lhe tinha o rosto todo erisipulado, e inflammado com tamanhas dores que temia perder o juizo. Cobrio a orelha toda da terra do Santo. (Raro, e nunca visto effeito) fogio o humor nocivo do lugar como se o lançaraõ com a maõ, e à força, e foy fazer defluxaõ debaixo de hum braço: onde madurou logo, e com huma leve picada de lanceta descarregou a natureza.

Aconteceo em Santarem a huma molher moça ficar muda de hum sobresalto: e nem hum grito, nem hum gemido podia dar. E entendiasselhe que padecia grandes tormentos interiores, porque cruzava os braços, apertava, e trosia as maons, lançavase em terra, e espojavase nella como desasizada. Poseraõlhe da terra do Santo sobre a cabeça, deraõlha a beber em agoa, tornoulhe a fala, como quando mais solta, e mais espevitada a tinha.

Celebravase naquelles tempos a tresladaçaõ do Padre S. Domingos na cidade de Lisboa com grandes festas, e concursos de povo. Passaraõ huns ourives pola porta doutro que estava entendendo em seu officio, rogaraõlhe que se fosse com elles à festa. Naõ quiz deixar o que fazia, e continuando (era obra de fogo) saltoulhe huma faisca dentro num olho: fez logo empola que lhe tolhia fechallo, seguiraõ dores incomportaveis. Insinado do desastre foyse correndo à festa, e chegou a tempo que estavaõ a meya prègaçaõ, e o Prègador a caso hia contando alguns milagres do Santo Frey Gil. Como os ouvio prometeo yr a pè dentro a Santarem visitar sua sepultura, se lhe salvava o olho. Naõ foy necessario mais pera o Santo acudir logo à humildade, e contriçaõ. Chegando a casa sintiose muito aliviado das dores, e sem pejo no olho. Espantado de taõ notavel melhoria, em parte demasiado sensitiva, tomou hum espelho, e vio o olho limpo, e claro, e sem lezaõ. E conhecendo que naõ podia succeder tal sem manifesto milagre em taõ curto espaço de tempo, porque a natureza naõ obra nada em instante, cheyo de prazer por se ver saõ, sem lembrança de comer nem beber, nem da hora que era (era das onze pera o meyo dia) nem do tempo jà calmoso, tirou pola porta fora, e foyse dar cumprimento a seu voto.

CAPITULO XXXIIII.

Como foy tresladado o Santo pera a sua Capella.

SEis annos avia que o Santo gozava dos eternos bens do Ceo, continuando em todo Portugal prodigiosos casos em honra sua, à vista de qualquer reliquia, ou sò invocaçaõ de seu nome, semelhantes em sustancia, aventajados em numero aos que temos contado. E todavia ninguem tratava de o melhorar de lugar na terra. Estava entre os

seus

ſeus debaixo dos pès de todos, quem entre os eſtranhos andava ſobre as cabeças de todos por reputaçaõ, e fama de ſantidade. E era mayor o ſintimento nos devotos, porque lhe tinha lavrado capella, e tumulo ſua prima, e grande devota dona Joana Dias ſenhora da Atouguia, e naõ baſtava iſto pera ſe determinarem os Frades. Em fim acudio o Santo por ſi. Em primeyro de Julho do anno de 1271 apareceo a Frey Joaõ de Santarem porteyro do Convento, eſtando em oraçaõ, e diſſelhe, que advirtiſſe ao Prior, e mais Religioſos, que era tempo, e Deos o queria, que tiraſſem ſeu corpo do ſitio humilde em que jazia, pera onde ficaſſe nos olhos do povo que o amava, e eſtimava. Fez o Porteiro ſua embaixada, e foylhe crida, porque ſua peſſoa, e virtude a acreditavaõ. Mas offereciaõſe inconvenientes fundados em humildade, e animos deſintereſſados, que à viſta pareciaõ baſtantes pera impedirem a obra: e ſobreſteve por entaõ. Paſſaraõ dias: fez o Santo ſegunda lembrança ao Prior, ſem uſar de meyo d'outrem: diſſelhe claramente huma noite que effeituaſſe o que polo terceiro lhe ſignificara. Naõ ſe atreveo o Prior a eſcrupulear mais. Prègou no Domingo ſeguinte, aviſou ao povo de tudo o que era paſſado, e deſculpando com as viſoens, e mandatos do Santo a determinaçaõ de o treſladar, temeroſo ainda de ſe póder julgar que pretendia ou vangloria pera o Santo, ou proveito temporal pera a caſa. Mas enxergou logo que fora ſeu o engano. Porque o povo aceitou a nova com goſto, e alvoroço de toda a villa.

1271.

Aprazouſe dia, acudio gente ſem numero, começouſe huma Miſſa de grande ſolemnidade. Deſpois do Offertorio deceo do altar o Prior, que a cantava, miniſtros, e acolitos, e Cruz diante com toda a Communidade. E ſeguidos de infinito povo caminharaõ pera o cemiterio onde o Santo jazia. Como foraõ nelle, começaraõ os Religioſos a entoar o Hymno *Te Deum laudamus*, e hum Frade velho poz nas maons do Prior huma enxada, e elle tomandoa deu hum golpe ſobre a cova, em ſinal, e principio de abertura: o meſmo fizeraõ o Diacono, e Subdiacono, hum tràs outro. Logo chegaraõ officiaes que foraõ cavando atè darem no caixaõ. Eſtava cerrado e pregado: e ſendo tirado fòra, e aberto, foy ſintido entre todos hum cheyro que conſolava, e recreava. Vioſe, e venerouſe com geral devaçaõ, e prazer o ſanto corpo, e com lagrimas de muitos foy notado, que deſpois de ſeis annos eſtava inteyro ſem falta nem leſaõ de membros, e como na hora em que foy ſepultado. Fervia a Igreja em devotas, e alegres acclamaçoens que a competencia louvavaõ, e engrandeciaõ o Santo. Ajudouas elle pera gloria de Deos com dar viſta naquelle publico ajuntamento a huma molher cega, e ſaude perfeita a hum aleijado, e a outros enfermos. Trouxeraõno quatro Religioſos ao Coro com a meſma ordem em que o foraõ buſcar, e com ella deſpois de acabada a Miſſa foy levado à ſua capella, e metido no moimento novo. He a capella no arco do Cruzeyro, que reſpondeà porta traveſſa da Igreja. Ficou peque-

quena, porque o ſitio naõ dà lugar pera mais: e pobre, conforme a humildade do Santo, e eſtreyteza dos tempos antigos. O moymento he grande, toma o largo della da banda da Epiſtola, a face de fora lavrada de folhagens ao uſo antigo, na lagea que o cobre entalhada de relevo ao longo, huma figura de Frade. Servelhe de letreyro, porque na pedra naõ parece nenhum, a pintura do retabolo, inda que pequeno, e pouco luſtroſo, que repreſenta em cores, e ſombras a converſaõ do Santo, e alguns ſucceſſos mais de ſua vida, e morte.

Moſtrou logo o Senhor com grande numero, e diverſidade de milagres, que aceitava em ſerviço a honra que ſe fizera ao ſervo fiel. Alguns diremos ſem pedir de novo perdaõ aos Leitores: viſto como em hiſtoria pia ſerve o teſtemunho dos milagres pera conſolaçaõ, e augmento de devaçaõ nos fieis: e pera convencer a dureza, e incredulidade dos infieis. Mas lançaremos primeiro as oraçoens que pera eſta Miſſa ſe deviaõ compor, que achamos de tempo immemorial eſcritas. Saõ devotas, e dignas de ſe verem. Porque a primeira nos dà eſte Santo por valedor particular de grandes peccadores. O que, ainda que ſe pode colligir dos meyos de ſua converſaõ, poſſivel he que ouveſſe caſos, que a nòs naõ chegaraõ, que obrigaſſem ao Autor das Oraçoens a darlhe eſte titulo: titulo de grande conſolaçaõ pera os que vivemos, que todos ſomos peccadores, aver hum Santo avogado de almas enfermas, cuja ſaude merece buſcarſe com mais cuydado que toda a corporal.

Seguem as Oraçoens.

DEus, qui beatum Ægidium confeſſorem tuum à peccati ſubiectione reuocaſti, ei perpetrati ſceleris veniam impetrandi ſpecialem gratiam tribuens, da eius meritis tuam hic conſequi miſericordiam, vt noſtrorum exceſſuum deteſtatione perpetrata ſcelera redimamus. Per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum Filium tuum, &c.

Secreta.

BEati Ægidij, quæſumus Domine, intercedentibus meritis glorioſis munera hæc placatus accipias: & grata tribue offerre dona, quibus tribuiſti & offerre officia. Per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum, &c.

Post Communionem.

OBlato, Domine, salutis nostræ exordio, eius concede nos adiuuari suffragijs, de cuius confisi meritis, hæc tibi sacramenta voce libamus, & mente. Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum &c.

Antes de entrar nos milagres, que de novo prometemos, convem estar advirtido o leytor, que os que escreveraõ esta historia antes de nòs, naõ fizeraõ distinçaõ de tempos, nem nos que jà ficaõ contados, nem em alguns dos que restaõ, e doutros que deixamos por escusar leytura. E naõ tenho duvida que muitos dos que jà vaõ nos capitulos atràs, podiaõ succeder muito tempo despois da tresladaçaõ: mas como por serem as cousas taõ antigas naõ foy possivel averiguar esta circunstancia, guardamos pera este lugar alguns que com mais evidencia nos pareceraõ succedidos despois, que yraõ no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXXV.

Como por intercessaõ do Santo alcançaraõ huns pobres homens remedio pera vinho danado, e perdido: e outros o teveraõ em graves doenças, e varias necessidades.

VIeraõ os moradores de Santarem a fazer tamanha confiança do amor que achavaõ neste Santo, que despois de lhes curar todo genero de infirmidades de corpos, e almas, naõ duvidaraõ que tambem lhes valeria nas de suas fazendas. Infirmidade he do vinho engrossar, ou azedarse, como da fruita apodrecer, e do trigo criar em si o gorgulho. Hum Joaõ Solier tinha huma grande cuba de vinho taõ danado em tudo, que atè o cheyro lhe naõ podia sofrer, e determinava abrirlhe o torno, e lançallo fóra de casa. Mas ou que soubesse do milagre que a agulha do Santo fez no vinho dos Conegos regrantes, que atràs contamos: ou que a necessidade por si he engenhosa, e inventora, foyse à sua capella, propozlhe o aperto em que ficava sua familia perdendo aquelle vinho, que era a melhor parte de sua fazenda, pediolhe o remedio com fé, como a quem cada dia obrava maravilhas aventajadas. Tornando a casa sem fazer detença quiz ver o que montara sua oraçaõ: achou o vinho naõ sò remedeado, mas estremo de bom. Foy cousa publica na villa, assi o dano passado do vinho, como o concerto, e bondade presente, e grangeou ao Santo nova devaçaõ entre os moradores, vendo que atè de sua sustentaçaõ tinha cuydado. E logo se viraõ outras experiencias semelhantes com grande contentamento, e utilidade dos que as faziaõ.

Particularmente se conta de hum Andrè Pires homem pobre, cujo remedio pera todo o anno consistia em huma boa copia de vi-

vinho que tinha encubado, e estava de todo perdido, e tal que naõ avia que esperar, senaõ desembaraçar a vasilha pera a novidade seguinte. Sò a molher naõ desesperou, foyse ao sepulcro do Santo, ajuntou hum pouco de pò de junto delle, atouo em hum pano, lançouo na cuba. Provaraõ o vinho no dia seguinte: foy tal a mudança, que os fez ricos aquelle anno. Daqui teve principio mandarem os Padres abrir na grossura da pedra, que cobre o moimento, huma concavidade que fica como pia por baixo do hombro direito do vulto esculpido: na qual os que desejaõ seus vinhos remediados, ou conservados mandaõ lançar suas amostras, como em offerta, e do que achaõ jà offerecido tomaõ pera lançarem nas pipas. Serve tambem este vinho pera levarem consigo os enfermos, e devotos em lugar da terra, que nos tempos atràs tomavaõ da sua cova no cemiterio.

Aos milagres de vinho succedem com rezaõ os de agoa, que he mais necessaria na terra, e a muitos mais agradavel. He mosteyro famoso, e antigo de Freyras da Ordem de Cister o que chamaõ de Cellas junto a Coimbra, e os antigos chamavaõ Cellas de Guimaraens. Costumava o Santo visitallo de boa vontade, quando se achava na cidade, e fazer suas praticas espirituaes às Religiosas, que ellas muito estimavaõ. Passados alguns annos despois de sua morte, succedendo vir hum anno de grande seca, veyo a faltar agoa em hum poço do Mosteyro que era todo o remedio delle, e pouco despois secou de todo. He o Mosteyro grande, e sempre povoado de muita gente: era intoleravel o trabalho que se padecia, e as faltas em que se viaõ com agoa de carreto. Hum dia que a necessidade apertou mais, fez a Abbadessa ajuntar a Communidade no mesmo lugar donde costumavaõ ouvir as pregaçoens do Santo. E pedindo a todas as Religiosas que a ajudassem com suas oraçoens, disse em voz alta, e naõ sem lagrimas: Padre Frey Gil, Santo de Deos amado, lembradas somos, e vòs naõ deveis estar esquecido, que quando vivieis nos communicaveis com muita consolaçaõ nossa aquellas fontes de agoa viva, que perpetuamente està brotando pera a vida eterna. Agora que as estais logrando immortalmente, poder tendes pera nos alcançar do Senhor dellas, esta mortal da terra, de que estamos taõ necessitadas pera a vida presente como vedes. Acudinos com ella padre santo, e piadoso. Responderaõ todas, Amen. E logo assi como estavaõ juntas se foraõ ao poço. E donde dantes nem sinal de humidade aparecia no fundo (maravilhas da Divina bondade) achaõno cheyo de agoa atè o bocal. Espanto, e alegria foraõ as graças do milagre: e em testimunho delle mandaraõ huma servidora a Santarem a offerecer no altar do Santo huma medida da altura do poço cuberta de cera. E he cousa sem duvida, que nunca despois nelle faltou agoa, com se dar largamente a toda vizinhança.

Em differente materia esprimentaraõ pouco despois estas Religiosas o mesmo favor, e lembrança do Santo. Tinha o Con-

vento dous escravos Mouros, que eraõ todo o serviço de fóra. Desapareceraõ hum dia: foraõ buscados: como naõ ouve nova delles, acudio a Communidade ao Santo: fizeraõlhe oraçaõ confiadamente; e quando menos cuydavaõ, entraraõ os Mouros por casa, de sua livre vontade, sem força, nem constrangimento de ninguem. Em memoria mandaraõ as Religiosas pendurar diante do altar do Santo quatro pès de cera.

M. Frey Andrè de Resende na vida de S. Fr. Gil. 4. t.

A estes milagres ajunta mais tres o Mestre Frey Andrè de Resende, que esta historia do Santo nos deixou escrita em muy escolhida lingoa Latina, e delles se dà por testemunha de vista. Naõ serà rezaõ ficarem por dizer. Foy o primeyro em hum pobre homem Andaluz, que avia doze dias jazia no alpendre do Convento tolhido de hum lado de alto abaixo, e a boca torsida, e posta, como dizem, na orelha, de hum forte accidente de parlesia. Sayraõ a caso à portaria o Mestre Frey Andrè, e Frey Roque Leme com outros Padres acompanhando o Supprior Frey Thomas de Matos a ver huns officiaes que lavravaõ pedraria no alpendre pera certa obra de casa. Apiadados do pobre assi como estavaõ juntos persuadiraõno que se fosse ao altar do Santo, e se encommendasse a elle. Foyse arrastando com muito trabalho atè à capella, e os Religiosos seguiraõ com huma Antifona, e oraçaõ: naõ era bem acabada, quando começou a gritar que acudissem, que se abrazava em fogo: e logo foy estendendo a perna, e braço tolhidos, e a boca lhe tornou a seu lugar. Cobrando mais confiança começou a passear soltamente, e despois correr, e saltar com o prazer de se ver saõ.

No Domingo seguinte ordenaraõ os Religiosos, que assistisse este homem à pregaçaõ em hum lugar alto pera ser visto do povo, quando o Prègador referisse o milagre que jà estava tomado por fé, e autos de Escrivaõ publico. No mesmo tempo quiz o Senhor acreditar o milagre, e a voz do Prègador que o contava com outros dous juntos, cada qual por si fermoso, e prodigosos. Pode ser que ouvesse homens presentes de taõ pouca fé nas grandezas do Ceo, que tevessem necessidade de cura. Era ouvinte do Sermaõ huma molher que trazia de hum cancro comido hum peito, e nelle chaga fea, podre, e asquerosa: com o que ouvio do Andaluz, mysteriosamente curado por intercessaõ do Santo, cobrou animo, e alento pera confiar, confiança pera esperar, esperança pera pedir, e alcançar. Chegouse ao sepulcro, molhou hum pano no vinho da pia que dissemos, e estendeoo sobre a chaga. Foy cousa vista por hum povo inteiro, que sendo publica, e sabida a infirmidade, sem se mudar do lugar se lhe cobrio de carne nova, e limpa o peito apostemado, e roido, e ficou sem nenhuma differença do outro, salvo em huma vermelhidaõ notavel, como final, ou do milagre, ou de cousa que a natureza obediente ao Criador gerara de fresco.

Outra mulher trazia nos braços hum minino muito maltratado de hum genero de sarna, ou fogagem, ordinario naquellas

ida-

idades. Chamalhe a medicina uzagre. Naõ he mal perigoſo pera a vida, mas importuno, e cheyo de dores pera as crianças, canſativo, e nojoſo pera as mãys. Tomou do vinho do Santo em hum pano, envolveolhe nelle hum bracinho, onde o mal eſtava junto, e lho tinha todo lavrado, e creſpo laſtimoſamente de huma eſcara aſpera, e groſſa. Paſſado hum eſpaço, julgando que eſtaria o pano ſeco da quentura continua do mal, quiz humedecello de novo. Quando foy pera o tirar vio que toda a ſecura, e boſtella, que cobria a fogagem, ſahia pegada no pano ſem o minino fazer queixa nem ſintimento: e eſpantada do que via notou com novo eſpanto que todo o bracinho eſtava liſo, e limpo, e ſem mal nenhum. Moſtrouo aos Religioſos, que conſideravaõ pera mayor gloria de Deos, que procedera do vinho do Santo huma cura contra a natureza, porque tendo o vinho calidades de fogo, fizera officio de hum refrigerante medicinal, como pera tal infirmidade convinha. Aponta o eſcritor que corria o anno de 1520, e era no mez de Outubro, e que a obra que ſe fazia no Convento era em ſerviço do Santo, e por mandado del Rey dom Manoel agradecido da bem aſſombrada hora que tevera a Raynha dona Lianor em ſeu parto, de que andava temeroſa, ſendolhe levada a cinta de ferro do Santo. Naceo entaõ a Infante dona Maria, cuja memoria vive com gloria na capella, e hoſpital que por ſua morte mandou edificar no Moſteyro de Noſſa Senhora da Luz de Frades da Ordem de Chriſto: obra magnifica, e verdadeyramente real. E com eſta lembrança acaba a hiſtoria, e nòs lhe daremos remate, acrecentando que a Princeza dona Joana com o exemplo de ſua tia ſe valeo do meſmo remedio pera alegrar o Reyno com o nacimento del Rey dom Sebaſtiaõ (incomparavel alegria, ſe a naõ eclipſaraõ noſſos peccados aos vintecinco annos com deſaſtrado fim ſeu, e de tudo bom que avia no Reyno.) A Princeſa tornou o ferro acompanhado de ouro, e prata de eſmolla. A Raynha reformoulhe a capella, e retabolo. Mas ninguem tratou atègora da mayor honra, e taõ bem merecida do Santo, que he ſua canonizaçaõ. Do que nos podemos queixar com juſto ſintimento.

CAPITULO XXXVI.

Da ſanta vida, e glorioſo tranſito do Padre Frey Bernardo de Morlans: e de dous mininos Santos ſeus diſcipulos.

ATràs prometemos relaçaõ copioſa da vida, e morte de Frey Bernardo de Morlans, quando tocamos como o Santo Frey Gil o tirou de França. (Cap. 20.) He tempo de nos deſinvidarmos. Vindo o Santo de hum Capitulo Geral de Paris pera Eſpanha da primeira vez que foy Provincial, e fazendo ſeu caminho por terras de Gaſcunha, em hum lugar que chamaõ Morlans lhe veyo tomar a bençaõ hum mancebo de pouca idade: o qual lhe deu conta de ſua vida, e alma por taes termos, que entendeo o Santo tinha Deos nelle depoſitado grandes teſouros de ſua graça. Alcançou polo que fa-

falaraõ que era muito nobre, e aparentado. E ſendo prevenido com bençoens do Eſpirito Santo que o guiava a deixar as vaydades do mundo: todavia forças de parentes o tinhaõ obrigado a eſpoſarſe por palavras de futuro, com huma donzella ſua igual. Neſta conjunçaõ chegou a Morlans o Santo Provincial: e o mancebo vendo em ſua terra o habito de S. Domingos, a que ſe confeſſava devoto, e tal peſſoa com elle, ouve que lho trazia Deos a caſa pera por ſeu meyo ſe livrar dos laços da vida ſecular, da obrigaçaõ da eſpoſa, e da caſa, e da fazenda, que tudo por amor de Deos deſejava largar. E affirmando, que o naõ tinha feito atè entaõ por falta de occaſiaõ, e guia, pediolhe com inſtancia que ouveſſe piedade de huma alma que ſe punha em ſuas maons, e por ellas eſperava achar ſalvaçaõ. Quem duvida que ſeria iſto muſica celeſtial pera hum eſpirito ſempre abrazado em amores Divinos? Recebeo o Santo com abraços da alma. Animouo com ſuas palavras que eſpiravaõ fogo, e com exemplos dos Santos antigos que na flor da idade deraõ demaõ aos goſtos, aos eſtados, e às eſperanças: hum Antaõ a quem ſobejava tudo, fogido pera hum deſerto falto de tudo: hum Aleixo ſenhor do melhor de Roma, deixando Conſulados, e eſpoſa nobiliſſima, por hum pedaço de paõ negro buſcado de porta em porta com affronta, e muitas vezes negado com aſpereza. Era iſto aſſoprar fogo que por ſi ardia. E como em conſelhos de buſcar a Deos toda diligencia he vagaroſa, aſſentaraõ que ſe poſeſſe logo a caminho pera C,aragoça, e ahi eſperaſſe polo Provincial, que como caminhava a pè, de força avia de tardar em chegar. Tal foy o principio da vida do Santo Frey Bernardo, principio de aſſentarem nelle todos os favores, e mimos do Ceo, que o Senhor promete a quem polo ſervir ſabe aborrecer os nadas da terra. Chegou o Santo a C,aragoça com deſejos de ver o ſeu valeroſo fugitivo: e achouo naõ menos alvoroçado pera ſe entregar ao deſerto, e pobreza da religiaõ. Lançoulhe ali logo o habito por filho do ſeu amado Convento de Santarem, e foy neſta jornada ſeu Meſtre de noviços. Daqui podemos inferir qual ſayria de tal eſcola, e entrando em tal Convento, onde, como temos dito, tudo eraõ Santos. Tal ſe fez, que diz delle Frey Andrè de Reſende as palavras ſeguintes:

S. Jeron. nas vidas dos Padres. Baron.

Reſende l. 2. t. 1. exép. 99. na vida de S. Frey Gil.

Hic Bernardus, de quo modo mentionem feci, longe recentior altero (faz comparaçaõ com S. Bernardo Abbade de Claraval) *fuit, ſed columbina ſimplicitate, morum innocentia, & virginali puritate non adeò diſſimilis.*

Que-

Querem dizer.

ESte Bernardo, de quem agora fiz mençaõ, foy muito mais moderno que o outro (Abbade Santo de Claraval) mas nada differente na ſingeleza de pomba, na ſantidade de coſtumes, e na pureza virginal.

Morava Frey Bernardo em Santarem, e fazia o officio de Sacriſtaõ com cuydado, e limpeza de Santo: e como era tal a opiniaõ que tinha na villa, traziaõlhe os homens nobres ſeus filhos mininos pera os doutrinar, e yr inſinando a ler, e eſcrever nas horas que tinha livres de ſua occupaçaõ. Faziao elle com caridade como quem criava prantas pera o Ceo. Entre os que mais continuavaõ ſua eſcola, avia dous que andavaõ veſtidos no noſſo habito, e ou por ſerem parentes, ou vizinhos vinhaõ, e aprendiaõ juntos. Como acudiaõ pola manham, mandavaos Frey Bernardo recolher em huma capela, em quanto dava ordem na Sacriſtia. Aly hiaõ lendo por ſuas cartas, e eſcrevendo ſuas materias, atè que elle vinha, e dandolhes liçaõ, ſendo ſempre primeyra a da doutrina Chriſtam, os deſpedia. Pera paſſarem as manhans, e ſofrerem as eſperas do Meſtre, como he taõ ordinario levarſe a idade tenra de couſas de comer, naõ ſubindo aquelles annos a outros cuydados, mandavaõnos as mãys providos de ſeus almorços atados em ſeus lenços, ou recolhidos em ceſtinhos. Como tinhaõ trabalhado hum pouco, punhaõ de parte cartas, e papeis, eſtendiaõ os lenços, faziaõ meza dos degraos do altar, e deſpejavaõ o que avia. Iſto era coſtume de cada dia, e a capella, em que aſſiſtiaõ mais de ordinario, era a dos Reys contigua ao Coro, e capella mòr da parte do Evangelho. A qual, porque fique deſde logo dito, e ſabido, poſſuyo eſte nome dos Reys atè o anno em que veyo canonizado S. Jacinto de Polonia noſſo Frade: e entaõ ſe deu ao Santo o titulo della: e o jazigo, e enterro pedio Ayres de Saldanha, que foy Viſorey da India, e irmaõ de Frey Diogo de Saldanha Frade noſſo, pera ſi, e ſeus ſucceſſores, como gente que tem a devaçaõ da Ordem por herança de avòs, e do apellido. Avia no altar huma imagem de noſſa Senhora de vulto antiga, e grande com ſeu Minino JESUS no collo. Aconteceo hum dia, que eſtando os dous companheirinhos com meza poſta feſtejando o almorço, levantou hum delles os olhos à imagem, e detendoos no Minino JESUS, diſſelhe com a innocencia da idade, que lhe fazia crer o tinha preſente, ſe queria almorçar, deceſſe, e comeriaõ todos. Como o Senhor ſe paga tanto de animos ſingellos, e puros, honrou logo aquella ſanta ſimplicidade: viaõno decer, aſſentarſe com elles, lançar maõ do que avia, e moſtrar que comia; e fazendo o meſ-

mesmo outras vezes; acabado o almorço tornarse a seu lugar. De crer he, que nem sempre desfaria logo a companhia, antes se deteria com elles, vendolhes as cartas, e materias, e naõ seria o trato mudo: nem tambem os mininos teriaõ em segredo a suas mãys o que passava, ou pera fazerem crecer a raçaõ, pois tinhaõ convidado: ou porque he tambem parte da innocencia dizer tudo. Passados alguns dias despois que a conversaçaõ continuava, vieraõ a dar conta ao Mestre: e como em queixa deziaõ que o Minino JESUS comia muy bem do que elles traziaõ, mas que nunca punha nada. Ouviaos Frey Bernardo primeyro com duvida: despois de certificado, com admiraçaõ. E como a Santo derretiaselhe o coraçaõ em amores da Divina bondade. Offerecialhe eternos louvores por tanta misericordia, e convidava a elles toda a Corte celestial. Foy cuydando logo como grangearia algum grande bem aos innocentinhos, em que pudesse ter tambem sua parte. Disselhes que estivessem advirtidos pera a primeira vez que o Minino tornasse a ser seu hospede, dizeremlhe, que pois folgava de comer dos seus almorços, tambem seria rezaõ darlhes algum dia em casa de seu Pay huma merenda, e que pera ella levariaõ consigo a seu Mestre. Ficaraõ cheyos de prazer com o conselho, e esperanças de negocearem com seu hospede a paga do que a seu parecer lhes tinha comido, ignorando de todo a traça santa de seu Mestre. Era huma segunda feyra da semana da gloriosa Ascensaõ. Acudiraõ à sua liçaõ, e capella, e deviaõ vir melhor providos os cestinhos, visto como determinavaõ pedir. Naõ faltou o hospede, nem elles foraõ esquecidos de lhe propor seu requerimento. Respondeolhes, que era contente de os convidar a ambos pera casa de seu Pay, e que seria dali a tres dias. Tornaraõ com o aviso ao Mestre, que naõ desconfiando das misericordias do Senhor, e julgando que a falta da reposta era pera prova de sua constancia, usou da jurdiçaõ, e direito de seu officio. Mandoulhes, que lhe dissessem no dia seguinte, que como traziaõ o habito de S. Domingos, estavaõ obrigados à guardar as leys dos Frades. E porque huma das principaes era obediencia ao Mestre, elle naõ era contente que fossem sós a sua casa, nem consintiria na yda, se naõ indo tambem de companhia. Deixouse vencer a Divina bondade desta segunda instancia, e do artificio do Mestre, aceitouo por convidado. E elle recebeo a nova com estremos de alvoroço, estando bem na conta de qual avia de ser o banquete. E como varaõ espiritual começou a entender no aparelho que pera elle convinha, pera naõ ser achado em tal dia sem roupa de bodas. Aparelho perpetuo he pera a meza da gloria, a vida da Religiaõ; mas a hora de chegar, he hora de confusaõ, e de temor, e tremor atè pera os mais perfeitos. Convem grande cuydado, e grande vigia: e tal foy a de Frey Bernardo, sobre huma vida de Santo. Chegado o dia da Ascensaõ, que era o prazo da merenda, dizem, que foy elle o ultimo de casa a dizer Missa; e jà quando os Padres hiaõ pe-

pera o refeitorio (devia ser esperar a hora em que o Senhor subio ao Ceo.) Dissea no altar do Divino hospede, foraõ ministros os Fradinhos discipulos, e he tradiçaõ que de sua maõ os comungou nella. Acabada a Missa pozse com elles de joelhos diante do altar, com maons levantadas, e olhos no Ceo, esperando a hora de serem chamados. E nesta postura lhes foy cumprida a Divina promessa. E nella foraõ achados da Communidade, que vindo às graças, e sayndo despois pola Igreja acudio toda a ver o espectaculo devoto, e maravilhoso. Porque à vista, e no sembrante estavaõ vivos, mas feitas as experiencias necessarias, se vio que eraõ passados a melhor vida. Publicouse o caso, acudio toda a villa, vieraõ pays, e parentes dos mininos. Entaõ se souberaõ por relaçaõ sua as particularidades todas que temos contado, porque a pouca cautela da idade descobria suas boas venturas com facilidade, e essa mesma as fazia julgar entaõ por ridiculas de quem lhas ouvia. Foy celebrado o caso com espanto, e lagrimas no povo: com devaçaõ, e enveja no Convento, como entre Santos. E rezaõ fora que entre todos se solennizara com marmores, e pergaminhos: marmores pera se dar illustre, e digna sepultura a gente taõ mimosa do Ceo: pergaminhos pera ficar por escrito, e muito sabida na terra huma memoria de tanta honra pera nossa Ordem. Mas quem o crerà? Nenhuma destas cousas se fez. Andava a casa acostumada a grandes maravilhas: aviase por caso de menos valer, fazer muita conta destas. Huma sò honra lhes deraõ, que foy sepultallos juntos na mesma capella, e à vista do mesmo Senhor que com tanta misericordia foy servido banqueteallos. Polo tempo em diante, ou fosse occasiaõ algum milagre, ou entrar no Convento gente mais curiosa, estranhouse naõ estarem mais honrados os corpos que aviaõ sido depositarios de almas taõ ditosas. Fezse a tresladaçaõ, recolheraõnos em hum archete de pedra, que embeberaõ na grossura da parede do Cruzeiro, defronte da mesma Capela polos naõ apartarem dos olhos de seu amado hospede. Sobre o archete se pintou a fresco de maõ pouco polida huma imagem da Senhora, e abaixo della a do minino JESU entre dous fradinhos do habito Dominico, cada hum com seu cabazinho na maõ. Mas nem inda estes Padres, que por esta obra, e por mais chegados a nossos tempos chamamos curiosos, tiveraõ cuydado de nos deixar escrito o primeiro successo, nem como, e quando se fez a tresladaçaõ, nem que rezaõ ou occasiaõ ouve pera se fazer. Sò a pintura lhe devemos, e naõ he pequena divida em tantos descuidos. Porque ella sem aver cousa escrita foy ajudando a tradiçaõ quanto ao caso principal, que tambem estivera apagada com os annos, e nos guiou pera se descobrirem as santas Reliquias, e em fim ficar tudo com huma nova, e grande luz, e perpetuado pera em quanto o Mundo durar. Que isto he hum cabello da cabeça dos justos que Deos se tem obrigado por sua verdade que naõ ha de perecer memoria mundana, que em com-

paraçaõ da Eterna, que tambem promete, ainda he menos que hum cabello. A traça, e meyo diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXXVII.

Como foraõ achados os corpos dos Santos Frey Bernardo, e seus discipulos, e collocados em altar particular.

A Porta das graças do Convento tinha antigamente a servintia sobre os presbiterios da Igreja. Dezejavaõ os Padres mudalla, e abrir outra, assi por tirarem aquella indecencia, como por ganharem mais huma Capella nos presbiterios: mas deixavaõ de o fazer porque naõ avia outro lugar se naõ onde ficava a pintura que dissemos, cujo indicio junto à tradiçaõ, sem aver outra certeza, atava as maons aos Prelados pera naõ bolirem na parede. Atreveose a romper polo inconveniente o Prior Frey Miguel do Rosario, e merece ficar em memoria seu nome: porque do bom juizo com que o fez resultou ficarem o Convento com commodidade, e os Santos com honra. Tendo junto o necessario pera dar principio à obra, pedio ao Vigario Geral, que polo Arcebispo assiste na villa, quizesse acharse presente: porque se Deos fosse servido acharse o que se sospeitava naquelle lugar, ouvesse solenidade, e lembrança tal, que se naõ queixassem os vindouros. Foy assinado o dia aos 14 de Janeyro do anno de 1577. Acudio elle acompanhado de dous Notarios Apostolicos, e foraõ chamadas algumas pessoas nobres, e outra gente devota da Ordem. A primeyra cousa que se fez foy considerarem a calidade, e estado da pintura que estava sobre o sitio, onde se avia de começar a romper, a qual notaraõ, e assentaraõ todos ser muy antiga, colligindoo das feiçoens de rostos, e vestidos, em tudo desacostumados, e differentes do tempo presente, e de estarem as cores botadas, e o perfil da pintura em partes cego, e em partes apagado, (indicio certo de longo discurso de annos.) Logo foraõ officiaes começando a picar a parede polo mesmo lugar da pintura: e a poucos golpes deraõ em huma pedra grande, lavrada, que sendo seguida, e descarnada, e descuberta pareceo ser caixaõ ou archete cerrado. Decido do alto com alegria, e reverencia, e aberto diante de todos, pareceraõ dentro dous envoltorios em toalhas de linho. As toalhas sans, e taõ novas, e alvas que pareciaõ postas ali daquella hora (cousa que muito admirou) tinhaõ ao longo das bainhas humas listas vermelhas, e polo meyo onde se ouveraõ de juntar com costura huma cadenilha ou renda de seda, ao parecer feita de agulha. Ao abrir do primeyro envoltorio, recendeo pola Igreja, e foy sintido de todos os que eraõ presentes hum suavissimo cheyro, que lançavaõ de si os ossos que nelle estavaõ. Eraõ grandes, secos, e alvos, que naõ se podia duvidar serem de homem, e sua caveyra grande, que respondia em proporçaõ com elles. Na outra toalha avia mais ossos em numero, mas todos miudos, e delgados, e huma caveyra inteira, e pequena, que logo parecia ser de minino: e huns pedaços

daços de casco doutra, que tambem mostravaõ ser pequena. A inteira estava cuberta de hum veo negro. Alguns dos ossinhos tinhaõ ainda carne pegada. Achouse com elles hum pedaço de pano de lam, que devia ser dos habitos dos mininos: e juntas com o pano humas guedelhas de cabellos louros, e curtos como de cercilho dos Fradinhos. Celebraraõ os Religiosos este achado com a devaçaõ, e contentamento, que era rezaõ, dando muitas graças a nosso Senhor, pola manifestaçaõ, e confirmaçaõ taõ infallivel de hum successo que pendia sò de huma tradiçaõ quasi morta, e do testimunho da pintura meyo apagada, sendo tanto da honra de Deos, e da Christandade, e da Ordem de S. Domingos. Fizeraõse logo autos em forma de direito, com summario de testimunhas tiradas ante o Vigario geral, com declaraçaõ de todas as particularidades, e circunstancias que temos dito, de que se pediraõ, e deraõ treslados pera o cartorio do Convento, onde estaõ guardados.

He particular circunstancia, e honra da verdade ser sempre uniforme, e huma mesma sem variedade, nem alteraçaõ. Pode estar escondida, enterrada, ou esquecida: mas differente de si, ou encontrada comsigo nunca o pode ser: porque polo mesmo caso naõ fora verdade. Bem o temos visto na correspondencia que achamos deste successo com a tradiçaõ antiga: e na conformidade da tradiçaõ com a pintura, e da tradiçaõ, e pintura com a ultima prova, e vista das reliquias: e da santidade, que contamos de Frey Bernardo, reconhecida com a fragrancia desusada do cheyro de seus ossos, usada, e vista sò nos de grandes Santos. Mas isto mesmo me obriga a sentir mais, que sendo o principal gosto da historia saber o tempo certo das cousas: despois de nos constar com clareza este glorioso successo, de força avemos de ficar com duvida dos annos em que aconteceo, porque onde falta escritura, nenhum discurso nem conjeitura nos pode bastantemente certificar. Muitos affirmaõ que foy no anno de 1250, e sem falta se enganaõ: porque vivendo como vivia inda entaõ S. Frey Gil, e avisando como sabemos ao Mestre Geral da Ordem de particulares casos de vida, e morte de Religiosos deste Reyno, era impossivel deixar esquecido hum taõ peregrino, como este. Ajuntase, que ao tempo do falecimento de S. Frey Gil, que foy quinze annos despois, no de 1265 era vivo o Santo Frey Bernardo. O que achamos nos escritores de sua vida, e o refere o Mestre Resende na visaõ que teve Elvira Paes da gloria do mesmo Santo despois de sua morte, dizendo que esta molher a contou ao Santo varaõ Frey Bernardo, e a outros que nomea; e assi he forçado passarmos o successo muito adiante. E porque humas das principais obrigaçoens do historiador, he computar, e averiguar com precisaõ os tempos do que escreve, he de saber, que no summario de testimunhas, que como fica dito tirou o Vigario Geral, concordaraõ todos os mais velhos, que foraõ presentes, que o caso passara avia trezentos annos, (e assi ficou escrito) os quais tirados de 1577,

M. Frey Andrè de Resende l.2.trac.8. exép. 35.

que corriaõ quando se fez o summario, ficaõ ao justo 1277, e este he o tempo verdadeiro a pouco mais ou menos, em que aconteceo.

Naõ ignoramos, que alguns Autores quizeraõ lançar este acontecimento nos annos muito adiante de 1348 atè 1350, allegando que ouvera em tal conjunçaõ huma peste geral no Reyno taõ violenta, que deixara despovoados muitos Conventos, levando de dez partes dos Religiosos as nove: e que a falta de Frades obrigava aos que ficaraõ a yr criando mininos, pera lhes darem a seu tempo o habito, quaes eraõ estes nossos. Mas enganaraõse por outro semelhante milagre com que Deos quiz honrar outro Convento nosso em tal conjunçaõ, que foy o de S. Miguel de Vitoria da ilha de Malhorca: o qual milagre teve algumas differenças do nosso, como se pode ver nos escritores da provincia de Aragaõ: primeira ser hum sò minino convidado, segunda, e terceira succeder em Domingo, e mais de setenta annos adiante.

M. Frey Francisco Diago l. 2. c. 43. hist. da provincia de Aragaõ

Mas tornando à historia, tiradas as santas reliquias foraõ levadas com solenidade à capella mòr, e postas nos degràos do altar em quanto se tratava do lugar onde aviaõ de ficar. Estava doente, e muy trabalhado avia justos oitenta dias de humas rigurosas terçans dobres hum Religioso antigo do Convento por nome Frey Andrè de S. Paulo: foy avisado do que passava, e aconselhado que se aproveitasse da occasiaõ. Ainda que o mal o tinha reduzido à estrema fraqueza, cobrou coraçaõ. Levantouse, e fezse levar primeyro a Sacristia, onde se confessou, e commungou, e despois ao altar mòr. Vio as santas reliquias, venerouas, e beijouas, pediolhes sua valia, e intercessaõ pera se ver alguma hora livre de tanto frio, e tanto fogo, como padecia cada dia taõ importunamente, que jà lhe parecia que nunca avia de ser saõ. He cousa certa que desde esta hora naõ teve mais sezaõ, nem mal nenhum: e como em saude de milagre, foy taõ apressada a convalecencia, que aos oito dias foy comer em Communidade o peixe ordinario do refeitorio.

Fez o Prior relaçaõ de todas estas cousas ao Arcebispo de Lisboa dom Jorge d' Almeida: e com sua licença deputou altar particular no corpo da Igreja pera decente collocaçaõ das reliquias, no qual por entaõ se poseraõ bem fechadas, ficando em meyo do altar a mesma imagem milagrosa do Minino JESUS, de cuja invocaçaõ se instituyo logo huma Confraria com estatuto de se dizer huma Missa da Ascensaõ todas as quintas feiras do anno, e celebrarselhe festa no mesmo dia da Ascensaõ, visto como nelle foy servido obrar a maravilha com seus servos.

Alguns annos despois assentaraõ os Padres do Convento com melhor conselho, pera que tudo tambem nos lugares ficasse conformando com a antiguidade, que a S. Jacintho se dèsse outra capella: e a que occupava dos Reys se restituisse à imagem milagrosa, e às reliquias dos seus convidados. E assi se fez. E a imagem antiga da Senhora que o tinha nos braços, pera se conservar com mais decen-

cencia, se passou à Capella do Rosario, e he a mesma que aly tem a invocaçaõ della. Huma, e outra cousa se ordenou com muita consideraçaõ, porque alèm da grande veneraçaõ, que a ambas estas imagens se deve polo passado, e por milagres que oje fazem, està recebido, e assentado nesta villa entre pessoas religiosas, e seculares de bom juizo, que a do minino tem crecido notavelmente, e està muito mayor do que era em tempos atràs: e os que continuavaõ no Convento, e na vista delle affirmaõ que ainda hoje vay crecendo conhecidamente. Do que he argumento que sendo recolhido em tempos atràs em huma caixa que se lhe fez pera resguardo forrada de setim carmesi, na qual segundo a tradiçaõ comum cabia folgadamente cuberta a cabeça com seu chapeozinho alto, feito do mesmo setim, testemunhaõ muitos Padres de grande authoridade, e credito, e seculares dignos de fee, que viraõ com seus olhos dezeseis annos atràs, serlhe a caixa taõ curta, que com difficuldade entrava nella desbarretado. O que sendo publico, e chegando à noticia das Religiosas Framengas da Ordem de S. Francisco que tem seu Mosteiro em Alcantara arrabalde de Lisboa, cheas de espirito, e devaçaõ inviaraõ ao Prior huma caixa mayor, e melhor lavrada, e dourada, pedindolhe a troco della à que o minino a parecer de todos jà engeitava por curta. Foy o Prior facil de vencer do partido, e aceitouo com liberalidade pouco considerada. Porèm a mesma imagem santa ó vay desculpando, porque nestes dezeseis annos tem crecido tanto ao sabido, que sendo assi, que quando aceitou o novo recolhimento, estava nelle com grande largueza coroado de huma coroa de prata cerrada que remata em huma Cruz no alto: os mesmos que o viraõ entaõ, pasmaõ hoje: porque o enche tanto ao justo, e taõ apertadamente, que he necessario geito, e artificio pera o tornarem a recolher, quando os Padres acertaõ de o tirar por alguma occasiaõ. Donde se infere ao certo que tambem aqui vay crecendo. Mas o maior crecimento se vio, e notou a olhos de toda a villa de Santarem, quando saindo do Convento huma devota procissaõ averà oito annos em occasiaõ de gravissimo sintimento, pareceo ao Prelado que seria importante pera fazer devaçaõ, e pedir misericordia, yr nella a imagem antigua da senhora, e em seus braços a do minino milagroso. Fezse assi, e enxergouse huma excessiva desproporçaõ do corpo do filho ao da mãy, porque claramente a encobria, e assombrava de maneira que a naõ deixava ver. Assi achamos Religiosos nas diligencias que de proximo fizemos no caso, que naõ duvidaõ jurar que vay crecendo.

Mas isto saõ cousas muito vizinhas ao tempo presente. Tornando às mais afastadas, quando soou polo Reyno a manifestaçaõ destes Santos, foy grande a devaçaõ, e affecto de piedade, com que geralmente foy ouvida. Assi se pediraõ logo reliquias de muitas partes. E pedindoas tambem a senhora dona Caterina filha do Infante dom Duarte, e mãy do Duque de Bragan-

ça dom Theodosio, lhe foy dada a cabeça que entre as dos mininos se achou inteira: a qual se guarda com outro grande numero de preciosas reliquias na sumptuosa capella que os Duques tem nos seus paços de Villa Viçosa.

CAPITULO XXXVIII.

Do Santo Frey Bernardo Segundo, sua conversaõ, vida, e milagres, e sepultura.

A Hum Bernardo bem pode seguir outro Bernardo, quando naõ foy inferior na virtude, nem no sangue: nem differente em Convento: se bem ouve grande differença nos lugares onde ambos naceraõ, e nos annos em que floreceraõ. Temos tradiçaõ muyto antiga (escritura naõ ha nenhuma, nem ha já pera que perder tempo em culpar descuydos, nem defender singelezas de nossos mayores) que polos annos de 1340, poucos mais ou menos, tomou o habito neste Convento hum moço muito illustre, e natural da mesma Villa. E foy o meyo, por onde o Espirito Santo o trouxe a buscar o Ceo, hum caso accidental, que passou desta maneyra. Sahio hum dia a cavallo com outros seus iguais ao Chaõ da Feyra (assi chamaõ à grande praça que se estende entre a porta de Leyria, e os Mosteyros de S. Francisco, e S. Domingos.) Era a tençaõ festejar a tarde em virtuoso exercicio, mostrando cada hum sua destreza, e as boas manhas dos ginetes. Começando a passar a carreyra, pozse no posto Bernardo (assi avia nome o moço) trazia hum poderoso cavallo: e ou fosse que o naõ tevesse bem conhecido: ou que o permittisse assi Deos pera o fim que ordenava, foy taõ descompassado o impeto, com que o animal furioso se arremessou à carreyra, que o descompoz, e arrancou da cella, e com os estribos perdidos hia a olhos vistos ao chaõ. Neste passo se lembrou de S. Domingos (corria com o rosto no Convento) foyse a elle com o pensamento, como hia com a vista, pediolhe socorro: e logo sem saber como, nem porque via, segundo despois contava, se vio taõ senhor da cella, e do cavallo, que sem nenhum desar, e com espanto dos companheyros chegou ao cabo da carreira, e foy parando concertado, e gentilhomem. Mas lembrado do perigo em que vira sua vida, e opiniaõ, que huma, e outra cousa sintia igualmente, logo determinou tomar estado, em que pera sempre ficasse izento de semelhantes afrontas: e conhecendo bem o que devia a quem o livrara da presente, amanheceo o dia seguinte no Convento, e pedio o habito. Naõ poz o Prior dilaçaõ em lho vestir, porque eraõ publicas as calidades do sojeito: nem o generoso moço em mostrar, que fora a mudança da maõ do Altissimo: se bem tevera principio em humilde accidente da terra. Entregouse a todos os exercicios da Religiaõ, como se pera outra cousa naõ nacera: estimava a pobreza, como se nunca fora senhor de fazenda: assi obedecia, como se toda a vida fora subdito, e nunca soubera que cousa fosse mandar: rigurosо no jejum, devoto na oraçaõ, no silencio constante.

O recolhimento da cella, e a liçaõ dos livros santos, era o seu mayor gosto: mas pera os exercicios humildes ninguem sabia della com mais vontade. Das portas do Convento pera fòra naõ queria saber nada: parentes, e amigos do mundo poz de todo em esquecimento: e atè o nome da familia, e do sangue enjeitou, ficandose sò com o de Frey Bernardo, nem lhe sabemos outro. Assi foy sobindo a hum alto genero de santidade, que elle encubria com outro igual de abatimento, e desprezo de si. Mas este foy o mayor descubridor della. Porque o enemigo commum que particularmente aborrece humildade, naõ arrependido do peccado antigo, vendo que se fundava na de Frey Bernardo valerosa coluna da Religiaõ, começou a fazerlhe guerra a todo seu poder. Porèm pola misericordia Divina ficava sempre vencido, e o bom soldado de Christo cobrava com o exercicio novas forças pera pelejar, e vencer. Veyo a ser occupado no cargo da Sacristia. Aqui achou o enemigo hum novo ardil pera o inquietar. Eraõ os Frades poucos, ou era elle sò pera muito, servia a Sacristia sem companheiro, e faziao com particular diligencia. Era esmerada a limpeza, e concerto com que tudo andava em sua maõ. Mas queixavaõse os Frades, que as mais das noites achavaõ as alampadas do Dormitorio, e da Igreja apagadas. Differaõlho, procurou o remedio provendoas sempre, e deixandoas em estado que por boa conta sustentassem a luz horas dobradas, cerrando frestas, e janellas. Mas naõ bastava nada. Porque no tempo mais quieto se achavaõ mortas sem combate de vento, nem tormenta: e os Frades faziaõ queixa publica de sua negligencia. Assi andava enemistado com elles, e desacreditado com o Prelado sem culpa nenhuma. Foy tirado a Capitulo, reprendido, penitenciado. Naõ sabia que fizesse, chorava, e sintia o escandalo da Communidade, mais que seu descredito; e o desgosto do Prelado, mais que as penitencias que lhe dava, porque outras fazia mais rigurosas, e continuas. He constante tradiçaõ que nove annos lhe durou este trabalho, e afronta, trazendoo affligido, e tresnoutado de se levantar a cada passo a vigiar, e acender de novo, com hum sofrimento incansavel, aceitando jà o trabalho por exercicio de virtude, e offerecendo a Deos a injustiça das culpas que lhe davaõ. Mas o discurso do tempo, e a paciencia de Frey Bernardo foy mostrando que naõ era cousa natural: e jà todos entendiaõ que tal importunaçaõ, e contumacia naõ podia proceder se naõ do Inferno, e acabouse de ver no caso que agora diremos.

Acabou huma noite de concertar, e acender a alampada do altar mòr, e em virando as costas achoua apagada. Era o tempo claro, e sereno, naõ se sintia bafo de vento: sem fazer juizo temerario entendeo que fora feito à sinte, e a alampada apagada à maõ. Era falta no culto Divino, indigna de se dissimular, arrebentou o sofrimento. Prostrase por terra diante do Santissimo Sacramento pedindo efficazmente, e com desconsolaçaõ ao Senhor lhe quizesse manifestar algum dia quem tanta

lhe causava. Acabada a oraçaõ foisse buscar luz, e começava a entender com a alampada, senaõ quando se lhe poem diante, e junto della hum feyo animal, bode na barba, e armaçaõ. Julgando logo quem podia ser o dono de tal mascara, mandoulhe da parte de Deos que dali se naõ bolisse, nem mudasse a figura: e foyse correndo à Sacristia, trouxe huma grossa disciplina, levou o cabraõ polas barbas, desafogou a paixaõ, ou quebrou as maons em o disciplinar. E despois de cançado levouo arrastando, e atroando o Convento com berros infernais atè a casa commum, e lançouo por ella abaixo. Entaõ cessou a queixa das alampadas; e cayraõ os Frades no que tinhaõ dado a merecer de tanto tempo atràs ao pobre Sacristaõ com seus mal fundados juizos.

Crece a virtude, e o valor nos trabalhos. Creciaõ graças, e favores do Ceo em Frey Bernardo, quando mais acossado andava do Inferno: e viaõse prodigios de sua oraçaõ, e de suas maons, espantosos. He cousa sem duvida, que a muitos enfermos desesperados de remedio humano livrou das portas da morte, sàrou aleijados, deu olhos a cegos, e resuscitou mortos. Das circunstancias, e particularidades de cada maravilha destas naõ chegou a nòs à noticia, porque estando escritas muitas polos antigos, e contemporaneos de Frey Bernardo, os successores foraõ taõ descuydados (porque nunca nos faltem queixas) que deixaraõ consumir os pergaminhos, que ainda eraõ vivos em tempo de Frey André de Resende, como elle o testimunha na vida de S. Frey Gil, dizendo de certa particularidade, que a achou apontada entre os milagres de S. Frey Bernardo. Mas diremos hum que por estranho, e quasi nunca visto naõ pode ser da antiguidade vencido, porque se conservou a tradiçaõ delle com ajuda de pintura.

Resende L. 2. tr. 3.

Foy o caso, que sendo levado a enforcar huma manham hum pobre homem, por sentença, e mandado da justiça, e feita nelle a execuçaõ segundo costume: quando foy sobre tarde permittio o Senhor que passassem por junto da forca certos homens, os quais se ouviraõ chamar della, e acudindo à voz naõ livres de medo, mas animados com a companhia, dissellies o pendurado que chegassem sem temor, porque naõ era fantasma quem lhes falava, senaõ homem vivo, e usassem com elle de misericordia, jà que Deos os trouxera por aly. Despois que o deceraõ, naõ faltou curiosidade pera lhe perguntarem a rezaõ de tal maravilha, tendo tamanha contradiçaõ entre si vivo, e enforcado. Respondeo, que Frey Bernardo Sacristaõ de S. Domingos aparecera ali, e estivera com elle ao tempo que lhe lançavaõ os cordeis, e sem elle padecente saber como, o defendera da morte, e o sustentara atè aquella hora que os sintira, e chamara. Soubese despois que a mãy era grande devota do Santo, e que ao tempo que o levavaõ a padecer, se fora a elle com lagrimas pedindolhe remedio, e manifestarlhe, como he de crer, que padecia sem culpa: o que muitas vezes tem acontecido, naõ deixando de fazer seu dever a justiça, e juizes.

O

O ſucceſſo tem toda a certeza que humanamente pode aver em couſa taõ antiga. Porque teve por Croniſta todo o povo de Santarem, a cujos olhos ſe pintou a hiſtoria nas paredes da Capella que entaõ era dos Reys Magos, contigua ao Coro, e Capella mòr da parte do Evangelho. E claro eſtà que ſe naõ pintara couſa duvidoſa avendo de ter tantas teſtimunhas. E nòs alcançamos a pintura que era viva ha menos de cinquenta annos. Lembrame como natural de Santarem, ouvir muitas vezes Miſſa neſta Capella, e verlhe as paredes cubertas de pinturas a freſco de alto abaixo, e de maõ pouco polida, prometendo muita antiguidade no feitio, e no eſtado de cores botadas, e pouco diſtintas em parte. Notavamos a forca, e o pendurado, em ſua alva veſtido, y roſto cuberto, e pès eſtirados, e lembrame como moço fazerme horror, e aſco. Viamos a outra parte homens amortalhados, e outros que repreſentavaõ hum hoſpital, por ſerem muitos, e todos com ſembrante, e geito de enfermos: tudo memorias dos que por oraçoens do Santo teveraõ remedio milagroſo. Naõ eſqueceo a hiſtoria que contamos do apagador das alampadas, em huma parte repreſentandoſe ao Santo, noutra diſciplinado, e em acto que moſtrava ou fingia ſintir o caſtigo. Menos danificada eſtava eſta memoria no anno em que o Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha a vio, que foy o de 1539 em que fez os apontamentos que temos ſeus, de couſas que como Provincial que era foy notando nas caſas da Provincia: e diz as palavras ſeguintes:

Eſte glorioſo Santo (*fala de Frey Bernardo*) *ha hecho muchos milagros, y aſſi eſtà toda ſu Capilla llena de pinturas dellos oy en dia, dado que ha que paſsò mas de dozientos años.*

De qual foy ſua morte naõ temos certa relaçaõ. Bem acreditada eſtà com a vida dantes, e com a honra que lhe grangeou deſpois. Porque como a Santo ſe lhe deu ſepultura alta na Capella que temos dito, que foy hum grande moimento de pedra lavrado a uſo daquella idade, que ficava arrimado à parede do Coro, e Capella mor, entalhado hum vulto de Frade de relevo na lagea que o cobria, e aos pès a figura em que o diabo ſe lhe deſcubrio quando o perſeguia. E ajuntaraõ os devotos a pintura pera ornato da Capella, e elogio da ſepultura. Eſte moymento ſe abrio, e desfez no tempo que a Igreja ſe reedificou. A cauſa de ſe abrir foy aver fama, que hum Prior antigo paſſara os oſſos que nella avia pera a ſepultura do S. Frey Gil. Mas a que ouve pera ſe desfazer foy, naõ ſe ſaber cujos eraõ: e parecer que convinha deſembaraçar o lugar pera effeito de ſe engroſſarem, e fortificarem as paredes da Capella mòr. Aberto o ſepulcro verificouſe a mudança das reliquias, porque ſe naõ acharaõ mais que tres ou quatro oſſos, os quais recolhidos em huma boceta, com hum papel que declara a rezaõ do feito, ficaraõ ſumidos na groſſura da parede no meſmo ſitio da ſepultura, e poſta ſobre elles à face huma pedra ſinelada das armas da Ordem ſem outra memoria. Soſpeitaraõ os Padres, que entendiaõ na pedra, e cal, ſer a ſepultura do

Padre Frey Domingos de Cubo, porque lhes faltou a pintura que os guiasse, trocada jà entaõ em azulejos, des do tempo que se dedicou a Capella a S. Jacinto. Assi ficou Frey Bernardo despois de longos annos sem nome, sem Capella, e sem sepultura, repartido parte na alhea, e parte encerrado na parede: porèm sem culpa dos edificadores, e sò por falta de noticia da antiguidade. Que se esta ouvera, de crer he, que com novos titulos se avivara a memoria de tal Santo: e nòs em lugar delles lhe offerecemos em nome da Provincia, que nos manda escrever, e no nosso humilde, mas como natural, estas poucas regras, que se por serem de nossa penna merecerem pouca estima, polo valor da impressaõ duraraõ mais que todos os jaspes, e pòrfidos da terra: e por empregadas em seu serviço podemos esperar que sejaõ immortais.

CAPITULO XXXIX.

De alguns Religiosos que despois de servirem grandes cargos na Ordem se recolheraõ neste Convento. E outras antigualhas delle.

COmo este Convento era conhecido, e nomeado por toda a Ordem por hum Seminario de Santos, e com mais particularidade na provincia de Espanha de que era cabeça, como atràs temos mostrado; ouve muitos Padres dos mais abalisados della, que despois de a terem servido nos cargos mayores, quizeraõ rematar nelle o curso de sua peregrinaçaõ, fiando que seria consolaçaõ dos ultimos dias, e remedio pera a alma, viver entre Santos, e ficar entre Santos sepultado. O primeiro, de que temos noticia, e mais antigo, foy o Mestre Frey Arnaldo Segarra natural de Barcelona, em Catalunha, varaõ insigne em virtude, e letras. Era Provincial, veyo a concluyr seu cargo com a visita deste Convento na entrada do anno de 1255: e vendo com seus olhos o que a fama pregoava no Santo Frey Gil, e em outros Religiosos, e ouvindo maravilhas dos que eraõ de fresco falecidos, naõ se soube apartar mais de tal morada, e vida, nem querer melhor jazigo na morte que o cemiterio commum. Estava a humildade em taõ alto ponto, que os cargos grandes eraõ oborrecidos como carga; e o mais humilde lugar era avido por mais honrado em vida, e tambem na morte. Parece que soava ainda nas orelhas dos filhos aquella palavra do Santo Patriarcha, quando sendo perguntado onde queria que o sepultassem, respondeo, que aos pès dos seus Frades. Este exemplo seguio S. Frey Gil duas vezes Provincial, e se o vemos melhorado, foy porque o arrancou da terra a devaçaõ dos fieis. Naõ deviaõ pretender mais honra Frey Arnaldo, e os que apos elle buscaraõ este Convento.

A variedade dos tempos foy variando estilos, e introduzindo sepulturas altas, letras, e pinturas, em que devemos louvar a tençaõ pia dos successores, que supriaõ com estes meyos a falta da escritura, e conservavaõ a memoria dos que vinhaõ honrar a casa. Assi achamos nella em humas partes nichos, e archetes

de pedra, ſem letra, nem outro ſinal ſumidos nas paredes da Igreja: que ſe viraõ, e conſideraraõ quando ſe derribava pera ſe levantar de novo; e como eſtavaõ ſem nome paſſavaõ as oſſadas ao cemiterio. Por outras partes ha pedras, letreiros, e ſepulturas altas de Frades, mas ſaõ jà de tempos mais chegados a nòs, e por iſſo alguma couſa menos ſeveros, ou mais polidos. Na parede da craſta de huma, e outra parte da entrada do Capitulo ſe vem oje duas pedras ambas pequenas, e entalhadas de letras Goticas miudas. Dizem humas:

HIc jacet Domnus Frater Dominicus Veeyra reuerendus Doctor Ordinis Prædicatorum, qui bona ſenectute plenus dierum, & ſapientiæ obijt in Domino in Vigilia Natalis Æra M.CCC.LX. (Reſponde ao anno de Chriſto de 1322.)

As outras ſaõ:

HIc iacet Frater Gonçaluus de Calciata Prior Prouincialis Ordinis Prædicatorum, qui obijt anno Domini M. CCC. LX.

Na capella dos Santos Coſmos, que he contigua ao Coro, da parte da Epiſtola avia huma ſepultura com ſeu letreyro que declarava ſer do Meſtre Frey Eſtevaõ de Santarem, que fundara o ſegundo Dormitorio do Convento. Eſte ſinal baſta pera termos eſte Padre por hum dos muy antigos delle. Porque o Dormitorio por velho ſe veyo a derribar no anno de 1602 ſendo Prior Frey Eliſeu de Almeida, e no ſitio ſe fez parte do refeitorio que oje ſerve, e parte da caſa de noviços. Mas naõ valeo a Frey Eſtevaõ ſua anſianidade pera ficar em repouſo. Os reedificadores da Igreja mudaraõ a oſſada pera o cemiterio, picaraõ a letra da campa, e aplicaraõna a outro ſerviço. Se foy com juſtiça, outrem o julgue. Eu tenho por de grande eſtima qualquer letra antiga, e as deſte Convento por muito aventajadas em preço, polos muitos Santos que produzia; e tenho por certo que todos eſtes enterros differenciados eraõ de gente que os merecia por ſantidade. No cruzeiro da Igreja junto à capella de S. Frey Gil fica huma ſepultura com eſta letra Portugueſa notavel.

AQui jaz Meſtre Gonçalo que foy Provincial da Ordem de Saõ Domingos por dezoito annos, e Prior do Moſteyro da Vitoria por dez annos. Alma ſua folga em paz. E finou Æra Domini M. CCCC. XXXXVIII. aos XVIII. dias de Outubro.

Outra differença parece em muitas ſepulturas no Capitulo, e pola Igreja, que ſaõ campas lançadas no chaõ com figuras inteiras de Frades dizenhadas, ou riſcadas sòmente, e cada huma com ſua diviſa do grào que ſeu dono teve, mas ſem nome, nem outra declaraçaõ: e todas em geral com ſeu bordaõ, e livro nas maons. A rezaõ deſta inſignia era, porque nos principios da Ordem todos os Religioſos caminhavaõ com ella, e a pè, em lembrança, que fora antigamente dada polos Santos Apoſtolos a noſſo Patriarcha, como atràs contamos. E ſua ſignificaçaõ era, ſegundo dezia o grande Meſtre Frey Joaõ Teutonico Meſtre Geral da Ordem, averem de eſtar ſempre prontos, e preſtes os Prègadores Apoſtolicos pera correrem polo mundo todo pregoando, e eſtendendo o ſanto Evangelho entendido polo livro, arrimados ao bordaõ, que he a Cruz de Chriſto, ou a vara de Jeſſé, por quem entendemos a Virgem Mây, em cuja confiança poderiamos vencer, e atropellar ſem medo todos os perigos, e trabalhos da vida.

E porque nos naõ fique por dizer nenhuma antigualha que de alguma maneyra toque à reputaçaõ deſta caſa: ſomos lembrados ver huma pintura no Capitulo, na parede fronteira da entrada, que em defeito de eſcritura (como doutras deſte Convento temos dito) ſuſtentou atè noſſa idade huma memoria bem de eſtimar. E foy que o veyo viſitar hum Meſtre Geral da Ordem com devaçaõ do que delle ouvia: em tempo taõ antigo, que naõ avia mais que ſeis Conventos em todo o Reyno, a ſaber Santarem, Coimbra, Porto, Lisboa, Elvas, Guimaraens. E pera os ver todos em ſuas cabeças fez aqui huma congregaçaõ dos Priores. Moſtrava a pintura no alto hum antigo retrato do Padre S. Domingos com eſta letra: *Sanctus Dominicus primus Magiſter ſacri Palatij.* E logo abaixo o Padre Geral em meyo dos ſeis Priores, com huma diſciplina de varas na maõ, que he inſignia com que ſe coſtumaõ pintar os Gerais deſta Ordem. Quizeraõ os Padres, que ſe acharaõ preſentes, que ficaſſe perpetua a memoria deſta honra, fiaraõna sò de pintura feita a freſco, e ſobre a cal, e por official pouco primo, indicio da pobreza, que em tudo ſe guardava. Em favor da antiguidade a referimos aqui, e mereceo ella, porque naõ he menos que de trezentos, e cinquenta annos, viſto como a conta de ſeis Conventos he do anno de 1270 atè o de 1280 em que começamos a ter ſete, como ſe verà polo diſcurſo da Hiſtoria.

CAPITULO XXXX.

Das grandes maravilhas que em varios tempos se viraõ no cemiterio, em confirmaçaõ da santidade do Convento. Das pessoas Reays que nelle jazem. Dos Religiosos que os Reys lhe tiraraõ pera differentes cargos.

MAs se estas cousas, com serem sò fundadas em huma boa opiniaõ do povo, fazem ao caso, e rendem credito ao Convento; que farà a sustancia, e verdade dellas sabida? Pouco he tudo o que desde seus principios temos contado delle: e certo sinal, que o escrito, e sabido saõ humas cifras do muito que à nossa noticia naõ chegou de numero de Santos, e de grandeza de santidade. Historia he que anda nesta casa recebida de maõ em maõ dos antigos moradores, e celebrada na Provincia por muito verdadeyra, que estando el Rey dom Afonso Quarto, que chamaraõ o Bravo, em Santarem, e chegando em huma noite de veraõ a huma janella do Paço das que tem vista pera o Convento, vio arder à parte do cemiterio huma grande claridade de muitos lumes juntos, e logo notou huma comprida procissaõ de Frades em branco com cirios acesos nas maons, que dava volta ao cemiterio, e ali mesmo acabava, e desaparecia. E contaõ que sem esperar que fosse manhã, mandara no mesmo ponto saber do Prior que causa avia pera se fazer tal procissaõ, e a tal hora, que era pouco despois de meya noite. E o Prior pera responder com puntualidade, e mostrar que naõ ouvera movimento extraordinario em casa, contra a vista de hum Rey, levara o messageiro polo Dormitorio, mostrandolhe como os Religiosos todos, ditas suas Matinas, estavaõ recolhidos, e descuydados em seus leitos.

Muitos annos despois succedeo a mesma visaõ a el Rey dom Joaõ o Segundo, e como era varaõ espiritual, e muito dado a Deos, naõ foy huma sò vez, se naõ muitas, as que se lhe descobriraõ estes lumes, e procissoens, (dom he do Ceo, e a poucos concedido ter olhos pera semelhantes vistas: esforçaos Deos, quando he servido mostrarlhes cousas taõ sobre naturaes) Devia cuydar da continuaçaõ, com que as via, que seria costume, ou obrigaçaõ da casa, naõ fez por entaõ caso dellas. Todavia chamando hum dia o Prior pera outro negocio, perguntoulhe despois delle, a que fim se faziaõ no Convento aquellas procissoens nocturnas. Maravilhandose o Prior, e affirmando que tal naõ avia, contoulhe el Rey por extenso donde, e como, a que horas; e as muitas vezes que as vira. Grande consolaçaõ pera hum Rey Christaõ ver em seu Reyno, e diante de seus olhos taõ vivos sinais de verdadeira religiaõ: e tanto numero de santos, e mostrarlhe Deos, como em hum espelho, significaçaõ certa que estaõ occupados naquella hora, e em todas diante de Deos em semelhantes preces polo Reyno, e pola terra donde ganharaõ, e mereceraõ as commendas da Gloria que gozaõ. Maior consolaçaõ pera os que somos filhos de tal Ordem, termos tantos, e tais santos por hirmaons mais velhos, que nos

fi-

ficaõ em lugar de pays, tutores, e curadores, como se usa nas familias do mundo: e de força haõ de estar em rogativa continua como nossos mercieiros, porque Deos nos faça taes como elles, e por suas pisadas cheguemos ao que jà possuem. Confusaõ pera os herejes, e pera todo mào Christaõ (se ha algum taõ mào, que com olhos torsidos olha as sagradas Religioens) em sinais taõ claros de que as estima, e ama, e se deleyta nellas como em jardim seu aquelle Senhor, de quem cantamos: *Qui pascitur inter lilia.* Assim o mostrou sempre a Divina misericordia, naõ sò aos olhos, mas tambem aos mais sintidos: naõ sò nos tempos passados, mas tambem nos modernos, e presentes, como parecerà desta historia, pera que naõ aja ninguem que por fraco trema, por peccador desconfie, quando temos o socorro de sua graça sempre pronto, e certo, e continua em nosso favor a intercessaõ dos bons irmaons.

Cant. 6.

Cousa he muito sabida, e provada de tempos immemoriaes, que todas as vezes que neste cemiterio se abria cova pera enterro de algum religioso, em se bolindo aquella terra santa acontecia o mesmo que se começaraõ a ferver muitas cassoulas das melhores pastilhas, e agoas cheirosas da terra: se naõ que o cheiro era taõ aventajado a esses ordinarios, que naõ avia quem lhe soubesse dar semelhante. Daqui naceo ser o lugar desda fundaçaõ do Convento, e por todas as idades muito venerado, e estar cercado, e fechado de muro alto. Que pois o Senhor se servia de conservar naquelle barro frio, e morto a mesma fragrancia, que quando tinha vida, lhe fazia agradavel holocausto de innocencia, e pureza, e de todas as mais virtudes monasticas: rezaõ era porse em custodia como preciosa reliquia naõ sò o lugar inteiro, mas atè as ervinhas delle: como nos deixou insinado o devotissimo Bispo de Turs ou Turon saõ Martinho, que pedindo, e sendolhe negada huma reliquia dos Santos Martyres da legiaõ Thebèa, contentouse com lhe mostrarem o lugar do martyrio. Posto nelle fez conta que tinha mais do que desejava mostrandolhe a fè que qualquer torraõ da terra, que fora regada com taõ precioso sangue, era reliquia pera entezourar. E naõ se enganou; porque metendo a faca na terra pera arrancar huma herva, veyo a raiz com ella correndo sangue, e foise rico, e contente.

Lenda do Breviario Rom. a 22 de Setemb

Mas porque me naõ digaõ que revolvemos antiguidades apagadas: ou que he acabada nas religioens aquella fineza de santidade que fazia recender a terra em perfumes, e fragrancias do Ceo: trataremos da idade de nossos pays, e nossa. Certo, e sem duvida he, naõ alcansado por memorias ou tradiçoens sem Era, que mandando o mestre Frey Niculao Dias abrir huma cova neste cemiterio em sua presença, toparaõ os officiaes com hum moimento de pedra inteiro, e parecendo grande novidade aver tal cousa debaixo de terra, acudiraõ o Prior, e muitos Religiosos, e trataraõ que se levantasse a campa desejosos de ver o que averia dentro. Tanto que se começou a descobrir foy taõ desacostumada a sua-

a ſuavidade de cheyro que de dentro ſahia, que todos paſmavaõ: e o Prior tocado de eſcrupulo mandou que como couſa ſagrada, e que os olhos naõ mereciaõ ver nem os mais ſentidos gozar, ſe tornaſſe a cerrar, e cobrir da ſua terra com muita preſſa, e a cova ſe abriſſe em outra parte. Iſto nos deixou eſcrito o meſmo Meſtre Frey Niculao Dias peſſoa de tal calidade por virtude, e letras, que com juſtiça o avemos por teſtemunha mayor de toda exceiçaõ.

Mas de noſſos dias temos muitas experiencias ſemelhantes. O dormitorio, que hoje chamamos novo, he fabrica começada do anno de 1560 pera cà. Foy neceſſario pera levar a obra direita tomar parte do cemiterio. Ao abrir dos aliceſſes encontravaõ os officiais com alguns oſſos, que ſecos, e mirrados deleitavaõ o olfacto com tal eſtremo, que davaõ grande occaſiaõ de louvar a Deos. Alguns annos deſpois ſe abrio outro aliceſſe pera ſe fazer o corredor de abobada que vay pera o coro. Eſte entrou muyto mais pola terra ſagrada, e aſſi deu mayores ſinais, e mais vivos do que dizemos nos oſſos que ſe acharaõ. Mas ainda que cauſou grande admiraçaõ, e devaçaõ em Religioſos, e ſeculares o que aqui ſe vio, com grande aventagem foy tudo, quando ſe edificou a capelinha do lavatorio que fica defronte da porta da Sacriſtia, obra mais moderna de todas. Porque como eſtà toda fundada dentro no cemiterio, foy eſtranha, e fragrantiſſima a ſuavidade que ſe ſintio tanto que ſe foy movendo a terra, e mais particularmente cortando ao longo de outra caixa de pedra que ſe achou soterrada.

Por onde podemos com rezaõ cuidar que a ſantidade deſte Convento, muito mais celebre nos tempos atràs, devia obrigar alguns Reys a mandarem ſepultar nelle os filhos que amavaõ, ſem embargo de terem enterros reais: como fez el Rey dom Afonſo o Quarto de quem pouco ha fizemos mençaõ, que falecendo o Infante dom Afonſo ſeu filho em idade pueril na villa de Penela o mandou trazer a eſte Convento, tendo mais perto Coymbra, e Alcobaça: e nelle eſtà, mas do lugar certo ſe tem perdido a memoria. O meſmo tinha feito primeiro el Rey dom Dinis ſeu pay a hum baſtardo querido, que chamaraõ dom Fernando Sanches, e tem ſua ſepultura na capella dos Santos Coſmos, que he contigua à capella mòr da parte da epiſtola.

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonſo IIII. fol. 173.

Aſſi tinha o Senhor cuidado de honrar eſta caſa por todas as vias, ordenando que os Reys tiraſſem della ſogeitos pera ſerviço de ſua caſa, e ſeu ou da Republica, trazendoos no Conſelho, ou encarregandoos de Prelacias. Mas iſto ſempre confeſſaremos com dor que ſendo honra da Ordem, de nenhuma couſa lhe reſulta mais dano. Porque por huma parte nos tiraõ homens feitos, e aquelles que com virtude, e letras lhe daõ luſtre, e bom exemplo, e ſendo Biſpos jà naõ ſaõ noſſos. Por outra os que continuaõ as Cortes, e ſerviço do Rey, por perfeitos que ſejaõ, ſaõ occaſiaõ de relaxaçaõ pera ſi, e por ſeu meyo pera outros. Porque o religioſo fóra da cella ſempre anda arriſcado

a per-

a perder. Achamos por este tempo no Algarve dous Bispos desta Ordem. Dom Frey Roberto, e dom Frey Bertolameu. Dom Frey Bertolameu foy criado na doutrina do santo Frey Gil, e governou aquella Igreja em tempo del Rey dom Dinis. O outro foy mais antigo. Em boa troca destes varoens que a Ordem deu entaõ pera Bispos, nos deu no mesmo tempo o mundo pera ella hum Bispo de Lisboa. Mas que diremos ao desazo do tempo, e da gente? Ficounos o nome do capellam Frey Martinho que com elle veyo à Ordem, do Bispo naõ ficou particularidade. E temos muitos autores que escrevem o feyto, e naõ ha duvida que foy certissimo, porque todos fazem escritor primeiro delle a saõ Frey Gil. Na santa Sè de Lisboa achamos duas memorias que ao parecer nos daõ sem duvida o nome, e enterro deste santo Bispo, e o tempo de sua morte. Huma he de hum livro antigo das capellas, e obrigaçoens de defuntos, que diz assi em Portuguez: *Anniversario do Bispo Sueiro que jaz em Santarem em Sam Domingos dos Frades.* Bom indicio de ser Frade nosso enterrarse em tal tempo com nosco. O tempo de sua morte se vè por outra verba que anda nas margens de hum martirologio muito antigo, em que se declaraõ as pessoas porque se faziaõ anniversarios, e diz assi: *IIII. Cal. februarij eodem die obijt Suerius tertius Episcopus Ulyssiponensis*, e abaixo ajunta *Era M. CC. LXX.* que responde ao anno de 1232. Bem sey que ha outro Bispo Sueyro da mesma cidade, e falecido no anno de 1249. Mas este tem sua sepultura na porta do Claustro da mesma Sè, e chamase nas memorias Sueyreanes. E ainda que cousas taõ antigas sempre trazem comsigo algumas duvidas, nenhuma fica no nome, e enterro do nosso: e sò faz falta naõ se declarar que tomou o habito de S. Domingos. Donde inferimos, que por naõ alcançar licença do Pontifice ficaria governando sua Igreja vestido em nosso habito, como aconteceo a dom Frey Pedro Centelhas Bispo de Barcelona, e a dom Frey Raymundo de Ponte Bispo de Valença, e em França ao Bispo de Perigort dom Frey Pedro de Santo Asterio. Todos tres quasi no mesmo tempo do nosso de Lisboa vestiraõ o habito de S. Domingos, mas naõ puderaõ impetrar licenças pera deixarem suas ovelhas.

Duarte Nunes na vida del Rey dom Afonso III.

Frey Gerardo de Fraqu. nas vidas dos Padres Prègad. l. 5. c. 3. exemp. 7. Castilho p. 1. l. 2. c. 67.

Cronic. de Aragaõ l. 1. c. 1. & 8. M. Frey Bern. de Guido.

Dos Frades que achamos empregados em serviço dos Reys, e da Republica, he o primeyro Frey Pedro Afonso, que foy a Paris assistir ao juramento que se tomou por ordem do Papa, e em nome do Reyno, ao Infante dom Afonso Conde de Bolonha: os segundos saõ dous, que atràs dissemos, que seguiraõ em sua retirada a Castella a el Rey dom Sancho Capello. Apoz estes se serviraõ os Reys sempre de Frades desta Ordem, assi na Corte, e Conselhos, como em negocios seus particulares. ElRey dom Afonso Terceiro escolheo por seu testamenteiro a Frey Giraldo Domingues Mestre, e Leitor na Provincia, o qual em huma memoria do Reyno do anno de 1277 està nomeado com este titulo: *Frater Geraldus Ordinis Prædicatorum Consiliarius Regis.*

El

El Rey dom Dinis seu filho teve consigo primeyro a Frey Durando, despois a outro Frey Giraldo Domingues, e Frey Pedreanes, e a todos tres achamos assinados em cartas, e confirmaçoens, e negocios importantes deste Rey des do anno de 1294 atè o de 1311, como nos foy mostrado da torre do tombo, em livros della polo Licenciado Lousada atràs nomeado Escrivaõ daquelle real Cartorio. Outros deste tempo puderamos ajuntar que deixamos por brevidade. Os que polo tempo em diante andaraõ em semelhantes trabalhos yraõ apontados em seus lugares.

CAPITULO XXXXI.

Da devaçaõ, e virtudes do Padre Frey Manoel de Beja, e do irmaõ Frey Diogo das Vinhas. E da jornada que fez à India o Padre Frey Pedro Coelho.

REquería este Convento sò huma Cronica inteira, pera memoria dos sojeitos que nelle floreceraõ. Mas foy providencia Divina, que pera naõ fazermos inveja a todas as Religioens juntas, de huns faltasse quem escrevesse, e de outros se perdesse o que avia escrito. E assi acontece que de tantos annos naõ temos quasi que dizer, clamando em favor de todos a terra em que se tornaram, tornada em pastas aromaticas com a corrupçaõ das sepulturas: e o Ceo, de que gozaõ, com as luzes que despois mostraram. Testimunho taõ celebre, que quando ouvera grandes maravilhas escritas, nos forrava o trabalho de as repetir. Todavia por mostrarmos o cuidado com que trabalhamos em buscar, e tirar a luz tudo, faremos memoria de alguns modernos, parte que nossos pays alcansaram, parte que nòs conhecemos, e tratamos.

Destes o mais antigo foy o Padre Frey Manoel de Bèja, e por huma sò particularidade quizeraõ os que o conheceram, que entendessemos seu grande espirito: nem nòs diremos outra. Esta era que todas as vezes que celebrava, o fazia com tanta devaçaõ, e taõ inflamado affeito, que seus olhos se tornavaõ dous rios de lagrimas, e naõ avia quem os tevesse enxutos vendoo. E na verdade como este Divino sacrificio foy huma memoria, e recapitulaçaõ de todas as maravilhas que o misericordioso Deos fez em favor do genero humano, com rezaõ faziam os homens juizo das virtudes que moravaõ na alma deste Religioso, polo respeito, e veneraçaõ com que o viaõ todo enlevado, e absorpto na presença, e celebraçaõ delle. Deos naõ teve mais que dar nem o mundo mais que dezejar. Os que aqui estamos tibios, ou descuidados, ou adormecidos, he porque estamos longe naõ sò de Santos, mas de conhecer bem o que temos entre maons.

Ps. 110.

Do mesmo tempo foy Frey Diogo das Vinhas irmaõ leigo, e filho deste Convento. Vivendo com raro exemplo de virtude, e religiaõ, huma vida mui larga, particularmente se esmerou na obediencia. Porque pera tudo o que lhe mandassem os Prelados, e a qualquer hora, e tempo que fosse, era taõ leve, tam facil, e prestes, que causava admi-

miraçaõ. E ſendo muito velho, e dando a velhice muitas licenças, tam alegremente obedecia quando era de ſetenta, e mais annos, e atè que acabou a vida, como na idade mais florida. Mas naõ tinha menos de humilde, que de obediente. Sendo jà de oitenta annos deſcompozſe com elle hum mào homem, e como miniſtro de Satanas, que o quiz por tal maõ tentar, atreveoſe a afrontar aquellas veneraveis cans com huma enorme bofetada. Ficou quieto, e ſem fazer movimento, e taõ deſaſſombrado com a injuria, como ſe o roſto naõ fora ſeu. Sò, porque via que em o tratar aſſi naõ tivera rezam, lhe perguntou por ella, mas com muita brandura: à imitaçaõ de Chriſto noſſo bem, quando em ſemelhante deſatino, diſſe ao criado de Caifas: *Quid me cædis?* Fiaõ muito de Deos os humildes, e entaõ vivem com mais ſegurança, quando o mundo cuida que os abate, porque quanto mais decem à viſta dos homens, tanto ſe levantaõ nos olhos de Deos. Eſta confiança fazia a Frey Diogo taõ animoſo, que nenhuma couſa da terra ſintia nem temia. Aconteceo hum dia virarſe a elle furioſamente hum boy feroz, e bravo, em lugar que naõ teve tempo pera ſe valer dos pès. Viraõ de longe o perigo alguns Religioſos, deraõ o Frade por morto: porque como era taõ velho, pequeno encontro baſtava pera o acabar. E elle eſteve tanto em ſi, que ſem ſe bollir, quando o animal eſtava jà com elle, naõ fez mais que como com imperio mandarlhe com a maõ, e com a voz que ſe deſviaſſe, dizendo: Vaite pera là beſta fera. E sò iſto baſtou pera ſe afaſtar logo feito hum cordeiro. E o que mais eſpantou foy, que em paſſando dali tornou a entrar em furia, e braveza, como dantes.

Luc. 18.

Mas, porque naõ faltaſſe nos filhos deſte Convento, e deſta villa nenhum genero de eſpirito dos que muito ſe eſtimaõ no ſerviço de Deos, temos huma natural della, e filho delle, que com aquelle animo com que em tempos muito antigos ſe deſterraraõ voluntariamente das partes de Italia alguns Religioſos deſta Ordem pera Tartaria, e Preſte Joaõ, outros pera irem prègar à Perſia, e fundar Conventos (como fundaraõ, e ainda oje naõ eſtaõ apagados entre os Armenios) ſe embarcou de Portugal pera a India novo, e valeroſo peregrino. Digo novo, porque ainda que des dos primeiros annos do deſcubrimento da India, ſempre foraõ alguns Religioſos noſſos, como adiante veremos, e reſidiaõ nella, pera conſolaçaõ dos naturais que acompanhavaõ, e pera irem tentando os animos da Gentilidade: com tudo em communidade, e a fim de fundar Conventos, nem eraõ idos atè entaõ nenhuns, nem foraõ ſe naõ alguns annos deſpois. Aſſi devemos ao Convento de Santarem darnos o primeyro Prelado de Prègadores Apoſtolicos deſta Ordem pera a India. Eſte foy Frey Pedro Coelho grande letrado, e famoſo Prègador. A cauſa, e fim de ſua yda ſe eſcreve na fòrma ſeguinte. Polo nome do Preſte Joaõ, ainda que corrupto, e differente do proprio, he conhecido o grande ſenhor das terras da Ethiopia, que na India ſe chamaõ vul-

Joaõ de Barros Dec. 3. l. 4. c. 1. Marco Paulo Veneto. F. Joaõ dos Santos l. 1. da Chriſtandade Orient. c. 1. Serafino Razzi na Cron. de S. Dom. f. 295. Paramo l. 2. t. 1. c. 9. de Orig. Inquiſit. Comentarios de Affonſo de Albuquerque p. 1. c. 1. 4. 21. Diogo do Couto Dec. 4. l. 1. c. 10. Caſtanheda l. 7. c. 14. da Ind. Os primeiros fundadores da Congregaçaõ da India foraõ em Março de 1548. Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 2. de varia hiſtor. da Chriſtandade Orient.

vulgarmente terras do Abexim. Chegara à Corte, do que de presente reynava, e andara nella devagar hum Joaõ Bermudes, em tempo que padecia cruel guerra de hum Rey Mouro seu vizinho poderoso de armas, e instrumentos de polvora, e fogo, cousa naõ conhecida nem vista atè entaõ em Etiopia. Informouo, que o poder, que assombrava a India de muitos annos atràs, era de hum Rey de Ponente que seguia a ley de Christo, e professava sua fé, a qual era a mesma dos Abexins. Encheose o Preste de esperanças, que teria nelle valedor contra seus enemigos. Despachouo com cartas pera el Rey de Portugal, e com ordem que passasse a Roma, e tratasse com o Summo Pontifice materia espiritual de sua reduçaõ à obediencia da Sè Apostolica, e com el Rey a temporal de socorro de gente, e artilheria contra os Mouros de Zeyla. Entrou Bermudes em Roma: foy despachado do Papa Paulo III. com titulo de Patriarcha da Etiopia, e com nome de dom Joaõ Bermudes, e veyo a este Reyno encomendado a el Rey dom Joaõ. Despachouo el Rey tambem com boa satisfaçaõ ao requerimento do Preste: e pera ajudar o Patriarcha no edificio das almas, mandou ao Provincial que lhe desse Religiosos pera o acompanharem, e allumiarem aquelles estendidos Reynos da cegueira de muitos erros em que viviaõ. Foy nomeado pera esta sagrada missaõ o Padre Frey Pedro por concorrerem nelle as partes necessarias pera a empresa, e feito Prelado de cinco companheyros que animosamente aceitaraõ o trabalho com os olhos em Deos, e na obrigaçaõ do habito. Partiraõ todos nas nàos de viagem do anno de 1539, e chegaraõ a salvamento a Goa: mas naõ passaraõ à Ethiopia, porque lho impedio quem tinha o governo da India, com grande sintimento do Patriarcha, e naõ menor dos Religiosos, que como varoens Apostolicos tinhaõ jà tragado na determinaçaõ todos os medos, e offerecida na vontade a vida ao talho: faltoulhes este, naõ lhe faltaraõ elles. Todavia ficaraõ na India servindo no ministerio de sua profissaõ, e apostados a seguir o primeiro proposito, como tevessem licença.

Dom Joaõ Bermudes no tratado de sua embaixada c. 4. Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 1. da varia histor.

CAPITULO XLII.

Vida, e morte do irmaõ Frey Diogo de Saldanha, filho deste Convento.

A Estes tres ajuntaremos hum sò, que tratamos, e alcançamos, e naõ tem menos acçaõ pera ficar nestas memorias, que aquelles que concorreraõ nos principios deste Convento. Viveo em Santarem, e teve casa, e rendas, como natural da villa, Antonio de Saldanha fidalgo honrado por calidades de sangue, e pessoa: a que ajuntou bons serviços feitos aos Reys dom Manoel, e dom Joaõ na India, e neste Reyno, dos quais foy o ultimo yr por Capitaõ mòr da armada, com que o Infante dom Luis passou à empresa de Tunes em companhia do Emperador Carlos V. Era jà taõ velho quando foy nesta jornada, que fazendolhe el Rey dom Joaõ da volta della algumas mercès pera

em sua vida, porque naõ tinha filhos, nem era casado, se ouve por agravado, dizendo aos ministros (assi o ouvimos contar a quem o alcançou) que naõ avia por mercès as que juntamente naõ eraõ pera seus filhos. Soubeo, el Rey festejou o agravo fundado em requerimento de homem meyo enterrado por velho, pera filhos naõ nacidos. E como era Principe prudente, e benigno, mandouo satisfazer a seu gosto. Seguio ao despacho o casamento, e ao casamento hum enxame de filhos. Foy a molher dona Joanna de Mendoça filha de Ayres de Sousa Commendador das Commendas de N. Senhora de Alcaçava, e Rio mayor da Ordem de Avis. Tinha esta casa particular devaçaõ ao Convento de S. Domingos, que andava nella como por herança: e devia ter principio, ao que parece, no jazigo que seus passados tinhaõ eleito da capella mòr que era sua. Continuou nella Diogo de Saldanha, que assi avia nome o filho mais velho, ficando por morte de seu pay muyto moço. E o mesmo fez despois de casado, empregando muitas horas em tratar com os Religiosos, e acudindo a suas necessidades com muito amor. Mas levandolhe Deos sua molher dona Ines de Tavora a poucos annos despois de casado, logo fez resoluçaõ de se entregar todo ao Padre S. Domingos, e à sua Religiaõ. Assi começou a professar huma nova ordem de vida em continuaçaõ de exercicios espirituais, oraçaõ, e penitencias, e frequencia de Sacramentos. Tem as cousas Divinas huma excellencia, que quanto mais se usa dellas, mais saborosas se achaõ, e mais se fazem apetecer. Desejava, e morria por passar adiante. Mas era impedimento hum filho que sò lhe ficou, de quem sendo pay, fazia tambem officio de mãy em falta da natural. E avia negocios de sua fazenda com dependencias da coroa real, a que era forçado acudir com habito secular. Escolheo hum termo que a muita gente estivera bem, que foy ser religioso sem habito nem tonsura de Religiaõ: e fazer vida monastica em trajos seculares. E porque ainda isto avia por por pouco, tomou cella em casa de noviços, seguia as Communidades com elles, feito minino entre mininos, cumprindo quasi à risca o que disse o Senhor que convinha pera a salvaçaõ, que era nacer de novo. Assi passou muitos annos com hum grande trabalho de sempre noviço, e sempre minino no estado, sendo na idade cada dia mais velho. Porque como os negocios naõ tomavaõ termo pera o deixarem professar, nunca passava de noviço puro, ficando no primeyro andar dos mais humildes mininos. E com tudo resplandeceo sempre nelle verdadeyra humildade em huma grande reverencia ao Mestre, amor, e affabilidade com os pobres irmãozinhos, e notavel respeito a todos os Padres. E tal era o exemplo que dava, que sendo este genero de vida em todo estremo encontrado com as leys de nossa Ordem, saneava, e supria tudo com sua virtude. Porque se parecia indecencia hum homem de ferraroulo, e sombreiro, e muito entrado em annos viver entre mininos; tomado o negocio por outra parte,

marcavaõ a vida, que fazia, polo mais reformado noviço de quantos o acompanhavaõ: taõ composto, taõ surdo, e mudo, e taõ nada em sua propria estimaçaõ, que naõ aparecia nelle mais que sombra de homem, proceder de innocente, feitos de Santo. Correraõ annos, nunca se vio mudança: hum mesmo estilo, e teor de vida seguio sempre. Casou seu filho, fezse avò de netos, e muitos netos: naõ sò naõ alterava hum ponto com as cans, e idade mayor, mas reverdecia pera abatimento de mais noviço, e mais minino. Por mais de vinte annos perseverou leigo nas obrigaçoens de frade: atè que Deos foy servido chegar as cousas de sua casa a estado, que pode dispor das de sua alma a todo seu sabor: como fez na entrada do anno de 1592 vestindo o santo habito com estremos de alegria. Mas a poucos mezes deste gosto, lhe bateo à porta huma visita do Ceo, com huma forte doença, a qual inda que naõ veyo sobre muita velhice, achou o sojeito gastado de penitencias, e taõ fraco que o venceo depressa. Desconfiaraõ os medicos. Declaroulhe o Prelado o ponto em que estava. Ouvio elle o desengano com muita serenidade no sembrante, testimunho certo da que lhe ficava dentro na alma, e respondeo com render graças pola lembrança, e pedir os sacramentos pera a jornada que se lhe denunciava: acrecentando, que de acabar sua peregrinaçaõ nenhum pesar sintia: antes se hum grande peccador podia falar assi, levava muito gosto de morrer, pois morria em tal casa, e entre tais Religiosos: sò lho aguava ver que lhe tolhia Deos por seus peccados o que toda a vida desejara, que era entregarse à Ordem por solene profissaõ. Porque na verdade naõ podia negar que muyto sospirava por ver o fim àquelle anno, que avia de ser meyo de ficar filho de S. Domingos por voto, como era por vontade, e estimara grandemente concederlho o Senhor. Moveraõse a piedade os Padres, porque sabiaõ todos que eraõ razoens saydas da alma. Propoz o Prior em conselho fazerlhe profissaõ por hum Breve que temos do Papa Pio V. expedido a 23 de Agosto de 1570 que começa, *Summi Sacerdotij*, *&c.* pola qual concedeo aos noviços da nossa Ordem, que estando a juizo de medico em artigo de morte, possaõ fazer solemne profissaõ, dado que naõ tenhaõ satisfeito com a disposiçaõ do direito Canonico, que manda se naõ faça, nem seja valiosa sem o cumprimento de hum anno inteiro de provaçaõ. Ajuntaraõse as razoens que avia de parte de tal sojeito, provado, e approvado com o discurso de vinte annos, que he a tençaõ da ley: e o que ganhava a Ordem, e aquelle Convento, com ficar contado hum taõ religioso varaõ no numero de seus filhos. Foy o Senhor servido pera mais consolaçaõ sua, que era vespera do dia, e festa de Nosso Padre, quando se lhe deu a nova, e logo vio a execuçaõ della. Fezlhe o Prior profissaõ em presença de seu filho Antonio de Saldanha, e de outros fidalgos que se juntaraõ. E pedindolhe o filho a bençaõ, lançoulha, encomen-

Manoel Rodrig. tom. 3. Quæst. Reg. Quæst. 15. art. 6.

mendandolhe que fosse sempre muito amigo, e servidor da Ordem. E como estava cheyo de contentamento por se ver professo, desejando mostrarse agradecido a tamanho beneficio no pouco que entaõ podia, disselhe mais, que estivesse advirtido que no dia seguinte se fazia a festa de seu Padre S. Domingos, e tevesse cuydado de mandar pera o jantar dos Padres o seu costumado prato (sohia o professo todos os annos por tal dia acrecentar o jantar dos Frades com huma particular iguaria pera toda a communidade) e ajuntou, que lhe durasse por amor delle a lembrança, e a obra pera toda a vida. Assi acabou com glorioso fim dias bem vividos, ganhando indulgencia plenaria, e remissaõ de todos os peccados, em forma de Jubileu concedido aos noviços, que na hora da morte professaõ, e outras muitas graças, que todos os Religiosos alcançaõ naquelle artigo. Foy sepultado na terra sagrada do cemiterio commum do Convento, gozando jà do privilegio de Religioso, sem embargo de ter enterro na capella mòr, de que era legitimo padroeiro, como temos dito.

CAPITULO XLIII.

Das santas Reliquias que ha neste Convento.

POrque naõ faltasse nada de quanto se podia pedir, e desejar pera credito, e honra de huma casa santa, ordenou Deos enriquecer esta com huma preciosissima reliquia de seu miraculoso Sangue, posto por sua altissima misericordia clara, e patentemente à vista de olhos peccadores: milagre perpetuo, e perenne, que dura, e permanece assi ha mais de trezentos e cinquenta annos pera confirmaçaõ da Fè, e huma ineffavel consolaçaõ dos Catholicos, e grande confusaõ dos cegos, e miseraveis hereges, que podem acabar consigo privarse do mayor, e mais alto bem de todos os bens. O successo he autentico, e certissimo, a historia temerosa: mas polo fim, que teve, saborosissima. E affirmo, que quando nos naõ obrigaramos a escrever esta Cronica da Ordem a outro fim mais, que pera com occasiaõ della espalharmos polo mundo taõ estranha maravilha, fora bastante rezaõ pera trabalharmos com gosto. E dou infinitas graças ao Divino Autor della, por me dar maõ, e forças pera chegar a escrevella, como deu olhos pera a ver algumas vezes. Reynando em Portugal el Rey dom Afonso Terceyro, que foy Conde de Bolonha, aconteceo na villa de Santarem polos annos do Senhor de 1266 que huma pobre molher do povo, naõ achando em seu marido igual correspondencia de amor, ao que a seu parecer lhe merecia, ou por ser aspero de condiçaõ, ou por se divertir em mocidades: e desejando mais, que a propria vida, achar algum meyo de o reduzir, e abrandar, deu conta de si a huma molher de ley, e naçaõ Judia, como naquelle tempo avia muita gente desta em Portugal, que em bayrros separados viviaõ à sua vontade por todas as terras, e lugares grandes. Devia ser de humas velhas, que por ge-

genero de vida com qualquer conhecimento de ervas, ou experiencias se fazem chamar Mestras no povo: e às vezes passaõ a tratos, e pactos com o Demonio. Esta como ouvio as queixas da Christam, e conheceo a rayz donde procedia a ansia com que vinha, julgou que tinha sitio pera fundar quanto quizesse nella. Prometelhe facil cura, como de sua parte ajudasse com o que podia. Que naõ faria com tal promessa quem outra cousa naõ buscava? A tudo se offereceo quanto lhe quizesse mandar. Instruida pola Judia do que avia de fazer, as horas lhe pareciaõ annos pera a execuçaõ. Tinha sua morada na freguesia de Santo Estevaõ (aponta a historia que era na rua dos esteyreyros) vayse pola manham à Igreja, pede confissaõ, e communhaõ a titulo de indisposta, os tempos entaõ pouco acautelados, ella determinada, e cheya de paixaõ, e molher: ao receber da sagrada Hostia teve atrevimento, e manha pera lhe por as maons profanas, e immundas, tiralla da boca, e atalla na ponta da beatilha que trazia soqueixada (chama a lingoagem do povo beatilha a hum genero de veo, ou touca grossa com que as molheres plebeyas cobrem por honestidade a cabeça, e garganta,) e o que mais he, que logo se poz em caminho pera a yr entregar ao Judaismo. Mas naõ permittio o Senhor que em huma villa taõ illustre, e onde tantos Santos, e tanta santidade avia, lhe fosse feito tamanho desacato, como ser nella de novo entregue a quem de novo pretendia tornallo a crucificar: e pera grandes bens, e honra de Santarem converteo a afronta, que se aparelhava em hum soberano genero de misericordia. Caminhava a atrevida, e mais que infiel femea pera a Judiaria, e caminhava feita andor, e Custodia de Christo Jesus Deos trino, e uno poderosissimo, e soberanissimo, como padeceo por nòs, e como està glorioso nas alturas do Ceo Impireo. Mas eys que começaõ a regarse as ruas de sangue sagrado, como noutro tempo as de Jerusalem. O' ineffavel maravilha! Lingoas de Anjos ouveraõ de falar neste passo, que todas as humanas saõ pobres, fracas, e indignas pera taõ alta materia. Viraõ huns homens o sangue que corria atè o chaõ, notaraõ as roupas da molher tintas nelle, perguntaraõlhe espantados, que cousa era, ou que feridas levava. Olhou ella pera si, vio que sahia do nò da beatilha, sobresaltouse, e perturbouse toda. Parece que ajudaraõ os Anjos a perturbaçaõ, pera que mudasse conselho. Dà volta pera sua casa, tira a beatilha, encerraa com o Divino deposito dentro de huma arca. Passou o dia sem se determinar no que faria: senaõ quando cobrindose o mundo de noite escura, amanhece no aposento dia, e resplandor celestial. Acorda o marido pasmado: desmaya, e tornase de novo a molher. Notaõ ambos, que de huma parte baixa sahiaõ rayos mais claros, e mais ardentes que do Sol do meyo dia. Naõ se atreveo a autora do sacrilegio a mais segredos, conhecendo que procediaõ da arca, que aly tinha seu lugar, e da mesma causa que de dia vertera sangue. Contou tudo

do o que era passado sem encubrir nada. Acudio o homem, correndo ao Prior da Igreja: juntouse o povo todo: foy grande a revolta, e o espanto, grande o alvoroço, e devaçaõ. Tratouse primeyro de huma solene pompa, e procissaõ pera tirarem o Senhor donde estava. Em segundo lugar entrou em duvida que parte, ou que Igreja seria bem honrar com elle. Era vulgo, foy grande a variedade de pareceres. Huns propunhaõ S. Domingos allegando que estaria bem servido onde tudo eraõ Santos: outros S. Francisco, onde naõ faltavaõ: outros queriaõno pera a Igreja matriz. E os freguefes de Santo Estevaõ, inda que poucos, e pobres requeriaõ pola sua Igreja, com a justiça de aver faydo o mesmo Senhor della. Mas sendo tudo pobre pera tamanho hospede, erao mais que tudo a freguesia. E naõ falta quem affirme com bons fundamentos, que o primeyro possuidor de taõ alta reliquia foy o Convento de S. Domingos. Mas no tempo presente he cousa certa, e sem duvida que a possue a propria freguesia, e por essa rezaõ foy perdendo a Igreja seu antigo nome, e tomando o que oje tem do Santo milagre, que por excellencia lhe compete. Com as esmollas, e concurso dos fieis se tem feito hum luzido templo em edificio, e rendas, e de ordinario anda o Priorado delle em pessoas de muita calidade. E oje o possue o Doutor Luys da Sylva de Brito natural da mesma villa. Correndo o tempo foy o Senhor servido de juntar a esta Divina Reliquia duas circunstancias, que cada huma per si he soberano Milagre, e ambas juntas lhe acrecentaõ tanta autoridade, e grandeza, que a fazem unica no mundo (entre outras que sabemos da mesma calidade) com grande honra do Reyno de Portugal, e da villa de Santarem. A primeyra he, que sendo, como foy, conselho, (e devia ser nacido dos Frades de S. Domingos, que seriaõ consultados como letrados, e Santos) recolherse com cera todo o sangue que avia por fora da beatilha, e da sagrada Hostia, e comporse tambem de cera, como de materia menos corruptivel hum genero de recolhimento, ou custodia, em que se guardasse tudo (devia faltar ouro, e prata, como em idade pobre) aconteceo a cabo de annos, que visitando o Prior a santa Reliquia, ou querendoa mostrar ao povo, como entaõ era costume, na festa de Corpus, achou com grande espanto recolhida a hostia sagrada dentro de huma ambula de cristal de tal feitio, que claramente parece obra, e ministerio de Anjos tal recolhimento. Porque tendo a ambula o assento da largura, e forma de huma moeda de oito reales Castelhana, sobe em forma piramidal com hum collo alto, e estreito: e dentro parece o corpo da particula Sagrada do tamanho da metade de hum tostaõ grande, e nella humas nodoas em parte quasi pretas, como de sangue pisado, e em parte vermelhas, como de sangue fresco, e o resto branco, e alvo da cor das Hostias frescas: e no fundo do vaso se devisaõ humas gotas grossas de sangue, vermelhas humas, e outras quasi pretas. O que tudo argue que naõ averia maons humanas que te-

O P. Joaõ de Luce na na vida do P. Frãcisco Xavier. Pero de Maris na hist. deste Santo milagre c. 4.

tevessem poder nem ousadia pera entender em tal obra. He a segunda circunstancia, ou segundo milagre continuado des dos primeiros tempos atè a idade presente servirse o Senhor pera confirmaçaõ de fè, e cordial consolaçaõ das almas devotas, de se representar em varias figuras aos olhos de muitos, como o deixaraõ escrito algumas pessoas de muito credito, e nòs o ouvimos a outras: e o declara huma escritura ou relaçaõ antiquissima que se guarda no cartorio da mesma Igreja por estas palavras: *Et apparet intus in ampulla multis, in diversis similitudinibus hominis: quandoque in cruce, quandoque in gremio Matris, quandoque aliter, pro vt placet ei.*

Deste taõ famoso milagre tem hoje o Convento de S. Domingos de Santarem huma fermosa parte: que he hum pedaço da beatilha todo ensangoentado, e taõ vermelho de presente, (sendo o successo taõ antigo) como se de proximo o ensoparaõ em sangue fresco, e grosso, e muito vermelho. E està guardado em hum viril de cristal, no fundo do qual se vem mais dous pelouros de huma cera descorada tamanhos como graons de comer, que foraõ parte da mesma com que os Sacerdotes foraõ recolhendo algum sangue que avia pola arca, e fóra da beatilha. Este pedaço dizem que serà de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo. Em tempos atràs estava na Sacristia, recolhido em hum sacrario de pedraria que se fez pera elle encaixado na parede fronteira da porta que sae pera a Igreja, e dourado por dentro, e por fòra, e cercado de pinturas, e letras acomodadas ao misterio. O sitio pera segurança, e respeito he taõ alto que se lhe naõ podia chegar facilmente: e ardiaõ diante duas alampadas perpetuas. Aqui esteve mais de duzentos e sincoenta annos, e se mostrava a pessoas nobres, e devotas. Despois pareceo que estaria mais venerado no Sacrario da Capella mòr, como em seu proprio lugar: passouse a elle, e ahi està agora.

A occasiaõ, de que naceo vir ao Convento tamanha, e taõ preciosa parte, naõ consta ao certo, nem ha escritura que o diga. A tradiçaõ dos Frades antigos era, que logo no principio (como atràs fica dito) viera toda a Santa reliquia ao Convento: e pouco despois arrependidos os freguezes de sua sobeja liberalidade repetiraõ por justiça o que tinhaõ dado por cortezia: e ouvera longo litigio; e por bem de paz, ficara aos Religiosos a parte que temos. Assi o querem significar humas palavras de huma relaçaõ muito antiga do mesmo milagre que andava no Cartorio da sua Igreja que dizem assi: *In cœnobio Prædicatorum seruatur quædam particula eiusdem miraculi in ampulla de cristallo reposita in sacrario, quam tunc temporis obtinuerunt religiosi multa sanctitate præstantes.* E que ouve escrituras mais antigas, a mesma, que traz o Licenciado Pedro de Maris em sua historia, o aponta dizendo no fim do prologo, *secundum inueni scriptum ab antiquis.* A mesma tradiçaõ se confirmou por homens velhos tirados por testimunhas em hum summario que o mesmo Maris allega feito por mandado do Cardeal Infante dom Anrique,

Ha hist. do Santissimo Milagre c. 3. f. 34.

que, que succedeo no Reyno a el Rey dom Sebastiaõ. Era o Cardeal juntamente Arcebispo de Lisboa, e como Prelado mandou fazer a diligencia, por hum requerimento que lhe fizeraõ os Beneficiados do Santo Milagre: e por ella pareceo bastantemente o que temos dito, e por isso se guardaõ os processos no Cartorio do Convento.

Puderamos escusar tratar de mais reliquias à vista da que temos dito: mas por dizer tudo, temos nesta casa a capa inteira de que N. P. S. Domingos usava quando faleceo, peça de grande estima por hum penhor de seu espirito, como a de outro Elias. Atràs fica dito quem a deu, e quem a trouxe. He de estamenha grossa, a cor muito deslavada: do que he causa a antiguidade, e o ser tinta sobre vermelho. O capello està cozido com ella, e a aba he muito curta. Guardase em huma caixa de prata.

L.2. c.20.

Das onze mil Virgens temos aqui grande cantidade de reliquias, e com ellas outras do Martyr S. Gerion. Trouxeas a este Convento hum Prior delle, tornando de hum Capitulo que se celebrou em Colonia Agripina anno de 1403. Estaõ autorizadas com certidaõ de quem as deu, que foy o Prior da Casa Frey Guilhermo de Aquisgran. O nosso, que as recebeo, se chamava Frey Gil Martins.

Faltanos perà cerrar este capitulo, e a relaçaõ desta casa, apontar as mercès que goza dos Reys, e Prelados: e acho que por Abril do anno de 1501 lhe deu el Rey dom Manoel a Ermida de N. Senhora da Serra, situada em meyo dos montes da coutada real de Almeirim, onde he toda a recreaçaõ dos Reys. Pola qual resaõ se ouve a Ordem por obrigada a fazer nella Convento formado. E porque oje o he, ficarà o mais que puderamos dizer delle, pera quando chegarmos com a historia aos annos de sua fundaçaõ, e particular titulo.

Os Illustrissimos Metropolitanos de Lisboa tem sinalado huma boa esmola à casa de Santarem, com obrigaçaõ de huma liçaõ publica, e quotidiana de Casos de consciencia na Igreja de Santa Maria de Alcaçava, pera a qual se nomeaõ sojeitos de sufficiencia nos Capitulos Provinciais, sem embargo que no Convento, como de ordinario sustenta quarenta, e cinco Religiosos, ha sempre muytos de nome em pulpito, e letras.

Fim do segundo Livro.

LI-

LIVRO TERCEIRO DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Da fundaçaõ, e principios do Convento de Coimbra.

FOY primeyro ramo da planta, que nos deu na ſerra de Montejunto aquelle pequeno graõ de moſtarda, nella ſemeado, e cultivado por maõ de dom Frey Sueyro Gomes, o Convento da cidade de Coimbra, morada, e Corte por largos annos dos Reys deſte Reyno: deſpois illuſtre Academia de todas as ſciencias delle: e taõ antiga em ſua origem, que refere a fundaçaõ do ſeu caſtello ao Thebano Hercules. Os meyos, e modos, porque teve principio eſte Convento deixamos contados no começo deſta Hiſtoria, quando contamos como foy chamado dom Frey Sueyro, ainda antes de Provincial, da Infante dona Branca filha del Rey dom Sancho Primeyro, e juntamente do Biſpo de Coimbra, e como teve logo ſitio pera fundar, por obra, e favor deſta Infante, e da Raynha dona Tareja ſua irmam, e guardamos pera eſte lugar a narraçaõ mais copioſa. He pois de ſaber, que na ribeyra direyta do rio Mondego, que lava a cidade, no plano, onde oje vemos aſſentada grande parte da povoaçaõ da ponte pera baixo, avia em tempos antigos muita freſcura de pumares, que chamavaõ o Figueiral. Entre elles pareceo à Infante dona Branca lugar accommodado pera fundar Convento, hum poſto que avia nome a Figueira velha. Porque por huma parte pera a communicaçaõ da cidade naõ ficava longe, e por outra ſenhoreava o Rio, que naquella idade (quem o crerà oje?) corria fundo, e alcantilado: e vinha o ſitio muito a propoſito pera a commodidade, e recreaçaõ dos Religioſos. Começando a mandar com-

L. 1. c. 11.

prar as propriedades, veyo à noticia da Infante dona Tareja sua irmam o que passava. Era esta Senhora irmam mais velha de dona Branca, fora casada com el Rey dom Afonso de Liaõ: despois de terem filhos foy separado o matrimonio, e tornouse à terra em que nacera. E como Princeza religiosa, e pia, quais foraõ sempre todas as deste Reyno, inda que sintio terlhe sua irmam ganhado por maõ na determinaçaõ, naõ quiz por isso perder o merecimento de entrar à parte em obra taõ santa, e tratou com ella que partissem entre si a despesa. E foraõ os termos taõ cortezes, e taõ de quem ambas eraõ, que a Infante lho ouve de conceder. Constounos pola mesma carta que a Raynha passou das compras que fez do sitio, e propriedades que nelle avia: a qual os Frades lhe pediraõ alguns annos despois, pera lhes ficar por titulo, e poder constar em todo tempo de como as ouveraõ. E porque he de ver a nota, a lançamos aqui, e he a que se segue.

IN nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti, Amen. Ego Regina Domna Tarasia, filia Regis Sancij Primi de Portugallia, facio notum omnibus præsentem paginam inspecturis, quòd cum soror mea Regina Domna Blanca vellet facere Monasterium Fratrum Prædicatorum apud Collimbriam, ego cupiens in tam grandi bono habere partem, rogaui iam dictam sororem meam, vt placeret ei, quòd ego emerem hæreditatem, in qua posset fundari Monasterium, & alia fieri, quæ necessaria essent Fratribus ibidem moraturis. Ipsa ergo libenter & liberè concesit mihi quod petebam, meis precibus inclinata. Tunc ego emi hæreditates istas de propria pecunia in illo loco, qui dicitur, Ficus vetus, ab Abbatissa de Loruano Domna Maria Alfonsi, & Conuentu suo emi hæreditatem quantam Monasterium de Loruano habebat prædicto loco per centum triginta Morabitinos. Et à Petro Munionis Priore, & clericis Sancti Petri de Collimbria quantum in illo loco habebat ipsa Ecclesia per centum viginti Morabitinos, & à Domno Thomasio Priore, & clericis Sancti Saluatoris quantum ibi habebat ipsa Ecclesia. Et dedi eis pro eo, quod ibi habebat ipsa Ecclesia, tria casalia in Brase. Et emi illi casalia ab Abbatissa de Cellis de Vimaranis Domna Fruila & Conuentu suo per ducentos Morabitinos. Præterea emi ab hominibus, qui morabuntur in prædictis hæreditatibus, & possidebant illas ad forum & consuetudinem suam, quam inde

inde faciebant Monasterio, & clericis supradictis, totum ius, quod inde habebant, & etiam domos in quibus morabantur, sicut placuit illis. Tunc istam totam hæreditatem comparatam & expeditam, sicut dictum est, dedi tempore illo Fratribus Ordinis Prædicatorum, vt in ipsa facerent Monasterium sui Ordinis pro salute animæ meæ, & parentum meorum. Et modò ipsam donationem, quam feci, per istam chartam roboro & confirmo. Et vt donatio mea maius robur obtineat, in ipsa manus meas, & sigillum meum appono. Non ergo alicui hominum hanc meæ donationis chartam liceat infringere, nec ei ausu temerario contra ire: Quod si quis fecerit, Domino terræ iuxta terræ consuetudinem obnoxius calumniæ teneatur, & hæreditatem, super qua possessores inquietauerit, duplet eis. Facta charta donationis & confirmationis mense Februarij sub Æra M.CC. LXXX. regnante in Portugallia Sancio Secundo.

Em nossa lingoagem responde o seguinte:

EM nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, Amen. Eu a Rainha dona Tareja filha del Rey dom Sancho Primeyro de Portutugal, a quantos esta carta virem, faço saber, que sendo informada como a Raynha dona Branca minha irmã queria fundar hum Mosteyro da Ordem dos Frades Prègadores em Coimbra: e desejando que me tocasse alguma parte em tamanho bem, lhe pedi fosse contente que comprasse eu o sitio, em que se avia de fazer o edificio, e o mais que pera boa vivenda dos Religiosos era necessario. E ella ouve por bem conformarse comigo, concedendome com gosto, e livremente tudo o que lhe pedi. O que visto, comprey logo por meu dinheyro no lugar que chamaõ a Figueira velha as propriedades seguintes. A saber, da Abbadessa, e Mosteiro de Lorvàõ toda a fazenda que tinha na dita parte por preço de cento e trinta Morabitinos. E a Pedro Munhòs Prior da Igreja de S. Pedro de Coimbra, e seus beneficiados, por cento e vinte morabitinos tudo quanto ahy possuya a dita Igreja. E assi ouve do Prior dom Thomas, e dos clerigos de S. Salvador o que ahi tinha

tinha a ſua Igreja, dandolhe em troca, e eſcaimbo tres caſais meus em Braſe, e outros que comprey a dona Fruila Abbadeſſa de Cellas por duzentos morabitinos. E porque eſtas propridades eſtavaõ emprazadas a differentes peſſoas, que dellas pagavaõ foro aos ditos Moſteyros, e Igrejas, fiz nova compoſiçaõ, alem de ter comprado o direito ſenhorio polos preços acima ditos, com os poſſuidores, e uſufructuarios, pera mas largarem, e me deixarem atè as caſas de ſua morada que tinhaõ feito, dandolhes por huma, e outra couſa quanto quizeraõ. E toda eſta fazenda aſſi junta, e livre, e deſembargada, tanto que foy minha, a dey, e doey logo no meſmo tempo aos Religioſos da Ordem dos Prègadores pera effeito de fabricarem nella hum Convento polas almas de meus pays, e minha. E a tal doaçaõ, que entaõ lhes fiz, ratifico agora, e de novo a confirmo por eſta carta. E pera que mais força, e vigor tenha, de minha maõ a aſſiney, e ſelley com meu ſello. E por tanto nenhuma peſſoa intente ou pretenda invalidalla, nem per alguma via encontralla; ſo pena que fazendoo, fique por tal atrevimento obrigado a pagar ao ſenhor da terra as penas que ſegundo coſtume della ſe levaõ aos que falſa, e maliciosamente demandaõ o que lhes naõ pertence: e aos poſſuidores pague em dobro a valia da propriedade ſobre que lhes der moleſtia. Foy feita eſta carta de doaçaõ, e confirmaçaõ no mez de Fevereiro: Era de 1280 (*reſponde ao anno de Chriſto* 1242.)

Polo teor deſta doaçaõ temos por fundadoras deſte Convento duas Princezas. E he bem de conſiderar a virtude de ambas, e à pouca ambiçaõ de cada huma, pois ambas tratavaõ sò do effeito da obra pia, e a nenhuma lembrava a honra ou nome della. E he de ſaber que naõ era o cuſto leve pera aquelles tempos. Porque os Morabitinos, como jà apontamos outra vez, ſe eraõ douro, valia cada hum quinhentos reis, que aſſi conſta do teſtamento del Rey dom Sancho Primeyro, que foy pay deſtas Infantes. E naõ devia ſer menos contia a que ſe deu aos poſſuidores das propriedades, da que levaraõ os que tinhaõ o direito ſenhorio. Mas advirtimos ao Leitor, que como a Eſcritura naõ declara a calidade, e valia da moeda, podiaõ ſer eſtes maravedis de huns que achamos alguns annos deſpois com nome de maravedis velhos, e ſua valia de vinte ſete

L. 2. c. 2. Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Primeir. f. 65

te ſoldos, ou reays brancos. Eſta doaçaõ eſtà oje viva no Cartorio do Convento. E por outros papeis que delle nos foraõ moſtrados conſta, que começada a obra pareceo neceſſario compraremſe mais outros pedaços de terra, e pumares: dos quais huns ſe pagaraõ de contado: outros com propriedades equivalentes buſcadas, e compradas pera iſſo: e eſtas foraõ as que pertenciaõ ao Biſpo, e Cabido que naõ quizeraõ vender a dinheyro; e humas, e outras fizeraõ de cuſto outros duzentos e vintecinco morabitinos, os quais devia mandar pagar a Infante dona Tareja.

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Primeiro.

A conta da Infante dona Branca ficou a obra de pedra, e cal, e todo o mais edificio: e como o fazia com devaçaõ, e poder: porque el Rey ſeu pay a deixou igualada com ſuas irmans em groſſa erança de ouro, e prata, e ſegundo affirmaõ alguns hiſtoriadores era ſenhora da cidade de Guadalajara em Caſtella, creceo a obra taõ depreſſa, que no anno de 1227 avia jà Convento formado com Prior, e Supprior. E conſta por memorias, que vimos no Cartorio, que era Prior neſte anno hum Frey Joaõ, do qual huma dona Elvira confeſſa receber tres morabitinos, por rezaõ de humas arvores que à inſtancia dos Religioſos cortou em hum quintal ſeu: e fez contrato, que no tal lugar ſe naõ plantariaõ outras em nenhum tempo, por quanto com ellas ſe devaſſava a cerca do Convento. Aſſi ſe fica colligindo com clareza, que pois neſte anno eſtava a caſa tanto adiante, de alguns atràs, e naõ poucos, devia eſtar principiada. O meſmo ſe deixa entender da carta da Infante dona Tareja, porque ainda que a data he quinze annos adiante, pola narrativa della ſe moſtra, que ouve grande diſtancia entre o tempo da entrega das terras, e o em que mandou deſpachar a carta: declarando, que quando as comprara, logo entaõ as dera aos Religioſos, e confirmava agora o que de tempo atràs tinha dado. Confirma eſta antiguidade ſabermos que reſidio S. Frey Gil neſta caſa antes que foſſe Provincial a primeira vez: e conſtanos, que foy ſua eleiçaõ no anno de 1233 por morte de dom Frey Sueyro.

Reſende na vida de S. Frey Gil.

CAPITULO II.

Vida, morte, e milagres do Santo Frey Payo.

ERa Coimbra nos primeiros annos do Reyno de Portugal como cabeça, e metropoli delle. Porque reſidindo nella de aſſento a Corte, como entaõ reſidia, o meſmo fazia o melhor, e mais luzido de toda a nobreza, e doutra gente de calidade. Aſſi foy eſte Convento meyo de ſalvaçaõ, e remedio de muitas almas, com ſua doutrina, e prègaçoens, e exemplo: almas, que as ondas de pretençoens, e eſperanças vans da Corte coſtumaõ trazer eſquecidas de ſi. Tambem nos grangeou pera a Ordem muitos ſojeitos, que deſpois a honraraõ com virtude, e letras: dos quais ouvera muito que dizer, ſe nos antigos naõ faltara a curioſidade de eſcrever; de que ſempre nos queixaremos. Donde nace, que ſendo certo que ouve neſte Convento

vento muytos Religiosos dignos de honrada memoria, quasi naõ teveramos de quem a fazer particular, se nos naõ dera hum Frey Payo taõ abalizado em santidade, que fez escrever os estranhos primeyro que os nossos. Do que podemos inferir que em arvore, donde tal fruito se produzio, naõ podiaõ faltar outros semelhantes. Mas bastarlhesa a elles estarem escritos no livro da vida, se o naõ ficarem neste: e a nòs, termos em tais irmaons quem de vèras nos procure com sua intercessaõ, que cheguemos algum dia a escrevermonos tambem nelle.

S. Anton. 3. p. tit. 23. c. 10. M. Lean. Albert M. Seraphin. Razzi. Castilho p. l. 2. cap. 58. Marieta nos Santos de Espanha 2. p. l. 12. t. 53.

Foy Frey Payo filho de habito do grande dom Frey Sueyro, honra pera o filho, mas naõ menor pera o pay: e temos conjeituras que foy natural, e nacido em Coimbra. E ainda que basta estar sepultado dentro de seus muros, pera grande gloria da terra, mayor he ser filho della. Que se Padua em Italia se jacta de hum Santo Antonio estrangeiro, e hospede, sò porque o tem consigo: e Lisboa faz o mesmo, tendoo ausente, sò porque o deu ao mundo, e o criou em seus ares: muito deve Coimbra a Deos por lhe dar hum taõ grande Santo por hospede juntamente, e por cidadaõ. Cousa he rara, e maravilhosa, que de todos os outros Santos sabemos que o foraõ, por ouvirmos contar excellencias de sua vida, ou de sua morte; e do presente naõ temos nenhuma que escrever: e com tudo sabemos que foy grande Santo, e por tal nolo pregoaõ a boca chea quasi todos os estrangeiros que desta Ordem escreveraõ. E naõ he esta a mais pequena maravilha das que avemos de contar delle. Por onde justamente podiamos pedir licença pera perguntar ao Senhor, que o fez tal, que rezaõ ouve, pera que sendo taõ liberal pagador de bons serviços, que ainda neste mundo se preza de responder a cento por hum, assi permittio que ficasse enterrada huma vida purissima, e huma morte santa, que nenhuma fama nem noticia ouvesse della. Eu leyo, Senhor, de hum Hilariaõ que vivendo entre salvagens no coraçaõ do deserto, ordenastes que os mesmos Demonios o fizessem conhecido em muitas partes do mundo. Leyo de hum Aleixo Romano que peregrinando pobre, e desconhecido pola Syria, huma imagem de vossa sagrada Mãy publicou seu nome. E a hum Paulo primeiro ermitaõ embrenhado nas serras da Thebayda despois de cem annos de vida mandais quem o visite, e lhe faça exequias: Que avemos logo de responder neste caso, senaõ que mais mercè fizestes a hum Frey Payo, que a muytos celebrados da terra? Porque sendo assi, que vos agradais muito dos que mais se sabem esconder, e furtar às lingoas, e favor dos homens, por esta via o quizestes fazer hum Santo unico, e sem igual. E como em vossa Divina palavra naõ pode aver falta, o que lhe tardastes com mercès publicas na vida, recompensastes na abundancia, e calidade das que lhe fizestes despois de morto. Era Frey Payo quando veyo à religiaõ entrado jà em dias, e conhecido por letras, e virtude. E como tal foy o primeyro Prior do Convento, e ficando em

Coimbra morador continuo. Ajudou muito o edificio material com sua assistencia: mas muito mais o espiritual, com a prègaçaõ, no qual ministerio sabemos que foy eminente, e incansavel. Faleceo segundo a conta dos mais dos autores, que delle escrevem, polos annos do Senhor de 1257, pouco mais, ou menos. Mas se nos avemos de conformar com a letra de sua sepultura, que adiante poremos, em dezesete annos se enganaraõ. Foy sua vida, e morte surda, e sem rumor. Achouselhe huma cinta de ferro grossa, e larga, que trazia a rayz da carne. Mas isto de vida penitente, e trabalhada pera aquella idade era cousa taõ ordinaria, que em ninguem fazia abalo, e foy enterrado sem mais ruido nem cerimonia, que qualquer dos frades conventuaes. As particularidades secretas de alta perfeiçaõ cobrio vivendo com estranha dissimulaçaõ, e morrendo com a sepultura. E quando Deos foy servido desenterrallas, e publicallas, inda naõ quiz que as alcançassemos mais que em soma, e sem distinçaõ. Elle sabe o porque. O modo foy o que agora diremos. Era falecido de alguns mezes, e enterrado no cemiterio commum. Veyo a morrer outro Religioso, mandouselhe abrir cova ao longo delle. Andava hum official trabalhando nella, presentes a caso alguns frades: e ou que se chegasse demasiado à cova vizinha, ou que profundasse muito a que abria, cahio hum torraõ da terra da de Frey Payo. Em cayndo, eis que sae della (caso estupendo, e nunca ouvido) à vista de todos huma nuvem, ou nevoa espessa, que como vapor de muitos thuribulos, que ardessem juntos com copia de perfumes, se foy levantando, e dilatando, e juntamente recreando os sintidos com taõ estranha, e nunca jà mais imaginada suavidade, que fez acudir todo o Convento com espanto ao cemiterio. No meyo do alvoroço dos frades, e ruydo dos vizinhos que se juntavaõ, e huns, e outros confessavaõ a vozes a Frey Payo por Santo, largou o coveyro a enxada, e trabalho, e torna logo carregado de huma moça paralitica (era filha sua, tolhida avia annos de pès a cabeça) rompe por todos, lançase com ella na cova que tinha feito. Mas em lhe dando o ar da vizinha, e o cheyro que por tudo recendia, a moça se levantou sam, e salva. E naõ sò tornou por seu pè pera casa, a que viera em braços alheyos: mas na mesma tarde pera confirmaçaõ do milagre foy, e veyo ao rio com sua talha à cabeça, servindo, e acarretando agoa.

A novidade do caso, tanto como esperança de saude arrancou da cama em que jazia avia dias, muyto enfermo, e fraco hum Frade do Convento: e naõ foy bem chegado à sepultura, quando se sintio com novas forças, e se levantou do lugar com perfeita saude.

Espalhouse pola terra a fama dos milagres, espertou a todos os que alguma cousa padeciaõ, e todos levavaõ remedio taõ subido, e taõ geral, como se buscaraõ agoa no rio, ou se abrira ali alguma fonte dantes ignorada, e agora achada. E na verdade fonte era de misericordias divinas, pera honra do servo fiel. O primeyro, que logo des-

despois se aproveitou della, foy hum vizinho do Convento, que em vida do Santo fora seu confessado, e de presente estava cego, por remate de huma forte doença, que despois de muito trabalho padecido, o deixou sem olhos cobrando saude nos mais membros. Fezse levar ao Santo: lembravalhe quantas vezes fiara delle os secretos de sua alma, e lhe ouvira, e aceitara seus conselhos: pedialhe com confiança, que pois estava taõ valido com aquelle Senhor que tudo podia, quizesse mostrallo em o livrar das trevas em que vivia, ou por melhor dizer morria. Foy caso de pasmar, que antes de se bolir do lugar em que fez a oraçaõ, se achou com sua vista, como quando a tinha mais perfeita.

Dous homens da mesma cidade estavaõ afadigados de differentes males: hum apertado de esquinencia que se afogava sem remedio: outro de febres continuas que o tinhaõ no estremo da vida. Naõ lhes sendo possivel irem pessoalmente à sepultura do Santo, mandaraõ buscar da terra della: e esta fez o effeito que cada hum desejava.

Assi como dizemos atràs, que avia no Reyno polas cidades, e lugares grandes, bairros separados em que vivia gente de naçaõ Hebrea em sua ley: avia tambem outros, que eraõ vivenda de Mouros seguidores do seu Mafamede, e ainda oje conservaõ o nome de Mourarias. Soando entre elles a voz dos milagres, fizeraõse levar à nossa Igreja duas Mouras que ardiaõ em febres, mais tentando que confiando. E ambas acharaõ no Santo a mesma liberalidade que se foraõ boas Christans, ambas tornaraõ sem febre, e sans.

CAPITULO III.

Proseguem outros milagres do Santo Frey Payo: com a estranheza do sino fundido com a terra da sua cova.

Foraõ crecendo os prodigios, assi como acudiaõ os necessitados. Porque nenhum vinha que tornasse frustrado em sua confiança. Começaraõ entaõ os Frades a buscar por casa peças de vestido do Santo, e outras cousas de seu uso que ainda avia. Em particular poseraõ em guarda com respeito, e veneraçaõ a cinta de ferro que lhe tiraraõ na morte. A qual sendo pedida de algumas partes fez logo milagrosos effeitos, particularmente em partos difficultosos, pera os quais se foy callificando com as experiencias por remedio taõ certo, que desde entaõ atè oje se pede de ordinario. Trazemna os Religiosos forrada de veludo, e naõ sae de casa se naõ acompanhada de alguns. Mas repartindose as peças de vestido entre gente devota, he cousa averiguada, que por meyo dellas foy nosso Senhor servido obrar muitas, e grandes maravilhas. A huma molher que perecia de dores de estamago, de humas que mataõ raivando, em se lhe aplicando huma peça destas, no mesmo ponto ficou sem ellas. Com o mesmo remedio se provou que foraõ livres em tempos, e terras differentes sinco homens, atormentados do Demonio, naõ podendo o enemigo valerse contra a virtude communicada a hum retalho de pano

no de hum corpo defunto, e feito cinza. Mas caſo mayor he o que ſe ſegue.

Se he grande mal Demonio no corpo, quanto mayor ſerà Demonio na alma? Tanto he mayor, quanto he mais nobre a alma que o corpo, e quanto ſe arriſca mais nos bens eſpirituais eternos, que em todos os outros. Naõ ſe podia perſuadir deſta Filoſofia hum pobre homem, que de ſua vontade ſe tinha entregue ao enemigo, e ſua companhia o trazia taõ eſquecido do que ſe devia a ſi meſmo, e a ſua ſalvaçaõ, que ſobre outros males naõ avia força de rezoens, que o pudeſſe chegar ao ſanto Sacramento da Confiſſaõ. Quando ſe via convencido, e envergonhado dos amigos, defendiaſe com dizer, que de nenhum modo podia ter arrependimento da vida que fazia, nem contriçaõ de ſuas culpas, ainda que conhecia que o eraõ. Apertaraõ hum dia com elle, e obrigaraõno quaſi à força que viſitaſſe a ſepultura do Santo, e com a frieza de homem perdido qual andava, lhe pediſſe huma pequena de brandura pera aquelle coraçaõ de pedra. Foy ſem vontade, e por comprazer a quem o rogava: propoz ao ſanto com devaçaõ alhea, e palavras naõ ſuas a neceſſidade propria: ſintio logo a maõ do Senhor, e a interceſſaõ do ſervo: porque ſubitamente quebrou o bronze da cerviz dura, e rebelde, buſcou confeſſor, e poſto a ſeus pès paſſou a hum novo genero de contriçaõ. Porque onde dantes ſe naõ podia confeſſar por ſecura, e dureza de affeito, agora lhe tolhiaõ a confiſſaõ chuvas, e tempeſtades de lagrimas.

Saõ maravilhoſas em alto grào as maravilhas deſte Santo. E viſto como as maravilhas baſtaõ pera conhecermos a grandeza de ſeus merecimentos, e deſejarmos ſua interceſſaõ diante de Deos, naõ ajuntaremos mais que huma, que ſobe tanto em calidade ſobre as contadas, e ſobre muitas que ſe contaõ de grandes Santos, quanto tem de eſtranheza por duravel. A ſaude dada em huma doença, ou ſe perde com outra, ou ſe acaba com a vida. Aqui temos milagre que paſſando de trezentos annos que ſuccedeo, eſtà hoje taõ freſco, taõ vivo, e taõ viſto como no dia, e hora em que ſe fez. Quiz hum Prior deſte Convento fazer hum ſino mayor que o que ſervia: chamou meſtres, lançaraõ contas, ajuntou metal quanto pareceo baſtante pera o corpo que ſe pretendia. Feitas as formas, e poſto o metal no fogo, tornou o official ſobre ſi, e achou que ſe enganara na conta com tamanho exceſſo, que lhe faltava pera encher a forma quando menos huma terça parte do que jà eſtava preſtes, e derretido. Faziaſe a fundiçaõ no Convento. Viraõ os Religioſos que aſſiſtiaõ o meſtre alcançado, e confuſo: ficaraõno elles muito mais, quando lhes confeſſou o erro. Porque alèm do tempo, e feitio perdido, viaõſe ſem ſino velho, nem novo, nem modo com que remedear tamanha falta com a brevidade que convinha em Convento que vivia de eſmollas. Neſta perturbaçaõ foyſe hum dos Religioſos como inſpirado do Ceo à cova do Santo, e pedindolhe com a efficacia, e ſintimento que o caſo obrigava, ſe com-

padecesse da pobreza da Casa em que vivera, e da desconsolaçaõ dos Frades seus irmaons, lança maõ à terra, e fazendo alforge do escapulario, e levando quanta pode colher nelle, entra polo meyo dos Frades que rodeavaõ o fogo, arremessaa sobre o metal que fervia. Pasma o fundidor, julgandoo feito por genero de desesperaçaõ, ou desatino, grita, queixase, acode a remedear o dano que tem por certo da mistura. Mas eys que pasma de novo, porque vè yr empollando, e crecendo o metal com tanta pressa, e abundancia, que quasi naõ cabe jà no vaso, e saltando de prazer, e espanto affirma que grande segredo era o daquella terra que seu entendimento naõ pode penetrar: mas qualquer que seja, naõ teme jà falta no metal, inda que muyto mayores foraõ as formas. E assi aconteceo, porque o sino ficou feyto em toda a grandeza do molde, e sobejou cantidade de metal, que pesado pera testimunho do milagre chegou a duas arrobas e vinte arratens. E consideravaõse no caso duas maravilhas juntas, e ambas muy prodigiosas. Primeyra da transmutaçaõ de barro em bronze, segunda da multiplicaçaõ, e crecimento com tal novidade, que viesse a sobejar muito, onde dantes faltava muito. O sino està oje vivo, e saõ, e serve no Convento, e vemse nelle claros sinais de obra milagrosa. Porque se lhe enxerga a lugares o metal areoso da mistura da terra: e ao tanger faz hum som notavelmente differente dos outros sinos: polo qual he conhecido por toda a Cidade, representando a quem o ouve a cada movimento nova armonia, hora hum tinido muito agudo, e esperto, hora grosso, e grave, hora vario entre hum, e outro: e assi recreando, e espantando faz lembrança de sua origem.

Outra particularidade assaz estranha attribuyaõ os antigos a este sino, que a meu ver era alhea, e naõ sua. Contaõ, que em quanto servio na torre do Convento, que foraõ poucos menos de trezentos annos, assi como se movia quando o tangiaõ levava juntamente consigo a torre, e de tal sorte a abalava, e embalava, que logo no pè fazia sinal, e abertura que podia receber o grosso de hum dedo polegar, a qual crecendo em proporçaõ com a altura da torre vinha a fazer no alto do campanario tamanha inclinaçaõ, que a quem a via de fòra causava espanto grande, e a quem a exprimentava em cima fazia medo, e fazia crer que se hia ao chaõ. Devisavase mais esta differença em tempo que o Convento estava em pè (que como logo veremos foy derribado pera se lhe dar melhor sitio) porque avia huma parede muito chegada à torre, com a qual fazia a perspectiva verdadeyro juizo do muito que se alargava della. Huma, e outra cousa vio, e provou o Infante dom Luis unico no nome em Portugal, e unico em excellencia de condiçoens entre os Principes de seu tempo. Passando por Coimbra de caminho pera Santiago, levado de curiosidade do que lhe contaraõ, sobio à torre, e mandou dobrar o sino. Tal foy o cabecear do campanario com pendores a huma, e outra parte, que lhe pareceo o perigo de-

demasiado: e avendoo por indigno de sua pessoa, e bastantes pera a experiencia poucos balanços: pera que cessassem, levou da espada, e cortou a corda que movia o sino.

Quando se tresladou o Convento pera o lugar onde oje està, sò a torre ficou em pè pera memoria ou deste prodigio, ou da antiguidade. Naõ he muito alta, mas o ser de cantaria bem liada, e edificio firme, e perfeito, e sobre tudo muito estreita, e delgada, faz facil de crer poderse abalar sem mysterio, sò com o movimento, e peso do sino, como atràs contamos que acontecia à do Convento de Santarem, que foy causa de se derribar, e levantar outra. Se o abalo pendia do sigo ser milagroso verseà como teve torre. De presente serve em huma parede entre casas, e naõ alta, onde se podem mal notar os effeitos que descobria o edificio alto, e desacompanhado. As reliquias do Santo se tiraraõ do baixo, e se levantaraõ recolhidas em huma caixeta de marmore, ficando de fòra a cabeça, que se mostra aos devotos, e se leva aos enfermos com certeza de curas milagrosas. De presente estaõ na Igreja do Collegio de Santo Thomas (de que adiante trataremos) em quanto se naõ acaba a do Convento. O sitio he a capella mòr, e està a caixa embebida na parede da parte do Evangelho: e na face esculpido este letreyro.

L. 2. c. 3.

Primus huius Conventus Prior morum sanctitate, ac miraculorum gloria insignis Pelagius hic situs est. Obijt circà annum 1240. Por cima parece hum vulto do Santo entalhado em pedra com hum sino na maõ por insignia, na basi tem huma letra que declara o nome de quem mandou fazer a obra, e a causa, que foy hum milagre do Santo em beneficio do Autor della.

CAPITULO IIII.

De algumas antiguidades deste Convento, e como foy mudado pera o sitio em que hoje està.

PORque se veja a grande opiniaõ que avia da santidade deste Convento, e o respeito que por toda a parte se lhe tinha, diremos de algumas memorias que achamos muito dignas de se naõ deixarem escurecer do tempo. Presidindo na Igreja de Deos o Pontifice Innocencio Quarto cometeo ultimamente ao Arcebispo de Braga, e ao Bispo de Coimbra que lhe tirassem huma informaçaõ do estado em que se achava o Reyno com o governo del Rey dom Sancho segundo, de que avia queixa geral, a que queria acudir, como logo acudio. No breve desta commissaõ dà o Papa por adjunto a dous taõ graves Prelados, e em materia de tanto peso, ao Prior de S. Domingos de Coimbra. Os originais della, e das informaçoens se vem hoje no cartorio da Sè de Braga.

Particular devota, e bemfeitora deste Convento foy a senhora dona Costança Sanches filha bastarda del Rey dom Sancho primeiro, que aquella idade chamava Infante, e naõ era o erro grande, quando às legitimas dava nome de Rainhas. Foy bençaõ deste Convento ser valido de Princesas, e bom juizo

zo desta inclinarse a huma casa que toda era feitura de suas hirmans. Mostrase por seu testamento que era o Prior seu confessor, e declara sem especificar o nome, que fez o testamento com elle, e lhe pedio o autorizasse com seu sello, como entaõ se usava: e entre os legados he hum de sincoenta livras pera a casa de Coimbra, e trinta pera cada huma das outras que no Reyno avia desta Ordem, e naõ era a esmolla curta pera entaõ. A valia das libras naquelle tempo, polo que se pode colligir do que escreve o Doutor Duarte Nunes de Liaõ, era cada huma cento, e sesenta reis (dizemos naquelle tempo porque os passados, e presentes nos insinaõ alteraremse muitas vezes as moedas no preço, e valia sem mudança dos nomes.) Faleceo esta senhora no anno de 1269. Està enterrada no Mosteiro de santa Cruz de Coimbra.

Duarte Nunes de LiaõCronic. dos Reys fol. 134.

No anno de 1360 entrou em Coimbra dom Vasco Arcebispo de Toledo, e demandando este Convento, nelle se aposentou, e residio em quanto viveo, que naõ foy muito. Vinha desterrado por el Rey dom Pedro o cruel de Castella, ou fogindo de sua ira. Procedeo com grande exemplo de virtude, e paciencia em seus trabalhos: mas a sem rezaõ, e desgosto lavrou por dentro, e abrevioulhe a vida. Faleceo em cabo de dous annos, e mandouse enterrar no nosso cemiterio. Em hum livro antigo dos Obitos do Mosteiro de Santa Cruz ha huma memoria que fala delle por estas palavras.

Feria secunda sete dias do mez de Março Era de M. CCCC. se finou dom Vasco deste mundo Arcebispo de Toledo, o qual foy inviado do Reyno de Castella por sanha del Rey, e chegou à cidade de Coimbra, e fez vivenda no mosteyro de S. Domingos desta cidade. (A Era responde aos annos de Christo de 1362.) Este Arcebispo hum mez antes de falecer sagrou a Igreja grande de S. Francisco situada da outra banda do rio sobre a margem delle: e no mesmo dia sagrou tambem a hum Bispo da cidade de Orense, que he em Galiza, assistindo com elle em ambas as sacras o Bispo de Viseu, e dom Frey Gil Bispo de Cirendoni, que devia ser titular. Mas he força darmos hum grande salto de annos, pera yrmos seguindo o que ha que dizer mais deste Convento. E temos primeyro a tresladaçaõ delle pera o sitio, em que de presente tem mais nome, que forma de Convento. Sendo corridos trezentos annos da fundaçaõ, vieraõ a ser taõ grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o Convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguiraõ annos invernosos, continuaraõ, e creceraõ as agoas com novo mal, que foy trazerem comsigo grande poder de areas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneyra, que donde antes corria taõ fundo, que o sitio do Convento lhe ficava sobranceiro, e senhor, veyo a igualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agoa começou a lançar as areas por cima das mais altas margens, senhoreandose do campo, e entupindo cerca, e officinas. E acontecia pola muita abundancia das areas, sobir o rio a tanta altura com qualquer

quer pequena enchente, que naõ sò cobria os campos, e alavaga o Convento, mas lançava por cima da ponte. Donde naceo, que temendose ficar brevemente vencida das areas, como jà se hia somindo nellas, tratou a cidade de fazer com tempo outra, que he a que oje vemos: e affirmase que foy direitamente fundada sobre a antiga, de que naõ temos mais que a fama. E com a podermos chamar nova, vay fazendo jà bom testimunho ao que dizemos. Porque acontece em alguns dos arcos terem estreita, e trabalhosa passagem os mesmos barcos que poucos annos atràs passavaõ folgadamente à vela. A causa de tanto mal sabida he, e naõ està taõ sem remedio polo estado a que tem chegado, como por ser negocio publico, porque estes quasi em nenhuma parte do mundo tem oje emparo ou valedor. Chega a cobiça, ou a multidaõ, e necessidade dos homens a naõ deixar palmo de terra, que naõ rompa. Em tempos muito antigos eraõ inviolaveis as costas, e ladeyras que cahiaõ sobre os rios, com medo do que oje se padece, e como cousa sagrada estava o cargo de se guardarem à conta dos melhores do Reyno. Lembrame ouvir aos velhos, que receberaõ dos mais antigos, fora este cuydado em hum tempo do Infante dom Pedro que chamaraõ da Alferroubeyra, pola morte que junto de huma o levou, Principe de grande valor, inda que igualmente desgraciado. Faz perder os campos muyto largos, e muyto proveitosos, o querer aproveitar montes pola mayor parte esteriles, ou pouco fructiferos: achaõ as invernadas a terra bolida, levaõna ao baixo, e ficaõ despidos os altos atè descobrirem os ossos, que saõ as lageas, e penedias do centro, e assi ficaõ os campos perdidos, e os montes naõ daõ proveito.

Mas tornando ao ponto, ajuntavase ao mal dos diluvios, que as agoas de muyto tempo encharcadas deixavaõ o Convento apaulado: e quando com o veraõ vinha a enxugar, era sòmente na face da terra: e ficava do interior lançando vapores que causavaõ graves doenças. Venciase este inconveniente com a paciencia, e santidade dos Religiosos, à conta de naõ desempararem hum Santuario que fora morada de muitos Santos, e era depositario de seus ossos. Obrigavaos juntamente o respeito devido a todos os nobres da cidade, cujos pays, e avòs tinhaõ consigo enterrados. Assi era de ver o cuydado, e amor com que toda a nobreza, e povo lhes acudia, tanto que as agoas creciaõ. Porque como estavaõ satisfeitos de sua constancia, em se fazendo sinal com o sino, como era costume, naõ avia homem timido, nem pobre pera os socorrer. Acudiaõ como a competencia na força das tormentas, e muitas vezes com perigo, e reluzia a caridade com esmollas gerais; e taõ copiosas, que sobejava provimento na casa pera longos dias despois de passado o aperto.

Porèm quando veyo polos annos de 1540 era jà o mal tamanho, e taõ continuo, que parecia tentar a Deos assistirem mais em tal casa homens sisudos. Nem os cidadaons, que muito o sintiaõ, duvidavaõ jà em ser

força a mudança. Porque sobre os danos referidos, começavase a sintir outro mais temeroso, que era yr a continuaçaõ das agoas socavando, e enfraquecendo as paredes, que de seu naõ eraõ muito fortes, e temiase huma ruyna subita. Fizeraõ relaçaõ de tudo a el Rey dom Joaõ Terceyro os Prelados mayores. Era pay, e emparo de todas as Religioens, deu sua licença, e esmollas pera a mudança. Pediose, e alcançouse outra no Capitulo geral do anno de 1546 celebrado em Roma, sendo Mestre Geral da Ordem Frey Francisco Romeu. Com esta sendo primeyro confirmada polo Papa Paulo Terceyro, se fez a tresladaçaõ no mesmo anno. Tinhaõ lançado olhos a hum sitio na rua de Santa Sofia, que se estende atè a porta do campo, que chamaõ do Arnado, e fica todavia no plano da cidade. Agasalhados aqui pobremente, foraõ logo comprando mais casas, e chaons, ajudando com muita liberalidade, e largueza o commum, e particulares da cidade: e porque andava jà em pratica fundarse hum Collegio separado do Convento, que servisse sò pera os sojeitos que a Provincia mandasse estudar na Universidade, procurouse logo tamanha capacidade de sitio, que fosse bastante pera Convento, e Collegio. Valeraõnos muito os Padres do real Mosteyro de Santa Cruz, que por sua grande religiaõ fizeraõ doaçaõ graciosa à Provincia de huns chaons, e casas que possuyaõ no mesmo posto: com a qual commodidade ficamos com oitenta braças em comprimento ao longo da rua, e destas se tomaraõ pera o corpo do Convento quarenta, e cinco.

CAPITULO V.

Do processo do edificio do Convento novo: e da grande virtude, e partes do Mestre Frey Martinho de Ledesma.

CORRIA a obra de vagar, e com fraqueza, porque faltava braço de Principe que a tomasse à sua conta, como em tempos passados. O preço das cousas estava por todo o Reyno muito levantado, e a Provincia naõ tinha forças pera suprir tamanha despeza. Neste estado nos acudio o Duque de Aveyro dom Joaõ, neto do grande Rey dom Joaõ Segundo, e porque naõ dessemos por de todo acabada a bençaõ taõ propria deste Convento, tomou à sua conta parte da obra. Fora Duque da mesma cidade o Mestre de Santiago seu pay: estavalhe bem ter seu jazigo nella: escolheo pera elle a capella mòr do novo Convento: e ordenou algumas cousas, que sendo de muyta piedade Christam redundaõ em honra, e reputaçaõ da casa. Foy a primeyra deixar cem mil reis de juro pera tres Missas quotidianas perpetuas. Instituyo hum modo de mercearias pera sete clerigos pobres estudarem com doze mil reys a cada hum por anno. Estes acodem todos os dias a dizer sua Missa no Convento, e se lhes dà guisamento na Sacristia. Deixou outra esmolla pera ajuda de casamento de treze orfans a doze mil reis pera cada huma. Obras verdadeyramente reays huma, e outra: e he administrador dellas o Prior.

Era

Era entrado por este tempo na Universidade pera Lente da cadeira de prima de Theologia o famoso Doutor, e Mestre Frey Martinho de Ledesma, que sendo de naçaõ Castelhano, e filho da Provincia de Castella, se encorporou nesta de Portugal, e foy perfilhado por este Convento de Coimbra. E como bom filho começou logo a empregarse em o servir, estendendo o animo a cousas grandes. Por onde ficamos obrigados por dous titulos a tratar delle neste lugar, primeyro por bemfeytor do Convento, cuja historia temos entre maons: segundo, por filho digníssimo delle. Tinha o Mestre Frey Martinho tamanho animo pera cousas do serviço de Deos, e de sua Ordem, que podemos dizer eraõ espiritos Reays. Porque se alguma hora se viraõ estes, engastados em barro de pura humildade, e desprezo proprio, foy nelle. Sendo muy humilde, e pobre no trato de sua pessoa, e cella, e vestido: e muito chaõ, e igual com os Religiosos ordinarios em toda a conversaçaõ, e modo de proceder: por outra parte nas obras de virtude subia taõ alto com os pensamentos, que quasi num mesmo tempo acometeo edificio de dous Conventos juntos. Hum foy pera o Collegio de Santo Thomas, que deixou de todo acabado, e delle faremos mais larga mençaõ em seu lugar proprio ao diante: outro pera os Frades que se mudaraõ do sitio velho: mas neste naõ pode dar cabo, porque emprendeo mayor fabrica do que eraõ suas forças. Tendo feito gasalhado pera os Frades, toleravel pera em principios de casa nova, quiz começar a Igreja. Engana o gosto de edificar, e às vezes trasporta. E os Mestres de traças, como dispoem de bolsa alhea, folgaõ de mostrar habilidade propria, e mysterios de architectura. A traça começada a executar obriga a naõ fazer pè atràs, ainda que ameace impossibilidades. Tal foy a Machina que fundou em grandeza, e perfeiçaõ de lavor, que despendendo nella muitos annos o que lhe valia a cadeira (porque consigo gastava pouco,) e sobre este rendimento, que naõ era pequeno, tudo o que pareceo devia contribuir a casa de Aveiro por rezaõ da capella mòr, cujo edificio estava à conta dos padroeiros: em fim acabou huma vida bem larga, qual foy a sua, sem passar da capella mòr. Mas o que ficou lavrado he obra de tanto primor, e custo, que pode competir com as que no Reyno saõ mais louvadas. O marmore he alvissimo, e muy fino, e a falta que tem de menos forte, e duro, do que se requer pera obras, cujo fim he perpetuidade, recompensa bem com a facilidade de se cortar, e lavrar: a policia, e delicadeza, e miudeza que se vè no lavor da pedraria parece traçada mais pera pincel em pintura, que pera escopro em cantaria. E faz lastima grande a todos os que vem tal obra, cuidarse que chegarà primeiro a cayr, e acabar de desemparada, que a porse em estado de prestar, e servir no ministerio pera que foy começado. Porque como faleceo quem lhe deu principio, que ha perto de cinquenta annos quando isto vamos escrevendo, faltaraõ tambem maons, e espiritos pera a pro-

seguir, e as calamidades, e mudanças que logo succederaõ no Reyno ajudaraõ a ficar esquecida. Assi ficou tambem o resto do Convento atè oje, informe, e longe do devido remate, naõ sò de perfeiçaõ. A renda da casa escassamente com a Sacristia supre à despesa dos Religiosos. Nos moradores da cidade naõ falta o animo pio, e caridoso dos annos passados, mas por desgraça commum a muitos lugares grandes do Reyno, estaõ caydos em pobreza, e pola mòr parte podem pouco.

Tornando ao Mestre Frey Martinho, de quem devemos tratar como de filho primogenito do Convento novo, e segundo filho de suas obras, pois elle o edificou: tais foraõ as suas espirituaes, que deixaõ (como dizem) a perder de vista todas as temporaes, por muito que fossem sumptuosas, e magnificas. Por obras de espirito contamos as de seu estudo, polas quais em seu tempo era chamado de todos os grandes Theologos poço de letras. Daõ bom testimunho seus escritos com que honrou a Provincia, e toda a Ordem. Imprimio dous volumes sobre o Quarto livro do Mestre das Sentenças, cuja doutrina he muy seguida por solida, e certa: estimada por clareza de resoluçoens, e repostas doutissimas. Escreveo varios Commentarios sobre toda a Summa de Santo Thomas, como quem a leo, e dictou de cadeyra, e naõ huma sò vez polos muitos annos que teve de vida. Foraõ obra de muita estima, se acabara consigo vestilla de termos mais polidos, e melhor frasi. Continuou a liçaõ, e as escolas com tanta constancia, que despois de jubilado naõ perdoava ao trabalho, e leo quasi outro tanto tempo. E enxergavase nelle que naõ era respeito de mais renda, ou ambiçaõ, e gloria vam, mas sò virtude, e bom zelo. Grande virtude pera onde avia tanta sciencia. Muitas puderamos particularizar suas, mas forrarnosà trabalho, e leitura contar hum sò acto em que foy provado, e nos deixou bem provado, que as tinha todas em sua alma, como em tezouro encerradas. Governava este Reyno a Rainha dona Caterina na menoridade del Rey dom Sebastiaõ seu neto: desejava acertar no provimento das prelacias, como cousa taõ essencial: chamou Frey Martinho, fezlhe saber que o tinha escolhido pera Bispo de Viseu, que he huma cidade de sitio aprazivel, e bom rendimento. Respondeo com palavras singellas, que estimava o juizo, mas naõ a mercè, e constantemente enjeitou a dignidade, honra, e renda, que sem negoceaçaõ nem cuydado lhe entrava por casa: antepondo a quietaçaõ de sua alma a todas as grandezas da terra taõ suspiradas, e taõ aneladas de todos. Viveo despois muitos annos, e faleceo em boa velhice no de 1574 aos quinze de Agosto, foy enterrado na capella mòr do seu Collegio, em sepultura baixa, conforme a sua humildade, naõ a seus merecimentos.

CA-

CAPITULO VI.

Vida, e morte de dom Frey Vicente da Fonseca Arcebiſpo de Goa Primàs da India.

FIlho deſte Convento foy dom Frey Vicente da Fonſeca Arcebiſpo de Goa, e Primàs da India Oriental. Era natural de Lisboa, e de gente nobre. Tomou o habito muito moço. Pola viveza de engenho, e bom natural, que moſtrava, foy mandado eſtudar no Collegio de S. Thomas. Acabado o eſtudo leo hum curſo de Artes, e Filoſofia em Lisboa, e conſeguintemente Theologia. Naõ ha mayor eſtudo que o de quem lè: eſperta muito o juizo a obrigaçaõ publica, e faz trabalhar o deſejo de agradar. Com huma, e outra liçaõ fezſe eminente Theologo, e naõ menos eminente Prègador. Tinha grande agudeza nos conceitos, muita eloquencia pera diſcorrer, graça no repreſentar, nervo, e força pera mover. Por eſtas partes lhe deu a Provincia o grào de Preſentado. E quando foy a jornada de Africa no anno de 1578 entre os Religioſos, que o Provincial Frey Joaõ da Sylva eſcolheo, pera o acompanharem, e irem com elle em ſerviço de ſeu Rey, que foraõ dos mais grados da Provincia, foy elle hum. E acompanhando o exercito ficou cativo dos Mouros. Os trabalhos aſſi como aperfeiçoaõ a virtude, tambem criaõ entendimento, e adelgaçaõ o engenho. De tudo deſcubrio muito nelle o cativeyro. Era continuo na prègaçaõ entre grande numero de fidalgos, e muytos outros cativos, huns feridos ainda da batalha, outros enfermos dos caminhos, os mais deſpidos, e famintos, todos deſconſolados. O eſtado triſte fazia attençaõ: animavaõſe ao trabalho com a virtude, e pacienaia, e boas razoens do Prègador, e tratavaõ todos do Ceo. Mas naõ era menos ouvido dos Judeos, e de ſeus Rabinos. Acudiaõ eſtes a tirar intereſſe da miſeria dos neceſſitados, offerecendo dinheyro aos fidalgos com exceſſivas uſuras, que o mal preſente fazia parecer caridade. De caminho ouviaõ as prègaçoens, e como de ordinario todos ſabem as lingoas de Eſpanha, porque as conſervaõ des do tempo que della foraõ lançados, acudiaõ muitos obrigados da ſuavidade da pratica. Naõ ſe deſcuidava Frey Vicente da occaſiaõ, tentava ſua dureza com claros teſtimunhos das Eſcrituras, confundiaos, e foy meyo de ſe converterem alguns, vendoſe atados, e convencidos da rezaõ. Tambem fez tornar em ſi hum renegado de muitos annos, rico, e caſado, e adiantado em honras entre os Mouros. Era jà Alcaide, que naõ ha em Africa mais grandeza em particulares. Chamavaſe Ali Rapoſo, nome compoſto do Africano, e do Portuguez donde tinha o ſangue. A molher ſe converteo juntamente, e recebeo o ſanto bautiſmo, tendo paſſado por duas leys, primeiro pola de Moyſes, porque era Judia de nacimento, deſpois pola de Mafamede, e nella ſe chamava Cayda. O Padre Frey Vicente lhe bautizou por ſuas maons hum filho. Aſſi o conta Jeronymo de Mendoça na hiſtoria que eſcre-

Lib. 13. f. 110.

creveo desta infelice jornada.

Sendo resgatado, e vindo ao Reyno foy ouvido algumas vezes del Rey dom Felipe, que tinha sucedido a el Rey dom Anrique. E por elle foy nomeado por prègador de sua capella, e pouco despois por Arcebispo de Goa, e Primàs da India Oriental; pera onde se embarcou nas primeyras nàos de viagem, que foraõ as do anno de 1583. Chegado à India começou a entender no governo de suas ovelhas com muita inteireza, e prudencia, prègando, visitando, e remedeando o que convinha como vigilante, e cuydadoso pastor. Mas atalhou o curso deste bom procedimento embarcandose de novo pera o reyno intempestivamente. As causas publicas de tal resoluçaõ eraõ, averse por obrigado a aparecer em Roma a dar obediencia pessoal, e Canonica ao Summo Pontifice em conformidade de hum motu proprio promulgado de proximo polo Papa Gregorio Decimo tertio, o qual dispoem, e manda que todos os Bispos a tempos certos façaõ à tal jornada a effeito de visitar, e venerar as sagradas reliquias dos Apostolos, e reconhecer por suprema aquella Cadeira, e o Pontifice que nella reside por cabeça universal de toda a Igreja Catholica. Mas tinhase por certo que esta rezaõ era cuberta de outras secretas, e muito importantes à sua consciencia. E naõ podiaõ deixar de ser tais as que obrigaraõ a hum tamanho Prelado a arrepiar huma carreira taõ larga, e cançada, e nunca passada sem muitos perigos. Deziase por fòra que o fizeraõ embarcar desgostos pesados sobre jurdiçaõ. Faleceo no mar quasi nos ares da patria em huma paragem que chamaõ a volta do Sargaço. Suspeitouse do genero da doença, que fora causada de peçonha negoceada na India por pessoa que se sintira da liberdade de suas reprensoens, e se temera que fossem ao diante mais pesadas. He todo aquelle Oriente fertilissimo de simplices contra veneno. De là vem vem as pedras de bazàr, as de porco espim, os unicornios, e abadas, os cocos de Maldiva, o pào da cobra, e outras. Mas pareceme que lhe devemos por todos muy pouco, porque he muyto mayor a abundancia dos venenos que cria: e tal a sciencia dos homens em os compor, e temperar, que se affirma ha cozinheyros que os daõ pera dias, e mezes, e annos precisos sem errar tiro. E o pior he que recebendose sempre na comida, naõ ha poder atinar com elles comendo, nem val assistencia de ministros que tomem salva ao uso antigo das mezas Reays: porque se naõ entende o engano se naõ despois de feito o mal.

CAPITULO VII.

Do Padre Frey Thomas Pinto Inquisidor.

A Mesma jornada fez, mas com melhor remate, se bem com cargo inferior, outro filho deste Convento por nome Frey Thomas Pinto. Despois de ter trabalhado muito na Ordem, e alcançado o grào, e titulo de Presentado, a que se naõ sobe de ordinario sem suores, e frios de muitos annos, foy nomeado pe-

pera Inquisidor da India no tribunal de Goa. Embarcou na nào Santiago por Abril do anno de 1585. Era Capitaõ mor desta viagem Fernaõ de Mendoça, e hia na mesma nào. Passado com bom tempo o Cabo de Boa esperança (que he a mòr difficuldade em yda, e vinda) foraõ encalhar desastradamente sobre os baixos que chamaõ da Judia, levados das correntes, e do engano do Piloto. Foy a confusaõ como em sentença subita de morte, vendose embarrados em terra no meyo do mar, e sem vista de terra, nem costa por nenhuma parte (novo, e miseravel genero de naufragio.) Ajudou o terror, e desconsolaçaõ o ser de noite, e persuadiremse que naõ poderiaõ chegar a ver a luz da manham com vida. A gente Christam, e temente a Deos amoestada do perigo, acudio aos remedios santos, e ultimos d'alma. Mas era o povo muito, e confuso, e desanimado: e tanta a pressa que cada homem tinha por se confessar, que ouve alguns que desatinados ou com o medo da morte, ou dos peccados começaraõ a fazer confissoens publicas, e em altas vozes. Atalhouas o Inquisidor, reprendendo, e rogando, e animando: e assentouse no chapiteo com seu companheyro Frey Adriaõ de S. Jeronymo, e deraõse taõ bom expediente ambos, e huns Padres da Companhia de Jesus, que antes de amanhecer estava confessada toda a gente, que passava de quatrocentas e cinquenta almas. E aturou todo este trabalho o Inquisidor com estar juntamente padecendo gravissimas dores de huma ferida que na mesma noite, e conflicto recebeo na cabeça, de hum aparelho que cahio da entena, a que por entaõ naõ soube, nem pode dar outro remedio, mais que cobrilla, e apertalla com as maons. E porque naõ era tempo de buscar alivio, nem descançar, quando cada hora cuydavaõ ser sorvidos do mar, gastaraõ o que restava da noite atè pola manham em fazer praticas, e animar a gente a se conformar com o que Deos era servido. Entre tanto quietou hum pouco o mar, e o vento, que tudo perseguia os pobres naufragantes, e foy descobrindo a luz do dia aos olhos o miseravel estado em que estavaõ. Tratou o Capitaõ mor Fernaõ de Mendoça de sua salvaçaõ no esquife da nào, e embarcouse com algumas pessoas de pouca sorte. Procuraraõ fazer o mesmo no batel alguns fidalgos, e outra gente de calidade. Pera isto poder ser com ordem, e quietaçaõ, era necessario tomar as armas a muitos, que dellas se tinhaõ apercebido fazendo conta que lhe valeriaõ pera alcançar lugar por força em qualquer embarcaçaõ que se ordenasse, quando de grado lhe naõ fosse dada. Era taõ grande o respeito que entre todos se tinha ao Inquisidor, que sò delle fiou o Capitaõ, que foy eleito pera esta viagem, (chamavase Duarte de Mello) que poderia acabar alguma cousa com os armados. Encomendoulhe o cargo, e succedeo como o imaginou. Porque se ouve com elles por taõ bom termo, que todos se deixaraõ vencer, e huns entregavaõ as armas, e outros, que primeyro refusavaõ, pondolhes o Padre a maõ, naõ se atreviaõ a ne-

Manoel Godinho Cardoso na relaçaõ desta nào.

negarlhas. De toda a gente que temos dito naõ coube lugar no batel, mais que a cinquenta, e tantas pessoas. Naõ foy menos importante o cargo que aqui se deu ao Inquisidor despois de embarcados. Era o mantimento que se pode ajuntar naquelle aperto taõ pouco, que se faltara dispenseyro religioso, e prudente, estava certa huma nova, e mais desesperada perdiçaõ, qual he a da fome. Este se entregou ao Inquisidor, e da quantidade com que cada hum se contentava, entenderemos o pouco que se meteo no batel pera todos. Era raçaõ do dia inteyro (chamalhe a lingoagem do mar, regra, e cabialhe aqui bem o nome pola estreiteza, com que era regrada) tanto biscouto, quanto se tomava com huma maõ, e huma talhada de marmelada, que embarcandose no Reyno pera remedio de enfermos, veyo a servir de mantimento de saons: e davase mais hum copo de vinho naõ grande, e muito aguado.

Começaraõ sua navegaçaõ em demanda da costa. Tocou logo novo trabalho ao mesmo Padre, que foy ter espertos os marinheiros que hiaõ às escotas da vela do batel: o governo dellas importava tanto na nova viagem, que a aver qualquer descuido, tinhaõ a perdiçaõ certa, porque o batel naõ tinha leme, e sò as escotas meneadas com cuidado, e humas pàs lançadas por popa, faziaõ o que o leme avia de fazer, quando o ouvera. Mas naõ avia homem que deixasse de estar muy alcançado do sono, e necessitado de repouso, polo muyto que a todos tevera espertos na nào o medo da morte, e o cuidado do remedio: com tudo em igual necessidade, e trabalho aceitou o nosso P. cortar por si, e vigiar elle, e fazer vigiar os que governavaõ. Assi navegavaõ; porèm viase claramente que se fazia pouco caminho, porque o batel de sobrecarregado da muita gente que levava, naõ surdia, e segundo o pouco mantimento, que avia, estava certo novo genero de naufragio, se naõ se dava ordem pera aliviar a embarcaçaõ, e se navegar mais espedidamente. Tomouse conselho: foy a resoluçaõ perecerem alguns por naõ acabarem todos, e executouse logo. Lançavaõ olhos ao que parecia mais inutil ou por idade, ou por forças, ou por outras consideraçoens. Mandavaõno subir sobre o bordo, punhalhe outro as maons, trabucava, e ficava sumido nas agoas (horrenda, e lastimosa morte.) Assi aliviaraõ de carga, e pouparaõ comida.

Mas naõ se pode deixar em silencio por honra da caridade fraternal o que sucedeo nesta embarcaçaõ a dous hirmaons. Cahio a sorte de yr a o mar sobre o mais velho, aparelhavase pera a execuçaõ da sentença: acudio o outro com huma estranha proposta, dizendo que mais rezaõ parecia morrer elle que era moço, e sua vida importava pouco, que naõ o condenado, que por mais velho era emparo, e remedio de huma mãy, e irmans que ambos tinhaõ, e tocava a muitos sua perda. Quebrou coraçoens com espanto, e piedade, o valor, e desprezo da morte, onde se hia comprando taõ caro o fogir della. Mas foy aceitada a rezaõ, e o partido: e logo lançado ao mar em lugar do irmaõ: do

qual

Cic de amicit.

qual naõ consta que pera tal Pylades fizesse se quer alguma arremetida ou cumprimento, ou geito de Orestes, mais que com lagrimas, e palavras tristes que custaõ pouco. E naõ he de maravilhar, porque huma boa amizade qual foy a daquelles Gregos vence a todo parentesco: e na idade presente se acerta aver fineza entre parentes, como aqui vimos, achase poucas vezes igual respondencia, inda que seja entre irmaons, e entre pays, e filhos, conforme ao que disse o outro, tanto tempo ha: *Fratrum quoque gratia rara est.* Acudio Deos polo bom espirito do moço, deulhe forças, e alento pera seguir nadando o barco mais de tres horas, vencendo arrebatadas correntes, e chamando sempre por JESUS, e por sua bendita Mãy: e no cabo dellas moveo a piedade os companheyros, e foy recolhido. Justo he que naõ fique ignorada sua natureza: eraõ nacidos em Lisboa.

Ovid. Metam. 1.

A cabo de oito dias ferraraõ terra na costa brava da Etiopia Oriental, habitada de barbaros, gente negra de cor, e de cabello revolto, o nome entre nòs he Cafraria. Livres dos medos do mar, começaraõ a exprimentar os males da terra. E porque lhes naõ durasse muito o gosto de se verem nella, no mesmo dia se viraõ salteados de huma nuvem escura de Cafres, e foraõ todos despojados dessa pouca roupa que traziaõ sobre si, e levados cativos. E o Inquisidor, porque fez resistencia a largar o vestido, obrigado da honestidade religiosa, ficou com duas feridas de azagaya. Aqui padeceraõ estrema miseria: de fomes desesperadas, de Sol que abrazava de dia, de frio que enregelava, e entorpecia os membros de noite: e chegaraõ a termos com tal tratamento junto ao que traziaõ do mar, que onde pareceo se abria caminho de algum descanço, adoeceraõ os mais, e morreraõ muitos: e tais estavaõ todos de fracos, e deslapidados, que o Padre Frey Adriaõ de S. Jeronymo tirou às costas da prizaõ, em que estavaõ, onze defuntos, e por sua maõ os enterrou, sem aver homem que tevesse forças pera lhe ser companheyro no trabalho.

Naõ he rezaõ ficarnos por dizer o meyo com que se salvaraõ outros da nào, porque redunda em honra de Deos, e de sua Santa Cruz, se bem parecia alheyo desta escritura, e da obrigaçaõ que seguimos. Foy o caso: que apartados da nào o batel, e esquife, como dissemos, entre o povo que ficou a pè quedo esperando a morte, que seria na hora que a força do mar acabasse de destroncar os membros da cuberta da nào em que se sustentava, animaraõse quinze ou deseseis homens com o sotapiloto, e juntando algumas taboas, e outra madeyra o menos mal que puderaõ, composeraõ huma jangada (assi chamaõ os marinheyros esta junta de madeyra sem ordem nem fòrma de embarcaçaõ.) Saltaraõ nella os aventureiros, parecendo aos que ficavaõ que naõ era mais remedio que dilatar o fim da vida algum pouco, ou yr buscar a morte afastados daquelle infelice posto. Nem era mayor a confiança dos que se arriscaraõ. Porque a jangada com o peso da

da gente hia toda por baixo da agoa, e sem nenhum remedio pera tomarem repouso: e o mantimento era huma pera em conserva por dia a cada companheyro, e menos de meyo quartilho de vinho temperado com agoa salgada. Desesperada determinaçaõ, e que sò podia ter remedio bafejada, como foy, do favor Divino. Levava hum dos embarcados ao pescoço huma pequena reliquia do Santo lenho da Vera Cruz, lançoua ao mar com fé de bom Christaõ, atada em hum cordel por popa da jangada. Com tal leme foraõ navegando, ou nadando milagrosamente treze dias, atè darem em terra. E porque a fome, e o trabalho, e a dilaçaõ do tempo os naõ fizesse desesperar, quiz o misericordioso Deos mostrarlhes que os levava à conta da sua santa Cruz, com huma conhecida maravilha. He cousa certa, que cinco dias antes que chegassem à costa, tanto que se cerrava a noite, os acompanhava huma musica de notavel suavidade, em vozes como de mininos, das quais com distinçaõ se deixava entender o principio, e toada ordinaria da doutrina Christam, que os mininos aprendem, e cantaõ nas escolas de Portugal: *Todo fiel Christaõ he muy obrigado a ter devaçaõ à Santa Cruz, &c.* Tanto que tocaraõ terra perderaõ a companhia dos musicos, e naõ acharaõ a Santa reliquia, que ao parecer elles a deviaõ levar. Publicouse a maravilha despois que em Moçambique se vieraõ ajuntar todos os que escaparaõ da perdiçaõ; e o Inquisidor inquirio juridicamente os da jangada, e achou sem discrepar nenhum que fora cousa certa, e verdadeyra: e por tal a publicou, pera gloria daquelle bom Senhor que deste lenho banhado com seu sangue tinha noutro tempo feito barca, e remedio pera salvar o mundo inteyro. E naõ era muito virem agora Anjos acompanhar com celestial melodia aquella parte delle, e consolar, e alegrar os affligidos, que por tal meyo buscavaõ vida, e salvaçaõ. O Padre Frey Thomas passou com seu companheyro à India, onde viveo alguns annos servindo seu cargo em Goa, e jaz enterrado no Capitulo do nosso Convento da mesma cidade. Frey Adriaõ com amor da patria teve animo pera exprimentar segunda vez os medos do Oceano, e nella veyo a lograr o resto da vida.

CAPITULO VIII.

Do Grande cuidado, e solenidade, com que na cidade, e Convento de S. Domingos de Coimbra, se celebraõ as festas do Santo Rosario. Referemse dous milagres succedidos de proximo por intercessaõ da Virgem.

AInda que em todas as terras grandes deste Reyno, e principalmente onde ha Conventos da Ordem de S. Domingos, he servida com particular devaçaõ no titulo do Santo Rosario a Virgem mãy de Deos: a cidade de Coimbra de alguns annos a esta parte se tem avantajado em a venerar, e festejar com grande estremo, procurando todos os estados, e calidades de gente como à competencia ter parte em seu serviço. Assi està a Confraria rica de prata, e or-

e ornamentos, e acompanhada ſempre dos melhores da terra, e as feſtas ſaõ celebradas com pompa, e gaſtos extraordinarios. Do que a Virgem ſagrada, como fonte que he de piedade, moſtra agradarſe, recompenſando taes obras com beneficios, e favores que faz à terra, e a ſeus contornos, obrando a meudo claros, e patentes milagres, que ſaõ cauſa de ſe acender de novo a devaçaõ: e a Senhora tambem ſe obrigar a lhe procurar, e alcançar de ſeu bendito filho novas miſericordias. E porque o encubrir as merces do Rey, alèm de ſer ingratidaõ de quem as recebe, he tambem offenſa que ſe faz à ſua grandeza, e parece hum genero de oppoſiçaõ, e encontro à corrente de ſua liberalidade: faremos relaçaõ neſte lugar de dous milagres com que de freſco tem moſtrado eſta Senhora que naõ engeita os bons deſejos dos grandes, e ricos, nem os humildes rogos dos pobres, e pequeninos. Serà iſto huma offerta de animos agradecidos feita de parte, e em nome da meſma cidade, pois outro ſerviço lhe naõ pode fazer a noſſa penna, viſto como pera com Deos he efficaz oraçaõ, e petiçaõ o ſaberlhe render as graças de ſeus beneficios quem os recebe: e ainda com o mundo he arte de pedir, e manha de grangear, hum encarecido agradecimento. Mas naõ me culpe ninguem de eſcrevermos sò dous milagres, quando ſaõ muitos, e muito averiguados os que ſe contaõ. Porque a pureza, e verdade da hiſtoria que ſeguimos naõ admite mais, que aquelles que achamos aprovados polo Ordinario, como ſaõ eſtes dous, e como puderaõ ſer outros muitos ſe ouvera nelles o meſmo cuidado.

No anno de 1614 cahio a feſta que chamaõ da Roſa que ſe coſtuma fazer em Mayo aos vinte ſinco do mez. No meſmo dia ſucedeo que hum Antonio Joaõ official pedreiro conhecido por homem bem acoſtumado, e de bom viver, teve huma briga acidental com outro homem, no terreiro de ſanta Cruz. Da qual reſultou fazerlhe o contrario tiro com huma grande pedra, que colhendoo em cheyo no meyo dos peitos, foy tamanha a impreſſaõ, e abalo que dentro ſintio, que ſe deu por morto, e foy correndo ao Collegio de Santo Thomas pedir confiſſaõ. Devia ſer devoto de noſſa Senhora do Roſario, pois avendo em meyo outros moſteiros, paſſou por todos a buſcar o dos ſeus Frades. Entrando no collegio, lançouſe no meyo do Geral da Theologia que achou aberto, com a reſpiraçaõ taõ apertada, e a voz taõ debil que julgaraõ os Padres que morria. Perguntado polo mal que trazia, contava que huma pedrada naõ de maõ de homem, nem de Gigante, mas diſparada a ſeu parecer de huma bombarda, lhe dera ſobre o peito, e lhe tinha quebrados, e moidos todos os oſſos dentro, ſegundo o que em ſi ſintia. Deſcobriraõlhe os peitos: fazia fé ao que dezia grande elevaçaõ cuberta de nodoas negras, ſinais da bataria, e contuſaõ da pedra, e nella tamanho ſintimento, que naõ ſofria chegarſelhe com a maõ. E era indicio de mayor dano, e dano interior, que pola boca, e narizes lançava ſangue. Como foy

confeſſado, acudiolhe hum Padre com humas roſas bentas daquelle dia dandolhe humas a beber com agoa, lançandolhe outras polo peſcoço, e peitos. Na meſma hora à viſta de muitos padres, que o acompanhavaõ, tornou em ſi como ſe ſahira de algum grande acidente, levantouſe ſem pena, e alegre, dizendo que eſtava ſaõ, e que vira a Senhora daquellas roſas com hum roſario de contas na maõ (eraõ palavras formais do ferido) que lhe queria ir dar graças à Igreja. Eſpantados os Religioſos de tamanha novidade, e taõ ſubita convaleſcencia, porque em final della batia nos peitos com muita força, onde dantes naõ conſintia tocarlhe levemente a maõ, quizeraõ verlhos de novo, e acharaõ toda a inchaçaõ abatida, e o que naõ podia ſer em inſtante ſem milagre, as nodoas, e piſaduras deſaparecidas, como ſe nunca as tevera, e ſaõ de todo ſe foy da Igreja pera ſua caſa que tinha na rua nova, freguezia de Santa Juſta. Foraõ teſtemunhas do trabalho, e afflição primeira, e da ſaude que logo ſeguio, todos os Frades Collegiais, e por lhes parecer o milagre famoſo trataraõ que ſe autenticaſſe. Feitas as diligencias diante do Biſpo dom Afonſo de Caſtelbranco, elle o deu por verdadeiro por ſeu deſpacho publicado em quatro de Dezembro do meſmo anno, com licença pera ſe poder prègar ao povo.

De tiro do Ceo, e maõ inviſivel eſtava chegada às portas da morte na meſma cidade huma Anna Joaõ molher de Manoel Fernandes hortelaõ da freguesia de S. Joaõ de ſanta Cruz. Era o mal eſquinencia de taõ mà calidade, e taõ groſſa inchaçaõ interior, que nem agoa podia paſſar pera baixo: e baſtava a falta de mantença pera a matar ſem os accidentes da infirmidade. Aſſi falava jà taõ mal, que quaſi ninguem a entendia. Eraõ paſſados ſete dias ſem melhorar, deſconfiaraõ o Medico, e Cirurgiaõ: e dandoa por morta, mandaraõ que ſe lhe acudiſſe com o Sacramento da unçaõ, e naõ trataraõ da ſanta Communhaõ, polo reſpeito que diſſemos da oppreſſaõ da garganta. Foy ungida hum Sabado onze dias do mez de Mayo do anno de 1619. Era ao Domingo a feſta da Roſa. Diſſeraõno à enferma algumas peſſoas que a vigiavaõ como a quem morria, lembrandolhe que naquella hora ſe eſtava fazendo a feſta de Noſſa Senhora do Roſario; que ſe encomendaſſe a ella, que poder tinha pera lhe valer em todo aperto. Levantou ella os olhos a hum retabolo da Virgem, que tinha defronte pendurado na parede, e falando com o coraçaõ, e com o geito dos olhos, e ſembrante, porque a lingua eſtava preſa, e impoſſibilitada, encomendavalhe ſua neceſſidade com muita fé. Naõ dilatou a Senhora ſuas miſericordias a tal oraçaõ. Repentinamente arrebentou a poſtema, e lançandoa diante de todos pola boca, ficou taõ viva, e ſenhora das operaçoens de ſaõ, que logo falou claramente, e comeo com goſto. E pera que ſe viſſe ſer a ſaude milagroſa, aconteceo caſo igualmente eſpantoſo, e foy que a pobrezinha tinha huma criança de peito quando adoeceo: e porque logo ſe lhe ſecou o leite, eſtava jà fóra de caſa. Mas na ho-

hora que a Senhora foy ſervida darlhe ſaude, como ella naõ faz mercès de meas, ſenaõ em tudo perfeitas, tornoulhe juntamente o ſeu leite, e com tanta abundancia, que ſe mandou buſcar a criatura pera lhe deſpejar os peitos. Eſtava o milagre patente: pareceo rezaõ calificarſe juridicamente. Perguntaraõſe teſtimunhas, foy huma o Medico, que jurou lhe naõ paſſara pola maõ, deſpois que curava, doença taõ perniciosa: nem vira ſaude mais milagroſa. Aſſi foy julgado por certo, e verdadeyro milagre por ſentença do Doutor Joaõ Pimentel Vigario geral do Biſpado em Sede vacante aos cinco de Outubro do meſmo anno de 1619.

CAPITULO IX.

Da origem, e principio do Convento da cidade do Porto: e das cauſas que ouve pera ſe aceitar pola Provincia.

HE o Convento da cidade do Porto terceyro em tempo, e ordem de antiguidade dos que temos em Portugal: mas o primeyro que foy pedido por conſelho, e decreto de Biſpo, e Cabido no Reyno. E redundando iſto em honra da Religiaõ, naõ ſaõ de menos importancia pera o credito dos filhos, as razoens porque ſe moveraõ a pedillo. Reynava em Portugal avia quatorze annos dom Sancho Segundo, por morte de dom Afonſo Segundo ſeu pay, que faleceo no de 1223 como atràs moſtramos: e procedendo em ſeu governo com o deſcuydo, e froxidaõ que diſſemos, e largando toda a adminiſtraçaõ dos negocios nas maons de poucos homens depravados nas conſciencias, infieis ao Rey que os honrava, enemigos da Republica que os ſofria, acabouſe de entender por toda a terra a falta da cabeça, e o deſmancho dos que a governavaõ: que o Rey naõ era ſenhor de ſi, que os privados naõ eraõ já privados com ſojeiçaõ, ſe naõ abſolutos mandadores com imperio, e ſuperioridade: e começaraõ, como he ordinario, a crecer vicios, e maldades por todo o Reyno, e a deſaforarſe vicioſos, e inſolentes por todas as cidades, e terras grandes: cometiaõſe violencias publicas contra grandes, e pequenos, contra ſeculares, e Eccleſiaſticos, nenhuma ſe caſtigava. Nem avia juſtiça, nem quem ſe atreveſſe a fazella. Porque os aggreſſores procuravaõ ter hum amigo em caſa dos validos, e iſſo baſtava pera abſolviçaõ, e ſegurança, e pera cometerem novos inſultos. E os validos tinhaõ por razaõ de eſtado ſuſtentar os atrevidos, e deſalmados, pera com elles como gente ſua ſe fazer reſpeitar, e temer. Naõ faltavaõ homens de bom eſpirito que ſintiaõ o mal, e dezejavaõ atalhallo: mas a huns faziaõ anteparar intereſſes proprios, em outros naõ avia brio pera cortarem polas dependencias que tinhaõ com os que mandavaõ, ou por rezaõ de ſangue, ou de amizade. Outros mais livres, que ſe atreviaõ a chegar a el Rey, e proporlhe ſem rebuço as deſordens, e falta de juſtiça, eraõ bem ouvidos em quanto fallavaõ: paſſada aquella hora, ficava tudo como dantes. Porque ſe bem era capaz, e do-

docil pera entender o que se lhe dezia, nenhuma força tinha pera executar o que entendia. Assi foraõ crecendo, e encapellando mares de miserias, e calamidades em tanto estremo que dellas mesmas veo a arrebentar o remedio, chamando o Reyno ao Conde de Bolonha pera restaurador delle, como deixamos contado. Mas em quanto este se naõ buscava, por ser commum de todos, e por isso muito vagaroso, procurava a gente zelosa acudir em particular cada hum em sua cidade com os meyos, e cura que o bom discurso offerecia, e sua posse abrangia. Isto aconteceo ao Bispo da cidade do Porto dom Pedro. Sintia com zelo, e animo de bom Pastor as desaventuras que a cada passo lhe feriaõ as orelhas, e alma, e muitas vezes os olhos, sem as poder remedear: imaginou que poderiaõ ser de proveito em meyo de tanta devassidaõ, e maldade os exemplos vivos de virtude, e santidade que floreciaõ nos Religiosos de saõ Domingos, e se publicavaõ por toda a parte com louvor, juntandose com sua prègaçaõ, e doutrina em que se sabia eraõ continuos, e incansaveis. Communicou o pensamento com seu Cabido, pareceo a traça acertada polo que tinha de respeito ao Ceo, porque sò as tais saõ o verdadeyro antidoto dos males da terra. Avia novas que naquelle anno (entrava o de 1237) celebravaõ os nossos Frades Capitulo Provincial na cidade de Burgos, e era Provincial o Santo Frey Gil conhecido por natural do Reyno, e por fama de suas virtudes que eraõ já muy notorias. Ajudou tudo a se darem pressa em despachar quem fosse a elle com o requerimento. Achouse o messageiro a tempo em Burgos, e encaminhado polos Frades deu sua carta no Diffinitorio: a qual sendo nelle aberta viose que continha o seguinte.

Venerabilibus viris & in Christo charissimis Priori Prouinciali, & Diffinitoribus, totique Capitulo fratrum Prædicatorum Burgis celebrando, Petrus Dei miseratione Portuensis dictus Episcopus finalem in Dei seruitio perseverantiam cum salute &c. Vergente ad occiduum die, quando inualescente iniquitate, non iam multorum refrigescit, sed potius extinguitur charitas: nec poterit ignis ille, quem venit Dominus in terram mittere, vt vehementer ardeat, sine Diuini verbi flabello vllatenus reaccendi. Ideò nostris temporibus non dubitamus Ordinem vestrum Dei prouidentia suscitatum, per quem Dominus infrigidatos malitia ad sui amoris incendium reuocaret. Quanta igitur præ cæteris Portugallensibus locis, tam in nostra Diœcesi, quam Bracharensi, & etiam Lamecensi, quæ à vestrorum Fratrum consolatione non modi-

cum

cum sunt remotæ, malitia inundauit, vobis nullatenus sufficimus explicare. Insurrexerunt enim prædones innumerabiles, qui Deum non timent, nec Deum reuerentur, qui de Monasterijs & Ecclesijs, solius Dei cultui deditis, speluncas lattronum efficiunt, nec non claustra pugnantum, stabula iumentorum, prostibula meretricium: direptisque tam clericorum, quàm agricolarum, & etiam religiosorum possessionibus, possessores ipsos contra altare crudelitùs trucidantes, vel cum clericis comburentes, à facto tam execrabili nec admonitionibus, nec excommunicationibus cohibentur. Quis non doleat quosdam paruulorum ab vberibus matrum auulsos gladijs trucidari, allidi scopulis, quosdam submergi fluminibus, nisi à spoliatis parentibus prece, vel alio quantulocunque pretio redimantur? Quis non horrebit puellas ante annos nubiles violenter abrumpi, & in Ecclesijs plurimorum ex nefandorum hominum libidinosa frequentia expilari? Intuentes igitur cum Salomone hæc mala quæ fiunt sub Sole, calumniasque pauperum, & lachrymas innocentium, & consolatorem neminem: nec posse resistere malorum violentiæ cunctorum auxilio destitutos: dignum duximus, de Capituli nostri consilio, & assensu plantare Conuentum vestri Ordinis in loco nostro ad cooperationem salutis auimarum, & solatium afflictorum: credens fratrum vestrorum præsentia cum Dei gratia non modicum nostris partibus profuturum. Damusque vobis in bono loco Ecclesiam consecratam cum domibus in quadro ad modum claustri constructis, & spatium satis latum ad habendum hortum, & ad officinas alias construendas. Vestram igitur, de qua planè confidimus, rogamus in Domino charitatem, quatenus amore Dei, & nostri, & salutis animarum intuitu, ad iam dictum Conuentum construendum, fratres quos nobis videritis necessarios, qui virtute verbi Dei valeant mala supradicta irrumpere, nobis dignemini destinare. Parati enim sumus, dante Deo, semper eos in ijs quæ potuerimus adiuuare, & ob dilectionem, quam semper erga vestrum Ordinem habuimus, vberius confouere. Orate pro nobis, & valete.

Foy lida a carta com attençaõ, e ouvida do Provincial Portuguez com abundancia de lagrimas, lastimado naõ menos dos males de sua patria, de que tinha bastante notica, que de os ver publicados por terras estranhas. Pareceo a todos os Capitulares que se devia satisfazer com effeito, e brevemente ao requerimento: pois eramos chamados de hum Prelado, e de huma Cidade das mais importantes do Reyno, onde se podia fazer muyto serviço a Deos, que era o mayor interesse da Religiaõ. E assi se deu por reposta ao messageiro. A carta declara as infelicidades daquella idade melhor que todas as Cronicas. E porque se veja a rezaõ que o Reyno teve de buscar valedor contra ellas, irà em vulgar, e he a que se segue:

PEdro por mercè de Deos chamado Bispo do Porto, aos veneraveis varoens, e em Christo carissimos o Prior Provincial, e Diffinidores, e a todo o Capitulo que està pera se celebrar na cidade de Burgos: saude, e em serviço do Senhor perseverança atè o fim. Cerrandose jà o dia do mundo, e estando quasi no cabo: pois com o poder, e forças que a maldade tem tomado nelle, naõ sò se esfria a caridade de muitos, mas de todo se vay perdendo, e apagando: e naõ se podendo esperar que aquelle fogo, que o Senhor veyo pegar na terra, se torne a acender, pera que com vehemente ardor abraze as almas, se naõ for avivado, e abanado com o ar, e assopros de sua santa palavra. Por isso assentamos, e temos por certo que criou, e levantou a providencia Divina a vossa Ordem em taes tempos, pera por meyo della tornar a inflammar em seu amor aquelles que a malicia do peccado traz enregelados, e amortecidos. Assi naõ ha palavras que possaõ bem declarar o muito que tem crecido os excessos, e desaforamentos, mais que em todas as outras partes de Portugal, neste nosso Bispado, e nas Comarcas de Braga, e Lamego, terras onde se vive longe do trato, e consolaçaõ dos vossos Religiosos. Podemos dizer, que vay tudo cuberto de enchentes de peccados. Porque andaõ levantados infinitos salteadores, que sem temor de Deos, nem respeito dos homens, fazem dos Mosteyros, e Igrejas dedicadas ao culto, e serviço de hum sò Deos, covas de latrocinios, castellos de soldadesca, estrebarias de suas bestas, casa publica de mo-

molheres infames, e perdidas. E saqueando os casaes, e fazendas dos clerigos, e lavradores, e atè dos Frades, mataõ à espada os mesmos caseyros diante dos altares, ou os queymaõ com os Clerigos. E naõ bastaõ pera refrear tamanhas exorbitancias nenhumas diligencias Ecclesiasticas de monitorios, e escomunhoens. Quem poderá ouvir sem muyta dor, que chegaõ a arrebatar as crianças dos peitos das mãys, e humas passaõ de estocadas, outras arrebentaõ nos penedos, outras affogaõ nos rios, se os pays despois de roubados de todo naõ acodem a resgatallas com alguma cousa de valia, por pouca que seja, ou com lagrimas, e rogos? Quem naõ ha de tremer, e pasmar de naõ valer às moças serem quasi mininas, e muito longe dos annos de casar, pera escaparem de ser com barbara violencia forçadas, e dentro das Igrejas afrontadas por muitos homens juntos em alcateas à execuçaõ de taõ enorme, e bestial sensualidade? Todos estes males passaõ entre nos, e à nossa vista, e vendo sobre elles injurias de pobres, lagrimas de innocentes, e nenhum consolador, como se queixava Salamaõ: e sobre tudo naõ sermos poderosos pera resistir à força mayor da gente danada, e perversa, por estarmos de todo ponto desemparados de quem nos possa valer: pareceonos acertado fundar nesta nossa Cidade hum Convento da vossa Ordem, assi pera termos nelle coadjutores no que cumpre à salvaçaõ das almas, como a consolaçaõ, e alivio dos atribulados. Pera o que ouvemos primeyro conselho, e beneplacito de nosso Cabido: tendo por certo que com a graça do Senhor nos serà de muita utilidade espiritual nestas partes a presença, e companhia de tais Religiosos. E desde logo vos offerecemos huma Igreja jà sagrada, e em bom sitio, acompanhada de humas moradas de casas edificadas em quadro a modo de claustro, com hum pedaço de terra bem largo, em que averà lugar pera fazer officinas, e prantar horta. Por tanto pedimos a vossa caridade em o Senhor, na qual estamos confiados: que por seu amor, e nosso, e polo que toca à salvaçaõ das almas, ajaes por bem mandarnos logo os frades que vos parecerem necessarios pera ordenarem o Mosteyro:

teyro: e que sejaõ pessoas de tal valor, que com o poder, e armas da palavra de Deos se possaõ oppor, e fazer guerra aos males que temos dito. Porque de nossa parte estamos prestes com o favor Divino, pera os ajudar em tudo o que pudermos, e os agasalhar com muyto amor, polo que sempre tevemos a essa Ordem. Encomendainos ao Senhor, que vos guarde, e dè saude.

CAPITULO X.

Dos Religiosos que foraõ mandados fundar o Convento do Porto. Dàse conta dos muytos favores que o Bispo lhes fazia. E como despois mudou parecer, e das rezoens que para isso teve.

NOmeou o Diffinitorio pera esta fundaçaõ dous Religiosos, de cujas partes avia experiencia que satisfariaõ bastantemente à tençaõ pia, e santa do Bispo, e Cabido, e à obrigaçaõ de quem os mandava. Eraõ Frey Gualtero, e Frey Domingos Galego, que partiraõ logo. Esperavaos o Bispo, e toda a Cidade com alvoroço. E quando chegaraõ foraõ recebidos com festa, e hospedados com amor, e largueza: e logo se lhes deu posse da Igreja, casas, e chaons polo Bispo offerecidos. Começaraõ a prégar, e confessar, ensinando nas horas vagas a doutrina Christã em casa, e polas ruas, e juntamente entendendo na fabrica, e ordem do Convento. Era o trabalho grande, e como a duas maons: encaminhando, e dando traças no temporal, e naõ largando o espiritual. Mas aliviava a fadiga ver que se edificavaõ todos os bons, e os que dantes andavaõ soltos, e descompostos se começavaõ a reprimir, e entrar em si: de sorte que obrando Deos por maõ de seus servos, dentro de poucos mezes se vio notavel mudança nas vidas, e costumes. E acudindo como ouve gazalhado mais religiosos, corriaõ aos lugares vizinhos, e aproveitavaõ muito em todo genero de gente. Alegravase o commum da Cidade, e agradecida a seu Prelado a vinda de tais hospedes. E elle com desejos de que tevessem em breve casa feita, mandou publicar por todo o Bispado huma provisaõ em recomendaçaõ dos Frades, e de seu Convento, concedendo graças, e indulgencias aos que de alguma maneira ajudassem a obra delle. Esta poremos aqui de verbo ad verbum tirada da propria que se guarda no Cartorio da casa, e tambem irà traduzida em vulgar. Porque convem assi, respeito das alteraçoens que logo seguiraõ. A Latina diz assi.

Pe-

PEtrus Dei patientia Portuensis Episcopus, omnibus tam clericis, quàm laicis in Portugallensi diœcesi salutem, & bonis operibus abundare. Noveritis nos Fratres Prædicatores ad morandum in civitate nostra de consensu, & voluntate Canonicorum, & omnium ciuium Portugallensium recepisse, credentes ipsos vtiles, & necessarios corporibus, & animabus degentium in ciuitate, & in Episcopatu nostro. Vnde cùm prædicti Fratres nihil habeant, nec possint sine meo iuuamine, & vestro Ecclesiam, & domos sibi necessarias construere, vniuersitatem vestram rogamus, atque in remissionem vestrorum vobis iniungimus peccatorum, quatenus tam in lignis colligendis, quàm etiam in lapidibus ducendis operi prædictorum fratrum necessarijs vos exhibeatis propitios, & deuotos iuxta illud: Sibi ædificat, qui domum Dei ædificat. Nos igitur de Dei misericordia plenissimè confidentes, omnibus, qui sibi fideliter in lignis colligendis, & lapidibus ducendis, vel ibi proprio corpore laborauerint per vnum diem, vel operarium miserint loco sui, quadraginta dies de iniuncta sibi plenissimè pœnitentia misericorditer relaxamus. Atque in hunc modum qui operi prædicto & Fratribus plus boni fecerint, plus mercedis accipient & coronæ. Datum Portugalliæ sub Æra M.CC.LXXVI. die sexto mensis Martij. Ualeat usque ad duos annos.

A Portugueza he.

PEdro pola paciencia de Deos Bispo do Porto, a todos os moradores deste nosso Bispado, assi Ecclesiasticos, como seculares, saude, e acrecentamento em bem fazer. Sabereys que nòs recolhemos nesta nossa Cidade para morarem nella aos Frades Prégadores com consintimento, e gosto dos Conegos, e de todos os Cidadaons, tendo por certo que sua companhia he necessaria, e ha de ser de proveito temporal, e espiritual pera todos os moradores da cidade, e Bispado. Pela qual rezaõ visto como os Religiosos naõ possuem nenhuma cousa de proprio, nem podem compor sua Igreja, e fabricar as casas,

de que tem neceſſidade, ſem voſſa, e minha ajuda, rogamos-vos a todos, e em remiſſaõ de voſſos peccados vos encarregamos, que moſtreis com elles facilidade, e devaçaõ, aſſi em os ajudar a cortar, e ajuntar a madeyra, como no carreto da pedra neceſſaria pera a obra, conforme aquillo: Pera ſi edifica, quem a Deos faz caſa. E por tanto confiando nòs pleniſſimamente na miſericordia de Deos a todos aquelles que fielmente lhes acudirem no colher da madeyra, e carregar da pedra: ou lhes derem por ſi, ou por outrem hum dia de trabalho na obra, concedemos quarenta dias de perdaõ das penitencias que lhe forem impoſtas. E a eſte modo ſejaõ certos que os que mais favorecerem tal obra, e a quem a faz, mais premio receberaõ, e mayor coroa. Dada no Porto a ſeis de Março da Era de Mil e duzentos e ſetenta e ſeis (*reſponde aos annos de Chriſto de* 1238.) Valha por tempo de dous annos.

He a gente deſta Cidade geralmente dotada de honradas calidades, pia, devota, liberal, e bem inclinada. E na nobreza he mayor a ventagem, quanto mais ſe adianta no ſangue. Aſſi pera a Cidade foy pouco neceſſaria a amoeſtaçaõ do Prelado. Porque ſe a liberdade do tempo trazia alguns deſconcertados na vida, faziaõ por honra, e brio, o que outros por virtude: e naõ faltava nenhum em acudir à Caſa de Deos ſegundo ſua poſſibilidade. Faz muito ao caſo em toda a materia o exemplo dos nobres. Valeo eſte no reſto do Biſpado, junto com a recomendaçaõ do Biſpo, pera procurarem muitos ter merecimento na obra. O Biſpo tambem naõ contente com o que tinha dado aos Padres como Prelado, quiz entrar à parte como particular. Poſſuya huns chaons de ſeu patrimonio que partiaõ com o ſitio, fezlhes doaçaõ delles pera ſe alargarem. Aſſi podemos dizer deſta Cidade, que como do noſſo Convento de Coimbra foraõ fundadoras as duas Princezas filhas del Rey dom Sancho Primeiro: da meſma maneira o foy ella deſte: começando o braço Eccleſiaſtico, e ſeguindo o ſecular.

Mas he grande a inconſtancia, e fragilidade da natureza humana, pera que a boca cheya demos por acertada a ſentença: *Maledictus homo qui fidit in homine*; e pera que ſò em Deos fiemos. No meyo deſtes fervores, ou foſſe que o Clero entraſſe em ciumes das groſſas eſmollas que corriaõ ao Convento, e julgaſſe de algumas que começaraõ a entrar por enterros, e beneſſes, e legados de teſtamentos (como na terra naõ ha mais Freguezia que a Sè) que tudo o que hia pera os Frades, era como agoa furtada à erdade dos Clerigos: ou

Jerem. 17.

ou fosse enveja do enemigo commum, que sintia ser lançado da jurdiçaõ, e posse pacifica de muitas almas, com os brados da prègaçaõ, e doutrina dos Religiosos, e adivinhava mayor perda pera o diante: ou tudo junto: creceo em tanto grào o fogo da desconfiança do que viaõ, que parou em hum incendio que mostrava sinais de se naõ apagar com nenhumas forças. E sendo assi, que a qualquer homem do povo saem cores ao rosto, se diante doutro nega a palavra, ou troca parecer ainda em negocio muito desarrezoado: neste que era Santo, e todo de Deos, pode tanto o medo do dano imaginado, ou a tentaçaõ de Lucifer, que naõ duvidaraõ Conegos, e dignidades, e todo o Cabido junto, gente conhecida por virtuosa, e prudente, tornar atràs com tudo o que tinhaõ concedido, dado, e doado, e pondo nota sobre si de pouca constancia chamaremse enganados em cousa de comum conselho acordada, e decretada. O primeyro ponto que deraõ no negocio foy mandarem embargar a obra que corria no Convento. Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceo que achariaõ emparo no Bispo como em quem fora o primeyro autor de sua vinda, e o que mais os tinha favorecido, e em fim feito o Convento cousa sua, com lhe ter lançado a primeyra pedra. Mas acharaõse enganados. Porque saÿndo de casa o Prior, e outro frade pera se irem valer delle, deraõ de rosto na portaria com hum Notario Apostolico, que de sua parte lhes notificou que em seu Bispado naõ prègassem, nem confessassem, nem celebrassem Missa, nem outro officio Divino. Foy grande o escandalo que toda a Cidade recebeo, e principalmente a nobreza, mostrandose muy sentida do aspero termo com que se procedia com gente buscada, e chamada, gente que a ninguem offendia, e a todos edificava. Juntaraõse muitos, e tomaraõ à sua conta o edificio, como se tocara a cada hum delles, e nada aos Frades. E fizeraõ que corresse adiante, assistindo com suas pessoas, e fazendas, e animando aos Religiosos, que naõ sabiaõ, que conselho tomassem affligidos, e desconsolados de verem nacer a persiguiçaõ donde esperavaõ o remedio. Mas naõ parava o Inferno em assoprar as brasas da discordia, pera que se visse que era sua a mayor parte della. Vendo o Clero o concurso que avia dos cidadaons no Convento, e como lhe acudiaõ com nova liberalidade, fazem relaçaõ ao Bispo, que naõ foy vagaroso em fulminar censuras, e pòr interdito contra todos os que dessem favor, ou ajuda, ou conselho pera se continuar a obra. Entaõ ficaraõ os Frades postos em cerco: vendose privados de todo remedio divino, e humano que na terra avia, tornaraõse a Deos: pediaõ-lhe com continuas oraçoens, e sacrificios abrisse os olhos a seus persiguidores, pera que naõ errassem contra elle, e contra si mesmos. Offereciaõlhe aquella tribulaçaõ, e afronta que sò por elle padeciaõ, e polo amor dos proximos, cujo serviço vinhaõ procurar naquelle lugar, sem nenhum interesse proprio delles Religiosos. Por outra parte co-

mo gente exercitada em materias do espirito alegravaõse no trabalho, fazendo conta, que alguns bens antevia o Demonio averem de sayr daquelle Convento pera gloria de Deos, e remedio dos homens, pois com tanta semrezaõ estorvava o edificio, semrezaõ totalmente indigna da virtude, e bom entendimento do Prelado que a fazia. Assi discorrendo, e sofrendo com silencio, e constancia, e sem se ouvir de suas bocas palavra de impaciencia, esperavaõ reclusos o remedio do Ceo, avisando de tudo ao Provincial, e sojeitandose a suas ordens.

CAPITULO XI.

Buscaõse intercessores poderosos por parte do Convento: naõ valendo nada, queixaõse os Frades a Roma. Comete o Summo Pontifice ao Arcebispo Primàs que os desagrave.

ENtre tanto eraõ muytos os que procuravaõ alcançar do Bispo, e Cabido algum meyo de paz. Por huma parte trabalhavaõ alguns velhos dos mais nobres, e autorizados da Cidade, obrigados de instancias de todos os mais. Por outra o Provincial, que era o Santo Frey Gil, desejando escusar queixas, e litigios, pedio à Raynha dona Mafalda tia del Rey dom Sancho Segundo, irmã de seu pay, quizesse interpor sua autoridade em pacificar o Bispo com os seus Frades O mesmo pedio ao Arcebispo Primàs de Braga dom Sylvestre. Fizeraõse por todos diligentes, e apertados officios com o Bispo, e Cabido. Mas aconteceo o que he ordinario em todos os que sabem pouco de negocios, quando se vem rogados, que referem os rogos à falta de justiça, e naõ à boa natureza de quem roga. Assi vendo o Bispo, e Conegos tantos, e taõ honrados intercessores por parte dos frades, deraõse por absolutos senhores da causa, e naõ só naõ admittiraõ concordia, mas ajuntaraõ novo escandalo aos passados. E foy, que tendo os frades comprado alguns chaons, e casas vizinhas ao Convento, e dado dinheyro, e feito escrituras com licença, e aprazimento do Cabido, por serem foreyros a elle, revogaraõ as licenças que por escrito tinhaõ dado: e com a mesma deshumanidade publicaraõ por nullas algumas doaçoens voluntarias que de bens semelhantes tinhaõ feito algumas pessoas pias ao Convento. Vista tamanha dureza, foi necessario acudir por remedio à Suprema Cadeyra. Presentaraõse ao Pontifice as queixas do Convento, e suas rezoens. Proveo logo no caso com hum Breve muy amplo, que poremos de verbo ad verbum, e com sua traducçaõ: assi porque estes saõ os titulos deste Convento, como porque seja a todos notoria a pureza, e verdade da historia que seguimos, e naõ pareça a ninguem que a enfeitamos. Este Pontifice era Gregorio Nono, que sendo Cardeal com nome de Ugolino fora grande devoto de nosso Patriarcha S. Domingos em vida, e despois de assentado na Cadeyra de S. Pedro, como testimunha de seus merecimentos o poz no Catalogo dos Santos canonizados. Segue o Breve.

GRegorius Episcopus seruus seruorum Dei, Venerabili Fratri Archiepiscopo, & dilectis filijs Decano & Cantori Bracharensibus salutem & Apostolicam benedictionem. Olim venerabilem fratrem nostrum Episcopum Portugallensem illius esse credebamus industriæ, vt perennis obtentu gloriæ libenter efficeret, per quæ Deo & hominibus complaceret. Sed cogimur opinari contrarium, illis in conspectu nostro clamantibus, quos sine causa persequitur non absque contumelia Redemptoris. Sanè dilectorum filiorum Fratrum de Ordine Prædicatorum Portugallensium insinuatione percepimus, quòd idem Episcopus aliquando piè cogitans eorum studijs animarum procurari salutem, & ampliationem Catholicæ puritatis, eis Portugalliam ad suam vocem intrantibus, locum ipsis pro Ecclesia fundanda concessum, de sui consensu Capituli liberaliter assignauit, ponens ibidem lapidem primarium, & suæ partem hæreditatis adjiciens, vt inchoatum ædificium posset magis effici spatiosum: cunctis loci eiusdem per eum nihilominus facta certa remissione peccaminum, qui ad hoc ipsis præstarent subsidium opportunum. Verùm cum dicti Fratres locum ipsum pacificè possidentes, & ibidem de sua licentia Divina liberè celebrantes pro huiusmodi perfectione operis graues labores subierint, & expensas: ipse subitò de patre commutatus in hostem, eos exinde vnà cum suis Canonicis amouere nititur, multis ex hoc, ac eisdem fratribus in graui scandalo constitutis. Præsertim cum idem ipsis contrà indulgentias eis ab Apostolica Sede concessas, ne prædicent, seu confessiones audiant, vel Diuina celebrent duxerit inhibendum, lata in omnes interdicti sententia, qui eis ad huiusmodi perfectionem operis consilium, vel auxilium largiuntur. Cum igitur prorsus indecens & detestabile videatur, vt idem Episcopus videatur de tanta varietate notabilis, & persecutor Deum timentium reputetur: eundem rogamus & hortamur attentè, nostris sibi districtè in virtute obedientiæ mandantes literis, in præceptis, vt fratres eosdem præfati loci possessione pacifica, sine præiudicio iuris sui, & etiam alieni pro Divina & nostra reuerentia gaudere permittat, latam per ipsum in benefactores eorum

eorum interdicti sententiam, infrà octo dies post susceptionem earum sine qualibet difficultate relaxans. Quocircà discretioni vestræ per Apostolica scripta mandamus, quatenus si dictus Episcopus præceptum nostrum infrà præscriptum tempus neglexerit adimplere, vos extunc relaxantes eandem, & si similem in illos de cætero ferre præsumpserit, eam tanquam contra inhibitionem Sedis Apostolicæ promulgatam, nullam esse penitus decernentes, fratres ipsos super eiusdem possessionibus, ac eos, & benefactores suos, super construendis ibidem ædificijs eorundem fratrum vsibus opportunis non permittatis ab aliquo indebite molestari, molestatores huiusmodi authoritate nostra appellatione proposita, compescendo. Quòd si non omnes ijs exequendis potueritis interesse, tu frater Archiepiscope cum eorum altero ea nihilominus exequaris. Datum Anagniæ VIII. Cal. Octobris, Pontificatus nostri anno duodecimo.

Em vulgar responde assi.

GRegorio Bispo servo dos servos de Deos, ao veneravel irmaõ Arcebispo de Braga, e aos amados Dayaõ, e Chantre da mesma Igreja de Braga saude, e Apostolica bençaõ. Tivemos sempre em taõ boa conta nosso veneravel irmaõ o Bispo do Porto, que crìamos delle faria com gosto, a fim de alcançar a eterna bemaventurança, tudo aquillo que o pudesse fazer grato a Deos, e aos homens. Mas obrigaõnos hoje a cuidar outra cousa delle as queixas, e brados que ante nòs daõ aquelles a quem persegue sem causa, e naõ sem afronta do Redentor. Soubemos por relaçaõ certa dos amados filhos os Frades da Ordem dos Prègadores do Convento do Porto, em como o mesmo Bispo, tendo delles boa opiniaõ, e do cuidado com que trataõ da salvaçaõ das almas, e augmento da pureza christam, os chamou, e levou àquella Cidade, nella lhes assinou lugar pera fundarem Igreja, com beneplacito do seu Cabido, no edificio poz de sua maõ a primeira pedra, e pera terem mais largueza os ajudou com fazenda de seu patrimonio: e sobre tudo publicou indulgencias, e remissaõ de peccados pera todos

os

os que dalguma maneira dessem ajuda, e favor à mesma obra. E que estando por este modo em posse pacifica do sitio, que lhes dera, e celebrando nelle com sua licença os Officios Divinos, e procurando juntamente com muito trabalho, e despeza por chegarem à perfeiçaõ o Convento: hora trocado repentinamente de pay em enemigo, fazem toda força elle, e seus Conegos polos lançarem da terra, com grave escandalo de muita gente, e dos mesmos Frades: principalmente por lhes mandar que naõ prèguem, nem confessem, nem celebrem os Officios Divinos, sendo cousas que a Sè Apostolica lhes tem concedido: e perseguir com interdito os que de obra ou palavra lhes acodem ou fazem algum bem. Por tanto como seja cousa totalmente indecente, e abominavel, que no mesmo Bispo se ache juntamente nota de homem vario, e de perseguidor dos que a Deos temem, polas presentes letras lhe rogamos, e com efficacia o amoestamos pondolhe rigurosamente preceito em virtude de Santa obediencia, que por reverencia de Deos, e nossa deixe gozar os Frades da posse quieta, e pacifica do lugar em que estaõ, sem prejuizo porèm do direito que elle ou outrem no tal lugar pretenda. E dentro de oito dias, despois de lhe chegarem estas letras, levante sem fazer nenhuma duvida o interdito, e todas as mais censuras que contra os bemfeitores do Convento tever postas. E à vossa discriçaõ cometemos, e encomendamos que se o Bispo no termo assinado naõ cumprir nosso mandado, em tal caso vòs as levanteis. E se outra tal presumir ao diante fulminar, a julgueis por nulla, e como passada contra publica inhibiçaõ da Sè Apostolica: naõ consintindo que sejaõ molestados de pessoa alguma nem os Frades na posse de seu sitio, e casa, nem seus bemfeitores no favor, e ajuda que pera proseguir suas obras lhe quiserem dar. E reprimireis por autoridade, e poder nosso sem appellaçaõ, nem recurso, quem quer que os inquietar. E acontecendo naõ vos poderdes achar juntos à execuçaõ do que assi mandamos, vòs irmaõ Arcebispo o podeis fazer sò com qualquer dos nomeados. Dada em Anagnia aos 24 de Setembro no anno duodecimo

decimo de nosso Pontificado, (*que responde ao do Senhor de* 1238.)

CAPITULO XII.

Levantaõse as censuras, e prosegue a obra do Convento. Passa el Rey dom Sancho aos Frades carta de Padroeiro. Mitigase o Bispo, e faz composiçaõ com elles.

ERa jà no cabo do anno de 1238 quando chegou o Breve às maons do Arcebispo. E ainda que tinha trabalhado por quietar o negocio, sem lhe valer nada sua boa diligencia, como contamos: e pudera com rezaõ ser arremessado executor: com tudo respeitando o credito, e autoridade do Bispo, desejou que naõ parecesse em juizo, e tornou a tratar de paz, avisandoo do rigor da commissaõ. Mas ha muitos entendimentos que naõ he em sua maõ conhecer os bens da paz, senaõ despois de bem acutilados, e atropelados da guerra. Taõ cegos estavaõ de paixaõ, e taõ confiados da vitoria Bispo, e Conegos, que naõ quizeraõ vir em nenhum partido, e quando deciaõ a hum pouco de brandura, o menos que pediaõ, era que os Frades naõ dessem em sua Igreja sepultura geral, nem particular, nem recebessem offertas, com outras exorbitancias semelhantes. O que visto polo Primaz, publicou o Breve, mandouos parecer em Braga por si ou por seus procuradores. E logo levantou as censuras, e interdito que o Bispo tinha posto aos seculares pera naõ ajudarem o edificio, nem communicarem no Convento; e mandoulhe que desembargasse a obra, e naõ impedisse o ir adiante. E obrigou ao Cabido a confirmar as vendas, e doaçoens feitas ao Convento, e revalidar as licenças que revogara, e a dar de novo todas as que pedidas lhe fossem. Com este principio abriraõ os Religiosos suas portas: publicaraõ no povo os favores da Sè Apostolica: e ainda que guardavaõ toda moderaçaõ em suas praticas, a terra, que estava resintida, e queixosa, naõ fazia o mesmo, antes celebrava a vitoria, como se fora causa propria. E polo mesmo teor acudiaõ tantos officiaes à obra, e eraõ tantos os que proviaõ o necessario pera ella, que crecia maravilhosamente. Mas naõ corria com menos prosperidade o edificio espiritual: porque o Provincial tinha inviado numero de Religiosos, e querendo todos mostrarse agradecidos à boa vontade, e caridosos animos que em seus trabalhos acharaõ na Cidade, empregavaõse com grande cuydado em a servir, e agradar em tudo o que era ministerio da Religiaõ.

Na mesma conjunçaõ lhes acudio Deos com novo favor. Era entrado o anno de 1293. El Rey dom Sancho segundo, que reinava, movido de bom espirito (que na verdade tal era o seu na fonte) ou persuadido ao que se pode congeiturar da Rainha dona Mafalda sua tia passou huma provisaõ, pola qual de seu motu proprio se deu por autor, fundador, e padroeyro

do

do Convento. No que he de ver sua grande bondade, porque era cousa certa que neste mesmo tempo todos os nossos prègadores se desfaziaõ nos pulpitos em vituperar descubertamente as faltas de seu governo. Foy esta provisaõ de muyta importancia: porque ainda que sò por si naõ fora de effeito, polo pouco respeito que geralmente se tinha ao Rey, e a seus mandados: bastou junta com o favor de Roma, pera os Frades ficarem armados, e animados a procederem confiadamente em suas fabricas. A nota, e antiguidade della me faz cuidar que serà agradavel a quem se occupar nesta liçaõ: dezia assi:

SAncius Dei gratia Portugalliæ Rex, omnibus de meo Regno, ad quos literæ istæ peruenerint, salutem. Sciatis quod ego mando facere pro anima mea monasterium Fratrum Prædicatorum in Portu. Quia intelligo quòd erit grande bonum, & magna profetantia mihi & omnibus de Regno meo. Et recipio ipsum Monasterium, & ipsos fratres in commenda mea. Vnde mando firmiter, quòd nullus sit ausus in regno meo eis malum facere, neque operarijs suis. Quia quicumque eis malum fecerit, aut fortiam, siue tortum, pectabit mihi quingentos morabitinos, & eis emendabit damnum in duplum, quod illis fecerit, & super remanebit pro meo inimico. Et vt ipsi & locus ipsorum sint melius emparati, do eis istam meam chartam apertam, quòd teneant illam in testimonium. Datum apud Collimbriam iij Kalend. Februarij Æra M.CC. LXXVII (responde aos trinta de Janeiro do anno de Christo 1239.)

De crer he que passando el Rey huma provisaõ com palavras taõ claras, e resolutas, e affirmando que mandava fazer o Mosteiro por sua alma, naõ seria (como nos persuade a conjunçaõ em que a passou) fantasticamente, e sò a fim de valer aos Religiosos contra a força que se lhes fazia: mas que mandaria despender com elle da fazenda real. Confirmase isto com que a Igreja, inda que naõ seja muito grande, he toda de cantaria, e obra custosa, e mayor do que naquelle tempo demandava o custume das fabricas da Ordem que tambem nas Igrejas guardavaõ moderaçaõ, salvo naquellas que os Reys tomavaõ à sua conta. Se naõ quisermos dizer que pode ser esta mesma de que o Bispo fez offerta ao capitulo. De qualquer maneira que a origem fosse: certo he que o Mosteiro ficou realengo, e constanos de outra provisaõ passada por el Rey dom Dinis sesenta annos despois da que fica atras, e escrita em Portuguez, cujo original he do teor seguinte.

DOm Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, a quantos esta carta virem faço saber, que eu recebo em minha guarda, e em minha encomenda, e sob meu defendimento o meu Mosteiro, e Convento dos Prègadores do Porto, e seus homens, e suas agoas, e todas as cousas que pertencem a este Mosteiro. Polo que mando, e defendo que nenhum nom seja ousado que faça mal nem força em esse Mosteiro, nem a esses Frades, nem a seus homens, nem a suas hortas, nem a suas agoas, nem em nenhumas de suas cousas. E aquelle que ende al fizer, ficarà por meu imigo, e peitarà a my o meu encouto de seis mil soldos, e corregerà em dobro o mal ou força que fizer ao dito Mosteiro, ou aos Frades delle, ou a seus homens, ou a suas agoas, ou a alguma de suas cousas. Em testimunho da qual cousa dey ao dito Convento esta minha carta. Dada em Lisboa treze de Setembro. El Rey o mandou por Pedrafonso Ribeiro. Domingos Joanes a fez, era de M.CCC. XXXVIII. annos, (*Responde aos de Christo de* 1300.)

O mesmo se mostra por outro indicio muito mais publico, que he vermos nas vidraças que estaõ sobre o arco da Capella mòr a insignia taõ sabida das esferas del Rey dom Manoel. E com tudo ficando bastantemente provado por tais memorias ser este Convento da obrigaçaõ dos Reys, naõ achamos nenhuma de merce perpetua que elles lhe fizessem de renda, ou fazenda, ou bens da Coroa.

Mas tornando à historia, foy o Bispo caindo na conta das semrazoens que tinha feito aos Frades, e entendendo que naõ poderia prevalecer contra elles, pois tinhaõ por si os poderes do Ceo, e da terra, começou a humanarse, e descer a partidos mais acommodados. E os Frades por mostrarem que naõ tinhaõ gosto da discordia, inda quando estavaõ certos da vitoria, folgaraõ de cortar por si, e concederaõ em algumas condiçoens pesadas, que o tempo despois foy aliviando, e reduzindo tudo ao estado de paz, e quietaçaõ com que hoje se vive. Pera o que ajudou muito a Rainha dona Mafalda, de quem pouco ha falamos, polos meyos que diremos no capitulo seguinte.

CA-

CAPITULO XIII.

Faz a Raynha dona Mafalda doaçaõ do padroado de huma Igreja à Sè do Porto, pera de todo pacificar o Biſpo, e Cabido com os Frades. Procede o Biſpo com elles em amizade: fazlhes eſmolla de duas fontes pera o Convento.

Monar. Luſit. p. 2. l. 7. c. 22. Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Prim.

A Raynha dona Mafalda foy filha del Rey dom Sancho Primeyro de Portugal, e caſada com el Rey dom Anrique o Primeyro de Caſtella, aquelle que morreo em Palencia do deſaſtre de huma telha que lhe cahio ſobre a cabeça: do qual ſendo apartada por ſentença da Sè Apoſtolica, por caſarem ſem diſpenſaçaõ, avendo entre ambos eſtreito parenteſco, tornou pera Portugal, e andando o tempo fundou o Moſteyro de Arouca na Ordem de Ciſter, e nelle ſe recolheo, e eſtà ſepultada. Eſta ſenhora como procurou nos principios atalhar as inquietaçoens que o Biſpo dava aos Frades, aſſi deſpois que os vio ſenhores da cauſa com os favores do Pontifice, e del Rey, deſejou polo amor, e grande devaçaõ, que tinha à Ordem, que naõ ficaſſem em caſa alhea hoſpedes mal aſſombrados. E a eſte fim fez doaçaõ ao Biſpo, e Cabido de huma Igreja que tinha de ſeu padroado na ribeyra de Leça, offerecendoa liberal, e eſpontaneamente, e afiançada com certos caſaes, em recompenſa das perdas, e danos que os Clerigos da vizinhança dos Frades temiaõ. Grande, e memoravel virtude! que por pacificar deſavenças alheas, em que nada intereſſava, nem perdia, folgou de perder a fazenda propria. O original da eſcritura ſe guarda no Cartorio do Convento: e nòs polo que toca à memoria, è honra de tal Princeſa, daremos aqui o treslado, pera que em quanto eſtes eſcritos durarem, viva nelles ſeu nome, e noſſo agradecimento. Segue a doaçaõ.

IN Dei nomine Amen. Notum ſit omnibus præſentem paginam inſpecturis, quòd ego Regina Domina Mafalda pro remedio animæ meæ, ob gratiam Fratrum Prædicatorum in ciuitate Portuenſi de conſenſu Epiſcopi & Capituli Portugallenſis commorantium do Eccleſiam ſanctæ Crucis de Ripa Lecciæ cum omnibus ſuis poſſeſſionibus & iuribus ſuis, Eccleſiæ ſanctæ Mariæ Sedis Portuenſis in recompenſationem grauaminis, ſi in aliquo ex Prædicatorum Fratrum commoratione Eccleſia Portugallenſis fuerit aggrauata. Et ſtatim mitto Epiſcopum Dominum Petrum & Capitulum eiuſdem Eccleſiæ in dominium & poſſeſſionem Eccleſiæ ſupradictæ, ut quicquid iuris, hæreditatis, poſſeſſionis vel quaſi in prædicta obtineo Eccleſia, totum in Epiſcopum & Capitulum ſupradictæ Sedis transfero pleno

iure. Et vt ista mea donatio firmum robur obtineat, assigno sex Casalia in villa de Louredo de Sousa, vt si fortè aliquis vellet impedire donationem meam, & de iure in eadem Ecclesia in vita mea ius euinceret patronatus: & ego prædictam Ecclesiam non liberauero, de prædictis casalibus recipiat Ecclesia Portugallensis quantum damnum sustinuerit in prædicta Ecclesia Sanctæ Crucis. Et si totum amiserit Ecclesia Portugallensis in perpetuum, tunc in perpetuum prædicta Casalia penes Portugallensem Ecclesiam libera remaneant. Quòd si fortè aliquis vel aliqui in vita mea ipsam Ecclesiam impetierint, & in eadem aliquid non obtinuerint, liberum sit mihi de eisdem casalibus in morte mea pro mea disponere voluntate. Et si interim de eisdem Casalibus aliter voluero ordinare, debeo primò assignare prædictæ Sedi alia Casalia æquiualentia in Portugallensi Diæcesi constituta, quæ sint conditione & modo simili obligata. Episcopus autem & Capitulum supradicti debent me iuuare ad liberationem supradictæ Ecclesiæ per iustitiam Ecclesiasticam, quantum de iure potuerint bona fide. Et vt supradicta in dubium non veniant, nec aliqua inde contentio oriatur, fecimus per alphabetum dividi chartas istas, vt vtraque pars suam teneat in testimonium firmitatis, & sigillo meo proprio communire. Facta charta mense Iunij sub Æra M. CC. LXXVII. (responde ao anno corrente de Christo 1239.) *Ego verò tabellio memoratus Antonius Stephanus, qui supradictam literam inspexi cum supradicto sigillo ipsius Reginæ habente ex vna parte imaginem mulieris quasi amictæ pallio habentis manum dexteram in qua tenebat florem, & manum sinistram suprà pectus quasi tenentem chordas pallij, & habentis coronam in capite; & suprà coronam dictæ imaginis & sub pedibus ipsius, in suprema scilicet, & in inferiori parte sigilli erant signa Regum Portugalliæ: ex altera verò parte sigilli erat imago cujusdam Castri: literæ verò per totum circuitum sigilli ex vtraque parte erant istæ. S. Dominæ Mafaldæ Dei gratia Castellæ & Toleti Reginæ, eadem gratia Sanctij illustris Portugalliæ Regis filiæ.*

Por-

Porque temos atràs bastantemente declarado a sustancia desta escritura : e he bem escusarmos leitura desnecessaria , traduziremos sòmente as palavras que no fim della ajuntou a taballiaõ de seu officio, que pode ser sejaõ bem aceitas dos que naõ sabem Latim, as quais querem dizer:

EU dito taballiaõ Antonio Estevens vi a carta acima escrita com o sello pendente da mesma Raynha, o qual tem de huma parte huma figura de molher que representa estar com manto cuberto, e huma flor na maõ direyta , e a esquerda que lhe fica sobre o peito, parece travada de huns cordoens que saem do manto. E tem na cabeça sua coroa; e por cima della na volta mais alta do sello, e na inferior por baixo dos pès se devisaõ as armas de Portugal. Da outra banda parece hum castello com muytas letras que o rodeaõ , e fazem orla ao sello por ambas as partes , e dizem. Sello de dona Mafalda por graça de Deos Raynha de Castella, e Toledo: e pola mesma graça filha do illustre Rey de Portugal dom Sancho.

Assi teve fim esta tormentosa contenda. E o Bispo, ou que entrasse nella por induzimento, e persuasaõ doutrem : ou que caisse agora na conta do muito que ganhava em seu officio Pastoral com obreyros taõ proveitosos , como cada hora hia conhecendo que o eraõ os Frades, procurou por todas as vias soldar a quebra passada , e sepultar os desgostos passando de enemigo, e persiguidor publico ; a publico bemfeitor , e amigo. E foy o principio acudir ao Convento com copiosas esmollas: e logo no mesmo anno de 1239 enterveyo com sua pessoa , e sinal de sua maõ em huma escritura de doaçaõ que certo devoto fez ao Convento de huma horta que partia com elle. E despois no de 1245 em final de animo verdadeyro, e naõ fingida reconciliaçaõ deu pera a casa duas agoas de humas erdades suas que logo se trouxeraõ , e foy esmola de muita importancia. O assinado que dellas fez original se guarda no Cartorio, e he o seguinte:

NOtum sit omnibus tam præsentibus , quàm futuris has literas inspecturis, quòd ego Petrus Diuina misericordia Portugallensis Episcopus causa eleemosynæ & intuitu pietatis in remissionem peccatorum meorum dono Fratribus Prædicatoribus de Portu duos fontes, quorum vnus ori-

oritur in hortu meo circà quoddam palumbare, alter verò superius circà viam, quæ contigua est iam dicto horto in perpetuum possidendos. Insuper concedo eis liberum transitum tam per loca mea, quàm per loca aliorum, vt possint aquam dictorum fontium ad suum Monasterium ducere liberè & securè: Data charta pridiê Cal. Maij anno Domini M.CC.XLV.

Outra fonte nos deu hum fidalgo da cidade, cujo apellido dura inda hoje nella: chamavase Domingos Gonçalves Ferreira, e sua molher Marinha Mendes. A fonte tem nome da Galvoa. Assi ficou a casa com abundancia dagoa bastante pera cozinha, e horta, mas nenhuma boa de beber. E porque se veja a pouca curiosidade, com que os Religiosos desta casa viveraõ sempre, do que a suas pessoas tocava, ou a bebiaõ assi salobre, e grossa, ou tiravaõ da comida, e das esmolas que pera ella grangeavaõ, quanto bastava pera comprarem melhor agoa. E neste modo de vida perseveraraõ constantemente atè poucos annos ha, que os Padres Menores seus vizinhos trazendo de fòra huma muito boa pera o seu Convento, e naõ tendo outro caminho pera a levarem com commodidade se naõ pola nossa cerca, partiraõ com nosco quanto basta pera suprir a falta, recebendo, e fazendo fraternal caridade. A Igreja como ouve concordia foy logo lageada de sepulturas requestadas à competencia. E porque sobejavaõ requerentes pera outras, e faltava lugar: hum Prior filho do mesmo Convento, a quem nas memorias antigas achamos com nome de dom Frey Pedro Estevens, levantou o grande alpendre que cobre o adro, o qual foy logo povoado de sepulturas, e em parte serve de recreaçaõ, e casa de negocio aos naturaes, ao modo que fazem as grades da Sè de Sevilha aos seus. Porque como a cidade està situada em lugar dependurado, e o Convento lhe fica no meyo, e como no coraçaõ della naõ ha lugar mais a proposito pera ser frequentado dos negociantes, juntandose a commodidade da Igreja, e o emparo que o alpendre dà pera Sol, e agoa A vista dos dormitorios cae sobre o Douro que faz porto à cidade, e lava as muralhas, que decem a beber na agoa. Assi he o posto aprazivel, e sadio. Sustenta o Convento de ordinario vinte, e quatro Frades. Porque dado que a fazenda, que possue de raiz, he muito curta pera tantas bocas: a caridade da terra naõ he hoje menos que naquelles primeiros, e antigos tempos.

CA-

CAPITULO XIV.

Da confraria do santissimo nome de Jesu sita neste Convento : de sua antiguidade , e milagres.

NO anno que el Rey dom Duarte unico deste nome faleceo , padecia o Reino hum cruel açoute de peste , da qual dizem que foy sua morte: e estendendose por todas as Comarcas foy grande o estrago que fez. E como os males de contagiam onde achaõ mais frequencia de gente, ferem com maior violencia , tanto que o fogo delle chegou a esta cidade ateou com tanta força, que naõ se sabiaõ os homens dar a conselho , nem achavaõ remedio humano pera se valer. Muito ordinario he mandarnos Deos trabalhos , pera serem meyo de o buscarmos : e tambem instrumento de nos fazer mercès. Era publico que assolandose Lisboa poucos annos atràs com semelhante praga , se juntara o povo em huma confraria do suavissimo nome de Jesu. E avendo muitos annos que durava sem dar hora de repouso , quasi subitamente desapareceo com este remedio, sendo assi que a confraria se assentou no Convento de S. Domingos polo mez de Novembro do anno de 1432 (como ao diante veremos) e quando veo fim de Dezembro que logo seguio , jà naõ avia mal nenhum. A esta imitaçaõ entrando o anno de 1448 se acordou entre os Cidadaons do Porto instituir huma semelhante Confraria, e junta a terra toda levaraõ com solene procissaõ hum devoto Crucifixo ao nosso Convento , e o collocaraõ em altar particular seu. Mas he dino de muita consideraçaõ que obrando nosso Senhor por meyo desta imagem muy provados milagres em pessoas particulares , naõ foy servido remedear por entaõ a corrupçaõ do ar , e infirmidade publica : antes durou mais alguns annos , despois de cessar por todo o Reyno , clamando a voz do povo , que assi junta costuma muitas vezes acertar nos juizos, que a rezaõ de perseverar era huma tormenta de contradiçoens, que levantaraõ certos homens a seu parecer zelosos , pretendendo tirarnos a imagem , e extinguir a confraria : materia em que ouve seis annos de litigios , e padeceraõ os Religiosos tantas vexaçoens, e trabalhos , que ouveraõ por milagre do Senhor livrallos delles com lhes dar sentença , como deu , em favor. Muitas vezes faz dano trazer de novo à praça negocios pesados , quando o tempo os tem sepultado. Por isso deixaremos em silencio as causas , e autores , e processo destes. E trataremos de alguns milagres dos annos mais vizinhos a esta nossa idade, com que se acreditaõ bem os antigos que naõ ficaraõ em escrito.

1448.

Polo mez de Maio do anno de 1574 mandou o Sacristaõ a casa de huns devotos huma toalha com que estava cingido como he costume o Santo Crucifixo, pera que lha lavassem. Avia nella huma minina de seis pera sete annos, que passava de dous que naõ sahia fòra da porta por estar de todo cega. Fora principio do mal muita copia de humor que lhe acudio aos olhos com taõ grossa , e sobeja inchaçaõ

çaõ sobre elles, que a nenhum remedio obedeceo: e foy deixada dos Medicos por incuravel, entendendose que os devia ter quebrados. Quando viraõ em sua maõ pèça que em tal ministerio servira, chamaõ a minina com alvoroço, e devaçaõ, poemlha sobre a cabeça, e olhos: grita a mãy desfazendose em lagrimas: Ah meu Senhor Jesu Christo, a huma Cananea Gentia curastes vòs noutro tempo a filha atormentada, e a outra Hebrea deu saude a borda da vossa roupa tocada: bem podieis vòs hoje, se quisesseis, dar remedio a huma mãy desconsolada, e a huma criaturinha affligida com tormento de trevas quasi antes de ter idade pera ver, nem de perder a graça que em vosso sangue polo bautismo recebeo. E bem podia ser meyo do que vos peço este lenço, pois servio na imagem que nos està representando o muito que por ella, e por my, e polo mundo todo fizestes. Passadas duas horas foy abaixando a grande inchaçaõ que cubria os olhos da minina, de sorte que começou a abrir o esquerdo, e chamando pola mãy com alegria affirmava que naõ sintia jà pejo nelle, e que via. Naõ podia a mãy crer tamanho bem. Eisque no meyo do alvoroço foiselhe abrindo o outro, e enxugando ambos de maneira, que de cega de todo, ficou sam, e com perfeita vista de todo. Como o milagre foy taõ patente, ouve cuidado de o fazer justificar, e autorizar polo Ordinario. E achamos em lembrança que succedeo em 18 de Maio do anno que temos dito de 1574. E foy o ministro que fez a diligencia o Doutor Joaõ Pais Provisor, e Vigario geral polo Bispo dom Ayres da Silva, e a minina se chamava Elena. Mas naõ espantaràõ menos os que se seguem.

Mat. 15.

Math. 9.

Dezeseis annos avia que Lianor Leitoa moradora na mesma cidade na rua das Cangostas padecia hum estranho mal na cabeça, hora de dores intensas, e intoleraveis, com que lhe acudiaõ huns vomitos de grande tormento: hora com vagados como de mal caduco que davaõ com ella em terra, e ficava sem juizo: e a continuaçaõ destes acidentes a tinha ensurdecido, e todos os dentes taõ abalados que lhe era pena o comer. E o major mal era que com nenhum beneficio da Fisica sintia melhoria. Ouvindo contar o milagre da cega, fezse levar ao Convento, lançouse em oraçaõ diante do altar de Jesu, trouxeraõlhe a toalha, beijoua, e polla sobre a cabeça. Quando se levantou, se achou taõ outra do que viera, que como se aly lhe mandaraõ deixar os males todos, nunca mais sintio nenhum de quantos trazia. Està apontado que o dia, que esteve no Convento, foi aos 16 de Junho do anno corrente de 1574.

Por Agosto do mesmo anno adoeceo de hum prioris Caterina Rabella molher de Martim Ferraz ambos gente nobre, e foy o mal taõ vehemente, que ao seteno desconfiaraõ os Medicos della. Neste estado mandou buscar a santa toalha, e pondoa sobre a cabeça, e chegando huma ponta ao lugar donde mais se dohia, sintio logo que se lhe desfizera huma dureza como taboa que lhe tomava o estamago: e pedio de comer, cousa de

que

que totalmente tinha perdido o gosto. A estes principios sucedeo hum copioso suor, que lançou fora a febre, e a doença. Tambem se autenticou este milagre com ditos de muitas testimunhas. E a enferma em penhor de agradecimento mandou ao Convento hum fermoso cofre de madre perola guarnecido de prata pera servir ao santissimo Sacramento no Sacrario.

Maria Gonçalves molher pobre, que se agasalhava no hospital de nossa Senhora do Cais, avia quasi quatro annos que caindo quebrara o braço direito pola cana junto da maõ. Curouse, sarou do braço. Mas ficaraõlhe tres dedos da maõ encolhidos, e sem uzo, nem movimento nenhum. Ajuntavase andar quasi tolhida de huma perna, que com muito trabalho, e dores arrastava. Chegando o primeiro dia do anno novo de 1575 em que se fazia a festa do nome de Jesu, foyse como pode ao Convento. Posta diante do Senhor chamou por elle com grande fee; e queixandose dos mestres, em cujas maons perdera o pouco que tinha de fazenda, e naõ achara saude, pedialhe que fosse seu mestre, e sua saude, que esta lhe seria tambem fazenda, e remedio na pobreza, e miseria que padecia: tomou a santa toalha com a maõ manca, e beijoua com devaçaõ. Logo na noite seguinte sintio grandes dores que lhe corriam pola maõ, e dedos aleijados atè pola manham: e entrando o dia começou a estender, e endereitar os dedos com espanto de ver que jà naõ estavaõ amortecidos como dantes, mas que os movia, e meneava despejadamente. Conheceo logo donde lhe vinha tanto bem, foy servindo, e trabalhando com elles, e dando graças ao Senhor que pera mayor gloria sua, apoz a cura da maõ, lhe deu tambem saude na aleijaõ da perna.

CAPITULO XV.

De outros milagres do Santo Crucifixo.

MUitos outros milagres achamos postos em memoria, que deixamos por encurtar leitura: e diremos sòmente dous mais insignes, que naõ merecem ficar esquecidos. No Mosteiro de Corpus Christi de Villa nova de Gaia, que fica defronte da cidade na outra margem do rio, e he de Freiras de Saõ Domingos, estava enferma Sor Maria de Bairros professa. Sendo mandada sangrar pera remedio de huma doença, ficou com duas despois de sangrada. Porque o official por desastre, ou pouca destreza lhe picou hum nervo, a que seguio logo grande inchaçaõ no braço, e mayor no lugar offendido, e começarse a tingir todo de nodoas azuis, e verdenegras, acompanhadas de dores crecidas, que faziaõ medo, e indicios de grande mal. E naõ era senhora de o estender, nem bolir. Estando assi aleijada, e naõ melhorando com nenhuma cura de muitas que lhe faziaõ, trouxeraõlhe hum espinho da Coroa do Santo Crucifixo. Era presente a Prioressa, e toda a Comunidade. A enferma com grande fè, e devaçaõ descobrio o braço, lançou fora emprastos, e ataduras: e chega o espinho aonde tinha a origem do mal, e pe-

e pede que alli lho atem, e apertem, que naõ quer outro emprasto, nem outra mezinha. Ajudaraõ as Religiosas sua confiança rezando a Antifona *Christus factus est pro nobis obediens &c.* e a oraçaõ *Respice, quæsumus &c.* com hum *Credo.* Foy principio de milagre que logo aquella noite tomou sono tendoo de todo perdido, e quando amanheceo estava sam, sem aver no braço dor, nem sinal de nodoa ou inchaçaõ. Levantouse logo, foyse ao Choro render as graças ao Senhor. Quando as Religiosas a viraõ postrada nelle imaginaraõ que o poderse vestir, e chegar aly quem estava no estado, em que a tinhaõ deixado a tarde atràs, devia ser força de dores, ou de desesperaçaõ: foraõse a ella lastimadas, e ella levantandose cheya de alegria pedialhes que a ajudassem a dar graças a Deos por tamanha misericordia como lhe tinha feito, e mostroulhes o braço limpo de todo mal. Começaraõ entaõ a entoar todas huma Antifona à santa Coroa, e a enferma pouco despois em testemunho da saude milagrosamente alcançada lançou as maons à corda do sino grande do Mosteiro, e sem outra ajuda o abalou, e tangeo com facilidade: e daquelle dia em diante naõ consintio mais que lhe chamassem Maria de Bairros, se naõ Maria da Coroa.

Em caso de sangria, mas com mayor perigo, foy tambem o segundo que prometemos. Governava a casa, e Corte do Porto o Conde de Miranda Anrique de Sousa decendente do grande mestre da Ordem de Christo dom Lopo Dias de Sousa, e herdeiro, e possuidor de sua casa. Tinha enferma huma filha moça, e de grandes partes. Parecendo que se devia sangrar, perturbouse o official com ser o melhor da terra, de sorte que errou mais onde mais dezejava acertar, e naõ picou nervo que muitas vezes tem facil cura: mas cortou arteria, que poucas he remediavel. Conheceose logo o dano, porque sahia o sangue, naõ com corrente continuada, como faz o das veas, mas com hum movimento interpolado, qual he o do pulso. Ficou o homem fora de si conhecendo o erro. Acudiraõ Cirurgioens, e Medicos, naõ avia tomar o sangue, nem esperança de soldar a arteria respeito da agitaçaõ continua, com que se movem todas imitando a respiraçaõ de que vivemos. Era grande a desconsolaçaõ dos pays, como he de crer, e da enferma que desejava, e merecia viver. Mas crecia o perigo: lembrava, e temiase caso semelhante ao que se tinha visto poucos annos atràs em duas senhoras principaes em Lisboa: huma irmam do Conde de Villa franca Ruy Gonçalves da Camara, outra irmam de dom Jorze de Almeida Arcebispo de Lisboa, que ambas por este modo morreraõ a ferro, e maons de sangradores. Como se vio que naõ obravaõ os medicamentos, antes começavaõ a aparecer sinaes de mayor mal, naõ podendo a enferma repousar com graveza de dores, acudio toda a casa aos remedios do Ceo. E foraõ correndo ao Convento com recado do Governador, que com muita efficacia pedia lhe acudissem os Padres com a santa toalha de Jesu, de quem sò esperava o remedio. Era Prior

o Padre Frey Antonio Mascarenhas. Mandoua com o Suprior, e outro Padre. Foy cousa de maravilha, e de grande gloria, e louvor de Deos. Porque no mesmo momento, que lha poseraõ sobre o braço, foy livre das dores, soldou a arteria, e brevemente cobrou saude: o gosto da qual foy o Governador celebrar no Convento com huma Missa solene no altar de Jesu, e muitas esmollas por graças. Mas agradeceo-a melhor quem a recebeo. Porque dahy a poucos annos do meyo das grandezas, e esperanças da Corte, e casa da Rainha dona Margarida de Austria, a quem servia, soube dar de maõ a tudo, e contentarse com huma cella estreita, e pobre de hum Mosteiro de rigurosa observancia, onde se recolheo, e professou.

Pois tratamos de milagres, que neste Convento teveraõ sua origem, naõ he rezaõ deixarmos de dizer, como sendo os Padres delle ajudados de toda a cidade a festejar a canonizaçaõ do glorioso Saõ Jacinto Frade nosso no anno de 1595 com huma solenissima procissaõ, mostrou Deos aceitar o serviço que se lhe fazia em honra de seu Santo com muy conhecidos, e provados milagres em favor de alguns moradores da mesma cidade. Os quaes naõ especificaremos por serem notorios assi estes, como outros muytos com que o Santo se fez celebre, e estimado por todo o Reyno naquelle tempo: e tambem porque naõ saõ direitamente da obrigaçaõ desta Historia.

CAPITULO XVI.

De alguns filhos deste Convento: e das reliquias que nelle ha. E outras particularidades.

ANtes de entrarmos na materia proposta no titulo deste capitulo, porque ha de ser ultimo das cousas do Porto, farey reposta a huma duvida que se offerece no que temos escrito deste Convento. E he que o Bispo na carta, que escreveo ao Capitulo de Burgos, offereceo Igreja sagrada: e despois dizemos, (e assi consta do Breve do Papa) que elle lançou a primeira pedra na fabrica della. Isto, em que parece aver contradiçaõ, tem duas repostas. Porque ou podemos dizer que se fez de novo somente a Capella mòr, que considerado o estado presente da obra, naõ ha duvida ser edificio mais moderno que o corpo da Igreja, inda que o genero de fabrica seja o mesmo; e nella faria o Bispo a cerimonia dita: com que se ficaõ salvando as palavras do Breve entendendo o todo pola parte: ou que a prometida Igreja seria em posto taõ desacomodado pera se poder estender o Convento, que teriaõ os Frades por menos mal fabricalla de novo em sitio largo, e capaz. Se naõ quizermos dizer que ouve tudo junto, darse Igreja feita, e mais levantarse outra de novo: podendo ser a velha a mesma, que hoje vemos encostada à nova, que he huma ermida a que se sobe por huma escada alta, e ingreme, que por tal descomodidade, e ser cousa pequena naõ escusava o Con-

Convento outra. E he taõ antiga que naõ ha entre nòs memoria de sua fundaçaõ : avendoa dos principios da confraria que nella instituiraõ os mercadores por hum contrato celebrado no anno de 1556 entre o Convento, e os primeiros mordomos.

Agora diremos dos filhos do Convento, e diremos de poucos, e pouco de cada hum, pola rezaõ que muitas vezes tocamos, e muitas nos ha de ser forçado repetir, da humildade, ou brio dos Religiosos daquelle tempo, que queriaõ fazer cousas dignas de escritura, antes que escrevellas, correndose de lançar em livro as que eraõ de honra, e louvor proprio. E quanto à my bastante Cronica he da virtude, e santidade de todos os Padres daquella idade, e muitas ao diante, a Carta do Bispo dom Pedro, e as rezoens com que se deraõ por obrigados (leaõse com attençaõ) elle, e o seu Cabido pera os chamarem, e naõ menos o amor com que toda huma Cidade se armou por elles no tempo dos desfavores do Bispo. Com muita confiança os posera eu em Catalogo de varoens insignes; se soubera seus nomes, posto que de feitos particulares me naõ constara. Mas atè disto foraõ pera com nosco taõ avaros, que sò de Frey Gualtero, e de seu companheiro nos deixaraõ memoria, a qual devemos celebrar por rezaõ de fundadores, e polo peso de trabalhos, e contradiçoens que padeceraõ no officio; e em Frey Gualtero temos mais a opiniaõ que delle teve a Raynha dona Mafalda, como logo se dirà.

A caso achamos lembrança do Mestre Frey Domingos do Porto, nome que por filho do Convento, como era, e natural da terra lhe competia. Foy pessoa de tantas partes de religiaõ, e eminencia de letras, que o escolheo o Papa Nicolao III. pera seu Penitenciario em Roma. E pola grande satisfaçaõ que avia de sua inteireza, e virtude foy conservado no cargo polos successores Celestino Quinto, e Bonifacio Oitavo. De Roma como bom filho reconheceo a mãy que o criara, mandando a esta casa algumas peças de prata ricas pera o altar: entre as quais era hum grande, e fermoso Caliz dourado, e guarnecido de huns engastes de esmeraldas. Mandou mais alguns ornamentos Sacerdotaes, e entre elles avia hum muito rico. A estas peças ajuntou huma copia de dinheyro pera effeito de se lhe fabricar na casa huma Capella de Santa Marta de quem era devoto, com huma enfermaria, de que avia falta. Dura a memoria do que mandou, e ordenou do dinheiro, naõ do que se fez. Elle faleceo em Roma.

Filho era tambem deste Convento, mas de tempo mais moderno, Frey Alvaro do Porto, que polas boas calidades que nelle concorriaõ, achandose em Roma chegou a ser Capellaõ do Summo Pontifice. Mas naõ esquecido do que devia à criaçaõ, mandou algumas esmolas a esta casa, e vive sua memoria na vidraça grande da Sacristia, que fica defronte da porta, que se fez com parte dellas.

Nas Cronicas deste Reyno na parte onde se escreve a jornada que el Rey dom Joaõ o Primeyro fez à Cidade de Ceita em Africa, quando a ganhou aos

Gomezianes L[...] da toma da de Ce[...] ta f. 36.

aos Mouros, achamos apontado, que estando em oraçaõ hum Religioso filho desta casa, huma noite despois de Matinas diante do altar de Nossa Senhora do Rosario, se lhe representou à vista o mesmo Rey armado de todas armas, e posto de joelhos diante da Senhora com as maons ao Ceo levantadas: e vio que lhe metiaõ na maõ huma espada que de luzente, e acicalada lançava de si tal resplandor que naõ tinha comparaçaõ com cousa da terra. E naõ comprendendo quem lha dava, todavia ficou entendendo ser cousa celestial. Naõ declara a Cronica o nome do Religioso: nem nòs o pudemos alcançar por outra via. Gram caso, que contem historiadores seculares cousa de honra de nossa Religiaõ, e pera nòs sejaõ estranhas. Boa prova de nosso desazo no que nos toca, que na verdade tem pouca desculpa.

Ha neste Convento huma reliquia de grande preço, pola calidade della, e pola maõ de que veyo. He huma Cruz feita do sagrado lenho da em que padeceo Nosso Salvador. Foy dadiva da Raynha dona Mafalda, que tambem falecendo nos quiz obrigar com novos penhores, alem dos que nos deu de sua devaçaõ em vida, que temos contado. E he de considerar, que acabando seus dias no Mosteyro de Arouca, onde ficava sepultada, quiz antes pera nòs esta preciosa reliquia, que pera o seu Mosteiro. Que naõ pode ser mayor prova de amor, e da grande opiniaõ que tinha dos moradores do nosso. Deixou-a em testamento com declaraçaõ que fora de Santa Elena, que he ponto de muyta sustancia, porque se naõ devia fundar em congeituras leves. Deixounos mais outra reliquia de valor, que he hum osso do Santo Martyr Saõ Bras. E ajuntou às reliquias huma honrada esmola de duzentos morabitinos, que se eraõ douro, valia cem mil reis, como atràs fica dito, e cem medidas de paõ, que declara seja do melhor do seu celeiro de Bouças. A verba do testamento, que se guarda no Convento, he do teor seguinte.

Mando Monasterium fratrum Prædicatorum de Portu crucem de ligno Domini, quæ fuit de Sancta Helena: & os Sancti Blasij, quod dederunt mihi Hospitalarij, & ducentos Morabitinos veteres, & centum modios de pane meliori cellarij mei de Baucis. Esta he a verba: o testamenteyro foy Frey Gualtero, que entaõ tinha o cargo de Prior do Porto; e pois esta Princeza o escolheo pera tamanha honra, bem conhecia que estava nelle bem empregada.

De tempo immemorial vai todos os dias hum Religioso desta casa à Sè, ler huma liçaõ de casos de consciencia aos Clerigos, e todos os mais que querem ser ouvintes. Por este trabalho daõ os Bispos huma esmola perpetua.

Da mesma maneira vay outro visitar todas as nàos estrangeiras, principalmente as que vem de terras sospeitosas de heregia, pera se evitar a entrada de livros danados. He commissaõ que os Priores tem do Inquisidor geral.

CA-

CAPITULO XVII.

Da fundaçaõ do Real Convento de Lisboa.

O Convento de S. Domingos de Lisboa he obra Real des da primeira pedra. Foy fundador el Rey dom Sancho Segundo no nome, e Quarto no numero, e ordem dos Reys deste Reyno. Constanos por documentos autenticos que temos vivos em sua origem no Cartorio delle, os quais daremos tresladados de verbo ad verbum, e traduzidos em vulgar, assi por honra do autor da obra, que na verdade era de seu natural pio, e amigo da Religiaõ, como porque naõ faltaõ escritores que queiraõ dar esta fundaçaõ a seu irmaõ, e successor no Reyno o Conde de Bolonha, que foy dom Afonso III. dos Reys deste nome. A rezaõ que teveraõ huns foy tirada da pedra que hoje vemos sobre a porta das graças do mesmo Convento, (chamamos porta das graças a que dà serventia da Igreja pera o claustro: e o nome he do effeito de entrarem por ella os Religiosos quando saem do Refeitorio, e vaõ juntos ao Coro dar graças ao Senhor polo paõ cotidiano, e encomendarlhe juntamente as almas de todos aquelles que com suas esmolas nos ajudaõ a sustentar.) E porque, como a letra della faz autor do edificio do templo a el Rey dom Afonso, tomando o todo pola parte, naõ era engano muito culpavel, mas foy engano. Outros considerando o estado do Reyno quanto ao governo publico, e aos sojeitos que aviaõ de povoar a casa, deviaõ ter por impossivel que em tal tempo se desse consintimento pera a fabrica, e era o discurso acertado. Porque do governo estavaõ apoderados homens, de cujos costumes, e consciencias avia queixas publicas: e o gasalhado avia de ser pera Religiosos, cujas prègaçoens jà entaõ eraõ huma perpetua invectiva clara, e descuberta contra esses mesmos homens (muitas vezes o temos apontado atràs obrigados do curso da Historia, que pera ser entendida nos força a repitir as mesmas cousas mais de huma vez.) Mas soltase a duvida com duas rezoens muito achadas. A primeyra da bondade del Rey que amava a virtude nos mesmos que lhe eraõ pesados, e sofria o seu desgosto a troco do que ganhava o povo em os ter consigo. A segunda da manhà, e artificio dos poderosos privados: que como todo animal, por tosco, e inhabil que seja, he por natureza pera sua conservaçaõ engenhoso, ou se queriaõ congraçar com os Frades que temiaõ, ou vender hypocresia ao Summo Pontifice que a el Rey, e a elles reprendia: e daqui nacia que folgando el Rey de edificar, naõ resistissem elles. Assi foy a obra del Rey dom Sancho, seu o pensamento, sua a traça: e o principio no anno do Senhor de 1241, e no mesmo aceitada pola Ordem, sendo Provincial o Santo Frey Gil, prerogativa grande deste Convento. Quiz el Rey que ouvesse no começo toda solenidade Ecclesiastica. Estava Lisboa em Sede vacante, aproveitouse de hum Bispo Estrangeiro que andava na Cidade. Pediolhe por car-

1241.

carta sua que fizesse a cerimonia. Deraõ sua licença o Dayaõ, e Cabido. Com ella poz o Bispo a primeyra pedra no edificio, ao que se pode colligir, por fim de Fevereyro, ou entrada de Março (porque do dia preciso naõ consta) do anno seguinte de 1242, e passou sua certidaõ do feito estando em Santarem, que he do teor seguinte.

1242.

F. *Dei gratia Regensis Episcopus vniuersis præsentes literas inspecturis salutem in Domino. Cum essemus in Vlisbonensi Diœcesi constituti, Dominus Rex Portugalliæ precibus apud nos institit, speciales nobis literas destinando, vt in quodam loco circà civitatem Vlisbonensem, qui dicitur Corredoura, vbi Monasterium Ordinis Fratrum Prædicatorum construere proponebat, primarium lapidem poneremus. Vt autem nobis licitè competeret, preces regias effectui mancipare, fuerunt nobis ex parte Capituli Ulyssiponensis, eadem Ecclesia debito Pastore vacante tales literæ præsentatæ. Notum sit omnibus præsentes literas inspecturis, quòd nos Decanus & Capitulum Ulysbonense damus licentiam Fratribus Prædicatoribus construendi Monasterium apud Ulisbonam. Intelligimus etenim quòd hoc proueniat ad honorem Ecclesiæ nostræ & salutem animarum. Et vt hæc concessio robur obtineat firmitatis, sigillo nostro eam fecimus communiri. Datum apud Ulisbonam XIII. Kal. Nouembris anno Domini* 1241. *Item aliæ sub hac forma. Venerabili in Christo Patri ac Domino F. Dei gratia Regensi Episcopo Capitulum Vlisbonense reuerentiam cum salute. Paternitatem vestram duximus attentiùs deprecandum, quatenus in eis, quæ Fratribus Prædicatoribus nostræ Diœcesis, quæ ad officium Episcopale spectant, occurrerint necessaria, dignemini Episcopale officium exercere, Dominationi vestræ super prædictis celebrandis licentiam tribuentes. Datum apud Ulisbonam quinto Idus Februarij. Harum igitur autoritate literarum voluntati prædicti Regis inclinati in prædicto loco primarium lapidem imposuimus ad Monasterium Fratrum dicti Ordinis construendum. Datum apud Sanctarem septimo Kal. Aprilis anno Dom.* 1242.

A tra-

A traducçaõ he.

F. Por merce de Deos Biſpo Regenſe a todos os que as preſentes letras virem ſaude no Senhor. Achandonos no Biſpado de Lisboa, nos mandou pedir por carta ſua o Senhor Rey de Portugal, que lançaſſemos a primeyra pedra no edificio do Convento que pretendia fazer pera os Frades Prègadores no ſitio que chamaõ a Corredoura junto à Cidade de Lisboa. O que querendo nòs pòr em execuçaõ, pera o podermos legitimamente fazer, eſtando a dita Igreja, como eſtà, em Sè vacante, nos foraõ preſentadas humas letras de parte do Cabido della, cuja ſentença era eſta. Saibaõ quantos eſtas letras virem, que nòs Dayaõ, e Cabido de Lisboa damos licença aos Frades prègadores pera edificarem Moſteyro neſta Cidade. Porque entendemos que reſultarà de tal obra honra pera noſſa Igreja, e ſerà meyo de ſalvaçaõ pera as almas. E pera que eſta licença tenha força, e vigor, a confirmamos com noſſo ſello. Em Lisboa aos vinte de Outubro anno do Senhor 1241.

Tambem nos foy dada huma carta do meſmo Cabido que continha o ſeguinte.

AO veneravel em Chriſto Padre, e ſenhor F. Biſpo Regenſe, o Cabido da Sè de Lisboa, reverencia, e ſaude. Pareceonos pedir com boa conſideraçaõ a V. P. que nas occaſioens de neceſſidade, que aos Frades Prègadores ſe offerecem em couſas tocantes ao miniſterio Epiſcopal, ſeja voſſa Senhoria ſervido executallo, porque pera as tais lhe damos licença. Em Lisboa nove de Fevereyro. Por tanto em virtude deſtas letras deſejando nòs ſatisfazer ao dito Senhor Rey, fomos ao ſitio acima declarado, e aſſentamos a primeyra pedra pera ſe proſeguir a obra do dito Convento que ſe determinava fazer. E eſta paſſamos em Santarem aos 26 de Março anno do Senhor de 1242.

Por esta certidaõ do Bispo, que inclue outra certidaõ, e carta do Cabido, se deixa bem ver que naõ foy outro o fundador do Convento se naõ el Rey dom Sancho, visto como nestes annos de 241 e 242 reynava pacificamente, e basta nomearse o anno, inda que se naõ declare o nome do Rey. E de naõ esperar polo Bispo proprietario, que devia estar eleito, e naõ confirmado: nem por outro do Reyno, que fora cousa facil, se collige claramente que avia apetite na obra, e desejo que corresse logo: segundo a qual vontade, e o pouco feitio das nossas fabricas naquella bendita idade, que sò nas do espirito se alargava, e esmerava, podemos ter por certo que foy dizer, e fazer: isto he que foy o Convento logo acabado. E temos bom argumento no testamento que este Rey pouco despois fez no desterro de Toledo, no qual deixando esmolas, como atràs contamos, pera as obras do nosso Convento de Santarem, porque sabia estarem em aberto, nenhuma mençaõ fez do de Lisboa, como de casa perfeita de todo ponto, e sem necessidade. E na verdade pera dormitorios, e officinas terreas, feitas à medida de nossas constituiçoens, e pera Igreja proporcionada poucos meses bastavaõ de trabalho.

Achamos por memorias antigas que entrava por este sitio hum grande esteyro do mar, que devia ter fundo pera agasalhar navios: do que vimos por nossos olhos certeza, naõ sò conjeituras no anno de 1571 quando se abriaõ os alicesses pera o dormitorio que agora serve. Porque se descobriraõ sylhares de pedraria bem lavrada, e a partes grossas argollas de bronze travadas, e pendentes della, como em caiz, pera servirem de amarrar navios: e por outra parte montes de casca de marisco. Donde naõ fica sendo maravilha que ouvesse outro tal esteyro, que subisse atè o Mosteyro de Chellas polo valle de enxobregas, no tempo que aly aportaraõ as reliquias dos Santos Martyres, sendo o caso succedido muytos centenares de annos antes, como atràs contamos.

Restanos declarar a terra, e nome do Bispo estrangeiro, ou a rezaõ de darmos seu nome em cifra, e o Bispado quasi da mesma maneira. Quem tiver lido com attençaõ o que temos escrito atè aqui, naõ creo que me pedirà rezaõ da Cifra, pois nos temos queixado do termo de escrever antigo no que pertence a nomes proprios; em que muitas vezes he necessario adivinhar, e neste nos aconteceo o mesmo. Da Igreja naõ temos duvida que seria à de Regensburgh em Alemanha, cujo nome Latino he Ratisbona.

CAPITULO XVIII.

Funda el Rey dom Afonso Terceiro a Igreja grande do Convento, fazlhe doaçaõ de muitos chaons, e terras à roda. Contaõse alguns trabalhos que ouve na casa por cheyas, e tremores de terra.

NAõ eraõ bem passados seis annos despois de acabado o Convento por el Rey dom Sancho, quando seu irmaõ, e successor el Rey dom Afonso mostrando bem a differença que

vay de homem a homem na condiçaõ, e grandeza de animo emprendeo a maquina do templo que hoje vemos, maquina famosa pera o tempo presente, quanto mais pera o antigo, que bem olhada por toda parte, e considerado o pouco que entaõ era Portugal està testemunhando em seu autor hum espirito merecedor de grandes Reynos. E ou fosse porque a Igreja que seu antecessor fizera naõ era capaz do povo que se ajuntava às prègaçoens, e officios Divinos: ou que quizesse mostrar a devaçaõ que tinha à Ordem, e o que lhe devia polo muyto que os filhos della trabalharaõ no negocio de sua entrada, e successaõ no Reyno por mandado do Summo Pontifice: e juntamente pretendesse illustrar a cidade com magnificencia de edificios, que he a cousa que mais emnobrece os lugares grandes, naõ esperou pera lhe dar principio mais que assentar os negocios do Reyno. E entrando o terceiro anno de seu Reynado, que foy quarto despois de chegado a Portugal, porque o nome de Rey naõ tomou senaõ por morte de seu irmaõ dom Sancho que viveo hum anno em Toledo, poz maõ na obra com taõ boa vontade que em termo de dez annos a deu acabada. Tudo consta de huns versos Latinos abertos de letra Gotica em huma pequena pedra sobre a porta das graças, como atràs tocamos. E saõ os seguintes.

Strenuus Alfonsus Rex Quintus Portugalensis,
Illustris Dominus Comitatus Boloniensis,
Qui dilatauit regnum patris, & reparauit,
Ac extirpauit prauos, hostes superauit,
Istius Ecclesiæ iecit fundamina magnis
Sumptibus, egregiè compleuit quinque bis annis.
Annos millenos Domini, deciesque vigenos,
Ac quinquagenos, minus vno, collige pleno.
Cum Rex incipiens opus hoc produxit in esse
Annos tres faciens ex quo Rex cœperat esse.

A este modo de versos com respondencia de consoantes nos cabos chamaraõ Leoninos os que os começaraõ a usar. Introduziraõse no mundo, quando foy faltando a policia da lingoa Latina, e a viveza de sua Poesia. Durou esta em quanto Roma triunfava, entrou a bastarda, e barbara com a declinaçaõ do Imperio. Devia nacer o nome do primeyro autor da invençaõ, porque a calidade della naõ merece por si nome magnifico, visto como aquillo mesmo, em que foy fundar sua graça, que he junta de consoantes, sempre se reprovou entre os bons Poetas Latinos, e lhe chamavaõ cacofonia, que he o mesmo que huma falsa na musica, ou desentoamento que offende as orelhas. Mas podemoslhe conceder o nome honrado à conta de que fizeraõ

zeraõ paſſagem, e como fundamento pera o genero de Poeſia vulgar que hoje uſamos, agradavel já, e bem recebido à força do tempo, e do coſtume. E tornando à Hiſtoria a ſignificaçaõ delles he eſta.

O valeroſo Afonſo dos Reys de Portugal em ordem Quinto, ſenhor illuſtre do Condado de Bolonha, que o Reyno de ſeu Pay reſtaurou, e alargou, e alimpou de gente roim, e desbaratou ſeus enemigos, foy o que fundou eſte templo com grandes deſpeſas, e o acabou com toda perfeiçaõ em eſpaço de dez annos. Corria o do Senhor de 1249 quando começou a obra, e avia tres que reinava.

Iſto he o que dizem os verſos. Pera os naturais naõ ha que advirtir nelles, porque he a hiſtoria mais trilhada de quantas ha no Reyno. Aos de fòra advirtiremos que ſe naõ enganem com eſta Bolonha pola ſemelhança que tem no nome com outra de Italia. Eſta, de que falamos, he em França, ſeu nome oje Bilhon, o ſitio, ſobre o mar Oceano, a Provincia, Picardia. Era Condado honrado, e rico: a ſenhora delle viuva, e moça. Caſou dom Afonſo com ella pera viver, porque era pobre Infante ſem terras, e ſem herança. Fez o caſamento ſua tia a Raynha de França dona Branca irmam da Raynha de Portugal dona Urraca ſua mãy. Chamavaſe a Condeſſa Matildes, e naõ ouveraõ filhos.

Se ſobre tanta clareza ouver ainda algum eſcrupuloſo que todavia queira por fundador do Convento a eſte Rey antes que a dom Sancho, remetoo ao teſtamento do meſmo Rey dom Afonſo, e peçolhe que ſe naõ deſengane ſem o ver. He feito em Lisboa a 23 de Novembro de 1271 alguns annos antes que faleceſſe. Nelle acharà que deixando eſmolas a todos os Conventos do Reyno, quando fala no de Elvas diz que ſe lembra delle, porque o fundou, e ſaõ as palavras formais: *Item Fratribus Prædicatoribus de Elbis centum libras, quia ego fundaui Monaſterium hoc in hæreditate mea.*

E deixando a eſte de Lisboa a eſmola dobrada, ou por ſer caſa de mais Frades, ou porque ſe mandava depoſitar nelle, naõ lhe dà titulo de obra ſua, como dera, ſe o fora, pola aventagem que avia de hum a outro.

Ficou eſte Convento, polo que temos moſtrado fabrica de dous Reys, e dous irmaons: mas ſem lhe porem por iſſo nenhuma carga de obrigaçoens: tambem lhe naõ deixaraõ ordinaria nenhuma, nem eſmola perpetua ſequer pera reparo do edificio, ou pera as alampadas, como puderaõ fazer, (inda que noſſas Communidades viviaõ entaõ ſem rendas) com particular applicaçaõ: devia ſer naõ quererem os Prelados quebrar hum ponto da obſervancia das leys admittindo em caſa rendas, por muy juſtificado que foſſe o titulo. O que sò admittiraõ foy, a fim de ficarem os Religioſos livres de perturbaçaõ de vizinhos, huma doaçaõ que el Rey dom Afonſo lhes fez deſpois da Igreja levantada, dos chaons, e terras que cercavaõ o Convento; começando das que ſe eſtendiaõ atè onde agora he a porta de Santo Antaõ: por onde corria a eſtrada que chama-

vaõ a Corredoura: e voltando sobre a maõ direita, assi como agora sobe o muro atè o postigo de Santa Anna, e decendo com elle atè o baixo onde saõ os canos da Mouraria: e daly corrēndo pera a Igreja de S. Matheus, por onde hya outra estrada, e dando volta polo que agora he a rua da Betesga, ficando dentro desse circuito, e como em Ilha a Ermida de Saõ Matheus com as casas do Conde de Monsanto, e tudo o que toma o hospital del Rey, atè tornar àjuntar com o Convento. Naquelle tempo eraõ terras devolutas de que o povo se servia sem aver dono particular dellas, em telhaes, e fornos de tijolo por huma parte, e por outra em sementeiras de ferregeais, e hortaliças. O muro, que hoje as cinge, se lançou longos annos despois como a cidade foy em crecimento. Esta mercè que entaõ se aceitou por ser de terra desaproveitada, e baldia, e sem olho a interesse, veo despois a importar muyto. E importara mais, se el Rey dom Joaõ Primeyro naõ tomara ao Convento o grande sitio que occupou com a Real fabrica do seu hospital.

Assi como o Convento era aprasivel por desabafado, e livre de sogeiçaõ em quanto estava fora de povoado: assi despois que a cidade se alargou, e foy crecendo, e caminhando pera a grandeza que hoje tem; ficou no melhor posto della entre todos os Conventos. Porque està como no centro, e coraçaõ do lugar, na parte mais plana, e mais habitada, e de mais concurso delle; e suas portas na melhor praça. Mas como em tudo ha defeitos, pagaraõ os Religiosos estas commodidades no tempo antigo com muitos medos, e perigos, e no presente tambem com alguns. Era a causa que nos primeiros annos antes de aver edificios à roda, todas as agoas que corriaõ do monte, e campo de Santa Anna, e do grande valle, que ainda hoje se chama da Mouraria, vinhaõ demandar os muros da Igreja, e Convento, como a huma barreira: e tanto que as invernadas passavaõ do termo ordinario, o que muitas vezes acontecia, faziaõ nelle grandes danos: principalmente succedendo decer a força das agoas da terra em conjunçaõ de alguns estos mayores do mar, porque entaõ naõ sò ficava impedida a vazante às da terra, mas ajudavaõse suas enchentes com o crecimento do mar, e do Rio que tambem sahia de madre: e toda esta furia vinha a cair, e quebrar sobre o Convento. Achamos posto em lembrança que alguns annos se viraõ os Religiosos em grande trabalho. Assi devia ser em huma famosa chea de que faz mençaõ o livro das Calendas da Sè, que deu muyta perda na cidade, e foy em 4 de Janeiro de 1343. Mas quarenta e hum annos despois no de 1384 em 24 de Outubro foraõ as agoas taõ crecidas, taõ arrebatadas, e impetuosas, que assolaraõ toda a cerca do Convento, e levantaraõ nelle altura de quatro covados, e meyo de agoa (assi o apontaõ as memorias que temos) e deixando feita irreparavel destruiçaõ em todas as Officinas, foraõ sair polas portas da Igreja com tal força, que arrombaraõ as paredes de que era

1343.
1384.

cer-

cercado o Alpendre; e como toda a casa era terrea, foy lastimosa cousa o estado em que ficou tudo o que avia de ornamentos, livros, provisaõ, camas, e vestidos. Pera naõ aver mortes valeo o pouco sono, ou a vigia continua dos Frades. Em semelhante aperto se acharaõ muytos annos a diante no 1488. de 1488 huma Terçafeira 16 de Setembro. E foi mayor o perigo, porque veyo o diluvio repentinamente, e em tempo que ainda se naõ temia nem esperavaõ agoas: e engrossou tanto, que naõ foy bastante pera lhe dar evasaõ a grande madre do cano que corre por detràs do Convento que a cidade tinha mandado abrir com grande despesa tanto pera este fim, como pera limpeza da terra, e pola capacidade, e largueza, que tem, he chamado Real. Estiveraõ os pobres Frades alagados com altura de dez palmos dagoa por toda a casa (saõ palavras formais da lembrança, que era altura de huma braça de craveira.)

De todos os Reys, em cujo tempo succederaõ estas cheas, o primeiro que se doeo dos que padeciaõ os tormentos, e medos dellas, foy el Rey dom Manoel, que por esse respeito mandou derribar todo o edificio velho que era terreo, e fez lavrar, e levantar de novo hum dormitorio alto. Assim acabou a antiguidade da vivenda baixa que a todos dava cuidado. E naõ estaõ em pequena obrigaçaõ por tal obra a este Rey os Religiosos que se acharaõ no Convento por Dezembro do anno passado 1618. de 1618; no qual veo sobre elle huma força de agoas semelhante àquellas antiguas no impeto, e abundancia, e tambem na occasiaõ de marè; e achando porta aberta na cerca que era servintia de obra que se fazia em casa de Noviços, meteo dentro hum mar de agoa com tal furia, que em todas as officinas baixas subio oyto palmos, e em algumas mais. Valeo muito a diligencia, e animo do Prelado: a diligencia em fazer dar saida às agoas, e o animo pera reparar as perdas sem se sintirem em casa, e sem ser pesada fòra, nem aos amigos que jà apercebiaõ as bolsas pera grossa despesa.

Mas o reparo que el Rey dom Manoel fez contra as agoas naõ bastou contra os outros elementos. Vieraõ tremores de terra em lugar dos diluvios, com igual medo, e mayor risco. E succedeo nesta cidade hum entre outros no anno de 1531 huma 1531. Quinta feira 26 de Janeiro com abalos taõ descompassados que se fez sintir por mais de sessenta legoas de distancia, e assolou lugares inteiros por todo Ribatejo, e por outras partes: e em Lisboa poz por terra muitas casas fazendoas sepulturas de seus donos. As ruinas que ouve entaõ neste Convento se deixaõ entender do grande dano que recebeo a Igreja: porque sendo fundada sobre firmissimos alicesses com paredes de grossura, e fortaleza pera muros de huma cidade, abriraõ todas as naves de alto abaixo, e ficou o corpo todo taõ estroncado, e desliado de membros, que por mais diligencias que se fizeraõ pola fortificar, polo alto com grossas linhas de ferro, e polos lados com escoras de grandes botarèos de can-

cantaria, foy com tudo necessario desfazer despois grande parte della, e reedificalla de novo, como se fez polos annos de 1566 ajudando todos os moradores da cidade a obra com tanto ardor, e vontade, como se tocara sò a cada hum o bem della.

1566.

CAPITULO XIX.

Da antiguidade, e devaçaõ da Ermida de nossa Senhora da Purificacaõ que communmente se chama da Escada.

HE contigua ao corpo da Igreja deste Convento, e quasi como parte, ou capella della da banda do Evangelho a Hermida que o povo chama de nossa Senhora da Escada (sendo seu proprio, e antigo titulo da Purificaçaõ) por ser casa de sobrado, e se sobir a ella por muitos degraos de huma escada de pedra que cae nò adro, e circuito que antigamente tomava a alpendorada que ficava diante della, e da porta principal da Igreja. A forma do edificio he estar assentada sobre firmes abobadas de tres ou quatro capellas, que tem seus arcos, e serviço no andar da Igreja, e abrir sobre ellas huma grande janela rasgada, e taõ alta que fica sendo tribuna muy commoda para toda a Igreja, defronte das capellas de Jesu, e do Rosario. Que rezaõ ouvesse pera tal sorte de fabrica nem se escreve, nem se comprende. Alcançalla por discurso he trabalho sem fruito, como serà tambem querermos averiguar os principios de sua fundaçaõ, onde naõ ha escritura que nos dè luz. Muytos concordaõ em ser a primeira casa que na cidade se edificou a nossa Senhora despois de lançados os Mouros. Mas he maravilha, se assi foy, naõ se falar nella na certidaõ do Bispo Regense pera confrontaçaõ do nosso Convento quando começava, nem em outras memorias delle. Se naõ quizermos dizer que nos ficava longe antes de edificada a Igreja por el Rey dom Afonso, e que esta foy meyo de a fazer nossa. O que consta de certo he que de tempos muito antigos foy frequentada com devaçaõ, e romagem, naõ sò do povo, mas tambem dos Reys. Do primeiro fundador naõ ha memoria. Reformador sabemos que foy della hum Pedrafonso Mealha vèdor da fazenda, e valido del Rey dom Fernando, que tem sua sepultura em huma das Capellas que lhe ficaõ debaixo: e merecenos bem esta lembrança, pola que elle teve do remedio deste Convento deixandolhe a Quinta que temos em Almada junto a nossa Senhora da Piedade, que he boa parte da sustentaçaõ delle. E de em tal tempo estar a ermida necessitada de reparo se collige bem que teria jà bons annos de ansianidade. Mas naõ faltaõ outros indicios que lha confirmaõ. E seja o primeiro acharmos em memorias antigas que todas as procissoens que a cidade ordenava, ou pera pedir a Deos remedio em necessidades publicas, ou pera lhe dar graças por mercès recebidas, a esta Ermida vinhaõ. Nas Cronicas do Reyno se lè que avendo guerra entre elle, e o de Castella, pola successaõ del Rey dom Joaõ o Primeyro, fez a cidade alguns votos pola vitoria: e entre elles prometeo hu-

Cronica del Rey dom Joaõ I. p.2.c.4.

huma prociſſaõ perpetua a eſta Ermida. Naõ ſerà deſagradavel aos curioſos lançarmos aqui hum pedaço de capitulo da Cronica deſte Rey, pera ſe ver a Chriſtandade de noſſos antepaſſados em negocear com Deos, e a veneraçaõ que tinhaõ à Ermida: e irà na meſma lingoagem, e termos do Croniſta, e diz aſſi.

EA fòra as preces, e oraçoens que por eſto cada dia tinham ordenado fazer, juntaraõſe todos na Camara da cidade, onde tinhaõ de coſtume de falar ſeus feitos. E mandaraõ chamar peſſoas Religioſas, Doutores, Meſtres em Theologia pera averem com elles conſelho, como averiaõ a Deos em ſua ajuda, e amanſado de alguma ſanha ſe contra elles por ſeus peccados tinha. (*E mais abaixo,*) e por tanto os officiais, e homens bons dos meſteres ouvindo as palavras daquelles Padres Prègadores, e querendo ſeguir ſeu conſelho, vendo como per muitos annos o povo da cidade fora amoeſtado em prègaçoens, que ſe partiſſe de alguns peccados, e danados coſtumes dos Gentios que ſe em ella de longo tempo uſaraõ, mormente erros de idolatria. (*E hum pouco adiante*) Por ende eſtabeleceraõ, e ordenaraõ prometendo a Deos guardar pera ſempre por ſi, e por ſeus ſucceſſores, que day em diante na cidade, e em ſeu termo nenhum naõ uzaſſe de feitiços, nem de chamar Diabos, nem deſencantaçoens, nem ſonhos, nem lançar roda, nem ſortes, nem outra nenhuma couſa a que a arte de fiſica naõ conſinta. E mais que nenhum naõ cantaſſe Ianeiras, nem Maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtaſſem agoas, nem lançaſſem ſortes, nem obſervança que a tais feitos pertença. E porque o carpir ſobre os finados he coſtume deshoneſto, e decende dos Gentios, ſendo eſpecie de idolatria defeza por Deos em ſeus mandamentos: por ende ordenaraõ, que homem nem molher nom ſe carpiſſe, nem depenaſſe, nem bradaſſe ſobre algum finado, poſto que foſſe padre, ou madre, nem filho, nem hirmaõ, ou marido, ou molher: nem por outra nenhuma perda, nem nojo: mas trouxeſſe ſeu dò, e choraſſe honeſtamente: e quem o contrario fizeſſe, que pagaſſe certa pena de dinheiro, e teveſſe o finado oito dias em ſua caſa. E porque os coſtumes dos Gentios ſe uſavaõ

vaõ em certos dias do anno, assi como dia de Janeiro, e dia de Mayo, e dia de Santa Cruz: estabeleceraõ que cada anno pera sempre fizessem tres Procissoens por estes dias. A primeira na Sè Catredal, a segunda a Santa Maria da Escada por devaçaõ da Madre de Deos, a terceira que fosse a Santa Cruz por seu serviço, e honra &c. *Atè aqui saõ palavras da Cronica.*

A primeira cousa que a cidade fez tanto que pola vitoria se vio obrigada ao comprimento destes votos foy ajuntar huma geral, e extraordinaria Procissaõ de todo o estado, e sexo de gente, e sem exceiçaõ de pessoa vieraõ todos descalços render as graças por meyo desta Senhora ao Senhor dos exercitos, que he o que dà as vitorias, como, e quando, e a quem he servido, e com aquella quasi milagrosa deu por entaõ paz, e quietaçaõ no Reyno affligido.

Seguiraõse logo as Procissoens prometidas nos dias assinados. A que tocava a esta Ermida em primeiro dia de Mayo se ordenou sempre com particular pompa, e solenidade. Punhase a casa de festa, armada de tudo o bom que avia na terra, e ornada de toda a frescura de flores, e boninas que traz Abril: recebia a Procissaõ com solene Missa, e prègaçaõ. Esta Procissaõ continuou assi longos annos, e por este dia. Mas despois que pareceo estar conseguido o fim pera que fora inventada de extinguir as profanidades gentilicas que se uzavaõ em tal dia mudouse com bom conselho pera o da vocaçaõ da Ermida, que he o segundo de Fevereiro da Purificaçaõ da Virgem. Neste ficou continuando perpetuamente por este modo. Saõ mordomos sempre da Confraria da Senhora dous Cidadaons, os quais com o povo que se junta em grande numero assistem ao officio da bençaõ das Candeas que se faz na Capella de Jesu, e della vaõ em Procissaõ com suas vèlas acesas nas maons à Ermida em companhia de todos os Religiosos do Convento, que cantaõ a Missa solemne da Festa, e ha prègaçaõ. Por este meyo se trocou a superstiçaõ danada em Festas religiosas, e santas, e foraõ arrancados os màos abusos Gentilicos. E he cousa averiguada que foraõ autores deste artificioso conselho os Frades desta Ordem, e em especial o Mestre Frey Vicente de Lisboa, Provincial de Castella, e Portugal, e Inquisidor geral de ambos os Reynos antes da divisaõ das Provincias, como adiante o dirà a Historia. Entenderaõ aquelles Padres com bom discurso que sofre mal nossa natureza mudanças subitas, inda que sejaõ pera bem, e que folga de ser enganada: uzaraõ de manha, acabou ella com suavidade, o que a violencia pudera endurecer mais.

P. 2. No Convento de Benfica.

Mas naõ era menos a devaçaõ que os Reys tinhaõ a esta Senhora, e Ermida. El Rey dom Joaõ o Primeiro a mandou em sua vida renovar com curiosidade. E despois no cabo della es-

estando enfermo em Alcouchete da doença de que faleceo, e sintindose acabar, mandouse trazer a Lisboa, e antes de entrar em sua casa veo a esta a despedirse, e tomar a bençaõ da Senhora della, e encomendarlhe sua alma, e seus Reynos. Daqui se foy pera os Paços do Castello, onde se finou brevemente.

Este mesmo respeito, e devaçaõ permaneceo como por erança em seus filhos, e nos Reys seus successores. El Rey dom Duarte seu filho, e primeiro successor acrecentou a Ermida, e a poz no estado, e capacidade que hoje tem, e lhe fez esmola pera arder huma alampada perpetua diante da Senhora.

O Infante Santo dom Fernando irmaõ del Rey dom Duarte quando se quiz embarcar pera a infelice jornada de Tangere, em que ficou cativo, nesta Capella se confessou, e commungou: e daqui se foy meter na nào, e na mesma hora se fez à vèla com toda a Armada em dia de Santiago do anno 1437. Morreo este Infante no cativeiro por occultos juizos daquelle Senhor, que tudo governa com summa providencia, e justiça: mas esta Senhora o animou nos trabalhos, e consolou no ultimo artigo da morte aparecendolhe visivelmente, e certificandoo da gloria que naquelle mesmo dia o esperava: como adiante o contaremos.

1437.

Com melhor successo fez semelhante despedida seu sobrinho el Rey dom Afonso Quinto filho del Rey dom Duarte no anno de 1471, quando foy tomar Arzila, e Tangere aos Mouros. Acompanhado de toda a Corte veyo visitar a Senhora na manhã do dia de sua gloriosa Assumpçaõ, a quinze de Agosto. Ouvio Missa, e deixandolhe esmola pera arder outra alampada perpetua com a de seu pay, se foi embarcar, e no mesmo dia sahio do porto.

1471.

Em caso muito differente mostrou elRey dom Manoel a veneraçaõ que em sua alma tinha a esta Ermida. Porque dandose por muy offendido, como era rezaõ, do desastrado caso que em seu tempo succedeo no anno de 1506 da matança dos Judeus, que de fresco eraõ bautizados, e mandando que no Convento de S. Domingos naõ ficasse nenhum Frade, porque nelle tevera principio a desordem: logo exceituou o que tinha a seu cargo a Ermida, e este sò ficou. Apontaõ as memorias antigas que ajudou a boa tençaõ del Rey ser o Frade varaõ santo, e por tal avido em toda a cidade.

1506.

Naõ discrepou delle el Rey dom Joaõ Terceiro seu filho, quando foy o tremor da terra que atràs contamos do anno de 1531. Como o Convento ficou todo desbaratado, e posto em ruina, pedindolhe o Prior, que era Frey Afonso de Madail, esmola pera o reparo, mandoulha dar bem grossa, mas com distinçaõ declarada da parte que dava pera remedear o dano que ouvesse na Ermida, e na nave da Igreja que sobre ella cae, como parte, e membro da mesma Ermida.

1531.

CAPITULO XX.

Da vida, e morte do Padre Frey Fernando do Cadaval Capellaõ de nossa Senhora da Escada.

O Cargo desta Ermida foy sempre costume andar em Frades velhos, e de virtude callificada. Por morte do que assima dissemos que o servia em tempo del Rey dom Manoel, deuse a hum bom velho muito pio, e singello que tinha bem servido a Ordem, sendo muitos annos Mestre de noviços no Convento, e alguns Supprior. Era seu nome Frey Fernando do Cadaval. Vendose o velho sacristaõ da Senhora, ouvese por largamente pago dos trabalhos da longa vida: e era grande o gosto, e cuidado com que se empregava em seu serviço. Quando pola manhã hia abrir as portas chegavase ao altar, falava com a Senhora, encomendavalhe sua alma, e sua vida, pedialhe favor, e ajuda pera a servir bem aquelle dia, e em quanto vivesse. Despois de falar com a Virgem, olhava pera o minino que tinha em seus braços, e como se o vira nelles quando a Senhora o criava, e na mesma idade que aly representava, dezialhe seus requebros, e com santa simplicidade, e licença dos annos (que quando saõ muitos se tornaõ a igualar com os dos mininos) estendia as maons, e os braços, e dezialhe que se viesse pera elles, e deixasse os da mãy sagrada; e com palavras pueris, e imperfeitas offerecia darlhe algum mimo da cella. Quando vinha à tarde fechar suas portas, e concertar as alampadas, rezava suas devaçoens à Senhora: e por remate dezialhe, que se acabava o dia, e entrava a noite, avisando a quem era velho como elle, que naõ podia tardar cerrarse tambem o dia de sua vida, e entrarlhe por casa a noite da morte. Que pera entaõ avia mister seu socorro, entaõ se lembrasse de quem folgava de a servir agora. Despediase logo do minino com novos amores, e pedialhe a maõ pera lha beijar, e prometia buscar que lhe trazer pera o dia seguinte. Tornava pola manham cheyo de alvoroço pera aquelle santo trato, e nelle andava taõ embebido, e afervorado, que de nenhuma cousa outra da vida tinha lembrança. As primeyras violetas, que em Lisboa traz Dezembro dando novas antecipadas do veraõ, as primeyras rosas de Março começando a desabotoar, os cravos, as mosquetas, e jasmins, tudo buscava segundo os tempos pera o seu minino; e pondolhe nas maons o que trazia, fazia offerta da innocencia de sua alma, que ao Senhor mais agrada, accommodando ditos, e galantarias à idade de quem o recebia.

Assim continuava o velho o serviço de sua capellania: e naõ se descuidando nelle hora nem momento, quiz o Senhor dos Ceos tambem por meyo da mesma imagem, em que era venerado, corresponder a sua devaçaõ, e consolallo. He cousa certa, e que foy vista, e notada por Padres que algumas vezes o acompanhavaõ, que indo pola manham cedo abrir a sua Ermida, achava o minino Jesus assentado no meyo do altar sobre

a pe-

a pedra de ara. Ali eraõ novos amores, e o abrasarse em devaçaõ: tomavao nos braços, e como outro Simeaõ pedialhe licença pera acabar ali a vida, porque a alma naõ era capaz de tamanho gozo, como recebia em tal estado: e beijandolhe os pès tornavao ao collo da Virgem. Outras vezes fazialhe perguntas como a minino, pera que decia ao altar, aonde teria frio: porque deixava os peitos da Senhora, em que estava mais abrigado, e melhor agasalhado: e por remate tornavao a seu lugar. Està a Imagem da Virgem sobre o altar assentada em hum nicho alto, mas em sitio taõ firme, e seguro que sabidamente naõ era possivel cair o minino de noite: e quando succedesse acaso alguma vez, naõ podia ser tanto a miude, como era achado embaixo: e quando demos que cahia muitas vezes, naõ se pode conceder que sempre caisse direito, e assentado em hum mesmo lugar. Por onde naõ ha duvida se naõ que era obra do Altissimo pera consolaçaõ daquella alma pura, como vimos que o fazia em Santarem agazalhando os mininos innocentes, e mostrandolhes que aceitava os seus almorços. Pera confirmaçaõ disto sabiase que naõ entrava pessoa viva na Ermida despois que a fechava; porque era taõ vigilante no serviço, e taõ cioso della, que naõ fiava de ninguem as chaves, e dormia com ellas à cabeceira. Consideravase tambem que avia mysterio em o minino ficar sempre assentado sobre o altar, porque era necessario dobrarse, e fazer postura, e geito muito differente do que tem nos braços da Senhora: pera o que naõ dava lugar sem milagre a materia de que he feito, que he pào. E em fim tudo estava persuadindo obra do Ceo, e fòra do natural. Mas o bom velho, acontecendolhe isto amiude, veo a sintir o que lhe custava tornallo à Senhora: porque era força pera o fazer, subirse sobre o altar: e hum dia queixouse à Virgem dizendolhe com muitas lagrimas, e com simplicidade, e candideza de pomba, qual era a de sua alma, que aquelle seu indigno Capellaõ era muito velho, e naõ tinha jà forças pera subir tantas vezes sobre o altar a entregarlhe o minino Jesus; que lhe pedia naõ no largasse de si, e a elle forrasse tamanho trabalho. Mas o Senhor naõ deixava de exercitar o seu velho naquella facil penitencia, em que avia mais de mimo, que de fadiga: e algumas vezes, que naõ decia, fazia que quando vinha pola manham achasse sobre o altar o chapeozinho que tinha na cabeça, que tambem era impossivel cayr sem mysterio, porque no lugar naõ ha vento: e dado que o ouvera encaixava na Imagem tanto ao justo, que naõ era leve de tirar, quanto mais de cayr. E o bom velho, inda que pesado, e cansado, naõ queria dar aquelle cargo a outrem, subia ao Altar custandolhe muyto, e cobria o minino.

Mas naõ tardou novo exercicio de paciencia. Eisque abrindo hum dia pola manham, como costumava, suas portas, acha apagada a alampada que he obrigaçaõ arder dia, e noite. Pareceolhe grave culpa, sintioa, deceo os degràos que saõ muitos pera a Igreja a buscar lume.

Quando tornou o outro dia, tornoua a achar morta: entendendeo que era cousa feita à maõ, e à sinte: porque o tempo estava quieto, a casa bem fechada, o azeite limpo. Entaõ se queixou, e chorou: e acendendoa foyse ao minino, e em todo seu siso lhe disse com efficacia, que pois via quaõ velho, e fraco era pera sobir, e descer muitas vezes taõ comprida escada, tevesse elle cuydado de vigiar a sua alampada, e naõ consintir que lha apagassem, porque dali lha entregava. Porem o Senhor inda o quiz provar outra vez: quando veyo pola manham achou tudo às escuras: creceo a paixaõ, sintindo com seu trabalho a pouca reverencia de ficar a Senhora sem luz. Foyse ao minino, queixouse delle, pediolhe conta do descuido em cousa que tanto lhe encomendara: mas querendo tomar a escada pera yr buscar lume, eisque subitamente a vio aceza. E desde aquella hora nunca mais se lhe apagou. Foy opiniaõ dos Frades que o Demonio lhe fazia estes tiros pera o tentar, e provocar a ira: e fundavaõse em saber que o perseguia com muitos outros. Porque humas vezes lhe aparecia em figura muy propria de quem elle he, que era de porco, e grunhindo: e o Santo velho, naõ fazendo caso delle, estendia a ponta da correa, e disciplinavao com ella. Outras vezes recolhendose pera a cella, achavao na cama, e na mesma figura estirado entre as mantas: e com muito descanço, e sem nenhum pavor (que pouco teme varas, e beliguins quem naõ deve à justiça) reprendiao, e dizialhe palavras formais: *Naõ vos tenho eu avisado, dom previsso, que me naõ entreys nesta cella: sus, levantar dahi muyto nas màs horas, que essa cama he muyto estreita pera dous. Quanto mais que naõ aceito eu taõ roim companhia.* E o enemigo desaparecia logo. Continuou o Santo velho muytos tempos com esta vida, e sempre com raro exemplo de virtude. Em fim foyse pera o Ceo cheyo de annos, e merecimentos em sete de Outubro de 1555.

CAPITULO XXI.

Do Padre Frey Matheus de Ogeda Capellaõ de Nossa Senhora da Escada.

SUccedeo a Frey Fernando no serviço da Ermida, e devaçaõ da Virgem outro velho taõ antigo na Ordem, e na idade como elle, e naõ menos estimado por religiaõ, e pureza de vida. Este foy Frey Matheus de Ogeda, nacido em Burgos nas montanhas, filho de pay Portuguez, e mãy Biscainha, da qual tomou o apellido. Veyo a esta provincia por companheiro do Padre Frey Jeronymo de Padilha, quando por mandado del Rey dom Joaõ se começou a reformaçaõ por meyo de alguns Padres de grande observancia que de Castella deceraõ a seu chamado, dos quais Frey Jeronymo vinha em primeyro lugar. E vindo a tal officio, bem acreditada fica a virtude do companheyro que pera elle escolheo. Era a virtude grande, e igual a habilidade em materia de papeis. Juntava com ella facilidade no negocear, e huma certa brandura natural com que se fazia amar

amar de ſubditos, e Prelados: de ſorte que morto o Padre Frey Jeronymo, fez o meſmo officio com outros quatro Provinciais ſucceſſivamente, e ſempre com ſatisfaçaõ de todos. No meſmo anno em que veyo ſe perfilhou por eſte Convento: e quando faleceo Frey Fernando do Cadaval, paſſava Frey Matheus muyto dos ſetenta annos. Aſſi pareceo por todas as rezoens que ſeria digno ſucceſſor do defunto: e bem o moſtrou nos annos que viveo, que ainda foraõ muitos, e vividos todos com ſingular exemplo de vida Contaõ os antigos que ſendo eſte cargo como genero de jubilaçaõ, e hum modo de ficarem apoſentados, e izentos de obrigaçoens os que tem trabalhado, e ſervido: elle o entendeo taõ differentemente, que ſervindo a noſſa Senhora com todo cuidado na ſua Ermida, nunca faltava de matinas no Convento. E affirmaſe delle que em todo o tempo que neſta Provincia reſidio, que foraõ trinta e oyto annos, nunca faltou nellas em qualquer Convento, que ſe achaſſe, nem uſando do privilegio que a força dos negocios dava quando era Companheiro, nem do mais forçoſo a que o obrigava a idade deſpois de apoſentado. Antes aconteceo que andando jà muito no cabo, dous annos, ou pouco mais, antes que faleceſſe, por ſe entender que tinha quaſi cento, foy mandado recolher na enfermaria pera ſer tratado como enfermo, pois era baſtante doença tamanha velhice. E com tudo ainda entaõ ſe fazia força, e naõ deixava de yr todas as noites rezar com a communidade as matinas de noſſa Senhora, dando fermoſo exemplo a todo o Convento. Parece que ou podia mais o habito continuado de tantos annos, que a fraqueza natural: ou que a obrigaçaõ de Capellaõ da Virgem lhe dava animo, e alento.

Mas he caſo quaſi prodigioſo que em quanto eſte Padre viveo, nenhum trabalho o quebrantava, nem o medo da morte o fazia buſcar mimos ou commodidades. Na grande peſte, que no anno de 1569 aſſolou Lisboa, ſendo feridos alguns Religioſos no principio do mal, quando fazia mais terror, e tudo era fogir; Frey Matheus os viſitava todos polo menos duas vezes no dia, e os confeſſava, e aſſiſtia com elles quando ſe lhe adminiſtravaõ os ſacramentos, e entravaõ em artigo de morte; e ſempre acudia ao officio da comendaçaõ da alma a cada hum. Nem os deixava deſpois de ſalecidos, antes quando ſe davaõ os corpos à terra tinha elle por devaçaõ levar a Cruz diante, e neſte miniſterio acompanhou aos que em caſa morreraõ, e aos que arriſcandoſe voluntariamente à morte com ſanta, e Religioſa caridade acabaraõ curando os enfermos na Caſa da Saude. Porque ſeus corpos eraõ trazidos ao cemiterio commum do Convento. Mas naõ faltarà quem diga, que pouco faz quem deſpois de vividos noventa annos, como elle jà entaõ tinha, deſpreza a morte, conforme ao dito do Tragico.

1569.

Fortem facit vicina libertas ſenem. Seneca tragic.

Querendo dizer que naõ faz muito em moſtrar valentia contra as carrancas da morte, quem po-

pola muita idade se vè abraçado com ella. Porem naõ corria esta rezaõ em Frey Matheus. O que o fazia animoso era huma vida religiosa, e austera continuada por discurso de longos annos em pureza de costumes. E o que lhe conservava a saude era huma firme resoluçaõ com que vivia de se naõ poupar, nem buscar mimos ou commodidades, traz que muitos a perdem. Porque estas saõ a verdadeyra peçonha, e destruiçaõ della. Quem acabarà de persuadir esta verdade no mundo! He a vida humana hum vaso de vidro muyto delicado: e o vidro naõ o quebra tanto sua fragilidade, como o receyo, e sobejo cuidado, com que seu dono se vigia de que naõ quebre, empapelandoo, e resguardandoo mais do que merece, como disse hum antigo.

Martial. epig. l. 24.

Frangere dum metuis, frangis crystallina: peccant
Securæ nimium, solicitæque manus.

Naõ obrigava menos a Frey Matheus a vencer todos os medos, e trabalhos sua grande caridade, que era hum fogo perpetuo em que ardia, e com que dezejava de se desentranhar pera acudir a todos os necessitados, e que delle se queriaõ valer. Assi com tantos annos de companheiro dos Prelados mayores, e huma vida taõ larga, naõ avia cella mais falta de tudo que a sua, nem Frade mais pobre no trato de sua pessoa que elle, grande amigo de fazer por todos, grande precatado em naõ ser pesado, nem dar molestia a ninguem. Avia jà vinte annos que servia de sacristaõ da Senhora, e pouco menos de dous, que estava recolhido na enfermaria: e sendo julgado por homem que corria em perto de cento de idade, era todavia robusto, e andava em pè. Mas ou que fosse discurso de bom juizo, qual foy sempre o seu, ou algum aviso secreto do Ceo, que elle nunca publicou: entrou hum dia pola cella do Prior, que era o Padre Frey Estevaõ Leitaõ, que acaso estava acompanhado de muytos Religiosos, e era hum delles quem isto despois apontou: e alvoroçandose todos com sua vinda, porque todos o amavaõ, e dezejando entender que occasiaõ o trazia aonde nunca vinha: assentouse, e despois que descansou hum pouco, propoz assi. Nosso Padre Prior, inda que dizem que naõ ha ninguem taõ velho, que naõ possa viver hum anno: segundo o que sinto, esta regra naõ se entende jà em my. Muitos annos ha que ando no cabo da viagem, mas agora estou jà no porto. Minha condiçaõ foy sempre naõ dar pena a ninguem: com tudo naõ se poderà escusar levarem meus irmaons comigo algum trabalho: quero dizer no officio da sepultura: que na doença, e morte espero em nosso Senhor que lhes naõ hey de ser penoso. Venho pedir a vossa Reverencia huma caridade, a qual he que pera o dia, que assi se cansarem comigo, mande dar a toda a Communidade ao jantar huma pitança de arroz doce. Apercebiase o Prior pera lhe responder à vontade, segundo mostrava na boa sombra com que o ouvia: E elle indo por diante, disse: e pera isto lhe peço que receba esta esmola que agora me deraõ. Sem dizer mais levantouse, entregou a esmola,

Tullius lib. de senect.

que

que se vio serem dez cruzados, e tornou pera a enfermaria.

Passados poucos dias, entrando o mez de Janeiro de 1576, quando veyo a vespera dos Reys soou polo Convento que morria Frey Matheus. Juntouse a Communidade, acharaõ que se hya apagando aquella candea, por lhe faltar com a muita idade alimento, que detivesse nos membros a luz da bendita alma. Porque naõ tinha febre, nem frio, nem outra doença: e assi se foy na mesma noite receber com gloriosa morte o premio de huma santa vida. Teveraõno os Frades no Choro em quanto durou a Missa da festa, e prègaçaõ, e teve sempre o rosto descuberto, porque estava naõ sò bem assombrado, mas com huma cor rosada como de vivo. E por ser sua pessoa, e virtude muy conhecida de todo o auditorio, naõ foy parte a Festa pera tolher ao prègador fazer delle huma honrada memoria. Acabada a Missa, foy levado à sepultura polos mesmos Ministros assi como estavaõ revestidos de festa em ornamentos de brocado, e cores, seguindo toda a nobreza, e povo que em tal dia concorre em grande numero ao Convento, como se foraõ a triunfo, naõ a mortuorio.

CAPITULO XXII.

Da origem, e principio que teveraõ na Ordem de S. Domingos os Altares, e Confrarias do nome de Jesu.

ENtre grande numero de Irmandades, que em serviço de Deos Nosso Senhor, e de seus santos estaõ nesta Igreja instituidas, he a primeira em calidade, e quasi em antiguidade, a do nome de Jesu. Para se entender o fundamento, e origem della, he de saber que governando a Igreja universal o Papa Gregorio decimo, e dezejando com paternais entranhas que todos os fieis em reconhecimento do muito que devemos ao Salvador do mundo Christo Jesu verdadeiro Deos, e homem, venerassemos com cordial affeito seu glorioso nome: pera que desta veneraçaõ resultasse alcansarmos delle novas mercès nas continuas necessidades de què nossa vida sempre anda cercada, passou hum Breve ao Mestre Geral da Ordem de S. Domingos Frey Joaõ de Vercellis, cujo treslado tirado do seysto das Decretais, onde anda lançado, he o seguinte. Decret.

GRegorius Episcopus seruus seruorum Dei, dilecto filio Magistro Ordinis Fratrum Prædicatorum Salutem & Apostolicam benedictionem. Nuper in Concilio Lugdunensi duximus statuendum, vt ad Ecclesias humilis sit, & deuotus ingressus, & sit in eis quieta conuersatio, Deo grata, inspicientibus placita, quæ considerantes non solum instruat, sed reficiat: conuenientes ibidem nomen id quod est super omne nomen, à quo aliud sub cælo non est datum homi-

hominibus, in quo ſalvos fieri credentes oporteat, nomen videlicet Jeſu Chriſti, qui saluum fecit populum ſuum à peccatis eorum, exhibitione reuerentiæ ſpiritualis attollant. Et quod generaliter ſcribitur, vt in nomine Jeſu omne genu flectatur, ſinguli ſingulariter in ſe ipſis implentes, ſpecialiter dum aguntur Miſſarum ſacra myſteria, glorioſum id nomen quandocunque recolitur, flectant genua cordis ſui, quod capitis inclinatione teſtentur. Ideoque dilectionem tuam rogamus, & hortamur attentè per Apoſtolica tibi ſcripta mandantes, quatenus tu, & fratres tui Ordinis, cum vos populis contigerit proponere uerbum Dei, populos ipſos ad præmiſſa efficacibus rationibus inducatis. Ita quòd proinde retributionis die præmium poſſitis promereri. Datum Lugduni Xij Calendas Octobris, Pontificatus noſtri anno tertio.

Em vulgar reſponde aſſi.

GRegorio Biſpo ſervo dos ſervos de Deos, ao amado filho o Meſtre da Ordem dos Prègadores ſaude, e Apoſtolica bençaõ. No Concilio, que pouco ha celebramos na cidade de Liaõ, nos pareceo conveniente mandar ordenar, e decretar, que pera que em todos os fieis aja grande cuidado de entrarem nas Igrejas com humildade, e reverencia, e nellas aſſiſtaõ com tal ſoſſego, e compoſtura, que a Deos agrade, e aos que a virem alegre, e naõ sò ſirva de edificaçaõ, e doutrina a quem a vir, e conſiderar, mas tambem de recreaçaõ: todos, os que em tais lugares ſe juntarem, honrem com particulares moſtras de reverencia, e devaçaõ eſpiritual aquelle nome que he ſobre todo o outro nome, nome que fòra delle naõ ha debaixo do Ceo outro, em que ſe poſſa eſperar ſalvaçaõ. Eſte he o nome de Jeſu Chriſto que veyo remir ſeu povo, e livrallo do cativeiro dos peccados: e cumprindo cada hum particularmente aquilo a que todos eſtaõ obrigados, que he humilharſe todo o Chriſtaõ, e dobrarſe todo o joelho com reſpeito, e humildade ao nome de Jeſu: principalmente o façaõ quando forem preſentes ao ſanto Sacrificio da Miſſa, dobran-

brando os joelhos de suas almas, e humilhandose todas as vezes que nella se ouvir este Divino nome, e testemunhem com inclinaçaõ exterior da cabeça a que interiormente lhe fazem com a vontade. E por tanto a vossa caridade rogamos, e consideradamente exhortamos por estas letras Apostolicas, a vòs com especial commissaõ dirigidas, que todas as vezes que vòs, e vossos Frades prègardes ao povo, trabalheis por lhe persuadir com efficacia de rezoens o que assima dizemos, e o façais de maneira que no dia da paga geral do Senhor possais merecer o galardaõ de bons servos. Dada em Liaõ aos vinte de Setembro no terceiro anno do nosso Pontificado (cahio este anno no de Christo de 1274, porque foy eleito este Pontifice no mez de Julho de 1271.)

Visto o Breve polo Padre Geral, e entendida por elle sua santa tençaõ, teve por especial honra da Ordem huma commissaõ de tanto serviço, e gloria do Senhor. E com diligencia o espalhou em copias por todos os Conventos, e provincias da Christandade, encomendando a seus filhos com vivas, e fervorosas palavras a execuçaõ delle. Tomaraõ os Religiosos a peito o mandado do santo Pontifice, e a amoestaçaõ de seu Prelado com tanta vontade, que naõ avia prègaçaõ, nem pratica espiritual, nem ainda conversaçaõ, em que naõ dessem grande parte a esta devaçaõ. Lembravaõ com encarecimento aos fieis o respeito que se devia àquelle santissimo nome, recontavaõ suas soberanas prerogativas, descobriaõ o tezouro que nelle se encerra das altas misericordias que o Senhor obrou na salvaçaõ do genero humano. Como se falava com gente pia, e catholica, foy grande ò fruito que colheraõ de seu trabalho. Porque naõ ha duvida que a estremada reverencia, com que hoje o vemos venerado de todo Christaõ, teve principio nesta diligencia, sendo assi que naõ ha lugar na Christandade taõ apartado do trato, e policia civil, nem taõ agreste, e rude, onde se naõ reconheça o preço do glorioso nome de Jesu com geral humilhaçaõ de corpos, e cabeças, em soando nas orelhas, e com claros sinais que està bem arreigada nos coraçoens a estimaçaõ delle. E isto bem se deixa entender que ficou como erança recedida dos primeiros ouvintes despois que em suas almas se fundou com aquellas continuadas, e devotas amoestaçoens dos Prègadores, a que foy encomendado o cargo. Assi podemos à boca cheya dizer que pola boa industria, e cuidado delles vemos hoje cumprida a palavra do Apostolo na parte que lhe faltava das criaturas da terra: quando o Pontifice ouve por necessario os officios em suas letras encomendados, pois dellas parece que devia aver nota-

vel esquecimento na Republica Christam da obrigaçaõ que era reconhecerem as criaturas terrestres a este divino nome com publicidade, e exterior demonstraçaõ, aquella mesma vassalagem, com que por dito do Apostolo se lhe humilhaõ, e sogeitaõ ao seu pezar as infernais, e com gosto, e alegria as celestiais, e Angelicas.

Mas naõ parou nos Religiosos o dezejo de bem servir com os bons effeitos que viaõ presentes. Consideraraõ que convinha força de artificio contra a fragilidade, e pouca constancia da memoria humana. E inventaraõ logo pera espertadores continuos della os altares que levantaraõ por todos os Conventos, e Igrejas da Ordem, dedicados particularmente ao bom Jesu. Por maneira que nos Frades de S. Domingos quasi he taõ antiga como a mesma Ordem, a posse que temos da companhia de Jesu, e dos seus altares, e serviço, naõ per eleiçaõ nossa, se naõ por ordem, e mandado do mesmo Senhor, pois nos veyo por commissaõ do Principe supremo da Igreja Catholica, seu vigario na terra. Levantados os altares, ficou dado principio às Confrarias. Porque ordinario he naõ se instituir nenhuma, sem preceder como fundamento o altar do Santo ou Santa, em cuja veneraçaõ se unem os devotos com comformidade de irmaons. Mas naõ era ainda entaõ conhecido este bom modo de obrigar a Deos. Conheceose muytos annos despois, e começou neste Convento de S. Domingos de Lisboa, e no altar, e nome de Jesu (pera prospero, e felice successo de todo semelhante serviço) como logo veremos.

CAPITULO XXIII.

Da occasiaõ, e tempo em que foy instituida a primeira Confraria do nome de Jesu no Convento de S. Domingos de Lisboa.

REinando em Portugal o valeroso restaurador do Reyno, e da liberdade dom Joaõ o primeiro (que por tal merece naõ ser nunca nomeado sem o titulo saudoso de boa memoria, que o consintimento commum de todas as idades lhe tem dado) foy Deos servido castigar a terra com huma corrupçaõ pestilencial do ar, que sendo cruel matadora por todo o Reyno, em Lisboa, e seus termos fez cruelissimo estrago. Acudia o povo desta cidade a Deos amiudando oraçoens particulares, e gerais: e as que mais continuava eraõ em Procissoens de quasi cada dia a nossa Senhora da Escada na Ermida de que pouco ha falamos. Com a occasiaõ de povo junto em lugar taõ vizinho, mandavaõ os Prelados que ouvesse prègaçaõ na nossa Igreja todas as vezes que vinhaõ, pera dar animo aos affligidos, e se aliviar a tribulaçaõ que era muy crecida. Continuava quasi sempre o pulpito nestes dias dom Frey Andre dias de Lisboa: o qual sendo natural della, e Frade nosso passou a Italia, e veyo por suas letras, e grande espirito, e eloquencia a ser eleyto polo Papa em Bispo de Mègara antiga cidade da provincia de Achaia em Grecia: mas tirando por elle o amor da patria, como os Portuguezes saõ taõ affeiçoados a este pe-

pequeno torraõ de ſeu nacimento, quiz antes viver pobre, e privàdamente entre os ſeus, que mandar nos eſtranhos: tornou ao gremio, em que nacera, e vivia contente com o pouco que lhe rendia o Moſteyro de S. Joaõ da Alpendorada, de que el Rey o fizera commendatario. Faziaõno muito ouvido a dignidade, e partes que temos dito. E elle compadecido das calamidades, que via em ſeus naturais, trabalhava por ſe aventajar a ſi meſmo: e como prègador de eſpirito Apoſtolico, ainda que de ſua colheita tinha ſer agradavel às orelhas com a muſica da lingoagem, e partes de eloquencia, empregava todo ſeu eſtudo em buſcar meyos pera levantar as almas deſmayadas, e caidas com o peſo da tribulaçaõ, a ſe armarem chriſtammente contra ella com armas de paciencia, e amor de Deos, e eſperança firme nelle: affirmando que eſta era a verdadeira cura, e triaga contra o veneno dos males que padeciaõ: que aſſi fariaõ rendoſa a pena das mortes do filho, do pay, do irmaõ: aſſi tirariaõ merecimento dos trabalhos, e das miſerias miſericordia, e ſobre tudo que naõ avia mais certo meyo de aplacar a Deos que pòr os olhos em Chriſto Jeſu cordeiro innocentiſſimo pregado na Cruz. Aqui paravaõ todos ſeus diſcurſos. Aqui lhes deſcobria altos tezouros de conſolaçaõ, moſtrando como eſte Senhor daquelle trono que pera ſalvar o mundo enfermo eſcolhera nelle, eſtava dando exemplo, e liçoens de ſofrimento, de caridade, e confiança, pera que naõ ouveſſe nenhum homem taõ affligido que com tal eſpelho diante dos olhos naõ cobraſſe animo, e alivio, e boa eſperança. Logo exhortava com eſtranha vehemencia, e rezoens ſaidas da alma, que ſe queriaõ ver fim ao mal, todo homem ſe empregaſſe de coraçaõ em ſer devoto do nome ſacratiſſimo do bom Jeſu, que era couſa certa, e por certo o affirmava, que hum Senhor que taõ atribulado fora por valer a homens, quando lhe naõ mereciaõ nada, ſe doeria, e averia miſericordia dos que via atribulados, que remidos jà com ſeu ſangue todavia fazia por lhe merecer alguma couſa. Outras vezes naõ ſaindo do meſmo conceito, perſuadia que todo homem trouxeſſe o ſanto nome continuamente naõ sò na alma, mas tambem na boca: naõ sò na alma, e na boca, mas que o trouxeſſem eſcrito ſobre o peito, e o mandaſſem pintar ſobre as portas das caſas: que ſem duvida ſeria remedio poderoſo pera o Senhor amanſar ſua ira. Acendiaſe a gente affligida em amor do affligido Jeſu, e no meyo das mortes aceleradas, caindo aqui huns, ali outros, andava todavia o ſagrado nome nas bocas de todos, louvavaõno com paciencia os que morriaõ, louvavaõno, e davaõlhe graças os que ficavaõ, eſcreviaõno, pintavaõno.

Quando o Prègador vio, e entendeo taõ boa diſpoſiçaõ, encheoſe de confiança que naõ podia o Senhor faltar com ſua miſericordia; e propoz em hum Sermaõ que ſe ordenaſſe huma Confraria, e que foſſe o titulo do nome de Jeſu: affirmando conſtantemente que o benditiſſimo Jeſu, que he fonte de piedade, uſaria della com todos os

que folgassem de ser seus irmaons, e Confrades; e por meyo delles com toda a terra: que olhassem que sò nisto estava chegar o remedio de tantas calamidades, e tanta desaventura, como cada hum via em sua casa. Dezia isto, e repetiao com grande efficacia, e jà era pedida de muitos a Confraria, e desejada de todos: mas ou fosse porque nas cousas boas nunca faltaõ impedimentos, ou porque as muitas mortes tiravaõ o juizo, e o conselho, naõ acabava de aver resoluçaõ. Entre tanto crecia o dano da contagiaõ com furia terribel, naõ avia casa, nem homem seguro: mais fero, e mais pernicioso contra os mais robustos, era tiro de fogo, que apontava, e derribava, feria, e matava tudo junto. Mas o que naõ tinha reparo, e que sò com o medo tirava vidas, era que o ar corruto, e venenoso despois de enterrar hum, e muitos, naõ se enterrava nem acabava com elles: vivo, e inteiro ficava em qualquer peça de vestido, e em qualquer dobra de pano por pequena que fosse, daly como de emboscada acometia de novo a quem se atrevia a tocallo, e com a mesma violencia o matava, que fizera ao que jà estava tornado cinza. Fazendo isto grande força ao Bispo pera bradar, e rogar, e instar, em fim foy Deos servido que se veyo a assentar, e fundar a Confraria dia sinalado, vespera da Presentaçaõ de Nossa Senhora vinte de Novembro do anno do Senhor 1432. Era Domingo, e 1432. prègava o mesmo Bispo, declarou do pulpito o que estava assentado, e advirtio juntamente, que acabada a Missa avia de benzer agoa em nome do bom Jesu Autor, e Senhor da Confraria, pera que a levassem pera casa, e a communicassem aos enfermos. Foi recebida a nova com extraordinario alvoroço, e alegria, como bem estreado prognostico do que logo succedeo: e naõ avia homem que quizesse ficar fòra da Irmandade, nem sayr da Igreja sem sua parte da agoa. Assi esperaraõ todos atè que acabada a Missa sahio o Bispo vestido em Pontifical, e subio ao altar de Jesu. Era o povo tanto que naõ cabia na Igreja. Estava posta abaixo dos degràos huma grande talha de agoa. Benzeoa com as bençoens costumadas da Igreja, com muita solenidade, e devaçaõ de sua parte, e infinitas lagrimas dos assistentes, porque nenhum avia em tamanha multidaõ, que naõ tevesse ou esperasse em sua casa occasiaõ dellas: e he cousa averiguada que muitos estavaõ feridos despois de entrarem na Igreja, polo muito que se reforça, e aviva em qualquer ajuntamento o fogo da contagiaõ. Carregou logo tanta gente pera participar da agoa benta, que sem se poderem valer os dianteiros pola pressa, e aperto que faziaõ os que ficavaõ detràs, foy a talha derribada, e a agoa derramada. Mas naõ se perdeo, antes foy occasiaõ o derramarse de chegar aos mais afastados, e tocando todos as maons, e os lenços nella, soubese com certeza, que logo dos feridos, que eraõ presentes, sararaõ muitos; e dos ausentes, a quem se levou, hum grande numero. O que foi occasiaõ de o Bispo benzer outra mais vezes, porque era buscada de toda a cidade como unico

co antidoto contra o mal, e com effeitos taõ certos em calidade, que affirma o Bispo por letra sua em hum livro daquelle tempo, que se guarda na Confraria, que naõ eraõ acontecidas em toda a Christandade junta de cem annos atràs tantas, e tais maravilhas. Encarecimento que sò a taõ santo varaõ se pode crer. Mas pera que em nenhum tempo possa aver duvida nem dos milagres, nem do encarecimento, creceraõ elles de maneira, que dentro de quarenta dias contados daquelle Domingo em diante se vio o mal de todo acabado: e no fim de Dezembro eraõ jà entradas na cidade muitas familias inteiras de gente nobre, que na força do trabalho se tinha retirado a suas Quintas: e agora acudiaõ tanto às novas da saude, como do novo, e santo remedio della.

CAPITULO XXIV.

Ordenase solene festa no Altàr de Jesu, por graças da saude: fazemse Compromisso, e Estatutos da Confraria.

PAreceo entaõ que seria justo daremse graças ao Senhor pola saude, e milagre della. E ordenouse huma solene festa no Altar de Jesu, a quem se devia, pera em seu dia, que foy o primeiro do mez, e do anno seguinte de 1433, e nelle se fez com assistencia de toda a nobreza, e povo da cidade, e sendo presente o Padre Mestre Frey Gonçalo Mendes Provincial desta provincia de Portugal, jà entaõ separada de Castella, e o Padre Frey Vicente da Azoya, Prior do Convento, a quem os livros da Confraria nomeaõ por Doutor. E no mesmo dia à tarde, (taõ acesa andava a devaçaõ em todos) tornaraõ ao Convento, e juntos com os Religiosos deraõ ordem que começasse a correr, e exercitarse a Confraria decretada. E o primeiro auto foy que todos os que se tinhaõ declarado por Confrades, e de novo se declararaõ, fizeraõ eleiçaõ de sete Irmaons pera a começarem a servir, e governar com titulo de hum Juiz, hum Mordomo, hum Escrivaõ, e quatro conselheyros. Foy segundo acordo comprometeremse todos nos sete eleitos pera ordenarem com maduro conselho hum Compromisso das leys que fossem convenientes pera bom governo da Confraria, e mayor gloria do Senhor, com declaraçaõ que o pudessem logo mandar confirmar polo Summo Pontifice. Dado este assento, e tomado por escrito, e assinado, achamos nas lembranças que duraõ na Confraria, que foy tamanho o contentamento em todos, que naõ cabendo nos peitos tresbordou por fòra, a huns brotando polos olhos em lagrimas, a outros movendo pès, e maons pera darem saltos no meyo da Igreja, e voltas no ar, sem mais som que o de seu prazer, dizendo, e repetindo com a lingoagem daquelle tempo, que o faziaõ à honra, e pera gloria do bom Jesu, por serviço, e renembrança do bom Jesu. E tal foy o principio desta santa Confraria.

Instituyose despois o Compromisso com suas leys, e ordenaçoens; e foy a primeyra, que a festa da Confraria se celebrasse no primeyro dia de cada

da hum anno, por ser o mesmo em que o Senhor quiz começar a padecer polos homens, e tomar nome, e contarse entre elles. E pera eterna memoria, e agradecimento da mercè recebida, ouvesse todos os annos à vespara da festa huma Procissaõ, em que iriaõ os Religiosos do Convento, e se acharia com elles toda a Irmandade: e hum Sacerdote acompanhado de Diacono, e Subdiacono levaria em suas maons huma imagem do minino Jesu. Esta procissaõ se juntaria na Ermida de N. Senhora da Oliveyra sita no adro da Igreja de S Giaõ, e dahi iria ao Convento. Foy confirmado o Compromisso, segundo por elle parece, polo Cardeal Ranucio Penitenciario mayor do Papa. E porque muitos annos despois foi mostrando o tempo que convinha acrecentar ordenaçoens de novo, e reformar algumas das antigas, juntouse a Irmandade, e com seu acordo se proveo nellas, e o que ficou assentado se confirmou autoritate Apostolica polo Infante dom Anrique Cardeal, e Legado a latere neste Reyno.

Os milagres que N. Senhor obrou na fundaçaõ da Confraria, e outros muitos com que despois quiz honrar os devotos de seu nome, se escreveraõ em folhas de pergaminho, e dellas se fez livro, que pera consolaçaõ dos fieis, e curiosos se pendurou nas grades da Capella por huma cadea de ferro, com conselho mais pio, que prudente. Porque ficou occasionado ao que despois aconteceo, que foy rouballo hum atrevido, naõ quebrando ferro, mas resgando pergaminho com magoa de todos os bons. Outro livro anda na Confraria vivo, que foy trabalho, e composiçaõ do mesmo Bispo dom Frey Andre. Saõ muitas oraçoens em prosa, e verso vulgar de louvores, e excellencias do nome de Jesu, apropriadas pera espertar a devaçaõ delle, e todas testimunhaõ bem a de seu autor. Em tempos antigos que avia mais singelleza, e menos malicia que nos presentes, era costume às sestas feyras, quando naõ occorria festa de guarda, e se cantava a Missa de Jesu, que em tal dia he ordinaria, sobirse o Diacono ao pulpito assim como estava revestido despois de dizer seu Evangelho: e abrindo este livro lia ao povo huma das oraçoens que dissemos, qual vinha mais a proposito pera o tempo, porque as avia nelle accommodadas pera todo o discurso do anno. E affirmaõ os antigos que faziaõ fruito, e se edificava o auditorio: porque ficavaõ servindo de huma breve pratica espiritual.

O sitio da Capella he no corpo da Igreja, no meyo della, sobre o presbiterio alto que se estende por toda a nave direita. Faz divisaõ das Capellas collaterais com grades de ferro torneadas, o tecto he taõ alto, como a nave, o frontispicio chega a pegar no friso do emmadeiramento do meyo da Igreja, que he grande altura: e assi o tecto por dentro, como o frontispicio por fòra saõ lavrados de tarjas, e figuras de meyo relevo de boa massenaria, e todas cozidas em ouro sem se ver outra cousa. O retabolo sobe quanto a parede, e com a largura toma toda a Capella. He pouco aparatoso em feitio, mas de boa pintura nos paineis. No

meyo

meyo abre hum grande nicho alto, e largo, e cerrado com portas de grade forte, cujos balaustres saõ de prata mocissa. Dentro fica hum Christo crucificado de grande devaçaõ, em vulto, e estatura de hum bem proporcionado homem. No lado està sempre o Diviniſſimo Sacramento recolhido em hum relicario, ou custodia redonda, de tal arte que de fora se devisa toda a redondeza da Historia sagrada. Destas Custodias ha duas no Convento, huma de prata dourada, que serve quotidianamente, guarnecida de pedraria: outra de ouro mocisso, e feitio igual à materia de que se usa nas festas, e tem mais de hum palmo em diametro. Esta peça foy dadiva do Infante dom Luis, sendo por sua devaçaõ mordomo da Confraria: as grades fez o primeiro Conde de Santa Cruz dom Francisco Mascarenhas, que foy o que defendeo o famoso cerco de Chaul na India. Ardem continuas diante sete alampadas de prata. As tres grandes, e custosas, as outras de menos conta. A este ornato respondem os paramentos que ha pera o altar, e ministros, pera todo o discurso do anno, ricos, e muy perfeitos. Assi he a Capella de mais lustre, e magestade despois da mayor, que ha em todas as Igrejas da Ordem: e no Reyno poucas lhe fazem ventagem.

Por ser tal situaraõ os Prelados nella a Confraria do Santissimo Sacramento, por communicaçaõ da universal Confraria do nosso Convento da Minerva de Roma, pela qual todos os Conventos da Ordem gozaõ do privilegio de poderem levantar em suas Igrejas esta Confraria, e fazer procissoens nas terceyras Domingas de cada mez, particulares: e duas publicas, e solenes na Dominga *infrà Octavas* da festa de Corpus, huma pola manham, e outra à tarde. E pera mais solenidade està prohibido por letras Apostolicas a todas as mais Religioens Monacaes fazerem em tal dia semelhantes procissoens. Do anno, em que começou a correr esta Confraria, naõ consta ao certo: mas certo he que foy a primeyra desta invocaçaõ que em toda a Cidade ouve: e assi se julgou por sentença no anno de 1548 em huma longa demanda que por parte do Cabido da Sè correo contra os nossos Frades. E a grande antiguidade lhe tem rendido muitas, e grandes indulgencias, e graças: humas que os Summos Pontifices concederaõ à Confraria de Jesu: outras que o Papa Paulo Terceiro expressa, e especialmente concedeo à Confraria do Santo Sacramento nella encorporada, e outras com que de novo a enriqueceo o Papa Pio Quinto de gloriosa memoria no anno de 1571 com indulgencia plenaria, e remissaõ de todos os peccados aos fieis que presentes se acharem nas duas Procissoens da Dominga *infrà Octavas.*

1548.

1571.

Ultimamente se annexou à Confraria de Jesu, e à sua Capella outra Irmandade, cujo titulo he do nome de Deos pera evitar juramentos. Esta teve principio em Castella, e foy instituiçaõ de hum Religioso de S. Domingos, por nome Frey Diogo de Vitoria no anno do Senhor de 1500. E despois a confirmou, e dotou de grandes In-

1500.

Indulgencias o Papa Pio Quarto, e seu successor Pio Quinto confirmandoa de novo lhe acrecentou outras graças; e por hum particular Motu proprio ordenou que em nenhum outro Convento ou Igreja se pudesse situar, salvo nas da Ordem de S. Domingos; e onde faltasse casa da Ordem, se ouvesse licença dos Religiosos della, sem a qual nenhuma indulgencia nem graça se alcançaria. No anno de 1580 confirmou tudo o acima dito Gregorio Decimo tercio, assi como estava concedido, e confirmado por seus antecessores: e começa a Bulla. *Aliàs per fælicis recordationis Papam Pium Quartum, &c.* E de novo ajuntou outros favores, e mandou que a Procissaõ que se costumava fazer por esta Confraria nos primeiros Domingos do mez se passasse a outro, pera ficarem despejados os primeiros pera o santo Rosario. E por esta maneyra ficaraõ tres Confrarias unidas em huma.

1580.

CAPITULO XXV.

Da Confraria de Nossa Senhora do Rosario.

NAõ ha duvida que assi como o primeiro Prègador que a Virgem sacratissima escolheo pera communicar ao mundo os thezouros de seu santo Rosario foi o Patriarca S. Domingos: da mesma maneira ficou a cargo aos filhos serem delle pregoeiros: e naõ fundarem casa nenhuma desdo principio da Ordem, sem dedicarem logo juntamente particular Capella, ou Altar com titulo da Senhora do Rosario. Mas como somos homens, e de todas as cousas humanas he propriedade natural naõ permanecerem muito tempo em hum estado, foy descaindo pouco, e pouco esta devaçaõ, porque eraõ homens os que a mantinhaõ: e chegou a termos de estar quasi esquecida, e apagada. Mas aquella Senhora que he fonte de misericordia, e como tal foy sempre medianeira de manarem as riquezas, e bens do Ceo sobre a terra, vendo o muito que os fieis perdiaõ neste descuido: ainda que os Frades de S. Domingos, que por tantos titulos estamos obrigados a seu serviço, eramos no esquecimento os mais culpados, foy servida de tornar a fiar dos mesmos a honra do seu Rosario (louvemvos os Anjos Virgem bendita, que bem mostrastes nisto que sois verdadeira mãy,) e aparecendo primeiro ao nosso famoso Prègador Frey Alano de naçaõ Ingres, e despois ao Prior de S. Domingos de Colonia em Alemanha, mandou a hum, e outro que resucitassem, e tornassem de novo ao mundo este santo genero de oraçaõ acommodado, e facil pera os homens, agradavel a Deos, e a ella, e pera alcansar misericordias do Ceo muy poderoso. Era polos annos do Senhor de 1475, e passados jà duzentos e sincoenta e tantos despois de falecido nosso Santo Patriarca. Convinha muito pera a empresa outro tal espirito como o seu. Mas suprio a Senhora as faltas dos que entaõ avia, com tanta superabundancia de graças, que fazendo elles o que de sua parte podiaõ, naõ ha palavras que possaõ bem declarar quam celebre, e estimada fizeraõ com seus Sermoens a santa devaçaõ, estenden-

1475.

dendoa por toda a redondeza da terra. Grandes foraõ as maravilhas, infinitos os milagres que por ella se viraõ. As Irmandades, e Confrarias sem numero, concorrendo a ellas naõ sò a gente ordinaria, nem sò os Fidalgos, e honrados, mas Principes, e Reys, e Emperadores, e atè os mesmos Papas, tendo por honra escrever seus nomes nos livros da Senhora. Assi o achamos apontado em memorias dignissimas de fee (gloria grande pera esta sagrada Religiaõ, e que devemos procurar conservar polos mesmos meyos que nos entrou em casa.) A primeira Confraria, que deste tempo achamos fundada, foy na mesma cidade de Colonia, e no Convento de S. Domingos, a qual aprovou, e confirmou no anno de 1479. o Papa Xisto Quarto por hum Breve riquissimo de graças, e Indulgencias: e o mesmo fez por outro semelhante no de 1484 Innocencio Oytavo. E desde este anno nos consta que começou tambem esta Confraria no Convento de S. Domingos de Lisboa, instituida, e assentada na sua mesma Capella, que desde os fundamentos da Igreja lhe foy logo dedicada duzentos annos atràs. E daqui se foy dilatando por todo o Reino, e crecendo a devaçaõ, e reverencia do santo Rosario de parte dos fieis, foy tambem mostrando a Senhora delle que se agradava do serviço com alguns successos maravilhosos obrados em beneficio de seus devotos. O que deu ocasiaõ a que levantandose na cidade novo incendio de peste no anno de 1490 acudio o governo della acompanhado dos melhores da nobreza, e povo a este Convento, e juntos em sua Capella, e com voto feyto de a servirem, e solenizarem suas festas, a tomaraõ por avogada do mal. Mostrase dos livros da Confraria que assistiraõ com elles a esta santa determinaçaõ o Mestre Frey Bras de Evora Provincial, e o Prior do Convento Frey Pedro Faleiro: e que no mesmo tempo se renovaraõ alguns Capitulos do Compromisso, e acrecentaraõ outros pera melhor serviço da Confraria. O proveito, que deste remedio se sintio, foy tal, que cobrou novas forças nos animos dos homens o fervor, e afeiçaõ do santo Rosario: e os mimos, e favores, com que a Senhora o acreditava, eraõ tantos, que andaõ escritos livros inteiros delle. Apoz a devaçaõ creceo a riqueza no altar, e Confraria, em ornamentos, prata, sedas, e brocados, e grande copia de cera: levantouse a Capella na mesma forma de altura, lavor, e dourados, que dissemos da de Jesu que lhe he contigua. E ardem nella sinco alampadas de prata. Introduziose despois benzeremse Rosas polo mez de Mayo em nome, e à honra da Virgem: e como ella he, e tem por titulo, roza de pureza, deuse por bem servida desta cerimonia: e foraõ grandes os beneficios que logo entaõ receberaõ, e inda hoje recebem os que com fee se valem dellas em suas necessidades, como naõ aja descuido nas outras de suas Ave Marias, que saõ as rosas, que mais estima: e por cujo respeito, e em significaçaõ do que lhe agradaõ se mostrou algumas vezes coroada das que cria Abril, e Mayo. Viraõse os effei-

1479.

1484.

1490.

effeitos em alguns casos muy peregrinos, que naõ he rezaõ ficarem fòra desta escritura, por terem todos em certo modo sua origem, e dependencia desta Confraria: brevemente diremos alguns dos mais notaveis.

Agueda Lopes se chamava huma pobre molher em Lisboa, que sendo acusada de seu marido por adultera, foy posta em prisaõ, e feito processo judicial contra ella. Correndo a causa, era grande a efficacia com que continuava em encomendar sua innocencia à Virgem por meyo do santo Rosario que muitas vezes passava cada dia, consolando sua tribulaçaõ com as dores que considerava da Senhora, alegrandose nos passos de seus gozos, e esperando remedio nos de sua gloria. Mas por ocultos juizos de Deos sahio por sentença condenada à força pola culpa que o successo mostrou que naõ tinha. Ouvio a sentença, afferrada todavia ao seu Rosario; e com elle no seyo, e sobre o coraçaõ foy a padecer. Fezse a execuçaõ, e dizem que ao tempo que o algoz a empuxou da escada pera ficar pendurada, deu hum grande grito chamando nomeadamente pola Virgem do Rosario. Quando veyo sobre tarde, passadas muitas horas despois da justiça feita, ouve quem quiz tratar de a enterrar: decido o corpo, notaraõ os autores da caridade, que parecia ter sinais de vida, e começaraõ a tratar della mais que da sepultura. A primeira palavra, com que tornou, foy nomeando a Senhora do Rosario: e dizendo que ella lhe valera, pedia que a levassem ao seu altar. Deuse recado no Convento, e levada com o resguardo necessario, lançouse diante da Senhora regando a terra com lagrimas em lugar de graças pola restituiçaõ, que alcançara de duas vidas em huma sò vida. Aprovouse o milagre juridicamente com testimunho dos que a trouxeraõ: e ella em seu juramento affirmou que na hora, em que lhe fora lançado o laço que a avia de affogar, vira a piadosa Virgem por quem chamara junto consigo, e ella lhe sustentara a vida em aquelle trance. Esta molher viveo despois muitos annos, e todos empregou em acender, e alimpar as alampadas da Senhora. Naõ parece questaõ pera ventilar, se era innocente, como foy condenada em juizo de gente Christã: ou como ouve milagre pera ella, se era culpada. Porque he facil a reposta. Podia aver erro no juizo, ou falsidade no processo: sendo assi que (como acontecem muitos casos sò pera manifestaçaõ da gloria de Deos) podia ser cegaremse os Juizes, e sentencearem mal: ou julgarem bem, sendo o processo, e sua prova tudo falso.

Mas assi como acudio aqui a Virgem Mãy a huma innocencia aos olhos dos homens duvidosa, em huma molher plebeya: assi remedeou logo outra muy clara, e notoria em huma nobre, livrandoa de igual ou mayor perigo. E passou o caso desta maneira. Vivia esta molher junto do Convento, e como virtuosa, e honrada tinha particulas devaçaõ à Virgem, e a seu santo Rosario com cuidado de naõ passar dia sem lhe dar voltas. Era o marido moço, desconfiado, e colerico, e devia trazer os olhos em casa alhea,

que

que lhe fazia julgar mal do bem que tinha na sua. Veyo a cegarse de todo, e persuadirse que avia nella culpas dignas de se pagarem com a vida, determina tirarlha. Sintialhe a innocente no trato, e no sembrante o desgosto com que vivia della: queria tentar justificaçoens de palavra, mas porque danaõ mais, onde se julga mal das obras, tornavase ao seu Rosario, chorava com elle. Hum Domingo sobre tarde vio que mandara criados, e criadas fòra de casa, e notou que hya cerrando sobre si as portas por dentro, e julgou mal, e temeose: subiose ao alto da casa, toma em suas maons o Rosario, e com os joelhos em terra, e olhos no Ceo pedia à Virgem fosse escudo, e emparo da verdade, pois a sabia. No meyo destes medos bateraõ rijo na porta da rua, e repetiraõ huma vez, e outra com tanta pressa, que o cego, e enganado mancebo, que jà sobia pera pòr em effeito a danada tençaõ, se ouve por obrigado a acodir primeiro abaixo. Deceo, e acha hum gentil moço, que em trajo, e aspeito representava calidade mais que ordinaria, o qual lhe disse com termo muito cortez, e brando, que hum Padre de S. Domingos (nomeava hum Religioso seu conhecido, e pessoa de importancia) lhe pedia que na mesma hora quizesse chegar ao Convento, que cumpria darlhe huma palavra em negocio de sustancia. Começou o cego a desculparse, e despedillo, dezejando desembaraçarse do messageiro, e acabar sua obra. Mas elle replicou com tanta efficacia dizendo que o Padre lhe pedira, que achandoo em casa o naõ largasse, porque avia perigo na tardança, sem o levar consigo: que em fim se deixou vencer, mais de sua presença, e boa arte, que do recado que trazia. Cubrio a capa, e foyse com elle. Chegando defronte da Igreja, viraõ que se cantava a Salve, como he costume, com assistencia de toda a Communidade. Foy força entrar, e ouvilla: e considerar hum pouco ao som daquella musica santa no desatino que trazia no peito. Sendo acabada quiz todavia despacharse, e requerendo o companheiro pera irem em busca do Frade, porque sahiraõ do Coro, naõ o vio: buscouo por toda a Igreja, e naõ no achando, ficou hum pouco sobresaltado: com tudo foyse ao Frade saber o que lhe queria: o qual o sobresaltou de novo, e confundio mais, porque affirmou que nem lhe mandara recado, nem conhecia o moço que por messageiro delle nomeava. Entaõ foy o Senhor servido de lhe abrir os olhos pera acabar de entender que os maos propositos daquelle dia eraõ enredo, traça, e traiçaõ de Satanas: e a vinda fora negoceada polo Anjo do Senhor que o trouxera à Salve de sua mãy sagrada, pera lhe dar tempo de cair na conta de seu erro com tantos sinais, e salvar a innocente molher. Tornouse pera casa todo trocado, e ficando com ella em muita paz passados tempos lhe recontou a obrigaçaõ em que estava à Senhora do Rosario: e a forte conjunçaõ em que lhe valera com seu messageiro. Mas naõ saõ de menos gloria da Virgem outros casos que diremos no Capitulo seguinte, huns menos antigos que os referidos, e outros do mes-

mesmo tempo em que vamos escrevendo.

CAPITULO XXVI.

Proseguem mais alguns milagres do Santo Rosario.

ENtrava em artigo de morte huma pobre molher de huma forte doença que a tinha toda inchada. Cercavaõna muitos filhinhos que com pranto, que faziaõ, lhe dobravaõ o mal. O marido andava por fòra buscandolhe o remedio por seu trabalho. Acudiraõ as vizinhas, pobres como ella, a porlhe na maõ huma candea, ultimo socorro de Christandade. A pressa, e à revolta dellas, e ao pranto dos mininos acudio huma vizinha honrada, que por esmola a mandava curar, e como devota (que o era muito) de nossa Senhora do Rosario, levoulhe humas rosas suas, e fezlhe tomar hum trago dagoa dellas mandandolhe que se encomendasse de todo coraçaõ à Virgem. Foy cousa prodigiosa, e de grande gloria de Deos, que no momento, que tomou a agoa, de artigo, e dores de morte, entrou em ponto, e dores de parto, e traz grande copia de humor, que vasou, e em que se resolveo a mayor inchaçaõ, lançou com muita facilidade huma criança morta. Mas entrou em novo trabalho, porque as que lhe faziaõ officio de comadre, diziaõ que lhe ficava outra criatura: e segundo a postura, em que a natureza a queria despedir, e a fraqueza estrema da molher, tinhaõ por certo que primeiro se finaria. Morava a pobre em huma casinha ao pè dos degràos da calçada do Carmo: foraõ correndo a S. Domingos buscarlhe confessor. Tocou a sorte ao Padre Frey Luis Cacegas, a quem se deve o trabalho original da melhor parte destes escritos. Quando o Padre soube o estado da enferma, e o que era passado, empregouse todo em a animar, affirmando de parte de Nossa Senhora do Rosario, que pois começara a fazerlhe mercè, naõ deixaria de a perfeiçoar: e acabando de a confessar, fezlhe tomar mais agoa das mesmas rosas que primeiro tomara, e lançandolhe ao pescoço o Rosario, que elle Frey Luis trazia, deixoua. Naõ era bem despedido de casa, quando a enferma se sintio subitamente taõ esforçada, que sem ajuda nem ministerio de comadres deitou a segunda criança, e tambem morta, e dentro de breves dias teve perfeita saude, que a dito das vizinhas, que lhe assistiraõ, e de todos os que souberaõ do caso, foy julgada por manifestamente milagrosa: e assi se justificou diante do Ordinario à instancia do Padre Mestre Frey Nicolao Dias. E ficou em lembrança, que a vizinha nobre se chamava Lianor de Azevedo, e huma das comadres Maria Domingues, e foy o successo polo mez de Julho anno 1574.

1574.

Quasi do mesmo tempo he outro que agora diremos, o qual sobre todos, os que ficaõ atràs, nos confirma o muito que a Virgem Sacratissima toma a seu cargo emparar, e remedear os que a buscaõ polo meyo do seu Rosario: e tem huma circunstancia de muita estima, a qual he que passou polas maons do Padre Mestre Frey Luis de Gra-

Granada, e foy por elle prègado na mesma Igreja de S. Domingos onde aconteceo. Huma Dona Illustre desta cidade estava de joelhos diante da Imagem de Nossa Senhora das Virtudes, que tem seu altar no Cruzeiro, em que agora vemos tambem S. Jacinto, pedindolhe favor com angustiado espirito em hum negocio que a trazia em todo estremo desconsolada. E no meyo dos rogos, e das lagrimas, com que os acompanhava, se ouvio chamar da Senhora benignissima por seu nome, e dizerlhe palavras formais, que lhe ficaraõ esculpidas na alma: Naõ tenhais pena; que eu me encarrego desse negocio, pois que vòs tendes cuidado de me rezar cada dia o meu Rosario. A pessoa era conhecida do Mestre, e de tal virtude, e calidade que acreditava o successo, e por ser viva, quando o prègou, naõ publicou o nome.

Mas porque naõ pareça que faltaõ milagres presentes, onde tantos, e taõ illustres ouve antigos, ajuntaremos dous taõ de fresco succedidos, que ambos nos vieraõ à maõ em tempo que hiamos pondo em limpo estes escritos pera se darem à impressaõ. Ambos saõ do anno passado de 1620. E ambos podemos contar com os deste Convento, porque ainda que hum delles succedeo em terras taõ remotas como saõ as de Angola, parte da Etyopia Occidental: da mesma maneira que desta cidade de Lisboa procederaõ todas as conquistas que os Portuguezes fizeraõ, assi as Confrarias, e devaçoens do Rosario, que a ellas levaraõ, naõ se pode negar deverem sua origem à mesma cidade, e ao lugar della em que tinhaõ sua raiz, e floreciaõ, que era este Convento. Naõ faltaõ outras razoens pera confirmaçaõ do que dizemos, que ao diante se veraõ: agora digamos os milagres. E seja primeiro o de mais longe.

Era Governador do Reyno de Angola Luis Mendez de Vasconcellos. Trazia seu campo fòra fazendo guerra polo Reyno onde entendia que convinha, Portugueses poucos, Negros amigos, e fieis muitos, e todos a cargo de hum filho seu. Chegaraõ ribeiras do rio Coanza hum Domingo quinze de Março de 1620. He o rio grande, e poderoso de agoas, e nesta parte corre muy largo, e faz algumas Ilhas. Pareceo aos nossos que seria bem sojeitallas, buscouse remedio. Acharaõse duas almadias sobre pequenas, rotas, e velhas. Naõ faltando animosos que as abonassem, saltaraõ dentro dous Capitaens armados de pès a cabeça, e seus arcabuzes nas maons, e espadas na cinta, e hum Alferes mais com elles, e Negros remeiros, e frecheiros, e foraõ remando contra a Ilha, e contra os enemigos que os esperavaõ à borda da agoa. Saõ as Almàdias embarcaçoens de hum sò pào, e ainda as grandes, e fortes saõ taõ ciosas, que com qualquer descomposiçaõ logo çossobraõ. Estas, que se affirma eraõ pouco mayores que gamellas, e por serem abertas, hiaõ jà meyo alagadas, no ponto que chegaraõ a tiro, em se começando os nossos a revolver, os brancos com os arcabuzes, e os negros com os arcos, viraraõ ambas sem remedio. Francisco Correa, que assi se chamava hum

1620.

dos

dos Capitaens, sem disparar mais que huma sò vez, se affogou logo, e naõ appareceo mais. Sebastiaõ Dias, que era o outro, se foy tambem a pique ao fundo, como se fora de chumbo. Sendo ambos julgados por mortos com dor de todo o campo, que estava à vista, eis que parece emcima da agoa Sebastiaõ Dias, bracejando com huma rodella que trazia embraçada, porque naõ sabia nadar, e sustentando na outra maõ o arcabuz, que nunca largou: atè afferrar em huma das almàdias, à qual tanto que chegou, deu hum grande grito, chamando por nossa Senhora do Rosario, em graças de se ver salvo por ella com evidente milagre. E naõ o foy menos escapar dos enemigos despois de pegado na Almàdia, e andar boas tres horas na agoa atè se poder recolher ao campo. Parece que quiz a Senhora acreditar publicamente sua devaçaõ com negros, e brancos, porque este homem era em geral conhecido de todos por grande devoto do Rosario, e contava, que quando caira na agoa, fora marrar com a cabeça na area, e neste passo se lembrara do Rosario que levava ao pescoço, e chamara em seu coraçaõ pola Senhora delle, e logo se achara leve, e cheyo de alento, e em estado de poder chegar a lançar maõ da Almàdia pera se sustentar, e salvar. Cousa, que sem milagre era impossivel succeder.

O outro temos mais perto, e quasi na vizinhança do Convento: porque succedeo no que os nossos Frades tem na cidade de Evora. Ordenavase nelle a festa do milagroso Santo de Amarante S. Gonçalo por Janeiro do anno de 620. He a Confraria pobre, e administrada por gente taõ humilde, que pera acrecentarem solenidade, e encurtarem despesa, pediraõ de emprestimo parte da cera de Nossa Senhora do Rosario, a condiçaõ de pagarem a que o fogo, e o tempo gastasse. E por isso a tomaraõ por peso, e de conformidade fizeraõ huns, e outros Mordomos seus assentos do que pesava. Acabada a festa, e juntos pera a entrega, e paga, fizeraõ segundo peso: e onde esperavaõ falta de muitos arratens, porque ardera às Vesperas, e Missa, e tudo com muita solenidade, e musica celebrado, acharaõse com peso aventejado, e naõ em pouca contia, ao que cada parte tinha posto em escrito. Foy grande o sobresalto, e torvaçaõ. Culpaõse os de Nossa Senhora de descuidados, e daõse por enganados: tornaõ a ler, e reler suas lembranças, pesaõ de novo, e repesaõ a cera, esmerilhaõ se ha erro na balança, ou vicio nos pesos. Gente plebeya, e humilde naõ se atrevia a cuidar em milagre, tendoo entre maons evidente. Referiaõ o negocio a erro de todos juntos, ainda que fieis, e verdadeiros em seu trato. Mas aquella Senhora, que he emparo de humildes, e Mãy de hum Deos que tanto se humilhou no mundo, que delle nos manda aprender humildade, quiz honrar os humildes, confirmando o milagre por novo caminho: e foy assi. Apartaraõse os seus Mordomos, despois de longo debate, a recolher sua cera affirmando deverselhes todavia por boa rezaõ o que a balança negava:

1620.

va: ao menos em duas tochas que entre as mais tinhaõ dado, que eraõ novas quando as deraõ, e agora vinhaõ manifestamente gastadas. Começavaõ a lançalla em sua caixa. Eisque os assombra extraordinaria maravilha. As tochas que quando novas, e inteiras entravaõ folgadamente na caixa, agora naõ cabiaõ ardidas: pasmaõ, gritaõ, naõ criaõ hum milagre, jà confessaõ dous, hum no crecimento do peso, outro do corpo das duas tochas. Chamaõ por testemunhas quantos avia na Igreja, correm aos Frades, daõ todos soberanas graças à Virgem do Rosario taõ benigna pera os pobres, que naõ consintio que por sua conta se levasse preço aos humildes festejadores do seu servo S. Gonçalo, acudindo com tal prodigio: antes mostrou que naõ sò estimava a devaçaõ, mas que folgava de a ajudar, e contribuir nella, como qualquer dos pobres com os arratens de cera que o fogo consumio, e com os que se acharaõ de crecença. Em milagre taõ patente ouve pouco que fazer. Justificouse logo, e approvouse polo Ordinario: e com sua licença o prègou na festa deste anno de 1621 o Prior do Convento que era o Padre Presentado Frey Christovaõ Carvaõ.

CAPITULO XXVII.

De outras Confrarias que ha nesta Igreja, e de sua antiguidade, e devaçaõ.

MEreciaõ primeyro lugar por calidade as Confrarias de que tratamos nos capitulos precedentes. Das que restaõ iremos agora fazendo relaçaõ segundo suas antiguidades. A que mais annos conta entre todas, as que ha nesta Igreja, he a dos Santos Reys Magos, que tem seu altar pegado com o de Nossa Senhora do Rosario contra a porta da Igreja. A capella, e retabolo foi mandado fazer, e pintar por el Rey dom Dinis, quando despois de Rey mandou fazer de novo algumas officinas neste Convento, e reparar outras. E assi tem a pintura mais de 320 annos de antiguidade, visto como dom Dinis começou a reynar no de 1279 em que dom Affonso III. seu pay faleceo: e os mesmos tem a Confraria. Ha neste altar huma curiosidade muito digna de ser sabida. E he que na Imagem de Nossa Senhora, que està no meyo do retabolo cercada dos Reys, temos tirada ao natural a Rainha Santa Dona Isabel, molher del Rey dom Dinis: e na do minino Jesu, que tem nos braços, o Principe seu filho, que entaõ se criava, e despois succedeo no Reyno com nome de dom Affonso Quarto. Quem fosse autor de tal memoria, naõ consta, mas bem he de crer que seria el Rey, pois o foy da obra do retabolo, e sem sua ordem se naõ atreveria o pintor. E bastante indicio he sabermos que fazia el Rey nesta Capella a festa de S. Dionisio cada anno em quanto tardou em se acabar o edificio de S. Dinis de Odivellas, Mosteiro real por muitas calidades; em que o mesmo Rey jaz sepultado. O que foy causa de se nomear muitos annos por Capella de S. Dinis, e fazer el Rey mercè ao Convento, por conta della, de dez libras em cada hum anno em

em quanto viveo: E saõ as palavras formais da Provisaõ, que fazia esta esmola pera se adubar a Igreja do seu Mosteyro de S. Domingos da Villa de Lisboa. Esta Provisaõ temos confirmada por el Rey dom Afonso seu filho no anno de 1326. E porque se veja o muito que entaõ valia pouco dinheiro, pois com esta contia se podia acudir ao reparo de tamanha casa, importavaõ dez libras da moeda de agora, sendo a conta de Duarte Nunes de Liaõ, mil e seiscentos reis.

Na Cron. dos Reys f. 134.

Tem segundo lugar de antiguidade a irmandade dos Ingreses na Capella de seu padroeiro S. Jorge, que he collateral à Capella mòr da parte do Evangelho. Devese a instituiçaõ della aos Reys daquelle Reyno, que como eraõ taõ Catolicos nos tempos atràs, e com este Reyno conservaraõ sempre commercio de amizade, e algumas vezes de sangue, quizeraõ que seus vassallos residentes continuos nelle tevessem particular Capella onde se juntassem aos Officios Divinos pera testimunho de sua religiaõ: e com ordem que ouvesse quem os apontasse, e tambem quem tevesse poder de multar os descuydados, e levarlhes a pena. Ajuntaraõ despois a este bom costume, hum direyto nas mercadorias que despachavaõ na Alfandega, que valia dez reis por cada peça de panno; e como era o trato grosso, e grande numero de nàos, vinha no cabo do anno a montar muyto. Arrecadavase o direito polos livros da Alfandega, e eraõ executores os Mordomos com assistencia do seu Consul. Assi estava a Confraria rica de muita, e boa prata, e bons ornamentos do Altar. Como là faltou a Religiaõ nos Reys, foy tambem faltando aquelle primor, e gosto antigo do culto Divino nos vassallos que navegavaõ, e o grosso direito de dez reis por cada pano, trocouse em hum cruzado por cada nào, que foy grande abatimento. E com tudo entre os que eraõ moradores antigos desta Cidade, assi como se conservou a fè com a pureza de seus mayores, ajudada com o exemplo, que tinhaõ nos Portuguezes: assi nunca se desemparou de todo o serviço da Capella no meyo das calamidades, e tormentas que aquella ilha padece ha muytos annos em materia de religiaõ. E com naõ cessarem estas inda oje, a paz, que faz crecer todos os bens, como dura ha jà vinte annos com a Coroa, e Reynos de Espanha, tem mostrado que naõ està apagado nesta naçaõ o Catolico espirito de seus antepassados. Porque em bom serviço, e em numero, e frequencia de homens està a Irmandade de presente muy adiantada, e começaõ a reformar, e illustrar a Capella de novo com marmores, e pinturas, e dourados que a vaõ aventajando às mais estimadas do Convento. Naõ falta quem diga que a instituiçaõ da Capella, e Confraria Ingreza he taõ antiga como a tomada de Lisboa quando foy ganhada aos Mouros com ajuda daquella grande armada de varias naçoens do Norte, que na conjunçaõ do cerco, que el Rey dom Afonso Anriquez lhe tinha posto, aportou na barra, e foz do Tejo. Porque dellas ficou com nosco muita gente nobre, e ple-

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonso Anriques.

e plebeya; e mais da Ingreza. E querem atribuir este cuydado ao valeroso Arcebispo; e Martyr de Cantuaria Santo Thomas, dizendo que elle procurara no tempo que teve maõ no governo de Inglaterra, que seus naturaes se juntassem cà em Capella, e companhia particularmente sua, e que da Igreja das Martens, onde estivera primeyro, se passara à de S. Domingos tanto que fora edificada. De que a Ermida das Martens (cujo verdadeyro nome he dos Martyres) tevesse principio naquelle tempo, e fosse obra dos mesmos estrangeyros no tempo do cerco da Cidade, ninguem duvida: e de que permaneceo nella ajuntamento, e devaçaõ dos que ficaraõ no Reyno, bem se deixa crer da pintura que dura no alto do retabolo; que nos faz representaçaõ dos Capitaens estranhos juntos à bandeyra de S. Jorge.

De certo sabemos, que em tempo del Rey dom Duarte estava jà taõ autorizada a Confraria nesta sua Capella de S. Domingos, que elle como filho de Ingreza que era, ordenou que se lhe dissessem nella em cada hum anno no dia da festa de S. Jorge humas Vesparas solenes, e Missa cantada, e pera ella deixou de renda quinhentos reays brancos, nos quais se montava quasi ao dobro da moeda que oje corre, a rezaõ de dez seitis, e quatro quintos de seitil por cada real branco da antiga moeda: o que ignorando os que trataraõ da reformaçaõ do padraõ nestes annos proximos, aceitaraõ quinhentos reis da moeda presente, que he de seis seitis o real, e ficaraõ perdendo o mais: como se pode ver da reduçaõ que el Rey dom Manoel fez das moedas em seu tempo.

Nas Orden. velhas del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

No anno de 1414 em 12 de Abril achamos que foy fundada a irmandade da gente Framenga, que naquelle tempo era chamada irmandade dos Borgonhoens, nome que comprendia todas as Provincias sojeitas ao grande Duque de Borgonha, Conde, e Senhor de Frandes. Denselhes pera ella a Capella collateral da Mayor da banda da Epistola, que fica em sitio igual com a dos Ingrezes. Foy o nome de Santa Cruz, e do Apostolo Santo Andre antigo padroeyro da Casa de Borgonha, e de sua Ordem do Tusaõ de ouro, Ordem militar, mas posta em reputaçaõ de se naõ communicar mais que a Principes, e grandes Senhores. Como gente amiga do bem publico, souberaõ começar polo principal, que foy enriquecella com muytas reliquias de Santos, e particulares dos Apostolos Santo Andre, Santiago, e S. Felipe, e logo com indulgencias, e alguns Jubileus que impetraraõ de Roma. E ajuntaraõ pera commodidade espiritual terem no Convento hum Frade deputado pera seu Capellaõ, o qual por privilegio Apostolico tem poder pera lhes administrar todos os Sacramentos, como se fora seu parrocho: e como tal lhes diz sua Missa nos Domingos, e dias de Festa, à qual acodem com cuydado, e a ouvem juntos. He estatuto entre elles guardado com puntualidade darem pera a fabrica da Confraria, e Capella hum por milhar de tudo o que val a fazenda que lhes entra nas maons, e todas suas nàos pagaõ por tonelada hum vintem, que co-

como saõ muitas, e a terra de Frandes naõ tem outro genero de vida nem trato, senaõ mercadejar, he hum, e outro rendimento taõ importante, que huns annos por outros passa de dous mil, e quinhentos cruzados, quando o commercio naõ està cerrado. Assi celebraõ suas festas com grande despesa, e pompa: e està a Capella muy luzida, e abastada de prata rica, e bem lavrada, e de muitos ornamentos de frontais, e casulas de tèlas de ouro, e prata, e sedas de todas cores, pera servirem segundo os tempos, e as festas. Mas o que mais lhes devemos louvar, he terem por costume, e ordem repartir muitas esmolas entre os pobres de sua naçaõ, e casarem orfans filhas destes com dotes competentes. Ao que se ajunta, que quando acontece virem a este Reyno alguns naturais seus a negocear, se caem em doença ou em outra necessidade saõ curados, e providos com caridade, e largueza: pera o que se fintaõ todos, e acode cada hum de sua casa com o que pode, quando naõ basta a renda commum da Confraria. E pera perfeita piedade, todos os pobres saõ enterrados à custa da Irmandade, e acompanhados com muita cera, que usaõ toda verde, e socorridos logo com Missas, e suffragios. E tem pera seu enterramento lugares separados, a saber aquella parte do cruzeiro que fica diante da sua Capella, e a Sacristia della, que he huma boa casa. Foy isto commodidade, e graça que os Religiosos lhes fizeraõ em reconhecimento de particulares, e aventajadas esmolas, com que nos tempos antigos dos tremores da terra acudiraõ ao reparo da Igreja, e Convento, e foraõ sempre os que mais se sinelaraõ neste ponto. E o mesmo fizeraõ polo tempo em diante, e ategora, nas obras que succederaõ de importancia, e necessidade.

CAPITULO XXVIII.

Prosegue a relaçaõ das Confrarias, e outras irmandades que ha na Igreja.

A Casa, e Corte da Supplicaçaõ, tribunal supremo da justiça deste Reyno, tem nesta Igreja antiquissimo assento de Confraria, que deve ser igual em annos aos que ella tem de assistencia na Cidade, despois que os Reys a trouxeraõ de Santarem, como atràs tocamos. Mas naõ nos consta do anno em que começaraõ, e por isso lhe damos este lugar. Estes Padres fazem sua festa ao Espirito Santo na primeyra Oitava da mesma festa, sem eleiçaõ de Capella ou altar particular, e celebraõna com muita magestade. No anno do Senhor de 1566, sendo Regedor da Casa Lourenço da Sylva, se fez novo Compromisso, no qual emendaraõ algumas cousas do estilo antigo, que usavaõ, e ordenaraõ de novo outras pera bom serviço da Confraria: as quais confirmaraõ por el Rey dom Sebastiaõ. *1566.*

He muito bem servida, e com grande cuydado a Serafica Santa Caterina de Sena. He Santa da Ordem, e como dizem, de casa. Assi tem sumptuosa Capella, e altar rico de perfeita pintura, em que se lem parte das maravilhas de sua santissima vida. A huma parte recebendoa

Chris-

Christo Jesu por sua esposa, e sendo medianeyra do Divino concerto a Virgem sacratissima sua Mãy. A outra imprimindolhe suas divinas chagas. Mostrase o bom Jesu pregado em huma Cruz no alto do Ceo cercado de celestial claridade, e a Santa absorta toda nelle, recebendo o soberano favor por meyo de humas linhas de fogo, e sangue que o representaõ. Vese em outro painel o amorosissimo Senhor (porque acabemos de entender os estremos que faz por quem o ama) tocando seu Divino coraçaõ com o da Santa. Esta Capella, e altar toma todo o topo do cruzeyro da parte da Epistola.

No topo fronteiro tem Capella por estremo fermosa a Virgem Nossa Senhora com titulo das Virtudes. He a imagem de vulto vestida de estofado: perfeitissima em escultura. Foy mandada fazer em Frandes por el Rey dom Manoel, com tençaõ de a dar ao Mosteyro de S. Jeronymo do Espinheiro de Evora. Sendo chegada a Lisboa, e muito gabada a el Rey, mandou que a posessem neste Convento pera a ver. Vendoa no Altar mòr, onde a poseraõ, satisfezse tanto da fermosura do rosto, talho, e proporçaõ della, que a gabou muito aos fidalgos que o acompanhavaõ. Tornando no paço a falar nella, e repetindo quaõ bem lhe parecera, hum valido seu, e da nossa Ordem devoto, desejandoa pera esta casa, valeose da occasiaõ, e posto de joelhos diante del Rey, pediolhe de mercè, que pois taõ contente estava da imagem, fosse servido contentarse tambem do altar em que a vira, e naõ consintir que se tirasse delle, porque aly a poderia ver mais vezes, do que faria estando em Evora. Juntouse o gosto proprio com a affeiçaõ do privado, concedeoa ao Convento, e mandou que se fizesse outra pera o Espinheyro. Esteve a Imagem no Altar mòr atè o anno de 1558, que foy o em que se acrecentou à mesma Capella tudo, o que nella parece de obra moderna, e differente da antiga, que se deixa bem conhecer. Entaõ se passou pera onde oje està, e onde tem sua Confraria, e se lhe faz solene festa no dia de seu glorioso Nacimento. E esta he a imagem de que atràs contamos, que falou, e consolou a huma devota do seu Rosario.

1558.

Sendo canonizado S. Jacinto, e recebido neste Reyno seu nome com tanta devaçaõ, que foraõ muitos, e notaveis os milagres que em todas as partes delle tem obrado, parece que a Senhora das Virtudes seria servida de agasalhar no seu altar quem de tantas foy dotado. Assi se poz nelle huma devota Imagem do Santo com sua custodia nas maons, em lembrança daquella, com que fogindo dos Barbaros infieis passou o grande rio Boristhenes fazendo caminho sobre a corrente das agoas impetuosas, com a mesma confiança, e facilidade, que pudera fazer polo lageado da sua Igreja. Mas que maravilha, se levava nellas quem o levava, e guiava a elle, e lhe dava a vida, o ser, e o valor? Desdo mesmo dia ficou assentada nova Irmandade em nome do Santo: e pera mais honra sua se annexou à da Virgem: com a qual se encorporou tambem de novo a Irmandade da Re-

Resurreiçaõ, e ficaraõ unidas tres em huma sò.

E porque os soldados da guarda Tudesca, que serve a el Rey neste Reyno, e em sua ausencia acompanha os Visoreys, e Governadores que sua pessoa representaõ, quiseraõ tambem formar Confraria pera exercicio de obras virtuosas como bons, e fieis Catolicos: escolheraõ com acertado conselho por padroeiro, e protector este Santo, se naõ natural de sua terra, ao menos mais vizinho que os Santos de cà. Ficou fundada esta Irmandade na mesma Capella, e Altar onde o Santo està, e debaixo de sua invocaçaõ, mas separada das outras tres, e distinta em leys, e estatutos, como em gente, e lingoa. Porèm passados alguns annos achamos que mudou sitio pera outra Igreja.

Ultimamente instituyo nesta Igreja o gravissimo senado da santa, e geral Inquisiçaõ huma solene Irmandade sem escolha de Altar particular: cujo titulo he do valeroso Martyr S. Pedro de Verona Frade de S. Domingos, por ser o primeyro que por honra do sagrado Officio da Inquisiçaõ, que servia, deu sua vida, e com o proprio sangue ennobreceo o cargo. E por esta rezaõ celebra em seu dia o santo Tribunal a festa da Confraria. Acode a ella o Inquisidor Geral, acompanhado de todos os Padres que com elle servem: e juntos assistem às Vesparas, e despois no dia à Missa, e prègaçaõ. Acodem todos os Ministros, e Familiares do Santo Officio, trazendo estes dous dias sobre os peitos suas cruzes quarteadas de branco, e preto, divisa propria da Ordem de S. Domingos, em memoria que nella teve principio este taõ importante ministerio.

Outras Irmandades ha, quasi tantas em numero como saõ as Capellas, e Altares. Em todas se vè riqueza, e devaçaõ, e bom serviço, com que a Igreja està muito frequentada, e ennobrecida. Mas dito o principal, convem passar a outras cousas.

CAPITULO XXIX.

De alguns Religiosos filhos desta casa que faleceraõ com opiniaõ de santidade.

AVisando primeiro ao Leitor da nossa ordinaria queixa, que he faltaremnos nossos antepassados com memorias gerais dos Santos, e mais varoens assinelados que sabemos certo ouve neste Reyno no principio da Ordem, quando mais florecia, e no processo a diante quando se dilatava em Conventos, porque a santidade conhecida era causa de serem pedidos, e dezejados de todos os lugares grandes que os podiaõ manter, como viviaõ sem proprio: serà forçado ficarmos curtos em historia de huma casa que sò nos podera dar materia de grandes volumes, se naõ ficara enterrada com os sogeitos, que nella floreceraõ, sua memoria. Por onde passaremos aos que quasi nos foraõ presentes: advirtindo primeiro que de dous illustres filhos della, que tinhaõ aqui seu lugar, fazemos particular relaçaõ, e com titulo proprio na segunda, e terceira parte desta historia em Conventos que com sua presença, e virtudes illustraraõ,

raõ, e fundaraõ. Hum muyto antiguo, que foy o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, Provincial, e Inquiſidor geral de toda Eſpanha antes da ſeparaçaõ deſta provincia: de quem tratamos no titulo do Convento de Benfica onde eſtà ſepultado: outro he o Meſtre dom Frey Bertolameu dos Martyres, Arcebiſpo digniſſimo de Braga, primàs das Eſpanhas, moderno em tempo, mas comparavel em ſantidade aos primeiros, e mais antigos ſantos aſſi da Ordem, como da Santa Igreja. Daremos relaçaõ de ſua vida quando chegarmos aos annos, em que fundou com ſeu trabalho, e deſpeſa o Convento que a Ordem tem em Alem douro na inſigne villa de Viana, ſem embargo de a termos eſcrito, e publicado em particular hiſtoria impreſſa na meſma villa no anno de 1619.

O primeiro que agora ſe nos offerece he o Padre Frey Diogo de S. Dionyſio chamado o mayor, a differença doutro mais moço, e tambem porque lhe quadrava o nome por todas as vias. Floreceo em grandes, e abalizadas virtudes neſte Convento, polos annos do Senhor de 1550, e era grandemente eſtimado por ſua prègaçaõ. Porque como prègava com exemplo de vida, e fazendo o que dizia, eraõ ſuas palavras fogo que abrazava coraçoens, e ſua lingoa eſpada de dous gumes, que afiada em muita graça, e eloquencia natural, de que era dotado, penetrava, obrigava, e rendia os mais duros, e rebeldes peccadores, fazendo tornar muitos à eſtrada do temor, e amor de Deos. Aſſi tinha no pulpito hum eſtranho fervor: e em algumas materias pronunciava o que ſintia, com huns brados taõ efficazes, e taõ conhecidamente ſaydos da alma, e de hum aceſo deſejo de aproveitar, que feria as almas dos ouvintes: mas com eſta vehemencia fazia muito dano à ſua ſaude, inda que lhe rendia ganho nos proximos: ficava trabalhado, e moydo como ſe entrara em batalha, e em fim o aturar lhe veyo a cauſar a morte. Porque ſendo velho, e continuando todavia o pulpito com conſtancia de moço, nacida de ſeu grande eſpirito, e zelo das almas, hum dia ſe forçou tanto, que lhe rebentou huma vea no peito, e tornou pera a cella vaſandoſe em ſangue pola boca. Fizeraõſelhe muitos remedios: como naõ ajudava a idade, era tempo perdido. Moſtrou no trabalho da doença quem fora no bom tempo da ſaude: levava-a naõ ſò com paciencia, mas com alegria. Porque entendendo com bom diſcurſo, que poſto que ſoldaſſe a vea, naõ ficava jà o peito capaz de tornar às ſuas energias, e fervores, com que dava alma, e vida a tudo o que dizia: ſintiaſe nelle que deſejava acabar a carreyra, avendo, que pois avia de ficar inutil pera trabalhar, naõ era rezaõ que viveſſe ſò pera fazer numero, e comer, e dar pejo em caſa. Reduzido jà a grande fraqueza, e ſuſpirando pola hora que o avia de deſatar da vida, entrou o Medico huma manham, e tomandolhe o pulſo declaroulhe ſem rodeos (porque ſabia com quem o avia) que tinha perto a ultima hora. Aſſi lhe agradeceo Frey Diogo o deſengano, como noutro tempo pudera eſtimar

mar novas de saude: e fez demonstraçaõ por obras, avendo que naõ bastavaõ palavas. Deulhe forças o gosto, como aos franeticos a furia do mal. Assentouse na cama, e lançando os braços no pescoço ao Medico, pediolhe que recebesse aquelle abraço, que era tudo o que lhe podia dar, dezejando que fora huma rica dadiva polo gosto da boa nova que lhe trouxera: e tardou pouco em a ir lograr.

Com as mesmas ansias de chegar ao fim da carreira desta vida mortal, se foy pera a eterna Frey Sebastiaõ do Rosario Irmaõ leigo, e mancebo, mas de grande serviço, e virtude provada. Ajudava na portaria ao bom velho Frey Jordaõ do Espirito Santo, aproveitavase do exemplo, e liçoens de seu espirito, e tinha alcançado que sò na boa morte consistia todo o bem da vida. Como tinha esta certeza, e fiava muito da misericordia Divina dezejava como valente, o que os fracos por cà tememos. Estava doente, e apertado: dissełhe hum dia o Medico, que de sua virtude tinha muyto conhecimento: Boas novas Irmaõ Frey Sebastiaõ: cedo estareis com Deos, este pulso me diz que naõ tardareis de oje. Alvoroçouse o enfermo com o que ouvio de sorte, que como muyto saõ quizera saltar do leito a abraçallo, e com voz inteira; e robusta lhe respondeo: Pague Deos a vossa mercè senhor Doutor as alviçaras que lhe devo por taõ boas novas, com lhe dar todos os bens que deseja. Façolhe a saber que nunca me falou tanto à vontade, como agora. Pedio logo o ultimo Sacramento, e recebido com devaçaõ dormio no Senhor.

CAPITULO XXX.

Da gloriosa morte do Padre Frey Dinis de Mello, e do Padre Frey Afonso de S. Matheus.

QUasi polo mesmo tempo concluhio com glorioso fim huma vida muito larga o bom velho Frey Dinis de Mello. Fora Prior de muitos Conventos, e trabalhara bem em quanto o ajudaraõ as forças. Como lhe faltaraõ com a idade, e entraraõ doenças, certa companhia da velhice, recolheose a esta casa como filho della, naõ a descançar, que jà naõ avia lugar polo mal que descansa quem he doente: senaõ a morrer. Assi em nenhuma cousa outra tratava, nem cuidava mais que na morte. E como se nella tevesse certas todas as delicias do mundo, assi dizia muitas vezes, que por acelerada que lhe viesse, nunca seria tanto, que o achasse descuidado. Porque pera toda hora, e lugar, e pera todo successo andava prestes, e apercebido. E por tanto advirtia a todos que se acertassem de o achar morto em qualquer parte, e de qualquer modo que fosse, naõ dissesse ninguem que acabara de morte subita. Porque tinha por mais acertado viver cuidando que cada hora morria, que morrer imaginando que poderia viver mais hum anno. Com este pretexto todos seus exercicios eraõ de homem que estava com a candea na maõ, e pera espirar: toda sua occupaçaõ era tratar sò com Deos, falar

lar com elle, ou mentalmente orando, ou rezando psalmos. E costumava rezar muitas vezes na semana o Psalterio de David inteiro. Naõ podia faltar o Senhor com huma hora bem assombrada a quem o esperava com tal vigia. Reveloulhe quando avia de chegar: e foy tanto ao certo, que em hum dia, que ninguem cuydou, o viraõ correr os Dormitorios tangendo as taboas. He som temeroso em todo Convento, quando se ouve fòra de horas, ou sem precederem sinos: parece que batem aquellas aldrabas sobre o coraçaõ, naõ em taboa. Naõ se sabia, que ouvesse doente de perigo em casa: era mayor o terror. Sahiaõ os Frades às portas das cellas, pasmados de o verem naquelle officio, perguntavaõlhe por quem tangia, respondia alegre, e sossegado que por si mesmo, que queria morrer. Naõ ouve nenhum a quem deixasse de parecer mero delirio: porque no mesmo dia dissera sua Missa, e comera no Refeitorio da enfermaria, onde estava recolhido naõ por enfermo nem convalecente, se naõ sò por velho. Todavia aporfiou que morria, e pedio que o naõ deixassem: e sendo chamado o Medico, e conhecendo do pulso que o desemparava a virtude natural, conformou com elle: e com espanto de todos fez no mesmo dia bemaventurado fim.

Como huma boa morte he verdadeiro testemunho quasi sempre de huma vida semelhante, gastamos pouco papel em escrever obras particulares dos tres Religiosos que atràs ficaõ. Mas seguillosa huma vida de grande admiraçaõ, e grandes estremos. Affirmaõ os antigos de Frey Afonso de S. Matheus, filho desta casa, que desdo dia que tomou o habito, nunca mais comeo carne, nunca quebrou jejum da Constituiçaõ, nem se soube delle que comesse fòra do refeitorio da Communidade. E sendo a comida, que de ordinario se dà na Ordem, bastante pasto, mas naõ demasiado pera sustentar huma vida: elle fazia que a sua porçaõ suprisse a duas, cortandoa sempre polo meyo, e ajudando a sustentar com a parte que tirava hum pobre honrado, com licença que tinha alcançado dos Prelados. Todos os dias à prima noite caminhava pera o Coro, e nelle ficava atè hora de matinas. Entaõ, se avia horas de nossa Senhora, assistia a ellas com a Communidade, e acabadas se recolhia, porque tinha officio, que o obrigava a madrugar, como logo diremos. Seu dormir era sempre vestido, a cama huma taboa nua, o cubertor huma manta aspera, desabrigada, e fria, de pelo de cabra: e com este tratamento cingia de continuo hum muy aspero cilicio: e tinha de seu alguns, cada hum de diferente genero pera lhe servirem conforme aos tempos. Foy seu primeiro officio ajudar na Sacristia: despois succedendo no cargo inteiro della servio, e perseverou vintoito annos continuos no trabalho de Sacristaõ mòr, e em todos elles, se affirma, que nunca teve amizade particular com pessoa nenhuma, avendo muytas que a dezejavaõ ter com elle. Lembrado estou que ouvi contar a quem o conheceo, e tratou de perto, que a Rainha dona Caterina tendo relaçaõ de sua vida desejara

de

de o ver, e tratar, como fosse sem lhe fazer força; e elle furtara o corpo à honra, de maneira que nunca entrara no Paço. Vindo a falecer, todo o recheyo da sua cella se resolveo em alfayas de penitencia, cilicios fortes, e crueis, e bem curtidos do uso, tres ramais de disciplinas, humas de rosetas, outras enceradas, outras de cordeis, e todas com claros sinais de naõ viverem ociosas. A isto se juntou huma fronha de travisseiro que se lhe achou recheada de retalhos de varias sedas, e meadas de retroz de cores, que lhe serviaõ de remendar, e cozer por sua maõ (segundo genero de mortificaçaõ, e penitencia) frontais, e vestimentas nas horas ociosas da sua cella. Livros naõ tinha mais que hum sò, e esse em vulgar. E tal era a riqueza de hum Sacristaõ mòr de Lisboa. A rezaõ de tanta pobreza em quem tinha occasioens de lhe sobejar cabedal pera boa livraria, e curiosidades, estava entendida, porque todos seus empregos, e grangerias eraõ desentranharse com pobres, e buscar pera elles: e naõ lhe bastando o proprio pera sua caridade, avia Fidalgos que sabendo seu proceder repartiaõ por sua maõ copia de dinheiro que elle sabia empregar com segredo, e prudencia entre pessoas honradas, e pobres, e virtuosas. E particularmente tinha commissaõ de Jorge da Sylva, Fidalgo rico, e grande pay de pobres, pera despender com elles cada mez huma boa contia. Faleceo no anno de 1569 aos oito de Agosto na grande peste que ouve nesta cidade.

1569.

CAPITULO XXXI.

Da vida, e martyrio glorioso do Padre Frey Jeronymo da Cruz.

GRande salto nos obriga a dar hum illustre filho desta casa em seu seguimento: assi o puderamos seguir nas obras. He o Beato Frey Jeronymo da Cruz nacido neste ultimo occidente, e na Sè de Lisboa bautizado: morto, e de seu sangue laureado alèm do Indio, e do Ganges por honra da fè, e de sua Religiaõ. Tomou o habito em idade de trinta annos, sendo jà Bacharel formado em Canones por Coymbra. Era nobre por geraçaõ de pay, e mãy, o apellido delle Paiva, della Chamorra. O primeiro anno despois de professo foy ordenado de Epistola, e Evangelho. No outro seguinte indo pera a India quatro Religiosos, e estando jà embarcados, succedeo caso forçado que impossibilitou a jornada a hum delles. E foy tanto em vesperas da partida, que no dia seguinte se faziaõ as nàos à vèla. Era Provincial o grande Mestre Frey Jeronymo da Azambuja: ouve que seria quebra, mandando taõ poucos pera onde eraõ necessarios muitos, aver falta nelles. Taes mostras dava o novo Diacono, que lhe pareceo encheria dignamente o lugar. Eraõ horas que ajudava a cantar a Salve despois de Completas. Chamouo, dissellhe sem prologos que se fosse embarcar pera a India, que convinha assi. Naõ ouve mais palavras de parte do Provincial: nem do subdito mais reposta que dizendo Benedictus

Deus a uzo da Ordem, fazer a venia, e beijarlhe o escapulario, caminhar pera a cella, cubrir a capa, e tomar o Breviario, e tirar alegremente pera a portaria. Perfeito sacrificio de obediencia, yr mandado, yr logo, yr com gosto, e yr sem por em consulta se arma a yda. Mas outro sacrificio fez mayor Frey Jeronymo, que tendo na cidade sua mãy, offereceo a Deos as saudades que lhe merecia, e a desconsolaçaõ que lhe deixava: embarcouse a furto della, e naõ foy na mesma hora, porque acudio o Prior que era o Padre Frey Estevaõ Leitaõ, dizendo que seria bem tomar primeiro Ordens de Missa pera o que logo deu traça. Assi teve aquella noite pera se despedir dos Frades amigos acudindo os que souberaõ da ida a enriquecello de livros, e do que cada hum podia, porque fez aballo em todos o animo, e a resoluçaõ. Levantouse ante manham a tomar as Ordens que lhe deu o Bispo dom Belchior Belleago. E foy o tempo taõ estreito que hia pola barra fòra, e no mar largo, e a mòr parte do Convento naõ sabia que se embarcava. Jà parece que podemos contar por principio do martyrio tal modo de deixar a patria. Mas a jornada nos descubrio muito mayores mostras de seu valor.

Hya na nào hum mancebo bem nobre no sangue, mas muy pouco em costumes, atrevido de lingoa, e colerico, e da arte de huns ignorantes, que achaõ por valentia inventar novas formas de juramentos, e afrontar com ellas o Ceo, e as orelhas pias. Hum dia que Frey Jeronymo o vio desmandado em muytos, naõ se atreveo o animo religioso a tolerar as injurias do Salvador: inda que conhecia o risco, foysse a elle, e com termo brando, e grave estranhoulhe os juramentos, dizendolhe o que mais lhe pareceo obrigaçaõ do habito. Naõ era acabada a ultima palavra, quando o desatinado mancebo levanta a maõ, e assenta-a com toda a força do braço sobre a face veneravel do Sacerdote. Tomaraõ os seculares que eraõ presentes, e muitos a injuria sobre si, como na verdade em ley de primor sobre elles cahia: ouve grande rumor, grande revolta: sò o offendido naõ se alterou, nem por si acudio com mais palavra, que as do animo com que se tinha todo dedicado a Deos, que foraõ. Seja por amor de Jesu. E porque isto eraõ ensayos com que o Senhor o hia dispondo pera a batalha mayor do martyrio, grangeoulhe novo merecimento, e segundo interesse da afronta por sua honra varonilmente aceitada. E foy assi que começando a levantarse brigas sobre o successo entre os passageiros, pareceo ao Capitaõ que averia quietaçaõ se fosse ausente quem fora origem, e causa dellas. Pediolhe que se passasse a outra nào. Era isto o mesmo que lançar Jonas ao mar pera cessar a tormenta levantada sem culpa sua. Sofreo o Santo, que jà nos merece bem nomearmolo assi, a pena que lhe davaõ polo erro alheyo com o mesmo valor, que a bofetada: e foyse desterrado da companhia dos Padres seus irmaons, que pera viagem taõ comprida naõ podia ser mayor desconsolaçaõ. Mas pagoulha nosso Senhor, quando por honra de seu nome se lhe mul-

Joan. I.

multiplicavaõ trabalhos: porque naquelle desemparo, e apartamento dos seus, o visitou com grandes consolaçoens, das quais naceo sobir taõ alto nas materias do espirito, que andando despois na India, todas as vezes que se recolhia na Oraçaõ, em que era muy continuo, se arrebatava em profundas extases.

M. Frey Anton. de Sena Cronic. da Ord. fol. 336.

Chegado à India, como Deos lhe queria abreviar a coroa, pareceo que ainda em Goa seria sua presença ocasiaõ de discordia aos mesmos que primeiro a tiveraõ por elle. Despachouo o Vigario Geral da nossa Congregaçaõ logo pera Malaca: e com a mesma brevidade o despidio de Malaca pera o Reyno de Syaõ o Prior daquelle Convento, como Vigario dos Religiosos que por aquellas partes andavaõ derramados na conversaõ da Gentilidade que jà entaõ eraõ muytos, e agora tem sobido a grande numero, segundo veremos adiante quando chegarmos com a historia aos annos do descubrimento da India. Deulhe o Vigario por companheiro em Malaca ao Padre Frey Sebastiaõ do Canto. Foraõ estes dous Padres os primeyros que entraraõ naquelle grande Reyno a prègar o Evangelho. Entendido polos naturais quem eraõ, e que vida faziaõ, e que fim os levava à sua terra, pareceo aos mais que mereciaõ honra, e gasalhado, pois lhes hiaõ dar novas, e conhecimento do verdadeiro Deos que deviaõ adorar, que era o mesmo que dos Frades tinhaõ publicado os Portuguezes homens de negocio, que residiaõ na primeira cidade em que poseraõ os pès. A esta conta foraõ bem recebidos, e aposentados no melhor lugar della. Logo se juntaraõ os nobres a visitallos, e atè os Sacerdotes dos idolos os foraõ buscar, mostrandose todos desejosos de ouvir a nova doutrina. A primeira cousa, em que os Religiosos entenderaõ, foy estudar a lingoa; e naõ causou pouca admiraçaõ na terra a grande brevidade com que a tomaraõ, e se começaraõ a dar a entender com os naturais. Começavaõ jà a publicar o santo Evangelho, e ensinar os mininos, com esperança de tirarem grande fruito de seu trabalho: quando o Senhor por seus occultos juizos permitio que naõ passassem adiante os bons principios, ou porque a terra por seus peccados naõ merecia entrarlhe a luz: ou porque quiz abreviar a gloria, e a palma ao seu Martyr. Como em todas as terras maritimas do Oriente tem os Mouros trato, e morada de muytos annos antes que os Portuguezes passassem a ella, e tem certeza que onde forem honrados os Christaons naõ podem elles deixar de ser perseguidos, procuraraõ os que avia neste porto adiantarse, e apagar o fogo nos principios antes de levantar incendio, como jà se lhes trasluzia na geral inclinaçaõ que viaõ no povo pera as cousas da fè, e no muito que o Padre Frey Jeronymo lhe tinha em particular ganhado as vontades. Foy conselho armar briga com os mercadores Portuguezes que acudiaõ a casa dos Padres, pera que saindo elles, como era certo, a meter paz, fossem acometidos, e mortos, e parecesse o negocio accidental. Pera melhor effeito peitaraõ alguns Gentios, que ouvindo rumor saissem

ſem com ſuas armas, pera que por todas as vias foſſe a traiçaõ mais diſſimulada. Aſſi como o traçaraõ, o poſeraõ por obra, e aſſi lhes ſuccedeo. Acharaõ à porta dos Padres os mercadores Portugueſes, ſoltaraõſe com elles em palavras: naõ ſofreraõ os noſſos o atrevimento, levaõ das eſpadas, travaſe a briga. Acodem os Gentios peitados, e conjurados, com ſuas armas, como eſtava tratado, revolvemſe todos, arde a rua em grita, e confuſaõ. Chegou o rumor aos Padres, decem abaixo, metemſe por entre eſpadas, e lanças, procurando apartar, e quietar. Mas como elles eraõ os buſcados, entaõ creceo mais o ruido, e carregando de propoſito pera onde vinhaõ todo o peſo da revolta, e das armas, foy atraveſſado o Padre Frey Jeronymo com huma lança polos peitos, de que logo cahio morto; e o Padre Frey Sebaſtiaõ ficou mal ferido na cabeça, mas naõ de morte. Moſtrou a cidade notavel ſintimento do caſo, e vioſe claro quaõ bons fundamentos tinha lançado, pera aproveitar no principal, o Padre Frey Jeronymo de bem quiſto, e amado em commum. Porque atè os mininos choravaõ ſobre elle, e com vozes, e clamores ao Ceo repetiaõ *Vapa beta*: *vapa beta*, que quer dizer, meu pay, meu pay. O meſmo ſintimento teve el Rey que eſtava auſente em huma cidade diſtante, quando foy informado do que paſſara; e mandou fazer exemplares juſtiças em Mouros, e Gentios. As reliquias do Santo Martyr ſe trouxeraõ pera Malaca no anno ſeguinte; e ſendo recebidas com prociſſaõ, e triunfo por toda a cidade, foraõ poſtas no Convento que aly tem a Ordem. Succedeo o Martyrio no anno de 1566 pola conta mais certa. *1566.*

CAPITULO XXXII.

Vida, e trabalhos do Padre Frey Lopo Cardoſo.

COm boa bençaõ deſpedio o Convento de Lisboa tal filho, como foy o Martyr Frey Jeronymo, pois tal ventura alcançou. Mas naõ devemos eſtimar menos outros que ſe naõ foraõ Martyres de cutello, e ſangue derramado, padeceraõ tormentos de merecimento igual. Porque naõ ha duvida que os trabalhos da fome, e ſede, de perigos da terra, e medos do mar ſaõ hum genero de morte vagaroſa, e martyrio prolongado, que muitas vezes mata com dobrada pena. Pedio el Rey de Camboja por ſeu Embaixador ao Capitaõ de Malaca que lhe mandaſſe alguns Religioſos pera em ſeu Reyno prègarem a fè, e edificarem caſa. He Camboja grande, e dilatada Provincia, e huma das que com Malaca tem ordinario commercio. Deu o Capitaõ conta ao Vigario de S. Domingos, e elle aos Frades. Offereceoſe à jornada o Padre Frey Lopo Cardoſo, filho do Convento de Lisboa, e por ſeu companheyro o Padre Frey Joaõ Madeyra. Era Frey Lopo jà neſte tempo conhecido por homem de valor, e grande religiaõ: fora Prior em Chaul, Vigario de Malaca, e da Chriſtandade de Solor: e em todas eſtas partes ſe tinha governado com muita prudencia, e bom exemplo. Entraraõ os dous

dous companheyros em Camboja como pedidos, e chamados, e assi foraõ recebidos do Rey com todas as mostras de amor que se podia desejar. Seguiraõ obras conformes, mandandolhes sinalar sitio pera Igreja, e despachar suas licenças pera prègarem. Começava Frey Lopo com fervor, animado de taõ bons principios. Mas succedeolhe o caso mais avesso que em tal tempo se podia esperar. Faleceo el Rey, entrou no Reyno hum filho moço entregue todo aos Sacerdotes dos Idolos. Estes como se viraõ com autoridade, empregaraõna em fazer o dano que podiaõ aos Religiosos, e foy o primeyro tirarlhes a licença de prègarem aos naturais do Reyno. Tratou logo Frey Lopo de deixar a terra: e em quanto avisava ao Vigario de Malaca, por naõ largar o ministerio a que fora chamado, entendeo em prègar a alguma gente de secreto, e aos tratantes forasteyros em publico, porque avia muitos, e de varias naçoens: e converteo alguns.

Naõ consintio o Vigario de Malaca que Frey Lopo deixasse Camboja, entendendo que com o tempo, e com sua prudencia viria a vencer a opposiçaõ dos enemigos: e pera o obrigar foyse ver com elle a Camboja, levoulhe outro companheyro em lugar de Frey Joaõ Madeyra, que fora com o aviso a Malaca (foy este o Padre Frey Sylvestre de Azevedo.) E visitou a el Rey a fim de o reduzir ao bom animo de seu pay. Quando se quiz partir mandoulhe el Rey entregar huns moços Jaos que cativara na guerra: com ordem que em Malaca lhos fizesse vender, e do procedido lhe comprasse, e inviasse certas peças que lhe apontou. Foy a desgraça, que chegado o Vigario a Malaca, os escravos como naõ andavaõ a ferro desapareceraõ logo; o que aly he ordinario pola vizinhança da terra firme: e naõ ouve de que dar cumprimento à encomenda. Sabido em Camboja o que passava, pagaraõ os que là estavaõ o descuydo do encomendeyro, ou o desastre da encomenda, e foraõ logo despojados de toda a pobreza, que em casa tinhaõ, por mandado del Rey, atè o caliz, e vestimenta, e Missal lhe levaraõ: e naõ parando o negocio no fato, por ser de pouca valia, foraõ os Padres postos em aspera prisaõ. Aqui foy o merecer padecendo estremos de fome, que sendo genero de morte desesperado, se temperava com novas que cada dia lhe davaõ, que el Rey os mandava lançar aos elefantes bravos. E naõ avia duvida, que fora executado o mandado, se lhes naõ valera hum privado que o Padre Frey Lopo tinha de secreto convertido à fè, e juntamente a mãy del Rey que lhe affeava tratar mal homens entrados no Reyno debaixo da fè, e seguro Real de seu pay. Mas em fim por aqui teveraõ remedio de soltura os corpos, ainda que nenhum a fazenda roubada.

Naõ he pera ficar em silencio pera exemplo do muito que pode a fè prantada em hum animo, ainda que barbaro, que tendo Frey Lopo convertido hum moço de naçaõ Canarim, que chamou Domingos no bautismo, foy tanta sua piedade do que via padecer ao pay espiritual, que naõ sentindo outra via pera o po-

o poder ſocorrer, lhe pedio por vezes que o quizeſſe vender por eſcravo, e valerſe no aperto em que vivia com o preço que achaſſe por elle.

Vendoſe Frey Lopo livre do carcere, deſejou livrarſe tambem da terra, em que jà naõ era de tanto proveito como imaginara: e andando em traças de fogida, foy mexericado, e de novo preſo com ſeu companheyro: e tratados ambos com exorbitantes afrontas de palavra, e obra. Porque ainda aſſi os queria el Rey ter em arrefens das ſuas eſcravas com cobiça, e baixeza de infiel. Paſſados muytos dias acudiolhes o Senhor, por quem padeciaõ, inclinando aquelle animo avaro a hum partido, que foy largar a Frey Lopo pera que foſſe a Malaca reſucitarlhe a ſua encomenda: ficando todavia por prenda, e lembrança o companheyro. Chegou Frey Lopo a Malaca, tirou por eſmolas com que ſatisfazer a el Rey, e tambem agradecer à Rayna ſua mãy os beneficios que lhe fizera. Embarcado o retorno del Rey, e hum preſente pera a Raynha, inda aqui quiz Deos dar occaſiaõ de merecimento a Frey Lopo, e a ſeu companheyro, permittindo que comeſſe o mar tudo com a embarcaçaõ que o levava. Aſſi tornou com novo trabalho, e afronta a mindigar ſegundo retorno, naõ eſperando ver de outra ſorte ſeu companheyro reſgatado, e ſua palavra deſobrigada. Porque he condiçaõ tacita, que acompanha as encomendas dos poderoſos, naõ lhes prejudicar nenhum naufragio, e averemlhe de tornar à maõ ſeguras de todo riſco. Era taõ eſtimado Frey Lopo em Malaca, que todavia juntou o que convinha pera deſempenhar a Frey Sylveſtre. Mas naõ ſe atreveo a eſperar outro naufragio: embarcou a bom recado o que tinha negoceado, dirigido ao companheyro, e meteoſe no primeiro navio que ſe offereceo pera Goa. O ſucceſſo deſta fazenda, que naõ teve melhor ventura que a primeira, e as novas fortunas que por iſſo paſſou o Padre Frey Sylveſtre, veremos nas relaçoens dos Conventos da India, ſe Deos for ſervido chegarnos a eſcrevellas. Sò he rezaõ, por naõ dilatarmos paga, e agradecimento de beneficio recebido, ficar aqui logo em memoria, que tendo noticia em Japaõ o Padre Alexandre Valinhano da Companhia de Jeſus, Viſitador daquella Provincia, do eſtado em que eſtes Padres ſe achavaõ em Camboja, lhes mandou hum Caliz de prata com veſtimenta aparelhada, e frontal, e Miſſal Romano; e porque naõ faltaſſe, nada ajuntou farinha de trigo, e vinho de Portugal: o que tudo buſcava ao Padre Frey Lopo; e naõ no achando, foy entregue em maons de Frey Sylveſtre, que o teve por celeſtial conſolaçaõ do deſterro, e affliçoens que nelle deſpois padeceo.

O Padre Frey Lopo ſeguindo ſua viagem chegou a Goa, onde fizeraõ laſtima de ſeus trabalhos; e como varaõ ſanto foy mandado polo Vigario geral da Congregaçaõ deſcançar em caſa ſanta. Encomendoulhe a Igreja de Noſſa Senhora dos Remedios no termo de Baçaim, onde eſta Senhora quiz, e mandou que o Religioſos deſta Ordem lha edificaſſemos, e em teſtimunho diſſo

so a tem feito celebre por toda aquella costa com tantos milagres, que no anno de 1605 se contavaõ cento e vinte juridicamente approvados, como o contarà a historia, quando chegarmos com ella ao anno em que teveraõ principio. Despois de residir aqui alguns annos, nos quais com sua industria acrecentou a casa, e com sua santa vida edificou muito a terra, foy eleito em Prior de Cochim. Servindo neste cargo a Ordem acudio a Goa a hum Capitulo, e nelle faleceo de sua doença. Foy enterrado em hum lanço do claustro do Convento daquella cidade. Puseraõlhe sobre a sepultura, quando se ladrilhou o lugar della, sinco azulejos em Cruz. E isto foy quanto se fez em memoria, e veneraçaõ de tal pessoa. Assi vamos oje seguindo as pisadas, mas os defeitos de que nos queixamos em nossos mayores.

1605.

CAPITULO XXXIII.

Da vida, e morte do Padre Frey Inacio da Purificaçaõ. E do Irmaõ Frey Pedro de S. Domingos leigo.

DOus filhos deu o Convento de Lisboa pera perfazerem o numero de doze (numero de boa estrea) que no anno de 1548 foraõ fundar a Congregaçaõ de Nossa sagrada Ordem nas partes da India em companhia do primeyro Vigario Geral della Frey Diogo Bermudes, sendo Provincial nesta Provincia o Padre Mestre Frey Francisco de Bovadilha, e Governador da India o bom velho Garcia de Sà: como largamente contaremos adiante quando com a historia chegarmos a estes annos. Taes foraõ em suas obras os dous sojeitos que pera tal empresa deu Lisboa, que honraraõ bem o juizo de quem os escolheo. Foy hum o Padre Frey Inacio da Purificaçaõ: e outro Frey Pedro de S. Domingos Irmaõ leigo. Frey Inacio era prègador de nome, e nomeada sua observancia, e virtude na Ordem, e como tal fizera o officio de Mestre de Noviços no Convento de Lisboa com estremada diligencia. Tanto que o Vigario Geral poz os pès na India, e tratou de receber gente ao habito, logo fez conta que naõ tinha outrem pera lhe dar a criaçaõ que convinha, como Frey Inacio: e como teve numero competente de noviços, lhos entregou com inteira confiança de sairem de sua maõ Mestres. E na verdade elle tomou tanto a peito o cuidado, vendo que criava homens pera Apostolos daquellas vastissimas provincias do Oriente, taõ cegas, como vastas, que se adiantou a sy mesmo, e fez discipulos, que deraõ de sy homens de muita conta. E por honra dos velhos he rezaõ que fiquem em lembrança, que entre os mininos, que pera Noviços lhe foraõ entregues, entrou hum Fidalgo velho, e honrado, que aborrecido do mundo, e engeitando suas promessas se determinou em seguir a Christo pobre, e nú: chamavase Simaõ Botelho d' Andrade. Servira doze annos de Vèdor da fazenda da India, e tres de Capitaõ de Malaca. Estava rico, e era opiniaõ geral, que ninguem entendia melhor o governo daquelle estado de quantos

1548.

tos Fidalgos tinhaõ paſſado o cabo de Boa Eſperança. Aſſi foy grande eſpanto dos vaons, e cubiçoſos, mas mayor ſua conſolaçaõ, e com ella profeſſou, e acabou ſantamente no habito. Com tal Meſtre, e tais Noviços começou a Congregaçaõ da India. O Meſtre Frey Inacio paſſados alguns annos deixou o cargo pera deſcançar. Sendo morador em Cochim, prègava com muita continuaçaõ, e com hum zelo ferventiſſimo da ſalvaçaõ das almas. E hum dia foy tanta a vehemencia com que trabalhou por perſuadir, e mover o auditorio, que no cabo do Sermaõ foy tirado do pulpito quaſi pera eſpirar, e no meſmo dia acabou com grandes ſinais de Santo. E por tal anda contado no catalogo, e Martyrologio da Ordem.

Frey Pedro o Irmaõ leygo foy dotado de taõ boas partes de virtude, e prudencia, que o Vigario geral fiou delle, e doutro Irmaõ tambem leygo irem ambos aſſiſtir na fabrica da Igreja de Santa Barbara, que foy huma das quatro Vigairarias que o Governador da India Jorge Cabral deu à noſſa Ordem na Ilha de Goa. Chamavaſe a aldea, em que fundaraõ, Morumbim. Muitos annos deſpois foy mandado pera o Convento que ſe deu à Ordem em Damaõ. He a Cidade na coſta de Cambaya, e muito importante, por ſer perpetua fronteira contra os Mogores gente bellicoſa, e fera, que ha muitos annos ſaõ ſenhores daquelle Reyno. Mas eſtava taõ pouco defenſavel, que era mais pera ſoldados muito trabalhadores, e amigos de empreſas perigoſas, que morada pera Religioſos quietos. Naõ o ignoravaõ os enemigos, eſtavaõ cada dia ſobre ella de cerco, e algumas vezes apertavaõ com tanta furia, que davaõ muito cuidado aos noſſos. Em huma deſtas occaſioens, como naõ avia mais fortificaçaõ que vallos, e trincheiras de terra, e faxina, tendo por vergonha que com taõ fraca defeſa ſe ſuſtentaſſem poucos homens contra hum exercito vencedor de Provincias inteiras, acometeraõ a entrada com eſtranha porfia. Governava a terra hum valeroſo Fidalgo, encheoſe de fogo, e colera, (e por ventura que foy mais temeridade, que prudencia) determina acometellos fòra das trincheiras, e pelejando em campo razo moſtrar ao enemigo que avia dentro força, e esforço naõ ſò pera defender, mas tambem pera offender. Poem ſua gente em ordem, manda abrir as portas: ſe naõ quando, avendo muitos que torſiaõ o roſto a feito taõ deſeſperado, acha junto conſigo ao noſſo Frey Pedro feito alferes de hum devoto Crucifixo em huma aſte arvorado. Seguindo tal bandeira ſae o Capitaõ animoſo, e dando como hum rayo ſobre os enemigos, por muito que trabalharaõ em ſe manter, e fazer roſto vendoſe de acometedores acometidos, em fim foraõ rotos, e desbaratados, e deixaraõ o campo cuberto de armas, e corpos ſem vida. Mas ficou entre elles morto o bom alferes de Chriſto: morto, porèm naõ vencido, ſe naõ antes vencedor, e martyr, e verdadeiro imitador de ſeu glorioſo pay S. Domingos, que a eſte modo ſohia acompanhar os eſquadroens Catholicos contra os he-

hereges Albigenses de França, como em sua vida deixamos contado.

Naõ serà rezaõ ficar em silencio à vista de hum Frade martyr em guerra santa, que andando o tempo obrigou a necessidade desta importante praça aos Frades de S. Domingos, sobre o ministerio de sua vocaçaõ; tomarem tambem à sua conta a fortificaçaõ della. Elles foraõ os que com sua diligencia a acabaraõ de cercar de muralha, e baluartes firmissimos em poucos annos, como hoje està: e isto foy com duas circunstancias muyto de estimar: primeira, sendo rogados dos Visoreis, e instados do governo, e moradores da cidade: segunda, naõ tomando nunca dinheiro na maõ, mas assistindo sò com a vigilancia, e industria em todas as particularidades da obra. E ou fosse que os Capitaens, a quem pertencia mais propriamente o negocio, tevessem occupaçoens mayores: ou que os Visoreis fiassem muyto do cuydado, e fidelidade dos Frades: assi nos constou por papeis autenticos que temos em nosso poder, dos quais faremos relaçaõ mais copiosa, quando chegarmos aos annos em que tem seu lugar proprio as cousas da India.

CAPITULO XXXIV.

Do naufragio, trabalhos, e martyrio do Padre Frey Nicolao do Rosario.

MUytos annos adiante passou à India outro filho de S. Domingos de Lisboa, cuja vida atè a perder foy huma continuada tragedia de trabalhos, e desastres, e por isso pertence a este lugar. Chamavase Frey Nicolao de Sà, ou do Rosario. E sendo filho do Convento de Lisboa, era nacido na villa do Pedrogaõ. Este Padre despois de ter cursado a India alguns annos com nome de grande prègador, e vida pura, e exemplar, ouve licença pera se tornar pera o Reyno. Embarcouse na nào S. Thomè, Capitaõ Estevaõ da Veiga, entrada do anno de 1588. Chegando ao Cabo de Boa esperança, acharaõ as tempestades ordinarias que noutro tempo lhe deraõ nome de Cabo Tormentorio, ou tormentoso. E foraõ ellas taes, que fazendo força a todos o desejo de passar, abrio a nào huma agoa pola roda da proa, a qual com o muito trabalhar dos mares grossos foy crecendo, e brevemente chegou a estado que naõ avia vencella com muitas bombas. Acordouse em commum que arribassem a Moçambique a buscar remedio, antes que o mal fosse mayor. Voltaraõ em poupa, mas foy o conselho sem proveito por tarde, que tomado com cedo dera salvaçaõ. Antes de sayrem da paragem, que chamaõ da terra do Natal, a nào se cubrio de agoa atè quasi a cuberta de cima. Era em meyo do golfo, e a perdiçaõ sem genero de remedio, nem asperança delle. Mandou o Capitaõ lançar o esquife ao mar com guarda pera salvar sua pessoa com os que lhe parecesse, que naõ podiaõ ser muitos. E posto debaixo da varanda foraõ por ordem sua decendo a elle por cordas as pessoas de mais conta, entre as quais foy o Padre Frey Nicolao. Recolhidos no esquife os que couberaõ, aca-

acabou de se cobrir dagoa a miseravel nào, e começaraõ a verse lastimosos casos: mas entre todos quebrou o coraçaõ atè aos que ficavaõ em semelhante desaventura, huma minina de oyto annos filha de pay, e mãy fidalgos, e gente muito conhecida, bracejando piadosamente nas ondas, e lidando com a mòrte atè ficar afogada entre suas escravas que a cercavaõ. E em tal estado teve sua propria mãy olhos pera a ver, e animo pera se salvar sem ella. Mas naõ he de crer se naõ que a força do medo da morte a fez descuidar do penhor da alma no primeiro assalto; e no segundo lhe persuadio, que porse no esquife era tomar lugar pera sy, e pera a filha, e que teria valia pera a recolher despois. Assi o pretendeo logo com gritos, e lastimas, que quebrantaraõ a todos, mas naõ acharaõ em ninguem piedade pera lhe dar remedio.

Porèm logo se viraõ no esquife outros casos, que por mais desastrados fizeraõ esquecer os da nào. Pareceo a gente demasiada pera taõ pequeno vaso, tratouse de o aliviar, e naõ podia ser sem sentença de morte contra alguns. Foraõ logo condenados, e lançados ao mar muitos dos que pouco antes davaõ parabens à sua ventura, de se verem a seu parecer em salvo, ficando tantos bons companheiros sepultados na profundeza das agoas. Foy o sorverse a nào no mar, e a passagem ao esquife tudo abreviado, e como por momentos. E todavia no lugar, que o tempo deu, mostrou Frey Nicolao entranhas de verdadeira piedade, e religiaõ, ouvindo confissoens, e animando a todos: e o mesmo fez mais de assento nas fadigas, e perigos da segunda navegaçaõ: na qual o medo de soçobrarem com qualquer mar grosso, lhes trazia a morte diante dos olhos a cada momento. A cabo de alguns dias foy Deos servido, que tomaraõ terra em huma paragem que chamaõ terra dos Fumos, parte da Ethiopia Oriental. Lançaraõ fòra dous companheiros a descobrir se avia povoaçoens, ou gente tratavel. Foy a ventura que a menos de meya legoa deraõ com huma aldea de negros cafres de cabello revolto, como saõ os mais desta costa. Mas era a gente bem assombrada, branda, e alegre: e taõ bemaventurada, que nunca tinha visto estrangeiros; do que deraõ sinal nos estremos de pasmo que faziaõ de os verem brancos; e polo que se podia colligir dos geitos, e meneyos que faziaõ, davaõlhes nome de filhos do Sol. Seguiose ao pasmo bom gasalhado, e convidaremnos a comer, e beber do que tinhaõ: e sairem logo alguns com elles em busca dos companheiros à praya. Mas eraõ desaparecidos; que viraõ vento em popa, e naõ quizeraõ perder viagem: do que os descubridores levantaraõ gritos ao Ceo como desesperados. E por naõ ficarem ali em nova, e mayor perdiçaõ, tomada licença dos bons hospedes, se lançaraõ à praya, a ver se davaõ com o esquife. Os cafres os consolavaõ com mostras de compaixaõ de sua desgraça, e misturavaõ conselhos naquella lingoagem muda: em que queriaõ significar, que o mar era doudo furioso, e sempre irado, e mais doudo quem se fiava delle: que andassem

sem por terra como faziaõ os moradores daquella aldea, e nunca teriaõ de que se queixar. Conselho sisudo, se naõ viera tarde: e na verdade pera os cobiçosos nenhum vem a tempo, como logo se mostrou nestes. Hiaõ caminhando com assaz malencolia, arriscados a ficarem pera sempre sepultados entre aquelles barbaros: acertaraõ de conhecer ambar na praya, e naõ avia menos que montes delle por toda a costa: assi se carregaraõ da mercadoria, como se caminharaõ de Belem pera Lisboa: e carregados chegaraõ ao esquife, que acharaõ surto com força de vento contrario. Daqui se fizeraõ à vèla, e foraõ correndo a costa atè darem em huma Ilha, que conheceraõ ser das terras de hum Rey amigo dos Portuguezes, chamado o Inhacca: e sem fazerem mais diligencia, poseraõ fogo ao esquife, porque naõ ouvesse quem deixasse a companhia, aproveitandose delle furtadamente. Foy o conselho taõ precipitado, que estiveraõ por elle em risco de hum novo naufragio de fome, e sede. Porque a Ilha era deshabitada, e tal, que corrida toda nem agoa tinha de beber, nem cousa que comer. Neste estado moveo Deos os coraçoens de huns Cafres da terra firme a que passassem à Ilha a entender a causa de huns fogos que nella viraõ, feitos polos nossos na mesma noite que chegaraõ. Levaraõ duas embarcaçoens, em que passaraõ os pobres naufragantes à terra firme, mas com novos medos, e trabalhos, porque eraõ Almàdias pequenas em demasia, e faciles de virar com pequena força de tempo, a travessa grande, e os mares temerosos. Como a terra era de Rey amigo, foraõ caminhando descançadamente atè onde tinha seu assento: e elle os agasalhou com amizade, e cortezia. Pareceo que eraõ acabadas todas as fadigas com tal gazalhado, mas acharaõse muito enganados. Porque avendo sò dous caminhos pera se tornarem à India, que eraõ, ou ficar ali esperando embarcaçaõ pera Moçambique, ou caminhar por terra à nossa fortaleza de Sofalla: os que ficaraõ esperando pagaraõ a quietaçaõ com pestilenciais doenças, e necessidades sem remedio, com que acabaraõ muitos miseravelmente: os que se atreveraõ ao caminho, padeceraõ fomes, e sedes, e encontros de Cafres de guerra màos, e deshumanos, a fora oitenta legoas de asperissimos caminhos tomados a pè. Destes atrevidos foy hum o Padre Frey Nicolao, e succedeolhe bem, porque achou em Sofalla Casa de S. Domingos, e Frades da Ordem. Era ali Vigario o Padre Frey Joaõ dos Santos, que despois escreveo parte deste naufragio ouvido da boca dos que o padeceraõ, na sua Varia Historia da Ethiopia Oriental.

P. 2. l. 3. c. 5.

CAPITULO XXXV.

Como foy martyrizado o Padre Frey Nicolao do Rosario.

COmo Frey Nicolao descançou, deixou a fortaleza, e passouse à Ilha de Moçambique, terra sàdia, e fresca. Mas como quem veste o habito da Religiaõ, e zelo della, naõ sabe descançar, nem pouparse: em lugar de tornar pera a patria,

e aos

e aos seus amados penedos do Pedrogaõ, ou pera a deliciosa cidade de Goa: se foy de novo offerecer às febres, e desaventuras dos rios de Cuama, que saõ na mesma costa, e Cafraria, onde se perdera. Era polo anno do Senhor de 1592, quando emprendeo esta viagem. Nella se fez bem conhecer, e estimar por espirito Apostolico de todos os lugares por onde andou, atè acabar, dando a vida por Deos, e polos proximos pola maneira seguinte.

1592.

Succedeo neste tempo aparecer naquellas partes hum exercito de Cafres, o nome Zimbas ou Muzimbas, gente nova, e nunca nellas vista, que saindo de suas terras, correo grande parte desta Ethiopia, como açoute do Ceo fazendo destruiçaõ em toda cousa vivente que encontrava, com brutalidade mais que de fèras. Porque como verdadeiros Antropofagos da antiguidade celebrados, comiaõ carne humana: no lugar, donde entravaõ, naõ perdoavaõ a cousa viva, nem homem, nem animal: tudo matavaõ, e tudo comiaõ, e atè os bichos, como por conjuraçaõ. Eraõ em numero mais de vinte mil, gente solta sem molheres, nem filhos: e como eraõ tantos, e naõ vinhaõ com tençaõ de buscar terras pera morar ao uso dos antigos Hunos, Godos, e Vandalos, e outras naçoens do Norte: se naõ sò instigados de espirito diabolico de fazer mal, corriaõ em breve muita terra, e como achavaõ a gente descuidada, e os lugares abertos, nenhuma cousa lhes resistia, assolavaõ tudo. O remedio, que achavaõ os naturais, era largar as povoaçoens, (que na verdade saõ pouco custosas) fogir pera o mato, e embrenharse no mais espesso: ou ajuntarse com elles em semelhante genero de vida, porque sò assi escapavaõ à morte, e a seus dentes. Tendo corrido victoriosos mais de trezentas legoas de costa, e andando nas terras de Monopotapa: pera com mais segurança senhorearem a provincia, fortificaraõ hum lugar, e nelle faziaõ assento, e sahiaõ a tempos como salteadores. Tem os Portugueses nestas partes duas casas fortes, situadas sobre as ribeiras do grande rio Zambeze, em distancia de sessenta legoas huma da outra: huma està na povoaçaõ de Sena, de que era Capitaõ Andre de Santiago, outra na de Tete, Capitaõ Pero Fernandez de Chaves. Estes Capitaens saõ subditos do nosso Capitaõ, e Governador de Sofala, e ordinariamente saõ homens de sua obrigaçaõ, ou seus criados: e as casas lhe servem de feitorias pera o resgate do ouro que mandaõ fazer, e he o trato mais grosso de Sofala. Obrigado Andre de Santiago dos males que os Zimbas vinhaõ fazendo nas terras vizinhas, determinou buscallos, pelejar com elles, e ver se os podia desfazer antes de crecerem mais em poder, e reputaçaõ. Ajuntou tudo o que avia em Sena de Portugueses, e mestiços, e negros confidentes, e foyse em demanda delles ao mesmo lugar de que se dezia estavaõ senhores. Mas chegando, achou a empresa mais difficultosa do que se persuadira ao sair de casa, porque o enemigo tinha cercado a povoaçaõ em roda de fortes trincheiras de pàos

a pique, suas cavas largas, e fundas, com travezes, e seteiras, tudo em rezaõ militar, e naõ como barbaros. Avisou logo ao Capitaõ de Tete, que se viesse ajudallo com o mayor poder que lhe fosse possivel. Naõ tardou Pero Fernandez de Chaves em acodir, porque a causa era commum, e como fazia conta que teriaõ cerco largo, pedio ao Padre Fey Nicolao que avia dias residia em Tete, quizesse ser companheiro na jornada pera administraçaõ dos Sacramentos, e consolaçaõ de todos. Naõ se soube elle negar, como se tratou de serviço de Deos, e bem das almas. Pozse com elle em caminho. Tiveraõ os Barbaros noticia do soccorro, lançaõ espias fòra, pera saberem a ordem, e caminho que trasiaõ. Como estiveraõ informados, sae de noite caladamente hum esquadraõ dos melhores, vaõse deitar em silada em hum passo de huma grande mata de arvoredo espesso, e cego, por onde o socorro tinha sua estrada: que naõ podia ser mais a proposito pera o effeito. Vinhaõ os nossos sem nenhuma fòrma de gente de guerra, eraõ poucos mais de cem homens entre Portuguezes, e Mestiços, gente bem armada, mas todos taõ descuidados, e sem cautela, como se naõ ouvera enemigo em toda a terra. Os mais em andores às costas de seus escravos sem armas prestes, nem mecha aceza, nem homem diante que descobrisse o campo: em fim como gente que naõ temia, nem estimava o enemigo: o qual tanto que os vio bem entregues no mato, levantando hum trovaõ de alarida que foy ferir nas nuvens, deu sobre elles com tanta furia, que antes de terem tempo de arrancar espada, foraõ degolados todos os Portuguezes, e mestiços, sem escapar homem. Ajudou a desaventura, que os nossos por virem mais desabafados, caminhavaõ mea legoa diante dos cafres amigos, que traziaõ pera companheiros do perigo, que eraõ hum grande numero, gente boa e determinada: e assi quando chegaraõ ao valle da emboscada, jà os Barbaros sahiaõ delle vitoriosos. O Padre Frey Nicolao sendo achado inda vivo, e conhecido por Religioso, foy trazido por elles à sua povoaçaõ, assi como estava atassalhado de feridas mortais: ali o ataraõ de pès, e maons a hum madeiro alto, e às frechadas o acabaraõ de matar em odio de nossa santa Religiaõ, dizendo que os Portugueses naõ faziaõ aquella guerra se naõ por conselho dos seus Cacizes (que assi chamaõ os Cafres aos nossos Sacerdotes com lingoagem dos Mouros da costa seus vizinhos antigos.) Affirmase que sofreo a morte com alegria, e olhos no Ceo: naõ sò com paciencia, considerando como he de crer, que puro zelo de servir a seus proximos, e cumprir com sua obrigaçaõ o chegara a taõ duro passo. Assi acabou sua vida, e trabalhos com mais este merecimento, e com outro, que logo seguio tambem assaz consideravel que foy ser pasto daquellas fèras em carne humana cozido, e assado: pera podermos dizer delle o que se conta dos Martyres antigos: *Obturauerunt ora Leonum &c.* sendo despois de assèteado como saõ Sebastiaõ, comido de fèras como Santo Inacio.

Heb. 11.

Mas

Mas porque he certo que fica dezejando o fim de taõ carniceiros algozes, quem isto lè, brevemente o diremos, inda que naõ seja de nossa obrigaçaõ. Com a vitoria de Pero Fernandes de Chaves, facilitaraõ a outra que logo ouveraõ do Capitaõ de Sena que os cercava: fizeraõlhe ver as cabeças dos amigos, e conhecidos que o vinhaõ socorrer. Resolveose em deixar o cerco. Mas a tristeza, e horror do desastre fez nos seus o mesmo desmancho, que nos do Chaves. Desordenaraõse ao partir, e (como toda a retirada tem partes de desconfiança, e medo) sayndo tràs elles toda a multidaõ dos cercados, foraõ desbaratados, e mortos, ainda que teveraõ a consolaçaõ de ser com as armas nas maons, e vendendo bem suas vidas. Passaraõ estes negros despois à Ilha de Quiloa, onde se affirma que comeraõ mais de tres mil Mouros, e Mouras, e despois à de Mombaça, onde fizeraõ o mesmo em todos os moradores, que naõ ouve escaparlhes nenhum. Ultimamente foraõ mortos, e acabados todos por el Rey de Melinde, que lhes deu batalha acompanhado de outros Cafres homens de valor chamados Mosseguejos. Assi castigou Deos, e acabou o instrumento com que tinha castigado a tantos. Outro exercito semelhante a este, ha muitos annos que correo a costa da mesma Ethiopia, que chamamos Occidental, porque corre do Cabo de Boa esperança pera o Norte, com os mesmos estilos de vida, e guerra, e com nome de Jagas: e andaõ jà no Reyno de Angola, e polos vizinhos. Saõ varas de Deos que manda por toda a parte quando lhe parece, pera escarmento do mundo, e exemplo nosso.

Frey Joaõ dos Santos na Ethiopia p. 1. l. 2. c. 21.

CAPITULO XXXVI.

De alguns filhos deste Convento que subiraõ a grandes Prelacias.

DEspois de dizermos dos filhos que com santidade, e trabalhos, e em fim com sangue honraraõ a mãy que os gerou no Senhor, e pera elle os criou: entraõ outros, que tiraraõ da mesma criaçaõ poder illustrar a mesma mãy, e toda a Ordem merecendo, e alcançando honras ou nas Universidades com suas letras, ou nos tribunais mais altos com sua religiaõ, e inteireza, ou nas Prelacias do Reyno com huma cousa, e outra. Mas porque fora leitura sem fim proseguir com particularidade a vida, e obras de cada hum: por tanto naõ faremos mais que yr apontando os nomes com algumas particularidades forçadas, e com advirtirmos ao Leitor, que dos que apontarmos, que saõ quasi todos de nosso tempo, ou muy chegados a elle, faça juizo quanto mayor numero puderamos dar, se nossos antepassados nos quizeraõ deixar por escrito suas vidas, ou polo menos seus nomes.

Por todos os titulos que temos proposto merece lugar neste catalogo, e que seja ante todos nomeado polo que tem de mais antigo, hum Bispo que o curso da Historia que atràs fica nos foy descobrir no anno de 1432 principiador da Confraria do Santo nome de Jesu; digo dom Frey Andrè Dias de Lisboa, Bis-

Bispo de Megara, que como era de Lisboa natural, naõ temos duvida em ser filho deste Convento.

Seja segundo quem por mayor dignidade merecia ser primeyro, e naõ menos por heroicas virtudes, e grandes letras, que foraõ as partes que o tiraraõ do canto de sua humildade, pera o Arcebispado de Braga, e Primacia de Espanha. Tomou o habito neste Convento no anno de 1528. E foy nascido em Lisboa, seu nome dom Frey Bertolameu dos Martyres. Livros ha de sua vida que nos escusaõ ser aqui mais largos.

Tambem foy filho desta casa dom Frey Jorge Temudo, que sendo Presentado em Theologia na Ordem, foy della tirado pera Bispo primeiro de Cochim, e tal valor mostrou nesta prelacia, que foy della passado pera Arcebispo de Goa, e Primàs de toda a India Oriental.

Dom Frey Bernardo da Cruz, de Mestre de Noviços de seu Convento de Lisboa, foy mandado a Roma por el Rey dom Joaõ III. a negocios de muita importancia: da volta o nomeou por Bispo da Ilha de S. Thomè, e achando nelle talento pera cousas mayores, que cada hora se offereciaõ no Reyno, do que ordinariamente eraõ as do Bispado, empregouo em Reytor, e reformador da Universidade de Coimbra, e fazendoo Commissario do Santo Officio, mandoulhe que desse principio ao tribunal delle, que naquella cidade se assentou. Chamado despois a Lisboa entrou por deputado do Conselho da Mesa da Consciencia, e Ordens. Em fim escusouo el Rey de yr experimentar as febres, e ardores da torrida zona no seu Bispado, e deulhe o cargo de seu esmoler, e boa renda em melhor terra encomendandolhe os Mosteyros de Tibaens, e Carvoeiro da Ordem de S. Bento em Entredouro, e Minho, onde vivendo com muito exemplo, e fazendo largas esmolas acabou em boa velhice.

Dom Frey Gaspar dos Reys, e dom Frey Jorge de Santiago, foraõ dous filhos deste Convento, que ao parecer andaraõ a par, e conformes em todos os successos da vida. Porque ambos cada hum por sua via foraõ estudar a Paris. Ambos se doutoraraõ em Theologia naquella Universidade. Ambos leraõ nella a mesma faculdade com taõ bom nome, que a hum, e outro chamou el Rey dom Joaõ juntamente pera se servir delles, e succedendo darse principio ao Santo Concilio Tridentino no anno de 1545 polo Papa Paulo III. ambos mandou a elle por seus Theologos: e tornando brevemente a Portugal, porque o Concilio se interrompeo, foy dom Gaspar sagrado em Bispo titular de Tripoli, despois de servir muitos annos no tribunal da Santa Inquisiçaõ de Lisboa: em que foy o primeyro revedor de livros que ouve em Portugal. Dom Frey Jorge foy tambem Inquisidor em Lisbòa, e ultimamente eleito Bispo de Angra, e Ilhas dos Açores. Mas sendo os autos da vida taõ conformes destes dous Prelados atè chegarem ao mayor estado, foy maravilhosa a differença que teveraõ em o lograr: hum de descanço, e sossego: outro de trabalho, e inquietaçoens. Dom

Gas-

Gaſpar que ſe contentou de yr ſervir ao Cardeal Infante ſem mais dignidade que a titular, gozoua em muita paz dentro de huma bem aſſombrada, e rica cidade, qual he Evora, ſem nunca ſayr mais dos limites do Reyno, e da patria. E he de ſaber, que eſtavaõ taõ conhecidos ſeus merecimentos na Corte de Roma, polo nome que ſuas letras lhe ganharaõ no Concilio, que quando nella ſe preſentou a ſuplica do Cardeal, em que dizia falando à Realenga que o queria pera lhe fazer os Pontificaes na Sè: o Summo Pontifice, que era Julio III., lembrado das calidades do Religioſo, deu de maõ ao papel, dizendo que a tal peſſoa hum grande Arcebiſpado em propriedade, e naõ ſò titulo, era devido: e naõ conſintio no deſpacho das letras. E aſſi foy neceſſario ao Cardeal reformar a petiçaõ, e dizer que polas grandes partes, que no homem concorriaõ, o buſcara elle, naõ pera ſubdito, ſenaõ pera igual; naõ pera ſegundo, ſenaõ pera primeiro na adminiſtraçaõ de ſua Dioceſi, viſto eſtar elle Cardeal de ordinario, e forçadamente auſente com negocios do governo do Reyno. E entaõ alcançou deſpacho.

Porèm dom Jorge deſdo dia que poz a mitra na cabeça, inda que o mundo ouve que ficava aventajado na prebenda: começou a correr tormenta de cuidados da alma, e perigos da vida, como ſe entrara em batalha. O primeiro trabalho foy a paſſagem do mar que nunca he ſem riſco. Poſto em Angra achou aquella Ilha, e as mais muy depravadas em vicios, e algumas almas taõ vencidas delles, que lhe foy neceſſario grande valor pera as tornar à virtude. Bem ſe diz, que naõ pode ſer Prelado ſenaõ quem tever animo para arroſtar, e naõ temer deſagradar a hum poderoſo. Era grande letrado pera conhecer ſuas obrigaçoens, e grande animoſo pera executar o que entendia. Achando alguns, que naõ ſintiaõ bem da fè, cubrioos de ferros, e mandouos entregar no carcere do Santo Officio em Liſboa. Apertou com outros com as armas eſpirituais em todo rigor, atè os meter no caminho dos mandamentos Divinos. Mas cuſtoulhe verſe tres vezes em fortes perigos. Huma querendo paſſar de huma Ilha pera outra foy acometido de gente armada na embarcaçaõ, e pera ſe ſalvar naõ teve outro remedio ſe naõ lançarſe ao mar, e valerſe dos braços, e nadar. Outra eſtando fazendo ſeu officio de Viſitador lhe tiraraõ com huma eſpingarda, guardouo Deos, e mataraõ hum ſobrinho ſeu que o acompanhava. Terceira vez tentaraõ matallo em certa caſa, onde tirava huma devaça: e acometendo as portas os culpados nella com armas, e determinaçaõ danada, valeolhe, que como andava acautelado, acharaõnas trancadas por dentro, e ſeguras. E com tudo inda moſtraraõ deſcortezia, e poder diabolico, porque chegaraõ a entaipar o Prelado, ajuntando pedra, e cal, e cerrandoas de parede por fòra. Naõ faltou gente nobre, e de melhor animo que lhe acudio. Muito trabalhou, mas tambem remedeou muito: que eſte he o officio de Prelado. Ultimamente paſſou de novo o mar, e

veyo

veyo ao Reyno a negocios da Diocesi: e tornando com animo de edificar huma casa da sua Ordem em Angra, pera o que levava consigo pera fundadores tres Religiosos de boas letras, e bom pulpito, e todas as licenças necessarias, desfez sua morte os bons desenhos. Este Padre que dissemos era filho do Convento de Lisboa, entendemos adoptivo: porque tomou o habito, e professou em Santo Estevaõ de Salamanca: e despois foy perfilhado por este Convento.

Dom Frey Jorge de Lemos de Presentado em Theologia veyo a ser Bispo do Funchal, e Ilha da Madeyra. Succedendo vir ao Reyno a negocios, desejou descarregarse da dignidade, porque o carregavaõ muitos annos: renunciou o Bispado, e aceitou ser Esmoler del Rey: e faleceo em Lisboa, e sepultouse no nosso Convento, sendo Prior o Padre Frey Jeronymo Correa.

Dom Frey Jeronymo Pereyra foy Bispo titular de Salè à petiçaõ do Cardeal Infante, traz dom Frey Gaspar, e com o mesmo fim, e razoens, porque era bom letrado, e prègador de grande nome.

Dom Frey Jorge de Padilha Mestre em Theologia, e Bispo de Civita Ducale em Italia.

Dom Frey Antonio de Sousa, filho do famoso Governador da India Martim Afonso de Sousa: sendo Mestre em Theologia, veyo a ser Vigario Geral de toda a Ordem dos Prègadores: prègador dos Reys dom Sebastiaõ, dom Anrique, e dom Felipe I., e ultimamente Bispo de Viseu.

Dom Frey Antonio de Santo Estevaõ prègador dos Reys dom Felipe I. e II. na peste de Lisboa, que acabou no anno de 602, aturou tres annos com admiravel constancia o cargo de enfermeyro mòr da casa da Saude (nome, com que disfarçamos o horror que faz dizer hospital de peste) tendo à sua conta todo o temporal, e espiritual della, e sustentando a vida como por milagre no meyo de infinitas mortes; e foy despois Bispo do Congo, e Angola. 1602.

Dom Frey Antonio Valente leo muitos annos em Nossa Senhora da escada aos Clerigos do Collegio que a Raynha dona Caterina, como adiante diremos, instituyo neste Convento: e foy examinador das Igrejas do Padroado real, e Mestrados de Christo, e Santiago, e Avis, e ultimamente Bispo da Ilha de S. Thomè. Bem he naõ ficar em silencio por honra desta nossa cidade, que estes tres Antonios eraõ filhos della, e nacidos nella, assi como o eraõ deste Convento.

Estes saõ os Prelados que achamos em lembrança deu à Igreja de Deos o Convento de Lisboa. Apoz elles diremos no Capitulo seguinte os que serviraõ no gravissimo tribunal do Santo Officio, porque nelle se callificaõ os bons juizos, e se fazem dignos das Prelacias.

CAPITULO XXXVII.

De outros filhos deste Convento que servirão nos tribunais do Santo Officio.

PUderamos dar primeyro lugar a hum Inquisidor Geral de toda Espanha, e juntamente Provincial, antes da separação desta Provincia, prègador, e confessor del Rey dom João o Primeyro deste Reyno, que foy o Mestre Frey Vicente de Lisboa. Mas jà temos dito que he seu lugar proprio o Convento de Benfica, onde faremos mayor menção delle.

O Mestre Frey Manoel da Veiga sobre grandes letras foy dotado de huma singular excellencia de entendimento natural. E por ser tal correo por seus degràos os tribunais do Santo Officio, que ha neste Reyno, Coimbra, Evora, e Lisboa. No de Evora lhe aconteceo dar prospero fim a hum negocio de tanta importancia, que não hia menos nelle que a honra de huma cidade inteira, e à sua diligencia devemos tirarse a limpo, e sayr à luz a verdade: e quando de Frey Manoel não souberamos outra cousa, esta bastava pera o fazer muito illustre. O caso foy, que sendo presos pola Inquisição na cidade de Beja quatro homens da nação dos Christaons novos (nome, com que entendemos os filhos, e netos daquelles que em tempo del Rey dom Manoel se converterão do Judaismo a nossa santa Fè) quando despois forão em particular examinados, e perguntados, como se costuma, polos complices, apontàrão sem discrepar hum do outro, e falando todos quatro por huma boca, dezoito casas de homens nobres, e honrados da mesma cidade. Como era testimunho uniforme, e conteste, forão logo presos homens, e molheres com grande terror, e espanto de toda a terra, e levadas a bom recado ao carcere do Santo Officio de Evora. Negarão elles, e ellas o crime com boas rezoens: favoreciaos a quietação de animo com que estavão, e respondião; ajudava sua calidade, e o sangue limpo, e sem mistura com os accusadores. Fazia tambem por elles serem os quatro accusadores todos da nação sem parte nenhuma de Christaons velhos, salvo hum que era ordenado de Diacono, e tinha de Guinè o que lhe faltava do sangue da nação, porque era mulato. Assi parecia a quem de fòra julgava, que penavão innocentemente. Todavia estava o negocio reduzido a perigosos termos: accusação feita por quatro homens, ratificada huma, e muitas vezes, e com interpolaçoens de tempo em meyo: sem fazerem mudança nem alteração nos ditos. O tribunal zeloso, e temeroso de casos de heregia por alguns que de fresco erão succedidos em algumas partes de Espanha. O Rey, e o Reyno alterado com a sospeita do que nunca fora inficionado em corpo de gente. Viose o Santo tribunal em hum laberinto de confusão, e irresoluçoens: e fez o negocio mais duvidoso quando ao parecer estava em favor dos accusados, que hum delles sintindo mais o trabalho da reclusão, que o ponto da honra, confessouse chammente por cul-

pado, acreditando assi os accusadores. Aqui resplandeceo a prudencia, a virtude, e a religiaõ do nosso Inquisidor. Vendo caso taõ cego, determinouse em o remeter ao autor da Luz, pera que lha desse no que devia fazer nelle: com que naõ padecesse a innocencia dos homens, ou o credito do intemerato, e sagrado ministerio da Inquisiçaõ, se condenassem gente sem culpa (como he facil enganarse a humanidade.) Mandou fazer muitas oraçoens por gente virtuosa, e por discurso de tempo: as suas eraõ continuas, e affirmase que juntava a ellas muita penitencia, jejuns, e lagrimas, dando sempre voltas ao entendimento, que remedio teria pera descobrir a verdade. Em fim pozlhe Deos na imaginaçaõ a traça, como a outro Daniel. Eraõ passados quatro annos: entra hum dia no carcere, e sendo assi, que os quatro avia longo tempo que estavaõ separados, e muito longe huns dos outros, mandouos trazer juntos, e publicos, de modo que se viraõ, e reconheceraõ: e fez que os posessem em hum corredor onde avia quatro cubiculos contiguos hum a outro, em que ficaraõ repartidos. Imaginou o santo Inquisidor, que vendose assi juntos, falariaõ de noite, e procurariaõ communicar sobre suas cousas, e que seria meyo pera se abrir caminho a se alcançar alguma luz dellas. Poemlhes guardas com ordem, que colhendo quaesquer razoens sospeitosas gritassem logo, pera que os presos entendessem serem ouvidos, e descubertos. Succedeo puntualmente como se lhe representou. Tanto que se viraõ juntos, teveraõ no a boa ventura: quietando a noite, começaraõ a chamar huns polos outros, e a falar sem cautela, e taõ largamente, que as vigias aprenderaõ mais do que era necessario, e como lhes pareceo tempo bradaraõ, reprendendoos do que tinhaõ ouvido. Foraõ logo chamados à meza cada hum por si, como se lhe proposeraõ palavras, e rezoens conhecidas deraõse por descubertos. Confessaraõ entaõ chammente huma estranha, e nunca vista conjuraçaõ, dizendo que no tempo de sua prisaõ em Beja viraõ com seus olhos a muitos dos accusados fazer festas, e correr carreyras à honra de seu trabalho, (e na verdade assi contaõ os antigos que aconteceo) por onde logo entaõ na mesma cadea, em que estavaõ presos, se concertaraõ elles quatro de fazer pagar aos dezoito o gosto que mostravaõ de os verem nella, nomeandoos por complices da heregia, como falsamente tinhaõ feito: sendo verdade que nunca com nenhum delles teveraõ tal communicaçaõ. Custou esta confissaõ aos quatro serem queimados com suas insignias de carochas nas cabeças, pera serem do povo conhecidos. Aos dezoito foy restituida sua honra, sendo condenado em degredo pera o Brasil o que por fogir à vexaçaõ poz sobre si a culpa que naõ tinha, com que fazia duvidosa a innocencia dos companheiros. Obriga este successo a darmos immortais graças a Nosso Senhor polo fim delle todos os que somos catolicos, e mais em particular os que somos Frades de S. Domingos, pois o mesmo Senhor foy servi-

do que desta sua Ordem saisse em tempos antigos taõ salutifero medicamento das almas, como he o do Santo Officio: e nos modernos hum taõ valeroso espirito como foy o deste Inquisidor: pera que naõ ouvesse sentença errada, onde a tençaõ era pia, e justa, e amiga de acertar. E cerremos este elogio com dar os parabens à nobre Villa de Aveiro por ser nacido nella, quanto à carne, hum taõ insigne sogeito, como o foy quanto ao espirito no Convento de Lisboa. Correndo despois o anno de 1571, e celebrandose capitulo de eleiçaõ na villa de Santarem, foy eleito com grande conformidade de todos os capitulares em Provincial: o qual cargo naõ servio, porque o contradisse o Cardeal Infante Inquisidor Geral neste Reyno, affirmando importar mais ao serviço de Deos a sufficiencia de tal pessoa pera assistir no tribunal do Santo Officio de Lisboa, em que o tinha occupado, que naõ governando a sua ordem, em que avia muitos sogeitos pera isso bastantes: e porque tinha poderes do Padre Geral, cassou a eleiçaõ.

O Mestre Frey Antonio Pegado foy Deputado do mesmo tribunal.

O Mestre Frey Antonio de S. Domingos Lente de Prima da cadeyra de Theologia na Universidade de Coimbra, e nella jubilado, foy famoso prègador, e revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio na mesma cidade de Coimbra. Deste Padre sabemos, que sendo Prior de Lisboa na mòr força da peste grande do anno de 1568 naõ desemparou o Convento em quanto lhe durou o cargo: sendo assi, que obrigou a muitos Religiosos a se sayrem delle: e mandandolhe pedir hum Irmaõ leygo que do mesmo mal estava acabando, que o quizesse confessar, com tal teyma, que parecia mais frenesi, que conselho, porque de nenhum outro Religioso se satisfazia, animosamente lhe acudio, ouvindoo, e consolandoo muito de vagar. Faleceo em Coimbra no anno de 1596 em idade de sessenta e cinco.

O Mestre Frey Bertolameu Ferreyra revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio em Lisboa.

Frey Ant. de Sena na sua Bibliot.

O Mestre Frey Francisco Foreyro foy mandado por el Rey dom Sebastiaõ ao Santo Concilio Tridentino entre os Theologos que pera elle sinalou: onde o escolheo aquella gravissima junta pera Secretario da Congregaçaõ dos Bispos, que foraõ deputados pera censurarem os livros, que se aviaõ de prohibir, e fazer catalogo dos permittidos, e dos reprovados. Despois que tornou foy revedor delles em Lisboa, e juntamente Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e nosso Provincial. O mais que delle temos, que naõ he pouco, se verà quando chegarmos ao Convento que edificou, e dotou em Almada.

O Mestre Frey Manoel da Serra Deputado do Santo Officio da India no tribunal de Goa.

O Padre Frey Thomas do Espirito Santo nacido na villa de Guimaraens de bom, e antigo sangue tomou o habito neste Convento de Lisboa, e passando à India soube tambem ajuntar as obrigaçoens da religiaõ com

Frey Joaõ dos Santos P. 2. l. 2. c. 16. de Var. Historia Orient.

com as do nacimento, que dos Religiosos que o conheciaõ de perto, e do povo que o tratava mais de longe era avido por Santo. E por tal foy muytos annos Deputado do Santo Officio: e taõ estimado dos Visoreys de seu tempo que naõ davaõ ponto em negocio de importancia sem seu conselho. Sendo Prior do Convento de S. Domingos de Goa emprendeo fazer huma casa em Pagim que he hum sitio deleitoso, pouco afastado da Cidade. E valeo sua industria, e o amor que lhe tinha a terra pera sayr com a obra, e a ver acabada, e moradores nella trinta Religiosos. Este edificio mudou despois nome, e sitio sendo tresladado pera dentro da cidade, com nome de Collegio de Santo Thomas, e confirmandose nelle o de seu autor primeiro, e as rendas, e ordenados reays que o mesmo lhe tinha grangeado.

O Mestre Frey Pedro martyr sendo lente de cadeyra de vespara de Theologia na Universidade de Coymbra foy revedor dos livros polo Santo Officio da mesma cidade.

Sendo Inquisidor Geral neste Reyno o Cardeal Infante dom Anrique que despois succedeo na coroa delle, era cargo annexo ao do Priorado deste Convento, por provisaõ sua serem revedores dos livros os Padres que nelle entrassem.

CAPITULO XXXVIII.

De outros Padres, que foraõ lentes de grandes catredas na Universidade de Coimbra sem entenderem em outro ministerio.

DOs primeiros Religiosos que residindo no Collegio de Santo Thomas de Coimbra foraõ publicos professores das sciencias na Universidade da mesma cidade foy hum o Doutor Frey Joaõ de Pedrazza perfilhado por este Convento de Lisboa: e leo a cadeira de vespara de Theologia. Despois de longos annos de idade deixou a continuaçaõ da Catreda, mas naõ do estudo, e pouco antes de falecer sahio com huma summa de casos de consciencia que compoz à instancia do Bispo dom Juliaõ Dalva: foy obra estimada em seu tempo, e impressa muytas vezes.

Ao Mestre Frey Antonio da Fonseca Doutor Parisiense por ser filho deste Convento, e natural de Lisboa, mandou el Rey dom Joaõ Terceiro vir de Paris, pera lhe dar a cadeira da sagrada Escritura da Universidade de Coimbra: e foy lente de vespara: e juntamente o fez seu prègador. Porque tinha com as letras admiravel eloquencia. Este Padre foy o primeiro prègador que introduzio neste Reyno prègar o sintido literal da Escritura apostillando o Santo Evangelho: modo facil, e menos trabalhoso pera quem o segue, porque he totalmente separado do estilo oratorio antigo que se compoem de suas partes, com seus tropos, e figuras, e flores Rhetoricas: e ha mis-

mister estudo particular. He pera o povo mais aprazivel, e mais claro o apostillar, polo que tem de menos circuito de rezoens, e periodos, e pola mesma rezaõ mais abreviado no resumir: porem de força se ha de suprir com conceitos, e sentenças, e lugares de sustancia o que faltar de elegancia, e ornato de palavras, de que os Gregos, e Latinos faziaõ tanto caso, que lhe chamavaõ arreyos, e jaezes da Oraçaõ, *Phalerata dicta.* Qual seja melhor genero he longa questaõ, e naõ deste lugar. Hum antigo chamava Oradores de cartapacio aos que com ditos, e sentenças alheas, e historia antiga teciaõ toda a Oraçaõ: e dizia que o saber era fazer homem alguma cousa sua, sem pender sempre do que outros differaõ. Saõ as palavras: *Aliquid & de tuo profer. Istos nunquam Autores, semper interpretes nihil puto habere generosi.* E mais abaixo: *Scire est & sua facere quæque, nec ab exemplari pendêre.* Mas destas cousas o tempo que tudo vay trocando, e o uzo com quem vivemos, saõ os que haõ de dar a sentença. Em Frey Antonio avia eloquencia, e avia engenho, com que juntava huma cousa, e outra, e fazia que tudo lhe estivesse bem.

Terent in phor.

Seneca Epist. 33.

O Mestre Frey Diogo de Morais sendo Prior de S. Domingos de Lisboa foy mandado absolver do officio pola Rainha dona Caterina que governava na menoridade del Rey dos Sebastiaõ seu neto, pera yr ler à cadeira de Theologia de vespara na mesma Universidade. Tinha lido esta faculdade em Lisboa muytos annos Naõ viveo mais que dous em Coimbra. Estes com raro exemplo de modestia nos actos publicos, e de pobreza consigo, porque nunca se servio nem aproveitou em particular do rendimento da cadeira: e sempre sobio às escollas a pè sem querer uzar de cavalgadura.

O Mestre Frey Luis de Sotomayor, vindo do Concilio de Trento, em que assistio, foy mandado por el Rey dom Sebastiaõ ler a cadeira de Escritura na universidade. Nella jubilou com o nome que de direito lhe podemos dar de *Trismegisto*, quero dizer tres vezes maximo, grande letrado, grande estudante, e (o que mais importa) grande Religioso. E sobejandolhe idade, e forças pera segunda vez poder jubilar, largou as escolas no que podia parecer cobiça que fora yr lendo de novo: e naõ no que era trabalho. Porque ficou estudando, e escrevendo em serviço da Republica literaria atè o ultimo espirito com a mesma aplicaçaõ, e continuaçaõ que se estivera obrigado às liçoens da Universidade: e nella faleceo em idade de oitenta e quatro annos sendo sua fama celebrada pola excellencia do que tinha escrito, por todos os bons espiritos da Christandade, e avendo quarenta e sinco annos que começara esta liçaõ de Coimbra. Do discurso de taõ larga vida puderamos dizer muyto, mas resumillaemos nas mais breves palavras que for possivel. Tomou o habito muyto moço em S. Domingos de Lisboa. Passou a Frandes à Universidade de Lovayna. Nella estudou Theologia, e juntamente se deu às lingoas Grega, e Ebraica. Como tinha profundo juizo, e huma me-

memoria sobre tudo o que se pode dizer tenaz, e firme, consumouse na sciencia, e nas lingoas. A Latina leo publicamente em Londres por mandado del Rey dom Felipe segundo de Castella que depois foy primeiro de Portugal, quando passou a casar com a Raynha Maria de Inglaterra, pretendendo aquelles Reys, que fosse juntamente aos discipulos Ingreses mestres da pureza da Fè. Exercitou despois todas em Frandes, e Alemanha: e por rezaõ dellas se foy aplicando com grande cuydado a penetrar o sintido, e mysterios do texto das sagradas letras. Andou fòra da Patria atè à celebraçaõ do Santo Concilio de Trento em que assistio: e sendo acabado, deceo a Veneza pera passar com o Padre Frey Bonifacio de Araguza da Ordem dos Menores a visitar a terra Santa. Levava este Padre a familia Franciscana a seu cargo, e os peregrinos daquelle anno. Huma grave doença estorvou a a santa jornada ao Padre Frey Luis. Mas ficou em memoria huma encomenda que deu ao Padre Frey Pantaliaõ de Aveiro Franciscano, e Portuguez quando se embarcava, como embarcou, na mesma jornada: encomenda que descobre bem a fee, e espirito de quem a fazia. Pedialhe que pois naõ merecera a Deos ser seu companheiro, lhe trouxesse de qualquer rua ou estrada publica de Jerusalem huma pouca de terra, porque como o bom Jesu andara por ellas, tinha por certo que atè o centro ficara toda a terra santificada.

Vindo a Portugal começou a ler Escritura em S. Domingos de Lisboa. Mas foy por poucos dias, porque logo o mandou el Rey dom Sebastiaõ pera a Universidade de Coimbra, onde escreveo doutissimos commentarios sobre o Testamento velho, e novo, mostrando nelles as riquezas de erudiçaõ que entezourava sua memoria. Porque como tinha lido com attençaõ quasi tudo quanto ha escrito em todas as faculdades desde a Humanidade atè a mayor, e milhor sciencia, taõ presente estava nas que tinha passado quando moço, como nas em que de proximo se empregava. Ajudavase de artificio pera a conservaçaõ do que estudava, cotando os livros com diversidade de sinays de penna, e passando estes a huma grande taboa que tinha na parede, com que lhe ficava facil achar os livros, as materias, e as particularidades. E porque seus escritos antes de chegarem à Impressaõ jà corriaõ por toda a Christandade com fama, e grande aceitaçaõ de todos os doutos, o Papa Clemente oitavo lhe mandou escrever hum Breve cheyo de honras em que o anima, e amoesta que imprima. Foy passado o Breve em S. Pedro de Roma em 28 de Março de 1597, e porque anda jà impresso no volume, que escreveo sobre os Cantares, deixamos de o lançar aqui.

Foy incansavel no ler, e no escrever. Affirmase delle que leo todas as obras de Santo Agostinho, a cuja doutrina, e liçaõ tinha particular devaçaõ, e affeiçaõ, duas vezes, e algumas dellas sinco, e mais vezes: sendo assi que ha poucos homens que as lessem huma sò vez pola grandeza, e numero dos volumes que comprendem. O seu

ler foy ſempre com a pena na maõ, qualquer que foſſe o livro, pera ſe aproveitar de tudo, e de todos. O ſeu eſcrever ſempre por ſua maõ, atè que lhe deu a gota na direita. E com lhe ſucceder iſto, no cabo da vida, fez logo trabalhar a eſquerda, primeiro em fazer o ſeu ſinal, e deſpois em eſcrever tudo o que ſe lhe offerecia, de maneira que veo a uzar della como da direyta. O ſeu eſtudar era continuo ſem tempo certo nem determinado. Fòra das horas que dava a Deos, ou às neceſſidades naturais de comer, e dormir, ou lhe tomavaõ negocios preciſos, logo ſeu eſpirito corria ao eſtudo, como a pedra ao centro. Polo comer cortava ſempre pera partir com os pobres, e pera dormir menos. E do ſono tirava tanto, que de ordinario ſe levantava à meya noite (pera o que tinha ſempre conſigo hum eſpertador de relogio) ſem tomar da cama mais que o neceſſario pera a vida nada pera recreaçaõ. Contava delle o Padre Frey Joaõ da Sylva que indo ambos a hum Capitulo geral, com yr cançado do caminho, todas as noites paſſado o primeiro ſono acendia candea (pera o que levava aparelho de fuſil, e pederneyra,) e entendia cos livros, que ſempre com elle peregrinavaõ, como ſe eſtivera na quietaçaõ da cella. Ajudavao muyto huma complexaõ robuſta, e forte que o acompanhou, como dizem de Santo Agoſtinho, atè quaſi os ultimos annos da vida. Porque da gota naõ foy tentado ſe naõ entaõ, e ainda aſſi lhe dava graças chamandoa ditoſa neceſſidade, porque lhe rendia mais tempo pera o eſtudo, livrandoo de acudir a negocios ou de comprimento de gentes, a quem ſe naõ podia negar, ou de força, da Univerſidade, pera que ſempre era chamado, como primeiro, e mais antigo voto della. Da regra, e conſtituiçoens foy obſervantiſſimo, livre, e azedo reprenſor do que era contra a ley de Deos, ou verdade politica, perpetuo bemfeitor em commum com a eſmolla, com a interceſſaõ pera todos os que o buſcavaõ, e em particular pera eſtrangeiros, como quem o foy muitos annos peregrinando fòra da patria. Em caſa brando, facil, e converſavel. Na cella morador taõ aturado, que quaſi nunca ſe achava fòra della: e fòra de caſa naõ hia, ſe naõ arrancado de grande, e forçoſa obrigaçaõ.

Chegando à idade que temos dito no anno de 610 dia da Glorioſa Aſcenſaõ do Redentor ſe levantou pola manham, e ſe foy ao Oratorio do Collegio, ouvio Miſſa, confeſſouſe, e commungou, e recolhendoſe pera a cella, tratou de morrer taõ determinadamente, que foy conſtante opiniaõ de todos os que o conheciaõ, e notaraõ com attençaõ o ſucceſſo de ſua morte, que lhe fora revelada a hora della. De ſua humildade, e modeſtia ſabemos, que nunca tal lhe ſahio da boca. Mas falaraõ por elle os effeitos que naõ pode reprimir. Foy o primeiro, do qual ſe naõ teve noticia, ſe naõ muitos dias deſpois de ſua morte, hum papel que ſe lhe achou em hum eſcritorio, feito neſte meſmo dia, e de ſua maõ aſſinado. He huma proteſtaçaõ da fè, que por ſua, e de tal hora, na qual eſ-

estava com os olhos na eternidade, merece que todos os que somos seus irmaons do habito, e nos prezamos de discipulos de sua doutrina a imprimamos nas almas. E por isso a lançamos aqui, e serà no seguinte capitulo.

CAPITULO XXXIX.

Do protestaçaõ da fè que o Padre Frey Luys de Soto Mayor deixou escrita: e de sua bemaventurada morte.

ECce iam morior, vel potius dormio, & viuere incipio in Christo vita mea, cuius gratia vsque in hunc diem in fide eiusdem catholica vixi, licet minus benè, fateor ingenuè & doleo. Quoniam verò, vt inquit Paulus Apostolus, corde creditur ad iustitiam: ore autem confessio fit ad salutem. Idcircò necessarium putaui nunc temporis, & in hac hora fidem meam conceptis verbis atque etiam scriptis breuiter ad salutem, simulque exemplum aliorum confiteri in tanta præsertim profanarum vocum nouitate, vt ne dicam licentia & impunitate; pròque ea fide immortales Deo gratias agere, qui me pro sua immensa misericordia dignatus est fidelem Catholicum non solum efficere, sed etiam vsque in finem seruare nullo quidem merito meo, sed potius merito Christi Filij sui, & Domini mei, qui dilexit me, & tradidit semetipsum pro me. Eius itaque merito & iustitia & gratia spero me posse saluari, id est, vitam illam immortalem & beatam me adepturum esse confido. Quod autem pertinet ad quæstionem illam de gratia Dei, seu gratia Christi propria circumuagatam, idipsum firmiter teneo, & fideliter credo, quod semper tenui, id est, quod semper tenuit Ecclesia Catholica & Romana, quodque tenuit olim D. Augustinus, & post eum D. Thomas verissimus & fidelissimus eius interpres. Denique id quod me docuerunt præceptores mei, id est, Theologi Lovanienses, quorum autoritas mihi grauissima est, & quorum discipulus & alumnus per tot annos fui, licet indignus. 20 *die Maij anno* 1610.

Frey Luis de Soto mayor.

Naõ

Naõ ſerà rezaõ que defraudemos do fruyto, e ſignificaçaõ de taõ ſanta eſcritura, os que naõ penetraõ a Latinidade: daremos a traduçaõ, e diz aſſi.

EIs que morro, mas antes durmo, e começo a viver em Chriſto vida minha: por cuja graça, e mercè vivi atè hoje em ſua ſanta fè Catholica, inda que naõ taõ bem como devia, chammente o confeſſo, e pezame de coraçaõ. Mas porque, como diz o Apoſtolo S. Paulo: crer com o coraçaõ ſerve pera a graça, e juſtificaçaõ; e confeſſar a fè com a boca, convem pera a ſalvaçaõ. Por tanto me pareceo neceſſario, ſendo chegado a eſte tempo, e hora, confeſſar, e declarar brevemente a fè, em que vivo, por palavra, e por eſcrito, aſſi pera ſalvaçaõ minha, como pera exemplo doutros, em tempo principalmente de tanta novidade, por naõ dizer atrevimento, e licença mal caſtigada de profanas lingoagens. E tambem pera dar eternas graças a Deos pola meſma fè. Pois foy ſervido por ſua immenſa bondade, naõ ſò fazerme Catholico Chriſtaõ, mas conſervarme em ſua ſanta fè atè o fim da vida: e iſto ſem nenhum merecimento meu, ſenaõ ſò polos meritos de meu Senhor Jeſu Chriſto ſeu Filho, que me amou, e por my ſe entregou à morte. E aſſi eſpero, e confio poderme ſalvar no que elle me mereceo, e por ſua juſtiça, e graça, quero dizer, alcançar a vida eterna, e bemaventurada. E quanto a huma queſtaõ, que anda muy ventilada, acerca da graça de Deos, ou da graça propria de Chriſto: declaro, que eu tenho, e creyo firme, e firmemente o que ſempre tive, e cri, que he o meſmo que ſempre teve a Igreja Catolica Romana: e o que antigamente teve Santo Agoſtinho, e deſpois delle ſeu muy verdadeyro, e fideliſſimo interprete Santo Thomas: e em fim o meſmo que me enſinaraõ meus Meſtres, quero dizer, os Theologos da Univerſidade de Lovaina, cuja autoridade tem pera comigo grandiſſimo peſo, e poder, ſendo como fuy tantos annos diſcipulo, e filho, inda que indigno de ſua doutrina. Em 20 de Mayo de 1610.

Frey Luys de Soto mayor.

Apos ésta protestaçaõ, que foy como testamento, porque outro naõ fez, nem tinha de que o fazer como verdadeiro Religioso, deitouse na cama: e sendo visitado de alguns medicos, desassombradamente lhes disse, que morria, e que jà era tempo, e que lhe naõ pesava. E replicando hum que lhe daria Deos muyta vida, e saude, respondeo: A da alma, que he a que importa. A hum Monge de S. Bernardo que o visitou, e lhe perguntou como se sintia, disse: Como quem està pera fazer huma jornada muito comprida, e muito perigosa.

Deste dia em diante foy entrando em fraqueza muito conhecida, e sendo visitado amiude dos medicos, recebeo o santo viatico: e antes de o receber pronunciando muitas palavras, assi da sagrada Escritura, como dos sagrados Concilios com que reconhecia estar debaixo das especies sacramentais Nosso Senhor Jesu Christo verdadeyro Deos, e homem, Filho do Eterno Padre; fezlhe huma devota, e efficaz petiçaõ que o confirmasse em sua santa fè. E logo pedio ao Prelado, que na hora, que entendesse ser tempo, lhe administrasse a santa Unçaõ. Quando veyo à sesta feira antes do dia do Spirito Santo pareceo ao Reytor que convinha naõ lha dilatar, e tratandoo com elle, e propondolhe o perigo em que estava de poder falecer sem aquelle Sacramento: com muita confiança respondeo, que naõ permittiria Deos tal: e que o receberia ao Sabado, que era vespara da Festa, sem embargo, que como subdito se resignava em sua vontade. Pedio entaõ espaço pera se aparelhar. Foy o aparelho confessarse, e pedir ao enfermeyro que por reverencia dos santos oleos lhe lavasse os pès. He de considerar que de quarenta annos atràs se sabia que nunca outras maons lhos lavaraõ, se naõ as suas proprias; e naquella hora, sendo dous dias antes da morte, consintio que lhe tirassem as meas calças, que segundo estilo da Religiaõ ainda tinha calçadas, avendo tanto tempo que se podia aver por izento de todos os rigores della. Ao Sabbado à noite pedio que lhe lessem a paixaõ do Euangelho de S. Joaõ: e começando a meditar hum pouco no que ouvia, deulhe hum grande aballo de estremecimento. Acudiraõ os Padres parecendo que acabava, e poseraõlhe na maõ a candea. Disse espertando, que ainda naõ era tempo; que elle teria cuydado de a pedir. E vendo que estavaõ juntos todos os que avia no Collegio, despediose delles com amor, e humildade, e foraõ as palavras: Padres meus, como grande peccador que sou, naõ tenho nenhum bom exemplo que lhes deixe mais, que o de bom estudante. Peçolhes muito que nunca se apartem da doutrina de Santo Agostinho, e de nosso Padre Santo Tomas de Aquino. Porque sem ella se naõ pode entender o Apostolo S. Paulo: e tudo o que se lhe responde saõ (foy palavra sua formal) esfolagatos. Quiz dizer, agudezas sofisticas. Perguntaraõlhe a que Santos queria lhe dissessem Missas, apontou em Santo Agostinho, e com a occasiaõ pedio que lhe dessem hum livrinho das suas confissoens, e dizendo, que aquelle era o seu

thesouro, tirou de dentro dous papeis: hum foy o registo da imagem do Santo, com que se abraçou como em despedida: outro huma oraçaõ de sua maõ escrita, que dezia fora composta polo mesmo Santo pouco antes da morte. Mandou que lha lessem, porque he muito devota, e por ser tal encomendou aos Religiosos que tomassem treslados, e a rezassem. Ao dia de Pentecoste pola manham chamou ao confessor, e reconciliandose pediolhe que lhe aplicasse a indulgencia concedida aos nossos Frades no artigo da morte pola Sè Apostolica. Absolto por ella disselhe que se ficasse embora, porque elle se hia descançar com Deos; e pedio a candea; e tanto que a teve na maõ espirou com huma quietaçaõ de Santo, na hora que no Coro se começava a cantar despois da Epistola o verso da *Alleluya*, *Veni sancte Spiritus.*

Ouve no transito deste Religioso dous estremos de consideraçaõ. Quando soube ou entendeo que morria, temeo, e tremeo a humanidade sobre oitenta, e tantos annos de vida muy occupada, muy trabalhada, e muy religiosa. Este foy o primeyro estremo: que se colligio de huma profunda tristeza em que cahio tanto que adoeceo, da qual sendo advirtido que lhe agravaria o mal, respondeo: *Tristitia hæc est effectus pœnitentiæ ad salutem.* Como significando que era effeito de dor, e arrependimento pera meyo de salvaçaõ. Ao mesmo proposito disse pouco despois com grande efficacia: *Timendus est Deus, maximè cum iudicat.* Quiz dizer: Sempre Deos he de temer, mas principalmente quando julga. Passou deste estremo a outro, com que acabou, de huma grande paz, e sossego da alma. Porque visitandoo os Doutores da Universidade, com taõ boa sombra se despedia de cada hum, como se tratara de passar pera outro Convento; e todos sahiaõ assombrados, e edificados. E naõ espantou menos, que dizendolhe o Reytor da Universidade dom Francisco de Castro, que hoje he Bispo da Guarda, que se lembrasse delle diante de Deos, respondeo que quanto nelle era prometia fazello. Assi o reconheceo logo toda a Universidade por Santo nos effeitos. Porque entre a huma, e duas despois de meyo dia se juntaraõ no Collegio com o Reytor muitos Doutores, e Fidalgos, e grande numero de Religiosos, e elle foy o primeyro que chegou a beijarlhe a maõ, o que imitaraõ alguns: mas os mais se foraõ aos pès, entendendo que a tal pessoa naõ era devida menos veneraçaõ. Foy à terra coroado de huma capella de rosas: e sobre o escapulario, que era hum que pera este dia tinha bem guardado, porque fora do Santo Arcebispo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, levava huma Cruz feita de rosas, e ao pescoço hum rosario que muito pezava, por ser feito da madeyra do caixaõ em que o mesmo Arcebispo estivera primeyro sepultado. Nos dous dias seguintes teve solenes Officios da Universidade, e de todas as Religioens que concorreraõ ao Collegio. E o Reytor da Universidade lhe mandou cobrir a cova, que he no meyo

2. Cor. 7.

Frey L. Cacegas na vida do Santo Arcebispo l. 6. c. 22.

meyo do Oratorio do mesmo Collegio, com huma fermosa campa esculpida do seguinte elogio.

MAgnus Theologus vir cælo dignus Frater Ludouicus Sotto maior Dominicanus, fidei vehemens assertor in vtroque Germania, & Anglia, Primarius Conimbricæ Diuinorum librorum interpres longè illustris, & emeritus: moriens ipsa die, & hora, qua Spiritus Sanctus corda repleuerat Apostolorum, suæ mortis diuinus viuam sanctitatis imaginem expressit, quam vivens sibi parauerat Deum sequendo. Tandem hic situs est anno 1610, *suæ ætatis* 84.

CAPITULO XL.

Dos estudos que ha neste Convento. E como lhe foy annexada a Igreja, e renda do antigo Mosteyro de Ansede pola Sè Apostolica.

FLoreceo sempre nesta casa estudo geral de Filosofia, e Theologia, e he a primeyra Academia da Ordem nesta Provincia. Saõ ordinarias duas liçoens de Theologia, e huma de Artes, e Filosofia. Em tempos atràs ordenou nella el Rey dom Manoel hum Collegio pera certo numero de Religiosos, o qual el Rey dom Joaõ seu filho mandou despois passar a Coimbra com nome de Santo Thomas, como se dirà em seu lugar, e anno proprio conforme à ordem que seguimos. E agora o tocamos, pera que se saiba que aqui teve sua origem.

Alem deste estudo, que he de portas a dentro, e mais proprio dos Religiosos, dado que tambem admitta alguns seculares: ha outro fòra, de duas liçoens publicas de casos de consciencia, particular pera seculares. Estas se lem na Ermida de Nossa Senhora da Escada: e tem dous lentes que nomea o Capitulo Provincial. Foy obra, e instituiçaõ da Raynha dona Caterina digna consorte do Christianissimo Rey dom Joaõ III. e grande imitador de suas virtudes: e sinalou de esmola por ella ao Convento cem mil reis de juro. Mas vendo que o beneficio, com ser taõ geral, naõ abrangia àquelles que por falta de sustentaçaõ, sobejandolhe as mais partes, naõ podiaõ assistir na cidade, ordenou hum Collegio de Clerigos pobres com numero certo, e porçoens determinadas. Conselho de alto entendimento. Porque alem do merito da esmola, e mantença que se dà a pobres: a comida certa obrigaos a estudar: e o estudo a se habilitarem pera servirem de Curas das Igrejas, e em outros beneficios: com que se vem a dilatar a esmola por todos os membros da Republica. Saõ os Collegiaes trinta e dous: dos quais mandou que os doze fossem sempre do Arcebispado de Lisboa, e os vinte do res-

reſtante do Reyno. Aos do Arcebiſpado, como a gente que eſtà em ſua caſa, ou perto della, ſe daõ de porçaõ doze mil reis por anno; aos de mais longe a quinze mil reis pagos em dinheyro, e aos quarteis, e de maõ do Prior do Convento. Pera ſerem admittidos paſſaõ por riguroſo exame de Latinidade, deſpois de aprovados em vida, e coſtumes, e limpeza de ſangue: e ſempre ha concurſo de pertendentes, e he preferido o mais habil, e mais digno. Tem obrigaçaõ de certos annos de aſſiſtencia, e continuaçaõ quotidiana de manhã, e tarde: pera o que ha dous apontadores, cujo officio he tomar em lembrança as faltas de cada hum; e quando chega ao quartel tanto recebem menos, quanto montaõ as liçoens que perderaõ pro rata do que val a porçaõ. O Prior he o adminiſtrador de tudo, e o que manda fazer os pagamentos, que fica ſendo a mayor commodidade de todas pera os pobres, porque he almoxarife certo, e bem aſſombrado. A contia que ſe monta deixou a Raynha em juro perpetuo aſſentado na alfandega da cidade.

Mas porque falamos em juro, e rendas, ſerà bem dizermos alguma couſa das que ſuſtentaõ a eſte Convento: as quais he de ſaber, que pera cem Frades que de ordinario nelle reſidem, alem de grande numero de hoſpedes quaſi ſempre continuos, ſaõ muy curtas, como em todos os mais Conventos do Reyno. E he a rezaõ tal, que deſejo encubrilla por naõ culpar noſſos mayores, que ou polo coſtume do bom tempo em que viviamos ſem proprios, ou por brio de ſe moſtrarem izentos de cubiça, foraõ muito faciles em largar legitimas, e heranças groſſas, fazendo pouco caſo do dano das Communidades a troco da gloria de liberais. O que ſendo viſto, e conſiderado pola Raynha dona Caterina no tempo que governava eſte Reyno na menoridade del Rey dom Sebaſtiaõ ſeu neto, procurou impetrar da Sè Apoſtolica hum Moſteyro de boa renda de alguns antigos, que por eſtarem quaſi deſpovoados de Religioſos ſe davaõ polos Reys a peſſoas particulares pera viverem das rendas delles, com nome de Commendatarios. E vagando o de Anſede no anno de 1559 por falecimento do Commendatario que o poſſuya, eſcreveo ao Pontifice em nome del Rey, no qual corriaõ todos os negocios, e papeis publicos. E porque a nota teſtimunha bem as neceſſidades que temos dito da noſſa caſa, e o eſtado da que ſe pedia, naõ ſerà fòra de propoſito tresladarmos aqui a carta: e he a que ſe ſegue.

MUito Santo em Chriſto Padre, e muy bemaventurado Senhor, eu deſejo que o Convento de S. Domingos deſta cidade tenha ſufficientes alimentos pera poder ſuſtentar o numero de Religioſos, que he neceſſario pera bom ſerviço de Noſſo Senhor neſta cidade, e Reyno, e deſ-

ta

ta Republica no espiritual, por ser casa de estudo de Artes, e Theologia, donde saem vinte e tantos prègadores por toda a cidade, e Reyno, e onde ha continuas confissoens, e onde todas as principais duvidas de consciencia vaõ ter, pera que com a determinaçaõ dos letrados da dita casa se quietem as consciencias: e por aver muytos annos que a terra està em costume de achar na dita casa aviamento pera todas estas cousas. E porque pera isto se poder sustentar, he necessario ter grande numero de Religiosos, pera os quais tem a casa muy pouca renda: e minha fazenda està muy despesa pera poder a isso acudir, por a muy continua guerra que com os Mouros inimigos de nossa santa fé continuamente trago nas partes de Africa, e India: mandey pedir a V. Santidade me quizesse fazer merce de unir o Mosteyro de Ansede ao dito Convento: por quanto mais serviço de Nosso Senhor serà darse a dita casa, que estar, como atèqui esteve, com cinco ou seys Religiosos por forma, e a mais renda comella hum Commendatario. Porque tambem, quando a V. Santidade lhe parecesse povoarse o dito Mosteyro de Ansede d' alguns Padres da dita Ordem de S. Domingos, que prèguem na terra onde o dito Mosteyro està, que tem necessidade de doutrina, o Padre Provincial, e Padres de S. Domingos o façaõ. E porque importa muyto a boa conclusaõ deste negocio, no qual espero que V. Santidade folgue de fazer a mercè que lhe pesso: vay sobre elle, e outros negocios que tocaõ à dita Ordem, o Padre Frey Juliaõ, pessoa de muita confiança: e que por el Rey meu Senhor, e avò, que santa gloria aja a ter delle, o mandou em tempo da boa memoria dos Papas Paulo, e Julio sobre outros negocios da dita Ordem. Peço muyto por mercè a V. Santidade, que no que acerca disto lhe requer por parte da dita Ordem folgue de lhe fazer toda a mercè, que ouver lugar, no que a receberey muy grande de V. Santidade. Muy santo em Christo Padre, e muy bemaventurado senhor, Nosso Senhor por muytos annos conserve V. Santidade em seu serviço. De Lisboa a 10. *de Julho de* 1550.

Con-

Concedeo o Papa na annexaçaõ da Igreja, viſtas as rezoens da carta. E com os rendimentos della, que importaõ pouco mais de dous mil e quinhentos cruzados forros pera o Convento, ſe aliviaraõ as neceſſidades que paſſava, e com elles, e com a providencia, e bom governo dos Priores ſe tem reformado o edificio de quaſi toda a caſa, e enriquecida a Sacriſtia de ornamentos pera o culto Divino: de ſorte, que faz ventagem a todas as de Lisboa. O Moſteyro de Anſede he taõ antigo em ſua fundaçaõ, que ha memorias com que ſe prova que no anno de 1107 avia jà nelle Religioſos, e que no de 1160 foy dado aos Conegos regrantes de Santo Agoſtinho, em cujo poder eſtava quando el Rey dom Sebaſtiaõ o impetrou pera a noſſa Ordem. E por boa conta parece que os anteceſſores dos Conegos regrantes deviaõ ſer Frades de S. Bento. A caſa he freguesia do lugar, e tem outras Igrejas, e freguesias annexas com ſeus Curas, e Abbades apreſentados polo Prior de S. Domingos de Lisboa. Aſſi fica ſendo Anſede huma das Vigairarias da Provincia: e o Vigario, ou qualquer outro Frade aly reſidente tem diſpenſaçaõ do Papa pera adminiſtrar os Sacramentos como verdadeyro Parrocho. O Biſpado em que cae he o do Porto.

Naõ he pera eſquecer que ſe guarda neſte Moſteyro de Anſede de tempos immemoriaes huma caveira de homem inteira de tal virtude, que todo animal danado que com ella tocaõ fica logo ſaõ. E de muytas legoas à roda acode o povo ao beneficio; e ſe naõ podem trazer o animal inficionado, com levarem paõ ou palha tocada na ſanta cabeça (que eſte he o ſeu nome, e naõ ſe lhe ſabe outro) como eſteja em eſtado que o poſſa comer, logo fica livre do perigo.

CAPITULO L.

Das Reliquias que ha no Convento: e de algumas memorias antigas que nelle ſe achaõ.

O Que falta de renda, e fazenda a eſte Convento, lhe ſobeja em outra riqueza de mais eſtima, que he hum tezouro de grandes, e precioſas reliquias, que ſe guardaõ na ſacriſtia recolhidas com decencia em hum nicho aberto na groſſura da parede do topo fronteiro da porta. He a primeira huma cruz feita do verdadeiro lenho em que noſſo Redentor Jeſu Chriſto padeceo. Eſtà engaſtada em outra grande de prata, que juntamente faz cuſtodia a muytas outras reliquias. Foy eſta peça do Meſtre Frey Nicolao Dias. As reliquias lhe dera em Roma o Papa Pio Quinto, de quem por ſuas grandes partes era muito amado: e elle as deu a eſte Convento como filho que era ſeu de habito, e profiſſaõ.

Tem mais dous eſpinhos da ſagrada Coroa de Chriſto em ſeus viris de criſtal com ſuas guarniçoens de prata douradas.

Em huma caixa dourada, e bem guarnecida ſe guarda a caſula inteira com que noſſo Padre S. Domingos celebrava no tempo que reſidia em Toloſa prègando aos hereges Albigenſes,

ses. He de huma seda singella como tafetà: e mostra na parte, que cae sobre o peito, sinais bem vistos, e matizes santos das lagrimas que derramava naquelle celestial ministerio. Foy dadiva das Freiras do insigne Mosteiro do Prulliano feita ao Padre Mestre Frey Antonio de Sousa, quado as visitou como Vigario geral que era de toda a Ordem, vindo de Roma pera Portugal, e elle de sua maõ a poz nesta casa, porque pera ella a pedio.

Em hum engaste de prata està a cabeça do Protomartyr Santo Estevaõ, que a Raynha dona Caterina deu a esta Sacristia com a de outro Maryr.

Outra semelhante guarniçaõ sobre huma cabeça das onze mil Virgens, e hum pedaço de huma costa de Santa Caterina de Sena, e outro osso grande da Beata Margarida, que sendo nacida em Lisboa quiz ir viver, e morrer à vista da sepultura do nosso glorioso Patriarca em Bolonha com o habito, e prossissaõ de Freyra terceira, cuja vida, se Deos no la der, naõ ficarà fòra destes escritos quando chegarmos aos annos em que floreceo.

A casa da Sacristia, em que estas Reliquias estaõ, he bem digna Custodia dellas, porque sem grande encarecimento he a mais fermosa quadra em capacidade, e proporçaõ que ha em todo o Reyno, inda que metamos em conta Conventos Realengos.

Mas porque nos naõ fique nada por dizer do que ha digno de historia neste Convento, passaremos a algumas antiguidades que nelle achamos.

Na Igreja entre os arcos da capella de Santo Andre, que he no Cruzeiro, e da que dà serventia pera a Sacristia, parece no alto hum pequeno tumulo de pedra sumido na parede, que corre a prumo com ella: e na na face de fòra que sò descobre, tem huma letra que declara jazer nelle o Infante dom Afonso, filho del Rey dom Afonso o terceiro, fundador que foy da mesma Igreja. Este Principe jouve atè nossos tempos no baixo do cruzeiro em huma caixa de marmore branco entalhada em roda de arvoredos, e apparatos de montaria, a qual, por ser demasiadamente grande, e parecer que em tal lugar dava pejo, foy desfeita: e o corpo tambem desfeito pera ser agasalhado em lugar mais estreito, e no sitio em que hora està. Quando foy descuberto fez espanto por grandeza de estatura, e grossura de carnes, de que ainda estava acompanhado inteiramente, salvo nas pernas, e cabeça. Mas naõ espantou menos o habito em que foy achado: estava envolto em hum pano de seda amarella, e cingido com huma corda de linho: corda, e pano taõ novo, e saõ como posto daquella hora, em cabo de mais de duzentos e sincoenta annos. O cingidouro pareceo que devia ser contriçaõ, e humildade do defunto, ou devaçaõ do Padre S. Francisco. He de saber que este Infante foy da Rainha dona Breitiz, e naõ da Condessa de Bolonha, como dantes publicava a fama popular.

Fernaõ Lopes na Cron. del Rey dom Dinis.

Nas costas da capella de Jesu, na parede que responde as crastas, està sepultado em hum moymento de pedra alto, e sumido

mido dentro nella hum dom Pedro Peres Conego de duas Catedraes, cousa que na singeleza dos tempos antigos naõ fazia dissonancia, sendo taõ claramente incompativel. Faleceo poucos annos despois de fundada a Igreja. Huma cousa, e outra consta de hum pequeno letreiro que sobre a sepultura parece à face da parede em letras Goticas, e diz assi.

Hic iacet donus Petrus Petri Canonicus Compostellanæ & Ulixbonensis Ecclesiæ, qui in senectute bona plenus dierum, diuitijs & sapientia mortuus est in habitu Prædicatorum. Obijt autem in vigilia Beati Laurentij sub Æra MCCCIIII.

Em vulgar responde.

AQui jaz dom Pedro Peres Conego das Igrejas de Compostella (*que he Santiago*,) e Lisboa, que em boa velhice cheyo de dias, riquezas, e saber, faleceo no habito dos prègadores: e acabou vespara de S. Lourenço na era de Cezar de mil trezentos e quatro (*que responde aos annos de Christo* 1266.)

Costumavaõ naquelle tempo da primitiva Ordem alguns Ecclesiasticos nobres, e tambem seculares se no estado se achavaõ desobrigados, quando nas enfermidades eraõ desenganados polos medicos, que naõ avia que esperar da vida, ou quando o numero crecido dos annos dava aviso que naõ podia ser de muyta dura, acolherse, como dizem, à Igreja. Pediaõ licença aos Prelados, huns pera tomarem o habito, e professarem logo: outros pera ficarem com nosco, e fazerem profissaõ a seu tempo: e todos com tençaõ de ganharem as indulgencias que os Frades gozamos no artigo da morte, e participarem despois della dos muitos suffragios que se fazem por todos em toda a Ordem com cuidado, e continuaçaõ. E assi aconteceo a este Padre, que pouco antes de falecer se recolheo com nosco, e tomou o habito. Santo, e salutifero pensamento de parte dos que tal remate procuraõ a seus dias, mostrandose nisso catolicos, e conhecidos da vida futura: mas grande, e aventajada benignidade, e misericordia a da Religiaõ em aceitar, e admittir entre si aquelles que tendo dado o asso das forças, e melhor idade ao mundo, naõ trazemos aos claustros mais que o ferro, e ultimo ferro da vida pera darnos pejo, mais que proveito. Porque sendo assi que os que cavaraõ na vinha do pay de familias do Evangelho naõ foraõ arguidos de mao serviço polos emulos, se naõ sò de acudirem tarde: por onde se vè que toda-

via estiraraõ os braços, e apertaraõ a enxada, e suaraõ: naõ ha duvida que a obra deste bom velho teve muyto de mercantil, e uzuraria: pois morrendo cheyo de riquezas, e de annos (como diz o epitafio,) nem dia exprimentou de pobre que he o essencial da religiaõ: nem hora de trabalho: nem parece, que veo mais que a lograr o suave do habito, e naõ sintir o agro. Que na verdade os partidos, que naõ saõ iguais, e como dizem de dar, e tomar, tirania saõ, e naõ partidos. Sirva isto pera vermos, e entendermos o muyto que devemos estimar as Religioens, que se se deixaõ vencer de nossas desigualdades, he a causa porque saõ vinha de Deos, e os que as governaõ, seguem sua condiçaõ, e bondade naõ se buscando a si, se naõ o bem dos proximos, e a mayor gloria do mesmo Deos, como verdadeiros servos seus.

Mas tornando ao nosso Conego constanos todavia que ainda que tarde soube dispor, e assentar bem suas cousas. Porque deixou muyta fazenda de rayz à Sè de Lisboa, onde a ganhara. E porque a Ordem naõ possuhia proprios, e pola mesma rezaõ naõ aceytava obrigaçaõ de Missas nem suffragios perpetua, poz clausula nos bens que deixou à Sè, que todos os annos lhe mandasse o Cabido cantar hum anniversario neste Convento. E a hum criado deixou duas moradas de casas, huma ao poço de Borratem, outra pouco adiante, onde chamaõ a Porta Nova, com encargo de dar todos os annos na vespara de S. Lourenço, que foy o dia em que faleceo, huma pitança aos Frades. Esta devaçaõ que os homens do bom tempo tomavaõ taõ em grosso, que se naõ contentavaõ com menos que professar nas Religioeus, que todavia era obra de grande merecimento, inda que fosse por huma sò hora, vieraõ a trocar os que sucederaõ em se contentarem de levar à cova vestido o habito da Religiaõ a que mais se inclinaõ. O que alem de ser tambem indicio de animo christaõ, e pio, grangea a quem o faz muytas graças, e indulgencias concedidas polos Summos Pontifices, por ser trajo de gente dedicada a Deos, e simbolo de virtude.

Esta prevençaõ da ultima hora que taõ digna he de nos trazer desvelados, faziaõ tambem no mesmo tempo alguns Sacerdotes regulares pessoas de authoridade: mas por outro modo, e naõ tanto ao tarde. Despois que tinhaõ bem servido a Ordem, e trabalhado cada hum em sua vocaçaõ procuravaõ recolherse em algum Convento, onde a observancia andasse mais em seu ponto, e esperar entre santos fim santo. Assi o vimos no titulo do Convento de Santarem em alguns Padres que a elle vieraõ no ultimo quartel da idade. E achamos posto em lembrança por Jeronymo Blancas Cronista Aragones, referido pelo Mestre Frey Francisco Diago: que Frey Garcia de Vulcos de naçaõ Biscainho, e filho do Convento de S. Domingos de Ç,aragoça Mestre em Theologia, e muy douto em ambos os direitos Canonico, e Civil, despois que servio o cargo de Provincial de toda Espanha antes da separaçaõ das Provincias como por obrigaçaõ correra, e visitara as casas todas: de

L.2.c.38.

Na hist. da Ord da Prov. de Aragaõ l. 12. c. 37. & 72.

de tal maneira ſe contentou da paz, e ſoſſego, que achou neſta de Lisboa, e da pureza de eſpirito que enxergou em todos os moradores della, que ſe determinou acabar aqui ſeus dias. E aſſi diz eſte Autor que o fez: e affirma que ſobio a taõ alto grào de ſantidade, que floreceo em vida, e morte com muytos milagres: dos quais poſtos em pintura eſtava ſeu ſepulcro rodeado. Nas memorias do Convento naõ parece nenhuma que nos dè luz de tal couſa: mas dizer que eſtavaõ os milagres pintados polas paredes conforma com o que era coſtume daquella idade em Portugal, como apontamos nas vidas dos Frades de Santarem: e o faltarnos cà noticia de hum Religioſo Eſtrangeiro naõ deve tirar fé ao hiſtoriador antigo, quando a cada paſſo vamos tropeſſando em deſcuidos contra os noſſos naturais.

LIVRO QUARTO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

De huma grande perseguiçaõ que em Portugal se levantou contra a Ordem. E dos favores com que a Sè Apostolica acudio aos Religiosos.

1266.

SOMOS chegados com a Historia aos annos do Senhor 1266 na parte que toca à fundaçaõ dos Conventos, que he a raiz, e tronco della, despois que nosso Padre S. Domingos nos faltou na terra. E estamos com quatro Conventos de Frades fundados, e hum de Freiras. E ainda que nos temos adiantado tanto nas vidas, e feitos, e successos dos filhos delles, que chegamos com alguns aos tempos presentes, sempre nos ha de ficar por guia o anno da fundaçaõ de cada hum: assi pera levarmos infiada, e certa a antiguidade de todos, como pera naõ perturbarmos a ordem das cousas gerais tocantes a toda a Provincia. E por isso he forçado tanto que concluimos o que ha que dizer do Convento, que vay succedendo tornar logo atràs, e levar atada, e direita a conta dos annos. Naõ ignoro que he desgosto pera quem lè, este modo de dar, e arrepiar carreyras, e taõ largas, que chegaõ algumas a quasi quatrocentos annos. Mas o genero de historia, que temos entre maons naõ sofre outra traça (despois de buscadas todas) pera ser intelligivel. Temos exemplo no que faz quem escreve a Cronica de hum Rey, quando trata de seus filhos, que por se naõ divertir da historia principal, a que està obrigado, se quizesse yr tecendo juntamente com os annos do pay, os de cada hum dos filhos, lança em hum capitulo junto o que ha de cada filho, hum por hum, atè os enterrar todos, inda

da que venceſſem em vida, e annos ao pay, e deſobrigado delles, proſegue ſua narraçaõ. Da meſma maneira faço conta que o corpo da Provincia he aqui o noſſo Rey, cuja Cronica eſcrevemos: os Conventos ſaõ os filhos: à Cronica do Rey pertence lançarmos em memoria quando, e como lhe naceo o filho, e a filha: e na hora que lhe damos o nacimento, deſenrolar logo ſua vida atè o fim, pera evitar confuſaõ: e deſpois tornar aos ſucceſſos gerais, e yr continuando nelles ſegundo a ordem dos annos. Com eſta começamos a Hiſtoria, na meſma iremos proſeguindo atè o cabo, ſe Deos for ſervido darnos forças pera lho vermos.

Seguindo a metafora propoſta, nace neſte anno de 1266 à noſſo Rey, que he noſſa Provincia, hum filho que he o Convento de Elvas. Mas porque ſe offerecem juntamente ſucceſſos de importancia que tocaõ à Provincia, diremos primeyro eſtes, e logo tornaremos ao filho. He pois de ſaber, que correndo com grande credito de virtude, e proſperidade de governo os Conventos que neſte tempo tinhamos em Portugal, ſendo eſtimados dos Reys, e do povo, e trazidos nos olhos dos Provinciais, foy Deos ſervido pera os fins que elle ſabe, que ſempre ſaõ de noſſo proveito, levantar huma riguroſa perſeguiçaõ contra os Religioſos todos, e contra todos os Conventos, e paſſou deſta maneyra. Corria o povo com grande frequencia a noſſas Igrejas aos Sermoens, e doutrinas, e Officios Divinos: e como a vida, e proceder dos Religioſos dizia com o que inſinuavaõ, era grande a devaçaõ com que lhes acudia amontoando eſmolas, e provimento de toda ſorte pera as Communidades, tomando jazigos, e capellas nas Igrejas, encomendando Miſſas, e ſuffragios nas Sacriſtias. Foy iſto em tanto crecimento (como as couſas do povo ſeguem ſempre eſtremos) que os Sacerdotes ſeculares o vieraõ à ſintir, ou como menos cabo ſeu, ou como detrimento de ſuas Igrejas, e beneſſes: levantaraõ queixa, apertaraõ com os Prelados, como atràs vimos na cidade do Porto. Começaraõ os Biſpos a fazer caſo do negocio, ou temendo que lhes faltaſſem Curas, ou parecendolhes que eſtavaõ obrigados a ſuſtentar a cauſa em que o Clero hia intereſſado: e a poucos lances determinaraõſe em couſa, que foy tirar em claro aos Conventos todo o genero de remedio, tolhiaõlhes enterros, impediaõ eſmolas, e offertas, prohibiaõ aos Diocezanos ouvirem os Officios Divinos nas Igrejas dos Frades, caſtigando com rigor os que faltavaõ nas ſuas, e atè nas prègaçoens punhaõ termo: de ſorte que naõ faltava mais que lançaremnos das cidades os meſmos Prelados que primeyro nos chamavaõ pera companheyros de ſeu miniſterio, e nos agaſalhavaõ, e honravaõ. Encolhiaõſe os Religioſos no principio por naõ parecer, que ſendo hoſpedes queriaõ mais lugar na caſa alheya do que ſeu dono lhes dava, padeciaõ ſem falar. Crecendo com o ſilencio o dano, trataraõ de o vencer com paciencia: encomendavaõ a cauſa a Noſſo Senhor com ferventes, e continuas oraçoens, tomando por valedora a

Vir-

Virgem sagrada do Rosario, particular, e universal valedora desta Ordem dos principios della, e usando do meyo de sua devota Ladainha, antigo refugio de nossos trabalhos. Mas nenhum sofrimento nem moderaçaõ nossa mitigava os animos do Clero zeloso de suas prebendas: e como tinhaõ por si o poder Episcopal, que he alçada suprema, multiplicavaõse avexaçoens, e apertos contra os humildes, sem ser admittida nenhuma composiçaõ nem partido de muitos, que algumas pessoas compadecidas da inquietaçaõ dos Frades punhaõ em pratica.

Pareceo entaõ aos Prelados dos Conventos, que excedia os limites da prudencia pairar mais tempo taõ porfiada tormenta, porque vinha a redundar a dissimulaçaõ em prejuizo geral dos privilegios da Ordem dados pola Sè Apostolica: os quais nenhum subdito pode renunciar; e quando o faça, alem de cometer culpa digna de castigo, naõ val em direito tal renunciaçaõ. Assi fizeraõ queixa na Curia Romana, dando conta de seus trabalhos, por meyo do Padre Geral ao Papa Clemente Quarto: o qual lhes acudio logo com hum Breve que achamos originalmente no Cartorio do Convento de Benfica, e he o seguinte.

CLemens Episcopus, seruus seruorum Dei, venerabilibus fratribus Archiepiscopo Bracharensi, & Episcopis, ac dilectis filijs Archidiaconis, Decanis, & alijs Ecclesiarum Prælatis, ac Rectoribus Regni Portugalliæ, ad quos literæ istæ peruenerint, salutem & apostolicam benedictionem, &c. Ab omnibus Christi fidelibus, sed ijs præcipuè vos decet inueniri beneuolos, quos religiosa vita constituit laudabiles, & Apostolica Sedes habere dignoscitur in filios speciales. Sanè dilecti filij Priores, & fratres Ordinis Prædicatorum in regno Portugalliæ grauem ad nos transmisere querelam, quod nonnulli vestrum ad eos propter Deum, cuius frequenter assistunt obsequijs, affectionem debitam non habentes, ipsos affligunt grauibus molestijs, & pressuris, non permittentes eos vti liberè libertatibus & indulgentijs sibi & Ordini prædicto ab Apostolica Sede concessis. Cum autem ipsi, quos prædicta Sedes sub sua protectione recepit, ad Apostolicum præsidium propter hoc duxerint humiliter recurrendum: vniuersitatem vestram rogamus & hortamur attentè per Apostolica vobis scripta præcipiendo mandantes, quatenus circà dictos Priores & Fratres pro Diuina & nostra reuerentia sincerè gerentes charitatis affectum, à quibuslibet eorum molestijs, pressuris, seu iniurijs penitus desistatis:ità ipsos libertatibus & in-

indulgentijs huiusmodi uti liberè permittendo, quòd super hoc non aliud adhibere consilium, sed teneamur vobis ad actiones vberes gratiarum. Datum Perusij VII. Cal. Martij Pontificatus nostri anno secundo.

Em vulgar responde assi.

CLemente Bispo servo dos servos de Deos aos veneraveis irmaons o Arcebispo de Braga, e Bispos; e aos amados filhos Arcediagos, Deaẽs, e outros Prelados, e Reytores das Igrejas do Reyno de Portugal, que estas letras virem, saude, e Apostolica bençaõ, &c. Como seja rezaõ que todos os fieis Christaons achem em vòs outros benevolencia, e brandura: com aquelles he bem que sejais mais humanos, que a vida religiosa faz merecedores de honra, e louvor, e a quem a Sè Apostolica mostra ter em conta de filhos especiais. Nossos amados filhos os Priores, e mais Frades da Ordem dos Prègadores, que residem nesse Reyno de Portugal, se nos mandaraõ gravemente queixar, que alguns de vòs naõ correndo com elles com aquelle termo de caridade que por amor de Deos, a quem servem, sois obrigados: os molestais, e opprimis com pesadas vexaçoens: e naõ consintis que usem com liberdade das isençoens, privilegios, e graças a elles, e à sua Ordem pela Sè Apostolica concedidas. Pelo que recorrendo à mesma Sede, por rezaõ de os ter tomado debaixo de sua proteiçaõ, e emparo, a todos universalmente rogamos, e encarecidamente vos exortamos por estas Apostolicas letras, que com encargo de preceito vos escrevemos, que trocando chammente pera com elles, pola reverencia que a Deos, e a nòs deveis, todo o rigor em affeito de amor, e brandura, desistais totalmente de os aggravar, e offender em qualquer cousa que seja: e os deixeis usar, e gozar livremente dos ditos privilegios, e liberdades, de tal maneira, que nos fiqueis obrigando, naõ a tomar novo conselho sobre a materia, mas a vos dar polo que nelle fizerdes muitas graças. Dada em Perosa aos XXIII. de Fevereyro, no segundo anno de nosso Pontificado. (*responde ao de mil e duzentos e sessenta e seis.*)

CA-

CAPITULO II.

Dos trabalhos que passavaõ os Religiosos em quanto lhes tardou o remedio de Roma: e como cessaraõ todos com as letras do Pontifice.

EM quanto o Breve tardou em chegar ao Reyno, creceraõ os apertos contra os Frades em numero, e força: e como mal de contagiaõ eraõ gerais em todos os lugares onde residiaõ. Parece, que queria o Senhor provar, e apurar a constancia da Religiaõ no crisol das tribulaçoens, e darlhe muito que merecer. Porque chegou o negocio a taõ fortes termos, que resucitaraõ neste tempo todas as senrezoens com que foy perseguida em Italia, e França quando governava a Igreja o Papa Innocencio IV. As quais eraõ, que nas Igrejas dos Frades se naõ admittiaõ seculares nos Domingos, e dias Santos aos Officios Divinos, nem se prègava nellas se naõ despois de acabadas as Missas das Freguezias: nem os Frades podiaõ confessar pessoa nenhuma sem expressa licença do seu Cura: nem se lhes concedia prègar em sua casa, nem fòra della, no dia que o Bispo prègava, ou hia ouvir Sermaõ a outra Igreja, com outras exorbitancias semelhantes: às quais se juntou agora mandar o Clero fazer petiçaõ em Roma, supplicando à Sè Apostolica que mandasse restringir as graças, e favores concedidos à Ordem. Mas esta sobeja diligencia foy a que deu inteiro remedio a todos os agravos dos Frades. Porque se acabou de certificar o Pontifice da rezaõ que tinhaõ de se queixar, e do muito que padeciaõ, pois tal requerimento avia contra elles: e doendose com entranhas paternais de suas injustas affliçoens, passou de novo outro Breve, (e naõ ouve mais que tres mezes em meyo despois do que fica lançado no capitulo precedente) que foy de grande consolaçaõ pera toda a Religiaõ. Porque nelle honra os Frades dando por certas, e justas suas queixas com huma clausula que sò poremos, de que se entenderaõ as mais, que diz assi.

IN quibusdam locis aliquando illas, prout accepimus, persecutiones & angustias sustinetis, vt vix sit vobis possibile, quòd ibidem Conditori omnium valeatis, prout cupitis, devotum impendere famulatum. Hinc est, quòd nos vestræ prouidere quieti, ac malignorum malitijs obuiare volentes, &c.

E prosegue adiante naõ sò naõ deminuindo parte nenhuma dos favores antigos, mas ratificando todos com novas ventagens. Cumprio aqui o Pay de misericordias sua antiga promessa tantas vezes repetida de acudir prontamente aos gemidos, e oraçoens dos perseguidos: e enxugou as lagrimas de seus ser-

Ps. 90.

servos, como tinha feito em outras tempestades, de que a Ordem foy combatida em tempos atràs, e particularmente na que atràs tocamos, succedida em vida do Papa Innocencio IV. que largamente conta o Padre Frey Fernando de Castilho, a qual ainda que foy geral, naõ sabemos que tocasse muito aos poucos Conventos, que entaõ avia neste Reyno, e por isso escusamos referilla.

M. Frey Fernand. de Cast. p. 1. l. 2. c. 51.

Com a chegada do Breve primeyro que foy particular pera este Reyno, como temos visto: e com os encarecimentos do segundo, que era geral pera toda a Ordem, foy Deos servido que amaynasse a tormenta. O Bispo de Lisboa na hora, que lhe foraõ presentados por Setembro do mesmo anno, passou logo huma provisaõ pera todas as Igrejas de sua Diocesi, a qual traduzida em vulgar lançamos aqui, pera que se veja tambem por ella, como por confissaõ de parte, que escrevemos com pontualidade o que passou: e diz assi.

Matheus por mercè de Deos Bispo de Lisboa. Aos amados em Christo Dayaõ, e Cabido, e Arcediagos da Sè de Lisboa, & aos mais Prelados, e Reitores das Igrejas da mesma cidade, e Diocesi saude, e bençaõ. Recebemos humas letras Apostolicas do Padre Clemente IV. que aqui vaõ insertas. Pelo que vos rogamos, e com preceito mandamos a todos, e a cada hum de vòs, que em conformidade do mandato do Papa Nosso Senhor, e por reverencia sua, e nossos rogos tenhais, e mostreis affeito de caridade com os Priores, e Frades da Ordem dos Prègadores nellas declarados: e de todo desistais de lhes fazer molestias, agravos, e semrezoens: e livremente os deixeis usar de suas liberdades, e licenças. E todo o bem, e favor que aos ditos Frades fizerdes, porque os amamos com paternais entranhas, eu o agradecerey, como se a my fosse feito; com apercebimento, que todo, e qualquer agravo que hoje em diante se lhes fizer (o que Deos naõ permita) ey de castigar quanto em Deos, e minha consciencia posso, e devo, como intentado, e feito a minha pessoa. Dada em Camara aos dous de Outubro Æra M. CCC. IIII. (que responde aos annos de Christo de 1266.)

Valeraõse os Frades pera confirmarem o Bispo nesta boa inclinaçaõ de outra Bula que pouco despois teveraõ de Roma, a qual foy de grande importancia pera se acabarem de render os animos de todos os que lhe faziaõ contrariedade, e acrecentar nos seculares a devaçaõ da Ordem, vendoa enriquecida de fa-

favores da Sè Apostolica, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Que contem huma Bula, pela qual o Summo Pontifice mandou festejar em Portugal, e reconhecer por Santo a S. Domingos, e S. Pedro Martyr. Dàse conta do muito que se estendeo polo Reyno a devaçaõ de N. P. S. Domingos.

FAvorecia o povo por todo o Reyno a causa dos Religiosos com hum estremo de piedade, e bom zelo taõ decladamente, que isso lhes dava alento pera sobrelevarem o desabrimento da tribulaçaõ em quanto tardou o remedio. Mas do mesmo resultava azedarse mais o clero, assentando que lhe cumpria naõ decer de seus intentos: e buscava rezoens pera os sustentar, e ao menos reduzillos a litigio: se os Bispos naõ atalharaõ tudo, declarando, e como se declararaõ sem replica em favor da Ordem. Foraõ logo perdendo força as opposiçoens, e impedimentos em que andava aceso, e cessaraõ de todo vendo as grandes honras, e favores com que a Sè Apostolica tratava os Religiosos em o novo Breve que publicaraõ apoz os primeyros: o qual se bem lhes grangeou credito universal, foy tambem de grande consolaçaõ pera todos os devotos, e bem intencionados em suas cousas. Irà logo em vulgar pera que nos escuse relatar de fòra o que contem. He do mesmo Pontifice, e do mesmo anno.

CLemente Bispo servo dos servos de Deos. Aos nossos veneraveis irmaons o Arcebispo de Braga, e Bispos do Reyno de Portugal, a quem estas nossas letras forem mostradas, saude, e Apostolica bençaõ. Da excellencia dos merecimentos, com que os bemaventurados S. Domingos Confessor, e S. Pedro Martyr da Ordem dos Pregadores resplandeceraõ no meyo das trevas deste mundo, procedeo que a santa Sè Apostolica, despois de suas ditosas, e bemaventuradas mortes, os escrevesse no Catalogo dos Santos, mandando solenemente celebrar em cada hum anno as festas dos ditos Confessor, e Martyr, à honra, e gloria daquelle Senhor que a cada hum delles honrou na terra com diversidade de milagres, e no Ceo com premios de luz immortal. O que jà de anno atràs se tem largamente publicado pola Christandade, e deve ter chegado à noticia de todos por muitas vias, e principalmente por meyo da Ordem, que polo dito Confessor por Divina inspiraçaõ foy instituida em amor do Ceo, e desprezo de tudo o da terra. E o dito Martyr a guardou com cuydado de se empregar

todo na obſervancia da ley de Deos, e exercicio de virtuoſas obras, atè chegar a merecer coroa de martyrio por honra, e defenſaõ da fè Catholica. E pois naõ he poſſivel que couſa taõ celebre, e taõ publica ſeja de vos outros ignorada, e dos mais fieis deſſe Reyno de Portugal naõ ſabida: e he rezaõ que em todo o caſo a eſtimeis, e venereis. Portanto vos pedimos, e rogamos a todos, e com encargo de preceito Apoſtolico mandamos, e em remiſſaõ de voſſos peccados vos encomendamos que ſolenizeis a feſta do dito Confeſſor aos cinco dias do mez de Agoſto, e a do dito Martyr aos 29 de Abril de cada hum anno pera ſempre: e façais que voſſos ſubditos as celebrem com a reverencia devida: e ſe tomem em voſſos Calendarios por lembrança, pera que ſua interceſſaõ vos alcançe dos tezouros do Ceo, aquillo que ambos tem jà pera ſi alcançado, e eternamente haõ de lograr, e poſſuyr. Dada em Peroſa a 20 de Março no ſegundo anno de noſſo Pontificado.

Acabaraõ de ficar em ſoſſego os Religioſos, publicadas eſtas Bulas, deſeſperando todo o adverſario de poder aver melhoramento contra tamanha força de favor. E como com a paz, e concordia todas as couſas crecem, por pequenas, e fracas que ſejaõ: e as da Religiaõ, que tem por ſi a Deos, com mayores ventagens ſe levantaõ, he couſa de eſpanto o grande fruito que por todas as partes do Reyno fez eſta Ordem, e a prontidaõ de vontade com que foy recebida de todo genero, e eſtado de gente a devaçaõ do Patriarcha S. Domingos. De huma couſa, e outra temos teſtimunho infallivel no exceſſivo numero de Igrejas, Freguezias, e Ermidas, e Confrarias que geralmente ſe foraõ logo levantando polo Reyno, e permanecem hoje. E porque iſto redunda em gloria do Santo, e eſta hiſtoria he ſua, ſintome obrigado a dar noticia dellas. Mas ſaõ tantas que temo (como hoje naõ ha hiſtoria ſem particular emulo, ou perſiguidor) arriſcar o credito deſta, ſe dando conta do numero, naõ apontar os lugares cada hum per ſi, pera deſenganno dos eſcrupuloſos. Por iſſo iremos fazendo huma como ledainha dellas, que ainda que ſe eſtenda hum pouco, eſpero naõ ſerà deſagradavel, porque ſe veraõ de miſtura algumas antiguidades notaveis: e ſe entenderà juntamente a diligencia com que aquelles bemditos Padres antigos noſſos irmaons ſemeavaõ a ſanta Doutrina naõ perdoando a nenhuma comarca por apartada nem terra por aſpera, nem aldea por pequena, mas correndo por tudo, e procurando aproveitar a todos. Que claro eſtà que naõ podiaõ os povos affeiçoarſe à devaçaõ do Santo, nem edificarlhe caſas, ſem terem novas

vas delle: nem podiaõ ter novas delle, sem aver quem lhas levasse: nem lhas podia levar se naõ quem de raiz as soubesse, e muyto de perto lhe tocasse o bem dellas, e da honra do Santo. E estes naõ podiaõ ser outros se naõ Frades da mesma Ordem, e habito. Donde fica entendido, e provado que andaraõ tudo, e naõ pouparaõ os pès, pera podermos dizer por elles: *Quàm speciosi pedes evangelizantium bona!* Que fermosos saõ os pès dos correyos de boas, e santas novas! E tambem se deixa ver que naõ foy ocioso seu trabalho, nem pouco o proveito que fizeraõ, pois assi acenderaõ nas gentes o amor, e estimaçaõ do Santo. Da qual podemos colligir (como nossa humanidade se move tanto por beneficios) que elle as devia obrigar com muytos, como na verdade obrigou; e alguns encontraremos em casos taõ peregrinos, que nos fiquem forrando o trabalho de contar muytos. Pois onde ouve valia, e poder pera cousas grandes, certo he que naõ faltaria nas menores. E começaremos esta materia no capitulo seguinte.

Rom. 10. Isa. 42.

CAPITULO IV.

Das Freguezias, e Ermidas que ha da invocaçaõ de S. Domingos no Arcebispado de Braga.

COmeçando pola cabeça da Igreja de Portugal, e de toda Espanha que he Braga, temos em seu Arcebispado sinco Freguezias da invocaçaõ de S. Domingos, que saõ em Valdauta termo da villa de Chaves: em Ferreiros: em Val de Mendijs: em Soutello junto a Chaves, e em Mirandella, onde chamaõ o Rego.

5. Freguezias.

No mesmo Arcebispado temos quatro Ermidas de S. Domingos. Huma junto da villa de Guimaraens: outra na serra do Alvaõ Conselho da Ribeyra de Pena, junto ao rio Tamega: outra menos de mea legoa da villa de Amarante da outra banda do rio, onde chamaõ Freirijs, no Conselho de Gestaço. Esta ultima he casa de muyta romagem, e frequentada principalmente de enfermos das febres, que o povo com nome generico chama maleitas. Sendo como saõ varias as especies, e calidades dellas, contra todas tem este Santo especial patrocinio: e saõ sem numero os doentes dellas a que tem valido neste Reyno com manifestos milagres. A antiguidade desta Ermida teve principio em outra tanto mais antiga, que por yr arruinando de velha, tiraraõ della os vizinhos huma imagem do Santo de vulto: e a recolheraõ na concavidade de hum penedo. Mas estando assi desemparado nunca desemparou os que o buscavaõ em suas necessidades, que todavia era muyta gente. Do que naceo juntaremse hum dia os moradores do Conselho: e como corridos de contarem todos, e cada hum por si mercès grandes recebidas do Santo em suas casas, e o Santo naõ achar em nenhum mais gazalhado, que huma lapa: levantaramlhe quasi de subito huma boa ermida. E foy tal o gosto, e a devaçaõ que, como em competencia huns tomaraõ à sua conta trazer toda a cal, outros dar a pedra, outros

tros a madeira: outros pagaraõ officiaes, e jornaleiros. E ouve homens que se naõ contentaraõ com menos, que tomar à cabeça huns a telha, e outros a pedra atè a porem nas maons dos officiaes. E isto sabemos que succedeo muytos annos antes do de 1540, no qual foy dada à Ordem de S. Domingos a casa de S. Gonçalo. Mas a mayor ansianidade se prova por escrituras muyto antigas, que fazem mençaõ de hum recolhimento de agoas aqui vizinho, chamandolhe a poça de S. Domingos. E o nome de Freyrijs tambem està mostrando, que devia aver no lugar naõ sò Ermida, mas companhia de Frades. A quarta Ermida he junto do lugar de Lixa perto da villa de Amarante. Esta quizeraõ alguns dos vizinhos que mudasse o nome de S. Domingos em S. Roque com medo da peste que os perseguio no anno de 1599. Mas estorvouo a lembrança que estava viva dos beneficios recebidos do primeiro dono: e ficouse com seu nome antigo.

3. Freguezias.

No Bispado de Lamego ha tres Freguezias com nome de S. Domingos. A saber S. Domingos de Fontello; S. Domingos de Escurriquella, que he no Conselho de Fontarcada; S. Domingos de Prado no Conselho de Caria.

2. Ermidas.

No mesmo Bispado ha duas Ermidas do nome do Santo. Huma junto da barca de Molledo entre Meijaõfrio, e Lamego; outra junto da mesma cidade que chamaõ S. Domingos da Queimada. A esta foy em romaria el Rey dom Afonso Quinto, segundo parece de sua Cronica, obrigado de muytos milagres que o Santo nella fazia. A tençaõ era que lhe alcansasse de Deos successor, porque tardava em ter filhos, e alcansoulhos elle tais que foraõ santos: porque com este nome celebra a antiguidade a memoria delRey dom Joaõ segundo polos effeitos que hoje se vem em suas reliquias no nosso Convento da Batalha: e o mesmo possue dignissimamente a Princeza dona Joana sua irmam Freyra desta Ordem no Mosteiro de Jesu de Aveiro, de quem faremos larga mençaõ no titulo delle. A mesma jornada com a mesma devaçaõ, e intento fez despois el Rey dom Joaõ segundo seu filho, estando de assento em Abrantes. Como naõ tinha mais que hum sò herdeiro que era o Principe dom Affonso, dezejava darlhe irmaons, quasi adivinhando sua desastrada morte, que foy em Santarem correndo hum cavallo em idade de dezeseis annos. He pratica commum dos moradores desta comarca que entre as merces que aqui alcansa de Deos pera seus devotos, he huma darlhes filhos que lhe succedaõ, e alegrem a casa, e sejaõ vinculo de paz, e concordia no matrimonio; e acodem à Ermida todos os casados que se temem de esterilidade, e naõ se achaõ frustrados em suas petiçoens. Por estes, e outros beneficios que cada hora recebem do Santo, he costume de tempos immemoriaes virem a ella algumas Freguezias juntas, e particulares por dia da Ascensaõ de cada hum anno: sabemos que se juntaõ nella dezoito, que he hum grande povo. E pera ser mayor o merecimento da romaria, he de voto, e obrigaçaõ de pecado mortal.

Chron. del Rey dom Afõso V.

Garcia de Rezende na Chron. del Rey dom Joaõ II. c. 49.

Chronic. del Rey dom Joaõ II. c. 131.

O

2. Freguezias.

O Bispado de Viseu tem duas Freguezias da mesma invocaçaõ, que saõ S. Domingos de Mareco no Conselho de Penalva: e S. Domingos de Parada no Conselho de Castelmendo.

3. Ermidas.

Tem mais tres Ermidas, que saõ S. Domingos da Silva entre Moxagata, e Celorico junto a Villa pouco, e S. Domingos de Orgens pouco menos de huma legoa da cidade, que ainda hoje retem o mesmo nome, com quanto està jà acompanhada de hum Convento de Religiosos menores. A terceira està em huma quinta que se chama Torneiros, perto da villa de Ladario. He fama que hum Frade, primeiro autor della, fez levar a pedra de junto a huma grande, e dura lagea que servia aos lavradores de eyra em que debulhavaõ os paens: e contaõ que quando os carros passavaõ por cima desta lagea, deixavaõ nella impressos os sinais das rodas, como se fizeraõ caminho por area solta, ou terra molle: e ainda hoje em dia se enxergaõ. O Frade segundo a tradiçaõ, se chamava Frey Domingos, e a lagea conserva seu nome ou o do Santo.

3. Freguezias.

No Bispado da Guarda ha tres Freguezias. A saber S. Domingos de Janeiro, que he huma das sinco Igrejas do Padroado da Coroa Real, nas quais os Reys apresentavaõ Vigarios. E S. Domingos de Villa Cortez, termo de Celorico. E S. Domingos de Valpicca termo de Castello bom.

13. Ermidas.

As Ermidas saõ treze. A primeira he na villa de Fulgozinho. Onde aconteceo hum caso digno de se saber. Passava por ella hum homem honrado, e rico no anno de 1604. Entrou dentro a caso, ou por coriosidade: e foy sem abrir portas, porque as naõ tinha. E achou muyta luz, por ser de telha vam, e estar meyo destelhada: A este trato respondia o do altar; e huma imagem do Santo que era de vulto, e representava extraordinaria velhice, e todavia se conhecia ser sua polas cores, e insignias, estava a huma ilharga do altar encostada na parede, e naõ direita. Vendo tanta descompostura quiz remediar o que de presente podia: chegou à imagem passoua pera o meyo do altar, assentandoa direita, porque lhe vio fundamento bastante pera isso. Mas em a deixando da maõ; ella se veo por si ao chaõ. Sobresaltado hum pouco do caso, por lhe parecer que cayra sem aver occasiaõ: tornoua todavia a assentar no mesmo lugar. Porem naõ a tinha bem largado, quando tornou a cayr. Aporfiou terceira vez arrimandolhe pedras por escòras, e foraõ tantas que lhe ficaraõ como hum muro em roda, e caminhou pera a porta. Naõ tinha dado dous passos, quando sente nova ruyna na imagem, e no muro (parece que o Santo se queria yr tràs quem se doera de seu desemparo.) Tocado o homem interiormente da estranheza do successo: Hora, disse, Senhor S. Domingos, muito bem vos entendo. Isto he quererdes mudar pousada: e fazeis bem: pois nesta vos vay taõ mal. Eu prometo fazervos casa, em que estejais com mais decencia, se naõ for com toda a que se vos deve. Tanto que chegou a sua casa, que era no lugar de Mello em huma boa quinta, des-

deſobrigouſe do voto ſem tardança edificando a prometida obra, e pondo nella huma fermoſa imagem do Santo lavrada de pedra de Anſam. E celebrou o dia da collocaçaõ, que foy o de ſua feſta, com ſolenidade, e cuſto: e dahi em diante ficou fazendo o meſmo cada anno. Naõ me culpe ninguem de faltar com o nome deſte devoto, que de boa vontade lhe deramos memoria, ſe o alcançara.

Saõ as outras ermidas: huma em Aldea Nova legoa e mea da villa de Trancoſo: outra junto de Caſtelo Branco, que foy edificada polos vizinhos por particular devaçaõ, contra os lobos que davaõ muyta perda no gado: e foy tal o ſoccorro, que acharaõ no Santo, que a naõ largaraõ mais. Outra em Martinhel termo de Abrantes, na qual ſe celebra ſeu dia com Miſſa ſolemne, e prègaçaõ. Outra no termo do Sardoal. Outra junto de villa de Rey, que chamaõ S. Domingos da Serra. A tres legoas de Abrantes eſtà S. Domingos do Chouto. Neſta tem particular confraria todos os paſtores das charnecas à roda, tambem à conta de ſe livrarem dos lobos. E pera feſtejarem o Santo mais folgadamente, e com mais concurſo de gente, fazemlhe a feſta no mez de Setembro deſpois de recolhidas as novidades. E ſolenizaõ o dia com meza franca a todos os que a querem. Chamaõ a iſto Vodo, ou por rezaõ de ſe fazer por voto (o que o nome acena) ou porque como em voda ſe parte com todos liberal, e abundantemente. Na villa de Celorico ha duas Ermidas do Santo, huma dentro da villa, outra no termo que chamaõ S. Domingos de Lagioſa. S. Domingos de Souto de Caſa he no termo de Covilham huma legoa do Fundaõ. No lugar das Serzedas he muyto antiga a devaçaõ, e huma Ermida do Santo em que faz muytos milagres. Celebraõlhe a feſta na ſegunda oitava da Paſcoa de Reſurreiçaõ. Concorre muyta gente da villa, e termo, e dos lugares vizinhos, e ſaõ as eſmolas taõ crecidas, que ſe affirma abrangem algumas vezes com ellas os mordomos a reſgates de cativos. A ultima de todas as deſte Biſpado he S. Domingos da Sovereira. E porque merece capitulo particular, polo que nella ha que dizer, damoslhe o ſeguinte.

CAPITULO V.

Da Ermida de S. Domingos da Sovereyra: e de hum eſtranho caſo que nella obrou noſſo Senhor por interceſſaõ do Santo em favor de hum cativo de terra de Mouros.

SAõ Domingos da Sovereyra he junto à villa de Penamacor: Ermida taõ antiga, como a noticia do Santo neſte Reyno. Porque ha tradiçaõ, e memorias que antes que elRey dom Dinis começaſſe a reynar (e começou no anno de 1269) jà o Santo obrava nella muytos milagres. Chamouſe da Sovereira, por eſtar arrimada a huma taõ groſſa, e taõ velha, que com o tronco lhe fazia parede de huma banda, e com os braços, e ramada toldo cobrindoa toda. De tempos immemoriais he grande o concurſo de enfermos

mos que a visitaõ, e de saons que vem comprir novenas: naõ sò das terras vizinhas, mas doutras muyto apartadas: tanto de Portugal, como de Castella: e he tal o successo, que o exemplo dos que recebem saude, faz continuar a devaçaõ nos doentes de todo genero de mal, sendo o principal patrocinio do Santo contra as maleitas, doença geral do povo, e dos pobres, que mata com febres, e frios, e fazem huma semelhança das penas do Inferno: donde lhe quadra o nome de maleitas, quasi dizendo malditas, como he tudo o do Inferno. Affirmaõ os antigos que nos tempos atràs estava taõ confirmado o credito da casa polo beneficio que nella se achava, que se contentava a simplicidade, e bom espirito dos romeyros com levarem comsigo, quando se tornavaõ, das cortiças da Sovereyra: e tal avia que se naõ satisfazia com menos que cortar dellas como de reliquias santas com os dentes. E contaõ por cousa certa que em tempos, que avia curiosidade pera se porem os casos por escrito, se justificaraõ muytos em numero, e raros em calidade, de que avia pergaminhos, que o descuydo, e antiguidade foy acabando. Todavia conservou alguns em tradiçaõ a estranheza delles, e huma pintura que ainda dura no retabolo do altar, que como em outros successos antigos temos mostrado, sempre suprio bem as faltas da escritura. Diremos sòmente dous de grande maravilha, e por ella bem dignos de memoria: hum que celebra a tradiçaõ: outro que autorizaõ as pinturas.

O primeyro he, que veyo a quebrar a sovereyra com annos, e velhice de podre, e carcomida; e caindo toda sobre a Ermida com peso bastante pera arruinar huma torre, nem huma sò telha quebrou: grande respeito, e grande caso.

No segundo, que consta da pintura, por ser muito extraordinario, se fizeraõ algumas diligencias juridicas por parte de quem isto escrevia, superfluas todas a meu ver (se he superfluo averiguar verdades com muyta exacçaõ) e todas conformaraõ com o memorial da pintura, e da tradiçaõ universal, que todavia se mantem viva entre os moradores: e testimunha o seguinte. Reynando em Portugal el Rey dom Afonso Terceyro, que foy Conde de Bolonha, succedeo cayr em poder de Mouros hum homem natural de Penamacor. Escureceo o tempo as particularidades do nome, e calidades da pessoa, e da occasiaõ, e lugar do cativeyro. Era o tratamento do amo mais de enemigo, e tyranno, que de amo, e senhor. Porque sendo o pobre, cativo seu, e fazenda sua, assi se deleitava em lhe fazer cruezas, como se fora Christaõ livre, ou cuydara que com os tormentos lhe acrecentava vida. Naõ tinha o atribulado outra consolaçaõ no meyo dos trabalhos, senaõ era soccorrerse ao Santo da sua terra S. Domingos da Sovereyra. E quando a força delles lhe arrancava algum gemido (que atè o sospirar era culpa diante do barbaro) sempre sahia envolto com o nome de S. Domingos. Era isto taõ ordinario, que o Mouro (devia ser algemiado, e daqui collijo que o cativeiro seria em Grana-

da, ou em outra terra de Espanha das muitas que entaõ, e muitos annos despois senhorearaõ os Mouros nella) veyo a notarlhe a lingoagem. E porque naõ ficasse cousa em que deixasse de o martirizar, perguntoulhe hum dia que arenga era aquella que trazia na boca continua, quando devia chamar por Alà, nomear Domingos, Domingos (he Alà o nome, por quem os Mouros conhecem a Deos.) Alegremente confessou elle que trazia na boca, e tinha na alma tendo por obra de fè, e animo catholico pronunciar claramente com a lingoa o que sintia o coraçaõ: e foy proseguindo que era hum Santo sobido pouco tempo avia da terra ao Ceo, e conhecido na sua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha esperança que o avia de livrar de suas maons. Caro lhe custou ao pobre a alegria, e liberdade da confissaõ, pagoua com rigurosо castigo presente, e com outro mais duro que naõ tardou. O primeyro naõ estranhou tanto como era seu paõ quotidiano, offerecendoo a Deos por honra da fè. Mas com o segundo se vio reduzido a termos de desesperaçaõ. Julgou o barbaro que as esperanças do cativo se deviaõ fundar em alguma determinaçaõ, e traça de fogida: quiz acautelarse. Vindo huma noite cansado de servir, e trabalhar o dia inteyro, encerrouo sobre mà cea em hum novo genero de mazmorra, que era hum arcaz grande, e forte, que despois de fechado com mais de huma chave, lhe ficou pera inteyra segurança servindo de leyto. Mas parecendolhe, que ainda assi o naõ tinha bastantemente arrecadado, hia cada dia acrecentando novas cautelas à sua desconfiança. Jà lhe lançava algemas nas maons, jà adobes nos pès, despois de encarcerado na arca. E tendoo assi, perguntavalhe de cima com escarneo, se esperava ainda no Santo da sua terra.

Considerando com attençaõ este successo, e outros que com nossos olhos vimos no cativeiro de Turcos, que hum tempo exprimentamos em Argel cidade da Mauritania: assentamos naõ ser possivel, se naõ que era em odio da Christandade, e como em vingança o que este inventava. Porque qualquer entendimento, por muy rustico que fosse, podia alcançar que muito menos bastava pera aver por bem seguro hum cativo morto de fome, e moydo de trabalho. E a verdade he que saneava a raina, e o gosto, que tinha de fazer mal ao Christaõ, com mostrar que nacia de cautela. Mas era jà tempo, em que Deos queria declarar ao mundo quanto acerta quem a este Santo busca, e ama: e quanto podem seus meritos, e intercessaõ diante da Divina bondade. Huma noite, despois que o Mouro o meteo na triste mazmorra na forma que temos dito, sobre algemas nas maons, e outros ferros nos pès, lançoulhe no pescoço hum grosso collar, das argollas do qual sahia huma forte cadea de trinta palmos, com que lhe foy dando voltas, e enrolando o corpo todo. E pera dormir mais a sono solto, lançou sobre o alquiser que vestia hum alfange em tiracolo, e prendeo hum libreo que tinha às argollas da arca.

Fei-

Feita esta diligencia estendeose sobre ella, e contente do que tinha de novo acrecentado, bateolhe de cima, dizendo que se naõ esquecesse de fazer oraçaõ ao seu Domingos da Sovereyra que o viesse livrar de suas maons. Bem he de crer que se naõ descuydaria o sepultado de tomar o conselho de seu enemigo, e offerecer aos olhos da Divina misericordia por meyo do Santo aquellas mesmas palavras, e ironia. Como fez noutro tempo hum Rey Santo à carta, e blasfemias de hum Gentio. Assi se lançaraõ a dormir à noite ambos em terra de Mouros: assi amanheceraõ amo, e escravo em terra de Christaons com grande distancia de legoas em meyo, e à porta de S. Domingos da Sovereyra em Penamacor. Louvemvos os Anjos, Deos dos exercitos, *qui facis mirabilia magna solus.* Abrio o Mouro os olhos, viose entre montes, e cercado de gente, que polo trajo, e espanto que fazia de sua vista, conhecia ser Christaõ. Espantavase o enterrado na arca ouvindo lingoagem da sua terra, e muytas vozes juntas. Mas nem amo nem cativo se atreviaõ a dar credito hum aos olhos, outro aos ouvidos: ambos aviaõ que era tudo sonho. Em fim como naõ he facil de enganar o sintido da vista, e o Mouro vio que tudo o desenganava, e que estava entre Christaons, naõ por sonhos, senaõ com effeito, que via Igreja, e ouvia som de sinos que a infidelidade sobre tudo aborrece, acabou de cayr que naõ eraõ palavras mal fundadas as do seu cativo quando tanta confiança fazia do seu S. Domingos. Lembravase de tudo com estranha confusaõ, e sò desejava saber por ultimo desengano se estava em Portugal. Como tinha conhecimento das lingoagens de Espanha, perguntou a hum de muytos, que o rodeavaõ espantados de tal invençaõ de romeyro, e tais alfayas de romaria, como chamavaõ a terra, e o sitio em que estavaõ. Quando soube que tinha diante dos olhos S. Domingos da Sovereyra, ficou como fòra de si de pasmado, e attonito: e conformandose com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as sortes avia de ser seu senhor.

4.Reg.19.

CAPITULO VI.

Prosegue o milagre do cativo: apontaõse algumas particularidades, que o confirmaõ.

FOy o Mouro logo revolvendo hum molho de chaves que lhe pendiaõ da cinta, e abrindo cadeados, e fechaduras da sua arca. Chegaraõ os circunstantes com curiosidade a ver que peças traria pera offerecer em taõ grande arca o romeyro estranho: se naõ quando daõ com os olhos em hum Lazaro sepultado, e em rosto, e cores defunto: mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalhas, mortalhas de ferro: e taõ carregado dellas que de nenhum membro era senhor, senaõ sò da lingoa, com a qual, voz em grita chamava por S. Domingos, como quem tinha jà sintido onde estava. Pasmaõ todos, viraõse huns pera outros fazendo Cruzes sobre si, e pondo os olhos no Ceo. Lançaõse logo à arca, querendo cada hum ser pri-

primeiro a soltar o aferrolhado: mas eraõ taes as prisoens, que sò o Mouro as entendia, porque pera cada huma tinha sua chave. Solto em fim sem outra palavra na boca mais que S. Domingos, deixase cayr em terra, abraçase com ella, e beijaa, e vaise prostrar diante do altar do Santo.

Despois de lhe dar graças com silencio, e lagrimas, tornou pera os que o esperavaõ alvoroçados, e desejosos de entender a aventura, ou encantamento (que isto parecia mais proprio) com que aly entrara: visto como naõ apareciaõ carros, nem azemalas, que pera tal peso menear eraõ necessarias. Entaõ lhes deu larga conta de sua vida com todo o processo dos trabalhos, e duro cativeiro que temos referido: e sobre tudo da oraçaõ que sempre fizera a S. Domingos, encarecendo por remate com muitas lagrimas quanto deviaõ estimar, venerar, e servir aquelle Santo, e averemse por ditosos em o terem por seu avogado, porque a elle confessava dever a liberdade em que o viaõ por meyo taõ estranho, e milagroso: e de si affirmava, e desde logo prometia naõ fazer outra cousa em toda a vida, senaõ servillo naquella casa, sem jà mais se apartar della. Logo se foy dando a conhecer a parentes, e amigos doutro tempo: circumstancia que de novo accendeo a devaçaõ do Santo em todos, vendo que obrara tal maravilha por hum seu natural. Ficou a arca na Ermida, e os ferros todos: e atè as chaves se penduraraõ nas paredes por trofeos do Santo: e nella se vem hoje em dia o collar, algemas, adobe, e cadea, e arca, instrumentos de martyrio de hum sò homem, bastantes pera martyrizar a muytos juntos. O cativo comprio sua promessa, viveo, e morreo ermitaõ do Santo. O Mouro penetrado da grandeza do milagre pedio o santo bautismo (divina força da predestinaçaõ) e ficou em cativeyro livre, e ditoso servindo a Ermida, e acompanhando o seu cativo. E por morte foraõ enterrados juntos à porta della, onde os cobre ambos huma sò campa com hum letreyro que o declara.

Levou a fama por todo o Reyno as novas de taõ fermoso milagre com grande gloria de S. Domingos, e consolaçaõ de seus devotos: e obrigou a muyta gente de todos estados a irem ver por seus olhos o que ouviaõ. El Rey dom Dinis tanto que tomou o scetro, sendo informado da certeza do caso, visitou a santa casinha: e entre outras esmolas que lhe deixou foy huma perpetua, que chamaõ dos perdidos da villa de Penamacor, e seu termo, que eraõ da Coroa, e entaõ se ouve por boa mercè, e o que della procede goza hoje a confraria. Mas aqui se me offerece nova rezaõ de queixa da minha Religiaõ, e naõ sò dos tempos antigos: que sobre naõ pedirem estes ferros pera os engastarem em ouro, como deveraõ, aconteceo nelles tanto desemparo, que ouve quem se atreveo a tirar da Ermida a cadea; e levalla à casa da prisaõ publica de malfeitores a servir de corrente pera os aferrolhar. A restituiçaõ devemos a hum Padre de S. Francisco, que doen-

doendose como bom irmaõ de tal descuydo, com tanta vehemencia o affeou aos naturais, prègando na casa, que de corridos, e affrontados procuraraõ logo a sua cadea. Era Provedor da Comarca o Licenciado Estevaõ da Veiga (saõ estes Provedores Ministros Reays, a cujo cargo està olhar polo beneficio geral das terras, e juntamente polo patrimonio Real) constandolhe o que passava mandou ver a cadea por officiaes. Declararaõ por juramento serem de obra Mourisca, e muito antiga trinta, e tres fusis della, que se estendiaõ a tres braças: e serem de feitio moderno, e muito differente outros, com que estava acrecentada. O que visto mandoua logo cortar, e tornar à Ermida a sua parte.

Na arca começava tambem aver pouco cuydado: porque cada romeiro queria levar consigo memoria della, por acharem que lhes valia nas maleitas (despois que faltaraõ as cortiças da sovereyra que os annos tinhaõ consumida) e a continuaçaõ de cortarem nella, inda que pouco, porque a madeira he muy ferrenha, prometia dano pera o tempo adiante. Acudiosélhe, recolhendoa no vaõ do altar, e fezeraõlhe porta pera ficar guardada, e poder ser vista dos devotos. Mas naõ valendo a cautela contra hum poderoso da terra, acudio o Santo por si. E foy o caso, que este homem, ou fosse curiosidade, ou devaçaõ indiscreta, cortou da caixa hum pedaço, e ficouse com elle. Naõ passaraõ muitos dias que se vio salteado de furiosas maleitas, e chegado a ponto de tratar da alma, entre os descargos apontou o piadoso furto, e fez entrega ao Confessor pera que o restituisse. Foy cousa averiguada, que ficou logo livre do mal. E porque se visse, que nem a doença, nem a saude foraõ a caso, tardando o Confessor com a restituiçaõ, deraõ sobre elle outras tais febres, que o naõ largaraõ atè que o pedaço se tornou ajuntar ao lugar donde sayra: sobre o qual se poz hum papel com a relaçaõ do successo. Mostrase dentro na arca inda hoje o alquicer do Mouro, que em partes he variado de listas de cores ao modo dos alambeis que se sohiaõ tecer neste Reyno: e com passar de trezentos annos que aqui se guarda, està inda saõ, e rijo. No retabolo està pintado o successo como atràs dissemos de feitio, e maõ muito antiga. Sem embargo de tantos documentos, que fazem a historia certissima, achandose na villa de Penamacor quem isto determinava escrever pedio ao Juiz de Fòra huma informaçaõ de testemunhas em fòrma de direyto. Era Juiz o Licenciado Estevaõ Nogueira Cabral, o qual no despacho que deu pera se fazer a diligencia fez o officio de testimunha, dizendo ao pè da petiçaõ, de sua letra, e sinal o segunte.

O Que o supplicante diz passa assi na verdade, e à porta da Ermida do bemaventurado S. Domingos estaõ enterrados este Christaõ cativo, que huma manham foy achado

do à porta do dito Santo metido em huma arca, que està hoje na dita casa, com o Mouro senhor. Perguntemse as testimunhas, &c.

Esta informaçaõ, e estormento de testimunhas està guardado no Cartorio do Convento de S. Domingos de Benfica. Mas à vista de tal milagre ninguem me culparà, se empregarmos outro capitulo em buscar novas Igrejas, e outras memorias de taõ grande Santo.

CAPITULO VII.

Do sitio, e nomes de outras Freguezias, e Ermidas, que ha no Reyno, da invocaçaõ de S. Domingos.

NO Bispado do Porto temos sò duas Ermidas. A primeira he S. Domingos de Ataes, quasi huma legoa da cidade polo rio acima, e da mesma banda. Està situada no cume de hum monte que chamaõ Ataes. E alguma gente a nomea pola Ermida que matou o boy, querendo fazer mysterio de hum caso que podia ser muito accidental: o qual foy, que recolhendose hum boy dentro por fogir às moscas, ou ao Sol, acertou de se cerrar a porta, que achou aberta à entrada: e como a naõ pode abrir, nem em muitos dias acudio por aly gente, foy despois achado morto. Outra temos entre o Mosteyro de Santo Andre de Ansede, e o lugar de Portomanso acima do Douro. He taõ antiga, que de tempo immemorial està mandado polas constituiçoens do Bispado, que toda esta Freguezia và a ella em prociſsaõ na terceyra Oitava de Pascoa de Resurreiçaõ: e nos tres dias das Ledainhas de Mayo: e na primeyra segunda feyra do mez de Agosto. Mandoua derribar o Padre Frey Estevaõ Leitaõ sendo Prior de Lisboa, por estar muito velha, e ser pequena: e no mesmo lugar fez levantar a que hoje vemos. Obrigouo a este beneficio a annexaçaõ que o Pontifice fez do Mosteyro de Ansede, em cuja jurdiçaõ cae, ao Convento de S. Domingos de Lisboa, como atràs temos dito.

O Bispado de Coimbra tem da mesma invocaçaõ duas Freguezias. S. Domingos da Castanheira na Ribeira de Pera, que he annexa à Matriz do Pedrogaõ grande. E foy a rezaõ de se edificar aqui, que andando huma minina guardando gado deu com huma imagem de vulto entalada entre dous penedos, e sem saber de que Santo era, nem se era de Santo, com santa simplicidade continuava em fazer oraçaõ diante della. Vindo à noticia dos vizinhos, e moradores da Ribeira, acudiraõ a vella, e achando que era de S. Domingos nos sinais do habito, e insinias que trazia consigo, edificaraõlhe no mesmo lugar huma pequena Ermida na qual fundaraõ despois Freguezia. Porque como da Ribeira ao Pedrogaõ, donde eraõ freguezes, ha duas grandes legoas, e de fragoso caminho, aproveitaraõse da commodidade alargando a Ermida. E averà cento, e vin-

vinte annos que foy fundada, porque pouco mais ha que se descobrio a imagem. A outra Freguesia he S. Domingos da Togeira: e outras duas ha no caminho que vay de Coimbra pera a cidade da Guarda, que saõ: S. Domingos do lugar de Lava Rabaons: e S. Domingos do lugar de Eyras.

2. Freguezias.

8. Ermidas.

As Ermidas deste Bispado que chegaraõ à nossa noticia saõ oyto: S. Domingos da Redinha: da Povoa: de Goes: de Cernache: de villa de Rey: da villa da Sertam: e outra a huma legoa da mesma villa da Sertam. Nesta ha huma solene confraria do Santo com obrigaçaõ de Missa todos os Domingos, e dias santos: e fazemlhe festa quatro vezes no anno: as tres nas ultimas oitavas de Natal, Resurreiçaõ, e Pentecoste: e a outra, que he a mais festejada, por dia de Santo Andre ultimo de Novembro. A oitava Ermida he S. Domingos em Anadia, na Freguezia de Santiago da Mouta junto à villa de Ferreiros: està posta no cabeço de hum alto monte, e dizem que foy antigamente Freguezia. Contaõse nella muitos milagres do Santo, diremos hum sò. Deu hum anno na varzea de Quintella, que he da Freguezia, huma praga de bicho, que sendo os milhos jà crecidos lhes rohya, e cortava o pè, e se perdia tudo sem remedio. Juntaraõse os vizinhos, foraõse em procissaõ à Ermida, tomando o Santo por avogado de suas searas. Foy cousa sucedida à vista, e olhos de todos. Apareceraõ repentinamente nuvens de andorinhas que cobriaõ o Sol, e como se foraõ mandadas deceraõ ao bicho, e tal guerra lhe fizeraõ, que deixaraõ a terra limpa levando pera si bom pasto.

Leyria.

Entre Leyria, e o Becco ha huma Igreja de tres naves, cercada de edificios arruinados: em que ainda se enxergaõ sinais de claustros, e officinas grandes. Chamaõlhe o mosteiro, e persevera tradiçaõ, que o foy nosso. Com isto diz verse no altar mòr huma devota imagem do Padre S. Domingos de vulto, e affirmarem os moradores dos lugares vizinhos, que faz Deos por ella muytos milagres, e he buscada, e visitada de muytos devotos a Igreja. E he cousa certa que ha nella huma pedra, da qual, sem aver memoria nem rezaõ do que move as gentes, levaõ o pò que raspando podem colher pera reliquia, e mèzinha contra as febres, e disso està bem comida, e cavada.

Na villa de Tentuguel avia em tempos atràs hum hospital, do qual duraõ memorias frescas, que foy edificado debaixo dos nomes de S. Pedro, e S. Domingos. Agora està dado a Freiras Carmelitas.

Evora.

2. Freguezias.

O Arcebispado de Evora deu ao Santo duas Freguezias, huma junto à villa de Seda: outra no termo de Avis.

4. Ermidas.

Deulhe mais quatro Ermidas: huma no termo da villa do Redondo: outra quasi duas legoas da villa de Ourique. E em Monte mòr o Novo teve o nome de S. Domingos huma Ermida situada na praça velha: que agora o tem de Nossa Senhora da Paz: e foy a causa da mudança edificarse na villa Convento da Ordem. Em Grandola levantou Ermida ao Santo huma Francisca Nunes; na qual se lhe

faz

faz festa com solenidade todos os annos.

Na Igreja matriz do Torraõ ha hum Altar, e Confraria deste Santo, que teve origem de residirem no lugar em tempos passados algumas molheres virtuosas com o habito da terceira Ordem Dominica: pera as quais se devia edificar hum Mosteiro, que anda em tradiçaõ ouve junto desta villa, e em distancia de duas legoas das Alcaçovas, onde està huma erdade que a esse respeito, segundo dizem, se chama inda hoje de S. Domingos. Vindo a desfazerse, que devia ser por estar em terra erma, e perigosa pera habitaçaõ de molheres, passaraõ os moradores do Torraõ a imagem pera a matriz. E instituiraõlhe a confraria que dissemos.

Elvas. 1. Freguezia.

No Bispado de Elvas ha huma Freguezia do mesmo nome.

Portalegre. 1. Ermida.

No de Portalegre huma Ermida a huma legoa da cidade.

No Reyno, e Bispado do Algarve se principiaraõ duas Vigairarias da Ordem. Huma em Cinis que com muyto fervor fundava Jorze Furtado Fidalgo honrado: outra em Loulè. Ambas teveraõ Frades, e ambas se largaraõ com bons fundamentos.

Lisboa. 6. Freguezias.

O Arcebispado de Lisboa se adiantou com o Santo em muytas Freguezias: saõ seis as de que pudemos saber os nomes. S. Domingos das Abitureyras na Povoa do Conde. S. Domingos de Val de Figueira no termo de Santarem. S. Domingos de Palha Cana no termo de Alanquer. S. Domingos das Marreiras huma legoa da Eyriceyra. S. Domingos da Fanga da Fè. E a ultima S. Domingos de Rana termo de Cascais. Esta Igreja da Rana he sagrada de tempo immemorial: fazem os freguezes a festa principal do Santo na primeira Dominga de Mayo, e chamaõlhe a Sagra: deve ser porque em tal mez se sagrou a Igreja. Outra celebraõ por dia de Corpus com toda a pompa que o lugar pode, a que acodem muytas cruzes, e bandeiras das Freguezias dos termos de Cascais, e Cintra, e algumas do de Lisboa.

4. Ermidas.

Ha mais quatro Ermidas. Huma nos Coutos de Alcobaça onde chamaõ Cornaga. Outra em S. Pedro dos dous Portos. Outra onde chamaõ a Chancelaria junto a Torres Novas. E nesta villa ha tambem particular Altar, e Confraria do Santo. A quarta Ermida he em Obedos, assentada sobre a coroa de hum empinado monte: onde por ser tal, e vizinho ao mar, se acende fogo todas as noites em beneficio dos navegantes fazendo officio de Faro, como pera conhecimento da costa. E fica o Santo aqui acompanhado de parte de suas insignias, porque o alto da capella he o que serve de farol.

Confrarias em Torres Novas.

Naõ tenho duvida que se fizeramos diligencia mais apertada, acharamos mayor numero: mas bem bastaõ pera prova do intento vinte seis Freguezias, quarenta, e duas Ermidas, e muytas confrarias espalhadas por todo o Reyno. Mas he tempo de tornarmos ao fio da historia, que nos temos divertido muyto.

CA-

CAPITULO VIII.

Da antiguidade, e principios, e fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora dos Martyres da cidade de Elvas.

A Cidade de Elvas he hum dos importantes lugares do Reyno por antiguidade de edificio, groſſura de terras, e numero de ricos, e honrados moradores. Foy fundada polos Elvos, gente Franceza da Provincia Narbonenſe. Os Romanos lhe chamavaõ *Turres albæ.* De huns, e outros podia proceder o nome que hoje tem. Anda na Coroa de Portugal deſpois da perda de Eſpanha deſdo tempo del Rey dom Sancho primeiro que a tirou de poder de Mouros no anno do Senhor de 1200 o titulo de cidade he nella moderno merecendoo de longe por boas razoens. Alcançouo deſpois que foy feyta Epiſcopal por el Rey dom Joaõ terceiro. Aqui tem a Ordem dous Conventos: hum de Frades, e outro de Freyras, ambos bem dotados por virtude, e liberalidade dos vizinhos. O dos Frades de que nos toca dizer agora teve principios muyto atrazados do tempo em que vamos, e por iſſo quaſi apagados na memoria dos homens. A meya legoa da cidade avia huma devota Ermida do titulo de Noſſa Senhora da Graça, ſituada em huma montanha fragoſa de penedias, e intratavel entaõ por eſpeſura de matos, agora aberta toda, e bem cultivada. Nella ſe affirma que reſidiraõ alguns Frades noſſos, dos primeyros que começaraõ a prègar polo Reyno.

1200.

O que he bem de crer polo que temos viſto nas poucas commodidades que aquelles primeiros irmaons noſſos cheyos de eſpirito do Ceo buſcavaõ pera o corpo, eſcolhendo viver nas ſerras pera ſe mortificarem, e darem a entender aos pòvos que delles naõ queriaõ mais que as almas. Dura hoje na Ermida em penhor do que dizemos huma imagem do Padre S. Domingos pintada a freſco ſobre o arco do cruzeiro: e ha pouco tempo que durava no altar outra de vulto, que por conſumida dos annos, e royda do guſano, como era de madeira, mandou hum viſitador que ſe tiraſſe por reverencia, e decoro do Santo. Em ròda ſe vem ainda ruynas que moſtraõ a quadra do Clauſtro, e ſuas colunas, e huma ciſterna em meyo, e lanços de officinas. E porque tudo conforme, retem a montanha hoje em dia o nome de S. Domingos: e huma ponte que ſe paſſa ao pè della de boa fabrica, e de hum ſò arco, por rezaõ das muytas agoas que decem do alto nas invernadas, moſtra ſer fabrica religioſa: porque como em agradecimento, e memoria de ſeu Autor lhe chamaõ do Frade. E porque digamos tudo huma pequena Ermida que ſe encontra à ſubida da ſerra, com ſer da invocaçaõ de S. Jeronymo eſtà todavia acompanhada de huma imagem de noſſo Santo. Sofriaõ os Religioſos a vivenda canſada, e aſpera do monte, em quanto hya tambem quebrando, e abrandando com a ſanta doutrina a ſecura, e fereza dos coraçoens Portuguezes, que ſendo de ſeu natural inclinados ao bem, o exercicio das armas, a

que andavaõ entregues pola necessidade continua, em que os tinha a vizinhança dos Mouros, era causa de andarem remontados no que tocava às almas. Foraõ libertando as terras, e começando a ter alguma quietaçaõ: foy o fogo da palavra divina tambem penetrando, e fazendo seu officio nos bons animos: logo os mesmos ouveraõ por crueza custar taõ caro aos Religiosos o beneficio que lhes vinhaõ fazer, procuraraõ aliviarlhes o trabalho, e encurtarlhes o caminho. Assi se começou a tratar de novo Convento em huma erdade mais vizinha à cidade. Mas parecendo que ficavaõ ainda longe, hum vizinho honrado por nome Estevaõ Martins tratou com os do governo trazeremnos pera a cidade a hum sitio pegado com os muros, onde o mesmo possuhia hum pedaço de terra, que ao parecer seria capaz de Mosteiro. Ficando todos dacordo, deraõ conta aos Frades que andavaõ jà com as maons na pedra, e cal da segunda morada (eraõ estes Frey Estevaõ Mendes, e Frey Alvaro Pires) pediraõlhes que naõ perdessem aly tempo, pois tinhaõ melhor posto na terra que offerecia Estevaõ Martins. Porque alèm de ser capaz de Convento, partia com outra da Coroa, em que avia huma boa ermida da apresentaçaõ Real, que seria facil cousa alcansarse del Rey, e ficariaõ logo com Igreja. Deixaraõse os Religiosos persuadir vista a mayor commodidade. Seguio logo a doaçaõ, que he feita em nome dos officiaes da Camara, e Conselho, e diz assi.

Notum sit omnibus hominibus tam præsentibus, quam futuris, quòd nos Prætor, Iudicesque & concilium de Elbis, & ego Stephanus Martinus, & vxor mea Maria Petri, de nostro beneplacito, & bona voluntate damus & concedimus vobis Fratribus Ordinis Fratrum Prædicatorum pro animabus nostris ad vestri Ordinis Monasterium construendum, & ad omnia alia facienda, secundum quod vobis videbitur expedire, hæreditatem quam habemus in termino de Elbis, in loco qui dicitur Rossio, cuius isti sunt termini. In oriente Rodericus Pelagij. In occidente Riparius de Cancha. In Aquilone via publica de Cocena. In Africo via publica de Iurumenia. Damus autem vobis ipsam hæreditatem, & concedimus liberè & pacificè cum ingressibus & egressibus & omnibus pertinentijs suis: vt habeatis eam & possideatis in perpetuum, & faciatis etiam de ea, secundum voluntatem vestram, & sicut videritis expedire. Et si aliquis venerit, qui hoc factum frangere voluerit, vel contra eum ire, vel etiam impedire, vel in aliquo contradicere, tam de nostris, quam de extraneis: tam de

de præsentibus, quàm de futuris, non sit ei licitum: sed pro sola tentatione quantum quæsierit, tantum nobis in duplo componat, & domino terræ aliud tantum: & insuper Dei maledictionem, & totius Concilij indignationem incurrat. Et in pœnam per annum à villa de Eluis & suis terminis expellatur. Nos verò supradictum Concilium cum Stephano Martini & vxore eius Maria Petri hanc chartam fieri mandauimus, & hanc donationem fecimus fieri Fratri Stephanno Menendi, & Fratri Aluaro Petri, qui prædictam hæreditatem à nobis pro suo ordine liberè receperunt. Et vt factum nostrum maius robur obtineat firmitatis, hanc chartam nostræ donationis per manum Martini Petri publici tabellionis de Eluis fieri fecimus, & sigilli nostri Concilij munimine roborari. Facta charta mense Martij XVII. Calend. Aprilis Æra M. CCC. IIII. Qui præsentes fuerunt Fernandus Martini Curutelo tunc Prætor. Stephanus Fernandi, & Ioannes Menendi tunc Iudices; & insuper per totum Concilium: & ego Martinus Petri publicus tabellio de Eluis per mandatum Prætoris & Iudicum, & Concilij prædictis omnibus interfui, & hanc literam propria manu scripsi, & signum meum apposui in testimonium huius rei.

Traduzida em vulgar diz o seguinte.

SAybaõ todos os presentes, e por vir, que nòs o Corregedor, e Juyzes, e Conselho de Elvas: e eu Estevaõ Martins, e Maria Pires minha molher de nosso beneplacito, e boa vontade damos, e doamos a vòs os Frades Prègadores por nossas almas huma terra, e erdade que temos no termo de Elvas no lugar que chamaõ o Ressio pera fazerdes hum mosteiro, e o mais que bem vos parecer, cuja demarcaçaõ he a seguinte. Ao nacente parte com terra de Ruy Paes. Aõ Poente com Ribeyro de Cancha. Da banda do Norte com estrada publica de Cocena: e do Sul com caminho que vay pera Jurumenha. E a dita erdade vos damos, e doamos livre, e pacificamente com todas suas entradas, e saidas, e pertenças pera que seja vossa, e a possuays pera sempre, e façais

çais della como for vossa vontade, e como virdes que vos està melhor. E se polo tempo em diante vier alguem que esta doaçaõ queira desfazer, ou encontrar, ou embargar, ou contradizer em todo, ou em parte, naõ lhe seja pera isso doado lugar, quer seja pessoa de meu sangue, quer dos que hoje vivem, quer dos que estaõ por nacer. Antes queremos que sò por tal cousa intentar, vos pague o dobro do que demandar, e outro tanto pague a el Rey. E sobre tudo encorra na maldiçaõ de Deos, e na ira, e indinaçaõ de todo este Conselho: e seja condenado em hum anno de degredo pera fòra de villa, e termo. E nòs o sobredito Conselho juntamente com os ditos Estevaõ Martins, e Maria Pires sua molher, mandamos passar esta carta, e escritura, e doaçaõ a Frey Estevaõ Mendes, e Frey Alvaro Pires, que em seu nome, e de sua Ordem a dita terra, e erdade aceitaõ. E pera mais firmeza a mandamos fazer por maõ de Martim Pires publico tabaliaõ de Elvas, e sellada com o sello deste nosso Conselho aos desaseis de Março da Era mil e trezentos e quatro (*respondelhe o anno de Christo de 1266.*) sendo presentes Fernaõ Martins Curutelo Corregedor, Estevaõ Fernandes, e Joaõ Mendes Juizes, e todo o Conselho junto. E eu Martim Pires publico Tabaliaõ de Elvas, que por mandado do Corregedor, Juizes, e Conselho a tudo fuy presente, e de minha maõ a escrevi, e em testemunho de verdade nella puz meu sinal.

CAPITULO IX.

Faz el Rey doaçaõ à Ordem da Ermida de Nossa Senhora dos Martyres pera assento do novo Convento. E o Bispo de Evora dà sua licença pera a obra.

CRecia na cidade o gosto de agasalhar os Religiosos como a competencia. Tinha hum Ruy Paes huma boa courela de terra que partia ao Nacente, com a que Estevaõ Martins doara, como parece da escritura. Vendo que vinha a proposito pera o Convento offereceoa de boa vontade: e naõ tardou em fazer sua escritura de doaçaõ elle, e sua molher Elvira Gomez. Era o nome da erdade Almocovàra: e a doaçaõ se fez no mesmo dia, e quasi polas mesmas palavras da primeyra: e ambas em seu original se guardaõ no Cartorio do Convento. A rezaõ de a Camara, e Governo da cidade interpor nellas sua autoridade

dade devia ser, ou porque era necessario seu consintimento pera o edificio: ou por ventura, por serem as erdades foreyras ao Conselho, visto estarem no Ressio, que ordinariamente pertence ao commum da Terra, e naõ ficava sendo valiosa a doaçaõ sem autoridade, e licença sua.

Suspenderaõ os Frades a obra nova que intentavaõ, com a certeza, e melhoria deste sitio: e poseraõ em ordem aver del Rey a Ermida vizinha de Nossa Senhora dos Martyres (que assi era sua invocaçaõ.) Gastaraõse muitos dias no requerimento. E em fim vindo el Rey por certa occasiaõ a Elvas (era dom Afonso Terceiro que foy Conde de Bolonha) folgou de fazer mercè della à Ordem, e darse por padroeyro do futuro Convento, como vimos por huma provisaõ sua, a qual tirada do original que està no Convento, he a seguinte.

IN Christi nomine & eius gratia. Noverint vniversi præsentem chartam inspecturi, quòd ego Alfonsus Dei gratia Rex Portugallensis vnà cum vxore mea Regina Domna Beatriz, illustris Regis Castellæ & Legionis filiæ, & filijs & filiabus nostris Infantibus domno Dionysio, & domno Alfonso, & domna Blanca & domna Sancia do & concedo in perpetuum Fratribus Prædicatoribus eremitagium meum, quod vocatur Sancta Maria de Martyribus apud Elvas cum tota illa hæreditate, quæ pertinet ad ipsum eremitagium ad construendum ibidem Monasterium Ordinis Prædicatorum ad honorem Dei, & B. Mariæ & B. Dominici. Et hoc facio amore Dei, & pro remedio animæ meæ & parentum meorum, & vt sim particeps in omnibus bonis & orationibus eiusdem Ordinis. Et vt hæc donatio perpetuum robur obtineat firmitatis dedi eisdem Fratribus hanc meam chartam patentem mei sigilli munimine consignatam in testimonium rei gestæ. Datum apud Elvas XX. die Februarij Rege mandante per Ioannem Suerij Conelium, & per Rodericum Garciæ de Pauia. Ioannes Vincentij notauit Æra M. CCC. V.

Em Portuguez responde assi.

EM nome, e graça de Christo. Saibaõ quantos esta carta virem, que eu Afonso por graça de Deos Rey de Portugal, juntamente com a Raynha dona Breitiz, filha do illustre Rey de Castella, e Liaõ minha molher: e com

e com os Infantes dom Dinis, e dom Afonso, dona Branca, e dona Sancha meus filhos, e filhas, dou, e largo pera sempre aos Frades Prègadores a minha Ermida de Elvas, que chamaõ Santa Maria dos Martyres, com toda a erdade, e terra que lhe pertence, pera effeito de edificarem hum Mosteyro da sua Ordem à honra de Deos, e da Virgem Maria, e de S. Domingos. E isto faço por amor de Deos, e pola salvaçaõ de minha alma, e de meus pays: e pera participar de todas as boas obras, e oraçoens da mesma Ordem. E porque esta doaçaõ que assi lhes faço tenha vigor, e firmeza pera sempre, lhes passey a carta presente, autorizada, e sellada com o sello de minhas armas em testemunho de verdade. Dada em Elvas a XX. de Fevereyro. El Rey o mandou por Joaõ Soares Coelho, e por Ruy Garcès de Payva. Joaõ Vicente a escreveo na Era de M. CCC. V. (*responde aos annos de Christo 1267.*)

Com isto parecia que naõ faltava nada aos Frades pera inteiro dominio do sitio, e Ermida, e poderem começar a pòr maons na obra. Mas acharaõ que estava de posse della hum Clerigo, e que quando a quizesse largar, era ainda necessaria licença do Bispo de Evora, sem cujo beneplacito se naõ podia usar da Ermida, nem edificar: porque a cidade, e tudo o mais que hoje he Bispado de Elvas, era entaõ da diocesi de Evora. Huma, e outra cousa se negoceou sem dilaçaõ. Renunciou o sacerdote sua posse, e direito nos Frades: e o Bispo sendolhe pedida sua licença, e bençaõ em nome dos moradores, e de todo o povo, vendo o gosto que mostravaõ da obra passou logo suas letras cheyas de graças, e favores, cujo treslado que irà com sua traduçaõ he o que se segue. Advirtindo primeyro, que naõ parecendo nesta licença mais que a primeyra letra de seu nome que he D. (segundo o costume de escrever antigo) alcançamos por rezaõ do tempo em que se passou chamarse dom Duraõ Paes.

VNiuersis Christi fidelibus præsentes literas inspecturis D. permissione diuina Elborensis Episcopus salutem in Domino sempiternam. Quia Dominus Alfonsus illustris Rex Portugalliæ concessit ius patronatus, quod habebat in eremitagio S. Mariæ ad Martyres de Elbis Elborensis diœcesis cum omnibus pertinentijs suis Fratribus Præ-

Prædicatoribus pro remedio animæ ſuæ, vt ibidem fundent & ædificent Monaſterium ſui Ordinis. Et quia prædicti fratres ſunt nobis valdè vtiles & neceſſarij, vt nobiſcum in agro Domini collaborent, eis damus licentiam, quòd in dicto eremitagio & ſuis pertinentijs ac in locis alijs circum adiacentibus licite acquiſitis, pro vt eis neceſſe fuerit fundent & ædificent monaſterium ſui Ordinis, in quo Domino ſtudeant famulari. Et omnibus illis, qui eiſdem Fratribus ad tam pium & laudabile opus manum porrexerint adiutricem de miſericordia Dei confiſi, & autoritate Beatorum Apoſtolorum Petri & Pauli, & ea poteſtate, quam Dominus nobis indulſit, quadraginta dies de iniuncta ſibi legitimè pœnitentia relaxamus: nihilominus concedentes vt valeant indulgentiæ per Epiſcopatum noſtrum, quas alij Epiſcopi huius rei contemplatione noſtris ſubditis duxerint concedendas. In cuius rei teſtimonium has patentes literas ſigillo noſtro fecimus conſignari. Datum apud Sanctarevam VII. Cal. Auguſti Æra M. CCC. V.

Traduçaõ.

DUrando por mercè de Deos Biſpo de Evora, a todos os fieis Chriſtaons que eſtas letras virem, ſaude eterna no Senhor. Por quanto o illuſtre Senhor Rey dom Afonſo largou o direito do padroado que tinha na Ermida de N. Senhora dos Martyres deſte noſſo Biſpado em Elvas, dandoa com todas ſuas pertenças aos Frades Prègadores por bem de ſua alma, pera nella fundarem hum Moſteyro de ſua Ordem. E porque os ditos Frades nos ſaõ muy proveitoſos, e temos delles neceſſidade pera nos ajudarem a trabalhar na erdade do Senhor, avemos por bem darlhes licença pera que na dita Ermida fundem, e levantem Moſteyro da ſua Ordem, em que poſſaõ ſervir ao Senhor: e pera o tal effeito ſe aproveitem das terras a ella pertencentes, e das mais que com bom direito ouverem aquirido, na fòrma que mais lhes cumprir. E por tanto confiando nòs na miſericordia de Deos, e pola autoridade dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo a nòs cometida, e polo poder que Deos nos deu, con-

concedemos a todos aquelles que pera taõ pia, e louvavel obra derem ajuda, indulgencia de quarenta dias das penitencias que legitimamente lhe forem impostas: declarando juntamente que queremos, e avemos por bem que valhaõ, e tenhaõ vigor todas as indulgencias que outros Bispos por este respeito concederem aos subditos, e moradores deste nosso Bispado. Em fè do qual mandamos estas letras passar, e sellar de nosso sello. Em Santarem aos vinte e seis de Julho da Era mil trezentos e cinco (*responde aos annos de Christo* 1267.)

Como naõ avia outra cousa que tolhesse darse principio ao Convento, e toda a cidade estava alvoroçada pera ajudar a agazalhar os hospedes, começou a fabrica com muito fervor no mesmo anno.

CAPITULO X.

Da traça que se deu pera a Igreja do Convento: e das esmolas que se procuraraõ pera a fabrica: e de algumas mercès que polo tempo em diante ouveraõ os Religiosos dos Reys.

FOy a traça da Igreja a mesma que el Rey dom Afonso tinha dado na de Lisboa, e naõ sò no talho, mas tambem na grandeza, e capacidade: com que na verdade ficou descompassada pera hum povo tanto inferior em numero de gente. Como el Rey tinha grande animo, quiznos deixar sinais delle em hum, e outro edificio: e assi como fez o de Lisboa todo à sua custa, naõ devia faltar a este com grossas esmolas, visto como em seu ultimo testamento que hoje temos vivo, e originalmente està no Cartorio Real da torre do tombo, se dà por fundador do Convento. Com tudo por algumas memorias antigas nos constou que os Frades se valeraõ do Papa, e dos Bispos de Portugal, e Castella, como a machina era taõ grande, pera acharem soccorro nos povos, por meyo de indulgencias que concederaõ os que o dessem. E por escusarmos leitura, daremos sòmente huma certidaõ passada por hum Escrivaõ da Cidade, que he bem de ver pola lingoagem, e termo daquelle tempo: e diz assi.

COnboçuda cousa seja a todos aquelles que esta carta virem, que nòs Alcaide, & Iuizes, & Concelo de Eluas, vimos letras de nosso Senhor o Apostoligo de Roma, que tem os Frades Prègadores, em que dà cem dias de perdon de seus peccados a todos aquelles, que a esse seu logar de Eluas fizerem esmolna. E vimos ainda letras de doze Bispos, que cada hum delles dà quarenta dias de perdon

don de ſeus peccados aos que a eſſe logar deſſes meſmos Frades fizerem eſmolna. E vimos ainda carta aberta com ſello pendente do muy nobre Infante don Fernaudo de Caſtella & de Leon, porque manda a todas de ſà terra que non filhem dizimo, nem portagem, nem outro direito, nem hum a eſſes Frades Prègadores de Eluas, ou a ſeus homens: & naõ façaõ en al por nem huma maneyra, ſe nom a elles ſe tornaria. Porem de todalas couſas que elles comprarem, ou fizerem comprar na ſa terra, & de ſeu Padre aſſi pera ſeu veſtir, como pera ſeu calçar, como pera ſeu comer, como, pera ſuas obras: & outro ſi manda de todalas couſas que les por eſmolna derem. Em teſtimonyo da qual couſa nos a eſta carta poſemos noſſo ſello pendente. E rogamos Martim Pires noſſo publico tabaliom de Eluas, que ponha hy ſeu ſinal. E eu Martim Pires publico tabaliom de Elvas vi eſſas ſobreditas letras & ly. E a rogo do Alcayde, e dos Iuizes, & do Concelo, e deſſes meſmos Frades Prègadores de Eluas, eſte meu ſinal com inha mão hy puz que tal he.

Bem ſe deixa entender por eſta certidaõ, e pola grande copia de dinheyro que era neceſſario juntarſe pera tamanho edificio a reputaçaõ, e credito em que eſtavaõ os Frades com todo eſtado de gente, e por toda Eſpanha. Mas conſtando iſto por taõ certos indicios, inda devemos eſtimar mais outros da moderaçaõ, e pouca cobiça com que ſe aviaõ no que tocava a ſuas peſſoas. Do que apontaremos neſta caſa dous exemplos, que por ſerem do meſmo tempo, e pertencerem à Hiſtoria nos caem a propoſito. E ſeja o primeyro, que tendo os Religioſos neceſſidade pera ficarem com a largueza conveniente de mais hum pedaço de terra, e partindo com as do Convento huma boa courella que era da Coroa, e fora couſa facil avella del Rey, mandaraõ ver, que cantidade lhes baſtaria preciſamente pera o que aviaõ miſter: e achando que com ſeis alqueires de ſemeadura ficavaõ remedeando a falta, iſſo ſòmente pediraõ, como he de ver do alvarà del Rey, que por iſſo o lançaremos aqui, como jaz no original, mas ſem traduçaõ, por encurtarmos eſcritura, e porque jà fica declarada a ſuſtancia, e diz aſſi.

NOverint vniuersi præsentem chartam inspecturi, quòd ego Alfonsus Dei gratia Rex Portugalliæ vnà cum vxore mea Regina Domna Beatriz illustris Regis Castellæ & Legionis filiæ, & filijs, & filiabus nostris do & concedo Fratribus Prædicatoribus de Elbis, vnam petiam de mea hæreditate regalenga, quam habeo propè domum ipsorum Fratrum. Et ipsam petiam, quam sibi do, debet esse tanta quòd leuet in seminatura sex alqueires de tritico: quæ hæreditas tacet inter viam quæ vadit ad fontem de Pias, & ipsos Fratres. In cuius rei testimonium dedi eisdem Fratribus istam meam chartam. Datum Sanctarenæ prima die Maij. Rege mandante per Alfonsum Suerij super iudicem. Ioannes Vincentij notauit Æra M. CCC. VI. (responde ao anno de Christo 1268) e he de notar, que chama peça de terra, com nome Portuguez Latinizado, o que os lavradores dizem courella de terra.

Mas ainda andaraõ mais curtos os successores destes Padres com el Rey dom Dinis. Porque nomeandose el Rey dom Afonso seu pay por fundador do Convento quando testou, como fica dito, e naõ lhe deixou nenhum genero de renda nem mantença por titulo algum, nunca pediraõ ao filho mais que huma licença pera fazerem lenha pera a casa nos matos do Conselho: e disso temos huma provisaõ de sua maõ affinada, e dà por rezaõ da mercè que lhes faz, com palavras formais (*porque som homens bons, e servem a Deos.*)

Com tudo crecendo com os annos o valor das cousas, e mingoando a caridade em commum, foy necessario representar algumas vezes aos Principes as necessidades, e apertos do Convento. Eraõ muitos dos que foraõ succedendo no Reyno muyto liberais, e grandiosos de animo. Sabemos que com os mais teveraõ entrada, e bom lugar os Religiosos desta Ordem: e sendo assi foy taõ pouco o que alcançaraõ os moradores de hum Convento Real, que se deixa bem ver nas mesmas mercès, que mais deviaõ ser aceitadas com vergonha, que negoceadas com cobiça. A primeyra que ouveraõ foy del Rey dom Pedro bisneto do fundador. Parece cousa de graça o que montava. Eraõ dez soldos por dia (valia hum soldo o mesmo que hoje val huma moeda de tres reis de cobre a seis seitis por real,) e vinhaõ a fazer dez mil e noventa e oito reis da moeda presente no cabo do anno. Porque na reducçaõ, e declaraçaõ que el Rey dom Afonso Quinto despois fez da moeda do Reyno miuda assentou, que o soldo, e real branco que era o mesmo, valesse por dezoito pretos, ou dinheyros, que eraõ outros tantos

Nas Orden. del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

tos feitis. El Rey dom Fernando seu filho que despendeo grandes thezouros com estrangeiros em empresas naõ sò desnecessarias, mas muito danosas ao Reyno, nenhuma mercè lhes fez de sua fazenda: deulhes das alheas os residuos dos testamentos da cidade, e de seu termo: cousa entaõ, e agora de pouca consideraçaõ. Confirmoulhos el Rey dom Joaõ Primeyro seu irmaõ que lhe succedeo. Passados muitos annos estreitouse tudo mais pera os Religiosos, e as rendas Reays foraõ em crecimento: teve el Rey dom Afonso Quinto neto del Rey dom Joaõ Primeyro lembrança do seu Mosteyro real de Elvas, fezlhe mercè em tempo que jà os Religiosos podiaõ possuyr bens de rayz em commum, de quatrocentos reis brancos em cada hum anno, pagos no Almoxerifado de Estremoz. Montaõse nelles pola conta que fizemos acima, mil e duzentos reis da moeda que presente corre: porque tinha entaõ cada real branco tres reis dos que hoje saõ de seis feitis. De todas estas mercès estaõ os titulos vivos no Cartorio do Convento: e a certeza dellas nos obrigou a este discurso pera louvor de nossos antepassados, que podendo deixarnos grandes riquezas com pouco feitio seu, quizeraõ antes deixarnos exemplo de espiritos desinteressados.

CAPITULO XI.

Das fazendas, e bens de rayz que algumas pessoas devotas doaraõ ao Convento. Dàse conta da vida, e partes de alguns filhos delle.

PORèm, onde faltou a industria humana suprio o favor Divino. As rendas que dos Reys poderosos, e amigos puderaõ, e naõ quizeraõ os Religiosos grangear, lhes trouxe Deos a casa, sem descomporem os passos de sua obrigaçaõ, por meyo da gente caritativa, e devota da cidade, que conhecendo, e vendo de perto as faltas, e fomes que muitas vezes padeciaõ: padeciaõ: e o trabalho que custava mendigar polas portas, como entaõ costumavamos, acudio com liberalidade a provellos de bens de rayz, com que a casa sustenta hoje trinta e cinco Frades, senaõ com grande largueza, ao menos com o que moderadamente basta. Devemos memoria, e agradecimento em agradecimento em primeyro lugar a duas irmans, que naõ quizeraõ guardar pera despois da morte o que podiaõ fazer em vida. Entendiaõ naõ ser nobre genero de caridade dar a Deos o que se deixava, e ficava no mundo, e naõ podia acompanhar a seu dono morrendo (como bem vio, e advirtio a sua mãy, a virgem, e Martyr Santa Luzia, e por isso creyo que ficou em devaçaõ encomendarmoslhes os olhos) determiaaraõse largar em saude, e boa idade toda sua fazenda, que era muita, e boa, e entregalla logo ao Convento sem reservar pera si mais que hu-

No Breviario Roman.

huma curta porçaõ em hum estreito recolhimento que buscaraõ, e no habito da terceira Ordem de S. Domingos que vestiraõ: e nelle viveraõ, e acabaraõ santamente. Chamavaõse Anna Rodriguez, e Maria Lopez.

Seguiraõ seu exemplo outras duas irmans, Margayda Anes que de sobrenome sechamava a dòna, e Orraca Rodrigues: gente honrada, e muito rica, as quais juntando a si na determinaçaõ duas primas suas, Lianor Vaz, e Caterina Estevens de Cellas, de maõ commum se desapossaraõ animosamente por amor de Deos de quanto tinhaõ na vida, e dotaraõ ao Convento erdades que rendem hoje quarenta moyos de paõ sem pòrem carga nem obrigaçaõ aos Frades, mais que ficarem recebidas às oraçoens, sacrificios, e suffragios da Ordem. Mas quanto menos pretenderaõ ellas, tanto se esmerou mais o agradecimento nos Religiosos. Porque pera ser perpetuo lhe edificaraõ logo huma boa capella, que he a primeira do cruzeiro, quando saymos da Sacristia pera a Igreja à maõ esquerda, e a dotaraõ de Missa quotidiana. E porque a Margayda Annes foy principal autora, e como capitoa desta santa obra, alèm de particulares esmolas que tinha feito de boas peças de prata pera a Sacristia, e de mil dobras em dinheyro pera reparo da Igreja em tempo que estava muy perigosa, foy conselho conservar seu nome na capella, dedicandoa com hum fermoso retabolo, e imagem da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Margayda.

Com particular aplicaçaõ pera a fabrica da Igreja, e ornamentos da Sacristia deixaraõ tambem huma boa erdade, Lourenço Estevens, e Maria Lopes sua molher, e tambem souberaõ aproveitarse da boa calidade da esmola, que foy deserdarse vivendo.

Cerraremos este capitulo, e o que ha que dizer do Convento, com vermos se achamos alguns filhos delle que nos dem materia de escritura. Dos antigos, e primeyros Padres naõ temos nada que dizer, com trabalharem, e merecerem muito, sendo os primeyros promotores do edificio, e os que nelle se desvelaraõ, e cançaraõ: que bem se deixa entender, que se naõ foraõ homens de muy acreditada virtude, era impossivel terem o povo taõ pronto, e propicio pera os chamar, e buscar, e trazer como à força pera a cidade, e despois chegarem o Convento à perfeiçaõ em que o entregaraõ aos successores. He desgraça nossa que aquella idade de ouro, como trabalhava sò pera Deos, tivesse por honra consagrarlhe atè as memorias que nos puderaõ deixar de suas obras, e nomes. Assi he força ficaremnos em silencio muitos varoens dignos de eterno louvor, que naõ ha duvida honraraõ com suas virtudes, e exemplos este Convento: silencio por elles procurado, e de nòs justamente sintido, que de boa vontade empregaramos a penna em os servir. Diremos de alguns mais chegados a nossos tempos.

Pessoa foy de importancia, e merecedor de lembrança o Padre Frey Umberto Cordeyro Doutor em santa Theologia: mas naõ nos deixou o tempo delle,

le, mais que o que foy fruito de seu trabalho, e estudo. Escreveo hum volume muito douto, em que juntou com a erudiçaõ, e delicadeza de engenho, particular devaçaõ. He o titulo do Amor de Deos, e do proximo.

O Padre Frey Manoel de Olivença tinha vivido largos annos nos claustros desta casa, e nos braços desta mãy que o gerara, quando sobre o mal de huma perna em que o peso dos annos lhe tinha juntado grande carga de humor, e lha trazia feyamente inchada, cahio em huma forte doença de febres. Costumava o bom velho naõ faltar nunca do Coro, especialmente a Matinas. Habito alcançado com virtude, e feito com o costume taõ saboroso, que o mayor mal que na doença sintia (e sintia muitos) era faltar em tal hora da companhia de seus irmaons. He a hora por muitas rezoens mais apropriada pera buscar, e louvar a Deos, e mais propria da religiaõ, e religiosos pera velar, e orar, que todas as do dia: velando, e orando polo povo como bons pastores, quando elle ou descança na quietaçaõ do sono, ou jaz sepultado na modorra do vicio. Era vespara de huma festa de Nossa Senhora, cerrouse a noite, lembrouse do gosto com que se recolhia noutro tempo, pera se achar primeyro, e mais esperto no Coro, e em suas Matinas: começou a desfazerse em lagrimas, vendose impossibilitado por tantas vias: tomou mal o sono, e tarde, e estava delle bem necessitado. Eis que toca o relogio meya noite: segue o sino: soaõ logo as taboas. Renovase entaõ a magoa no peito do velho, porque sintio levantaremse os vizinhos. E naõ podendo acabar com seu espirito ficar na cama, arremete com fervor, e quasi furioso ao habito, salta fòra do leyto, caminha pera o Coro. Naõ se espantava de si, nem se conhecia, porque o vigor do espirito lhe tinha tirado à imaginativa: como aconteceo ao frenetico, a quem dà força na mayor fraqueza o humor venenoso da doença. Visto no Coro espantou a todos. Pareceo que era falta de juizo: acodem a elle, pedemlhe que se recolha. Quando o bom velho os ouvio, entaõ acabou de conhecer o estado em que estava, de saõ, e livre naõ sò da febre ardente, que de muitos dias o tinha jà meyo sepultado na cama: mas tambem da inchaçaõ da perna. Assi o affirmou entaõ de palavra aos Padres, assi o confirmou com obras no dia seguinte, ficando no refeitorio, e mais lugares da Communidade entre os saons logrando o bem da milagrosa saude. Qual seria a vida de quem assi se levantava da doença, bem se deixa comprender sem lhe buscarmos encarecimentos. E se huma boa, e santa vida assegura o fim della, grande enveja nos deve fazer este Padre com seu proceder, e com sua velhice: com sua morte, e atè com suas doenças.

Por illustre em santidade foy enterrado na Capella mòr Frey Joaõ Bragado irmaõ leygo. Que mais se pudera fazer ao mesmo Rey fundador, e padroeyro da casa, se quizera entre nòs enterrarse? Mereceo sitio Real na morte quem vivendo naõ quiz

nu-n

nunca senaõ o mais infimo, e abatido lugar do seu Convento. E porque nestes dous pontos de hum estremo de humildade de sua parte: e de outro estremo de respeito, e veneraçaõ de parte dos que o enterraraõ, ficaõ cifradas todas as grandezas que puderamos dizer delle: poremos sò aqui em memoria, pera que se naõ perca nunca a quem lhe devemos, o lugar de sua sepultura, que he debaixo donde antigamente estavaõ os orgaons.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da villa de Guimaraens.

A Muito nobre, e antiga villa de Guimaraens berço dos primeyros Reys de Portugal, tronco, e fonte de grande parte da nobreza deste Reyno: naõ ha duvida que foy hum dos primeyros lugares delle, que abraçou as duas Ordens dos dous grandes Santos, grandes amigos, e companheyros S. Francisco, e S. Domingos. Era morada de gente illustre, com quem sempre tem lugar a virtude, ou por brandura, e devaçaõ, ou por cortezia, e ponto de honra: condiçoens todas que naturalmente acompanhaõ o bom sangue: naõ podia em tal terra faltar gasalhado aos professores de vida santa. E assi como lho deraõ os moradores della com benignidade, e gosto, assi ordenou aquelle Senhor, que nenhum serviço feito a seus servos, por pequeno que seja deixa sem galardaõ, que de huma, e outra Ordem visse Guimaraens dentro de suas casas varoens santos, e gozasse sua presença, e doutrina (mimo, e favor grande do Ceo pera os lugares que o alcançaõ, se o sabem conhecer, e estimar.) Mas ou fossem causa as descomposiçoens, e discordias que entaõ avia no Reyno entre os estados Ecclesiastico, e secular, e outras que foraõ logo seguindo, que largamente escrevemos atràs: ou a pouca possibilidade dos particulares pera emprender obras de grandeza extraordinaria: sobejando o gosto pera estimar os hospedes de ambas as Religioens, e sendo recebidos com muito amor, e largueza quanto à sustentaçaõ de suas pessoas, e aceitaçaõ de sua doutrina, sò o gasalhado de casas, e aposento foy estreito, e pobre. Deraõ aos Franciscanos hum pequeno Oratorio apartado da villa, onde pouco, e pouco foraõ engenhando seu recolhimento em fòrma de Mosteyro, que polo tempo em diante com duas mudanças vieraõ a ter em perfeiçaõ no sitio onde hoje està. Por mayor mimo recolheraõ aos nossos dentro da villa, e no seu Hospital, que he casa magnifica em edificio, e tratamento de enfermos. Naõ se espantaraõ os filhos de S. Domingos do gasalhado, e companhia de pobres, antes a abraçaraõ com gosto, assi pola occasiaõ que tinha de exercitar dobrada caridade com os enfermos quando vagavaõ horas da doutrina publica, como porque era regra que trazia de seus mayores, pera naõ serem pesados a ninguem em particular, buscarem os hospitaes, assentarem nelles orando, vigiando, e celebrando como em casa propria, pois era dos desemparados do mundo: delles sayrem a prègar, em quan-

F. Marcos na Chon. de S. Francisco p. 1. l. 6. c. 30.

quanto faltava, ou se hia negoceando commodidade de Convento. Assi o achamos escrito por Frey Estevaõ Sanhalac na sua Cronica da Ordem acrecentada polo Inquisidor Mestre Frey Bernardo de Guido, e nas lembranças do Santo Frey Jordaõ Mestre Geral da Ordem: e em testimunho affirmaõ, que os primeyros Frades que o Padre S. Domingos inviou de Tolosa a Paris passaraõ muito tempo em hum hospital, que foy hum anno inteiro des do mez de Setembro de 1217 atè Agosto do seguinte, em que tomaraõ posse da Igreja de Santiago, donde lhes ficou o nome de Jacobinos. E o Mestre Frey Francisco Diago na sua Cronica da Provincia, e Frades de Aragaõ, escreve que na cidade de Barcelona andaraõ os nossos Frades desagasalhados, atè alcançarem a Igreja de Santa Caterina, em que edificaraõ Convento: e todavia assi mal tratados, e por casas emprestadas guardavaõ fòrma, e governo de Conventuaes, e tinhaõ Coro em que se juntavaõ a rezar, e orar, e sua separaçaõ pera os noviços que recebiaõ, e em huma destas deraõ o habito ao grande S. Raymundo. E o mesmo aconteceo a outros Frades nossos na cidade de Vicencia em Italia, como aponta o Mestre Frey Fernando de Castilho. E por naõ pendermos de exemplos estranhos onde os temos caseiros, muitos annos prègaraõ em Lisboa, e alguns em Coimbra primeyro que tevessem Convento formado, como a rezaõ està mostrando, e polo que atràs fica escrito parece claro: visto como nenhuma Religiaõ entrou nunca taõ favorecida em cidade alguma que no primeiro dia achasse Convento feito. Supposta esta verdade naõ fica de espantar que sendo o hospital de Guimaraens casa abundante de provimento, e de aposento sobejo fizessem delle morada, como fizeraõ, por mais de quarenta annos. E naõ lhes faltou mais pera ser mosteiro de Dominiços que a propriedade. Porque a religiaõ andava tanto em seu ponto que em se juntando Frades, logo as cerimonias, e observancia da regra se mantinha rigurosamente. Aqui residia o Santo Frey Pero Gonsalves Telmo quando prègou por entre Douro, e Minho. Aqui recebeo ao habito a S. Gonçalo de Amarante, e a S. Frey Lourenço Mendes, como tambem recebeo por outras partes outros sogeitos segundo adiante se verà. Porque naquelles tempos nem avia termo preciso de noviciado, e provaçaõ, nem lugares determinados pera isso. Os que andavaõ prègando polo Reyno como entaõ se costumava (e chamavaõ a isto apostolar) levavaõ licença pera lançar o habito aos que achassem dignos. Porque convinha assi pera povoar os Conventos naquelles principios, e permittiao a pureza, e perfeiçaõ dos sogeitos. Os recatos que hoje se uzaõ (e saõ muy justos, e necessarios) fez inventar a malicia que despois foy crecendo. A este modo andaraõ prègando por todas as terras de alèm Douro S. Gonsalo apoz S. Pedro Gonçalves, e S. Frey Lourenço Mendes apoz S. Gonsalo. E deste hospital sahiaõ, e a elle tornavaõ: e quando se achavaõ juntos rezavaõ, e oravaõ juntamente horas noctur-

F. Estevaõ Sanhalac. M. Frey Bernardo de Guido M. Santo Frey Jordaõ.

F. Francisco Diago l. 2. c. 1. f. 104.

Castilho 1. p. l. 2. c. 69.

cturnas, e diurnas com observancia, e puntualidade de Santos. Provase esta habitaçaõ continua (alem da constante, e publica tradiçaõ que em falta de escrituras tem bastante credito) porque se pegou ao hospital o nome da Ordem de maneira que o titulo porque hoje se conhece, e nomea he de Hospital de S. Domingos: e como em casa propria està sobre a porta, e entrada delle huma imagem do Santo pintada a fresco de tempo immemorial, e de feitio, e maõ, que dà testemunho claro de altissima antiguidade. E no retabolo da Igreja se vem a oleo outras duas, huma do Santo, e outra de S. Pedro Martyr. E sobre o arco, a que este altar se encosta parecem pintados seis Frades Dominicos que em Tolosa de França foraõ pelos hereges martyrizados. De sorte que sò em casa totalmente da Ordem se podem achar tantos sinais juntos della. Mas muito mais se confirma isto com hum costume, a que se naõ sabe rezaõ nem principio, de yr como vay todos os Sabbados do anno hum Frade do nosso Convento dizer Missa ao mesmo hospital. E de todas estas cousas devia nacer huma opiniaõ que anda na Provincia, que a precedencia que o Convento de Lisboa tem do quarto lugar nos Capitulos Provinciaes lhe foy dada por Guimaraens: fundandose os que trataõ desta materia em terem por certo, e averiguado, que em tempos atràs lhe correra sempre a antiguidade, naõ do dia da fundaçaõ do Convento, se naõ do tempo que no hospital começaraõ a residir, e prègar, e continuar Frades da Ordem: como se achou ao certo que succedera consecutivamente des do tempo que S. Pero Gonçalves nelle entrou, atè que o Convento foy edificado: succedendo S. Gonçalo a S. Pedro Gonçalves, e S. Frey Lourenço Mendez a S. Gonçalo: e he de saber que S. Frey Lourenço alcançou os tempos da fundaçaõ do Convento, e nelle està sepultado. Confirmase esta rezaõ com o exemplo vivo que hoje temos de preceder o Prior de Guimaraens, como precede, nos actos publicos da Provincia ao de Elvas, sendo assi que se a tal precedencia estribara nos annos precisos do edificio de cada Convento, manifestamente era primeiro Elvas, pois tem ansianidade em fabrica quasi quatro annos mais. E pois esta lhe naõ valeo, sendo a causa ventilada no Capitulo Provincial celebrado no mesmo Convento de Guimaraens no anno de 1532 sendo Provincial o Mestre Frey Jorge Vogado, nem noutro muyto despois no anno de 1585 em que foy Provincial o Mestre Frey Hieronimo Correa, no qual se tornou a altercar a questaõ: claro fica que referiaõ aquelles Padres a antiguidade de Guimaraens aos principios que temos dito da prègaçaõ de S. Pedro Gonçalves, e de S. Gonçalo. E com estes naõ ha duvida que vencia Guimaraens tambem ao Convento de Lisboa em alguns annos, sem embargo de ser começado a edificar ao justo dezenove annos despois. E por esta conta possuhia justamente o quarto lugar na Provincia, o qual pode ceder, e cedeo a Lisboa, como a Convento que por grandeza, e sitio he cabeça de todos

dos os mais do Reyno. Mas naõ pareceo justo que cedesse tambem a Elvas: e por isso, dando a Lisboa o seu quarto lugar, se ficou no quinto, e Elvas tem o seisto.

CAPITULO XIII.

Chama o governo de Guimaraens aos Frades de S. Domingos pera morarem na villa. Daselhe sitio: edificaõ Convento: apontaõse os nomes das pessoas que lhe acudiraõ com esmolas.

DEzenove annos avia que o Santo Frey Pero Gonsalves gozava dos premios eternos, segundo a conta do Mestre Frey Vicente Justiniano Antist, que diz faleceo no de 1251. E avia doze que o seguira ao Ceo o Santo Fey Gonçalo de Amarante, que acabou no de 1258, e o Santo Frey Lourenço andava em seu ministerio Apostolico, prègando polas terras onde sintia mais necessidade: quando a camara, e governo de Guimaraens, desejando que os Frades de S. Domingos fossem moradores de assento, e naõ sò hospedes em sua terra: ou por ventura temendose que nacesse da continuaçaõ da morada do seu Hospital, averemse por senhores delle: e tendo tratado o negocio com os Prelados mayores, em fim alcançaraõ no anno de 1270 que aceitasse a Ordem sitio, e casa formada na villa.

Entrava o mez de Dezembro deste anno quando apareceraõ em Guimaraens o Prior de S. Domingos do Porto com outros tres Religiosos, (todos pessoas de importancia) mandados pola Provincia pera a fundaçaõ pedida. Mostrou o povo o gosto com que a pedira, e esperava, no gasalhado, e alvoroço com que os recebeo: e elles o que a Ordem tinha de agradar à villa, pois em tal tempo caminhavaõ. Ordenouse que o Prior prègasse aos doze do mez pera que se ajuntasse o povo, e vissem os Religiosos nos olhos, e sembrantes de todos a vontade, e promptidaõ com que de todos eraõ desejados. Ajuntouse a terra no dia aprazado, sem faltar homem, porque os do governo por fazerem o auto mais solene mandaraõ convocar os vizinhos com voz de pregoeiro. Prègou Frey Alvaro, que assi se chamava o Prior; e acabado o Sermaõ propoz a rezaõ de sua vinda, e de seus companheyros, que era serem chamados por carta da Camara pera edificarem Convento, e mandados a isso de seus mayores. Mas que sobre tudo queria saber a vontade do povo, porque a primeira ordem que trazia era naõ começar nada sem seu beneplacito. Sendo entendida a proposta, naõ deraõ lugar a que fosse o Prior com a pratica adiante, mas levantou toda a Igreja huma voz de alegria dando graças a Deos que os trazia, e ao Prelado que os mandava, e a elles que vinhaõ, e certificando que todos estavaõ prestes pera ajudar a obra. Decido do pulpito achou o Prior nos que dantes o naõ tinhaõ visto a mesma boa sombra, e cortesia, dandolhe animo, e promettendo que naõ faltaria nada na terra pera terem muito brevemente hum fermoso Convento: porque nenhuma avia em todo Entredouro, e Minho mais obrigada aos Frades de S. Do-

Domingos pola memoria de dous taõ grandes Santos, como S. Pero Gonſalvez, e S. Gonſalo, que nella aviaõ vivido, tratado, e converſado como naturaes.

Tratouſe no meſmo dia em ſe buſcar ſitio: e apontando huns, e outros em differentes poſtos, atalhou as duvidas Joaõ Pirez Arrudo peſſoa principal da villa, offerecendo pera principio do Convento humas boas caſas ſuas. Sendo aceitadas, parecia que ſò hum inconveniente tinhaõ, o qual era eſtarem na parte mais povoada da villa: porque era de crer que averia contradiçaõ, ou difficuldade em ſe largarem as que mais foſſem neceſſarias pera a fabrica. Mas foy Deos ſervido de facilitar tudo de maneira, que antes alguns deraõ liberalmente o que por alli poſſuhyaõ. Outros por naõ ſerem vencidos em cortezia, ou davaõ dinheyro pera ſe comprarem as propriedades que eraõ neceſſarias pera largueza do Convento: ou offereciaõ outras pera ſe trocarem com os que naõ quiſeſſem vender. Hum Conego da Igreja Collegiada da villa, fidalgo honrado, a quem as memorias, que temos, chamaõ grande homem, e era ſeu nome Pero Soares, poſſuhia huma terra vizinha das caſas de Joaõ Pirez, e em lugar muy accommodado pera o Convento ſe eſtender atè junto dà fonte que chamaõ da Cuba. Eſta pertencia juntamente a Maria Soares ſua irmam, com huma moenda que avia nella. Como ſouberaõ ambos o que paſſava na villa, naõ foy neceſſario ſerem rogados: deraõna livremente aos Frades, e deſpois lhes fizeraõ outros grandes bens, e eſmolas, como diremos adiante. Outro Conego de Braga, peſſoa tambem nobre, chamado Gonçalo Gonçalves Peixoto, deu humas herdades, e muyto dinheyro de contado pera ajuda da obra, ſem mais encargo que pedir aos Frades o encomendaſſem a Deos entre ſeus bemfeitores. Eſte Conego querendo ajudar tambem com alguma couſa perpetua o Convento, porque naõ podia receber proprios, quando fez teſtamento poz obrigaçaõ aos herdeiros de ſua fazenda, que todos os annos lhe mandaſſem cantar polos Frades deſta caſa huma Miſſa ſolene de Requiem, e que foſſe (ſaõ palavras formaes da lembrança) por dia de lava pès: e por ella ſe deſſem de eſmola cinco livras, que reſpondem na moeda preſente oitocentos reis a 160 reis por livra. Muitas outras peſſoas acudiraõ com groſſas eſmolas: que na verdade reyna na gente deſte lugar hum particular effeito de charidade com as Religioens: e a de S. Domingos o tem eſperimentado por todas as idades.

Aſſi crecia a obra: e a viſta della eſpertava novo goſto nos moradores de a verem ſobir, e adiantar; pera o que os que naõ tinhaõ dado nada abriraõ de boa vontade as bolſas, e traziaõ o que cada hum podia ſem ſerem importunados. E os que jà ſe tinhaõ offertado tornavaõ de novo com as maons cheyas, eſtimando ter mayor parte na caſa de Deos: que como era ſua, e feita com bençaõ, e aplauſo geral, naõ tardou muito em ſe acabar. Conſtanos que, ſendo começada na entrada do anno de 1271 reynando el Rey dom Afonſo III., teve fim ainda em ſua vida:

1271.

da: e por esta conta naõ passou a fabrica de oito annos de trabalho, porque el Rey faleceo no de setenta, e nove.

Acabado o Convento naõ quiseraõ os Religiosos que se acabasse a memoria das pessoas, que mais particularmente se empregaraõ em favorecer, e ajudar a obra, e davaõse por mais penhorados com os devotos, porque sabiaõ que no edificio de Elvas, alem de intervirem braço, e esmolas de Rey, acodio o Papa com graças espirituaes pera obrigar outros povos, e concorreraõ muitos Bispos com as suas, os quaes he de crer abririaõ tambem os thesouros da terra, quando assi communicavaõ os do Ceo. Poseraõ em lembrança os nomes de todos pera ficarem sempre vivos, e sabidos por meyo da Religiaõ, pera honra geral da villa, e particular dos parentes, e successores. De maõ de Frey Joaõ de Braga os achamos escritos, que sendo Prior do Convento no anno de 1410, replicou em hum breve tratado que colheo de memorias antigas o processo desta obra: no qual despois de nomear as pessoas que atras apontamos, ajunta Gonçalo Gonçalves Cavalleiro da Rosa, e sua mulher, e Orraca Anes, e dona Orraca Manteigada: as quaes chama donas, e Monjas de Lorvaõ: e dona Maria Monja do hospital de Chavo. E dizendo que muita outra gente principal ajudara a obra com particulares dadivas, dà em prova huma clausula de huma escritura que diz andava em hum livro do tombo do Convento, autorizada com o sello delle, e passada em nome do Prior, e Religiosos, cujas palavras formaes eraõ.

Damos a dona Joana Diz Padroeyra, e fundadora do lugar em que a Deos servimos, a Missa do Sabado de Santa Maria, e a Missa sesta feyra, e isto pera sempre.

E diz mais, que o nome desta dona Joana andava escrito no livro da Calenda por obrigaçaõ que avia de lhe fazerem cada mez hum Aniversario. E aponta de novo, que o Conego Pero Soares, de que atras falamos, se enterrou no Convento, e deu huma grande copia de dinheiro de esmola no dia em que faleceo.

CAPITULO XIV.

Derribase o Convento. Dàse conta da rezaõ que pera isso ouve: edificase de novo em outro lugar: fazse memoria de algumas pessoas de grande calidade que ajudaraõ a obra.

MAs este Convento começado com tanto gosto, proseguido com tanta abundancia, e largueza, e acabado com tanta brevidade, que por todas as vias estava ao parecer prometendo perpetuidade, viraõ muitos dos que o ajudaraõ a levantar, posto por terra dentro de cinquenta annos: e foraõ elles os mesmos que na ruina poseraõ tambem as maons, e passou o caso desta maneyra. Começando a reynar el Rey dom Dinis pareceolhe cousa conveniente fortificar esta villa com nova cerca de muros, ou alargando a antiga, porque tinha crecido muito em povo. E foy tal a traça, que veyo a muralha pegar com o Convento, e deixandoo de fòra, foy correndo ao longo da

da Igreja, e Capellas. Obra em materia de fortificaçaõ de todo ponto errada: porque ficou a Igreja com a visinhança, feita padrasto do mundo como despois mostrou o successo. Passados alguns annos naceraõ desgostos entre o mesmo Rey autor da fortificaçaõ, e o Principe dom Afonso seu filho, e herdeiro, (infante era a lingoagem com que naquelle tempo se nomeava o Principe.) Apartouse o Principe dos olhos de seu pay: a ausencia agravou os desabrimentos, porque naõ faltavaõ atissadores do fogo da discordia (como he costume pera fins, e interesses particulares.) Parou o negocio em campos formados, cercos de terras, e em fim guerra rota entre pay, e filho. No discurso della veyo o Principe com poder sobre esta villa. Defendeoselhe com a lealdade que devia a seu Rey, e senhor vivo. Mas entaõ se manifestou o erro de quem traçou a cerca da villa, porque por cima da Igreja pretenderaõ os soldados do Principe entralla, apertandoa com duros combates, e pelejando de lugar igual, e quasi pè a pè com os de dentro, pola commodidade que lhes dava a visinhança, e altura da Igreja, e capellas: e assi esteve arriscada a se perder. Passada a guerra, cujos successos naõ tocaõ a esta Historia, mandou el Rey notificar aos Frades que dentro de hum anno passassem o Convento a outra parte, com apercebimento que ficasse taõ longe do muro quanto parecesse a Mem Rodriguez seu Meirinho mòr em Antredouro, e minho. Assi vieraõ a pagar os Frades a impericia dos engenheiros del Rey, e as paredes do Mosteiro os defeitos da muralha. Veyo Mem Rodriguez, poz balisas, e sinalou a distancia que se aviaõ de afastar. E porque naõ faltasse novo desgosto, querendo a Ordem começar sua obra foy embargada polo procurador do Conselho, e governo da villa, lembrados do perigo, e medo passado: e parecendolhe ainda demasiada a visinhança, se o Convento ficasse no lugar disenhado, que he o mesmo em que hoje està. Com este embaraço se dilatou a nova fabrica atè a morte del Rey dom Dinis; e entrando no governo seu filho dom Afonso Quarto mandou que se naõ innovasse nada no que Mem Rodriguez assentara, porque assi dava por resalvado todo o prejuizo que a villa mostrava temer. Com tal resoluçaõ começou a correr a obra, e era novo, e lastimoso genero de trabalho, porque hiaõ desfazendo, e arruinando huns, e compondo, e alevantando outros. Compraraõ os Religiosos novas propriedades pera se alargarem contra o campo que chamaõ do Preposto: fizeraõ novas trocas com os vizinhos, e novos assentos com a Camara de caminhos, e ressios do Conselho que por alli avia: nos quaes assentos mostraraõ todavia os do governo o respeito, e amor que tinhaõ à Religiaõ. Porque em final determinaçaõ deraõ licença que os Frades metessem dentro da sua cerca a fonte da Cuba com os ressios vizinhos, sem embargo de algumas contradiçoens de pessoas, que de huma, e outra cousa se queriaõ lograr.

Ainda que esta tresladaçaõ do Convento foy de pouco gosto

to pera todos: e naõ consta que el Rey, que a mandou fazer, a ajudasse com seu poder, acodio Deos, como costuma às obras de seu serviço: e fez que supprisse nesta com sua liberalidade dom Lourenço Arcebispo de Braga tomando à sua conta grande parte della. Porque de suas esmolas se fez o Coro, e a sacristia, e a mayor parte da Igreja. Foy este prelado em grande estremo affeiçoado à Ordem, e continuo bemfeitor della, e atè dos Frades particulares.

A' imitaçaõ do Arcebispo se dispoz tambem a nos ajudar hum Fidalgo de illustre, e antiga geraçaõ deste Reyno, chamado Joaõ Afonso de Briteiros. Este fez todo o lanço da parede da Igreja, que fica pera a rua: e a porta principal, e outras officinas dentro. Pagoulhe Deos a charidade por hum modo muito seu, ordenando que fosse o premio della, despois de ter dado, e gastado muito com a Religiaõ, darse tambem a si mesmo (grande merce, e grande misericordia do Senhor, quando he servido inclinar vontades, e encaminhar traças pera tamanho bem: e tanto mayor quanto he menos entendido no mundo.) falecerlhe sua molher no tempo que andava com as maons na pedra, e cal. Costumava a cal cegar, e a elle espertoulhe a vista: determinouse em ter parte na obra por melhor via: pedio o habito, e recebeo o de irmaõ leigo: e naquella humildade viveo, e acabou santamente. Repartio sua fazenda que era muita, antes de professar dando parte à Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, com obrigaçaõ de certos Aniversarios, e outros suffragios perpetuos por sua alma, e de sua molher: e todo o restante deu ao Convento, que foy alem de ricos moveis, e peças de casa grande, quatro casaes, e o lugar que chamaõ de Casa nova: o que tudo venderaõ, ou trocaraõ os Frades pera o empregarem em acabar o Convento. E ficara ainda sem perfeiçaõ, se lhes naõ valera huma fermosa erança, que alguns annos despois teveraõ de hum Bispo de Burgos, o qual renunciando a Mitra por fugir das inquietaçoens, e escrupulos, em que toda Espanha andava envolta com scisma que estava levantada na Igreja Romana, por morte do Papa Gregorio Onzeno: entre Urbano Sexto verdadeyro successor de S. Pedro, e Clemente Antipapa que em Avinhaõ de França se fazia chamar Clemente Septimo: escolheo pera sua vivenda, e sossego a cidade de Braga, onde faleceo, e deixou esta casa por sua universal herdeira. O que principalmente mandou que se fizesse, foy huma livraria, pera a qual deixou desde logo muitos, e bons livros. Empregaraõse os Frades em trazer de fora a fonte que corre na crasta, e no lavatorio da Sacristia, que foy obra de muita despesa. Fizeraõ tambem livros pera o Coro, e outras peças de que avia mais necessidade.

E porque a memoria da prègaçaõ de S. Pero Gonçalves, e S. Gonçalo, alem da honra, e gloria que rendeo à Religiaõ de S. Domingos, e a este Reyno, foy sempre muy venerada do povo de Guimaraens, dandose por obrigado a celebrar com animo agradecido o beneficio espiritual

ritual que de ambos recebeo, inſtituyo logo duas Confrarias em honra ſua na noſſa Igreja: huma, e outra com particular altar. Da de S. Pero Gonçalves ſaõ adminiſtradores os officiaes da Camara, e elegem em cada hum anno os Mordomos que haõ de ſervir.

E pera mais veneraçaõ impetraraõ de Roma correndo os annos muitas indulgencias, que ſe ganhaõ polos que viſitaõ a ſua capella das primeyras veſperas atè as ſegundas. Procurou, e alcançou eſtas graças hum Fidalgo honrado, e natural da villa, que naõ he rezaõ ficar em ſilencio, por nome Pedraluares. Moſtraſe a grande antiguidade da confraria em hum particular favor com que ſe autorizou o altar, que foy ſer conſagrado (couſa que ha muytos annos ſe naõ coſtuma) do que perſevera a lembrança em ſabermos polo Breve Romano que as principaes indulgencias ſaõ concedidas ao dia em que foy ſagrado ſem embargo que tambem ſe ganhaõ em certas feſtas do anno. O ſitio deſte altar, e capella he o topo do cruzeiro da banda da Epiſtola.

Ficou no outro topo defronte dedicada a capella, e o altar ao bem aventurado S. Gonçalo com ſua imagem de vulto, e ſua confraria, e em fim como de Santo em todo pertencente aó tronco, e origem deſte Convento, e como Portuguez ficou em milhor lugar qual he o da parte do Evangelho. Mas andando o tempo pareceo que era devido eſte ſitio à Virgem glorioſa do Roſario: e o Santo lhe deu ſeu lugar ſendo mudado pera o meſmo que a Senhora tinha, e ficando por duas vias honrado, huma em lhe dar o ſeu altar, outra em ficar no da Senhora.

CAPITULO XV.

Vida, e milagres do Santo Frey Lourenço Mendes: com a notavel obra que acabou da ponte de Cavez.

PErtencem a eſte Convento como filhos da Religiaõ por meyo do gaſalhado que ella achou neſta villa deſde ſeus principios: e por receberem o ſanto habito no hoſpital della, habito de pobres em caſa de pobres, ou dous grandes Santos S. Gonſalo de Amarante, e S. Frey Lourenço Mendes. De S. Gonçalo diremos quando chegarmos aos annos em que lhe foy edificado Convento, aonde parece que mais juſtamente pertence, por eſte titulo, e polo mais principal de ter aly ſuas ſantas reliquias. De S. Frey Lourenço he aqui lugar proprio polas rezoens ditas, e porque neſte Convento morou ainda alguns annos, nelle faleceo, e nelle eſpera a reſurreiçaõ o deſpojo mortal de ſeu corpo. Foy Frey Lourenço de geraçaõ nobre, o apellido de Chacim apagado hoje, mas no tempo antigo bem conhecido, e aparentado com todo o bom do Reyno: como parece do livro de linhagens que nos deixou eſcrito o Conde dom Pedro. Tinha paſſado os annos da mocidade nas vaidades della entre goſtos da terra, e eſperanças de valer, que enlevaõ os animos nobres fazendolhe diſſo obrigaçaõ, e como erança de ſeus mayores.

En-

Entrava em idade perfeita, tocouo Deos ouvindo as prègaçoens do Santo Frey Pero Gonsalves: e offereceolhe outras esperanças, e outros meyos de valer, outra Corte em que merecer, outro Rey a quem servir: descobriolhe as alquimias do mundo, representoulhe a fineza do ouro do Ceo, e por galardoens duvidosos, e fracos, premios certos, e immortaes. Tinha o entendimento livre, e naturalmente claro, e assentado: era o chamamento Divino, rendeose de todo coraçaõ, ficandolhe sò hum pesar de cair na conta taõ tarde. Foise ao Santo, que polo que tinha exprimentado tambem no mundo, era bom mestre de enganados: e suas prègaçoens como verdadeiramente Apostolicas, naõ offereciaõ aos ouvintes outros pontos nem outras futilezas, senaõ desenganos. Brevemente ficou resoluto no que lhe convinha, e com a mesma brevidade deixou tudo; e tomando da maõ do Santo o habito de S. Domingos, ficouse algum tempo em sua companhia.

Isto he tradiçaõ muy antiga, recebida na ordem, e na villa, e confirmada com a pintura, que naõ ha muytos annos durava no primeiro retabolo do altar do Santo: o qual por ser velho, e por curiosidade dos Confrades se tirou, pera dar lugar ao novo que hoje vemos. Era de ver nelle hum Frade todo prostrado, e estendido por terra aos pès do Santo: e affirmase que foy retrato de Frey Lourenço Mendes; quero dizer do que por elle passou quando entrou na Religiaõ. E dizem que elle foy o que o mandou fazer em penhor da obrigaçaõ que reconhecia a quem lhe fizera tanto bem, que o trouxera da morte à vida, e do mundo a Deos: ou como quem jà entaõ fazia conta de se enterrar na morte aos pès do seu altar, e começava a fazer em sombras, e pintura o que avia de ser com effeito, e verdade. Tambem he tradiçaõ muy corrente que foy contemporaneo de S. Gonsalo no habito, e residencia da mesma villa, e hospital: naõ na idade, porque S. Gonsalo era velho, e elle muyto mais moço. Mas o que sabemos de certo he, que como buscou a Deos com animo determinado, assi se lhe entregou sem querer mais nada da terra, e se abraçou com toda a austeridade, e rigor de vida, castigando com ella, e com muyta dor de sua alma os annos mal empregados da idade florida. Decia com humildade, e desprezo de si ao centro da terra, e sobia com ardentes desejos, e oraçaõ continua ao mais alto do Ceo. Santo, e divino exercicio, que continuando por muitos dias lhe moveo o espirito a desejar ver empregados nelle todos seus proximos: e tanto com mayor affeito da alma, quanto via a muyta rudeza dos homens daquelle tempo nas cousas da salvaçaõ, e a falta que avia de mestres por toda a parte. Quebravalhe isto o coraçaõ, e sintia naõ ser letrado pera poder remediar a todos. Mas conhecendo que naõ consistia sò o ministerio da prègaçaõ em penetrar a alteza dos mysterios Divinos, e sabellos dar a entender aos ouvintes: mas que era a principal parte della insinar os principios da doutrina Christam,

e o

e o que basta pera negocear, e alcançar o Ceo: persuadiase que tambem poderia merecer o nome do habito, que vestia, se prègasse aos mais rudes, e mais necessitados: que destes he sempre mayor o numero. Foy o instincto de verdadeira charidade, e a obra de verdadeiro humilde. Assi começou a buscar polas aldeas os velhos rusticos, e gente simples: assentavase com elles, insinavalhes o que aviaõ de crer, como se aviaõ de confessar, como aviaõ de rezar, e encomendarse a Deos. O' quanta rudeza ha nestas materias, que importaõ tudo, entre muytos que se prezaõ de agudos, e sabios em outras, que nada servem! Custavalhe muyto trabalho desbastar aquelles entendimentos grosseiros, e boçaes: mas o Senhor, que promette graça, e favor aos humildes, ajudavao de maneira que fazia notavel proveito pola terra: e consolandoo com lhe mostrar o fruyto animavao pera mais trabalhar. Bem he de crer que passaria neste tempo outras fadigas, que se naõ quebrantavaõ o corpo, fariaõ seus tiros ao coraçaõ com pena, e tentaçoens apertadas: digo huns desprezos dos parentes, huns rizos maliciosos, cousa propria dos que se estimaõ muyto, e cuidaõ que sò acertaõ com os nomes das cousas. Chamando vileza àquelle pouco caso, que Frey Lourenço por amor de Deos fazia de si, animo baixo, e apoucado, andar em taes exercicios de doutrina entre enxames de mininos, nas terras grandes: ou nas aldeas entre bandos de pobres gente rustica, e agreste, pouco cortez, e pouco limpa. Provava o Senhor a seu servo por estes meyos; e achandoo fiel, e prudente, e em seu serviço constante, acodialhe com grandes, e extraordinarios favores. He cousa certa que discorrendo por todos os lugares de Antredouro, e Minho vio confirmada sua doctrina com grandes milagres, dos quaes naõ chegou aos tempos presentes a pontualidade dos modos, e numero, senaõ de muy poucos, chegandonos a certeza que foraõ muytos, como se verà polas memorias que ao diante apontaremos. Persuadia, e aconselhava hum dia a hum homem mancebo, que perdoasse certo agravo a quem conhecido de sua culpa lhe queria pedir com humildade perdaõ, e desde logo lho mandava pedir por elle. Perdeolhe o respeito o agravado dando feros por reposta, e renovando com ira propositos de vingança. Disselhe o Santo que olhasse por si; que aquillo era obra do demonio em que andava revestido. Pagou a advertencia santa com segunda reposta nada menos soberba que a primeira. Mas naõ eraõ bem passados tres dias quando o pobre se vio atormentado do enemigo infernal, e conheceo com seu mal a verdade do bom conselheiro. Vemse a seus pès com lagrimas, e vergonha; pede remedio, e alcançouo fazendo o Santo oraçaõ por elle. Deixouo logo o demonio livre: e assi deixou a muytas outras pessoas, que atormentava, sò com a voz, e imperio de Frey Lourenço. Da mesma maneira se escreve que obedeciaõ ao tacto de suas maons as enfermidades: e atè a mesma morte; o que se vio em dous ho-

homens que sendo passados da vida, tornaraõ a ella por sua oraçaõ, e merecimentos. E como tudo o mais que podemos contar em materia de milagres, fica sendo de menos consideraçaõ à vista de mortos resucitados, diremos sòmente hum. Perdera hum pobre Clerigo a vista de hum olho por caso acidental: sintia muyto a falta, persuadiose, polo que sabia das grandes virtudes do Santo, que se lhe posesse suas maons, receberia saude: foyse a elle com esta confiança, fezlhe sua petiçaõ chea de fè, e naõ se enganou: porque dali tornou sãõ.

Naõ devemos ter por menos milagre que os grandes a empreza que acabou da ponte, que chamaõ de Cavez. Andava prègando por aquellas partes; vio com seus olhos o trabalho, e perigo com que se vadeava o rio (e he o mesmo Thamega que muytas legoas adiante passa por Amarante por baixo de outra ponte obra de S. Gonçalo, que lhe deu o nome) rio grosso de agoas, e furioso a mayor parte do anno: considerou a necessidade que os naturaes tinhaõ de o passar a miude pera seus serviços: compadeceraõse as entranhas que ardiaõ em charidade. Pareceolhe que se lhes desse remedio com huma ponte faria muyto ao caso o bem temporal pera abraçarem o espiritual da doutrina. Acometeo a obra: deulhe Deos a graça com os poderosos pera acodirem com esmolas, elle acudia com a presença, e com suas oraçoens, e taes oraçoens que segundo achamos em huma memoria escrita polo Doutor Frey Joaõ de Braga no anno de 1415: e acrecentada polo mesmo no de 1434 sendo Prior neste Convento, eraõ poderosas pera fazer crecer o paõ, e o vinho aos trabalhadores: e quando faltava conduto metendo o bordaõ na agoa do rio, acodia o peixe, e se deixava tomar quanto o Santo queria, como tinha acontecido poucos annos antes, no mesmo rio, mas em differente paragem a S. Gonsalo quando lhe lançou a sua ponte em Amarante. O que veremos em outra parte desta Cronica em lugar proprio: ainda que muitos annos despois do sucesso, por ser assi forçado. E como tambem tinha succedido, e primeiro que a ambos ao Santo Frey Pero Gonçalves Telmo na que fez sobre o Minho, como adiante se dirà. Aqui diz a mesma memoria que foy o lugar onde o Santo Frey Lourenço resucitou hum dos dous mortos que atràs contamos. Em fim a ponte se acabou de obra taõ firme, que dura atè hoje, e promete durar muytos mais annos.

CAPITULO XVI.

De hum mysterioso caso que aconteceo ao Santo Frey Lourenço em terra de Chaves, continuando o santo ministerio da prègaçaõ.

EM muytas cousas outras se vio a valia que este Santo tinha diante de Deos: mas sobre todas he celebrada huma em que sua divina bondade mostrou quererlhe fazer extraordinario favor: e por ser tal me pareceo tresladar aqui a relaçaõ propria que della anda no Convento de Guimaraens, a qual polo que se deixa ver do pergaminho, em que

que està, he taõ antigamente escrita quasi como passou o successo. E tirada de verbo ad verbum diz assi.

SAnctus Frater Laurentius Menendius, qui in isto quiescit Conventu, fuit prædicator Apostolicus sanctæ vitæ & doctrinæ, & in multis partibus huius regni gloriosè prædicauit. Eleemosynis etiam acquisitis pontem, qui dicitur de Cauez, fecit ædificare. Precibus suis & meritis coram Deo duos mortuos suscitauit. Item cum apud oppidum de Chaues, ubi prædicabat, quadam die ambularet in agro causa studendi & firmandi memoriam pro concione facienda, socio suo seorsim eum à longè attendente, quidam Angelus ad eum venit per viam, & in eodem loco, in quo deambulabat, illi tradidit quandam paruam arcam ligneam, quam afferebat, multis & varijs reliquijs plenam: & cum illam in manus eius reponeret, sancto viro dixit: Hodie traditur in manus infidelium quædam ciuitas Christianorum propter illorum peccata; & propterea tibi Deus has reliquias per me tradi iubet, vt illas ad tuum Conuentum reuerenter custodiendas deferas. Quibus dictis, Angelus in eodem loco disparuit: socius verò illius, qui à longe prospiciens per planum & spatiosum agrum, iuuenem nouerat ad D. Laurentium accedentem, & cum eo loquentem: postquam deprehendit illum ab oculis suis sublatum, absque hoc quòd per aliquam viam reverteretur, miratus rei nouitatem a D. Laurentio quæsiuit postea, quisnam illum conuenisset. Accedentem enim, inquiebat ille, prospexi, sed minimè postea discedentem. Ad hæc Beatus Laurentius, Quandoquidem, ait, Deus tibi oculos dignatus est aperire, vt diuinum illud cerneres spectaculum, dignabitur etiam, vt ego tibi occultum mysterium, quod mihi commissum est, reuelem. Scias, Frater, quod hodie traditur in manus Paganorum quædam ciuitas Christianorum: & iuuenis ille, quem vidisti, Angelus erat cælestis, qui mihi ex eadem infortunata vrbe hanc reliquiarum capsulam, Deo ita nobiscum misericorditer operante, tradidit. Et deinde illi sacrarum reliquiarum capsulam, quam sub pallio habebat, ostendit.

Em

Em vulgar tem a ſignificaçaõ ſeguinte.

O Santo Frey Lourenço Mendez, que neſte Convento eſtà ſepultado, foy prègador Apoſtolico, de ſanta vida, e doutrina, e prègou por muitas partes deſte Reyno com muito nome, e louvor. E com eſmolas que buſcou, e ajuntou, fez a ponte de Cavez. Por ſuas oraçoens, e merecimentos diante de Deos reſuſcitou dous mortos. Tambem lhe aconteceo na villa de Chaves, onde prègava, que paſſeando hum dia pola veiga della apartado de ſeu companheyro por occaſiaõ de hum Sermaõ que avia de prègar, e o andava paſſando pola memoria, chegou a elle como de caminho hum Anjo, e lhe entregou huma caixinha cheya de muitas, e differentes reliquias: e pondoa nas maons do Santo, Hoje, diſſe, entra em poder de infieis huma cidade de Chriſtaons polos peccados que nella ſe cometiaõ. E por iſſo te manda Deos entregar por mim eſtas reliquias, pera que as leves ao teu Convento, onde com reverencia eſtejaõ guardadas. E acabando eſtas palavras, deſapareceo. Mas o companheiro que dado que eſtiveſſe longe, como a veiga era cham, e limpa, notara a chegada do Anjo, e julgando ſer hum homem ordinario, o vira com elle falar, vendoo ſubitamente deſaparecido diante dos ſeus olhos, ſem tomar nenhum caminho da veiga, pareceolhe caſo peregrino; e maravilhado de tal novidade, perguntou deſpois ao Santo, que homem era o que alli fora ter com elle. Porque eu (dezia o companheyro) vi bem quando chegou a vòs, mas ao deſpedir naõ ſey por onde ſe ſomio, que o naõ pude mais ver. A iſto reſpondeo o Santo Frey Lourenço: Jà que o Senhor Deos foy ſervido de vos abrir os olhos pera tal viſta alcançardes, tambem o ſerà de vos eu deſcobrir o ſegredo do myſterio que ſe me fiou. Sabereis irmaõ, que hoje ſe perde, e entrega em maons de infieis huma cidade de Chriſtaons: e aquelle mancebo, que viſtes, era Anjo do Ceo, o qual me entregou eſta caixa de reliquias tirada da infelice cidade, por particular merce que o Senhor por ſuas miſericordias me quiz fazer. E

apoz iſto moſtroulhe a caixa que tinha debaixo da capa.

Grande altercaçaõ ha entre os eſcritores ſobre que cidade ſeria eſta, donde Deos foy ſervido ſalvar eſtas reliquias, pera honrar com ellas hum Convento de S. Domingos, e a villa de Guimaraens com honra, e credito de ſeu ſervo Frey Lourenço, a quem as mandou entregar. Mas como naõ ſabemos ao juſto em que anno as recebeo, todos os diſcurſos, e altercaçoens vaõ fundadas no ar. O Padre Frey Fernando de Caſtilho quer foſſe a cidade em Africa, e naõ lhe dà nome: ſendo aſſi que jà neſte tempo naõ avia nella lugar de importancia poſſuido de catholicos: porque toda era conquiſtada de Mouros. Mais provavel couſa he que foſſe na Syria, porque por eſte tempo a vinhaõ conquiſtando infieis. E huns dizem que ſeria Antiochia, outros Ptolemaida: e aſſi vaõ buſcando os annos em que ſe perderaõ eſtas cidades, pera os accommodarem ao tempo do ſucceſſo das reliquias. E a ordem direita devia ſer ſaber primeiro o anno em que as reliquias ſe deraõ, porque entaõ ficara facil de achar a cidade perdida correndo as hiſtorias antigas. Mas como naõ he poſſivel alcançarmos eſte anno, porque as memorias que temos o naõ eſpecificaõ, fica tambem perdido o trabalho de buſcar a cidade, viſto como cada dia hiaõ os enemigos ganhando muitas.

A memoria referida como fala em Convento do Santo, e nelle manda guardar as reliquias, moſtra que ja era edificado eſte de Guimaraens. E ainda que ſe podia entender por Convento na embaixada do Anjo a reſidencia de Frades, que de ordinario aſſiſtiaõ no Hoſpital, da qual, como atràs diſſemos, lhe ficou o nome de Hoſpital de S. Domingos: naõ ha duvida que o Santo vio em ſeus dias o Convento acabado. Porque nos conſta de ſua vida por huma eſcritura autentica aſſinada de ſua maõ, e ſellada com o ſeu ſello, como entaõ ſe coſtumava, no anno de 1279, no qual tempo era jà o Moſteyro edificado. A eſcritura temos hoje viva, e por abreviar a deixamos. A materia era partir as terras, em que aviaõ de prègar os Religioſos do Porto, e Guimaraens, pera ſaber cada Convento as que eſtavaõ à ſua conta. E fizeraõ a demarcaçaõ o Santo Frey Lourenço, e Frey Vicente Egas, ou Viegas, com os Priores Frey Joaõ Martins do Porto, e Frey Miguel Sueyro de Guimaraens, por mandado, e commiſſaõ do Provincial. Pola qual rezaõ como nos conſta a verdade da entrega das reliquias ao Santo, e que vivia deſpois do Convento acabado, e que as meſmas com a meſma caixa eſtaõ hoje nelle, fica o debate de lhe buſcarmos a cidade, donde vieraõ, mais curioſo, e pera goſto, que importante pera a Hiſtoria.

CA-

CAPITULO XVII.

Da fòrma, e feitio da caixa que o Anjo deu ao Santo Frey Lourenço: do numero, e calidade das reliquias que nella avia. Apontaõse alguns testimunhos, que deraõ estrangeiros, da santidade de S. Frey Lourenço: e o sitio em que estaõ seus ossos.

A Caixa he da feiçaõ, e feitio de huma arca ordinaria, com sua fechadurinha de lataõ na face: tem de comprimento hum palmo grande, e tres dedos: e de largura hum palmo menos tres dedos: e meyo palmo de altura. Levantado o tampo mostrase por dentro marchetada em partes, e em partes pintada, e està repartida em escaninhos, e gavetas, e todas miudas conforme a estreiteza do lugar, e postas de maneira, que humas tem seus tampaõsinhos, outras correm como em escritorio. Por ellas estavaõ repartidas as santas reliquias, envoltas cada huma em seu sendal: e os sendaes de varias cores. Eraõ muitas em numero, e todas sinaladas com seus rotulos (exceito algumas poucas que os naõ tinhaõ) de letra, e lingua Latina, cousa que me faz naõ pouco espanto, quando sospeitamos que vieraõ de Asia, ou Africa. E porque naõ nos fique nada por dizer, nem aos devotos, e curiosos que desejar, nomearemos todas as que tinhaõ letra que saõ estas.

Do santo lenho da Cruz de Christo Nosso Senhor. Das mantilhas de Christo quando era minino. Da pedra do sepulcro de Christo. Da pedra donde subio aos Ceos. Do veo de Nossa Senhora. Do sepulcro de Nossa Senhora. Dos Santos Apostolos S. Pedro, S. Joaõ, Santo Andre, S. Filippe, Santiago, S. Bertolameu, S. Mathias. Do Manà da sepultura de S. Joaõ Evangelista. Da vara de Moyses. Dos Santos Innocentes. De Santo Estevaõ primeyro Martyr. S. Sebastiaõ. S. Lourenço. S. Bras. S. Jorge. S. Verissimo. S. Hypolyto. S. Paulo Martyr. S. Crecenciano. Santo Eugero. Do habito de S. Pedro Martyr quando o mataraõ. De S. Silvestre Papa. S. Martinho. Santo Agostinho. Santo Ambrosio. S Francisco. S. Domingos. S. Hieronymo. S. Bento. S. Bernardo. S. Roberto Do Abbade Moyses. Ossos de Santa Maria Magdalena. De Santa Ursula. De algumas das Onze mil Virgens. De Santa Luzia. Santa Ines. Santa Cecilia. Santa Justina. Santa Comba. Santas Justa, e Rufina. Santa Brigida Virgem. Santa Clara. Huma ambula do oleo que mana do sepulcro de Santa Caterina Martyr. Outra do que mana da sepultura de S. Nicolao.

Trouxe o Santo Frey Lourenço a sua caixa pera o Convento, como lhe foy mandado; collocoua na sacristia em lugar decente. E porque as grandezas de Deos he bem que se publiquem: manifestou esta pola terra, dando mostra das santas reliquias: e ao proposito amoestando os povos ao temor de Deos, com o castigo da cidade que desemparara: e ao seu amor com a merce de mandar aquelle thesouro a Portugal. Naceo da publicaçaõ mandarem os vizinhos de Chaves levantar hum pa-

padraõ no mesmo lugar em que o Santo recebeo a caixa, e pintar nelle por memoria o successo: como tambem se pintou entaõ na Igreja do Convento, em huma parede junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario. Mas porque os Religiosos advertiraõ que algumas das reliquias se espalhavaõ, e corriaõ risco de se perderem pola continuaçaõ com que eraõ buscadas, e vistas de muita gente, admirada tanto da calidade dellas, como da maravilha com que vieraõ; determinaraõ com santo zelo segurallas. Pera o que o Doutor Frey Joaõ de Braga, segundo elle mesmo refere, ordenou humas taboas grandes que se cerraõ como livro, nas quaes as foy assentando cada huma em seu nicho, com suas vidraças sobrepostas, e guarnecidas de prata, e ouro pera decencia, e arrecadadas com firmeza pera resguardo. E aponta este Padre, que o ouro, e prata, e o custo do feitio recebeo do Padre Frey Pedro de Freitas, que o devia procurar por gente devota, ou avello dentre seus parentes (como deste apelido florecia entaõ muita nobreza) e por taõ boa diligencia nos pareceo que merecia seu nome naõ ficar fòra destas memorias.

Sendo taes as obras de S. Frey Lourenço, e elle por ellas taõ digno de lembrança, he muito de sintir naõ termos nenhuma de como, nem quando, nem onde acabou seus Santos dias. Rudeza grande (que naõ tem outro nome) igual culpa, e ingratidaõ daquella idade. E tambem se perdera a de seus santos ossos, se o Senhor, que sempre foy cuydadoso de honrar atè a terra fria dos que o bem servem, os naõ fizera celebres, e esclarecidos, como fez, com muitos milagres. Trouxeraõnos consigo os Frades na tresladaçaõ do Convento; e por maõ do mesmo Doutor Frey Joaõ de Braga tantas vezes nomeado os passaraõ, segundo elle nos deixou escrito, a hum archete de pedra que encaixaraõ em huma parede da Igreja junto a hum altar, que entaõ avia de S. Bras. Aqui ensinou a devaçaõ ou a necessidade aos que se queriaõ delles valer, hum meyo pera os gozar: que foy darem hum furo na pedra que a penetra dentro, e por elle os tocavaõ com a ponta de huma vara, e achando remedio recebiaõ tambem consolaçaõ. Com tudo pelo tempo em diante pareceo indecencia, e pouca fè inquietar as reliquias santas; e pera se evitar, trataraõ os Religiosos de as passar a lugar mais alto. E assi parecem agora sobre o alto do retabolo, e altar do glorioso Santo Thomas de Aquino, aonde as fez tresladar hum devoto em outro novo archete bem lavrado, e dourado, e com sua letra que declara o nome do Santo. Em huma lembrança achamos, que no primeiro Convento estavaõ junto ao altar de S. Pero Gonçalvez. E por outra se mostra, que quando o Padre Frey Joaõ de Braga accommodou nas taboas as santas reliquias da caixinha do Anjo, deixou de fòra em huma arca guardadas algumas que lhe naõ couberaõ, e poz com ellas muitas outras das onze mil Virgens, e de alguns Santos mais, as quaes trouxera de Colonia o Doutor Frey Afonso do Rego: e juntamente parte de huma queixada

do Santo Frey Lourenço; que quiz deixar de fòra pera consolaçaõ de seus devotos.

Mas em falta das mais memorias que desejamos, e poderamos ter por via de nossos naturaes, deste Santo, temos consolaçaõ de referir as que fizeraõ os estrangeyros: as quaes assi como saõ prova de sua charidade, tambem o saõ da força que lhes fazia a fama que delle voava. O Mestre Frey Joaõ Theutonico no livro que compoz dos varoens illustres da Ordem de S. Domingos, tratando dos Santos Portuguezes, diz delle humas breves palavras, cuja significaçaõ he:

Frey Lourenço prègador muy famoso naõ somente resplandeceo em sciencia, e em santidade de vida, mas tambem teve particular graça contra os Demonios.

Conhecida he no mundo por cousa insigne a Abbadia de S. Victor de Paris de Conegos Regulares. Na livraria della, que tambem he cousa insigne, ha hum grande catalogo de Santos de todas as Ordens: e entre os de S. Domingos està nomeado o nosso S. Frey Lourenço com huma curiosa declaraçaõ, que he dizer que sua imagem se costumava a pintar arrimada a hum loureyro: o que parece ser allusaõ do nome Lourenço. Bem conhecido devia ser onde com tanta particularidade se tratava delle. E polo contrario em sua patria he taõ peregrino, que alem de naõ acharmos o successo de sua morte, ignoramos muyta parte de sua santa vida, em que naõ podia deixar de aver outras cousas grandes. Mas isto he magoa sem remedio, e em que avemos de cair muytas vezes, e em cada convento. E pola naõ acrecentarmos com a queixa, passemos adiante, e vejamos se achamos memoria de outros filhos deste Convento (quando naõ seja, como naõ pode ser, dos primeiros tempos) ao menos de alguns mais chegados a nòs.

CAPITULO XVIII.

Da virtude, e santo fim de alguns filhos deste Convento.

POr Illustre varaõ, e filho deste Convento nos conta o Mestre Frey Antonio de Sena a Frey Gonçalo de Guimaraens Mestre em Theologia, e prègador famoso, que floreceo polos annos do Senhor de 1520. Contase delle que era taõ pontual, e continuo nas obrigaçoens principaes de Religioso de S. Domingos, que saõ altar, Coro, e pulpito, que tratando algumas vezes da morte, dezia, que em hum destes tres lugares avia de ser a sua. E foy genero de profecia; porque estando hum dia saõ, e valente, tendo dito sua Missa, e assistindo no Coro em huma solene, que ajudava a cantar de festa principal, succedeo que o prègador, a quem estava encomendado o Sermaõ della, teve hum mal subito, e taõ forte, que ficou impossibilitado pera o fazer. E era o defeito grande pera qualquer dia, quanto mais em solemnidade. Naõ avia de quem valer com confiança, senaõ de Frey Gonçalo. Mandoulhe o Prior que acodisse a suprir a falta. Naõ fez elle mais que tomarlhe a bençaõ, e yrse ao pulpito. Subido nelle tomou por tema: *Gaudent in Cœlis animæ Sanctorum.* Tema, que nem

M. Frey Anton. de Sena na sua Cronic. f. 303. 1520.

nem vinha a proposito do dia, nem dezia com a occasiaõ de o fazerem tomar o trabalho extemporaneamente. Mas parece que foy espirito do Senhor que o chamava: porque como se estivera à vista da gloria, que gozaõ os bemaventurados, começou a tratar dos bens, e felicidades della, e foy descorrendo com pontos taõ levantados, e consideraçoens taõ devotas, com tamanhos encarecimentos de saudades da presença, e visaõ beatifica do Senhor, que engolfado na suavidade do que dezia, e sintia, se suspendeo a si, e aos ouvintes nella, de sorte que encantados todos como se fora a musica que dizem das Sereas, nem elle se fartava de dizer, nem elles cansavaõ de ouvir: e quando concluhyo entaõ lhes parecia que começava. Assi foy geral o espanto, e devaçaõ que causou em todo o genero, e estado de gente. Mas pera elle foy canto de cisne, porque subitamente ficou taõ enfraquecido que foy necessario virem Frades tirallo do pulpito, e levaremno em braços pera a cella. Pareceo logo o acidente mortal, e creceo o mal com tanta pressa, que dentro de dous dias se foy gozar dos bens que taõ vivamente soube representar, e se lhe representaraõ. Diz delle o escritor referido que teve algumas cousas quasi milagrosas. E a presente bem merece o nome: porque se consideramos o que em vida dezia, e o que lhe aconteceo na morte, morreo huma sò morte, e esta juntamente nos tres lugares que apontava: porque do altar, onde pola manham estivera, deceo pera o Coro, do Coro subio pera o pulpito, e do pulpito pera a sepultura.

Por differente carreira fez o mesmo caminho outro Frey Gonçalo chamado de Santa Maria, e filho tambem deste Convento. Sendo grande homem de oraçaõ sobre outras virtudes de que era espelho, perseguiao o demonio visivelmente quasi a toda hora, porque em todas o achava orando. Que como a oraçaõ naõ seja outra cousa se naõ hum levantamento da alma a Deos com desejo de o servir, amar, e gozar (oraçaõ que todos podem ter com facilidade, e todos deviamos continuar sem se nos passar momento isento della) o enemigo, que nenhuma cousa mais aborrece, fazialhe fortes perrarias polo divertir della. E o bom Religioso andava taõ embebido no santo entretimento, que naõ tinha outra vida: e dos insultos do enemigo fazia taõ pouco caso, como se foraõ cocos de mininos. E todavia eraõ terribeis os medos com que o acometia, e procurava inquietar; mas ficava sempre vencido. Naõ nos deixaraõ escritas particularidades os que disto escreveraõ: sò arremataõ dizendo que sendo sempre vencedor de taõ forte contrario, venceo tambem longos annos de vida, e no cabo se foy gozar da eterna com claros sinaes que era chamado do Ceo pera ella.

Naõ era menos Religioso hum irmaõ leigo filho do mesmo Convento, cujo nome estando escrito no livro da vida naõ foy Deos servido que o soubessemos pera o podermos escrever neste. Tinha corridos sessenta annos de professo, e de muyto bom serviço na Religiaõ, quando visitando hum dia na villa

la a hum Clerigo amigo seu que morria, lhe disse em modo de consolaçaõ, e esperança de saude, mas com espirito profetico: segundo logo se vio: Ora Padre, bom animo, que assi como fomos amigos em vida, avemos de ser companheiros na morte, e enterrados no mesmo dia. Naõ estava jà o Clerigo em estado de se alegrar com o que parecia boa nova, vista a boa saude de quem lha dava, e sua santidade, com que muyto se acreditava. Era velho, e a enfermidade mortal, acabou dentro de dous dias. Deuse recado no Convento. Sahyo a Communidade pera o acompanhar à sepultura: tomou sua capa o leigo, e foyse com ella, que andava bom, e rijo: e tal se levantàra aquella manham. A poucos passos chegouse ao Prior, pediolhe licença pera se tornar, dizendo que se sintia abalado, e temia algum acidente. Como era taõ velho, que passava de oytenta annos, pareceo bem recolherse logo. Tornando a Communidade pera casa, visitouo o Prior, e achouo em estado, que naõ ouve mais lugar, que pera breve confissaõ: e sendo absolto das culpas, juntamente o foy das prisoens da carne. Assi veyo a ser sepultado com seu amigo no mesmo dia.

Naõ he rezaõ ficarnos por dizer, porque redunda em gloria deste Convento, que foraõ os Padres delle fundadores de outros dous nos tempos adiante, que a Ordem aceitou em Villa Real, e Amarante, como veremos em seus lugares proprios. Nem menos pode esquecer a religiosa conformidade, que de tempos antigos se guarda, e mantèm entre os Conegos da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e os Frades do nosso Convento, e do de S. Francisco. Falecendo qualquer Religioso em S. Domingos, dàse recado ao Cabido, e a S. Francisco: acodem com pontualidade, e como se foraõ Frades nossos fazem no Dormitorio o Officio da Commendaçaõ. Logo levaõ o defunto à Igreja dous Conegos, e dous Frades de cada ordem, e os mais acompanhaõ com suas vèlas nas maons, e assistem no officio da sepultura. No dia seguinte torna o Cabido à Igreja, e canta hum Nocturno, e Laudes com sua Missa polo defunto: e nelle assiste tambem a Communidade de S. Francisco. A mesma correspondencia se tem do nosso Convento com elles: e importa muyto esta liga, e irmandade pera conservaçaõ de paz naõ sòmente entre as Religioens, e o Clero, mas pera com seu exemplo acodirem às desavenças, e enemizades que sucedem entre os moradores, e como de maõ commum porem remedio nellas.

CAPITULO XIX.

De outras antiguidades que ha neste Convento dignas de memoria: e da grande devaçaõ que a villa, e comarca tem com S. Pedro Martyr, e Santa Caterina de Sena.

ORdinario he nos Conventos da Ordem edificarse juntamente com a Igreja Altar, e Capella de Nossa Senhora do Rosario, como atràs deixamos apontado. Mas as Confrarias naõ saõ igualmente antigas: em humas partes começaraõ primeiro,

ro, em outras despois. Nesta villa se celebra esta festa polo mez de Mayo com solens procissoens publicas, e extraordinarias alegrias: e he cousa taõ antiga, que se lhe naõ sabe principio. Na Confraria, que he mais moderna, entra toda a nobreza da terra: e a Capella tem particulares graças que foraõ impetradas de Roma por hum Religioso desta Provincia, pessoa de muita autoridade, e Mestre em Theologia chamado Frey Gaspar de Lamim.

Mas a festa de S. Pedro Martyr he cousa sabida que começou nesta villa juntamente com o Convento, e capella que nelle tem: celebravase com procissaõ publica, e muitos gastos: e era tamanho o concurso do povo de toda a comarca, e outros lugares visinhos, e atè de Galiza, que avia no mesmo tempo, e hora duas prègaçoens em lugares distintos. Saõ de ver humas palavras da bula de indulgencias que o Papa concedeo ao seu altar, que testemunhaõ bem esta devaçaõ, e dizem assi.

CVpientes vt capella Sancti Petri Martyris situata in Monasterio Sancti Dominici Ordinis Prædicatorum in Vimarenensi Barcharensis diæcesis, ad quam certis anni temporibus, sicut intelleximus, ob Dei & ipsius Beati Petri devotionem, reverentiam, & honorem, tam longinquarum, quam proximarum confluit partium populi multitudo magna, congruis honoribus frequentetur, & à Christi fidelibus iugiter: ac vt fideles ipsi eo frequentius deuotionis, orationis causa confluant ad eandem, nec non ad ipsum Monasterium, in cuius immunitate dicta capella situata est.

Estava fresco, e como correndo sangue na memoria dos homens o martirio do Santo: e estava a fè na Christandade de Portugal mui pura como sempre, e sem labeo; era grande o fervor de devaçaõ com quem por ella dera a vida. E como os Santos saõ agradecidos, naõ faltava com milagres, e socorros do Ceo aos devotos, como tambem fazia por outras partes. Assi lhe foraõ levantando por toda Espanha Ermidas, Capellas, e Altares. E em Guimaraens era venerado por todo o discurso do anno: e ainda que veyo a faltar polo tempo em diante a gente de fòra, com tudo a da villa continuou sempre com o respeito do Santo costumado; e a essa conta quando succede fazeremse na terra algumas procissoens pera alcançar de Deos ou agoa pera as novidades, ou serenidade de tempo pera a terra, tiraõ os Frades nellas a imagem do Santo. Tem a sua Capella mui boa renda, que lhe foy deixada por Alvaro Pereira Irmaõ do famoso Condestabre dom Nunalvares Pereira, e por Gonsalo Pereira seu parente, que ambos estaõ nella sepultados: e consta que

que elles foraõ os que lhe impetraraõ de Roma as graças de que gozaõ os que a visitaõ.

Naõ podemos negar estarmos em grande divida ao povo desta villa pola affeiçaõ que tem aos Santos da Ordem. Porque celebrando com tanta vontade, e obras, como temos dito, a S. Pedro Martyr: passaõ com muitas ventagens na memoria de Santa Caterina de Sena. Temna os moradores da villa, e de toda a comarca por sua particular avogada, e padroeira, desdo dia que a fama de sua santidade chegou a Portugal. A Confraria he servida sempre polos melhores da terra, seculares, e tambem Ecclesiasticos: e he ordinario andarem em competencias a quem sayrà com mais custosa armaçaõ na Igreja, com melhores invençoens na procissaõ, que tambem he publica por toda a villa. A festa se celebra o primeiro Domingo de Mayo, com numero infinito de povo que a ella acode. Mas o que devemos estimar, e louvar muyto na gente deste grande lugar he, que sendo as festas temporaes, que em honra, e reverencia dos Santos fazem, todas de muyto custo, e concerto, de nenhuma maneira se esquecem das espirituaes, porque pera todas sabem procurar suas indulgencias; e as desta Confraria saõ desdo tempo do Papa Sixto Quarto que foy no anno de 1474. O Altar da Santa he visitado este dia, e noite com tanta continuaçaõ, que a Igreja està sempre cheya a toda a hora. Os perdoens, que se ouveraõ pera o dia da festa, se ganhaõ tambem em outros tres do anno, que saõ sesta feira de Endoenças em memoria das chagas que o bom Jesu em tal dia por salvaçaõ dos homens recebeo, e despois por particular favor à sua serva communicou. Os outros dous dias saõ tambem muy a proposito do espirito da nossa Santa. Hum he o de Santa Maria Magdalena: e outro o de Santa Caterina Martyr. A huma chama a Igreja Apostola dos Apostolos: a outra foy mestra de Doutores.

Està o Altar, que se visita, no meyo do corpo da Igreja encostado a huma coluna. E se isto acontecera de proposito, por feyto o deramos com acertado conselho: porque he tamanha a frequencia, com que he visitado, que se naõ poderà revolver o povo quando estevera em outro sitio ou Capella por grande que fora. E em testemunho desta devaçaõ serà bem dizermos o que se vè aqui em hum dia celebre do anno. Ha hum voto antigo destas comarcas, polo qual vem as Freguezias juntas com seus Parrochos, e Cruzes visitar a insigne Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, na primeira sesta feyra da Coresma, à qual por esse respeito deraõ nome da sesta feira das Cruzes: e todas as que vem de parte que façaõ caminho por junto do Convento, e outras muitas, assi como vem em procissaõ entraõ pola nossa Igreja sò a fim de visitarem o Altar da Santa: e naõ lhe parece àquella simplicidade bemaventurada que cumprem bastantemente com sua devaçaõ, se de passagem naõ fazem tocar as Cruzes na Imagem da Santa. Esta Imagem he de pintura, e està em hum retabolo alto, e levantado do altar: he taõ gran-

de como a natural. Mostrou o pintor nella tudo quanto a arte pode alcançar de perfeiçaõ em representar hum rosto juntamente grave, e fermoso, e nelle hum animo, e affeito devotissimo: partes que grandemente arrebataõ as almas que alli a vaõ buscar por avogada, e remedeadora de necessidades. Tem defronte hum devoto Crucifixo, em que està toda enlevada recebendo as chagas. Assi naõ se sabe a gente sair da Igreja, nem apartar do altar, quando à vista da pintura consideraõ o estremo de virtudes que resplandeceo no original: e logo se lembraõ dos beneficios geraes, e particulares que cada pessoa ou exprimentou em sua casa, ou ouvio contar nas de seus visinhos, e conhecidos, que saõ em grande numero: e tudo ajuda a afervorar, e acender a devaçaõ. Diremos alguns no seguinte capitulo pera honra da Santa, e argumento da fè, com que nesta villa he venerada sua memoria.

CAPITULO XX.

De alguns Milagres de Santa Caterina de Sena, que se viraõ neste Convento.

FOy insigne milagre, e com que a Santa fez esclarecido o poder que sua intercessaõ tem diante de Deos, hum em que tambem se vio o muyto que val a fè de quem sabe pedir. Trazia huma molher (e naõ era das mais humildes do lugar) huma inchaçaõ sobre os narizes fea, e crecida a modo de grande lobinho, que lhe cobria os olhos, e tomava a testa com desformidade tal, que era cousa medonha, e nogenta (tevera principio de huma nacida que poucas vezes tem boa cura, chamalhe a cirurgia *Noli me tangere.*) Fogia a gente della: e naõ avia animo taõ compassivo, e maviosо, que lhe tevesse os olhos direitos. Era polos annos do Senhor de 1596 Vendose sem remedio, e aborrecida da vida, tratou do melhor, e ultimo, que devera ser primeiro: foyse à Santa, prometeolhe huma novena diante do seu altar: comprioa pontualmente: e a Santa, lha pagou bem, porque no derradeiro dia estando diante della em oraçaõ se lhe despegou, e cahyo no regaço toda aquella inchaçaõ, e carnaça pendente: e foy pera sua casa sam, e livre do pejo, e tormento que sintia, e do asco que a todos fazia.

Huma devota da Santa tinha huma filha minina doente de muito tempo de hum mal taõ pouco entendido que nenhum medico atinava com elle: nem avia remedio, que lhe valesse, provandose muytos, como se aplicavaõ sem conhecimento da causa. Determinouse em pòr a cura de todo ponto nas maons da sua Santa: despede medicos, vaise ao Convento, mandalhe dizer huma Missa cantada. He cousa certa que no mesmo dia lançou a menina huma cobra, que sendo medida era jà de quatro palmos; e ainda que muyto delgada, devisavaõselhe polo lombo sinais de conchas. Tornou logo sobre sy a enferma, e naõ sintio mais doença.

Da mesma devaçaõ usou outra pobre molher, e taõ pobre que vivia de vender peixe na pra-

praça. Tendo huma filha cega de cataratas, e faltandolhe possibilidade pera pagar a quem lhas tirasse, offereceoa com huma Missa à Santa, e com confiança que ella faria o officio do catarateiro. E naõ se enganou; que de seu altar levou a cega pera casa com vista perfeita.

Estranho, e espantoso caso foy, que andando hum minino de mama com humas moedas de cobre na maõ, como esta idade tudo leva à boca, engolio huma das mayores que nos tempos passados valia des reis, e agora val tres. Ainda que por entaõ naõ sintia dano, tinha a mãy por certo que naõ poderia viver longo tempo. Fazia continua oraçaõ à Santa pedindolhe remedio. Alcançoulhe ella de quem tudo pode tal, que a cabo de hum anno lançou o filho a moeda sem nenhum dano.

No anno de 1597 andava na villa huma molher natural della, que vivia de esmolas, e de muytos tempos atràs era taõ aleijada, que a rasto hya buscando polas ruas o remedio de sua sustentaçaõ. Chegandose a festa da Santa, que este anno cahyo aos quatro de Mayo, determinouse em lhe fazer dizer huma Missa, e encomendarlhe a miseria de sua vida: arrastouse por todas as ruas, como sohia, pedindo esmola pera ella: e tirando da boca pera acodir à sua devaçaõ, foy cousa vista por todo este povo que a conhecia, e celebrada com geral espanto: acabada a Missa, se lhe acabou a aleijaõ, e se levantou em pè direita, e sam, e assi foy pera sua casa.

Duas molheres ambas enfermas dos peitos de maneira que huma naõ podia viver de dores (esta era molher de Gaspar Alvares de Almim): a outra esperava acabar de pressa, porque sabidamente tinha jà cancro. Socorreraõse a Santa, e sem outra medecina alcançaraõ perfeita saude.

Naõ espantou menos, nem he menos de notar o que agora diremos. Cahio do alto de huma torre do muro da villa (chamase a torre de S. Domingos) hum pobre homem, e quebrou huma perna de sorte, que os ossos dentro se lhe fizeraõ todos naõ sò em pedaços, mas quasi em pò, e como arêa: despois de gastada a sustancia da fazenda com cirurgiaens, e varias curas, ficou pendurado sobre humas muletas, e assi passava com muyto trabalho. He morte pera os pobres vida sem saude, faltando pès, e maons pera ganhar a mantença. Encomendouse à Santa com muita eficacia: resucitou desta morte por seus merecimentos: e ficando de todo saõ, e valente, offereceo em memoria do beneficio as muletas ao Altar, e nelle estiveraõ muito tempo dependuradas, fazendose pregoeiras do trabalho, e remedio de quem as deixou, e do valor da Santa.

Muytos outros milagres poderamos trazer; porque, sendo modernos os que temos referido, sabemos de certo que os antigos eraõ sem conto, e tantos, que a coluna da Igreja, a que o Altar se arrima, e o mesmo Altar, e retabolo estava tudo cingido de argumentos de remedio alcançado em diversos trabalhos: por huma parte de mortalhas de enfermos, por outra muletas de aleijados, fundas de quebrados: e compostas de cera cabeças,

ças, olhos, e braços em final dos que neftes membros receberaõ faude. Mas naõ fofre a Hiftoria alargarmonos mais nefta parte. Sò direy que podemos ter por certo que naõ faltaraõ nunca nefte lugar maravilhas da Santa: vifta a geral devaçaõ com que he venerada, e fervida, e o muyto que as poucas reliquias fuas, que nella ha, faõ de toda a gente eftimadas. Em tempos atràs avia muitas, que os Frades logo nos principios da Confraria fizeraõ trazer, das quaes o povo fazia tanto cafo como de hum grande thefouro; e em todas as Miffas da Confraria, que faõ nas terças feiras de cada fomana, queria ver, e tocar o cofre em que eftavaõ. Algumas peffoas principaes, naõ fe contentando fò com efta confolaçaõ, pediaõ, e levavaõ parte dellas. Veyo hum Prior zelofo, e refoluto, tomou o cofre, encerrouo em outro guarnecido decentemente, e bem arrecadado de fechadura: e pera tirar todo o cuidado de aver mais diminuiçaõ nas fantas reliquias como deu volta à chave, mandoua quebrar à força de martello, com grande alegria do povo que fabe eftimar a riqueza que nelle tem, e acode ainda hoje a eftas Miffas com o mefmo gofto, e frequencia que antigamente, à conta de as tocar, e reverenciar affi encubertas, e efcondidas.

CAPITULO XXI.

Do que fizeraõ por efte tempo os Religiofos da Provincia em ferviço, e por mandado do Summo Pontifice.

SEgundo a ordem, que atràs prometemos, de ir acodindo aos fucceffos geraes da Provincia, que he o tronco defta Hiftoria, defpois que nos faltou noffo gloriofo Patriarcha autor originario della, temos algumas coufas que dizer acontecidas entre a fundaçaõ que acabamos do Convento de Guimaraens, e a do Convento da cidade de Tuy, que fegue apoz elle, e teve feu principio polos annos de 1282. He pois de faber que governando el Rey dom Afonfo Terceiro em muita paz, defcançado jà, e livre das inquietaçoens que lhe dera por muitos annos fua primeira molher a Condeffa de Bolonha (Bilhon chamaõ em França) lograva filhos crecidos com gofto, e com difpenfaçaõ Romana, da Raynha dona Britiz de Guzmaõ filha del Rey dom Afonfo de Caftella, que muito amava. Mas como ha homens, a quem parece que he natural andar fempre engolfados em tormentas de trabalhos, e defgoftos, naceraõ algumas contendas entre feus miniftros, e os do eftado Ecclefiaftico, principiadas de materias de jurdiçaõ (como nefte Reyno faõ taõ mefturados em muitas coufas os foros Ecclefiaftico, e fecular) e de pequena faifca, como he ordinario, fahyo grande incendio. Chegaraõ queixas ao Papa, que era Gregorio Decimo, entrando no fegundo anno de feu Pontificado

do, que responde ao de Christo de 1282. Quiz ouvir a el Rey, como era rezaõ; despachou hum Breve dirigido ao Prior de S. Domingos de Lisboa, e ao Guardiaõ de S. Francisco, com ordem que dessem a el Rey cartas particulares, que sobre o caso lhe escrevia: e tomando reposta sua lhe mandassem aviso do que sucedesse, em autos juridicamente processados. O Breve vimos em treslado autentico, e começa assi.

GRegorius Episcopus seruus seruorum Dei dilectis filijs Priori Prædicatorum: Custodi & Guardiano Fratrum Minorum Vlixbonæ salutem & Apostolicam benedictionem. Cum charissimus in Christo filius noster Rex Portugalliæ Illustris, &c.

E he feito em Ciuita Vechia cinco dias antes das Calendas de Junho no segundo anno de seu Pontificado: que foy no de 1272 aos 28 de Mayo. Cumpriraõ os Frades pontualmente sua commissaõ. Ouve demandas, e repostas: durou a questaõ atè o tempo do Papa Joaõ vigesimo, que outros chamaõ vigesimo primo, e foy Portuguez natural de Lisboa, e nacido na Freguezia de S. Giaõ. Assentouse este Pontifice na Cadeira de S. Pedro, polo mez de Setembro de 1276: e como o amor, que tinha à sua patria, o obrigava a desejarlhe quietaçaõ, e paz, despachou a el Rey hum Nuncio Apostolico com poderes de Legado a latere. Chamavase dom Frey Nicolao Espanhol Religioso da Ordem dos Menores: o qual chegou a Lisboa por Fevereiro do anno seguinte. E indo visitar a el Rey aos Paços do Castello onde morava, foy acompanhado de alguns Frades de S. Domingos, e outros de S. Francisco. Eraõ os Dominicos Frey Lopo Rodriguez, que entaõ fazia o officio de Vigario dos Conventos que avia neste Reyno por commissaõ do Mestre Geral da Ordem, e com elle Frey Joaõ de Faria, Frey Martinho Joaõ de Amiga, Frey Martim Anes por sobrenome o que veyo: Frey Thomas de Sintra, e Frey Pedreanes Fisico. Mas sendo recebido del Rey com toda cortesia, e benignidade devida a seu cargo, naõ foy Deos servido que por entaõ tevesse o negocio fim: antes durou ainda atè a entrada do anno de 1279, e nelle se quietou toda a differença: mostrou el Rey como bom, e Catolico Christaõ que nella naõ tevera nunca outra tençaõ mais, que conservar com justiça, e rezaõ o direito de sua Coroa, e patrimonio de seus filhos, e bem de seus vassallos: cousas, a que polas leys de Deos, e do mundo se sintia obrigado. O que tudo declarou com huma larga, e bem composta pratica ao Prior de S. Domingos, e ao Guardiaõ de S. Francisco que pera isso mandou chamar, como Commissarios que eraõ do Papa na controversia que corria. E foy isto em presença do Bispo de Evora dom Durando, e do Thesoureiro, e Chantre da mesma Sè: e do

e do Vigario, e Provisor de Lisboa, e de alguns Fidalgos, e Capellaens da casa Real. Achamos em memorias que acompanharaõ aqui ao Prior de S. Domingos Frey Pedro de Alanquer Leitor de Theologia, Frey Gonçalo Honoriz, Frey Pedro Fisico, e Frey João Gonçalves, e Frey Bertholameu que residiaõ no nosso Convento de Lisboa. Pera final conclusaõ quiz el Rey que de tudo se fizesse assento publico com assistencia do Principe dom Dinis: no qual poseraõ seus sellos o Prior, e Guardiaõ com o Bispo de Evora, e Vigario, e Provisor de Lisboa. E assinaraõ como testemunhas os mais que presentes eraõ. E deste instrumento està o treslado autentico no Cartorio da Sè de Lisboa.

Faleceo el Rey no mesmo anno. Succedeolhe dom Dinis seu filho, com quem despois de reynar se tornaraõ a renovar algumas das duvidas passadas: mas elle as atalhou logo com muita prudencia, fazendo composiçaõ com o Clero por meyo de Martim Peres da Oliveira Chantre de Evora, que despois foy Bispo da mesma cidade: e de dom Joaõ Martins Conego da Sè de Coimbra, que despois foy Bispo de Lisboa, e tambem Arcebispo de Braga. A composiçaõ passou por hum assento que continha muitos Capitulos: e pera a aceitaçaõ della veyo hum Breve do Papa Nicolao Tercio, que começa: *Per alias nostras literas, &c.* cuja substancia he nomear por Commissarios pera o tal effeito, e suas dependencias, e annexidades aos mesmos Prior de S. Domingos, e Guardiaõ de S. Francisco de Lisboa. Em todas estas cousas cumprindo os nossos Religiosos puntualmente o que deviaõ ao mandato do Pontifice, procuraraõ com todas suas forças servir os Reys, como medianeyros de paz, e quietaçaõ: e pola satisfaçaõ, que os Principes tinhaõ de suas pessoas honravaõ a elles, e a Ordem em todas as occasioens. E logo polos annos de 1280 trataraõ de fundar o Convento que a Ordem tem na cidade de Tuy, que he septimo dos que contamos no Reyno de Portugal, seguindo a rezaõ, e fundamentos que no seguinte capitulo veremos.

CAPITULO XXII.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da cidade de Tuy.

Està situada a cidade de Tuy na ribeyra direita do rio Minho, onde o Reyno de Galiza parte com o de Portugal, ficandolhe fronteyra sobre a praya contraria a villa de Valença em lugar alto, e forte. A cidade he Episcopal, e taõ antiga, que quer referir sua origem, e nome aos Gregos, e ao Capitaõ Tydeo. Porque em tempos atràs lhe chamavaõ Tyde, e despois Tude, que vem a ser o mesmo, passando o y Grego em v como he costume dos Latinos. Trazendo guerra el Rey dom Sancho Primeyro de Portugal com o de Liaõ dom Afonso polos annos do Senhor 1198 entrou por Galiza poderoso, e fezse senhor desta cidade, e da villa de Ponte vedra, e dos mais lugares de sua comarca. E sustentando todos em sua obediencia em quanto viveo, ficaraõ despois unidos à

Co-

Coroa de Portugal por muitos annos: do que he bastante prova o testamento do mesmo Rey que os ganhou: no qual se vè que deixando largas esmolas a todas as Catredais do Reyno, nomea tambem sem clausula nem distinçaõ a de Tuy como de terra sua: e naõ sendo com ella menos liberal que com as mais, lhe manda dar tres mil morabitinos de ouro, que segundo a valia daquelle tempo que atràs fica declarada, importava o legado pouco menos de quatro mil cruzados. Esta mesma posse se collige do que escreve o Bispo dom Frey Prudencio de Sandoval, dizendo que no anno de 1218 deu el Rey dom Afonso de Portugal (que era o II. deste nome) ao Bispo de Tuy os dizimos dos direytos Reays de toda aquella diocesi. E em tempo del Rey dom Afonso Terceyro, quando todos os Prelados do Reyno se juntaraõ pera mandarem supplicar ao Papa que o dispensasse no casamento contrahido com a Raynha dona Breitis filha del Rey dom Afonso de Castella, e juntamente ouvesse por legitimo o Principe dom Dinis, por ser nacido em tempo que vivia sua primeyra molher a Condessa de Bolonha, està nomeado, e assinado na supplica dom Egas Bispo de Tuy. E deste mesmo Rey escreve dom Frey Prudencio, que deu ao Bispado de Tuy os padroados das Igrejas de Afife, e Sà dentro em Portugal. E passados alguns annos, repartindo el Rey dom Dinis muitas Igrejas de seu padroado entre os Bispos de Portugal, deu ao de Tuy como a Prelado de suas terras, o Mosteyro de S. Salvador da Torre junto a Viana: o qual despois que estes lugares tornaraõ com a cidade à Coroa de Castella, tornou tambem ao padroado Real de Portugal, e correndo o tempo se unio à Meza Primacial de Braga: e he o mesmo que hoje possue a Ordem de S. Domingos, por rezaõ do Convento que temos na villa de Viana, fundaçaõ (como ao diante veremos, se o Senhor for servido chegarnos a escrevella) do santo Arcebispo dom Frey Bertolameu dos Martyres, que com licença del Rey dom Sebastiaõ, e dispensaçaõ do Pontifice o resignou nella pera sustentaçaõ do Convento.

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho I. f. 66.

Na hist. de Tuy f. 147.

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonso III. f. 87.

Na hist. de Tuy f. 155.

Duarte Nunes na vida del Rey dom Dinis f. 133.

Hist. da vida de dom Frey Bertol. dos Mart. por Frey Luys Cacegas l. 1. c. 25.

Avia nesta cidade huma pequena Ermida, a que o povo tinha grande devaçaõ, por se dizer que fora obra do Santo Frey Pero Gonçalves Telmo, e na mesma se mandara enterrar, por ser pegada com a casa em que falecera. Era o sitio vizinho aos muros da banda de fòra: e assi o achamos nomeado nas memorias antigas, por S. Domingos de par de Tuy. A memoria do Santo, e o grande numero de milagres que cada hora fazia, e o estar seu corpo em lugar (que passava de oitenta annos era da obediencia pacifica de Portugal) obrigou aos Frades Portugueses a pretenderem acompanhar a Ermida com Convento, e tratar do Santo polas mesmas razoens que ficaõ ditas como de Santo pertencente a Portugal. Quatro annos despois de começado o edificio no de 1286 estando juntos em Braga muitos prelados do Reyno com dom Frey Telo Arcebispo Primàs, e dom Almerico Bispo de Coimbra, dom Vicente do Porto,

to, dom Frey Bertholameu do Algarve (este era frade de S. Domingos) dom Joaõ de Lamego, e dom Estevaõ de Lisboa, e outros Prelados, concederaõ certas indulgencias a quem visitasse este Convento: devia ser, ao que parece, com tençaõ de se ajudar a obra com esmolas dos devotos. E nas letras que passaraõ o nomeaõ por Convento de par de Tuy.

Passados cincoenta annos, achavaõse os Religiosos todavia desacommodados por ser muy estreito o lugar, e naõ terem meyo pera se alargar, respeito da visinhança do muro. E como desdo principio da Ordem nos acompanhou sempre o trabalho de mudar casas, e provar sitios, segundo se pode ver polo que temos escrito, na hora que ouve occasiaõ de melhorar, nem estranharaõ tomar o fato às costas, nem tardaraõ em o passar a outra parte. Pareceo lugar a proposito huma Igreja, e Freguezia antiga situada na borda do rio quasi sobre o caiz da desembarcaçaõ, com praça, e lugar espaçoso. Era annexa à dignidade do Mestrescola da Sè: e a invocaçaõ de S. Joaõ Teiçon Pediose, e alcançouse por industria do Doutor Frey Joaõ Rodriguez, e dos mais Padres Conventuaes da cidade, cujos nomes eraõ Frey Francisco de Bragantinos, Frey Pedro de Pontevedra, Frey Joaõ de Camoens, e Frey Domingos de Valença. Foy feita Ermida morta, e renunciada polo Mestrescola, e concedida polo Bispo, e seu Cabido, pera effeito de se tresladar a ella o novo Mosteyro. Chamavase o Bispo dom Diogo de Muros. Ouvese logo licença do Pontifice, que era Joaõ Vigesimo segundo. E deste tempo em diante lhe dà sua antiguidade a Historia geral da Ordem, sem embargo que confessa ser mais alta, polo que se collige da tresladaçaõ, e da narrativa do Breve Romano.

Ainda que a negoceaçaõ, e industria da mudança foy de tantos, a despesa, e trabalho do edificio tomou sò pera si o Padre Frey Domingos de Valença, da fazenda de Durança Perez sua prima, que a deu com gosto, ajuntando à doaçaõ vestir tambem o habito de Freira terceira da nossa Ordem, pera a qual, por lhe naõ ficar cousa por dar, deu tambem hum filho, que nella foy pessoa de tanta importancia, que veyo a ser Provincial de toda Espanha. Era esta dona natural da villa de Valença, e fora molher de hum honrado morador della, por nome Ruy Lopez, e o filho se chamou Frey Martinho de Valença. Ambos mãy, e filho estaõ sepultados no Capitulo do Convento em sepulturas altas. Ella tem por cuberta do moimento huma figura inteira de freira lavrada de relevo na pedra, em sinal do habito que tomara, com huma letra que o declara, e diz: *Esta he Durança Perez Freyra de S. Domingos.* A sepultura do Provincial està tambem autorizada com sua figura de frade esculpida no marmore, e sua letra breve, que diz: *Este he Frey Martinho de Valença.* Esta memoria merecem por fundadores, e autores do Convento, como se vè de hum letreyro entalhado sobre o portal do Capitulo em lingua Latina, que contem o seguinte.

Is-

IStam domum fieri fecit Frater Dominicus de Valentia anno Domini 1330 *pro anima Durantiæ Petri, & pro anima Fratris Martini de Valentia quondam Prioris Prouincialis, filij prædictæ Durantiæ Petri: & pro anima Fratris Dominici de Valentia consobrini prædictæ Durantiæ, & cognati Prouincialis prædicti. Et iste Prouincialis fuit filius honestatis & Religionis: & fuit speculum electorum iustitiæ & humilitatis.*

Em Portuguez responde o seguinte.

ESta casa fez edificar Frey Domingos de Valença no anno do Senhor de 1330, pola alma de Durança Pirez, e pola de Frey Martinho de Valença seu filho, que foy Provincial: e pola alma de Frey Domingos de Valença primo da dita Durança Pirez, e parente do dito Provincial. E este Provincial foy pessoa de muita honestidade, e religiaõ: e espelho de escolhidos, e de bondade, e humildade.

Pouco faz ao caso a duvida de dous Domingos de Valença: hum tratado como edificador, outro como defunto. Possivel he, que fossem ambos hum sò: e se foraõ distintos, justo foy darse parte a todos do merecimento, pois a herança de taõ honrada parenta a todos pertencia. Mayor duvida temos sobre o nome do Santo da Freguezia. Porque huns lhe chamaõ, como atràs dissemos, S. Joaõ Teiçon, outros Terçon, e muitos Içon. E porque se acha em memorias antigas nomeado por S. Joaõ do Porto, naõ falta quem o queira fazer natural da cidade do Porto em Portugal: mas naõ avendo melhor prova que o nome, parece engano nacido do sitio em que o Santo tem sua Igreja, e sepultura, que tambem he porto, visto como està no caiz, e desembarcaçaõ do rio, e à borda da agoa. De qualquer parte que o Santo seja, que o naõ podemos averiguar, nem de sua vida, e feitos alcançar mais noticia, porque o tempo a tem escurecido de todo; o certo he serem suas reliquias visitadas com devaçaõ dos naturaes, e de muitos romeiros de fòra por avogado das febres: e he tradiçaõ, que em tempos passados era muy grande o concurso nesta Igreja de gentes de Portugal, especialmente por dia de S. Joaõ Baptista. Do que he bom indicio o que ainda hoje fazem muitos (começou o costume despois que a cidade se tornou a unir com Castella) que he juntarem-

ſe na praya, e areal da banda de Valença, que fica defronte do Santo, e daly fazerem ſua oraçaõ. Outros mais devotos tomaõ barcos, e vaõſe polo rio atè emparelharem com a Igreja, e da agoa fazem ſua oraçaõ. Outros levaõ trombetas, e atabales, e offerecemſe com eſte genero de feſta ſignificadora de bons animos. Muitos que deſembarcaõ tem por devaçaõ paſſar por baixo do altar, e levarem da terra, que lançaõ ao peſcoço dos enfermos: e affirmaſe que faz Deos por ella muitos milagres.

CAPITULO XXIII.

Do nacimento, e eſtudos do Santo Frey Pero Gonçalves Telmo. E das razoens que ha pera pertencer ao Reyno de Portugal.

EStou conſiderando no titulo deſte capitulo, que eſtranhos, e naturaes em lhe pondo olhos paraõ, e levantaõ maõ da liçaõ: huns com queixa, outros com eſpanto, culpandome, e taõ bom dia ſe naõ for condenandome de fazermos noſſa a fazenda alheya: quero dizer de darmos a Portugal hum Santo nacido em Caſtella, filho de habito de Convento Caſtelhano, morto, e ſepultado em terra, e cidade, que de Portugal naõ tem hoje nada, nem lhe deve nada. Digo que confeſſo, e naõ nego, que o Santo he alheyo de Portugal por nacimento, e por filiaçaõ, e polo eſtado em que hoje vemos a terra que cobre ſeus ſantos oſſos: mas tambem affirmo que ſe quizerem ſuſpender por hum pequeno eſpaço a ſentença, e eſcutar poucas rezoens, entenderàõ que com ſer eſſe que dizem, nenhuma ſemjuſtiça faço em o dar ao Reyno de Portugal; antes cometera, erro ſe lho naõ dera. E ſeja a primeira rezaõ com que a huns, e outros reſpondo, a meſma com que faço pertencer a eſte Reyno o Convento de Tuy. Leaõ as hiſtorias antigas, e acharaõ o que atràs dizemos dos muitos annos que a cidade de Tuy andou debaixo do ſenhorio de Portugal. E quando eſte Santo faleceo nella, avia jà cincoenta, e tres que ſe governava por eſtilo Portuguez, e miniſtros Portugueſes. E ſe perſeverara neſta jurdiçaõ como perſeverou o Algarve, e como perſeveraraõ os lugares que chamamos de Riba de Coa, que huma, e outra comarca foy primeiro da Coroa de Caſtella, nenhuma duvida ha que da meſma maneira ſe contara por cidade de Portugal, que contamos Sylves, Lagos, e Tavilla. E claro eſtà que deſpois de poſſuida ſinquoenta annos de Portugueſes, jà ſe devia falar nella a noſſa lingoagem, como dentro nas terras que acabamos de nomear. Correndo logo a cidade de Tuy por terra da coroa de Portugal em poſſe pacifica, e quieta, e ſem contradiçaõ dos Reys a quem dantes pertencia, bem ſe infere, que quando o Santo tornou pera ella do caminho que levava pera Santiago, dizendo ſer vontade de Deos que ficaſſe naquelle lugar, e alli morreſſe como adiante veremos, era iſto mandallo ficar em terras de Portugal, e em terras de Portugal fazia conta o Santo que ficava. E naõ conſinto falarſeme neſte caſo em demarcaçoens, e Geogra-

grafias antigas: porque despois que ouve Reys, e Reynos todas se apagaraõ, e ficaraõ os limites estendidos, ou encolhidos segundo o poder, e valia das armas de cada hum. Supposto logo que Tuy estava entaõ dentro do senhorio de Portugal, como na verdade estava: e S. Pero Gonsalves sepultado nelle, despois de em sua vida ter assistido muyto tempo em Guimaraens, e recebido nesta villa ao habito muitos filhos, e entre elles os dous grandes imitadores de sua santidade S. Gonsalo, e o Santo Frey Lourenço Mendes: e prègado com continuaçaõ por todo entre Douro, e Minho: manifesta injuria fizeramos a todos os Reynos de Portugal se delle naõ trataramos, como de Santo Portugues. E assi digo que o hey por Santo nosso, como Padua tem por seu à Santo Antonio, que nasceo em Lisboa, e professou em Coimbra: Roma a S. Damaso que naceo em Guimaraens: Milaõ ao Beato Amadeu que naceo em Campo Mayor junto a Elvas do sangue, e casa dos Sylvas: Ç,aragoça de Aragaõ a Santa Engracia que nasceo no coraçaõ de Portugal: Cordova ao Martyr Sisenando nacido em Beja: e Granada ao bendito Joaõ de Deos espelho de caridade natural de Monte Mòr o Novo em Portugal: e isto baste pera os estrangeiros. Pera os meus, que às vezes saõ peores de servir, e mais duros de persuadir, acrecento que faço este Santo nosso polas mesmas rezoens, e fundamentos com que Lisboa honra, e celebra como a natural a S. Vicente nascido em Castella martirizado em Valença de Aragaõ. E a S. Felix, e Santo Adriano honra, e festeja no Mosteiro de Chellas sendo naturaes, hum de Africa, outro de Asia, e padecendo hum em Girona, outro em Nicomedia. Evora honra a S. Mancio cujo nacimento foy Roma: Braga a S. Giraldo de patria Frances, e a S. Martinho de Dumi vindo das partes de Grecia.

Mas quando se me naõ aceite nenhuma destas rezoens, nem me valhaõ as da posse dos Reys, que naõ falta quem mas encontre, sem me mostrar tempo certo em que Tuy tornasse à Coroa de Liaõ: temos outro direyto polo qual irrefragavelmente, e sem duvida pertencem a Portugal naõ sò o Santo Frey Pero Gonçalves, mas todos os mays Santos, que a Igreja de Tuy venera. Porque sendo assi que no tempo em que veyo a falecer S. Pero Gonsalves, e grandes annos despois: a mayor, e melhor parte da Diocesi desta cidade era dentro em Portugal nas terras dentre Douro, e Minho taõ estendidamente, que se contavaõ nellas duzentas, e setenta Igrejas, que todas eraõ da jurisdiçaõ de Tuy: em boa rezaõ està que se communique aos membros tudo o que à cabeça pertence, com verdadeira irmandade. E daqui ficarà entendida a antiguidade, e origem da Igreja Collegiada de Santo Estevaõ de Valença com toda a rezaõ de suas rendas, e dignidades que fazem representaçaõ de assento Episcopal. Porque he de saber que durando a grande scisma que se levantou na Igreja Catholica por morte do Papa Gregorio Undecimo: e dividindose os Principes Christaons

taons em favorecer os succeffores segundo a opiniaõ que tinhaõ de cada hum, foy Deos servido que este Reyno, e seus Reys seguiraõ sempre a parte mais sam, e mais segura, que era a de Urbano Sexto, e daquelles que em fim foraõ julgados por verdadeiros successores de S. Pedro. E porque no mesmo tempo succedeo seguirem os Reys de Castella a parte contraria com todos seus Reynos, e Igrejas, em que jà entaõ entrava, e estava reunida a de Tuy: ouve muytos prebendados nella, que naõ se dando por seguros na consciencia, se passaraõ à villa fronteyra de Valença, que sendo da mesma diocesi, siguia com o resto do Reyno de Portugal ao verdadeiro Pontifice Urbano Sexto, e seus successores: e juntandose nella aos Officios Divinos logravaõ em paz de espirito suas prebendas. E daqui teve principio a falta que hoje tem a Sè de Tuy de suas rendas, e jurdiçaõ antiga, e o crecimento da Igreja de Valença: como tudo nos constou por huma sentença bem digna de se ver, que sobre a materia foy dada por Nicolao de Lapis Nuncio Apostolico nestes Reynos polos annos do Senhor de 1413, cujo original se guarda nos Cartorios da Sè de Braga, e de Santo Estevaõ de Valença, que nos foy communicada polo Licenciado Lousada que outra vez nomeamos.

Avendo pois de escrever deste Santo, julgamos por lugar proprio este Convento: visto como o primeiro foy fundado na mesma casa em que elle faleceo, como atràs dissemos. E jà temos outra vez advertido que pera evitar confusaõ determinamos enfiar toda a narraçaõ desta Historia polas casas, onde os Santos faleceraõ, ou ficaraõ por suas reliquias, e naõ pola ordem dos tempos em que passaraõ da vida. Naceo S. Pero Gonçalves na villa de Fromista em Castellà a Velha, na parte que chamaõ terra de Campos Bispado da antiga cidade de Palencia chamada dos Romanos com pouca differença Palancia, e assentada sobre o rio Carrion. Naõ falta quem o faça natural de Astorga, mas nisto vay pouco: o certo he que foy filho de paes nobres, e ricos, e criado em casa do Bispo de Palencia que era seu tio: o qual por conhecer nelle habilidade, e ter a occasiaõ em casa dos estudos, que entaõ tinhaõ assento naquella cidade, e della se passaraõ despois à de Salamanca, o encaminhou pera as letras. Era mancebo, continuava com cuidado na universidade: crece a virtude favorecida: vagando huma conesia deulha o tio, e com ella esperanças de o passar a cousas mayores.

CAPITULO XXIV.

Da conversaõ do Santo Frey Pero Gonçalves: e dos meyos porque Deos o trouxe à Religiaõ: e do principio de seus milagres.

POuco tempo tardou que naõ vagasse mayor prebenda na mesma Igreja, que foy o Dayado della: pedioa o Bispo em Roma pera o sobrinho: concedeolha o Summo Pontifice. Tanto que o mancebo teve a nova, determinou festejalla, e no mesmo dia, que tomou posse da digni-

nida-

nidade, que foy o do Nacimento de Christo, quando polo novo titulo tinha obrigaçaõ de representar mais modestia, e autoridade em trajo, e em obras, entaõ poz de parte as roupas largas, e com as de moço vaõ, e alegre subio a cavallo, a dar vista à cidade, e mostrarlhe o Dayaõ que tinha. Naõ posso cuidar que era isto de todo leviandade, mas creyo, que como o tempo era de guerra continua com Mouros visinhos, onde muytas vezes convinha aos mesmos Bispos lançar o treçado sobre o Roxete, e empunhar a lança: devia ser permetido aos Sacerdotes manejar cavallos, e exercitar as armas sem afronta da dignidade. Como quer que fosse, elle sahyo gentilhomem, e lustroso quebrando as calçadas com o brio de hum ginete fermoso, e pisador, e muyto mais com o que levava dentro de seu peito. Assi foy dando voltas à cidade, e passando carreiras onlhe parecia que mais se acreditava por homem de cavallo. Chegando a huma praça, onde estava muyto povo junto, naõ esperou ser rogado, concertase na cella, lança o ginete. Era o caminho de Damasco em que Deos esperava a outro Saulo pera o fazer vaso de eleiçaõ. Quando cuidou de parar com bom corpo, e muyto ar, cae o cavallo, e lançao por sima das orelhas: achase o nosso Dayaõ estirado em terra, a capa a huma parte, o chapeo a outra, todo descomposto, e cuberto de lodo, que avia muyto onde foy cayr. Acode o povo a levantallo, huns com compaixaõ, outros dandolhe os parabens de ficar sem dano: mas assentoulhe

Act. 9.

no coraçaõ todo o que podera receber no corpo. Assi ficou sintido, e corrido como se quebrara perna ou braço: e mais quisera quebralla em qualquer outra occasiaõ, que passar a vergonha presente. Triste, e carregado sem falar palavra nem responder a ninguem se recolheo a casa: tiroulhe a dor o sono, e espertoulhe o juizo pera ver que assi como caira do cavallo no lodo, e sem perigo, poderia cair no lago do inferno arrebentando da queda. Considerava as pagas que o mundo dà: quaõ repentinamente lhe trocara o gosto com que aquelle dia amanhecera em magoas, e a soberba em vergonha. Assentou consigo que naõ merecia tal mundo ser olhado, quanto mais servido de homem sisudo. Eraõ isto jà rayos da graça divina. Esforçou o Senhor o impulso pera naõ tardar a execuçaõ. Quando menos se cuydou apareceo o Dayaõ cuberto de huma estreita mortalha, que foy hum habito de S. Domingos, dando exemplo de humildade na mesma terra onde o dera de presunçaõ, e vangloria: grande principio, e bom pronostico de qual seria o fim. Os meyos foraõ estudar com novo cuydado, e igualmente exercitar oraçaõ, e penitencia, quebrantando os brios da idade, e sangue por todas as vias, mas fiando sempre mais da graça de Deos, que de suas forças: a elle se entregava, a elle pedia o remedio pera vencer, e naõ ser vencido.

Acabado o estudo, foy exercitando o ministerio da prègaçaõ por muytos Conventos. Mostrava zelo da salvaçaõ das almas, que he o primeyro ponto

to de prègador Apostolico: deste nacia hum fervor grande, com que movia, e acendia os coraçoens dos ouvintes. Naõ lhe faltava eloquencia, e suavidade no dizer, que he hum esmalte que dà todo lustre, e vida ao que se diz. Mandouo a obediencia que fosse prègar polos lugares da provincia, como entaõ se costumava: e Apostolar em beneficio dos proximos. Correo muyta terra, e ajudouo o Senhor, porque fez grande fruyto, reduzindo ao seu rebanho grande numero de ovelhas desgarradas, e trazendo muytos bons sogeitos ao habito. As terras que mais de assento tratou foraõ Asturias Galiza, e as terras de entre Douro, e Minho, e Portugal. A ordem com que procedia era, na casa em que se achava a comer, ou dormir: mover praticas da virtude, dos enganos do diabo, e do peccado, representar o rigor do dia do juizo, e as penas dos condenados: como via temor, e compunçaõ (porque obrigava muyto com a vehemencia que tinha nas palavras) passava ao Amor de Deos, á sua misericordia, e bondade pera com peccadores arrependidos: e communicandolhe o mesmo Senhor sua graça, e espirito abrandava peitos de ferro. Em fim o ordinario era naõ sayr da casa sem deixar todos os moradores confessados, desdo amo atè o mais vil criado. O mesmo procurava nas estalagens com hospedes, e passageiros: e ainda que fosse de passagem naõ largava a estancia sem tirar algum ganho pera Deos: e se avia doentes que quizessem confissaõ, a qualquer hora que se lhe dava recado deixava a prègaçaõ, reza, comida, sono, e repouso por lhes acudir com mais diligencia que se fora seu parrocho. Ajudava o Senhor este santo zelo com famosos milagres.

Prègava hum dia junto de Bayona de Galiza, e era no campo, por ser a gente muyta: começou subitamente a toldarse o Ceo de nuvens grossas, e negras, seguiraõ trovoens, e relampagos, sinais manifestos de chuva, e tempestade. Inquietouse o auditorio, levantaraõse alguns. Parou o prègador com o que hya dizendo, e pediolhes que se naõ alterassem polo que viaõ, porque lhes affirmava que o Senhor a que o Ceo, e terra, e a furia dos ventos obedeciaõ, tornaria aquellas carrancas em aprazivel bonança, e naõ teriaõ gota dagoa. Logo estendeo o braço contra a parte donde mais afuzillava, e vinhaõ correndo as nuvens: e assi como o levantou, se dividiraõ a huma, e outra parte: e deixando em meyo o Ceo claro, e sereno foraõ engrossando pera os lados, e à vista se começaraõ a desfazer em agoa, e pedra, esbombardeando trovoens, e rayos, que como eraõ ao longe ficaraõ servindo de espectaculo, e de huma alegre salva, e materia de louvar a Deos em seu Santo.

Foy este milagre muy falado: e de andar muito na boca dos homens daquelles portos de mar, devia ter origem, e principio o encomendaremse a S. Pero Gonçalves os mareantes quando se achaõ apertados de tormentas: nas quais saõ notaveis, e sem numero as maravilhas que obraõ seus merecimentos em favor dos que o buscaõ. Mas seguiraõ logo

go outros muytos, que acreditaraõ este. E a fama da santa vida que fazia, e o que trabalhava por salvar peccadores, e encaminhar ignorantes pera o Ceo, naõ tinha menos força que os milagres: porque parecia impossivel poder acudir hum corpo sò a tanto trabalho, como punha sobre si. De Galiza sabemos que passou a Portugal, e prègou de vagar polas terras de entre Douro, e Minho: e por differentes vezes residio no Hospital de Guimaraens, que era assento, e como Convento de Frades de S. Domingos. E nelle lançou de sua maõ o habito aos grandes Santos S. Gonçalo de Amarante, e S. Frey Lourenço Mendes. E esta he a rezaõ de ser celebrada naquella villa, e particularmente no Hospital sua memoria: cessando aqui a rezaõ das navegaçoens que neste lugar naõ ha, visto como naõ tem mar, nem rio.

Bem saõ comparados a nuvens os varoens Apostolicos: assi voaõ por todas as partes: assi regaõ, e fertilizaõ as terras com as agoas fecundas de sua doutrina. Quasi naõ ficou lugar em entre Douro, e Minho, que naõ visitasse, em que naõ prègasse, onde naõ fizesse muyto fruyto. Quando parecia que andava de vagar em huma parte, aparecia, e estava jà em outra obrando maravilhas. He cousa averiguada que residio algum tempo na Corte del Rey dom Fernando de Castella. E como nas Cortes ha de ordinario tanto que emendar, e cercear, aproveitou muyto nella o brado de sua doutrina, e o exemplo de vida. E pola mesma rezaõ quiz el Rey que acompanhasse o exercito, quando foy cercar Sevilha. E entre os bens, que sua presença obrou com a gente de guerra, contaõ alguns Autores que lhe aconteceo a maravilha de se lançar no fogo, por occasiaõ de huma perversa femea, que quiz tentar sua pureza. Mas a verdade he que este caso sucedeo no mesmo cerco, e no mesmo exercito a outro filho de nosso Patriarca S. Domingos, que foy hum que chamaraõ Frey Domingos o Pequeno, companheyro seu do numero dos dezeseis com que fundou a Ordem: e como S. Pero Gonçalves fez tantos outros prodigios certos, e provados, como logo contaremos, e podia tambem fazer este, naõ me agrada atribuirlhe os que trazem qualquer genero de incerteza: visto como naõ ha duvida que succedeo a Frey Domingos.

Castilho p. I. l. 1. c. 29.

O que neste cerco rendeo grande gloria ao Santo, e à Ordem, foy huma companhia de homens do mar, que o vieraõ demandar, sabendo que estava no exercito, e darlhe as graças de sua salvaçaõ. Eraõ Portuguezes, e contavaõ, que sendo despachados polo commum da cidade de Lisboa com huma nào carregada de vitualhas pera provimento do campo Catholico: passado o Cabo de S. Vicente lhes sobreviera hum temporal taõ furioso que se deraõ por perdidos; e desesperando de remedio naõ souberaõ outro, se naõ chamar polo Santo, a cuja virtude tinhaõ ouvido dizer, que obedeciaõ os ventos, e as tempestades. E no mesmo ponto viraõ todos sobre a gavia do navio hum Frade de S. Domingos, que naõ duvidavaõ ser o Santo Frey Pero Gonçalvez.

M. Frey Vicente Antist. na vida de S. Pero Gõçalvez c. 2.

Porque ficando cheyos de conſolaçaõ, e confiança, fora logo acalmando o vento, e abonançara o mar.

CAPITULO XXV.

Da ponte que o Santo fez ſobre o rio Minho: e da continuaçaõ com que prègava: & de alguns milagres grandes que fez.

PAſſada a guerra, e conquiſtada Sevilha, como o Santo naõ ſabia eſtar ocioſo, foy dando volta por Caſtella: e no cabo tornouſe pera os ſeus Galegos ou Portugueſes do Minho, chamado, ou da ſingeleza da gente, ou da falta que entre elles avia de quem enſinaſſe. Prègava o Santo em Galiza, e era juſto que deſſe por bem empregado o trabalho nella. Porque os lugares ſe deſpovoavaõ polo ouvir: e naõ contentes com huma sò prègaçaõ, deixavaõ ſuas caſas, e hiaõſe apoz elle, molheres, homens, e mininos, por alcançarem nos outros lugares, a que paſſava, as palavras de vida, que arrebatavaõ coraçoens, e os faziaõ eſquecer de tudo. Aſſi parecia que levava hum exercito tràs ſi. Chegou hum dia ao rio Minho a certo paſſo, onde de veraõ avia vao junto ao lugar que chamaõ Caſtello naõ longe da villa de Ribadavia. Diſſeraõlhe ao paſſar que na mòr parte do anno era o paſſo occaſiaõ de muytas mortes: porque ſendo a paſſagem forçoſa aos viſinhos pera remedio da vida, acontecia perderemna muitos. Conſiderou o Santo o lugar, e com viſta de olhos entendeo o perigo que averia crecendo as agoas de inverno: ſintioſe abrazar em zelo de charidade, compadecido entranhavelmente dos pobres, a quem a miſeria do eſtado obrigava pòr em riſco vidas, e almas. E fazendo reflecçaõ em quantos iriaõ em mào eſtado, ou ao menos cheyos de deſcuidos, pera paſſar num momento de hum mundo a outro, propoz conſigo lançar alli huma ponte: e como o determinou, aſſi o diſſe logo aos que o ſeguiaõ. Quando menos cuydavaõ furtouſe a todos, e foiſe à Corte del Rey dom Fernando: deulhe conta do dizenho, pediolhe ajuda de ſua fazenda, e favor de cartas, e recomendaçoens da obra pera os Biſpos, e ſenhores da terra. E dando voltas como em poſta, naõ ſe ſervindo de outra mais que do ſeu bordaõ, nem de mais alforge que a charidade dos fieis, corre pola terra, ajunta officiaes, convoca obreiros. Naõ avia quem arroſtaſſe à obra, porque a todos parecia diſparate. Os que aviaõ de ajudar com eſmolas folgavaõ de as dar à conta das cartas Reaes, e muito mais da virtude, e charidade do Santo: mas da empreza faziaõ graça, avendo que pera o meſmo Rey era difficultoſa: quanto mais pera hum pobre Frade. Aqui ſe vio como ſaõ encontradas as traças do mundo com as do Ceo. Lançou o Frade ſeu cuydado em Deos: elle lhe deu animo, e tràs o animo forças pera começar, e ver acabada huma fabrica Real, ſem ter mais fazenda de ſeu que o breviario por onde rezava. He a ponte, como convinha pera hum rio taõ caudaloſo, alteroſa, e grande, lavrada toda de cantaria taõ firme, e bem fundada, que prometia durar tanto, como as ſerras,

ras, que des da criaçaõ do mundo naõ fizeraõ mudança, se naõ acontecera vir a render com a muita antiguidade, e ajudada de algum terremoto, a descompassada abertura do arco mayor. Abrio, e fez ruina polo meyo da volta: com que està oje inutil nesta parte, estando em todas as mais taõ forte, e firme, como no primeiro dia. Elle era o sobrestante da obra, elle o architecto, e o pagador: e elle em fim o obreiro, porque naõ se contentava com menos que carregar às costas a pedra, e cal, pera podermos affirmar, que tambem foy obra de suas maons a ponte, como de sua industria. Mas provavao Deos com muitas vezes chegar a cousa a estado de lhe faltar com que acodir a mestres, e jornaleiros: e com tudo nunca perdia o animo: remetia tudo ao mesmo Senhor com affectuosas oraçoens, representavalhe o fim que tevera na obra, encaminhado sò a seu serviço. Corriaõ logo da Divina bondade novas, e soberanas misericordias que todas ficaraõ bem entendidas do que agora diremos. Era hum dia de peixe: sobejava paõ, mas naõ avia com que o comer: a gente que andava na obra era hum povo inteiro, porque tendoa por milagrosa despois que a viraõ posta em caminho acodia em bandos a trabalhar, assi por darem gosto ao Santo, como tambem polo ouvir: porque nunca deixava de misturar o paõ, e pasto espiritual com o material quotidiano. Ouve quem apontou a necessidade. Naõ esperou o Santo que murmurasse ninguem: e com a mesma confiança, com que emprendera tamanha machina, se foy ao rio, sentouse na praya, levantou os olhos, e coraçaõ ao Padre Eterno: naõ foy necessario mais que proporlhe a necessidade, como em outro tempo a Virgem Mãy ao bendito Jesu: *Vinum non habent*. E he de crer, que usaria das mesmas palavras no sentido do que entaõ faltava, se naõ quando começa a agoa a ferver, e aparecer por ella cardumes de peixe, que hum sobre outro se vinha à praya: e alguns que tem por natureza dar salto no ar, ou por participar delle, ou por viço, e ligeireza, agora parecia quererem saltar no regaço do Santo. Estava o povo atonito, e como fora de si com tal novidade: acodio todo homem, ficou a obra em quedo. Chama o Santo a seu companheyro, que as historias nomeaõ por Frey Pedro das Marinhas, mandalhe que seja elle o pescador da nova pescaria. Enchia Frey Pedro os cestos que serviaõ na obra, e lançava em terra. Naõ fogia nenhum, nem se desviava por isso, perdido o amor natural da conservaçaõ, ou movidos todos doutro instinto mais alto. Despois que Frey Pedro pescou assi quanto pareceo bastante pera a occasiaõ presente, lançou o Santo a bençaõ aos que ficavaõ, como noutro tempo fazia o Martyr S. Bras às feras que o buscavaõ no deserto: e entaõ como se outra cousa naõ esperaraõ somiaõse no fundo, e desapareciaõ. Isto lhe aconteceo muitas vezes com grande espanto, e gosto das gentes: e naõ pequeno beneficio da fabrica, porque a fama do milagre atè ao longe despejava os lugares. Outras cousas succederaõ aqui maravilhosas, mas convem yr abrevian-

Joan. 2.

No Breviario Roman.

viando, pois todas saõ menores à vista do que temos referido.

Acabada a ponte, passouse pera as terras da jurdiçaõ de Portugal, digo pera a cidade, e comarca de Tuy, que jà em vida como despois na morte o affeiçoava o Senhor a esta parte. Aqui prègava, e doutrinava o povo sem cessar, andando de lugar em lugar, e de aldea em aldea pera se communicar a todos. Estava hum dia na cidade agasalhado em casa de hum fidalgo, tinha trabalhado no santo ministerio da doutrina toda a manham, e faziaõse horas de jantar: eis que lhe daõ recado de parte de hum Clerigo de Bayona seu conhecido, e devoto, que estava apertado de hum forte accidente, e chamava por elle como por ultimo remedio de sua alma. Naõ foy necessàrio pera o Santo mayor instancia, que tocarselhe em materia de alma. Na mesma hora se poz ao caminho sem lhe lembrar comida, nem almorço bem merecido jà com o trabalho do dia, e necessario pera quem naõ era moço, e avia de caminhar a pè. Tomou o Santo o caminho com passos de quem desejava chegar a tempo à necessidade, e ao amigo. O desejo lhe dava forças, e enleava a fome: e vendose sò entre os montes buscava companhia que o fazia esquecer de toda a cousa da terra, sobindo aos Choros dos Anjos por meyo de huma alta contemplaçaõ. Alli se deleitava no que sintia, e sintia os sabores daquelle paõ sobresustancial que o Senhor com liberalidade communica aos que com determinada vontade o sabem buscar. Assi hia caminhando à pressa, e sem pena. Seguiao hum bom pedaço atràs seu companheiro, e o messageiro secular que lhe trouxera o recado: e tendo andado tanto sem parar, que sobiaõ, e hiaõ vencendo o alto de huma serra, onde chamaõ a Portella de Arcelha, começou o companheiro a sintir o trabalho, com ser moço, e robusto, e disse pera o secular: O Padre meu companheiro, como he avezado a caminhar muito, e comer pouco, naõ sente o que outrem padece: mede nossas forças polas suas, e naõ cae que os mais moços tem mais necessidade de comida, porque tem mais fogo, digerem melhor, e gastaõ mais. No mesmo ponto entendeo o Santo por revelaçaõ Divina a murmuraçaõ: e parando hum pouco chamou por elle, e disselhe com muita brandura, e confiança no Senhor: Meu filho, se vos sentis fraco, e tendes necessidade, chegay àquelle penedo (e sinaloulho com o dedo) e nelle achareis o que baste pera vos satisfazerdes por esta vez. Foy o companheyro obrigado mais da obediencia, que de esperança da promessa, e do que desejava: acompanhouo o secular, e chegando ambos acharaõ com espanto mesa posta. Eraõ dous paens alvos, e mimosos sobre toalha lavada, e hum vaso de vinho. Trouxeraõ tudo ao Santo com alegria: mandoulhes que matassem a fome, e o que sobejasse tornassem ao penedo. Comeraõ ambos o que lhes bastou, e tornaraõ alguns sobejos ao lugar. Mas indo hum pouco adiante praticando no successo, e altercando jà como fartos, se fora aquillo milagre, ou cousa succedida a caso, vencidos da du-

duvida, ou tentaçaõ determinaraõ tornar polo pouco que deixaraõ: e fazendo conta que naõ seriaõ sentidos do Santo, que hia com todo o espirito occupado no Ceo, tornaraõ correndo ao penedo, no qual naõ acharaõ jà nem sinal do que tinhaõ posto. Assi fizeraõ volta em seguimento do Santo pasmados todavia, e atemorizados, e com rezaõ: porque chegando a elle achou o companheiro huma boa reprençaõ, dizendolhe, que o mesmo que ally posera o paõ, e vinho, de que se tinhaõ aproveitado, tevera cuidado de arrecadar os sobejos: porque se o dera, fora pera acodirem à necessidade, e naõ pera satisfazerem curiosidade intempestiva, e desnecessaria, qual fora a sua em tornar a buscar o que tinhaõ deixado. Dous milagres ouve neste caso, e duas revelaçoens, se bem o consideramos. Mas muitas outras cousas fazia, e dizia o Santo, em que se manifestava espirito profetico que o acompanhava, e poder Divino que as obrava como logo veremos.

CAPITULO XXVI.

De hum natural milagre que o Santo fez: e de seu bemaventurado transito na cidade de Tuy.

CHegava o Santo hum dia de grande calma cançado, e suado, e morto de sede a huma aldea junto à cidade de Santiago. Ajuntavase à força do Sol, a que lhe fazia o trabalho de huma prègaçaõ que acabara em outro lugar. Foy em demanda da casa do Cura, e pedio se averia hum pouco de vinho com que se poderem restaurar do cansaço elle, e seu companheiro, e passarem adiante onde o esperavaõ tambem pera prègar. Acodio à porta huma boa velha que o conhecia, e disselhe, que de boa vontade o servira com o que avia em casa, mas que alem de ser pouca quantidade no fundo de hum frasco, tinha ordem do Cura de lho guardar com cuydado à pena de castigo. Respondeo o Santo sorrindose, que todavia lhe desse o vinho, que poderoso era Deos pera remedear seus servos, e livralla a ella de dano. Persuadiose a velha, e folgou de se arriscar, parecendolhe que fazia obra de charidade com quem precisamente estava necessitado. Naõ eraõ bem saydos os Frades, quando nas suas costas entra o dono da pousada: e como fervia o Sol, foise ao frasco pera matar a sede: espantase de o achar pesado, lembrandose que o deixara quasi vasio; espantase mais, vendoo cheyo, e achando licor excellente, naõ sò aventajado ao que deixara. Acode a velha cheya de alegria vendo o milagre, e contalhe o que passara com o Santo. Sahio logo o Cura correndo em seu seguimento, alcançao, contalhe a maravilha, e pedelhe, que torne a servirse da casa, e delle. Mas naõ era bom termo pera o obrigar historia de louvor seu: continuou seu caminho.

Era polos annos do Senhor de mil e duzentos e corenta e seis, segundo a conta do Mestre Frey Fernando de Castilho, e segundo outros duzentos e cincoenta e hum, quando o Santo prègando em hum Mosteiro de

de S. Bento por dia de Ramos, deſpedio o povo que o acompanhava, dizendo que naõ era Deos ſervido que deſſe trabalho a tanta gente, porque avia muitos velhos, e mininos, e molheres, que padeciaõ muito polo ſeguir: e que ſoubeſſem de certo que naquelle lugar o naõ veriaõ mais, porque naõ tardaria muito o fim de ſeus trabalhos, e de ſua vida. E por deſpedida pedio a todos com humildade de Santo, e humas palavras ſaydas da alma, que o encomendaſſem muito a Deos: porque ainda que naõ entendia ter dado eſcandalo a ninguem com ſua vida, e trato, com tudo ſe conhecia por humano, e fraco, e muito neceſſitado das oraçoens dos fieis. Daqui dizem que ſe foy a Tuy, e prègou todos os dias da ſemana Santa ſem deſcançar: e apontaõ que huma das couſas que principalmente encarecia neſtes derradeiros Sermoens, era a neceſſidade do Sacramento da Confiſſaõ, e Penitencia: e deſpois delles coſtumava à imitaçaõ de noſſo Redentor deſcançar do trabalho do dia, paſſando as noites no campo em oraçaõ. Naõ era o Santo taõ velho nos annos, como as penitencias, os caminhos, e a força, e continuaçaõ de prègar o tinhaõ reduzido a huma cançada velhice de muita fraqueza, e falta de forças. E o muito, que ſe forçou neſta ſemana, acabou de o debilitar de maneira, que a primeira oitava lhe ſobreveo huma febre rija, e entendendo que era aviſo do fim que eſperava, fez força, deſejando de yr morrer na caſa do Bemaventurado Apoſtolo Santiago. Foy caminhando como pode atè o lugar de Santa Comba. Aqui lhe revelou o Senhor que era chegada a hora de receber o galardaõ de ſeus trabalhos, e mandoulhe que ſe tornaſſe a Tuy. Cheyo de alegria com tal nova chamou ſeu companheyro, e diſſelhe: Meu filho, o Senhor Deos tem dado termo aos dias de minha peregrinaçaõ, poucos ſaõ os que me reſtaõ. Em Tuy quer que ſeja o remate: pois elle manda, convem obedecer, tornemos ſem tardança, e ahi nos deſpidiremos pera ſempre. Chegou com trabalho à cidade, e o abalo do caminho acendeo o fogo da febre. Tinhaõ contenda naquelles membros ſantos dous grandes eſtremos, hum de affliçaõ, outro de alvoroço: atormentavaos a febre com accidentes mortaes, alegravaos a eſperança da gloria com jubilos da alma: e eſta lhe ſuſpendia o trabalho da doença de maneira, que ſe lhe traſluzia no roſto o contentamento com que eſperava a morte. E como todo o emprego dos trabalhos dos Santos he ſò pera ſegurar eſta hora, naõ ſe eſqueceo, vendoſe nella, de ſe ajudar das armas que Chriſto nos deixou em ſua Igreja, que ſaõ os ſantos Sacramentos da Comunhaõ, e Extrema unçaõ: e recebendoos com ſeu coſtumado fervor, e devaçaõ, e com huma alegria de quem jà reconhecia o porto, e começava a ver os fermoſos orizontes da patria Celeſtial, foyſe deſpidindo dos que eſtavaõ preſentes com amor, e humildade. Com o hoſpede da caſa teve mais particulares colloquios: dos quaes podemos crer que falava com elle como com toda aquella Dioceſi, e Republica,

que nelle se lhe representava, e na republica com a coroa, e jurdiçaõ em que estava do Reyno de Portugal. Eu me parto, dezia, desta vida com grande confiança no Senhor, que usarà comigo na outra de suas misericordias. Pouco tempo o servi, e esse com muitas faltas, e imperfeiçoens. He grande Deos, poem os olhos em si, paga como quem he, naõ como quem nòs outros somos. Como taõ benigno, e taõ rico, temme prometido, que por fazer merce, e honra a este pobre bichinho, favorecerà esta cidade, e sua comarca, e a livrarà de muitos castigos que os peccados dos homens sempre estaõ provocando. Assi me ficarey entre vòs outros como visinho, e amigo. A vòs particularmente por me sofrerdes nesta casa, e me agasalhardes com tanta charidade, tomara deixar algum sinal de agradecimento. Como pobre, e que outra cousa naõ possuo, vos peço que aceiteis em memoria esta correa que me cinge: pòde ser que algum dia vos sirva. Descançou hum pouco, e apoz hum breve intervallo se foy descançar pera sempre. Do dia certo se perdeo a memoria: e no anno tambem ha a duvida, que atràs apontamos. Mas concordaõ todos, que faleceo entre Pascoa de Resurreiçaõ, e Espirito Santo.

CAPITULO XXVII.

Como foy sepultado o Santo, e despois seu corpo tresladado pera a Sè: e nella melhorado de lugar duas vezes.

FOy sepultado o Santo com toda a honra, e pompa que podia ser; acudio toda a cidade a acompanhallo, e o Bispo fez o Officio, e ajudou a meter o corpo na sepultura, que por entaõ foy em huma pequena Ermida, que o Santo edificara, por naõ aver ainda na terra casa da Ordem. Sendo enterrado, naõ tardou o Senhor em honrar sua memoria polos meyos que costuma. Foraõ grandes, e famosas maravilhas, as que se viaõ em sua sepultura, e as que sintiaõ em si todos os que a elle se encomendavaõ. E foy a primeira que no mesmo dia naceo nella hum estranho genero de fonte, que manava olio clara, e conhecidamente, olio admiravel nos effeitos, como misterioso no nacimento, e semelhante ao que se escreve dos sepulchros de Santa Caterina no Monte Sinai, e de S. Nicolao em Bari cidade do Reyno de Napoles: porque da mesma maneira era singular antidoto contra todas as doenças.

No segundo dia de seu falecimento veyo à ermida, em que foy enterrado, huma Senhora principal, que tinha sua casa em hum lugar perto da cidade: porque fora sua devota, e costumava agasalhallo, e fazerlhe outras boas obras, e estando desconsolada com a nova de sua morte vira, o Santo em sonhos, que lhe dezia que fosse à sua co-

cova, e ahy veria cumprimento da promessa que lhe fizera em vida. Foy o caso, que esta dòna Capedio hum dia ao Santo, que lhe desse alguma peça de seu uso, pera lhe ficar em memoria, quando Deos o levasse. Defendeose o Santo parecendolhe acto de vangloria: mas sendo importunado, disse que em vida, ou em morte prometia darlha. Obrigada de huma, e outra promessa, estava junto da cova em oraçaõ: e olhando pera ella notou hum sinal de abertura, que primeiro naõ vira. E querendo assirmarse, provando com a maõ se se enganavaõ os olhos, trouxe nella hum dente claro, e fermoso, que naõ teve duvida em ser do Santo, porque a terra se tornou a cerrar como dantes. Assi o recebeo com lagrimas, e por joya preciosa o levou, e guardou.

Começou logo a ser celebrada, e visitada a sepultura de naturaes, e estranhos; e achando todos remedio em seus males por seu meyo, crecia cada dia mais o concurso. Por onde, passados alguns annos foraõ cayndo os cidadaons, e sintindo, que era notavel descuido entre gente pia estar taõ mal agasalhado dos seus quem taõ venerado era dos forasteiros, tomou o Cabido à sua conta o negocio. Mandou lavrar hum moimento de marmore, segundo aquella idade sumptuoso, e posto na Sè tresladaraõ a elle as santas reliquias. Mostrou Deos logo que se avia por bem servido na obra. Porque foy continuando o mesmo manancial de olio, que se via dantes, do qual achamos em memoria que recolheraõ os Conegos cantidade, e affirmase que ainda em nossos dias se guarda algum.

Amoestados o Bispo, e Cabido com tamanho sinal procuraraõ juntar na Sè todas as reliquias que pudessem aver do Santo: e tendo jà em seu poder a capa, e cajado, e outras algumas, pretenderaõ tambem a cinta. Mas parecendo crueza desapossarem a quem o Santo fizera senhor della, pediraõlhe parte. Consintio o possuidor: juntaraõse pera a partilha. Porem querendolhe pòr a faca (caso prodigioso) saltou o ferro da maõ a quem tentava a execuçaõ do còrte, e foy o salto taõ longe, como se tevera azas, ou fora impellido de maõ violenta: dando liçaõ aos homens do respeito que se deve naõ sò aos Santos, mas tambem a seus despojos. A evidencia do milagre fez força ao dono, pera entregar de boa vontade à Igreja a correa inteira em honra de quem lha dera. E o Bispo despois que teve tudo junto determinou juntarse na morte com o Santo, fazendo conta que lhe valeria muyto no ultimo dia grande, taõ santa vizinhança, e o que por elle fizera. Fez fabricar outro moymento, e pegallo com o do Santo, em que se mandou sepultar. Mas naõ falta quem diga alegando memorias da Igreja, que se acharaõ separados algum tempo despois com distancia grande hum do outro por obra divina. Cousa he em que com rezaõ podemos duvidar: assi pola provada virtude do Bispo que dizem foy dom Lucas, como porque o Santo naõ podia ser na morte menos humilde, e bem acondicionado do que fora na vida. E constanos

que

que despois de outra tresladaçaõ que fez das mesmas reliquias no anno de 1520 o Bispo dom Diogo de Avelhaneda pera huma capella que em nome do Santo edificou, na qual as poz por sua maõ em huma caixa de prata, e foy o lugar sobre o frontispicio da mesma capella: succedeo outro Prelado taõ cheyo de piedade, que teve por pouco tudo o que estava feito em seu serviço, e de novo lhe lavrou huma capella de tanta capacidade, que despois de dar ao Santo o melhor, e mais decente lugar, juntou, e agasalhou nella com boa ordem todas as ossadas dos Bispos seus antecessores, e pera si fez tambem sepultura. Donde inferimos que quem a isto se atreveo, bem seguro devia estar dos contos antigos de dom Lucas, pois o tornava à mesma vizinhança com tantos outros. E naõ he de espantar acharmos os escritores antigos enganados em algumas cousas, que como gente singela escreviaõ por informaçoens pouco averiguadas, como era forçado em falta de livros: quando nesta idade, em que tudo anda mais apontado, e sobejaõ memorias certas, e bem escritas dos tempos atràs, achamos quem se atreveo a escrever de proximo, e imprimir, que este Santo falecera ainda em vida do Padre S. Domingos em huma Ermida que edificara com titulo de Santa Marta, pera nella fazer penitencia, huma milha de Ribadavia. Por honra da Historia naõ dizemos o nome de tal Autor, sendo assi que ha tantos erros no que diz, quantas saõ as particularidades, em que se encontra com o que aqui temos escrito, por autoridade de muytos, e conhecidos escritores. E naõ ignorando ninguem que faleceo o Padre S. Domingos no anno de 1221 por Agosto, em tempo que nem S. Pero Gonçalves era Frade, nem em Palencia avia Convento da Ordem. E por aqui se pode fazer juyzo do mais.

Mas tornando à nossa Historia, os milagres da sepultura do Santo foraõ multiplicando em fòrma que os sabidos, e callificados por authoridade do Ordinario de Tuy no anno de 1258 chegaraõ a numero de cento e oitenta: que era pola conta do Padre Frey Fernando de Castilho, doze annos despois de sua morte: e affirma que tinha em seu poder quando escrevia o tresllado do processo que o Bispo de Tuy mandara a hum Capitulo geral da Ordem de S. Domingos celebrado em Tolosa de França pera obrigar aos Frades a procurarem sua canonizaçaõ: polo qual parecia a contia dita, e nella, que foraõ remediados, e alcançaraõ saude por merecimento do Santo, entre grande numero de cegos, surdos, mudos, e aleijados, nove endemoninhados, e cinco leprosos. Mas rezaõ serà especificarmos alguns, visto tocar este Santo a Portugal com tanta particularidade, como temos mostrado, e empregaremos nelles o capitulo seguinte.

1258.

Castilho p.1.l.2.c. 25. & 26.

CAPITULO XXVIII.

De alguns milagres que o Santo obrou despois de sua morte.

HUm Joaõ Enchanes de Castro patraõ de hum navio veyo visitar o sepulcro do Santo em cumprimento de voto que fizera no mar em ocasiaõ de huma perigosa tormenta. Praticando de noite com outros devotos, que na Igreja cumpriaõ suas romarias sobre beneficios que cada hum tinha exprimentado do Santo, naõ duvidando de nenhuma das maravilhas que se contavaõ, mostrouse incredulo na mais sabida de todas que era do olio que hà tempos estilava, e se colhia do sepulcro: e desatinadamente affirmava que sò a seus olhos creria tal. Passada a pratica, e boa parte da noite, olhando a caso hum dos Romeiros pera a sepultura santa notou nella humas gotas grossas como de orvalho, nas quais brilhava, e fazia vizlumes à luz das alampadas, ao modo que faz o rayo do Sol em diamantes, ou outra pedraria semelhante. Chamou entaõ polo incredulo, chegaraõ muitos juntos de perto, e viraõ todo o marmore banhado daquelle olio santo: e o porfioso inda cego em sua dureza poz em cima do lugar, onde mais humidade parecia, huma pequena trombeta que consigo trazia com a boca pera baixo: e foy o Senhor servido por honra de seu Santo acrecentar o milagre. Porque contra toda a natureza das cousas foy o olio sobindo polo cano da trombeta atè lançar pola boca contraria: e quem naõ cria huma maravilha ficou convencido com duas.

Sofre Deos incredulos de suas grandezas, sendo afronta, que lhe fazemos duvidar de seu poder infinito: porque tem por propria a honra de seus servos: e como se no descredito delles perigara o credito de sua bondade, assi acode com prontidaõ a satisfazer os duros, e contumazes. Tratavaõ hum dia os Conegos entre si deste milagre, e doutros que cada hora lhes passavaõ polas maons, louvando a Deos, e o Santo em todos: e hum delles tomando a maõ começou a dizer que dos milagres naõ duvidava, nem da virtude, e merecimentos do Santo: mas que lhe parecia cousa dura tamanho numero de prodigios, como cada homem referia. Porque (dizia elle) eu venho todos os dias polla manham, e tarde a esta Igreja, e ainda me naõ aconteceo ver nenhum por estes olhos. As palavras naõ eraõ ditas, quando sintiraõ rumor de gente na porta principal: e viraõ huns homens que traziaõ hum minino aleijado de seu nacimento taõ miseravelmente, que naõ era senhor de mover pè nem maõ: e passando por entre os Conegos o foraõ lançar sobre a sepultura santa. Parece que quiz Deos mostrar nesta hora com mais evidencia as grandezas de sua omnipotencia à vista do Conego incredulo: e mais repentinamente, do que costuma em outros, lhe deu saude. E foy assi que tanto que o moço tocou na lagea fria, no mesmo instante estendeo todos os membros, e se sintio taõ robusto, e saõ como se nunca mal nenhum tivera: e logo andou, e saltou pasmando de si mesmo, e pas-

man-

mando com todos o Conego que desejava ver milagres, o qual daly em diante ficou pregoeiro do Santo.

Refende na vida de S. Frey Gil. l. 3. exép. 11.

Era moradora em Santarem huma molher viuva natural de Ponte Vedra em Galiza. Adoeceolhe hum filho moço de huma postema em hum pè, e sobreveolhe hum mal que vulgarmente chamaõ fogo de Santo Antaõ: andava em maons de mestres, mas com pouca esperança de vida, porque se hya corrompendo o pè, e tinha o pobre por conta tirados delle jà dezoito ossos. Neste estado se socorreo a afligida mãy ao Santo da sua terra: e naõ tardou elle em lhe valer. Parou logo o mal, e cobrou o moço saude sem mais obra de cirurgia. E foy o milagre taõ patente, que o moço se criou em devaçaõ, e amor do habito de S. Domingos pola memoria de quem lhe dera saude, e em fim o veyo a receber, e morrer nelle na mesma villa de Santarem.

Na mesma villa aconteceo a outra pobre molher que indo polo Tejo em hum barco com hum filhinho no collo, cahio com elle no rio, e com o peso, e força da queda ficou logo somida na agoa. Gritou o marido que a acompanhava chamando por S. Pero Gonçalves: como outra cousa naõ podia fazer, soccorriase com brados ao Santo: e a pobre molher sem largar o minino fez outro tanto, segundo despois dizia, em seu coraçaõ dandose por morta. Assi tornou sobre a agoa sinco vezes, e outras tantas foy abaixo: e sendo com a tardança julgada por sem remedio, valeraõ os merecimentos do Santo pera naõ perecerem mãy nem filho, e sairem ambos vivos despois de lidarem com a morte tamanho espaço, que os podemos chamar resucitados.

Hum anno avia, e quasi dous meses que estava leproso Miguel Nunes no lugar de Negros diocesi de Tuy: e apartado jà da comunicaçaõ dos visinhos vivia em desterro, recolhido em huma pobre choupana: encomendouse com confiança ao Santo, e fez voto de visitar sua sepultura, e levarlhe certa offerta. Cumprio o voto, foy enfermo, tornou saõ.

Maria Peres da Varzea do lugar de Mera tinha dous males: sobre lepra confirmada cegou de ambos os olhos. Parece que sintio mais a perda da vista, que o dano dos mais membros: encomendou os olhos ao Santo, e sarou logo delles. Foise visitallo, e darlhe as graças por esta mercè. Com a visita recebeo segundo beneficio, porque tornou sam da lepra, de que estava cuberta, avia nove meses.

Martim Perez de Cobello lugar do Bispado de Tuy, despois de andar doente de dores dos olhos setenta dias, veyo em fim a perder a vista, e cegar de todo. Neste estado fez hum voto a S. Frey Pero Gonçalvez, e subitamente se achou sem dor, e com vista.

Hum pobre homem trabalhador rompendo à força por hum valado de muytos espinhos por necessidade que o obrigou, ficou com dous pregados nos olhos, e com dores taõ vehementes que desesperava. Como o lugar he taõ perigoso, e as espinhas eraõ taõ dilicadas que se naõ comprendiaõ de fòra pera

ra se poderem tirar, creciaõ as dores, e com ellas desconfiança de remedio: começou a chamar com grande fè polo Santo, e na mesma hora sintio cair ambas as espinhas, e foraõ vistas polos que estavaõ com elle, e ficou saõ.

Vivia com grande pena em Redondella huma Elvira Martinz, por ver seu marido surdo em tanto estremo que se naõ podia com elle tratar se naõ por acenos. Passaraõ annos, provaraõse medicinas, era tempo perdido. Ajuntou huma esmola, mandoua offerecer à sepultura do Santo pedindolhe com humildade remedio pera o seu enfermo. Foy cousa de grande maravilha, e louvor de Deos, que quando o messageiro, que levou a esmola, tornou da jornada achou o enfermo com o sentido de ouvir taõ perfeito como se nunca nelle tevera lesaõ.

No lugar de Santa Leocadia veyo a ensurdecer de todo huma Urraca Salvador. E avendo sinco meses que assi estava sem nenhum genero de melhoria, fez voto de ir visitar o sepulcro do Santo. Na hora que o cumprio começando a fazer oraçaõ diante delle, começou juntamente a ouvir os sinos da Sè, e day em diante ficou ouvindo perfeitamente como quando era mais sam.

A hum minino de sete annos levaraõ seus pays ao Santo com sua offerta, e esmola, porque atè aquella idade naõ tinha falado palavra. Foy o Senhor servido que fazendo elle sua oraçaõ subitamente falou. E os Conegos vendo taõ subito, taõ manifesto, e taõ fermoso milagre, ordenaraõ logo huma solene procissaõ ao redor da Igreja.

Pero Perez morador em Vilela aldea de Santiago tinha hum filho atormentado do diabo, que chegou de huma vez a tanto aperto com os assombramentos do enemigo, que onze dias continuos naõ comeo, nem bebeo, nem dormio. Fizeraõlhe os exorcismos da Igreja: Respondeo que trabalhavaõ de balde, porque sò Pero Gonçalves Telmo o lançaria da posse em que estava. Atado de pès, e maons foy levado a Tuy: como tocou a sepultura do Santo, naõ sò ficou livre de todo, mas nunca mais o enemigo se atreveo com elle.

Com o mesmo remedio foy curada Maria Gonçalves do lugar de S. Pedro de Celha, avendo hum anno inteiro que padecia o mesmo trabalho: e alguns dias oyto e nove vezes cada dia. Sintio huma noite que lhe diziaõ em sonhos que visitasse o sepulcro do Santo, se queria saude: creo, e obedeceo: foy ao sepulcro, e tornou sam.

CAPITULO XXIX.

Das luzes com que o Santo costuma acudir no mar aos devotos navegantes, que a elle se encomendaõ.

SAõ os milagres, que Deos obra em sua Igreja, confirmaçaõ da fè, prova de seu poder, e calificaçaõ, e indicio de santidade da pessoa por quem he servido fazellos. Grande consolaçaõ pera a Christandade, confusaõ pera os hereges, desengano pera toda a Gentilidade, e argumento sem replica, que sò entre os Christaons està a verdadeira

deira ley, e caminho de salvaçaõ, e que naõ ha outro debaixo do Ceo, que nos possa livrar da miseria infernal, a que todos ficamos condenados pola culpa do primeyro Pay. Milagre naõ he outra cousa se naõ huma obra que passa os limites da natureza, e lhe faz força: e assi se naõ for o Senhor dessa mesma natureza, que he Deos, ou quem seu poder tiver naõ farà milagre. Logo onde ha milagres està Deos ou poder seu. E pois sò na Igreja temos este bem, com grande gozo os devemos festejar, e contallos com igual alvoroço. E por tanto sem pedir licença diremos mais alguns.

Lemos em Santo Antonino na vida que escreve deste Santo, que certos marinheyros vendose no mar salteados de hum temporal taõ forte, que destroçada a nào, e quebrados os mastros esperavaõ cada hora ser comidos das ondas; acodiraõ com efficacia aos merecimentos de S. Pero Gonçalves, e chamando por elle, lhes apareceo clara, e visivelmente, e lhes disse, que aly o tinhaõ; que naõ perdessem animo. E logo abonançou o tempo. E porque a nào ficara em estado que naõ tinha com que se poder governar, o Santo se fez Piloto, e a foy governando atè a pòr em parte segura.

Tambem se averiguou, que em huma nào sobindo hum marinheiro à gavia, como he costume, pera meneo das vèlas, foy sacudido da enxarcea por onde sobia com tanto impeto, que sem lhe valer a força com que hia nella aferrado com ambas as maons, foy como voando ao mar. Hia a nào espedida, o tempo era tormentoso. Vendose o pobre homem ficar por popa, e muito longe, chamou polo Santo com grande animo, e fé. Eis que lhe aparece sobre as agoas hum Frade vestido em habitos de S. Domingos, e dizlhe: Eisme aqui filho, chamaste por mim, aqui me tens, naõ ajas medo. As palavras foraõ seguidas de obras: tomouo o Santo pola maõ, e meteoo dentro no navio à vista de toda a companha, que estava como fòra de si polo que via. E logo desapareceo.

Seria estender a escritura infinito, se quizessemos contar todos os milagres que este Santo tem obrado no mar. Porque parece que o quiz Deos dar por avogado aos mareantes, principalmente neste Reyno de Portugal, vistas as grandes navegaçoens que de cento, e trinta annos a esta parte tem emprendido os Portuguefes, rodeando o mundo por tudo quanto abarca o mar Oceano, com tanto espirito, e constancia, que polas naçoens estrangeiras fomos notados, naõ sò de temerarios, mas de desasizados: que assi honraõ as obras valerosas os que pera ellas naõ tem valor nem animo. E naõ debalde, indose o Santo pera a cidade de Santiago, como atràs fica dito, lhe mandou o Senhor que se tornasse pera as terras da jurdiçaõ de Portugal como era Tuy. Porque daqui avia de nascer da parte dos Portuguefes encomendarense a elle com inteira confiança, como a Santo natural: e da parte do Santo acodirlhes como avogado, e padroeiro, segundo o que a seu hospede disse na ultima hora. Esta correspondencia

Paulo Jovio.

cia està taõ provada, e confirmada com acontecimentos entre todos os homens que neste Reyno cursaõ o mar, que sendo os navegantes sem numero, quasi naõ ha nenhum que se naõ confesse por obrigado a este Santo. E o que mais lhe devemos he, que nos milagres dos outros Santos nunca acabamos de estar certos do bem, nem livres do medo, senaõ despois de alcançado o effeito delles: mas S. Pero Gonçalves em sendo chamado acode logo com luz, como em penhor de sua assistencia, a qual enche de esperança os affligidos, taõ certa, que logo se daõ por remediados, e salvos, por grande que seja o trabalho. E naõ ha homem que possa dizer, que despois de visto o santo forol fizesse naufragio. He este forol hum lume como de huma vèla, o qual naõ toma lugar certo na nào: ora aparece sobre os mastos, ora nas gaveas, ora nas entenas, e às vezes sobre lugares mais baixos dos navios: e o ordinario he naõ se ver senaõ em tempestades de grande perigo. Tanto que aparece, logo toda a nào lhe dà as graças com grita, e alegria, dizendo: Salva Corpo Santo: porque na lingoagem ordinaria dos mareantes Portugueses por este nome de Corpo Santo he conhecido S. Pero Gonçalves. E com este titulo lhe saõ dedicadas algumas Igrejas, e muitas capellas, altares, e confrarias. E assi como entre nòs cà no mar Oceano tem este appellido: no mar Mediterraneo, e entre os Italianos he conhecido polo sobrenome, que he Telmo: e chamaõlhe là os marinheyros San Telmo: e com este faz delle memoria hum celebrado Poeta seu dizendo: *Il desiato fuoco di San Telmo.* E com o mesmo guarda hum Castello na fortissima ilha de Malta, escudo, e propugnaculo dos Reynos de Sicilia, e Napoles. Que como aquella Religiaõ traz sempre navios no mar, tambem lhe reconhece obrigaçaõ como todos os mais navegantes.

Ariosto.

Naõ ignoramos que segundo as regras de boa filosofia podem proceder de causas naturaes alguns fogos que se vem em noites tempestuosas sobre os mastos, e antenas das nàos: pola mesma rezaõ que vemos correr nas noites claras huns rayos que se affigura aos olhos serem estrellas despegadas, e voadoras, sendo na verdade humas exhalaçoens, que levantadas da terra, e sobindo à meya regiaõ do ar, com qualquer calor se acendem no alto: e segundo a cantidade da materia duraõ mais ou menos. Assi he de crer que do bafo, e quentura da nào, e da gente sae hum vapor ou fumo, o qual sendo apertado, e condensado da força dos ventos, e frio, e tentando sobir ao alto como cousa leve, prende facilmente fogo, pola disposiçaõ que leva de quentura: e tornando pera baixo faz presa ou detença no primeiro assento que acha de masto, ou gavea, ou entena: e segundo o impulso dos ventos salta de huma parte em outra, e tanto tempo arde quanto he necessario pera se gastar o pavio da exhalaçaõ, e nutrimento em que se sustenta. E querem os que fazem este discurso, que seja o tal lume sinal tambem natural de bonança: porque no alto, onde se acendeo, achou jà, ou mudança, ou mitigaçaõ de ven-

Arist. l. 1. Meteor.

vento, que o deixou cayr no mesmo lugar donde a fumaça se levantou. Ajunta Seneca a esta sua opiniaõ que os navegantes de seu tempo davaõ a tal lume (que elle diz aparecia sobre as vèlas) o nome dos dous irmaons Castor, e Pollux venerados no mar sem proposito da enganada Gentilidade. Com tudo os que somos Christaons estamos obrigados a sobir com o entendimento a outra Metafisica mais alta, de que naõ teveraõ noticia Seneca, nem Aristoteles: e tomando do exemplo no arco do Ceo que os Gregos, e Latinos chamaõ Iris, pola differença de cores que faz nas nuvens em tempo de agoas, o qual naõ duvidamos ser tambem causado de razoens naturaes: digo que assi a Iris, como os cometas, e eclypses, e fogos que aparecem no Ceo, e estes mesmos que dizemos das nàos, saõ, e podem ser humildes ministros, e messageiros da ira, ou misericordia Divina. Quanto ao arco as letras sagradas nos ensinaõ, que foy dado por Deos ao mundo em penhor, sinal de que naõ afogaria a terra com segundo diluvio, cousa de que naõ podia ser fiadora a natureza. Que os cometas sejaõ pronostico de indinaçaõ do Ceo contra os peccadores, ninguem o pode testemunhar com mais verdade que o Reyno de Portugal. Bem o vimos no temeroso rayo, que no anno de 577 estendido sobre este Occidente com huma grande cauda farpada em forma de açoute pronosticou claramente o lamentavel fim da jornada del Rey dom Sebastiaõ: e principio das lagrimas que ainda hoje naõ estaõ enxutas neste Reyno, nem mostraõ sperança de se enxugarem jà mais. E todavia o arco, e os cometas procedem de cousas naturaes. Nem mais nem menos, sendo obra da natureza os pequenos lumes que se vem nas nàos, podem tambem ser milagroso indicio de favor que Deos quer usar com os atribulados fieis seus servos, por merecimentos do fiel servo seu, e grande Santo S. Pero Gonçalves. Que se os demonios por permissaõ Divina fazem algumas vezes maravilhas, que arremedaõ o poder de Deos, como lemos que obraraõ em Egypto: mais de crer he, que as faça o mesmo Senhor em honra, e credito de seu Santo, ou ordene, e mande, que as naturaes sejaõ como huns corredores, e embaixadores da piedade, que quer usar com os atribulados. Quanto mais, que he cousa certissima, que muitas vezes se deixa ver o mesmo Santo em sua propria figura, como em dous exemplos mostramos atràs. E o que excede todo encarecimento do muito que elle val com Deos, e nos prova com evidencia palpavel serem estes lumes miraculosos, e sobre a natureza, he que despois de desaparecidos ficaõ muitas vezes sinaes, e reliquias de cera, que ardeo em cima das gavias, e em outras partes em tempo do perigo. E conhecemos em Lisboa hum Piloto da carreira da India, que com veneraçaõ, e devaçaõ mostrava hum barrete bem sinelado de pingos de cera verde, que affirmava recebera nelle tendoo na maõ quando em meyo da tempestade salvava o lume santo, que pelo alto aparecia. E na cidade de Lagos no Reyno do Algarve he fama publica, que em hum templo

Senec.l.1. Quæst. natur.c.1.

Gen. 9.

Exodo 8.

plo do Santo, que alli ha, onde he venerado com nome de Corpo ſanto, aparece muitas vezes ſerem noites de inverno tormentoſas hum lume mui claro, e reſplandecente, que naõ ſòmente ſe deixa bem ver, mas alumia parte do curucheo: e como he viſto, ſe lhe faz ſalva com repiques de todos os ſinos da cidade; e affirmaõ que paſſada a tormenta ſe tem achado ſobre o curucheo muitos ſinaes de cera ardida. E pera mais confirmaçaõ deſta opiniaõ he couſa averiguada, que avendo na cidade outros lugares, e campanarios de altura igual, em nenhum ſe vio nunca tal lume: vendoſe muitas vezes no lugar que temos dito, e tambem na torre dos ſinos da meſma Igreja, e algumas vezes em ambas as partes juntamente. E deſtes aparecimentos aſſi uniformes por toda a parte devia nacer, que nas ſuas pinturas em altares, e bandeiras ſe lhe poem na maõ huma vèla aceſa. Dos meſmos, fazeremlhe os homens do mar naõ ſò feſtas, e proциſſoens, em que levaõ ſua imagem com ſolenidade em andores, e ombros: mas levantaremlhe Igrejas, Ermidas, Capellas, e Confrarias por todo o Reyno. Em Lisboa alem da Ermida propria, que tem no bairro a que dà nome de Corpo ſanto, tem capellas, e confrarias no Convento de S. Domingos, nas Igrejas Parrochiaes de S. Miguel, e Santo Eſtevaõ de Alfama, e na Igreja das Chagas. Na cidade do Porto na Freguesia de Maſſarellos ha huma boa Igreja edificada em ſeu nome, como a que temos dito de Lagos: e em todas he celebrado, e feſtejado com os officios Divinos, prègaçoens, e procissoens: e naõ ha homem que cuide ſayr pola barra fòra, que em ſeu ſerviço ſe moſtre tibio ou defectuoſo: e pera dizermos tudo em huma palavra, eſte Santo he o eſpirito, e animo dos mareantes do Reyno de Portugal.

CAPITULO XXX.

Das grandes inſtancias, com que a gente do mar de Portugal tem procurado, e pedido a canonizaçaõ deſte Santo.

POuco era tudo o que temos referido pera pagar a taõ grande Santo o querer ficar entre nòs, e na jurdiçaõ de Portugal: pouco era pera igualar os beneficios recebidos em cada nào, em cada caravela, e em cada barco, ſe os animos Portugueſes naõ ſobiraõ com generoſidade a tratar da mayor honra do Santo, qual era procurarlhe, como hoje fazem à cuſta de ſua induſtria, e trabalho, e fazenda, que ſeja poſto no numero dos Santos, que a Santa Madre Igreja ſolenemente tem canonizado. E iſto podemos crer que devia Deos revelar ao meſmo Santo quando ſe hia morrer a Santiago de Galiza, pera que tornaſſe alegremente pera nòs: como alguns annos deſpois revelou tambem a S. Vicente Ferrer Frade noſſo, que hum minino que tinha diante de ſi o avia de honrar: e elle lho diſſe logo, e ſucedeo puntualmente, porque o minino chegando a idade madura veyo a ſer eleito em Summo Pontifice com nome de Calixto III., e tanto que o foy canonizou a S. Vicente, pagandolhe com eſta honra a que a am-

ambos profetizou. Assi se determinaraõ todos os mareantes da cidade de Lisboa juntos em hum corpo, em seu nome, e de todos os mais portos destes Reynos, e Ilhas adjacentes de sua Coroa, naõ perdoar a nenhum trabalho, nem despeza, atè verem o Santo canonizado. E avendo muitos annos que traziaõ o negocio movido diante do Illustrissimo Senhor dom Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, por cuja autoridade era necessario começar, pera se poderem fazer os requerimentos ordinarios em Roma: como a materia era de tanto peso que naõ podia correr se naõ muy devagar; e elle como Prelado mandava fazer muitas diligencias importantes pera se poder resolver, nas quaes se gastou muito tempo; porque se processaraõ autos juridicos muy largos: determinaraõ fazer hum acto digno de grande louvor o qual foy, porque a dilaçaõ, e o rodear dos annos naõ entibiasse o fervor com que procediaõ, obrigaremse com voto todos os que se ajuntavaõ na consulta desta obra, de naõ desistirem della atè verem o Santo canonizado. Assi procedendo alcançaraõ do mesmo Prelado huma certidaõ pera presentarem ao Summo Pontifice, na qual copiosamente se declaraõ todas as particularidades porque em semelhantes pertençoens se costumaõ pedir. E porque a certidaõ em si he de grande autoridade, e contem hum muy grande, e honrado testemunho do animo, e devaçaõ desta boa gente, tresladaremos aqui alguns pedaços della, que tambem nos serviraõ de suprir na Historia o que mais podiamos dizer das cousas do Santo. A certidaõ começa assi.

DOm Miguel de Castro por mercè de Deos, e da Santa Igreja de Roma Metropolitano Arcebispo de Lisboa do Conselho do Estado de sua Magestade nestes Reynos, e senhorios de Portugal &c., fazemos saber aos que a presente virem, como a confraria de S. Frey Pero Gonçalves Telmo, ou como muytos dizem, do Corpo Santo, sita na Igreja Parrochial de S. Miguel de Alfama desta cidade de Lisboa, por seu especial, e bastante procurador, e tambem em nome de muytas outras confrarias destes Reynos, muytas vezes com grande desejo, e muyta vontade nos poz diante querer tratar com sua Santidade, e a Santa Sè Apostolica da canonizaçaõ do mesmo Santo. E com muyta instancia outro si nos pedio, que tomando informaçaõ com diligencia, de sua vida, e milagres dessemos disso conta a sua Santidade, e juntamente lhe dissessemos com efficacia, que à honra de Deos todo poderoso, exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, e consolaçaõ universal do povo, e especialmente dos homens do mar ouvesse por bem de o Cano-

nizar. E considerando nòs tanta devaçaõ, e como mais vezes nos foraõ dadas sobre isto petiçoens, por autoridade do nosso official mandamos perguntar trinta e sete testemunhas sobre a devaçaõ, e veneraçaõ do dito Santo nestes Reynos: e em particular em quatro Igrejas desta cidade, e a requerimento, e instancias dos sobreditos mandamos tirar da Igreja de Tuy, onde o corpo do glorioso Santo està collocado, hum processo no anno de mil e quinhentos e oitenta e dous: no qual em Latim, e em lingoagem Castelhana largamente se contem a vida, morte, e diversos milagres do dito Santo. E assi mais huma relaçaõ autentica do Cabido da mesma cidade de Tuy das cousas que nelle se celebraõ à honra do dito Santo. O que visto, e como creceo tanto a devaçaõ desta santa obra, que jà foraõ feitos deputados della o Padre Mestre Frey Joaõ de las Cuevas da Ordem dos prègadores confessor do serenissimo Principe Alberto Archiduque de Austria Legado de sua Santidade, e da santa Igreja de Roma nestes Reynos, e senhorios de Portugal: e dom Pedro Alarcon cavalleiro da sua Camara. E foy outro si feyto procurador geral de todo o negocio Andre Dias da Cruz: por elles em nome de todos nos foraõ presentados muytos documentos, e cousas de consideraçaõ, e dignas de fè que tudo o assima dito largamente affirmaõ, e aprovaõ.

E mais abaixo procede dizendo.

AS quaes cousas parecendonos de muyto momento, e considerando a diligencia, cuidado, e instancia, com que quasi, digamos, sem tomar folego os devotos pera exaltaçaõ da memoria do Santo queriaõ tudo justificar: naõ foy possivel naõ deferirmos a suas petiçoens. Mas pera que tudo se fizesse com aquella deliberaçaõ, madureza, conselho, e autoridade que em cousa de tanto peso se requeria, mandamos os sobreditos documentos a alguns Reverendissimos Senhores Bispos, e muyto Reverendos Doutores, Religiosos, e pias pessoas, a fim que cada hum por si com grande cuydado, e por tempos, e dias, tudo perfeitamente vissem, e considerassem: e despois nos referissem o que sentissem do nego-

gocio, e todos invocando o favor divino com ſeus eſcritos, razoens, e conſelhos nos ajudaſſem. O que com diligencia fizeraõ, como conſta dos ſeus votos por elles aſſinados. As quaes couſas todas ponderadas, e conſideradas, entendemos, que atenta a vida, e ſantidade deſte ſanto varaõ, aſſi pera reparaçaõ, converſaõ, e proveito das almas dos fieis, como por tantos, e diverſos multiplicados milagres que por virtude divina, e merecimentos do Santo, aſſi na vida como deſpois de ſua morte conſta que fez: e viſta a taõ continua, e como digamos envelhecida obſervancia, com que eſte Santo na dita Igreja de Tuy jà com Miſſa particular, e agora de commum de Confeſſores he venerado; e que na prociſſaõ que lhe fazem no dia deſpois da oitava da Paſcoa concorrendo a ella, e eſtando preſente grande multidaõ de povo, e gente daquellas partes, coſtumaõ ſolenemente levar o proprio cinto, e cajado, e habito do Santo ao ſeu ſepulcro: donde pera remedio dos enfermos, e exaltaçaõ da ſanta fè Catolica ſe prova que manou oleo muytas vezes. E alem diſto às ſegundas feiras, e ſabbados, celebradas as Miſſas, e outros divinos officios à honra do Santo, como he coſtume, com a Cruz diante vaõ rezar ao meſmo ſepulcro. E neſtes Reynos, e em eſpecial em Lisboa nas Igrejas de S. Domingos, e Parrochiays de S. Miguel, e Santo Eſtevaõ de Alfama, e na Igreja das Chagas, e na ermida ou Capella do meſmo Corpo Santo ha Imagens, Altares, Capellas, oratorios, e confrarias. E na Freguezia de Maſſarellos da cidade do Porto ha huma Igreja feita em louvor, e honra do meſmo Santo. E o dia de ſua feſta por toda a parte ſe venera, e celebra com officios divinos, prègaçoens, e prociſſoens com a mayor ſolenidade que ſer pode: e tanto ſe eſtima eſte bemaventurado Santo, que quaſi a nenhum dos que haõ de ir por mar lhe parece poder alcançar de Deos Noſſo Senhor porto ſeguro ſe naõ por ſua interceſſaõ.

E hum pouco mais abaixo.

TOdas estas cousas atentadas, e considerada principalmente a autoridade do Serenissimo Principe Legado, ao qual de tudo dèmos conta, e tudo ouve por bem: e atenta outro sy a autoridade dos Bispos assima referidos, e de outros muytos gravissimos varoens, e Inquisidores que os aprovaraõ, e o muy douto parecer do muyto Illustre e Reverendissimo Senhor Conde João Baptista Bilha Colleitor de Sua Santidade ao presente residente nesta Corte, e de outros Doutores, e pios homens que outro si apontaraõ em direito sobre este negocio: e tambem o mandado de procuraçaõ do Reverendissimo Senhor dom Bertolameu de Plaça Bispo de Tuy, e da sua Igreja, em cujos nomes outro si os ditos deputados com instancia, e devotamente procuraõ esta santa obra: e antiguidade do tempo que de mais de trezentos annos a esta parte na dita Igreja de Tuy em particular, e em outras muytas assidua, e devotissimamente se venerou a memoria do Santo, e outras muytas suas confrarias destes Reynos. Determinamos finalmente ser muyto justa a pertençaõ dos ditos devotos, que com tanto trabalho, e gasto procuraõ, e desejaõ: e que nòs com a humildade, e reverencia possivel, naõ confiando na nossa fraqueza, mas na grandeza, e antiguidade do proprio Santo, e na doutrina, prudencia, zelo, charidade, e liberalidade do Santissimo Padre o Papa Nosso Senhor, pera mayor confirmaçaõ dos catolicos, confusaõ das heregias, e conservaçaõ, e firmeza na fè destes Reynos: concorrendo nòs com elles nesta parte, supplicassemos a Sua Santidade que com esta canonizaçaõ, como saudavel consolaçaõ, remedee o affeito que taõ devoto povo parece que tràs nas entranhas: e aja por bem de lhe fazer esta mercè. O que com ajuda de Deos Nosso Senhor fazemos por estes escritos. Protestando porèm como nòs naõ queremos nem podemos definir, nem determinar nenhuma cousa nesta materia: mas sòmente pedimos isto com efficacia, a fim que este fidelissimo povo com a devaçaõ de hum Santo taõ exemplar, se naõ resfrie, ou polo tempo em diante, da sua ajuda que tantas vezes tem

ex-

experimentada, por ventura naõ deſeſpere. Em fè do que nòs, e os ditos Reverendiſſimos Senhores Biſpos de noſſos proprios ſinaes, e ſellos aſſinamos, e ſellamos eſta carta, que outro ſi aſſinaraõ os outros Doutores aſſima ditos que deraõ ſeus pareceres, que tudo pera mayor corroboraçaõ ſerà tambem juſtificado polos Notarios publicos abaixo eſcritos. Dada em Lisboa aos vinte e ſete dias do mez de Agoſto de 1592 annos.

Dom Miguel Arcebiſpo de Lisboa.

Cornelio Biſpo de Laonia. Emanuel jà Biſpo de Ceita e Tangere Dayaõ da Capella del Rey. O Doutor Simaõ Borges Prior de Santa Cruz Deſembargador da Corte Eccleſiaſtica de Lisboa, e ſeu Chanciller. O Doutor Antonio Fernandes Varejaõ Chantre da Sè de Lisboa. Joaõ de Eſtay Protonotario Apoſtolico, e Conego na Sè de Lisboa. O Doutor Antonio da Cruz viſitador deſta Cidade, e Prior de S. Martinho. Pero Lourenço de Tavora Conego de Lisbòa Licenciado em Theologia. Franciſco Rebello Conego Doutoral de Lisboa. Pedralvares de Freytas adminiſtrador da jurdiçaõ Biſpal de Thomar da Ordem de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Emanuel Machado da Fonſeca Prior de S. Chriſtovaõ de Lisboa. Dom Simaõ Prior do Moſteiro de S. Vicente da Ordem dos Conegos Regrantes Theologo. Bertolameu da Conceiçaõ Reitor do Moſteiro de Santo Eloyo da Ordem de S. Joaõ Evangeliſta Theologo. Frey Manoel Ribeiro Abbade do Moſteiro de S. Bento Bacharel em ſacra Theologia. Frey Joaõ de Andrada Theologo da Ordem de S. Bernardo. Frey Manoel Coelho Meſtre em ſanta Theologia da Ordem dos Prègadores. Frey Marçal Guardiaõ do Convento de S. Franciſco Theologo. Frey Belchior Urbano Meſtre em Theologia da Provincia de Santo Antonio da Ordem de S. Franciſco. Frey Antonio da Trindade da Ordem de Santo Agoſtinho Meſtre em Theologia. Frey Angelo Pereira Doutor Theologo Prior do Carmo. Frey Chriſtovaõ de Jeſu Doutor Theologo Miniſtro da Santiſſima Trindade de Lisboa. Frey Gonçalo de Torralva da Ordem de S. Hieronymo de Belem Theologo. Luis de Moraes Sacerdote Theologo da Companhia de Jeſu.

Foy

Foy esta certidaõ acompanhada de huma carta do Presidente, e Vereadores da Camara de Lisboa pedindo o mesmo com grande encarecimento, e efficacia de rezoens: e doutras que algumas cidades, e villas principaes deste Reyno tambem escreveraõ. E procedendose no negocio em Roma com todo o calor, ultimamente no anno de 1610 escreveo el Rey dom Filipe segundo de Portugal ao Papa Paulo Quinto pedindolhe com instancia esta canonizaçaõ: e mandou ao seu Embaixador que residia em a Corte de Roma, e ao Agente de Portugal que nella tambem assistia, que da sua parte a requeressem. E que em quanto tardava a final conclusaõ pedissem, que se podesse rezar do Santo por toda a Ordem de S. Domingos. Concedeo o Pontifice logo este ultimo ponto, como constasse estar Beatificado pola Sè Apostolica.

Estando lançados taõ bons fundamentos, era necessario juntarse copia de dinheiro pera se suprirem as despesas das diligencias que de novo se aviaõ de fazer por ordem, e mandato do Papa: e tendo os mareantes alcançado licença sua pera poderem pescar nos dias santos, e prohibidos com declaraçaõ que o procedido deste trabalho ficasse applicado, e depositado pera o gasto das taes diligencias. E sendo começada a executar com grande vontade dos pòvos por todo o Reyno, Ilhas, Conquistas, e Senhorios delle, succedeo certo encontro, pera mayor merecimento dos mesmos homens, que graciosamente offereciaõ em serviço do Santo o suor, e trabalho de seus braços, o qual foy taõ poderoso que fez parar a pescaria. E como em negocios grandes naõ podem as resoluçoens deixar de ser mui vagarosas, e esta depende dos Conselhos, e Conselheiros Reaes occupados sempre em materias precisas, e de quotidiano trabalho, està ainda hoje por determinar a causa do encontro da pescaria, e pola mesma causa estaõ paradas as diligencias que jà se ouveraõ de começar, e puderaõ estar acabadas. Porque as fazendas particulares dos mareantes naõ saõ bastantes a suprir a despesa dellas, nem parece rezaõ que delles se espere.

Fim do Livro Quarto.

LIVRO QUINTO DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da Cidade de Evora.

NAM ouve mais que seis annos de espaço entre a fundaçaõ do Convento de Tuy, e a que temos entre maons da cidade de Evora: e ouve nellas esta differença, que o Convento de Tuy foy principiado em vida do Mestre Geral da Ordem Frey Joaõ de Vercellis: e este de Evora governando jà a Ordem seu successor, e septimo Geral della Frey Munio Castelhano natural de C,amora, que foy eleito no Capitulo Geral de Bolonha celebrado no anno de 1285. Era septimo anno despois del Rey dom Dinis levantado por Rey, e corria o de 1286, quando os nossos Frades começaraõ huma humilde fabrica nesta cidade, junto da Ermida de Santa Vitoria martyr, fabrica sò pera gasalhado, Ermida pera continuarem com suas horas do Coro, e com toda a mais ordem da regular observancia. Foy o principio da obra com esmolas dos fieis, e com vontade, e boa graça da Camara, e governo da terra. Mas porque era necessaria licença del Rey tomaraõ os Frades a cargo negocealla: e dandolhe conta de sua determinaçaõ, e do prazmo que tinhaõ da Camara, mandoulhes el Rey passar hum alvarà, cujo treslado poremos aqui tirado do proprio, porque he de ver em nota, e palavras, e diz assi.

1285.

1286.

DOm Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, a vòs Juizes, e Concelho de Evora saude. Sabede que os Frades Prègadores me disseraõ, que

que a vòs prazia, e tinhades por bem de morar em essa villa tanto que soubesseis que prazia a mim. Sabede que a mim praz, e tenho por bem, cà os tenho por homens bons que amo, e prezo. E morando elles ehy tenho que serà a serviço de Deos, e a vosso proveito. E todo o bem, e toda a esmola que lhes façades serà em elles bem empregada, e eu gracirvolaey. Outro si me disserao que Mestre Payo, e Martim Migueis Tabellioens dessa villa naõ querem a elles dar testimonyo de cousas que passaraõ de seu feito. Porque mando a vòs Juizes vista esta carta digades da inha parte a esses Tabellioens que lhes dem seu testimonyo em aquella guiza que lhe lo devem dar de direito, e al naõ façades. E estes Frades ou alguem por elles tenhaõ esta inha carta. Dada em Lisboa XXIX dias de Junho. El Rey o mandou por Lourenço Escala seu Paceiro mòr. Martim Martinz a fez Era de M.CCC. XXIII. (que responde ao anno do Redemptor 1286.)

Como nestes principios naõ interveyo mayor força que a dos Frades, foy a fabrica muy pobre, e mais conforme às dos primeiros fundadores da Ordem, que à grandeza da cidade. Mas cabiaõ em gasalhados curtos animos grandiosos, e capazes da soberania do Ceo. Assi o mostravaõ na aspereza de vida, na mortificaçaõ, e recolhimento; e sobre tudo na grande continuaçaõ do exercicio do pulpito, e doutrina, com que edificavaõ aquelle grande povo de maneira, que eraõ vistos com geral satisfaçaõ, e affeiçaõ. Ao que ajudava verse grande mudança, e emenda nos costumes, muita continuaçaõ dos Sacramentos, concurso geral da terra aos sermoens, e particular de muitos ao trato, e communicaçaõ dos Frades mais affinelados em virtude: e todos o eraõ.

Doze annos durou esta estreiteza de casa com tanto aperto, que avendo terra do Concelho à roda pera se poderem bem alargar, e animos na gente do governo prontos pera a darem: sò por naõ pedirem pera si, ou mostrarem cobiça sofriaõ toda a descommodidade. Tinhaõ os olhos nas moradas eternas: quanto às do mundo, como viviaõ desenganados, que nem saõ permanentes em si, nem he permanente quem as logra, nenhuma pena nem cuydado lhes dava o bem, nem o mal dellas. Mas naõ faltou quem com bom zelo propoz na Camara o que padeciaõ por mal agasalhados, e o que merecia sua visinhança pera cousas mayores. Folgavaõ os que governavaõ de lhes dar tudo o que quisessem de campo, naõ sò o necessario: e valeo mais o gosto com que o deraõ que a mesma dadiva. Porque se juntou toda a nobreza do lugar com o Prior,

Prior, que era Frey Domingos de Amarez, e foraõ cordeando a terra por onde elle quiz, e apontou. E ficou em memoria, que vendo o Prior que feria beneficio da cidade alargarfe certo caminho, que entaõ hia por entre hortas, e hoje he rua publica, cortou de feu moto proprio por hum ferrejal do Convento, que partia com o caminho, tanta parte quanta pareceo neceffaria pera ficar bem efpaçofo. Huma, e outra coufa confta de hum affento que ainda hoje fe lè no livro dos acordos da Camara, que por fer obra de charidade merece por gratidaõ ficar neftes efcritos perpetuada, e diz affi.

E*Ra de M. CCC. XXXVI.* (refponde ao anno de Chrifto de 1298) *fendo Prior Frey Domingos de Amarez, diante do Alcayde mòr, Juiz, Vereadores, Taballiaens, Almotaceis, Cavalleiros, e homens bons, andou o dito Prior com elles apègando, e moftrandolhes por onde queria pòr o muro do encerramento do Mofteiro. E elles vendo, e confiderando como fazia mifter ao Mofteiro, teveraõno por bem. E o Prior lhes deu huma peça do feu ferrejal, porque ficou mais larga, e melhorada a carreira que vay por entre as hortas. E todos lho outorgaraõ, e naõ foy quem o contradiffeffe. Meftre Payo Taballiom o efcreveo.*

Ordinario he nas coufas naturaes ferem de mais força, e mais fubftancia as que mais devagar procedem em feus principios, e crecimento, e naõ durarem muito as que arrebatadamente fobem. Affi he Deos fervido algumas vezes levar as fuas no começo a paffo lento, e defcobrir a grandeza de feu poder no proceffo. Eftes tenros, e vagarofos principios teveraõ defpois fermofos, e importantes augmentos, procedidos fò da mifericordia, e liberalidade Divina. Porque infpirou no animo de hum Fidalgo honrado, e rico chamado Martim Anes, que tomaffe à fua conta edificarnos huma Igreja tal, qual convinha pera tamanho povo, que fintia muito a eftreiteza da Ermida, quando fe ajuntava nas prègaçoens. Naõ tinha herdeiro forçado, determinou que o foffe efte edificio, e nelle o mefmo Deos. Affi a começou com magnificencia de Principe: e porque lhe naõ pode ver o fim nos dias que viveo, deixou por fua morte applicado pera ella tudo quanto lhe pertencia, e podia teftar de feus bens, que eraõ alem de boa copia de dinheiro amoedado, peças ricas de ouro, e prata, e muita fazenda de raiz. E fez declaraçaõ, que defpois da Igreja acabada, a qual mandava que correffe pola traça cemeçada, fe empregaffe o remanecente em aperfeiçoar a capella mòr de feu Coro, e o

Convento de hum claustro, e outras officinas taes, que ficasse capaz de viverem, e servirem nelle a Deos muitos Religiosos. Era sua molher dona Caterina pessoa taõ perfeita em todas as partes de huma honrada matrona, que confiadamente lhe encomendou Martim Anes todo o cuidado, e despesa da obra. E ella mostrou bem quem era na facilidade com que se desapegou desta administraçaõ, e do gosto de manejar fazenda. Porque poucos dias despois que perdeo o marido, estimando tudo menos que a elle, chamou o Prior do Convento, que era Frey Joaõ Estevens, e renunciou nelle todo o direito que tinha no governo da fazenda, e fabrica, entregandolhe logo com effeito todo o dinheyro, prata, e ouro que pera ella deixara applicado o defunto, e metendoo juntamente em posse dos bens de raiz, com encargo que elle comprisse o testamento assi, e da maneira que nelle se declarava, e principalmente no que tocava às obras apontadas. E porque desejava imitar a seu marido no herdeiro que soube escolher, e de alguma maneyra aventajarse (como na verdade faz pouco quem dà fazenda, ainda que muita seja, pera despois da morte, quando jà a naõ pode lograr) ajuntou sobre a renunciaçaõ, que tinha feita, huma doaçaõ de tudo o mais que à sua parte lhe ficava, dizendo por huma escritura publica, que visto naõ ter herdeiro por linha direita ascendente, nem descendente, por fazer serviço a Deos, e bem à sua alma, e em remissaõ de seus peccados, dava, e doava desde logo ao Convento de S. Domingos todos os bens que possuhia, e lhe pertenciaõ na cidade de Evora, e seus termos: a saber, casas, vinhas, herdades, adegas, louça, lagares, e toda a mais fazenda que por qualquer via lhe pertencesse: e atè as casas em que vivia: e de tudo era contente que logo tomassem posse os Religiosos real, e autual, sem pera si reservar cousa alguma, porque as mesmas casas ella fazia conta que as tinha da maõ delles: e esta doaçaõ fazia sem pòr mais encargo, nem obrigaçaõ ao Convento, que de huma Missa quotidiana polas almas de seu marido, e sua. E as palavras formaes, com que conclue esta escritura, saõ as seguintes.

Que lhe mantivessem hum Capellaõ pera sempre, que dissesse cada dia Missa calada de Requiem, e à sesta feira de Santo Andrè por sua alma, e do dito Martim Anes: e que o Frade, que disser estas Missas, aja tres soldos de cada dia .ss. vinte e hum soldo pola Doma pera seu mantimento.

Pera satisfaçaõ dos curiosos, que folgaraõ saber quanto responde à esmola destas Missas reduzida ao valor da moeda presente: he de saber que seguindo o assento que el Rey dom Afonso Quinto mandou tomar em seu tempo, valia hum soldo, que he o mesmo que hum real branco, dezoito dinheyros ou pretos, que saõ os que oje chamaõ seitis. E por esta conta tres soldos eraõ nove reis da moeda presente: e tanto se dava por esmola de huma Missa: e sessenta, e tres reis polas sete Missas de toda a somana: que isto he o que o testamento chama Doma. Este Fidalgo està enterrado

Nas Ordenações del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

rado no Coro, debaixo da cadeira do Supprior, e da banda de fòra ao pè do pulpito, onde se costuma dizer o Evangelho, està posto este letreiro.

Sepultura do nobre Martim Anes, que começou edificar este Mosteiro. Cænobitæ gratitudinis ergo posuerunt.

Querendo dizer, que os Frades em rezaõ de agradecimento lhe deraõ tal jazigo. Da mesma maneira està sepultada sua molher da outra banda, debaixo da cadeira do Prior: e na parte de fòra ao pè do pulpito, onde se canta a Epistola, tem este Epitafio.

Sepultura da nobre dona Caterina molher que foy de Martim Anes, a qual fundou este Mosteiro, e em sua vida o dotou de todos seus bens.

Estes montaraõ tanto polo tempo adiante, que saõ oje a melhor parte da sustentaçaõ do Convento, e mantem de ordinario quarenta Religiosos. Passados duzentos e tantos annos, reynando jà em Portugal el Rey dom Joaõ o III parecendo que o Coro era estreito pera fazer proporçaõ com o corpo da Igreja, aceitaraõ os Religiosos que o Conde de Prado dom Pedro de Sousa o alargasse huma terça parte mais: e por este beneficio lhe deraõ enterro a elle, e a dona Joanna de Mello sua terceyra molher no mesmo lugar.

CAPITULO II.

Dos Padres Frey Alvaro Murzello, e Frey Fernando Amado filhos deste Convento. E dos principios de vida do Irmaõ Frey Pedro leigo.

EM quasi todos os Conventos he força renovarmos a magoa do pouco ou nada que achamos posto em memoria dos Frades antigos, grandes em virtude, mayores em constancia de encobrirem suas proezas: mas igualmente crueis pera com os que somos seus successores, pois nos podiaõ mover muito com seu exemplo: e calando o que fizeraõ, parece que nos envejaraõ o bem, e ganho que teveramos de os imitar. Neste de Evora temos a queixa mais viva, porque parece que se apostaraõ os Padres, que nelle viveraõ por espaço de duzentos, e tantos annos, a enterrar consigo sua memoria, como por teima. E sò do tempo de nossos pays a esta parte temos alguma noticia.

O primeyro, de quem ey de fazer mençaõ, sem ter quasi que dizer delle, he o Padre Frey Alvaro Murzello, que faleceo neste Convento alguns annos antes do de 1527 com tal opiniaõ de santidade, que o Mestre Frey Andre de Resende na vida que escreveo do santo Irmaõ Frey Pedro porteiro delle, o nomea por velho santo: e fica entendido, que por isso os Padres, segundo adiante veremos, ordenaraõ, que na sua cova fosse sepultado o mesmo Irmaõ, fazendo conta, que juntavaõ hum Santo com outro.

1527.

Seja o ſegundo o Padre Frey Fernando Amado, de quem todavia achamos alguma couſa, de que ſe podem inferir muitas que elle trabalhou ſempre por encobrir como Santo: e os que dellas teveraõ noticia em ſua vida, que foraõ os Padres que o trataraõ de perto, naõ ſouberaõ eſcrever como deſcuydados. Era filho deſte Convento, e dezia muy bem o nome de Amado com ſua condiçaõ, e modo de vida. Amado de Deos, e amado dos homens: de Deos polo alto grào de ſuas virtudes; dos homens polo eſpelho que tinhaõ nelle pera ſe comporem, e ordenarem bem ſuas vidas. Moſtrou iſto mais claro no fim da carreyra, porque entaõ, quebrado o vaſo do barro mortal: *Impleta eſt domus ex odore vnguenti*: quando ſe foy de nòs entaõ ſe deſcobrio o cheyro celeſtial, e ſuaviſſimo do precioſo licor que encerrava. Era muito velho, e avia annos que vivia entrevado: e porque batalhava jà com as agonias da morte tres dias avia, vigiavaõno aos quartos alguns irmaons de caſa de Noviços. E como era morte de Santo, acompanhavaõna com muſica alegre, cantandolhe a eſpaços os hymnos de Noſſa Senhora, de quem fora particular devoto. Huma tarde eſtando jà muito no cabo, e muy enfraquecido, hiaõ os moços cantando, e quando chegaraõ ao verſo: *Maria mater gratiæ, mater miſericordiæ, &c.* Eis que ſubitamente ſe enche de novo fogo, e nova luz aquella vèla que eſtava quaſi apagada. Acorda do ſono da morte o que nelle jazia ſepultado, levanta os braços caidos, e ſem força, e com huma extraordinaria alegria de roſto, e olhos esforça a fala que tinha perdida, e dezia alto, e de bom ſom, juntando as maons, e batendo as palmas: Cantay, cantay filhos, cantay iſſo. Ficaraõ os moços atonitos, parecendolhes que reſuſcitava o morto, ou que era novo genero de paroxiſmo. Mas tirouos de duvida o Irmaõ Frey Pedro leigo Porteiro, que a caſo ſe achou preſente: o qual com os joelhos em terra, e as maons, e olhos levantados ao alto contra o leito do enfermo adorava com devaçaõ, e alegria, dizendo palavras formaes: Levantaivos fradinhos, fazei reverencia à Madre de Deos. Os Noviços paſmados entre medo, e alvoroço, com a novidade que viaõ no ſaõ, que tinhaõ por Santo, e lhe davaõ credito, tanto como com a do enfermo, que era tido na meſma conta, e todavia continuava com a feſta de maons, e prazer notavel do ſembrante, lançaõſe por terra, ainda que nada viaõ, repetindo, e continuando o meſmo verſo. Paſſado hum eſpaço tornou o velho ao ſeu tormento, e agonia, como acontece a hum eſpelho quando o apartaõ dos rayos do Sol, que o faziaõ reverberar outros claros, e fermoſos. Mas ficando cheyo de animo com o Sol da viſaõ ſagrada, abraçouſe com hum Crucifixo, e com o Santo nome de Jeſus na boca, e as lembranças da viſita paſſada no coraçaõ, ajudado de Frey Pedro, que o naõ largava, paſſou a melhor vida.

Joan. 12.

Se polo eſpirito deſte Padre avemos de tirar quaes foraõ todos os antigos deſte Convento (que naõ duvido feriaõ ſemelhantes) e ſe pola perfeiçaõ de

hum

hum Irmaõ leigo, de que agora diremos, devemos julgar a virtude dos outros deste grào, em grande divida estamos a Evora por tal gente. E naõ tenho duvida, que assi como dentro de pequenas provincias acontece aver lugares que produzem huma fruita, ou hortaliça, que em outros por nenhuma maneira se quer dar: tambem ha casas que provocaõ, e obrigaõ a mais santidade, e mais pureza de vida humas que outras. Faz muito ao caso começar hum Convento a florecer com gente santa, porque move, e acende o exemplo que se conta de perto com se apontar com o dedo, e verse com os olhos a sepultura de quem o deu. Importaõ tambem muito as reliquias, e ossos dos Santos: porque he de crer que suas almas no Ceo mais particularmente devem rogar polas terras, e sitios em que ganharaõ como às lançadas com seu trabalho essas Comendas da gloria Celestial de que gozaõ. E daqui deve nacer acodir Deos a estas partes com mais influencias de sua Divina graça. Neste Convento he pratica da provincia, que se daõ bem Frades leigos. Porque ha longos annos que se vaõ continuando, e succedendo huns a outros alguns sogeitos de virtude maciça, e de grande conta. Dos mais antigos pereceo a memoria particular: e fica sendo o primeiro pera esta historia o Irmaõ Frey Pedro Porteiro: que se o nomearamos polo Santo Frey Pedro, naõ fizeramos temeridade: tal foy sua vida. Mas a antiguidade naõ he mais alta que a memoria de nossos pays.

Naceo Frey Pedro em hum lugar do termo da villa de Aveiro, de gente pobre, e humilde. Sendo moço, como a terra he de muita navegaçaõ, inclinouse à vida do mar, e começou conforme à idade, e pobreza a servir de grumete, que he como a primeira, e mais infima classe daquellas escolas. Despois de ter feito algumas viagens, offerecendoselhe huma que devia ser comprida, tratou do alforge da alma, como outros tratavaõ do corporal: foyse ao Convento de S. Domingos pera receber os Sacramentos da Confissaõ, e Comunhaõ: aparelho que pola misericordia de Deos he muy costumado neste Reyno entre toda a gente do mar. Foy sua dita encontrar com hum Padre que avia nome Frey Antaõ, aventajado em espirito a muitos muy observantes que aquelle Convento sempre criou, e entaõ com mais ventagem criava. Este como tal conheceo no moço disposiçaõ, e sitio pera se fundar nelle bom edificio de virtude: porque no meyo da idade, em que fazem força continua os vicios do jogo, do interesse mào, dos juramentos, da gula, e luxuria, com pouca lembrança às vezes de aver outra vida, achou no moço cuidado de Deos, e da salvaçaõ, e a este modo o processo de seu viver. Teve lastima que levasse tal caminho huma alma tambem composta, e propozlhe com boas rezoens que o trocasse, e buscasse a Religiaõ. Mas naõ foy necessario despender muitas, achouo pronto, e prestes, e duvidando sò da parte dos Religiosos, da qual temia ser engeitado por inabil, porque naõ sabia lèr. Muitos negocios acontece perderemse, por

por naõ aver quem comece a movelos. Alegre Frey Antaõ com o lanço, facilitoulhe a entrada: foy recebido ao habito pera Frade leigo, e passado seu anno de provaçaõ, admittido à profissaõ com gosto, e satisfaçaõ de todo o Convento.

CAPITULO III.

Das penitencias que o irmaõ Frey Pedro fazia despois de professo, do cuydado que tinha dos pobres sendo porteiro: e das grandes persiguiçoens que padeceo do demonio, atè o mudarem pera Evora.

TAl noviciado tinha feyto Frey Pedro, que se polo estilo delle correra despois de professo merecera louvor: porque de muitos se cuida, e em alguns se acha, que a vida do primeiro anno he como liçaõ de ostentaçaõ em escolas, que se estuda de proposito pera render descanço, e livrar de cuydados pera o diante. E elle ao contrario quando podera descançar, deuse por obrigado a crecer; e florecer, e frutificar como arvore prantada ao longo das agoas sagradas da Religiaõ, e nos atrios da casa de Deos. O primeyro cuydado foy domar a carne com apertada penitencia, e foy tal a constancia, e a determinaçaõ, que sabidamente todos os dias de sua vida, se naõ eraõ os Domingos, foraõ hum jejum continuo. Nunca comeo carne, nunca bebeo vinho. E parecendolhe que ainda podia o corpo com mais, e merecia mais aperto, nunca lhe deu cella, nem leito, nem cama pera dormir atè poucos dias antes de seu falecimento, que entaõ obrou a força da obediencia o que seu espirito refusava, como ao diante veremos.

Psal. 1. Psal. 91.

Despois de gastar o dia em serviço da Communidade no officio de que acertava estar encarregado, quando os companheiros se encerravaõ nas cellas pera descançar, caminhava elle pera a Igreja a tomar disciplinas, e orar, disciplinas de sangue, e oraçaõ de joelhos nus em terra, pera o que escolheo a capella da Madalena buscando com bom juizo pera penitencia a companhia de quem nella soube ser estremo. Se apertava o sono, juntava as maons no chaõ, inclinava sobre ellas a cabeça, e nesta postura o tomava taõ curto, e cansado, como de tal jazida se pode entender. E porque nella de força era breve, tornava logo à oraçaõ: e assi passava atè matinas, às quais assistia com muyta devaçaõ. Despois de matinas fazia volta pera a sua Santa, e pera os seus exercicios, atè serem horas de acodir a seu officio.

Costuma a facilitar as cousas a continuaçaõ dellas. Nos caminhos de Deos faz mayores effeitos, porque naõ sò facilita, mas torna tudo suave. Crecia Frey Pedro nos exercicios santos, e juntamente em andar contente, e alegre. Era publico entre os Frades este seu genero de vida, mas pasmavaõ, e naõ podiaõ entender como se compadecia com elle a boa sombra de gesto, e palavras que a todo tempo lhe viaõ. A outros huma noite mal dormida em cella fechada entre boas mantas, e sobre boa cama trazia o dia todo carregados, e desabridos,

e as cores perdidas: elle paſſandoas todas, e inteiras ſobre as lageas em huma Igreja mal reparada do vento, e do frio, e do ſereno, e quaſi ſem dormir boeado, e ſempre veſtido, nunca amanhecia triſte, nunca infiado: e o que mais he (redundando como he de crer no corpo os gozos do eſpirito) nunca lhe faltava a ſua cor natural no roſto que era huma alvura muito rozada. E eſta conſervou como por dom divino atè na ultima idade, de ſorte que muita gente ſe enganava com elle julgandoo por muito mais moço do que na verdade era. Aſſi foy ganhando reputaçaõ entre os Religioſos, e por ella lhe encomendou o Prior o cuidado da portaria: no qual ſe governou com muito ſiſo, e madureza, e ſobre tudo com huma entranhavel charidade pera com os pobres, aſſi no repartir das eſmolas que ficavaõ da meſa da Communidade, como em lhes procurar outras negoceando por ſeu meyo na coſinha panela particular, com que podeſſe acodir com couſa mais ſazoada aos velhos, e doentes. Iſto fazia com tanto goſto, e fervor como ſe em cada hum daquelles deſemparados do mundo, vira a meſma peſſoa do bom Jeſu. Aſſi era chamado pola terra o ſervidor dos pobres: e huma dòna principal da villa cujo nome era Dona Caterina mandou por ſeu reſpeito pintar as paredes do alpendre da portaria, e a pintura continha aquelles banquetes, que Frey Pedro fazia aos pobres; alli eſtavaõ repreſentados em fileiras como elle os ordenava, cada hum com os ſinais de ſua miſeria, aleijaõ, ou doença: e o porteiro entre elles com o eſcapulario preſo no cinto repartindolhes a comida com roſto alegre, grave, e honeſto, qual era o ſeu a toda hora, e naquella muito mais.

Mas eſta occupaçaõ do dia naõ lhe diminuia nada da ſua coſtumada das noites, em que ſeu eſpirito achava outras delicias de grande ſabor. Trabalhava polo deſviar dellas o enemigo commum, envejoſo de noſſo bem, ora com medos, ora com fortes tentaçoens, e deſpois com lhe aparecer viſivelmente. Porem o bom ſoldado ſeguia ſua carreira com os olhos naquelle Senhor que nos manda lançar nelle todos os cuidados com certeza de nunca nos deſemparar. Algumas vezes lhe dizia o maldito, que tudo quanto fazia era tempo perdido, que nada lhe avìa de aproveitar, e em fim avia de ſer ſeu: elle com todo o coraçaõ em Deos reſpondia confiadamente. Melhor o farà meu bom Jeſu que por mim morreo.

Paſſados oito annos deſta vida, e crecendo Frey Pedro ſempre em mayores gràos de amor de Deos, entrou todo o Inferno em nova raiva contra elle; deixaraõ artificios de palavras, e ſiladas; começaraõ guerra deſcuberta. As mais das noites o acometiaõ os demonios, e como em vingança do pouco caſo que atè entaõ fizera de ſuas fantaſmas, lhe faziaõ corporalmente crueis perrarias; e huma noite paſſou tanto adiante a furia, que como jugando com elle a pela, o arremeçaraõ contra o moimento, que eſtà na capella onde eraõ ſuas penitencias (he ſepultura de hum fidalgo antigo do

do appellido de Albuquerque) do qual jogo ficou Frey Pedro com huma grande ferida na cabeça: e durou ainda despois tanto com grita, e estrondo infernal, que foy sintido dos Frades a tempo que deciaõ pera matinas: e correndo todos à capella, porque jà entendiaõ o que podia ser, acharaõ o pobre Irmaõ estirado em terra, todo moido, e alem da ferida arrepelado, e arranhado no rostro, e orelhas lastimosamente; assi foy levado em braços pera a enfermaria. Grande lastima fazia aos Religiosos o que cada dia lhe viaõ padecer por este modo: mas elle naõ deixava o posto, nem temia a guerra: porque se muito perdia no corpo, vencia, e ganhava mais no espirito. Vindo ao Convento o Vigario da Observancia (cargo que muytos annos durou em tres Conventos desta provincia, que foraõ Benfica, Azeitaõ, e Aveiro, e entaõ ainda continuava) ouve pareceres que fosse Frey Pedro pera outra casa, a ver se a mudança do sitio lhe aliviava a persiguiçaõ. Mandou o Vigario a Frey Pedro Dias Religioso insigne da mesma Observancia, e eleito Prior de Evora, que o levasse consigo. O que elle fez com melhor vontade do que foy a com que os pobres de Aveiro tomaraõ sua ida, os quaes quando se acharaõ sem elle vieraõ em bandos à portaria a fazer lamentaçoens, e a queixarse que em Frey Pedro lhe tinhaõ tirado remedio, e remediador.

CAPITULO IV.

Vay Frey Pedro mudado pera Evora, dàselhe cuydado da portaria, e dos pobres. Referemse alguns meyos que buscava pera ser desprezado, e abatido.

MUdou Frey Pedro a terra, mas naõ mudou o officio. Porque o Prior, como sabia quem tinha nelle pera tudo o que era dar boa conta da entrada, e saida de hum grande Convento, que he o posto da portaria, em que consiste grande parte da honra, e credito da Religiaõ, logo lhe entregou o cargo, e juntamente o cuidado dos pobres a elle annexo. Fez Frey Pedro hum, e outro officio com tanta humildade junta com muita prudencia, que ficou perpetuado em ambos, e nelles viveo, e morreo. Era sofrido, e juntamente inteiro: facil, e tambem esquivo: sofrido com os colericos, inteiro com os demasiados, facil pera os modestos, e muito esquivo pera os inquietos, e contra qualquer mào exemplo, e em fim fiel a Deos em tudo, e à Religiaõ. Acontecendo trataremno asperamente de palavra alguns Religiosos, humas vezes polo tentarem, outras resentidos da demasiada cautela com que se avia no officio, nunca se lhe ouvio reposta de impaciencia: contra os ditos ou feitos, que o podiaõ offender, usava sempre de humas palavras do monte que muitos atribuhiaõ a rudeza julgandoo dellas por ignorante, e grosseiro. E na verdade, ou eraõ ditas pera mitigar a colera aos apaixonados, com materia de riso, ainda que fosse

ſe com deſcredito ſeu: ou era artificio ſanto pera ſe fazer deſprezar, e ter em pouca conta (Filoſofia do Ceo encontrada em todo com a natureza humana amiga de ſe levantar, e engrandecer, e honrar) reſpondia: *mal de meu peccado, ora folgate tu com iſſo.* Se o colerico ſe ria como quem ouvia hum deſproposito, elle fazia o meſmo, e acabavaſe o deſgoſto. Se acontecia acenderſe mais, entaõ moſtrava verdadeira religiaõ, lançavaſelhe aos pès ſem detença com a venia feita, e por huma via, ou por outra fazia ceſſar a ira, e a contenda.

Mas viaſe nelle que tinha particular goſto de ſer maltratado, ainda que foſſe contra toda rezaõ. Succedeo hum dia vir o Prior de fòra, e chegando à portaria em tempo que Frey Pedro andava polo Convento em buſca do Supprior pera negocio de ſua obrigaçaõ, tocou tres ou quatro vezes a campainha; e como faltou quem abriſſe foy entrar pola Igreja. Era Prior Frey Pedro Ferreira homem auſtero, e muyto obſervante: na primeira occaſiaõ que ſe offereceo tirouo a Capitulo, reprendeoo aſperamente eſtranhandolhe naõ o achar na portaria, e mandouo tomar huma diſciplina. Nunca o penitente ſe deu por mais favorecido, deſcobrio os ombros naõ ſò com facilidade, mas com alegria. Caregoulhe o Prior a maõ, e deſpois que ſatisfez ſua ſeveridade eſperava que o ſubdito diſſeſſe, como entaõ ſe coſtumava, *peccavi*, pera com iſſo parar, e em quanto o penitente tardava com eſte conhecimento da culpa o Prelado naõ ceſſava do caſtigo, como contra eſpirito rebelde, e teimoſo. E tendoo por tal, porque naõ fazia o ſinal de culpado, levantou o braço, e a voz, e apertando a diſciplina, e mandandolhe juntamente que diſſeſſe, *peccavi*, deſcarregou de novo com tanta força, que jà naõ era diſciplinar, ſe naõ ferir, e arrebentar o ſangue. E o pobre porteiro em lugar de *peccavi*, que o Prior eſperava, dezia com humildade: Day boas, day, day. Correndo o ſangue, e lavandolhe as coſtas acodio o meſtre de noviços que era Frey Joaõ de Aveiro Religioſo de autoridade, e velho, e lançandolhe ſobre a cabeça o eſcapulario pedio ao Prior que ceſſaſſe: e diſſe a Frey Pedro que acabaſſe de dizer, *peccavi*. Acodio elle todo riſonho dizendo. Verdade he que *peccavi*, mas por iſſo mais diciplina, e mais caſtigo. Cahio entaõ na conta o Prior com todos os preſentes, que era ſantidade o que julgavaõ por pertinacia, e vendoo ferido, e chagado, mas nada deſcontente por iſſo, ficaraõ compungidos, e confuſos, e movidos a lagrimas.

O meſmo goſto moſtravaſe alguma vez era mandado aſſentar em terra, ou fazer penitencia de paõ, e agoa, ſegundo he eſtilo da Religiaõ em culpas às vezes bem leves. Como elle nunca bebia vinho, era viço, e gloria a penitencia: mas o Prelado pera mortificaçaõ mandavalhe pòr vinho em lugar de agoa. Iſto ſentia muyto, e com tudo por encontrar o goſto, que tinha naquella abſtinencia, bebia hum pouco, e logo mandava pedir miſericordia na bebida, e tornava à ſua agoa. Procurando tambem vingarſe do appetite da gu-

gula, e de caminho ficar julgado por vil, e baixo, como em tudo pretendia, fazia de ordinario na mesa mesturadas de peixe com os legumes, ou ervas, e com a mostarda, e azeite, e vinagre, revolvendo tudo, e comendoo assi com asco proprio, e dos vizinhos: e se lhe preguntavaõ pola rezaõ, davaa taõ pouco politica, como era a obra, dizendo que fazia desde logo o que no estamago avia de acontecer despois. E se lhe punhaõ nome de torpeza ou grosseria, acodia logo com a sua reposta, que como armas de prova fazia servir pera tudo: *Mal de meu peccado, folgate tu com isso.*

Nos dias, que na Communidade se comia carne (como antigamente era costume no Convento de Evora) Domingos, e Terças, e Quintas feiras por particular despensaçaõ que avia, fazia elle huns caldos pera si do de ortigas, e malvas, e algumas folhas de couve com pouco azeite sem procurar outra cousa. Mas nos dias, que avia peixe no refeitorio, comia sua pitança, salvo à Sesta feira que naõ tomava mais que o caldo ou ervas: e porque eraõ guisadas com mais cuidado que as suas ortigas, pera lhe tirar todo o bom sabor lançavalhe em sima hum golpe de agoa: e se lhe preguntavaõ a causa, dezia que pera esfriarem. Por hum dia de Pascoa mandoulhe o Prior Frey Manoel Estaço na mesa hum peito de perdiz: e ou fosse charidade, ou tentaçaõ, Frey Pedro respondeo por quem lho trouxe que se lha mandava comer por obediencia, que o faria: mas se esta força naõ avia, fosse servido de lhe naõ espertar a gula, que segundo a sua era desenfreada temia que tomasse fogo com aquelle mimo, e que tevesse despois muito trabalho em a domar, e reduzir à rezaõ. A este modo se mortificava em tudo o mais, em que a carne costuma receber deleitaçaõ.

E porque o vestido, e atavios da pessoa saõ cousas de que nossa humanidade se paga muito, atè entre os que naõ vestimos mais que huma mortalha, de nenhuma maneira se podia acabar com Frey Pedro que vestisse habito novo. Quando o que trazia chegava a estado de parecer indecencia usar delle por esfarrapado, e roto, entaõ vestia outro que fosse deixado de algum Frade leigo como elle: e este avia de ser dos mais velhos, e do pano mais grosseiro. A tunica interior de junto às carnes, que na Ordem he custume ser de estamenha, usava elle de burel grosso, e aspero. Assi se armava contra o mimo, e vangloria. E pera ficar em tudo desfigurado, e a quem o visse desprezivel, e aborrecido, como o mundo està taõ posto em fazer honra ao bom trajo, e composiçaõ exterior, lançava no inverno sobre o habito hum bernio grosseiro, e velho (chamamos bernio a hum genero de mantas de lam de felpa grossa, e muito encorpada, que por virem de Irlanda que tambem se diz Ibernia, retem comnosco parte do nome da terra) e representava assi entrajado huma figura monstruosa: porque alem do bernio metia entre a tunica, e o habito huma almofada de lam sobre o estamago, de que era indisposto polas penitencias que fazia. Este genero de vestido era cau-

causa de o fazer hum alvo de apodaduras de quantos o viaõ, humas leves, e engraçadas, outras pesadas, e descortezes: levava elle todas por huma medida, sem lhe passarem do bernio pera dentro, recebendoas com o seu mote costumado, que a tudo oppunha: *Mal de meu peccado, &c.*

CAPITULO V.

De alguns casos, em que se notou o bom entendimento, e capacidade de Frey Pedro.

TOdas as traças, que temos contado do tratamento exterior de Frey Pedro, hiaõ a meu ver encaminhadas a alcançar aquelle alto ponto, que Christo em seu santo Evangelho nos manda procurar pera entrarmos em posse do Reyno dos Ceos, avisandonos, que sem elle nunca acertaremos com a porta: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis, &c.* Se naõ tornarmos aos annos da infancia negoceando por entendimento o mesmo que aquella idade faz por natureza, que he estarmos como mortos, e insensiveis em todas as paixoens humanas, nunca poderemos chegar a huma grande perfeiçaõ. Assi tinha Frey Pedro disfarçado o bom juizo natural, que se fazia julgar por rustico, e ignorante: e todavia, alem da muita prudencia com que se governava na sua portaria, naõ faltaraõ occasioens em que mostrou que lhe sobejava agudeza de engenho, e bom discurso.

Mat. 18.

Conta o mestre Frey Andrè de Resende que sua vida nos deixou escrita, e a elle seguimos no que della escrevemos, que sendo noviço no mesmo Convento, e achandose huma noite despois de matinas no Coro, acertara de ver a Frey Pedro, que estava na crasta, arrimado a huma coluna com os olhos pregados no Ceo, e com tamanha attençaõ, que se atrevera a lhe preguntar despois com curiosidade pueril, que era o que o tinha assi embebido. E elle lhe respondera com a sua mansidaõ, e bondade, que estivera notando huma cousa assaz digna de consideraçaõ (que alli acabara de alcançar) muito encontrada com a pratica que corria entre os marinheyros: que lha diria pois era amigo de saber. E começara dizendo, que a pratica dos mareantes era ser a estrella do Norte aquelle ponto que chamamos Polo do mundo, e Polo Arctico: e que elle avia muitos tempos a tinha achado falsa, e naquella casa se confirmara em sua opiniaõ. Porque da coluna em que estava encostado marcara a estrella por cima de hum acipreste alto que lhe ficava defronte, e sendo a noite muito serena, e quieta, alcançara pola demarcaçaõ feita que a estrella rodeara claramente seguindo o movimento ordinario do Ceo, que chamaõ Rapto, que he de Oriente a Ponente. Pola qual rezaõ movendose ella com o Ceo, e fazendo, como fazia circulo, naõ podia ser o Polo do mundo, porque este de força avia de ser ponto fixo, e ponto indivisivel: e assi a verdade era que a estrella naõ era o Polo, mas estava perto delle: e se os marinheiros se governavaõ por ella, obrigavaos a re-

zaõ de naõ aver outra estrella mais chegada ao ponto verdadeiro do Polo, ponto verdadeiramente imperceptivel. E proseguindo Frey Pedro a materia, lhe fora lendo huma liçaõ de Mathematica com tanta claridade, distinçaõ, e sutileza, que a naõ entendera muitos annos despois dos Mestres de Paris taõ bem como de sua boca. E esta prova dà de seu bom entendimento este autor: mas logo diremos outra que mais o confirma.

Foy eleito em Provincial o Mestre Frey Manoel Estaço sete ou oito annos despois de acabar o Priorado de Evora: e governandose no cargo com algumas faltas, e defeitos notaveis, foy deposto, e penitenciado. Hum dia estando Frey Pedro entre as duas portarias, foyse o Mestre a elle pera se consolar, e desabafar com homem que tinha por santo. E Frey Pedro despois de algumas rezoens lhe disse as seguintes. Padre Mestre, se o que agora me ouvir lhe der alguma pena, peçolhe por santa charidade me perdoe. Bem estarà lembrado que por vezes o avisey com humildade, e amor do muito descuido com que governava a si, e a nòs sendo Prelado de huma Religiaõ taõ honrada, e acreditada no mundo. E naõ faço caso de cousas em que muitos vos culparaõ: porque galgos, caçadas, banquetes, cozinha particular, isso sò a vòs fazia dano, e quando muito alargava hum pouco mais as despezas da casa em que estaveis: mas desordens no provimento dos cargos, naõ buscando o mais digno, senaõ o mais amigo: desprezar, e às vezes perseguir o que falava verdade, como a teimoso, porque a falava: honrar ou alevantar o adulador, e pouco verdadeyro, porque vos naõ resistia: sofrer que o relaxado no ponto da perfeiçaõ religiosa, em lugar de ser castigado triunfasse: em que esperaveis que avia isto de parar? Muito deveis a Deos por vos dar esta quebra em vida: quebra leve, e castigo de pay he, com tempo de arrependimento, e penitencia dos erros que passaraõ em vosso tempo na Provincia em geral, e nas consciencias de alguns em particular. Porque, Padre Mestre, pera entender isto naõ ey mister as vossas letras: todas as culpas, a que o vosso governo deu occasiaõ, tanto saõ vossas, como de quem as cometeo: que se eu sendo piloto de huma nào der àssinte com ella à travez, claro està que se me confessar comvosco, me naõ absolvereis, sem fazer restituiçaõ, podendo, aos que por minha vontade fiz perder a fazenda. Ora tende paciencia, e encomendaivos a Deos. E sem mais dizer lançouselhe aos pès. A verdade he desabrida, e sempre amarga: na prospera fortuna quando se naõ teme dano, gera odio: na adversidade quando se vè o mal ao olho, ainda magòa. Assi naõ se atreve a dizella, senaõ quem de veras serve a Deos, e naõ quer do mundo nada. E porque o affligido Mestre tinha a Frey Pedro em tal conta, levantouo, e abraçouo, pedindolhe que o encomendasse a Deos. De parte deste colloquio foraõ testemunhas alguns Padres que a caso chegaraõ, e hum delles foy Frey Joaõ Caldeira; e todos ficaraõ espantados das rezoens, e do acerto dellas mais, que da liberdade.

Da-

Daqui inferimos que a ignorancia, que em ſuas palavras, e termos ordinarios repreſentava Frey Pedro, era hum habito aquirido de naõ querer dar moſtras de prudencia humana a hum mundo de que naõ fazia caſo: pera poder dizer com S. Paulo: *Non enim iudicaui me ſcire aliquid inter vos, niſi Jeſum Chriſtum.* E noutra parte: *Nos ſtulti propter Chriſtum.*

1. Cor. 2.

1. Cor. 4.

CAPITULO VI.

Das muitas perſiguiçoens que o demonio fazia a Frey Pedro, e do valor, e paciencia, com que ſe avia nellas.

NAõ valeo a Frey Pedro a mudança de terra, e Convento pera o livrar dos enemigos que o perſeguiaõ em Aveiro. Porque naõ eſtava a cauſa de ſeu mal na terra, como foy imaginaçaõ dos que o fizeraõ mudar, ſenaõ na enveja, e perverſidade de quem lhe deſejava beber o ſangue: e tambem em ſua virtude, na qual hia adiantando cada dia com novas forças, e novos merecimentos. Aſſi ao paſſo que elle ſobia, ſe deſvelava ſatanas polo derribar: e quando mais naõ podia, polo inquietar, perſeguir, e maltratar. Eſtava hum dia em oraçaõ diante do Santiſſimo Sacramento na Capella mòr, ſenaõ quando ſoa do alto da Igreja nas linhas de ferro, que atraveſſaõ o emmadeiramento, huma voz de gallo, mas temeroſa, e horrenda. Conheceo Frey Pedro donde, e de quem era o cantar: e polo meſmo, caſo ainda que hum pouco torvado, fez coraçaõ, e deixouſe eſtar ſeguro, e confiado, como quem ſe achava diante daquelle Senhor, a quem obedece o Inferno, e ſem cuja licença naõ pode nada. Sintioſe Lucifer de ſe ver pouco temido. Eis que dece o gallo batendo as aſas com ruido infernal, e vemſelhe aſſentar ſobre os hombros, e poſtos os pès cada hum ſobre ſeu hombro começa a ferillo com os eſporoens nas faces, e com o bico pola cabeça: e ſopeſandoſe ſobre os pès cantava importunamente, e faziaſe ſentir de maneira do pobre Frade, que ſegundo deſpois contou, naõ julgava que tinha menos ſobre ſi que huma torre: mas fazendo o ſinal da Cruz, fogio o enemigo della. Com eſte alivio mudou de lugar pera repouſar hum pouco ao ſeu modo. Ao entrar de huma Capella deu de roſto com huma eſtranha figura de homem, eſtatura deſmeſurada em corpo, veſtido negro que arraſtava, barba, e cabello disforme, e os olhos ardendo como braſas abanadas, pera naõ poder encobrir quem era. Aſſi paſſeava; e como de quem fala entre dentes, ouviaſelhe hum rumor entre raivas de homem irado, e roncos de porco. Armouſe o ſervo de Deos do ſanto ſinal de noſſa redençaõ, e pronunciando o ſalutifero nome de Jeſu: Vayte, diſſe, de diante de mim beſta infernal: da parte de Deos to mando: que por mais que faças, jà me naõ has de eſpantar. Deſapareceo logo a fantaſma: e elle em lugar de repouſo, que dantes procurava, como bem neceſſitado delle, pozſe de novo em oraçaõ atè acodir a Communidade a matinas: com a viſta dos Frades ficou deſaſſombrado, e deſcançou da fadiga paſſada.

Ou-

Outra noite estava em oraçaõ diante do Santissimo Sacramento na Igreja: eis que soa na porta principal hum extraordinario ruido, como de muita gente junta, com furia de vozes, e alaridos: huns deziaõ fogo, fogo; outros acodi, acodi. O sino parecia que se quebrava com repiques, como he costume em verdadeiro sinal de fogo: quem se naõ avia de enganar com tantas cousas juntas? Virou a cabeça, olhou pera a porta: taes labaredas se lhe representaraõ, tantos vultos de homens que chegavaõ, que acodiaõ, que passavaõ, huns pedindo machados pera atalhar o fogo, outros agoa pera o apagar, que em fim Frey Pedro se ouve por obrigado a deixar a oraçaõ, e acodir. Levantase, corre. Naõ quiz mais o enemigo que esta perturbaçaõ: com taõ pouco se paga aquelle vil, e baixo, quando outra cousa naõ pode: chegando à Capella de Jesu desapareceo tudo a modo de sonho, como na verdade era. Ficou Frey Pedro corrido de dar credito ao incendio fantastico: e por vingança do enemigo, e do seu medo deixouse estar orando sem tomar momento de repouso atè acodirem os Frades ao Coro.

Destas illusoens lhe faziaõ os demonios tantas, que polas ter em costume, ainda que muitas vezes o feriaõ, e maltratavaõ, jà as naõ sentia. E tanto que saltavaõ com elle, ou lhe apareciaõ na hora da oraçaõ, naõ fazia mais que pòr o rosto em terra sobre as maons, e fechando os olhos dizia. Ea proviços mandovos eu: day embora por esse corpo quanto quiserdes, fartai vossa furia; que por mais que façais naõ ey de levantar os olhos a ver vossas figuras taõ màs como vossas obras. E assi sofria tudo com paciencia, avendo que o recebia da maõ de Deos, cujos ministros, e algozes sabia serem os que o perseguiaõ. Mas naõ he pera esquecer hum gracioso medo que lhe fizeraõ sem outro dano.

Ha neste Convento de Evora huma casa grande onde cae a escada que dece do dormitorio: he lugar em que se juntaõ os Padres a tomar hum pouco de recreaçaõ, conversando nas horas que o Prelado dà licença: e do effeito tem nome de palratorio. Avia num canto della huns riscos de carvaõ que debuxavaõ huma figura de Frade pintada por algum ocioso na parede branca. Entrava Frey Pedro pola casa rezando pera sobir ao dormitorio às matinas de Nossa Senhora, a tempo que dada meya noite, decia o Sacristaõ pera espertar os Frades: se naõ quando vè que o Frade pintado se meneava todo como vivo, estendendo os braços, abrindo as maons, e estirando huns dedos disformes, armados de unhas grandes como presas de ave de rapina, e a cara toda afogueada. Parou Frey Pedro hum pouco com espanto do que poderia ser: começa o pintado a despedir chamas, e labaredas dos olhos, como de huma fogueira, com tal impeto, que quasi chegavaõ a elle: logo abria huma boca de inferno, e fazendo cocos, e gestos temerosos, ora marchava, e batia os dentes, ora lançava a lingoa fòra, lingua luciferina taõ longa como huma espada. Cahio Frey Pedro em quem podia ser o que movia a pintura:

ra, arremete a ella sem nenhum pavor, e começa a darlhe punhadas no rosto dizendo com colera palavras formaes: *O mal de meu peccado: e bem: Frade sois vòs: acertar muito nas màs horas, e yr pera vosso lugar.* Nesta fadiga estava quando o Sacristaõ acabou de decer a escada, e o achou pelejando com a pintura, e lhe ouvio as rezoens que temos referido: e vio que apoz ellas juntava o escapulario nas maons, e esfregando a parede trabalhava por borrar, e apagar o debuxo.

Muito espantava a todos o pouco medo que Frey Pedro avia de fantasmas, e visoens nocturnas: mas a alguns fazia mayor espanto hum costume que nelle era taõ ordinario, que por nenhuma occupaçaõ o perdia. Falecendo algum Frade no Convento, todos os dias que se usa na Ordem dizerse por elle responso cantado sobre a sepultura despois das graças ao jantar, outros tantos era a tal sepultura cama de Frey Pedro: sobre ella jazia toda a noite em oraçaõ continua polo defunto, despois de lhe acodir com a obrigaçaõ, que pola Ordem tem os Frades leigos. Este modo de vida o tinha taõ acreditado por toda a Provincia, e especialmente na cidade de Evora, que de todos era avido por Santo, e a gente que estimava sua salvaçaõ desejava ter parte em suas oraçoens. Daqui naceo, que falecendo em Evora dom Fernando de Castro, que chamavaõ por sobrenome o Magro, avò do Senhor Arcebispo que hoje he de Lisboa dom Miguel de Castro, sua molher que era huma senhora muito religiosa, e amiga de Deos, despois de fazer por sua alma todos os suffragios que era obrigada, desejou que tambem Frey Pedro polo que sabia de sua virtude lhe desse suas oraçoens: e pera o obrigar mandou pedir a Frey Lopo Soares, que era Prior do Convento acabasse com elle sem força que fosse visitalla a sua casa. O que nisto succedeo que he cousa digna de se saber, diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

Da opiniaõ que commummente avia da santidade de Frey Pedro: e quanto caso se fazia de suas oraçoens.

COmo Frey Pedro tinha o officio de Porteiro, e era velho naõ sahia nunca de casa, e despois que na terra o tinhaõ por Santo, avia menos rezaõ pera andar por fòra. Por onde os Frades receosos de que se podesse cuidar, que folgavaõ de assoalhar sua santidade, duvidavaõ em o mandar a casa desta Senhora, como homens pouco amigos de engrandecer cousas proprias, e contrarios a todo genero de vangloria, e hipocrizia. E tal era o parecer dos Religiosos velhos, e discretos da casa. Mas fez ella tantas instancias (como as molheres saõ efficazes no que emprendem, e mais no que apetecem) que se naõ pode o Prior defender, e mandou a Frey Pedro que por merito da santa obediencia acompanhasse ao Padre Frey Alvaro Mendez que mandava fòra, sem lhe declarar outra cousa. Chegados onde eraõ mandados foraõ recebidos da devota Senhora com tanto alvoroço, que veyo

ao meyo da casa sò à conta de Frey Pedro, e posta de joelhos lhe lançou maõ da capa pera lha beijar. Naõ se pode bem dizer nem crer o sobresalto, e alteraçaõ que o santo velho recebeo. Naõ foy sò alteraçaõ, foy tambem escandalo, e retirandose com força disse em voz alta palavras formaes: Nome de Jesu, molher que fazeis: Mal de meu peccado, que eu sou Frade leigo ignorante: la beijai os habitos ao Padre que he Sacerdote. E com esta ultima palavra virou as costas, e caminhou pera a porta cheyo de paixaõ, e afronta: e com tal determinaçaõ em se ir ou fogir que foy necessario a Frey Alvaro que era Religioso velho, e sisudo lembrarlhe de parte de Deos, e do Prelado o cumprimento da obediencia, e mandarlhe por ella que se assentasse. Estava a humilde Senhora todavia de joelhos a estes debates, e sintida do sucesso: e Frey Pedro detendose, como ouvio falar em obediencia respondeo ao companheiro: Pois levantese ella, e fale como ha de falar a hum Frade leigo. Sentados todos começou a Senhora a propor o que queria delle, que era que em suas oraçoens tevesse particular cuidado de encomendar a Deos a alma de dom Fernando seu marido. Aqui tornou Frey Pedro a desconsolarse, e a queixarse de novo, e como sem paciencia dizia com sua lingoagem ordinaria: E bem, mal de meu peccado, que vistes vòs em mim pera isso me encarregardes? là, là aos Sacerdotes cujo esse officio he. Mas replicando ella com muita mansidaõ que todavia lhe pedia da parte de Deos, e por seu divino amor o fizesse elle tambem. Entaõ por se ver dali fòra, juntamente lhe disse a ella que faria o que pudesse como peccador: e a Frey Alvaro que se fossem. Sahio Frey Pedro como quem sae de prisaõ, ou de batalha, tendo por verdadeiro oprobrio verse honrado, e respeitado. Todavia como se tinha obrigado pola palavra, fez hum anno inteiro oraçaõ particular polo encomendado. E a santa viuva estimando a promessa quiz dar azas à oraçaõ com alguma esmola (azas muy poderosas pera remir grandes faltas) e porque devia notar a pobreza do vestido que Frey Pedro trazia, mandou fazer hum habito inteiro, e pedio ao Prior que por obediencia lho fizesse vestir, e trazer. Satisfez o Prior a esta devaçaõ, e Frey Pedro à obediencia que o Prior lhe poz: mas foy de maneira, que o vestio novo lhe rendeo novo tormento, porque despois de o vestir lhe lançava por sima o velho: e sobre a capa nova o seu bernio feito pedaços, atè que o habito perdeo a alvura, e na capa cegou a graça de nova: e pera que esta mais em breve se deslustrasse, pois era força usar della, tevea pendurada alguns dias na portaria, e offerecida a quantos se queriaõ servir della entrando ou saindo.

Mayor exemplo he do que se estimavaõ as oraçoens de Frey Pedro, o que agora diremos. Estando a Corte em Evora foraõ hum dia el Rey dom Manoel, e a Rainha dona Maria ouvir Missa a nossa casa, como costumavaõ muytas vezes. Quando se quiseraõ ir entraraõ polas crastas pera sairem pola portaria. Foraõ os Frades fazendolhes com-

companhia em communidade, ſegundo coſtume: e ficando arrimados polas paredes em fileira foraõ os Reys agaſalhando a todos com os olhos, e ſembrante como em deſpedida; e chegando a Frey Pedro, diſſelhe a Rainha: Frey Pedro rogai a Deos por mim. Ao que elle reſpondeo com huma moderada inclinaçaõ ſem dizer nem fazer outra couſa. E ainda que dos Frades foy atribuida tal repoſta a confuſaõ, e embaraço de homem pouco pratico em encontros de Corte, ſe nos deixarem dar noſſo parecer, atrevermehei a affirmar que procedeo como ſabio nos eſtilos que deve aver entre os que ſeguem a Religiaõ, por ſer o ſilencio a moeda de mais valia que nella corre: e naõ como ignorante nos de palacio, onde entre os que melhor falaõ nenhuma couſa mais acredita hum aviſado, que ſaber calar. Naõ avia menos opiniaõ da virtude de Frey Pedro, e ſua valia com Deos entre os Prelados mayores da Provincia, que vem as couſas de mais perto, e julgaõ com peſos mais certos do que faz o povo, que ſe leva da fama que muitas vezes he ſem autor, e ſem fé viera de Caſtella a eſte Reyno o inſigne Religioſo Frey Joaõ Furtado, inſigne em letras, e em virtudes, chamado por el Rey dom Manoel pera reformador dos Moſteiros de Lisboa, e da Batalha. Deſpois de acabada a obra muito a ſerviço de Deos, e com quietaçaõ, e conſolaçaõ dos Religioſos, naõ pode el Rey acabar com elle que quiſeſſe ficar na Provincia, e menos que tudo, aceitar o governo della, que todos os bons aviaõ por bem empregado em ſua peſſoa, pola Angelica modeſtia, e grande diſcriçaõ de que era dotado alem das mais virtudes. Reſoluto em ſe yr reſpondia a el Rey com muita humildade que Religioſo avia na Provincia de mayores partes que as ſuas, a quem Sua Alteza podia ſeguramente encomendar o governo della, pera o qual jà naõ era neceſſaria ſua aſſiſtencia, e ſua vinda ſe podera bem eſcuſar. Deſpedido del Rey, e paſſando por Evora, quando ſe ouve de partir deſpois que os Padres juntos com elle diſſeraõ as oraçoens coſtumadas *pro iter agentibus* no Capitulo: chamou a Frey Pedro, e diſſelhe: Hermano Fray Pedro ruega a Dios por my. Frey Pedro reſpondeo: Se eu Padre ouſaſſe, com mais rezaõ pediria iſſo a V. R. Pues ſea aſſi, replicou o Padre Frey Joaõ, dize tu cada dia por mi una Ave Maria a nueſtra Senhora, e yo te prometo que cada vez que celebrare, haga de ti memoria en el memento de la Miſſa. Frey Pedro ſe chegou a elle, e beijoulhe a ponta do eſcapulario: e o Padre o abraçou taõ amoroſa, e apertadamente, que parecia querello meter nas entranhas: do que davaõ ſinal algumas lagrimas que naõ podia repremir. E dizendolhe ultimamente: Dios te conſerve en ſu ſervicio; ſe partio. E conſtanos que eſcrevendo deſpois a alguns Padres da Provincia, ſe mandou encomendar com particularidade em ſuas oraçoens.

CAPITULO VIII.

De alguns casos, em que mostrou espirito de Profecia.

EM pago de tantos trabalhos, e annos tam bem vividos quis o Senhor honrar a seu servo com espirito de profecia revelandolhe as cousas futuras. E ainda que este espirito sò por si naõ seja argumento de santidade, porque como he graça do Ceo graciosa, ou gratis data, como lhe chamaõ os Theologos, pode acontecer acharse em gente pouco perfeita, e em peccadores, do que ha exemplos: com tudo quando concorre com vida inculpavel, he grande argumento de valer muyto com Deos quem a alcança. Quando avia de aver algum enterramento em casa, era cousa ordinaria avisar Frey Pedro aos Frades alguns dias antes: e isto com tanta certeza, e distinçaõ que declarava se avia de ser Frade do Coro, ou Irmaõ leigo: Irmaõ da Ordem, ou outro secular: varaõ, ou femea. E era jà o negocio taõ corrente, que nenhuma admiraçaõ causava, e isto dezia quasi sempre tres dias antes. Aconteceo dizer hum dia: despois da manham teremos trabalho com huma defunta Irmam da Ordem que cà se ha de vir enterrar. Naõ tardou muito que vieraõ à portaria pedir hum habito. E verificouse logo que era pera molher, e Irmam da Ordem como tinha dito. Chegando o dia apontado, veyo recado ao Convento que a enferma aliviara com notavel melhoria, e alegremente pedira de comer, com que enchera os seus de esperanças de vida, e saude. Naõ faltaraõ travessos que foraõ dar a nova a Frey Pedro motejandoo de enganador. E elle respondia com pronunciaçaõ tartamuda, e rustica: *Que escrisse, escrisse.* Querendo significar o dito de Pilatos: *Quod scripsi, scripsi.* E na verdade logo se vio que falara ao certo, porque o aliviar da doente foy hum ultimo esforço da natureza, como de candea que se quer apagar: e passado hum breve intervalo tornou a cair em termos mortaes, e apressados de sorte que no mesmo dia se veyo enterrar ao Convento.

Outro successo affirmou, que teve o cumprimento alguns annos despois de sua morte, e entaõ espantou assaz, e renovou em todos a memoria de sua santidade, e a saudade de sua boa companhia. Sendo o Mestre Frey Andre de Resende ido a França a estudar, onde andou alguns annos, faleceo sua mãy em Evora, que era huma honrada, e virtuosa dóna. Por ser irmam da Ordem, e muito devota della, mandouse enterrar na crasta do Convento, e os Religiosos lhe deraõ o jazigo de boa vontade. Mas naõ vinhaõ nisso os testamenteiros: e avendo porfias entre elles, e alguns Padres, que tomavaõ mal encontrarse a ultima vontade da defunta, acodio Frey Pedro, e disselhes, que pera que se matavaõ, que a sepultura naõ avia de ser nem em huma parte nem na outra, senaõ onde elle apontava: à entrada do Capitulo da banda de dentro, e batendo cos pès no chaõ, aqui disse, ha de ser sua sepultura. Pareceo o dito cousa ridicula atè aos mesmos Religiosos

por

por falar em enterrar molher no jazigo dos Frades. E assi naõ fazendo ninguem caso do seu dito, venceo a teima dos testamenteiros, que por seus respeitos escolheraõ a cova na Igreja, e nella a sepultaraõ. Passados seis annos, e sendo falecido tambem Frey Pedro, tornou de França o Mestre Frey Andre seu filho: e sentido de a naõ achar enterrada no lugar que em vida escolhera, e declarara, pedio licença ao Prior que era o Doutor Frey Antonio Freire pera fazer tresladaçaõ de seus ossos pera a crasta. Concedeolha o Prior taõ ampla, que lhe mandou escolher o lugar que quisesse: e elle tomouo à entrada do Capitulo da banda de dentro com pretençaõ que cobrindoo, como fez, com huma campa de bom marmore bem lavrada, e entalhado nella hum letreiro composto de sua maõ, e ao seu modo, seria occasiaõ de que os Padres lembrados dos beneficios recebidos da defunta, e de sua virtude lhe naõ faltassem com suas oraçoens: e ainda que podera tomar lugar mais dentro, deixou de o fazer considerando que naõ era bem pejar o jazigo dos Religiosos, tendo por assaz favor o em que ficava. Feita a tresladaçaõ veyo de Montemor ao Convento o Padre Frey Afonso Banha, que là residia por confessor das nossas Freiras do Mosteiro da Anunciada: e achando a nova sepultura celebrou com lagrimas por todo o Convento, e particularmente com Frey Andre o que acabamos de contar, que ouvira affirmar ao Santo Frey Pedro avia tantos annos: e chamou pera testemunha a Frey Thomas Cruzado, que entaõ era Sacristaõ, e se achara presente quando Frey Pedro com grande energia affirmava, que naquelle sitio avia de ser sepultada a boa velha sua mãy. Cousa que Frey Andre naõ soubera nem entendera nunca. E assi ficou avida por famosa profecia entre as outras que de Frey Pedro se contavaõ.

Esta foy cumprida despois de sua morte, mas em sua vida lhe ouviraõ outra todos os Religiosos que causou mais espanto, e mais pavor: e foy que avia de dar peste na cidade com terribel contagiaõ, e della aviaõ de morrer no Convento sete Frades. E na pontualidade com que despois viraõ que passou tudo sem discrepar em nada, reconheceraõ por divina a revelaçaõ.

Mas naõ he maravilha dar Deos noticia das cousas da terra a este seu servo quando pera as do Ceo lhe abria os olhos. Bastante indicio he o que atràs contamos na morte do santo velho Frey Fernando Amado, em que vimos que querendo a Mãy de Deos com sua presença consolar na ultima hora a seu devoto, e assistindo com elle Frey Pedro, e juntamente hum rebanho de noviços mininos como cordeirinhos, que Fey Andre de Resende affirma, que sendo por todos dezoito nenhum delles passava de treze annos: com tudo em nenhum ouve luz pera alcançar a divina visaõ mais que nelle, e no enfermo. Grande sinal que tambem a sua innocencia se aventajava a taõ tenras idades, e em tantos sojeitos. Declara o mesmo Frey Andre que elle, e Frey Antonio Farto, que ambos eraõ do numero destes noviços, cantavaõ os hymnos quando a Se-

Senhora apareceo, e diziaõ juntos hum verso porque concertavaõ bem, e todos os mais respondiaõ com outro. Tudo o que mais podemos contar de Frey Pedro fica muyto abaixo de tamanha honra como esta foy do Ceo. Com tudo pera gloria de Deos diremos mais duas cousas, das quaes huma he manifesto milagre, e a outra tem muito de milagrosa. Era polo estio, Evora he terra calmosa. Tinha o Prior dado cargo a Frey Pedro que pera a hora, que os Padres quisessem entrar à meza, tivesse os jarros cheyos de agoa fresca tirada daquella hora do poço. Era cousa precisa, e que avia mister naõ discrepar momento: succedeo hum dia de grande sol recrecer tanta occupaçaõ na portaria, que naõ a podendo vencer atè o ponto que era necessario acodir com a agoa, entrou o Prior polo refeitorio pera fazer sinal, e vio juntamente os jarros vazios, e emborcados, e chamou Frey Pedro, e reprendeoo. E naõ deixando de fazer sinal, foraõ entrando os Padres: e Frey Pedro foy correndo fazer sua diligencia ao poço. Mas antes que os Padres se assentassem, e elle tornasse, foy cousa certa, que os jarros se acharaõ todos direitos, e cheyos de agoa fresca, e boa. Este caso teve por testemunhas o Prior com toda a Communidade. O que agora diremos contava Frey Afonso das Vinhas Irmaõ leigo seu contemporaneo, e pessoa de grande virtude, de quem ao diante faremos mayor mençaõ. E affirmaõ o Mestre Frey Antonio de Sena na vida de Frey Pedro que compoz em Latim, e Frey Andre de Resende na que escreveo em vulgar, que o ouviraõ de sua boca.

Era costume antigo por dia da Santissima Trindade darse no Convento mesa franca a todos os que a queriaõ (chamavalhe vodo a lingoagem do povo) ajuntavase a ella o commum da cidade, e do termo com taõ grande concurso, que toda a casa, Igreja, claustros, e dormitorios estavaõ o dia inteiro abertos, e era a inquietaçaõ muy grande de musicas, jogos, bailes, e folias, que tudo acode onde ha comida. Quando amanhecia o Domingo da festa Frey Pedro ouvia a primeira Missa que se diz de madrugada, e entregando as chaves a quem o Prior lhe nomeava (os pobres naõ aviaõ mister procurador em tal conjunçaõ, porque nella lhes sobejava tudo) encerravase em huma cella com humas poucas de ervas que da tarde antes tinha colhido, e naõ sahia della se naõ de noite. Dezia Frey Afonso que notara alguns annos estar a cella o dia todo ferrolhada por fòra, e sendo noite abrirse, sem aver pessoa que visse nem soubesse quem tinha cuydado de ser seu porteiro. E que desejando alcançar o segredo disto, vigiara de proposito a porta ao tempo, e conjunçaõ que costumava a sair da clausura: e vira que se abria, e corria o ferrolho estando pegada com ella huma sombra clara, e muyto bem devisada, a qual viraõ despois algumas vezes outros Religiosos, que com curiosidade se quiseraõ certificar. A causa de Frey Pedro se recolher assi julgamos que devia ser, alem da perturbaçaõ que causaõ em hum bom espirito as descomposiçoens po-

populares de homens, e molheres em tempos semelhantes, querer fugir a vangloria de ser visto, e tratado de tanta gente, quando todos o tinhaõ jà por Santo, e como a tal o honravaõ.

CAPITULO IX.

Da gloriosa morte do santo Irmaõ Frey Pedro.

ERa Frey Pedro jà muito velho, e das penitencias, e mà vida anticipadamente consumido ainda mais que dos annos. Entrou hum inverno aspero com grandes frios, e ventos agudos. E como a sua vida era passar a noite sem cama, e sem abrigo sobre a terra nua, como temos dito: e de proximo tinha tomado como de empreitada fazer oraçaõ sobre a cova de hum Frade defunto de poucos dias, segundo seu santo, e antigo costume; o frio do tempo junto com o da idade o congelaraõ huma noite de maneira, que amanheceo sobre a sepultura do morto tambem quasi morto. Estava todo inteirissado, e sem movimento: deraõno por acabado os Frades que assi o acharaõ, e foraõ correndo dar aviso ao Prelado. Revolveraõno lastimados do successo, e entaõ lhe viraõ a caso os joelhos que tinha pregados na terra fria, cubertos de huns callos taõ grossos, e duros, como se foraõ de hum camelo. Foy levado em braços à enfermaria: tornou em si, e contra sua vontade se deteve nella tres dias lembrando sempre, e repetindo que ouvesse cuidado dos pobres. Mas naõ faziaõ elles entre tanto menos lembrança delle, porque pediaõ com clamores que lhe dessem seu pay. E sendo igual a desconsolaçaõ nelle por faltar no santo ministerio de charidade, posto que o successor naõ era menos diligente; em fim foy restituido a seu officio, ainda meyo tolhido. Mas pozlhe o Prior preceito que dali em diante se recolhesse de noite em huma cella, e dormisse sobre hum feltro em huma barra de taboas, ao menos em quanto durava o rigor dos frios. Obedeceo Frey Pedro como bom Religioso sojeitando a vontade ao mandato do Prelado. Mas o espirito andava taõ rigurosо, e pronto em quebrantar a carne insensivel jà, e quasi morta, que as mais das vezes tomava o sono com os joelhos nus sobre o ladrilho, e arrimado somente à barra, e naõ dando mais que os braços àquella honrada, e mimosa cama.

Estas violencias continuadas em idade que passava de setenta annos acabaraõ de prostrar as forças da natureza, que todavia era robusta, e abreviaraõlhe a resoluçaõ. Entendendo o servo fiel que era chegado o prazo de seus trabalhos, e a hora da paga: que rezaõ parecia que a quem profetizou as mortes alheas, naõ faltasse o Senhor com revelaçaõ da propria: confessouse com hum Padre muyto observante, e velho, que pouco ha nomeamos, Frey Afonso Banha, e disselhe que naquelle mesmo dia se avia de partir pera a outra vida. Era isto hum Domingo despois da Epiphania anno de 1528. Espantouse muito o confessor porque o via andar de pè, e ao parecer em disposiçaõ de quem naõ poderia acabar taõ depressa. Mas elle se affirmou no dito. O que visto por Frey Afonso,

1528.

ſo, como ſabia muito de Frey Pedro, aviſou ao Prior ao ſayr do Coro, dizendolhe que ſeria bem mandar olhar por elle. Era o Prior Frey Ambroſio de Oliveira homem ſeco de condiçaõ, e duro de perſuadir: nem lhe deu credito, nem fez caſo do dito. Porque ſe ajuntou ao que tinha de natureza vello por ſeus olhos commungar com os mais Irmaons de caſa de noviços à Miſſa do dia. Deuſe Frey Afonſo por obrigado a tomar à ſua conta o que encomendara a quem o naõ cria, e obrigouo mais hum auto que ſoube fizera o Santo aquella manham na Sacriſtia. Era coſtume naquelles tempos, quando os Irmaons aviaõ de commungar, pediremſe perdaõ huns aos outros proſtrados com venia. He acto que move a devaçaõ, e compunçaõ os meſmos que o fazem, e traz todos amigos, e conformes (no Convento de Bemfica o vimos uſar, ſendo Meſtre de Noviços o Padre Frey Chriſtovaõ de S. Domingos de longos annos exercitado neſte importante miniſterio) e rezaõ fora que tal coſtume ſe naõ perdera. Eſtando eſte dia juntos os Irmaons que avia, foy elle o primeyro que ſe proſtrou em terra, e acrecentou de novo falar com todos em geral dizendo eſtas palavras: Meus Irmaons a qualquer de vòs, que por minha culpa tenha offendido, peço por amor de Deos que me perdoe: e polo meſmo Senhor vos peço a todos que lhe rogueis por mim. Apoz iſto deſpois de levantados foy abraçando a cada hum por ſi, e dizendolhes: Ficaivos com a paz de Jeſu Chriſto, e fazei polo ſervir com todas voſſas forças. Bem pareceo aos mais que tinha myſterio a deſpedida, e eſpantaraõſe da novidade: mas como naõ ſabiaõ outra couſa paſſaraõ por iſſo. Acabada a Communhaõ, deceo Frey Pedro do altar com notavel alegria de roſto, dizendo em voz baixa, mas claramente entendida dos que hiaõ perto, aquelle verſo do Pſalmo: *Ibi lætabimur in ipſo.* He a ſignificaçaõ: Là nos alegraremos no meſmo Senhor. E repetindoo muytas vezes com grande ſuavidade da alma caminhou pera a ſua portaria. Entre tanto fez ſinal pera o jantar o ſino da craſta. Começou a Communidade a comer. Eſtava Frey Afonſo ſobre aviſo, notou que naõ parecia Frey Pedro: ficou ſobreſaltado, pedio licença, e foyſe à portaria. Achouo encoſtado no ſeu aſſento, que era hum banco de reſpaldo que pera elle ſe mandara fazer por ſua velhice. Perguntoulhe porque naõ fora à meſa. Padre, reſpondeo, jà naõ he neceſſario. E levantando as maons repitia o verſo: *Ibi lætabimur in ipſo.* Deixouſe eſtar Frey Afonſo hum pouco. Chamaraõ à campainha, e Frey Pedro levantandoſe pera acodir à porta, ſegundo ſeu coſtume, cahio desfalecido em terra. Eraõ horas que a Communidade ſahia jà do refeitorio a dar graças na Igreja, acodiraõ os Frades todos, levaraõno à enfermaria. Querendo lançallo ſobre hum leito, fez ſinal que o poſeſſem no chaõ. Polo naõ deſconſolarem trouxeraõ o ſeu feltro, eſtenderaõno em terra, e lançandoſe nelle de boa vontade, pedio logo que lhe trouxeſſem o Sacramento da Extrema unçaõ: e eſteve prontiſſimo em quanto lhe foy miniſtrado, e no cabo bei-

Pſal. 65.

beijou a Cruz, e levantando as maons ao Ceo disse: *Benedictus Deus, qui non amouit orationem meam, & misericordiam suam à me.* Querendo dizer: Bendito seja o Senhor, que nem apartou de si minha oraçaõ, nem de mim sua misericordia. Saõ palavras do mesmo Psalmo, donde tomara as que atràs temos referido: e sendo assi que se alguma vez tomava Latins na boca, naõ se lhe deixava entender cousa distinta, como quem era totalmente idiota, e rude pera os especificar, referio estas com taõ propria, e taõ espevitada pronunciaçaõ, que todos os Padres ficaraõ cheyos de maravilha, e julgavaõ que jà eraõ rayos da sciencia, e claridade Divina que começavaõ a allumiar, e enriquecer aquella alma. Sobrevindolhe logo huma pequena onda de esmorecimento cerrou os olhos, e a boca, e ficou livre dos trabalhos da vida, sobindo a alma aos braços de seu Criador.

Psal. 65.

CAPITULO X.

Das exequias, e officio da sepultura: e do sintimento geral com que foraõ celebradas.

TEmeose grande tumulto de povo em casa se se publicasse a morte do Santo Frey Pedro antes de sepultado: determinouse daremno à terra acabadas Vesperas. Durava ainda o costume de se lavarem os corpos dos defuntos (cousa desuzada jà oje por pouco decente, e parecida com as superstiçoens Gentilicas) encomendouse o cargo a dous Sacerdotes velhos, hum Frey Afonso Banha seu Confessor, outro Frey Estevaõ Acha. Estes Padres lhe acharaõ hum aspero, e largo cilicio taõ apertado, e unido com a carne de muitos annos, que lho naõ poderaõ tirar, se naõ cortado. E as Religiosas do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraiso da cidade o pediraõ, e guardaraõ com devaçaõ em memoria de seu dono. Fezse o officio da sepultura a portas fechadas no claustro: e foy sepultado no cemiterio commum do Capitulo, na cova em que de alguns annos atràs jazia o Padre Frey Alvaro Murzelo: foy a rezaõ alem da que atràs tocamos, que largo tempo fora seu Padre espiritual. Naõ bastou tanta prevençaõ pera encobrir o que se fazia: e concorreo tanta gente ao terreiro da Igreja, e batiaõ com tanta força nas portas, que naõ faltava mais que poremlhes machados pera as arrombar. No dia seguinte amanheceo no meyo da Igreja huma èça honestamente composta pera celebrar o officio funeral com a pompa devida a taõ benemerito filho. Acodio a cidade toda com tanto numero de gente, que naõ avia quem se podesse valer com aperto: e cuydando que tinhaõ aly o corpo presente descobriraõ, e revolveraõ o tabernaculo, e tumba da èça algumas vezes. Foy solenizado o officio com muitas lagrimas dos Religiosos, pranto do povo, e clamores desconsolados dos pobres. Vieraõ celebrar no mesmo dia polo defunto dez Clerigos pobres, a que costumava dar de comer todos os dias com charidade, e respeito entre as duas portarias: e eraõ tantas as lagrimas, e soluços

ços de cada hum, quando chegavaõ a dizer ſeu reſponſo, que nem peito nem voz tinhaõ pera o pronunciar. Ajudavaos a Igreja toda obrigada da dor propria, e da que via nelles: que pode muito no ſentimento, como em tudo a companhia, e exemplo. Mas excede quanto ſe pode eſcrever o que paſſou na ſepultura, quando acabado o officio ſe ouve de cantar ſobre ella o ultimo reſponſo. Entrou o povo traz a Communidade ſem ficar homem nem molher na Igreja: aly foy a força, e a confuſaõ de novo, por chegarem a tocar a terra que cobria o corpo ſanto, e amado de todos, o pranto renovado, e trocado em gritos, e alarida, o canto dos Religioſos de maneira perturbado, e interrompido, que nem pera rezar ſe ouviaõ, nem pera cantar ſe entendiaõ. Acabado tudo, naõ acabava a gente de ſe apartar do lugar, moſtrando tal afſeiçaõ com elle, que parecia quererem deſenterrar o defunto. E naõ faltando receyos diſſo nos Religioſos, fizeraõ ficar homens de guarda no Capitulo, que tarde, e com trabalho puderaõ ver deſpojado. Entaõ cahiraõ na conta, de quaõ acertado fora o conſelho do enterro ſecreto. Porque ſegundo Frey Pedro era amado, e ſua virtude em alto grào eſtimada, naõ ouvera forças que poderaõ tolher aos homens trataremno com pouco reſpeito, à conta de ſe enriquecerem de ſuas reliquias. Bem ſoube dizer hum Gentio, que ſe a virtude podera dar viſta de ſi, e de ſua belleza, naõ ouvera olhos que podeſſem com a claridade de ſeus rayos, nem coraçoens que do fogo de ſeu amor ſe defendeſſem.

Marc. Tull.

Naõ andava Frey Pedro pola terra, naõ viſitava as caſas, nem ſabia as ruas: ſò era viſto quando entre os pobres esfarrapados repartia pedaços de paõ, e pouca comida, taõ remendado, e taõ pobre como elles. Mas eſtando eſcondido no canto do ſeu Moſteiro era conhecido de toda huma grande cidade: e dentre aquelles remendos dava taes luzes a virtude, que cegava olhos, e abraſava almas, quando vivo com ſua preſença, e deſpois de morto com ſaudades della.

Os Religioſos, que mais ſabiaõ delle, e mais perdiaõ em tal companheyro, avendo que por ſer como em cauſa propria eſtavaõ obrigados a encobrir o ſentimento, e uſar menos demonſtraçoens, fizeraõ todavia eſte dia huma aſſaz piadoſa. Era tarde quando ſe deu fim à ſolemnidade: fezſe ſinal pera o jantar, acodiraõ todos os Padres ao ſitio em que ſe juntaõ pera entrar no refeitorio (chamamoslhe poyo) mas naõ avia nenhum taõ amigo de ſi, que em tal dia cuidaſſe em comer. Foy a junta pera pedirem de acordo ao Prelado, que à honra do defunto comeſſem os pobres o jantar inteiro da Communidade. Deu o Prelado a licença: ſahiraõ quatro Padres a repartillo. Mas ainda aqui teve mais força o amor de Frey Pedro, que a fome, e neceſſidade: creceo a ſaudade nos pobres com a viſta de novos repartidores, renovouſe o pranto com a falta do antigo. Naõ he genero de encarecimento. Sobiaõ os gritos ao Ceo, as lagrimas, e ſoſpiros naõ davaõ quietaçaõ, nem lugar de comer: pedindolhes os Padres que comeſſem pola alma de Frey Pedro,

dro ; e elles pola meſma rezaõ perdendo o goſto, e apetite da comida.

Naõ ſe poz pedra nem letreiro na ſepultura de tal Santo, que declaraſſe o dia em que faleceo, e ſinalaſſe o lugar em que foy lançado. Aſſi ficou ſeu corpo como o de Moyſes, ſabido o monte, mas ignorado o ſitio. Seguiraõ niſto os Padres daquelle tempo o brio, por naõ dizer deſcuido, dos antepaſſados: e confeſſaraõno os ſucceſſores, perdendo a memoria do lugar certo em que jaz, naõ avendo duvida que he dentro do Capitulo. Naõ quero culpar ninguem, por naõ renovar a cada paſſo magoas ſem remedio: e doume por ſatisfeito com que dentro ſe vè hoje huma pedra em lugar alto com hum letreyro Latino, que contem o ſeguinte.

Deut. 34.

FRater Petrus huius domus Cænobita laicus in hoc ſacello ſepultus eſt in incerto loco: cuius vita ſanctimonia & prophetia clara literis proditur. D. A. M. DC. I.

A ſignificaçaõ he.

FRey Pedro Frade leigo deſte Convento eſtà ſepultado neſta capella ſem conſtar de lugar certo. De ſua vida illuſtre por ſantidade, e profecia andaõ livros eſcritos. E eſta memoria ſe lhe poz no anno do Senhor de mil ſeiſcentos e hum.

Dado fim à vida deſte Santo, naõ ſerà bem ficarnos por dizer a rezaõ que tevemos pera eſcrever delle neſte Convento, ſendo filho de Aveyro, contra a ordem que atè aqui levamos. E digo que fizemos nelle exceiçaõ, obrigados do nome que tem por toda a Provincia de Frey Pedro de Evora: polo qual he taõ conhecido, que fora culpa notavel contra ſeu nome, e contra a devaçaõ que Evora lhe tem, ſe lhe naõ deramos memoria neſte lugar.

CAPITULO XI.

De outros filhos deſte Convento dignos de memoria.

VIvia por eſte meſmo tempo, e no meſmo Convento outro Irmaõ leigo, que na idade podia ſer pay do Santo Frey Pedro, e na Religiaõ era ſeu diſcipulo: chamavaſe Frey Afonſo das Vinhas. Tinha quaſi noventa annos de idade, e aſſi na oraçaõ como em outros exercicios de virtude trabalhava por ſeguir as piſadas do que tinha por meſtre: e ſendo a idade tal que de muito atraz o deſobrigava dos rigores ordinarios da Ordem, elle naõ ſò os atu-

rava com toda puntualidade, mas nenhuma Sesta feira do anno deixava de jejuar a paõ, e agoa: estimando a vida larga, naõ pera alivio, e descanço, mas pera lavar com mais penitencia culpas da mocidade. Que se pera este fim naõ queremos os annos dilatados todo o outro he indigno: porque sendo o quartel da ultima velhice todo *labor*, *& dolor*, sò pera o offerecermos a Deos com as diligencias deste bom velho o deviamos presar ou sofrer. Ajuntava a esta penitencia hum exercicio naõ menos pesado pera forças taõ quebradas da idade, o qual era varrer por sua maõ o claustro do Convento duas vezes cada semana: e naõ se contentava com menos que varrer tambem o pateo delle. Como era jà avido por incapaz de officio certo, e por isso naõ fazia nenhum, dizia que folgava de merecer nisto o paõ que comia, pois era vivo pera pejar huma cela, e hum lugar no refeitorio: e morto pera servir, e trabalhar. Contase delle, que atè o ultimo dia de taõ larga carreira conservou no sembrante huma composiçaõ de tanta modestia, e gravidade, e no trato, e conversaçaõ tanta mansidaõ, e sofrimento, que era hum particular, e aprazivel espectaculo: porque naõ representavaõ menos aquelles noventa annos, que hum novicinho dos mais mortificados, e melhor criados do Convento.

Devese segundo lugar por antiguidade despois de Frey Pedro ao Padre Mestre Frey Andre de Resende natural da cidade de Evora, de geraçaõ nobre, e filho de habito do Convento, e que nelle foy noviço em vida do Irmaõ Frey Pedro, como parece do que atràs temos contado. Costumavaõ naquelle tempo alguns Frades, que tinhaõ desejo de saber, e possibilidade de bolsa, sair do Reino; e yrse estudar a Paris, pola falta que avia de estudos em Portugal. Assi o fez Frey Andre, e porque tinha boa habilidade tornou aproveitado nas letras, principalmente nas humanas, e na lingua Latina, com a qual deixou escritas algumas obras que hoje saõ de muita estima. Entre ellas foy huma a vida de S. Frey Gil de Santarem, que despois se imprimio em Paris: e he a mesma que nòs seguimos nesta historia. Tambem tirou à luz algumas antiguidades da cidade de Evora, com juizo, e curiosidade de bom antiquario: e compoz hum officio de S. Gonçalo de Amarante, com huns hymnos de taõ fina poesia, que se sente nella o cheyro da melhor, e mais polida dos celebres Poetas antigos. Em Portuguez escreveo a vida do santo leigo Frey Pedro, de quem, como della consta, foy particular conhecido, e amigo. E por todas estas rezoens nos pareceo digno desta memoria.

Deste Convento era filho, e nelle vivia, e delle foy pera o Ceo no anno de 1574 o Padre Frey Pedro de Montemor, velho na idade, e envelhecido em virtudes, e nos santos exercicios dellas. Vivia huma vida comum, em conversaçaõ igual, e religiosa, sem singularidades que em publico o fizessem notavel: mas a alma, que pera com Deos era singularmente santa, mostrou no cabo os bons empregos da longa vida. Esperava jà po-

pola ultima hora em remate de huma comprida doença, armado dos Santos Sacramentos da Igreja. E era vigiado dos Irmaons de casa de noviços, como quem naturalmente hia acabando. Parecendo a alguns que fazia jà termos pera espirar, eis que esperta ou resucita subitamente, e mostrando extraordinarios sinaes de alegria no rosto, que jà cobriaõ sombras de morte, chama polos noviços dizendo com voz que espantou de robusta, e vigorosa: Irmaons, Irmaons fazei reverencia, e sauday a Sacratissima Virgem Mãy de Deos, e Senhora nossa, cantailhe com muita devaçaõ a sua Antifona: *Salve Regina.* Prostraraõse os innocentinhos por terra entoando entre gozo, e temor os versos santos, mas naõ dando fè do que o enfermo via. E elle cheyo de consolaçaõ, e prazer, como quem adormecia com a musica que pedira, dormio no Senhor.

CAPITULO XII.

Do insigne varaõ o Padre Mestre Frey Luys de Granada.

Tit. Livio dec. 5. l. 5.

DEu o Romano Emilio Paulo, venturoso conquistador da Macedonia, dous filhos seus a duas familias gravissimas, quaes eraõ a dos Scipioens, e a dos Fabios, pera continuarem nellas como adoptivos appellido, e successaõ: sahiraõ ambos taes, que honraraõ o nome de quem os buscou, e naõ menos o de quem os deu. Bem quadra isto com dous insignes varoens que nos deu Castella: hum o Mestre Frey Francisco de Bobadilha, de quem avemos de escrever ao diante: outro o Mestre Frey Luis de Granada, de quem agora diremos; ambos adoptivos desta Provincia, e ambos pera grande louvor della, e da terra que os gerou, e nolos deu; hum perfilhado neste Convento, que foy o Padre Frey Luis, o outro no de Benfica. Mas confesso que pera escrever do Mestre Frey Luis, me acontece o mesmo que Marco Tullio de si affirmava quando queria orar: Elle tremia com todos os membros: a mim caeme o coraçaõ, e a penna, e as maons se me tornaõ paraliticas. Porque escrever maravilhas de varoens pouco conhecidos no mundo, por grandes que ellas sejaõ, he obra de gosto, mais que de trabalho: mas falar de quem està celebrado por todas as provincias, e naçoens do mundo, naõ sò por pennas alheyas, mas muito mais pola sua propria, temo ficar tanto atràs do que se lhe deve, que fiquem por minha culpa muito abatidas suas grandes calidades. Assi offereço fazer officio de escritor singello apontando sòmente os passos, e successos de sua vida. E aconselharey a quem quizer saber muito della, e delle, que tome nas maons seus livros, e deste naõ faça caso: porque aqui naõ acharà mais que hum debuxo (como dizem) de morta color, e là acharà o mesmo Frey Luis vivo, e com todas suas cores. Saõ os escritos hum verdadeiro retrato de seu autor. Que se he verdade, como he, que a voz ordinaria, o riso, os meneos, a atè o passeo descobrem o que jaz escondido no peito de qualquer homem, mais rezaõ he que seja descuberto polo que he ver-

P. 2. l. 1. M. Frey Anton. de Sena na

Cron. f. 321. Marieta na vida deste P. Serafino Razzi na Cron. da Ordem f. 275.

Eccl. 19.

dadeiro parto do entendimento, como saõ os escritos de cada hum. Quem quizer saber qual era o espirito deste Padre, quaes suas letras, seu entendimento, sua eloquencia, e suas forças em trabalhar: leaõ por elle, e por suas obras. Taes saõ ellas, que jà naõ ha naçaõ no mundo onde naõ ajaõ penetrado. Chegaraõ aos Turcos, passaraõ aos Persas, e atè aos ultimos Chins: e està averiguado que se tem jà traduzido em nove linguas: e que saõ lidas com louvor atè dos mesmos inimigos da fè (que naõ pode ser mayor encarecimento) hereges de todas as seitas, Mouros, Gentios, e Judeus. A todos espantaõ, e a muitos convertem.

Começando pois o que toca à nossa obrigaçaõ. Naceo este Padre na cidade de Granada no anno de 1504, que foy o mesmo em que Deos quiz dar à sua Igreja, e despois vestir no mesmo habito o grande lume de santidade o Papa Pio V. Sendo minino succedeo ter rezoens com outro, das quaes vieraõ aos cabellos, e a trataremse mal: foy sua ventura acertar de os ver de huma janela o Marquez de Mondejar, e mandandoos apartar, ouvir despois o que o nosso disse em sua desculpa: que foraõ humas rezoens taõ concertadas, e com tanta viveza, e graça representadas, que o Marquez affeiçoado, e espantado, quiz saber seu nacimento: e constandolhe da pobreza, e humildade delle mandou a hum criado que tomasse a cargo fazello aprender, e estudar. O nacimento, que o mesmo Padre nunca negou, antes com muita alegria confessava muitas vezes, era ser filho de gente taõ humilde, e de huma mãy taõ pobre, que se sustentava de servir os Frades do nosso Convento de S. Domingos que chamaõ santa Cruz la Real, ora lavando, ora amassando. Nesta idade das primeiras letras lhe começou Deos a dar inclinaçaõ, brio, e desenvoltura pera prègador: ouvindo os sermoens nas Igrejas ajuntava despois por ouvintes outros de sua idade, e referiaos com tanta energia, que fazia movimento notavel, e tal que lhe chamavaõ os mesmos com termo, e lingoagem pueril el Evangelizadero.

1504.

M. Frey Francisco Diago na vida deste P. c. 2.

Crecendo nos annos affeiçooulse à casa, onde elle, e a mãy comiaõ o paõ, pedio o habito, terçou por elle pobreza, e habilidade. Acreditou logo seu noviciado com pedir ao Mestre licença pera partir sua pitança com a mãy. Em huma sò obra duas virtudes: piedade com quem o gerou, abstinencia comsigo. Nos principios tomou apellido de Sarria por alguma relaçaõ que teria com Galiza. Como tinha jà fama de habil foy mandado apoz a profissaõ ao Collegio de S. Gregorio de Valhedolid. Com o estudo descobrio engenho, juizo, madureza, e adiantou em tudo tanto, que com poucos annos de escolas deu grande letrado, e famoso prègador. Tornou passado o estudo pera a natureza, e Convento de que era filho, e foy exercitando o pulpito com tal espirito, que ouvindoo hum grande servo de Deos, e estremado prègador, disse por elle, que naõ cuidava menos, senaõ que assi como Santo Thomas viera ao mundo pera alumiar entendi-

men-

mentos, nacera tambem Frey Luis pera abrazar coraçoens. E na verdade foy verdadeira profecia. Porque procedendo o tempo, assi nas praticas particulares, como no pulpito, e em seus escritos mostrou ser hum estremo naquella parte que nas da oraçaõ tem o primeiro, e mais essencial lugar, que he mover, e persuadir. Porque sendo todas as outras, e a mesma oraçaõ ordenadas sò ao fim de obrigar os ouvintes a se deixarem vencer do que ouvem, claro fica que melhor orador serà quem desta mais tiver. Ajuntavase que jà nesta primeira idade era conhecido por recolhimento, oraçaõ, e penitencias: e como sobia ao pulpito a persuadir o que fazia, sahia a lingoagem ardendo em fogo, e taõ viva, e affervorada que fazia maravilhosos effeitos.

M. Frey Francisco Diago na vida deste P.

Aconteceolhe hum dia em hum auditorio de grande numero de povo (dizem que foy em Cordova) ou fosse por ser mandado prègar de repente, ou por outra rezaõ que naõ consta: posto no pulpito tirou de hum Missal que levava, e por ser em Sesta feira da semana Santa começou a lèr: *Passio Domini Nostri Jesu Christi*: e sem lèr mais, foy declarando que cousa era paixaõ, quem era o que padecia, e porque padecia. Fez tamanha impressaõ o novo modo de propor, foraõ os termos taõ levantados, e sentidos, pronunciados com tanto encarecimento, que o povo todo arrebatado, e compungido entrou em hum pranto nunca visto, e tal que nem o prègador teve lugar de ir adiante, nem o povo pera mais ouvir, e foy força acabar. Neste tempo tinha trinta annos de idade, e foy a occasiaõ de ir a Cordova, encarregarlhe o Mestre Geral da Ordem Frey Joaõ Fenario vindo pessoalmente visitar a provincia de Andaluzia, que tresladasse o Convento de Escala Cæli de Cordova, que estava em huma serra, e em sitio pouco sàdio pera dentro da cidade.

CAPITULO XIII.

Vem o Mestre Frey Luis a Portugal à petiçaõ do Cardeal Infante: perfilhase polo Convento de Evora. He eleito Provincial. Dase conta da Ordem que tinha em Lisboa em sua vida, e estudos.

FOy o Convento de Escala Cæli fundado por hum Frade Portugues, de que he rezaõ ficar memoria nestes escritos: ainda que seja com pouca distinçaõ, e clareza, sabemos que se chamava Frey Alvaro, e que na mesma casa he tido por Santo: do que he bom argumento sabermos tambem que foy muito estimado da Emperatriz dona Izabel molher do Emperador Carlos Quinto, e irmaõ del Rey dom Joaõ o Terceiro de Portugal. Tanto credito tinha jà aquerido o Mestre Frey Luis nos trinta annos de idade, que com muita segurança foy eleito por hum Geral pera tal cargo. Mas nesta residencia de Cordova, e na tresladaçaõ que fez do Convento adiantou muito mais em reputaçaõ de virtude, e penitencia, e espirito. Porque aqui começou ajuntar com a prègaçaõ o trabalho de escrever livros espirituaes: nos quaes se occupava com grande continuaçaõ, e encerramento: e pera

dar

dar boa conta de tudo mestura-va com tal exercicio estreitas penitencias. Conta dellas o Mestre Frey Francisco Diago Aragones, que succedeo huma noite a certos fidalgos mancebos passarem por junto do Convento, e ouvirem a toada de huma rigurosa disciplina, que por ser no silencio de alta noite, e tomada com força se deixava bem ouvir: e de mistura com ella soavaõ a espaços huns gemidos taõ profundos, e tristes, que ficando por huma, e outra cousa penetrados de dor, e compunçaõ os ociosos, desistiraõ da jornada, que naõ devia ser muito de serviço de Deos: do que foy final que no dia seguinte entraraõ polo Convento, e averiguado que era elle o penitente, lhe deraõ as graças da mudança do conselho.

Tratouse entre tanto na Provincia fundar Convento em Badajoz. Pareceo que naõ podia ir pessoa pera o effeito mais a proposito: e encomendouselhe o cargo. Desta visinhança de Portugal entrou por elle a fama de suas prègaçoens, e vida: e chegando ao Infante, e Cardeal dom Anrique à cidade de Evora, da qual tinha aceitado a prelacia, naõ tardou em pedir ao Padre Geral que lho desse pera esta Provincia, nem se contentou com menos que trazello perfilhado logo polo Convento da mesma cidade. Que por essa rezaõ lhe coube aqui seu lugar. Nesta cidade procedeo de maneira, que sabidamente foy de grande utilidade pera todo o Arcebispado, e naõ menos pera o Reino. Porque com as prègaçoens, confissoens, conselhos, e devaçaõ em que occupava os dias, servia aos presentes: e com os livros que compunha, a que dava as noites, acodia aos ausentes naturaes, e estranhos. Por maneira, que nenhuma hora sua deixava de ser fructuosa.

Com taes occupaçoens se fez por estremo amado do Cardeal, e del Rey dom Joaõ seu Irmaõ, e de todos os Principes do Reyno, que entaõ eraõ muitos: e de seu conselho, e letras se ajudavaõ nos negocios mais graves. Daqui foy tirado pera Provincial desta provincia, quando acabou a vida antes de acabar seu quadriennio, o Mestre Frey Joaõ de Salmas: e foy eleito por fim de Outubro do anno de 1557. Teve esta honra huma particularidade bem de estimar: que avendo muitos annos que a Provincia desejava, e procurava ser governada por sojeitos Portuguezes: porque avia nella pessoas de grande talento: os mesmos, que podiaõ pretender o cargo, foraõ os que lhe deraõ o voto. Estimou o Cardeal a honra do prègador, porque vio nella acreditado seu juizo. Mas naõ o foy menos no cuidado com que o Mestre Frey Luis exercitou o cargo. A' sua diligencia devemos o Convento que a Ordem tem na grande villa de Montemòr o Novo, como diremos em seu lugar: à mesma deve o Convento de Lisboa o Mosteiro, e Igreja que hoje possue de Ansede como atràs fica contado: e a cidade de Braga, e o Reyno todo lhe està obrigado polos bens, que resultaraõ da eleiçaõ do grande Arcebispo dom Frey Bertolameu dos Martyres. Porque elle foy o promotor, e principal conselheiro della: sendo assi, que a Rainha dona Caterina, que ficou

1557.

cou governando o Reyno por falecimento del Rey dom Joaõ o Terceiro, e em nome del Rey dom Sebastiaõ seu neto logo se servio delle, e o fez seu confessor. E tambem sabemos que no Convento de S. Sebastiaõ de Setuvel teve tanta maõ, ainda que foy começado por mandado del Rey dom Sebastiaõ, sendo Provincial o Padre Frey Estevaõ Leitaõ, que elle foy o que lhe lançou a primeira pedra, e assistio nos principios da fabrica como autor principal della. Acabados os quatro annos de seu cargo, e alguns meses mais por Junho do anno de 1562 ficouse no Convento de Lisboa, e nelle residio despois em quanto viveo.

1562.

As occupaçoens de sua vida sempre foraõ as mesmas que dissemos de Evora atè o ultimo suspiro. Da ordem que tinha nella, e nellas diremos agora alguma cousa. Levantavase de ordinario às quatro da manham: gastava atè às seis, parte em oraçaõ mental de que foy sempre taõ grande seguidor, como bom escritor; parte em se aparelhar pera o Santo sacrificio da Missa. Celebrava às seis com tanta devaçaõ, e reverencia, que movia muito a quem o via, e ouvia: e naõ lhe ficava dia sem este divino pasto, porque era lingoagem sua que o melhor aparelho pera elle era a continuaçaõ quotidiana, reprovando muito os que por medo, ou demasiada reverencia se privaõ de tamanho bem, que se nos dà de graça; e o mesmo Senhor, que o dà, tem por honra sua aceitarmolo. Seguia ao sacrificio oraçaõ, e graças: e indose pera a cella chamava de caminho quem lhe escrevia.

O modo de escrever era mandando primeiro ler algum livro que ouvia por espaço de huma hora: logo começava a dictar passeando quasi sempre: e dictava atè às dez. Entaõ despedia o escrevente, e tomava elle a pena, e escrevia atè às onze em materias differentes das que tinha dictado. A horas de jantar decia a comer sempre na Communidade o que nella se dava, naõ lhe esquecendo nunca deixar boa parte pera os pobres. Se algumas vezes jantava fòra da mesa conventual por indisposiçaõ, ou por lhe ter tomado o tempo algum negocio forçado, fazia lèr em quanto comia do que pola manham tinha dictado, e mandava riscar ou acrecentar o que lhe parecia. Isto fazia ou por naõ perder aquelle tempo, ou por naõ ficar comendo sem a liçaõ que ouvera de ter na Communidade. Levantado da mesa hia visitar os enfermos: e a visita naõ era sò perguntar pola saude, mas tambem se tinhaõ falta de alguma cousa principalmente se eraõ hospedes em que estava mais certa a necessidade: e porque a modestia naõ aceita offerecimentos, e a presunçaõ ordinaria he contra elles, que por isso lhe chama o mundo comprimentos como a cousa superficial, e que naõ tem raiz na vontade, avisava os enfermeiros que de segredo se informassem da verdade, e dandolhe conta do que achavaõ proviaos do que tinha com larguesa. Da enfermaria buscava a conversaçaõ dos Padres onde estavaõ juntos, quando avia licença de palrar, e alegremente se detinha com elles atè meya hora: e tornando pera a cella re-

repousava outra meya, e às vezes sò hum quarto, cousa que naõ se podia chamar sono.

Se avia Noa, acodia a ella, e sempre estendia o espaço, porque naõ era facil em despegar do sabor da oraçaõ. Nos tempos em que naõ avia Noa, logo à huma chamava o escrevente, e gastava atè noite, ou atè Completas dictando. Despois de Completas, em que nunca faltava, ficava ordinariamente em oraçaõ atè às dez, e isto em pè, ou assentado no chaõ. A cea, quando era tempo dellas, fazia de ordinario com dous ovos, que por sua maõ assava ao lume de huma vela com artificio que pera isso tinha por escusar criado, que nunca teve: e esta cea tomava polas onze da noite. Tal era a vida do Padre Frey Luis em S. Domingos de Lisboa, e por este teor a continuou em quanto teve forças, e robusteza, ajuntando ao que temos dito cilicios, e disciplinas continuas, mais ou menos asperas, segundo os tempos: porque destas alfayas possuhia differentes generos, e como cousa amada, sò dellas tinha chave: cilicio de sedas seco, e bem fero pera de ordinario, de ferro delgado ou lataõ, que chamaõ folha de Frandes, de que se fazem os ralos, usava em Quaresma, e dias particulares: e ao mesmo modo disciplinas grossas, e outras de rosetas.

CAPITULO XIV.

Da pobreza voluntaria que o Padre Frey Luis seguia, e de sua grande humildade. Contaõse alguns casos em que se vio o que amava estas virtudes.

A Pobreza da cella era notavel pera em homem que avia governado a Provincia, e fora taõ estimado em todo tempo dos Principes, naturaes, e estrangeiros como adiante veremos. Naõ avia nella pintura rica, nem peça de estima, nem livrarias pomposas por numero de livros ou calidade, ou concerto: tinha os que convinhaõ pera estudo, naõ pera ostentaçaõ. Na cama naõ avia differença das comuns dos Frades ordinarios, senaõ em ser a sua mais pobre que muitas. O mesmo passava no vestido: naõ possuya mais que duas tunicas, nem mais que huns sòs habitos, que lhe duravaõ muitos annos, porque os naõ largava se naõ no ultimo fio. Averiguouse que se servia de hum sombreiro que tinha de uso quarenta annos, e huma capa de doze. E naõ nos espantaramos muito, se lhe faltara dinheiro de que se poder ataviar como proprio, ou se em seus amigos naõ ouvera charidade pera lhe acodirem. Sobejavalhe dinheiro da impressaõ de seus livros, que podemos chamar proprios, porque os Prelados naõ lhe punhaõ nelle taxa. E os amigos eraõ taes, que o importunavaõ que aceitasse delles, se quer o necessario pera viver com comodidade: porque tinhaõ poder, e desejos pera lhe darem atè o superfluo. Mas el-

elle nem deſtes queria nada: e o que lhe vinha dos livros aplicava à Communidade, ou deſpendia em eſmolas. Ao ſeu Convento de Granada mandou poucos annos antes que faleceſſe huma eſmola groſſa negoceada com ſeu ſuor, porque era procedida de ſuas impreſſoens. E com tudo ſaõ mais dignas de memoria as palavras com que a offereceo, que a meſma obra: eſcreveo ao Prior, que nos livros da receita do Convento mandaſſe fazer aſſento que Frey Luis de Granada filho da lavandeira, e amaſſadeira delle, por ſer filho de habito do meſmo emviàra a tal eſmola. Aſſi nos deixa em duvida quem teve aqui primeiro lugar, ſe a charidade acodindo à caſa pobre, que era mãy: ſe a humildade em ſe lhe dar a conhecer por filho taõ pequeno. Mas tal era Frey Luis, que quanto mais illuſtre, e levantado ſe via no mundo, tanto mais cuydado tinha de ſe humilhar, e abater, e reconhecer ſeus principios.

Em Setuvel lhe aconteceo, quando entendia na fundaçaõ do Convento de S. Sebaſtiaõ, viſitaremno huns almocreves de Andaluzia, que vinhaõ a fazer peixe. Avia entre elles alguns que na verdade eraõ ſeus parentes. Recebeo a todos com tanta feſta, e tanto amor partindo com elles do que tinha pera ſeu gaſto, que acodiraõ outros a vello, e darſelhe tambem por parentes: e o bom velho dezialhes com graça, e grande affabilidade as palavras ſeguintes: *Algunos arrieros ſabia yo que eran mis parientes, però no penſava que eran tantos.*

A meſma humildade moſtrou com hum amigo, e devoto ſeu, que doendoſe da ſingeleza que lhe enxergou no veſtido em hum inverno ventoſo, e frio, lhe quiz fazer hum genero de roupa, que alguns neceſſitados, ou amigos de ſi uſaõ ſobre o habito (chamaſe na Ordem argao.) Reſpondeo, que verdade erà que andava falto de roupa: mas que lhe lembrava que a mantilha, com que ſua mãy o cobria quando ella pobre, e elle deſcalço, e esfarrapado hiaõ buſcar os pedaços de paõ, e o caldo da portaria do Convento de S. Domingos de Granada, era muito mais velha que a capa, e habitos que de preſente tinha. E acrecentou, que muitos homens de melhor ſangue avia na cidade, que paſſavaõ mais neceſſidades que elle. E por tanto a eſtes buſcaſſe, e acodiſſe com o preço do argao, que ſeria melhor emprego: que elle com a ſua pobre capa ſe dava por bem cuberto pera todo o inverno. Replicou o devoto confundido da repoſta dizendo, que todavia ſabia que a capa tinha jà doze annos de idade, e naõ podia tolher o frio a quem taõ velho eſtava como elle. Naõ ſe dobrou com nada, nem aceitou a offerta.

Ao Archiduque Alberto, quando governava eſte Reyno, fez queixa hum criado ſeu, por quem mandara viſitar ao Meſtre eſtando enfermo, dos eſtremos de pobreza de hum homem que merecia ſer viſitado com recados de Sua Al. mantas de panno groſſeiro, de conſumidas do uſo finas, e delgadas, tunicas groſſas, e aſperas, e tudo taõ velho que competia com ſeu dono. Mandou logo o Archiduque que lhe levaſſem huma cama intei-

teira nova, e ſeis tunicas de linho fino. Aceitou tudo como cortez, por honra de quem o mandava, mas de nenhuma couſa uſou, antes ficandoſe em ſua pobreza fez com o Prelado que aplicaſſe tudo pera a enfermaria.

Deſpois que chegou aos ultimos tempos da idade, que Deos pera beneficio commum foy ſervido eſtenderlhe atè os oitenta, e quatro annos, foy remitindo algumas couſas dos rigores referidos. Que quando a vida humana pola demaſiada idade torna à fraqueza da infancia: quando a lingua enfaſtiada naõ ſente jà ſabor nem goſto, os dentes ou ſaõ caidos, ou nadaõ na boca, o eſtamago naõ digere, e em fim tudo he trabalho, e dor, ninguem pode culpar que ſeja aliviado dos peſos communs quem deſda mocidade aturou o jugo com conſtancia. Todos eſtes males padecia o bom velho: e ſobre elles foy Deos ſervido, que tendo naturalmente a viſta curta, vieſſe a perdella de todo em hum olho à pura força de eſtudo. Foylhe mandado fazer hum Sermaõ de hum dia pera outro, em occaſiaõ preciſa; trabalhou toda a noite, deitouſe junto da manham pera quietar a cabeça; acordando achou que ſe lhe vaſara a minina do olho. Mas nem deixou o Sermaõ, nem deſmayou: taõ conforme vivia com a vontade de Deos. Antes dandoſe por cego, e refirindo a elle tudo, determinou offerecerlhe os ſentidos, que lhe ficavaõ com novo ſacrificio de verdadeira humildade, e bom exemplo pera os tempos preſentes. Merecem os cegos de ordinario a eſmola tangendo: conſiderou que podia tambem aſſi merecer o paõ da Religiaõ, e poz em execuçaõ o penſamento, aprendendo a tanger tecla, e ſoubeo fazer facilmente, porque o ajudava o canto de orgaõ em que era deſtro. Com tudo, ou foſſe que a falta de huma viſta, como he coſtume, esforçaſſe mais a outra, ou que quiſeſſe o Senhor naõ privar ſua republica dos fruitos de tal eſpirito, e de tais olhos: achando que a naõ perdia de todo, tornou a entender com os livros, e tomar a penna, e empregalla como dantes: e valiaſe de hum meyo com que ſentia alivio, que era eſcrever em papel de cores. E alguns deſtes vieraõ a noſſa maõ eſcritos no tempo que começava a querernos dar de ſua letra a vida do Santo Arcebiſpo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, que ainda vivia.

Pſal. 89.

CAPITULO XV.

De ſua morte, exequias, ſepultura, e epitafio della.

VIvia o Padre Frey Luis jà neſte tempo quaſi meyo morto nos ſentidos: mas freſco, e bem robuſto nas potencias da alma. Enchiao o Senhor de conſolaçaõ, e gloria com lhe moſtrar grandes fruitos de ſeus eſtudos, fazendolhe vir às maons alguns de ſeus livros traduzidos em quaſi todas as linguas de Europa, e em algumas de fòra. Porque ſabidamente tinhaõ chegado a Turquia, e à Perſia, como o eſcreve o Padre Frey Antonio de Gouvea da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que deſpois foy eleito Biſpo da Chriſtandade daquellas partes com

Lib. 1. c. 13. f. 38.

com titulo de Sirene, affirmando que vio presentar a el Rey da Persia por maõ de hum gentilhomem Veneciano o seu livro do Symbolo da Fè ricamente encadernado, e traduzido em lingua da terra.

Mas porque o enemigo do genero humano a nenhuma idade perdoa, e ainda naquella ultima velhice por ventura tentaria levantar azas de vangloria: permitio o Senhor que succedesse na cidade de Lisboa hum caso que grandemente quebrantou o santo velho. E foy taõ vivo o desgosto que recebeo, por ser materia em que o mesmo Senhor fora offendido, que finalmente, segundo a opiniaõ commum, elle lhe abreviou os dias da vida: e veyo a falecer ultimo dia do anno de 1588 em idade que tinha cumpridos oitenta e quatro, e passava delles tantos meses, quantos tinha tomado do de 1504 em que nacera. No dia seguinte depois de Completas foy dado à terra. Celebraraõse suas exequias com grande concurso de povo, acompanhamento de gente nobre, e Religiosos de diversas Ordens, dos quaes foy tratado como varaõ que tinhaõ por Santo, beijandolhe muitos os pès, e maons, e outros tomando, e levando retalhos do habito. Deuselhe sepultura no Ante coro, cuberta de huma campa de jaspe, e entalhada nella a letra seguinte, que foy escolhida entre muitas, que em seu louvor se fizeraõ, por ser mais conforme com a certeza de suas cousas.

1588.

Frater Ludouicus Granatensis ex Prædicatorum familia, cuius doctrinæ maiora extant miracula Gregorij Decimi Tertij Pontificis Maximi oraculo, quàm si cæcis aspectum, mortuis vitam impetrasset: Pontificia dignitate sæpius recusata clarior: mira in Deum pietate, & in pauperes misericordia, insigniumque librorum ac concionum varietate toto Orbe illustrato, ætatis suæ anno 84 *Vlyssipone moritur magno Reipublicæ Christianæ desiderio pridie Kalend. Ianuarij anno* 1588.

Em vulgar responde o seguinte.

O Padre Frey Luis de Granada da Ordem dos Prègadores, cuja doutrina foy tal, que por dito do Papa Gregorio decimo Tercio mayores milagres obrou, que se de Deos alcançara vista pera cegos, e vida pera mortos: mas muito mais famoso, porque sendo buscado muitas vezes pera Bispo, sempre enjeitou a honra: insigne por devaçaõ, e amor de Deos, e por caridade com

os pobres: tendo allumiado toda a redondeza da terra com diverſidade de excellentes livros, e ſermoens, faleceo em Lisboa aos oitenta e quatro annos de ſua idade com grande ſaudade de toda a Republica Chriſtam, ultimo dia de Dezembro, e do anno de 1588.

CAPITULO XVI.

Do grande credito que ſua peſſoa, e eſcritos tinhaõ por toda a Chriſtandade entre todo genero, e eſtados de gente.

DEraõ grandes, e illuſtres teſtimunhos das letras, e erudiçaõ, do eſpirito, devaçaõ, e ſantidade deſte varaõ, ſabios, e doutos eſcritores, ſenhores Eccleſiaſticos, e ſeculares, Reys, e Principes, e em fim o Principe, e ſenhor de todos, que he o Vigario de Chriſto na terra. E começando polos letrados, ſegundo o que propuſemos ſeja o primeiro o inſigne varaõ naõ ſò em letras, mas tambem em virtude Martim de Aſpilcueta Navarro, o qual no prologo do ſeu Manual de Confeſſores que imprimio em vulgar no anno de 1557 alegando alguns homens doutos diz aſſi: *De los quales fue aquel de ſingulariſſima vida y eſpirito, ſummo predicador & igual eſcritor Fr. Luis de Granada gran gloria de los Dominicos, &c.*

Naõ dizem menos as palavras do Inquiſidor de Sicilia dom Luis de Paramo, no livro que compoz do principio da Santa Inquiſiçaõ; e ſignificaõ traduzidas o ſeguinte: *Bem entendia iſto o Padre Frey Luis de Granada: no qual reſplandeceo em grande maneira o conhecimento da Divina ſabedoria, &c.*

L. 2. t. 3. c. 2. §. 1.

Mais que ambos ſe eſtende o Padre Frey Fernando de Caſtilho, que como quem era de caſa e ſabia muito do ſojeito fala aſſi.

P. 1. l. 3. c. 43. na Cronic. da Ord.

ENtre los quales contamos al Padre Fray Luis de Granada Predicador univerſal de todas las prouincias de Chriſtianos, que deſde ſu celda ha muchos dias que haze eſte officio, alumbrando y enſeñando al mundo con ſus muchos libros y tratados llenos de eſpirito y erudicion: por quien ſe ha renouado en nueſtros tiempos el ſanto exercicio de la Oracion, y ſe ha hecho vna general reformacion de las coſtumbres en el pueblo Chriſtiano, tal y tan grande, que aunque en eſte lugar lo quiſieramos paſſar en ſilencio (por ſer viuo el autor) no lo conſintieran los Reynos y Prouincias Catholicas en Eſpaña, Italia, Francia, Flandes, Alemania, ni las Indias Orientales y Occidentales: adonde con los trabajos deſte Padre deſcançan, y ſe

con-

suelan los fieles, y traen sus libros entre las manos cada vno en la lengua vulgar de su tierra, aprenden la Castellana para entenderlos o aprouecharse dellos toda suerte de gentes en todas naciones, y de todas edades, de todos officios, y de todos estados: confessando por sus bocas sin contradicion alguna, que no es pequeña señal de aver sido inspiracion del Cielo.

Seria fazer grande volume se escrevessemos tudo o que muitos disserao. Bastarà irem alegados na margem. Busqueos quem for curioso.

Naõ engrandecem menos as letras deste Padre todos aquelles que com seus escritos quiseraõ honrarse, ou aproveitar aos outros como fizeraõ muitos, entre os quaes foy o Padre Frey Barnabe de Xea, com hum livro intitulado: *Annotationes in Evangelia totius anni de Tempore & Sanctis, ex omni in vniuersum, quæ hucusque extat doctrina admodum Reverendi Patris Magistri Fratris Ludouici Granatensis.*

O mesmo fez Miguel de Isselt Alemaõ, o qual escreveo dous livros em lingua Latina, e chamou a hum delles: *Flores colhidas de todos os livros espirituaes que compoz o Padre Frey Luis de Granada.* E o titulo do outro he: *Paraiso de Oraçaõ tirado das obras do Padre Frey Luis de Granadà, e de outros Padres Santos.*

O devotissimo Lourenço Surio traz em suas obras alguns sermoens inteiros declarando que saõ do Padre Frey Luis de Granada, como se pode ver nas festas da Visitaçaõ, e Assumpçaõ de N. Senhora.

O Bispo de Novara Çesar Speciano, que despois foy Nuncio Apostolico na Corte de Castella fala taõ largamente, e com tanta admiraçaõ nas cousas do Padre Frey Luis, que se naõ fora sua grande autoridade, e sabermos as poucas relaçoens que com Portugal teve, o puderamos lançar de sospeito. Vejase o livro que escreveo da vida do grande Arcebispo, e Cardeal de Milaõ S. Carlos. Porque seria cousa muy comprida apontarmos aqui tudo o que diz.

O que naõ fez por escritos publicos, mostrou em obras, e cartas particulares o Santo varaõ dom Joaõ de Ribera filho do Marquez de Tarifa Arcebispo de Valença, e Patriarcha de Antiochia. Com as cartas se encommendava affectuosamente nas oraçoens do Padre Frey Luis, sendo taes as proprias, que podia valer com ellas a muitos. E juntava a suas cartas esmolas grossas de dinheiro pera serem repartidas por taõ justo dispenseiro, como tinha por certo que o era o Padre Frey Luis.

De senhores particulares do Reyno, e de fòra delle, que com grande familiaridade trataraõ este Padre estimandoo muito, puderamos apontar grande numero: mas bastarà pera exemplo nomearmos alguns estrangeiros, como foraõ o grande Governador de exercitos o Duque de Alva dom Fernando Alvarez de Toledo quando se achou em

em Lisboa, onde acabou: e o Duque de Beijar, que sendo ainda Marquez de Gibraleaõ veyo disfarçado a Lisboa, e o visitou, e se lhe descobrio em sua cella. De Italia vieraõ Fidalgos principaes em habito de peregrinos, affirmando que o fim principal de sua peregrinaçaõ era quererem conhecello de rosto. Sobre todos se lhe mostrou domestico, e amigo o Principe do mar Joaõ Andre de Oria vindo a Lisboa no anno de oitenta e dous: porque naõ se contentou com menos que tomar papel, e tinta dentro na sua cella, e escrever à Princeza sua molher, pedindolhe os parabens de taõ boa ventura sua, como julgava, que era poder fazer aquella carta de tal lugar.

1582.

Podemos colher de tudo o dito, e affirmar com rezaõ que naõ ouve entre os nacidos homem que sem ser Principe secular nem Ecclesiastico fosse mais estimado, nem mais famoso no mundo. E com tudo ainda nos fica muito que dizer. Fama publica he confirmada por dito, e escritos de muitos, que a Raynha dona Caterina o escolheo, e nomeou pera Arcebispo de Braga. E seu neto el Rey dom Sebastiaõ lhe quiz dar outros Bispados. E quanto à primeira prelacia naõ sò a naõ aceitou: mas deu pessoa em seu lugar pera ella, como atràs fica dito, que foy fazer Arcebispo que he mais que sello. As outras refusou com humildade, e valor Apostolico. El Rey dom Felippe Primeiro deste nome em Portugal, quando entrou nelle, mostrou tanto desejo de o ver, que estando ainda em Almada o mandou chamar, e lhe falou, e o tratou com grande benignidade: e com a mesma lhe ouvio alguns sermoens na capella Real de Lisboa.

Dos Cardeais S. Carlos de Milaõ, e Frey Miguel Bonello Alexandrino sabemos certo, que o primeiro foy efficaz promotor com os Papas Gregorio XIII., e Xisto V. pera que o honrassem naõ sò por escrito, mas com o Capello de Cardeal: e o segundo o estimou tanto, que vindo a Portugal por Nuncio, disse publicamente, que o gosto de o poder ver lhe fizera o cargo saboroso: e ambos o trataraõ por cartas toda a vida, com particular familiaridade pedindolhe suas oraçoens.

CAPITULO XVII.

Que contem humas letras Apostolicas, com que o Summo Pontifice honrou sua pessoa, e escritos.

Restanos pera conclusaõ do mais, que podiamos dizer do Padre Frey Luis, o que he mayor gloria, e mayor encomio seu, digo as honras que o Principe supremo da Igreja lhe fez. Constaõ estas de hum Breve que o Papa Gregorio Decimo Tercio lhe mandou, que anda acostado a algumas obras suas, e diz assi.

DIlecto filio Aloysio Granatensi Ordinis Prædicatorum Gregorius Papa Decimus Tertius. Dilecte fili, salutem, & Apostolicam benedictionem. Diuturnus atque assiduus labor tuus in hominibus, tum à vitijs deterrendis, tum ad vitæ perfectionem vocandis fuit semper nobis gratissimus: ijs vero ipsis, qui suæ cæterorumque salutis, & Dei gloriæ desiderio tenentur, fructuosissimus iocundissimusque. Multas olim conciones habuisti, libros præstanti doctrina & pietate refertos edidisti, idem quotidie facis, nec vnquam cessas præsens atque absens quam plurimos potes Christo acquirere. Gaudemus isto, tum aliorum, tum tuo ipsius tam præstanti bono & fructu. Quot enim ex concionibus scriptisque tuis profecerunt (profecisse autem per multos, quotidieque proficere certum est) totidem Christo filios genuisti, longèque illos maiori beneficio affecisti, quam si cæcis aspectum, aut mortuis à Deo vitam impetrasses. Præstat enim multò sempiternam illam lucem & vitam beatissimam (quoad mortalibus datum est) nosse, & piè sanctèque viuentem ad eam aspirare, quam mortali hac vita & luce frui, omni cum terrenarum rerum affluentia & voluptate. Tibi verò ipsi quàm multas à Deo coronas comparasti, dum omni cum charitate in eo studio versaris, quod constat esse longè maximum. Perge igitur vt facis, in istam curam toto pectore incumbere, quæque habes inchoata (habere enim te nonnulla accepimus) perficere, & proferre ad ægrorum salutem, debilium confirmationem, valentium & robustorum lætitiam, vtriusque, tum militantis tum triumphantis Ecclesiæ gloriam. Datum Romæ apud sanctum Marcum sub annulo Piscatoris die XXI Iulij M.D.LXXXII. Pontificatus nostri anno vndecimo.

Antonius Buccipalulius.

Em vulgar responde o seguinte.

A Nosso amado filho Frey Luis de Granada da Ordem dos Prègadores, o Papa Gregorio Decimo Tercio. Amado filho, saude, e bençaõ Apostolica. Sempre

pre nos foi agradavel o trabalho, com que continuais, e perseverais assi em procurar apartar os homens de peccados, como em os convidar, e chamar pera a perfeiçaõ da vida: trabalho cheyo de fruito, e gosto pera os mesmos que desejaõ a salvaçaõ dos proximos, e sua, e estimaõ a gloria, e honra de Deos. Muito tendes prègado em tempos atràs; muitos livros tendes composto de santa, e poderosa doutrina: o mesmo fazeis de presente, naõ cansando de ajuntar gente pera Christo ao perto, e ao longe. Muito nos alegra isto, tanto polo bem, e fruito que resulta pera outros, como pera vòs mesmos. Porque quantos se aproveitaraõ de vossas prègaçoens, e livros (que averiguado he terem valido a muitos, e cada hora valerem, e aproveitarem a outros) tantos filhos gerastes pera Christo: e muito mayor bem lhes fizestes que se, sendo cegos, ou estando mortos, lhes alcançareis de Deos, pera huns vista, e pera outros vida; porque muito mais importa chegar ao conhecimento da soberana luz, e bemaventurança eterna, quanto he licito a hum homem mortal, e aspirar a ella por meyo da virtude, e santidade, que gozar da luz, e vida presente, ainda que seja com toda a abundancia dos bens, e gostos da terra. No que tambem ganhastes pera vòs muitas coroas empregandovos por amor de Deos em taes cuidados, nos quaes sois continuo, e aturado. Por onde prosegui, e trabalhai como fazeis a toda a força, e levai adiante as obras que tiverdes começadas, que sou informado trazeis algumas entre maons, e fazei polas acabar, e publicar pera saude dos enfermos, confirmaçaõ dos fracos, alegria dos saons, e valentes, e honra da Igreja militante, e triunfante. Dada em Roma em S. Marcos aos vinte e hum de Julho de 1582 aos onze annos de nosso Pontificado.

Sucedeo ao Papa Gregorio na Cadeira de S. Pedro o Papa Xisto Quinto da Ordem de S. Francisco, o qual conhecendo o valor do mesmo Padre, e o muito proveito que tinha feito na Republica Christam com seus escritos, determinou em galardaõ delles fazello Cardeal: e estorvouse a promoçaõ, porque muito antes de entrar em creaçaõ de Cardeaes publicou, e communicou esta vontade a alguns do sagrado Collegio: e chegando a nova, como logo chegou a Portugal, sabemos de cer-

certo que se affligio com ella sobre maneira: e que com toda instancia escreveo a seu grande amigo o Cardeal Alexandrino Frey Miguel Bonello Frade nosso, que mostrasse o amor que lhe tinha, e a honra que sempre lhe fizera em lhe estorvar esta. E por tal modo deixou de vir a effeito. Do que daõ bons testimunhos o Bispo de Novara Cesar Especiano na vida de S. Carlos: e os Padres Frey Joaõ Marieta, e Frey Francisco Diago em seus escritos.

CAPITULO XVIII.

Do Padre Frey Reginaldo de Melo filho deste Convento.

DEste Convento de Evora era filho, e nelle acabou seus dias o Padre Frey Reginaldo de Melo de espirito verdadeiramente Apostolico, e taõ penitente que atè à ultima doença, de que faleceo, e ainda no discurso della atè a hora que foy ungido, andou sempre singido à raiz das carnes com huma cadea de ferro de duas voltas, fechada com cadeado, e a chave perdida, pera perder tambem toda esperança de alivio. A este modo era todo o trato da vida. Na cella naõ avia mais livros que hum Flos Sanctorum pera estudo, hum breviario pera rezar hum enxergaõ de palha, e mantas de saco pera cama, hum pequeno banco de pinho pera assento, negro, e defumado de velho. De toda a mais commodidade, e alfayas que a velhice permitte, e as doenças desculpaõ estava totalmente erma. As tunicas que vestia (avendo por cousa mimosa a estamanha, que usamos commummente em Portugal, pola mistura que tem de linho) eraõ de huma que na Provincia chamamos de Elvas, e naõ tem mais differença do saco que ser mais solta, e mais delgada, sendo da mesma lam, e taõ seca, taõ mordente, e aspera como o mesmo saco. O dormir inverno, e veraõ era vestido, seu escapulario posto, e capello metido na cabeça. Nunca comeo carne, salvo por doença: nenhuma sesta feira de todo anno tomava mais mantença que hum bocado de paõ, e este à noite acompanhado de huma laranja azeda em honra do fel, e vinagre de Christo Senhor Nosso: nos mais dias, de tudo quanto vinha à meza, tanto que lho punhaõ diante, tirava precisamente ametade pera os pobres, com quem tinha taõ particular devaçaõ que nunca sahya fòra de casa, sem levar alguma cousa pera lhes dar: e era costumado todas as sestas feiras buscar sinco mais necessitados: e em reverencia de Christo pay delles repartirlhes huma pobre esmola que buscava, e negoceava como podia, que eraõ quando mais naõ alcansava sinco moedas de tres reis cada huma, com ellas sinco quartos de paõ. Esmola fraca, e pobre, mas era tudo, ou ainda mais de quanto abrangia a possibilidade de quem tudo tinha deixado por Deos: e do mundo naõ queria nada. Sua vida se resolvia em hum perpetuo encerramento na cella, despois de livre das occupaçoens ordinarias do Convento: e nella em hum perpetuo exercicio de novo genero de oraçaõ, que era toda lagrimas, e gemidos. A todo tempo que o bus-

cassem, vertiaõ seus olhos agua, e o peito batiaõ suspiros, sem se poder reprimir nem encobrir: obra de que se arguhiaõ grandes, e soberanas causas, as quaes elle tinha cuidado de esconder com hum segredo taõ constante, que se mostrava bem verdadeiro imitador dos nossos antigos Padres. Mas por toda a Provincia tinha nome de santo, conjeiturando os que bem julgavaõ por rezaõ de espiritual Filosofia, que naõ podiaõ sair duas fontes de agua perene, senaõ de hum coraçaõ que ardesse em fogo (fogo de amor divino) conforme ao que està escrito: *Fulgura in pluuiam fecit.* Por ser tal foy buscado desde moço pera suprior em alguns Conventos, e despois pera Vigario de Freiras, e foy Prior em Evora, como se vè de sua sepultura, e em outras partes.

Ps. 135.

Temos hum bom testimunho de outro grande mestre de espirito, que foy o Arcebispo Primas dom Frey Bertolameu dos Martyres, varaõ nunca louvado quanto merece. Chamalhe em huma carta o seu Apostolo de Coira, porque em tal tempo andava prègando naquelle districto, que he da Diocesi de Braga. Mas era testimunho de amigo: que se por tal podia causar sospeiçaõ, daremos muitos de hum enemigo capital qual era Lucifer, que descobria com raiva as virtudes que aborrecia no servo de Deos. Perseguiao na cella, e fóra della a todo tempo, fazialhe medos, perturbavao na oraçaõ. Porem aviao com soldado velho, e sabio, que delle nenhum caso fazia: e quando mais afrontado se via, pagavase com lhe dizer quem era, em muitos vituperios: dos quaes ficou hum em memoria que por mais injurioso, e mais sintido do enemigo, devia o Santo repitir muitas vezes: pera notar de feo, e nogento a quem foy taõ fermoso, que competia com a estrella d' Alva, acertavalhe com o nome: chamavalhe moquenco.

No livro de sua vida impresso em Viana l. 2. c. 14.

Esai. 14.

Sendo muito velho, e cahindo na ultima doença, de que acabou, deu ella causa de se lhe sintir o ferro que cingia, poque jà taõ tarde que foy ao receber da santa Unçaõ. Entendido do Prelado mandoulhe com preceito que o lançasse fòra. Mas que remedio, que naõ avia chave? Deulho a mesma infirmidade, que o tinho reduzida a estado, que fazendolhe a cadea dantes algumas chagas de apertada, agora lha despiraõ facilmente polos pès: taõ consumido estava. E he circunstancia de grande consideraçaõ que vivendo muitos annos entrevado, e tolhido de quasi todos os membros, e sendo penoso pera quem jaz qualquer cingidouro, sofreo este, que por ser de ferro avia de ser penosissimo, atè a ultima hora. Lidava jà com a morte, e naõ se podia acabar com elle que mudasse a cama: obrigouo Prelado com obediencia. Passaraõno a colchoens, e lençois. Mas foy mataremno mais depressa com o mimo: como aconteceo ao outro, que tirado do lago meyo congelado, mas vivo acabou logo na recreaçaõ do fogo que aceitou. Com rios de lagrimas pedia que o tornassem ao seu antigo, e conhecido leito, se queriaõ que vivesse algum dia mais. Naõ consintio a caridade dos enfermeiros, pagouo

gouo a vida do Santo, concluyose logo.

Em premio de virtude taõ provada, e final de tempos mais politicos, ou menos severos, se esculpio huma letra Latina em sua sepultura, de que he bem se naõ perca a memoria, quando a pedra se gastar: Diz assi.

REuerendus Pater Frater Reginaldus de Mello quondam huius cænobij præfectus vir sanctitate, & austeritate vitæ insignis hic situs est.

AQui jaz o Reverendo Padre Frey Reginaldo de Mello, Prelado que foy deste Convento, varaõ insigne por santidade, e rigor de vida.

Mas ainda se vè descuido nesta memoria: pois lhe faltaõ os annos que teve de idade, e o em que acabou. Procuramos averiguallos, e achamos que o transito foy no de 1596 polo mez de Mayo, e que jà entaõ passava alguns de setenta. A cadea se estimou, como era rezaõ, e anda hoje no deposito do Convento guardada em huma bolsa por thezouro, e moeda de preço.

CAPITULO XIX.

Da estranha penitencia, e morte do Padre Frey Duarte de Oliveira.

POucos annos despois faleceo neste Convento o Padre Frey Duarte de Oliveira, que à grande virtude, e vida muy religiosa, e boas letras ajuntou famosa eloquencia. Foy hum dos Padres que nesta Provincia mayor nome ganharaõ na prègaçaõ, e com mais justiça o possuiraõ: porque se viaõ nelle juntas todas as partes que a outros illustraõ repartidas, graça natural, meneo ayroso, e grave, elegancia de palavras, agudeza de rezoens, e conceitos: e de tudo isto tinha tanto, que naõ podia acabar consigo fazer sermaõ curto: e sò disso era tachado. Porque faltaõ nesta idade os entendimentos de hum Tullio, que sendo perguntado qual lhe parecia melhor de todas as oraçoens de Demosthenes, respondeo que a mais comprida. Digna reposta de taõ grande juizo. Porque na verdade nunca o que de sua natureza he bom, pode perder, ou danarse por muyto: nem o que he mao, melhorar por pouco. Como prègava com obras, e palavras era sua prègaçaõ fogo que abrasava, espada que penetrava. Assi era estimado, e buscado de todos, e particularmente amado do grande Prelado dom Theotonio de Bragança.

Como era de contino occupado neste ministerio, sintia naõ poder acudir aos exercicios de penitencia, tanto quanto seu espirito o inclinava. E era ponto, em que ordinariamente fazia muita força, amoestar a todos

dos prevençaõ, e provimento de penitencia pera o dia da morte, onde he obrigaçaõ satisfazer de contado: affirmando com exemplos dos Santos, que atè aos mais perfeitos (naõ sò aos peccadores) convinha fazer alforge della, e naõ guardar a paga pera a outra vida. Neste discurso se affervorou hum dia com grande vehemencia, e por remate fez huma exclamaçaõ a Deos com affeito, e palavras saidas da alma, pedindolhe que fosse servido dar em sua vida algum meyo, com que nella pagasse as penas, que por seus peccados avia de padecer no Purgatorio. Naõ despreza o Senhor petiçoens justas, porque delle nace o espirito pera sabermos pedir: e naõ devia ser esta sua sò daquelle dia. Passado pouco tempo, começou a sintirse indisposto, passou alguns annos caindo, e levantando. Em fim veyo a cair de todo com hum mal de tal calidade (como ha tantos, e taõ varios pera hum miseravel corpo humano) que sem o acabar, lhe acabou, e jarretou todos os membros, sintidos, e potencias, e deixoulhe sò final de vida no movimento do pulso, e olhos: ficou em tudo o mais como hum tronco, provido de espirito vegetativo, recebendo a mantença, se lha davaõ: e naõ na pedindo, se lhe faltava. Foy caso novo, e nunca ouvido, que passou neste estado sem alteraçaõ nem mudança seis annos inteiros: e no cabo de taõ longa, e extraordinaria penitencia, foy Deos servido que tornasse em si pera morrer. Era por fim de Dezembro do anno que acabava de 1600, e em dia de S. Joaõ Evangelista: notava o enfermeiro, que avia dous dias que quasi naõ comia nada do que lhe dava, e tirava muito do peito com o folego apresurado: pareceolhe que era acabar, chegouse a elle, bradoulhe dizendo, que soubesse que era dia do Evangelista S. Joaõ; que se era seu devoto, comesse por amor delle. Espertou a esta voz como quem sae de huma pesada modorra, ou de encantamento, ouvio, entendeo, falou, e respondeo: foy correndo o enfermeiro ao Prior, que era o Padre Mestre Frey Antonio Tarrique deputado do Santo Officio, que lhe desse confessor; mandoulhe o Padre Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ que entaõ lia no Convento, e agora lè na Universidade de Coimbra Cadeira de Prima de Theologia. Achouo com perfeito juizo, e discurso; e conhecido do estado em que estava, que era no ultimo fio da vida: Assi se confessou como virtuoso, e como letrado: e estava tanto no cabo, que naõ ouve tempo pera lhe darem o Viatico, e sòmente foy ungido, e acabou logo. A vida passada era taõ boa, e a confissaõ presente foy tal, que o Prelado affirmou, que se o dia seguinte, em que o deraõ à terra, naõ fora dos Santos Innocentes, em que a Igreja muda paramentos, com os de festa lhe ouvera de celebrar as exequias, como a Santo, que por tal o tinha, e que naõ era inconveniente o successo de naõ poder receber o Santissimo Sacramento, porque todos sabiaõ que muitas vezes o recebera quando andava enfermo, antes de cayr naquelle adormecimenta mortal.

Contase deste Padre, que com

com ser continua a sua occupaçaõ de prègar, todas as vezes que era chamado pera fazer alguma confissaõ, acudia muito levemente, e de boa vontade. E succedendo hum dia chamallo hum irmaõ leigo em conjunçaõ, que ao mesmo parecia impossivel deixar o que fazia, elle se levantou, e largou tudo dizendo: Vamos, vamos. Que sey eu se me faltarà a my a Confissaõ, quando eu faltar com ella ao proximo? Pagoulhe Deos nesta parte tanto à medida da necessidade, como vimos: pera exemplo, e aviso do que està escrito: que pola mesma vara que medirmos pera nosso proximo, se ha de medir pera nòs.

Mat. 7.

Mas devemos neste passo grandes louvores à Misericordia Divina, que dando trabalhos, logo sabe dar os meyos pera serem toleraveis. Assi proveo a Frey Duarte de hum enfermeiro taõ piadoso, e humano, que como se fora mãy, e mãy muito maviosa, e elle filho minino, e muito querido, assi curava delle, assi o alimpava, e pensava, e amimava: e fazendo rara, e penosa penitencia na penitencia alhea constantemente o servio atè o ultimo espirito. Grande gloria da Religiaõ, e grande boa ventura dos que a sabem buscar, pois sò nella se achaõ estes milagres de caridade. Naõ diremos o nome, por seguirmos o que avia o Espirito Santo, que he naõ louvar ninguem em vida. Baste ficar sabido que era Irmaõ leigo, pera se consolarem elle, e os de seu estado, e nos animarmos todos os que trazemos este santo habito a exercitar com todas as forças esta virtude, lembrados que por testamento nos foy encommendada por nosso santo fundador.

Eccl. 11.

He este Convento pobre de antigualhas dignas de escritura. E porque se veja que nos naõ faltou diligencia pera as inquirir, daremos aqui huma letra de huma sepultura, que achamos no claustro, ao parecer das bem antigas da casa, que pola sentença naõ desmerece este lugar.

Ne fleas viator. Hoc non mortem putauit Franciscus. Quiescunt boni mortui. Cessant peccare improbi. Quasi dizendo: Naõ me chore ninguem: que eu Francisco naõ tive por morte o acabar. Descançaõ os que bem acabaõ. Acabaõ de peccar os que mal vivem.

No Capitulo jazem dous Bispos, ambos Frades Dominicos, e filhos do Convento de Lisboa: ambos titulares, e do serviço da Santa Sè de Evora, no tempo que della era Prelado o Cardeal Infante, que despois foy Rey dom Anrique. Hum he dom Frey Gaspar dos Reys Bispo de Tripoli: outro dom Frey Jeronymo Pereyra Bispo de Salè. De ambos fazemos atràs larga mençaõ.

L. 3. c. 36.

CAPITULO XX.

Da fundaçaõ, e primeyros principios do Mosteyro de S. Domingos das Dònas de Santarem.

PEra tratarmos da fundaçaõ do muy observante, e antigo Mosteyro de Religiosas de S. Domingos da villa de Santarem, a quem a idade antiga com cortezia, e devaçaõ, e por mais res-

respeito, e honra poz nome das Dònas, he necessario tomarmos o principio de muito atràs, e tornarmos com a historia aos annos, e memoria do glorioso Padre S. Frey Gil. Porque assi como nosso Santo Patriarcha foy o primeiro autor de recolher donzellas em perpetua clausura, começando em Tolosa, e despois em Roma, e Madrid: foy tambem S. Frey Gil principio, e causa originaria em Santarem do primeiro encerramento de virtuosas donzellas, e de outras molheres, que deixado o mundo se determinaraõ a seguir o Divino Esposo, em huma vida quanto ao corpo penosissima, mas pera o espirito verdadeiramente Angelica. E passou o negocio desta maneira. Despois que a religiosa donzella Elvira Duranda obrigada da visaõ celestial, que largamente contamos no segundo livro, deu de maõ a todos os bens, e esperanças da vida secular: e ficou voluntariamente reclusa entre quatro paredes, polos annos do Senhor de 1240, sem mais differença de sepultura, que ficarlhe na pequena cella huma muy estreita fresta, ou sèteira, que lhe servia de luz, e de receber por ella o mantimento, e a seus tempos os Santos Sacramentos da Confissaõ, e Communhaõ: naõ pode largar nunca a devaçaõ da casa em que Deos a alumiou. Vestia o habito de S. Domingos, confessavase, e consolavase com os nossos Religiosos, e esforçada de suas exortaçoens, e conselhos corria o caminho daquelle deserto com alegria, e constancia. Algumas vezes a visitava, e consolava o Santo Padre Frey Gil; e vendo o valor de espirito, com que procedia dava graças ao Senhor, espantado do muito que pode a mais fraca natureza, quando he ajudada da graça. Animavaa, e encomendavaa a Deos com grande affeito: e quando se achava entre seculares falava nella com tanto louvor, que juntas suas palavras ao que toda a villa por seus olhos via, e sabia da perpetua penitencia a que se condenara, espertaraõ santa enveja em muitas donzellas nobres, e compungiraõ outras molheres pera se determinarem a semelhante empresa. Começaraõ duas, seguiraõ outras, e pouco, e pouco mais, fazendo suas celinhas separadas, e cada huma de per si: e traziaõ todas o habito de S. Domingos, à imitaçaõ de Elvira Duranda, como fora a primeira naquelle genero de vida: e por sua conta acodiaõ os nossos Frades a todas com a administraçaõ dos Sacramentos. Daqui naceo entaõ darlhes o povo nome de Freiras de S. Domingos, naõ tendo porem deste Santo mais que a piedade, com que o Santo Frey Gil, e seus Frades por sua ordem lhes assistiaõ: e a devaçaõ, e o habito que ellas voluntariamente usavaõ: como naquelle tempo naõ avia rigores, com que hoje se costuma acodir a semelhantes eleiçoens.

L.2.c.22.

1240.

Naõ avia ainda em Santarem Mosteiro nenhum de Freiras. Porque o de Santa Clara, que foy o primeiro, naõ teve principio se naõ dezenove annos despois deste em que vamos, que foy o de 1259. Assi foraõ as reclusas em tanto crecimento, que chegaraõ as celinhas a formar huma boa rua, e eraõ em numero quasi vinte: e como estavaõ divididas,

1259.

das, e postas em ordem occupavaõ muito sitio: e este se estendia da Ermida da Trindade contra o Convento de S. Francisco. Nos primeiros annos eraõ estimadas de toda a terra, e de todos os Religiosos bem vistas, como gente santa, e que na verdade o era. Mas correndo o tempo começaraõ os Padres Menores, que por este tempo eraõ vindos a fundar em Santarem no sitio que hoje tem, a aver por pesada a visinhança. Porque imaginando dantes, que como aquelle genero de Religiaõ fora principiado sem fundamento, assi cahiria brevemente por si, viaõ agora que levava caminho de se perpetuar: era a rezaõ, que as que faleciaõ deixavaõ as cellas a parentas ou amigas, que logo as pejavaõ: e naõ faltava quem de novo edificasse outras. E sentiaõ os Frades prantarlhes em suas portas hum mosteiro (que por tal o aviaõ jà) de molheres. Fizeraõ primeiro requerimento aos Frades do nosso Convento, pedindolhes, que pois aquellas molheres eraõ jà em tanto numero, que faziaõ hum bom mosteiro, e traziaõ o habito de S. Domingos, e se davaõ por Freiras suas no vestido, na obediencia, e no governo, quisessem tirallas da visinhança de Convento alheyo, e passallas pera junto de si. Defendeose o nosso Prior com a verdade, dizendo que as chamadas Freiras sendo como eraõ emparedadas, lhe naõ pertenciaõ a elle, nem à sua Ordem em nada. Porque no temporal era cada huma senhora de si: e sò no espiritual lhes acodia, como estava obrigado a todas as mais pessoas daquella villa quando o buscavaõ: e se o fazia com mais prontidaõ, naõ era respeito do habito, pois esse tomado por eleiçaõ propria, e naõ dado por Prelado da Ordem, pouca obrigaçaõ lhe punhaõ: senaõ por ser gente que procedia com grande exemplo de virtude, e muitas dellas eraõ do melhor da villa: e huma cousa, e outra as fazia naõ sò dignas de favor, mas tambem de veneraçaõ. E pola mesma rezaõ ficavaõ elles Padres Menores obrigados a naõ as inquietar. Naõ se deraõ elles por satisfeitos de reposta taõ justificada, e poseraõ logo o negocio em praça, e em litigio, requerendo juntamente as emparedadas pera despejarem o sitio. He de advirtir pera o diante, que os escrivaens dos autos, que na contenda se processaraõ, como se faziaõ em Latim, quando falaõ nestas molheres lhe chamaõ *Dominas*: que he o primeiro fundamento, que achamos pera neste nosso Mosteiro começar o nome de Dominas, que hoje dura. Avogou polas emparedadas virtude, e nobreza, e a posse em que estavaõ. E como os Reys deste Reyno por sua muita Christandade vigiaraõ sempre sobre a quietaçaõ, e bom governo das Religioens, que era grande meyo pera a observancia andar em seu ponto: el Rey dom Afonso Terceiro, que entaõ reynava, affeiçoado a huma, e outra Ordem, escreveo logo aos Geraes de ambas dessem traça como a questaõ se definisse extrajudicialmente, e sem passar a escandalos, por juizes arbitros. Correo a materia com toda a formalidade como era guiada por el Rey. Nomearaõse juizes, foraõ confirmados por seus mayores. Ouve juntas, e consultas,

e era

e era el Rey de animo taõ pio, ou avia taõ pouco em que entender naquelle bom tempo no governo do Reyno, que se quiz achar nellas, e dar seu voto na sentença como qualquer dos Juizes. Sentenciouse a causa em

1261. dezesete de Novembro de 1261. Mandouse que atè dia de Natal proximo fossem os Frades de S. Domingos obrigados a fazer mudar as reclusas (chamalhes a sentença Latina, Fratrissas) que traziaõ o seu habito, e pera onde ficassem apartadas das Igrejas de S. Francisco, e da Trindade: porem com tal declaraçaõ, que se ellas por terem comprado o sitio por seu dinheiro, ou polo direito da posse quisessem nelle continuar, despiriaõ logo o habito Dominico, e ficariaõ incapazes de nomearem por morte as cellas em outras molheres pera effeito de seguirem nellas o mesmo modo de vida: e juntamente naõ receberiaõ, ou consentiriaõ em sua companhia daquelle dia em diante outra nenhuma emparedada. Publicouse a sentença, e mandou el Rey pendurar nella o sello Real. Mas naõ bastou isso pera as emparedadas consentirem no julgado, ou se averem por obrigadas às condiçoens delle: antes appellaraõ pera Roma, e souberaõ propor sua queixa, e ordenar taõ bem suas rezoens, que o Summo Pontifice, que era Urbano Quarto, cometeo o conhecimento da causa ao Bispo de Lisboa: diante do qual provando as reclusas, como provaraõ, que algumas dellas eraõ mais antigas no sitio, que os Padres Francifcanos na villa, sò por este fundamento, que era bastantissimo, julgou, e assi ficou determinado que fossem conservadas em sua posse por todo o tempo de sua vida.

CAPITULO XXI.

Mudaõ as emparedadas em encerramento commum o particular que tinhaõ: e ficaõ no mesmo posto em forma de Mosteyro. Recrecendo novas queixas, dàlhes o Convento de S. Domingos o sitio da Madalena.

HE nossa natureza muy amiga de se perpetuar. Festejando as emparedadas muito a sentença naõ se pode crer quanto se desgostaraõ do ponto ultimo, que restringia todo o favor às vidas das possuidoras. E foraõ logo cuydando que remedio averia pera vencerem esta contrariedade, e continuarem por si hum genero de vida taõ bem recebido na terra. Pareceolhes que se deixassem a singularidade em que viviaõ, e se reduzissem a viver juntas em Communidade, e com sua clausura, ficariaõ habilitadas pera a Ordem as receber por Freyras suas, como recebera as de S. Sixto em Roma: e assentavaõ, que como tevessem tal patrocinio, naõ tinhaõ que temer, porque a mesma Ordem pugnaria polas perpetuar recebendo noviças, e litigando por ellas com melhores armas, que as da primeira controversia. Sò nos modos sintiaõ difficuldade: porque estavaõ certos novos embargos, novas alteraçoens, e desgostos. Em fim resolveraõ trocar huma vez a clausura, por termo que aparecesse a cousa feita antes de sintida, e da melhor maneira que podesse ser: se naõ fosse da que mais

mais compria: e deixar o mais a beneficio do tempo, e da ventura. Naõ nos consta se foy o conselho communicado com os Frades: mas sabemos que o poseraõ ellas em execuçaõ com grande animo, e segredo igual. E passou assi.

Deraõ conta a alguns parentes do disenho: e como as mais dellas os tinhaõ na terra ricos, e poderosos, e que tomavaõ mal perderse aquella Congregaçaõ, apercebeose caladamente todo o necessario de materiaes, e petrechos, officiaes, e trabalhadores: e teve a traça taõ bom successo, que anoitecendo hum dia no seu encerramento particular, amanheceraõ no outro com clausura commum: e de emparedadas apareceraõ soltas, e livres das sepulturas, e ficaraõ juntas em communidade. Foy a ordem que cerraraõ de taboado alto, e empinado pola banda de fora as distancias, que avia entre todas, e cada huma das cellas: e no topo da rua junto do oratorio, que tinhaõ, ficou huma sò porta pera serventia, e portaria commum, sua campainha no alto. Em quanto os carpinteiros andavaõ cerrando, e cercando, trabalhavaõ pedreiros em abrir as cellas, e desencerrar as reclusas. E porque naõ faltasse nada pera representaçaõ de perfeito Mosteiro, abriraõ porta no oratorio guarnecida logo de grades de ferro, que estavaõ feitas com sua casinha de coro por dentro, composta da mesma madeira, segundo o tempo sofria pera assistirem nos officios divinos. Feito tudo com pressa, e brevidade naõ cuidada, faltava sò huma cabeça, que governasse, e a quem obedecessem todas. Como era ponto importante, tambem amanheceo Prioressa eleita, e obedecida, que foy Sancha Martins antiga, e muy santa religiosa.

Foy grande o alvoroço na villa com a nova transformaçaõ, e como eraõ favorecidas do povo, recebida com geral aplauso. Naõ pudemos averiguar em que anno ao certo sucedeo esta mudança: mas lançando contas, e conjeituras achamos, que devia suceder muyto adiante do de 1265. E a rezaõ que temos he, porque os que escrevem a visaõ, que foy causa do primeiro emparedamento de Elvira Duranda, affirmaõ que ella a naõ declarou, senaõ despois da morte de S. Frey Gil: e como este santo faleceo no de 1265, logo ainda vivia Elvira Duranda: e parece que a mudança se naõ devia fazer em dias de sua vida; porque se ella vivera, naõ lhe podia nenhuma preceder no cargo de Prelada. Donde ficamos collegindo, que como alcansou de dias ao Santo, e naõ foy eleita em Prelada da nova Congregaçaõ, e clausura, devia acontecer a mudança despois de sua morte, e polo mesmo caso adiante do anno de 1265. Assi ficaraõ vivendo em sua communidade, e melhorando pouco, e pouco as imperfeiçoens da obra subita, e tumultuaria, atè que o tempo, que com seu curso vay sempre acarretando novidades, produzio outra mayor, que em fim foy meyo de paz, e quietaçaõ de todas.

1265.

Levantaraõ grandes queixas os Padres Menores, vendo o que estava feito, julgavaõ que sua pretençaõ ficava em peyor estado, e as reclusas mais corrobora-

radas em sua posse: lançavaõ todas as culpas sobre o Prior, e Frades de S. Domingos, e naõ admittiaõ nenhuma rezaõ em contrario, ou por acreditarem as suas, ou porque na verdade assi o entendiaõ: e naõ pararaõ atè darem com a queixa no Mestre Geral da Ordem. Estava o Prior innocente, e mostrava ser injustamente culpado. Mas os homens prudentes atè as culpas injustas atalhaõ, se o podem fazer sem muita quebra (que he grande siso fogir de andar em linguas, e juizos das gentes.) Passados alguns annos de queixas, e demandas, lembraraõse os nossos Padres, que tinhaõ ocioso o sitio de junto à Madalena na porta de Mansos: onde avia casas antigas, e officinas principiadas do tempo que nelle pretenderaõ fundar Convento os Padres que vieraõ de Monte junto. E como naõ avia pera elle comprador, nem era rezaõ vender o que com esmolas fora aquirido: obrigados da devaçaõ, e constancia com que as emparedadas tinhaõ batalhado por ficarem no habito, e governo da Ordem, acordaraõ darlho: e assi de hum golpe acabar de cortar muitos inconvenientes juntos. Como o determinaraõ, assi o effeituaraõ com grande gosto, e alvoroço das pobres molheres, e dos Padres de S. Francisco, e de todo o povo: dellas por se verem em lugar que jà tinha nome de casa de S. Domingos, do qual se prometiaõ certeza de naõ serem engeitadas da Ordem, que lho dava: delles por se acharem desafrontados da visinhança, e livres de demandas: do povo porque amava, e tinha em grande conta as mesmas molheres.

CAPITULO XXII.

Passaõse as reclusas ao novo sitio da Madalena. Dàse rezaõ do nome de Dònas, com que atè o presente se nomeaõ as Religiosas deste Mosteyro.

NAõ quiseraõ perder tempo as devotas reclusas: e compondo brevemente algumas cousas da nova casa, que se naõ podiaõ escusar, passaraõ a ella acompanhadas dos Religiosos de S. Domingos, e de todo o povo com triumpho, e alegria geral. As memorias, donde colhemos o que vamos escrevendo, nomeaõ vinte e duas: a saber Maria Domingues a Castelhana, Tareja Martins, Maria Martins Pereira, Estefania Bassinha, Maria Pires Bassinha, Caterina Pirez, Maria Giraldes, Maria Garcia, Elvira Fernandes, Esteva Joaõ, Tareja Vicente, Maria Sueyra, Elvira Paez, Maria Joaõ Pacharra, Gracia Martins, Maria Fernandes Batalaria, Ouroana Catanha, Mayor Velasques, Domingas Joaõ, Maria Paula, Tareja Afonso, dona Enxemna ou Eugenia. Destas vinte duas a dona Enxemna, apontaõ as memorias, que veyo despois de novo. E tambem nos deixaõ em alguma duvida de qual das nomeadas era a Prelada: mas parece que devia ser Maria Domingues, que chamaõ a Castelhana, assi por estar nomeada em primeiro lugar, segundo costume das escrituras dos Religiosos, como porque se declara nas mesmas memorias quando della fazem mençaõ, que era avida por Santa. De Sancha Martinz primeyra Prelada quando se puseraõ

ſeraõ em Communidade naõ ha lembrança entre as nomeadas neſta paſſagem. Donde inferimos que ſem duvida era morta: e polo meſmo caſo que ouve eſpaço de tempo, e annos entre aquella primeyra mudança de vida, e eſta ſegunda do lugar. Do anno certo, em que eſta foy, tambem nos falta certeza, mas por ſucceſſos ſabidos confirmaremos logo quem ſuccedeo do anno de 1280 pera diante, deſpois que differmos alguma couſa da paz, e nome, que começaraõ a lograr de dònas, naõ de Freiras de S. Domingos.

Tinhalhes cuſtado tanto tempo, e trabalho chegarem a alcanſar eſte titulo, que aſſi o eſtimavaõ como ſe juntamente tiveraõ alcançado o effeito, e ſuſtancia delle. Alegravaõſe de ſe verem em ſoſſego, e tinhaõ por gloria reſultarlhes das opreſſoens recebidas com as demandas, e requerimentos dos Padres ſeus viſinhos, ſairem de emparedadas, (que era huma vida cativa, e ſem ordem nem inſtituto certo) pera hum modo de viver regular, e bem ordenado: e de huma pobre cerca de taboas ſem força de verdadeira clauſura, pera hum Moſteiro formado em todas ſuas partes, e acompanhado do titulo, que jà antes de o povoarem poſſuhia, de S. Domingos. Tanto que eſtiveraõ juntas neſte ſitio ficaraõ em Santarem tres Igrejas do titulo de S. Domingos, que eraõ eſta das Dònas, e a de Monteijras na Ribeira, onde primeiro moraraõ os noſſos Frades, como atraz fica dito: e a terceira do noſſo Convento que hoje permanece. E eſtas duas de Marvilla, pera aver diſtinçaõ, ſe nomeavaõ huma por Igreja de S. Domingos dos Frades, e a outra das Dònas. Naõ faltou quem cuidaſſe, que tivera principio eſte nome de Dònas no tempo em que viveraõ ſem profiſſaõ, nem regra, nem mais que huma ſimples clauſura, que foraõ muytos annos: nos quaes como as naõ podiaõ nomear por Freiras, os que queriaõ falar com propriedade, davaõlhe o nome honeſto, e cortez de Dònas. Outros julgavaõ mais materialmente; porque tomando argumento da ſignificaçaõ vulgar que hoje tem o nome de Dònas, quiſeraõ que eſte Moſteiro tiveſſe principio em algum ajuntamento de molheres viuvas honradas, que deixada caſa, e fazenda, quiſeraõ conſagrar a Deos todos os cuidados da vida. Mas na verdade huns, e outros ſe enganaraõ: porque o nome de Dònas reduzido à ſua verdadeira ſignificaçaõ tem ſeu principio no Latino Dominas, que he o meſmo que ſenhoras: com a qual geralmente eraõ tratadas as molheres moças, e donzellas, e mais em eſpecial as nobres, entre os Romanos mais cortezaons. Parece de Autores antigos em muitas partes. Suetonio falando de Claudio Emperador, e de Meſſalina ſua molher, diz aſſi: *Poſtquam in triclinio decubuit, cur Domina non veniret, requiſiuit.* Querendo dizer que deſpois de eſtar poſto à meſa, perguntou porque naõ vinha a ſenhora, que era Meſſalina. E melhor ſe vè em Eſtacio na poeſia de Achilles, quando introduzindo humas Ninfas, que finge acompanhavaõ ſua Princeſa nas agoas do Helleſponto, diz:

Sueton. Tranq. in vita Claudij Tib. c. 37.

Statius Achil. l. 1.

Idẽ Thebaid. 1.

diz: *Dominas non explicat æquor.* E noutra parte atè huma Furia do inferno honrou por moça, e donzella com o mesmo nome: *Et occursu Dominæ pauet.* Com a mesma significaçaõ foraõ tratadas nos tempos mais modernos, como se colhe da glossa sobre hum canon das Decretais, onde aponta que o tal canon reprende os que vaõ às Igrejas com tençaõ de verem as donzellas, e diz: *Ut videant dominas.* Começando este titulo nas moças, e donzellas em tempos mais antigos, foise aplicando a todas as molheres nobres, ou polo muito que se estima o titulo da mocidade (como he natural em todos sintirmos polo mayor defeito da vida a carga da idade) ou porque na verdade em toda a bem composta republica a nobreza he a que senhorea, e manda. Donde veyo dizer Plinio Segundo, quando trata dos trajos das Romanas nobres, declarando que sò ellas podiaõ por lei usar ouro, e pedraria: *Inserta margaritarum pondera è collo Dominarum auro pendeant.* Que he o mesmo que dizer, que as nobres, e senhoras podiaõ trazer ao pescoço fios de perolas engrazadas em ouro. Desta pratica procedeo a cortezia ordinaria na lingoagem Italiana como mais visinha da Latina, nomeando a toda molher nobre por Madona, como Madona Laura, Madona Vittoria, quasi dizendo *mea domina.* Deste mesmo principio se introduzio em Espanha o titulo de Dons, e de Donas em homens, e molheres, taõ estimado do povo, que quem sabe pouco da singeleza, e bom termo antigo, cuida que falta nobreza onde este falta.

2.p.Decr. Caus. 24. Quæst. 1. 1. Can. 28. Odi.

Plinio l. 33. c. 3.

Mas sendo este nome de Donas corrente, e ordinario da gente nobre, e naõ sò das moças, e donzellas: tanto que ouve freiras logo lhes pertenceo por ambos os titulos: de Donzellas, porque esta idade, e estado he o que melhor se dispoem a fugir do mundo, e que mais agrada ao Senhor delle: de nobres, porque das taes se povoaõ pola mayor parte os Mosteiros, ou porque he verdadeira nobreza servir a Deos, pois segundo as leis toda a molher segue a condiçaõ do marido, e como as freiras buscaõ, e recebem por esposo ao mesmo Christo, ninguem ha mais nobre que ellas: assi as nomearaõ logo por Dominas, e senhoras todos os escritores antigos, e o Martyrologio de Usuardo na vida de Santa Clara, pera dizer que começou esta Santa huma ordem de Freiras pobres, diz: *Pauperum Dominarum Ordinem inchoauit.* Começou huma ordem de senhoras pobres. Seguiraõ estes escritores ao dignissimo de ser seguido, e imitado S. Hieronymo em muitos lugares de seus escritos, e particularmente onde parece que foy sua tençaõ declararnos em todo o que vamos provando. Escreve a Santa Eustochio, e começa hum periodo: *Hæc idcirco, Domina Eustochium, scribo. Dominam quippe vocare debeo sponsam Domini mei.* Declarase o Santo, e diz que a chama Domina, e senhora: porque assim he rezaõ nomear a quem era esposa de seu Senhor.

Martyrolog. de Usuardo.

S. Jeronym. ep. 22. c. 1.

Donde fica claro, e entendido que o titulo de Dònas, que nossos antepassados deraõ em Santarem às suas emparedadas, antes, e despois de reco-

lhi-

lhidas no novo Mosteiro, que hoje conservaõ suas successoras, foy frasi de gente cortezam, e que sabia tratar com respeito a virtude, e nobreza: como tambem o faziaõ os Reys de Castella, e Portugal com o exemplo que sempre deraõ a seus vassalos de piedade catolica. Consta de palavras formaes de huma provisaõ passada por el Rey dom Fernando, que chamaraõ o Santo, em favor das Freiras de S. Domingos de Madrid, e trazida polo Mestre Frey Fernando de Castilho, que saõ as seguintes.

M. Frey Fern. de Castilho Cron. da Ord. p. 1. l. 2. c. 3.

F*Acio chartam concessionis, confirmationis & stabilitatis Deo, & vobis Dominabus de Ordine Prædicatorum apud Madrid commorantibus præsentibus & futuris &c.*

E a mesma honra, que por esta provisaõ se vè dada às Religiosas de Madrid, dà el Rey dom Afonso seu filho às do Mosteiro, que fundou na villa de Caleruega, nas casas em que naceo o Santo Patriarcha, sò com esta differença, que aquella era em lingua Latina, e esta na Castelhana, e o que a Latina chama, *Dominas*, a Castelhana diz com verdade *Dueñas*. Mas o que he mais de espantar, o mesmo Mestre Geral da Ordem naõ negou o titulo de *Dominas* às nossas Freiras de Santarem quando as recebeo, e encorporou na Ordem. E el Rey dom Dinis lhes dà o mesmo de Dònas em huma provisaõ sua, como huma cousa, e outra veremos a diante.

CAPITULO XXIII.

Das diligencias que fizeraõ as Emparedadas despois de mudarem o sitio, pera serem recebidas, e encorporadas na Ordem.

CEssaraõ as demandas, e contendas com a mudança, e passagem que as pobres reclusas fizeraõ pera a casa nova. Mas entraraõ com a paz em novos cuidados de alcançarem com effeito o que jà tinhaõ em sombra, e aparencias: que era serem pola Ordem admittidas a seu governo, obediencia, e proteiçaõ. A este fim foraõ fazendo suas diligencias sem perder conjunçaõ, mandando efficazes requerimentos aos Capitulos geraes com largas relaçoens do estado do Mosteiro, dos apertados encerramentos em que tivera principio, e da estreiteza, e recolhimento, e religiaõ, com que procedia. E com ellas alcançaraõ, que fosse sua petiçaõ vista, e bem ouvida em hum Capitulo, e aprovada noutro. Mas faltava ser confirmada em terceiro, segundo o estilo, que entaõ guar-

guardava a Ordem nas aceitaçoens dos Mosteiros. Julgavaõ aquelles primeiros Padres, que sendo carga muy pesada pera gente, que buscava perfeiçaõ, encarregarse de governo de molheres, governo, e comunicaçaõ encontrada sempre com o espirito, metessem tanto intervallo em meyo (e polo menos fosse o espaço de tres Capitulos geraes) pera que a dilaçaõ madurasse o conselho nos aceitantes, e descobrisse nos requerentes a firmeza de tençaõ, e devaçaõ com que buscavaõ a Ordem, e com que se sojeitariaõ às leis, e austeridades della.

Entrava o anno de 1287. Estava publicado Capitulo geral pera Bordeos cidade de França sobre o Oceano Gallico. Pareceo às reclusas que lhes convinha fazer ultimo esforço nelle, e aproveitarse de todos os meyos de diligencia, e negoceaçaõ, pera inclinarem os Capitulares a piedade. Em primeiro lugar acordaraõ que seria ponto muy efficaz aparecer no capitulo huma dellas requerendo a causa de todas, e representando sua communidade como carta viva. Elegeraõ logo huma boa velha por nome Domingas Joaõ, velha, e muito antiga nos annos, mas inteira, e firme na desposiçaõ, e endurecida nas mortificaçoens de emparedada, em que se criara, às quais ajuntava calidades de nobreza, e virtude conhecida, e grandes espiritos. Buscaraõ favores, e cartas dos Fidalgos da Corte, porque o Mestre Geral era Castelhano. A Camara, e governo de Santarem quiz tambem ajudar o requerimento, e acreditar a santa messageira, e deulhe suas cartas pera o Padre Geral. Com o primeiro bom tempo do anno partio Domingas Joaõ, e seguio seu caminho com tal cuidado, que muitos dias antes da santa Pascoa de Pentecoste se achou em Bordeos, espantando aos Religiosos, e a terra toda a nova peregrina, e a calidade do requerimento. Mas ninguem se espantou mais, que o Geral da Ordem, quando posta a seus pès lhe presentou as cartas que levava, e em poucas, e discretas palavras relatou o intento de sua jornada. E disselhe o bom Padre maravilhado: *O mulier, magna est fides tua.* Logo foy vendo as cartas da Corte de Portugal, que davaõ noticia das partes, e calidades da portadora, e do que hya buscar: e abrindo as letras da Camara vio que continhaõ o seguinte.

NOuerint vniuersi præsentis scripti seriem inspecturi, quod nos, Prætor, Aluasiles, & Concilium Sanctarenense, pro salute animarum nostrarum, & ad servitium Dei, & honorem nihilominus nostræ villæ, nec non & ad cultum diuinum specialiter ampliandum, rogamus Reuerendum, ac religiosum virum Dominum Fratrem Munionem Magistrum Ordinis fratrum Prædicatorum, vel Priorem Prouincialem Hispaniæ, qui fuerit pro tempore: quòd mittat nobis sorores sui Ordinis, quas rogamus & vocamus

mus ad habitandum in villa noſtra, & ad monaſterium conſtruendum ſuffragante diuina potentia proponimus dare operam efficacem. In cuius rei teſtimonium huic literæ ſigillum noſtrum duximus apponendum. Datum Santaren, XIX. Kalend. Ianuarij Æra M. CCC. XXV.

Em vulgar querem dizer.

SAibaõ quantos o teor deſte eſcrito virem que nòs o Corregedor, Alguazis, Concelho, e Camara de Santarem, por ſalvaçaõ de noſſas almas, e ſerviço de Deos, e pera honra deſta noſſa villa, e em particular pera augmento do culto divino, pedimos, e rogamos ao Reverendo, e Religioſo ſenhor Frey Munio Meſtre da Ordem dos Frades Prègadores, ou ao Prior Provincial, que for de Eſpanha, que aja por bem mandarnos Freiras da ſua Ordem, as quaes queremos, e procuramos pera ficarem moradoras deſta villa, e fundarem nella hum moſteiro: e pera a obra delle com o divino favor offerecemos dar ajuda com effeito, e boa diligencia. Em fé do qual mandamos ſelar eſtas letras com o ſello da villa. Em Santarem aos dezanove antes das Calendas de Janeiro da era de mil, e trezentos, e vinte e ſinco (*que reſponde aos* 14 *de Dezembro do anno de Chriſto de* 1286.)

Avia no Capitulo muitos Frades aſſi Caſtelhanos como Portugueſes que jà tinhaõ noticia das demandas, e affliçoens, que as recluſas aviaõ padecido: deraõ conta dellas, e da pretençaõ da meſſageira aos capitulares: laſtimaraõſe todos dos trabalhos paſſados, e naõ menos do preſente de taõ longa jornada. Requeriaõ por ella os annos, o bom termo, e gravidade da peſſoa; naõ ouve quem fizeſſe duvida no deſpacho quando ſe tratou a cauſa no definitorio. Aſſentouſe, que o Moſteiro das recluſas foſſe pola Ordem aceitado, e nella, e em ſeu governo encorporado. E o Padre Geral como pay pio, e quaſi natural pola viſinhança de Çamora, donde tinha o nome, e nacimento, quiz honrar a Portugueza, e na peſſoa della a todas as que a enviaraõ, veſtindolhe da ſua maõ o habito ſanto na Igreja do noſſo Convento de Bordeos com ſolenidade, e concurſo dos Capitulares, e de muyta nobreza da terra: e com hum eſtremo de eſpiritual conſolaçaõ da que o recebia. E naõ ceſſando ella de dar graças a Deos polo bom remate de ſeu requerimento,

rimento, e parecendolhe todo o tempo largo de se ver jà de volta em Santarem, e entre suas irmans, deu pressa no despacho dos papeis necessarios, e repostas do Padre Geral: o qual com sua bençaõ a despedio, e com a patente, que poremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXIV.

Que contem a patente com que foy aceytado da Ordem o Mosteyro das Dònas de Santarem.

O Teor da patente era este: *Nouerint vniuersi præsentes literas inspecturi, quòd nos Frater Munio Magister Ordinis Fratrum Prædicatorum, licet indignus: & Priores Prouinciales prouinciæ Franciæ, prouinciæ Romaniæ, prouinciæ Teutoniæ, prouinciæ Bohemiæ, prouinciæ Poloniæ, prouinciæ Græciæ, prouinciæ Prouinciæ, prouinciæ Lombardiæ, prouinciæ Angliæ, prouinciæ Vngariæ, & prouinciæ Daciæ, Definitores Capituli Generalis anno Dñi 1287 apud Burdigalam celebrati, illud quod ad Religionis augmentum, & animarum profectum circa Sorores nostras Monasterij, quod est extra muros villæ Sanctarenensis, diæcesis Vlyxbonensis ad portam de Mansos, iuxta heremitagium S. Mariæ Magdalenæ situatum: per vnum Capitulum Generale inchoatum extitit, & postmodum per aliud Generale Capitulum approbatum, vt videlicet sub cura nostri reciperentur Ordinis, & incorporarentur eidem: nunc auctoritate duximus præsentium confirmandum. In cuius confirmationis testimonium ego præfatus Magister voluntate & assensu dictorum definitorum appensione nostri sigilli præsentes feci literas roborari. Datum apud Burdigalam anno Domini, & Generali Capitulo prætaxatis. Item ordinamus, volumus, & concedimus, quòd nec Priorissa, nec Conuentus per se, nec omnes insimul, nec quælibet per se possit aliquid dare, aut donare, aut commutare vltra valorem quinque librarum monetæ Portugallensis tam de mobilibus, quam de immobilibus, tam de rebus quæ spectant ad communitatem Conuentus, quam etiam de his quæ Dominæ, seu Sorores retinent de licentia Prioris nostri, specialiter ad suas necessitates, sine licentia Magistri Ordinis, vel Patris Prouincialis, vel alterius à nobis, aut ab aliquo eorum dati.*

A de-

A declaraçaõ em vulgar he a que se segue.

SAibaõ quantos as presentes letras virem, que Nòs Frey Munio Mestre da Ordem dos Frades Prègadores, ainda que indigno: e os Priores Provinciaes das provincias de França, Romania, Alemanha, Boema, Polonia, Grecia, Proença, Lombardia, Inglaterra, Ungria, e Dacia, todos Definidores do Capitulo Geral celebrado em Bordeos no anno do Senhor de 1287, acordamos agora, e ouvemos por bem de ratificar, e com a autoridade destas letras confirmar aquillo mesmo que jà estava por hum Capitulo Geral começado, e por outro approvado, e julgado por conveniente, e acertado, assim pera augmento da Religiaõ, como pera aproveitamento das almas, em quanto toca ao requerimento das nossas irmans moradoras no Mosteyro da villa de Santarem, situado fòra dos muros, à porta que chamaõ de Mansos, junto com a Ermida de Santa Maria Madalena do Bispado de Lixboa: polo qual pretendiaõ ser recebidas debaixo da administraçaõ da nossa Ordem, e encorporadas nella. E em testimunho desta confirmaçaõ, que assi fazemos, eu o sobredito Mestre de parecer, e beneplacito dos ditos Definidores as presentes letras fiz autorizar, e corroborar com nosso sello pendente. Dada em Bordeos no anno do Senhor, e no Capitulo Geral atraz declarados. Assi mais ordenamos, queremos, e outorgamos, que nem a Prioressa, nem o Convento por si, nem todas as Freyras juntas em corpo de Communidade, nem cada huma por si possaõ sem licença do Mestre da Ordem dar, ou doar, ou trocar cousa alguma que passe do valor de cinco livras da moeda Portuguesa. O que entendemos assi de bens moveis como de rayz: e assi dos que pertencem ao commum do Convento, como dos que as Dònas ou Sorores em particular possuem pera suas necessidades por licença de seu Prior ou Vigario. E neste caso, que a nòs reservamos, poderà tambem dispensar o Padre Provincial, ou qualquer outra pessoa, que nossa commissaõ tiver.

Com esta patente, e ordenação assi junta, sem outro preceito nem advertencias (como naquelles bemditos tempos tudo era singeleza, e pouca cautela) se poz a caminho a Madre Domingas Joaõ polos mesmos passos por onde fora. Davalhe azas o gosto do bom despacho, e brevemente entrou em Santarem: e sendo recebida de suas irmans, e companheiras com o amor, e alvoroço que se deixa entender, tudo foy dobrado despois de entendido o bom successo de sua jornada. E naõ faltaraõ santas envejas do premio que jà trazia della, sendo a primeira professa de toda aquella Communidade. O desejo de se verem brevemente no mesmo estado começou de alvoroçar todas, vista huma carta, e commissaõ que Domingas Joaõ mostrou do Padre Geral pera o Padre Frey Gonçalo Origijs (chamalhe a commissaõ Latina, *Gonsaluus Honorii*) morador no Convento dos Frades da mesma villa, com ordem pera lhes fazer profissaõ, como veremos logo.

CAPITULO XXV.

Vaõ duas Religiosas do nosso Mosteyro de Chellas fundar o das Dònas de Santarem. Dàse conta das grossas esmolas que acudiraõ ao Mosteyro, tanto que foy admittido ao governo da Ordem.

ERa Frey Gonçalo Origijs hum Religioso velho, e de muita autoridade, e tal em sua vida, e costumes, como os criava entaõ o Convento de Santarem, que segundo nos referem os escritores daquelle tempo, eraõ todos santos. Mandavalhe o Padre Geral que tevesse o governo das Freiras, e Mosteyro, com titulo de Prior, que era o mesmo que agora Vigario. E porque a nova observancia costuma entrar nas casas onde se pranta, com pessoas criadas, e versadas nella, davalhe ordem pera trazer do nosso Mosteyro de S. Felix de Chellas duas Religiosas, que pediria em seu nome à Prioressa: das quaes instituiria huma em Prioressa do novo Mosteyro, e logo lançaria o habito a todas, e a seu tempo lhes faria profissaõ. Naõ ouve dilaçaõ em virem as Religiosas de Chellas, que foraõ as Madres dona Maria Mendes de Ansiaõ, e dona Estevainha Bassinha, pola grande instancia que faziaõ as de Santarem, que naõ aviaõ por bom o despacho do Capitulo, em quanto lhes tardava a execuçaõ delle. Mas de força tardou mais do que cuydaraõ, porque naõ pareceo bem a Frey Gonçalo, que começasse a correr o rigor da observancia em quanto avia falta no edificio pera verdadeira clausura. Assi se trabalhou no que convinha sem perder hora, atè vespera de Pentecoste do anno de 1290: no qual dia o Prior Frey Gonçalo confirmou em primeyra Prioressa a Madre dona Maria Mendez de Ansiaõ. Começou logo o Mosteyro a correr em perfeita clausura, e em todo rigor das Constituiçoens com excessiva alegria das Religiosas, e de todos os devotos da Ordem. Começou tambem a mostrarse a charidade dos moradores da villa, em acodirem muitos com grossas esmolas ao novo Mosteyro, assi pera ajuda da sustenta-

1290.

çaõ corporal, como do edificio: e algumas de renda perpetua em bens de raiz.

De huma dòna principal ha grandes memorias neste Mosteyro, que com particular devaçaõ se lhe affeiçoou, e tomou à sua conta fazer a Igreja. Chamavase dona Estevainha Pirez de Casevel. E porque succedeo falecer antes de ser de todo acabada: pera que outrem naõ tivesse parte na obra que começara, deixoulhe hum legado de quinhentas livras, com que se poz em sua perfeiçaõ. E por singular bemfeitora foy enterrada na capella mòr, que agora possuem os herdeiros de Manoel Telles de Meneses Commendador da Commenda das villas do campo de Ourique, da Ordem de Santiago, que vivem, e tem sua casa na mesma villa de Santarem.

Tambem a Prioressa do Mosteyro de Chellas quiz acodir com obras de charidade às novas filhas, em testimunho do que estimava a honra de tal fundaçaõ, e fez doaçaõ à casa de Santarem de todo o patrimonio que possuhiaõ as duas fundadoras, e juntamente do que ficara da irmam de dona Estevainha, que era huma dellas, despois de o lograrem em sua vida. Lançaremos aqui a doaçaõ na mesma lingoagem, e polas mesmas palavras, em que jaz no pergaminho original, o qual està vivo, e guardado no Cartorio das Freiras de Santarem. E naõ no averà por sobeja curiosidade quem se lembrar das queixas, que fizemos noutra parte desta Historia, de huma pedra, que posta na Igreja de Chellas està sem rezaõ tirando pedras a todas estas verdades, e diz assi.

COnhoscaõ quantos esta carta virem & ler ouuirem, que eu Tareja Fagundijs Prioressa do Mosteiro de Chellas entendendo acrecentar o seruiço de Deos, & a saude das almas, dou & outorgo licença a dona Esteuainha dita Bassinha, & à Maria Menendez dita de Anciom de morarem em Santarem, & de poderem hy fazer & acrecentar Mosteiro de Dònas da nossa Ordem, segundo como Frey Gonçalo Origijs mandar: & outorgo & mando que ellas possaõ reter quanto ellas haõ tambem de seus patrimonios, como donde quer que o ajaõ, ou auer possaõ: & metaõno em prol do lugar, segundo como dito Frey Gonçalo por bem tever. E outrosi outorgo so esta condiçaõ à dita dona Esteuainha o que foi de sua irmam. E isto outorgo a tal condiçom, que o nom possaõ em nenhuma guisa alhear: mas depoz morte dellas aja todo o Mosteiro de susodito das Dònas da nossa Ordem de Santarem. E se por ventura em Santarem nom forem Dònas que tragaõ habito da nossa Ordem: ou forem, & naõ obedecerem aos Frades

Prègadores, quero & ordinho que se torne tudo quanto as ditas dona Esteuainha & dona Maria ouuerem à nòs. Em testemõyo da qual cousa dey a ellas esta carta aberta, seellada do meu seello. Dada em Achellas quinze dias andados de Dezembro. Era M. CCC. XXIX. (que he anno do Senhor de 1291.)

Crecia o Mosteiro em virtudes, e religiaõ: e naõ he de espantar que ao mesmo passo lhe entrassem por casa os bens da terra: os quaes corriaõ a ella com tanta abundancia, que ouveraõ as Religiosas por necessario valeremse de licença del Rey pera os poderem possuyr: por lhes naõ prejudicar huma ley que neste tempo se tinha publicado, a qual ordenava aos Religiosos que naõ aceitassem heranças nem doaçoens de bens de raiz, nem os comprassem por si, nem por interposta pessoa: e pera mais cautella mandava aos Taballiaens com rigurosas penas, que em suas notas naõ lançassem semelhantes escrituras, nem com sua presença as autorizassem, ou aprovassem. Reynava el Rey dom Dinis. Elle assinou a ley, e em seu nome se publicou, e nelle ficou lançada entre as do Reyno: mas seu grandioso animo, e os dos Reys seus successores fizeraõ della taõ pouco caso, que nunca encontraraõ doaçaõ nenhuma de fazenda, por grossa que fosse, feita às Religioens por pessoas particulares: E assi ficou servindo a ley de resplandecer mais a benignidade real, que na verdade elles como pays no amor, e verdadeyros Reys nos espiritos enriqueceraõ de seu patrimonio todas as Religioens que ha em Portugal: e pagoulho Deos com as inestimaveis riquezas, grandes, e poderosos senhorios que lhe deu fòra deste pequeno canto de Espanha. Mas tornando à Historia, succedeo vir el Rey a Santarem na entrada do anno de 1298. Entaõ lhe pedio a Prioressa dispensaçaõ do rigor da ley no que tocava ao seu Mosteyro. E alcançoua naõ sò em particular, mas em geral pera heranças, e doaçoens, que era o que mais compria às Freiras. Mandoulhes el Rey passar sua carta do teor seguinte.

1298.

Dom Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber, que eu querendo fazer graça, e mercè às Dònas da Ordem de S. Domingos de Santarem, façolhila em esta maneira. Mando que aquellas Dònas que hy entrarem em Ordem, que mandem, e dem seus herdamentos àquelles que tiverem por bem. E outrosi mando, que aquelles ou aquellas que hy quiserem deixar seus herdamentos por sàs almas,

que

que o possaõ fazer. E mando aos Taballiaens que lhes façaõ ende cartas, e estromentos: e às justiças que ponhaõ hy os seellos dos Concelhos. E todo aquesto façase sem engano. E que ellas naõ comprem nem mandem comprar nenhuns herdamentos. Em testemõyo desto deilhes està incha carta. Datum em Santarem dez dias de Mayo. El Rey o mandou. Martim Loredo a fez. Era M. CCC. XXXVI.

1298. (que he o anno de 1298.)

CAPITULO XXVI.

Que contem huma escritura que fez a Madre Dona Maria Mendes sendo reeleyta em Prioressa: em reconhecimento de ser o sitio, e Mosteiro das Donas fazenda propria do Convento dos Frades.

NO mesmo anno que el Rey passou a provisaõ atràs lançada, avendo jà sete e meyo que Dona Maria Mendez governava o mosteiro sendo Mestre Geral da Ordem o Padre Frey Nicolao Trevisano, e Provincial de Espanha Frey Domingos de Alquezar, foi reelegida, e de novo confirmada em Prioressa por Frey Martinho de Carvalhosa novo Prior ou Vigario delle em nome do dito Provincial. E no mesmo dia de sua reeleiçaõ, que foi aos dez de Fevereiro do anno apontado de 1298 como alcançada, e corrida, ao que parece, de averem passado tantos annos de seu governo sem fazer alguma demostraçaõ publica da obrigaçaõ em que aquellas Religiosas estavaõ aos Frades por lhes darem graciosamente o sitio, e casa que possuhiaõ: foi a primeira cousa em que entendeo, sem querer pòr maõ em outra, chamar dous Taballiaens, e mandarlhes fazer huma escritura de declaraçaõ, e obrigaçaõ, declaraçaõ de ser a casa dos Frades, assi como as Freiras a possuhiaõ: obrigaçaõ de naõ disporem della as Freiras em nenhum tempo sem especial licença dos Frades. A escritura se lançou em notas em lingua Latina como entaõ se costumava, e na mesma serà rezaõ, que a tresIademos aqui com sua traduçaõ. Mas porque contem outras muitas cousas, poremos sòmente a parte que toca a este ponto, que he a força, e principio della, e começa desta maneira.

NOuerint vniuersi præsentis instrumenti seriem inspecturi, quod nos Maria Menendi dicta de Anciom Priorissa, & nos Maria Giraldi, Caterina Petri, & Ioanna Gonçalui, Maria Roderici, Sancea Egea, Tarasia Durandi, Toda Alfonsi sorores Sancti Dominici Ordinis Præ-

Prædicatorum, commorantes in monasterio, quod est extra muros villæ Sanctarenensis, Vlixbonensis diæcesis, ad portam de Mansos, propè Heremitagium sanctæ Mariæ Magdalenæ: de nostra spontanea & libera voluntate recognoscimus & confitemur, quòd territorium, in quo monasterium nostrum est situatum seu ædificatum, cum toto circuitu suo fuit emptum in propria pecunia Conuentus Fratrum Prædicatorum Sanctarenensis. Et proinde nos non possumus illud dare, nec donare, nec cambiare, nec aliquo modo commutare, nec alienare, nec aliquid aliud de eo ordinare, nisi in ipso sub eorum Ordinis obedientia Deo famulari, secundum quod ipsi duxerint ordinandum. Et si aliqua vel aliquæ de nobis, vel de futuris aliquid aliud contrarium voluerint assentare (quod Deus auertat) vel eis non obedire: volumus & concedimus, quòd Prior Fratrum Prædicatorum Sanctarenensis, & fratres eiusdem Conuentus possint locum seu Monasterium prædictum accipere, & de eo facere quidquid voluerint, tam in vendendo, commutando, dando, quam etiam alios Religiosos seu Religiosas plantando, vel totaliter, si eis visum fuerit, destruendo, tanquam veri domini de re propria, empta, possessa, & ædificata. Quia simpliciter confitemur, quòd nullam aliam iurisdictionem habemus in locö seu Monasterio prædicto, nisi quantum nobis ipsi impendere voluerint pro eleemosyna: vt ibi Domino sub eorum habitu, obedientia & Constitutionibus Iesu Domino altissimo famulemur. Recognoscimus, & confitemur, quod ædificia & domus ibi constructæ totum fuit pro eorum solicitudine & labore procuratum.

Segue a traduçaõ.

SAibaõ quantos o teor desta escritura virem, que nòs Maria Mendez de Anciaõ Prioressa, e nòs Maria Giraldes, Caterina Pirez, Joana Gonsalvez, Maria Rodrigues, Sancha Viegas, Tareja Duranda, Toda Afonso, Sorores Religiosas de S. Domingos da Ordem dos Prègadores moradoras no mosteiro, que he sito fòra dos muros da villa de Santarem à porta de Mansos, junto da Ermida de Santa Maria Magdalena Bispado de Lisboa:

boa: de noſſo proprio moto, pura, e livre vontade conhecemos, e confeſſamos, que o ſitio, e lugar em que eſte noſſo moſteiro eſtà edificado, com tudo quanto ſe eſtende, e alarga em roda foi comprado com dinheiro do Convento dos Frades Prègadores deſta villa. E por tanto declaramos, que nòs o naõ podemos dar nem eſcambar, nem de alguma maneira trocar, nem delle por nenhuma via diſpor: ſe naõ ſomente ſervir nelle a Deos debaixo da obediencia, e Ordem que elles profeſſaõ, e ſegundo a fòrma, e leys, e ordenaçoens que por elles nos forem dadas. E ſendo caſo que alguma ou algumas de nòs, ou das que deſpois de nòs vierem queiraõ intentar (o que Deos naõ permitta) alguma couſa em contrario, ou refuſem obedecer aos ditos Religioſos, queremos, e outorgamos, que elles poſſaõ de novo lançar maõ deſte ſitio, e moſteiro, e delle fazer o que quiſerem, aſſi por venda, troca, eſcaimbo, ou doaçaõ, como recolhendo nelle outras Freiras ou Frades, ou ſe lhes parecer derribandoo por terra como verdadeiros ſenhores, que delle ſaõ, por ſer couſa ſua propria, e comprada por ſeu dinheiro, e por elles poſſuida, e edificada. Por quanto chammente confeſſamos, que nenhuma outra jurdiçaõ temos no dito ſitio, e moſteiro, ſe naõ aquella que elles por eſmola nos quiſerem deixar lograr, pera nelle ſervirmos a Noſſo Senhor Jeſu Chriſto no meſmo habito, obediencia, e regra, que elles tem, e guardaõ. E aſſi reconhecemos, e confeſſamos que as caſas, e edificios, que no meſmo lugar eſtaõ levantados, procederaõ todos, e tiveraõ principio de ſua agencia, e diligencia &c.

No fim da eſcritura eſtaõ nomeados, e aſſinados os Tabelliaens, ante quem paſſou, que foraõ Martim Joaõ o que a eſcreveo, e Salvador Dias o que a juſtificou, e concertou diante de quatro teſtimunhas: e declara que foraõ a ella preſentes o Prior do Convento dos Frades, que tambem o era das Freiras, Frey Martinho da Carvalhoſa, e Frey Martim Paez, Frey Egas Gil, Frey Domingos de Santarem Doutor, Frey Egas Solha, Frey Eſtevaõ Mendez o velho, Frey Pero Fernandez, Frey Eſtevaõ Rodrigues, Frey Fernando de Eſtremoz, e Frey Joaõ de Eſtremoz, e Frey Domingos Longo.

CA-

CAPITULO XXVII.

Que contem huma petiçaõ que o Mosteyro das Dònas fez ao Summo Pontifice pera ficar unido à Ordem pera sempre: e o despacho, que ouveraõ.

NAõ se pòde negar que todas as cousas, que muyto se estimaõ trazem consigo hum trabalhoso contrapeso, que he o receyo, e sobresalto de se perderem. Bem se deixa entender da nota, e termos da escritura, que acabamos de tresladar, como de todas as mais diligencias, e trabalhos com que estas Religiosas procuravaõ valerse do emparo, e abrigo da Ordem, o amor, e devaçaõ que lhe tinhaõ. Mas esta mesma afeiçaõ as inquietava com humas continuas desconfianças de lhes parecer, que tinhaõ feito pouco, ou que podiaõ fazer mais pera confirmaçaõ, e inteira segurança do bem que possuhiaõ, e como ganhado à ponta da lança de muyto trabalho, e oraçoens, e lagrimas prezavaõ. E vieraõ a assentar, que se confirmassem o estado presente por hum breve Apostolico, ficaria fundado com toda a força que podiaõ esperar de valias da terra. Seis annos adiante no de 1304 sendo Prioressa Tareja Afonso mandaraõ ordenar huma petiçaõ, cujo treslado tirado do Latim, que escusamos por ir abreviando, he o seguinte.

1304.

TAreja Afonso Prioressa, e todo o Convento das Sorores, que moraõ em Santarem debaixo do governo, e habito da Ordem dos Frades Prègadores prostradas por terra diante do Beatissimo Padre, e Senhor o Senhor Benedicto Summo Pontifice da santa Igreja de Roma com muy profunda humildade beijaõ devotissimamente seus santos pès. Santissimo Padre posto que nòs, e todas as mais Sorores, que nos precederaõ neste nosso mosteiro sempre estivemos, e queremos estar debaixo do governo, cuidado, e disciplina da Ordem dos Frades Prègadores de quarenta e sinco annos a esta parte: e ha muitos que fomos misericordiosamente recebidas pola dita Ordem por tres Capitulos Geraes hum apoz outro, e nella segundo seus estatutos encorporadas. Com tudo prostradas todas como estamos aos pès de vossa santissima Paternidade, de commum acordo humilmente lhe pedimos, e rogamos aja por bem de nos querer pera sempre encorporar na dita Ordem, assi a nòs, como a todas as mais que pera este mosteiro vierem, e como o mesmo mosteyro com tudo o que nelle, e por rezaõ delle possuimos, na mesma forma, e modo que nelle estaõ unidas

as

as Sorores do mosteyro de S. Xisto dessa cidade de Roma. E pera que, Santissimo Padre, aquietemos de todo vossa santissima conciencia, e possamos mais facilmente alcansar a graça, e misericordia, que com muyta instancia lhe pedimos, confessamos, e affirmamos, que nunca diocesano nenhum, nem outra pessoa alguma em seu lugar visitou este nosso mosteyro, nem poz, nem tirou prelada, nem ordenou cousa que tivesse sombra de governo, jurdiçaõ ou dominio: mas sempre professamos a regra de Santo Agostinho, e fomos sojeitas à Ordem dos Prègadores segundo suas constituiçoens sem nunca aver quem isto nos contradissesse. Polo que huma, e muitas vezes humilde, e devotissimamente pedimos a vossa santissima Paternidade, e clemencia com toda a instancia que podemos: e polo sangue de Jesu Christo, que vos fez seu Vigario, que naõ dilate vossa clemencia concedernos o que a saude de nossas almas com devaçaõ lhe pede. E pera que vossa clemencia, Santissimo Padre, misericordiosamente se incline com mais brevidade ao bom despacho desta nossa petiçaõ, e ella tenha credito, e firmeza, rogamos a Miguel Martins Taballiaõ publico desta villa, que a puzesse em publica, e autentica forma diante de testimunhas. O que assi fizemos com receyo, que o sello do Convento, se com elle a sellassemos como carta, se poderia quebrar ou cair por algum desastre. Feita em Santarem aos treze dias de Março da Æra M. CCC. XXXXII. (responde ao anno de Christo 1304) *testimunhas que foraõ presentes Frey Fernando Fructuoso Prior, Frey Martinho de Carvalhosa, Frey Fernando do Santo Ladraõ, Frey Lourenço de Almada, todos Frades da Ordem dos Prègadores, e moradores no Convento de Santarem. Martim Joaõ Taballiaõ, Joaõ Soeiro, e Mateus Domingues.*

Quando esta supplica chegou a Roma era falecido o Papa Benedicto nella nomeado, e foi apresentada a seu successor immediato, Clemente Quinto, o qual obrigado das piadosas rezoens que continha, despachou hum motu proprio ao Provincial de Espanha, em que lhe mandou que elle, e todos seus successores tevessem cuidado deste mosteiro, visitando, consolando, e governando as Religiosas delle, e mandandolhe administrar os Sacramentos assi, e da maneira que dos annos atràs eraõ cos-

costumados. Quietaraõ com isto em suas desconfianças : e postos de parte todos os cuidados da terra (que muito divertem, quaesquer que sejaõ, do mayor bem) entregaraõ a Deos seus coraçoens em perfeita, e amorosa uniaõ : e começou a florecer naquelle cantinho de Portugal hum paraiso de deleites alegrando o Ceo, e a terra com flores e fruitos de excellentes virtudes.

CAPITULO XXVIII.

De algumas religiosas insignes em virtude que ouve neste mosteyro desdo principio da primeira reclusaõ.

SEja a primeira, e primeiro contada entre as Religiosas deste santuario da terra, e jardim do Ceo, aquella que foi primeira planta delle, sendo a primeira emparedada de Santarem, e causa principal de o lograrmos hoje : digo Elvira Duranda; que pois o principio de sua vida foi offerecido a Deos, como contamos, e os meyos foraõ encerrarse entre quatro paredes pera se entregar toda ao divino esposo, sem querer mais da terra, que aquella estreita sepultura, bem merece celebrada por autora de huma vida taõ extraordinaria, e cativeiro terribel de todos os gostos della: assi como louvamos a hum Paulo Primeiro ermitaõ, e hum Antaõ Primeiro pay dos animosos moradores do deserto. Que se meeceraõ muito por se aterverem a viver entre brenhas, e rochedos cercados de tigres, e lioens, sendo homens : pòde ser que foi mayor a determinaçaõ de molheres fracas fazer deserto no meyo da mais populosa villa do Reino, e condenarse às penas, e faltas delle: à vista de gente alegre, farta, descançada, e descuidada. E he bem de crer, que como os pays das Religioens tem aventajados gràos de gloria no Ceo pola occasiaõ, que deraõ aos muitos filhos, que com seu exemplo fizeraõ de si agradavel sacrificio a Deos : nem mais nem menos os deve ter Elvira Duranda como fundadora da vida das reclusas, e polo principio, que dellas veyo a ter este mosteiro das Dònas. E naõ serà parte ignorarmos o fim, que teve, pera deixarmos de lhe dar este lugar. Porque bastante causa he pera darmos por averiguado que foy fim santo, e de santa, sabermos como sabemos, que na hora que o Senhor foi servido manifestarlhe aos olhos corporaes a luz do Ceo, que vio decer sobre o Santo Frey Gil, obedeceo sem detença ao chamamento, da outra que lhe amanheceo na alma : logo fogio a todos os gostos, e comodidades do corpo, e se enterrou voluntariamente em vida pera resucitar com Christo. E he bem de notar que o mesmo Senhor lhe começou tambem em vida a pagar de contado o cento por hum de suas divinas promessas, rodeandoa de muitas companheiras, e imitadoras de sua mortificaçaõ, que por ella, e por seu exemplo seguiaõ ao cordeiro amador divino das almas puras: gloria sem preço pera quem foi a primeira na santa empreza. Sabemos desta heroyca Religiosa, que o fim, com que se animou a taõ dura vida, foi hum vivo desejo de imitar a penitencia,

cia, e oraçaõ do Santo Frey Gil. E ſabemos tambem, que o alcançou de dias: por onde falecendo elle (como temos dito 1265. em ſeu lugar) no anno de 1265, quando o naõ paſſaſſe mais que hum ſò, jà fica com mais de vinte e ſinco de ſepultura em vida, viſto como ella ſe emparedou no de 1240. Tambem nos conſta que do Santo era viſitada, e tratada na recluſaõ com muita particularidade, e que nella acabou a vida: o que tudo ſaõ rezoens que a fazem digna de illuſtre lugar na terra, e de naõ duvidarmos, que o terà illuſtriſſimo no Ceo.

Aſſi como Elvira Duranda merece fama, e honra por primeira recluſa, e autora de tal genero de vida em Santarem: nem mais nem menos devemos honra, e louvor à primeira Prelada, que as recluſas tiveraõ por digna do cargo quando fizeraõ a transformaçaõ de priſaõ particular pera encerramento commum. Eſta foi Sancha Martinz: que quem entre vinte almas dedicadas a Deos com voluntario, e perpetuo carcere, ſe adiantava tanto em virtude, e partes, que por aclamaçaõ mereceo o titulo de cabeça, e Prioreſſa entre todas, naõ ha que cuidar, ſenaõ que devia ſer hum ſerafim entre Anjos. E ſem nos conſtar, nem acharmos della outra couſa eſcrita, iſto ſò baſta pera a fazer muito eſtimada.

Mas na Prelada, que levaraõ quando deixado o ſitio das contendas ſe paſſaraõ pera a Madalena, que os noſſos Frades lhe deraõ, achamos alem da rezaõ, e conjeitura do cargo huma memoria que nos affirma, era tida, e avida por ſanta: chamavaſe Maria Domingues a Caſtelhana. E tal foi a primeira Prelada, que povoou o lugar, que hoje he poſſuido do moſteyro das Dònas, antes de admittido ao governo da Ordem. E na verdade naõ he de eſpantar, que foſſem taes as partes, quando ſabemos que foi ſeu cultivador, e hortelaõ primeiro o Santo Frey Gil: a quem devemos referir naõ ſò o bem, que entaõ avia, mas o que hoje dura, e permanece de verdadeira obſervancia: e foi continuado por todas as idades em muitas almas, que com excellentes virtudes, e maravilhas celeſtiaes honraraõ ſeu nome, e a caſa, e a Ordem: das quaes alcanſamos ainda algumas os que hoje vivemos. Porem he grande laſtima, que ſendo ſabidamente muitas em numero as que aſſi procederaõ, naõ aja memoria particular ſenaõ de muy poucas. E eſta que ha he quaſi por cifras, e colhida por indicios com que o Senhor as quiz deſcobrir na morte, ou depois della. E tantas virtudes avia em todas as mais, que ſe com o fim da vida naõ aparecia couſa particular em alguma, nas geraes dos rigores, e auſteridades da Ordem (cujo ſeguimento continuado he o mayor louvor della) viviaõ com tanta pontualidade todas, que todas ſem differença eraõ humas, e todas eraõ ſantas. Polo meſmo caſo ouve nas mais antigas hum obſtinado ſilencio de ſuas virtudes, e tal que ſò no dia do juizo as averemos de ſaber. Nas que ſeguiraõ deſpois mais vizinhas a noſſos tempos, avendo cuydado pera notar o valor de cada huma, faltou pera ſe pòr em eſcri-

crito : e assi as mais das cousas que dellas sabemos chegaraõ a nòs por tradiçaõ das Religiosas velhas : e ainda destas, como o tempo gasta as memorias, muitas se foraõ perdendo, ou escurecendo, como aconteceo nos marmores, e estatuas desenterradas dentre ruinas de famosos edificios : donde he ordinario naõ sairem mais que pedaços, e troncos de corpos, ou de colunas com taõ pouca distinçaõ de membros, que escassamente alcançamos parte sam, em que os olhos possaõ louvar a maõ daquelles excellentes artifices antigos. Com esta condiçaõ iremos trazendo à luz as breves, e confusas memorias, que de algumas Religiosas deste Mosteyro podèmos achar : as quaes serviraõ pera que os bons entendimentos façaõ juizo da ventagem, que averia nas que foraõ nacidas em melhores tempos, e nas que atraz dessas passaraõ, de que naõ sabemos, nem podemos dizer nada.

CAPITULO XXIX.

Das Madres Sor Sentiz, e Sor Joana Lourenço.

COmeçaremos por huma, de quem jà o nome nos vem espedaçado, e naõ lhe alcançamos outro se naõ o de Sor Sentiz : era em todas as mais virtudes eminente, mas na da oraçaõ se aventajava tanto, que todas as vezes que no Coro entrava (e naõ faltava nunca delle) hia jà taõ abrasada no amor daquelle Senhor que avia de louvar com suas companheiras, que à vista de todas aparecia envolta em chamas, e labaredas visiveis de fogo vivo, que a aconpanhavaõ, como se fora hum Serafim, e duravaõ nella tanto tempo, quanto tardava o Officio Divino : e assi como se hia acabando, hia tambem mingoando o fogo. Entaõ ficava toda trespassada em hum profundo roubo dos sentidos sem dar acordo de si, nem de cousa da vida : e neste estado se averiguava, e via muitas vezes que a força do espirito levantava em alto o peso mortal da terra grossa do corpo, e ficava suspendida no ar, como quem jà em vida começava a voar pera os braços do Divino Esposo. Era tanto o que se sabia, e publicava por toda a villa de suas virtudes, que sendo falecida, e enterrada dentro no cemiterio commum como he costume, naõ tinhaõ as Freiras huma hora de sossego em todo o dia, com a inquietaçaõ que lhes dava o povo, que acodia a visitar sua sepultura, obrigado de muitos milagres, que por seus merecimentos obrava o Senhor, em cegos, e aleijados, e em todo genero de enfermidades. E como nossa natureza se leva tanto de novidades, e casos extraordinarios, crecia cada dia mais o concurso da gente. Mas era intoleravel o trabalho, e desassosego que padeciaõ as Freiras, porque a singeleza, e facilidade do tempo antigo naõ acabava consigo ter as portas à devaçaõ, pera se poder fazer a romagem por seculares, com o decoro que convinha, onde avia clausura. Assi queixandose ellas, e o povo naõ afroxando na devaçaõ, vieraõ a partido com os officiaes da Camara, e governo da villa, que se passasse pera a Igreja o corpo santo : onde sem

dar

dar perturbaçaõ na Communidade podesse ser de todos a toda hora visitado. Fezse a tresladaçaõ com alegria geral da terra. Naõ cabiaõ os devotos na Igreja, com ser grande. Mas foy caso peregrino, que des da hora que veyo pera a Igreja, naõ fez mais milagre: sintiraõ ao que parece os ossos santos, ainda naquelle estado tiraremnos da sua clausura, e da companhia de suas irmans, em que por gosto, e obrigaçaõ tinhaõ vivido muitos annos, e por morte naõ queriaõ faltar huma hora. Quarenta annos contados esteve na Igreja, e em todos elles nem hum sò milagre se contou. Corre o mundo traz seu interesse: tanto que viraõ trocada a seu parecer a condiçaõ na Santa, trocaraõse tambem os homens: perdeose a devaçaõ. E as Religiosas com bom conselho tornaraõ a recolher pera dentro as reliquias santas. Na execuçaõ desta segunda mudança usaraõ de huma bem considerada cerimonia: quiseraõ ver se recebiaõ o que deraõ, pois o successo ao parecer dava a sospeitar outra cousa, com a falta dos milagres de quando o deraõ. Acodiraõ todas de dentro com cirios acesos nas maons a receber o santo deposito à porta: acompanhavaõno de fòra o Prior, e muitos Padres. E à vista de todos foy o caixaõ, em que estava, despregado. Sendo aberto deu claro testimunho do que em si guardava, com hum cheyro celestial, e suavissimo, que encheo de nova devaçaõ, e gozo a todos os presentes. Viraõse as reliquias, e notouse com espanto a toalha, em que estavaõ envoltas, taõ limpa, taõ alva, e taõ nova, como se naquella hora ali fora posta. Assi inteiro, e sem mais diligencia, que a que diremos no capitulo seguinte, foi de novo cravado o caixaõ, e metido em hum moimento de pedra, que estava feito à medida, e ficou em lugar decente na crasta do Coro debaixo. E pera que louvemos a Deos, que em seus Santos he maravilhoso, tanto que aquelles ossos secos tornaraõ ao posto da clausura regral começaraõ a reverdecer, e florecer de novo com grandes, e notaveis milagres.

Caenos em proposito este exemplo pera louvarmos aquí aquella parte da reformaçaõ, que introduzio a Observancia, contra hum errado costume da Claustra: que era sayrem as Religiosas da clausura, sem lhe ser estranhado, e visitarem suas amigas: cousa, que esta defunta nem em seus ossos mirrados aprovava, com naõ passarem da Igreja. E todavia he bem que fique aqui notado pera grande louvor desta casa, que com essa sò liberdade se vivia nella, em tudo o mais taõ reformadamente no tempo da Claustra, que muitas Religiosas della teveraõ por ponto de menos valer, aceitar as regras da Observancia, naõ por refusarem os apertos, senaõ porque nunca se podesse cuydar, que avia cousa digna de reprensaõ em suas vidas. E muitas por esta conta deixaraõ o Mosteyro: ainda que despois tomando melhor conselho tornaraõ todas, como diremos em seu lugar. Mas das que ficaraõ, e aceitaraõ a observancia foy huma a Madre Joana Lourenço, pessoa de tal virtude, que ficou em lembrança darem muitos Fidalgos de Santarem suas filhas a es-

este Mosteyro, sò por recebe-rem della a criaçaõ. Esta foy a primeira Mestra das Noviças, que entraraõ despois de aceitada, e assentada a Observancia. Era devotissima de Nossa Senhora. Na oraçaõ nunca tinha limite, nem lugar certo. Sempre orava, e sempre ardia em zelo da guarda da Religaõ, dizendo, e obrando (que ha muitos zeladores de lingua, e poucos de obra, e estes saõ aquelles a quem S. Francisco dizia: *Fate fate, non parlate.*) He cousa certa, que estando na ultima hora muy fraca, e desfalecida, levantou a voz com huma força milagrosa, e com taõ alto, e naõ esperado tom, que foy ouvida em huma varanda muy distante da casa, em que faleceo. E o que disse foy: Chamame a minha muy alta Senhora. E acabou logo.

CAPITULO XXX.

Da Madre Sor Caterina Rodrigues: da grande tribulaçaõ em que viveo, e da gloriosa morte, com que acabou.

ASsi como a Madre Sentiz, de quem escrevemos no capitulo precedente, se aventajou no santo exercicio, e fervor da oraçaõ, naõ faltando em nenhuma das outras virtudes monasticas: da mesma maneira teve a Madre Caterina Rodriguez, de quem agora diremos hum espirito invencivel pera se quebrantar com penitencias, e contradizer à natureza com paciencia. Começouse a mortificar com huma estreitissima regra no comer, e beber. E porque o sono he parte de sustentaçaõ corporal, ainda que lhe fazia crua guerra com se matar de fome, e sede, ajuntoulhe dous contrapesos: primeyro, cortallo, e abreviallo muito notavelmente nos tempos, que era força darlhe sua hora: segundo, essa hora, que lhe dava, era com tal trato, que o dormir, que a natureza fez pera repouso, e alivio dos trabalhos do dia, pera ella era hum vivo tormento. Porque se avia de dormir, nem avia de ser em cama, nem se avia de despir. E he cousa averiguada, que toda a vida passou as noites sobre huma taboa, e sempre vestida, sem mudar, nem aliviar roupa, nem fazer differença de noite da que usava de dia; que entre todas as mortificaçoens he a mayor, que se pode contar. E daqui faziaõ juizo os medicos, que lhe procedera huma doença de incuravel lepra, que em fim a veyo a matar. Mas eraõ juizos humanos: a verdade foy, que quiz o Senhor provar a sua serva, e ver se a achava igualmente fiel, e sofrida nos trabalhos, que vinhaõ de fòra, como era nos que tomava por sua maõ: que vay muito a dizer de aspereza voluntaria, a aspereza forçada. Deulhe o Divino Esposo a doença, e pera lhe dobrar o merecimento fortaleceoa de huma estranha paciencia, com que a levava. He muy natural nas molheres sentirem mais os males quando causaõ asco: e se trazem comsigo deformidade, naõ ha pera ellas mayor mal. Com tudo, antes que este acabasse de a penetrar de todo, nenhum exercicio da Communidade deixava, nunca faltava do Coro, nem da sua oraçaõ, em que era continua. Ao Santissimo Sacramento

to venerava com huma especial devaçaõ, e affeito da alma cordialissimo: e era tal o respeito, com que hia diante delle todas as vezes, que avia de commungar, que tres dias antes, e tres despois guardava inviolavel silencio: e quando se offerecia cousa de tanta necessidade, que era força responder, faziao por acenos.

Creceo o mal, veyo a cayr, e como outro Job cobriose de chagas: e estava tal de asquerosa, e disforme, que fazia medo: do que nacia, que avendo na casa gente muy caridosa, todavia algumas vezes aconteciaõ descuidos, e a pobre enferma padecia muito: mas nunca de sua boca se ouvio palavra, de que as enfermeiras pudessem colligir nem hum leve sentimento, ou desconsolaçaõ de se ver mal tratada. Tudo referia a Deos, dandolhe graças polo trabalho da doença, que de sua bendita maõ lhe vinha: e polo que lhe davaõ as faltas de quem a curava, que tambem conhecia, que elle as permitia, e ordenava. Rara paciencia, e digno espelho pera nos vermos nelle os que hoje vivemos, e entendermos nosso pouco espirito polas queixas sem fim, em que nos faz romper qualquer pequena falta, e em muito leve doença. Bem podemos cuydar, como Deos naõ faz nada debalde, que tanto pera nosso exemplo, como pera merecimento de sua serva lhe deu este martyrio, e a armou de taõ sobido genero de sofrimento.

Passou o mal a outro estremo, e chegou a estado, que se pera remedio de cura, ou de alivio, ou de limpeza a aviaõ de revolver no leito, nem ella podia sofrer as dores, que lhe causava qualquer movimento, nem as enfermeiras a lastima, e asco que juntamente lhes fazia. E com tudo a primeira voz, que se lhe ouvia entre profundos gemidos, era de louvores de Deos: e algumas vezes estando sò, passava com elle as horas em huns colloquios taõ humildes, e amorosos, que davaõ claros penhores de sua conformidade. Vindo a falecer, como jà em vida estavaõ aquelles membros cheyos de corrupçaõ, ouve receyos entre as Religiosas, que o halito delles, e da roupa fizesse entaõ mais penetrativa a contagiaõ, que aquelle mal de si tem. E quando se juntaraõ pera a commendaçaõ da alma, e enterro, procurou cada huma yr a seu modo provida de defensivos. Mas anticipouse a misericordia do Senhor a descobrir os ganhos, que a defunta levava de seu martyrio. Tanto que entrou em artigo de morte, viraõse na enfermaria, e em todo o Convento duas cousas de grande maravilha: huma foy, sentirse hum cheyro taõ suave, e excellente, que a juizo de todas excedia os melhores perfumes, e cassoulas da terra: a outra foy, ouvirse hum rumor, e susurro, que ninguem duvidava ser de grande numero de abelhas juntas, que sem serem vistas venciaõ com o ruido, que faziaõ, as vozes da Communidade, que rezava. Assi foy levada à sepultura com turibulos do Ceo, e musica funeral dobrada com grande consolaçaõ das Religiosas. Porque o bom cheyro foy penhor de que podiaõ estar seguras de contagiaõ: e a musica invisivel he bem

bem de crer (e aſſim foy juizo das que mais ſabiaõ della) que foſſe das almas Santas, que vinhaõ acompanhar pera a gloria a quem ſahia do purgatorio, que em vida taõ conſtantemente padecera, e que por ellas como Santa que era, devia muitas vezes offerecer ao Senhor. De huma, e outra couſa ouve logo manifeſtos ſinaes: porque da enfermidade naõ reſultou dano a ninguem; e o preço de ſua ſantidade em valia com Deos reſplandeceo de maneira, que as Religioſas, que algum achaque ou doença ſentiaõ, viſitando ſua ſepultura alcançavaõ ſaude. E paſſando a fama à villa ſararaõ muitos enfermos, recebendo, e tocando com devaçaõ a terra della; o que teve principio no caſo, que agora diremos.

Trazia huma Religioſa hum mal em huma maõ de tanta pena, e taõ pouco entendido, que naõ tinha vida nem ſoſſego, nem os medicos lhe atinavaõ a cura. Tanto que a enferma faleceo, ſonhou que lhe diziaõ, que meteſſe a maõ na ſua cova, e teria remedio. Naõ fez caſo do ſonho: mas tornandoſelhe a fazer a meſma repreſentaçaõ ſegunda, e terceira noite, o deſejo da ſaude, e medo de parecer ſuperſticioſa, fez que deſſe conta a ſeu Confeſſor. Elle lhe reſpondeo, que naõ creſſe em ſonhos, mas que viſitaſſe embora a ſepultura, e ſe encommendaſſe a quem taõ ſantamente acabara. Fez huma, e outra couſa, e eſtendeo a maõ doente ſobre a cova cobrindoa com a terra della. Foy caſo publico, e viſto de todo o Moſteyro, que dally a tirou ſam taõ ſolta, e livre de todo mal, que da outra naõ tinha differença.

Acreditaraõ eſte milagre outros muitos, que logo ſeguiraõ: como foi hum, que muito eſpantou. Eſtava atribulada, e cheya de medo huma Madre, que avia nome Anna de Santo Antonio, por lhe nacerem ſobre a menina de hum olho tres empollas, que lhe tolhiaõ a viſta com ameaças de mayor mal. Viſitou a ſepultura com devaçaõ, e deſejo de ſaude, e alcançoua. Particularmente ſe viraõ notaveis effeitos nas febres importunas, que o povo chama maleitas. E foi aſſi, que avendo naquella conjunçaõ no Moſteyro de Santa Clara da meſma villa algumas Religioſas enfermas dellas: ſò com eſta terra que pediraõ, e lhes foy às maons, alcançaraõ ſaude. E muitos annos deſpois ſararaõ com ella em differentes tempos dous officiaes pedreiros, que faziaõ as obras do meſmo Moſteyro das Dònas: hum que a mandou buſcar, porque a doença prolongada o tinha poſto em eſtremo de fraqueza: outro que a tomou por ſuas maons, porque paſſando as ſezoens em pè, e naõ deixando o trabalho, em que aſſiſtia no Moſteyro, foy aconſelhado das Madres, que chegaſſe à cova, e ſe valeſſe della. E ainda no tempo preſente as Religioſas, que na meſma caſa adoecem deſtas febres, ou de outro qualquer mal, logo acodem ao primeiro ſitio, em que aquelle ſanto corpo teve ſepultura: e exprimentaõ na terra delle a antiga virtude. Digo, primeyro ſitio, porque quando a Madre Sor Sentiz, de que atràs eſcrevemos, foy tresladada da Igreja pera dentro, pareceo bem que ficaſſem duas Santas juntas, por ſer o caixaõ capaz

das

das reliquias de ambas: e começando a aparecer por entre a terra, que se tirava, os ossos santos, foy saындo delles hum cheyro de notavel fragrancia, e recreaçaõ, que refrescou a memoria do successo de seu enterro: e logo foraõ juntos com os da Madre Sentiz, e collocados no moimento de pedra, que atràs contamos.

CAPITULO XXXI.

Das Madres Sor Eyria Alvares, e Sor Breytiz Feijò, e outras sem nome.

FIcou do tempo das Madres Sor Sentiz, e Sor Caterina Rodriguez huma bendita velha, que as antigas, que a alcançaraõ, affirmavaõ chegara à idade de cem annos. Devia ser natural da villa, porque tinha o nome de Eyria, e chamavase Eyria Alvares. Esta Madre fez seus empregos em abstinencia: e sabendo quanto importa pera meyo de alcançar, e conservar todas as virtudes, cuydou huma estranha invençaõ pera nunca deixar de ser abstinente, e sempre aborrecer a comida. Era a invençaõ trazer de contino na boca hum paninho de sal, com que alem de mortificar o appetite da comida ganhava huma lembrança continua de guardar silencio, no qual se affirma que tambem era unica, porque nunca lhe ouviaõ falar senaõ o que era muy necessario. Quando chegava a comer, em tudo o que lhe davaõ lançava de novo muito sal, e juntamente vinagre, pera que ou perdesse algum bom sabor se o tinha, ou a lingua, e garganta o enjeitassem por intoleravel, e fero. Por estas virtudes, e outras era tida em grande conta; e a Rainha dona Caterina molher del Rey dom Joaõ o Terceiro, que ainda alcansou, fazia della tanto caso, que quando hya a Santarem, e entrava no mosteyro, sempre a chamava pera junto si, e o nome que lhe dava era de sua amiga: e algumas vezes lhe mandava pratos da sua mesa, ajuntando lembranças, que comesse delles sem as suas sallas ou misturas, de que jà tinha noticia. Mas eraõ perdidos os avisos, porque ella naõ sabia desistir da mortificaçaõ. A este modo de proceder continuando por quasi cem annos de idade pera confusaõ de golosos, e deliciosos, que com a variedade, e abundancia dos manjares mais escolhidos corrompem a natureza, e fazem a vida enferma, e curta: ajuntava a boa velha huma continua oraçaõ com tanto fervor de espirito, principalmente quando ouvia Missa, com a consideraçaõ dos mysterios da Paixaõ do bom Jesu nella representados, que ao levantar da Sagrada Hostia sentia em todos os membros hum martyrio de impetuosas, e gravissimas dores, que a obrigavaõ a derramar infinitas lagrimas. E porque estas lhe davaõ honra com quem as via taõ bem empregadas, dizem que fez petiçaõ ao Divino Esposo, que lhas tirasse, dobrandolhe a affliçaõ, e o martyrio. Assi aconteceo, que subitamente se lhe secou o affeito de chorar, crecendo a causa, e a rezaõ que dantes o acendia, que eraõ as mesmas dores, mas com aventajado tormento segundo sua petiçaõ: do qual se lhe viaõ no rosto, se naõ era em lagrimas, clarissimos finaes em tudo o mais.

Deste grande favor do Ceo deu conta a pessoas de credito pera honra, e gloria de Deos: e tal estava a casa, que toda ardia em amor divino, e tudo se podia crèr das moradoras della. E foy bom argumento huma revelaçaõ, que em particular segredo descobrio a huma Madre, que muito amava chamada Ines do Sepulcro, que na vida espiritual instruhya. Contou que vira hum dia a Igreja, e Mosteyro cercado todo de hum resplandor celestial, que hia parar como em fonte no Sacrario do Santissimo Sacramento: da qual visaõ se persuadia, que tudo naquella casa era santidade. A vida santa seguio morte gloriosa: foia desemparando o calor natural vencido da longa idade. Sobreveolhe hum accidente dos que saõ corredores da ultima hora: acodio a Communidade ao sòm das taboas, que logo soaraõ por toda a casa. Quando tornou em si disse, que se podiaõ recolher, e quietar, que ainda naõ era tempo, e como o fosse ella avisaria as enfermeiras pera fazerem sinal. E como se tivera as horas, e o tempo na maõ, assi aconteceo: e assi acabou.

Por differentes vias corria a mesma carreira da oraçaõ, e penitencia a madre Breytiz Feijò. Oitenta annos que teve de vida, e consta que viveo alguns mais, empregou todos em se mortificar, e orar: sempre seguio as horas, e lugares da Communidade sem faltar em nenhum: todo o mais tempo naõ sabia buscar outra estancia se naõ o Coro. Alli, como se fora hum Padre do ermo, varaõ robusto, curtido do Sol, e do frio, passava as noites inteiras, e o que tinha livre dos dias: os joelhos sempre em terra, e as maons, e olhos ao Ceo taõ absorta nelle, que de nenhuma cousa de cà parecia ter sentimento. Huma noite de Natal despois de dizer a liçaõ oitava, que lhe tocou, fez huma muy humilde inclinaçaõ diante do Santissimo Sacramento, e disse estas palavras: Senhor ficaivos embora, que jà cà vos naõ direi outra. E assi foy. Adoeceo pouco despois de hum prioriz agudo, que em breves dias a trazpoz no Ceo. Sendo falecida lhe foy achada, e tirada huma cinta de ferro de largura de tres dedos companheira sua, ao que se podia julgar, de toda a vida.

Cerremos este Capitulo com duas irmans, que sendoo por sangue, e nacimento, tambem o foraõ em nos negar a antiguidade seus nomes. Mas nesta semelhança, e igualdade tinhaõ huma differença, que esmerandose ambas em desejos de agradar o divino esposo das almas, huma o buscava na quietaçaõ, e suavidade da oraçaõ: a outra em andar todo o dia da enfermaria pera a cosinha, e da cosinha pera a enfermaria negoceando com cuidado ora o comer, ora as mesinhas, ora a limpeza, e commodidade das enfermas. Sucedeo em huma noite tormentosa dar hum acidente a huma religiosa: estavaõ apagadas as alampadas dos dormitorios: foi correndoo a solicita Marta, que tinha por dita a aspereza da noite pera acrecentar merecimento do serviço; e como noutra parte naõ avia luz, entrou polo Coro a buscala, e tornou com ella. Mas com ser a deshoras, e em tal noite, achou a irmam,

que vigiava nelle em oraçaõ diante de hum Crucifixo. He fama confirmada com tradiçaõ recebida de maõ em maõ por todas as idades, que falou o Senhor da Cruz à que nelle estava toda enlevada (que vendo em tal tempo a irmam ficou todavia perturbada) e o que lhe disse foi, que mais merecia sua irmam por andar naquella hora desvelada em acodir ao serviço da enferma, que ella com assistir alli a noite inteira orando. Dignas palavras de quem as disse: e grande consolaçaõ pera todos os que na Religiaõ se occupaõ por obediencia em serviços das Communidades, que ao parecer saõ distractivos, e de pouco merecimento. Saibaõ certo, que pera nosso ensino sucedem estes casos, e ficaõ em memoria. Que assi como S. Paulo quando guardava as capas dos que apedrejavaõ ao Santo Protomartyr Estevaõ levava sua parte em cada huma das pedras, que tiravaõ os que o tinhaõ feito depositario da roupa, porque de tal serviço resultava poderem mais soltamente menear maons, e braços: nem mais nem menos qualquer Religioso, que com bom animo se emprega em servir sua communidade, por humilde, e abatido que seja o officio, viva confiado, que a elle refere o justo premiador das boas obras grande parte do que ganhaõ os mais abrasados espiritos prègando, doutrinando, confessando, e sacrificando. Este Crucifixo, que assi falou, dizem que he o mesmo, que hoje està na enfermaria deste Mosteiro.

Act. 7.

CAPITULO XXXII.

Das Madres Sor Caterina Nunes, Sor Caterina Pacheca, e Sor Caterina da Costa.

DE outras tres Madres, tambem do tempo antigo temos que tratar, todas tres raros espiritos, e raro cada hum por sua via, e todas tres de nomes Caterinas. A primeira serà a Madre Caterina Nunes, de quem sabemos, que atè o ultimo ponto da vida, que foi muy comprida, continuou com huma abstinencia semelhante às que se escrevem dos Padres do ermo. Passava as Coresmas inteiras sem mais mantimento, que paõ, e laranjas. Nos dias de Comunhaõ por respeito daquelle alto Senhor, que recebia, naõ comia nada atè o dia seguinte. Sua perpetua residencia era no Coro, donde nunca sahia senaõ por grande força de necessidade. Em tudo quanto dezia, e fazia se lhe enxergava andar abrasada em amor divino. Nunca nomeava a Christo se naõ polo seu bom Jesu, ou polo seu cordeiro sem magoa, e o nomeallo era com entranhavel alegria. Conheceo a hora de sua morte. Estando enferma da doença, que a levou, mandoulhe a Prelada huma noviça, que assistisse com ella pera a vigiar, e servir. Naõ o consintio dizendo, que naõ queria cansar a ninguem antes de tempo: que quando o fosse, ella teria cuidado de avisar. Passou assi alguns dias, e no cabo delles advertio às enfermeiras, que era chegada a hora, que a naõ deixassem, e mostroulhes onde tinha junto todo o necessa-

rio pera sua mortalha. E assi se foi pera o Ceo como hum Anjo.

He segunda a Madre Caterina Pacheca, Religiosa de grande oraçaõ mental, exercicio seu de toda a vida: e viveo tanto, que chegou a naõ se poder bolir senaõ sobre muletas, porque se ajuntava aos longos annos outra aleijaõ, que tinha natural. Estando doente na enfermaria lhe fez o Senhor hum soberano favor. Era huma noite da Semana Santa, e da quinta feira pera a sesta, estava bem esperta, e empregada toda na consideraçaõ dos mysterios de tal tempo, eis que começa hum ruido por toda a casa, como de tropel de gente, que vinha andando à pressa, e empuxandose, e forcejando com grita, e vozeria, e grande rumor: e no mesmo tempo sentio mover, e estremecerse todo hum devoto Crucifixo, que tinha à cabeceira. Naõ caindo no que poderia ser, e ficando torvada, começou a ouvir huma voz de pregoeiro mui alta, e retinida, que distintamente declarava a morte, que Pilatos mandava dar ao bom Jesus, como quando hya caminhando pera o Calvario polas ruas de Hierusalem. Neste passo foi tal a dor da devota enferma, que levantou a voz em grita dizendo: Senhor, Senhor, isto naõ he pera mim, que vos creyo, e confesso, e sei que isto, e muyto mais passastes por mim: là Senhor aos infieis, que vos naõ crem, mostrai estes sinaes. Acodiraõ as enfermeiras, e outras enfermas, que estavaõ perto, ao grito com espanto (que do mais naõ sintiraõ nada) e obrigaraõ a velha santa a declarar a causa.

Chamavase a terceira Religiosa Sor Caterina da Costa, que por muito zelosa da Religiaõ, e guarda da regra servio longos annos o cargo de Supprioressa. Na virtude do silencio se esmerou com grandes, e notaveis particularidades, e com as mesmas em huma affectuosa devaçaõ com as almas do fogo do Purgatorio. Assi naõ se tinha por maravilha, que quem tratava sempre com defuntos guardasse silencio com os vivos. Mas todavia espantava muyto o continuo trato, que tinha com as almas desejando fazerlhes bem, e o grande desassombramento, e pouco medo com que falava com ellas procurando saber suas necessidades, e remedeallas por todas as vias, que podia. Da morte de seu pay foi avisada por elle mesmo, que lhe apareceo, e deu conta do estado em que estava, e do que avia mister que fizesse por sua alma. Estava huma noite no seu leito em oraçaõ, sentio por junto delle como estrepito de gente, que passava: levantou a cortina, e vio huma comprida procissaõ, e toda a companhia della vestida de branco. Como acostumada a semelhantes visoens naõ sò se naõ perturbou, mas perguntou confiadamente aos de mais perto, quem eraõ, e a que vinhaõ alli. Responderaõ que eraõ almas do Purgatorio, e vinhaõ visitar, e consolar por particular privilegio, e mercè de Deos huma sua devota daquella casa, que muitos bens lhes fazia, e estava doente. Taõ desassombrada se achava a boa velha, que fez segunda pergunta, se avia de morrer a que queriaõ visitar: e foilhe respondido, que daquel-

la

la doença naõ. Era a enferma a Madre Micia dos Apoſtolos, de quem adiante falaremos, peſſoa bem merecedora de taes viſitas: a qual com ſer ainda entaõ moça era jà taõ eſtimada de todas as Madres, que o goſto de as alegrar com a boa nova obrigou a ſanta velha a deſcobrir a viſaõ. Faleceo em boa velhice cheya de dias, e com grandes ſinaes de Santa.

CAPITULO XXXIII.

Da Madre Sor Breytiz Salema.

SEgue a eſtas Religioſas antigas a Madre Sor Breytiz Salema, tambem antiga como ellas, mas aventajada, ſe ſe pode dizer, em hum ſanto propoſito, com que ſe determinou a retratar em ſi em ſupremo gràò todas as virtudes juntas de huma perfeita Religioſa, e em cada huma ſer unica. E naõ cuide ninguem, que he iſto termo Retorico; e querer ſair do eſtilo devido à hiſtoria. Naõ he ſempre ſeca a verdade: fariamos contra ella, ſe por medo de parecer amigos de encarecer, uſaramos termos breves, e ordinarios; e menos ſignificativos do que merece hum valor naõ coſtumado nem ordinario, como foi o deſta Madre. E todavia por fugir ditos, e opinioens iremos eſcrevendo ſingelamente o que della achamos, e ſem mais cores nem ordem, que a que tem em ſua fonte. Primeiramente, porque ſe naõ poſſa duvidar do que diſſermos de ſuas couſas, fundou a vida em huma profunda humildade, tomando por ſua vontade todos os mais baixos, e abatidos officios da caſa. Ella era a que alimpava todas as immundicias do moſteyro, e atè as eſcravas ajudava a ſervir como ſe fora huma dellas: e iſto naõ era ſò ſendo moça, ſe naõ tambem deſpois de muito velha, que ſempre andava com a vaſſoura na maõ varrendo tudo o que naõ eſtava muito limpo. No Coro nenhum officio eſtimava como o de noviça. Aſſi quando as Madres hiaõ a elle, jà tinha candeas aceſas, livros poſtos, e regiſtrados, e tudo taõ a ponto ſem ſer de ſua obrigaçaõ, como ſe na verdade eſtivera à ſua conta. Eralhe facil eſta diligencia, porque dormia muito pouco (que he outra grande virtude monaſtica) e nenhuma na caſa ſe levantava primeiro a Matinas: e como ſe trouxera conſigo o relogio, aſſi eſtava pronta na hora, e pola meſma rezaõ ella era a que de ordinario eſpertava, e tangia a Matinas. A falta de ſono naõ lhe procedia de natureza pouco inclinada a elle, ſe naõ de quebrantada, e vencida com força de abſtinencia: ſoberana virtude, e de todas as outras conſervadora. Affirmaſe della, que nunca comia mais, que paõ ſeco: ora ſeco, ora em ſopas, que devia ſer deſpois, que a idade lhe foi roubando os dentes. A ſua pitança da meſa lhe levavaõ ſempre preſos da cadea publica; que tomava à ſua conta pera os manter, ou outros pobres. Eiſaqui como ſe alternava a abſtinencia com a charidade, ou como huma virtude era origem da outra. Mas pois tratamos da caridade, que uſava com os neceſſitados das portas a fora, naõ deixemos pera mais longe a que das portas a dentro exercitava.

To-

Toda ſua vida coſtumou ſervir as enfermas, alimparlhes os leitos, yr, e vir à cozinha polo jantar, e cea de cada huma com tanta diligencia, que ainda deſpois de velha competia com as mais piadoſas ſervidoras. E pera que abramos os olhos, conſiderando com eſpanto os juizos de Deos, ſendo as obras de charidade taõ eſtimadas delle, que de ſua boca nos affirma aceitar por feitas em ſerviço ſeu, as que por qualquer neceſſitado fizermos: no meſmo exercicio aconteceraõ à ſanta velha dous caſos, hum dos quaes lhe cuſtou perder huma maõ, e o outro a vida, e paſſaraõ aſſi. Indo depreſſa acodir a huma enferma com certa couſa, que na maõ levava, ou ſe ferio nella, ou ſe queimou (o certo naõ conſta) de tal ſorte, que a poucos dias lhe ſaltaraõ erpes, e poſta em cura ficou com vida, mas porque foi neceſſario ſarjarlhe a maõ ficou aleijada: e com tudo nada eſcarmentada, nem menos ſolicita nos officios de piedade. Era polo mez de Agoſto, e em dia de noſſo Padre, e caſa revolta, e toda occupada em feſtejar o Santo. Entaõ he o tempo em que padecem os enfermos, porque feſtas grandes ſaõ ſò pera os ſaons, e todos ſe querem achar nellas. Eraõ horas de jantar, e paſſava de horas: vio a ſanta velha, que naõ avia quem ſe lembraſſe de huma pobre doente, fraca, e neceſſitada: naõ ſe quiz valer do privilegio da feſta, nem da idade que jà entaõ era quaſi decrepita, nem deſculparſe com o perigo do Sol de Agoſto, avendo de fazer o caminho pera a cozinha por lugar deſcuberto a elle: foi correndo, chamou, bateo, porque a achou fechada. Avia dentro tanto em que entender, que ou naõ foy ouvida, ou a naõ quiſeraõ ouvir. Fazialhe guerra pera que ſe tornaſſe o ardor da calma, que ſem reparo alli fervia, mas era mayor o que ſentia de charidade em ſuas entranhas: bater, e gritar parecialhe genero de impaciencia, e importunaçaõ, ſendo ſeu coſtume ſofrer tudo, e a todas, naõ ſer peſada, nem dar eſcandalo a ninguem. Eſcolheo por menos mal o que era mais em dano ſeu, que foy eſperar, e ſofrer o Sol: mas dalli trouxe logo huma ſezaõ: e ſegundaraõ outras que a levaraõ em poucos dias. Aſſi foy martyr da charidade, e juntamente da paciencia, e manſidaõ: pois com huma pequena falta, que fizera em qualquer deſtas virtudes, eſcuſava a doença: porem affirmaſe, que era taõ de bronze na paciencia, e taõ de roſas na manſidaõ, que nem com huma eſcrava ſe lhe vio nunca ſinal de ira: e ſobejando nas Communidades grandes, como foy ſempre a daquelle Moſteyro, occaſioens de encontros, e deſgoſtos, ella os ſabia levar, ou deſviar de modo, que nunca perdeo a paz da alma comſigo, nem com outrem des do dia que veſtio o habito da Religiaõ.

Sendo tal nas virtudes, que tem reſpeito ao proximo, era prontiſſima muito mais do que ſe pode encarecer nas que ſò tem por objeito a Deos. Como ſohia chamar, e eſpertar a Matinas polo pouco que dormia, e era a primeira que a ellas vinha, aſſi aſſiſtia nellas, e em todos os mais Officios Divinos, com tanto eſpirito, e taõ enlevada no

que

que rezava, que seu rosto à quem a via no Coro parecia de hum Anjo. Despois das horas a que era obrigada assistir sempre se ficava em oraçaõ, e nella continuava com attençaõ estranha. He cousa certa que em tempo de recreaçoens, quando por dar algum alivio ao trabalho de todo o anno concede o costume da Ordem dispensaçaõ nas Matinas da meya noite, a Madre Breytiz Salema naõ podendo acabar comsigo deixar de acodir àquella hora a louvar o Senhor, caminhava sò pera o Coro, e alli aturava toda a noite em peso, atè horas de Prima, taõ esquecida de si, e de tudo o da vida, que por muito rumor que se fizesse, ou caso extraordinario que acontecesse, nenhuma cousa bastava pera tolher aquelle sono do Ceo, com que o Senhor sabe recrear as almas, que o amaõ. Quando se achava assi sò no Coro, o posto que tomava era no meyo delle, pera ficar defronte do Santissimo Sacramento. A postura naõ assentada como fazem as fracas, e mimosas, se naõ joelhos em terra, e maons levantadas, e todos os sentidos passados ao Ceo por alta contemplaçaõ. Acontecia em tardes de veraõ entrarem as Religiosas, e veremlhe o rosto cuberto de moscas, que a comiaõ, sem fazer sentimento, nem dar acordo de nada. Mas o que mais espanta he, que atè a hora da morte nunca cessou, nem afroxou neste estilo, e ordem de vida: antes perseverou sempre, seguindo o Coro dia, e noite, e residindo nelle, salvo em quanto era occupada em officios da Communidade, ou acodia ao serviço das suas enfermas.

A oraçaõ taõ continua ajuntava huma entranhavel devaçaõ com a Virgem gloriosa do Rosario, empregando em seu serviço, e ornato de sua Confraria tudo quanto lhe vinha às maons, e podia grangear. Quando chegou ao fim da vida, das sezoens que dissemos, acompanhandoa à Communiddade, sobreveolhe hum desmayo que pareceo termo de quem queria acabar. Quando todas cuydaraõ que se finava, ella tornou rindo com hum gesto, e viveza de sam. Disselhe huma das que estavaõ mais perto: Que he isto Madre, de que rides? Vistes por ventura aquella Senhora de quem sois taõ devota? Respondeo a enferma palavras formaes: Ella me deu a sua graça. E sem dizer outra cousa rendeo a alma ao Creador. Seguiraõna as Madres de commum consentimento, naõ com canto funeral, e triste, mas como em triunfo com hum alegre *Te Deum laudamus*, segundo era decente a quem morria com o sinal que o Espirito Santo dà da molher, que canoniza por Santa, dizendo: *Et ridebit in die novissimo*: Morrerà rindo. Prov. 31.

CAPITULO XXXIV.

Das Madres Sor Anna Vilella, e Sor Anna Carreira.

A Madre Anna Vilella ganhou nome de esmoler naõ tendo de seu nada, e vivendo entre Freiras pobrissimas. Mas aqui cabe o louvor que teve a velha do templo por boca da summa Verdade: que deu mais que os ricos, que vazavaõ bolsas, sò com dar os seus dous seitis, porque elles davaõ das bol- Luc. 21.

bolsas cheyas, e do que lhes sobejava; ella dava da boca, e tirava da sustentaçaõ daquelle dia. Nem mais nem menos fazia esta Madre: partia a pobre pitança polo meyo: juntavalhe o que podia polas amigas, e pola mesa, e consolava hum pobre. Isto fez sempre, e cada dia sem mudança. Mas avendo quem lho estranhava despois de velha, e fraca, dizendo que avia mister ajudarse do mantimento, com lembrança que a charidade começava pola propria pessoa (que atè idiotas sabem Theologias em proveito do corpo) ella respondia, que huma ametade queria pera a alma, e a outra bastava pera o corpo. Toda a vida teve de costume levantarse infalivelmente à meya noite: e rezava logo com particular devaçaõ os sete Psalmos penitenciaes: e quando chegava ao verso do setimo que diz: *Expandi manus meas ad te: anima mea sicut terra sine aqua tibi*, a estas ultimas palavras batia nos peitos com huma pedra por tres vezes com tanta força, que acordavaõ as Religiosas ao estrondo dos golpes: e o costume de as ouvirem cada noite, e às mesmas horas, e saberem todas donde procediaõ, veyo a facilitar o que dantes causava medo, e torvaçaõ. Era taõ obediente, que tendo muito amor a huma gatinha, que criara, e mandandolhe a Prioressa, que naõ entendesse com ella, por lhe parecer que se occupava, e inquietava mais do necessario, ou por ventura pola provar: obedeceo taõ fielmente, que nem olhar pera ella se atrevia. E acontecendo chegarse a ella o pobre animal polo instincto natural da criaçaõ, torcia o rosto pola naõ ver, mas os olhos davaõ final arrasandose de lagrimas polo muito que lhe custava a força que se fazia, por naõ faltar na mayor da obediencia.

Creceria muito este volume, se ouveramos de proseguir todas as cousas que ha dignas de memoria nas vidas destas Madres. Assi nos contentamos com tocar sòmente algumas, e cortar muitas, porque as que se apontaõ parecem bastantes pera se entender o espirito, e valor de cada huma. Anna Carreira se chamava huma Madre que veyo buscar esta santa morada, despois de muitos annos de mundo empregados em pensamentos altos, e esperanças de grandezas da terra, porque ajuntava com bom sangue partes naturaes excellentes, e o que o mundo mais estima, muita, e grossa fazenda. Guardavaa Deos pera si, foylhe abrindo os olhos do entendimento, que tinha esperto, e assentado, mostroulhe em cabeça alheya successos avessos, desastres naõ cuydados, esperanças cortadas em flor. Resolveose polo discurso do tempo, que sò a Religiaõ, e o buscar a Deos era porto seguro de corpo, e alma. Sem mais esperar deixa tudo, entra polo Mosteyro huma noite (proprio tempo de quem foge) abraçada com hum Christo crucificado, naõ se fartando de lhe dar graças: porque nenhum outro conselheyro achara do bem, em que se via de o buscar, ainda que tarde, se naõ sò a elle. Trazia grande animo, mas eraõ as forças fracas, e essas debilitadas com o habito da vida empregada em delicias de gente rica. Assi fizeraõ a batalha

talha mais perigosa, e a vitoria de mais merecimento. Como quem pera ella se armava de hum arnes trençado, vestio logo hum gibaõ inteyro de cilicio, e deu-se tal manha com todos os rigores da Ordem, que ninguem os executava melhor. Porem era à custa de muitos trabalhos, e contradiçaõ da carne, e da natureza: e tambem do que o enemigo commum lhe procurava com tentaçoens persuadir, como despois pareceo.

Passou seu anno de noviça: fez profissaõ com alegrias, e jubilos da alma. Mas Lucifer, que ardia de rayva, e enveja de se ver atropelado, e vencido de huma fraca molher, determinou-se com ella em guerra descuberta, e guerra de maons: salta nella na mesma noite da profissaõ, lançalhe maons à cabeça, afferralhe do veo: defendese a professa, e grita, e em fim fica com vitoria. Naõ quiz todavia o soberbo apartarse sem alguma vingança. Tinha a nova professa no seu leito hum caixaõ de muitos brincos de procelanas, vidros, cristays, e outras miudezas, que como eraõ de casa rica, todavia tinhaõ valia. Nestas fartou o odio. Acharaõse pola manham todas feitas pedaços, e taõ esmiuçadas, e moydas, que sò maons do diabo poderaõ tal obrar. E foraõ vistas por todo o Mosteyro com espanto, e lastima: mas sò pola professa com gosto, por lhe naõ ficar cousa da terra em que o occupasse. Caindo o enemigo na conta, que fizera lanço contra si, tornou outras noites a perseguilla, procurando arrancarlhe o veo da cabeça, e arrepelandoa: feitio, e obras que a fundavaõ cada hora mais no amor de Deos. E assi dizem, que a estancia do leito, onde estas perseguiçoens padecia, lhe servia mais de oratorio, que de cama, mais de trato com Deos, que de sono. Porque passava as noites inteiras orando com tal enlevamento da alma, e dos sentidos, que acontecia entrarem Freiras a tomar luz da sua candea, e assentaremse a rezar junto della, sem ella dar fé de nada, nem acordo de si. Mas lograse mal tudo o que tem estremos de bom, porque o naõ merece o mundo. Viveo poucos annos despois da profissaõ: e acabou como viveo com morte de Santa. Do que ouve fermoso testimunho alguns annos despois. E foy assi, que abrindose a sua cova pera lançarem nella outra defunta, sahio de dentro hum cheyro de taõ excessiva suavidade, e fragrancia, que os Religiosos, que faziaõ o officio, culpavaõ quem tinha o cargo da Sacristia, affirmando, que em lugar de incenso se queimavaõ no turibulo pastilhas, ou beijoim. Porem averiguada a verdade com vista da naveta, cahiraõ que a Madre Anna Carreira era a que convertia com sua santidade aquelle pò, que tocava seus olhos, em barro de cheyro, e pastilhas do Ceo: e como estava fresca a memoria de suas virtudes, naõ se estranhou a maravilha.

CAPITULO XXXV.

Das Madres Sor Filippa de Caſtro, e Sor Filippa Godinha.

A Duas Annas ſantas ſuccedem duas Filippas, que o naõ foraõ menos. Ambas chegaraõ com a idade a noſſos tempos. Ambas muito penitentes, e de grande oraçaõ. Huma foy a Madre Sor Filippa de Caſtro: outra Sor Filippa Godinha. A primeira teve particular excellencia em ſer amiga do bem commum da caſa, e eſtimar o particular de cada Freira mais, que proprio: e naõ ouve nunca occaſiaõ taõ peſada, que lhe abateſſe o fogo da charidade, que tinha pera com todas. Por ſer eſta foy vinte annos porteyra: e nunca o trabalho do cargo a fez afroxar na penitencia, ou deſcuidar na oraçaõ. Todos os ſabados do anno jejuava a paõ, e agoa, à honra de Noſſa Senhora, de quem era devotiſſima. O meſmo fazia todas as veſperas das ſuas feſtas, e das feſtas dos Apoſtolos: e na Quareſma ajuntava a eſta penitencia as quartas feiras. Por maneira, que contados os dias, vinha a fazer interpoladamente em cada hum anno quaſi duas Quareſmas de paõ, e agoa. Na oraçaõ aſſiſtia com tanto goſto, e aſſi a continuava, como ſe outra couſa naõ tivera em que entender: e tal era a conſolaçaõ de ſeu eſpirito nella, que lhe tresbordava no roſto, e parecia a quem a via, que ſe eſtava rindo. Veyo a falecer de huma febre ardente acompanhada de modorra, e freneſi, que a conſumio em termo breve: mas foy o Senhor ſervido que antes de acabar tornou em ſi, e com perfeito juizo, e conhecimento do eſtado, em que eſtava, tratou de ſua alma, e ſe deſpedio de todas: e com grande animo, e conformidade com Deos ſe foy pera elle.

A penitencia da Madre Filippa Godinha foy couſa extraordinaria, e fòra do commum. Por ella era chamada de todas: O Padre do ermo, e avida por Santa. Nunca trouxe tunica de linho, nem de eſtamenha. Veſtia ſobre as carnes hum cilicio inteiro, que era hum gibaõ de pano baixo, e aſpero, trajo de molheres do povo humildes, que ellas chamaõ ſainho, por ſer mayor, e mais comprido de talho, que o gibaõ. Cama tinha, mas naõ pera dormir nella: ſò lhe ſervia de nome, de effeito nunca, porque nunca ſe deitava nella. E tal era eſta cama de eſtado, que tambem fora penitencia por ſi ſofrella: e pera ſe mortificar em todo tempo, ſofriaa nas doenças. Era hum enxergaõ velho, e podre, acompanhado de hum colchaõ de lam quaſi vazio, em ſima por lençoes, e mantas huns pedaços de cubertas, que ſendo de panno do monte ſeco, e aſpero, a muita velhice, e roturas as faziaõ brandas. Outra couſa naõ avia nella. Neſta affirmaõ que a viraõ deitada em doença graviſſima, que padeceo de febres ardentes ſobre huma inflammada eriſipula. Tomava muitas diciplinas; jejuava todas as ſeſtas feiras do anno a paõ, e agoa, e na Quareſma tambem as quartas feiras. A oraçaõ era paſto ſuaviſſimo de ſua alma, e ſuas delicias. Pera gozar della nem na ultima

idade podia acabar consigo ficar de Matinas. A todas acodia com hum cuidado invencivel, e despois ficava de ordinario no Coro atè pola manham. Era grande amiga do silencio, e naõ abria a boca senaõ pera cousas muy forçadas. Se ouvisse pratica espiritual acodia, e respondia, e alargavase, principalmente quando se tratava da Paixaõ de Christo, de que era mui devota. Na hora da morte foi perseguida do enemigo infernal, que a tentou visivelmente. Defendiase com obras, e palavras, como outro S. Martinho: armavase com o santo sinal da Cruz, e dizialhe: Renego de ti, e de tuas màs obras. Vaite pera o teu lugar. Aqui naõ tens que fazer. Sou alma de salvaçaõ. Meu Deos morreo por mim, elle me ha de salvar polos merecimentos, que pera mim ganhou na Cruz: e juntamente polos de meu Padre S. Domingos, cuja filha sou. Outras vezes fechava os olhos pera huma parte do leito, outras fazia sinais de desprezo, e estendendo o braço, e cerrando a maõ dava figas. Em fim quietou; e com o nome de Jesu na boca, e na alma passou à quietaçaõ perpetua.

CAPITULO XXXVI.

Da Madre Sor Maria de Mendoça.

COmeçamos a escrever de gente, que conhecemos de mais perto: e ainda que he costume do mundo fazer muito caso das cousas antigas, e muitas vezes sem mais rezaõ, que o gosto, e inclinaçaõ, que nossa natureza tem a estimar mais tudo o de longe, e que naõ tem uso: a verdade he que o ouro velho naõ he melhor por mais velho, se naõ por mais fino: e quem o achar hoje taõ subido em quilates, como he o dos Portuguses del Rey dom Manoel, ou dos dobroens de duas caras dos Reys dom Fernando, e dona Isabel, naõ tem pera que desejar, nem envejar mais velhices. Porque com o mesmo fogo, que apurou o antigo, podemos levantar o novo a igual, e mayor fineza. Da mesma maneira veremos daqui em diante neste Mosteyro alguns espiritos, que naõ devem nada em valor aos muito atrazados em annos, e muito abalisados em boas calidades: e naõ ha que espantar, pois sabemos que huns, e outros saõ obra sayda de huma mesma forja, e das maons do mesmo official, que he Deos. Bem o podemos dizer pola Madre Sor Maria de Mendoça, que segundo sua grande religiaõ, zelo, e espirito de governo, se cahira nos tempos muito antigos, receberamos sua memoria como cousa estranha, e peregrina; e todavia acharemos que foy igual ao valor dos que celebramos por muito afastados da idade presente. Quinze annos teve o trabalho de Prioressa. Soube ajuntar no officio dous estremos, com que se fez grandemente estimar, que foraõ ser temida, e amada: pera o que lhe valeo huma natureza, que tinha, muy humilde, e sofrida: e igualmente inteira, e varonil. Saõ estremos taõ necessarios em quem tem qualquer administraçaõ, que por isso vemos hoje tanta falta de bons governadores, e bom governo por toda a parte, porque naõ

naõ ha quem estude em os alcançar, e manter juntos. Huns cuidaõ que tudo se alcança com rigor, daõ em tyrannos, e ganhaõ odio dos subditos. Outros seguem tanta brandura, que de froxos, e pera pouco se fazem desestimar, vaõse com todos, naõ contradizem nada: e cuydando ganhar amor por esta via, vem pola mesma a ser mais aborrecidos, que os tyrannos. A Madre Maria de Mendoça na sua pequena Republica assim ordenava suas cousas, que nem por branda era pouco respeitada, nem por esquiva odiosa. E naõ devemos cuydar, que lhe vinha isto de ser lida nas politicas de Aristoteles, ou republicas de Plataõ: a causa original era, porque se governava segundo o conselho Evangelico, com simplicidade, e entranhas de pomba, com prudencia, e inteireza de serpente. A sua amiga, por muy especial que o fosse, naõ se avia de desmandar, nem fazer cousa mal feita, que logo naõ tevesse a reprençaõ, e a pena, se convinha: a quem naõ era muito de seu seyo, se fazia o que devia, e procedia com bom termo, tinha de sua boca gloria, e louvores, e a honra do melhor cargo, se pera elle prestava. Assi trazia em igual balança pena, e premio com todas, e sem distinçaõ com nenhuma. Com tal arte tinha aquella Communidade taõ obrigada, que em quanto viveo, todas as vezes que lhe coube, foy buscada à força pera Prelada, sem lhe valer huma pesada, e incuravel enfermidade de hum cancro, que lhe hia comendo o peito direito com intoleraveis dores, e com fluxos de sangue, que lhe acodiaõ a miude, e a punhaõ no ultimo da vida. Valiase em tanto mal de huma entranhavel devaçaõ, que sempre teve com a Paixaõ de Nosso Senhor Jesu Christo: pera a consideraçaõ da qual tomava muitas horas, principalmente de noite. Sabiase desta Madre de muitos annos atraz, que em soando nos relogios as doze jà estava esperta, tanto ao justo como se alguma pessoa tivera cuydado de a chamar. Logo se levantava a meditar a sagrada Paixaõ, e nella lhe dava o Senhor altos, e devotos sentimentos. Dezia ella (e sua vida merecia credito em mayores cousas) que todas as vezes, que ouvia cantar os gallos naquella hora, lhe atravessavaõ o coraçaõ gravissimas dores, com lembrança das negaçoens de S. Pedro. E que desda quinta feira atè o sabado por toda a roda do anno sentia em sua alma huma grande desconsolaçaõ, lembrada da que o Senhor padecera naquelles dias, e das magoas, e saudades da Virgem sua Mãy.

Com a idade, e enfraquecimento da natureza foy lavrando o cancro, e sendo muitas as penas, e miserias de tal doença, e o verse comida em vida, era admiravel a paciencia com que as levava. Acontecia ouviremna as que passavaõ por seu leito entre os gemidos, que a força das dores lhe arrancava, falar algumas palavras, naõ de queixa nem sentimento, mas de amores, e requebros, que dezia à mesma chaga, como quem esperava, que avia ella de ser meyo de sua gloria. Assi lhe chamava de ordinario a sua rosa. Tinha com todo este trabalho compridos tres annos de Prelada, que fo-

foraõ os ultimos de ſua vida: entaõ conhecendo a hora de ſua morte, pedio abſolviçaõ do cargo, e durou deſpois que o largou, hum mez. Neſte tempo, quando entendeo que eſtava perto do fim, chamou ſuas parentas, que tinha muitas, deſpediose dellas, e mandou que a deixaſſem por naõ receber torvaçaõ na viſta de ſuas lagrimas. Pouco deſpois começaraõ as Madres a Ledainha, e oraçoens daquella hora: as quaes acabadas, pedio com muita quietaçaõ que lhe rezaſſem em voz alta algumas couſas de devaçaõ; e eſtava tanto em ſi, que rezandolhe o Reſponſorio de Noſſo Padre: *O ſpem miram &c.* Quando repitiaõ: *Imple Pater quod dixiſti.* Levantava os olhos ao Ceo como quem lhe pedia o meſmo. Pedio deſpois que lhe diſſeſſem o Reſponſorio de quinta feira da Cea: *In monte Olіueti, &c.* Foraõno dizendo, e quando chegaraõ a dizer: *Pater, ſi fieri poteſt*, entrou em paſſamento com os olhos pregados em hum Chriſto crucificado, que tinha diante, e aſſi acabou ſem fazer geito nem differença na boca, nem na cor. Foy eſte bendito tranſito, como de quem era taõ devota da paixaõ, em huma ſeſta feira de Março do anno de 1575. E naõ ſe podendo ſepultar aquelle dia por ſer tarde, quando veyo o ſeguinte, tomandolhe algumas Religioſas as maons pera lhas beijar, notouſe com eſpanto, que eſtavaõ taõ brandas, e aſſi ſe meneavaõ como ſe foraõ de peſſoa viva. Era eſta Madre filha de Ayres de Souſa Commendador das Commendas de Noſſa Senhora de Alcaçava de Santarem, e de Rio mayor da Ordem de Avis: e de dona Violante de Mendoça.

1575.

CAPITULO XXXVII.

Da Madre Sor Guimar de Souſa.

DEſta Religioſa, a quem demos o capitulo precedente, era prima com irmã a Madre Sor Guimar de Souſa, da qual podemos dizer que foy hum retrato de toda a bondade. Porque em tudo, o que tocava às leys da Religiaõ ſe eſmerou perfeitamente, e em eſpecial em ſer pobre de vontade, e com effeito; que he ponto, em que ha muitos, e grandes ganhos ſecretos. Padecia faltas de muitas couſas neceſſarias, e naõ ſò as levava com paciencia mas com alegria. Na obediencia era taõ pronta, que em ouvindo o nome da Prelada em qualquer eſtado que eſtiveſſe, ainda que foſſe comendo, e pera couſas de pouca importancia, tudo deixava, com quanto por ſer muito doente tinha a eſcuſa na maõ. Davaſe à oraçaõ quaſi continuamente, e eſta era ſua principal occupaçaõ. Naõ falava, nem conſentia falar de peſſoa auſente em ſua preſença, ſe naõ com louvor. Era muy humilde de coraçaõ, e obras: o que ſe via em que deſpois de ſer duas vezes Prioreſſa, e no tempo que o era, enſinava de boa vontade a ler, e cantar as que ſabiaõ pouco: e iſto ſem lho pedirem, moſtrando particular goſto do trabalho, que tomava em as inſtruyr (verdadeyro officio de Prelados, mais que occuparemſe com todo o cuidado, como acontece muitas vezes, em temporalidades, avendo que ſò conſiſte nellas toda

da a ſuſtancia do cargo.) Era muito eſcrupuloſa nas couſas de ſua obrigaçaõ: e daqui lhe nacia folgar de enſinar as ignorantes, e juntamente tratar com letrados pera aprender o que naõ ſabia. Por eſtas virtudes alcançou de Deos hum ſoberano favor por ella com longas inſtancias requerido, que foi darlhe neſta vida a ſentir parte dos tormentos, que padeceo na Cruz. O modo era acodiremlhe em certos dias humas dores taõ exceſſivas em todos os membros, que affirmava naõ eraõ menos, que ſe hum por hum lhos foſſem eſpedaçando todos: e porque ficava de todo tolhida, naõ tinha remedio pera as paſſar ſe naõ deitada em cama. Quando lhe começaraõ, como os medicos naõ entendiaõ o que era, applicavaõ remedios, e meſinhas; e ella por ſe encobrir, ainda que ſabia donde vinhaõ, ſofria tudo ajuntando martyrio a martyrio. Duravalhe o acidente de ordinario vinte e quatro horas, as quaes paſſadas, como no mal naõ avia cauſa natural, ficava livre de todo, atè que o Senhor era ſervido mandarlhe outro. Como foraõ continuando os acidentes, por eſcuſar medicos, que os Prelados logo chamavaõ, tomou por meyo dàr conta a ſeu confeſſor, e declararlhe a verdade, que pera gloria de Deos ſe veyo a manifeſtar, e era publica no moſteiro. Mas ficou em perpetuo ſegredo o que fora de mais honra deſta Madre, quero dizer os meyos por onde entendeo, que era dado por Deos, e a ſua petiçaõ hum tormento, que podia ſer natural: o que de força avia de ſer por revelaçaõ, e com outras particularidades, que ſe deixaõ bem entender, e ella por ſua humildade ſe naõ atreveo a declarar. Por eſtas, e outras couſas, que ſe notavaõ de ſua vida, era tida de todas em grande conta: mas no cabo da carreira ſuccederaõ outras, que confirmaraõ bem tal opiniaõ. Eſtando enferma da ultima doença, que a levou, juntouſe a Communidade huma tarde parecendo que entrava em paſſamento. Vendo as Madres juntas, diſſelhes que ſe podiaõ ir; mas que no dia ſeguinte às dez da manham eſtiveſſem com ella, que entaõ as avia de deixar. Toda aquella tarde, e noite paſſou em palavras de muita edificaçaõ: e chegando a hora, que tinha dito, ſe foi ao Ceo no mes de Março do anno de 1578. Ordenouſe a caſo abrirſelhe huma ſepultura nova, e deraõ os officiaes em huma piçarra taõ ſeca, e dura, que tudo o que tiravaõ era pedra, e à força de alavanca: e parecendo que pera cobrir o corpo faltaria terra, e ſeria neceſſario mandar vir alguma de fora, notaraõ os religioſos, que aſſiſtiraõ ao officio, naõ ſem grande maravilha, que deſpois de cuberta, e cerrada, e igoalada a cova, naõ ſomente ouvera falta de terra, mas antes ſobejara muita alem de hum monte de pedras, que eſtava junto, que della ſe tirara. E fazia o caſo mais notavel naõ ſer a defunta corpulenta, antes ir muito extenuada da doença. Mas outro, que logo ſucedeo, fez eſquecer eſte. Vieraõ tochas alugadas pera o officio, como he coſtume, mandadas polo Cerieiro da caſa, e dadas, e tomadas por peſo, e por eſcrito. Arderaõ à miſſa, e officio, que foi can-

1578.

cantado com muita ſolenidade, como era rezaõ por Prelada, e que todas tinhaõ por ſanta. Quando foi a entrega naõ ſò ſe naõ achou deminuiçaõ na cera, mas ouve tanto crecimento no peſo, que baſtou pera pagamento do aluguer. Naõ faltaraõ ſonhos, e viſoens em algumas peſſoas de boa vida, que deraõ teſtimunho da gloria a que ſubio: mas podendo ſer mui certas polo que merecia, eſcuſamos contar verdades ſonhadas, à viſta das palpaveis que temos referidas.

CAPITULO XXXVIII.

Das Madres Sor Filippa de Payva, Sor Guimar Velha, Sor Iſabel da Roſa, Sor Breytiz de Mendoça, e Sor Lianor do Roſario.

1584. SEis annos a diante no de 1584 faleceo neſta caſa a Madre Sor Filippa de Payva com grandes ſinaes de ſalvaçaõ no fim, como tinha dado com verdadeira obſervancia por toda a vida. Foi o mal, de que acabou, huma trabalhoſa hidropeſia, que ſofreo com grande paciencia, naõ deixando nunca hum ſanto exercicio de eſtar ſempre com Deos por meyo da oraçaõ. Eſtimava eſta Madre em tanto grào o eſtado da Religiaõ, e a boa ventura que conſiderava ter alcanſado nelle, que a nenhum officio da Communidade, por humilde que foſſe, troceo nunca o roſto: ainda ſendo muito velha ſervia todos com alegria, e tinha por honra fazellos com perfeiçaõ, e a goſto das outras Religioſas em quanto ſe eſtendia ſua obrigaçaõ. Aſſi atè a hora da morte foi ſempre occupada. Era taõ charidoſa, que a todos amava, e deſejava agradar, como ſe cada huma fora ſua irmam por ſangue: pagavaõlhe todas na meſma moeda, porque alem das boas entranhas, que lhe conheciaõ, achavaõ em ſuas maons huma certa virtude pera qualquer dor, ou outro mal que a cada huma ſuccedia, em que tinhaõ tanta fé, que como ſe nella tiveraõ certa a ſaude, aſſi era chamada das enfermas. Acodia a boa velha ſempre com alegria, e ſentiaõ de ſuas maons recreaçaõ, e alivio. Mas a meſtra verdadeira era a Virgem glorioſa do Roſario, cujo azeite levava ſempre conſigo, e eſte era o que obrava o remedio por meyo da ſua ſerva, que com perpetuo amor ſe empregava no cuidado, e veneraçaõ da ſua imagem, que a ſeu cargo tinha: e quando faleceo fazia entre as Madres, e em ſerviço da meſma Senhora o officio, que chamaõ de mordoma, que era eſtar obrigada aquelle anno a lhe fazer a ſua feſta. Parece que quiz a mãy de miſericordia que lha foſſe celebrar entre as ſantas Virgens do Ceo.

1590. Por Fevereiro do anno de 1590 faleceo a Madre Sor Guimar Velha, que merece fazermos della memoria pola perſeverança, que toda a vida teve na oraçaõ, de ſorte, que ſervindo ſempre os officios do mais trabalho da Communidade, tomava por alivio do muito, que nelles canſava de dia, orar toda a noite, que era deſcançar com Deos do que trabalhava por Deos. Era muito devota do Santiſſimo Sacramento; e todos os empregos de couſas, que fazia por

por suas maons, e fazia muitas, offerecia pera o culto divino: e as que pera elle naõ convinhaõ, fazia vender pera que servissem por outra via. Assi enriqueceo com sua industria a sacristia, e se lhe deve grande parte dos concertos, que nella se vem hoje.

A Madre Isabel da Rosa fez huma vida taõ santa, e esmerouse tanto em todas as virtudes, que mereceo ser crida na hora da morte, dizendo que estava com ella o grande Arcebispo de Florença Santo Antonino Frade nosso. Sabiase della que toda a vida lhe rezara cada dia o seu officio inteiro, assi como o o rezamos em sua festa.

Quatro annos foi Prioressa neste Mosteiro a Madre Sor Breytiz de Mendoça com grande satisfaçaõ de toda a Communidade. Sobre muitas virtudes, de que era dotada, na da humildade foi hum estremo. Porque atè as escravas ajudava a trabalhar quando entendiaõ em cousa, de que ella podia lançar maõ: o que tambem lhe nacia de humas entranhas brandas, e piadosas pera com todas. Tinha muita oraçaõ, e era especialmente devota de nosso Padre S. Domingos, em cujo dia naõ sabia dar hum passo fóra do Coro, gastandoo todo em meditaçaõ da alteza de suas virtudes, as quaes lhe faziaõ do Santo tamanha saudade, que segundo affirmava, naõ podera ser mayor, se muito familiarmente o tratara, e conversara.

Sor Lianor do Rosario se chamava huma moça, que da India oriental veyo com outra irmam sua (e vieraõ ambas em tenra idade) a tomar o habito neste mosteyro, por serem filhas de hum homem nobre natural da mesma villa. E foi o tempo, que o logrou, taõ curto, que passava pouco de dezoito annos quando se partio delle pera o Ceo, tanto ao certo na opiniaõ de todas as Religiosas, que justamente lhe podemos aplicar o que por outrem foi dito: *Consummata in breui expleuit tempora multa*, em vida curta obras de longos annos. Desde minina começou a ser Santa. De dia quando a mestra dava recreaçoens, a sua era furtarse às companheiras, entender com livros de devaçaõ, ou irse ao Coro: com tanta constancia, que a tinha pera se ouvir chamar de hipocrita, e naõ se render, nem escandalizar, nem fazer mào rosto. De noite dormindo em companhia de outras mininas na enfermaria, por naõ ter ainda leito, era ordinario as que acordavaõ a caso, ou se levantavaõ fóra de tempo, acharemna posta de joelhos rezando diante de huma imagem de nossa Senhora. Estando no coro era tanta sua composiçaõ, e devaçaõ no modo de rezar, que fazia espanto a toda a Communidade. Esta foi quando minina, e noviça: tanto que fez profissaõ, entendendo que votara pobreza, desapropriouse logo de tudo, quanto tinha de brincos, e curiosidades de Freiras, que sem encontrar o voto se possuem, ou com licença, ou em nome da Communidade, ou por naõ serem de valia: e quiz desembaraçarse de sorte, que atè as necessarias largou a sua irmam; e quando sucedia ter necessidade de alguma, contentavase com a pedir por emprestimo, ou por esmola, e nunca como sua. E pera

Sap. 4.

ra mais inteiro desapropriamento, nem a chave de hum pobre bofeto, que lhe ficou, quiz nunca possuyr: aberto o tinha sempre, ou a chave junto delle no leito. Juntava a esta pobreza muitas diciplinas tomadas com rigor, estreita abstinencia, e huma obediencia muy pronta. Saõ os officios das novas professas na Religiaõ os mais trabalhosos que nella ha, pera se acostumarem bem, e se yr dando alivio às mais antigas. Ella aceitava, e fazia todos com gosto, e perfeiçaõ: e por muito cansada que ficasse, nem cortava polo Coro, nem por huma pesada carga voluntaria, a que se tinha obrigado, de rezar hum Psalteiro cada dia. Ao Coro acodia com estranha continuaçaõ, e a obrigaçaõ do Psalteiro cumpria puntualmente. E assi quasi naõ tinha momento, que naõ fosse dado a Deos. Era o trabalho muito, a idade tenra, e a natureza fraca, foi sentindo o peso, e enfermou gravemente. Soubese de certo que entre as cousas, que pedio a Deos na profissaõ, foy huma, que despois de professa lhe encurtasse os dias, pera yr mais cedo gozar de sua visaõ beatifica: outra que fosse seu fim de doença vagarosa, pera que conhecesse a morte, e atè o ultimo tivesse fala, e juizo. Cumpriolhe o Senhor misericordioso sua petiçaõ em tudo, porque raramente consente, que fiquem baldados desejos santos. Abrevioulhe o desterro, e deulhe a enfermidade que desejava: fezse tisica, foise consumindo de vagar, falando, e tratando com todas, e vendo, e entendendo que hia acabando.

Visitoua o medico hum dia, e entendendo polo pulso, que se lhe apertava o prazo, avisou que lhe acodissem com o Sacramento ultimo da santa Unçaõ. Sentiose a carne quando o soube: que naõ ha taõ valeroso soldado, que naõ tema ao entrar na batalha, e naõ se chama esforçado o que carece de medo (que isso he ser temerario) se naõ aquelle que atropelando, e vencendo os medos se arremessa animosamente ao perigo. Podia ser tambem confiança da mocidade: em fim fez resistencia, e refusava disporse pera o Sacramento. Mas como era verdadeira filha de obediencia, na hora que a Prelada lhe disse que convinha, naõ sómente consentio logo, mas as horas, que despois durou, gastou todas em fazer escrupulo, e pedir perdoens da difficuldade que mostrara. Entregouse à disposiçaõ Divina com huma conformidade, que parecia communicada do Ceo, dando graças sem fim ao Creador pola trazer à Religiaõ, e a esta Ordem, e casa, e lhe dar a morte que desejara, e pedira. Quando lhe chegou a hora, pareceo a todas as Religiosas, que tivera verdadeyro conhecimento, e revelaçaõ della. Porque grande espaço dantes pedio que lhe chamassem huma amiga sua, e esteve tratando, e falando com ella de vagar; e despedindoa, pedio logo que lhe dessem a candea. Entrou na batalha, e estando jà muy quebrada, tornou em si com viveza, e alegria, e fez sinal pera a Madre, que lhe tinha a candea, chamandoa, como que queria dizer alguma cousa que via: mas jà naõ avia força pera satisfazer à vontade, nem formar muitas palavras, e

ſó lhe foy ouvida huma clara, e diſtintamente, que foy: Noſſa Senhora do Roſario. E com eſta Senhora na alma, e na boca, e ſegundo opiniaõ das circunſtantes, tambem nos olhos, paſſou à melhor vida por Julho do anno de 1592.

1592.

CAPITULO XXXIX.

Da Madre Sor Micia dos Apoſtolos.

SEguio a huma moça muito moça, e muito ſanta, huma velha muito velha, mas tambem muito ſanta: foy a Madre Sor Micia dos Apoſtolos, cujas grandes virtudes, e longa vida de força nos haõ de obrigar a huma narraçaõ hum pouco mais dilatada. Faleceo quaſi ſeis annos juſtos deſpois de Sor Lianor do Roſario, por Junho de 1598, e teve os meſmos principios de vida, moſtrando logo nos ſeis pera ſete annos de idade, em que entrou no Moſteyro, hum peſo, e gravidade, que dava pronoſtico de grandes aventagens pera o tempo adiante. Aborrecia os paſſatempos de minina, com goſto da oraçaõ, e Coro, e huma entranhavel charidade pera com as enfermas, empregando as forças, que ainda naõ tinha, em ſervir todas, e com mais affeiçaõ às velhas com quem era ſeu mayor goſto tratar pera aprender dellas a orar, e meditar, e os modos de mais agradar a Deos. E como neſte ponto conſiſte todo noſſo bem, ſendo aſſi que pola oraçaõ, e meditaçaõ ſe une com Deos noſſa alma: e quanto eſta uniaõ he mais perfeita, tanto ficamos mais vizinhos aos bens da gloria, que eſperamos, bem podemos aſſentar, que quem nella ſe aventajar ſobirà brevemente ao cume de todas as virtudes. Porque a oraçaõ he fogo, que purifica a alma da eſcoria dos vicios, que a affeaõ: he teſouro que a enfeita com joyas, e louçainhas de virtudes, que a fazem bella, e fermoſa aos olhos do Creador: he eſpelho que nos deſcobre os defeitos mais eſcondidos da alma: e em fim he huma cadea compoſta toda de fusîs de ouro, como lhe chama o divino Dionyſio Areopagita, pola qual nos alamos com facilidade da terra ao Ceo. Neſta virtude foy inſigne eſta Madre muito alem do que ſe pode encarecer, e por aqui podemos fazer juizo quanto ſe adiantaria nas outras. Era couſa averiguada no Convento, que quem a quizeſſe achar, em nenhuma parte a tinha certa como no Coro. Hora de palra, nem converſaçaõ ſua ninguem a teve nunca, ſe naõ era eſtando enferma, porque eſtava preſa da doença. A ſeculares nunca tratou, nem pera elles chegou à grade, ſenaõ foy deſpois de Meſtra de noviças pera acompanhar as ſubditas por obrigaçaõ do officio: e aviſar a ſeus pays, ou irmaons do que convinha pera ellas. Por naõ deixar a oraçaõ lhe acontecia yr muitas vezes a Matinas ſem ſe deitar: e deſpois dellas ou ficava no Coro, ou ſe ſe recolhia ao leito, era pera orar de novo diante das imagens, que alli tinha. E quando por fraqueza natural a vencia o ſono, vingavaſe de ſi com ſe encoſtar hum pouco aſſi veſtida ſobre o ladrilho: e pera que duraſſe menos o deſcanço, ou foſſe miſturado com pena, toma-

1598.

va por cabeceyra huma pedra. Soubese isto, porque lhe viraõ no leito huma muito grande; e naõ atinando a que fim, a curiosidade de entender nos feitos alheyos obrigou algumas Madres a querer saber de que lhe poderia servir hum penedo, onde se buscaõ cousas de recreaçaõ, ou alivio: e viraõ por seus olhos, que lhe servia de almofada.

Naõ podia deixar de sentir o enemigo infernal, polo capital odio que nos tem, os ganhos que esta alma fazia pera si, e pera muitos por taes meyos. Atràs contamos de huma visaõ, que teve a Madre Caterina da Costa, e da reposta, que lhe foy dada polas almas, que se lhe representaraõ. Basta repetir aqui sómente, que sendo ainda muito moça a Madre Sor Micya, e estando julgada à morte de huma grave doença, alcançaraõ as almas, por quem orava, poderem vir consolalla, e darem novas de que tinha vida, como a santa velha logo contou, e o successo confirmou. Daqui ficaremos facilmente crendo alguns insultos, que o diabo lhe fazia, ainda que naõ passavaõ de huns leves escarneos, porque naõ tinha licença pera mayor vingança. Entre outros sentio huma noite, estando rezando junto do leito, que lhe tiravaõ polo Rosario, que na maõ tinha; apertou depressa a maõ, e com toda a força; mas naõ lhe valeo contra a do enemigo, sendo tanta a que poz polo sustentar, que lhe ficaraõ as unhas assinaladas nas palmas. Bem entendeo donde lhe vinha o tiro, e o que pertendia quem lho fizera: trazia outras contas ao pescoço, acabou por ellas o que lhe restavà, a pesar de quem lhas roubara. No dia seguinte chamou humas dicipulas, fez desmanchar a cama, e revolver o leito, a vèr se topava com as contas furtadas. Como as naõ achou, e passaraõ mais quatro dias, foise diante da imagem de Nossa Senhora do Rosario, queixouse, e pediolhe que mandasse ao enemigo lhe fizesse restituiçaõ do furto; que tinha devaçaõ, e amor àquelle Rosario (devia ter nelle contas bentas de Roma, e de indulgencias em favor das almas, como he ordinario.) Foraõ testimunhas algumas noviças das mesmas, que tinhaõ revolvido cama, e leito avia quatro dias, sem o poderem achar, que logo despois desta queixa deraõ com elle em cima da mesma cama. Era a Madre taõ digna de credito, e taõ fóra de todo genero de jactancia em cousa sua, que seu simples dito pudera igualar grandes testimunhos.

Mas o que mais espanta he, que nem a força de annos muito crecidos, nem de doenças, com que elles a foraõ quebrantando, bastava pera amainar no fervor, e continuaçaõ de estar sempre unida com Deos orando. Mandandolhe a Prelada, por lastima do que trabalhava, que ficasse do Coro: fazia Coro do leito, e era ordinario nella perseverar na oraçaõ atè ouvir a meya noite, e entaõ tomava hum pouco de repouso. Sua humildade era tal, que decia por ella tanto, quanto sobia pola oraçaõ. Tinhase em sua opiniaõ, e palavras pola mayor peccadora do mundo: e tudo o que fazia julgava por nada, e dizia que se alguma cousa trabalhava,

va, era porque se naõ perdesse huma alma remida com o sangue de Christo. A caridade com pobres, e com enfermas chegavaa muitas vezes a deixar de comer de todo. Assi esmaltava esta virtude com estreita abstinencia: gracioso esmalte pera os olhos Divinos, e grande exemplo pera todos os caridosos. Nos lugares das Communidades naõ faltou nunca em quanto teve forças pera andar: e se lhe diziaõ, que lhe faria mal o vento por sua idade, e doenças, respondia que olhasse, e pagasse cada huma por si, que ella nunca deixaria de fazer o que era obrigada.

CAPITULO XL.

De outras virtudes da Madre Sor Mycia, e de sua santa morte: e da Madre Lyanor de Morays.

ASsi como a Madre Sor Mycia, no cumprimento das cousas da Religiaõ era por estremo observante, tinha tambem muita liberdade em advirtir as Preladas, e as subditas do que via em casa desordenado: mas com tal humildade, e prudencia, que com ser no trato austera, e grave, e serem as materias de reprensaõ pouco saborosas, era bem ouvida, e obedecida. Estas virtudes a faziaõ sobre maneira amavel, e respeitada de todas as Religiosas: e dellas naceo porem algumas em pratica fazella Prioressa. Aqui resplandeceo grandemente sua humildade. Assi se deu por agravada, como se fora conjuraçaõ pera a lançarem fóra do Mosteyro. Desconsolouse, chorou, e em fim ficou entendido que sò officios de trabalho, ou baixeza aceitaria: de honra, e autoridade nenhum. Donde veyo, que por mais de vinte annos foy Mestra de noviças, e outros tantos Cantora mor: e era taõ incansavel, e amiga de trabalhar, que lhe aconteceo servir ambos os cargos juntos. E neste tempo atè as servidoras ensinava: e nunca deixava de visitar as enfermas, affirmando todas, que sentiaõ notavel melhoria em seus males, sò com ella lhes pòr as maons na cabeça.

Com Nossa Senhora do Rosario teve particular devaçaõ, e foy a que ordenou fazeremlhe festa as Religiosas dentro, o que dantes naõ avia, tomando titulo de mordomas as que a faziaõ: e ella foy a primeira mordoma, e a que poz em costume cantarselhe todos os dias a *Salue*, como hoje se canta; e muitas vezes lhe aconteceo, por naõ faltar dia, cantalla sò, ou com as mininas que avia. Ella costumou acenderlhe a sua alampada do dormitorio nas suas festas, e todos os sabbados do anno.

Bem se deixa entender, que naõ seria menos devota do filho quem assi servia, e venerava a mãy. Tudo, o que por sua industria, e diligencias podia ajuntar empregava em ornamento da Sacristia, e serviço do Santissimo Sacramento: fezlhe tres alampadas de prata, duas à sua custa, e huma de esmolas, que tirou polas Religiosas. Nos dias de Communhaõ tinha grande silencio, e se naõ era em cousas de grande importancia, ninguem lhe ouvia palavra. E o mesmo fazia des da quinta feira da

da Cea do Senhor atè o ſabbado deſpois de Miſſa: e tambem ao dia de Paſchoa. E da quinta pera a ſeſta ſempre aſſiſtia de joelhos diante do Santiſſimo Sacramento com os olhos feitos rios de lagrimas: e ſe as dicipulas lhe preguntavaõ pola cauſa dellas pera aprenderem, e porque a naõ viaõ chorar nunca ſenaõ com grandes occaſioens, reſpondia com ſingeleza ſanta eſtas palavras: Vou viſitar aquella gente ſanta, que eſtà deſconſolada: entendia polos Santos Apoſtolos, de quem tinha o nome, e era por eſtremo devota, e como tal ſolenizava ſeus dias, e veſperas. Mas entre as feſtas, que com mais eſpirito celebrava, era huma a de todos os Santos: guardava nella ſilencio perpetuo, falando ſó com os olhos, e com grande abundancia de lagrimas, e confeſſava que lhas arrancavaõ à força humas vehementes ſaudades, que neſte dia tinha da Gloria, e de tal companhia.

Veyo a adoecer da doença, de que Deos a levou, hum dia deſpois de S. Pedro Martyr, eſtando confeſſada, e commungada da meſma feſta: duroulhe à enfermidade trinta e cinco dias. Neſta, e em outras, que teve por toda a vida, moſtrou paciencia de Santa, naõ ſofrendo que por ella deixaſſem as Religioſas de acodir aos Officios Divinos, e ficava de boa vontade ſò, porque ellas naõ deſacompanhaſſem o Coro. Pagavalho bem o Senhor, porque huma manham deſpedindo a todas pera o Coro teve huma viſita do Ceo, que contou a humas particulares amigas com palavras geraes dizendo, que homens de muita mageſtade lhe cercaraõ o leito: e apertada que diſſeſſe mais, acrecentou, que entendia eraõ os ſeus Santos Apoſtolos.

Hum dia antes que faleceſſe perdeo a fala com hum paroxiſmo, que lhe ſobreveyo; mas no geito, com que acodia ao que lhe diziaõ, moſtrava eſtar com perfeito juizo. Aſſi ſe foy reſolvendo aquella vida, e eſteve lidando atè o outro dia. Na noite antes de acabar tornou a cobrar a fala, e eſtando muy em ſi, preguntou com voz clara, que gente era a que via, e que vinha aly fazer, ou pera onde hia. Reſpondendolhe as circunſtantes, que todas eraõ ſuas filhas, e amigas, tornou dizendo, que a ellas conhecia muito bem, mas a gente, que dizia, era outra, e muita. E o caſo foy, que toda aquella noite ſe ouvio polo dormitorio huma eſtorpiada, e rumor como de gente junta, que obrigou algumas Religioſas a levantarem por vezes as cortinas, pera verem ſe eraõ algumas mininas das que avia em caſa. Entre o tumulto ſoavaõ campainhas com hum tinido taõ eſperto, que atè a enferma perguntou ſe vinha o medico: e ficouſe entendendo que deviaõ ſer as almas ſantas, que toda a vida pera aquella hora com devaçaõ chamara, e que Deos permittia ſentirſe ſua aſſiſtencia no rumor, e campainhas pera exemplo de todas, e certificaçaõ da ſantidade daquella, que vinhaõ buſcar. A ultima palavra, com que acodio, deſpois que vio naõ ſatisfaziaõ à ſua pergunta, foy formalmente: Nunca me deſeſpantarey deſta gente: e tràs ella com muita quietaçaõ rendeo o eſpirito, ficandolhe no roſto hu-

huma fermosura, e resplandor a juizo de todas como de hum Anjo. Ouve de sua gloria muitos sinaes, que naõ referimos por serem testimunhos singulares. Hum sò diremos, que foy publico a toda a Communidade. Por Agosto primeiro seguinte quiseraõ as amigas honrarlhe a memoria, e satisfazer a suas saudades, mandandolhe cobrir a cova com huma grande campa: e porque sahio muito grossa, foy necessario tirar tanta terra, que se temeo chegassem a descobrir o corpo. Neste tempo estando as Madres temerosas de poder sayr algum sentimento de corrupçaõ, foy o Senhor servido de as consolar com hum suavissimo cheyro taõ vivo, e manifesto, que recendia por todas as crastas, e sobio às varandas, e em fim encheo o Mosteyro.

Naõ serà rezaõ ficar fóra destas memorias a grande simplicidade da Madre Sor Lianor de Moraes, que sendo doente muitos annos, e de doenças trabalhosas, nunca se pode acabar com ella que comesse carne. Ajuntava a isto oraçaõ de noites inteiras, muita devaçaõ, muitas disciplinas: e lembrada das bofetadas, que o bom Jesu em seu divino rosto sofreo, recebia com grande espirito, e força muitas de suas proprias maons. Muito antes que acabasse a vida avisou a algumas amigas o tempo em que avia de ser, sinalando o meyo da Quaresma daquelle anno, e puntualmente assi succedeo.

CAPITULO XLI.

Da Madre dona Jeronyma Religiosa da terceyra regra, e Ordem de S. Domingos.

A Este lugar se deve concluirmos com tudo o que achamos na villa de Santarem pertencente à Ordem: e naõ desdirà o fim dos principios, e meyos. Que se começamos a historia della com Frades cheyos de grandezas do Ceo, e a proseguimos com Freyras semelhantes: serà o remate com huma da terceira regra de tanta excellencia de virtudes, que se com a comparaçaõ naõ temeramos offender sua humildade, por primeira a poderamos contar entre todas. Atràs fica dito como da Ordem militar, que nosso Santo Patriarcha instituyo pera servir a Igreja com armas materiaes contra hereges, teve principio a terceira regra, ou como outros lhe chamaõ, a terceira Ordem da penitencia de S. Domingos: despois que foy cessando na Igreja a necessidade daquelles ministros, e crecendo o respeito dos Tribunaes do Santo Officio, e Inquisidores Apostolicos. Apontamos juntamente a aprovaçaõ que esta terceira Ordem teve do Ceo, dandonos nella muitas pessoas insignes em virtude, e algumas famosas Santas. Estas pois foraõ exemplo polo tempo em diante a muitas Matronas desejosas de sua salvaçaõ, que achandose no mundo presas de obrigaçoens forçosas de filhos, ou fazenda, ou pobreza, naõ podiaõ obrigarse ao encerramento dos Mosteyros: pera lançarem maõ do mesmo remedio, e assi fi-

L.1.c.17.

ficarem no mundo com profissaõ, e votos de Religiosas, e postas na estreita vereda do Ceo, que suas almas pretendiaõ. Neste Reyno ouve sempre algumas, que seguiraõ este instituto, principalmente nos lugares grandes, onde avia Conventos da Ordem, como ao diante veremos: das quaes se naõ fazemos historia particular, he por ser o intento desta, escrever sòmente das que com eminencia de virtudes se fizeraõ dignas de memoria, qual foy na villa de Santarem a Madre dona Jeronyma, a quem damos, e cabe este lugar: e quaes foraõ outras Religiosas em outras partes do Reyno, das quaes faremos mençaõ em seus tempos, e lugares.

Madrugaraõ as bençoens, e graças do Ceo em favor da Madre dona Jeronyma: e o Senhor, que com ellas a prevenio, deulhe tambem lume no entendimento pera as saber agasalhar. Sendo ainda de muy pouca idade, e vivendo em casa de seu pay Pero Carvalho, todo seu gosto era passar o tempo com livros devotos, dar voltas ao seu Rosario, e offerecerse a Deos por meyo dos Santos Sacramentos, a que a levava a inclinaçaõ, e jà os buscava de vontade quanto era licito a quem vivia sojeita. Era seu pay rico, e valido, e estimado del Rey dom Joaõ: e tinha poucos filhos. Desejava liarse por meyo de dona Jeronyma com alguma casa grande do Reyno. E ainda que como fidalgo, e Christaõ sabia estimar a boa inclinaçaõ da filha, imaginava que os exercicios santos continuados a divertiriaõ de pensamentos, e vida secular, e se engolfaria tanto nos de Religiosa, que jà lhe via amar, e seguir, que naõ poderia despois dobralla a seu intento: determinou darse pressa em a casar. Entre tanto (como o enemigo das almas tem muitas vezes feitores, que o servem de graça, enganados de boa tençaõ) naõ faltava em casa quem persiguia a santa donzella, ora acompanhandoa importunamente pera a divertir do que chamavaõ malenconia, sendo gosto de estar só com o seu Rosario, que era estar com celestial companhia: ora escondendo, e furtandolhe os livros santos, em que sò achava sabor. Mas naõ bastando nada pera lhe torcer os olhos, e o animo do que jà conhecia por melhor, acudio seu pay de subito, e sem usar de preambulos, nem outro meyo de querer descobrir mais de seus pensamentos, fezlhe saber que a tinha casada. Era filha, e obediente: e mais obediente pola mesma rezaõ, que buscava a Deos: falouselhe em cousa feita, que ao parecer naõ poderia tornar atràs, beijoulhe a maõ em sinal de consentimento, naõ de alvoroço, nem gosto.

Do pouco gosto, com que aceitou o estado, alem de outros sinaes, que se lhe viraõ no rosto, foi hum de obra, que muito admirou a todos os seus. Era o casamento com dom Francisco Coutinho muito illustre em sangue, abastado de fazenda, e rico de pretençoens por ser herdeiro, e successor da grande casa, e Condado de Marialva: e sobre tudo de gentil presença, e em idade florida, que naõ chegava a dezoito annos. Tanto que o casamento es-

esteve assentado, continuava a rua da desposada como bom galante, com passeos, e mostras de contente, e affeiçoado. He cousa certa que, sendo persuadida dona Jeronyma por gente sua, naõ que lhe desse vista de sy, se naõ que o quisesse ver por detras de huma janella sem ser vista, naõ ouve quem tal podesse acabar com ella. Quem assi procedia no fervor da mocidade bem se deixa entender como viviria polo tempo adiante, quando o governo da casa, a criaçaõ dos filhos, os perigos, as doenças, e os mais cuydados ordinarios de casas grandes, e casados, lhe foraõ mostrando que sò vive com descanso quem sabe fogir ao mundo. Podemos dizer que todo o tempo de casada foy pera ella hum martyrio continuado. Porque a administraçaõ da casa, em que entendia com diligencia de prudente mãy de familias, levavalhe muito tempo: a obrigaçaõ de se compor, vestir, e toucar ao uso das casadas moças, e de sua calidade davalhe pena, e tristeza: porque alem de aver por horas perdidas, naõ sò mal gastadas, as que dava a tal emprego, considerava que sò a alma era a que devia ser ataviada, e enfeitada, e que sò isso era rezaõ que estimasse seu marido. Mal se pode encontrar sempre o entendimento. Ainda que de ordinario procurava acommodarse ao tempo, e uso, algumas vezes deixava tudo, e parecia toucada com huma simples, e honesta toalha: quando outras se matavaõ por ir assoalhando pedraria, e ouro, pompas de riqueza, e gentileza.

Naõ lhe faltaraõ desgostos sobre a materia, humas vezes com sua irmam dona Joana molher de Pero de Sousa Comendador das Comendas de Nossa Senhora de Alcaçava, em Santarem, e de Rio Mayor da Ordem de Avis: e outras com o mesmo marido. Tinha dom Francisco bom entendimento, conhecia seu grande preço, e naõ vendo nella cousa que o descontentasse, sintia poderse julgar da desigualdade do trajo, e descuido, que ella em sy mostrava, que vivia descontente: ou era menos venerada delle, do que suas partes mereciaõ. Mas estes tormentos, que Deos permittia pera prova de paciencia em sua serva, e ella lhe sabia offerecer em agradavel sacrificio por sua alma, e do mesmo que lhos causava, teveraõ fim por hum meyo daquelles com que o Senhor do Ceo sabe dispor o que he servido suavissimamente, como logo veremos.

CAPITULO XLII.

Como enviuvou, e fez Profissaõ: e da vida, e penitencia, que fazia despois de professa.

ESTAVA dom Francisco em Lisboa, sò, e em negocios da sua casa. Amanhece hum dia salteado de huma febre com encendimento temeroso, que crecendo por horas acometeo a cabeça, e deu em modorra. Desconfiaraõ os medicos. He cousa de espanto como abre os olhos, e entendimento qualquer tribulaçaõ: sò por isto se deviaõ desejar as doenças. Ensinou a força do mal ao enfermo, que tinha em Santarem (era sua residencia

dencia ordinaria nesta villa) e dentro em sua casa melhor medico, que todos os de Lisboa, e que só lhe podia dar saude sem estudar por Hiprocates nem Avicena: o qual era dona Jeronyma sua molher. Jà como quem via Ceo claro, e sem nevoas reconhecia por solida, e verdadeira a virtude, que dantes se lhe afigurava hipocresia, ou superstiçaõ. Mandalhe pedir encarecidamente lhe acuda com sua presença. E estava tanto em sy no meyo dos accidentes da doença, que na hora que a teve consigo se deu por saõ. E como quem tinha experiencia dos modos, por que a podia grangear, pediolhe que em seu nome quizesse logo visitar o Santissimo Sacramento, e em seu nome confessarse, e commungar. Louva ella a Deos em seu coraçaõ, reconhecendo o poder divino, e cobrando de tal lingoagem grande animo: e deulho o mesmo Deos logo pera antes de sair de casa lhe prometer saude com palavras singelas, e humildes, e esperanças fundadas no Ceo. E naõ se enganou na confiança, nem na promessa. Porque quando tornou da Igreja achou o doente taõ notavelmente aliviado, que parecia impossivel poder succeder tal sem milagre. E foi pratica commum dos de casa, que della, e de sua devaçaõ procedera a melhoria, e a saude, que logo foi cobrando. Tornaraõse ambos pera Santarem com huma paz, e concordia do Ceo, ficando ella jà com largueza, e liberdade pera viver a seu modo com seus santos exercicios, e deixar os cuidados da composiçaõ corporal, que como profanidades aborrecia.

Assi viveraõ muitos annos atè o de 1578, em que succedeo a lastimosa empresa, com que el Rey dom Sebastiaõ passou pera as terras de Africa tudo o melhor de seu Reyno por meyo da batalha, que temerariamente quiz dar a Moley Maluco senhor dellas. Foi dom Francisco na jornada acompanhado de seu filho mais velho, e de muitos parentes de sua casa, com grossa despesa de armas, e cavallos, e familia, obrigado de promessas, que el Rey lhe fez de o ouvir à volta na pretençaõ da casa, que dissemos de Marialva. He Marialva huma boa villa em grossura de terras, e termo, forte por sitio, muralha, e torres de boa cantaria: e taõ antiga, que dos dous nomes Latinos, e Romanos: *Marij & Arua*, tomou o que de presente goza: como se disseramos: *Marij arua*, que he o mesmo, que campos de Mario. A esta villa eraõ como anexas muytas villas, e lugares grandes ficando ella por cabeça do estado: o qual pertencia direitamente a dom Francisco por morte do ultimo possuidor, que fora o Infante dom Fernando por meyo da Condessa dona Guimar com quem foi casado. El Rey dom Joaõ Terceiro irmaõ do Infante encorporou por sua morte a casa na coroa: e era o direito de dom Francisco taõ claro, que sò ser ouvido em justiça pedia. Foi Deos servido por seus ocultos juizos, que acabasse junto em hum dia o Rey, e o Reino: e no mesmo teve dona Jeronyma em seu oratorio noticia certa, que morrera seu marido. Affirmava seu Confessor, que ella lho dissera por taes palavras, que

ſem revelaçaõ era impoſſivel poder acontecer.

Ficando aſſi livre quanto ao mundo, e atribulada com a perda de marido, e filho, e fazenda, determinou entregarſe de todo a Deos. Continuava com eſte propoſito os officios divinos no noſſo Convento de S. Domingos, e tinha nelle por ſeu Padre eſpiritual ao Padre Frey Franciſco dos Anjos Religioſo exemplar, e letrado. Paſſado pouco tempo tocuoa Deos com nova affliçaõ levandolhe de huma apreſſada doença o filho mais velho deſpois de reſgatado, que era a luz de ſeus olhos, e muito digno de ſer amado por ſuas partes. Pareceolhe aldrabada da maõ divina, porque tardava na execuçaõ do que trazia determinado em ſeu peito: chama o Confeſſor, faz diante delle ſacrificio de ſi a Deos com tres votos em ſuas maons profeſſados de obediencia, caſtidade, e pobreza. Era iſto por minha conta deſpois de entrado o anno de 1581, porque a relaçaõ que temos de ſeu Confeſſor dà a entender, que foy alguma couſa mais de quatro annos antes de ſua morte: e ella faleceo por Outubro de 1585.

Na hora que tomou ſobre ſi o ſuave jugo do Senhor, foy admiravel a reſoluçaõ com que ſe lhe entregou, e a pontualidade com que guardou os preceitos da profiſſaõ: E porque eſtes ſaõ fundamento de toda a religiaõ, delles he bem que comecemos o que avemos de dizer de ſua vida. Affirma ſeu Confeſſor, que tambem foy ſeu prelado toda a vida, que nenhuma couſa das que a noſſa regra ſogeita à autoridade dos Prelados, fez nunca ſem ſua licença: e nem viſitar huma parenta, ou amiga ſua ſe atrevia, ſem ella. Da pureza de ſua alma, e conciencia teſtimunha o meſmo Confeſſor, como Juiz que era della, que naõ vira em ſua vida mais rara innocencia: ſendo aſſi que atè aos grandes Santos ſe atreve o inferno a fazer dura guerra, e em o vencer conſiſte a ſantidade. A pobreza naõ ſò guardava, mas como joya precioſa a eſtimava, e dizia muitas vezes, que deſejava verſe em eſtado dos mais humildes, e mais deſemparados pobres, e que lhe foſſe neceſſario ir polas portarias dos moſteiros mendigando o paõ de cada dia: e ſentia affliçaõ de ſe ver com criados, e ſervida, e ſe naõ fora por reſpeito dos filhos, que criava, de todos ſe deſpejarà. Aſſi quando acontecia falar na pobreza, o nome que lhe dava era de ſua ſenhora: e ſendo verdadeiramente pobre de eſpirito, pera o ſer tambem de obra, nenhuma deſpeſa fazia conſigo por leve que foſſe, nenhuma couſa poſſuhia por ſua conta, ſem particular licença do Confeſſor.

Como a vida dantes era inculpavel, e com os votos ficou como cidade fortalecida com tres cercas de muro fortiſſimo, parece que aſſaz fazia entendendo na vigia, e guarda delles pera merecer grandes louvores, ainda que naõ paſſaſſe adiante. Mas tinha ouvido que nos caminhos de Deos era o parar, e contentarſe, hum genero de tornar atràs. E temeroſa de lhe poder acontecer tal fraqueza, veſtioſe logo das armas de que canta a Igreja, que reprimem vicios, levantaõ eſpiritos, e daõ forças, e eſ-

e esforço pera a larga jornada do monte Horeb: jejuava quasi todo anno: carne naõ comia nunca se naõ constrangida de grande força de doença: e as sestas feiras passava com paõ, e agoa; e o paõ era o que em casa se dava aos escravos. Mas nem aqui parava, ao jejum ajuntava continuo cilicio, ao cilicio disciplinas de sangue taõ copiosas, que por muita diligencia, que fazia polas encobrir, e dissimular, o ladrilho, e paredes do oratorio as accusavaõ de maneira, que era necessario lavar o chaõ, e cayar as paredes. E porque era muito fraca de membros, e compleiçaõ veyo o Confessor a tomarlhe as disciplinas de rosetas, e mandarlhe, que de todo deixasse este genero de penitencia: e os cilicios lhe tolheo tambem, dispensando sò com as sestas feiras pola naõ desconsolar: porque segundo a grande devaçaõ, que tinha com a paixaõ de Christo tudo quanto nellas fazia lhe parecia pouco pera o muito que se sentia obrigada. Na cama naõ avia lençol, nem mais que hum colchaõ muito singelo, e huma sò manta: e ainda deste modo usava della à força de obediencia, e respeito de suas indisposiçoens. As tunicas pola mesma causa naõ eraõ de lam, mas de huma estopa taõ crua, e seca, que ficavaõ na aspereza semelhantes às de lam. Com este modo de vida chegou brevemente a estar taõ deslapidada, e consumida de carnes, que fòra de pelle, e ossos naõ avia nella outra cousa. Mas quanto perdia do corpo, tanto engrossava, e acrecentava no espirito.

CAPITULO XLIII.

Da continuaçaõ, e fervor que tinha na oraçaõ: e dos grandes mimos, e favores que nella recebia do Senhor com visoens, e particularidades extraordinarias.

HE grande, e poderoso meyo o da penitencia pera levantar de ponto as virtudes do espirito. Saõ corpo, e alma duas balanças, que nunca se achaõ iguaes: e como sempre pesa huma mais que a outra, quando a do corpo sobe adelgaçada, e purificada com o fogo dos trabalhos, e affliçoens, enchese a da alma de riquezas do Ceo, e engrossa com peso de graças: por maneira que das perdas do corpo enriquece a alma. E esta deve ser a causa, porque os Santos, ainda aquelles que desdo nacimento conservaraõ a primeira graça polo santo bautismo recebida naõ deixaraõ nunca da maõ a penitencia atè o ultimo espirito: e della nacia ficar taõ ligeira em muitos aquella terra mortal, e pesada dos corpos pola força, e virtude, e peso das almas, que a qualquer impulso do espirito facilmente sobia por esses ares como se trocara natureza. Neste fundamento podemos fazer conta, que tinhaõ principio os grandes fervores, que esta Madre tinha na oraçaõ, e a grande sede com que a ella se dava. Porque sabemos que todas as vinte e quatro horas do dia natural lhe pareciaõ tempo curto pera orar: e affirmava que as duas, ou tres horas que por obediencia dormia, tinha por

furtadas à alma, porque as naõ dava ao espirito, e oraçaõ. O seu gosto era estar continuamente sò, e sem tratar com ninguem, por tratar só com Deos: e por isso se molestava grandemente com todo genero de visitas.

Na Igreja desdo ponto que commungava, que era às oito horas atè às onze, que acabava a Missa Conventual estava sempre de joelhos, taõ immovel, e sem aballo como se fora huma estatua: e taõ enlevada no Ceo, que se a naõ advertiaõ que queria o sacristaõ serrar a Igreja, naõ dava acordo de hora nem tempo, e quando se levantava era como arrancada à força. Acompanhava esta oraçaõ com hum orvalho celestial de lagrimas em tanta abundancia, que parecia dom de Deos, porque era impossivel aver sem milagre tanto humor pera vir aos olhos em quem quasi naõ comia, nem bebia, nem dormia: e he averiguado, que lhe naõ bastavaõ dous e tres lenços, que sempre levava à Igreja, e acontecialhe mandar pedir outros a seu Confessor. E tudo dizia, que era pouco pera o que desejava, e lhe parecia obrigaçaõ chorar quando lhe lembrava qualquer culpa das com que tinha offendido a hum Deos taõ digno de ser amado, sendo assi, que a dor, e compunçaõ de huma só venialidade lhe fazia desejar verse mil braças debaixo de terra.

Naõ podia deixar de ser mui favorecida tal oraçaõ daquelle Senhor, a quem as lagrimas dos justos naõ só deleitaõ vistas: mas tambem as ouve, como se lhe fizeraõ musica: e isto he querer significar, que o obrigaõ muito, como tambem disse, que lhe dava brados o sangue de Abel. Notaraõ alguns Padres, que quando assi orava, lhe resplandecia o rosto com huma luz taõ viva, que parecia espelho ferido de rayos do sol. E em hum estormento de testimunhas, que se tirou diante do Ordinario em Santarem pouco despois de falecida, ouve algumas que deposeraõ, veremna levantada no ar. E affirma seu Confessor, que eraõ grandes as consolaçoens, e mercès, que de ordinario recebia do Senhor, grande a alteza de visoens que tinha, e que quasi nunca commungava, que o Senhor naõ alegrasse sua alma, e confirmasse sua fé com alguma particularidade divina, que lhe mostrava visivel na hostia sagrada. E foi huma dellas vista por algumas das testimunhas, que deposeraõ diante do Ordinario assaz espantosa: porque affirmaõ verem distintamente muitas vezes as fórmas, que commungava, tintas, e como borrifadas de sangue. Daqui lhe vinha hum tamanho gosto daquelle divino pasto, que o Confessor por suas grandes instancias, e obrigado do que sabia de sua consciencia lhe concedeo poder commungar cada dia, cousa que ella estimou como singular favor do Ceo: e tanto que alcançou a licença, nunca mais atè morte perdeo o uso della. E todas as vezes, que chegava à sagrada mesa, hia jà taõ absorta na consideraçaõ do mysterio, e taõ vencida do divino cheiro dos unguentos, e botica celestial, que era necessario de proposito espertalla o Confessor, que era o mesmo que lhe ministrava o Sacramento.

4.Reg.20. Psal. 38. & 55.

Gen. 4.

Es-

Este fogo Divino recebido na alma com os aparelhos, e premissas, que temos dito, lha veyo a purificar em taõ alto grào, que quasi nem huma venialidade se achava nella. Da sua boca naõ sahia palavra ociosa, nem suas orelhas sofriaõ ouvilla, nem sofria que ninguem diante della falasse senaõ de Deos: e por isso lhe era penosa a hora, que entendia no governo de sua casa, em que era força assistir: e atè a seu Confessor estranhava tratarlhe de materia, que naõ fosse do Ceo, ou de sua consciencia. A Igreja continuava todos os dias tendo saude, porque todos os dias commungava como fica dito. As prègaçoens ouvia com grande attençaõ, condenando por culpa grave o contrario, pois pola boca do Prègador fala Deos com os homens. A' imitaçaõ de Santa Caterina de Sena Freira do mesmo habito, e terceira regra, tinha particular respeito, e afeiçaõ a todos os Religiosos; e venerando nelles a dignidade Sacerdotal, chamavalhes sepulchro de seu Senhor, e com todos os que se queriaõ valer della exercitava huma incansavel charidade: em especial com os Padres da Ordem de S. Francisco, dos quaes como mais necessitados era continua enfermeira: e com tanto amor, que dizia de si, que nenhuma necessidade veria nos proximos, que se naõ vendesse com muito boa, e alegre vontade pola remedear. A este respeito era sua casa huma botica franca, e continua pera todos os pobres da villa: e porque naõ ouvesse falta, procurava fazer bastante provisaõ pera todo o anno do que cumpria pera doentes. E naõ se contentava com acodir aos pobres sabidos, e publicos: remediava de secreto a muitos, que sabia padeciaõ grandes faltas; e o querellas por honra encobrir, as fazia mais pesadas. Aos presos socorria com esmolas. Aos enfermos do hospital naõ se satisfazia com mandar mimos: determinou yr pessoalmente servillos, e curallos; e se o deixou de fazer, foy porque seu Confessor lho tolheo. Escrito està, que aceita o Senhor como feito à sua propria pessoa qualquer bem que fazemos ao pobre. Estes, que fazia, lhe pagava em altos interesses de misericordias: porque alem das consolaçoens interiores, que como temos dito lhe communicava na oraçaõ, acodialhe com grandes illustraçoens da alma, e com huns raptos dos sentidos muito amiudados, que com tal pasto lhe sevavaõ o espirito, que se fora licito naõ quisera nunca tornar em si. Affinavase, e crecia a caridade nos favores, e rendialhe novos merecimentos, e mayores mercès. Affirma seu Confessor, que o mesmo Christo Senhor nosso se lhe mostrou muitas vezes no tempo, que rezava o Officio Divino: e em hum dia da Ascençaõ, festa de que era devotissima, lhe fez hum raro favor, que passou desta maneira. Achandose no nosso Convento como costumava, e assistindo àquella hora em que o bom Jesu se foy pera o Pay Eterno, acompanhava com a consideraçaõ, por huma parte a gloria com que hia capitaneando exercitos de almas santas, por seu sangue da prisaõ antiga resgatadas, e triunfando do inferno: por outra os gozos, e jubilos,

Matth.25.

bilos, com que era recebido da Corte Celestial: seguiao cheya de prazer atè o Ceo Impirio. Logo decia com o pensamento a ajudar a sentir as saudades da Mãy sagrada, e dos Santos Apostolos; que com almas, e olhos se hiaõ a poz elle taõ arrebatados, e suspensos, que parecia quererem voar. No meyo destas consideraçoens solenizadas humas, e outras com lagrimas, hora de alegria, hora de magoa: eis que subitamente lhe começaõ a cayr sobre o peito muitas rosas, que vindo sabidamente do alto, e por boa conta dos jardins do Ceo, ella por humildade naõ se atrevia a cuydar tal. Mas visto, e contado o successo por pessoas, que se acharaõ presentes, e viraõ, e tocaraõ as rosas, estava claro, que naõ avia outra parte donde a tal tempo pudessem vir. Porque nem na Igreja, nem nos altares avia nenhuma, e era o cheiro, e a vista tal, que bem testimunhava de que jardim vinhaõ.

No mesmo Convento em huma noite de Natal, cantandose o officio daquella santa festa, vio hum Anjo, que com balanças hia pesando a devaçaõ, e attençaõ de cada hum dos Religiosos, e despois levava pera o Ceo seus merecimentos, e os louvores que davaõ a Deos. No meyo destes mimos, ou pera os sabermos estimar, ou pera exercicio de paciencia, permittia o Senhor, que lhe aparecesse o demonio algumas vezes. Procurava o maldito perturballa, e divertilla da oraçaõ, representavaselhe taõ feyo, e temeroso como he. Mas aviao com quem estava encastellada na fortaleza da pedra, que he Christo, e vestida nas armas da fé: nenhum caso fazia delle, tratavao com desprezo, e sem nenhum medo: dizialhe o que era costumada responder a qualquer pensamento ocioso, que noutro tempo se lhe offerecia. Eraõ as palavras: Andar, andar embora; outrem està jà senhor da pousada. Desaparecia logo corrido, e raivoso, e vingavase em lhe apagar a candea, com que rezava: e huma noite que sintio mais verse desprezado, apagoulha com a maõ da mesma Madre, de modo que lhe deixou queimado hum dedo.

CAPITULO XLIV.

De algumas mercès que Deos fez a differentes pessoas por meyo de suas oraçoens: e de huma muy soberana, que lhe fez a ella: e de seu bendito transito.

ASsi como o Senhor piadoso permittia as vexaçoens, que temos contado, pera prova do valor de sua serva, tambem lhe acodia logo com a paga de contado em novos favores. Era muito devota da Santa Madalena, e do Padre Santo Thomas, e de Santa Caterina de Sena, a quem chamava sua mãy. Hum dia se vio visitada de todos tres juntos, certificandoa com celestial consolaçaõ, que eraõ suas oraçoens aceitas diante de Deos. E vio os effeitos desta verdade em muitas cousas. Porque quasi nenhuma pedia com efficacia, que naõ alcançasse. Foy huma o remedio de hum cativo dos que se perderaõ na batalha de Alcacere: remedio, naõ da liberdade corporal, mas da espiritual, que mais lhe cumpria, porque fo-

fora escandalosa sua vida passada. Petiçaõ he esta, que muito agrada ao Rey da Gloria. Concedeolha, e foy servido, que acabando o corpo consumido dos trabalhos, e miserias do cativeiro, visse ella a alma alegre, e consolada, e com graos de gloria dandolhe as graças do bem que por seu meyo, e intercessaõ gozava.

O mesmo lhe aconteceo com hum preso da cadea de Santarem, a quem culpas enormes faziaõ indigno de todo bem diante dos olhos do povo, mas naõ dos de dona Jeronyma, que considerando que fora remidio com o sangue do bom Jesu, despois de lhe mandar acodir com esmolas, estranhadas sempre de toda a terra, que o conhecia por facinoroso, e desalmado, determinou soccorrerlhe a alma com fervorosas oraçoens: soccorro naõ sòmente naõ estranhado no Ceo (quanta differença vay bom Deos dos vossos caminhos aos caminhos dos homens!) mas taõ bem agasalhado do Senhor delle, que foy servido viesse a morrer de sua doença nos ferros, com sinaes de predestinaçaõ quanto ao mundo, e com certeza quanto a ella.

A mesma experiencia se vio da valia de sua oraçaõ em muitos casos de menos importancia, mas tambem milagrosos. Porque alcançou saude pera muitos enfermos de doenças, que a fisica naõ sabia curar. Dous Frades nossos referiaõ à sua virtude veremse livres de huns accidentes, que padeciaõ de grande perigo. A muitas molheres valeo em partos perigosos: e particularmente a duas, que estavaõ julgadas por mortas, pareceo claramente que naõ podia ser sem milagre.

Mas de tudo isto devemos fazer pouco caso à vista de outro grande, e soberano favor, que soube negocear, e alcançar. Affirmava o Confessor, que andara a santa Madre muito tempo em requerimento com seu amado Jesu, que pera satisfaçaõ de culpas, e augmento de amor lhe concedesse poder sentir em si alguma parte das dores, que ella padecera na Cruz: e ajuntava que fossem interiores, e secretas. Porque queria só o tormento, e naõ a honra dellas. Alcançoulhe o despacho desejado a perseverança com que o requereo. E começou a padecer gravissimas dores no lado esquerdo, e nos pès, e maons, acontecendolhe a tempos serem taõ crecidas, que por muito que trabalhava dissimular, naõ podia sustentarse sobre os pès, e ficava de todo manca: e nas maons era tal o martyrio, que se lhe abrasavaõ em fogo da força delle. Mas sem outro nenhum sinal de fóra. Sò no lado foy o Senhor servido, pouco mais de hum anno antes de seu falecimento, abrirlhe huma chaga patente, e clara, que alem da dor interior, lhe dava por fóra grande trabalho. Porque o sangue, que lançava, se lhe pegava na tunica, e causava tormento de ferida fresca: do qual obrigada fez queixa ao Confessor, pedindolhe conselho se aplicaria remedios humanos ao mal que sabia, e conhecia naõ ser humano. Quiz elle entaõ, que vissem a chaga algumas dònas de sua casa pera com testimunho de muitos olhos se poder resolver: e o que della nos deixou escrito he, que era com-

comprida, e rasgada, e por baixo do peito esquerdo, e resumbrava sangue continuo. Estas palavras, que temos dito, saõ as proprias do Confessor: no termo de comprida parece querer entender, que era de alto abaixo, e naõ atravessada, como nos representaõ os pintores a chaga do lado do Senhor crucificado. Em humas Endoenças da sesta feira pera o sabado (dias que ella costumava passar na Igreja) foi tanta a vehemencia de dores, que lhe acodiraõ ao peito, que a forçaraõ a deixar a Igreja, e yrse a casa levada em braços como doente de huma grande enfermidade: e sem se poder doutra maneira valer, se lançou em cama: onde a força daquelle mal sobrenatural a teve taõ tolhida, e atormentada, que foy impossivel poderse levantar por alguns dias.

Mas chegavase a hora em que o Senhor tinha determinado alivialla de todos os trabalhos: e pera crecerem os pesos da gloria à medida do que aos seus fieis tem prometido, deulhe huma doença, que toda foy de novas, e agudissimas dores. Assi jazia consumida de suas penitencias, e sobre grande fraqueza padeceo aquelle intoleravel martyrio em todos os membros: e estes jà naõ eraõ mais que huma armaçaõ ou notomia de ossos, que o fraco alento da vida sustentava ainda juntos. A alma estava toda enlevada em seu Deos: mas entre tanto fazia a natureza seu officio no corpo mortal oprimindoo com a affliçaõ da doença, que lhe hia acabando a vida, e juntandose a ella hum tormento novo de huma grande dor, que intensamente lhe atravessava ambos os lados. Este lhe durou de oito dias antes, que falecesse atè à hora que Deos a levou, e lhe abrio nova ferida no lado direito.

Neste estado vio junto de si hum vulto, que a seu parecer era como de hum cordeiro, do qual sahia huma voz, que lhe dizia estas palavras formaes: Veràs quanto es amada polo que fores padecendo. Palavras, que todos os atribulados deviaõ trazer impressas no coraçaõ, pera estimarem, e abraçarem com gosto seus trabalhos naõ só pera se consolarem nelles, como se consolou muito a nossa enferma: a qual chamando seu Confessor, lhe pedio que logo as escrevesse pera nunca dellas se poder esquecer, despois de lhe contar a visaõ.

Com muitas outras consolaçoens a favoreceo o Senhor no meyo deste purgatorio, que sendo durissimo de levar ellas lho hiaõ fazendo paraiso. Foy huma mostrarlhe a hora de seu transito tanto ao justo, que mandou escrever a seu filho mais velho dom Manoel Coutinho, que estava em Lisboa, que atè vespera de S. Francisco, terceiro dia de Outubro, se achasse em Santarem se a queria ver antes de acabar: e com a mesma certeza fez escrever cartas a algumas pessoas devotas, com quem se communicava, despedindose dellas, e ordenou seu testamento, e pedio, e recebeo todos os Sacramentos da Igreja.

Na madrugada do dia em que faleceo aos tres de Outubro se lhe representou à vista hum altar cercado de resplandores, e fermosura celestial, e todo semeado de rosas: e nelle hum Sacer-

cerdote, que lhe dizia Miſſa, e de ſua maõ a commungava. Podeſe crer, ainda que o naõ declarou, que ſeria o meſmo Chriſto de quem tantas mercès cada hora recebia. Acompanhava a ſeu Confeſſor a quem contou a viſaõ, e por occaſiaõ della lhe refirio neſta hora, que quando recebera as chagas interiores nos pès, e maons, e a exterior do lado vira decer do Ceo humas linhas de fogo, e ſangue, que a feriraõ, e certificaraõ da mercè que o Senhor lhe fazia. Tinha pedido a Deos, que foſſe ſua morte em dia de quinta feira, por ſer dedicado à ſolenidade do Santiſſimo Sacramento de quem era grandemente devota: e na hora em que Chriſto ſobio aos Ceos, que ſempre chamava a ſua fermoſa hora. Tudo lhe concedeo o Senhor, porque o dia da veſpera de S. Franciſco, que foy aos tres de Outubro, cahio em quinta feira, e nella a levou pera ſi, no ponto da huma hora deſpois de meyo dia. Foy couſa de grande eſpanto pera todos os que ſe acharaõ preſentes, e acompanharaõ à ſepultura, a ſuavidade, e novidade do cheiro, que della ſahia, e a fermoſura, e graça extraordinaria, que ſe lhe notava no roſto. Foy enterrada como Religioſa no cemiterio do Convento, e levada na tumba dos Frades, e por elles: anno de 1585, aos quarenta e tres de ſua idade, ou pouco mais.

1585.

Fim do Livro Quinto.

LIVRO SEISTO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Das causas, e rezoens que se offerecem pera o Reyno de Portugal ter produzido tanta gente santa, como parece desta Historia.

Thucid. lib. 2. de Bell. Pelop. Tit. Livio Dec. 2. l. 1. & Dec. 4. l. 1.

NOtado tenho em escritores antigos Gregos, e Latinos, no processo de suas obras cortarem algumas vezes o fio da historia, e suspendendo a narraçaõ entreteremse a si, e ao Leitor com alguns discursos, que lhe caem a proposito, mais vezes de curiosidade, que necessidade. Pareceme isto o mesmo que acontece a quem tem passado largo caminho, que ou se assenta de cançado achando sitio deleitoso: ou de contente, se chega a posto, que lhe começa a descobrir, inda que seja de longe, o fim da jornada. Com taõ bom exemplo, e com tanto papel escrito, como atràs deixamos: e achandonos no ultimo dos seis livros, que damos a este primeyro volume, que he quasi estarmos à vista do fim delle, licença temos pera discursar hum pouco sobre hum pensamento, que se me tem offerecido nas materias, que vamos tratando, naõ indigno do emprego de algumas regras.

Passando os olhos por tanto numero de gente santa, e taõ santa como temos visto atè aqui, em Provincia taõ estreita, e Conventos taõ poucos, persuadome que deve aver alguma rezaõ mais alta, que as ordinarias de frutificar neste Reyno com tanto excesso a doutrina de S. Domingos. E naõ hey por bastante dizeremme, que o fez a força da boa sementeira, e a diligencia do primeiro, que nella poz a maõ. Porque se isso ouvera de bastar, perguntariamos logo como naõ respondeo com a mesma fertilidade em outras regioens mayores por terras, por grandeza de Conventos, por nu-

numero de Religiosos: pois naõ se me pode negar, que nenhuma em sua cantidade deu tantos, e taõ grandes Santos a esta Ordem, como Portugal. Offerecese-me aqui o que dizem os Astrologos de humas matas, que ha em certa parte de Macedonia, as quais criaõ ferocissimos Lioens, naõ se criando em nenhuma outra de todo o Reyno: e daõ por causa a influencia, e constellaçoens do Ceo, a que querem attribuir produzirem humas regioens flores, e frutos, arvores, e animais, que outras naõ levaõ, sendo o terreno igualmente fecundo. Assi me parece, que dar Portugal taõ crecida novidade de virtudes heroicas a esta Ordem, como tambem a tem dado a todas as outras Religioens, foy particular influencia da misericordia Divina, que superabundou nelle com enchentes de mercês suas, des do tempo que subindo Christo Senhor Nosso aos Ceos, foy servido que se santificasse este pequeno torraõ, primeyro que toda outra parte de Europa, e de Espanha, com a presença, e prègaçaõ do grande Apostolo Santiago. E porque naõ devia ser sem particular ordem, e revelaçaõ do Ceo tal jornada, podemos dizer, que em certo modo quiz o Senhor cumprir na terra a animosa petiçaõ dos dous irmaons, e de sua mãy, dando a hum o braço do Oriente em Efeso, e mandando o outro a este ultimo Occidente a huma das mayores cidades, e de mais conta que entaõ avia nelle. Esta era a que jà possuhia o nome de Brachara Augusta polo imperio Romano, e por elle era assento, e Corte de justiça, e cabeça de Provincia. Aqui prègou o Santo, e ajuntou discipulos, que como rios derivados da fonte do Paraiso regaraõ despois com as agoas de sua doutrina todo o resto de Espanha, e com o sangue muitas cidades. Mas o primeiro, que o derramou polla fé em toda Espanha, foi aquelle a quem o Santo dandolhe a cadeira Episcopal de Braga tinha dado tambem com ditoso, e bem estreado pronostico, pera ser pedra fundamental das Igrejas de Espanha, o nome de Pedro: e deixandoo nella, se tornou com os mais a padecer em Jerusalem.

Esta grande honra de Espanha, foi tanto mayor, e mais particular pera o Reyno de Portugal, vistos tais principios, que a ella, e a elles devemos referir hum excessivo numero de gente santa, que com raro valor de virtudes o tem honrado por todas as idades, em todas as cidades, e villas, e por todas as Ordens, que sustenta. E tenho por certo, que naõ ha de tardar em sair a luz hum martyrologio de Santos Portuguezes, que faça espanto, e devaçaõ em toda a terra. Mas porque he taõ antigo como o mesmo mundo, naõ faltarem emulos, ou envejosos nelle de qualquer favor extraordinario, seja do Ceo, ou seja da terra: brevemente mostraremos a verdade destes contestimunhos irrefragaveis.

E serà o primeiro de pessoa mayor de toda exceiçaõ, qual he o Papa Calixto, cujas palavras nos provaõ a vinda do Santo a Galiza, sua prègaçaõ, escolha, e conversaõ de discipulos, e saõ as seguintes.

Calixt. Papa in prologo transl. S. Jacob.

No-

Nouem verò in Gallæcia dum adhuc viueret Apostolus elegisse dicitur, quorum septem (alijs duobus in Gallæcia prædicandi causa remanentibus) cum eo Hierosolymam perrexere &c.

S. Isid. Breviarios de Braga, Çaragoça, Toledo. Episcop. Cabelion. Episcop. Esquil. S. Antoninus. Beda in Collect. Vincen. in spec. p. 2. l. 10.

E deixando escritores Espanhoes, que nos podem dar por sospeitos, que todos affirmaõ o mesmo, desde Santo Isidoro, atè os mais modernos: e deixando os Breviarios de Braga, Çaragoça, e Toledo dignissimos de toda fé por antiguidade, e calidade, pòde quem for curioso satisfazerse desta verdade polos escritos dos Bispos Cabelionense, e Esquilio, de Santo Antonino, e Beda, e Vincencio no Espelho Historial, e sobre tudo da tradiçaõ geral, e immemorial, que tem tanta força, como historia viva.

Constando pois, como consta, da vinda do Santo a Galiza, naõ temos pera que nos cansar na prova de que prègou em Braga. Porque està entendido, que sendo (como outras vezes temos mostrado) esta cidade, e toda a terra de alem Douro nas antigas demarcaçoens de Galiza, e sendo povoaçaõ taõ celebre por todas as vias, a nenhuma iria o Santo primeiro dar novas da vinda do filho de Deos à terra. Nella prègou, e converteo, e escolheo nove discipulos, de que naõ podemos duvidar serem vizinhos, ou moradores de Braga. De serem taõ poucos naõ ha que espantar, porque ainda entaõ naõ prègavaõ os Apostolos o Evangelho mais que aos do sangue Hebreo. Do numero certo nos avisa o Papa Calixto nas palavras assima referidas: e em outras, que logo seguem, nos dà conta da vida, e lugares da morte dos sete delles, dizendo que de Jerusalem vieraõ acompanhando seu santo corpo defunto atè o sepultarem em Galiza: e day se foraõ a Roma, donde tornaraõ sagrados Bispos polos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo: e convertida gente sem numero em Espanha, acabaraõ a vida Torquato em Acci, Thesifon em Verja, Segundo em Avila, Endalecio em Urci, Cecilio em Eliberi, e Esicio em Catersa, Eufrasio em Andujar. O Latim he:

Eiusque corpus post passionem per mare ad Gallæciam deportauerunt: de quibus Beatus Hieronymus in martyrologio suo, sicut didicit à Beato Cromatio, scripsit quòd, sepulto in Gallæcia beati Jacobi corpore, ab Apostolis Petro, & Paulo infulis Episcopalibus apud Romam ordinantur, & ad prædicandum Dei verbum ad Hispanias adhuc gentili errore implicatas diriguntur. Tandem verò peregrinatione sua inenarrabilibus gentibus illustratis Torquatus

quatus Acci, Thesiphonis Uergi, Secundus Abulæ, Endalecius Urci, Cæcilius Eliberi, & Esicius Catersæ, Eufrasius Eliturgi circiter Idus Maij quieuere.

Tendo por si esta relaçaõ naõ só ao Papa Calixto, mas a S. Jeronymo, e S. Cromacio, como della parece: foy Deos servido acreditalla de novo, naõ ha muytos annos, com o thesouro de reliquias, que descobrio em Granada sendo Arcebispo nella dom Pedro de Castro: com a qual se achou particular informaçaõ do martyrio de tres Santos destes, que lhes dà os mesmos nomes, e os chama discipulos de Santiago. E assi fica certa, e sem duvida na parte que toca aos dous discipulos, que sem os nomear, diz ficaraõ em Galiza pera continuarem a prègaçaõ, dos quais foy hum o bemaventurado Protomartyr de Espanha S. Pedro de Rates, primeiro Prelado, e Primàs della, e immediato successor do Apostolo Santiago, e de sua maõ constituido na cadeira de Braga: e taõ verdadeiro imitador de seu mestre, que assi como Santiago foy o primeiro dos Apostolos, que padeceo por Christo: foy elle o primeiro martyr naõ só de Espanha, mas de toda Europa, dando o sangue pola fé no anno de Christo de quarenta e sinco segundo os Historiadores de Espanha, e outros, e o Martirologio Portuguez. E foy o martyrio no lugar de Rates quatro legoas de Braga: donde sendo primeiro descuberto por luzes do Ceo, e despois por grandes milagres, em fim foy levado pera a sua Sè de Braga polos annos do Senhor de 1552. Mas tornemos à nossa Historia.

Gregor. Lopes Madeira sobre as particularidades destas reliquias. Fr. Bern. de Brito na Monarchia Lusit. p. 2. l. 5. c. 5.

An. 45.

Martyrolog. Lusit. Vazeo no 1. tom. de sua Cronol. Bernar. Bispo Lodovense 3. p. 1552.

CAPITULO II.

Do principio que teve o Mosteyro de Freyras de Corpus Christi em Villa nova do Porto.

CInquenta e oito annos correraõ despois que no Capitulo Geral de Bordeos foy admittido à Ordem o mosteyro das Dònas de Santarem, atè o de 1345, em que se fez nova fundaçaõ, e doaçaõ junto à cidade do Porto, da casa, e Igreja de Corpus Christi: e porque no discurso destes annos naõ succedeo levantarse no Reyno outro nenhum edificio pertencente à ordem de S. Domingos, tem aqui esta casa seu lugar: e no numero, e antiguidade dos Mosteyros de Freyras he o terceiro, e no de casas em geral, undecima. He pois de saber, que reinando em Portugal el Rey dom Afonso o Quarto, que por valor mereceo o nome de Bravo, vivia em Villa nova do Porto huma Dòna muito rica, e nobre por nome dona Maria Mendes Petita filha de Soeiro Mendes Petite, a qual ficando viuva de hum fidalgo honrado do apellido dos Coelhos (apellido que naquelle tempo tinha no Reyno muito lugar, e nome) desejosa de empregar parte de sua fazenda em hum Mosteyro de Freyras pera serviço de Deos, e recolhimento seu em vida, e morte: começou junto das casas, em que vivia, huma fabrica grande de claustros, e officinas sem dar conta a ninguem da tençaõ, e

fim

fim pera que assi edificava, e procurando que se naõ entendesse, que fazia Mosteyro. Tanto que a teve acabada, mandou pòr maons no que faltava pera descobrir seu intento, que era a Igreja. Pera este effeito meteo numero de officiaes, e fez grande, e extraordinaria diligencia por ver se a podia levantar antes dos encontros, que tinha por certos na hora, que se entendesse na terra seu disenho. E naõ se enganou: porque tanto que no processo da obra appareceo traça, e forma de Igreja, acodio logo o Cabido da Sè a impedir, e embargar tudo. Era dona Maria muito poderosa por fazenda, e valia, tinha de proposito muytos materiaes juntos, sobejavaõ officiaes, e trabalhadores: naõ fez caso dos embargos pera deixar de continuar a obra: antes corriaõ a passo igual embargos, e edificio, e huma cousa, e outra hya a toda furia. Assi em quanto se litigava creceo a Igreja de maneira, que se poz em sua perfeiçaõ. Naõ faltando na casa outra cousa mais, que quem a povoasse, foise dona Maria a ella com seus criados, e chamando o Prior do nosso Convento da cidade, que era Frey Vicente de Barcellos, fezlhe por huma publica escritura doaçaõ de toda aquella fabrica em nome da Ordem, e da Prioressa, e Freyras do Mosteiro de S. Domingos das Donas de Santarem: e elle, e seu companheiro o Doutor Frey Pedro de Caires a aceitaraõ no mesmo nome. He de ver a escritura, cujo original se guarda no Cartorio do Mosteyro, e tresladada puntualmente diz assi.

Saibaõ todos que em presença de mim Afonseanes Taballeon de Nosso Senhor el Rey em Gaya & em Villa Nova & em seus termos & julgados, & das testimunhas que a diante som escritas, dona Maria Meendes Petita filha de Soeiro Meendes Petite, disse que ella ao louuor & à honra, & a seruiço do Corpo de Iesu Christo fizera, ordinhara, fundara, & edificara casas moradeas, casa santa de Igreja pera se fazer officio diuino em Villa Noua de par de Gaya. E porque o ella assi fizera a seruiço & ao louuor de Deos Padre, Filho & Espirito Santo, entendendo ella que o dito logar podia ser seruido, teuido a seruiço de Deos por Dònas da Ordem de S. Domingos. Porem a dita dona Maria disse que ella daua, doaua, fazia doaçaõ pera todo sempre de todas as sobreditas casas que ella fizera na dita Villa Noua, assi como estaõ cerradas, tapadas, muradas com sa Igreja, como parte pola fonte por cima das casas contra o monte como estava cerrado, tapado: de contra Douro caminho publico: de contra Abrego caminho

nho publico: às Dònas Pregaretas da Ordem de S. Domingos de Santarem que ellas o pobrem, morem façaõ aby seruiço de Deos. A qual doaçaõ dona Maria disse que fazia por sà alma & daquelles de quem alguma cousa ouuera como naõ deuia, assi que nunca por filho nem filha, nem por neto nem por neta, nem por geraçaõ, nem por diuido, nem por linhagem nunca podesse ser embargada nem toruada a dita doaçaõ que ella fizera das ditas casas às sobreditas Dònas. E que aquelle ou aquella tambem de sà parte, como da estranha que a dita doaçaõ das sobreditas casas erdades quisessem embargar, ou toruar por alguma guisa, primeiramente seja maldita da maldiçom de Deos Padre, & da sua com Iudas o tredor no inferno fossem malditos, confusos, condanados. E de mais disse que ella daua maldiçom pera todo sempre a toda sua geraçom que o embargassem, & que assi secassem como secaua a silua no Agosto. E logo na dita hora a dita dona Maria se sayo das ditas casas, e meteo em corporal possessom Frey Vicente de Barcellos & Frey Pedro de Caires Doutor da Ordem de S. Domingos do Porto & em nome das ditas Dònas, os quaes se dezia procuradores das ditas Dònas em corporal possessom das sobreditas casas erdades, por terra, por telha, per chaues, e os sobreditos receberom a dita posse. E a dita dona Maria disse que tolhia, renunciaua todo o direito, & juro, & posse que ella nas sobreditas casas auia, & que dava, & doava, & outorgava à Prioressa de S. Domingos & às outras Dònas que hy viessem pobrar com ella. E de mais logo a dita dona Maria pera dotar o dito logar pera serviço de Deos, e pera se poderem manter aquellas Dònas que hy seruirem a Deos, deu & doou ao dito lugar, & dotou das sàs erdades: Conuem a saber as sainhas de Tauaride que forom de Pedro Afonso Ribeiro que estaõ na freguezia de Buarcos: & a erdade de Castro que foi de Guiomarianes Coelha que està no termo de Leirea: & as casas do campo do sergueiro com seus exidos & com sàs pertenças que estaõ em Villa Nova de par de Gaya: e a vinha que foy de Domingos Teeyga de Gaya: assi que pera sempre as ajaõ pera seu mantijmento. E logo outro si a dita dona Maria disse que lhes daua a possessom das ditas

er-

erdades, & que as tomaſſem & ouueſſem ſempre para todo ſempre cada que quiſeſſem, & mandou dar às ſobreditas deſto hum eſtromento feito em Villa Noua de par de Gaya onze dias do mez de Outubro Era de M.CCC. LXXXIII. annos (que he anno do Senhor 1345) *Teſtimunhas Martim Afonſo clerigo, Ioaõ Saluadoriz, Pero Fernandes clerigo, Vaſco Lourenço homem de dona Maria, Domingos Martins clerigo da dita dona Maria & outros. E eu Afonſeanes Taballiom ſobre dito que eſte eſtormento por mandado & outorgamento da dita dona Maria fiz: eſtas couſas preſente fuy, & porem meu ſinal hy fiz que tal he.*

1345.

Eſtava o Cabido ſentido, e queixoſo do artificio, com que dona Maria procedera primeiro, e da força com que deſpois ſe mantinha contra ſeus embargos: mas quando chegou à ſua noticia o auto de doaçaõ, e poſſe que naõ pode ſer ſecreto, como paſſou entre tanta gente, levantaraõ montes de requerimentos em todos os auditorios Eccleſiaſticos, e ſeculares: em huns embargando a poſſe, e doaçoens dos Frades, em outros o dote da fazenda: e por remate naõ pediaõ menos ſe naõ, que ſe derribaſſe o Moſteyro por ſe aver edificado ſem licença nem conſentimento do Biſpo, e Cabido. Corria o litigio com grandes altercaçoens, e contendas: de ſorte que os Frades por naõ eſcandalizarem a parte do Clero foraõ ſuſpendendo a vinda das fundadoras, que jà eſtavaõ nomeadas polo Provincial no Moſteyro das Dònas de Santarem.

CAPITULO III.

Pede o Cabido Juiz Apoſtolico ao Pontifice pera a cauſa dos embargos, que tinha poſto ao Moſteyro. Pede dona Maria licença pera fundar. Dàſe o Juiz, è dàſe a licença.

PAſſados muitos dias, vendo o Cabido, que lhe naõ valiaõ ſuas diligencias contra dona Maria, porque em nenhum requerimento eraõ providos, ſuplicaraõ ao Papa que lhes deſſe hum Juiz Apoſtolico pera a cauſa, que naõ foſſe morador daquelle Biſpado, porque todos os naturaes, ou que nelle tinhaõ domicilio aviaõ por ſuſpeitos. Nomeoulhes o Pontifice ao Biſpo de Viſeu: mas naõ lhes foy por iſſo melhor, porque a fundadora aſſi como tinha mais juſta cauſa, e ſua calidade era tanta, que ſe fazia reſpeitar por toda a parte, tambem alcançou mais favor da Sè Apoſtolica: e impetrou hum Breve com que ceſſou toda a contenda em cabo de muitos annos de trabalhos, e deſgoſtos com o Cabido, polo modo que agora diremos. Offereceo

fereceo ella, que dotaria o Mosteyro em quinhentas libras de renda, a fòra hortas, e casas, que tinha junto do Mosteyro, que tambem lhe aplicava. Com este dote lhe foy despachada huma muy ampla licença pera a fundaçaõ do teor seguinte. E porque fica declarado o que contem escusaremos traduzilla.

INnocentius Episcopus seruus seruorum Dei, dilectæ in Christo filiæ nobili mulieri Mariæ Menendæ Portugallensis diæcesis salutem, & Apostolicam benedictionem. Tuæ deuotionis merita, quibus in sinceritate fidei æterno Regi placere desideras, ac Romanam Ecclesiam reuereris, rationabiliter nos inducunt, vt desiderijs tuis, illis præsertim, quæ tuæ salutis commodum, & Diuini cultus augmentum respiciunt, opportunis fauoribus annuamus. Exhibitæ siquidem nobis pro parte tua petitionis series continebat quod tu de salute propria cogitans, cupiensque terrena in cœlestia, transitoria in æterna fælici commercio commutare, in quibusdam domibus tuis in Uilla Noua Portugallensis diæcesis, & ad te spectantibus, ac sufficientibus pro vno Monasterio inibi construendo, præcordialiter desideras quoddam Monasterium Canonicarum Ordinis Sancti Augustini, quæ sub cura, & secundum instituta Ordinis Fratrum Prædicatorum perpetuò viuere debeant, cum Ecclesia seu Oratorio, cœmiterio, domibus, & alijs officinis, pro certo competenti numero earundem Canonicarum fundare & ædificare, ac de bonis tuis proprijs sic Monasterium præfatum dotare, quod ipsius Monasterij fructus, redditus & prouentus quingentas libras monetæ Regni Portugalliæ valeant annuatim, & nihilominus ius patronatus eiusdem Ecclesiæ dictæ diæcesis, & hortos, & loca quædam eisdem domibus contigua, & plura alia ad te similiter spectantia pro sustentatione dictarum Canonicarum, & aliarum inibi pro tempore degentium, in augmentum dotis huiusmodi eidem Monasterio assignare. Quarè pro parte tua nobis extitit humiliter supplicatum, vt tibi fundandi, dotandi, & ædificandi Monasterium huiusmodi licentiam concedere dignaremur. Nos itaque huiusmodi tuum desiderium in Domino commendantes, ac propterea volentes votis tuis annuere fauorabiliter in hac parte, tibi fundandi & construendi dictum Monasterium in eisdem domibus cum Ecclesia, seu

Ora-

Oratorio, & alijs officinis prædictis dote supradicta de bonis prædictis eidem Monasterio primitùs assignata, iureque Parrochialis Ecclesiæ, & cuiuslibet alterius in omnibus semper saluo, plenam & liberam autoritate Apostolica tenore præsentium licentiam elargimur. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ concessionis & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri & Pauli Apostolorum eius, se nouerit incursurum. Datum Auinione Tertio Nonas Martij Pontificatus nostri anno primo.

Foy despachado este Breve em cinco de Março do anno de Christo de 1353, que justamente responde ao primeiro anno do Pontificado deste Papa. Nelle acho duas cousas dignas de consideraçaõ: huma pera honra da nossa fundadora, que he o titulo, dizendo, *Nobili mulieri*, o qual lhe naõ dera, se naõ constara ser pessoa de muita calidade. Outra o nome que poem às nossas Freiras de Conegas de Santo Agostinho governadas polos Frades Prègadores, e por suas Constituiçoens. O que quero que ainda nos sirva, ou pera confirmaçaõ do que escrevemos na fundaçaõ do nosso Mosteyro de Chellas, ou pera perdaõ do sentimento com que alli nos queixamos.

[1353.] [L.1.c.23.]

Resta pera satisfaçaõ de tudo o que o Breve contem averiguarmos a valia, que entaõ tinhaõ as quinhentas livras de renda, com que a fundadora se obrigou a dotar o Mosteyro. Valiaõ as quinhentas livras ao justo dezoito mil reis da moeda, que hoje corre: e naõ era pequena renda pera aquelles tempos, em que a falta da moeda era geral, e a grande abundancia, e barateza dos fruitos da terra, junta ao pouco numero de povo que entaõ avia no Reyno pera os gastar, faziaõ riqueza do que oje quasi naõ he dinheiro nem fazenda consideravel. Mas porque esta conta, e reduçaõ da moeda antiga ao valor da presente nos ha de servir pera o diante, e alguns escritores falaõ nella com menos advertencia, mostraremos a certeza das livras mais em particular. Sendo assi que o discurso dos annos faz continuas mudanças em tudo o da terra, isto he certo, que em nenhuma cousa as vemos mayores, que no uso da moeda, dependendo della todo o trato, e governo da vida humana. A cidade de Roma, que se manteve quinhentos e oitenta e cinco annos sem conhecer outra moeda mais que de cobre, e a primeira que bateo de prata, foy cinco annos antes da primeira guerra Punica: lemos que nesse cobre fez grandes mudanças levantandolhe o preço, e adelgaçando a moeda tanto em peso, que por duas vezes desempenhou a Republica: huma na primeira, outra na segunda guerra Punica. Ao re-

[Plin. Nat. hist. l. 33. c. 3.]

vez o vimos neste Reyno os que nos lembramos do anno de 572, no qual el Rey dom Sebastiaõ com grande conselho abateo o mesmo cobre de maneira, que a moeda, que valia dez, ficou em tres, e a este respeito todas as mais. Enchiase o Reyno de cobre, fugia a prata, e ouro: remediouse o mal com a baixa. E com tudo à vista de tal exemplo vemos em Castella de vinte annos pera cà sobida a mesma moeda (chamaõlhe là de velhon) ao dobro do que antes valia: por maneira, que cada arratel de cobre em saindo sinelado dos crunhos Reays, val tres vezes mais do que se acha nas tendas em pasta. Assi he certo, que como Espanha tem mais ouro, e prata, que todas as mais Provincias da Europa: e pola mesma rezaõ he mayor sua valia nellas, que nella: podemos dizer, que todas ellas batem cobre pera Espanha: e Espanha ouro, e prata pera ellas: com grande perda nossa, e proveito do estrangeiro, a quem a cobiça, e ganho excessivo insinaõ a ser moedeiro do cobre, e passador de huma, e outra moeda. Seja exemplo que vimos por nossos olhos em Argel, no anno de 577 em que aly fuy cativo, correr escudos, e reales de oito, e de quatro em cantidade admiravel, e o preço era dezaseis reales o escudo douro, doze os reales de oito, seis os de quatro: sendo a distancia de naõ muitas legoas de Espanha, e o commercio muito continuo. Por rezaõ destas alteraçoens, e danos foraõ sempre os Reys de Portugal acudindo com Ordenaçoens, e declaraçoens importantes, como parece das que el Rey dom Manoel nos deixou, que ainda oje duraõ, nas quais se refere a outras dos Reys dom Afonso Quinto, e dom Duarte: e de todas se collige a grande variedade, que os annos hiaõ fazendo na moeda, em pesos, valias, feiçoens, armas, e divisas de cada huma, e atè nos nomes. El Rey dom Duarte mandou, que por cada huma das livras antigas (e chamou antigas as de contratos, e escrituras feitas antes do anno de 1395) se pagassem setecentas das correntes de seu tempo: e declarou logo, que a tal livra antiga valeria vinte reays brancos: e cada real branco dez pretos. El Rey dom Afonso Quinto, que lhe succedeo sem fazer novidade nas livras, levantou a valia dos reais brancos a dezoito pretos, ou dinheiros. Eraõ pretos, e dinheiros, e seitis huma mesma cousa. E os reais brancos o mesmo, que soldos. Reynando el Rey dom Manoel, porque jà entaõ se naõ batiaõ reais brancos, nem dinheiros, ou pretos do peso, e valia antiga: e recreciaõ muitas duvidas sobre os pagamentos de contratos feitos em tempos atràs, declarou por atalhar todas, que a valia intrinseca dos reais brancos era por cada hum dez seitis, e quatro quintos de seitil, dos que em seu tempo mandava lavrar, que saõ do valor dos mesmos, que oje ha. Assi fica entendido, que como aquella livra antiga valia vinte reais brancos: e o real branco valia intrinsecamente dez seitis, e quatro quintos de seitil dos que oje duraõ, respondem a cada livra antiga ao justo nos reais do tempo presente, trinta e seis reis: e conseguintemente

Ord. del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

Na mesma Ord. l. 4. t. 1. §. 17.

temente as quinhentas livras multiplicadas por trinta e ſeis reis, produzem, e nos daõ os dezoito mil reis, que dizemos no principio deſte diſcurſo.

Na meſma Ord. l. t. & §.

Reſtanos averiguar, que genero de moeda eraõ as livras correntes, ou modernas taõ miudas em conta, que ſetecentas dellas naõ valiaõ mais que huma das antigas: porque a mais baixa moeda das que a Ordenaçaõ del Rey dom Manoel faz memoria ſaõ mealhas, cuja valia era meyo ſeitil. Viemos a deſcobrir eſta curioſidade por huma carta de venda, que achamos entre pergaminhos antigos do tempo del Rey dom Afonſo Quinto, pola qual vende hum lavrador a Joaõ Fogaça Commendador de Cezimbra hum pedaço de pumar por contia de mil reais brancos, e declara que ſeraõ de trinta e cinco livras o real. Por onde fica averiguado o que buſcavamos: viſto como as trinta e cinco livras multiplicadas por vinte, fazem ſetecentas: e fica tambem entendido, que com aver livras, que valiaõ cada huma vinte reais brancos, avia outras que trinta e cinco dellas naõ valiaõ mais que hum real. Eſtranha differença, e variedade cauſada ſò do rodear dos annos. Naõ peço perdaõ deſtas miudezas, porque nenhuma lingoa ſe aprende ſem o ſeu alfabeto: e eſtas o ſaõ da moeda de Portugal.

CAPITULO IV.

Dota a fundadora o Moſteyro em conformidade do Breve: vaõ duas Religioſas do Moſteyro das Dònas de Santarem darlhe principio.

COmo por eſte tempo reſidiaõ os Pontifices Romanos com toda ſua Corte no Reyno de França, na cidade de Avinhaõ, tardavaõ pouco as letras Apoſtolicas em chegar a Portugal, e às maons da fundadora: e tanto que eſtas recebeo, tratou logo de fazer vir do Moſteyro das Dònas de Santarem as Religioſas, que o Provincial tinha deputado pera darem principio ao novo Moſteyro. Mas porque era ponto principal dotarſe primeyro nas quinhentas livras de renda, que pera aquelles tempos naõ era pequena difficuldade, veyo a celebrarſe a eſcritura de nova doaçaõ, e dote juntamente na entrada do anno ſeguinte: a qual tirada do Original, que as Freiras guardaõ em ſeu Cartorio, contem o ſeguinte.

SAibaõ todos, que em preſença de mim Afonſeanes Taballiom de noſſo Senhor el Rey em Gaya, e em Villa Noua, & em ſeus termos & julgados, & as teſtimunhas que adiante ſaõ eſcritas, eſtando dona Maria Meendes Petita filha de Sueyro Meendes Petite em Uilla noua de par de Gaya no ſeu Moſteyro, a dita dona Maria Meendes diſſe, que a ella fora outorgado hum priuilegio & graça eſpecial de Noſſo Senhor o Papa Innocencio Sexto, no qual era

con-

conteudo entre as outras cousas, que o dito Senhor Papa daua licença à dita dona Maria, que ella pudesse fundar & edificar o dito Mosteyro, & as cousas que a elle pertencessem: & que lhi era mandado na dita Bolla que ella assinasse de renda ao dito Mosteyro em cada hum anno em dote quinhentas liuras de dinheiros Portugueses dos seus bens, entè que as ditas cousas fossem feitas. E dizia que ella pera satisfazer ao mandado & Bolla do dito Senhor Papa assinara jà ao dito Mosteyro as trezentas liuras, polo seu logar & erdade que ella ha em termo de Leirea, que chamaõ o Crasto: e outrosi as sàs casas que estaõ na dita Villa de Leirea, que estom na ribeira do rio, e as sàs marinhas do sal que ella ha em Tauaride termo de Monte mayor o velho: e outro si o seu logar & erdade de Mourentaes com todas sàs pertenças, & sàs erdades que auia em Villa Noua & em seu termo: as quaes erdades dizia que valiaõ as ditas trezentas liuras de renda em cada hum anno, ao tempo que ella fizera a doaçom dellas ao dito Mosteyro, segundo mais compridamente he conteudo em hum estormento que ende tinhaõ as Dònas de S. Domingos de Santarem, porque foraõ metudas em posse das ditas quinhentas liuras que porem daua & fazia pura venda ao dito Mosteyro pera todo sempre de todo o seu terço das sàs erdades de Santarem, & outrosi do seu terço das sàs erdades de Leirea, & da sua quintaa da Mota. E que outrosi lhe fazia doaçom de mil liuras de dinheiros Portugueses, que dizia que lhe nuia de dar seu filho Pero Coelho de por sà morte per sà alma, por rezom da quintaa de Carapeços que della comprara: & dizia que mandaua que as desse ao dito Mosteyro so pena de sà moldiçom. E dizia, que por estas erdades & dinheiros era entregue o dito Mosteyro das ditas quinhentas liuras & mais. E pidia a Frey Antoninho da Ribeira Priol de S. Domingos do Porto que presente estaua, que em nome da dita Ordem recebesse a dita doaçom pera o dito Mosteyro & Ordem ser entregue das ditas quinhentas liuras de renda, como dito he. E dizia, que por este estormento desta doaçom metia em posse o dito Prior de todas as ditas erdades & fruitas, & nouos, & rendas dellas com todalas pertençaas que a ellas pertencem,

&

& de direito deuiom pertencer segundo dito he. E que outrosi lhe fazia pura doaçom do padroado da Igreja de Santa Maria de Beatodos , que he no Bispado do Porto , que a ella he dada & outorgada pera a auer o dito Mosteyro, & que ficaua pera lhe entregar as cartas que tinha , porque dizia que lhe a dita Igreja era outorgada , deste dia atà quinze dias. E mandou & outorgou que esta doaçom, que assi fazia , que valesse pera todo sempre sem contenda nenhuma. E disse, que mandaua & rogava a todos os seus filhos & parentes que comprissem & aguardassem as cousas susoditas so pena de sà maldiçom se contra isto fossem. E que assi como prende a silua no Ianeiro , que prende & he bem desposta, & crece & vay adiante , que assi vaõ todos aparentalados de sà geraçam, que esto temerem & aguardarem. E assi como seca a silua no Agosto, a que talhaõ a raiz, assi sequem, vaõ à vessas aquelles, & toda a sà geraçom que contra isto forem , e o nom quiserem guardar , & lhe sequem as maons , e os membros , que nunca se possaõ delles ajudar. E mandou & rogou a mim dito Tabelliom que destas cousas , & doaçom fizesse hum instrumento , & o desse ao dito Priol , que presente estaua, pera dita Ordem. E logo o dito Priol disse , que elle recebia a dita doaçom & cousas em ella conteudas , & que se daua dellas por bem entregue em nome da dita Ordem , & pedio desto hum estormento. Feito foy no dito Mosteyro doze dias de Abril da Era de M.CCC.LXXXXII. (que responde ao anno do Senhor de 1354.) *Testimunhas Afonso Martins escolar, morador em Gaya, Antonio da Maya, & outros. E eu Tabelliom sobredito que este estormento por mandado & outorgamento da dita dona Maria fiz , e meu sinal hy fiz que tal he.*

1354.

Dotado assi o Mosteyro em conformidade do Breve Apostolico, vieraõ traz o dote as Religiosas de Santarem. Eraõ duas, e ficou huma por Prioressa, que avia nome Sor Marinha Afonso Lobata. Entraraõ logo muitas noviças da cidade do Porto , e de outras partes , que estavaõ apellidadas por dona Maria : e dentro de poucos annos começou a florecer nelle tanta virtude , que toda a terra se dava por muy obrigada à Padroeira, polo animo , e valor com que emprendera , e levara ao cabo tal obra. Mas o Cabido entre tanto naõ desistia do seu litigio dian-

diante do Bispo de Viseu Juiz Commissario da causa, ou fosse polo muito, que se tinha empenhado nella, ou pola confiança que lhe davaõ as palavras do Breve, que o Pontifice declarava naõ entender prejudicar em nada ao direito da Igreja Parrochial. Nem tivera fim sua porfia, se o mesmo Bispo se naõ fizera medianeiro de composiçaõ, e paz, a qual em fim se veyo a concluir por huma escritura publica celebrada no mesmo Mosteiro tantos annos adiante deste, em que vamos continuando, que avia jà numero de professas, que acodiraõ a ella em corpo de Communidade perfeita. Na calidade do concerto naõ ha cousa que sirva a esta Historia, e por isso deixamos a escritura: mas naõ se pode deixar huma graciosa particularidade, que nella aponta o taballiaõ dizendo, que o Cabido da Sè se achou aqui junto, e congregado por som de trombeta, e as Freiras tambem juntaraõ seu Cabido entre si por som de malhos. E dà por rezaõ, que avia interdito na cidade, e sua comarca.

CAPITULO V.

Em que se faz memoria de algumas pessoas de grande calidade, que deixaraõ esmolas, e fazenda a este Mosteyro: e doutras que nelle tomaraõ sepultura.

NAõ achamos memoria, que a fundadora se recolhesse neste Mosteyro em sua vida, como fazia conta segundo atraz vimos. Mas constanos que està nelle enterrada: o que descobrimos desejando darlhe a memoria, que nos merece, polo testamento de hum de seus filhos chamado Estevaõ Coelho, o qual mandandose sepultar aos pès de sua mãy, e deixando parte de sua fazenda às Freiras, diz assi em humas verbas, que saõ bem de notar, e por isso vaõ aqui como as achamos em seu original.

MAndo que a Prioressa & Dònas deste Mosteyro de Corpus Christi me soterrem na Igreja ante o altar principal: ou a par de inha madre, vu ella qui sê. Seja no dito Mosteiro mais abaixo que ella, o qual ella fundou. Mando que as ditas Dònas do que lhe deixo dem em cada hum anno sinco liuras ao Prior Prouincial em a sà pessoa, & demlhas em praça. E elle emcomendeme no Cabido Prouincial, & faça comprir este testamento aos testamenteiros. Mando que dem de cada hum anno quarenta soldos a qualquer que for Prior de S. Domingos do Porto. Outros quarenta a qualquer que for Prior de S. Domingos de Coimbra que me façaõ emmentar em seus Cabidos. Peço que se encerre inha hospeda no dito Mosteyro & faça hi sà morada honesta como cleriga da Ordem.

Crecendo com os annos a reputaçaõ desta casa, e a boa fama da religiaõ, com que nella se vivia: começou a ser favorecida da gente nobre com largas esmolas, e algumas de bens de rayz, e renda perpetua, sò por terem parte em suas oraçoens. Sabem os virtuosos, que o dar cofazenda aos pobres de Christo, e principalmente àquelles que o bem servem, he o mesmo que pola em banco seguro, e dalla a ganho certo, e sabido. Assi achamos, que o fizeraõ Joaõ Pirez de Alvim, e dona Branca sua molher, os quaes por suas mortes deixaraõ muita fazenda a esta casa. Assi o fez sua filha a Condessa dona Lianor molher do grande Condestabre dom Nuno Alvarez Pereyra honra, e gloria do nome Portuguez. Esta Senhora vindo à falecer no Porto, onde tinha sua casa em tempo, que o Condestabre seu marido assistia em Braga em humas Cortes, que el Rey dom Joaõ Primeiro alli ajuntara: como em vida fora grande affeiçoada da nossa Ordem, e bemfeitora das Religiosas deste Mosteyro, quiz mostrallo tambem na morte: mandouse enterrar entre ellas, e deixoulhes huma esmola perpetua pera sua vestiaria: e outra pera hum Capellaõ que na mesma Igreja celebrasse cada dia polas almas della, e do Condestabre. E pera mais significaçaõ do amor, que tinha à Ordem, nomeou por testamenteiros a Prioressa dona Sancha Lourenço, e a Frey Vasco do Valle Prior do nosso Convento do Porto. Esta esmola ficou despois à conta do Condestabre, e elle pera que fosse mais suave às Freiras a cobrança, deulhes huma Quinta em Barroso, onde chamaõ Revoredo, junto a hum sitio, em que ellas tinhaõ outra: e ambas juntas tornaraõ polo tempo adiante à sua casa: porque as deraõ as Freiras por titulo de emprazamento a seu genro o Senhor dom Afonso filho del Rey dom Joaõ o Primeiro, e primeiro Duque de Bragança, e de Barcellos casado com a senhora dona Breytiz sua filha.

No corpo da Igreja (pera que nos naõ fique esquecida nenhuma das antiguidades da casa) està embebido na parede da banda da Epistola hum arco de pedraria lavrado à antiga, que cobre huma grande sepultura: sobre ella parece deitado hum vulto de cavaleiro armado esculpido de relevo na pedra, que a cerra quanto se estende o moimento: no alto do arco tem hum pequeno letreyro aberto na pedraria, que nos descobre alem do nome de quem nella jaz, huma curiosidade naõ indigna de memoria: e diz assi.

AQui jaz Aluareanes de Sarnache caualeiro, criado que foy del Rey dom Joaõ, cuja alma Deos aja, & Anadel môr dos Besteiros de cauallo: & Alferez que foy dos namorados da Batalha Real; & em todas as outras guerras: o qual se finou Era de M.CCCC.XXXXII. (responde ao anno de Christo de 1404.

CAPITULO VI.

Da grande religiaõ, que neste Mosteyro floreceo sempre: do rigor, e austeridades, que se guardavaõ: e de alguns casos raros, que ficaraõ nelle em tradiçaõ.

TEve esta casa desde seus principios, e polos tempos a diante atè o presente muitas Religiosas de grande perfeiçaõ de vida: e entre ellas foraõ insignes algumas por particulares mercès recebidas do celestial amador das almas, humas vezes com luzes do Ceo, que se viaõ em seus transitos, outras em cheiros celestiays quando se temiaõ os de corrupçaõ: e com outras maravilhas. Mas naõ tivemos dita os que hoje vivemos, que ouvesse entaõ quem ou por honra da virtude, ou pera proveito da posteridade quizesse escrever: acontecendo aqui como em todos os mais Conventos nossos o mesmo descuido, que he forçado repetirmos sempre, de nossos mayores, porque naõ fiquemos em culpa de pouco diligentes os que nesta ultima idade tevemos por sorte o trabalho de escrever, de que elles com nosso dano se quizeraõ forrar. Acontece donde ha muita gente junta ouviremse ao longe humas vozes mal declaradas, outras confusas, ou cortadas, as quaes todavia colhidas por quem està attento, se vai fazendo juizo por conjeituras, e boa estimativa, daõ grande noticia, inda que falte certeza formal, do que passa no lugar donde ellas saem. Assi desejando fazer relaçaõ particular daquelle valor antigo, de que temos grandes vozes, e atoadas de testimunhos geraes mui certos, naõ achamos mais, que huns longes de alguns successos estroncados, que passaraõ de boca em boca, e de idade em idade: dos quaes por estarem acreditados com a antiguidade do tempo, e com as boas calidades das pessoas por quem vieraõ passando, gente religiosa, e verdadeira, apontaremos alguns. E creo que quando naõ fizerem historia muito saborosa, polo menos haõ de criar conceito nos animos de quem a lèr que devia ser muito crecido, e espantoso o som de virtudes, donde retumbando taes Ecos chegaraõ a nòs. E ficarnoshaõ devendo os leitores a miudeza, e cuidado com que os vamos colhendo assi neste, como em quasi todos os mais Conventos da Provincia: trabalho muy semelhante ao que se escreve de quem ajuntou os Oraculos da Sibylla Cumèa, que sendo escritos em pequenas folhas de arvores, e estas lançadas com descuido em parte, onde o vento assoprando as revolvia, desordenava, e confundia: ficava tudo junto escurecendo mais o segredo dos Oraculos, ainda que naõ deminuindo nada na verdade, e autoridade delles. E com proposito de naõ cansar mais ao leitor nem a mim em todo o resto da Historia, nem com queixas, nem com desculpas, ou encarecimentos em tal materia, passaremos a diante.

Virgil. l. 6. Æneid.

Poucos annos despois de fundado o Mosteyro succedeo hum caso, que pera todas as idades ficou impresso na memoria das moradoras delle: e sendo antiquissimo, se conta com tanto espan-

panto, e respeito, como se fora de fresco acontecido, pera exemplo de huns espiritos leves, que sem muy graves causas se deixaõ tentar, e vencer de hum appetite de sayr com facilidade daquella sepultura santa, a que voluntariamente se condenaraõ com voto de naõ resucitarem della se naõ pera o Ceo. Foi o caso que dando peste na cidade, e na villa foraõ as Madres persuadidas por gente amiga de sua saude corporal mais do necessario, que saissem em Communidade pera huma Quinta do Mosteyro, lugar sadio, e de bons ares. Ficaraõ na clausura sò tres, das quaes huma poucos dias despois foi ferida do mal, com tanto espanto das ausentes quando o souberaõ, que dandose por muy seguras no sitio, em que estavaõ, avisaraõ as duas que na hora que a companheira espirasse despejassem o Convento, e se fossem pera a Quinta. Sentio a enferma alguma inquietaçaõ nellas, ou, como santa que era, alcançou do Ceo sua determinaçaõ. Chamouas, e disselhes: Vòs irmans esperaes, que morra eu pera desempararardes o vosso mosteyro: pois, eu vi o minino Jesu, quando a Communidade se foy pera a Quinta, que me dizia: Vòs outras idesvos: naõ sabeis logo que estou eu em toda a parte. Por isso fiquei; e com quanto estou morrendo, naõ me pesa de ter ficado. Chamavase esta Madre Francisca de Abreu. Faleceo logo: e as duas mais cheyas de medo, que conhecidas da advertencia santa, fogiraõ logo pera as companheiras. Porem huma dellas estando huma noite ainda assombrada do pavor passado, mas bem esperta vio entrar pola casa onde todas se recolhiaõ a dormir, sinco tochas ardendo. Fosse revelaçaõ do Ceo, ou malencolia da terra (que acontece muitas vezes adivinharem os tristes) na noite seguinte apareceraõ feridas do mal outras tantas Religiosas, e todas morreraõ. Insinadas as vivas, ainda que tarde, no dano alheyo tornaraõ pera a villa, onde tudo ardia em fogo de contagiaõ, e mortes: e com tudo tanto que estiveraõ encerradas no seu Mosteyro, foy Deos servido, que nenhum mal tiveraõ.

Arist. l. de Divinat. per somn.

Apoz esta antiguidade he primeira tradiçaõ tambem antiga, e geral da casa, que huma das virtudes, que as Religiosas della com mais ventagens abraçaraõ, foy o rigor da penitencia, exercitandose todas como à competencia em varios generos de asperezas, que ficaõ mais dignos de louvor, e espanto pola delicadeza ordinaria do sogeito feminil. De muitas se diz, que desda hora, que vestiraõ o santo habito nunca mais souberaõ o nome à cama: quando aviaõ de dar algum alivio aos membros cansados dos exercicios diurnos, e nocturnos, o mayor favor era encostarse vestidas como andavaõ de dia, sobre huma taboa nua. E porque fosse a jazida mais penosa, naõ era mais larga nem mais comprida que o tampaõ de huma arca ordinaria, e pequena. E pera tal serviço como gente pobre, e humilde mandavaõ buscar estes tampaons pola cidade: e aponta a tradiçaõ, que lhes chamava a lingoagem daquelle tempo mantalotes. Outras com santa constancia nunca mais comeraõ carne. Muitas jejuavaõ todo anno in-

teiro: muytas grande parte delle a paõ, e agoa por intervalos. Outras avendo por mimosas as tunicas de estamenha, que saõ ordinarias na Ordem, usavaõ por toda à roda do anno de humas, que faziaõ de pano dos montes seco, e mordente como saco, alem de outros generos de cilicios. E castigada a carne por este modo, e cultivada, e cortida assi aquella terra viva, naõ fica de espantar a grande abundancia de flores, e fruitos, que nos espiritos criava.

Da Madre Anna da Conceiçaõ se conta, que a mayor parte das noites passava em oraçaõ alternada com disciplinas de sangue taõ despiedadas, que dava final dellas o chaõ, onde as tomava. E com trazer de contino cingido, e apertado hum largo cilicio de sedas de cavallo, quando se hya ao leito pera satisfazer à fraqueza natural com hum pouco de sono, achava nelle huma manta de tal feitio, que era outro cilicio, porque naõ parecia menos, que composta de tojos, e abrolhos: e por maravilha se guarda, e mostra ainda hoje: e sò à força de muita necessidade, e grande falta de sono podia grangear repouso a quem nella se envolvia sobre huma taboa. E com tudo porque se veja com quanto pode a natureza sojeita, e bem acostumada, viveo assi muitos annos. No cabo delles mostrou Deos àquella santa Communidade hum juizo final temeroso, e muito digno de ser notado com todas as potencias da alma, principalmente dos que vivem com qualquer descuido della. Estava jà mui consumida da doença, e quasi acabando: eis que huma tarde começa subitamente a entrar em grande inquietaçaõ, e afadigarse muito fóra do ordinario, e a espaços tremia, e fazia grandes sinaes de medos, e ora falava, ora esperava como quem escutava pera dar reposta. Acodem as Religiosas, cuidaõ que he accidente de acabar, e dandolhe attençaõ entenderaõ claramente, que estava o demonio à vista feito acusador de huma parte, e ella accusada como rea da outra. E inferiase, que era acusada de culpas da mocidade, e descuidos da observancia: porque humas vezes respondia em voz alta dizendo: Si, he verdade, que eu fiz isso: mas despois fiz tal, e tal penitencia, e hia apontando cada huma por si. A outras cousas respondia: Jà me confessei muitas vezes dessa culpa. E de huma vez acodio dizendo distintamente: Em penitencia disso deci do Coro de cima descalça de madrugada, e ajuntava quantas vezes, e quantas sestas feiras. Era este hum exercicio, que todo o Mosteyro sabia, que ella costumava a fazer, como correndo as estaçoens de Roma, ou visitando os lugares santos de Jerusalem. Em fim cessou a batalha, ficando todas muy compungidas na consideraçaõ da pureza daquella alma, que a todas era notoria, e do rigor da residencia, que por seus olhos lhe viraõ tomar. Mas ella ficou cheya de alegria, como quem cantava vitoria: e descançando hum pouco, foy receber a coroa, e descançar pera sempre.

CA-

CAPITULO VII.

Das Madres Sor Brazia Anes, è Sor Joana da Gloria.

A Madre Brazia Anes foy molher de grande oraçaõ, e particularmente amiga de ajudar com ella as almas do fogo do Purgarorio: santa, e muy Christam, e piadosa devaçaõ. Costumava, sempre que podia, ganhar por maõ ao relogio nas horas de Matinas, pera entrar nellas com mais espirito, pedindoo com profunda humildade ao Divino Sacramento, diante do qual se prostrava aquelle espaço. Indo huma noite pera entrar no Coro, segundo seu bom costume, sentio que se rezava dentro: ficou sobresaltada, culpandose naõ sò de faltar na sua hora, e exercicio, mas de naõ ter ouvido sinos, nem taboas. Entrou, e foy acompanhando as que rezavaõ. Acabada a reza, vio que se foraõ saindo huma, e huma, e notou, que em lugar de irem pera o Dormitorio, encaminhavaõ todas pola escada abaixo. Pareceolhe novidade, quiz entender a que hiaõ, e vio que chegando ao lugar das sepulturas se foraõ sumindo nellas, e desaparecendo. Naõ podia deixar de causar pavor taõ estranha vista em qualquer animo, por muy varonil, e esforçado, que fora: tal ficou Sor Brazia, que cahio em terra esmorecida, e assi esteve atè, que soando os sinos da meya noite, cobrou animo, e alento pera se poder levantar, e recolher. Mas serviolhe o successo pera duas cousas: primeira pera ser mais continua na oraçaõ, que fazia polas almas: segunda pera perder o medo a visoens nocturnas, e a outras fantasmas, com que o demonio começou a perseguilla. Eraõ muitos, e varios os generos de inquietaçoens, que lhe dava. Porem quantas mais eraõ em numero, e força, menos caso fazia delle, e dellas, avendoas por jogo de mininos.

Huma noite, que sendo jà muito velha, se lhe poz diante com vista horrenda, e fera, a tempo que andava com hum hysope de agoa benta na maõ, correndo as sepulturas, e rezando sobre ellas, naõ sò procedeo no que fazia animosamente, mas despois que concluhio com a devaçaõ, arremeteo a elle com o hysope na maõ direita, e o bordaõ que trazia na esquerda: e o covarde lhe deu as costas, e foy fogindo polas crastas. Esta Religiosa, ou fosse a causa entrar jà crecida na Religiaõ, ou ter de seu natural a lingua grossa, e empeçada pera o Latim, nunca em toda a vida soube nem pode fazer legitima pronunciaçaõ na reza. Quando veyo a falecer, que foy de grande velhice, mais que de doença, estando em todo seu perfeito juizo, entre muitos sinaes que de sua predestinaçaõ se notaraõ, foy hum, que ao tempo de espirar começou a rezar o Cantico: *Nunc dimittis servum tuum*, e o levou atè o cabo com huma expressiva taõ clara, taõ distinta, e desembaraçada, que se teve em toda a Communidade por cousa prodigiosa: e assentaraõ, que aquella voz devia ser jà a mesma, com que seu espirito investido da claridade Divina avia de louvar lógo a Deos entre os Coros das Virgens.

Des-

Desde minina se diz, que foy a Madre Sor Joanna da Gloria taõ affeiçoada aos bens do Ceo, com hum perpetuo aborrecimento das falsidades da terra, que quando chegou a professar, por isso escolheo o sobrenome da Gloria: naõ porque ouvesse myster espertador pera a mais estimar, e amar, mas porque a queria começar a possuyr em esperança, e nome, em quanto lhe tardava na realidade. Com a profissaõ, e com o nome, e juntamente com os annos foy crecendo tanto neste amor, que veyo a dar em hum estremo poucas vezes visto, mas digno de ser envejado, e imitado; assi poderamos todos. Taõ enlevada andava nelle, que nem queria, nem podia lembrarse de outra cousa, nem avia nenhuma, que fosse poderosa a divertilla. Sò o Ceo lhe parecia fermoso, só digno de ser buscado: e quando lhe punha os olhos, era com hum geito, e affeito taõ saudoso, que mostrava naõ quisera nunca tornallos à terra: seguiaõ sospiros, e gemidos, e sem se poder reprimir arrebentava em rios de lagrimas. Detevese huma noite no Coro, viose só diante do Senhor da terra, e Ceo, ajudava o sitio, a escuridaõ, o silencio; foise engolfando em huma taõ profunda, e dilatada consideraçaõ da Gloria, que naõ appareceo em muitas horas no Convento. Deu isto cuidado às amigas, e sendo buscada, foraõ dar com ella, e acharaõna de tal maneira extatica, que de viva naõ tinha mais, que a respiraçaõ: chamada naõ acodia, empuxada naõ sentia. Despois que a fizeraõ tornar daquelle ditoso trasportamento, começaraõlhe a dar pena com reprensoens de se deixar estar só, e a taes horas em lugar temeroso: e ella respondia com quietaçaõ, que aly estiveraõ sempre com ella, e estavaõ ainda duas Religiosas. Tal opiniaõ avia de Sor Joana, que sem ellas serem vistas, foy ella crida. E naõ he de espantar, porque jà era publico no Mosteyro, que tinha visoens, e representaçoens de cousas grandes da outra vida provadas, e certas: e como desta só tratava, taõ desassombradamente falava com os defuntos, como com os vivos: e acontecia apareceremlhe Religiosas defuntas de muitos annos, que naõ conhecera: e polos sinais, que dava de cada huma, se averiguava entre as que foraõ de seu tempo, que naõ era engano.

Sendo de vinte annos, e andando sam, e rija, disse a humas Freiras, que quando fosse noite olhassem pera o cemiterio: e onde vissem huma luz azulada, como de vela acesa, alli avia de ser sua sepultura: e porque duvidavaõ, apontoulhes o lugar com o dedo. Tiveraõ por certo as que isto ouviraõ, e despois viraõ a luz, que naõ viviria muito quem tal dizia. Passados poucos mezes, veyo a adoecer consumida de suas saudades, e de grande violencia de penitencias, com que as acompanhava; porque todas as quartas feyras, e sestas, e sabados da quaresma levava a paõ, e agoa, e muitos dias destes tambem pola roda do anno. Assi foy a doença prolongada, e de muito tempo. Nella lhe succedeo hum caso, que podendo ser accidental, teve muito de milagroso. Era em grande estremo devota do Santissi-

tissimo Sacramento, e costumava celebrar sempre as vesperas da Communhaõ com huma aspera disciplina, e com naõ dormir em cama. E era sua mayor consolaçaõ na doença receber muitas vezes o Divino pasto, porque com elle como com verdadeiras arras da Gloria, hia soportando as demoras, e prisaõ da enfermidade. Mas querendo o Senhor darlhe merecimento, foy servido, que lhe acodissem huns vomitos, que ella ouve polo mais penoso accidente de todos os que em seu mal padecia: e era a causa, porque como continuavaõ, tomouse assento que naõ commungasse. Perdia com isto a paciencia, porque nem acabava de morrer, nem melhorava: e o medo dos vomitos tinha atadas as maons ao Vigario, pera se naõ atrever a consolalla com a santa Eucharistia, como fazia dantes. Queixavase, chorava, e movia todas a piedade com as lastimas, que dizia, affirmando, que o fogo em que sua alma ardia de ansias, e desejos dos bens Celestiaes, só o Senhor delles sacramentalmente recibido com sua presença o refrigerava, e só mitigava as saudades, e esperanças taõ dilatadas de o chegar a ver face a face: que se eraõ irmans, se eraõ amigas persuadissem ao Padre Vigario usasse com ella de misericordia, e naõ temesse nenhum desastre; que nem o Senhor o permittiria, nem seu estamago regeitava se naõ peso de comida, e jà tinha experimentado, que se naõ revolvia tomando cousas leves. Mas naõ bastava nada pera dobrar o Vigario. Queixavase entaõ ao Senhor, pedialhe que viesse de sua maõ a misericordia, que nos homens naõ achava: e quando entendia, que commungava a Communidade, da cama em que jazia cantava tambem em alta voz os hymnos do Sacramento, que soavaõ no Coro, acompanhandoos com lagrimas. Hum dia de festa solenne estando as Freiras commungando, representoulhe a devaçaõ, que seria genero de alivio em tanta fome, se recebesse polo caliz com que se dava a Communhaõ a suas irmans, hum pouco de lavatorio em que o Vigario purificava os dedos: mandoulho pedir com grandes encarecimentos. Naõ fez o Vigario difficuldade na petiçaõ, despois de commungar as Religiosas, e ter purificado os dedos no caliz da Communhaõ: quando o ouve de dar a quem o levasse à enferma, permittio o Senhor que em lugar delle, desse outro que tinha no altar, no qual estava huma forma consagrada, que sobejara. Foy correndo a messageira com alvoroço, mas sem saber o que levava: quando a enferma descobrio o caliz, e reconheceo dentro o tesouro celestial, julgou que fora compaixaõ, naõ erro do Vigario, e satisfez seus desejos com cordial consolaçaõ. Tinha acabado de a levar, e começava a entoar por graças aquella parte do hymno: *Tantum ergo Sacramentum, &c.*

Eis que chega correndo huma Religiosa com recado da Prioressa, que naõ commungasse atè ella chegar, porque tinha que lhe dizer primeiro. E foy o caso, que o Vigario abrindo o sacrario pera recolher a fórma, cahio no erro, e mandou com diligencia avisar a Prioressa,

ſa, que o remediaſſe polo modo, que temos dito. Entrou a Prioreſſa afadigada tràs a meſſageira, que mandara diante, e ambas teveraõ da enferma a meſma repoſta. Meu Senhor Jeſu Chriſto (dizia ella cheya de eſpirito, e alegria) que ſabe a grande fome, que minha alma padece tantos mezes ha deſte Divino manjar, e a muita neceſſidade, que delle tenho, ordenou que commungaſſe eu neſta taõ grande ſolenidade, e que pera iſſo me confeſſaſſe (como me confeſſey ontem.) Se o Padre Vigario cuida que errou, erros ha no mundo, que ſaõ acertos, e miſericordias de Deos: a elle dou as graças.

Quando veyo a falecer paſſava poucos mezes de vinte hum annos. Muitos dias antes declarou, que avia de acabar no dia de Ramos primeiro ſeguinte, e atè a hora ſinalou, e tudo ſuccedeo puntualmente: e foy ſepultada no meſmo ſitio, que muito antes, eſtando ſam, moſtrara. Paſſado algum tempo, fez aſſento a terra da ſepultura, de modo que ficava notavelmente baixa, e deſigual: pera ſe accommodar, e igualar, arrancouſe o ladrilho, bolioſe a terra, foy couſa de eſpanto, que em ſe movendo aquelle pò frio, e ſeco, ſahio della tanto, e taõ ſingular cheiro, que o official deu brados de maravilha: mas as Religioſas, que conheciaõ quem aly jazia, ſem maravilha deraõ graças a Deos.

CAPITULO VIII.

Das Madres Sor Iſabel de Abreu: e Sor Iſabel de Morays.

SUccedem duas Iſabeis taõ ſemelhantes ambas em virtudes, e merecimentos, como no nome: e como foraõ differentes ſó no appellido, aſſi ſe differençaraõ em poucas couſas da vida. Ambas eraõ muy devotas da paixaõ, ambas pediraõ a Deos com particular efficacia lhes deſſe a ſentir alguma parte das dores, que nella padecera o bom Jeſu: e a ambas foy concedido. E porque lhes naõ foſſe cauſa de vamgloria tamanho favor, permittio o Senhor, que cada huma dellas padeceſſe hum forte eſtimulo de Satanàs, que as eſpantava, e perſeguia com terribeis illuſoens, e tentaçoens.

A Madre Iſabel d' Abreu começou a ſentir ſuas dores pouco mais de ſeis annos antes, que faleceſſe. Eraõ taes, que em quantas junturas de membros tinha, em todas a hum meſmo tempo era martyrizada com incomportaveis tormentos: levavaos ella com o meſmo animo, e devaçaõ com que os pedira, gemendo muitas vezes, e gritando a boca com a opreſſaõ das dores, mas dando graças em ſeu coraçaõ a quem lhas dava. Eſtava hum dia muy desfalecida com ellas, cercavaõna muitas Religioſas, e perſuadiaõna que ſe animaſſe, e tiveſſe paciencia: pareceolhe que eraõ rezoens de gente, que ſe deſpidia; interrompeo a pratica, e pedio com encarecimento, que a naõ deixaſſem ſó, dando por rezaõ, que creciaõ ſeus males como eſtava deſ-

desacompanhada. Fizeraõ todas juizo, que eraõ queixas de quem jà naõ podia com o trabalho, e acodiraõlhe de novo com lembranças da obrigaçaõ, que tinha de sofrer com valor, o que pedira por favor, e alcançara por misericordia. Viose culpada, e reprendida, pareceolhe força declarar o que atè entaõ encobrira. Madres, respondeo, naõ me agastaõ dores, antes cada momento lhes lanço mil benções, porque se o corpo padece, triunfa a alma. O que me agasta, e muito me inquieta, he huma dura perseguiçaõ, que o demonio me dà com sua vista horrenda, e fera, na hora que me acha sò: e basta estar comigo qualquer pessoa pera naõ ser atrevido: parece que por meus peccados tenho merecido esta guerra.

A Madre Isabel de Morays tinhase determinado a huma perpetua mortificaçaõ de todas as corporaes commodidades. Avezouse a quebrar o sono, que he grande parte da sustentaçaõ da vida, e alivio de quem trabalha: e veyo a sogeitallo de maneira, que era huma tyrania, porque lhe naõ dava entre dia, e noite mais que duas horas, sendo assi, que sempre andava occupada nos mais trabalhosos officios de casa. Foy muitos annos Sacristam, sem consentir companhia, que a descançasse: com muito gosto lavava só, encrespava, e perfumava toda a roupa de seu cargo: e à força de braço trazia limpo, e luzente todo o estanho, e arame da Sacristia. O tempo, que forrava do trabalho, descançava em continua oraçaõ: nella seu principal exercicio era meditar a Paixaõ de Christo, compadecendose dos tormentos, e afrontas a que o bom Senhor se quiz offerecer por ingratos; e abrazavase em desejos de ter parte nellas, por naõ ser de todo ingrata. Por fim da oraçaõ, conhecendo, que pedia muito, ajuntava em parte de requerimento muitas disciplinas, e outras penitencias secretas. Assi alcançou o despacho tanto à medida do que desejava, que brevemente se vio cercada de tantas, e taõ fortes doenças, tantas, e taõ continuas dores, que bem parecia cousa contra natureza tamanha complicaçaõ de males, e tal força de tormentos padecidos juntamente. Choravaõ as Religiosas lastimadas do que lhe viaõ padecer, e ella alegre no meyo dos martyrios, que a rodeavaõ como a outro Job, chamavalhes pesadas consoladoras, pois, em lugar de lhe ajudarem a dar graças ao Senhor por lhe ter ouvido sua oraçaõ, eraõ cruelmente piadosas, mostrando sentimento de seu bem. Com todos estes males naõ podia acabar comsigo deixar hum genero de cilicio, que trazia cravado nas carnes, que melhor podemos chamar cinta de ferro. Era huma faixa larga feita de huma folha de arame, que ordinariamente se chama folha de Frandes, passada de muitos furos, de tal modo abertos, que lançava cada hum pera fóra tres e quatro pontas, que onde alcançavaõ, feriaõ, e penetravaõ como cravos. Acertou de lha ver huma sobrinha, de que se naõ acautelava tanto, como das outras Freiras; accusoua à Prioressa, porque sabia que nenhum outro remedio valeria. Em fim tirou o cilicio por obediencia,

e com dores dobradas: humas polo tormento, que lhe dava desaferrallo da carne, que de muito atràs tinha atenazada: outras polo que sentia naõ acompanhar com mais aquella mortificaçaõ os tormentos do bom Jesu Mas ficoulhe em lugar do cilicio huma perseguiçaõ infernal do tentador das almas, que como era noite lhe aparecia, e se atrevia a pòr em pratica a quem com tanta perfeiçaõ vivia, naõ menos que desesperaçaõ da misericordia de Deos (grande ponto pera nos abrir os olhos, e cuydarmos que farà, e quaõ atrevido serà com os que somos fracos, e peccadores quem assi acomete a gente santa) algumas vezes lhe ouviraõ dizer as Religiosas, que dormiaõ perto, estas palavras: *Maldito, vaite ao inferno, a que estàs condenado pera sempre; que por muito que faças, naõ deixarey nunca de dar graças a meu Deos polas grandes mercès que me faz em me dar doenças, e dores, que tantos annos lhe pedi.*

Quando a importunaçaõ crecia usava do mesmo remedio, que a Madre Isabel d' Abreu: chamava por sua sobrinha, ou qualquer outra Freira, e como tinha companhia ficava em paz. Costumava a dizer muitas vezes, que na festa de Natal avia de morrer: e veyo dar fim a seus trabalhos na primeira Oitava, e ultima hora della, quando jà se tangia o primeiro de matinas de S. Joaõ Evangelista, mas naõ nos constou em que anno. Pouco antes que espirasse advirtio as enfermeiras que era tempo de fazerem sinal pera se juntar a Communidade como he costume na Religiaõ: e deu por rezaõ que estava alli o Minino Jesu, que a queria levar consigo.

CAPITULO IX.

Das Madres Sor Caterina de Soagoa, Sor Breytiz Rabella, e Sor Isabel Afonso.

A Madre Sor Caterina de Soagoa passou toda a vida em rigor de penitencias, e fervor de oraçaõ: e com taes azas tintas, e variadas de fermosas cores de todas as outras virtudes, voou pera as moradas eternas. Nunca despois que tomou o habito comeo carne, nunca deixou de dormir vestida, e apertada, e composta como andava de dia: e era o leito huma taboa seca, desacompanhada de todo o genero de roupa, ou outro gasalhado: e por morte lhe foy achada à raiz das carnes huma cinta de ferro de quatro dedos de largo, companheira inseparavel de toda a vida.

Da Madre Breytiz Rabella, por outro nome da Trindade, se conta por especial excellencia que entre todos os exercicios santos da Religiaõ o que mais lhe levava a alma, e o gosto era a devaçaõ do santo Rosario: pera o rezar com mais atençaõ, e sossego levantavase de madrugada. Parece que tinha ouvido o que diz o Espirito Santo, ou elle lho tinha communicado: *Quoniam oportet præuenire solem ad benedictionem Dei, & ad orientem lucis adorare Deum.* Esth. 5.

Convem que madrugue mais, que o sol, quem quer louvar a Deos, e receber delle mercès: convem levantar pera o adorar tan-

tanto que se levanta, e aparece a primeira luz. Assi o fazia com grande perseverança, deleitandose na vista da estrella dava em saudar a verdadeira Aurora, por quem considerava que temos no mundo todos os bens do Ceo. Tardando o sol lembravase das ansias, com que os Santos Patriarcas, e Profetas desejavaõ o verdadeiro, que veyo alumiar as almas, e do intimo do coraçaõ dizia com Esaias: *Rorate cæli de super &c.* Acabai jà Ceos de nos mandar esse divino orvalho. Lembravase do affecto, com que a Virgem desejava vello, e adorallo nacido na terra, e dizia: *O' oriens splendor lucis æternæ & sol justitiæ, veni & illumina sedentes in tenebris.* O' rayo bellissimo, luz da luz eterna, e sol de justiça; chegay jà, e vinde alumiar os que vivem em trevas. Despois de nacido o sol alegravase nos gozos da Virgem, quando se vio mãy, e may de Deos, e sua pureza com tal filho mais pura, mais honrada, e mais sagrada. Nestas, e em outras semelhantes consideraçoens hya dando voltas ao seu Rosario, e acompanhandoas a espaços com copiosas lagrimas, hora de gozo, hora de magoas, segundo os misterios.

Esai. 45.

Mal. 4.

Sabe o enemigo do genero humano quanto se adianta em todas as virtudes polo meyo do santo Rosario. E como em todo o exercicio dellas està certa a tentaçaõ pera prova, e merecimento, permittio Deos que procurasse a toda a força divertilla de tal devaçaõ com medos, e fantasmas. Despois que vio que naõ aproveitava por aqui, aparecialhe visivelmente ao tempo, que queria começar a rezar pera a perturbar, ou inquietar quando mais naõ podesse. Aconteceolhe deitarse huma noite com mais cuidado do ordinario de se levantar a tempo, pera cumprir mais a seu sabor com o santo exercicio. Quando espertou vio tanta claridade na casa, que teve por certo ser o sol nacido. Levantouse à pressa, e com desgosto, e reprendendose da tardança: e vendo que avia silencio por toda a casa, caminhou pera o sitio custumado, que era o Coro, e começou sua devaçaõ. Mas naõ he de dura nenhuma falsidade, e as do diabo mais depressa mostraõ o fio, e descobrem seu dono. Eis que subitamente desaparece a luz, e fica tudo em trevas, e noite escura: e pera mais certeza de que fora fingida, e falsa a claridade a que se levantara, soaraõ logo no relogio as tres horas. Caindo entaõ na conta do lanço, com que Lucifer procurou desgostalla, foy rezando, e meditando com muito mayor consolaçaõ seu Rosario, do que fora a pena com que o começara.

Na ultima doença, quando lhe foy declarado que acabava, recebeo o desengano naõ sò sem sobresalto, mas com muyta alegria. E dispondose pera a hora, que esperava, e que tinha por ditosa, e fermosa, naõ largava das maons o santo Rosario. Hiaselhe a vida trasspondo por momentos, e a passo igual se viaõ em seu rosto novos, e mais claros sinaes de gozo: dos quaes obrigada huma religiosa, e tendo por certo que deviaõ nacer de alguns favores, que naquella hora lhe fazia a Virgem do Rosario, que tanto ser-

servira sempre, pediolhe que pera gloria da mesma Senhora, e edificaçaõ das que estavaõ presentes declarasse alguma cousa. Mas saõ os Santos mui avaros em revelar semelhantes mimos: respondeo com palavras geraes, que muitas mercès lhe fazia sua senhora naquelle temeroso trance. Instando a Religiosa por alcançar alguma particularidade, e apertando muito, em fim confessou que a Senhora estivera ali com ella: e naõ falou mais. Esta Madre foy duas vezes Prioressa: e huma tença que tinha, naõ pequena pera o tempo de entaõ, despendia toda com Religiosas necessitadas, e em concertos da sacristia.

A Madre Sòr Isabel Afonso foy huma das antigas, que neste Mosteyro se criaraõ: e como tal taõ observante daquellas primeiras, e apertadas austeridades, que por certo se conta que desda hora que professou nunca mais comeo carne, nem teve outra cama senaõ hum matalote como os que atràs dissemos; e as tunicas, que usava, eraõ de pano de lam grosseira dos montes, por maneira, que andava vestida em hum cilicio inteirisso. Nesta aspereza viveo longos annos; e sem a mudar acabou santamente.

CAPITULO X.

Das Madres Sòr Justa Vieyra, Sòr Violante, e Sòr Juliana.

TRinta annos achamos que foy Prioressa neste Mosteyro a Madre Sòr Justa Vieyra: e se a morte a naõ assolvera do cargo nunca os Prelados nem as subditas consintiraõ que o deixara. Taõ inteiro, e taõ suave era seu governo. Todo seu cuidado empregava por manter a casa no rigor primeiro, em que fora criada: e ainda os que os Capitulos, que fazia espiravaõ fogo de espirito, com que o pegava às mais tibias, eraõ suas obras taes, que naõ avia quem à vista dellas mostrasse froxidaõ pera as mayores austeridades. Nunca se achou que nas ordinarias da Ordem se valesse do privilegio de Prelada pera dispensar consigo: antes acrecentava a ellas particulares penitencias, que em quem preside bem se sofre serem publicas, e sabidas, polo muito que move o exemplo das cabeças. Entre outras se faz memoria das tunicas, que usava, de pano basto de lam como saco, que era andar toda envolta em hum aspero cilicio, como dissemos da Madre Isabel Afonso. Com o Angelico Doutor Santo Thomas tinha grande, e particular devaçaõ, e pagavalha elle com lhe alcançar de Deos muytos favores. Muito tempo antes de sua morte declarou o dia, e hora em que avia de ser; e succedeo sem falencia.

Restanos dizer de duas Religiosas, que sendo falecidas ha menos de vinte annos, e sendo ambas nobres por geraçaõ, e muyto mais por virtude, jà naõ pudemos alcançar dellas mais, que meyos nomes. Pera ficarem assi menos de espantar as faltas dos antigos. Seja primeira a Madre Sòr Violante taõ devota, e bemfeitora das almas fieis do Purgatorio, que cada dia lhes rezava hum psalterio, pedindo a cada huma, que quando

do se achasse livre do carcere, e à mesa do Rey da Gloria como o outro criado de Faraó se lembrasse da sua prisaõ della, alcançandolhe huma suave saida das miserias da vida, e vindoa ajudar, e acompanhar na hora da liberdade. Acompanhava esta devaçaõ, pera que fosse mais meritoria com muita abstinencia, disciplinas, e cilicios esmerandose sobre tudo em hum grande cuidado de guardar silencio, e naõ o quebrar nunca nos tempos, que a regra o encomenda. Viveo esta Religiosa muytos annos sem quebra nem mudança de seus santos exercicios: e perseverando assi com muito exemplo aconteceo huma noite acharemna morta pola maneira seguinte. Dormia a sacristam em seu leito cansada do trabalho do dia. Eis que alta noite sente chamarse por seu nome, e abrindo os olhos vè hum vulto de Freira com lume nas maons, mas lume, segundo despois dizia, escuro, e cego, e como de candea, que se vai apagando: e ouvio que lhe dizia com voz distinta, e clara, porem naõ conhecida, palavras formaes: Levantaivos, e ide acodir a Sòr Violante, que està morta. A novidade do aviso, e a falta de luz bastante, e de conhecimento da fala obrigou a sacristam a perguntarlhe quem era: e ouvio segunda voz, que lhe disse. Eu sou a Madureyra. Avia no Mosteiro huma Religiosa deste nome amiga da sacristam, e com quem algumas vezes costumava a ter graças: despedioa asperamente, e como merecia huma ociosidade a taes horas (se o fora) e tornouse a quietar. E com tudo fazendo reflexaõ no que ouvira, e na calidade do dito chamou huma companheyra pera yrem juntas. Foy circunstancia, que tambem deu cuydado, que procurando levar lume consigo, naõ acharaõ em toda a casa alampada acesa, e foy força valeremse de pederneira, e fusil. Chegando ambas ao leito de Sòr Violante acharaõ verdadeiro o aviso da voz, e espertaraõ à pressa a Communidade, pera a commendaçaõ da alma. Ficouse fazendo discurso entre as Religiosas, que fora Deos servido darlhe hum transito abreviado, e sem pena por rogativas das almas santas, e polas mesmas permittira, que fosse avisada a sacristam por termo taõ extraordinario pera lhe naõ tardarem os suffragios, e oraçoens da Communidade, ou em satisfaçaõ de alguma leve culpa, ou em augmento de gloria: o que tudo trabalhara por encontrar, e dilatar o demonio com a falta de luz, e apagando as alampadas: e cahiaõ que a messageira podia ser huma discipula da mesma Sòr Violante, que tambem se chamava Madureira, e naõ avia muito que era falecida.

Gen. 40.

Quasi polo mesmo tempo se foy pera o Ceo outra Religiosa, que lhe demos por companheira: chamavase Sòr Juliana, porque nacera em tal dia: fora duas vezes Prelada com notavel exemplo de virtude, e observancia regular, e nos exercicios particulares era por excellencia devota das sinco preciosas chagas de Nosso Senhor Jesu Christo, venerandoas, e celebrandoas com todos os generos de devaçaõ, que sabia, e podia, e offerecendolhes sua alma com con-

continuas oraçoens. Andando o tempo foy Deos servido tocalla de hum ar de parlesia na lingua, que lhe tolheo a fala: e muda viveo muytos annos. Vindo despois a falecer no mesmo dia de santa Juliana, em que nacera, viose nella hum caso estranho: tornoulhe a fala, e disse a huma amiga, que a curava, que naquella hora lhe tinhaõ aly trazido sinco serejas. Espantada a enfermeira de ouvir nomear serejas em Fevereiro, e parecendolhe delirio de quem morria, aporfiou a enferma que sabia o que dizia, e que debaixo da cabiceira lhas tinhaõ postas, e ahy as acharia, se as quisesse buscar, e ver. Estavaõ jà juntas outras Freiras: obrigadas da teima com que affirmava cousa taõ sem proposito levantaraõ o travisseiro, e acharaõ que onde dizia, em lugar de cinco serejas, estava tinto o lençol com cinco gotas de sangue fresco postas em Cruz, que fizeraõ espanto, porque se juntava ao dito da enferma (que pouco tardou em se finar) naõ verem donde podesse aly vir tal sangue: e pareceo hum principio de paga da santa devaçaõ das Chagas, e penhor da gloria, que por ella a esperava.

CAPITULO XI.

De alguns grandes milagres, que nosso Senhor tem feito neste Mosteyro por huma imagem, que nella ha do Padre S. Domingos.

PODemos dar por boa prova da grande Religiaõ deste Mosteyro a providencia, com que o Santo Patriarca, que lhe deu nome, e regra acodio sempre, e acode ainda hoje às necessidades, e doenças, e desconsolaçoens das filhas, que nelle tem. Guardase aqui de tempos antigos huma imagem do Santo venerada de todas as Religiosas, tanto por ser sua, como pola experiencia, que tem de lhes fazer Deos por ella muytas misericordias. E porque assi como saõ muytas em numero, saõ tambem em calidade muy notaveis, do que se segue honra pera o Santo, e pera a casa: parece rezaõ apontarmos algumas de mais sustancia pera gloria de Deos, e do seu Santo, cuja esta Historia he; e pera louvor, e estima da gente, que taõ propicio sabe ter o Senhor a que serve: cousa que naõ pode ser, segundo se deixa bem ver, sem muyta pureza de almas, e conciencias. Mas antes de entrarmos na relaçaõ dellas diremos, e louvaremos hum santo costume, que estas Madres tem de acompanharem com assistencia perpetua o Santissimo Sacramento acodindo todas, e revezandose no serviço com tal ordem, que em nenhuma hora do dia nem da noite fica só: o qual he hum genero de laus perennis, qual o mesmo Rey, e Senhor nosso tem na sua Corte do Ceo. Serviço dignissimo, que em todas as casas de Religiaõ se fizera, e que naõ tenho duvida a todas rendera grandes interesses espirituaes. Estas Madres se obrigaraõ a elle polo titulo do Mosteyro: mas naõ ha nenhuma, que deixe de ter pola sustancia do que devemos, a mesma obrigaçaõ, que esta mantem polo nome. E tornando ao que propuzemos venhamos aos milagres do Santo.

Qua-

Quatro annos avia que a Madre Francisca da Ascençaõ estava entrevada de parlezia, e taõ tolhida de todos os membros, que naõ era senhora de mover pè nem maõ. Em todo este tempo provaraõ os Medicos varios remedios, e sem aproveitar nenhum ficou avida por incuravel. Quando assi se vio, pedio à Prioressa, que lhe mandasse trazer alli a imagem que dissemos, de nosso Padre, affirmando que sò a elle queria por Medico, como sabia que o fora de muitas outras enfermas. Juntouse a Communidade, trouxeraõlha em procissaõ. Vioa, veneroua, abraçouse com ella com devoto affeito da alma, porque os braços estavaõ mortos; e lembrando ao Santo com grande fé a sua antiga promessa de naõ faltar aos filhos, ainda que ausente, pedio que lha deixassem ficar sobre a cama. Deixaraõlha: continuou ella com seus devotos coloquios; e sobrevindolhe hum leve sono, começou a sonhar que se chegava ao leito hum veneravel Religioso da Ordem, e pondolhe a maõ sobre hum braço lhe dizia: Filha, naõ te agastes. A vista, e visinhança do Religioso causou sobresalto, e o sobresalto lançou fóra o sono. Acordando achou, que tinha abraçada a santa imagem com aquelle braço, que por tolhido tivera sempre recolhido debaixo da roupa, e que naõ só o sentia com vigor, e força, mas de todo saõ, e assi todos os mais membros.

Sendo o caso taõ extraordinario, que espantou quantos conheciaõ esta Madre, e sabiaõ do seu mal, ficou esquecido com muitos outros mais antigos, polo que succedeo à Madre Caterina da Assumpçaõ no anno de 1595. Cahyo esta Madre de hum lugar muito alto: e estava tal quando lhe acodiraõ, que nenhum sinal nem sentimento tinha de vida. Provaraõse remedios de ventosas, e sangrias a ver se tornava: naõ bastou nada; e parecia tudo por de mais, porque se via que de pisada, e moida estava toda negra. Neste estado lhe acodio a Communidade, e hum povo de irmans carnaes, que nella tinha, que naõ eraõ menos de sinco: trazemlhe a imagem do Santo com huma devota procissaõ cantando entre lastimas, e lagrimas a antiphona: *O' lumen Ecclesiæ*, &c. Ouvio Deos por meyo de seu servo ambas as Communidades. Foy cousa que passou a olhos, e face do Convento inteiro: no mesmo instante que poseraõ a santa imagem junto da que choravaõ por defunta, abrio os olhos, e falou, e alegrou a todas com esperanças de vida. Tornaraõ a mais consoladas com a imagem ao seu altar. Entre tanto apareceo o Santo clara, e visivelmente à atribulada Madre; e como estava jà em seu acordo, e reconhecida da mercè recebida nos principios de remedio, foise prostiando como pode a seus pès pera lhos beijar. Fogem os males da presença dos Santos. Assi desapareceo o Santo dos olhos da enferma, e desapareceo juntamente toda a lesaõ, e quebrantamento de seus membros, ficando em taõ perfeita disposiçaõ, e saude, como tinha antes do desastre. Foi este milagre muy celebrado, e com publicos estormentos autenticado, e em fim prègado nos pulpitos.

1595.

Naõ

Naõ foy menos estimada a saude, que subitamente, e polo mesmo meyo recebeo a Madre Sòr Antonia da Encarnaçaõ. Estava sangrada vinte, e oito vezes de humas febres taõ rijas, que nem com tanta evacuaçaõ de sangue davaõ sinal de amainar, e sobre todo o mal endoudecia com frenesis. Fezlhe o Medico ultima visita neste estado, e avisou a Prioressa, que naõ averia lugar pera outra, porque naõ tinha de vida mais que tres horas. Era pola manham: acodio a devota Prelada aos remedios do Ceo cheya de fé, mandoulhe dizer logo huma Missa a nosso Padre, e encomendou às Religiosas levassem a santa imagem à sentenciada enferma, apellando da sentença da terra pera a misericordia do Ceo: Levaraõlha: sobreveolhe sono, cuidouse que era o da morte; e foi o Senhor servido, que acordou delle com certeza de vida, e saude perfeita, que logo seguio.

Melhor succedeo à irmam Joana Bayoa, que com hum só milagre do Santo negoceou remedio pera duas necessidades muito differentes entre si, e ambas muito importantes. Passava de quarenta annos, que estava recolhida no Mosteyro a titulo de servidora. E avendo muitos que pedia com devaçaõ ao Santo, a fizesse Freira sua, adoeceo gravemente de huma esquinencia acompanhada de febre ardente, que brevemente a poz no fim da vida. Dada por morta, ungida, e jà sem fala: propoz huma Freira velha à Prioressa, que pois morria, se quer por agradecimento do bom serviço da enferma lhe dessem a consolaçaõ de morrer no habito, que tanto desejara em vida, como se sabia: que pois morrendo lho aviaõ de vestir como a irmam, que jà era da Ordem, mais valia vestirlho em tempo, que ainda o pudesse estimar, e agradecer, visto como de qualquer maneira o avia de lograr poucos dias, ou poucas horas. Inclinouse a Prioressa, ajudaraõ todas as Madres, foilhe vestido o habito com a solenidade ordinaria, cantando a Communidade junta o hymno: *Veni Creator Spiritus*; e mostrando a enferma, no que se podia entender, que morria consolada. Immediatamente como a quem estava desconfiada de todo o remedio humano lhe trouxeraõ a imagem de Nosso Padre, e huma Religiosa lhe fez lembrança, que pois tinha jà o habito do Santo, se encommendasse a elle como filha sua. Fizeraõ todas oraçaõ com ella (que val muito diante de Deos oraçaõ de gente junta, e unida em seu serviço, e nome) foy logo tornando em si, e dentro de poucos dias de leiga, e enferma, e morta, achouse viva, e sam, e Freira, confessando dever tudo ao Santo, polo meyo da sua imagem. Foy despois consultado no caso o Padre Provincial: e tomada informaçaõ de como passara, deu sua aprovaçaõ, e licença pera se lhe fazer profissaõ a seu tempo.

A Madre Sòr Ursula de S. Domingos tinha jà recebido o Santissimo Sacramento por Viatico, e tratavase da Unçaõ em huma forte doença, que por momentos a hia consumindo. Neste estado pedio, que lhe trouxessem a santa imagem: foy caso

ſò raro, que parece naõ ouve meyo em chegar a imagem, e fogir o mal: repentinamente ficou ſam.

O meſmo aconteceo a outra Religioſa em ſemelhante eſtado, e igual perigo. Viaſe acabar ſem remedio, gritou agonizadamente, e em alta voz polo Santo: e bradava dentro em ſua alma com outra mais alta de fé, e eſperança. Adormeceo deſpois, repreſentouſelhe que via o Santo, e lhe dizia, que ſe naõ deſconſolaſſe, que brevemente teria ſaude: e aſſi aconteceo.

A Madre Sor Elena da Conceiçaõ andava atribulada de hum grande inchaço, que lhe nacera debaixo de hum braço, temendo que poderia ſer mal contagioſo. Acodio com oraçoens ao glorioſo Confeſſor S. Roque. Reſolveoſe, e ficou bem. Paſſados alguns dias levantouſelhe outro no peſcoço da groſſura de hum ovo. E dado que jà naõ receava contagiaõ, todavia acodindo ao meſmo Santo, fez oraçaõ a Noſſo Padre S. Domingos, que como pay lhe valeſſe diante de Deos com ſua interceſſaõ. No meyo deſte requerimento feito com devaçaõ, e confiança de boa filha foy tentar com a maõ o tumor, e achou o peſcoço deſembaraçado, e igual, e ſem final de inchaçaõ, como ſe nunca tevera nenhum mal.

Recebendo as Religioſas deſte Convento tantos favores de Noſſo Patriarcha, facil fica de crer qualquer outro que affirmarmos que as meſmas recebem dos mais Santos da Ordem: que onde o Pay ſe moſtra taõ amoroſo, naõ podem os filhos ſer menos brandos, nem trocer o roſto à gente, que elle aſſi empara. Puderamos ajuntar milagres muy provados, e caſos notaveis, com que alguns Santos noſſos eſtrangeiros, e naturaes acrecentaraõ ſua devaçaõ neſta caſa, e acreditaraõ a grande obſervancia, com que nella ſe vive: mas de propoſito, e determinadamente os deixamos, porque os Santos eſtrangeiros naõ ſaõ da obrigaçaõ deſta Cronica, e os naturaes tem nella lugar proprio, aonde pertencem ſuas maravilhas. Sò as do Santo Patriarcha proſeguiremos, como a hiſtoria he propria, e originalmente ſua, em qualquer parte que as encontrarmos.

CAPITULO XII.

Origem, e principio da fundaçaõ do Real Convento de Noſſa Senhora da Vitoria, no lugar da Batalha.

A Chavaſe el Rey dom Joaõ o Primeyro deſte nome, e decimo no numero dos Reys de Portugal nos campos de Aljubarrota termo da cidade de Leiria, alojado em hum eſtreito arrayal, e acompanhado de poucos vaſſallos, ainda que fieis, e animoſos, e determinados. Tinha defronte outro Rey tambem Joaõ, e tambem Primeyro dos Reynos de Caſtella, o qual trazia conſigo todo o poder de ſuas terras, e muita gente das de Portugal, que o ſeguia, ou por intereſſe proprio, ou enganada da cauſa. Era força vir às maons. E como todos os ſucceſſos da guerra ſaõ incertos, e a batalha eſtava em grande eſtremo arriſcada da parte dos Portuguezes, polo pouco numero delles, com-

parado com a multidaõ contraria, que cobria montes, e valles: vendo todavia que por ser buscado, e dentro em seu Reyno, naõ podia escusalla sem grande descredito, e perda de reputaçaõ: procurou na hora que se determinou em pelejar, valerse do soccorro do Ceo, e pedir a vitoria àquelle Senhor, que as dà, e tira, e por isso se chama Deos dos exercitos. E invocando por medianeyra a Virgem Mây, porque em vespera de sua gloriosa Assumpçaõ foy a jornada, prometeo que sayndo vencedor lhe edificaria hum famoso Mosteyro. Foy Deos servido fazello vencedor: ficaraõ vencidos nas armas, os que venciaõ em poder, e confiança: e podemos crer, que foy a causa de sua destruiçaõ seguirem, e sustentarem, como seguiaõ, e sustentavaõ as partes de hum Clemente Antipapa scismatico, e levantado contra o verdadeyro pastor da Igreja, e Vigario de Christo Urbano Sexto successor de Gregorio Undecimo. Com a vitoria deu Deos ao Portuguez tambem o Reyno, que brevemente foy reduzido todo à sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, naõ quiz dilatar o comprimento, e desobrigaçaõ do voto. Com as armas às costas revia traças, consultava Architectos, buscava officiaes: e ganhando por huma parte à força lugares rebeldes, que lhe resistiaõ, hia por outra edificando paredes sagradas. E foy assi, que jà avia tres annos que a obra do Mosteyro corria, quando estando de cerco sobre o Castello de Melgaço, assentou de o dar à Ordem de S. Domingos, segundo o achamos declarado no testamento, que muitos annos despois fez em huma verba, que diz assi.

Porque nòs prometemos no dia da batalha que ouuemos com el Rey de Castella, de que Nosso Senhor Deos nos deu vitoria, de mandarmos fazer à honra de Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera entaõ era, a cerca donde ella foy, hum Mosteyro: o qual despois que foy começado, nos requereo o Doutor Joaõ das Regas do nosso Conselho, & Frey Lourenço Lamprea nosso Confessor, estando nòs em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da Ordem de S. Domingos. E nòs duuidamos de o fazer, porque assi foy nosso prometimento de se fazer à honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderaõnos que a dita Ordem especial era muito da dita Senhora declarandonos as rezoens porque: as quaes vistas por nòs, acordamos, & prouuenos de ordenar o dito Mosteyro que fosse da dita Ordem, &c.

Tan-

Tanto que el Rey ſe fez ſenhor de Melgaço, e ſe veyo recolhendo pera baixo, parou na cidade do Porto, e nella mandou paſſar carta de doaçaõ à Ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado tirado do proprio, que ſe guarda no Cartorio do Convento he o ſeguinte.

DOm Ioaõ pola graça de Deos Rey de Portugal, & do Algarue. A quantos eſta carta virem fazemos ſaber, que por honra da Virgem Maria noſſa defenſora, & deſtes Reynos, conſirando as muitas eſtremadas graças, que do ſeu bento Filho a rogo della ſempre recebemos, aſſi em guarda de noſſo corpo, como exalçamento dos ditos Reynos em as guerras & meſteres em que fomos poſtos, eſpecialmente na batalha & campo que ouuemos com os Caſtellanos, dandonos delles vitoria marauilhoſa, mais por ſua miſericordia, que polos noſſos merecimentos, propozemos em renembrança dos beneficios por ella recebidos de edificar, & mandar fazer caſa de oraçaõ, em a qual à honra & louuor da dita Senhora ſe faça ſeruiço a Deos. A qual de feito jà mandamos começar apar da Canoeira. E porque ſegundo Deos & verdade os Fraires Prègadores da Ordem de S. Domingos ſom muy deuotos em ella, aſſi por as ſuas obras, como polo habito que de ſuas maons receberaõ, ſaõ outro ſi merecedores de todo bem, & mais, que a Noſſo Senhor, & a dita Senhora ſua Madre ſeruem em cada hum dia, & ſaberaõ ſeruir ao diante rogando a elles por nòs, & polos ſuzoditos Reynos. Porende nòs ſuzodito Rey à honra & louuor dos ſuzoditos Senhores de noſſo proprio mouimento, liure vontade, & por comprir outro ſi aquillo que preſupoſto auiamos, damos, doamos, & dedicamos à Ordem de S. Domingos o noſſo Moſteyro de Santa Maria da Vitoria, que Nòs hora mandamos fazer a par do dito logo da Canoeira termo de Leiria à honra da dita Senhora com todos ſeus direitos & pertenças. E rogamos aos Frades da dita Ordem, àquelles, a que de direito he cometida a adminiſtraçaõ della, eſpecialmente a Frey Lourenço noſſo Confeſſor, que tome o encarrego & poſſe da dita caſa & Moſteyro por eſta noſſa carta: a qual queremos & outorgamos que ſeja firme & valedoura para todo ſempre. E mandamos outro ſi, & rogamos a todos noſ-

nossos filhos, nossos ereos, & successores que ajaõ o dito Mosteyro encomendado, & o acrecentem sempre de bem em melhor, & defendaõ em os priuilegios & liberdades, que lhe per Nòs, & per os Padres Santos forem dados: em quanto seu poder abranger, & ao dito Mosteyro for necessario & compridouro, sob pena de nossa bençaõ. E para esto outro si auer mais pronta & comprida executaçaõ, rogamos, & mandamos ao Doutor Ioaõ das Regas do nosso Conselho, que perante Nòs & suzoditos successores seja prometor & requeredor de todo o bem, prol, & honra do dito Mosteyro & Frayres delle. E em testemunho desto lhe mandamos dar esta carta assinada por nossa maõ. Dada na cidade do Porto quatro dias de Abril. ElRey o mandou. Aluaro Gonçaluez a fez Era de M. CCCC. XXVI. annos. Rey. (responde ao anno do Senhor de 1388)

Era Mestre Geral da Ordem neste tempo o Padre Frey Raymundo de Capua, que foy Confessor de Santa Caterina de Sena, e na scisma, que se levantou na Igreja por morte do Papa Gregorio Undecimo seguio as partes do verdadeyro successor de S. Pedro, e Vigario de Christo Urbano Sexto. Este Geral sendo o Convento aceitado pola Provincia, confirmou a aceitaçaõ. Tomouse logo posse pola Ordem, e foy mandado assistir nelle o Padre Frey Joaõ Martins, Mestre em Theologia, e pessoa de grande nome neste Reyno em virtude, e letras. A obra corria por Ministros Reaes: elle com seus companheiros naõ faziaõ mais que dizer sua Missa, pregarlhes nos dias de festa, e residir como em casa sua: mas naõ davaõ voto nem traça, nem ordem em cousa alguma, porque toda a fabrica estava à conta del Rey, e dos que em seu nome presidiaõ nella.

CAPITULO XIII.

Do sitio que el Rey escolheo pera o Mosteyro, e das razoens que o moveraõ a edificar nelle.

QUiz el Rey fazer hum templo, e Mosteyro, que excedesse todos os famosos da Christandade, naõ só de Espanha: e na verdade alcançou com effeito, e realidade, o que pretendeo com o desejo, e animo. Porque na sua idade, e em muitos annos depois naõ foy edificada taõ grande, nem taõ magnifica, nem taõ perfeita, e polida fabrica. Chamou de longes terras os mais celebres Architectos, que se sabiaõ, convocou de todas as partes officiaes de cantaria destros, e sabios, convidou a huns com honras, a outros com grossos partidos, obrigou a outros com tudo junto. A' voz da grandeza da obra acodio de todo o Reyno numero infinito de pionagem a servir, e trabalhar,

lhar, e ganhar jornaes (que efte bem tem as obras grandes, manter muitos pobres.) Avia muito dinheiro, e fidelidade nos miniftros, voava a obra naõ fó corria. Mas antes que entremos nas particularidades da fabrica, naõ ferà emprego fem proveito bufcarmos com hum breve difcurfo, que caufas moveraõ hum Rey prudente, concebendo em feu grandiofo efpirito levantar huma machina, que foffe maravilha do mundo, fundalla em huma charneca quafi deferta, naõ fó falta de bofques alegres, de fontes, e frefcura: e em fitio baixo, e humido. Achaõfe nas cidades, e povos grandes, ou perto delles muitos olhos, e muitos bons juizos, pera verem, louvarem, e eftimarem as coufas infignes: bofques, e frefcura ajudaõ muito, ornando, e acompanhando os Conventos grandes: os lugares eminentes daõ luftre, e fazem crefcer na profpectiva, e reprefentaçaõ qualquer edificio, porque fe começa de muito longe a lograr com os olhos dos que a elle vem: e lografe com faude dos que dentro vivem: fendo polo contrario o fitio humilde encobridor da grandeza, e abatedor da mageftade, occafiaõ de enfermidades, e como fepultura do mefmo, que fe pretende tenha vida, e grande luz, e aparato fobre a terra. Naõ offerece pequena duvida efta queftaõ: mas foltafe com a determinada vontade, que el Rey teve em naõ alongar o facrificio do fitio, em que recebera a mercè, fegundo o declarou na verba do teftamento, que referimos: e avendo de fer a fabrica no lugar, em que começou a Batalha (no qual logo mandou levantar huma ermida a S. Jorze, que hoje dura) ou em feus contornos, naõ offerecia a comarca toda mais accommodado affento que efte, que a carta del Rey chama de apar da Canoeira. Porque fendo a terra feca por todas eftas partes, aqui achou huma boa ribeira de agua de todo o anno pera ferviço do Mofteyro: e logo abaixo pera vifta huma eftendida, e fertil veiga regada da mefma, e doutra mayor ribeyra. E fez conta, que onde ouveffe agoa, e gente curiofa naõ faltaria todo genero de frefcura: e quanto à baixeza do fitio, effa venceria com a eminencia, e grandeza da obra, que imaginava: a qual por ventura lhe fazia tambem crèr, que chamaria a fi tanto numero de vifinhos, que vieffem a formar huma illuftre povoaçaõ. A humidade affirmavaõ os Architectos, que enxugaria com o edificio, ao menos quanto baftaffe pera naõ fer prejudicial à faude. E naõ fe enganaraõ; porque fe bem a cafa tem ainda muito de humidade, naõ ficou enferma. Acrecentavafe ficar em diftancia de pouco mais de meya legoa de S. Jorze, onde foy o primeiro rompimento da Batalha: e com taes confideraçoens juntas ficaraõ vencidas todas as mais dificuldades.

Requeria efta machina pera a podermos bem reprefentar aos olhos do leitor, obra mais de pincel, que de pena, mais pintura, que defcripçaõ hiftoriada; porque toda a narraçaõ fica curta nas excellencias della, vifto naõ podermos alcançar com a efcritura particularizar miudezas, que he coufa muito facil a quem ufa de cores, e fombras: fen-

ſendo aſſi que o Hiſtoriador offerece as couſas por mayor, da meſma maneira que o pintor em virtude da arte deſcobre as meſmas tanto polo miudo, que em nada falta. Em prova diſto tem acontecido, que alguns eſtrangeiros peſſoas de grande juizo, que em ſuas terras teveraõ noticia deſta fabrica por narraçaõ copioſa, e pontual de Frades noſſos, ſuccedendo deſpois veremna com ſeus olhos, fizeraõ eſtremos de eſpanto; porque acharaõ lhes deſcobria mais a viſta, do que podera referir a fama. E eraõ homens que tinhaõ viſto, e conſiderado tudo o bom de Europa. Com eſta ſalva daremos relaçaõ della, e ſerà com a mayor clareza, e particularidade que podermos.

CAPITULO XIV.

Deſcreveſe a Igreja pola parte interior, com as medidas, e calidade do edificio.

O Primeiro nome, que el Rey deu ao Convento quanto ao ſitio, foy de apar da Canoeira, como parece da doaçaõ, por naõ aver outro lugar mais viſinho: e he huma aldea diſtante delle pouco mais de meya legoa: o que lhe ficou deſpois de edificado foy da cauſa de ſua fundaçaõ, chamandoſe da Batalha. Os noſſos velhos mais ſantos, que atilados chamaraõlhe impropriamente na lingua Latina, *De Bello*: e naõ fora o nome ſe naõ muy proprio, e acertado (como muytas vezes acontecem a caſo grandes acertos) ſe o tomaramos na ſignificaçaõ que tem ſendo adjectivo, por couſa bella, e fermoſa, e naõ polo ſubſtantivo, que he guerra.

Começou a Igreja com deſmeſurada grandeza, e ſumptuoſidade tal, que aos meſmos edificadores fazia impoſſivel o fim da obra, lançando conta ao que convinha ſobir polas regras de boa proporçaõ, e ao que era forçado gaſtar de tempo, e dinheiro pola deſpeſa que levava. Sò o corpo della, deſda porta principal, que abre onde ſe poem o ſol, e corre contra o nacente ſegundo a poſtura das Igrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento, atè o primeiro degrào da Capella mòr: aos quaes juntos ſeſſenta, que ha deſte degrào atè à parede, em que encoſta o altar mòr, fica todo o comprimento do templo de trezentos e ſeſſenta palmos. A largura he de cem palmos, que vem a ſer ao juſto a terça parte de todo o comprimento, que diſſemos atè o primeiro degrào da Capella mòr: e a eſta medida reſponde a altura na proporçaõ da arte, que he tal, que hum valente braceiro chega mal tirando com huma pedra ao alto do tecto: porque como he abobada, ſobe ainda grande eſpaço ſobre as paredes, tanto quanto requer a diſtancia em que eſtriba. Aſſi tem de altura atè o ponto mais ſobido da mayor abobada cento e quarenta e ſeis palmos.

Das tres naves em que ſe divide a Igreja tem a do meyo trinta e tres palmos de vaõ, e as dos lados a vinte e hum e meyo cada huma. O que falta pera encher a conta dos cem palmos, que demos de largura a todo o corpo, he occupado dos pilares, que fazem diviſaõ às naves, que ſaõ oito por banda: cu-

cujas bases assentadas em quadro fazem doze palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares, e paredes saõ tudo cantaria, assentada com tanto primor, e cuidado, que quasi querem enlear os olhos as junturas; mas se se deixaõ enxergar, porque naõ podia al ser, he taõ sem offensa da arte, que difficultosamente se divisa nellas sinal de cal. A grossura das paredes he como a das bases dos pilares, de doze palmos por todo. A pedraria he lavrada toda do mayor polimento, que a arte usa, salvo de brunido, e lustrado. A calidade da pedra toda huma, e naõ deve aver em toda Espanha outra melhor pera semelhantes edificios: porque quanto à cor tem hum estremo de alvura, e quanto à fortaleza he bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavrar. Mostrase huma, e outra cousa em que passando jà de duzentos annos de idade o edificio, nem na gastaõ o discurso, e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça. E acontecelhe nesta parte o mesmo que ao rosto de hum homem, que foy muyto alvo, que por muyto que se queime, e curta da força do sol, e do ar, nunca no queimado perde de todo o sinal das primeiras cores. Assi esta pedra vay tirando com a antiguidade a hum tostado nada desengraçado, e naõ a pardo nem escuro, ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos, que responde ao justo à quinta parte de todo o seu comprimento, que he de cento e sincoenta. As paredes do corpo do templo saõ todas lisas, e cheas, naõ vasadas nem cortadas (como he ordinario em outros) com numero de Capellas. Sòmente na entrada da porta principal se abre à maõ direita hum grande arco pera huma fermosa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruzeiro a hum, e outro lado da Capella mòr està dividida em quatro Capellas duas por cada banda. A primeira, e mais vizinha à sacristia he dedicada a santa Barbara, e jaz nella em huma sepultura baixa hum Cardeal, de cujo nome, e sangue se perdeo a memoria: temse por certo seria chegado à casa Real. A segunda he de nossa Senhora do Rosario. Vèse nella hum bem lavrado moimento alto, em que el Rey dom Afonso Quinto mandou tresladar a Raynha dona Isabel sua molher, que faleceo em Evora no anno de 1455. A terceira, que he collateral à Capella mòr da parte da Epistola tem a vocaçaõ de Nossa Senhora da Piedade, e nella està depositado o corpo del Rey dom Joaõ o segundo. A quarta deu o autor de toda a obra ao grande Mestre de Christo dom Lopo Diaz de Sousa, que nella jaz sepultado, lugar bem merecido de seu valor, e bons serviços. O Conde de Miranda Anrique de Sousa, que hoje vive como successor, e erdeiro que he da casa deste Mestre recolheo em nossos dias nella sua molher dona Mecia. No meyo da Capella mòr logo abaixo dos degraos do altar jazem el Rey dom Duarte, e a Rainha dona Lianor sua molher em duas grandes caixas do mesmo marmore, de

de que he toda a fabrica : as quaes saõ lisas, e sem lavor, e sem letra alguma : só tem em cima os vultos de ambos lavrados de relevo inteiro em todo o primor da esculturа, e dizem que estaõ tirados ao natural. O del Rey com a maõ direita travada com a direita da Rainha: a esquerda del Rey sobre huma acha de armas, e a da Rainha occupada com hum livro. Dos topos do cruzeiro toma hum a porta travessa da banda da Epistola, o outro enche o áltar de Jesu com hum grande, e fermoso retabolo de pedraria lavrado à moderna. Estas sinco Capellas, assi a mayor, como as quatro collateraes, podemos dizer que naõ tem retabolo algum. Porque dado que na mayor, e na do Rosario vejamos hoje retabolos, saõ ambos cousa taõ pequena em corpo, e taõ pobre em feitio, que claramente mostraõ naõ dizerem com a mais obra do Convento, nem com a tençaõ do fundador : principalmente estando ermas as outras tres : estando em todas sinco aberto em frestas pera luz o mesmo sitio que ouveraõ de cubrir os retabolos, se foraõ proporcionados com as Capellas. Donde se pode colligir, que o animo do fundador naõ foy tratar de retabolos de pedra nem madeira. Porque se o fora, ou os fizera desde principio, ou deixara o lugar livre pera se fazerem ao diante. E assi he meu parecer, que foy sua determinaçaõ como de espirito em tudo grandioso fazer retabolos de prata, e estes levadissos com tantos corpos de prata de Santos, que pera qualquer festa ficassem os Altares cubertos delles: e fundome em que jà quando faleceo tinha dado à sacristia quinze corpos, como veremos a diante. Em todas sinco Capellas tomaõ o verdadeiro lugar dos retabolos humas grandes frestas altas, e rasgadas, as quaes todas estaõ guarnecidas, e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas cores, e varias pinturas de devaçaõ, e tambem assentadas, que cursando no sitio grandes ventanias, e sendo mayor a bataria das tempestades, quanto mais altas saõ as paredes, com tudo a mayor parte das vidraças està ainda hoje inteira, e com o assento da primeira maõ, sem aver mister segunda do reformador dellas, que assiste na casa particularmente assalariado pera as fabricar, e manter em sua perfeiçaõ. A Capella mòr tem quatorze frestas das quaes lhe ficaõ no lugar do retabolo dez: a saber sinco baixas, e sinco altas: e cada huma a quarenta e dous palmos de rasgado de alto a baixo: e porque ficaõ direitamente humas sobre outras: vem a abrir cada duas em altura oitenta, e quatro palmos. E todas dez tem huma mesma largura de tres palmos, e meyo de vaõ cerrada de suas vidraças, sem divisaõ nenhuma de pedra. Assi vem a dar cada huma das dez frestas cento e corenta e sete palmos de abertura, e outros tantos de vidraça, e de luz.

As outras quatro lhe ficaõ nos lados, e taõ altas que tomaõ luz sobre as Capellas collaterais, a duas por banda. Estas tem vinte palmos de alto, e doze de largo com dous pilares polo meyo de grossura de hum palmo cada pilar pera fortaleza

da

da vidraça. E por boa conta vem a dar cada huma destas frestas duzentos palmos de luz, e outros tantos de vidro.

As quatro Capellas collaterays tem cada huma suas tres frestas com alguma differença entre si. Porem as mais saõ de corenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça.

CAPITULO XV.

Descrevese a Capella particular, em que el Rey jaz, e que pera si escolheo como fundador.

DIssemos atrás que entrando pola porta principal da Igreja, abria hum arco à maõ direita. O que dentro se vè, he huma grande sala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte de cantaria da Igreja, e cuberta de abobada com hum simborio, que artificiosamente nasce do meyo della sobre oito Pilares como a effeito de meter mais luz dentro, mas na verdade pera lustre, e magestade da Capella, e juntamente estribo da abobada: porque sóbe em grande altura em forma oitavada, e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situaçaõ das colunas, e fazendo duas faces de hum mesmo lavor, e feitio, huma pera dentro, e outra pera fóra: e vay vasado todo em roda atè a mais alta parte delle em frestas muy rasgadas, e grandes, e taõ largas, como he cada parte do oitavado, e todas saõ cerradas com suas vidraças de cores como as da Igreja, e Capellas: e nellas se vem debuxadas as armas do Reyno, e divisas do Rey, que as mandou fazer. E porque o simborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre huma divisaõ, ou cordaõ de cantaria em redondo, pera firmeza da obra, e sobre ella sobem outras frestas em direito das que ficaõ debaixo, com o mesmo lavor, e guarniçaõ de vidraças, e illuminaçaõ: atè pegarem na chave, onde fecha toda a obra, a qual fica taõ alta, que della ao pavimento, ou lageado da Capella ha noventa e dous palmos. Este simborio assi feito faz pavelhaõ a duas sepulturas, e hum altar, que ao justo lhe ficaõ debaixo, e entre as colunas em que estriba. As sepulturas fez el Rey pera si, e pera a Raynha dona Filippa sua molher engeitando com aquelle seu grande animo o melhor lugar na casa propria, e feita com seu trabalho, e despesa. Saõ dous grandes moimentos taõ juntos, que parecem hum só. O marmore muito alvo, e fino, lavrados todos em roda de hum silvado de meyo relevo com seus espinhos, e amoras, e a espaços huma letra Franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* He a empresa de fundamento taõ alto, que nos dà nella este Principe hum conhecido penhor de seu bom juizo. Porque se a tomamos na verdadeira significaçaõ do nome Latino: *Rubus*, que he silva, ou sarça, representanos hum Moyses libertador do seu povo, chamado por Deos do meyo della, e naõ refusando a empresa, como elle: mas obedecendo sem tardança com a palavra: *Il me plait*, como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a to-

todo trance, e trabalho polo bem dos seus, e amor de quem o mandava. E se a tomamos polo Rhamno misterioso, e parabolico do texto sagrado, que tambem he genero de sarça, ou silva: confessase por outro Abimelech, no que toca a seu nacimento, e principios: mas com meyos, e obras de tanto valor, e virtude, e com fins taõ cheyos de prosperidades, que foy nellas hum Abimelech às vessas. Porque este pera reynar só matou aleyvosamente setenta irmaons filhos legitimos de seu pay, sendo elle bastardo: e o nosso esteve taõ longe de ambiçaõ, que reconhecendo por mais proximos, e mais dignos herdeyros do Reyno, a dous hirmaons seus que andavaõ ausentes, naõ pretendeo mais que libertallo pera elles, com nome de defensor: e o de Rey naõ tomou, se naõ despois que o povo junto, e a falta dos hirmaons lhe fez força. E se o outro foy fogo, que sahio do Rhamno, que abrazou sua cidade, e os seus, e a elle mesmo: o nosso foy fogo, ou luminaria de honras, de vitorias, e acrecentamento de titulos pera Portugal: e de taõ boas venturas pera si, que viveo longos annos rico, e contente, e acabou em paz rodeado de filhos, e netos; e foy taõ amado de seus naturais, como Abimelech odiado, e malquisto de todos. Assi que por toda a parte està a empresa sentenciosa, e quadra bem com seu autor: no Rubo em sintido direito, e no Rhamno em contrario, que lhe dà mais graça: a qual se colhe tambem da segunda parte da letra, que he: *Pour bien*, como acenando el Rey, que se Abimelech foy Rhamno pera males, e desaventuras, elle o foy pera todo o bem, paz, amor, e quietaçaõ: como se dà entender na abundancia de fruitos, de que as sarças estaõ povoadas, e nos mesmos fruitos, que fazem a empresa mais enfatica com o nome Portuguez, que tem de amor. E porque todos sabem que em muitos lugares, e em alguns ornamentos da Sacristia se acha a letra dividida em duas partes: como que naõ tem respondencia huma com a outra, (e na verdade assi parece) podemos aplicar o *Il me plait*, por reposta animosa do Autor ao chamamento Divino, em quanto entende pola sarça o rubo de Moyses: e o *Pour bien* por reposta aos enemigos, que o tinhaõ em seus principios polo Rhamno de Abimelech.

Jud. 9. Isidor. ibid. in Glos. Ord.

Chron. de Portug.

Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados, do mesmo marmore, lavrados de relevo inteiro, hum del Rey, que està armado de todas as armas salvo as da cabeça, e o outro da Rainha, que fica à maõ direita del Rey, e estaõ travados polas direitas. As cabeceiras destas sepulturas ficaõ pera a porta principal, e em cada huma esculpido seu letreiro, que por serem em demasia largos, teraõ particular Capitulo. Fica o altar que dissemos contra os pés das sepulturas, arrimado às colunas, que sustentaõ o simborio: por maneira que o altar, e sepulturas fazem huma capella particular por si, e naõ pequena no meyo de toda a quadra.

Na parede fronteira, que fica à maõ direita dos Reys parecem quatro sepulturas debai-

xo

xo de quatro arcos lavrados de obra miuda, e encaixados na grossura da parede, que tomaõ todo o lanço della. Na face de fóra, que só descobrem, representaõ escudos de armas, e divisas em lavores de meyo relevo com empresas, e tençoens dos que nellas jazem, que saõ os quatro filhos, que el Rey teve despois do Principe herdeiro dom Duarte, que lhe succedeo no Reyno, pera quem deixou a Capela mòr. E naõ se faz conta do Infante dom Afonso, que morreo moço, e foy enterrado na Sè de Braga, sendo primogenito.

Jaz na primeira o Infante dom Pedro como mais velho entre os quatro: foy Duque de Coimbra, e de Monte mòr, e Governador deste Reyno na menoridade del Rey dom Afonso V. seu sobrinho, e genro, por tempo de onze annos, que se affirma foy o mais inteiro, e santo governo, que nelle em muitos annos se gozou. Este he o Infante, de quem o povo conta que andou as sete partidas do mundo: e naõ ha duvida que correo muitas terras, e em Alemanha se achou com o Emperador Sigismundo em alguns feitos notaveis: e de Italia passando por Padua trouxe algumas reliquias do nosso Portuguez Santo Antonio, que deu à sua Igreja de Lisboa; e merecenos esta memoria, porque sabemos que foy grande affeiçoado da Ordem de S. Domingos; em tanto grào, que todas as vezes que se offerecia tratar dos filhos della, eraõ suas palavras como se fora hum delles, dizendo os Frades da nossa Ordem. Foy indigna de suas grandes virtudes a morte, com que acabou (paga vergonhosa, e costumada do mundo, pera que ninguem se engane com elle, e segredo ineffavel do Altissimo) morreo em huma batalha (chamaõlhe da Alferroubeira as memorias antigas) em que só elle era buscado, e quasi só elle morreo, merecendo só viver. Mostrase em huma parte da sepultura a divisa da Ordem da Garrotea, de que era Cavalleiro, com a letra della. He Ordem dos Reys de Inglaterra, que communicaõ aos Principes amigos, e a outras pessoas insignes. A outra parte se vem humas balanças, e de mistura com ellas alguns ramos, de que pendem humas bolotas como de azinheira, e huma letra Franceza de huma só palavra, que he *Desir.* Ainda que dizem que a rezaõ das balanças era devaçaõ particular, que tinha este Infante com o Archanjo S. Miguel por certo milagre, que se lhe attribuhio em seu nacimento, a empresa quadra bem a quem tinha à sua conta a administraçaõ da Republica, e he verdadeyra promessa de guardar justiça: mas porque o prometer muito naõ cae em gente sisuda, offerece boa vontade com a letra *Desir*, que diz desejo.

E sendo, como saõ, muy louvadas em toda empresa as letras breves, naõ nos quiz faltar nesta parte, e com huma só palavra de duas sillabas satisfaz bastantemente naõ só ao corpo da empresa, mas a tudo o que se deve, e póde esperar de hum singular governador, offerecendonos juntamente verdadeyra imitaçaõ dos grandes sabios de Grecia, os quais avendo por no-

Plutarc. Cic. 1. de Officijs & 1. de Legibus.

me arrogante o de Sabios (porque na verdade só Deos he Sabio) trocaraõno com o de Filosofos, que he o mesmo que amigos, ou desejosos de saber. Assi o Infante prometendonos com humildade naõ effeitos, mas vontade no governo publico, com ella só assegura effeitos excellentes, como outro Salamaõ, a quem os bons desejos alcançaraõ do Ceo o mayor saber da terra. E como seja natural dos homens suspirar polos tempos antigos, e idades douradas, quando avia abundancia de todos os fruitos, e se vivia em perpetua paz, e sem opressaõ de ninguem: parece que no ramo das bolotas quiz significar, que procuraria introduzir com seu governo outra tal idade, visto como este fruito he daquelles, que sem nenhum cuidado nem trabalho produz a terra, e o colhem os homens, e delle se mantinha o mundo naquelles bons tempos primeiros, como se acha escrito em todos os que delles trataõ. Ao que se ajunta o costume, que avia entre os Romanos antigos de honrar com coroa de arvore produzidora de bolotas, o cidadaõ que na batalha salvava de morte a outro. E esta se chamava *Corona civica*. E era tanto mais estimada que as de ouro, e todas as outras, que despois de entrados os Emperadores, elles a aceitavaõ por insignia de sua clemencia; e se conta de Augusto Cesar, que dando de sua maõ outras, se deixou coroar de huma destas, como dada polo genero humano: devia ser pola paz geral, que deo no mundo. E como o Infante era no Reyno taõ grande pessoa, e todavia queria mostrar que governava como igual a iguais, e como cidadaõ a cidadaons, e assi avia de procurar o bem de todos, por todas as vias lhe cahia a proposito a empresa.

3. Reg. 3.

Plin. lib. 16. c. 1.

Plin. lib. 16. c. 4.

Tem segundo lugar nas sepulturas, como na idade, o Infante dom Anrique Duque de Viseu, e senhor de Covilham, e Mestre da Ordem de Christo. Dizem que foy eleito Rey de Chipre, e dà testimunho o vulto, que cobre sua sepultura, que està coroado de Coroa Real. O que sabemos de certo he, que foy sua alma coroada de muitas, e grandes virtudes, vivendo em perpetua continencia vida solitaria, e filosofica, exercitando todas as boas sciencias, e em especial as da Cosmografia, e Geografia, que lhe abriraõ o caminho pera intentar os primeiros descobrimentos dos mares, e terras incognitas da costa de Africa, como poz por obra. A este fim vivia em Sagres no Algarve; e huma aldea, que oje se chama do Infante naquelle Reyno tomou delle o nome. Pagoulhe Deos taõ santas occupaçoens com longa, e quieta vida, e morte semelhante a ella. Tem no escudo a divisa da Garrotea: parece que sendo moço professaria esta Ordem, a que o devia inclinar o parentesco del Rey de Inglaterra. Em outro escudo tem a sua Cruz de Christo. E entre os lavores da sepultura se vem huns trossos pequenos, de que nascem huns raminhos, que na feiçaõ, e fruitos parecem de carrasco, porque as bolotas saõ muito redondas, os ramos torcidos, e curtos, e as folhas cercadas de pontas agudas. Quem tratava de cultivar os desertos

da

da Libia taõ agreſtes, e feros, com infinitos perigos de mar, e terra, como elle pretendia com ſeus deſcobrimentos (que todavia foraõ principio de amanſar aquella barbaria, e darlhe a conhecer o verdadeiro Deos) bem podia ſignificar ſua boa tençaõ, e a difficuldade da empreſa, na fereza, e humildade de hum carraſco, e no fruito ſeco, e ſem proveito, que delle nace, com a letra tambem Franceſa: *Talaint de bien faire.* Talante, e animo de bem fazer: Porque na verdade, ainda que lhe cuſtavaõ muita fazenda, e trabalho, nunca eſtendeo os penſamentos a cuydar que poderiaõ ſer de mais utilidade, do que ſaõ os carraſcos, e ſeus fruitos no monte: e declarouo melhor em hum livro, que mandou eſcrever do ſucceſſo deſtes deſcobrimentos, em que uſava com a meſma letra differente corpo de empreſa, mas muito aventajado em agudeza de ſignificaçaõ, e graça. Eraõ humas piramides, que foraõ obra dos Reys antigos do Egypto, e ſendo emprego, e trabalho ſem nenhum fruito, avidas por huma das maravilhas do mundo: e na verdade ficavaõ dizendo melhor com o animo, e obras do Infante, e com a ſua letra. Eſte livro enviou o Infante a hum Rey de Napoles: e nòs o vimos na cidade de Valença de Aragaõ entre algumas peças ricas, que ficaraõ da recamara do Duque de Calabria ultimo deſcendente por linha maſculina daquelles Principes, que aly veyo a acabar com titulo, e cargo de Viſorey.

Succedeo logo o Infante dom Joaõ Meſtre de Santiago, e Condeſtabre de Portugal, o qual caſando com huma neta do Condeſtabre dom Nuno Alvres Pereira, filha do Duque de Bargança dom Afonſo ſeu irmaõ, teve duas filhas, por cujo meyo participaõ hoje do ſangue deſte valeroſo Portugues dom Nunalvares os mais dos Reys, e Principes grandes da Chriſtandade. Sua diviſa ſaõ huns ramos eſtendidos com huns fruitos picados, e redondos, como medronhos, e por entre elles pendem humas bolſas quadradas ao uſo antigo com tres vieiras ſobre cada bolſa. A letra em Frances, como as de ſeu pay, e irmaons (era naquelle tempo a lingua Franceza eſtimada, e corrente entre os Principes por cortezam, e polida) *Ie ay bien raizon*, reſponde em Portugues: Eu tenho bem rezaõ. Como naõ ſabemos feitos particulares deſte Principe, tambem ignoramos em que funda a rezaõ, que teve pera ſe contentar tanto como affirma da empreſa dos medronhos, que naõ duvido ſeria muy acertada. Só a devaçaõ que tinha ao glorioſo Bautiſta, como do ſeu altar colligimos, e o veremos adiante, nos obriga a diſcurſar, que eſta, e o ter ſeu nome, o fez contentar de huma arvore, e fruito ſylveſtre, pera lhe deſcobrir ſua affeiçaõ: como ſabemos que o Santo nunca buſcou melhores mantimentos. E naõ fica deſayroſa a junta de dous Santos, hum de devaçaõ, outro de obrigaçaõ. Porque ſe a fruita do mato denota o Bautiſta: a bolſa, e vieiras ſaõ diviſa de Santiago, e da Ordem de que era Meſtre.

A ultima ſepultura, e quarta he do ultimo, e quarto irmaõ, o Infante Santo dom Fernando filho ſexto em numero del Rel dom Joaõ. Foy Meſtre de Aviz.

Aviz. A diviſa de ſeu eſcudo ſaõ as Quinas Reaes ſobre a Cruz floreteada da ſua Ordem. A empreſa, que ſe vè no campo do moimento, ſaõ huns ramos como os do Infante dom Joaõ; mas com eſta differença, que aquelles vaõ eſtendidos, e eſtes enlaçados em circulo huns com os outros: e os fruitos deſtes tem differença no nacimento daquelles. Por onde ouve quem quiz dizer que eſtes ramos circulares fazendo, como fazem feiçaõ de coroa, eraõ de eſpinheiro; e diziaõ bem, ſe lançaraõ puas ou eſpinhos, o que naõ fazem. A empreſa neſte ſentido era bem fermoſa, e juntamente profetica: e os eſpinhos, que naõ teve quando ſe eſculpio, que foy muito antes de ſeus trabalhos, experimentou o Santo entre os Mouros. Pode bem ſer, que como amava a coroa de Chriſto, e ſeus tormentos, como Santo que era, naõ ſe atreveo, por humildade, a declarar ao mundo o que tinha em ſeu animo: por naõ parecer que blaſonava virtudes ante tempo. Moſtrouo depois com effeitos, e bem à ſua cuſta; e eſtes ſaõ os eſpinhos, que faltaõ no lavor, e corpo da empreſa. E ainda que lhe naõ vemos letra no moimento, elles moſtraraõ que aſſi muda publicava, e ſoava mais que todas as de ſeus irmaons.

Da meſma maneira que os Reys tem ſeu altar junto de ſi, que he da invocaçaõ da Cruz, tem os quatro Infantes outros quatro altares juntos, e diſtintos por ſeus arcos formados na groſſura da parede no lanço da quadra, que fica contra os pès dos Reys: ornados todos com ſeus retabolos pequenos ſegundo o ſitio, e de pintura antiga, mas perfeita. A invocaçaõ dos altares he ſegundo a devaçaõ que cada hum teve em vida. O primeiro, que ſegue logo apoz a ſepultura do Infante Santo, he da Aſſumpçaõ de N. Senhora. Moſtraſe que pertence ao meſmo Santo, porque nos payneis, que cercaõ a Senhora, ſe vè retratado com ſuas cadeas, e ſucceſſos de ſeus trabalhos. O ſegundo he do Bautiſta, e diz com o nome, e devaçaõ do Infante dom Joaõ. No terceiro fez o Infante dom Anrique pintar o Infante dom Fernando, porque o tinha por Martyr, e com elle eraõ todas ſuas devaçoens. O do Infante dom Pedro, que he o quarto, tem o ſeu Anjo S. Miguel, cuja inſignia trazia por diviſa, como atràs vimos. A parede fronteira deſta, que fica na cabeceira dos Reys, eſtà toda occupada de grandes almarios de madeira, em que ſe guarda o neceſſario pera ſe officiarem os ſacrificios, que cada hum deſtes Principes tem quotidianamente, como ao diante eſpecificaremos. E pera ſe conhecer cada hum, e a que Principe pertence, vemſe na madeira lavradas as diviſas, tençoens, e letras de todos. E porque nos naõ fique nada por dizer do que toca ao Infante Santo, achamos aqui com as ſuas coroas parte do que faltou em ſua ſepultura, que he a letra, e Franceza tambem, como tem os mais, e diz aſſi: *Le bien me plait*, ſignificando: *O bem me agrada*. E porque a verificou com obras em vida, e morte; como ao diante veremos, nunca crerey de ſeu eſpirito que a uſou, nem admitio vivendo: ſalvo ſe quizermos dizer que os ramos

da

da ſua empreſa ſaõ de Era, e naõ de eſpinheyro, como outros querem, e parece mais conforme à rezaõ pola falta dos eſpinhos. E entaõ eſtà bem a propoſito a letra. Porque ſendo aſſi, que na Era ha duas calidades, huma muito boa, que he ſobir arrimada a qualquer planta taõ alto como ella, por levantada que ſeja, e della meſma tomar forças pera o fazer; e outra naõ taõ boa, que he danificar o tronco que a ſuſtenta; moſtra com a letra que ſó da melhor ſe ſatisfaz, a qual em hum varaõ, que deſde ſeu nacimento foy exemplo de ſantidade, como adiante veremos, diz bem com a conſtancia que nella teve atè o fim. E conforma com a pureza de ſua alma, conſiderada huma particularidade, que os naturais referem deſta planta dizendo, que ſe da madeyra della ſe fez hum vaſo, e nelle ſe lançar juntamente vinho, e agoa, o vinho ſe ſumirà, e perderà todo, e ficarà ſó a agoa pura. E tal he a fabrica da Capella, e enterro del Rey dom Joaõ Primeiro, e dos Infantes ſeus filhos.

Plinio l. 16. c. 49.

CAPITULO XVI.

Deſcreveſe a Igreja pola parte de fóra: e todo o edificio juntamente polo alto.

DA parte de fóra da Igreja ha duas entradas, huma que faz a porta principal, e outra a traveſſa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jeſu, como fica dito. O portal, e frontiſpicio da principal merecia ſó hum livro pola calidade da obra, ſe ouveramos de particularizar tudo o que nella ha de colunas, de figuras, de lavores, e variedade de feitios, deſda primeira pedra, que deſcobre ſobre a terra atè o remate, que levanta grande altura ſobre a mayor abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza, e artificio, de trabalho, e mageſtade, que conſiderado com attençaõ impoſſibilita o engenho, e embota a pena, pera o declararmos, e ſe entender com todas ſuas partes. Sò hum eſpelho, que ſe abre no alto, em meyo do frontiſpicio pera dar luz dentro, parece que ſe naõ podia obrar com mais ſutileza, e cuydado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no eſpelho de huma viola. E quadralhe bem eſta ultima comparaçaõ pola forma circular, e redonda, e pola repreſentaçaõ, e miudeza do feitio. Os vaons, que na viola ficaõ abertos pera darem lugar às vozes, que forma no interior, ficaraõ cà ſerrados de vidraças, como as que temos dito atràz, debuxadas todas de cores finas, e pinturas varias de armas, e diviſas do Reyno, de tençoens, e empreſas del Rey. E como ſaõ muytos os vaons, porque o circulo he muy dilatado, communica dentro muyta claridade, e paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz paſmar a firmeza, com que ſe mantem obra taõ miuda, tantos annos ha, em lugar taõ alto.

Naõ eſpanta menos a firmeza, numero, e grandeza de outras vidraças, que daõ luz à Igreja, e cruzeiro. Sò no corpo da Igreja abrem trinta freſtas, todas taõ raſgadas de alto abaixo,

e ao respeito, e proporçaõ taõ largas, que em noite clara, sendo a casa taõ descompassada de grande, como temos dito, e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura, e cores, que atràs dissemos, podese estar nella naõ só sem pavor, mas como em meyo de huma praça.

Naõ serà desagradavel declararmos a medida de algumas, que fizemos tomar pera credito do que dizemos, por maõ de Architecto. No alto da nave do meyo ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem dezoito palmos atè os capiteis, e tem de largura nove, dividida cada huma com dous pilares, de grossura de hum palmo cada pilar, pera firmeza das vidraças. Assi ficaõ em cada fresta sete palmos de vidro, e luz, que multiplicados polos dezoito da altura, fazem cento e vinte seis.

As duas naves tem ambas doze frestas. Quatro à do Sul, em que fica encostada a Capella do fundador: e oito à contraria. Cada fresta vinte e dous palmos de alto, e sete e meyo de largo. E porque tambem saõ divididas a dous pilares, de grossura de palmo, como as da nave do meyo, ficaõ com cinco palmos e meyo de vidro: e vem a ter cada fresta por esta conta cento e vinte e hum palmos de abertura, e luz: e outros tantos de vidraça.

Da mesma altura, e largura destas ha outras duas frestas, que acompanhaõ a porta principal, huma de cada lado, e fazem o numero que dissemos de trinta. E vem a ser huma tamanha cantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se pode ter entre as que mais espantaõ desta casa.

Ajudaõ a claridade outras tres no cruzeiro, das quais só huma, que fica sobre a porta travessa, sobe quarenta e dous palmos, e tem de largo quatorze, lavrada toda de huma artificiosa rede de pedraria, e os vaons tomados de suas vidraças. Estas com as da Capella mòr, e collaterais, a fóra o espelho do frontispicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a casa por estremo alegre, e muito clara, e bem assombrada. O que me faz cuydar, que sendo assi que nesta mesma conjunçaõ teve tambem principio o famoso templo da Sè de Milaõ (chamaõlhe là *il Domo*) o qual se começou a fabricar em vida do Pontifice Urbano Sexto, que presidio na Igreja de Deos onze annos atè o de 1389, e ficou com tacha de escuro, e malenconico: deviaõ esmerarse os Architectos deste nosso, em o fazer por contraposiçaõ em todo estremo claro, e bem assombrado. Defendem os Milaneses a seus artifices, attribuindo a conselho, e bom juizo, o que foy defeito, e culpa: e dizem que como geralmente he avido por mais grave, e de mais pessoa o homem carregado, e feyo: assi faz mais devaçaõ a Igreja sombria, e escura. Mas naõ me convencem; porque dado que o argumento seja verdadeyro quanto aos homens, nos templos que saõ retrato do Ceo, e assento da luz eterna, naõ parece rezaõ aver nenhum commercio com o horror das trevas. E tornando à historia, estaõ estas vidraças todas taõ fortes no assento, taõ cristalinas na vista, e taõ vivas nas cores, que passando jà de duzentos annos que servem, pare-

Histor. Pont de Ilhescæs p. 2. l. 6. c. 8.

recem na reprefentaçaõ obra moderna.

Cobrefe efta Igreja, e abobada, que jà diffemos era de pedraria, com hum telhado tambem de pedraria, compofto de humas grandes lageas direitas, e adelgaçadas em corpo, e groffura, que ficaõ arremedando huns meyos tabooens groffos, e começando a affentar na parte inferior humas, e fobrepondo outras atè o alto, fica armado hum telhado immortal, que fofre fem dano, e fem perigo fer paffeado, e corrido: e pera as immundicias, que os longos annos fazem crecer, fe varre, e alimpa à vaffoura. Cercao em roda huma grinalda de pedraria formada em laços, e feus floroens altos a efpaços, com que fica como coroado, e de toda a mais obra do alto differençado.

Pera fe poder ver, e gozar efta grande machina toda por junto ha duas fervintias, que do baixo da Igreja levaõ ao mais alto do telhado della. Eftas faõ abertas na groffura do muro do cruzeiro, entrando pola porta traveffa à maõ efquerda: e fica huma junto da porta, e outra junto ao altar de Jefu. Ambas vaõ em caracol, e com cento e vinte degraos, que tem cada huma, vencem a mayor altura. Mas alem deftas ha outra fubida por dentro do Convento facil, e fuave, por efcadas largas, e bem lançadas: e recebe a vifta particular deleytaçaõ eftendendofe de cima por huma cerra de penedia, que das cerras ordinarias naõ differe em mais, que em fer efta lavrada, e polida à força da arte, e as outras informes, e defcompoftas, e ao natural: nas quaes affi como ha defigualdades hora com valles fundos, hora com picos, e rochedos, que fe vaõ às nuvens: da mefma maneira fe vem nefta fuas differenças. Porque em humas partes fe levanta a penedia, como na Igreja; em outras abate, como no refeitorio, Capitulo, e adega: logo por outras partes fobem curucheos muy altos, e de obra taõ efpantofa, que igualando as da natureza na eminencia, deixaõna muyto atràs no que he artificio: porque vaõ fabricados por tal ordem, que daõ facil fubida ao alto: mas naõ fem medo, polo muyto que alevantaõ. Deftes ha tres: hum que fica fobre o Cimborio da Capella do fundador, fazendolhe huma fórma de pavelhaõ: como a faz o Cimborio à mefma Capella (fegundo atràs tocamos) e he por eftremo fermofo, porque fobe piramidalmente fincoenta palmos, e leva huma facada em roda de quatro palmos de praça, guarnecida de feu perapeyto lavrado em rede, e coroado de humas metas, como flores de lis: o que tudo junto faz huma maquina muito crefpa, e viftofa. Outro tem feu nacimento quafi fobre a cafa, que chamaõ da prata, entre a crafta, e a facriftia: e tem de altura feffenta e tres palmos. Naõ faz menos reprefentaçaõ de grandeza a torre dos finos, e relogio, conformando nella com tudo o mais do edificio.

CAPITULO XVII.

Da Sacristia, e do thezouro de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos com que el Rey a enriqueceo.

DA Capella de Santa Barbara, que pega com a de Jesu ao topo do cruzeiro, se entra pera a sacristia. Esta sacristia naõ he casa em si notavel por grandeza, ou composiçaõ: mas bem de ver polo thezouro sagrado de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos de brocados, telas, e sedas de toda sorte, que o fundador com liberalidade verdadeyramente Real nella amontoou, que iremos apontando. E começando polos de mais estima; que saõ as reliquias he de saber, que achandose o Emperador de Constantinopla Emanuel Paleologo na cidade de Paris em França, aonde viera no anno do Senhor de 1401, a effeito de pedir, e juntar soccorro entre os Principes Christaons do Occidente, contra a força, e poder da casa Ottomana, que vinha conquistando a Asia, e ameaçava a Constantinopla, e Europa, e sendo mandado visitar, como era rezaõ, por parte del Rey dom Joaõ, respondeo à visita com lhe inviar hum presente de preciosas Reliquias, muyto de estimar pola calidade dellas, e pola certeza, e credito que lhes dava a autoridade de taõ grande Principe: e juntou a ellas huma certidaõ de sua maõ assinada, e com hum sello pendente d'ouro autorizada: da qual daremos aqui o treslado em Portugues: porque sendo bem digna de ser lida, escusanos recontar de fòra o numero, e calidades das Reliquias, e diz assi:

1401.

Emanuel Paleologo, em Christo fiel Emperador a Deos, e Governador dos Romanos, e sempre Augusto, a todos, e a cada hum dos que virem estas letras Imperiaes, saude em aquelle que he verdadeira salvaçaõ de todos. O piadoso Salvador, e Redentor nosso Jesu Christo offerecendose a si mesmo a Deos Padre em sacrificio sem macula no altar da Santa Cruz, deixou aos fieis christaons as insignias de sua paixaõ pera memoria de suas maravilhas. Polo que tendo nós na nossa cidade de Constantinopla algumas santas Reliquias do mesmo nosso Salvador, e de muytos Santos seus, dignas de serem veneradas, como o temos de tradiçaõ dos serenissimos Emperadores nossos Pais por estormentos autenticos, e Cronicas aprovadas: as quais cousas foraõ por elles guardadas, e conservadas, como tambem o saõ por nòs com a diligencia, e reverencia devida: E succedendo hora passarmos a estas partes occidentais, por causa das persiguiçoens, e oppressoens dos Turcos crueis enemigos do Santissimo nome de Jesu Christo, que elles com todas suas forças trabalhaõ por extinguir na terra, e principalmente nas partes de Thracia: a effeito de buscar defensa, e ajuda pera os christaons das provincias Orientais, que estaõ polos ditos infieis opprimidos, trouxemos com nosco parte das ditas Reliquias, e Santuarios. E sabendo por certeza, que no Illustrissimo Principe dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal nosso parente, digno

digno de toda honra, florece o zelo da fé, e religiaõ christam: por tanto porque sua devaçaõ creça sempre no Senhor, ouvemos por bem darlhe algumas das ditas cousas sagradas: e lhe damos agora ao mesmo serenissimo Principe huma pequena Cruz de ouro, dentro da qual estaõ Reliquias dos bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e de S. Jorze, e de S. Bras. E no meyo da dita Cruz está huma pequena particula da esponjia, com que deraõ a beber a Christo o fel, e vinagre. E pera certeza, e cautela de todas as cousas ditas, pedimos que se escrevesse esta carta ao mesmo serenissimo Principe, assinada por nossa propria maõ com letras Gregas de tinta vermelha, como costumamos no nosso Imperio, e a autorizamos com a firmeza de nosso sello pendente de ouro esculpido de letras Gregas. Dada na cidade de Pariz aos quinze dias do mez de Junho de 1401. Demos tambem ao sobredito Rey huma pequena parte da vestidura de nosso Redentor Jesu Christo, que he de cor, que tira a roxo, e he daquella, cuja borda, tanto que a tocou a molher que padecia a doença de fluxo de sangue, logo ficou sam. Esta santa Reliquia està inclusa em hum viril de cristal engastado em ouro. Emanuel Paleologo.

1401.

Estas santas Reliquias recebeo el Rey, e na mesma forma, que lhe vieraõ à maõ, e acompanhadas da mesma certidaõ do Emperador mandou entregar neste Convento, e sacristia. O sello he redondo. Tem de huma parte hum I. grande Latino, que posto no meyo corta quasi todo o campo de alto abaixo, e juntamente huma medalha do rosto do Emperador, e huma letra, que diz: *Emanuel in Christo Imperator Paleologus.* No reverso parece huma imagem de Christo, e outro I. tambem grande, e Latino, e huma letra que diz: *Jesus Christus.* O Latino I. mostra o titulo de quem se prezava de Emperador dos Romanos, como parece da certidaõ, que atràs fica lançada.

Estas saõ as Reliquias. A prata, e ouro diremos agora. Deu el Rey quinze corpos de prata de fundiçaõ muy prima, e custosa, que representavaõ outros tantos Santos de sua devaçaõ. Vintoyto calices quasi todos dourados. Catorze pares de galhetas, sinco caldeiras com seus hissopes. Oyto turibulos, e seis navetas pera elles. Nove cruzes means pera servirem nos altares. Quatro grandes, das quais eraõ tres pera as procissoens, e huma de pè pera o altar mòr. Dous castiçais grandes altos, e dourados, e doze menores. Seis grandes tocheiras. Das quaes eraõ duas douradas, e ha memoria, que pesavaõ noventa, e hum marcos só estas duas. Sete alampadas de grande corpo, e peso. Huma lanterna. Sinco caixas de hostias. Sinco portapazes. Dous gomis com seus pratos grandes de agoa às maons. Duas campainhas. Pesava esta prata ao que se podia entender mais de mil e duzentos marcos: e valia muyto por feitio, e por ser grande parte della dourada: e reduzida a peso ordinario passava de dezoito arrobas: magnifico, e real emprego em serviço da casa de Deos pera em tempo que naõ avia India, nem Indias.

Os ornamentos, que mandou fazer pera celebraçaõ das Missas, serviço dellas, e paramentos dos Altares, eraõ onze de riquissimos brocados com suas capas, e frontais, e panos de estante, tudo do mesmo. Os mais destes eraõ guarnecidos de çanefas de imaginaria, ou broslados de ouro, e de obra muyto rica. Avia mais trinta e dous ornamentos de sedas custosas, varios em cores, guarniçoens, e sortes de sedas, alem de muytas vestimentas particulares de brocados, telas, e sedas pera serviço ordinario, e quotidiano. Avia muitos, e grandes panos de ouro, brocado, e veludo: e outras cortinas de sedas, que servem pera ornato da Igreja, e altares, e pera cobrir as sepulturas dos Reys, quando se cantaõ seus anniversarios.

Desta prata, assi por muyta della ser superflua, e algumas peças naõ servirem a nosso modo, se vendeo contia que pesou oyto centos e onze marcos: e juntamente se venderaõ quatro ornamentos dos mais ricos, e outro se fundio, que era cuberto todo de escamas de prata de martello taõ juntas, e sobrepostas, que naõ davaõ final nem conhecimento da seda, e o faziaõ taõ pesado, que servia mais na sacristia pera se mostrar por ostentaçaõ, e magestade, que no altar pera se poder com elle celebrar. O conselho da venda naõ foy dos Frades: mas de gente de fóra, que julgou seria conveniente fazer renda pera sustentaçaõ, e fabrica do Convento, daquillo que ou estava ocioso, ou era sobejo: e impetrouse hum Breve da penitenciaria em Roma dirigido aos Bispos de Lamego, S. Thomè, e Targa, e passado no anno quarto do Papa Paulo Terceiro: em virtude do qual mandaraõ effeituar a venda: e do procedido della se fez emprego em algumas cousas muito necessarias pera o Convento, mas pouca renda.

CAPITULO XVIII.

Descrevese o mais interior do Convento.

ENtrase da Sacristia no Capitulo. He esta casa de tal fabrica, que naõ deve aver outra mais espantosa em quanto se sabe de estremos de architectura. Porque sendo quadrada, e tendo trezentos, e quarenta palmos em ambito, e oitenta, e sinco por cada lanço, he fechada de abobada de cantaria sem coluna, nem esteo, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra, que a companhia do edificio, que lhe fica nos lados. Assi está em fórma, que a quem poem os olhos no alto engana, e faz parecer pola grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. He fama, que ao tempo que se fabricava, cahyo duas vezes ao tirar do simples com dano de officiaes, e el Rey dezejando, que toda via ficasse a casa sem o desar de colunas em meyo, prometeo mercès ao Arquitecto: as quais o fizeraõ espertar de sorte, que tornandoa a fechar affirmou que teria melhor successo: porèm ao tirar da madeira do simples dizem, que naõ quiz el Rey arriscar os officiaes, e mandou vir das prisoens do Reyno alguns homens, que estavaõ sentenceados a grandes penas, pera que sobre elles caisse o terceiro

ceiro dano quando ſuccedeſſe. Neſta caſa eſtà depoſitado el Rey dom Afonſo Quinto, neto de quem a fez. Levantaſe no meyo della hum eſtrado grande de madeira, a que ſe ſobe por muitos degràos continuados de todos os quatro lados. No alto parecem dous tumulos juntos cubertos de panos ricos, em hum eſtà o corpo deſte Rey, no outro o de hum neto ſeu, que foy o Principe dom Afonſo, filho del Rey dom Joaõ ſegundo, que morreo deſaſtradamente em Santarem correndo hum cavallo nas prayas do Tejo.

Cronic. del Rey dom Joaõ o II.

Segue ao capitulo a craſta, que abre porta no meyo della outra, que bem correſponde na grandeza, e ſumptuoſidade a toda a melhor da caſa. He quadrada, e tem por cada lanço duzentos e ſincoenta palmos, dos quaes vaõ cubertos trinta ao longo das paredes de abobada ſobre grandes arcos de pedraria, altos, e eſpaçoſos, de obra Gothica, lavrados todos de laçarias, e entalhados de alto a baixo de lavores, e feitios de tanta miudeza, e excellencia, que moſtraõ bem que naõ eraõ menos engenhoſas as maons, que nelles ſe empregaraõ, que as que obraraõ o frontiſpicio do templo: nem menos curioſo quem governou humas, que quem aſſiſtio nas outras. A praça de dentro fica dividida em ruas, e paſſeyos, e grandes canteiros povoados de diverſidade de arvores, e flores, offerecendo cada hum aos olhos hum particular jardim, ornados todos em roda de pedraria. No meyo abre hum grande poço de muyta agoa: e a hum canto ſe levanta huma fabrica de fonte muy alteroſa com grandes pratos recebendo os mayores a agoa dos mais levantados, e menores, atè cayr em ſeu tanque. Serve a fonte neſte ſitio, porque lhe fica defronte a hum canto do corredor do clauſtro a porta do Refeitorio: e offerece aos que vaõ entrar nelle lavatorio pera as maons, e recreaçaõ pera a viſta, em quanto ſe eſpera ſinal da meſa no poyo, que fica no meſmo corredor, e encoſtado de huma, e outra banda da porta com ſeus aſſentos altos, e reſpaldos de madeyra.

Fica eſta porta no fundo do ſegundo lanço do clauſtro, ſe damos o primeiro lugar ao que he mais vizinho do capitulo, e corremos ſobre a maõ eſquerda. Deſte ſegundo lanço toma huma grande parte o Refeitorio, começando do canto onde tem a porta. Podeſe contar por peça bem digna de toda a mais obra. Porque ſendo capaz de grande numero de Frades em comprimento de cento e trinta e tres palmos, e largura de trinta e dous, que vem a ſer quaſi a quarta parte do comprimento: he muy clara, e taõ alta, que naõ corre ſobre ella outra nenhuma obra, e he de abobada de cantaria, ſemelhante às que temos referido.

Todas as mais officinas baixas, e gerays do Convento, como celleyros, e adegas, tem a capacidade conforme, tanto polo que demanda a grandeza delle, como pola neceſſidade do recolhimento dos fruytos, e do numero dos moradores, que ſuſtenta, que por rezaõ do eſtudo continuo ſempre he muy crecido, como ao diante ſe dirà. Sò a adega tem de comprido cento

e ſe

e setenta palmos, e quarenta e tres de largo, e he cuberta de sua abobada.

Corre à outra parte hum claustro de menos campo, que o grande quasi ao meyo em toda sua conta: mas em seu tanto muy bem obrado. Assi visto, e considerado de fóra o Convento representa huma boa villa, ou muitos Conventos juntos. Porque os dormitorios, hospedarias, enfermarias, livraria, e casa de Noviços, que por cima se estendem, fazem que se possa crer assi, pola grandeza que em cada cousa ha. A casa de Noviços só por si he como hum bom Convento na capacidade de corredores, e numero de cellas, e concerto de Oratorio, e recreaçaõ de seu pumar, e jardim. O dormitorio do Convento he hum estendido corredor forrado de madeira, e com seu telhado ordinario, por respeito da saude dos Religiosos: mas como tudo o mais, em grande altura. Faz no topo hum eyrado descuberto sobre huma grande cerca de vinha, e pumares, que colhe dentro huma boa ribeira de muita agoa, e pègos fundos que a tempos ajudaõ a aliviar o trabalho da reclusaõ, e estudo aos Padres, com pescarias de cana, e redes. Neste corredor, e na enfermaria, e hospedarias ha mais de sessenta cellas. Em casa de Noviços vinte quatro.

Os recebimentos da portaria da banda de fóra, e de dentro, a largueza das entradas, e passagens pera casas de differentes serviços, e mysteres, e as muitas que ha, representaõ em tudo grandeza de maquina Real. E pera em todas aver dispoşiçaõ, e commodidade, limpeza, e bom serviço, atravessa todo este edificio por baixo do lageado huma grossa levada de agoa, que sem dar vista de si purifica, e leva fóra todas as immundicias da casa.

CAPITULO XIX.

Descrevese a obra que hoje se vè na capella imperfeita, detràs da mayor.

COm esta descripçaõ assi humilde, e pouco atilada temos mostrado quanto nos foi possivel a sumptuosidade, e magnificencia do edificio, que se vè acabado, e perfeito. Mas outro ha imperfeito, e menos antigo, que se chegaramos a ver nelle a ultima maõ, viramos em sumo grào acrecentada a magestade desta casa. No corredor que dece do Convento pera a capella de Santa Barbara, fica por detras della huma pequena porta, pola qual quem sae, dà logo em outra pouco mayor, que no alto sobre a lumieira, mostra entalhade de meyo relevo huma Cruz de feiçaõ das que usaõ os Cavalleyros da Ordem de Christo: e por baixo della dous instrumentos com que os Mestres de Mathematicas daõ a entender os movimentos do Ceo, e postura da terra (chamalhes a lingoagem vulgar Esferas.) Estas fazem guarda a huma tarja, que entre si tem, na qual se vè huma abreviatura de tres caracteres juntos, que saõ hum, C, grande, e dentro nelle hum, E, como este: e da ponta baixa do C pega, e dece hum, y, Grego. Podese crer, que quiz o Autor da obra advirtir de sua tençaõ

çaõ aos curiosos, que a entrassem a ver, mas que lhes custasse advinhar, e com mais trabalho, que se propofera algum hieroglifico Egypcio, ou Oraculo das Sibyllas. E digo com mais trabalho. Porque fora mais facil o juizo nas cousas deste genero, que todavia com palavras, e figuras à vista, podese fundar algum discurso mais certo: o que naõ acontece em poucas letras, tanto mais duvidosas na significaçaõ imaginada de seu dono, quanto mais faciles de receber, como Camaliaõ as cores, ou como cera as figuras, que lhes quizermos dar. Esta porta com suas empresas, e cifra mysteriosa offerece entrada pera hum pateo descuberto, que fica direitamente detràs da Capella mòr da Igreja, e ao justo defronte della mostra huma fermosa portada, que se forma de huns cordoens, que começando do baixo sobem ao alto: e em volta sem fazer sinal de capitel, nem outro genero de divisaõ em nenhuma parte, tornaõ a decer pola outra atè o chaõ: e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos, huma grande abertura de portal, os que se lhe juntaõ, que saõ seis, vaõ recolhendo, e apertando a entrada com tal diminuiçaõ, que vem a ficar em huma moderada porta. Saõ os cordoens todos sete desiguais em grossura, como tambem saõ differentes em feitio: mas todos entalhados de variedade, e sutileza de lavores taõ perfeitos, e com tanto primor, e mimo obrados, como se fora na mais facil, e obediente madeira de quantas servem pera esculturа. Assi fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar, e polir cada pedra, e as muitas que se perderiaõ estalando com a força do ferro, e sutileza do lavor. Em quatro cordoens destes he parte do feitio huma letra interposta a espaços, a qual escrita com os mesmos caracteres, que tem esculpida, he a seguinte: *Tanyas erey.* E faço declaraçaõ dos caracteres taõ apontada, porque quando estivemos nesta casa de passagem pera Entre Douro, e Minho à impressaõ que fizemos em Viana do livro da vida do Santo Arcebispo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, achey que todos os Religiosos della liaõ nelles: *Tangas & Rey*, fazendo g do y Grego interposto em *Tanyas*, e partindo em duas dicçoens o *Erey*, o que conhecidamente he contra a fórma da escultura, como entaõ lhes mostrey, a qual continua as letras na propria feiçaõ, e modo, que aqui vaõ escritas, sem fazer differença em hum numero quasi infinito. A grande multiplicaçaõ desta letra me poz em cuydado de lhe querer buscar alguma sayda entre os Padres velhos, que por tradiçaõ dos mais antigos poderiaõ alcançar o que se praticava della quando se esculpia. E naõ procuravamos cousa impossivel, pois naõ tem mayor ansianidade, que a vida del Rey dom Manoel. Nem da lingoagem se podia fazer facil discurso, visto naõ ser Latina, nem das mais vulgares, que oje se falaõ na Europa. Mas naõ pudemos achar quem nos quietasse com cousa fundada, nem nesta letra, nem na outra cifra da entrada do pateo. E como seja obrigaçaõ de quem escreve dar seu

seu parecer nas difficuldades, que a Historia offerece, naõ me serà contado a temeridade procurar desatar, ou cortar com hum breve discurso este nò Gordiano, ainda que só a Alexandres toque desatar os que saõ dados por Reys. Como lhe naõ achey conformidade com a lingoagem da Patria, lanceime às estranhas, e communicada a letra com pessoa de grande juizo assentamos ser Grega. Porque *Tanyas* he accusativo do nome Grego *Tanya*, que he o mesmo que regiaõ: e *Erey* he o imperativo do verbo *Erèo*, cuja significaçaõ he buscar, inquirir, investigar. E ficase dizendo em nome do Senhor do Templo a el Rey dom Manoel, que o edificava, segundo iremos mostrando: Buscay, inquiri novas regioens, e climas: como animandoo a naõ desistir de seus valerosos pensamentos. E quadra bem a significaçaõ com a empresa, que entaõ actualmente occupava este Principe, do descubrimento da India; e tambem com a divisa da sua mysteriosa Esfera, que aceitada por elle a outro fim, foy pronostico de se lhe aver de sogeitar grande parte do mundo.

Mais trabalho nos dà a cifra da primeira porta, que como he de letras, que naõ fazem dicçaõ certa, fica exposta a quantos sentidos lhe quizermos aplicar, segundo jà nos queixamos atràs. A primeyra duvida he, a que lingoagem avemos de attribuyr estes caracteres. Obrigame a dallos por Gregos, acharmos Grega a letra, que jà fica declarada: e forçame a companhia de que estaõ cercados das Esferas, e Cruz de Christo, a ter por sem duvida, que jaz nelles algum grande mysterio. Parece que quiz o Autor da fabrica, que tevessemos aqui huma representaçaõ do antigo, e celebrado templo de Delfos em Grecia: do qual lemos, que sobre a porta tinha huma quasi semelhante cifra: e na entrada outra letra, que falava com os que o visitavaõ. Era a letra *Gnoti se auton*, que quer dizer: conhecete. Era a cifra *Ei*, que significa: Vos Soys. Esta cifra deu tanto que fazer aos sabios antigos, que só della escreveo Plutarcho hum livro: no qual despois de longos discursos assenta, que por este Soys, de presente, se naõ pode entender outra cousa, se naõ hum só, e Eterno Deos. E saõ suas palavras.

Plutar. lib. de Ei apud. Delph.

Deus enim Est, & est nulla ratione temporis, sed æternitatis immobilis, tempore & inclinatione carentis: in qua nihil prius est, nihil posterins: nihil futurum, nihil præteritum, nihil antiquius, nihil recentius: sed vna cum sit, vnico Nunc sempiternam implet durationem.

E mais abaixo:

Non enim multa sunt numina, sed vnum.

Quasi dizendo, que só de Deos se póde, e deve dizer que He, e que este ser he sem nenhuma dependencia, ou rezaõ de tempos, mas só de huma perenne, e immovel eternidade, eternidade carecente de tempo, e de mudança: e tal que se naõ dà nella nenhuma cousa primeira, nem derradeyra: nada futuro,

nem

nem paſſado: nada mais antigo, ou mais moderno: mas como he huma ſó, com hum ſó Agora, e he preſente, enche, cumpre, e declara ſua perpetuidade eterna, e ſem fim. Porque a verdade he, que naõ ha muytos Deoſes, ſe naõ hum ſó. Atè aqui Plutarcho. Favorecem eſte ſentido o doutiſſimo Padre Franciſco de Mendoça da Companhia de Jeſu no ſeu primeiro tomo ſobre os Reys: e Euſebio no da preparaçaõ Evangelica. E he a doutrina taõ conforme com o que temos no ſagrado Texto, que ſe pòde cuydar, que a bebeo o Gentio, onde ſe lè: *Ego ſum qui ſum: qui eſt, miſit me ad vos.* Eu ſou aquelle que ſou: aquelle que he, eſſe me manda a vòs outros. Reſolve ultimamente eſte Autor que a cifra *Ei*, he hum aviſo, que nos eſtà obrigando a temor, e amor, reſpeito, e devaçaõ de hum Deos, que eternamente permanece, que iſto dizem as palavras, com que vay cerrando o tratado.

Franciſc. Mendoça pag. 557. col. 1. lit. C. Euſeb. l. 11. c. 7.

Exod. 3.

Plutar. lib. de Ei apud Delph.

Hoc enim pronuntiatum eſt, vt nos percellat, & ad venerationem Numinis, vtpote quod ſit ſemper, excitat.

Aſſi naõ tenho duvida, que o meſmo ſe nos repreſenta cà na noſſa cifra: e que he repoſta del Rey ao Senhor que o manda empregar em deſcobrir novos mares, e novas terras, quaſi dizendo:

Eu acho, Senhor, que ſó vòs ſoys eterno, immortal, e infinito: e pola meſma rezaõ ſó digno de ſer buſcado. Eſtas terras, e mares, inda que foraõ de muitos mundos juntos, em fim tem termo, e limite.

E naõ obſta, nem desfaz eſte ſentido a letra C, porque ou ſerve ſó de guarda às outras duas: ou de nos apontar na eterna eſſencia o ſagrado myſterio da Trindade das peſſoas Divinas, que o Gentio ignorou. E moſtrao de duas maneyras: primeira, ſendo como he, terceira letra do noſſo alfabeto: que he a meſma rezaõ com que Plutarcho prova que a cifra *Ei*, era figura do numero quinario: ſegunda, fazendo com as duas numero de tres, como faz abraçando o E, e pegando no y. E he de conſiderar, que ſe fez com bom juizo, o que à primeira viſta repreſenta impropriedade, digo a eſcolha da terceyra letra, tomada antes do alfabeto Latino, que do Grego, pera juntar com as duas Gregas: porque fica ſendo hum teſtimunho da verdade Catolica, dado por quem era filho da Igreja Latina.

Ibid. ad medium.

E concluindo advirto aos que tem noticia do Grego, que naõ façaõ eſcrupulo ſe acharem y Grego, onde pertence, i, Latino, ou *iota* Grego: que iſto devemos perdoar aos officiaes da eſcultura idiotas, viſto terem ambas as letras a meſma força na noſſa lingoagem, e modo de eſcrever.

Paſſada a porta leva os olhos apoz ſi hum edificio imperfeito, e deſcuberto, que de preſente he huma grande praça de capellas formada em perfeito circulo, e contaõſe nelle ſete. E aſſi como a traça de eſtarem em campo redondo, moſtra naõ ſe pretender preferencia por quem as ordenou, em nenhuma: da meſma maneira ſe teve cuidado de ſe buſcar igualdade, ao que parece, no corpo feiçaõ, forma, e feitio de todas, e cada huma por ſi, que he quanto ſe póde

deſejar por todas ſuas partes excellente de arcos, e laçarias, de policia de eſcultura, de graça, ſutileza, e diverſidade de lavor: mas em nenhuma ſe enxerga differença tal, que a faça aventajada, ou mingoada de autoridade. Porem he grande laſtima, que eſtando, como eſtaõ, todas as capellas acabadas em ſua perfeiçaõ, e as paredes em roda levantadas atè o ponto, donde ſegundo a arte avia de começar a ſobir a abobada mayor, pera cobrir todas, e tornar o que oje he praça aberta em capella fechada, que naõ fora demaſiado cuſto à comparaçaõ do muito que jà eſtà feito, parou a obra neſte eſtado: e teſtimunha bem a fortaleza della eſtar tantos annos ha, como logo veremos, batida das inclemencias do tempo, e enxergarſelhe muy pouco dano.

O fim, a que tirava a magnificencia deſta nova fabrica, ſe deixa bem entender: viſto como todos os corpos de Principes que no Convento eſtaõ recolhidos deſpois del Rey dom Joaõ Primeyro, e ſeus filhos, jazem nelle a titulo de depoſito: e parecia juſto, que algum herdeiro, ou mais piadoſo, ou mais deſoccupado tomaſſe a ſeu cargo agaſalhallos em proprio domicilio. Quem foy aquelle que de tal penſamento ſe deixou levar, e primeyro poz maõ na obra, ha varias opinioens Porem de que ſe acabou, e fez a mayor parte do que eſtà levantado por ordem del Rey dom Manoel, ou de conſintimento ſeu, e em ſeu tempo, naõ he materia de duvida, porque eſtà verificado com argumentos, e provas certas. He a primeira veremſe no lugar mais autorizado della, qual he a capella, que entre as ſete fica fronteyra da entrada, as eſferas, que atràs diſſemos, da primeira porta, certa, e ſabida diviſa del Rey dom Manoel, que nunca trocou. Seja a ſegunda lerſe nos remates dos angulos da meſma capella a letra: *Tanyas erey*, em ſuas targetas entre dous lanços. Donde infirimos, que eſta letra taõ repetida na fermoſa proſpectiva da portada, como a cifra das tres letras da primeira porta, eraõ manifeſtamente pertencentes ao meſmo Rey, pois huma, e outra ſe vem agermanadas com as esféras. E naõ faz em contrario a Cruz de Chriſto, que atràs vimos na primeira entrada: porque foy dignidade do Meſtrado que poſſuhio antes de reynar, e depois a unio pera ſempre à Coroa. Mas toda a duvida nos tira huma letra Latina eſculpida ſobre a porta, por onde ſe entra no primeiro pateo da banda de dentro, que diz: *Perfectum eſt opus anno* 1509. Querendo ſignificar, que ſe poz naquelle eſtado de perfeiçaõ em tal anno: que era o meſmo em que avia jà muitos, que glorioſamente reynava gozando das vitorias, e theſouros da India.

Naõ falta quem funde em boas rezoens, que foy autora a Raynha dona Lyanor ſua hirmam, obrigada de dous taõ grandes penhores, como tinha ſem ſepultura propria no Convento, que eraõ el Rey dom Joaõ Segundo ſeu marido, e o Principe dom Afonſo ſeu filho: e como poſſuhia groſſas rendas, e era Princeſa de grandes eſpiritos, e el Rey dom Manoel ſeu irmaõ lhe reconhecia, alem do

ſan-

gue, e estado, particulares obrigaçoens, pola diligencia com que procurara sua successaõ no Reyno, a que el Rey dom Joaõ se mostrava manifestamente contrario: podia bem aplicarse a semelhantes grandezas. Ajuntaõ os que tem esta opiniaõ, que o deixar o melhor lugar, que era a Capella do meyo, pera el Rey dom Manoel sinalandoa logo com suas letras, e divisas, fora querer imitar o estilo, e moderaçaõ del Rey dom Joaõ o Primeyro: e pola mesma rezaõ escolhera pera si, e pera el Rey dom Joaõ Segundo seu marido huma das collaterais, em que se vè o pelicano ferindo o peito, empresa sua muyto sabida. Mas póde mais o tempo, que todas as determinaçoens dos homens. Estas ficaraõ sem effeito, e elle vay jà roubando o lustre a toda a obra, e acabandoa antes de acabada: e em fim virà a consumir huma maquina digníssima de perpetuidade.

O que me obriga ajuntar aqui o juizo que fez della, e de tudo o mais deste Convento, huma pessoa de grande entendimento, e que tinha visto, e considerado todas as fabricas de mais importancia da Christandade, que foy o grande Mestre Frey Vicente Justiniano nosso Geral, e Cardeal. Testimunho sem sospeita por ser de estrangeyro, e de varaõ muito religioso, e santo. Este Padre vindo a este Reyno notou nelle algumas cousas, que refiriremos pera que se veja quaõ bem sabia notar. Disse por Lisboa: *Vidimus Orbem in vrbe.* Como se dissera: Vimos em huma cidade todo o mundo junto. Disse por Setuvel: *Vidimus oppidum lapide cinctum pretioso*: Vimos huma villa murada toda de pedras preciosas: foy a rezaõ, porque toda a pedra della he jaspe, nem aquelles contornos produzem outra. Disse por Coimbra: *Vidimus vrbem vndique ridentem.* Vimos huma cidade taõ bem assombrada, que por onde quer que a olheys, parece que se vos està rindo. E quando chegou a ver este Convento, disse com admiraçaõ, e affirmaçaõ: *Vidimus alterum Salomonis templum*: Vimos outro templo de Salomaõ.

CAPITULO XX.

Dos suffragios que el Rey ordenou nesta sua casa por sua alma, e dos Infantes seus filhos: e da esmola, e offertas, que com elles sinalou: e da dispensaçaõ que ouve pera o Convento possuyr proprios.

SEgue ao edificio temporal de pedra, e cal, de ouro, e prata, o espiritual de sacrificios, e suffragios, que os Reys pera sempre instituiraõ neste Convento pera gloria de Deos, e beneficio de suas almas. Na Capella del Rey dom Joaõ o Primeiro se dizem cada dia por todo o discurso do anno cinco Missas a hora de Prima, com assistencia da Communidade: huma cantada por el Rey, e Raynha, e as quatro rezadas polos Infantes seus filhos; e estas se rezaõ em quanto aquella se canta, e todas se dizem nos altares, que correspondem às sepulturas de cada hum. Nos dias festivaes saõ todas da festa, que a Igreja celebra: em todos os outros saõ de Requiem, e só a que se diz polo Infante Santo he da solenidade de to-

dos os Santos. Alem deſtas Miſſas ſe celebra outro grande numero polos Reys, e Rainhas, Principe, e Infantes, que neſta caſa jazem, ſegundo como cada hum diſpoz em ſeu teſtamento. Cantaõſe em cada hum anno dous anniverſarios ſolenes por cada hum deſtes Principes: hum no dia de ſeu falecimento, outro na ſemana, que ſegue ao dia da Commemoraçaõ dos finados. Mas ha eſta differença, que no que ſe faz por el Rey dom Joaõ Primeiro aos quatorze de Agoſto, e dom Joaõ Segundo aos vinte e cinco de Outubro, que ſaõ os dias em que faleceraõ, he coſtume pontualmente guardado aver prègaçaõ com memorias de ſuas proezas, e virtudes. No ultimo deſtes anniverſarios, que toca ao Infante Santo deixaõ os Religioſos a muſica funeral, e triſte, e cantaõ huma Miſſa ſolene officiada com orgaons, e paramentos brancos, que he Miſſa de todos os Santos, como atràs diſſemos, em quanto naõ he canonizado nem beatificado. Pera os dias deſtes anniverſarios ſe cobrem as ſepulturas todas de panos de ouro, e ſeda, guardando com eſtes Principes defuntos toda aquella ſolenidade, e mageſtade, que por quem foraõ lhes he devida.

Com cada anniverſario ficou limitada ſua offerta de certa quantidade de trigo, vinho, e cera: e como a noſſa Ordem foy fundada em comer peixe continuo, quiſeraõ os Reys pios que ſe juntaſſe tambem à offerta humas tantas duzias de peſcadas ſecas, por ſer genero de peixe, que por grande, e ſadio ſerve bem pera as Communidades: e tambem, porque nos portos de mar mais vizinhos ao Convento coſtumava peſcarſe em grande copia. E como os anniverſarios ſaõ muitos, e as offertas realengas, chega o trigo a ſincoenta e dous moyos e meyo, e o vinho a quarenta e tres pipas: vinte quatro arrobas de cera, e duzentas e quinze duzias de peſcadas. Eſta offerta reduzida a dinheiro mandaõ os Reys pagar de preſente aos quarteis nas ſuas rendas do Almoxerifado de Leiria: e porque o preço das couſas levantou muyto, faz ſoma de huma boa eſmola, e he a principal parte da ſuſtentaçaõ dos Religioſos. Mas no tempo que el Rey dom Joaõ fundou a caſa, como a offerta era mais curta, e tudo valia pouco, conſiderou logo, naõ ſer rezaõ, que Frades por elle eſcolhidos pera ſeus Capellaens perpetuos, e moradores de huma charneca ſaiſſem de caſa a mendigar entre vizinhos pobres ſua pobre mantença, como a noſſa Ordem fazia entaõ por toda a Chriſtandade: e uzando de paternal providencia ſupplicou ao Papa Bonifacio Nono, que deſpenſaſſe com eſte Convento, pera poder ter proprios, e rendas perpetuas, e aceitar erançaſ pera gozar em commum. E o Pontifice o ouve por bem, e mandou deſpachar hum Breve com a execuçaõ cometida ao Biſpo do Porto dom Joaõ Eſteves: do qual emanou a licença ſeguinte, que naõ irà traduzida em vulgar, viſto como a ſuſtancia fica jà declarada, e entendida.

Ioan-

JOannes Dei & Apostolicæ Sedis gratia Portugallensis Ecclesiæ Episcopus executor ad infra scripta per Sedem Apostolicam specialiter deputatus: vniuersis & singulis tam præsentibus quam futuris, ad quos literæ præsentes peruenerint, salutem in Domino sempiternam. Literas Sanctissimi in Christo Patris & Domini nostri, Domini Bonifatij Papæ Noni, nobis per serenissimum Principem Dominum Joannem Regnorum Portugalliæ & Algarbij Illustrem Regem præsentatas, nos noueritis cum ea qua decuit reuerentia recepisse: quarum literarum tenor sequitur in hæc verba. Bonifatius Episcopus seruus seruorum Dei, venerabili fratri Episcopo Portugallensi salutem & Apostolicam benedictionem. Exhibita nobis nuper pro parte charissimi in Christo filij nostri Joannis Portugalliæ & Algarbij Regis Illustris petitio continebat, quòd cum olim Portugalliæ & Algarbij regna inuaderentur per schismaticos, idemque Rex vnà cum dilectis filijs populo Regni Portugallensis contra eosdem schismaticos manu armata in campo exiuissent, & dictis schismaticis prostratis & conflictis victoriam maximam de eisdem schismaticis reportassent: Dictus Ioannes Rex credens firmiter se huiusmodi victoriam habuisse precibus & meritis Beatæ Virginis Mariæ, in loco vbi eandem victoriam habuit ad laudem dictæ Virginis fundari & construi fecit vnum locum cum Ecclesia, domibus & alijs necessarijs officinis pro vsu & habitatione fratrum Ordinis Prædicatorum, in quo iidem fratres perpetuum Domino redderent famulatum: qui quidem locus vulgariter nuncupatur Sanctæ Mariæ de Victoria: ipsumque locum a quinque annis citra, eisdem fratribus pro eorum vsu & habitatione donauit & concessit: in quo nonnulli fratres eiusdem Ordinis commorantur. Cum autem, sicut eadem petitio subiungebat, dictus locus propter nimiam distantiam à conuersatione fidelium sit plurimum separatus, dictique fratres eleemosinas de quibus viuere valeant, à Christi fidelibus ad sufficientiam pro eorum vitæ sustentatione, habere non possint: dubitetque dictus Rex, ne dicti fratres huiusmodi locum propter penuriam & indigentiam victualium relinquere cogantur: pro parte ipsius Re-

Regis nobis fuit humiliter supplicatum, vt fratribus dictæ domus qui sunt, & erunt pro tempore, vt possessiones & alia bona mobilia & immobilia, quæ ipsis à Christi fidelibus donari, seu in testamentis & vltimis voluntatibus relinqui, seu legari continget, pro ipsorum victu & vestitu & alijs necessitatibus obtinere liberè & licitè valeant, licentiam concedere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur de præmissis certam notitiam non habentes, atque desiderantes cultum Diuinum nostris temporibus non minui sed augeri, ipsius Regis in hac parte supplicationibus inclinati, fraternitati tuæ per Apostolica scripta mandamus, quatenus, si est ita, fratribus domus prædictæ, vt ipsi huiusmodi possessiones & bona mobilia & immobilia, si vt profertur, eis à Christi fidelibus dari, concedi, aut erogari, seu in testamentis & ultimis voluntatibus relinqui, seu legari contingat, recipere & perpetuo retinere, pro ipsorum victu & vestitu, & alijs necessarijs liberè & licitè valeant: quibuscunque constitutionibus Apostolicis ac statutis, ordinationibus & consuetudinibus dicti Ordinis contrarijs, nequaquam obstantibus, Apostolica autoritate licentiam largiaris. Datum Romæ apud Sanctum Petrum Nonis Martij Pontificatus nostri anno secundo.

Post quarum quidem literarum præsentationem & publicationem, fuimus pro parte præfati Domini Regis cum instantia requisiti, quatenus ad executionem ipsarum procederemus secundum traditam per Sedem Apostolicam nobis formam. Nos igitur Episcopus præfatus, volens mandatum Apostolicum exequi, vt tenemur, vt de contentis in eo informaremur plenissimè, ad dictum locum personaliter accessimus, & per oculorum inspectionem, & multos testes idoneos & omni exceptione maiores comperimus fuisse verisima illa, quæ pro parte præfati Domini Regis fuerunt certa præmissa, Romano Pontifici intimata. Propterquæ auctoritate præfati Domini nostri, & vigore potestatis per eum nobis super hoc traditæ, vt fratres domus prædictæ qui sunt & erunt pro tempore, possessiones & alia bona mobilia & immobilia, quæ ipsis à Christi fidelibus donari, concedi, aut erogari, seu in testamentis & vltimis voluntatibus relinqui, seu legari contingat, recipere & per-

petuò

petuò retinere pro ipsorum victu & vestitu & alijs necessarijs liberè & licitè valeant : quibuscunque constitutionibus Apostolicis ac statutis , ordinationibus & consuetudinibus dicti Ordinis contrarijs nequaquam obstantibus , auctoritate præfata plenam licentiam concedimus ac etiam largimur. In quorum omnium testimonium has patentes literas manu nostra signatas , ac sigilli nostri appensione munitas præfato Domino Regi , ac fratribus dicti Monasterij duximus concedendas. Datæ fuerunt hæ in ciuitate Viseensi die sexta Martij de anno Domini Millesimo tercentesimo nonagesimo secundo. Ioannes Episcopus Portugallensis.

Em virtude desta dispensaçaõ começou o Convento a possuir em propriedade bens de raiz, e rendas : e foy o primeiro que em toda a Ordem usou dellas, e el Rey dom Joaõ tambem o primeiro que lhas deu. Mas affirmase, que os Religiosos sentiraõ muito a novidade , tanto por verem quebrar aquelle primeiro rigor taõ encomendado por nosso Santo Patriarca , e despois confirmado em tantos Capitulos Gerais : como tambem por começar a dispensaçaõ por elles , e por este Reyno. E ainda que conheciaõ a impossibilidade, que era viverem de esmolas em tal sitio tantos Religiosos , como el Rey queria , e eraõ necessarios pera as obrigaçoens , que lhes punha , tomaraõ antes arriscarse a todo o trabalho , que afroxar em ponto taõ essencial. Assi fizeraõ suas diligencias , e instancias por naõ aceitar a renda, e titulos della, lembrados , e lembrando , que avia cento e setenta e tantos annos , que a Ordem sem quebra se sustentava dos pedaços de paõ dos fieis , e estavaõ certos lhes naõ faltaria no futuro o pay das misericordias. Porem el-Rey levava o negocio naõ só por prudencia humana quanto aos Frades, mas tambem quanto a si mesmo , porque avia por desautoridade , e menoscabo do nome Real viver de esmolas de particulares a casa , que tinha titulo de sua. E sem embargo da resistencia , que fizeraõ por algum tempo , lhes fez aceitar , seis annos despois , huma quinta vizinha , que avia dias tinha comprado , a fim de a encorporar , como encorporou , com o Convento. E alem do que montavaõ as offertas , que nomeou pera seus anniversarios , e dos Infantes seus filhos , que tudo ficou consignado nas rendas do Almoxarifado de Leiria , mandou por legado de seu testamento lhe fossem compradas mais rendas , como logo veremos.

CA-

CAPITULO XXI.

Faz el Rey doaçaõ de huma quinta ao Convento. Dàse conta do cuydado que teve em seu testamento, que ficasse com bastante sustentaçaõ: e das causas que a tolheram.

TInha hum Fidalgo por nome Egas Coelho huma boa quinta no mesmo sitio, em que se fundava o Convento. Pareceo a el Rey, que lhe armava pera os Frades terem logo gasalhado em quanto o naõ dava a obra nova, e que era bem acharem alguma cousa feita, de que se poder ajudar. Mandoulha comprar, e despois que teve a dispensaçaõ atràs referida obrigouos a entrarem de posse della pola doaçaõ seguinte.

DOm Joaõ pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que nòs por serviço de Deos, e renembrança da victoria que nos deu da batalha, que ouvemos com aquelle, que se chamava Rey de Castella entre Leiria, e Aljubarrota, por bem, e salvaçaõ de nossa alma fizemos edificar hum Mosteiro em honra de Santa Maria, em cuja vespera ouvemos a dita victoria, na quintam do Pinhal, que foy de Egas Coelho, e de Maria Fernandes de Meira sua Madre, a qual lhe por nòs foi comprada. E parte de huma parte com Joaõ da Beesta, e da outra com Janebra Pirez, e entesta còm caminho publico. E porque nòs avemos dado o dito Mosteiro à Ordem de S. Domingos, e lhe ouvemos letras de Nosso Senhor o Papa, o dito Mosteyro podesse aver bens de raiz patrimoniaes, pera que os Frades que hi estivessem o podessem aver de se manter. Porèm nòs com a Rainha dona Felippa minha molher, e com o Infante dom Afonso nosso filho primogenito, e erdeiro fazemos livre, e pura doaçaõ antre os vivos ao dito nosso Mosteiro da dita quintam, com todas suas erdades, montes, e arvores, e agoas, e pertenças della: e por esta carta tiramos, e tolhemos de nòs a posse, uso, e propriedade da dita quintam, investimos, e poemos em ella o dito Mosteiro, e queremos que a aja livremente, e sem outro embargo algum pera todo sempre, naõ embargando quaesquer leis, decretais, costume, constituiçoens, foros, façanhas, e outros quaesquer direitos, e cousas que esta doaçaõ poderiaõ annular, e embargar por alguma guisa: posto que taes sejaõ, de que em esta

doa-

doaçaõ devesse ser feita expressa mençaõ, as quaes nòs avemos aqui por expressas, e expressamente nomeadas, e queremos que naõ ajaõ em este lugar, nem lhes possaõ empecer: mas que esta doaçaõ seja firme, e valiosa pera todo sempre: e suplimos todo falecimento de solemnidade que de feito, e de direito for necessaria pera esta doaçaõ firme ser, e mais valer. E prometemos de a naõ revogar nem ir contra ella. E rogamos aos Reys que de poz nòs vierem que lha naõ contradigaõ, e lha façaõ guardar. E em testimunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta. Dada em Coimbra xiiij dias de Janeiro. El Rey o mandou. Alvaro Gonçalves a fez Era de M.CCCC. XXXVI. annos (que responde ao de Christo de 1398.)

Como os Religiosos se mostravaõ taõ pouco amigos de possuyr renda estavel, e certa (sendo assi, que nem com muita agencia he facil de negocear, ainda polos que saõ cobiçosos, qualquer requerimento de fazenda Real, pola sequidaõ, e tenacidade ordinaria dos Ministros) ou fosse descuido, e desazo seu, ou as muitas occupaçoens del Rey, e as grandes despesas, que fez na conquista da cidade de Ceita em Africa, veyo a falecer despois de longos annos de vida sem lhes deixar renda comprada, nem mais assentamento, que o trigo, vinho, pescadas, e cera, que se lhes pagava no Almoxerifado de Leiria. Mas entendendo que em seus successores naõ faltaria a liberalidade, que tal casa, e taes capellaens mereciaõ, pois todos por morte aviaõ de vir a ter necessidade della, e delles, mandou por verba de testamento o que em vida naõ pode comprir por obra, ordenando, e mandando se comprassem herdades, e bens de raiz pera sustentaçaõ dos Religiosos. A verba he de ver pera louvor da moderaçaõ dos Padres nossos antecessores, que sendo os Reys naquelle tempo muito liberaes, e tanto mais grandiosos quanto menos ricos, nunca lhe quiseraõ ser pesados requerentes, crecendo cada dia as obrigaçoens, e o preço das cousas, e o numero dos Religiosos. A verba diz assi:

COnsirando nòs depois a maneira que estes Frades de S. Domingos tem entre si em semelhantes casos, ordenamos que se tenha esta ordenança no acabamento do dito Mosteyro, e seu bom soportamento, e mantimentos dos ditos Frades: a qual mandamos, rogamos, e encomendamos ao dito Infante Duarte meu filho, e a outro qualquer que vier, que seja Rey, e Senhor dos ditos Reynos, que a faça comprir, e guardar pela guisa que por nòs he de-

terminado. Primeiramente mandamos, que o dito Mosteyro se acabe de crastra, casarias, e de todos os outros edificios, que a bom comprimento do dito Mosteyro forem necessarios, polas rendas de Leiria, e seu termo com seu Almoxarifado: e pola guisa que se ora faz: e sejaõ em elle manteudos, e governados aquelle numero de Frades, que agora, e de cote igualmente està, assi, e pola guiza que ora som: os quaes tenhaõ aquella maneira de rezar suas horas, e dizer suas Missas, responsos, e fazer saimentos por minha alma, e da Raynha minha molher, em cuja gloria Deos acrecente, e assi como se ora faz: e acrecentando por minha alma despois de nosso enterramento aquellas Missas, e horas, que o dito Infante, ou outro que tràs nòs ficar Rey destes Reynos ordenar atà o dito Mosteyro ser acabado, e o numero dos trinta Frades em elle postos, e governados como a juso faz mençaõ, e daqui avante se tenha a maneira por nòs ordenada. E acabado o dito Mosteyro de todas as obras necessarias como dito he, polas ditas rendas de Leiria, e termo, e seu Almoxarifado, tirando aquillo que for necessario pera governança dos ditos Frades, se comprem tantas, e taes herdades, e bens, porque se possaõ rezoadamente manter, & governar de comer, beber, vestir, e calçar os ditos trinta Frades da dita Ordem de S. Domingos, convem a saber, vinte de Ordens sagras, e os dez Noviços, e Frades leigos: e alem desto certos servidores, assi como amassadeira, cozinheiro, azemel, lavandeira, çapateiro, e outros semelhantes se lhe forem necessarios. E aquestes trinta Frades ordenamos que estem continuadamente no dito Mosteyro, &c.

Isto ordenou el Rey em tempo que jà naõ podia fazer mais, que encomendar. Assi naõ deixe ninguem de fazer o que he obrigado por rezaõ, ou por consciencia: em quanto tem tempo, à conta de mandar, e encomendar ao herdeiro, ainda que filho seja, e taõ santo como foy el Rey dom Duarte: porque o que naõ tolhe condiçaõ, tolhem casos, e desbarataõ desastres. Entraraõ pestes a poz a morte del Rey que descomposeraõ a Corte, e o curso dos negocios, e a todo Reyno: foi muito curta a vida del Rey dom Duarte; o que junto com a pouca agencia, e diligencia dos nossos Religiosos, deu causa a que nunca chegasse a effeito a disposiçaõ desta verba, na parte que toca a se nos comprarem, e darem herdades, e ren-

renda pera congrua ſuſtentaçaõ da caſa. Ficamos em fim em hum Convento Real vivendo atè hoje de eſmolas : porque eſmola he o que recebemos das offertas, que atràs diſſe, as quaes acompanhaõ, e ſaõ devidas aos ſacrificios, e oraçoens dos Religioſos. E ainda neſtas offertas era taõ curto o favor pera a caſa, que quando el Rey dom Filippe Primeyro em Portugal, e ſegundo no reſto de Eſpanha entrou neſte Reyno, ſe achou por conta, que mandou fazer, que de cinço partes, que eſtavaõ taxadas a eſtes ſuffragios por eſtatutos do Synodo Provincial do Arcebiſpado, naõ recebia o Convento mais que huma ſó : na contia, que no Almoxerifado de Leiria ſe lhes pagava. Por onde ſe vivia nelle com muito aperto. Era el Rey ſabio, e inteiro, dava fé de todas as materias tocantes a bom governo de ſeus Reynos, vio a quebra, reconheceo a obrigaçaõ de ſeus anteceſſores, emendou liberalmente ſuas faltas, e ficou ſuprindo com ſua grandeza o deſazo dos Frades: ao qual attribuhia o padecermos tanto à viſta dos Reys de Portugal magnificentiſſimos em todo o tempo com as Religioens. Merece memoria quem advertio a el Rey, e procurou, e chegou ao cabo o melhoramento, que foy o Padre Frey Joaõ da Cruz, da primeira vez que foy Provincial. E com tudo, dado que ſe vive hoje com mais largueza, e a caſa ſuſtenta de ordinario ſetenta Religioſos, ainda he de eſmolas : porque a mercè apontada ficou feita nas meſmas offertas: reduziraõſe ſómente a hum ponto mais alto, e conveniente na valia.

CAPITULO XXII.

De algumas graças eſpirituaes que el Rey impetrou pera o Convento. E de outras couſas que ordenou pera bom governo delle, e conſervaçaõ do edificio.

TEmos viſto atràs que a diſpenſaçaõ, que el Rey dom Joaõ noſſo fundador nos alcançou, ſervio quanto a elle, ſó pera a quinta que nos deu : e quanto aos Frades, pera pobres herancinhas de particulares: porque alguns bens, que polo tempo adiante nos deraõ os Principes, foraõ a titulo de eſmola, e por rezaõ de ſuffragios, e obrigaçoens, que nos encarregaraõ, como logo veremos. Porem naõ podemos negar que foy na verdade liberal, e grandioſo Rey: e a falta, que nos fez, naceo mais de confiança demaſiada nos ſucceſſores, que de culpa ſua. Moſtrouo bem em todas as mais couſas que ordenou em favor, e honra deſta ſua caſa. Porque no eſpiritual, alem da diſpenſaçaõ dita, impetrou do Summo Pontifice particulares graças, e indulgencias pera os Noviços que nella recebeſſem o habito, ou ſe criaſſem, ou faleceſſem. E quanto ao corporal naõ lhe eſqueceo provella de couſas importantes: ordenando que aſſiſtiſſe hum medico continuo em lugar vizinho, donde acodiſſe aos enfermos, obrigado naõ ſó com ſalario conveniente, mas com honras, e privilegio de medico da caſa Real. E huma couſa, e outra deixou eſtabelecida, e firme como por ley. Nem ſe deſcuydou ſua providencia da neceſſidade, que tem todos os gran-

des edificios de reparo continuado contra as injurias de tempo: e ordenou hum ministro, que com nome de Almoxarife, ou provedor das obras do Convento assistisse na vizinhança delle, a quem acodissem muitos officiaes de todos os mestres, todas as vezes que se offerecesse necessidade de refazer, ou concertar alguma parte. E estes honrou com izençoens, e liberdades: e pera que nunca ouvesse falta, nem dilaçaõ no que cumprisse quiz que fosse o numero muy crecido. Saõ cento e vinte e cinco pedreiros: cincoenta e seis cavouqueiros: vinte carreiros: dez servidores: e hum ferreiro, com dous carpinteiros somente, visto como nos principios naõ avia cousa de madeira, e carpintaria, mais que portas, e janellas, e tudo o mais he pedraria. Pera este genero de gente, e seu ministerio foy bastante a honra dos privilegios pera os ter sempre prontos, e prestes sem outro salario: porque este se estima muito em todas as occasioens: e ao tempo do trabalho levaõ sua paga ordinaria polo estado da terra. Mas porque o numero, e grandeza das vidraças he parte muy principal da fermosura, e aparato do Convento, e como cousa mais fragil tinha necessidade de remedio mais propinquo, assinou particular porçaõ pera hum vidraceiro assistir, e entender quotidianamente no reparo dellas. E o partido he por rezaõ do salario, que leva, remedear à sua custa o que se for danificando das vidraças atè medida de hum palmo; e passando de palmo fazerse à conta do que ficou deputado de renda pera semelhantes despesas.

Rezaõ he que fique em companhia das grandezas deste Rey a memoria que hum filho seu quiz deixar de seu nome neste Convento. Foy este o Infante dom Anrique, a memoria, huma villa, que lhe deu no Bispado de Lamego, que chamaõ Valdija, a qual, ainda que he de pouco rendimento, fica em honra, e credito da casa.

CAPITULO XXIII.

Que contem o Epitafio Latino da sepultura del Rey dom Joaõ.

PAreciame que naõ satisfaziamos à obrigaçaõ em que a este Principe estamos, por nos dar casa em vida, e se recolher com nosco na morte, e nos querer pera o diante por capellaens perpetuos, se passaramos a outra cousa sem ficar nestes escritos huma breve memoria de seus gloriosos feitos. Mas fezme anteparar o receyo de que poderiaõ perder muito de sua luz na pobreza de nosso estilo, alem de encontrarmos as leys da historia geraes, e particulares desta, que trata só de gente desprezada do mundo, e fugitiva delle. Porem este mesmo medo me descobrio hum meyo pera sem offensa do Rey, e da historia nos desobrigar da divida: o qual he lançar aqui de verbo ad verbum a letra que atràs prometemos de sua sepultura, mandada entalhar nella por el Rey dom Duarte seu filho, que he a seguinte.

IN nomine Domini. Serenissimus & semper inuictus Princeps, ac victoriosissimus & magnificus, resplendens virtutibus, Dominus Ioannes Regnorum Portugalliæ Decimus, Algarbij Sextus Rex: & post generale Hispaniæ vastamen primus ex Christianis famosæ ciuitatis Septæ in Africa potentissimus Dominus præsenti tumulo extat sepultus. Excellentissimus iste Rex nobilissimæ ac fidelissimæ civitatis Vlixbonæ ortus anno Domini 1358. extitit per serenissimum Dominum Petrum suum genitorem militaribus in ætate quinquennij ibidem decoratus insignijs: & suscipiens post decessum Regis Ferdinandi fratris sui, ipsius Lixbonensis vrbis & aliarum complurium munitionum, quæ se illi subdiderunt, gubernamen: obsessam personaliter per Regem Castellæ nouem mensibus Vlixbonam mari grandissima classe, & per terram ingenti vallatam exercitu, & plurimis Portugallensium Regis Castellæ potentiam roborantibus circunseptam, aduersus feras & multiplices impugnationes ipsam Ulixbonensem ciuitatem strenuissimè defensauit.

Deinde nobilis ciuitatis Conimbricæ anno Dñi 1385 iocundissimè sublimatus in Regem, per se & per suos bellicos proceres miranda exercuit guerrarum certamina: & pluries adversantium dominia, & terras intrando gloriosissimus triumphauit: & præcipuam, & Regiam circà istud Monasterium victoriam est adeptus: ubi Regem Castellæ Dominum Ioannem suorum maximo firmatum robore natiuorum, & plurium Portugallensium, & aliorum extraneorum fultum subsidijs iste invictissimus Rex, virtute Dei Omnipotentis potentissimè debellauit: & quamplures istius Regni munitiones & castra iam sub hostium redacta potestate, viribus recuperavit armorum, vsque in suæ vitæ terminum virtuosissimè protegendo. Et Deo recognoscens, gloriosissimæque Virgini Mariæ Dominæ nostræ potissimam victoriam, quam in vigilia Assumptionis obtinuit in mense Augusti, hoc Monasterium in eorum laudem ædificari mandauit, præ cæteris Hispaniæ singularius & decentius. Et soli Deo optans honorem & gloriam exhiberi, & tantum ipsi aut propter eum maioritatem fore cognoscendam, descri-

scriptionem quæ suorum prædecessorum temporibus in publicis scripturis sub Æra Cæsaris notabatur, decreuit sub anno Domini nostri Iesu fore de cætero annotandam. Hoc actum est Æra Cæsaris M. CCCC. LX. & anno Domini 1422 tempore aliter defluendo.

Ist fælicissimus Rex non minus reperiens quæ susceperat regna illicitis subiecta moribus, quàm sæuis hostibus, ipsa expurgauit cum diligentia salutari, & proprijs actibus virtuosis vsitata facinora extirpando: pullulare fecit in his Regnis probitates honestas: & solicitus ad pacem cum Christianis amplectendam, eandem ante proprium decessum pro se suisque successoribus obtinuit perpetuam. Et succensus fidei feruore iste Christianissimus Rex comitante eundem serenissimo Infante Domino Eduardo suo filio & hærede, & Infante Domino Petro, & Infante Domino Henriquo, & Domino Alfonso Comite de Barcellos præfati Regis filijs & ingenti suorum naturalium impauida sociatus potentia, cum maxima classe plus quam ducentis viginti aggregata nauigijs, quorum pars numerosior maiores naues & grandiores extitere triremes, in Africam transfretauit: & die prima qua telluri Afrorum impressit vestigia, nobilem & munitissimam ciuitatem Septam oppugnando in suam potestatem redegit mirificè, & postmodo eidem vrbi plusquam centum mille (vt asseritur) Agarenorum vltra marinis & Granatæ pugnatoribus obsessæ idem gloriosissimus Rex per suos illustres genitos Infantem Dominum Henricum, & Infantem Dominum Ioannem, & Dominum Alfonsum Comitem de Barcellos, & alios Dominos & generosos succursum misit: qui fugantes de obsidione Agarenos, quam plurimos in ore gladij trucidando, ipsorum classe submersione, incendio & captura conquassata, prædictam liberauit ciuitatem Septam, quam decem & octo annis minus octo diebus anno Domini 1433 in mense Augusti vigilia Assumptionis Sanctissimæ Mariæ Virginis terminatis aduersus bellicos Agarenorum multiplicatos insultus validissimè præsidiauit.

Mense autem & vigilia prædictis iste gloriosissimus Rex in ciuitate Vlixbonæ assistentibus suis filijs, & alijs quamplurimis generosis vitam fœliciter compleuit mortalem,

relin-

relinquens notabilem vrbem Septam ſub poteſtate altiſſimi potentiſſimique Domini Eduardi filij eius, qui paternos actus viriliter imitando, eandem in fide Ieſu Chriſti nititur proſperè gubernare. Iſte autem excellentiſſimus, & virtuoſiſſimus Rex Dominus Eduardus tranſtulit honorantiſſimè corpus Chriſtianiſſimi Regis patris ſui, aſſiſtentibus eidem ſuis germanis Infante Domino Petro Duce Collimbriæ & Montis maioris Domino, Infante D. Henrico Duce de Viſeo, & Domino Couillianæ, & Gubernatore Magiſtratus Chriſti: Infante Domino Ioanne Comiteſtabili Portugalliæ, & Gubernatore Magiſtratus Sancti Iacobi: & Infante Domino Ferdinando, & Domino Alfonſo Comite de Barcellos filijs præfati Regis Domini Ioannis, qui tempore ſui obitus alios non habebat, præter duas filias, quarum vna erat Domina Infans Eliſabet Duciſſa Burgundiæ, & Comitiſſa Flandriæ, & aliorum Ducatuum, & Comitatuum: & alia Domina Beatrix Comitiſſa Hontinto & Arondel, quæ in ſuis terris permanebant. Habebat autem Dominus Ioannes nepotes qui Dominicæ translationi affuerunt Dominum Alfonſum Comitem de Ourem, & Dominum Ferdinandum Comitem de Arrayolos filios Comitis de Barcellos: & habebat nepotem Dominum Infantem Alfonſum primogenitum Domini Eduardi, & alios nepotes, & pronepotes qui annumerati cum filijs erant viginti, tempore quo de præſenti ſæculo migrauit ad Dominum.

Affuerunt etiam huius translationis celebritati omnes qui tunc in Cathedralibus Eccleſis iſtorum Regnorum Prælati erant, & alij complures cum multitudine clericorum & Religioſorum copioſa: & Domini & generoſi huius patriæ, ciuitatum etiam & munitionum procuratores extitere præſentes. Fuit autem venerandiſſimè delatum Regium corpus eius ad iſtud monaſterium trigeſima die Nouembris anno Domini ſupradicto, & in Capella maiori cum excellentiſſima & honeſtiſſima, & chriſtianiſſima Domina Philippa eius vnica v ore prædictorum Regis Eduardi & Infantum, & Duciſſa Illuſtriſſima genitrice. Anno vero ſequenti die decima quarta menſis Auguſti fuere per Regem Eduardum & Infantes & comites prælibata corpora prædi-

ctorum

ctorum Regis & Reginæ Philippæ cum honore mirifico ad hanc Capellam delata, quam ædificari pro sua sepultura imperauit. Huic deductioni extitere præsentes altissima & excellentissima Princeps Domina Leanor horum Regnorum Regina, & Infans Domina Elisabeth Ducissa Collimbriæ, & Infans Domina Elisabeth vxor Infantis Domini Joannis, & præcipua pars Dominorum & generosorum istius terræ, qui interfuerunt sepulturis prædictorum Dominorum Regis & Reginæ, quibus Deus sua miseratione & pietate largiri dignetur sine fine fælicitatem. Amen.

CAPITULO XXIV.

Declarase em vulgar o Epitafio del Rey Latino.

PAreceonos acertado separar a traduçaõ vulgar deste elogio, assi por ser muy largo, como pera o acharem os curiosos cada hum por si distinto em sua lingoagem. O Portugues diz assi.

EM nome do Senhor jaz nesta sepultura o serenissimo, e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico, e em virtudes esclarecido Principe dom Joaõ, Decimo Rey de Portugal, e sexto do Algarve, e o primeiro entre todos os Christaons, que despois da perda geral de Espanha foy senhor da famosa cidade de Ceita em Africa. Naceo este excellentissimo Rey na muyto nobre, e muyto leal cidade de Lisboa no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e nella foy armado cavalleiro em idade de sinco annos por maõ do serenissimo Rey dom Pedro seu pay. E tomando à sua conta despois da morte del Rey dom Fernando seu irmaõ o governo da mesma cidade, e de muitas outras forças, que se lhe entregaraõ defendeoa valerosamente contra el Rey de Castella, que nove meses a teve cercada por mar com muy grossa armada, e por terra com grande exercito acometendoa com muytos, e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos Portugueses.

Sendo despois levantado por Rey na cidade de Coimbra com geral alegria no anno de 1385 fez por sua pessoa, e de seus Capitaens, grandes feytos em armas, e en-

e entrando muytas vezes polas terras de ſeus enemigos alcançou notaveis vitorias: e a principal, que teve, foy a que Deos lhe deu junto a eſte Convento, vencendo, e desbaratando em batalha campal a el Rey dom Joaõ de Caſtella, que trazia comſigo hum poderoſo exercito de ſeus vaſſallos, e vinha acompanhado de muytos Portugueſes, e outros eſtrangeiros que o ſerviaõ. E logo foy ganhando à força de armas muytas forças, e caſtellos, de que os enemigos ſe tinhaõ apoderado, que deſpois valeroſamente ſuſtentou, e defendeo por toda a vida. E conhecendo que Deos fora o que lhe dera a vitoria por interceſſaõ da glorioſiſſima Virgem Noſſa Senhora, que ſuccedeo na veſpera da ſua feſta da Aſſumpçaõ por Agoſto, mandou à ſua honra edificar eſte Convento, que he a melhor obra de toda Eſpanha. E com deſejos da mayor gloria de Deos, e pretendendo que ſó a elle ſe reconheceſſe neſte Reyno ſuperioridade em tudo, aſſentou que os annos, que polo tempo atràs ſe coſtumavaõ a contar nos autos, e inſtrumentos publicos pola era de Cæſar, ſe reduziſſem ao Nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto: e fez que começaſſe a correr eſta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dous em diante, no qual andava a era de Ceſar em M. CCCC. LX.

E achando eſtes Reynos naõ menos eſtragados de coſtumes, que desbaratados das inſolencias dos enemigos, poz diligencia em os emendar, e apurar deſterrando com ſeu exemplo, e obras ſantas todas as devaſſidoens, e maldades que geralmente ſe uſavaõ, e prantou, e fez florecer em ſeu lugar obras de virtude, honeſtidade, e honra. E procurando eſcuſar guerras com Chriſtaons deixou antes de ſua morte aſſentada com elles paz perpetua pera ſi, e pera ſeus ſucceſſores. E abraſado em fogo da fé paſſou em Africa com huma groſſiſſima Armada, em que avia mais de duzentas e vinte velas, a mayor parte nàos de grande porte, e galès Reaes: e foy acompanhado nella do Infante dom Duarte ſeu filho, e erdeiro, e dos Infantes dom Pedro, e dom Enrique, e do Conde de Barcellos dom Afonſo ſeus filhos, e de grande poder, e numero de animoſos vaſſallos: com os

quaes no mesmo dia em que poz os pès em terra de Mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima, e famosa cidade de Ceita. E pouco tempo despois vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes Mouros de Berberia, e Granada, e tendoa apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer polos Infantes dom Enrique, e dom Joaõ, e polo Conde de Barcellos seus filhos, e por outros senhores, e fidalgos: os quaes acometendo aos Mouros os fizeraõ levantar, e fugir com morte de muytos, e toda sua armada desbarataraõ, metendo muitos navios no fundo, queimando, e tomando outros: e assi livrou a cidade.

E avendo dezoito annos menos oito dias, que se compriaõ vespera da Assumpçaõ da Virgem Nossa Senhora do anno de 1433, que a tinha tomado, e fortificado bastantemente contra todo acometimento de enemigos: no mesmo dia mez, e anno acabou este gloriosissimo Rey bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos, e de grande parte da nobreza do Reyno, deixando a cidade de Ceita em poder do muy alto, e muy poderoso Rey dom Duarte seu filho, que à imitaçaõ de tal pay procura mantella, e governalla com estes Reynos na fé de Jesu Christo. O mesmo Rey dom Duarte tresladou com grande honra, e magestade o corpo del Rey seu pay, acompanhandoo seus irmaons o Infante dom Pedro Duque de Coimbra, e senhor de Montemòr, e o Infante dom Enrique Duque de Viseu, e senhor de Covilham, e Governador do Mestrado de Christo, e o Infante dom Joaõ Condestabre de Portugal, e Governador do Mestrado de Santiago, e o Infante dom Fernando, e o Conde de Barcellos dom Afonso filho do dito Rey dom Joaõ: o qual ao tempo de seu falecimento naõ tinha outros, se naõ duas filhas, que estavaõ casadas, e viviaõ em suas terras com seus maridos, huma a Infanta dona Isabel Duqueza de Borgonha, e Condessa de Frandes, e senhora de outros muytos estados, e outra a senhora dona Beatriz Condessa de Hontinton, e Arondel em Inglaterra. Assistiraõ mais nesta tresladaçaõ todos os netos, e bisnetos que avia del Rey

dom

dom Joaõ, a ſaber dom Afonſo Conde de Ourem, e dom Fernando Conde de Arrayolos filho do Conde de Barcellos. E tinha neſte tempo outro neto, que era o Infante dom Afonſo filho primogenito del Rey dom Duarte: os quaes contados com os filhos faziaõ todos numero de vinte peſſoas. Acodiraõ tambem, e foraõ preſentes todos os Biſpos que avia no Reyno com outros muytos Prelados com grande numero de Clerizia, e Frades, e os Senhores de terras, e Alcaides mòres, e Fidalgos gos particulares. Aſſi foy trazido o Real corpo com muita reverencia a eſte Convento: e entrou nelle aos trinta dias do mes de Novembro do dito anno: e foy ſepultado na Capella mòr com a Rainha dona Filippa ſua unica molher, e mãy Illuſtriſſima del Rey dom Duarte, e dos Infantes ditos. E no anno ſeguinte aos quatorze de Agoſto foraõ os corpos ambos com nova pompa paſſados a eſta Capella, que pera ſua ſepultura tinhaõ edificado. E acharaõſe preſentes a muy alta, e excellentiſſima Princeza dona Lianor Rainha deſtes Reynos, e as Infantes dona Iſabel Duqueza de Coimbra, e dona Iſabel molher do Infante dom Joaõ com a mayor parte dos Prelados, e nobreza do Reyno, atè ficarem recolhidos em ſuas ſepulturas. As almas tenha o Senhor Deos em ſua gloria. Amen.

Eſtaõ mais eſculpidos à cabeceira del Rey ſinco verſos latinos, que ſaõ os ſeguintes (e eſcuſamos traduzillos, porque naõ dizem couſa de novo mais que o Epitafio.)

Hoc tegitur tumulo fælix Rex ille Ioannes,
Magnanimus, pius, & cunctorum gloria Regum,
Militiæque decus, firmiſſima regula legum:
Qui tumidum Regem paruo cum milite fregit
Caſtellæ, & Septam ſibi magna claſſe ſubegit.

CAPITULO XXV.

Que contem huma parte da letra do Epitafio da Rainha dona Filippa, com sua significaçaõ.

MAs naõ nos corre menos obrigaçaõ de dizermos alguma cousa da Rainha dona Filippa, por molher de tal Rey, por mãy de tantos, e taes Infantes, e por suas grandes, e excellentes virtudes. O modo jà està achado, que he valermonos do Epitafio, que estavamos obrigados a referir, notado polo marido, mandado gravar polo filho, ambos Reys. E porque contem muyta leitura, da qual huma grande parte serve pouco neste lugar, por ser relaçaõ de geraçoens, e decendencias dos Reys de Inglaterra, lançaremos aqui sómente o que delle pertence à sua vida, e condiçoens, deixando o mais pera as Cronicas do Reyno. E tomado donde faz a nosso caso diz.

Hæc fælicissima Regina à puellari ætate, vsque in suæ terminum vitæ fuit Deo deuotissima: & diuinis officijs Ecclesiasticè consuetis tam diligenter intenta, quòd clerici & deuoti erant religiosè per eandem sæpius eruditi: in oratione autem tam continua, quòd demptis temporibus gubernationi vitæ necessarijs, contemplationi aut lectioni, seu deuotæ orationi totum residuum applicabat. Plurimum vero fidelissimè dilexit proprium virum: & moralissimè proprios filios castigando virtuosissimè doctinauit: & bona temporalia circà Ecclesias & monasteria distribuendo pauperibus plurima erogabat, generosis Domicellis maritandis manus liberalissimas porrigebat. Erat enim integra populi amatrix, & pacis plena desideratrix, & efficax adiutrix ad pacem habendam cum Christicolis vniuersis, & libenter assentiens in deuastationem infidelium pro Dei iniuria vindicanda: & tantum prona etiam ad indulgentiam, quòd nunquam accepit de sibi errantibus, nec consensit vindictam fieri aliqualem. Uirtuosissima ista Domina extitit fæminis maritatis bene viuendi regulare exemplar, Domicellis directio & totius honestatis occasio: cunctisque suis subiectis fuit curialis vrbanitatis moderatissima doctrix. In his autem & alijs quam plurimis perseuerando virtutibus, quarum plurimitatem huius lapidis humilitas nequiret vllatenus præsentare, dietim & continuè peruenit ad istius viuendæ mortalis limitem ordinatum: & sicut eius vita fuit optima & valde sacra, sic mors extitit pretiosa in conspe-

ctu Domini, & nimium gloriosa: & receptis laudabiliter omnibus Ecclesiasticis Sacramentis proprios filios benedixit commendans eisdem quæ intendebat fore ad Diuinum obsequium & honorem & profectum istorum Regnorum, & quæ in eis sperabat causatura crementum indubiè: virtuosissimè, taliterque huius mundi labores finaliter adimpleuit, quòd præsentes qui relata audierunt firmam suæ saluationis spem retinent singularem. Obijt autem decima octava die Iulij anno Domini 1415 *& in monasterio de Odiuellis ante Chorum Monialium decima nona die mensis eiusdem extitit sepulta: & anno sequenti mensis Octobris die nona fuit pretiosum corpus eius desepultum, integrum inuentum & suauiter odoriferum, & per victoriosissimum Regem Dominum Ioannem eius coniugem, & per serenissimos Infantes, scilicet, Dominum Eduardum suum primogenitum, & Dominum Petrum Collimbriæ Ducem, & Dominum Henricum Ducem Viseensem, & Dominum Ioannem, & Dominum Fernandum, & Infantem Dominam Elisabeth ipsius gloriosissimi Regis, & fælicissimæ Reginæ filios sociante Prælatorum, & Clericorum, & Religiosorum copia numerosa, & Dominis & generosis Dominabus & Domicellis quamplurimis comitantibus, fuit corpus dictæ Reginæ honorandissimè transiatum ad istud Monasterium de Victoria: & tumulatum in capella maiori & principaliori, die mensis Octobris decima quinta anno Domini* 1416: *& posteà fuit translatum ad hanc capellam in hoc tumulo reconditum cum corpore gloriosissimi Regis Domini Ioannis sui coniugis virtuosissimi sub illa forma quæ in suo epitaphio continetur. Horum autem personas Deus Omnipotens glorificare dignetur perpetua fælicitate. Amen.*

Esta he a parte, que nos pareceo tresladar aqui do epitafio da Raynha dona Filippa. E pera se entender melhor a traduçaõ, he de saber, que o Duque Joaõ de Lencastre filho del Rey Duarte de Inglaterra ouve este Ducado por casamento com dona Branca unica filha, e herdeira do Duque Anrique ultimo possuidor delle. E desta dona Branca teve filhos, que foraõ Anrique Rey de Inglaterra Quinto deste nome, e a nossa Rainha dona Filippa: a qual o mesmo pay trouxe a este Reyno pera casar com el Rey dom Joaõ, em huma poderosa Armada, com que veyo fazer guerra aos Reynos de Castella que pretendia

tendia herdar, como patrimonio de sua segunda molher filha del Rey dom Pedro de Castella, que chamaraõ o Cruel. E o casamento se fez sendo el Rey dom Joaõ de idade de vinte e nove annos, e ella de vinte e oito. E despois de terem muitos filhos, fazendose el Rey prestes pera yr sobre Ceita, ella lhe pedio licença pera ficar recolhida com as freiras de Odivellas: onde adoeceo logo, e faleceo antes de se effeituar a jornada: e he fama, que na hora de seu transito a consolou a Virgem Nossa Senhora com sua gloriosa vista: e com este prologo passemos à traduçaõ, que he a seguinte.

ESta felicissima Raynha desde sua mininice atè o fim da vida foy muito dada a Deos: e era taõ pratica, e bem instruida na reza, e Officios Divinos da Igreja, que acontecia muitas vezes advertir com Real benignidade, e insinar algumas cousas a Sacerdotes letrados, e devotos. Na oraçaõ era taõ continua que fóra do tempo que lhe tomavõ as occupaçoens forçosas da vida, todo o restante empregava em contemplar, ou ler, ou rezar. A el Rey seu marido amou sobre todo encarecimento: a seus filhos criou em toda a virtude, e bons costumes, com doutrina, reprensaõ, e castigo. Suas rendas particulares despendia com Igrejas, e Mosteyros, e à gente pobre fazia grossas esmolas: mas pera casamentos de donzellas nobres dava tudo, e com grande largueza. Do povo em geral era muito amiga, ninguem desejava mais a paz, ninguem com mais efficacia a persuadia, procurando que a ouvesse entre os Chrestaons, e tomando bem fazerse guerra aos infieis, em vingança das offensas que fazem a Deos. E com isto era tanta sua mansidaõ, que por erros cometidos contra sua pessoa nunca maltratou, nem consentio que fosse ninguem maltratado.

Foy esta senhora hum modello, e regra de virtude conjugal pera casadas, guia, e insino pera donzellas, meyo, e occasiaõ de toda a honestidade pera o Reyno: e porque naõ faltasse em nada, tiveraõ nella os que a serviaõ huma mestra muy discreta, e grave da graça, e galantaria de palacio, e de toda a politica cortezam. E continuando nesta, e noutras muitas virtudes (de que esta pedra por grande que fora, naõ era capaz), e crecendo cada dia, e adiantando nellas, chegou ao prazo ordinario da

da vida mortal: e como a ſua foy ſempre muito boa, e ſanta, aſſi a morte nos olhos de Deos foy precioſa, e muito bemaventurada. Recebidos devotamente todos os Sacramentos da Igreja, lançou a bençaõ a ſeus filhos; e encomendando a cada hum o que entendia que convinha ao ſerviço, e honra de Deos, e proveito deſtes Reynos, e aquillo que eſperava lhes foſſe occaſiaõ de acrecentar, e melhorar na virtude, de tal maneira deu remate aos trabalhos do mundo, que tanto nos que ſe acharaõ preſentes, e foraõ teſtimunhas de viſta, como nos auſentes que a relaçaõ ouviraõ, deixou huma firme, e muy aſſentada opiniaõ, que eſtà gozando de Deos. Faleceo a dezoito de Julho de 1415, e foi ſepultada no dia ſeguinte no Antecoro das Freiras de Odivellas. E ſendo deſenterrada no anno adiante em nove de Outubro, foy achado ſeu corpo inteiro, e ſem corrupçaõ, e acompanhado de ſuave cheiro, e foy trazido a eſte Convento polo victorioſiſſimo Rey dom Joaõ ſeu marido, e polos ſereniſſimos Infantes, a ſaber, dom Duarte ſeu filho primogenito, dom Pedro Duque de Coimbra, dom Anrique Duque de Viſeu, dom Joaõ, e dom Fernando, e dona Iſabel filhos delle, e della: ſendo acompanhados de grande numero de Prelados, e Clerigos, e Frades, e de todos os ſenhores, e fidalgos da Corte, e de muitas donas, e donzellas illuſtres que ſeguiaõ a Infante dona Iſabel: e em quinze de Outubro do anno de 1416 ficou depoſitado na capella mòr, donde foy deſpois tresladado a eſta capella, e ſepultura em companhia del Rey ſeu marido, na fórma que no epitafio do dito Rey ſe declara. Ambos tenha o Senhor em ſua gloria. Amen.

Aqui pertence advirtirmos aos curioſos, que querem rezaõ de tudo, que a letra de huma pedra que parece na Igreja à entrada da porta traveſſa contem hum breve epitafio Latino deſta ſanta Rainha pera memoria da ſua primeyra tresladaçaõ pera eſta Igreja, que fica contada, em quanto tardava a ſegunda pera a ſua capella, que foy muitos annos deſpois.

CA-

CAPITULO XXVI.

De hum caſo milagroſo, que ſe vio em Lisboa em hum Officio ſolene de exequias celebrado pola alma del Rey dom Joaõ o Primeyro.

FAltava pera ultimo comprimento das boas venturas del Rey dom Joaõ ſabermos que gozava da mayor de todas, e ſem a qual todas as do mundo ſaõ fumo, e vaidade: e porque eſta lhe naõ faltaſſe, e diſſo tiveſſemos hum ſinal dos que humananamente fazem em ſemelhantes caſos grande prova, ordenou a Divina Providencia, que coſtumando el Rey dom Duarte celebrar todos os annos ſolenes honras por ſua alma (como ainda hoje ſe fazem na veſpera de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ) ſuccedeſſe caſo taõ prodigioſo em hum Officio que ſe fez no terceiro anno deſpois de ſeu falecimento na Sè de Lixboa, que geralmente foy avido por obra do Ceo, e teſtimunho de ſua gloria: e como tal ſe autenticou por mandado do Arcebiſpo de Lisboa dom Pedro de Noronha filho mais velho do Conde de Gijos, Norvenha, e irmaõ do Conde primeiro de Alcoutim que fundou a caſa dos Marquezes de Villa Real. E porque foi juſtificado com fé de teſtimunhas, e delle ſe paſſaraõ inſtrumentos publicos, devemos à boa memoria deſte Rey, a quem o conſentimento commum por ſuas obras deu eſte nome, de boa memoria, pormos aqui hum treslado em lugar de relaçaõ. E he o que ſe ſegue.

EM nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, e Eſpirito Santo. Sejaõ certos quantos eſte publico eſtromento virem, que no anno do nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1437 annos quatorze dias de Agoſto em a muy nobre, e leal cidade de Lixboa, na Igreja Metropolitana da dita cidade, eſtando ahi o muito honrado, e prezado ſenhor dom Pedro de Noronha Arcebiſpo deſſa meſma cidade, e Joaõ Rodriguez Dayaõ Nuncio Apoſtolico, e Collector Geral, e Afonſeanes Chantre, e Gonçalo da Sylveira Theſoureiro, e Apoſtolico Protonotario, e Afonſo Gonçalvez Meſtreeſcola, e Rafael Pereſtrello, e Gomes Paez em Degredos Licenciado Conegos, Beneficiados da dita Igreja. O muito honrado Pedreanes Lobato Cavalleiro, e Governador da caſa do Civel, e Diogo Afonſo Doctor utriuſque iuris do Deſembargo del Rey, e Gonçalo Gonçalves Camello Chanciler da caſa do Civel, e outras muitas honradas peſſoas, aſſi Eccleſiaſticas como ſegraes, em preſença de mim Alvaro Afonſo Notario,

tario, e pessoa publica por autoridade Real na dita cidade, e testimunhas ao diante escritas, o dito senhor Arcebispo disse: Muitas santas graças, e louvores sejaõ dadas ao muito alto Deos por quem elle he, e a sua Santa Madre a Virgem gloriosa Santa Maria, por querer demostrar a nòs peccadores o galardaõ que dà a seus devotos, e servidores por demonstraçaõ de milagres a olhos vistos, e palpaveis. E como assi seja, que o muito alto, e mui poderoso, e esclarecido, e temido el Rey dom Duarte, cujo estado com longa vida seja acrecentado, tem ordenado des o apartamento que o mui vitorioso, e de toda a virtude comprido el Rey dom Joaõ de boa memoria seu padre fez da presente vida, que segundo parece, fazerse em cada hum anno solenes exequias no dia que fez seu acabamento, que foi aos quatorze de Agosto 1433 *começarense as vesperas das ditas exequias, em as quaes ordenou serem acesos em o altar principal da dita Igreja seis cirios, cada hum de peso de huma livra de cera, e que acabadas as ditas vesperas se acendessem vinte e quatro tochas, cada huma de peso de terço de arroba, e se darem a vinte e quatro beneficiados da dita Igreja, que as tivessem acesas em quanto se dissesse o derradeiro responso, assi às ditas vesperas como em o outro dia á Missa: as quaes foraõ celebradas especialmente com ajuntamento de toda a clerezia, e Religiosos da dita cidade. E acabadas as ditas exequias Gregorio Alvares meyo Conego da dita Igreja que entom recebedor era da cera do dito Cabido, por saber como usavaõ os officiaes do dito senhor Rey em darem os ditos cirios, e tochas, fez pesar os ditos seis cirios que no altar principal acesos foraõ, e achou que pesavaõ assi queimados seis livras e meya: e por se fazer certo demandou Diogo Lourenço Cerieiro, que fizera os ditos cirios, quanto pesavaõ, disse que pesaraõ seis livras. E com este dito se veyo a nòs onde eramos no Mosteyro de Santa Maria da Graça, da Ordem de Santo Agostinho com o dito senhor Rey, em companhia da procissaõ, que ordenada he em cada hum anno fazerse em louvor da Virgem da Graça, por a vitoria da batalha Real, que ella quiz demostrar, e dar ao dito Rey dom Joaõ: referendonos o que dito he, mandandolhe*

que fizeſſe vir perante nos o dito Cerieiro, o qual veyo, e dentro na Sacriſtia da dita Igreja, preſente os ſobreditos, demos juramento ſobre os Santos Evangelhos ao dito Cerieiro que diſſeſſe a verdade: o qual polo dito juramento diſſe, que quando entregara os ditos ſeis cirios com vinte e quatro tochas, que os cirios peſaraõ ſeis livras, e as tochas oito arrobas: e que o achariaõ eſcrito no livro do peſo publico do Conſelho, hu foraõ peſados, e eſcritos no livro da impoſiçaõ da cera; e ainda eſcrito por Joaõ Alvrez eſcrivaõ do teſouro do dito ſenhor Rey: os quaes ſeis cirios feitos polo dito Cirieiro aſſi queimados, e preſente nòs, e as ditas peſſoas peſaraõ ſeis livras e meya: e mandamos peſar as tochas, e referido o peſo por peſſoas dignas de fé, e polo dito Cerieiro, e officiaes que peſaraõ as queimadas as ditas oito arrobas, como peſavaõ antes que aceſas foſſem. E viſto por nòs todo eſto, com acordo do noſſo Cabido, e com Doctores, e Letrados, e outros virtuoſos, e entendentes peſſoas que preſentes eraõ, concludimos ſer feito eſto miraculoſamente por o muito alto Deos, por petitorio de ſua Madre Virgem glorioſa, cujo devoto ſervidor o dito Rey ſempre foy. E em teſtimunho dello mandamos tanger todos os ſinos da dita cidade. Sendo a nòs pedidas cartas teſtimunhaveis, as quaes lhe mandamos dar de noſſo ſinal, e ſello: e a mim dito Notario pedidos hum, e muitos eſtromentos. Teſtimunhas que a eſto preſentes foraõ os nomeados no dia, mez, anno ſobredito. E eu dito Alvaro Afonſo Notario publico por autoridade Real em a dita cidade, que eſte eſtromento eſcrevi por mandado, e requerimento do dito ſenhor Arcebiſpo, e dou minha verdadeira fé que ſe paſſou preſente mim o que ſi ſo he, como em eſte eſtromento ſe contem. Nom ſeja duvida o reſpanſado, que diz, com o dito ſenhor Rey em companhia da prociſſaõ que ordenada he em cada hum anno fazerſe em louvor: que eu dito Notario o corregi aõ concertar. E porem em teſtemunho de verdade aſſinei aqui por minha maõ do meu publico ſinal que tal he.

Eſte ſucceſſo de crecer a cera, ou naõ ſe gaſtar nada, ou gaſtarſe em taõ pouca quantidade, que lançada conta ao tempo que ſervio ardendo, parece exceder os termos naturaes, he

hum argumento nos Officios dos fieis defuntos, de que ordinariamente se faz muito caso, junto com a boa opiniaõ que deixaõ de vida, e costumes, pera se consolarem os que os amaõ, e se ratificarem no juizo que de suas obras faziaõ, avendo que tem por ellas galardaõ de Gloria. Alguns semelhantes deve ter encontrado o leitor no que fica atràs escrito, e outros acharà no que resta desta historia: porque naõ he bem deixarmos nada do que achamos apontado em credito, e honra daquelles de quem escrevemos. Mas podese fiar de nòs, que em todos fizemos as diligencias que està obrigado quem sae a publico, e deseja naõ ser julgado, ou por facil em crer, ou por temerario em contar.

CAPITULO XXVII.

Do nacimento do santo Infante dom Fernando: e de sua religiosa vida, e santos costumes.

SEgundo a ordem que atè este ponto vamos seguindo de contar tudo o que achamos digno de memoria por qualquer via que seja em cada Convento: naõ pedirei perdaõ do titulo que damos ao capitulo presente. Porque onde concorre santidade, e pessoa Real, e tocarnos taõ de perto como em filho do fundador, e em Principe deste Reyno: e tal Principe que polos naturaes delle offereceo sua pessoa a hum duro cativeiro, e em fim deu a vida porque se naõ desse aos Mouros huma cidade importante: tudo convida a afinar em seu serviço o estilo, naõ só a referir o que lhe toca polo termo ordinario que levamos. Que se Roma estimou tanto os seus Decios, que naõ acaba de os pòr no Ceo com louvores, porque souberaõ disfraçarse pera se lhe perder o respeito entre os enemigos, e poderem com sua morte fazer seus exercitos vencedores. E se a mesma Roma fez igual caso de hum Regulo, porque se atreveo a aconselhar no senado que naõ resgatasse cativos sendo elle que o aconselhava, hum delles (e naõ eraõ os Decios nem Regulo mais que huns cidadaons ordinarios ainda que muito nobres) com que pagaremos nòs ao Infante dom Fernando filho, e irmaõ de Reys, que se entrega aos enemigos da fé por salvar os seus que vè perdidos: e despois aconselha que se naõ entregue Ceita estando na entrega della o remedio de sua vida, e liberdade? Com toda esta obrigaçaõ procuraremos abreviar suas cousas, assi porque andaõ livros dellas, como por tomarmos brevemente ao sojeito principal que temos à nossa conta de Religiosos de S. Domingos.

M. Tullius l. 2. Tuscul. Valer. Max. l. 5. c. 6.

Valer. Max. l. 1. c. 1. Horat. Carm. l. 3. Od. 5.

Foi este Infante ultimo filho del Rey dom Joaõ, e da Rainha dona Filippa. Naceo em Santarem no anno de 1402 quasi por milagre. Andava a Rainha prenhada, adoeceo taõ gravemente, que foi parecer dos medicos, que morreria do mal, se naõ procurasse abortar a creatura, que em suas entranhas trazia. Offereceolhe el Rey seu marido de sua maõ huma bebida composta pera o effeito: mas esteve taõ longe de a tomar, que quanto mais certificada foi de sua morte, se tardava em a levar, tanto com mayor valor a en-

1402.

engeitou. Agradou eſte animo a el Rey, mandou trazer Reliquias de Santos, dar eſmolas, fazer oraçoens. E por tal caminho deu Deos vida, e bom parto à enferma a peſar da medicina: e com elle hum filho que alegrou a Corte, e o Reyno (quaſi pronoſtico do muyto que deſpois avia de fazer polo meſmo Reyno.) Como filho de dores, e perigo aſſi foi amado da Rainha pera o criar com dobrado cuidado: e como avido por oraçoens, e ſacrificios aſſi ſayo em condiçoens huma criatura celeſtial. Deſde moço ſe entregou todo a Deos com exercicios religioſos de ſorte, que ſendo de quatorze annos rezava o Officio Divino como hum Sacerdote. E pera ſe deſviar do trato ordinario da Corte, e conſervar a precioſa joya da caſtidade, e pureza que toda a vida amou, e guardou, ſahia raramente de caſa, occupando todo o tempo, ſem dar hora à ocioſidade, em lèr e eſtudar: e da hy veyo que foi bom Latino, e na Sagrada Eſcritura taõ verſado, que parecia mais graça do Ceo, que força de eſtudo.

Obrigouo el Rey ſeu pay a mais cuidado dandolhe cedo caſa, e eſtado, e rendas particulares com duas villas, que foraõ Salvaterra de Magos, e a Atouguia. Aqui começou a deſcobrir huma prudencia, e ſiſo de velho. Bem ſe diz que naõ ſe mede a velhice por cans, nem por annos, ſe naõ polo ſaber. Era ſua caſa hum reformado Convento na vida dos moradores, no governo, e concerto das couſas. Poſſuhia menos renda que ſeus irmaons, como menor que era de todos, mas luzialhe muito mais. Em particular era de ver a ordem de ſua capella na ſolenidade com que fazia celebrar os Officios Divinos, na virtude dos Capellaens, na eſcolha dos Prègadores, na prata, paramentos, e ornato della. Creceo deſpois tudo com a renda que el Rey dom Duarte ſeu irmaõ lhe acrecentou fazendoo Meſtre de Avis. Aqui he de conſiderar que naõ pode el Rey acabar com elle, que aceitaſſe eſta dignidade ſem primeiro lhe aver diſpenſaçaõ de Roma. Porque dizia, que ſua tençaõ naõ era ſer Religioſo, e ſendo leigo tinha eſcrupulo de gozar rendas Eccleſiaſticas. Tal foy a pureza de ſua conſciencia, que naõ ſó eſtes bens refuſava, mas he certo que nunca quiz aceitar de ſeu irmaõ fazendas confiſcadas, por mais juſtificada que foſſe a cauſa da confiſcaçaõ. E naõ eſpantarà iſto deſpois que diſſermos a vida que fazia em particular. Jejuava infallivelmente cada ſemana tres dias, quartas, e ſeſtas, e ſabados: e os ſabados eraõ a paõ, e agua. Todas as vigilias das feſtas de Chriſto, naõ comia mais, que paõ, e agoa, e por mais humildade, e mortificaçaõ naõ queria que o paõ foſſe alvo. O meſmo fazia nos tres dias antes da Paſcoa, e neſtes aſſiſtia ſempre na Igreja diante do Santiſſimo Sacramento. Muitas outras feſtas do anno, e Santos de ſua devaçaõ jejuava as veſperas, e algumas tambem a paõ, e agoa: entre as quaes eraõ todas as vigilias de Noſſa Senhora por particular devaçaõ que lhe tinha. E he de notar, que ſendo tantas abſtinencias poderoſas pera desbaratarem huma com-

Sap. 4.

complexaõ muy robusta, era a do Infante naturalmente muito delicada, e fraca: porque desde seu nacimento foi sempre perseguido de achaques, e particularmente padecia grande mal de coraçaõ. Assi se via que todas estas obras naciaõ de força de espirito, e lhe ficavaõ mais custosas que a qualquer outro sojeito. Ao Sanctissimo Sacramento tinha tanta reverencia, que alem de acodir prontamente a acompanhallo quando o levavaõ aos enfermos, naõ se contentava com menos que levar huma tocha diante. E pola mesma rezaõ naõ consentia que lhe falassem na Igreja, nem dava nella audiencia a pessoa alguma. Da mesma causa procedia respeitar muito toda a gente Ecclesiastica, e Religiosa, e ser com ella facil, e affavel, e muito mais com os que sabia serem virtuosos, e devotos. Compadeciase muyto dos pobres, e affligidos, e ouvia suas lastimas com muita paciencia, e consolavaos de palavra, e obra, de maneira que jà era publico que ninguem sahia de sua presença descontente. Aos Mosteyros tinha particular gosto de acodir com suas esmolas, e ajudallos nos Capitulos, pera participar de seus suffragios: e estendendo a charidade a mais alto ponto, mandava celebrar muitas Missas por cativos, e naufragantes, e enfermos, especialmente lazaros de que muito se dohia. E em fim o dizimo de todas suas rendas de cada anno empregava em esmolas, e obras pias. E era tal a fama que de suas virtudes, e prudencia no Reyno, e fóra delle corria, que o Papa Eugenio Quarto lhe mandou offerecer o capello de Cardeal por hum Abbade da Camaldula de Florença, que veyo por Nuncio a Portugal, e elle o naõ aceitou pola rezaõ que temos dito de que naõ determinava ser religioso. Pola mesma causa lhe davaõ seus filhos com muyto gosto, os fidalgos mais illustres do Reyno pera o servirem, e se criarem em taõ santa escolla como sabiaõ que era sua casa.

CAPITULO XXVIII.

Embarcase o Infante na jornada de Tangere, e chegando o Campo a ponto de se perder, offerecese a ficar em poder dos Mouros, polo salvar.

TRinta e quatro annos tinha o Infante comprido na vida, e exercicios que atràs temos dito quando el Rey seu irmaõ determinou mandallo com huma poderosa armada sobre a cidade de Tangere. Era jornada cheya de inconvenientes, e por isso encontrada de todos os homens de bom juizo: e o Infante era hum dos que mais a reprovavaõ. E el Rey fazendo General della ao Infante dom Anrique mandouo embarcar com elle. Na hora que soube a vontade del Rey dispozse ao servir com gosto, mas contra seu entendimento. E porque este lhe pronosticava dentro em sua alma o successo que avia de ter ordenou logo as cousas de sua conciencia, como se ao sabido fora a morrer. E considerando que tinha grande familia de criados, huns que o naõ podiaõ acompanhar, e outros a que tinha obrigaçaõ de satisfazer serviços passados, pedio a el Rey quizesse

zesse satisfazer a todos em caso que elle Infante acabasse na jornada, polo que valia sua recamara, e baixella: e ao que isto naõ chegasse suprisse Sua Alteza das rendas da Coroa por cujo serviço se arriscava: porque assi iria mais quieto em sua conciencia, e entraria com mais gosto em todo perigo. Respondeolhe el Rey à vontade, e nesta conformidade ordenou seu testamento mandando dizer muitas Missas por todos os mosteyros antes de sua partida, e repartindo grossas esmolas entre pobres. E por lhe naõ ficar nada por fazer do que a huma muyto escrupulosa conciencia se podia representar, escreveo às Justiças dos lugares, onde por algum tempo residira, que fizessem pregoar se ouvesse algum queixoso de perda, ou dano, ou divida, ou agravo que de sua casa, ou criado se ouvesse recebido, acodissem a certos ministros, que pera isso deputou, e seriaõ inteiramente satisfeitos. E ajuntou huma clausula de animo verdadeiramente Christaõ, e humilde, dizendo que em caso que ouvesse queixas de tal calidade, que com dinheiro se naõ pudessem satisfazer, pedia a todos lhe perdoassem por amor de Deos. Com estas prevençoens muito antes feitas se embarcou huma manham despois de receber a santa Communhaõ em Nossa Senhora da Escada de maõ do Padre Frey Gil Mendes da Ordem de S. Domingos, que por seu confessor levava: e no mesmo dia se fez à vèla com toda a armada em vinte e seis de Agosto do anno de 1437.

1437.

Como o Infante padecia de ordinario segundo temos dito achaques, e indisposiçoens de natureza fraca, com que sahio do ventre de sua mãy, effeitos da doença que em sua prenhez padeceo: logo lhe fizeraõ abalo os cuidados da jornada, e acodiolhe huma defluxaõ de humor a huma perna, que sendo de tal calidade que em qualquer outra pessoa estorvara o entrar no mar: elle a dissimulou, e encobrio: e a dissimulaçaõ lhe causou muyto dano. Porque vindolhe a furo no mar foy necessario tomar Ceita pera se curar, e ahy correo perigo de morte por grandes acidentes de dores, e febres ardentes. Com tudo como era filho de seu pay na viveza do espirito, sintindo huma leve melhoria se foi com a postema ainda aberta em huma galè a Tangere. Achou o nosso Campo em terra que se hya fortificando com suas trincheiras, e tinha ja dado alguns assaltos à cidade: tomou logo parte no trabalho, como se chegara muyto saõ, e acodindo aos assaltos dos Mouros que logo se começaraõ a receber muyto a miude, porque se juntou tanta multidaõ delles que de acometidos se fizeraõ acometedores. Aqui aconteceo ao Infante pelejar muitas vezes por sua pessoa, e trabalhar, e cansar tanto que era espanto a todos, mas mayor aos seus que sabiaõ do mal, que ainda padecia, o qual lhe causava tornar ardendo em febre quando vinha a descansar. Creciaõ entre tanto os Barbaros de todas as partes em tanto numero, que como hum diluvio assi cobriaõ montes, e valles. Aponta a historia que só de cavallo eraõ noventa e seis mil, e os de pè passavaõ de seis centos mil, numero ao parecer im-

impoſſivel, ſe o naõ acreditaraõ as Cronicas antigas de Eſpanha falando da facilidade com que ſe juntavaõ eſtes Barbaros contra Chriſtaons. Morriaõ infinitos em todos os acometimentos às maons dos Portugueſes, mas nunca ſe ſintia falta nelles, e os noſſos hiaõ diminuindo tanto à preſſa, que tudo eraõ mortos no arrayal: e como he ordinario na guerra, acabavaõ os melhores, e deſtes eſtava tambem grande multidaõ inutil, huns de feridas, e outros de doenças. Aſſi foy o negocio dando volta, e moſtrando taõ differente roſto, que começou a entrar deſconfiança entre os noſſos. Porque ſobre os aſſaltos que a toda hora recebiaõ dos Mouros, ſem terem momento livre pera repouſar de dia nem de noite, ſuccedendo huns a outros, e acudindo ſempre gente nova, e de refreſco foraõ faltando mantimentos, ou porque naõ lançaraõ em terra quantos eraõ neceſſarios pera hum cerco dilatado, ao deſembarcar: ou porque fizeraõ conta de os aver por ſeu br ço tomando a cidade de aſſalto, como lhes tinha acontecido em Ceita. E he mais de eſpantar a falta, porque de quatorze mil combatentes, que por livro embarcaraõ em Lisboa eraõ conſumidos neſtas brigas, e trabalhos a mayor parte. Vendoſe os Infantes neſte aperto, e que naõ eſtavaõ em termos de poder eſperar bom ſucceſſo da empreſa detendoſe: e ſe quiſeſſem retirarſe, como pedia o eſtado das couſas, naõ era poſſivel embarcar ſem evidente riſco de ſe perderem todos; porque em pouco mais de hum mez eſtavaõ reduzidos a termos que naõ avia mais de tres mil homens que pudeſſem tomar armas: aſſentaraõ por ultimo remedio tratar de algum meyo de paz. Era Senhor de Tangere Salabenſala, que ainda que ſe via livre do perigo primeiro, e tinha por certo que dos noſſos lhe naõ eſcaparia homem com vida, de boa vontade deu ouvidos ao trato, com os olhos na honra que ganharia entre os Mouros ſe alcançaſſe por eſte meyo a reſtituiçaõ de Ceita. Juntouſe eſta cobiça com a noſſa neceſſidade: foy facil o acordo. Aſſentouſe que o exercito Portuguez, ou reliquias delle, ſe embarcaſſe com armas, e muniçoens, e bagagem: com partido que a cidade de Ceita ſe entregaria, ficando em poder do Mouro pera fiador hum dos Infantes: e Salabenſala daria hum filho pera ſegurança da embarcaçaõ dos noſſos: em troco do qual ficariaõ por arrefens em poder dos Mouros quatro fidalgos. Fizeraõſe as capitulaçoens de parte a parte com muitas lagrimas do pouvo, mas com grande animo do Infante dom Fernando, que por ſalvar a todos, e a peſſoa de ſeu irmaõ, naõ ſó ſe offereceo de boa vontade, mas com alegria. Veyo tomar entrega delle, e dos fidalgos Salabenſala rebentando de ſoberba, e vamgloria, e deixou juntamente aos noſſos ſeu filhos mais velho, que foy logo levado às nàos.

CA-

CAPITULO XXIX.

Fazse a entrega do Infante aos Mouros, levaõno a Tanger: e de Tanger a Arzilla, e a Fez. Contase a vida que fazia nestas terras, e os trabalhos, e afrontas que padeceo

FOy a entrega do Infante em dezeseis de Outubro deste infelice anno de 1437, mandoulhe trazer o Mouro hum cavallo, seguiraõno a pè os quatro fidalgos, que eraõ Aires da Cunha, Joaõ Gomez do Avelar, Pero de Ataide da casa, e serviço do Infante, e Gomez da Silva Comendador de Noudar. Foraõ mais com elle pera o servirem Rodrigo Estevẽs seu amo, Frey Gil Mendes da Ordem dos Prègadores seu confessor, Joaõ Rodriguez seu colaço, Joaõ Alvarez seu secretario, mestre Martinho fisico, Fernaõ Gil guarda roupa, e Joaõ Vazques seu cozinheiro mòr, que todos merecem ficar em lembrança nestes escritos por companheiros dos infortunios, e trabalhos de tal Principe. Com esta companhia entrou em Tangere, e foi metido em huma torre, onde tiveraõ a primeira noite tal hospedagem que bem anteviraõ logo as grandes infelicidades, que os esperavaõ, e em que por fim quasi todos acabaraõ. Gente fera, e barbara, enemiga de toda humanidade, e cortezia deleitavase em os ver padecer faltandolhes na primeira noite com a cama, e comida: facil penitencia pera o Infante, sintida só polo que tocava aos companheiros.

1437.

Na semana seguinte determinou Salabensala passallos a Arzila, e antes de partir quiz dar vista do Infante àquella multidaõ innumeravel que se lhe juntara de soccorro: e teveo posto em hum lugar alto feito alvo dos vituperios de povo infiel, rustico, e enemigo. Em Arzila naõ passou menos afronta. Acharaõ a villa embandeirada como de triunfo, e o povo todo no campo, que o recebeo com outros tantos oprobrios de molheres, e mininos. Offerecia o santo Infante tudo ao Rey das eternidades dandolhe graças por aquella adversidade; que como cria com viva fé lhe vinha de sua santa maõ pera bem de sua alma, por mimo a contava, e por favor. Sete mezes o tiveraõ em Arzila, e ainda que quasi sempre foi doente todo o tempo occupava em oraçaõ, e em jejuns, tirando de si pera empregar em manter pobres cativos, sustentando de secreto a muitos, e mandando vestir a outros por via de terceiros, e a outros resgatando que estavaõ em risco de negar a fé por cruezas, e opressoens de seus amos: e estes resgatados se achou que foraõ doze.

Entre tanto era grande o sentimento que em todo Portugal se fazia pola infelice jornada: mas sobre todo mal magoava geralmente que caisse a pior sorte sobre a melhor alma de todo o exercito, que era o Infante. Chamou el Rey a Cortes pera saber o que sentia o Reyno sobre se tornar Ceita aos Mouros, e alcançar o Infante sua liberdade. Assentouse que Ceita se naõ desse por nenhum caso, e que polo Infante se pagasse a dinheiro tudo o que os Mou-

Mouros pediſſem, ou ſe arriſcaſſe o Reyno, fazendolhes nova guerra. Obrigou a eſte parecer aquella junta geral de eſtados, o voto do meſmo Infante, que como verdadeiro Catolico, e amigo de ſua patria, advirtio em ſegredo a el Rey que trataſſe do mayor bem de Eſpanha, e mais honra de Portugal, antes que da vida de hum ſó homem, vida que em breve aviaõ de cortar, ou accidentalmente doenças, ou naturalmente poucos mais annos. Naõ quiz el Rey que ſe declaraſſe tal reſoluçaõ aos Mouros: e pera ſer mais occulta ſuſpendeo a entrega do filho de Salabenſala: o qual ou por tirar o Infante de lugares maritimos, ou polo obrigar a tratar de ſi com mais calor, determinou paſſallo a Fez, dandolhe por rezaõ que o tinha prometido àquelle Rey por ſeu priſioneiro pola vontade com que o viera ſocorrer: em caſo que lhe naõ tornaſſe Ceita: e pois os Chriſtaons tardavaõ em comprir o contrato, naõ queria elle fazer o meſmo em ſua palavra. E deixando ſó os quatro fidalgos, que eſtavaõ à conta de ſeu filho, mandouo levar a Fez com os que o ſerviaõ: dos quaes faltava jà o noſſo Frade Frey Gil Mendez ſeu Confeſſor falecido de doença, e do mào trato dos infieis.

Foy eſte caminho de novo tormento pera o Infante, e ſeus companheiros: porque nos lugares que paſſavaõ acodia a eſcoria do povo de todo eſtado, ſexo, e idade a maltratallos de palavra, e obra, coſpindolhes no roſto, tirandolhes com lodo, e com pàos, e pedras, fazendoos dormir na terra nua, e comer por onças. O Infante hia em hum rocim buſcado àſſinte pera mover a riſo, e eſcarneo, que de magro, e velho, e fraco naõ podia dar paſſo, a ſela, e freyo tudo feito pedaços. Neſta fórma entrou na cidade de Fez, onde, como a terra era mayor, e de gente mais livre, aſſi ouve mais injurias, e mais que merecer. Entrados no alcaçar del Rey, meteraõnos em huma ſala que chamavaõ do Conſelho, onde os fizeraõ deſcalçar, e aſſentar no chaõ. Daqui foraõ paſſados a huma torre, e recolhidos em huma caſa alta, na qual os emparedaraõ de maneira, que ſem candea ſe naõ podiaõ ver huns a outros: porque de pedra, e cal lhe taparaõ janellas, e freſtas, e ſobre tal recluſaõ avia gente de guarda que os vigiava. Neſta caſa paſſou o Infante quatro mezes conſolandoſe com Deos, porque tinha dentro hum capellaõ, e Miſſa todos os dias, e confeſſavaſe, e commungava a miude. Rezava ſuas horas Canonicas, que nunca deixou em quanto teve forças, e ajuntava mortificaçoens, e penitencias voluntarias à violenta, e forçada em que vivia: com que animava grandemente os ſeus, vendo hum corpo enfermo, e delicado poder com tanto. No cabo deſte tempo entrou o Alcaide na caſa, e mandouos carregar de ferros a duas bragas mui groſſas por cada hum: e logo lançallos fóra, e levallos à horta del Rey, dandolhes enxadas pera trabalharem. Foi o Infante o derradeiro nos ferros, e em quanto lhos lançavaõ deraõlhe os Mouros no pobre fatinho, ſaquearaõ, e levaraõ tudo: e arraſ-

raſtando as bragas, foy guiado à eſtrebaria del Rey. Aqui o eſperava o Alcaide Lazarac, que era quem mandava tudo na terra; e vendoo diſſelhe, que pois os Chriſtaons faltavaõ na palavra como trèdores em naõ tornarem Ceita, ſoubeſſe que era ſeu cativo: e como a tal lhe mandava curaſſe daquelles cavallos. O Infante reſpondeo gravemente com eſtas palavras: Os Chriſtaons nunca fizeraõ treiçaõ, nem cabe nelles tal nome: o que mandas farey, porque eſtando em teu poder, naõ perco niſſo honra, nem o ſervir me he vergonha: tu a deveras ter de tratar taõ vilmente quem ſabes que he filho de Rey. Logo lhe meteraõ na maõ huma vaſſoura, e outros inſtrumentos de eſtrebaria: e o Santo com muito ſoſſego, e humildade começou a entender no officio, varrendo as immundicias, e alimpando os cavallos. Sobre tarde foi tornado à caſa donde ſahira, na qual achou novo genero de tormento: ſoube que eraõ lançados na cova da maſmorra ſeus companheiros, e nella bem fechados. Entendeo que era quereremno, como ſuccedeo, apartar delles polo moleſtarem: cauſoulhe o apartamento grande pena; e ainda que de noite a aliviou algum tanto falandolhes de fóra, deraõlha os guardas no dia ſeguinte dobrada: porque o fizeraõ paſſar em amanhecendo a outro apoſento, pera que naõ viſſe os companheiros quando ſaiſſem a trabalhar. Iſto anguſtiou tanto ao Santo Infante, que lhe cauſou hum forte accidente, e tal, que os guardas dandoo por morto foraõ correndo dar aviſo a Lazarac. Bem conheceo o Mouro donde lhe nacia o mal, e mandou que lhe diſſeſſem, deſpois que tornou em ſi, que ſe queria eſtar em companhia dos ſeus, avia de ſer eſtirando os braços com huma enxada, e trabalhando como qualquer delles. Foi eſte recado pera o Santo huma medicinal epitima: aceitou a enxada como por alvitre, e foyſe com ella às coſtas aonde elles trabalhavaõ com paſſos alegres, ainda que cançados, e vagaroſos do peſo das bragas: viſta pera os companheiros planteada com lagrimas do coraçaõ. Mas o Santo ledamente lhes dizia, que junto com elles naõ avia mal que o canſaſſe, e mais queria ſuar alli, que deſcançar em ſua auſencia: e logo foi cavando de taõ boa graça, que os alegrava, e deſcançava: mas naõ paſſou adiante tal deshumanidade.

CAPITULO XXX.

Como foy paſſado a huma maſmorra, e deſpojado do veſtido, e cama. Contaõſe outras affliçoens que paſſou, atè lhe chegarem novas do falecimento del Rey ſeu irmaõ.

NO meſmo dia ſabendo Lazarac que o Santo trabalhava como qualquer dos ſeus, mandoulhe que largaſſe a enxada, acrecentando que tempo averia pera a menear ſe de Portugal tardaſſe bom deſpacho a ſeus negocios. Aſſi os acompanhou alguns dias. Mas naõ cabia na condiçaõ de Lazarac eſeſtar muito tempo ſem o aperrear. Reſidia em Fez hum mercador Malhorquim por nome Moſſem Chriſtovaõ de Xalon. Veyo à no-

à noticia do Mouro que provia este algumas vezes o Infante de cousas de comer, e dinheiro emprestado: mandouo ameaçar. Naõ se atreveo o mercador a continuar. Começaraõ os presos a padecer muito: porque a raçaõ, que tinhaõ, naõ era mais que dous paens secos por homem. Entre tanto buscou o mercador piadosos meyos pera em segredo os tornar a prover, que foy peitando ao Alcaide da prisaõ. Mas isto tambem, ou foy sintido, ou adivinhado: e mandouse publicar com pena de açoutes, que nenhum Mouro falasse com o Infante. E com lhe ficar tolhido por esta via todo o commercio dos que à conta de interesse lhe acodiaõ com recados do mercador, ou doutros cativos, ainda buscaraõ outro meyo de lho estreitarem mais. Este foy meteremno dentro na massmorra com os seus; e pera mayor tormento, sendo o lugar taõ estreito que agasalhava mal oito pessoas, meteraõ dentro tantos cativos mais, que vinhaõ a ser doze com elle, que era hum martyrio incomportavel.

Assi hia Deos aperfeiçoando aquella alma nesta fornalha de affliçoens, que o Santo passava com animo taõ constante, que se os companheyros de afadigados soltavaõ alguma palavra de impaciencia, elle os reprendia, lembrandolhes amorosamente, que naõ eraõ os Mouros mais que huns algozes, e executores dos mandados de Deos: que naõ perdessem o merecimento do que padeciaõ com attribuirem às creaturas o que por seu grande bem lhes mandava o Creador. Hum dia, lastimado do muito trabalho que passavaõ, queixouse a hum valido de Lazarac que achou na horta, e mandoulhe por elle lembrar, que aquelles homens naõ eraõ cativos, nem arrefens obrigados a cousa alguma, mas sómente criados delle Infante, que polo servirem quiseraõ ficar com elle: e era grande semrezaõ serem tratados com a pena que elle só merecia. Pareceo a queixa justa atè ao mesmo infiel; mas rendeolhe o que agora diremos. Vestia o Infante sobre gibaõ de fustaõ huma roupeta de panno preto forrada, e apertada, e cobria hum ferraroulo do mesmo, grande, e comprido: este lhe servia de capa entre dia, e de manta de noite, porque a cama naõ era mais que duas pelles de carneiro sobre a terra fria, cubertas com hum pedaço de alcatifa velha, e hum feixe de feno por travisseiro. Devia parecer aos Barbaros, que o mimo de tal vestido, e de tal cama lhe dava espiritos pera se resentir: levaraõlhe hum dia tudo, deixandolhe pera vestido, e cama hum pedaço de manta de burel.

Naõ tinha o corpo mais que padecer: começaraõlhe a dar sobresaltos na alma. Humas vezes levandolhe os companheyros a trabalhar longe, e fazendolhe crer que hiaõ a açoutar, quando mayor mal naõ fosse: outras mandoulhe dizer, que era conselho dos Alfaquis, que pera o quebrantarem, lhe tirassem de todo a vista dos criados. Ajuntaraõse de fóra novas causas de affliçaõ, e foy huma que pera perder de todo a esperança, que todavia tinha na bondade do seu Malhorquim, lhe saltaraõ em casa, e o despojaraõ de quanto ti-

tinha. Outra foi huma importunaçaõ de cartas, e queixumes continuos dos fidalgos de Arzilla, que naõ sofriaõ dilatarselhe a liberdade, quando pendia de cousa taõ leve, como era a troca do filho de Salabensala. Mas sobre todo mal, nenhum lhe foy mais pesado, que começaremlhe a adoecer os companheyros de pura fome, e cansaço corporal: e sendo elle o que mais que todos padecia, faziao dissimular com seu mal, e ser consolador dos alheyos, sua grande charidade, e a lembrança de quem era: animavaos, e aliviavaos feito seu enfermeiro, e faziaos comer do pouco que avia, obrigandoos com seu amor, e respeito. No mesmo tempo cansavase em responder aos de Arzilla, e em escrever em seu favor a Portugal, pedindo o remedio delles com mais instancia que o proprio seu.

Espanto era como se sustentava huma vida cercada de tantas tribulaçoens: mas vencendo todas com Real valor, e com esperança certa que em Portugal se naõ tratava em outra cousa mais que traças de sua liberdade, succedeo caso que de todo lhe derribou o sofrimento. Quando mais descuidado estava mandalhe dizer Lazarac, que era morto el Rey seu irmaõ: e porque naõ cuydasse que era fingimento seu, confirmoulhe pouco despois a triste nova com carta, que lhe veyo às maons pera o mesmo Infante, de Fernaõ da Sylva estribeiro mòr del Rey. Neste passo acabou o Infante de assentar consigo, que era chegado o fim de seu cativeiro, e juntamente de sua vida: e com tudo era tal sua bondade, que se dava por causa principal da morte del Rey, e isso lha fazia sentir mais. Despois de muitas lastimas, e prantos falou aos companheiros, encomendandolhes que tratasse cada hum de sua alma, fazendo conta da morte mais que da liberdade: porque elle des daquella hora naõ faria outra: e como el Rey seu irmaõ era morto, ordenaria logo novo testamento em que a elles sós faria seus herdeiros, porque os tinha por filhos, e esperava que morrendo elle teriaõ mais remedio.

CAPITULO XXXI.

De outras cruezas, e màos tratamentos que se fizeraõ ao Santo: e como adoeceo, e faleceo.

SEguimos na vida deste Santo a relaçaõ que della escreveo Joaõ Alvrez Cavalleiro da Ordem de Avis, que foy seu Secretario, e com elle residio em Fez, reformada despois polo Padre Frey Hieronymo Ramos da Ordem de S. Domingos. Mas advertimos ao Leitor, que segundo parece de huma carta que se mostra no Convento da Batalha escrita polo Infante, a qual por brevidade naõ trazemos aqui, a força dos trabalhos que passou, e temos contado, naõ succedeo se naõ do anno de 1441 em diante despois de doze do mez de Junho em que foi feita. Porque nella diz que atè entaõ nem trazia ferros, nem trabalhava, nem dormia em masmorra: e com esta advertencia passemos adiante. Morto el Rey dom Duarte, e governando o Reyno o Infante dom Pedro por el

el Rey dom Afonſo Quinto ſeu ſobrinho que ficou minino, ouveſe Lazarac por deſenganado da entrega de Ceita, e determinou vingarſe no Infante, e nos ſeus: e como entre os Mouros reyna hum erro antigo de que tudo ſe governa por fado, com que os ignorantes querem tirar o poder a Deos, e o livre alvedrio ao homem, fazia conta que por muito que o perſeguiſſe, e maltrataſſe, naõ morreria, ſenaõ quando tiveſſe ſua conta cheya: aſſi fartaria ſua raiva, e naõ perderia hum grande reſgate, ſe a vida lhe duraſſe. Eſtava o Santo affligido, ſobre a falta de ſeu irmaõ, com nova deſconſolaçaõ pola morte dos fidalgos de Arzilla, cauſada da peſte que andava por toda a terra de Africa. E como os Mouros nem ſe guardaõ deſte mal, nem contra elle fazem prevençaõ alguma, pola meſma rezaõ que diſſemos do poder que attribuem ao Fado: tanto que deu na villa, naõ deixou couſa em pé. Foy graviſſima ferida eſta pera o Infante, dandoſe por homicida de taõ bons amigos. Mas no meſmo tempo que os chorava a elles, e a ſi, andando jà a meſma contagiaõ mui aceſa em Fez, foy huma manham tirado da maſmorra, dizendolhe os que o tiravaõ, que ſeus criados ſeriaõ logo levados a degolar: e a elles diſſeraõ que o Infante iria pera o meſmo: e arrebatadamente deraõ com elle no alcaçar del Rey, em huma caſinha terrea ſem nenhum genero de luz mais que a que recebia pola porta, e taõ eſtreita que naõ tinha feiçaõ de caſa: e pera mais afronta era o ſitio della pegado com a latrina commum do alcaçar. E refrigerio que aqui achou, e que naõ teve por pequeno, foy hum poyal que lhe ficou ſervindo de leito. Neſte purgatorio começou huma vida de Anacoreta recluſo: oraçaõ continua, ora vocal, ora mental, liçaõ, e horas Canonicas: pera o que lhe ſuſtentavaõ os ſeus huma alampada perpetua, que mais eſtimava que a comida. As lagrimas eraõ tantas, que tinha o roſto, e lagrimaes creſtados: do pouco que lhe traziaõ pera comer cortava de maneira, que ſempre fazia notavel abſtinencia. Eſte genero de vida ſobre ſeis annos de continuaçaõ, o apartamento dos ſeus, que raras vezes, e ſó às furtadas o podiaõ ver, a malencolia de tudo fez effeito de peſte. Adoeceo com hum accidente de diſenteria, que trouxe logo conſigo faſtio, e aborrecimento a todo genero de comida, certos menſageiros de morte. Aviſado Lazarac polos guardas deu licença que entraſſe com elle o ſeu Medico, e alguns Chriſtaons. Alegrouſe o Santo hum pouco com a companhia: mas como quem ſabia que acabava, lembroulhes, que lhe naõ falaſſem em outra couſa mais que de Deos, e do Ceo: porque de nenhuma da terra queria jà ſaber parte. Eſtancou ſubitamente a diſenteria, mas creceo a febre, e a fraqueza era eſtrema: mandou ao Confeſſor que o naõ deixaſſe: e julgando por ſinal mortal a mudança que via na doença, confeſſouſe geralmente. No quinto dia levantouſe o Confeſſor ante manham, e chegouſe ao Santo a ver ſe dormia: e pondo os olhos nelle, vio que lhe ſahia do roſto huma deſacoſtumada cla-

claridade, notoulhe o ſembrante alegre, e riſonho, e que tinha os olhos abertos, e cheyos de lagrimas, e as maons juntas, e levantadas. Maravilhado de tal novidade, e naõ ſabendo que julgaſſe, chamou por elle tres vezes, perguntandolhe ſe dormia. A' terceira reſpondeo o Santo que bem ouvia. Mas como naõ diſſe outra couſa, nem mudou poſtura, ceſſou o Confeſſor, parecendolhe que naõ queria que o inquietaſſe. Quando foy manham, que os porteiros vieraõ abrir a porta, mandou o Infante ao Medico que ſe ſaiſſe, porque queria falar com o Confeſſor. Como eſtiveraõ ſós, diſſe o Infante: Vós me perguntaſtes eſta madrugada ſe dormia, e naõ vos reſpondi, porque avia quem nos ouviſſe. Agora, que eſtamos ſós, me day voſſa palavra de guardardes ſegredo, no que vos quero dizer, em quanto eu for vivo: e que nem deſpois de minha morte o deſcobrireis em outra parte, ſenaõ em Portugal, pera gloria de Deos, e da Virgem Maria ſua Máy. E deſcançando hum pouço tornou a dizer: Eſta madrugada (podiaõ ſer duas horas antes de amanhecer) eſtava conſiderando as miſerias da vida, e lembrandome a gloria dos Bemaventurados, enchiame todo de ſaudades do Ceo, e apoz ellas de hum ardente deſejo de me ver fóra do mundo. Neſte ponto abrindo os olhos contra aquella parede, feriome nelles huma luz, que naõ ſey comparar a couſa da terra: vejo logo no meyo della huma Senhora ſobre hum trono aſſentada, com tal geſto, e mageſtade, que naõ duvidava ſer a Virgem Noſſa Senhora. Noto juntamente que de grande numero de Bemaventurados, que a ſercavaõ, ſe lhe inclinava hum, e com muita humildade lhe pedia ſe doeſſe de mim, e me levaſſe pera ſua companhia. Obrigoume a petiçaõ a olhallo com mais vontade: e vi que trazia em huma maõ hum fermoſo guiaõ atraveſſado de huma Cruz, e da outra humas balanças penduradas. Chegava logo outro, e com a meſma reverencia rogava tambem por mim: e pareciame que tinha nas maons hum caliz, e hum livro aberto, no qual ſe deixavaõ bem ler em letras de ouro as primeiras palavras do Evangelho de S. Joaõ: *In principio erat verbum.* Alegravame a viſta da Senhora, e o requerimento dos que por mim falavaõ, que polas inſignias naõ ſaõ outros ſe naõ aquelles a quem ſempre me encomendo: o Archanjo S. Miguel, e o amado de Jeſus S. Joaõ Evangeliſta. A Virgem entaõ pondo em mim os olhos de miſericordia diſſeme graciosſamente: Hoje viràs pera eſta companhia. Deſapareceo logo: mas o que ficou neſta alma de alivio, de conſolaçaõ, e goſto he tanto, que dou por bem empregados todos os trabalhos, e tormentos paſſados por me renderem tal viſta: e ſó me peza porque naõ foraõ muito maiores, pois o que agora vi, excede infinitamente tudo o que ſe póde dizer, e imaginar de gloria, e felicidades. Quando me chamaſtes acabava de me deixar eſta viſaõ, mas naõ acabava eu de me dar por deſpedido della, polo ſabor que lhe achava: e por iſſo vos naõ reſpondi logo.

Era o Confeſſor peſſoa de virtude,

tude, e eſpirito: deſpois de o ouvir com muytas lagrimas pareceolhe que ſeria genero de conſolaçaõ atribuir tudo a eſperanças, e promeſſas de ſaude: e aſſi o foi fazendo. Mas o Santo levantando as maons ao Ceo dizia: que outra ſaude naõ queria, nem outro bem ſenaõ o comprimento da palavra que ouvira: e entrando em devotos colloquios com Deos pola mercè prometida de averem de ter termo ſeus trabalhos naquelle dia, eſtava taõ contente, e bem aſſombrado, como qualquer outro enfermo pudera eſtar com certeza de vida. Paſſou aſſi o dia todo, e quando foy ſol poſto ſobreveolhe hum deſmayo, do qual deſpois que ſahio, ficou muito enfraquecido, e ſintindo que acabava, fez a confiſſaõ geral, e huma devota proteſtaçaõ da fé, e pedio ao Confeſſor lhe aplicaſſe huma indulgencia plenaria, que pera aquella hora lhe tinhaõ concedido os Papas Martinho Quinto, e Eugenio Quarto: e recebendo com ella a bençaõ do Confeſſor acabou em paz aos ſinquo de Julho do anno de 1443.

CAPITULO XXXII.

Dos improperios que os infieis fizeraõ ao corpo do Santo: e das maravilhas que por elle obrou o Senhor: e como foy trazido a Portugal.

FAlecido o Infante mandou Lazarac aos ſeus que logo abriſſem o corpo pera ſer embalſamado: mas naõ ouve nenhum que ſe atreveſſe a pòr ferro em ſeu ſenhor affirmando todos que morreriaõ primeiro que fazer tal officio. O que fizeraõ foy tirarlhe as cadeas, e beijarlhe cada hum os pès com devaçaõ, e humildade, como a Santo, e como a ſenhor ſeu. Trouxeraõ logo os guardas outro cativo, que comprio o mandado, e deſpejado o corpo dos inteſtinos encheo o vazio de ſal, e folhas de murta, e louro (que iſto chamavaõ embalſamar) e os criados recolheraõ o coraçaõ, e mais interiores com tal ordem, e cuidado que vieraõ deſpois a Portugal, e como reliquias ſantas foraõ recebidos, e recolhidos na ſua ſepultura do Convento da Batalha. Mas os Mouros, tanto que o corpo foy a eſte modo compoſto, fizeraõno pendurar do muro junto a huma porta da cidade atado polos peis, e nù (beſtial crueldade, e pouca lembrança da ſorte humana) e naõ pararaõ aqui. Fez Lazarac ajuntar o povo, e trouxe a el Rey, que por elle era governado, e mandado em tudo, ao triunfo de hum defunto. Jugaraõ canas, diſſeraõ afrontas, fizeraõ eſcarneo contra o corpo ſanto, permittindo o Senhor que tiveſſe ainda eſte genero de martyrio deſpois de morto, pera lhe augmentar gràos de gloria no Ceo, e nova honra na terra, como logo ſe vio, e foy aſſi.

Aos tres dias deſpois de pendurado paſſou polo lugar hum cego muyto conhecido na cidade que pedia de porta em porta o remedio de ſua vida: e como tinha ouvido que eſtava alli o corpo do Santo, diſſe a hum minino que o guiava, que o chegaſſe bem perto aonde eſtava o Principe Chriſtaõ. Parece que foy inſtincto do Ceo, e força de predeſtinaçaõ: chegouſe tanto, que

que ficou em parte, donde no vestido lhe cairaõ humas gotas do humor que da santa Reliquia destilava: sentioas, tentouas com as maons, e levandoas aos olhos no mesmo ponto se achou com vista, e luz nelles: e foy tanta a que nesta hora recebeo, que passou dos olhos à alma, e cheyo de espirito do Senhor levantou altas vozes dizendo, que elle cria na fé daquelle Principe santo, que alli injustamente estava mal tratado, e nella queria viver, e morrer. Naõ foi necessario muita repitiçaõ de brados: aos primeiros foy arrebatado, e levado diante del Rey; e naõ se desdizendo por nenhum medo nem ameaças, foy logo arrastado, e apedrejado. E aconteceo pera maior gloria de Deos, e de seus Santos, que sem saberem o que faziaõ, deraõ honra de Santo ao que ontem era infiel, e honraraõ a quem cuidavaõ afrontar. Porque sendo morto o levaraõ a enterrar com festa popular fóra da cidade, e sobre o lugar levantaraõ por memoria da vingança hum cubelo cuberto de telha vidrada de branco, e azul, que ficou sendo memoria de triunfo, e santidade: e foy fama que muytas noites o viraõ os Mouros arder em resplandores.

Muitas outras maravilhas obrou o Senhor polo santo Infante entre estes infieis: soubese que levavaõ os Mouros a terra onde cahia aquella humidade que dissemos, pera remedio de infermidades com effeito taõ certo, com tanta pressa, e em tanta quantidade, que em pouco tempo avia no sitio huma grande concavidade aberta. Lançavaõna ao pescoço dos enfermos em suas nominas, e atè aos bois, e outros animaes, a que a aplicavaõ, dava saude. E pode ser que isto foy causa pera os que governavaõ, mandarem recolher o corpo em hum caixaõ, onde esteve muitos annos sobre o mesmo muro.

Passados alguns annos, foraõ resgatados o Secretario do Infante Joaõ Alverez, e seu Capellaõ Pero Vaz, e trouxeraõ consigo as Reliquias que salvaraõ no dia, em que como dissemos, foy aberto, e postas em hum cofre entraraõ com ellas em Santarem, onde se achava el Rey dom Afonso Quinto seu sobrinho, por Janeiro do anno de 1451, o qual as mandou recolher com solenidade na sua sepultura deste Convento. Mas naõ quiz o Senhor que terra infiel, e enemiga comesse o corpo do seu Sãto, e ordenou que vinte annos despois de chegadas as primeiras Reliquias tendo o mesmo Rey conquistado a villa de Arzilla em Africa, e ganhado a cidade de Tangere, viesse inteiro a este Reyno assi como estava sobre os muros de Fez. Nos meyos, e modos por que foy trazido ha variedade entre os escritores, concordando todos na certeza da vinda. Chegando a Lisboa foy depositado no nosso mosteyro de Freiras do Salvador, onde a Cronica del Rey dom Afonso diz, que prègou o Prior de S. Domingos da cidade, que era o Doutor Frey Afonso de Evora: e aponta que fora o sermaõ taõ devoto, que toda a festa, e solenidade se convertera em lagrimas dos ouvintes. Daqui foy passado com real pompa, e acompanhamento de Prelados, e Fidalgos ao Con-

Cronica del Rey dom Afonso V. por Zurara.

Convento da Batalha : onde os muitos milagres que entre os Frades , e por toda aquella comarca tem obrado sua intercessaõ , lhe grangearaõ tal fama , e devaçaõ , que perdido o nome proprio naõ he conhecido hoje , senaõ polo de Infante Santo. E porque nossa natureza de sofrega pera o que estima , e ama , naõ se contenta com menos que ver , e tocar : atreveose a curiosidade , ou a devaçaõ a dar furo ao marmore do moimento , polo qual os devotos , e necessitados tocaõ com huma vara os cofres de madeira em que estaõ encerradas as santas Reliquias , e beijandoa devotamente satisfazem com sua fé , e piadosa tençaõ.

CAPITULO XXXIII.

Em que se faz memoria de alguns sinays , e testimunhos callificados da virtude del Rey dom Joaõ segundo que neste Convento està em deposito.

MUitos Conventos ha insignes , e famosos por sepulturas de Reys , mas por Reys , e principes santos ha muy poucos como este da Batalha , onde temos tantos , que o podemos chamar sacrario de santidade Real : porque alem do que temos visto do Fundador delle dom Joaõ o Primeiro , e sobre o estremo de virtudes da Rainha dona Filippa , e de seus dous filhos os Infantes dom Fernando de quem brevemente dissemos , e dom Enrique de quem puderamos dizer muito. Mereciaõ nova , e larga escritura a pessoa , e excellencias de bom governo (ainda que pouco venturoso em tempo , e successos) del Rey dom Duarte , e da Rainha dona Lianor suma molher. E naõ mereciaõ menos o braço invencivel contra Mouros del Rey dom Afonso Quinto , e a santidade da Rainha dona Isabel sua molher filha do Infante dom Pedro , santidade acompanhada de perpetuas magoas , e lagrimas nunca enxutas , que lhe encurtaraõ a vida causadas de ver em discordia , e postos em campo os dous penhores que mais obrigaçaõ tinha de amar , e mais amava na terra , que eraõ seu pay , e seu marido. Se naõ fora desviarmonos de nosso intento mais do que permittem as leis da historia , poderamos dizer muyto destes Principes : mas remetendo o leitor às Cronicas do Reyno , diremos brevemente alguma cousa do ultimo que aqui escolheo sepultura , e ainda hoje a naõ tem mais que por deposito , que he el Rey dom Joaõ Segundo. E jà dissemos como està recolhido na Capella de Nossa Senhora da Piedade. Falecendo na villa de Alvor no Algarve em idade de quarenta annos , e alguns mezes mais , foy enterrado na Sè Catedral de Silves. Alli começou a correr fama que a terra de sua sepultura era remedio contra doenças de febres. Foraõ muitos os que acodiraõ a valerse della : e o successo foy taõ provado , que o Bispo do Algarve mandou fazer inquiriçaõ polo seu Vigario Geral com o Conego Alvaro Fernandes por adjunto , polo qual parecem justificados seis casos distintos de pessoas conhecidas que sararaõ com aquella terra : e algumas das testimunhas affirmaõ de muytas outras sem nome , que al-

cançaraõ saude com o mesmo remedio. Do auto desta inquiriçaõ feito em Sylves no anno de 1497 veyo a nossas maons hum treslado autentico, assinado em publico por Luis Diaz de Beça Taballiaõ, e concertado com Gonsaleanes escrivaõ: e nelle se declara que assistio à inquiriçaõ o Bacharel Estevaõ Diaz Corregedor do Algarve, por quem parece assinado o treslado que dizemos.

Verificaõse estes testimunhos com o que escreve Damiaõ de Goes, que succedeo nas exequias solenes que el Rey dom Manoel lhe mandou fazer em sua tresladaçaõ quatro annos despois. Affirma este Cronista, que andando na voz do povo, que obrava Deos por elle alguns milagres, se publicara no sermaõ das exequias, que quando fora desenterrado em Sylves se achara a madeira do caixaõ queimada, e quasi consumida da força da cal viva, com que o corpo fora cuberto pera se gastar brevemente, e assi a mortalha, e huma alcatifa: mas o corpo estava inteiro, limpo, e saõ, e a cabeça, e rosto cuberto de todo seu cabello, e barba, como quando vivia: e que espantando muito tal vista em corpo mortal, e corruptivel, por se ver que naõ fora acompanhado de nenhum genero de materiaes aromaticos, nem ajudado de outros feitios, que preservaõ de corrupçaõ: causara mais espanto em todos os presentes hum cheiro suave, que delle procedia. Foy o Prègador dom Diogo Ortiz Bispo de Tangere pessoa de provada virtude, que fora Capellaõ mòr do mesmo Rey. Mas o que elle refirio em voz confirma hoje a vista de olhos, sendo compridos no anno de 1621, que isto vamos escrevendo, cento e vinte e sinco que foi enterrado. Està seu corpo taõ inteiro como o dia que faleceo sem lhe faltar mais que a ponta do nariz: e em tudo o mais se mostra taõ longe de corrupçaõ que huma colcha, e lençol em que foy envolto na tresladaçaõ conserva hoje sua primeira vista, força, e alvura, como se estiveraõ guardados em bons cofres, e entre roupa semelhante, ou lha pudera communicar hum corpo defunto. Informado el Rey dom Sebastiaõ do que temos dito quiz ver esta maravilha. Mostrouselhe (que he facil de ver como està sem moimento de pedra.) Encheose o Rey moço de respeito com tal vista, e fezlhe reverencia como a Santo. Passou despois a curiosidades, e como quem tinha brios de valente, e sabia que o fora o Santo, quiz ver como lhe estava a espada na maõ. Mandouo levantar em pè, e meteolhe nella a sua propria, que no Convento se guardava: e vendoo nesta postura disse pera o Duque de Aveiro dom Jorze que o acompanhava, que beijasse a maõ a seu visavo: o que elle fez beijandoa primeiro a qdem lho mandava. Acrecentou el Rey falando com o Duque, e com os olhos no defunto estas palavras. Duque, este foy o melhor official que ouve de nosso officio. E todas as vezes que succedia falar nelle em outras occasioens, chamavalhe o seu Rey. Ditoso: se o soubera imitar na prudencia, como o quiz passar na valentia.

Part. 1. c. 45. da Cronic. del Rey dom Manoel.

Acharaõse a el Rey dom Joaõ

por

por morte algumas cousas guardadas, e fechadas de sua maõ, que sendo desacostumadas em taõ alto estado, conformaõ bem com o que vamos contando: eraõ instrumentos de penitencia, e devaçaõ. Isto affirma seu Cronista escrevendo em tempo que naõ pode nenhum escrupuloso cuidar, que o faria desviar da verdade desejo vaõ de comprazer ou adular.

Mas cerraremos este Capitulo com huma prova semelhante a outras que jà vaõ nesta escritura que hum prelado nosso fez: naõ devia ser sem bom espirito, porque o tinha elle tal. Era Prior deste Convento polos annos do Senhor de 1570 o Padre Frey Francisco de Orta Mestre em sagrada Theologia. Quis fazer hum officio solene a este Rey como he costume: e porque tinha ouvido dizer que se naõ gastava nelle a cera, por muito que ardesse mandou pesar em sua presença, e doutros Padres vinte e seis tochas, e fez tomar por escrito o peso, que foy de sinquo arrobas e sete arrateis e meyo, e ordenou que se achassem presentes o escrivaõ das obras do mosteyro, que he ministro posto por el Rey, e o cerieyro dono da cera, a quem tocava arderem bem por seu interesse. Arderaõ às vesperas que foraõ cantadas, e despois no dia seguinte a todo o officio, Missa, e prègaçaõ (que jà dissemos atràs he costume prègarse nestas honras, e nas del Rey dom Joaõ Primeiro.) Acabada a solenidade, pesouse de novo a cera diante dos mesmos Padres, e acharaõ que do primeiro peso naõ quebrara mais em todas vinte e seis que hum só arratel, porque pesaraõ despois de ardidas ao justo sinquo arrobas, e seys arrateis e meyo. Desta maravilha, que por tal foy avida por todos os que presentes foraõ a hum, e outro peso, mandou o Prior fazer auto publico em que assinaraõ elle, e os mais.

CAPITULO XXXIIII.

De algumas graças, que el Rey dom Afonso Quinto impetrou da Sè Apostolica pera este Convento.

EL Rey dom Afonso Quinto, desejando honrar esta casa por todas as vias, impetrou em seu favor do Papa Pio Segundo hum Breve muy importante. Porque sendo de credito, e honra pera os Religiosos no espiritual, tambem redundou no temporal, como começaraõ a possuir bens de raiz. Foy o favor livrallos de pagar dizimos de suas quintas, e granjas, e izentouos de lançamentos pera subsidios, e de outras obrigaçoens, com que ficaraõ adiantando na renda tudo quanto estas cousas lhe faziaõ, ou podiaõ fazer de dano, que naõ era pouco alem dos encontros, e molestias que tinhaõ com os Ordinarios nas pagas, e execuçoens dellas. Concedeolhes mais que o Prior possa nomear dous Religiosos, os quaes possaõ por todo o anno ouvir confissoens, e absolver os penitentes de todos os casos que tocaõ aos Ordinarios exceito em dias Pascoaes. O Breve he o seguinte.

PIus Episcopus seruus seruorum Dei dilectis filijs Priori, & Fratribus Beatæ Mariæ de Victoria Ordinis Prædicatorum Collimbriensis Diœcesis salutem, & Apostolicam benedictionem. Sacræ Religionis, sub qua devotum & sedulum exhibetis Altissimo famulatum, promeretur honestas, vt vos & pro tempore existentes Priorem & fratres specialibus fauoribus & gratijs prosequamur: illaque vobis & eis gratiosè concedamus, per quæ à perturbationibus securi possitis cum animi quiete Domino deseruire. Hinc est, quòd nos, charissimi in Christo filij nostri Alfonsi Portugalliæ & Algarbij Regis illustris in hac parte supplicationibus inclinati omnes & singulas exemptiones, gratias, immunitates, & priuilegia vobis & domui vestræ, nec non præfato Ordini Prædicatorum sub quacumque verborum forma per prædecessores nostros Romanos Pontifices concessa, autoritate Apostolica tenore præsentium de especiali gratia in fauorem Regum in dicto Monasterio sepultorum, quorum omnium & singulorum tenores, ac si de verbo ad verbum inserti forent præsentibus, haberi volumus pro expressis, ex certa scientia confirmamus & approbamus: ac vobis & pro tempore existentibus dicti Conventus Priori & Fratribus, quod illis & etiam alijs per Sedem Apostolicam concedendis, gaudere & vti liberé: necnon tertiam, quartam, seu quintam, aut alias, partem seu portionem occasione fructuum, bonorum mobilium, & immobilium, & se mouentium à colonis, seu ab alijs quibusuis personis, vobis persoluendam integraliter absque diminutione & subtractione alicuius decimæ, tam in maiori anno, quam alias qualitercumque & quomodocumque, quam vobis & ipsi Monasterio concedimus percipere, recipere, & retinere liberè & licitè valeatis, eadem autoritate indulgemus: præfatumque Monasterium vestrum à solutione cuiuscumque quartæ portionis, ratione funeris, aut alias quibusuis obuentionibus quomodocumque & qualitercumque ipsi Monasterio datis, oblatis & concessis, siue redditis, dandis, offerendis, & relinquendis de nouo, de speciali gratia perpetuò eximimus, & totaliter liberamus. Quodque etiam Monasterium ipsum, seu Priorem & Fratres eius-

eiusdem, ac ipsius gubernatores ratione domorum, locorum aut quorumcumque præfatorum bonorum mobilium, & immobilium, & se mouentium, seu quarumcumque possessionum, quæ & quas in præsentiarum vbilibet habent, & iustis modis præstante Domino habebunt in futurum, seu alia quauis occasione, decimas prædiales prætextu fructuum prædictorum bonorum, vel aliam partem, portionem, seu annuos redditus, aut censum, vbicumque possessiones ipsæ consistant, Ordinarijs, vel aliam subuentionem legatis, seu delegatis, vel Nuntijs Sedis Apostolicæ & Ordinarijs locorum, aut Ecclesiarum Rectoribus, vel alijs quibuslibet personis, etiam sæcularibus, dare & soluere minimè teneantur: neque ad id præfatum Monasterium possit compelli, vel super hoc, aut alias à quoquam quomodolibet Conuentu per literas Apostolicas aut Legatorum, seu delegatorum, aut Notariorum ipsius, vel diæcesanorum locorum, & Rectorum, terrarum Ecclesiæ Romanæ, siue quorumcumque aliorum, etiam si in eisdem literis Apostolicis contineatur expressè, quod ad quæuis exempta, vel non exempta se extendat, nisi expressam, ac de verbo ad verbum mentionem de præsentibus fecerint specialem: quodque Prior præfati Monasterij, vel præsidens duos fratres eligere, ipsosque pro tempore mutare ad confessiones secularium, exceptis diebus Paschalibus audiendas: qui quidem fratres electi personas vtriusque sexus & Religionis cuiuscumque diæcesis audire, easque ab omnibus casibus Ordinariorum absoluere, eisque pœnitentias salutares iniungere, aliaque sacramenta conferre, quæ ad salutem animarum conferuntur, liberè valeant atque possint, eadem autoritate decernimus, & declaramus, ac pariter vobis concedimus per præsentes: non obstantibus quoad omnia & singula præmissa, Constitutionibus, declarationibus, reuocationibus, seu ordinationibus Apostolicis, ac statutis, vel consuetudinibus Prouinciarum, necnon priuilegijs, gratijs, literis, concessionibus Apostolicis in genere, vel in specie quibusuis personis, seu Ecclesijs ac Monasterijs & locis concessis, aut in posterum concedendis sub quauis forma, vel expressione verborum, ac si de eis & earum toto tenore de verbo ad verbum habenda esset in præsentibus mentio specialis: &

præ-

præsertim per fælicis recordationis Clementem Quintum editam in Concilio Vienensi, quæ incipit, Dudum, &c. necnon piæ memoriæ Martinum Quintum & Eugenium Quartum, & Nicolaum Quintum, ac etiam Calixtum Tertium prædecessores nostros, & quoscumque alios Romanos Pontifices prædecessores nostros qualitercumque factis, aut alijs communis iuris dispositionibus, sub quibus has nostras nolumus comprehendi, cæterisque contrarijs quibuscumque. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ confirmationis, approbationis, concessionis, exemptionis, liberationis, & declarationis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri & Pauli Apostolorum eius, se nouerit incursurum. Datum Romæ apud S. Petrum anno Incarnationis Domini M. CCCC. LVIII. pridie Cal. Ianuarij Pontificatus nostri anno primo.

Naõ damos o vulgar deste Breve, porque jà apontamos a sustancia delle na entrada do capitulo, que basta pera os que naõ sabem Latim.

Do mesmo Papa Pio Segundo, e no mesmo anno primeiro de seu Pontificado alcançou este Rey outro Breve que começa: *Pia consideratione &c.* Polo qual dà licença pera se unirem a este Mosteyro pera a fabrica delle tres Igrejas do Padroado Real, de qualquer renda que sejaõ. Mostrava el Rey animo de acrecentar muito este Convento, porque nos consta de outra semelhante graça, que à sua instancia lhe tinha concedido o Papa Nicolao Quinto no anno sexto de seu Pentificado, que cahio no de 1452. E começa a Bulla: *Romanus Pontifex, &c.* Da qual se naõ contentou nem uzou, porque o Pontifice taxava a renda das Igrejas, que se aviaõ de annexar, e mandava que naõ passasse de mil livras. E por essa rezaõ procurou o Breve sem limite, de que agora falamos. E com tudo sendo taõ cuydadoso em pedir o que estava em maõ alheya, foy descuydado em dar o que tinha na sua. E na verdade por esta via podera estar hoje a casa naõ sò competente, e abundantemente provida contra todos os danos, que o discurso do tempo vay causando em tudo, mas com forças, e nervo de dinheiro pera se acabar a capella imperfeita del Rey dom Manoel: e naõ se perder antes de chegada à sua perfeiçaõ huma obra de tantas excellencias.

CA-

CAPITULO XXXV.

Das memorias, que el Rey dom Manoel deixou neste Convento: e da renda que os Reys dom Filippe Primeiro, e segundo de Portugal lhe deraõ.

EL Rey dom Manoel foy o que se aventejou a todos seus antecessores em augmentar, e ennobrecer este Convento com effeitos, e despesas, e mercès Reaes. Porque a grande, e custosa obra da capella, que chamamos imperfeita, ou naceo de sua traça, e ordem, e segundo parece dos muitos sinaes, que atràs deixamos em seu lugar apontados, ou de sua fazenda, e consentimento, sendo autora della a valerosa Raynha dona Lianor sua irmam. E assi por huma, ou outra via a podemos contar por sua. Despois que as boas venturas, e grandezas do Oriente lhe fizeraõ cobiçar hum jazigo particularmente seu entre profidos, e jaspes, e sobre elefantes, em testimunho das novas terras, que por seu poder tinha conquistado, deixou a casa alheya: e atè as empresas, e letras enigmaticas, que nella estavaõ por suas, enjeitou, fundando o famoso Mosteiro de Belem sobre a barra de Lisboa. Mas se bem mudou o lugar, naõ perdeo nunca o amor ao Convento de seus mayores, pera deixar de lhe fazer honra, e mercè. Foy a primeira ordenar nelle huma perpetua memoria sua, mandando celebrar huma Missa cantada aos Anjos no primeiro dia de cada mez: e quotidianamente no Coro tres Antifonas com suas oraçoens: huma a Nossa Senhora, outra ao Archanjo S. Miguel, terceira ao Doutor da Igreja S. Jeronymo: e por taõ leve obrigaçaõ fez esmola à casa por Março de 1501 de huns lagares, e moendas de azeite na villa de Torres novas, com seus assentos de casas, e levadas de agoa, fazenda de importancia, que mandara fabricar a Raynha dona Isabel sua primeira molher. Tambem lhe fez doaçaõ de huns grandes chaons com fornos de cal, e telhaes, que antigamente foraõ comprados pera serviço das obras do Convento quando se edificava. E ultimamente crecendo a povoaçaõ que oje vemos ao longo delle com a commodidade, e nobreza do edificio em tanto numero de gente de todas sortes, e estados, que fazia jà hum bom lugar, e usava do mesmo nome, que foy causa da fundaçaõ do Convento, chamandose o lugar da Batalha: e sendo assi que pola vizinhança pertencia seu julgado, e governo à cidade de Leiria, o mesmo Rey o dessmembrou della, e o fez villa, com todos os privilegios, honras, e liberdades das mais villas do Reyno, e he conhecida pola villa da Batalha.

1501.

Reynando el Rey dom Joaõ Terceiro, hum Nuncio do Pontifice Paulo Terceiro, que neste Reyno assistia, que era o Bispo Valuense Pompeyo Zambicario concedeo por autoridade Apostolica aos Priores deste Real Convento, que podessem mandar dar nelle Ordens sacras aos seus Religiosos, e escolher pera isso qualquer Bispo, como tevesse licença pera ordenar fóra de sua diocesi, e os ordenantes fossem idoneos: e alargando mais

mais a graça acrecentou, que se podessem conferir, ainda que fosse extra tempora.

El Rey dom Filippe Primeiro de Portugal, e segundo de todos os mais Reynos de Espanha, respeitou tambem esta casa de maneira, que sem a ver nunca, foy aquelle que mayor renda lhe deu, segundo o que atràs dissemos, quando tratamos das offertas dos Reys seus antecessores: porque com o novo orsamento que mandou fazer dos preços justos das cousas, a respeito do tempo presente, fazendo justiça nos fez mais favor que todos os passados.

Ultimamente el Rey seu filho que no mesmo mez, e anno que isto vamos escrevendo se foy ao Ceo gozar os premios de sua grande, e natural bondade, como lhe foy semelhante no nome, naõ quiz ser differente nas obras pera com este Convento: e foy o primeiro que deu à execuçaõ os Breves Apostolicos impetrados por el Rey dom Afonso Quinto, aplicando pera a fabrica de pedra, e cal, e necessidades do edificio, o rendimento da Igreja da villa, e Conselho de Luymil no Bispado de Lamego. He a Igreja do Padroado Real, e de taõ bom rendimento, que tiradas despesas ordinarias manda liquidos ao Convento trezentos e cincoenta mil reis em cada hum anno.

CAPITULO XXXVI.

Assentaõse estudos neste Convento: fazse memoria de alguns Religiosos que lhe pertencem, e do Padre Frey Amador Anriquez filho delle.

PEdiaõ as grandes calidades desta casa naõ lhe faltarem a Provincia, e Padres della em imitar os Reys no que de sua parte podessem fazer pera augmento de grandeza, e lustre. Assi ordenaraõ que fosse assento de huma das Universidades da Provincia: e foy feita esta ordenaçaõ no Capitulo Provincial, que em Lisboa se celebrou em vinte e cinco de Abril do anno de 1540, em que foy eleito em Provincial o Padre Mestre Frey Jeronymo de Padilha, hum daquelles Padres, que à instancia del Rey dom Joaõ Terceiro eraõ vindos de Castella a titulo de Reformadores da Observancia. Foraõ Diffinidores neste Capitulo o Padre Frey Paulo Sotelo, e os Doutores Frey Jorge Vogado, Frey Amador Anriquez, e Frey Afonso de Madrid. As palavras das Actas saõ as seguintes.

1540.

QUoniam circà studium summa est habenda diligentia certissimum certe medium ad Ordinis custodiam, & ad profectum morum proferendum, propter quem Ordo noster dignoscitur institutus: ordinamus, & mandamus quòd in subsequentibus Conuertibus studium semper vigeat. In primis in nostro Conuentu de Victoria sit studium Artium & Theologiæ. Lectorem Artium assignamus Pa-

Patrem Fratrem Bartholomæum das Martens, & in Lectorem Theologiæ, & studij Regentem Fratrem Antonium Farto.

E he de saber, que atè entaõ naõ avia outra Universidade na Provincia, exceito a do Convento de Lisboa, instituida por el Rey dom Manoel em fórma de Collegio, com titulo de Santo Thomas, pera certo numero de Collegiaes, e suas particulares leys, como diremos ao diante, quando chegarmos aos annos, em que foi tresladado pera a cidade de Coimbra, onde se lhe fez casa. O estudo dos mais Conventos, de que as Actas falaõ, advertimos que eraõ sómente de Grammatica em muitos: e de Theologia moral, e Casos de consciencia em dous, que eraõ Santarem, e Guimaraens. E porque el Rey dom Joaõ o Terceiro foy de parecer que se passasse este Real Collegio de Lisboa pera a Batalha, com tençaõ de o transferir dahi pera Coimbra, como fez tanto que ouve gasalhado capaz no edificio que se começava: ficou Frey Bertolomeu Leitor de Artes nelle segunda vez, mudado sómente o lugar, como escrevemos em sua vida, porque por estes degràos foy sobindo atè chegar a se assentar na cadeira suprema, e Primacia de Espanha, que he a cidade de Braga. Desde entaõ ficou tambem em Lisboa Universidade formada, por honra, e autoridade da cidade, e do Convento: e a outra ficou na Batalha, onde o lugar solitario, e a boa sombra da casa ajudaõ muito o estudo, e exercicios das letras, e nellas tem produzido homens insignes: dos quaes nomearemos alguns em seus lugares, despois que dermos noticia, como he rezaõ, dos que della foraõ filhos de habito, e mereceraõ por virtude, e partes terem lugar na Provincia, e fama, e honra no Reyno.

Entre todos parece deverse primeiro lugar ao Padre Frey Lourenço Lamprea confessor do mesmo Rey, que nos deu a casa, pois de sua palavra, e testimunhos sabemos que por elle se inclinou a lhe parecer bem entregalla à Ordem de S. Domingos. E naõ se póde duvidar que deviaõ concorrer nelle partes de virtude, letras, e conselho que o fizessem digno do lugar, que tinha com tal Rey. E como a grande antiguidade nos esconde o casa de que verdadeiramente foy filho, bem merece que fique com memoria nesta que nos procurou.

O mesmo lugar nos està merecendo o Padre Frey Joaõ Martins Mestre em Theologia, que por sinelado em virtudes foy o primeiro que a Ordem mandou assistir nos principios do Convento.

Mas he magoa que muito se faz sintir por ser sem remedio, que em cento e dez annos que correraõ desdo anno de 1388, em que el Rey deu o Convento à Ordem, atè o de 1498 naõ ficasse lembrança nelle de nenhum filho mais que do Padre Frey Amador Anriquez, que nelle professou em onze de Novembro deste anno de mil e quatro cen-

tos, e noventa, e oito. Foy este Padre Mestre em Theologia, e celebrado polos antigos por excellencia de pulpito: e governou muytos annos os Conventos deste Reyno, e o seu da Batalha. Na entrada do anno de 1534 foy eleyto no Capitulo que se fez em Evora em Provincial a instancia, e por ordem del Rey dom Joaõ o Terceyro. Acabava entaõ seu cargo o Provincial Frey Jorge Vogado, e Frey Amador era actualmente Prior de Lisboa. E notouse que quiz el Rey carregar tanto a maõ em o favorecer, que sendo costume entaõ ficar governando a Provincia com titulo de Vigario geral o Prior em cuja casa se tinha o Capitulo, atè ser confirmado o eleito: e tocando ao Prior de Evora esta honra, que era o Doutor Frey Antonio Freire, pessoa de grandes calidades, foy traça do mesmo Rey, que largasse o cargo a Frey Amador, e fosse a negocio de seu serviço fóra da Provincia. Assi ficou Frey Amador governando logo. Mas ou fosse que o favor, e prosperidade o fizesse descuidar de suas obrigaçoens, como acontece a muytos, ou que sua natureza fosse melhor pera obedecer que pera mandar: quando concluhio seu quadriennio, foy penitenciado no Capitulo com huma pena de gravior culpa, e condenado a seis mezes de reclusaõ no Convento da Serra de Almeirim. Saõ as palavras do Diffinitorio.

Item quia frater Amator Anriquez in suo officio Provincialatus valdè negligenter se habuit culpas dissimulando, & non corripiendo delinquentes, vt bonum pastorem decet: vnde prouincia desolata est, tam in spiritualibus, quàm in temporalibus, ideò eum condemnamus ad pœnam grauioris culpæ simpliciter, & eundem ad officia omnia Ordinis in perpetuum inhabilitamus, & in Conuentũ de Serra assignamus, quem pro carcere per sex menses ei damus.

E he bem de considerar a inteireza dos Padres daquelle tempo, que naõ avendo no condenado culpas mais graves que de froxidaõ, e negligencia, porque em sua pessoa se naõ achava tacha, essas bastaraõ pera o castigo. Mas naõ nos deve passar por alto a grande moderaçaõ del Rey, que tendo feito tanto emprego de seu poder em favor do homem na eleiçaõ, quando veyo à pena deixou correr a Ordem em seus estilos. Porem Frey Amador se governou nesta adversidade com tanto entendimento, que lhe redundou em nova honra pera com a Religiaõ, e em grandes gràos de gloria pera com Deos. Quando chegou o Capitulo seguinte, em que foy eleito Provincial o Padre Frey Jeronymo de Padilha, veyo ja assistir nelle feito Prior da mesma casa que se lhe dera por carcere, que era o Convento

vento da Serra, e foy diffinidor no mesmo Capitulo. Daqui se fez assinar neste seu Convento da Batalha donde era filho, e nelle se entregou todo a Deos, e acabou santamente, conhecendo muito o dia de sua morte, e declarandoo aos Frades ao certo.

CAPITULO XXXVII.

Do Padre Mestre, e Inquisidor Frey Jeronymo da Azambuja, ou Oleastro.

1520. EM seis de Outubro do anno de 1520 achamos que professou neste Convento o Padre Mestre Frey Jeronymo da Azambuja, taõ conhecido por toda a Christandade polo nome de Oleastro, que na lingua Latina he o mesmo que Zambujo, que poucos autores há que o sejaõ mais. Deulhe esta fama a soberana erudiçaõ de seus escritos, só com huma pequena parte que imprimio sobre os sinco livros de Moyses: digo pequena a comparaçaõ do muyto que toda a vida escreveo, e trabalhou. Era muy versado na Theologia Escolastica, e ajudavao hum grande conhecimento que tinha das linguas Hebraica, e Grega: o que junto com hum juizo muy assentado, e acompanhado de grande agudeza de engenho produzia partos admiraveis. E tal he tudo o que deixou escrito assi na sustancia, como na ordem pera aproveitar aos estudiosos: porque declara primeiro o sentido literal, e logo vai moralizando os passos, e levantando conceitos com tanta erudiçaõ, e aviso, que ensinando muyto, naõ deleita menos. Assi faz grande lastima a todos os homens de letras naõ acabarem de chegar à impressaõ suas obras: das quaes se póde temer que andando como andaõ escritas de maõ, ou se viraõ a perder, ou publicar em nome alheyo. As que deixou em limpo, e a ponto de poderem sair em publico, saõ sobre os Psalmos, e sobre os livros dos Reys, sobre Isayas, e Jeremias, e sobre os doze Profetas menores: e affirmase que tinha escrito sobre todo o restante da Biblia. Agora de proximo se imprimio em França à instancia do Padre mestre Fey Pedro Calvo o que tinha escrito sobre Isayas. He hum grande volume lido com grande admiraçaõ de todos os doutos.

Como era conhecido por homem de tantas partes, despachouo el Rey por seu Theologo pera o Concilio de Trento quando primeiramente se abrio por fim do anno de 1545 com outros dous Religiosos da mesma Ordem. E no pouco tempo, que desta vez durou aquella sagrada junta, deu grande sinal de suas letras religiaõ, e Christandade. Donde naceo que tornando ao Reyno desejou a Provincia aproveitarse delle em seu governo, como tambem em premio do muyto que trabalhava em serviço commum: e vindose ajuntar em Capitulo de eleiçaõ de Provincial por Julho do anno de 1551, foy eleito com trinta, e seis votos, e com grande aplauso dos Capitulares, e a eleiçaõ confirmada polo Geral, e naõ desfavorecida do Pontifice Romano. Mas naõ ouve effeito; porque el Rey dom Joaõ estava persuadido que convinha pera quietaçaõ, e bom governo da provincia naõ na tirar 1551.

da maõ dos reformadores que mandara vir de Castella, e secretamente se proveo de hum Breve da Penitenciaria, com que fez eleger outro. E estava el Rey taõ longe de cuidar que nisso agravava os grandes sojeitos que entaõ avia na Ordem, que pouco despois nomeou pera Bispo todos os tres Religiosos que mandara della ao Concilio. Porem aceitando os dous sua promoçaõ, só o Padre Frey Jeronymo recusou a dignidade: e foy o termo taõ acompanhado de humildade, e modestia, que ainda que se podia cuidar lhe durava algum resintimento do encontro que dissemos de sua eleiçaõ, ficou el Rey satisfeito que o movia amor de seu estudo, e quietaçaõ, e receyo de entender com almas alheyas, mais que lembrança de cousas passadas. Era o Bispado na ilha de S. Thome.

Foy despois eleito em Prior deste Convento de que era filho, e naõ perdendo ponto no que tocava bom governo, fazia espanto a continuaçaõ com que assistia sobre os livros. Daqui o tirou o Cardeal Infante pera Inquisidor de Lisboa: e em fim a Provincia tornou a lançar maõ delle, e o fez seu Provincial polo mez de Junho do anno de 1560 acabando seu tempo o Mestre Frey Luis de Granada. E porque vejaõ, e notem a alteza de espirito deste Padre os que naõ podem por falta de letras conhecello de escritos mais levantados, poremos aqui duas memorias suas: e serà a primeira huma carta que nos veyo às maons, escrita por elle aos Conventos, quando foy eleito, que he bem de estimar, e por ser tal a daremos com sua traduçaõ. A outra serà o treslado de dous periodos das Actas que entaõ fez muyto dignos de os trazermos sempre na memoria. Segue a carta.

Reuerendis Patribus Magistris, Prioribus, & Præsidentibus Conuentuum, & cæteris nostræ Prouinciæ Fratribus, frater Hieronymus ab Azambuja humilis Prior Prouincialis, & seruus, salutem & vitæ regularis obseruantiam. Cum in hoc nostro Capitulo Prouinciali in definitorio conueniremus, & pro more, & instituto cæterorum Capitulorum aliqua ordinaremus, quæ ad retinendam & promouendam vitæ regularis disciplinam pertinerent, deprehendimus nihil penè à nobis animaduersum, quod non ante in cæteris Capitulis præcedentibus esset diligenter & animaduersum & prouisum: quamuis esset à nonnullis negligenter obseruatum. Quamobrem si quid in nostris moribus, aut incuriæ aut remissionis est, non in culpa est defectus legum, sed defectus executionis earum. Leges enim sine executione, non leges, sed literæ, vel picturæ sunt. Et ni si legi mortuæ (quæ litera est) ad sit lex vi-

viua (quæ prælatus est) nihil inde fructus consequetur Quamobrem non maiorem spem concepimus, quòd hæc à nobis edenda diligentius seruarentur, quam ab alijs iam ante edita, seruata sint. Quod si ita est Patres mei, frustrà tot comitia nostra celebrantur, frustrà tot laboribus, tot itineribus, tot expensis, tum Regijs, tum priuatis ad Capitulum peruenitur: frustrà tot sumptus atque præparationes ante Capitulum fiunt: si obliuio, si in curia, si negligentia prælatorum cunctos abolere debet labores nostros. Actum est de Religionis nostræ sacrosancta dignitate, si quod diligentissimè præceptum est, negligentissimè custodiatur. Quid enim emolumenti habet legum conditio, nisi ad sit legum executio? Quorsum attinet leges mortuas condere, nisi eas vigilantia & cura præsidentium de morte excitent ad vitam, & veluti de potentia reuocent in actum? Quarè rogamus vos, Patres, per viscera misericordiæ Christi, vt iustissimam contra huiusmodi negligentias indignationem concipiatis: & nostrorum temporum calamitatem vobis ante oculos proponatis; in quibus maxima ferè pars Religionis nostræ ideo extincta est, quia collapsa est; si enim seruasset quæ à maioribus accepit, seruasset vtique illam qui maiorum spiritum ad eius institutionem suscitauit. Quamobrem quæso vos, Patres, vigilate, orate, laborate, date operam, vt qui Priores estis nomine, Priores etiam sitis in labore: & satagite vt per bona opera vestra Seruator noster Christus exiguas has Ordinis nostri reliquias seruet: quandoquidem scriptum est. Si volueris mandata conseruare, conseruabunt te. Ualete, & pro me Dominum evorate.

A significaçaõ he a seguinte.

AOs Reverendos padres mestres, Priores, e Presidentes dos Conventos, e a todos os mais Religiosos desta Provincia, Frey Jeronymo da Azambuja humilde Prouincial, e servo, saude, e observancia da vida regular. Juntandonos neste difinitorio, e começando à entender, como he costume dos Capitulos, em algumas cousas concernentes à boa guarda, e adiantamento da religiaõ,

ligiaõ, e obſervancia, achamos que quaſi nenhuma advertiamos, que dos Capitulos paſſados naõ eſteveſſe jà, naõ ſomente advertida com cuidado, mas provido nella de baſtante remedio: aſſi naõ foraõ mal, e friamente guardadas por alguns. Donde fica entendido, que ſe em noſſos coſtumes ha froxidoens, e deſcuidos, naõ eſtá a culpa nos defeitos das leys, ſenaõ no defeito da execuçaõ dellas. Porque leys ſem execuçaõ, naõ ſaõ mais que humas penadas de tinta, humas letras ou figuras pintadas. E ſe à letra morta (que he a ley) ſe naõ ajuntar a letra viva (que he o Prelado) nunca della ſe ſeguirá fruito. Pola qual rezaõ naõ nos atrevemos a eſperar, que no que hoje ordenarmos averá melhor guarda, do que ouve atégora no que outros deixaraõ ordenado. E ſe aſſi ha de ſer, Padres meus, debalde nos canſamos em tantas juntas, e conſultas, perdidos ſaõ tantos trabalhos, tantos caminhos, tantas deſpeſas publicas, e particulares; quantas ſe empregaõ em acodirmos aos Capitulos, perdidos ſaõ quantos gaſtos, e preparaçoens pera elles ſe fazem: ſe o eſquecimento, o deſcuido, e tibieza dos prelados nos ha de baldar noſſos trabalhos. Naõ ha que duvidar, ſe naõ que podemos dar por acabada a gloria de noſſa Religiaõ, ſe às couſas, que com grande ponderaçaõ, e juizo aſſentarmos, ha de reſponder igual leviandade, e negligencia em ſe comprirem. Porque dizeime, que proveito ſe ha de tirar da ley, naõ avendo quem a guarde? Ou de que ſerve fazer leys mortas, ſe a vigilancia, e boa diligencia dos que governaõ, e podem, as naõ ouver de eſpertar da morte à vida, e como reduzir de potencia a acto? Por onde, Padres, polas entranhas da miſericordia de Chriſto Senhor noſſo vos pedimos, que contra ſemelhantes deſcuidos armeis os peitos de juſta ira, e dor, como a rezaõ eſtá obrigando a todos, e façais eſpelho das calamidades de noſſos tempos, em que vemos acabada quaſi a mór parte da noſſa Religiaõ, ſem aver mais cauſa que ter começado a deſcair. Que ſe toda a Ordem ſe deſvelara em guardar as regras, e preceitos, que de noſſos mayores ouvio, e recebeo: guardaraa a ella o meſmo Senhor, que a elles communicou o eſpirito,

to, com que a doutrinaraõ. Polo que vos rogo, Padres, que vigieis com olhos, e entendimentos, orando, e trabalhando, e façais que os que ſois Priores, e primeiros no nome, tambem o ſejais no trabalho: e empregueis todas voſſas forças, e juizo em fazer, que por meyo de voſſas boas obras nos guarde o Senhor eſte pequeno cantinho de noſſa Religiaõ: pois eſtà eſcrito: Se guardardes a ley, ella vos guardarà, &c.

Os periodos das Actas ſaõ os ſeguintes.

PRimùm quidem in celebratione Diuini Sacramenti admonemus omnes totius noſtræ Prouinciæ ſacerdotes: vt ſacroſancta myſteria puriſſimè tractent: ad celebrandum non imparati, ſed præuia ſemper oratione, & meditatione accedant: celebrationem etiam oratione, & gratiarum actione ſubſequente. Commouemur enim grauiter in eos, qui poſt non grauia colloqaia (ne vana dicamus) ſtatim ad Altare tremendum irrumpunt: & in eos, qui curſim & properanter, & ob id irreuerenter celebrant; unde omnes ſpirituales & temporales totius Religionis iacturas certò prouenire credimus.

No Portuguez reſponde aſſi.

PRimeiro que tudo amoeſtamos a todos os ſacerdotes deſta Provincia, que quando celebrarem o ſanto ſacrificio da Miſſa, entendaõ naquelles ſagrados myſterios com toda limpeza, e pureza, naõ chegando nunca a elles ſem aparelho, mas antes precedendo ſempre oraçaõ, e meditaçaõ: e ſeguindoos deſpois com nova oraçaõ, e rendimento de graças. Porque na verdade nos obriga a hum graviſſimo ſentimento aver homens, que huns ou logo apoz o ſono, ou traz palras, e converſaçoens pouco graves (por naõ dizer ocioſas, e vans) ſe arremeſſaõ ſem medo ao altar, que nos devia aſſombrar com terror, e medo: outros celebraõ de corrida, e como pola poſta: e pelo meſmo caſo ſem nenhuma reverencia; donde tenho por certo que nacem todos os eſtragos, e ruinas da Religiaõ aſſi eſpirituais, como temporais.

Eſ-

Este Padre naõ acabou o tempo de seu cargo: porque como servia no Tribunal do Santo Officio com grande continuaçaõ, e sobre o governo da Provincia naõ largava o estudo, que he lima surda, e polo gosto que dà a quem o ama, corta, e penetra sem se sentir, encurtoulhe o trabalho os dias, e levouo na entrada do anno de 1563 com grande sentimento de toda a Provincia, naõ tendo servido mais que dous annos, e meyo.

CAPITULO XXXVIII.

Dos Bispos dom Frey Antonio Bernardes, e dom Frey Joaõ Bautista: e de outros Padres, filhos deste Convento.

SUccedem dous Bispos a hum, que sendo tambem eleito, como temos visto, constantemente recusou a dignidade, e ambos filhos deste Convento. Dom Frey Antonio Bernardes professou nelle no anno de 1537, e por suas letras, virtudes, e bom pulpito foy chamado de Coimbra pera Bispo titular daquella Igreja. Dom Frey Joaõ Bautista sendo mandado por el Rey dom Joaõ Terceiro a Roma a negocios de importancia, deu taõ boa conta de si, e delles, que o ouve por merecedor da mitra: e là lhe mandou a nomeaçaõ da Igreja da Ilha de S. Thomé, em tempo que vagara por renunciaçaõ, que della fez dom Frey Bernardo da Cruz: e a naõ aceitou o Mestre Frey Jeronymo da Azambuja, sendolhe polo mesmo Rey (como dissemos) offerecida. Foy este prelado antes de sayr de Roma sagrado: e chegando a Portugal juntou consigo doze Religiosos da Ordem, com que se embarcou pera sua diocesi, que jaz ao longo da costa de Africa terra da Etiopia Occidental, e cae direitamente debaixo da linha Equinoccial, em meyo da Zona Torrida. Chegando à Ilha com boa viagem começou a batalhar animosa, e Christammente contra vicios, abusos, e liberdades introduzidas com a longa ausencia dos Prelados, e feitas taõ caseiras entre os moradores, que despois de lhe custar muito trabalho de encontros, e contradiçoens o remedio que procurava, em fim, vendo que todo o feitio era perdido com os poderosos; foi tal o desgosto que recebeo de ver que pastoreava ovelhas pola mayor parte incuraveis, que lhe abreviou a vida. Os mais dos companheiros tinhaõ passado da Ilha à terra firme a semear a palavra de Deos no estendido Reyno de Congo, que entaõ era sojeito a S. Thomé no espiritual, e ha muitos annos que com seu Rey obedece à Igreja Romana. Estenderaõse por elle occupados em seu ministerio, no qual acabaraõ a vida quasi todos, tornando só ao Reyno os que se acharaõ na companhia do Bispo quando faleceo.

Assi como estes dous Padres foraõ tirados do remanso da Religiaõ pera as ondas do mundo, e tempestades, de que as dignidades se acompanhaõ, temos outros que no canto della, e sem sairem deste Convento passaraõ longos annos em mansa pobreza, naõ querendo ser conhecidos nem ouvidos, entregues

gues todos a hum só cuidado de salvar suas almas, que em fim he só o que importa na vida, e pera que se busca o deserto da Religiaõ. Outros sendo occupados pola Provincia em cargos, ou em liçaõ, e prègaçaõ, mudando só de Convento, naõ mudaraõ estilo de vida, e acabaraõ entre seus irmaons. Entre estes foraõ raros em rigor de vida, e amor de oraçaõ o Padre Frey Diogo de Vitoria, ou da Barreira nacido em huma pobre aldea deste nome vizinha ao mesmo Convento, que lhe deu o habito, e em que se fez estimar: e os Padres Frey Antonio de Ourem, e Frey Antonio da Cruz. Deste ultimo se conta hum estranho caso, que por ser de testimunho singular nem o affirmamos, nem o quiseramos contar, ainda que acreditado com a simplicidade de quem o deu, e muito mais com a provada virtude, e pureza de vida do mesmo Padre, da qual fazemos mais caso que do milagre, quando bem fora mui calificado. Mas naõ parece rezaõ deixarmolo esquecido, porque poderoso he Deos pera mostrar ainda mayores maravilhas em seu favor, como tem mostrado nas partes da India Oriental polo Padre Frey Simaõ das Chagas seu irmaõ; que nellas he por Santo venerado, segundo veremos na terceira parte desta Cronica, se o Senhor nos chegar a escrevella. Na hora que este Padre Frey Antonio da Cruz foy lançado na cova, ao tempo de o começarem a cobrir de terra se viraõ cayr sobre sua cabeça muitas flores brancas miudas, e como desfolhadas, sem parecer donde vinhaõ, e invisiveis pera toda a outra pessoa, senaõ pera os olhos de huma que muitas vezes entaõ, e despois o contou diante de toda a Communidade.

Os que agora diremos faleceraõ fóra do Convento de que eraõ filhos, sendo chamados do Senhor em outros, onde serviaõ a Ordem. O Padre Frey Lopo de Sousa despois de Prior duas vezes de Lisboa, e de outras casas da Provincia: e despois de ser della Vigario Geral faleceo no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval servindo àquellas Madres de seu Vigario.

Os Padres Frey Gaspar Coresma, e Frey Joaõ Aranha faleceraõ ambos em Coimbra: ambos famosos Prègadores: e este segundo Lente na Universidade da mesma cidade de Coimbra da Cadeira de prima de Escritura.

Naõ tenho duvida que averá muitos mais filhos deste Convento que mereçaõ este lugar, e memoria, mas naõ chegaraõ à nossa noticia ou os nomes, ou as partes que nos obrigaõ a fazer delles lembrança. E com tudo temos hum raro espirito pera cerrar este numero, e este capitulo: o qual tambem se enterrou fóra do ninho do nacimento. Foy o Padre Frey Antonio de Sande nobre por geraçaõ, qual he o appellido neste Reyno, e nos de Castella. Este Padre se fez amar, e estimar no Convento de Santarem, onde, pola obediencia estava assinado por muy essencial religioso. E sendoo nas mais partes de prègador Apostolico, e verdadeiro seguidor da pobreza de Christo, esmerouse grandemente nas virtudes da charidade, e hu-

humildade. Era porteiro, e tinha a seu cargo repartir as esmolas de casa na porta. Naõ se vio nunca nelle acto nem palavra de pouco sofrimento, sendo o officio com os de casa assaz trabalhoso, e com os de fóra, na repartiçaõ das esmolas cheyo de importunaçoens, e desconcertos, que às vezes causa ou demasia de necessidade, ou falta de criaçaõ dos que buscaõ a mantença polas portarias dos Conventos. Elle repartia o que avia do refeitorio, e o que de fóra buscava, com tanta ordem, e concerto, com tanta brandura, e affabilidade, que naõ avia nenhum que o naõ amasse, e respeitasse. Sabemos delle, que faltando algumas vezes agoa de beber em casa, porque naõ faltasse na hora da comida aos pobres, por suas maons a hia buscar, sendo jà de sessenta annos, a hum poço muy alto, que està na cerca, e se chama de S. Frey Gil: elle a tirava, e trazia, e sendo o trabalho grande, a charidade lho adoçava tanto, que o tinha por passatempo.

Mas como a morte he o fiel, que com mais certeza descobre quem cada hum he, a sua nos confirmou as perfeiçoens que avia em sua alma. Andava indisposto de hum achaque taõ leve, que o passava na cella sem yr à enfermaria. Hum dia do anno de 1690 levantandose da cama pola manham sem febre de novo, nem alteraçaõ de pulso, nem dor nenhuma, se foy à sacristia, confessouse, e disse Missa: tornouse logo à cella, e deitouse, e pedio que lhe trouxessem as Taboas, e lhas posessem junto do leito. Damos este nome na Religiaõ a huma pequena taboa cercada de aldrabas de ferro pendentes, que meneada serve de espertador das portas a dentro, e de juntar a Communidade, quando algum religioso està em passamento. Acodiraõ os Frades maravilhados de tal prevençaõ em pessoa, que a olhos de todos naõ tinha que temer. A huns parecia graça, a outros malencolia. Veyo o medico que o costumava visitar, tomoulhe o pulso, finavase de riso naõ achando cousa de que formar pronostico de perigo, quanto mais de morte. Mas o Frade naõ quietou atè que teve junto de si as taboas: e brevemente, como todos andavaõ em vigia sobre elle, viraõ que começava a desfalecer, e entrar em desmayos, com que foy pera o Ceo sem tardar muito, alegre, e profeta de seu bem. Sendo a morte por este modo quasi subita, assi se juntou logo todo o povo daquelle grande lugar a venerallo, como se fora esperado de longos dias: e particularmente foy chorado por todo o genero de pobres, como seu pay, e como Santo. Enterrado como humilde, e ordinario religioso, foy Deos servido que ficasse honrado com hum elogio do Capitulo Geral de Roma, celebrado pola nossa Ordem no anno de 1612, o qual veyo impresso nas actas delle, e declara brevemente parte do que temos dito, e he o seguinte.

1690.

1612.

Flo-

FLoruit etiam in Portugallia Frater Antonius de Sande Prædicator verè Apostolicus, qui maximo cum odore virtutum portarij munus exercuit in Conventu Sanctarenensi, acquisitas eleemosynas pauperibus summa cum humilitate & charitate distribuens: in cuius obitu ad eius corpus venerandum frequentissimus cucurrit populus. Euolauit in cœlum anno Domini 1609 *sexagenarius.*

CAPITULO XXXIX.

Do estado em que estavaõ as cousas da Provincia, e do Reyno, polos annos em que se deu à Ordem este ultimo Convento da Batalha.

1388. BAstava sem outra razaõ ter crecido tanto este volume pera lhe darmos termo, e guardarmos pera outro os Conventos que nos restaõ, que saõ muitos mais em numero, e naõ ha menos que dizer nelles: juntandose alem da Congregaçaõ da India, onde temos jà grande numero de casas, Conventos em Africa, missoens aos Reynos de Congo na torrida Zona, e expediçoens ao Brasil, parte do mundo novo: cousas todas que demandaõ muito papel, e muitas dellas estaõ apagadas na memoria dos mesmos homens, entre quem vivemos: sendo assi que todas nos tem levado, e consumido muitos, e grandes espiritos desta Provincia com mortes, com perigos, com doenças, e naufragios: espiritos merecedores que se occuparaõ melhores pennas, que a nossa, em lhes restituir com fama, e louvores nova vida pola que perderaõ por honra de sua Ordem, e da patria, e por nos deixarem bom exemplo. Porèm temos outras conveniencias que nos aprovaõ cortarmos aqui o fio: das quaes he a primeira acabarse pontualmente por este tempo a uniaõ de governo que avia entre os Conventos deste Reyno com os de Castella. Porque dado que a distinçaõ de Provincias naõ teve cumprimento formado, senaõ quasi trinta annos adiante deste de 1388 em que vamos correndo, que veyo a succeder no Capitulo de Florença do anno de 1417 sendo Mestre Geral de toda a Ordem o Padre Frey Leonardo Estaço: com tudo em quasi todos elles se governavaõ jà estes Conventos de Portugal por Vigarios Geraes, sem dependencia nem reconhecimento de outra pessoa mais, que do Geral Frey Raymundo de Capua, que estava com Urbano Sexto verdadeiro Pontifice: e naõ faziaõ caso do Provincial, que residindo em Castella seguia com aquelle Reyno as partes do Antipapa scismatico. E estes Vigarios Geraes duraraõ tanto tempo arrimados sempre com todo Portugal ao verdadeiro Vigario de Christo (que por tal era avido Urbano) e seus legitimos successores, quanto durou a scisma. E no cabo delles se fez logo a divisaõ 1388.

formal que jà procedia em realidade.

Assi faço conta que acaba bem o volume quando fenece, e se desfaz a companhia das Provincias: e quando começarmos outro, serà começando esta nossa a fazer corpo, e gesto por si, com seus onze Conventos que lhe temos dado atè o anno de 1388, oito de Frades e tres de Freiras. E digo só onze, porque na divisaõ das Provincias fica Tuy com Castella.

Ficamos tambem dando ponto a este trabalho com a boa occasiaõ de o darem juntamente algumas antigualhas do Reyno, que com muita rezaõ se reformaraõ: como foy huma a do governo Ecclesiastico da mayor, e melhor cidade delle, a quem os Reys honraõ com nome de Princesa: digo Lisboa, que naceo, e foy levantada em nova dignidade no anno de 1390 por graça, e favor do Summo Pontifice Bonifacio Nono, o qual de suffraganea que primeiro fora de Merida, e despois de Braga a fez Metropoli: e lhe sojeitou por suffraganeos tres Bispados, a saber Evora, e Badajoz, que entaõ era da coroa de Portugal, e Sylves no Algarve. E foy o primeiro Arcebispo dom Joaõ Escudeiro.

1390.

Acabou juntamente a mal introduzida, ou mal tolerada conta da Era de Cesar (vergonhosa conta pera os que naõ temos mayor bem que a memoria, e annos de Jesu Christo.) Acabou de a desterrar deste Reyno el Rey dom Joaõ, como fez a outros grandes monstros de màos costumes, se naõ foy precisamente por estes annos (polo muito que custa arrancar màos uzos) ao menos em sua vida ficou esquecida, e apagada: e dahi em diante estaremos livres de reduçoens, e duvidas de annos.

E porque, cessando velhices, seja tudo novo, veremos no principio da obra seguinte levantarse com ella valerosos espiritos amigos daquelle antigo fervor da nossa primitiva Ordem, que por demasiado antigo jà parecia novo, e começar a pelejar contra a furia feya da Claustra, que do mundo estava feita absoluta senhora com as desordens, e liberdades, que acarrea a longa guerra, e mais quando he civil, como foraõ quasi todas as que ouve nos tempos dos Reys dom Fernando, e dom Joaõ. Veremos por outra parte acrecentado logo o Reyno em titulos de Conquistador dos Mouros de Africa, com a tomada da famosa cidade de Ceita, recheada ainda daquellas mesmas armas, que foraõ instrumento da servidaõ, que por oitocentos annos opprimio Espanha. Em fim viremos a começar obra nova (se o Senhor for servido, que continuemos o que nos resta da Provincia) quando no Reyno tambem começa tudo novo. E entre tanto rendamos as graças ao Pay, e Autor de todo bem, pola mercè de nos chegar a ver o fim desta primeira jornada: pola qual seja louvado com o Filho, e Espirito Santo in sempiterna secula. Amen.

LAUS DEO.

Sub censura Sanctæ Matris Ecclesiæ Romanæ.

TABOADA
DOS CAPITULOS
DESTA PRIMEIRA PARTE DA HISTORIA de S. Domingos particular do Reyno, e conquistas de Portugal.

LIVRO I.

LIVRO II.

Cap.

LI-

LIVRO III.

LIVRO IV.

LI-

LIVRO V.

LIVRO VI.

FINIS.